ROBERT GRAVES

INTRODUÇÃO DE RICK RIORDAN

OS MITOS GREGOS

EDIÇÃO COMPLETA E DEFINITIVA

EDITORA NOVA FRONTEIRA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

ROBERT GRAVES

OS MITOS GREGOS

VOLUMES I e 2

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *The Greek Myths: 1 and 2*
Copyright © The Trustees of the Robert Graves Copyright Trust 2017

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

As imagens deste livro encontram-se em domínio público e foram retiradas do banco Wikimedia Commons.

Imagens de capa
De Agostini / Biblioteca Ambrosiana — De Agostini Picture Library — Getty Images

Tradução de “Através do espelho de Afrodite”, de Rick Riordan
Hugo Langone

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G818m
3. ed.
Graves, Robert, 1895-1985
Os mitos gregos [recurso eletrônico]: volumes 1 e 2 / Robert Graves; tradução Fernando Klabin. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Tradução de: The greek myths
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520942345 (recurso eletrônico)

1. Mitologia grega. I. Klabin, Fernando. II. Título

18-47425

CDD: 292.08
CDU: 255.2

SUMÁRIO

Volume 1

Atráves do espelho de Afrodite, por Rick Riordan

Prefácio

Introdução

1. O mito de criação Pelasgo
2. Os mitos de criação homérico e órfico
3. O mito de criação olímpico
4. Dois mitos de criação filosóficos
5. As cinco idades do homem
6. A castração de Urano
7. O destronamento de Cronos
8. O nascimento de Atena
9. Zeus e Métis
10. As Parcas
11. O nascimento de Afrodite
12. Hera e seus filhos
13. Zeus e Hera

14. O nascimento de Hermes, Apolo, Ártemis e Dionísio
15. O nascimento de Eros
16. Os feitos e a natureza de Poseidon
17. Os feitos e a natureza de Hermes
18. Os feitos e a natureza de Afrodite
19. Os feitos e a natureza de Ares
20. Os feitos e a natureza de Héstia
21. Os feitos e a natureza de Apolo
22. Os feitos e a natureza de Ártemis
23. Os feitos e a natureza de Hefesto
24. Os feitos e a natureza de Deméter
25. Os feitos e a natureza de Atena
26. Os feitos e a natureza de Pã
27. Os feitos e a natureza de Dionísio
28. Orfeu
29. Ganimedes
30. Zagreu
31. Os deuses do mundo subterrâneo
32. Tyche e Nêmesis
33. Os filhos do mar
34. Os filhos de Equidna
35. A revolta dos gigantes
36. Tífon
37. Os Aloídas

38. O dilúvio de Deucalião
39. Atlas e Prometeu
40. Eos
41. Órion
42. Hélio
43. Os filhos de Heleno
44. Íon
45. Alcíone e Ceíce
46. Tereu
47. Erecteu e Eumolpo
48. Bóreas
49. Álope
50. Asclépio (Esculápio)
51. Os oráculos
52. O alfabeto
53. Os dáctilos
54. Os telquinos
55. As empusas
56. Io
57. Foroneu
58. Europa e Cadmo
59. Cadmo e Harmonia
60. Belo e as Danaides
61. Lâmia

62. Leda
63. Íxion
64. Endimião
65. Pigmalião e Galateia
66. Éaco
67. Sísifo
68. Salmoneu e Tiro
69. Alceste
70. Atamante
71. As éguas de Glauco
72. Melampo
73. Perseu
74. Os gêmeos rivais
75. Belerofonte
76. Antíope
77. Níobe
78. Cênis e Ceneu
79. Erígone
80. O javali do Calidão
81. Télamon e Peleu
82. Aristeu
83. Midas
84. Cléobis e Bíton
85. Narciso

86. Fílida e Cária
87. Árion
88. Minos e seus irmãos
89. Os amores de Minos
90. Os filhos de Pasífae
91. Cila e Niso
92. Dédalo e Talo
93. Catreu e Altemene
94. Os filhos de Pandião
95. O nascimento de Teseu
96. Os trabalhos de Teseu
97. Teseu e Medeia
98. Teseu em Creta
99. A federalização da Ática
100. Teseu e as amazonas
101. Fedra e Hipólito
102. Os lápitas e os centauros
103. Teseu no Tártaro
104. A morte de Teseu

Volume 2

105. Édipo
106. Os sete chefes contra Tebas

107. Os Epígonos
108. Tântalo
109. Pélope e Enômao
110. Os filhos de Pélope
111. Atreu e Tiestes
112. Agamênon e Clitemnestra
113. A vingança de Orestes
114. O julgamento de Orestes
115. A pacificação das Erínias
116. Ifigênia em Táurida
117. O reinado de Orestes
118. O nascimento de Hércules
119. A juventude de Hércules
120. As filhas de Téspio
121. Ergino
122. A loucura de Hércules
123. O Primeiro Trabalho: o leão de Nemeia
124. O Segundo Trabalho: a hidra de Lerna
125. O Terceiro Trabalho: a corça de Cerínia
126. O Quarto Trabalho: o javali de Erimanto
127. O Quinto Trabalho: os estábulos de Augias
128. O Sexto Trabalho: as aves de Estinfalo
129. O Sétimo Trabalho: o touro cretense
130. O Oitavo Trabalho: as éguas de Diomedes

131. O Nono Trabalho: o cinturão de Hipólita
132. O Décimo Trabalho: o rebanho de Gerião
133. O Décimo Primeiro Trabalho: os pomos de ouro das Hespérides
134. O Décimo Segundo Trabalho: a captura de Cérbero
135. O assassinato de Ífito
136. Ônfale
137. Hesíone
138. A conquista da Élida
139. A captura de Pilo
140. Os filhos de Hipocoonte
141. Auge
142. Dejanira
143. Hércules em Traquine
144. Íole
145. A apoteose de Hércules
146. Os filhos de Hércules
147. Lino
148. A assembleia dos argonautas
149. As mulheres lêmnias e o rei Cizico
150. Hilas, Âmico e Fineu
151. Das simplégades para a cólquida
152. A captura do velocino
153. O assassinato de Absirto
154. O *Argo* retorna à Grécia

155. A morte de Pélias
156. Medeia em Éfira
157. Medeia no exílio
158. A fundação de Troia
159. Páris e Helena
160. A primeira reunião em Áulis
161. A segunda reunião em Áulis
162. Nove anos de guerra
163. A ira de Aquiles
164. A morte de Aquiles
165. A loucura de Ájax
166. Os oráculos de Troia
167. O cavalo de madeira
168. O saque de Troia
169. Os regressos
170. As viagens de Odisseu
171. A volta ao lar de Odisseu
Mapa do mundo grego
Mapa dos locais mencionados no texto

ROBERT GRAVES

OS MITOS GREGOS

VOLUME I

2ª EDIÇÃO

Introdução
RICK RIORDAN

Tradução
FERNANDO KLABIN

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

INTRODUÇÃO

ATRAVÉS DO ESPELHO DE AFRODITE

Originalmente, a arma de Poseidon era um raio. Ártemis nem sempre foi uma deusa virgem. O caduceu de Hermes poderia converter as pessoas em pedra. E aquelas serpentes ao redor do cajado? No final das contas, não se tratava de serpentes.

Por mais que o tenha lido inúmeras vezes, Robert Graves ainda me impressiona. Sua abordagem da mitologia grega é tão completa, seu escopo é tão amplo que tanto as versões contraditórias que ele contempla quanto seu detalhamento exuberante poderiam intrigar o mais versado de todos os admiradores dos mitos gregos. Este livro não é nada mais, nada menos do que a melhor exposição da mitologia clássica que se pode encontrar por aí. Caso tenha lido um manual qualquer a respeito dos deuses do Olimpo e deseje ir além do básico, caso você se sinta pronto para atravessar o espelho rumo a dezenas de realidades alternativas, nas quais deuses e heróis nem sempre se comportam como o esperado, então você chegou ao lugar certo.

O MITÓLOGO RELUTANTE

O percurso mesmo que me levou a descobrir Robert Graves foi tão tortuoso quanto o regresso de Odisseu a sua casa.

Ninguém, durante minha juventude, jamais diria que eu poderia me tornar um mitólogo. A exemplo do que acontece com muitos garotos, eu preferiria fazer um milhão de coisas em vez de ler um livro. Eu jamais lia os textos dados em sala de aula. A maioria das histórias me parecia chata e irrelevante. Em minha

lista de coisas a serem evitadas, ir à biblioteca e ir ao dentista estavam lado a lado.

Felizmente, basta um bom professor para mudar uma vida. Na oitava série, minha professora de inglês, a senhora Pabst, fez se abrir para mim o mundo da mitologia. Não fosse ela, eu jamais teria me tornado leitor — quanto mais escritor.

Aos treze anos, eu me encontrava em apuros na escola. Mas minha mãe achava que eu podia ir mais longe. Eu havia escrito umas histórias que não eram de todo terríveis. Chegara até a encontrar uma série de livros que lia por prazer: *O senhor dos anéis*. No entanto, a exemplo do que vem acontecendo a muitos fãs de *Harry Potter*, eu lia Tolkien e nada mais; era incapaz de passar para outros livros porque simplesmente não encontrava algo que capturasse minha atenção da mesma maneira. Estava certo de que as leituras escolares jamais seriam tão legais assim.

Só que minha mãe tinha um plano. Ela sabia que Pat Pabst, que ministrava cursos avançados de inglês, escrevera uma dissertação de mestrado sobre J.R.R. Tolkien. Quem sabe ela não poderia me inspirar? Fiquei um pouco cético. Um curso avançado de inglês parecia dar muito trabalho. Por acaso uma professora de inglês seria legal o suficiente para gostar de espadas e feitiçarias? Além disso, eu não tinha sido convidado para as turmas avançadas. Minhas notas eram medianas. Na melhor das hipóteses, meus professores me viam como um aluno indiferente.

Apesar disso, a pedido de minha mãe, solicitei meu ingresso no curso avançado de inglês. Acho que isso surpreendeu todo o corpo docente. Certa vez, a professora de inglês de minha turma decidiu me pôr à prova. Encarou-me no meio da aula e, pela primeira vez na vida, me fez uma pergunta: “Rick, você sabe qual é a definição de ironia?”

Eu fiquei olhando para ela sem entender nada. Sabia que aquilo poderia determinar se eu iria para o curso avançado ou se permaneceria onde estava.

— Ironia — disse eu, por fim — é o fato de eu não conseguir pensar numa definição de “ironia” agora.

No dia seguinte, fui transferido para a turma avançada de inglês.

A senhora Pabst era de fato uma professora legal. Compreendia meu amor pelo *Senhor dos anéis* e utilizou isso como porta de entrada para a mitologia. Mostrou-me que a obra de Tolkien tinha como base a mitologia nórdica. Em pouco tempo, eu já havia devorado os mitos nórdicos e passara para os gregos. Tornara-me mitólogo novato num piscar de olhos. Era capaz de listar os dons e os artefatos mágicos dos deuses olímpicos com a mesma facilidade com que poderia falar sobre o Homem-aranha, os X-Men ou meu guerreiro/mago de nível

14 no Dungeons & Dragons. Talvez esse não pareça um começo promissor para uma carreira de erudição, mas a senhora Pabst partiu de onde eu estava, fomentou meus interesses e plantou as sementes de um amor vitalício pela literatura. As jornadas dos heróis têm de começar em algum lugar. Naquele ano, a senhora Pabst foi meu Quíron. Eu me sentia próximo de Teseu, atando minhas sandálias e tomando a metafórica estrada rumo a Atenas, a fim de encontrar meu destino.

AS HISTÓRIAS IMORTAIS

O que há na mitologia, pois, que continua a servir de inspiração mesmo após tantos séculos? Por que ela atrai sobretudo os leitores jovens?

Em cada fase de minha vida eu ofereceria uma explicação diferente. Quando criança, minha resposta seria um tanto básica: porque trata-se de grandes histórias. Os mitos gregos trazem aventura, mistério, romance e magia. Trazem vilões terrivelmente fascinantes e heróis maravilhosamente imperfeitos. As narrativas exploram condições humanas fundamentais, como o ciúme, a inveja, a ira, a cobiça, a vingança, o perdão, o destino e a sorte. Como não amá-las? Os deuses gregos são nossos primeiros super-heróis. Permitem-nos contemplar nossos problemas e desafios de maneira clara, a uma distância segura. Se os romances põem a vida sob a lente do microscópio, a mitologia a estampa num *outdoor*.

Quando me tornei professor, fiz tudo o que pude para suscitar o amor à mitologia em meus alunos. Sem dúvida alguma, a unidade que versava sobre esse assunto era a parte mais popular e empolgante de todo o ano letivo. Comecei então a perceber que na mitologia há mais a atrair os jovens leitores do que somente os personagens e os enredos. Os semideuses dos mitos gregos são metade homens, metade deuses. Encontram-se entre dois mundos e não pertencem de fato a nenhum deles. Esta é uma metáfora poderosa para qualquer jovem, sobretudo nas séries intermediárias para as quais eu lecionava — com alunos, em geral, dos nove aos catorze anos. A exemplo de Teseu e Hércules, meus alunos se sentiam aprisionados entre dois mundos: a infância e a vida adulta. Esforçavam-se para lidar com a própria identidade e com a lealdade à família e aos amigos. Começavam a questionar os pais; muitas vezes, imaginavam-se fantasiosa e secretamente adotados. Meus alunos ansiavam por descobrir que eram especiais e que gozavam de poderes que lhes permitiam controlar a própria sorte. A história arquetípica do herói fala da chegada à

maturidade, da ocupação do próprio lugar no mundo e da descoberta do próprio destino. Os jovens leitores se relacionam com os heróis gregos num plano profundamente pessoal. E, a exemplo daqueles gregos que haviam se voltado contra os deuses, também esses jovens costumam ter a impressão de que as figuras de autoridade são irritantemente inconstantes: se às vezes são afáveis e prestativas, mostram-se também imprevisíveis e injustas.

Na condição de professor, eu diria ainda que a mitologia clássica é um dos fundamentos da boa educação. Sim, é perfeitamente possível sobreviver sem conhecê-la; porém, a mitologia permeia de tal maneira a nossa cultura — a arquitetura, a música, a arte, o teatro, a literatura, a televisão, os filmes — que acabamos por levar vidas muito mais plenas, dotadas de maior apreço pelo patrimônio da humanidade, quando reconhecemos como os modelos mitológicos atravessam séculos a fio e ainda exercem influência sobre nosso mundo.

Mais recentemente, já como romancista que ganha a vida mexendo com a mitologia, passei a apreciar de maneira ainda mais profunda essas velhas histórias. Diria que elas perduram porque são tão maleáveis, tão diversificadas e tão facilmente adaptáveis que se alinham ao espírito de qualquer época.

Pude experimentar isso pessoalmente quando criei a história de Percy Jackson para contar a meu filho mais velho, Haley, antes de dormir. Como eu, Haley era um leitor relutante. Enfrentava o TDAH (transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) e a dislexia, o que tornava as lições de casa bastante desafiadoras. Em sala de aula, eu já trabalhara com muitas crianças que apresentavam diferentes níveis de aprendizagem, mas ver meu filho assim era algo muito diferente. Numa desesperada tentativa de encontrar algo que mantivesse seu interesse pela leitura, recorri a meus bons e velhos amigos: os mitos gregos. Noite após noite, eu falava a Haley sobre Hércules, Jasão e Teseu. Quando me acabaram as histórias, criei um semideus moderno, Percy Jackson, que descobre que o TDAH e a dislexia são sinais de que se possui sangue olímpico. A Haley não foi nem um pouco difícil acreditar nisso. De certa forma, eu estava usando a mitologia grega do modo como ela sempre fora usada: para explicar algo cuja compreensão é difícil. Eu fiz da saga do herói uma metáfora para os problemas que meu filho enfrentava na escola.

A pedido de Haley, coloquei a história no papel, e ela se tornou *O ladrão de raios*. Se ainda havia dúvidas de que a mitologia grega possuía tanta força entre os leitores modernos quanto no passado, o sucesso da série de Percy Jackson as eliminou de uma vez. Crianças de todo o mundo adotaram as histórias de Percy como se fossem suas e as utilizaram como ponto de partida para a exploração do mito clássico.

Quanto mais escrevo sobre mitologia grega, mais valorizo sua profundidade e sua amplitude. Não importa quando ou onde vivamos: podemos encontrar sentido nos mitos porque suas variações e interpretações são inúmeras. Não há resposta "certa" na mitologia grega. Como nasceu Dionísio? Depende da versão que você lê. Como Hefesto se tornou manco? Adote a história que você achar melhor. Quando dei início à série Percy Jackson, estava certo de que abordaria todos os principais elementos do mito grego em cinco livros. Que equívoco! Hoje vejo que mal arranhei a superfície. Uma vez que as histórias foram contadas de muitas maneiras distintas ao longo dos séculos, uma vez que elas são extremamente adaptáveis a novas culturas e a cada leitor em particular, o mito possui uma qualidade prismática. Ele sempre parece diferente.

É precisamente aí que Robert Graves aparece. Ele é o mestre do prisma mitológico. Quando li pela primeira vez *Os mitos gregos*, minha carreira de professor já se tinha iniciado havia muito tempo. Mas que diferença este livro fez!

DESCOBRINDO GRAVES

Devo confessar. Eu descobri o nome de Robert Graves graças às reprises da série *Eu, Claudius* na televisão. Nos anos 1990, quando ainda morava na região da baía de São Francisco, fiquei fascinado pelo programa e fui atrás dos livros. Os livros eram melhores, é claro. Fiquei encantado com o estilo de Graves, com seu humor seco e sua capacidade de transformar um conteúdo antigo em algo tão pessoal e relevante.

Nessa época eu já estava lecionando mitologia grega havia anos. Utilizava, de modo especial, a antologia que Bernard Evslin organizara para os jovens e que eu mesmo costumara ler aos treze anos de idade. Quando, porém, descobri que Evslin usara Robert Graves como uma de suas fontes, decidi ir atrás de um exemplar de *Os mitos gregos*.

Graves era um talento raro, alguém que se notabilizara tanto por sua poesia quanto por sua erudição clássica em seu livro de memórias sobre a Primeira Guerra: *Goodbye to All That*. Era guerreiro e poeta, professor e contador de histórias. Com interpretações e traduções pouco convencionais dos mitos, ele suscitou a ira de muitos especialistas, mas desdenhou de todas as críticas e insistiu em que escrevia para um público-leitor mais amplo, e não para a academia. Ao tratar da mitologia, Graves adota a mesma abordagem

resolutamente honesta e direta que adotou em suas pungentes memórias da Primeira Guerra Mundial.

Em *Os mitos gregos*, Graves escreve com lucidez sobre um tema que pode se tornar facilmente embaraçoso e confuso. Ele apresenta várias versões de cada mito, documentando com cuidado suas fontes clássicas e oferecendo comentários detalhados acerca do seu contexto histórico e político. Quando li este livro pela primeira vez, tive a impressão de estar colocando óculos 3D. Os mitos gregos assumiram uma dimensão nova. Sobressaíram com uma vibração que eu jamais esperara. Ainda mais desconcertante era o número de variações de cada história. Graças a Graves, pude descobrir como os mitos evoluíram ao longo do tempo, alterando-se segundo a geografia e mesclando-se com mitos de outras culturas antigas. Jamais me ocorrera que Anqu*ises*, amante de Afrodite e pai de Eneias, trazia Ísis ao final de seu nome, o que possivelmente reconhecia o vínculo entre Afrodite e sua equivalente egípcia. Graves também postulava que "herói" significava aquele que é sacrificado para Hera. Explicava ainda que a pomba, símbolo cristão da paz, tornara-se o pássaro sagrado de Afrodite por uma razão completamente diferente: porque simbolizava a promiscuidade dos gregos. Pegue qualquer página de *Os mitos gregos* e você provavelmente encontrará alguma informação que irá desafiar e aprofundar seu conhecimento da mitologia.

Graves não é perfeito. Algumas de suas teorias a respeito das origens dos mitos podem parecer datadas ou forçadas. Outros tradutores puseram em xeque seus pressupostos etimológicos. Apesar disso, ele escreve atemporalmente sobre um tema atemporal. Seu livro ainda é minha principal referência, e qualquer autor gostaria de ter escrito um volume que ainda se mantém de pé depois de tanto tempo.

Nos últimos anos, eu vivi e respirei os mitos gregos. Reli Edith Hamilton, Bernard Evslin, D'Aulaires e as outras coletâneas de minha infância. Li uma enorme gama de autores clássicos. Sempre, porém, que preciso de uma boa visão geral de determinado tema — trate-se ele de um deus, um herói ou um acontecimento —, quase sempre é a Robert Graves que recorro. Sua escrita é ao mesmo tempo clara e meticulosa, erudita e acessível. Ele apresenta cada mito em todas as suas encarnações e deixa nas mãos do leitor escolher qual a versão que lhe parece melhor.

Quando descobri *Os mitos gregos*, tive a sensação de que estivera fazendo um desserviço a meus alunos. A mitologia era muito mais rica do que as poucas histórias que lhes vinha apresentando. Como fazer jus a um tema tão amplo num período de seis semanas? Tratava-se de uma tarefa impossível, mas tendo Graves como fonte eu me sentia mais preparado para responder às perguntas de meus

alunos. Conseguia fazê-los vislumbrar o universo amplo e fantástico que os aguardava caso quisessem ler mais.

E o melhor de tudo: eu descobri uma versão mais curta do livro de Graves destinada aos jovens: *Deuses e heróis do Olimpo*. Este logo se tornou o material que passei a usar em sala de aula. Mais uma vez, Graves não me decepcionava.

NAS TRINCHEIRAS DA GUERRA DE TROIA

Os professores muitas vezes dizem trabalhar "nas trincheiras". Bem, o ambiente de sala de aula pode mesmo se assemelhar a um combate. No melhor dos cenários, professor e alunos de fato formam uma unidade coesa, investindo contra o tema juntos, como companheiros. No entanto, sem boas estratégias e boas táticas, o mestre logo verá sua turma cindindo e cedendo a uma rebelião pior do que aquelas que os aqueus encontraram aos muros de Troia. Nas trincheiras do inglês ministrado no ensino fundamental, Robert Graves foi meu confiável irmão de armas. Eu sempre podia recorrer a ele em busca de apoio aéreo.

A cada ano, eu começava a unidade de mitologia contando a história da criação — o modo como Gaia surgiu do caos e tomou Urano por esposo, gerando então os titãs. Meus alunos do fundamental adoravam fazer perguntas em busca de contradições e incoerências. Por que Gaia queria matar Urano? Por que Cronos concordou em assassinar o próprio pai? Se Zeus foi o último filho de Reia, por que se declarava filho mais velho de Cronos?

Sem recorrer a *Os mitos gregos*, eu teria me perdido no Tártaro. Era tão grande a variedade de teorias e explicações que Robert Graves dava a cada mito que eu poderia simplesmente responder a meus alunos com outra pergunta, bem ao clássico estilo socrático. "Algumas versões nos dão esta resposta", diria eu. "Outras afirmam isto. Qual dessas respostas parece fazer mais sentido para você?" À medida que meus alunos, a exemplo das velhas cidades-estados gregas, iam discutindo sobre que deus merecia dominar ou levar crédito por este ou aquele feito, excelentes debates eram travados em sala de aula.

Em seguida, minha turma contemplava uma visão geral dos deuses do Olimpo. Juntos, preenchíamos um gráfico que listava o símbolo, os poderes, os artefatos mágicos e os animais sagrados de cada deus. Muito embora isso possa parecer árido, os alunos tratavam esses dados como se fossem estatísticas de seus atletas favoritos, ou então o salário e o estilo de vida de suas celebridades prediletas. A vida dos deuses do Olimpo se desdobrava naturalmente a partir

daquela atividade, tendo como motor as perguntas daqueles jovens. Se Afrodite surgiu do mar, quem eram seus pais? Por que Hera arremessou Hefesto da montanha e ele não se ressentiu? O que é uma égide? Por que Héstia não possuía trono no Monte Olimpo?

Uma aula dessas nunca era igual a outra. Não importavam as discussões que travávamos: minhas respostas só eram possíveis graças a meu fiel exemplar de *Os mitos gregos*. Os alunos logo passaram a se adiantar e a ler a versão para jovens da obra de Graves, devorando aquelas histórias antes que eu os incumbisse disso. Uma vez que apenas eu possuía a edição completa, sentia-me como a sibila de Cumas, em posse de livros proféticos preciosos que poderiam oferecer resposta a toda e qualquer pergunta.

Passadas alguma semanas, meus alunos começavam a representar os mitos gregos com fantasias e outros objetos cênicos. Escreviam também histórias sobre semideuses que eles mesmos idealizavam, numa atividade criativa que um dia me inspiraria a escrever os romances de Percy Jackson. Nós organizávamos torneios e competições baseados nos deuses do Olimpo, ao que dávamos coroas de louros aos vencedores. Na festa de confraternização que organizávamos em nossa última aula, chegávamos a compor hinos aos deuses e a queimá-los na churrasqueira, mandando as cinzas para Olimpo. Tenho ainda uma fotografia em que apareço fantasiado de Dionísio ao lado de alguns alunos vestidos com togas feitas em casa, enquanto acendíamos a churrasqueira.

E qual era o único ponto negativo de começar meu curso pela mitologia grega? Durante o resto do ano, independentemente do que estudássemos, eu tinha de aguentar os suspiros de jovens classicistas desamparados. “Este romance é até legal”, diziam, “mas eu gostava mais dos mitos”.

Sempre que ouvia esse comentário, imaginava o fantasma de Robert Graves com um sorriso no rosto.

A VIAGEM DO HERÓI CONTINUA

Alguns anos atrás, retornei a São Francisco para uma conferência na escola em que havia lecionado. Muita coisa mudara. Reformada, a escola estava quase irreconhecível. Parte do corpo docente se aposentara, dando lugar a novos professores. Eu, por minha vez, trabalhava como autor de livros infantis em tempo integral.

Meus anos naquela escola pareciam tão distantes e fantásticos quanto qualquer mito. A situação se tornou ainda mais surreal quando descobri que um

de meus ex-alunos havia assumido meu velho cargo de professor de inglês.

— Guardei todos os papéis que você nos deu — disse-me ele, cheio de orgulho.

Fiquei olhando para aquele jovem confiante, do qual me recordava como um aluno não muito proeminente, mas bastante entusiasmado, da quinta série. Tentei imaginar o quão presciente ele deveria ter sido para planejar algo tão longínquo, certo, ainda no ensino fundamental, de que desejava ser professor. Nem *eu* tinha cópias de minha papelada! Meu aluno recebera a tocha. Lecionava mitologia a seus alunos sob a inspiração de minhas aulas, do mesmo modo como, décadas antes, eu fora inspirado por *minha* professora do fundamental. Esse é o tipo de momento para o qual os professores dedicam uma vida inteira.

Havia ainda outra surpresa esperando por mim. Enquanto saía, um antigo colega, hoje bibliotecário da escola, entregou-me um exemplar de Robert Graves.

Suas páginas estavam amarelecidas e tinham os cantos dobrados. Tantas eram as passagens sublinhadas que era difícil entender o texto. Rabiscado na frente, com minha caligrafia, li: *Exemplar do Rick*.

Penso que jamais recebi um presente melhor.

A mitologia grega nos dá muitas lições, mas a mais importante talvez seja a de que a vida é um padrão que se repete. Cada geração deve empreender a saga heroica que lhe cabe. A maior contribuição que podemos dar é garantir que a geração seguinte tenha a maior chance possível de sucesso.

A senhora Pabst, minha professora de inglês do ensino fundamental, faleceu há pouco tempo, mas eu pude manter contato com ela ao longo dos anos. Ela teve a satisfação de me ver como professor e escritor. O romance *O último olimpiano*, em que Percy Jackson conclui sua viagem, foi dedicado a ela.

Hoje, meus alunos estão se tornando professores e escritores. Com o sucesso de meus romances, pude visitar centenas de escolas e tive o prazer de ouvir milhares de professores que haviam utilizado meus livros para fomentar o gosto pela leitura em seus alunos, do mesmo modo como eu fizera com Robert Graves.

— A seção de mitologia ficava pegando poeira — dizem-me os bibliotecários. — Hoje, os livros já não param nas estantes.

A parte mais gratificante de minha viagem, porém, está em ver meus filhos se tornando leitores. Os dois cresceram com Percy Jackson. Os dois venceram suas dificuldades de leitura com a ajuda da mitologia grega. Meu filho mais velho chegou a anunciar que gostaria de se tornar escritor, tendo concluído, recentemente, um manuscrito de seiscentas páginas, maior do que qualquer coisa

que seu pai tenha escrito! Odisseu não se orgulharia tanto de Telêmaco quanto eu me orgulho de meus filhos.

Enquanto isso, sempre que os bibliotecários me pedem que lhes recomende bons livros sobre a mitologia grega, Robert Graves está no topo de minha lista. O exemplar cheio de páginas dobradas que eu usava em sala de aula ainda se encontra em meu escritório, pronto para me ajudar em minhas incursões modernas pelos mitos antigos.

A viagem do herói continua hoje do mesmo modo como continua em cada geração, e os mitos gregos serão passados adiante como sempre foram. *Os mitos gregos* de Robert Graves nos ensinam que a busca pessoal pode assumir formas mil. Ela possui variações infindas. Todavia, seus temas são atemporais: chegamos à maturidade quando nos tornamos responsáveis pelas nossas ações, utilizando nossos dons ao máximo e demonstrando coragem, retidão e lealdade diante dos desafios.

No fim das contas, é por isso que esses mitos sobreviveram e continuam a nos comunicar algo de relevante. Eles nos servem como mapa da condição humana. Nossas vidas estão refletidas no espelho dos deuses.

Rick Riordan

PREFÁCIO

Ao revisar *Os Mitos Gregos* em 1958, comecei a refletir mais sobre o deus ébrio Dionísio, sobre os centauros, com sua reputação ambígua de sábios e transgressores, e sobre a natureza da ambrosia e do néctar divinos. Esses temas estão intimamente relacionados, pois os centauros veneravam Dionísio, cujo desenfreado festim de outono chamava-se "a Ambrosia". Não acredito mais na possibilidade de que eles se entorpecessem exclusivamente com vinho e cerveja feita de hera (vide 27. *3*), enquanto suas mênades assolavam o interior, dilacerando animais e crianças (vide 27. *f*), e se vangloriavam da viagem de ida e volta à Índia (vide 27. *c*). Um indício, resumido em *What Food the Centaurs Ate,*[a] de minha autoria (*Steps*: Cassell & Co., 1958, pp. 319-43), sugere que os sátiros (membros tribais apresentados como bodes totêmicos), os centauros (membros tribais apresentados como cavalos totêmicos) e seu mulherio de mênades utilizavam tais bebidas para engolir bocados de uma droga muito mais forte: um determinado cogumelo cru, *Amanita muscaria*, que produz alucinações, distúrbios irracionais, visões proféticas, energia erótica e uma notável força muscular. O efeito seguinte, após algumas horas de êxtase, é a mais absoluta inércia, fenômeno que esclareceria a história de como Licurgo, armado apenas de uma aguilhada, dominou o exército de Dionísio, "que acabara de voltar vitorioso da Índia", composto por mênades e sátiros embriagados (vide 27. *e*).

Num espelho etrusco, pode-se ver o *Amanita muscaria* entalhado aos pés de Íxion, herói da Tessália que se deleitava com ambrosia junto com os deuses (vide 63. *b*). Diversos mitos (vide 102, 126 etc.) reforçam minha teoria de que os centauros descendentes de Íxion comiam esse cogumelo que, conforme alguns historiadores, foi utilizado mais tarde pelos *berserks* nórdicos para potencializar a audácia nas batalhas. Acredito, hoje, que a "ambrosia" e o "néctar" eram

cogumelos entorpecentes: o *Amanita muscaria* com certeza, além de outros prováveis, sobretudo o *Panaeolus papilionaceus*, um cogumelo pequeno e delgado, proveniente do esterco, que provoca alucinações inofensivas e agradabilíssimas. Um cogumelo desse tipo aparece num vaso ático, entre os cascos de Néssus, o Centauro. Os "deuses" a quem, nos mitos, a ambrosia e o néctar eram reservados devem ter sido reis e rainhas sagrados da era pré-clássica. O crime do rei Tântalo (vide 108. *c*) foi o de romper o tabu ao convidar homens do povo para compartilhar de sua ambrosia.

Com a decadência das monarquias sagradas de reis e rainhas na Grécia, a ambrosia tornou-se o elemento secreto dos mistérios de Elêusis, dos mistérios órficos e de outros mistérios associados a Dionísio. Em todo caso, os participantes, a quem se prometia a imortalidade, juravam manter silêncio sobre o que comiam ou bebiam, e tinham visões inesquecíveis. Na época em que os vencedores da corrida olímpica deixaram de ser contemplados com a realeza sagrada, o prêmio que a substituiu foi claramente a "ambrosia": uma mistura de alimentos, cujas letras iniciais, assim como pude demonstrar em *What Food the Centaurs Ate*, formavam a palavra grega "cogumelo". Receitas citadas por autores clássicos de néctar e de *cecyon* — uma bebida com gosto de hortelã tomada por Deméter em Elêusis — formam igualmente a palavra "cogumelo".

Eu mesmo comi um cogumelo alucinógeno, o psilócibe (*Psilocybe mexicana*), uma ambrosia divina de uso ancestral entre os índios mazatecas da província de Oaxaca, no México. Ouvi as sacerdotisas invocarem Tlaloc, o deus-cogumelo, e tive visões transcendentais. Portanto, concordo plenamente com R. Gordon Wasson, o descobridor americano desse antigo rito, segundo o qual as ideias europeias de céu e inferno devem ter derivado de mistérios similares. Tlaloc foi gerado por um raio, da mesma maneira que Dionísio (vide 14. *c*). Assim também foram gerados, tanto no folclore grego como entre os mazatecas, todos os cogumelos — proverbialmente chamados de "comida dos deuses" em ambas as línguas. Tlaloc envergava uma coroa em forma de serpente, tal como Dionísio (vide 27. *a*). Tlaloc tinha um refúgio submarino, da mesma maneira que Dionísio (vide 27. *e*). O hábito selvagem das mênades de arrancar a cabeça de suas vítimas (vide 27. *f* e 28. *d*) talvez se refira alegoricamente à separação da cabeça sagrada do cogumelo — tendo em vista que, no México, seu talo nunca é ingerido. Podemos ler que Perseu, um rei sagrado de Argos convertido à adoração de Dionísio (vide 27. *i*), deu o nome de *Mycenae* a um cogumelo venenoso que ele vira crescer no chão e dar origem a um curso de água (vide 73. *r*). O emblema de Tlaloc era um sapo,[b] o de Argos também. Da boca do sapo de Tlaloc no afresco de Tepentitla brota uma corrente de água. Mas em que época teriam entrado em contato as culturas europeia e centro-americana?

Essas teorias requerem maiores pesquisas, razão pela qual ainda não incorporei minhas descobertas ao texto da presente edição. Qualquer auxílio de um especialista em solucionar o problema contará com a minha maior gratidão.

R. G.
Deyá, Maiorca, Espanha, 1960.

NOTAS

[a] *Que alimentos os centauros comiam*. (N.T.)

[b] Em inglês, “cogumelo venenoso” (*toad-stool*) contém a palavra “sapo” (*toad*). (N.T.)

INTRODUÇÃO

Os emissários medievais da Igreja Católica trouxeram para a Grã-Bretanha, em aditamento a todo o *corpus* de história sacra, um sistema universitário continental[a] baseado nos clássicos gregos e latinos. Lendas aborígines tais como as do rei Arthur, Guy de Warwick, Robin Hood, a Bruxa Azul de Leicester e rei Lear eram consideradas apropriadas para as massas, mas, já no início da era Tudor, o clero e a classe instruída referiam-se com muito mais frequência aos mitos contidos nos textos de Ovídio e Virgílio, bem como aos resumos das instituições acadêmicas sobre a Guerra de Troia. Embora a literatura oficial inglesa entre os séculos XVI e XIX não possa ser perfeitamente compreendida exceto à luz da mitologia grega, nos últimos tempos os clássicos acabaram perdendo tanto terreno nas escolas e universidades que já não se espera das pessoas instruídas de hoje que saibam quem foram Deucalião, Pélope, Dédalo, Enone, Laocoonte ou Antígona. O conhecimento atual desses mitos vem sobretudo das versões no estilo dos contos de fada, como ocorre em *Heroes*, de Kingsley, e *Tanglewood Tales*, de Hawthorne. À primeira vista, isso não parece ter muita importância, pois, nos últimos 2 mil anos, a moda foi repudiar os mitos, como se eles fossem fantasias bizarras e quiméricas, um gracioso legado da infância da inteligência grega, evidentemente depreciado pela Igreja para enfatizar a importância espiritual maior da Bíblia. Contudo, é difícil superestimar seu valor no estudo dos primórdios da história, da religião e da sociologia europeias.

"Quimérico" é uma forma adjetivada do substantivo *quimera*, que significa "cabra". Há 4 mil anos, a Quimera pode não ter sido mais bizarra do que qualquer outro emblema religioso, heráldico ou comercial dos dias de hoje. Tratava-se de um animal de formato compósito, com (segundo registros de Homero) cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. Encontrou-se uma

quimera esculpida nas paredes de um templo hitita em Carchemish que, à maneira de outros animais compósitos, como a Esfinge e o unicórnio, deve ter sido originalmente um símbolo calendárico: cada componente representava uma estação do ano sagrado da Rainha do Céu — como no caso, segundo Diodoro Sículo, das três cordas da lira feita de carapaça de tartaruga. Esse antigo ano de três estações é discutido por Nilsson em sua obra *Primitive Time-reckoning* (1920).

Entretanto, apenas uma pequena parte do enorme e desorganizado *corpus* da mitologia grega, que contém contribuições de Creta, Egito, Palestina, Frígia, Babilônia e outras regiões, tem condições de ser devidamente classificada, junto com a Quimera, como mito verdadeiro. Mito verdadeiro pode ser definido como a redução a uma estenografia narrativa da mímica ritual representada em festivais públicos e, em vários casos, registrada pictoricamente nas paredes dos templos, vasos, brasões, tigelas, espelhos, arcas, escudos, tapeçarias e outras coisas do gênero. A Quimera e seus equivalentes calendáricos devem ter tido grande importância nesses espetáculos dramáticos, que, com seus registros iconográficos e orais, tornaram-se a autoridade primordial, ou o código de leis, para as instituições religiosas de cada tribo, clã ou cidade. Os temas por eles abordados eram arcaicos procedimentos mágicos que promoviam a fertilidade ou a estabilidade de um reinado sagrado matriarcal ou patriarcal — os reinos matriarcais aparentemente precederam os patriarcais por toda a área onde se falava grego — e outros aperfeiçoamentos, introduzidos sempre que as circunstâncias exigissem. O ensaio de Luciano *Sobre a dança* enumera uma quantidade surpreendente de mímicas rituais ainda representadas no século II da era cristã; a descrição de Pausânias das pinturas do templo de Delfos e dos entalhes da Arca de Cípselo sugere que uma imensa quantidade de registros mitológicos variados, dos quais hoje não resta nenhum vestígio, tenha sobrevivido até aquele período.

Deve-se estabelecer diferença entre mitos verdadeiros e:

(1) Alegoria filosófica, como na cosmogonia de Hesíodo.

(2) Explicação “etiológica” dos mitos que não são mais compreendidos, como no caso de Admeto atrelando um leão e um javali à sua carruagem.

(3) Sátira ou paródia, como no relato de Sileno sobre a Atlântida.

(4) Fábula sentimental, como na história de Narciso e Eco.

(5) História enfeitada, como na aventura de Árion e o golfinho.

(6) Romance de menestrel, como na história de Céfalo e Prócris.

(7) Propaganda política, como na federalização da Ática promovida por Teseu.

(8) Lenda moral, como na história do colar de Erifila.

(9) Anedota humorística, como na comédia de costumes de Hércules (Héracles), Ônfale e Pã.

(10) Melodrama teatral, como na história de Testor e suas filhas.

(11) Saga heroica, como no tema principal da *Ilíada*.

(12) Ficção realista, como na visita de Ulisses aos feácios.[1]

Elementos míticos genuínos, entretanto, podem estar embutidos nas histórias menos promissoras, ao passo que a versão mais completa ou mais esclarecedora de um determinado mito é raramente fornecida por qualquer autor. Além disso, quando se busca sua forma original, é um engano supor que, quanto mais antiga for a fonte escrita, maior será sua fidedignidade. Frequentemente, por exemplo, o brincalhão alexandrino Calímaco, o frívolo augustano Ovídio ou o tedioso bizantino tardio Tzetzes oferecem uma versão obviamente mais primitiva de um mito do que as versões de Hesíodo ou dos trágicos gregos. O *Excidium Troiae*, do século XIII, é, em algumas partes, miticamente mais razoável do que a *Ilíada*. Ao passar para a prosa uma narrativa mitológica ou pseudomitológica, deve-se sempre prestar muita atenção aos nomes, à origem tribal e ao destino das respectivas personagens para, então, reconstruí-la sob a forma de ritual dramático. Isso feito, seus elementos incidentais sugerirão, por vezes, uma analogia com algum outro mito ao qual se tenha dado um viés anedótico completamente diferente, esclarecendo ambos.

Um estudo da mitologia grega deve começar considerando que sistemas políticos e religiosos existiram na Europa antes da chegada dos invasores arianos do Norte e do Oriente distantes. Toda a Europa neolítica, a julgar pelos seus artefatos e mitos remanescentes, teve um sistema de ideias religiosas notavelmente homogêneo, baseado na adoração da Deusa-mãe, intitulada de diversas maneiras e conhecida também na Síria e na Líbia.

A Europa da Antiguidade não tinha deuses masculinos. A Grande Deusa era considerada imortal, imutável e onipotente, e o conceito de paternidade ainda não havia sido introduzido no pensamento religioso. Ela tinha amantes apenas por prazer, e não para dar um pai a seus filhos. Os homens obedeciam à matriarca, temiam-na e adoravam-na. O lar zelado por ela dentro de uma caverna ou choupana constituía o primeiro centro comunitário dos homens, e a maternidade foi o mistério primordial. Assim, a primeira vítima de um sacrifício público grego era sempre ofertada a Héstia do Lar. A imagem branca não icônica da deusa, talvez seu mais difundido emblema, que aparece em Delfos como o *omphalos*, ou umbigo, pode ter originariamente representado o montinho branco saliente formado por cinzas bem compactadas, inclusive carvão em brasa, que é a maneira mais fácil de manter o fogo sem gerar fumaça. Mais tarde, ele se tornou pictoricamente associado ao montinho caiado debaixo do qual se ocultava

a boneca de trigo da colheita para ser retirada na primavera, ao germinar, e ao montinho de conchas marinhas, ou quartzo, ou mármore branco, sob o qual os reis eram sepultados. Tanto a Lua quanto o Sol (a julgar por Hemera, da Grécia, e Grainne, da Irlanda) eram símbolos celestiais da deusa. No mito grego primitivo, entretanto, o Sol é precedido pela Lua — pois ela, além de inspirar maior temor supersticioso, não perde seu brilho no fim do ano e é imbuída do poder de conceder ou negar água aos campos.

As três fases lunares — nova, cheia e velha — evocam as três fases da matriarca: virgem, ninfa (mulher núbil) e velha. Então, tendo em vista que a trajetória anual do Sol evocava igualmente a ascensão e o declínio de suas forças físicas — virgem na primavera, ninfa no verão e velha no inverno —, passou-se a associar a deusa às mudanças sazonais na vida dos animais e das plantas — portanto, à Mãe Terra, que, no início do ano vegetativo, produz apenas folhas e botões de flor, depois flores e frutos e, finalmente, interrompe a fertilidade. Mais tarde, ela seria concebida como uma outra tríade: a virgem do ar superior, a ninfa da terra ou do mar e a velha do mundo subterrâneo — tipificadas, respectivamente, por Selene, Afrodite e Hécate. Esses análogos místicos promoveram a sacralidade do número três, e a deusa-Lua expandiu-se tornando-se nove, no momento em que cada uma das três pessoas — virgem, ninfa e velha — surgiu como tríade para demonstrar divindade. Seus devotos jamais se esqueceram por completo de que não havia três deusas, mas apenas uma; entretanto, na época clássica, o Estínfalo árcade era um dos poucos templos remanescentes onde todas elas tinham o mesmo nome: Hera.

A partir do momento em que a importância do coito para a procriação foi oficialmente admitida — um relato dedicado a essa encruzilhada na religião é mencionado no mito hitita do ingênuo Apu (H. G. Güterbock: *Kumarbi*, 1946) —, o status religioso do homem começou a aumentar gradualmente e os ventos e rios deixaram de receber o crédito pela gravidez das mulheres. A ninfa tribal, ao que parece, escolhia a cada ano um amante do seu círculo de jovens rapazes — um rei a ser sacrificado no fim do ano —, transformando-o num símbolo de fertilidade, mais do que num objeto de prazer erótico. O sangue dele era aspergido e servia para frutificar árvores, colheitas e rebanhos, enquanto sua carne era cortada e comida crua pelas ninfas que acompanhavam a Rainha — sacerdotisas portando máscaras de cadelas, éguas ou porcas. Depois, com o aperfeiçoamento dessa prática, o rei morria tão logo a força do Sol, ao qual era associado, começasse a diminuir no verão. Então, outro jovem, irmão gêmeo ou pretenso gêmeo do rei morto — um antigo termo irlandês apropriado é *tanist*[b] —, ocupava o lugar de amante da Rainha, para ser devidamente sacrificado em meados do inverno mediante a recompensa de reencarnar como serpente

oracular. Esses consortes adquiriam poder executivo somente quando tinham permissão de representar a Rainha, envergando suas vestes mágicas. Assim se desenvolveu o reinado do rei. O Sol se tornou símbolo da fertilidade masculina tão logo a vida do rei foi associada a sua trajetória sazonal, mas, ainda assim, pelo menos teoricamente, ele continuou por muito tempo sob a tutela da Lua, bem como o rei sob a tutela da Rainha, mesmo depois de a fase matriarcal já estar superada. De tal modo que as bruxas da região conservadora de Tessália ameaçavam, em nome da Lua, fazer com que o Sol fosse tragado pela noite eterna.

Entretanto, não há nenhuma evidência, nem mesmo quando se trata da época em que as mulheres eram soberanas nas questões religiosas, de que se negassem aos homens áreas em que eles pudessem agir sem a supervisão feminina, embora seja provável que eles tenham adotado diversas características do "sexo fraco", até então consideradas funcionalmente peculiares ao homem. Eles podiam encarregar-se da caça, da pesca, da obtenção de certos alimentos e do pastoreio de rebanhos e ajudavam a defender o território tribal de intrusos, desde que não transgredissem a lei matriarcal. Líderes de clãs totêmicos eram selecionados e recebiam certos poderes, sobretudo em épocas de migração ou guerra. Ao que tudo indica, as regras para determinar quem atuaria como comandante supremo masculino variavam de matriarcado para matriarcado: geralmente escolhia-se o tio materno da rainha, o irmão dela ou o filho de sua tia materna. O mais antigo comandante supremo tribal detinha também a autoridade de atuar como juiz em disputas pessoais entre homens, desde que não prejudicasse a autoridade religiosa da rainha. A mais primitiva sociedade matrilinear existente hoje é a dos *nayares*, na Índia meridional, onde as princesas, embora casadas com maridos-crianças de quem imediatamente se divorciam, dão à luz crianças de amantes desprovidos de qualquer distinção social. As princesas de numerosas tribos matrilineares da África ocidental casam-se com estrangeiros ou cidadãos comuns. As mulheres de estirpe real da Grécia pré-helênica também não viam problema algum em escolher amantes entre os seus servos, caso as Cem Casas da Lócrida e Locros não fossem excepcionais.

No início, o tempo era calculado por lunações, e todas as cerimônias importantes se realizavam numa determinada fase lunar. Os solstícios e os equinócios não eram determinados com precisão, mas por estimativa, conforme a maior proximidade da Lua nova ou cheia. O número sete adquiriu uma santidade peculiar, pois o rei morria na sétima Lua cheia após o dia mais curto. Mesmo quando se constatou, após uma atenta observação astronômica, que o ano solar tinha 364 dias, com algumas horas de sobra, foi preferível dividi-lo em

meses — ou seja, em ciclos lunares — a dividi-lo em frações do ciclo solar. Esses meses se tornaram, mais tarde, o que o mundo anglófono ainda chama de *common-law months,*[c] cada um contendo 28 dias — o que era um número sacro, no sentido de que a Lua poderia ser venerada como uma mulher, cujo ciclo menstrual é normalmente de 28 dias, coincidindo com o período real das revoluções da Lua em relação ao Sol. A semana de sete dias foi uma unidade do mês da lei consuetudinária, e a personalidade de cada dia passou a ser deduzida, ao que parece, com base na qualidade atribuída ao mês correspondente da vida do rei sagrado. Tal sistema gerou uma associação ainda maior da mulher com a Lua, e, tendo em vista que o ano de 364 dias é exatamente divisível por 28, a sequência anual de festas populares poderia ser ajustada a esses meses da lei consuetudinária. Como tradição religiosa, os anos de treze meses persistiram entre os camponeses europeus por mais de um milênio depois da adoção do calendário juliano. Assim, Robin Hood, que viveu na época de Eduardo II, podia exclamar numa balada, celebrando a festa do Dia de Maio:[d]

> *How many merry months be in the year?*
> *There are thirteen, I say…*[e]

que um editor da era Tudor alterou para " … *There are but twelve, I say*…"[f] Treze, o número do mês da morte do Sol, jamais perdeu sua má reputação entre os supersticiosos. Os dias da semana estavam subordinados aos titãs: os gênios do Sol, da Lua e dos cinco planetas até então conhecidos, que eram responsáveis por eles perante a deusa Criadora. Tal sistema deve ter-se desenvolvido na Suméria matriarcal.

O Sol, portanto, atravessava 13 estágios mensais, começando no solstício de inverno, quando os dias aumentavam de novo, após seu longo declínio outonal. O dia extra do ano sideral, obtido pelo ano solar graças ao movimento da Terra em torno da órbita do Sol, foi intercalado entre o décimo terceiro e o primeiro mês, tendo se tornado o mais importante dia dentre os 365, ocasião em que a ninfa tribal escolhia o rei sagrado, geralmente o vencedor de uma corrida, luta ou concurso de arco e flecha. Esse calendário primitivo, entretanto, sofreu modificações: em algumas regiões, o dia extra parece ter sido intercalado não no solstício de inverno, mas em algum outro Ano-novo — no dia do trimestre da Candelária,[g] quando surgiam os primeiros sinais da primavera; ou no equinócio de primavera, quando se considerava que o Sol estava atingindo a maturidade; ou no solstício de verão; ou na ascensão de Sírio,[h] quando o Nilo transbordava; ou ainda no equinócio de outono, ao cair das primeiras chuvas.

A mitologia grega, em seus primórdios, está interessada, sobretudo, nas relações inconstantes entre a rainha e seus amantes, que começam com seus sacrifícios anuais ou bianuais e terminam — na época em que a *Ilíada* era escrita e os reis se gabavam: "Nós somos muito melhores do que nossos pais!" — eclipsadas por uma irrestrita monarquia masculina. Diversos análogos africanos ilustram os estágios progressivos dessa mudança.

Grande parte do mito grego nada mais é do que história político-religiosa. Belerofonte domestica Pégaso e mata Quimera. Perseu, noutra versão da mesma lenda, atravessa o ar com suas sandálias aladas e decapita a mãe de Pégaso, a górgona Medusa, assim como Marduk, um herói babilônico, mata o monstro fêmeo Tiamat, deusa do mar. O nome de Perseu, na verdade, deveria ser pronunciado *Pterseus*, "o destruidor". Ele não foi, como propôs o professor Kerényi, uma figura arquetípica da Morte, mas provavelmente representava os patriarcais helenos que invadiram a Grécia e a Ásia Menor no início do segundo milênio a.C., desafiando o poder da deusa tripla. Pégaso havia sido consagrado a ela, porque o cavalo com cascos em forma de lua constava dos rituais para atrair chuvas e da investidura dos reis sagrados. Suas asas simbolizavam mais uma natureza celestial do que velocidade. Jane Harrison chamou a atenção (*Prolegomena to the Study of Greek Religion*,[i] capítulo V) para o fato de que a Medusa foi, no passado, a própria deusa, escondendo-se atrás de uma máscara gorgônea profilática: um rosto horrendo com a função de advertir os profanos de não violar seus Mistérios. Perseu decapitou a Medusa: ou seja, os helenos devastaram os principais templos da deusa, despojaram as sacerdotisas de suas máscaras gorgôneas e se apoderaram de seus cavalos sagrados — uma representação antiga da deusa com cabeça gorgônea e corpo de égua foi encontrada na Beócia. Belerofonte, a contraparte de Perseu, matou a Quimera lícia: ou seja, os helenos anularam o velho calendário medúsico, substituindo-o por outro.

O fato de Apolo ter matado Píton em Delfos, bem como sua tentativa de violar Dafne, que Hera logo depois transformou num loureiro, parecem querer registrar a captura do templo da deusa Terra cretense pelos aqueus. Esse mito tem sido citado por psicólogos freudianos por simbolizar o horror instintivo das meninas diante do ato sexual. Dafne, entretanto, podia ser tudo, exceto uma virgem assustada. Seu nome provém da contração de *Daphoene*, "a sanguinária", a deusa de ânimos orgíacos, cujas sacerdotisas, as mênades, mascavam folhas de louro — que contêm cianeto de potássio — como entorpecente e, no período da Lua cheia, saíam correndo para atacar viajantes incautos e dilacerar crianças e filhotes de animais. Esses grupos de mênades foram suprimidos pelos helenos e só restaram as plantações de louro para testemunhar o fato de que os templos

haviam sido antes ocupados por Dafne: mascar louros, prática permitida apenas às pitonisas que Apolo colocou a seu serviço em Delfos, tornou-se tabu na Grécia até a época romana.

As invasões helênicas do início do segundo milênio a.C., geralmente denominadas eólias e jônicas, parecem ter sido menos devastadoras que as acaicas e dóricas, posteriores a elas. Pequenos bandos de pastores armados, que veneravam a trindade divina ariana — Indra, Mitra e Varuna —, atravessaram a barreira natural dos montes Ótris e agregaram-se pacificamente aos assentamentos pré-helênicos na Tessália e na Grécia central. Foram aceitos como filhos da deusa local, fornecendo-lhe reis sagrados. Assim, uma aristocracia militar masculina harmonizou-se com a teocracia feminina não só na Grécia como em Creta, onde os helenos também chegaram, passando a exportar a civilização cretense para Atenas e todo o Peloponeso. A língua grega passou a ser falada finalmente por todo o Egeu, e, no tempo de Heródoto, apenas um oráculo falava um idioma pré-helênico (Heródoto: VIII. 134-5). O rei era ungido representante de Zeus, Poseidon ou Apolo e se autodenominava com um ou outro desses nomes, embora o próprio Zeus tenha sido, durante séculos, um mero semideus, e não uma divindade imortal do Olimpo. Todos os mitos antigos sobre deuses seduzindo ninfas referem-se, ao que parece, a casamentos entre chefes de tribo helenos e sacerdotisas lunares locais, severamente rejeitados por Hera, ou seja, por um sentimento religioso conservador.

Quando a brevidade do reinado do rei provara ser enfadonha, concordou-se em prolongar o ano de 13 meses para o Grande Ano de cem lunações, na última das quais ocorria uma quase coincidência entre o tempo solar e o lunar. Tendo em vista, porém, que os campos e as colheitas ainda precisavam ser frutificados, o rei concordou em passar anualmente por uma morte simulada, cedendo sua soberania por um dia — o dia intercalado, que ficava de fora do ano sagrado sideral — ao rei menino suplente, ou *interrex*, que morria no fim daquele dia e cujo sangue era utilizado para a cerimônia da aspersão. Agora, ou o rei sagrado reinava por todo o período do Grande Ano, tendo um *tanist* como seu substituto, ou ambos reinavam em anos alternados, ou a Rainha permitia que eles dividissem seu reino matriarcal em duas metades e reinassem simultaneamente. O rei atuava no lugar da Rainha em várias funções sacras, envergando suas vestes, portando seios falsos, apropriando-se de seu machado lunar como símbolo de poder, apossando-se inclusive de sua arte mágica de fazer chover. Sua morte ritual podia ocorrer em circunstâncias várias: ele podia ser despedaçado por mulheres furiosas, perfurado por um ferrão de arraia, cortado por um machado, ferido no calcanhar por uma flecha envenenada, atirado de um penhasco, queimado vivo numa pira, afogado num tanque ou morto num

acidente premeditado de charrete. De algum modo ele tinha de morrer. Uma nova fase foi alcançada quando os animais passaram a substituir os garotos no altar de sacrifícios e o rei recusou-se a morrer após o término de seu reinado prolongado. Dividindo o reino em três partes e concedendo uma parte a cada um de seus sucessores, ele reinaria por mais um mandato, com a desculpa de que uma aproximação mais precisa dos tempos solar e lunar havia sido descoberta, ou seja, 19 anos, ou 325 lunações. O Grande Ano tornara-se um Ano Maior.

Através dessas sucessivas fases refletidas em numerosos mitos, o rei sagrado continuou mantendo sua posição apenas pelo direito de casamento com a ninfa tribal, escolhida de acordo com o resultado de uma corrida da qual participavam suas companheiras da casa real, ou com base na ultimogenitura — ou seja, escolhendo-se a mais jovem filha núbil da descendência mais nova. O trono permanecia matrilinear, assim como ocorreu teoricamente até no Egito, e, portanto, o rei sagrado e seu *tanist* eram sempre escolhidos fora da casa real feminina, até que, finalmente, um rei ousado decidiu cometer incesto com a herdeira que ocupava a posição de filha, obtendo, assim, um direito renovado ao trono, quando seu mandato estava por expirar.

As invasões acaicas do décimo terceiro século a.C. enfraqueceram seriamente a tradição matrilinear. Ao que parece, o rei agora cogitava reinar por todo o tempo que vivesse. Lá pelo fim do segundo milênio, quando os dórios chegaram, a sucessão patrilinear já se tornara regra. O príncipe não abandonava mais a casa paterna para se casar com uma princesa estrangeira. Ela vinha até ele, assim como Odisseu (Ulisses) persuadira Penélope a fazer. A genealogia tornou-se patrilinear, embora, apesar de um incidente samiano mencionado em *Vida de Homero*, de autoria de um pseudo-Heródoto, demonstrar que, algum tempo depois, a Apatoria, ou Festival da Consanguinidade Masculina, substituíra o da Consanguinidade Feminina, os ritos ainda consistissem em sacrifícios à deusa-mãe, dos quais os homens eram proibidos de participar.

O sistema olímpico familiar foi então combinado nos termos de uma conciliação entre as visões helênica e pré-helênica: uma família divina com seis deuses e seis deusas, chefiada pelos cossoberanos Zeus e Hera, formando um Conselho de Deuses ao estilo babilônico. Mas, após uma rebelião da população pré-helênica, descrita na *Ilíada* como uma conspiração contra Zeus, Hera tornou-se subserviente a ele. Atena declarou-se “totalmente a favor do Pai” e, no fim, Dionísio garantiu a preponderância masculina no Conselho ao deslocar Héstia. Entretanto, as deusas, embora em minoria, jamais foram completamente expulsas — assim como ocorreu em Jerusalém —, porque os reverenciados poetas Homero e Hesíodo haviam “dado título às divindades e distinguido suas numerosas províncias e poderes especiais” (Heródoto: II. 53), ato que não

poderia ser facilmente revogado. Além disso, embora o sistema de reunir todas as mulheres de sangue real sob o controle do rei — desencorajando possíveis intrusos que almejassem o trono matrilinear — tenha sido adotado em Roma, por ocasião da fundação da Ordem das Vestais, e na Palestina, quando o rei Davi formou seu harém real, ele jamais chegou à Grécia. A descendência, a sucessão e a herança patrilineares desencorajaram outras criações míticas. Começa então a lenda histórica, que se desvanece na luz da história comum.

A vida de personagens como Hércules (Héracles), Dédalo, Tirésias e Fineu abarcam várias gerações, pois eles incorporam ícones, mais do que propriamente nomes de heróis específicos. Já os mitos, embora dificilmente conciliáveis com a cronologia, são sempre práticos: eles permanecem em algum ponto da tradição, embora o significado possa ter-se distorcido em virtude da narração. Tomemos, como exemplo, a confusa história do sonho de Éaco, em que formigas, caindo de um carvalho oracular, transformam-se em homens e colonizam a ilha de Egina depois de Hera a haver despovoado. Aqui, os principais pontos de interesse são: o carvalho ter nascido de uma bolota dodônia; as formigas serem provenientes da Tessália; e Éaco ser neto do rio Asopo. Todos esses elementos, combinados, relatam concisamente as imigrações para Egina no final do segundo milênio a.C.

Apesar de uma certa uniformidade no padrão dos mitos gregos, todas as interpretações detalhadas de determinadas lendas permanecem abertas a discussão até que os arqueólogos possam fornecer um cálculo mais exato e datado das migrações tribais na Grécia. Contudo, a abordagem histórica e antropológica continua sendo a única razoável; isso porque a teoria de que a Quimera, a Esfinge, a Medusa, os centauros, os sátiros e outros seres mitológicos são materializações cegas do inconsciente coletivo jungiano, às quais nenhum significado preciso jamais foi nem poderia ser atribuído, é demonstravelmente inverossímil. A Idade do Bronze e o início da Idade do Ferro na Grécia não constituíram a infância da humanidade, como sugere o dr. Jung. Que Zeus tenha engolido Métis, por exemplo, e depois dado à luz Atena através de um orifício em sua cabeça não é uma fantasia irreprimível, mas um dogma teológico engenhoso que incorpora ao menos três visões conflitantes:

(1) Atena era a filha partenogênica de Métis, ou seja, a figura mais jovem da tríade liderada por Métis, Deusa da Sabedoria.

(2) Zeus engoliu Métis, ou seja, os aqueus suprimiram seu culto e transferiram toda a sabedoria a Zeus como seu deus patriarcal.

(3) Atena era filha de Zeus, ou seja, os aqueus, veneradores de Zeus, pouparam os templos de Atena sob a condição de que seus devotos aceitassem sua soberania suprema.

A deglutição de Métis por parte de Zeus e seus consequentes desdobramentos devem ter sido representados graficamente nas paredes de templos. Foi desse modo que o erótico Dionísio — filho partenogênico de Sêmele — renasceu de sua coxa, e a intelectual Atena, de sua cabeça.

Se alguns mitos são desconcertantes à primeira vista, isso geralmente se deve ao mitógrafo que tenha acidental ou deliberadamente interpretado de maneira equivocada uma pintura sagrada ou um ritual dramático. Chamei tal processo de "iconotropia", e exemplos dele podem ser encontrados em qualquer texto da literatura sacra que ratifique uma reforma radical de antigas crenças. Nos mitos gregos abundam exemplos iconotrópicos. As mesas de três pernas da oficina de Hefesto, por exemplo, que corriam sozinhas para a assembleia dos deuses e depois voltavam (*Ilíada* XVIII, 368 *et seq.*), não são, como sugere maliciosamente o dr. Charles Seltman em sua obra *Twelve Olympian Gods*,[j] antecipações do automóvel, mas discos solares dourados com três pernas cada um (como o emblema da ilha de Man), representando aparentemente os anos de três estações, durante os quais um "filho de Hefesto" tinha permissão de reinar na ilha de Lemnos. Da mesma forma, o assim chamado "Julgamento de Páris", em que um herói é obrigado a decidir entre os encantos de três deusas rivais e dar sua maçã à mais formosa, registra uma antiga situação ritual, já ultrapassada na época de Homero e Hesíodo. Essas três deusas formam uma tríade divina: a virgem Atena, a ninfa Afrodite e a velha Hera — e Afrodite presenteia a maçã a Páris em vez de recebê-la dele. Essa maçã, que simboliza o amor dela comprado ao preço da vida dele, será o passaporte de Páris para os Campos Elísios, os pomares de macieiras do Ocidente, onde só as almas dos heróis são admitidas. Esse tipo de presente aparece frequentemente nos mitos irlandeses e galeses, assim como aquele dado pelas três Hespérides a Hércules, ou por Eva, "a Mãe de Todos os Viventes", a Adão. Do mesmo modo, Nêmesis, deusa do pomar sagrado que, nos mitos mais novos, tornou-se um símbolo da vingança divina aplicada a reis orgulhosos, segura um galho de macieira do qual pende uma maçã, seu presente aos heróis. Todos os paraísos da época neolítica e da Idade do Bronze eram ilhas-pomares. A própria palavra paraíso significa "pomar".

Uma verdadeira ciência do mito deveria se desenvolver com base em estudos de arqueologia, história e religião comparada, e não a partir do consultório do psicoterapeuta. Embora os jungianos considerem os mitos como "revelações originais da psique pré-consciente, manifestações involuntárias a respeito de acontecimentos psíquicos inconscientes", o conteúdo da mitologia grega não era mais misterioso do que as modernas caricaturas eleitorais, e era formulado, em sua maior parte, nos territórios que mantinham estreitas relações políticas com a Creta minoica — um país suficientemente sofisticado para ter

arquivos escritos, prédios de quatro andares com saneamento, portas com trancas de aparência moderna, marcas registradas, jogo de xadrez, um sistema centralizado de pesos e medidas e um calendário baseado em atenta observação astronômica.

Meu método foi reunir, numa narrativa harmônica, todos os elementos dispersos de cada mito, apoiando-me em versões pouco conhecidas que podem ajudar a determinar seu significado e a responder, da melhor maneira possível, em termos antropológicos ou históricos, a todas as questões que possam surgir. Estou plenamente consciente de que essa tarefa é ambiciosa demais para qualquer mitologista, não importa por quanto tempo ou com quanto afinco trabalhe. Erros sempre aparecem. Permito-me enfatizar que qualquer afirmação feita aqui, sobre a religião ou o ritual mediterrâneo antes do surgimento de registros escritos, é conjetural. Não obstante, fui encorajado, desde a primeira edição deste livro em 1955, pelos precisos análogos que E. Meyrowitz, em sua obra *Akan Cosmological Drama* (Faber & Faber), aplica às mudanças religiosas e sociais aqui presumidas. O povo *akan* é originário de uma antiga emigração para o sul de berberes líbios — primos da população pré-helênica da Grécia — vindos de oásis do deserto do Saara (vide 3. *3*) e de seus casamentos no Timbuctu com negros do rio Níger. No século XI da era cristã, eles se deslocaram mais para o sul, para onde hoje é Gana. Quatro tipos diferentes de culto sobrevivem entre eles. No mais primitivo, a Lua é venerada como a suprema deusa tripla Ngame, claramente idêntica à líbia Neith, à cartaginesa Tanit, à cananeia Anatha e à grega primitiva Atena (vide 8. *1*). Considera-se que Ngame tenha gerado os corpos celestes graças a seus próprios esforços (vide 1. *1*) e, depois, insuflado vida aos homens e aos animais, atirando flechas mágicas com seu arco de Lua nova na direção de seus corpos inertes. Diz-se que ela, por sua inclinação assassina, também pode tomar-lhes a vida, assim como sua contraparte, a deusa-Lua Ártemis (vide 22. *1*). Considera-se que uma princesa de linhagem real seja capaz, em tempos de instabilidade, de se entregar à magia lunar de Ngame, derrotar uma divindade tribal em seu próprio templo e liderar um grupo de emigrantes para uma outra região. Essa mulher vem a ser a rainha-mãe, a comandante militar, a juíza e a sacerdotisa do assentamento por ela fundado. Nesse meio-tempo, a divindade tem-se apresentado como um animal totêmico protegido por um estrito tabu, à parte da caça anual e do sacrifício de um só espécime. Isso esclarece a caça anual às corujas realizada pelos pelasgos em Atenas (vide 97. *4*). Formam-se então os Estados constituídos por federações tribais, e a mais poderosa divindade tribal passa a ser o deus-Estado.

O segundo tipo de culto marca a fusão do povo *akan* com os adoradores sudaneses do deus-pai Odomankoma, que alegava ter feito o universo com uma

só mão (vide 4. *c*). Eles eram, ao que parece, liderados por chefes masculinos eleitos e haviam adotado a semana suméria de sete dias. Como um mito conciliatório, Ngame surge agora para dar vida à criação inanimada de Odomankoma, e cada divindade tribal torna-se um dos sete poderes planetários. Esses poderes planetários — que, como suspeitei, ocorreram também na Grécia, na ocasião em que a veneração a Titã chegou do Oriente (vide 11. *3*) — formam pares de macho e fêmea. A rainha-mãe do Estado, como representante de Ngame, realiza um casamento sagrado anual com o representante de Odomankoma: na verdade, seu amante eleito que, no fim do ano, é assassinado e esfolado pelos sacerdotes. A mesma prática parece ter existido entre os gregos (vide 9. *a* e 21. *5*).

No terceiro tipo de culto, o amante da rainha-mãe torna-se rei e é venerado como o aspecto masculino da Lua, correspondendo ao deus fenício Baal Haman. Um menino morre em seu lugar, todo ano, como um rei simulado (vide 30. *1*). A rainha-mãe delega agora os principais poderes executivos a um vizir, concentrando-se em seu ritual de funções fertilizadoras.

No quarto tipo de culto, o rei, após obter o respeito de vários reis menores, abole seu aspecto de deus-Lua e se autoproclama rei-Sol no estilo egípcio (vide 67. *1* e *2*). Apesar de continuar celebrando o casamento sagrado anual, ele se liberta unilateralmente da dependência da Lua. Nessa fase, o casamento patrilocal suplanta o matrilocal, ao passo que as tribos são providas de heroicos ancestrais masculinos para efeitos de adoração, assim como ocorreu na Grécia — embora, lá, a adoração ao Sol jamais tenha substituído a veneração ao deus-trovão.

Entre os *akans*, cada mudança no ritual da corte é marcada por um acréscimo no mito aceito, ligando-o aos acontecimentos do Céu. Portanto, se o rei designasse um servidor da corte e dignificasse seu cargo casando-o com uma princesa, anunciar-se-ia que um servidor divino no Céu teria feito o mesmo. É provável que o casamento de Hércules com a deusa Hebe e sua nomeação como servidor de Zeus (vide 145. *i* e *j*) tenha refletido um evento semelhante na corte micênica, e que os festins divinos no Olimpo tenham refletido celebrações semelhantes em Olímpia, sob a copresidência do alto rei de Micenas representando Zeus e da sacerdotisa-chefe de Argos representando Hera.

Sou profundamente grato a Janet Seymour-Smith e a Kenneth Gay por terem-me ajudado a dar forma a este livro; a Peter e Lalage Green, pela revisão dos primeiros capítulos; a Frank Seymour-Smith, por ter-me enviado de Londres textos raros em latim e grego; e aos numerosos amigos que me ajudaram a aprimorar a primeira edição.

R. G.
Deyá, Maiorca, Espanha.

A ESTRUTURA DO LIVRO

Cada mito é inicialmente contado em forma de narrativa, e os parágrafos são identificados por letras em itálico (*a*, *b*, *c*…). Segue-se um comentário explicativo, dividido em parágrafos identificados por números em itálico (*1*, *2*, *3*…). Depois, uma lista de fontes, numeradas de acordo com as referências no texto. Referências de uma seção explicativa para outra são feitas através do número do mito e do número do parágrafo, de maneira que, por exemplo: (43. *4*) leva o leitor ao parágrafo *4* da terceira seção (explicativa) do mito 43.

NOTAS

[a] O autor se exprime de acordo com a costumeira perspectiva “insular” inglesa, que considera “continente” a Europa que está do outro lado do canal da Mancha. (N.T.)

[b] Na Irlanda, o herdeiro de um príncipe. (N.T.)

[c] “Meses do direito consuetudinário”. (N.T.)

[d] Celebração europeia pré-cristã, encontrada em diversas culturas, cujo elemento comum é festejar a primavera ou a chegada do verão. (N.T.)

[e] Quantos meses felizes há no ano? / Há treze, eu diria… (N.T.)

[f] Não há mais que 12, eu diria… (N.T.)

[g] Dia do calendário europeu pré-cristão em que se celebra o início da primavera (1º ou 2 de fevereiro), situado a meio caminho entre o solstício de inverno e o equinócio de primavera. (N.T.)

[h] Estrela da constelação do Cão Maior, conhecida popularmente como Canícula, que aparece no céu em tempo de grande calor. (N.T.)

[i] *Introdução ao estudo da religião grega.* (N.T.)

[j] *Doze deuses olímpicos.* (N.T.)

[1] Vide 4; 69; 83; 84; 87; 89; 99; 106; 136; 161; 162-165; 170.

1

O MITO DE CRIAÇÃO PELASGO

No início, Eurínome, a Deusa de Todas as Coisas, ergueu-se nua do Caos, mas, não encontrando nenhum lugar firme onde pudesse descansar os pés, separou o mar do céu, dançando sozinha sobre as ondas. Dançou em direção ao sul, e atrás dela correu um vento novo e incomum, que lhe pareceu apropriado para o início de um trabalho de criação. Girando, ela se apoderou desse vento norte, esfregou-o entre as mãos e vejam só: a grande serpente Ofíon! Eurínome dançava para se esquentar, cada vez mais frenética, até que Ofíon, excitada, enrolou-se naqueles membros divinos com a intenção de copular com ela. A partir de então, o Vento Norte, também chamado Bóreas, fertiliza. Por isso as éguas frequentemente voltam as ancas para o vento e ficam prenhes sem a ajuda do garanhão.[1] Da mesma maneira, Eurínome engravidou.

b. Em seguida, ela assumiu a forma de uma pomba e pôs o Ovo Universal, chocando-o por cima das ondas durante algum tempo. Ao seu comando, Ofíon enrolou-se sete vezes em torno desse ovo, completando a incubação, até ele se partir em dois. Para fora arremessaram-se todas as coisas que existem, seus filhos: o Sol, a Lua, os planetas, as estrelas, a Terra com suas montanhas e rios, suas árvores e plantas e todas as criaturas vivas.

c. Eurínome e Ofíon fizeram do topo do monte Olimpo seu lar, onde a serpente enfureceu a deusa ao reivindicar para si a autoria do Universo. Imediatamente, Eurínome esmagou-lhe a cabeça com o calcanhar, arrancou seus dentes e baniu-a para as cavernas escuras sob a Terra.[2]

d. Em seguida, a deusa criou sete poderes planetários, designando uma titânide e um titã para cada um deles: Teia e Hipérion para o Sol; Febe e Atlas para a Lua; Dione e Créos para o planeta Marte; Métis e Ceo para o planeta Mercúrio; Têmis e Eurimedonte para o planeta Júpiter; Tétis e Oceano para

Vênus; Reia e Cronos para o planeta Saturno.[3] Mas o primeiro homem foi Pelasgo, ancestral dos pelasgos. Ele emergiu do solo da Arcádia, seguido por alguns outros, a quem ensinou a construir cabanas, alimentar-se de frutos do carvalho e coser túnicas de couro de porco, como as usadas ainda hoje pelos mais pobres na Eubeia e na Fócida.[4]

1. Nesse sistema religioso arcaico não havia, até agora, deuses nem sacerdotes, mas apenas uma deusa universal e suas sacerdotisas, a mulher sendo o sexo dominante, e o homem, sua vítima assustada. A paternidade não era honrada, e a concepção era atribuída ao vento, à ingestão de feijão ou, acidentalmente, de um inseto. A herança era matrilinear, e as cobras eram consideradas encarnações dos mortos. A deusa, como a Lua visível, tinha o título de Eurínome ("vasta perambulação"). Seu nome sumério era Iahu ("pomba exaltada"), título transferido mais tarde a Jeová, como o Criador. Foi uma pomba o animal que Marduk simbolicamente cortou em dois pedaços no Festival da Primavera Babilônica, ao inaugurar a nova ordem mundial.

2. Ofíon, ou Bóreas, é a serpente-demiurgo do mito hebraico e egípcio — na arte mediterrânea primitiva, a deusa aparece constantemente em sua companhia. Os pelasgos nascidos da terra, que parecem alegar terem surgido dos dentes de Ofíon, talvez tenham sido, originalmente, o povo neolítico das "Mercadorias Pintadas". Partindo da Palestina, eles chegaram à Grécia continental por volta de 3500 a.C. Setecentos anos mais tarde, os primeiros helênicos — imigrantes da Ásia Menor vindos das Cíclades — encontraram-nos ocupando o Peloponeso. Mas o termo "pelasgo" tornou-se aplicável livremente a todos os habitantes pré-helênicos da Grécia. Nesse sentido, Eurípides (citado por Estrabão V. 2. 4) registra que os pelasgos adotaram o nome "dânaos" por ocasião da chegada de Dânao e suas cinquenta filhas a Argos (vide 60. *f*). Severas críticas à sua conduta licenciosa (Heródoto: VI. 137) referem-se provavelmente ao costume pré-helênico de orgias eróticas. Estrabão diz, na mesma passagem, que aqueles que viviam perto de Atenas eram conhecidos como *pelargi* ("cegonhas"). Talvez este fosse o pássaro totêmico dos pelasgos.

3. Os titãs ("senhores") e as titânides tiveram suas contrapartes nas astrologias primitivas da Babilônia e da Palestina, onde constituíram divindades que governavam os sete dias da semana sagrada planetária. Talvez tenham sido introduzidos pela colônia cananeia, ou hitita, estabelecida no istmo de Corinto

no início do segundo milênio a.C. (vide 67. *2*), ou até mesmo pelos primeiros helênicos. Mas, assim que o culto aos titãs foi abolido na Grécia e a semana de sete dias deixou de figurar no calendário oficial, seu número foi citado por alguns autores como sendo 12, provavelmente para fazê-los corresponder aos signos do Zodíaco. Hesíodo, Apolodoro, Estêvão de Bizâncio, Pausânias e outros autores oferecem listas inconsistentes de seus nomes. No mito babilônico, os governadores planetários da semana — Samas, Sin, Nergal, Bel, Beltis e Ninib — eram todos masculinos, exceto Beltis, a deusa do amor. Mas na semana germânica, que os celtas tomaram emprestada do Mediterrâneo oriental, o domingo, a terça-feira e a sexta-feira eram governados por titânides, e não por titãs. A julgar pelo estatuto divino das filhas e filhos emparelhados de Éolo (vide 43. *4*) e pelo mito de Níobe (vide 77. *1*), quando o sistema chegou da Palestina à Grécia pré-helênica, decidiu-se por emparelhar uma titânide a cada um dos titãs, de maneira a salvaguardar os interesses da deusa. Mas, muito antes, os 14 eram reduzidos a uma companhia mista de sete. Os poderes planetários eram os seguintes: o Sol para iluminação; a Lua para encantamento; Marte para crescimento; Mercúrio para sabedoria; Júpiter para justiça; Vênus para amor; Saturno para paz. Os astrólogos clássicos gregos ajustaram-se aos babilônios, atribuindo respectivamente os planetas a Hélio, Selene, Ares, Hermes (ou Apolo), Zeus, Afrodite, Cronos — cujos equivalentes latinos supramencionados ainda nomeiam os dias das semanas francesa, italiana e espanhola.[a]

4. No fim, miticamente falando, Zeus engoliu os titãs, inclusive uma representação primitiva de si mesmo — visto que os judeus de Jerusalém veneravam um Deus transcendente, composto por todos os poderes planetários da semana: teoria simbolizada pelo candelabro de sete braços[b] e pelos Sete Pilares da Sabedoria. Os sete pilares planetários instalados próximos à Tumba do Cavalo, em Esparta, eram, segundo Pausânias (II. 20. 9), decorados à moda antiga, ligados possivelmente aos ritos egípcios trazidos pelos pelasgos (Heródoto: II. 57). Não se sabe ao certo se os judeus tomaram essa teoria emprestada aos egípcios, ou vice-versa. Entretanto, o assim chamado Zeus Heliopolitano, analisado por A. B. Cook em sua obra *Zeus* (I. 570-576), tinha um caráter egípcio e ostentava bustos dos sete poderes planetários como ornamentos frontais de sua vestimenta e, com frequência, também bustos dos deuses olímpicos remanescentes como ornamentos na parte de trás. Uma estatueta de bronze desse deus foi encontrada em Tortosa, na Espanha, e outra em Biblos, na Fenícia. Uma estela de mármore de Marselha exibe seis bustos planetários e uma figura completa de Hermes — revestido da maior importância nas estatuetas — presumivelmente como inventor da astronomia. Em Roma, Quintis Valerius Soranus alegava, de modo semelhante, que Júpiter era um deus transcendente,

embora lá a semana não fosse respeitada como em Marselha, Biblos e (provavelmente) em Tortosa. Mas os poderes planetários foram limitados a jamais influenciar o culto olímpico oficial, pois eram vistos como não gregos (Heródoto: I. 131) e, portanto, não patrióticos: Aristófanes (*Paz* 403 *et seq.*) faz Trygalus dizer que a Lua e "aquele velho patife, o Sol" estão tramando um complô para trair a Grécia e fazê-la cair nas mãos dos bárbaros persas.

5. A afirmação de Pausânias de que os pelasgos foram os primeiros homens registra a continuidade de uma cultura neolítica na Arcádia até a época clássica.

NOTAS

[a] E também romena. (N.T.)

[b] Menorá. (N.T.)

1 Plínio: *História natural* IV. 35 e VIII. 67; Homero: *Ilíada* XX, 223.

2 Apenas fragmentos torturantes deste mito pré-helênico sobrevivem na literatura grega, o maior deles sendo *Argonáutica* I. 496-505, de Apolônio de Rodes, e *Sobre Licofrone* 1.191, de Tzetzes; mas ele se encontra implícito nos Mistérios Órficos, podendo ser restaurado, como acima, a partir do *Fragmento berossiano* e das cosmogonias fenícias citadas por Philo Byblius e Damascius; a partir de elementos cananeus na história hebraica da Criação; a partir de Higino (*Fábula* 197 — vide 62. *a*); a partir da lenda beócia dos dentes do dragão (vide 58. *5*); e a partir da arte ritual primitiva. A ideia de que todos os pelasgos tenham nascido de Ofíon é sugerida pelo seu sacrifício comum, a Pelória (Ateneu: XIV. 45. 639-40), Ofíon tendo sido um *Pelor*, ou seja, uma "serpente prodigiosa".

3 Homero: *Ilíada* V. 898; Apolônio de Rodes: II. 1.232; Apolodoro: I. 1. 3; Hesíodo: *Teogonia* 113; Estêvão de Bizâncio *sub* Adana; Aristófanes: *Pássaros* 692 *et seq.*; Clemente de Roma: *Homilias* VI. 4. 72; Proclo sobre *Timeu* de Platão II. p. 307.

4 Pausânias: VIII. 1. 2.

2

OS MITOS DE CRIAÇÃO HOMÉRICO E ÓRFICO

Conta-se que todos os deuses e todas as criaturas vivas originaram-se da torrente com que Oceano cerca o mundo, e que Tétis foi a mãe de todos os filhos dele.[1]

b. Mas os órficos dizem que a Noite, deusa de asas negras que até mesmo Zeus reverencia,[2] foi cortejada pelo Vento e pôs um ovo prateado no ventre da Escuridão; e que Eros (Cupido), também chamado Fanes, foi chocado nesse ovo e colocou o Universo em movimento. Eros tinha dois sexos e asas douradas e, por ter quatro cabeças, ora rugia como um touro ou um leão, ora silvava como uma serpente ou balia como um carneiro. A Noite, que o chamava de Ericepaius e Faetonte Protogênico,[3] vivia com ele numa caverna, exibindo-se numa tríade: Noite, Ordem e Justiça. Diante dessa caverna ficava a inescapável mãe Reia (Cibele, entre os romanos), tocando um tambor de latão para chamar a atenção do homem aos oráculos da deusa. Fanes criou a terra, o céu, o Sol e a Lua, mas a deusa tripla governou o universo até seu cetro ser transferido para Urano.[4]

1. O mito de Homero é uma versão da história da criação pelasga (vide 1. *2*), pois Tétis governou o mar como Eurínome, e Oceano cercou o Universo como Ofíon.

2. O mito órfico constitui outra versão, influenciada, porém, por uma doutrina mística tardia do amor (Eros) e por teorias sobre relações adequadas dos sexos. O ovo prateado da Noite significa a Lua, a prata sendo o metal lunar.

Assim como Ericepaius (“comedor de urze”), o deus do amor Fanes (“revelador”) é uma abelha celestial com um forte zunido, filho da Grande Deusa (vide 18. *4*). A colmeia foi estudada como uma república ideal e confirmou o mito da Era de Ouro, quando o mel pingava das árvores (vide 5. *b*). O tambor de latão de Reia era tocado para evitar que as abelhas se enxameassem no lugar errado e para repelir influências malignas, como os rugidos de touros usados durante os Mistérios. Assim como Faetonte Protogênico (“primogênito brilhante”), Fanes é o Sol que os órficos transformaram em símbolo de iluminação (vide 28. *d*), e suas quatro cabeças correspondem aos animais simbólicos das quatro estações. Conforme Macrobius, o oráculo de Cólofon identificou esse Fanes com o deus transcendente Iao: Zeus (carneiro), Primavera; Hélio (leão), Verão; Hades (cobra), Inverno; Dionísio (touro), Ano-novo.

O cetro da Noite passou para Urano por ocasião do advento do patriarcado.

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* XVI. 201.

[2] Ibid.: XIV. 261.

[3] *Fragmentos órficos* 60, 61 e 70.

[4] *Ibid*.: 86.

3

O MITO DE CRIAÇÃO OLÍMPICO

No início de todas as coisas, a Mãe Terra (Gaia) emergiu do Caos e pariu seu filho Urano (Céu) enquanto dormia. Fitando-a com carinho a partir das montanhas, ele fez cair uma chuva fértil sobre suas fendas secretas, e ela pariu grama, flores e árvores, com todos os animais e pássaros característicos. Essa mesma chuva fez os rios fluírem, preenchendo os lugares côncavos com água, formando, assim, os lagos e mares.

b. Seus primeiros filhos de forma semi-humana foram os hecatônquiros[a] Briareu, Giges e Coto. Em seguida surgiram os três violentos ciclopes, ferreiros e construtores das muralhas gigantes, primeiro da Trácia, depois de Creta e da Lícia,[1] cujos filhos foram encontrados por Odisseu (Ulisses, entre os romanos) na Sicília.[2] Seus nomes eram Brontes, Estérope e Argés, e seus fantasmas passaram a morar nas cavernas do vulcão Etna desde que Apolo os matou, vingando-se da morte de Asclépio (Esculápio, entre os romanos).

c. Os líbios, entretanto, alegam que Garamas nasceu antes dos Hecatônquiros e que, ao subir a colina, concedeu à Mãe Terra uma oferenda de bolota doce.[3]

1. Esse mito patriarcal de Urano obteve aceitação oficial durante o sistema religioso olímpico. Urano, cujo nome veio a significar “o céu”, parece ter ganhado a posição de Primeiro Pai ao ser associado ao deus pastoral Varuna, um dos componentes da trindade ariana masculina, mas seu nome grego é uma

forma masculina de *Urana* (“rainha das montanhas”, “rainha do verão”, “rainha dos ventos” ou “rainha dos bois selvagens”) — a deusa em seu aspecto orgíaco típico do solstício de verão. O casamento de Urano com a Mãe Terra registra uma antiga invasão helênica ao norte da Grécia, que permitiu ao povo de Varuna alegar que Urano havia gerado as tribos nativas lá encontradas, mesmo sendo reconhecidamente filho da Mãe Terra. Uma retificação do mito, registrada por Apolodoro, reza que a Terra e o Céu se separaram numa briga mortal e depois se reconciliaram, apaixonados: isso é mencionado por Eurípides (*Melanipa, a Sábia*, fragmento 484, ed. Nauck) e por Apolônio de Rodes (*Argonáutica* I. 494). A briga mortal deve se referir ao choque entre os princípios patriarcal e matriarcal que as invasões helênicas causaram. Giges (“nascido da terra”) tem uma outra forma, *gigas* (“gigante”), e os gigantes estão associados miticamente às montanhas da Grécia setentrional. Briareu (“forte”) também era chamado de Egéon (*Ilíada* I. 403), portanto seu povo talvez sejam os líbio-trácios, cuja deusa-cabra Egis (vide 8. *1*) deu nome ao mar Egeu. Coto foi o ancestral epônimo (que dá nome) dos cotianos, veneradores da orgiástica Cotito que propagaram seu culto desde a Trácia até o noroeste da Europa. Essas tribos são descritas como sendo “de cem mãos”, talvez porque suas sacerdotisas fossem organizadas em grupos de cinquenta, como as danaides e as nereidas, ou porque os homens fossem organizados em bandos militares de cem, como os primeiros romanos.

2. Os ciclopes parecem ter sido uma corporação dos primeiros artífices heládicos que trabalhavam o bronze. *Ciclope* significa “com olho de anel”, e eles eram provavelmente tatuados com anéis concêntricos na testa, em homenagem ao Sol, fonte de seu fogo de fornalha. Os trácios continuaram se tatuando até a época clássica (vide 28. *2*). Círculos concêntricos fazem parte do mistério do ofício de ferreiro: a fim de fabricar tigelas, elmos ou máscaras rituais, o ferreiro costumava guiar-se por esses círculos, marcados pelo compasso ao redor do centro do disco chato sobre o qual trabalhava. Os ciclopes tinham um só olho também no sentido de que os ferreiros geralmente cobrem um olho com uma venda para resguardá-lo das faíscas. Mais tarde, a identidade deles foi esquecida e a imaginação dos mitógrafos colocou seus fantasmas nas cavernas do Etna, a fim de explicar o fogo e a fumaça provenientes de sua cratera (vide 35. *1*). Existiu uma conexão cultural estreita entre Trácia, Creta e Lícia; os ciclopes eram muito familiares em todos esses países. A cultura heládica primitiva propagou-se também pela Sicília, mas é bem possível (Samuel Butler foi o primeiro a sugerir) que a composição siciliana da *Odisseia* explique a presença dos ciclopes lá (vide 170. *b*). Os nomes Brontes, Estérope e Argés (“trovão”, “raio” e “relâmpago”) são invenções tardias.

3. Garamas é o ancestral epônimo dos garamantes líbios, que ocuparam o Oásis de Djado, ao sul de Fezzan, tendo sido conquistados pelo general romano Balbo em 19 a.C. Diz-se que são de linhagem camito-berbere e que, no segundo século da era cristã, foram subjugados pelos berberes matrilineares lemta. Mais tarde, misturaram-se aos aborígines negros da margem meridional do Alto Níger, adotando sua linguagem. Sobrevivem ainda hoje num único vilarejo chamado Koromantse. *Garamante* deriva das palavras *gara*, *man* e *te*, significando "povo do Estado de Gara". Gara parece ser a deusa Ker, Q're ou Car (vide 82. *6* e 86. *2*), que deu seu nome aos cariates, entre outros, e ficou associada à apicultura. Bolotas comestíveis, principal alimento do mundo antigo antes da introdução do trigo, cresciam na Líbia. O assentamento garamante de Ammon uniu-se ao assentamento grego setentrional de Dodona numa liga religiosa que, de acordo com *Sir* Flinders Petrie, pode ter surgido já no terceiro milênio a.C. Ambos os lugares detinham um antigo oráculo de carvalho (vide 51. *a*). Heródoto descreve os garamantes como um povo pacífico, mas muito poderoso, que se dedica ao cultivo de tamareira e trigo e ao pastoreio de gado (IV. 174 e 183).

NOTAS

[a] Criaturas gigantes com cinquenta cabeças e cem braços que presidiam os terremotos. (N.T.)

[1] Apolodoro: I. 1-2; Eurípides: *Chrysippus*, citado por Sextus Empiricus, p. 751; Lucrécio: I. 250 e II. 991 *et seq.*

[2] Homero: *Odisseia* IX. 106-566; Apolodoro: III. 10. 4.

[3] Apolônio de Rodes: IV. 1.493 *et seq.*; Píndaro: *Fragmento* 84, ed. Bergk.

4

DOIS MITOS DE CRIAÇÃO FILOSÓFICOS

Reza a lenda que primeiro foi a Escuridão, e da Escuridão surgiu o Caos. Da união entre a Escuridão e o Caos surgiram a Noite, o Dia, Érebo e o Ar.

Da união entre a Noite e Érebo surgiram o Destino, a Velhice, a Morte, o Assassinato, a Moderação, o Sono, os Sonhos, a Discórdia, a Miséria, a Aflição, Nêmesis, a Alegria, a Amizade, a Misericórdia, as três Parcas e as três Hespérides.

Da união entre o Ar e o Dia surgiram a Mãe Terra, o Céu e o Mar.

Da união entre o Ar e a Mãe Terra surgiram o Terror, o Ofício, a Raiva, a Luta, as Mentiras, os Juramentos, a Vingança, a Intemperança, a Altercação, o Pacto, o Esquecimento, o Medo, o Orgulho, a Batalha e também Oceano, Métis e outros titãs, o Tártaro e as três Erínias, ou Fúrias.

Da união entre a Terra e o Tártaro surgiram os gigantes.

b. Da união entre o Mar e seus Rios surgiram as nereidas. Mas, até então, não havia mortais, de maneira que, com o consentimento da deusa Atena, Prometeu, filho de Iápeto, formou-os à semelhança dos deuses. Utilizou-se de barro e água de Panopeus na Fócida, e Atena insuflou vida neles.[1]

c. Contam ainda que o Deus de Todas as Coisas — não importa quem tenha sido, alguns o chamam de Natureza — surgiu subitamente no meio do Caos e separou a terra dos céus, a água da terra e o ar de cima do ar de baixo. Após desenredar os elementos, colocou-os na devida ordem, assim como podem ser encontrados agora. Ele dividiu a terra em zonas, algumas muito quentes, outras muito frias, outras temperadas, modelou-a em planícies e montanhas e a revestiu de plantas rasteiras e árvores. Acima dela, fixou o firmamento giratório enfeitado de estrelas e estabeleceu estações para os quatro ventos. Povoou as águas com peixes, a terra com animais e o céu com o Sol, a Lua e os cinco

planetas. Finalmente, fez o homem — único entre os animais que ergue o rosto para o céu e observa o Sol, a Lua e as estrelas —, a não ser que seja de fato verdade que Prometeu, filho de Iápeto, tenha feito o corpo do homem com base em água e barro, e que sua alma tenha sido fornecida por certos elementos divinos errantes, sobreviventes da Primeira Criação.[2]

1. Na *Teogonia* de Hesíodo — em que se baseia o primeiro destes mitos filosóficos —, a lista de abstrações é confundida pelas nereidas, pelos titãs e pelos gigantes, os quais ele se sente na obrigação de incluir. Tanto as três Parcas quanto as três Hespérides constituem a deusa-Lua tripla em seu aspecto de morte.

2. Quanto ao segundo mito, encontrado apenas em Ovídio, os gregos tardios tomaram-no emprestado da epopeia babilônica de Gilgamesh, cuja introdução registra a criação particular da deusa Aruru do primeiro homem, Eabini, a partir de um pedaço de argila. Mas, embora Zeus houvesse sido o Senhor Universal por vários séculos, os mitógrafos viram-se forçados a admitir que o Criador de todas as coisas pode bem ter sido uma Criadora. Os judeus, como herdeiros do mito "pelasgo" ou cananeu, sentiram o mesmo embaraço. No relato do *Gênesis*, um "Espírito do Senhor" fêmeo move-se por cima das águas, embora não ponha o ovo do mundo; e Eva, "a Mãe de Todos os Viventes", recebe a ordem de esmagar a cabeça da Serpente, embora esta não se veja obrigada a descer até as Profundezas do fim do mundo.

3. De maneira semelhante, na versão talmúdica da Criação, o arcanjo Miguel — a contraparte de Prometeu — forma Adão a partir do pó atendendo às ordens não da Mãe de Todos os Viventes, mas de Jeová. Jeová então insufla vida nele e o dá a Eva, que, como Pandora, traz prejuízos à humanidade (vide 39. *j*).

4. Os filósofos gregos diferenciaram o homem prometeico da imperfeita criação nascida da terra, parcialmente destruída por Zeus e cujo resto foi levado pela água durante o dilúvio de Deucalião (vide 38. *c*). Uma diferenciação muito semelhante pode ser encontrada no *Gênesis* VI. 2-4 entre os "filhos de Deus" e as "filhas dos homens" com quem eles se casavam.

5. As tábuas de Gilgamesh são tardias e equívocas. Lá acredita-se que a "Brilhante Mãe do Vazio" tenha formado tudo — "Aruru" é apenas um dos numerosos títulos dessa deusa —, e o tema principal é a revolta contra a ordem matriarcal, descrita como uma confusão absoluta provocada pelos deuses da

nova ordem patriarcal. Marduk, o deus-cidade babilônico, finalmente derrota a deusa na pessoa de Tiamat, a Serpente do Mar. E, então, anuncia-se descaradamente que ele, e ninguém mais, criara as plantas, as terras, os rios, os animais, os pássaros e a humanidade. Esse Marduk foi uma divindade menor que subitamente ascendeu, cuja alegação de ter derrotado Tiamat e criado o mundo havia sido feita antes pelo deus Bel — uma forma masculina de Belili, a deusa-mãe suméria. A transição do matriarcado para o patriarcado parece ter ocorrido na Mesopotâmia, assim como em outros lugares, devido à revolta do consorte da Rainha, a quem ela havia outorgado o poder executivo, permitindo-lhe usar seu nome, suas vestes e seus instrumentos sagrados (vide 136. *4*).

NOTAS

[1] Hesíodo: *Teogonia* 211-232; Higino: *Fábulas*, *Proêmio*; Apolodoro: I. 7. 1; Luciano: *Prometeu no Cáucaso* 13; Pausânias: X. 4. 3.

[2] Ovídio: *As metamorfoses* I-II.

5

AS CINCO IDADES DO HOMEM

Há quem negue que Prometeu tenha criado os homens, ou que qualquer homem tenha surgido dos dentes de uma serpente. Dizem que a Terra os gerou espontaneamente, como o melhor de seus frutos, especialmente no solo da Ática,[1] e que Alalcomeneus foi o primeiro homem a surgir na Beócia, às margens do lago Copais, antes mesmo da existência da Lua. Ele detinha as funções de conselheiro de Zeus na ocasião de sua briga com Hera, e de tutor de Atena na época em que ela era ainda uma menina.[2]

b. Esses homens constituíam a chamada raça dourada, súditos de Cronos que viviam sem trabalhar nem se preocupar, alimentando-se somente de frutos do carvalho, frutas silvestres e do mel que pingava das árvores, bebendo leite de ovelha e de cabra, jamais envelhecendo, dançando e regozijando-se. A morte, para eles, não era mais terrível que o sono. Todos já se foram, mas os espíritos deles sobrevivem como gênios do feliz refúgio musical, doadores de boa sorte e protetores da justiça.

c. Em seguida, surgiu uma raça prateada de comedores de pão, igualmente criada de maneira divina. Os homens eram totalmente submetidos à autoridade materna, embora pudessem viver cem anos. Eram rudes e belicosos, jamais faziam sacrifícios aos deuses, mas pelo menos não guerreavam entre si. Zeus os destruiu a todos.

d. Em seguida, surgiu uma raça de bronze, cujos membros caíram dos freixos como frutos, e portavam armas desse mesmo material. Comiam carne e pão e se deliciavam nas guerras. Eram homens insolentes e impiedosos. A peste negra ceifou todos eles.

e. A quarta raça humana era igualmente de bronze, porém mais nobre e mais generosa, tendo sido gerada por deuses que amaram mulheres mortais. Eles

lutaram gloriosamente no cerco de Tebas, na expedição dos argonautas e na Guerra de Troia. Tornaram-se heróis e habitam os Campos Elísios.

f. A quinta raça é a atual raça de ferro, descendentes indignos da quarta. Eles são degenerados, cruéis, injustos, maliciosos, libidinosos, desonrosos com os pais e traiçoeiros.[3]

1. Embora o mito da Idade do Ouro derive consequentemente de uma tradição de subserviência tribal à deusa-abelha, a selvageria de seu reinado na era pré-agrícola já havia sido esquecida à época de Hesíodo e tudo o que restou foi uma convicção idealista de que, no passado, os homens eram unidos e viviam em harmonia, como as abelhas (vide 2. *2*). Hesíodo era um pequeno agricultor. A vida dura que levava tornou-o melancólico e pessimista. O mito da raça de prata também registra condições matriarcais — tais como as que ainda sobreviviam na era clássica entre os pictos, os moésios do mar Negro (vide 151. *e*) e algumas tribos nas ilhas Baleares, na Galícia e no golfo de Sirte —, nas quais os homens ainda representavam o sexo desprezado, embora a agricultura já houvesse sido introduzida e as guerras fossem raras. Prata é o metal da deusa-Lua. A terceira raça era constituída pelos primeiros invasores helênicos: pastores da Idade do Bronze, que adotaram o culto do freixo da deusa e de seu filho Poseidon (vide 6. *4* e 57. *1*). A quarta raça era formada pelos reis guerreiros da Era Micênica. A quinta, constituída pelos dórios do século XII a.C., que utilizavam armas de ferro e destruíram a civilização micênica.

Alalcomeneus (“guardião”) é um personagem fictício, uma forma masculina de Alalcomeneïs, título de Atena (*Ilíada* IV. 8) como guardiã da Beócia. Ele serve ao dogma patriarcal, segundo o qual nenhuma mulher, nem mesmo uma deusa, pode ser sábia sem a instrução masculina, e que a deusa-Lua e a própria Lua foram criações tardias de Zeus.

NOTAS

[1] Platão: *Menexenus* 6-7.

[2] Hipólito: *Refutação de todas as heresias* V. 6. 3; Eusébio: *Preparação para o Evangelho* III. 1. 3.

[3] Hesíodo: *Os trabalhos e os dias* 109-201, com comentários.

CRONOS,
cerca de 1696
Chemnitz, Alemanha

6

A CASTRAÇÃO DE URANO

Urano gerou os titãs com a Mãe Terra depois de haver atirado seus filhos rebeldes, os ciclopes, ao Tártaro, um lugar sombrio no mundo subterrâneo, que fica tão distante da Terra quanto a Terra do céu. Uma bigorna levaria nove dias caindo até atingir o seu fundo. Por vingança, a Mãe Terra persuadiu os titãs a atacar o pai, e foi o que fizeram, liderados por Cronos (Saturno), o caçula dentre os sete, que ela armou com uma foice de pedra. Eles surpreenderam Urano durante o sono, e foi com a foice de pedra que o implacável Cronos o castrou, apanhando seus testículos com a mão esquerda (que tem sido desde então a mão de mau agouro) e os atirando depois, junto com a foice, ao mar, perto do cabo Drépano. Gotas de sangue, porém, escorreram do ferimento e caíram sobre a Mãe Terra, de maneira que ela deu à luz as três Erínias — Fúrias que punem crimes de parricídio e perjúrio — de nome Alecto, Tisífone e Megera. As ninfas dos freixos chamadas melíades também surgiram do sangue de Urano.

b. Os titãs, então, libertaram os ciclopes do Tártaro e outorgaram a soberania da Terra a Cronos.

Entretanto, pouco tempo depois de assumir o comando supremo, Cronos confinou de novo os ciclopes no Tártaro junto com os Hecatônquiros e, tomando sua irmã Reia (Cibele, entre os romanos) como esposa, governou a Élida.[1]

1. Hesíodo, que registra esse mito, era um cadmiano. Os cadmianos tinham vindo da Ásia Menor (vide 59. *5*), provavelmente por ocasião do colapso do

Império Hitita, trazendo consigo a história da castração de Urano. É sabido, contudo, que o mito não é de composição hitita, visto que uma antiga versão hurrita (horita) foi descoberta. A versão de Hesíodo talvez reflita uma aliança entre os vários colonos pré-helênicos na Grécia meridional e central, cujas tribos dominantes favoreciam o culto titânico contra os primeiros invasores helênicos do norte. Tiveram sucesso na guerra, mas, em seguida, eles impuseram sua suserania aos nativos setentrionais que haviam libertado. A castração de Urano não é necessariamente metafórica, caso alguns dos guerreiros vitoriosos tenham tido sua origem na África oriental, onde, até hoje, guerreiros galas levam nas batalhas uma miniatura de foice para castrar seus inimigos. Há estreitas afinidades entre os ritos religiosos da África oriental e os da Grécia primitiva.

2. Os gregos tardios leem "Cronos" como *Chronos*, "Pai Tempo", com sua inexorável foice. Mas ele figura na companhia de um corvo, assim como Apolo, Asclépio (Esculápio), Saturno (seu correspondente romano) e Bran, um primitivo deus britânico. E *cronos* provavelmente significa "corvo", como *cornix* em latim e *corône* em grego. O corvo era um pássaro oracular, que supostamente alojava-se na alma de um rei sagrado após seu sacrifício (vide 25. *5* e 50. *1*).

3. Aqui, as três Erínias, ou Fúrias, que surgiram a partir das gotas do sangue de Urano, são a própria deusa tripla. Significa dizer que, durante o sacrifício do rei em prol da frutificação dos trigais e pomares, as sacerdotisas da deusa estariam usando ameaçadoras máscaras gorgôneas para afugentar os visitantes profanos. Os testículos dele parecem ter sido atirados ao mar a fim de estimular a reprodução dos peixes. As vingativas Erínias são vistas pelo mitógrafo como se advertissem Zeus (Júpiter, entre os romanos) no sentido de não emascular Cronos com a mesma foice. No entanto, sua função original era a de punir apenas as injustiças praticadas contra a mãe, não contra o pai, ou suplicar a proteção da deusa do lar (vide 105. *k*, 107. *d* e 113. *a*).

4. As ninfas dos freixos são as três Fúrias numa disposição mais graciosa: o rei sagrado era dedicado ao freixo, originalmente utilizado nas cerimônias para fazer chover (vide 57. *1*). Na Escandinávia, ele se tornou a árvore da magia universal. As três Nornas, ou Moiras (nome grego das Parcas romanas), distribuíam justiça debaixo de um freixo que Odin, ao reivindicar a paternidade da humanidade, transformara em seu cavalo mágico. As mulheres devem ter sido as primeiras fazedoras de chuva na Grécia e na Líbia.

5. As foices neolíticas de osso, denteadas com pederneira ou obsidiana, parecem ter continuado em uso ritual por muito tempo, após haverem sido suplantadas como instrumentos agrícolas por foices de bronze e de ferro.

6. Os hititas fazem Kumarbi (Cronos) arrancar com uma mordida os testículos do deus-céu Anu (Urano), engolir um pouco do sêmen e cuspir o resto

sobre o monte Kansura, onde o sêmen se transforma numa deusa. O deus do amor, assim concebido por ele, é cortado de seu flanco por Ea, irmão de Anu. Esses dois nascimentos foram misturados pelos gregos, num conto sobre como Afrodite (Vênus, entre os romanos) surgiu de um mar impregnado pelos testículos cortados de Urano (vide 10. *b*). Kumarbi, posteriormente, dá à luz uma outra criança retirada de sua coxa — assim como Dionísio (Baco, entre os romanos) renasce de Zeus (vide 27. *b*) —, que conduz uma charrete tempestuosa puxada por um touro e chega até Anu para pedir-lhe ajuda. A "faca que separou a terra do céu" aparece na mesma história como a arma com a qual o filho de Kumarbi, o gigante nascido da terra Ullikummi, é destruído (vide 35. *4*).

NOTA

[1] Hesíodo: *Teogonia* 133-187 e 616-623; Apolodoro: I. 1. 4-5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio V. 801.

7

O DESTRONAMENTO DE CRONOS

Cronos casou-se com sua irmã Reia, a quem o carvalho é consagrado.[1] Mas foi profetizado pela Mãe Terra e por seu pai moribundo Urano que um dos próprios filhos de Cronos viria a destroná-lo. Por isso, ele passou a engolir todo ano as crianças que Reia paria: primeiro Héstia (Vesta), depois Deméter (Ceres) e Hera (Juno), Hades (Plutão) e, por fim, Poseidon (Netuno).[2]

b. Reia estava enfurecida. Ela pariu Zeus, seu terceiro filho, na calada da noite, sobre o monte Liceu, na Arcádia, onde nenhuma criatura projetava sombra,[3] e, após lavá-lo no rio Neda, entregou-o à Mãe Terra, que o levou para Licto, em Creta, para ser escondido na caverna de Dicte, na colina egeia. A Mãe Terra deixou-o lá aos cuidados da ninfa-freixo Adrasteia e de sua irmã Io, ambas filhas de Melisso com a ninfa-cabra Amalteia. Seu alimento era o mel, e bebia o leite de Amalteia junto com o Bode-Pã, seu irmão de criação. Zeus nutriu muita gratidão por essas três ninfas tão gentis e, ao se tornar Senhor do Universo, colocou a imagem de Amalteia entre as estrelas, sob a forma de Capricórnio.[4] Ele também tomou emprestado um dos chifres do animal, semelhantes aos de uma vaca, e o ofereceu às filhas de Melisso. Esse chifre se transformou na famosa cornucópia, ou corno da abundância, que está sempre repleto da comida ou bebida que seu proprietário deseje. Mas há quem diga que Zeus foi amamentado por uma porca, que cavalgava em seu dorso, e que perdeu o cordão umbilical em Ônfalo, perto de Cnossos.[5]

c. Em torno do berço dourado do pequeno Zeus, pendurado no alto de uma árvore (de modo que Cronos não pudesse encontrá-lo nem no céu, nem na terra, nem no mar), montavam guarda os curetes, filhos de Reia. Eles batiam suas lanças nos escudos e gritavam para abafar o barulho do choro de Zeus, com receio de que Cronos pudesse ouvi-lo a distância. Reia enfaixou uma pedra

como se fosse um bebê e entregou-a a Cronos no alto do monte Taumásio, na Arcádia. Ele a engoliu, acreditando estar engolindo o pequeno Zeus. Entretanto, deu-se conta da artimanha e foi ao encalço de Zeus, que se transformou numa serpente, e suas pajens, em ursas: daí as constelações da Serpente e das Ursas.[6]

d. Zeus cresceu, até a idade adulta, entre os pastores de Ida, ocupando uma outra caverna. Foi então que ele procurou Métis, a titânide que vivia ao lado da torrente do Oceano. Seguindo o seu conselho, foi visitar a mãe Reia e pediu para ser o copeiro de Cronos. Reia o ajudou prontamente em sua tarefa de vingança, fornecendo-lhe a poção emética que Métis lhe dissera para misturar com o mel da bebida de Cronos. Depois de beber tudo, Cronos vomitou primeiro a pedra e, em seguida, os irmãos e irmãs mais velhos de Zeus. Todos ressurgiram incólumes e, agradecidos, pediram-lhe que os liderasse numa guerra contra os titãs, que haviam escolhido o gigante Atlas como líder, pois Cronos já havia perdido o seu vigor.[7]

e. A guerra durou dez anos, mas, finalmente, a Mãe Terra profetizou que seu neto Zeus sairia vitorioso, caso se aliasse àqueles que Cronos confinara no Tártaro. Então ele foi ter com Campe, a velha carcereira do Tártaro, matou-a, tomou-lhe as chaves e, após libertar os ciclopes e os Hecatônquiros, fortaleceu-os com comida e bebida divinas. Os ciclopes deram a Zeus, por conseguinte, o raio como arma ofensiva; Hades deu-lhe o elmo da escuridão; e Poseidon, o tridente. Assim que os três irmãos terminaram a reunião de guerra, Hades fez-se invisível para roubar as armas de Cronos e, enquanto Poseidon o ameaçava com o tridente para desviar sua atenção, Zeus o derrubou com um raio. Os três Hecatônquiros armaram-se de rochas e as arremessaram contra os titãs que ainda lutavam, e um grito repentino do Bode-Pã os pôs em fuga. Os deuses correram em seu encalço. Cronos e todos os titãs derrotados, à exceção de Atlas, foram banidos para uma ilha britânica nos confins do Ocidente (ou, conforme alguns, confinados no Tártaro), sob a vigilância dos Hecatônquiros. Eles jamais voltaram a perturbar a Hélade. Atlas, na posição de comandante militar, foi recompensado com uma punição exemplar, tendo sido obrigado a carregar o firmamento nos ombros. Já as titânides foram poupadas, graças a Métis e Reia.[8]

f. O próprio Zeus instalou em Delfos a pedra que Cronos havia vomitado. Ela ainda está lá, constantemente ungida com óleo, sobre a qual fibras de lã crua são deixadas como oferenda.[9]

g. Alguns contam que Poseidon não foi comido nem vomitado, mas que Reia dera a Cronos um potro no lugar dele, tendo-o escondido entre a manada de cavalos.[10] E os cretenses, que são mentirosos, relatam que Zeus nasce a cada ano na mesma caverna em meio a um fogo rutilante e uma torrente de sangue, e que todo ano ele morre e é sepultado.[11]

1. Reia, que forma par com Cronos como a titânide do sétimo dia, pode ser equiparada a Dione, Diana, a deusa tripla do culto da Pomba e do Carvalho (vide II. *2*). O podão carregado por Saturno, contraparte latina de Cronos, tinha a forma de um bico de corvo e era aparentemente utilizado no sétimo mês do ano sagrado de 13 meses a fim de emascular o carvalho, podando o visco (vide 50. *2*), exatamente como uma foice ritual era utilizada para ceifar a primeira espiga de trigo. Esse gesto marcava o início do sacrifício sagrado do Rei-Zeus. Em Atenas, partilhando o mesmo templo com Reia, Cronos era venerado como o Deus da Cevada Sabázio e pranteado como Osíris, Litierses ou Maneros (vide 136. *e*). Mas esses mitos se referem a uma época em que os reis tinham a permissão de prolongar seus reinados por um Grande Ano de cem lunações, bem como de oferecer, anualmente, um sacrifício de meninos em seu lugar. Assim, Cronos é retratado comendo os próprios filhos para evitar o destronamento. Porfírio (*Sobre a abstinência* II. 56) registra que, em tempos antigos, os coribantes cretenses costumavam oferecer sacrifícios de crianças a Cronos.

2. Em Creta, no início, um cabrito substituía o sacrifício humano; na Trácia, uma vitela; entre os adoradores eólios de Poseidon, um potro. Mas nos distritos retrógrados da Arcádia, meninos ainda eram comidos como sacrifício mesmo durante a era cristã. Não está claro ainda se o ritual elidense era canibal ou se (já que Cronos era um titã-corvo) corvos sagrados se alimentavam das vítimas massacradas.

3. O nome Amalteia, “carinhosa”, demonstra que ela deve ter sido uma deusa-virgem; Io era uma deusa-ninfa orgiástica (vide 56. *1*); Adrasteia significa “aquela da qual não se pode escapar”, a Velha oracular do outono. Juntas, elas formavam a costumeira tríade-Lua. Os gregos tardios identificaram Adrasteia com a deusa pastoral Nêmesis, do freixo fazedor de chuva, que havia se tornado uma deusa da vingança (vide 32. *2*). Io foi retratada em Argos como uma novilha branca no cio — algumas moedas cretenses de Praesus mostram Zeus sendo amamentado por ela —, mas Amalteia, que viveu na “Colina da Cabra”, foi sempre uma cabra. E Melisso (“homem-mel”), o suposto pai de Adrasteia e Io, é, na verdade, a mãe delas — Melissa, deusa retratada como abelha rainha, que todo ano matava seu consorte. Tanto Diodoro Sículo (V. 70) quanto Calímaco (*Hino a Zeus* 49) registram que as abelhas alimentaram o pequeno Zeus. Mas sua madrasta é por vezes também retratada como uma porca, pois esse era um dos emblemas das deusas-velhas (vide 74. *4* e 96. *2*). Moedas cidônias retratam-na como uma cadela, semelhante àquela que amamentou Neleu (vide 68. *d*). As

ursas são os animais de Ártemis (vide 22. *4* e 80. *c*) — os coribantes participavam de seus holocaustos —, e Zeus, como serpente, é Zeus Ctesius, protetor dos depósitos, pois as cobras dão fim aos camundongos.

4. Os coribantes eram os companheiros armados do rei sagrado, cujas armas emitiam um som metálico para espantar os maus espíritos durante os rituais (vide 30. *a*). O nome deles, entendido pelos gregos tardios como "moços que rasparam o cabelo", provavelmente significava "devotos de Ker, ou Car", um título comum das deusas triplas (vide 57. *2*). Hércules ganhou do bovídeo Aqueloo sua cornucópia (vide 142. *d*), e o imenso tamanho dos cornos do bode selvagem cretense levou os mitógrafos que desconheciam Creta a atribuir a Amalteia um chifre de vaca anômalo.

5. Os invasores helenos parecem ter feito amizade com o povo pré-helênico do culto do titã, mas, aos poucos, separaram seus súditos aliados dos demais e devastaram o Peloponeso. A vitória de Zeus, em aliança com os Hecatônquiros, sobre os titãs da Tessália ocorreu, segundo Thallus, historiador do século I citado por Tatiano em seu *Discurso aos gregos*, "322 anos antes do cerco a Troia", ou seja, em 1505 a.C., uma data plausível para a ampliação do poder helênico na Tessália. A concessão de soberania a Zeus relembra um evento semelhante na Epopeia de Criação babilônica, em que Marduk recebeu poderes de seus antepassados Lahmu e Lahamu para combater Tiamat.

6. O parentesco entre os irmãos Hades, Poseidon e Zeus evoca a trindade masculina védica — Mitra, Varuna e Indra — (vide 3. *1* e 132. *5*) que aparece num tratado hitita de cerca de 1380 a.C. Mas, nesse mito, eles parecem representar três invasões helênicas sucessivas, geralmente conhecidas como jônica, eólica e acaica. Os adoradores pré-helênicos da deusa-mãe assimilaram os jônios, que se tornaram filhos de Io e subjugaram os eólios, mas foram oprimidos pelos aqueus. Os primeiros chefes helênicos, que se tornaram reis sagrados dos cultos do carvalho e do freixo, tomaram os títulos de "Zeus" e "Poseidon", sendo obrigados a morrer no fim de seus reinados (vide 45. *2*). Tanto o carvalho quanto o freixo tendem a atrair raios e, portanto, estão presentes, por toda a Europa, nas cerimônias populares de fazer chuva e de fazer fogo.

7. A vitória dos aqueus pôs fim à tradição dos sacrifícios reais. Zeus e Poseidon foram considerados imortais, ambos retratados segurando um raio como arma — um machado duplo de pedra lascada empunhado por Reia no passado e, nas religiões minoica e micênica, negado ao uso masculino (vide 131. *6*). Mais tarde, o raio de Poseidon converteu-se num tridente e os marinheiros passaram a ser seus principais devotos, ao passo que Zeus manteve o raio como símbolo da soberania suprema. O nome de Poseidon, que às vezes varia para

Potidan, talvez venha do nome de sua mãe-deusa, em honra da qual a cidade de Potideia foi chamada “a deusa-água de Ida” — Ida significando qualquer montanha coberta por floresta. O fato de os Hecatônquiros terem vigiado os titãs nos confins do Ocidente pode significar que os pelasgos, dentre cujos sobreviventes estavam os centauros da Magnésia — centauro talvez seja um cognato do latim *centuria*, “um grupo de guerra de uma centena” —, não abandonaram seu culto aos titãs e continuaram acreditando num longínquo Paraíso ocidental e na ideia de que Atlas segurava o firmamento.

8. O nome de Reia é provavelmente uma versão de *Era*, “terra”. Seu pássaro principal era a pomba, e seu animal principal, o leão montanhês. O nome Deméter significa “mãe-cevada”. Héstia (vide 20. *c*) é a deusa do lar. A pedra, em Delfos, utilizada para as cerimônias de fazer chuva, parece ter sido um grande meteorito.

9. Os montes Dicte e Liceu foram antigas sedes de adoração a Zeus. Uma pira sacrifical era provavelmente oferecida no monte Liceu, na hora em que nenhuma criatura projetava sombra — ou seja, ao meio-dia, durante o solstício de verão. Mas Pausânias acrescenta que, embora na Etiópia, quando o Sol está em Câncer, as pessoas não projetem sombras, este é invariavelmente o caso do monte Liceu. Ele talvez esteja preocupado com filigranas: ninguém que ultrapassasse esses limites tinha permissão de viver (Arato: *Fenômenos* 91) e já era mais do que sabido que os mortos não projetam sombras (Plutarco: *Questões gregas* 39). A localização incorreta da caverna de Psicro indica que ela não corresponde, como geralmente se imagina, à verdadeira Caverna Dicteia, que não foi ainda descoberta. Ônfalo (“pequeno umbigo”) sugere o lugar de um oráculo (vide 20. *2*).

10. O grito repentino de Pã que assombrou os titãs tornou-se proverbial e deu origem, no português, à palavra pânico (do grego *panikós*, “relativo ao deus Pã”) (vide 26. *c*).

NOTAS

[1] Comentário sobre Apolônio de Rodes: I. 1.124.

[2] Apolodoro: I. 1. 5; Hesíodo: *Teogonia* 453-67.

[3] Políbio: XVI. 12. 6 *et seq.*; Pausânias: VIII. 38. 5.

[4] Higino: *Astronomia poética* II. 13; Arato: *Fenômenos* 163; Hesíodo: *loc. cit.*

[5] Filimon: *Pterygium Fragment* I. 1 *et seq.*; Apolodoro: I. 1. 6; Ateneu: 375 f. e 376 a; Calímaco: *Hino a Zeus* 42.

[6] Hesíodo: 485 *et seq.*; Apolodoro: I. 1. 7; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 104; Calímaco: *Hino a Zeus* 52 *et seq.*; Lucrécio: II. 633-9; comentários sobre Arato: V. 46; Higino: *Fábula* 139.

[7] Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Hesíodo: *loc. cit*.

[8] Hesíodo: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 118; Apolodoro: I. 1. 7 e I. 2. 1; Calímaco: *Hino a Zeus* 52 *et seq.*; Diodoro Sículo: V. 70; Eratóstenes: *Catasterismos* 27; Pausânias: VIII. 8. 2; Plutarco: *Por que os oráculos silenciam* 16.

[9] Pausânias: X. 24. 5.

[10] *Ibid.*: VIII. 8. 2.

[11] Antoninus Liberalis: *Transformações* 19; Calímaco: *Hino a Zeus* 8.

8

O NASCIMENTO DE ATENA

Conforme os pelasgos, a deusa Atena nasceu às margens do lago Tritônis, na Líbia, onde foi encontrada e criada pelas três ninfas da Líbia, que se vestem com pele de cabra.[1] Em sua infância, ela matou acidentalmente sua amiguinha Palas, enquanto brincavam de lutar com lança e escudo, e, como sinal de sua tristeza, colocou o nome de Palas antes do seu. Chegando à Grécia após passar por Creta, ela viveu primeiramente na cidade de Atenas, às margens do rio Tritão, na Beócia.[2]

1. Platão identificou Atena, padroeira de Atenas, com a deusa líbia Neith, que pertencia a uma época em que a paternidade não era reconhecida (vide I. *1*). Neith tinha um templo em Saïs, onde Sólon foi bem tratado só porque era ateniense (Platão: *Timeu* 5). As sacerdotisas-virgens de Neith entregavam-se a cada ano a um combate armado (Heródoto: IV. 180), que valia, ao que tudo indica, a posição de sacerdotisa-superior. O relato de Apolodoro (III. 12. 3) sobre a luta entre Atena e Palas é uma versão patriarcal tardia: ele diz que Atena, nascida de Zeus e criada pelo deus fluvial Tritão, matou acidentalmente sua irmã de criação Palas, filha do rio Tritão, porque Zeus interveio com sua égide no momento em que Palas estava prestes a ferir Atena, distraindo, então, sua atenção. Porém, a égide — uma bolsa mágica de pele de cabra contendo uma serpente e protegida por uma máscara gorgônea — pertencia a Atena muito antes de Zeus ter alegado ser seu pai (vide 9. *d*). Aventais de pele de cabra eram a

roupa habitual das meninas líbias, e *Pallas* significa somente “virgem” ou “jovem”. Heródoto escreve (IV. 189): “Os gregos tomaram emprestadas as roupas e a égide de Atena das mulheres líbias, que se vestiam exatamente da mesma maneira, exceto pelo fato de que suas roupas de couro eram guarnecidas com tiras, e não com serpentes.” As meninas etíopes ainda envergam essa roupa, que é por vezes ornamentada com búzios, um símbolo jônico. Heródoto acrescenta, nessa passagem, que os gritos estridentes de triunfo, *olulu*, *ololu*, proferidos em homenagem a Atena (*Ilíada* VI. 297-301), eram de origem líbia. *Tritone* significa “a terceira rainha”: ou seja, o membro mais velho da tríade — mãe da virgem que combateu Palas e da ninfa em que ela se transformou —, assim como Coré/Perséfone (Cora ou Proserpina, para os romanos) era a filha de Deméter (vide 24. *3*).

2. Cerâmicas descobertas sugerem uma imigração líbia para Creta em 4000 a.C. Um grande número de líbios, adoradores da deusa, refugiados do Delta ocidental, parece ter chegado lá quando o Alto e o Baixo Egito encontravam-se compulsoriamente unidos sob a Primeira Dinastia, em torno do ano 3000 a.C. A Primeira Era Minoica começou logo depois, e a cultura cretense difundiu-se pela Trácia e pela Grécia Heládica primitiva.

3. Entre outros personagens mitológicos chamados Palas, havia o titã que se casou com as águas do rio Estige, gerando, assim, Zelo (“o Ardor”), Crato (“o Poder”), Bia (“a Violência”) e Nike (“a Vitória”) (Hesíodo: *Teogonia* 376 e 383; Pausânias: VII. 26. *5*; Apolodoro: 2. 2-4). Ele era talvez uma alegoria do golfinho pelópida, consagrado à deusa-Lua (vide 108. *5*). Homero chama um outro Palas de “pai da Lua” (*Hino homérico a Hermes* 100). Um terceiro deu origem aos cinquenta palântidas, inimigos de Teseu (vide 97. *g* e 99. *a*), que parecem ter originalmente lutado contra sacerdotisas a serviço de Atena. Um quarto Palas foi descrito como sendo o pai de Atena (vide 9. *a*).

NOTAS

[1] Apolônio de Rodes: IV. 1.310.

[2] Apolodoro: III. 12. *3*; Pausânias: IX. 33. *5*.

9

ZEUS E MÉTIS

Alguns helenos dizem que Atena teve um pai chamado Palas, um gigante alado libidinoso que mais tarde tentou violá-la, cujo nome ela adicionou ao seu, depois de arrancar-lhe a pele (para fazer a égide) e as asas (para colocá-las em seus próprios ombros).[1] Isso se a égide não foi feita da pele da górgona Medusa, que, depois de decapitada por Perseu, foi esfolada por Atena.[2]

b. Há quem diga que seu pai foi Itono, rei de Íton, em Ftiótide, cuja filha Iodâmia ela matara acidentalmente, ao deixá-la ver a cabeça da górgona,[3] transformando-a, assim, num bloco de pedra ao adentrar seu santuário inadvertidamente à noite.

c. Contam ainda que Poseidon era seu pai, mas que ela o teria renegado, pedindo a Zeus que a adotasse, o que ele fez com prazer.[4]

d. Mas os próprios sacerdotes de Atena contam a seguinte história sobre o seu nascimento: Zeus desejava com ardor a titânide Métis, que, para escapar de seu assédio, se transfigurou em variadas formas, até que, finalmente, ele a agarrou e a engravidou. Um oráculo da Mãe Terra declarou, então, que o nascituro seria uma menina e que, se Métis engravidasse mais uma vez, daria à luz um filho fadado a depor Zeus, assim como Zeus depusera Cronos e como este havia deposto Urano. Portanto, após seduzir Métis, atraindo-a para o seu leito com palavras melífluas, Zeus, de repente, abriu a boca e a engoliu, e esse foi o fim de Métis, embora ele, depois, alegasse que ela lhe dava conselhos de dentro do seu ventre. No devido tempo, Zeus foi tomado por uma intensa dor de cabeça enquanto caminhava às margens do lago Tritão, tão intensa que seu crânio parecia prestes a explodir. Ele berrou furiosamente, até que seu grito ressoou por todo o firmamento. Logo veio Hermes, que adivinhou imediatamente a causa do desconforto de Zeus e persuadiu Hefesto — ou

Prometeu, segundo outra versão — a trazer sua cunha e seu malho e fazer uma brecha no crânio de Zeus, através da qual saiu Atena, toda armada, com um ressonante grito de guerra.[5]

1. J. E. Harrison descreveu corretamente a história do nascimento de Atena a partir da cabeça de Zeus como "um desesperado expediente teológico para livrá-la de suas condições matriarcais". É também uma insistência dogmática sobre a sabedoria como uma prerrogativa masculina; até agora, só a deusa havia sido sábia. Hesíodo conseguiu, de fato, reconciliar três visões conflituosas em sua história:

I. Atena, a deusa-cidade dos atenienses, era a filha partenogênica da imortal Métis, titânide do quarto dia e do planeta Mercúrio, que governava toda a sabedoria e todo o conhecimento.

II. Zeus engoliu Métis, mas sem perder com isso sua sabedoria (ou seja, os aqueus suprimiram o culto aos titãs e atribuíram toda a sabedoria a seu deus Zeus).

III. Atena era a filha de Zeus (ou seja, os aqueus insistiram para que os atenienses reconhecessem a supremacia patriarcal de Zeus).

Harrison tomou emprestado o mecanismo de seu mito de exemplos análogos: Zeus perseguindo Nêmesis (vide 32. *b*); Cronos engolindo seus filhos e filhas (vide 7. *a*); o renascimento de Dionísio a partir da coxa de Zeus (vide 14. *c*); e a abertura da cabeça da Mãe Terra feita por dois homens com machados, aparentemente para libertar Coré (vide 24. *3*) — como a que está retratada, por exemplo, num jarro de azeite na Biblioteca Nacional de Paris. Depois, Atena torna-se a porta-voz obediente de Zeus, suprimindo deliberadamente seus próprios antecedentes. Ela emprega sacerdotes, e não sacerdotisas.

2. Palas, que significa "virgem", é um nome inadequado ao gigante alado, cujo atentado contra a castidade de Atena é provavelmente deduzido de uma imagem de uma cena de seu casamento ritual, em que ela aparece como Atena Láfria ao lado de um rei-bode (vide 89. *4*), depois de um duelo armado com sua rival (vide 8. *1*). Esse costume líbio do casamento com o bode alastrou-se pelo norte da Europa como parte das festividades do Dia de Maio. Os *akans*, um povo líbio, costumavam esfolar seus reis.

3. O repúdio à paternidade de Poseidon por parte de Atena refere-se a uma mudança precoce na supremacia da cidade de Atenas (vide 16. *3*).

4. O mito de Itono (“homem-salgueiro”) representa a alegação, por parte dos itonianos, de que eles veneravam Atena antes mesmo dos atenienses. O nome de Itono demonstra que Atena teve um culto ao salgueiro em Ftiótide — assim como teve sua contraparte, a deusa Anata, em Jerusalém, até ser expulsa pelos sacerdotes de Jeová, a quem designaram o salgueiro fazedor de chuva como sua árvore, durante a Festa dos Tabernáculos.

5. Estaria condenado à morte o homem que removesse uma égide — a túnica de castidade feita de pele de cabra e usada pelas meninas líbias — sem o consentimento de sua proprietária: daí a existência da máscara gorgônea profilática colocada por cima dela, bem como da serpente escondida no saco, ou bolsa, de couro. Mas, tendo em vista que a égide de Atena é descrita como um escudo, sugiro em *The White Goddess*[a] (p. 279) que ela seja um invólucro de saco para um disco sagrado, como aquele que continha o segredo alfabético de Palamedes, e do qual ele seria o inventor (vide 52. *a* e 162. *5*). Estatuetas cirenaicas segurando discos de tamanho proporcional ao do famoso disco de Festo, que tem marcada sobre ele, em forma de espiral, uma lenda sagrada, antecipam, segundo o professor Richter, Atena e sua égide. Os escudos heroicos, tão bem descritos por Homero e Hesíodo, parecem ter gerado pictogramas gravados numa faixa em espiral.

6. Iodâmia, que provavelmente significa “novilha de Io”, teria sido uma antiga imagem de pedra da deusa-Lua (vide 56. *1*), e a história de sua petrificação constitui uma advertência, a meninas curiosas, contra violar os Mistérios (vide 25. *d*).

7. Seria um equívoco pensar que Atena fosse apenas ou predominantemente a deusa de Atenas. Numerosas acrópoles antigas lhe foram consagradas, inclusive Argos (Pausânias: II. 24. 3), Esparta (*ibid*.: 3. 17. 1), Troia (*Ilíada* VI. 88), Esmirna (Estrabão: IV. 1. 4), Epidauro (Pausânias: II. 32. *5*), Trezena (Pausânias: III. 23. *10*) e Feneus (Pausânias: X. 38. *5*). Todos esses lugares são pré-helênicos.

NOTAS

[a] *A deusa branca*. (N.T.)

[1] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 355.

[2] Eurípides: *Íon* 995.

[3] Pausânias: IX. 34. 1.

[4] Heródoto: IV. 180.

[5] Hesíodo: *Teogonia* 886-900; Píndaro: *Odes olímpicas* VII. 34 *et seq.*; Apolodoro: I. 3. 6.

10

AS PARCAS

Existem três Parcas (nome latino das Moiras) conjuntas, paramentadas de branco, que foram geradas a partir da união de Érebo com a Noite. São elas: Cloto (Nona), Láquesis (Décima) e Átropos (Morta). Esta última é a de menor estatura, porém a mais terrível.[1]

b. Zeus, que pesa a vida dos homens e informa as Parcas de suas decisões, pode, diz-se, mudar de ideia e intervir para salvar quem quiser, no momento em que o fio da vida, tecido no fuso de Cloto e medido pela haste de Láquesis, estiver prestes a ser cortado pela tesoura de Átropos. De fato, os homens dizem que eles mesmos podem, até certo ponto, controlar seu próprio destino, evitando perigos desnecessários. Os deuses mais jovens, assim, riem das Parcas, e há quem conte que, certa vez, Apolo travessamente as embebedou a fim de salvar da morte seu amigo Admeto.[2]

c. Outros, ao contrário, afirmam que o próprio Zeus estaria sujeito às Parcas conforme as pitonisas uma vez admitiram num oráculo — por não serem elas filhas dele, e sim filhas partenogênicas da Grande Deusa Necessidade, com quem nem mesmo os deuses discutem, e que é chamada de "A Parca Forte".[3]

d. Em Delfos, apenas duas Parcas são veneradas, a do nascimento e a da morte, e, em Atenas, Afrodite Urânia é considerada a mais velha das três.[4]

1. Este mito parece basear-se no costume de bordar os símbolos da família e do clã nas mantas da criança recém-nascida, atribuindo-lhe, assim, o seu lugar na

sociedade (vide 60. *2*). Mas as Moiras, ou Três Parcas, são a deusa-Lua tripla — por isso seus paramentos brancos e o fio de linho que lhe é consagrado como Ísis. Cloto é a "fiandeira", Láquesis é a "fixadora", e Átropos, "a irremovível", é "aquela cujo curso não pode ser alterado, aquela que não pode ser evitada". Moira significa "uma fração" ou "uma fase", e a Lua tem três fases e três pessoas: a nova, a deusa-virgem da primavera, o primeiro período do ano; a Lua cheia, a deusa-ninfa do verão, o segundo período; e a Lua velha, a deusa-velha do outono, o último período (vide 60. *2*).

2. Zeus proclamou-se "Líder das Parcas" ao assumir a soberania suprema e a prerrogativa de medir a vida do homem: daí, provavelmente, o desaparecimento de Láquesis, "a fixadora", em Delfos. Mas sua alegação de ser o pai delas não foi levada a sério por Ésquilo, Heródoto ou Platão.

3. Os atenienses chamavam Afrodite Urânia de "a mais velha das Parcas" porque ela era a deusa-ninfa, em nome de quem o rei sagrado era, em tempos passados, sacrificado no solstício de verão. "Urânia" significa "rainha das montanhas" (vide 19. *3*).

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* XXIV. 49; *Hino órfico* XXXIII; Hesíodo: *Teogonia* 217 *et seq.* e 904, *O escudo de Hércules* 259.

[2] Homero: *Ilíada* VIII. 69 e XXII. 209; XVI. 434 e 441-443; Virgílio: *Eneida* X. 814; Homero: *Odisseia* I. 34; *Ilíada* IX. 411.

[3] Ésquilo: *Prometeu* 511 e 515; Heródoto: I. 91; Platão: *República* X. 14-16; Simonides: VIII. 20.

[4] Pausânias: X. 24. 4 e I. 19. 2.

AFRODITE, PÃ E EROS
Atenas, Grécia

11

O NASCIMENTO DE AFRODITE

Afrodite (Vênus), deusa do desejo, surgiu nua da espuma do mar e, cavalgando uma concha de vieira, onde primeiro pôs os pés foi na ilha de Citera. Porém, considerando-a apenas uma ilhota, cruzou o Peloponeso e, finalmente, passou a residir em Pafos, no Chipre, ainda hoje a principal sede de seu culto. Plantas e flores cresciam por onde ela pisasse. Em Pafos, as Estações, filhas de Têmis, apressaram-se em vesti-la e adorná-la.

b. Há quem afirme que ela surgiu da espuma formada pelos testículos de Urano, quando Cronos os atirou ao mar. Conta-se também que Zeus a gerara com Dione, filha de Oceano e Tétis, a ninfa do mar, ou do Céu com a Terra. Mas todos concordam que ela sustém o ar, acompanhada por pombas e pardais.[1]

1. Afrodite (“nascida da espuma”) é a mesma deusa com amplos poderes que surgiu do Caos e dançou sobre o mar, tendo sido venerada na Síria e na Palestina como Ishtar ou Ashtaroth (vide I. *1*). Seu mais famoso centro de adoração era Pafos, onde a imagem anicônica original da deusa é ainda visível por entre as ruínas do grandioso templo romano. Lá, em toda primavera, suas sacerdotisas banhavam-se no mar e retornavam renovadas.

2. Ela é chamada de filha de Dione, porque Dione era a deusa do carvalho, onde a pomba apaixonada fazia seu ninho (vide 51. *a*). Zeus alegou ser pai de Afrodite após apoderar-se do Oráculo de Dione em Dodona, portanto Dione tornou-se sua mãe. “Tétis” e “Thetis” são nomes da deusa como Criadora

(formados, assim como “Têmis” e “Teseu”, de *tithenai*, “dispor” ou “ordenar”) e como deusa do mar, desde o momento em que começou a haver vida no mar (vide 2. *a*). Pombas e pardais eram famosos pela lascívia. Os frutos do mar ainda são considerados, por todo o Mediterrâneo, afrodisíacos.

3. Citera foi um importante centro do comércio cretense com o Peloponeso e deve ter sido por ali que a adoração a Afrodite entrou na Grécia. A deusa cretense tinha estreitos laços com o mar. Conchas cobriam o chão de seu palácio-santuário em Cnossos. Ela é representada em cima de uma pedra preciosa da caverna Ideana, soprando uma concha de tritão, com uma anêmona-do-mar ao lado de seu altar. O ouriço-do-mar e a siba (vide 81. *1*) eram consagrados a ela. Uma concha de tritão foi encontrada em seu antigo santuário de Festo, e muitas outras mais, nas tumbas minoicas tardias, algumas delas sendo réplicas de terracota.

NOTA

[1] Hesíodo: *Teogonia* 188-200 e 353; Festus Grammaticus: III. 2; *Hino homérico a Afrodite* II. 5; Apolodoro: I. 1. 3.

12

HERA E SEUS FILHOS

Hera (Juno), filha de Cronos e Reia, nasceu na ilha de Samos ou, segundo outras fontes, em Argos, e foi criada na Arcádia por Têmeno, filho de Pelasgo. As Estações eram suas pajens.[1] Após haver banido seu pai Cronos, Zeus, irmão gêmeo de Hera, procurou-a em Cnossos, em Creta, ou, diz-se, no monte Tornax (chamado agora de montanha do Cuco), na Argólida, onde a cortejou, primeiro sem nenhum sucesso. Somente quando ele se disfarçou de cuco molhado é que Hera teve pena do irmão e o aqueceu carinhosamente no peito. Zeus, então, retomou imediatamente sua forma verdadeira e a violou, forçando-a a se casar com ele por causa da vergonha.[2]

b. Todos os deuses trouxeram presentes de casamento. A Mãe Terra, particularmente, deu a Hera uma árvore com maçãs de ouro, mais tarde guardada pelas Hespérides no pomar de Hera, no monte Atlas. Ela e Zeus passaram sua lua de mel, que durou trezentos anos, em Samos. Hera se banha regularmente na fonte de Canato, perto de Argos, renovando, assim, sua virgindade.[3]

c. Hera e Zeus tiveram como filhos as divindades Ares (Marte), Hefesto (Vulcano) e Hebe (Juventas), embora se diga que Hera teria concebido Ares e sua irmã gêmea Éris (Discórdia) ao tocar uma certa flor, e Hebe, ao tocar uma alface,[4] e que Hefesto seria também seu filho partenogênico — milagre em que ele não acreditava até aprisioná-la numa cadeira mecânica, cujos braços se dobravam em torno da pessoa sentada, forçando-a a jurar pelo rio Estige que não estava mentindo. Diz-se também que Hefesto era seu filho com Talo, sobrinho de Dédalo.[5]

1. O nome de Hera, geralmente considerado como uma palavra grega para “senhora”, talvez represente uma Herwã (“Protetora”) original. Ela é a Grande Deusa pré-helênica. Samos e Argos eram as sedes principais de sua adoração na Grécia, embora os árcades alegassem ter sido os primeiros a cultuá-la, já desde os tempos de seu ancestral autóctone Pelasgo (“antigo”). O casamento forçado de Hera com Zeus comemora as conquistas de Creta e da Grécia micênica e a queda da supremacia de Hera em ambos os países. É provável que o disfarce de cuco molhado usado por Zeus para se aproximar de Hera corresponda à chegada de certos fugitivos helenos a Creta, que, uma vez aceitos para trabalhar na guarda real, urdiram uma conspiração palaciana e tomaram o reino. Cnossos foi saqueada duas vezes; ao que tudo indica, pelos helenos, em torno de 1700 a.C. e de 1400 a.C. Micenas foi tomada pelos aqueus um século depois. O deus Indra, no *Ramayana*, havia cortejado uma ninfa disfarçado de cuco. Agora, era Zeus que tomava emprestado o cetro de Hera, sobrepujando-a com o pássaro. Em Micenas foram encontradas estatuetas folheadas a ouro de uma deusa argiva nua segurando cucos, bem como poleiros de cuco numa maquete de templo folheada a ouro do mesmo lugar. No famoso sarcófago cretense de Hagia Triada, a ave encontra-se empoleirada num machado duplo.

2. Hebe, deusa em forma de criança, tornou-se copeira dos deuses no culto olímpico. Por fim casou-se com Hércules (vide 145. *i* e *5*), após Ganimedes usurpar o cargo dela (vide 29. *c*). “Hefesto” parece ter sido um título do rei sagrado como semideus solar, e “Ares”, um título de seu comandante militar, ou *tanist*, cujo emblema era o javali. Ambos se tornaram nomes divinos quando se estabeleceu o culto olímpico e foram escolhidos para desempenhar os papéis, respectivamente, de deus da guerra e deus ferreiro. A “certa flor” deve ter sido provavelmente a flor do espinheiro-branco: Ovídio faz a deusa Flora — a cujo culto está associada a flor do espinheiro-branco — chamar a atenção de Hera para a flor. O espinheiro-de-maio, ou espinheiro-branco, está ligado à concepção miraculosa no mito popular europeu: na literatura celta, sua “irmã” é o abrunheiro, símbolo da Disputa — a gêmea de Ares, Éris.

3. Talo (ou Ácale), o ferreiro, era um herói cretense, filho da irmã de Dédalo, Perdiz, com quem o mitógrafo identifica Hera. Perdizes, consagradas à Grande Deusa, estavam de certo modo presentes nas orgias do equinócio de primavera no Mediterrâneo oriental, através da apresentação de uma dança claudicante imitando perdigões. As fêmeas, segundo Aristóteles, Plínio e Eliano, eram capazes de conceber apenas ouvindo a voz do macho. Hefesto e Talo

parecem ser o mesmo personagem partenogênico: ambos foram subjugados por rivais furiosos (vide 23. *b* e 92. *b*) — originalmente em honra à sua deusa-mãe.

4. Em Argos, a famosa estátua de Hera estava sentada num trono de ouro e marfim. A história de seu aprisionamento numa cadeira deve ter surgido do hábito grego de acorrentar estátuas divinas a seus tronos a fim de "evitar fugas". Por perder uma estátua antiga de seu deus ou deusa, uma cidade poderia ser privada da proteção divina, e por isso os romanos adotaram um costume educadamente chamado de "atrair" os deuses a Roma — que, na época imperial, tornara-se um depósito de imagens roubadas. "As Estações eram suas pajens" é uma maneira de dizer que Hera era uma deusa do ano calendárico. Daí o cuco da primavera no seu cetro e a romã madura do outono tardio, que ela carregava na mão esquerda para simbolizar a morte do ano.

5. Um herói, como a palavra indica, era um rei sagrado, oferecido em sacrifício a Hera, cujo corpo estava a salvo debaixo da terra e cuja alma fora desfrutar o paraíso, atrás do Setentrião. Suas maçãs douradas, nos mitos grego e celta, eram passaportes para esse paraíso (vide 53. *7*, 133. *4* e 159. *3*).

6. O banho anual com que Hera renovava sua virgindade era também tomado por Afrodite em Pafos. Essa parece ter sido a cerimônia de purificação prescrita para a Sacerdotisa da Lua após o assassinato de seu amante, o rei sagrado (vide 22. *1* e 150. *1*). Hera, por ser a deusa do ano vegetativo, da primavera, do verão e do outono (simbolizados também pelas luas nova, cheia e velha), era venerada em Estinfalo como Criança, Noiva e Viúva (Pausânias: VII. 22. 2 — vide 128. *d*).

7. A lua de mel em Samos durou trezentos anos: talvez se tratasse do ano sagrado samiano, que, assim como o etrusco, consistia em dez meses de trinta dias cada: janeiro e fevereiro eram omitidos (Macrobius: I. 13). Cada dia durou um ano. Mas o mitógrafo talvez queira indicar que se passaram trezentos anos até que os helenos impingissem a monogamia ao povo de Hera.

NOTAS

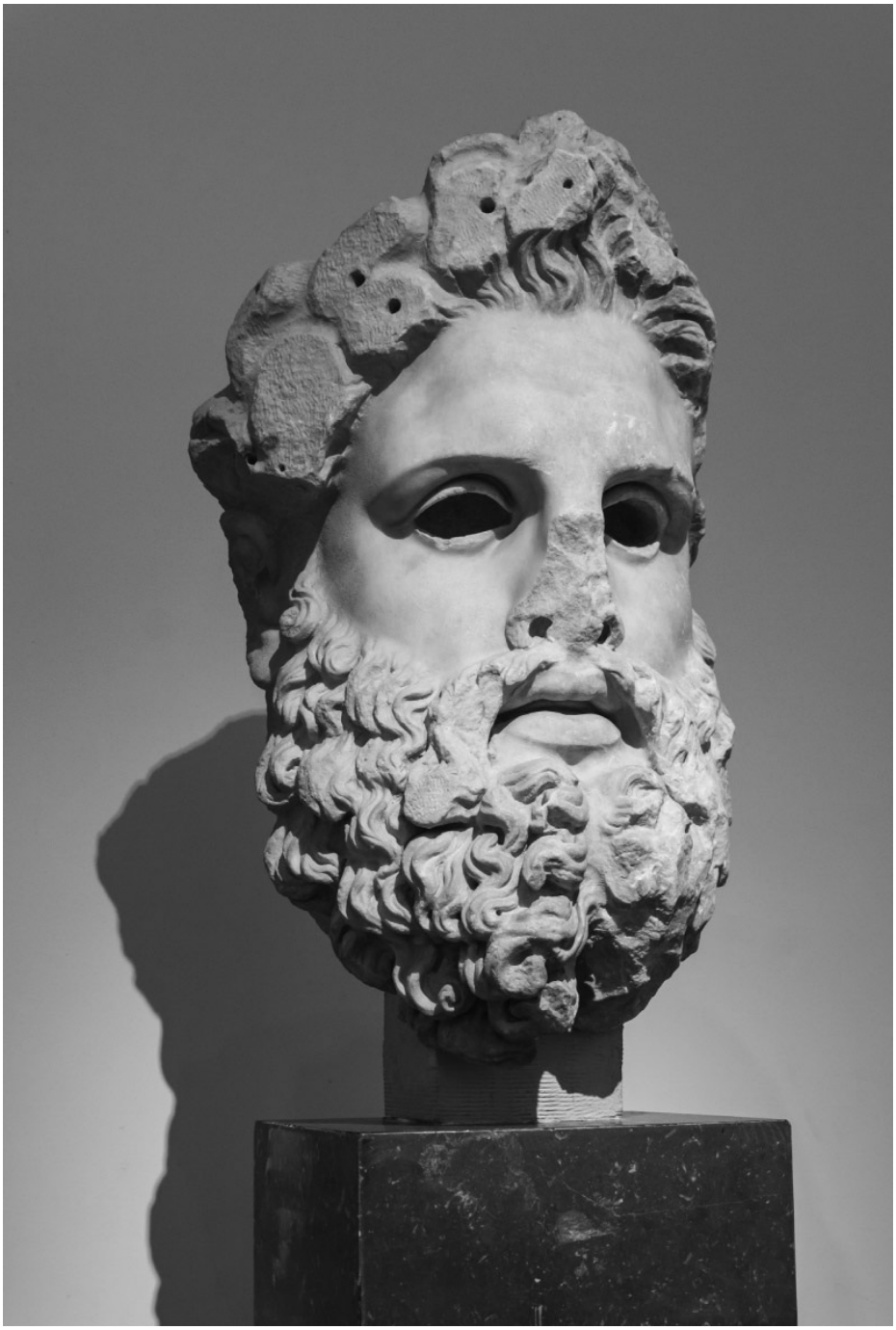
1 Pausânias: VII. 4. 4 e VIII. 22. 2; Estrabão: IX. 2. 36; Olen, citado por Pausânias: II. 13. 3.

2 Diodoro Síciulo: V. 72; Pausânias: II. 36. 2 e 17. 4.

3 Comentário sobre a *Ilíada* de Homero I. 609; Pausânias: II. 38. 2.

4 Homero: *Ilíada* IV. 441; Ovídio: *Os fastos* V. 255; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 204.

5 Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio IV. 62; Cinaethon, citado por Pausânias: VIII. 53. 2.



ZEUS,
século II a.C.
Atenas, Grécia

13

ZEUS E HERA

Só Zeus, o pai do Céu, podia controlar o raio. Era com a ameaça do seu lampejo fatal que controlava sua família briguenta e rebelde do monte Olimpo. Ele também ordenava os corpos celestes, compunha leis, fazia cumprir juramentos e pronunciava oráculos. Quando sua mãe, Reia, prevendo os problemas que sua lascívia viria a causar, proibiu-o de se casar, ele, furioso, ameaçou violá-la. Apesar de ela imediatamente ter-se transformado numa serpente apavorante, Zeus não se deixou intimidar, transformando-se, por sua vez, numa serpente macho que, enrolando-se nela num nó indissolúvel, cumpriu a ameaça.[1] Foi então que começou sua longa série de aventuras amorosas. Ele gerou as Estações e as três Parcas com Têmis; as Cárites (Graças, entre os romanos) com Eurínome; as três musas com Mnemósine, com quem partilhou o leito por nove noites; e também, diz-se, Perséfone (Prosérpina, entre os romanos), a rainha do mundo subterrâneo, com a qual seu irmão Hades casou-se à força, na presença da ninfa Estige.[2] Portanto, não lhe faltava poder acima ou abaixo da Terra, e sua mulher, Hera, estava em pé de igualdade com ele apenas num ponto: ela podia conceder o dom da profecia a qualquer homem ou animal que desejasse.[3]

b. Zeus e Hera brigavam constantemente. Irritada com suas infidelidades, ela o humilhava frequentemente com suas maquinações. Embora acostumado a revelar-lhe seus segredos e, por vezes, aceitar seus conselhos, Zeus jamais confiou totalmente na esposa. Hera sabia que, caso uma ofensa ultrapassasse um certo limite, ele poderia açoitá-la, ou mesmo arremessar-lhe um raio. Ela se limitava, portanto, a intrigas inescrupulosas, como no caso do nascimento de Hércules (Héracles), e, às vezes, tomava emprestada a cinta de Afrodite, a fim de

excitar a paixão do marido e, assim, aplacar sua fúria. Ele agora alegava ser o filho primogênito de Cronos.[4]

c. Num determinado momento, o orgulho e a petulância de Zeus se tornaram tão intoleráveis que Hera, Poseidon, Apolo e todos os outros deuses, à exceção de Héstia, cercaram-no rapidamente enquanto dormia em seu leito e o amarraram em correias de couro cru com uma centena de nós, que o impediam de se mover. Zeus os ameaçou com morte instantânea, mas, como eles haviam colocado o raio fora de seu alcance, insultaram-no com escárnio. Enquanto celebravam a vitória e discutiam ciosamente sobre quem seria o sucessor, Tétis, a Nereida, prevendo uma guerra civil no Olimpo, apressou-se em buscar o hecatônquiro Briareu, que prontamente desfez os nós, utilizando suas cem mãos ao mesmo tempo, e libertou seu amo. Por ter sido Hera quem liderara a conspiração, Zeus a pendurou no céu com um bracelete dourado em cada pulso e uma bigorna amarrada a cada tornozelo. As outras divindades ficaram profundamente contrariadas, mas não ousaram tentar resgatá-la, apesar de seus comoventes clamores. Finalmente, Zeus comprometeu-se a libertá-la mediante o juramento de que nunca mais se rebelariam contra ele. E foi o que, com relutância, cada uma das partes fez. Zeus puniu Poseidon e Apolo, mandando-os como escravos ao rei Laomedonte, para trabalhar na construção da cidade de Troia, mas perdoou os outros, por considerar que eles tinham agido sob coação.[5]

1. As relações maritais entre Zeus e Hera refletem as da era dórica bárbara, em que as mulheres eram privadas de todo seu poder mágico, exceto a profecia, além de serem vistas como propriedade dos homens. Na ocasião em que o poder de Zeus foi salvo graças à ajuda de Tétis e Briareu, depois da conspiração dos outros deuses contra ele, é possível que príncipes vassalos do Alto Rei helênico tenham feito uma revolução palaciana, através da qual quase conseguiram destroná-lo. A ajuda deve ter vindo de uma companhia de tropas domésticas leais não helênicas, recrutadas na Macedônia, lar de Briareu, e de um destacamento de magnésios, o povo de Tétis. Nesse caso, a conspiração deve ter sido instigada pela suma sacerdotisa de Hera, que o Alto Rei, logo depois, humilhou, conforme a descrição do mito.

2. O fato de Zeus haver violado a deusa da Terra Reia significa que os helenos, adoradores de Zeus, passaram a controlar as cerimônias agrícolas e funerárias. O fato de ela ter proibido Zeus de se casar significa que, até então, a

monogamia era desconhecida, pois as mulheres tinham quantos amantes quisessem. Sua paternidade sobre as Estações e sobre Têmis significa que os helenos assumiram também o controle do calendário: Têmis (“ordem”) era a Grande Deusa que determinara o ano de 13 meses, dividido pelos solstícios de verão e de inverno em duas estações. Em Atenas, essas estações foram personificadas por Talo (ou Ácale) e Carpo (originalmente “Carfo”), significando respectivamente “broto” e “murcho”, cujo templo incluía um altar ao Dionísio Fálico (vide 27. *5*). Eles aparecem numa pedra entalhada em Hattusas, ou Pteria, onde constituem aspectos gêmeos da deusa-leão Hepta, nascida das asas de uma águia-sol bicéfala.

3. Cárite (“graça”) tinha sido a deusa em seu aspecto irresistível, na ocasião em que a suma sacerdotisa escolhia o rei sagrado como seu amante. Homero menciona duas Cárites — Pasiteia e Cale, que parecem ser a separação forçada de três palavras: *Pasi thea cale*, “a deusa que é bela para todos os homens”. As duas Cárites, Auxo (“aumento”) e Hegemone (“mestria”), que os atenienses honravam, correspondiam às duas Estações. Mais tarde, as Cárites passaram a ser veneradas como uma tríade, a fim de se equipararem às três Parcas — a deusa tripla em sua mais irredutível forma (vide 106. *3*). O fato de serem filhas de Zeus com Eurínome, a Criadora, significa que o senhor helênico tinha o poder de dispor de todas as jovens núbeis.

4. As musas (“deusas da montanha”), originalmente uma tríade (Pausânias: IX. 19. *2*), são a deusa tripla em sua forma orgíaca. A alegação de que Zeus era o pai delas é tardia. Hesíodo as chama de filhas da Mãe Terra e do Ar.

NOTAS

[1] *Fragmento órfico* 58; Hesíodo: *Teogonia* 56.

[2] Apolodoro: I. 3. 1-2.

[3] Homero: *Ilíada* XIX. 407.

[4] *Ibid.*: I. 547; XVI. 458; VIII. 407-408; XV. 17; VIII. 397-404; XIV. 197-223; XV. 166.

[5] Comentário sobre a *Ilíada* de Homero XXI. 444; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 34; Homero: *Ilíada* I. 399 *et seq.* e XV. 18-22.

APOLO,
escultura romana em mármore
Madri, Espanha

14

O NASCIMENTO DE HERMES, APOLO, ÁRTEMIS E DIONÍSIO

Zeus, o eterno enamorado, deitou-se com numerosas ninfas descendentes dos titãs e dos deuses e, depois da criação do homem, deitou-se também com mulheres mortais. Nada menos que quatro divindades olímpicas maiores nasceram-lhe ilegítimas. Primeiro, ele gerou Hermes (Mercúrio) com Maia, filha de Atlas, que o pariu numa caverna do monte Cilene, na Arcádia. Depois, gerou Apolo e Ártemis (Diana, entre os romanos) com Leto (Latona, entre os romanos), filha dos titãs Ceo e Febe, tendo-a transformado e a si próprio em codornizes, enquanto copulavam.[1] Mas a ciumenta Hera mandou a serpente Píton perseguir Leto mundo afora e decretou que ela não deveria dar à luz em nenhum lugar onde o sol brilhasse. Carregada pelas asas do Vento Sul (Austro), Leto finalmente chegou a Ortígia, perto de Delos, onde pariu Ártemis, que, mal acabara de nascer, pôs-se a ajudar a mãe a cruzar o estreito istmo. Uma vez lá, entre uma oliveira e uma tamareira que cresciam no lado norte do monte Cinto, em Delos, Leto pariu Apolo depois de nove dias de trabalho. Delos, até então uma ilha flutuante, tornou-se imóvel, fixada no mar, e, por decreto, ninguém tem agora permissão de nascer ou morrer ali: doentes e mulheres grávidas são transportados em balsas para Ortígia.[2]

b. A mãe de Dionísio, filho de Zeus, recebe nomes variados: alguns dizem que teria sido Deméter, ou Io;[3] há quem a chame de Dione; outros, de Perséfone, com quem Zeus copulou depois de assumir a forma de uma serpente; há ainda quem diga ter sido Lete.[4]

c. Mas a história mais difundida reza que Zeus, disfarçado de mortal, teve um caso de amor secreto com Sêmele (“lua”), filha do rei Cadmo de Tebas, e que

a ciumenta Hera, revestida das feições de Béroe, velha ama de Sêmele, recomendou à jovem, já grávida de seis meses, que exigisse de seu misterioso amante que ele parasse de enganá-la e lhe revelasse sua verdadeira forma e natureza. Senão, como poderia ela saber se ele não era um monstro? Sêmele acatou o conselho e, diante da recusa de Zeus a seu apelo, passou a negar-lhe acesso a seu leito. Ele, então, furioso, surgiu na forma de trovão e raio, fulminando-a. Mas Hermes conseguiu salvar o filho que estava no sexto mês de gestação e o costurou dentro da coxa de Zeus, para que ali maturasse por mais três meses. No tempo devido, ele nasceu. Por isso Dionísio é chamado de "nascido duas vezes" ou "a criança da porta dupla".[5]

1. Os estupros cometidos por Zeus referem-se, aparentemente, às conquistas helênicas dos antigos templos da deusa, como o do monte Cilene, e seus casamentos, a um antigo costume de dar título de "Zeus" ao rei sagrado do culto do carvalho. Hermes, seu filho, nascido após Zeus haver estuprado Maia — título de uma deusa da Terra representada por uma velha —, originalmente não era um deus, mas a virtude totêmica de um pilar fálico, ou um marco de pedras. Tais pilares constituíam o centro de uma dança orgíaca em honra à deusa.

2. Um componente na divindade de Apolo parece ter sido um camundongo oracular — Apolo Esminteu ("Camundongo-Apolo") figura entre os seus primeiros títulos (vide 158. *2*) — consultado num templo da Grande Deusa, o que talvez explique por que ele nasceu num lugar onde o sol jamais brilhou, ou seja, no subterrâneo. Camundongos estariam associados a doenças e cura, por isso os helenos veneravam Apolo como deus da medicina e da profecia. Registros mais tardios relatam que ele nasceu debaixo de uma oliveira e de uma tamareira, na encosta setentrional de uma montanha. Era chamado de irmão gêmeo de Ártemis, deusa do parto. Sua mãe, Leto — filha dos titãs Febe ("lua") e Ceo ("inteligência") —, conhecida no Egito e na Palestina como Lat, tornou-se deusa da fertilidade da tamareira e da oliveira: daí sua chegada à Grécia com o Vento Sul. Na Itália, ela se tornou Latona ("rainha Lat"). Sua briga com Hera sugere um conflito entre os primeiros imigrantes da Palestina e as primeiras tribos nativas que adoravam uma outra deusa da Terra. O culto ao camundongo, que ela parece ter trazido consigo, estabeleceu-se com firmeza na Palestina (I *Samuel* VI. 4 e *Isaías* LXVI. 17). O fato de Píton perseguir Apolo evoca o uso de cobras, nas casas gregas e romanas, para afastar camundongos. Mas Apolo

era também o fantasma do rei sagrado que havia comido a maçã — a palavra *Apolo* deriva, provavelmente, da raiz *abol*, "maçã", e não de *apollunai*, "destruir", como geralmente se considera.

3. O pássaro consagrado a Ártemis, originalmente uma deusa orgíaca, era a lasciva codorniz. Bandos de codornizes faziam de Ortígia um lugar de descanso durante sua migração de primavera rumo ao norte. A história de que Delos, local de nascimento de Apolo, havia sido até então uma ilha flutuante (vide 43. *4*) deve ser uma compreensão errônea de um registro que anunciava o estabelecimento oficial de seu local de nascimento, haja vista que Homero (*Ilíada* IV. 101) o chama de "licígeno", isto é, "nascido em Lícia" (o gentílico seria lício), e que os efésios vangloriavam-se do fato de ele ter nascido em Ortígia, perto de Éfeso (Tácito: *Anais* III. 61). Tanto os tegirenses beócios quanto os zosteranos áticos reivindicavam-no também como seu filho nativo (Estêvão de Bizâncio *sub* Tegira).

4. Ao que tudo indica, Dionísio surgiu inicialmente como uma espécie de rei sagrado que, no sétimo mês depois do solstício de inverno, foi fulminado pela deusa e devorado por suas sacerdotisas (vide 27. *3*). Isso explica suas mães: Dione, a deusa do carvalho; Io e Deméter, deusas do trigo; e Perséfone, deusa da morte. Plutarco, ao chamá-lo de "Dionísio, filho de Lete ('esquecimento')", refere-se ao seu aspecto tardio de deus da vinha.

5. A história de Sêmele, filha de Cadmo, parece registrar a ação sumária tomada por Hellenese da Beócia, ao terminar a tradição do sacrifício real: o Zeus Olímpico afirma seu poder, põe o rei condenado sob sua proteção e fulmina a deusa com seu próprio raio. Dionísio, assim, torna-se imortal, após renascer de seu pai imortal. Sêmele foi venerada em Atenas durante a *Lenaea*, Festim das Mulheres Selvagens, ocasião em que um Touro do Ano, representando Dionísio, era cortado em nove pedaços e sacrificado em sua honra: um pedaço era queimado, enquanto o restante era comido cru pelas adoradoras. *Semele* é geralmente explicada como uma forma de Selene ("lua"), e nove era o número tradicional das sacerdotisas orgíacas da Lua que participavam de tais festins — nove delas foram retratadas dançando em torno do rei sagrado numa pintura rupestre em Cogul, e outras nove mataram e devoraram o acólito de são Sansão de Dol na Idade Média.

NOTAS

[1] Hesíodo: *Teogonia* 918; Apolodoro: I. 4. I; Aristófanes: *Pássaros* 870; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 72.

[2] *Hino homérico a Apolo* 14 *et seq.*; Higino: *Fábula* 140; Eliano: *Varia Historia* V. 4; Tucídides: III. 104; Estrabão: X. 5. 5.

[3] Diodoro Sículo: III. 67 e 74; IV. 4.

[4] Comentário sobre as *Odes píticas* de Píndaro III. 177; *Fragmento órfico* 59; Plutarco: *Banquetes* VII. 5.

[5] Apolodoro: III. 4. 3; Apolônio de Rodes: IV. 1.137.

15

O NASCIMENTO DE EROS

Alguns estudiosos afirmam que Eros, nascido do ovo primordial engendrado pela Noite, foi o primeiro dos deuses, pois sem ele nenhum dos outros poderia ter nascido. Consideram-no contemporâneo da Mãe Terra e de Tártaro e negam que tivesse pai ou mãe, a não ser que tenha sido obra de Ilítia, a deusa do parto.[1]

b. Outros dizem que era filho de Afrodite com Hermes ou com Ares, ou com o próprio pai dela, Zeus, ou filho de Íris com o Vento Oeste (Zéfiro). Ele era um garoto travesso que não demonstrava nenhum respeito pela idade ou pela posição social, mas voava por aí com asas douradas, lançando flechas farpadas aleatória ou intencionalmente, incendiando corações com suas tochas formidáveis.[2]

1. Para Hesíodo, Eros (“paixão sexual”) era uma mera abstração. Os gregos primitivos o retratavam como um *Ker*, ou um “mal” transcendente, como a velhice ou a peste, no sentido de que a paixão sexual fora de controle poderia perturbar a ordem social. Mais tarde, entretanto, os poetas descobriram um prazer perverso em suas artimanhas e, na época de Praxíteles, já o assimilavam como um jovem belo e sensível. Seu templo mais famoso era o de Téspias, onde os beócios o veneravam como um simples pilar fálico — o pastoral Hermes, ou Príapo, com um nome diferente (vide 150. *a*). Os numerosos relatos sobre sua ascendência são autoexplicativos. Hermes era um deus fálico. Ares, como um deus da guerra, incrementava de desejo as mulheres dos guerreiros. O fato de

Afrodite ter sido a mãe de Eros e Zeus, o pai é uma indicação de que a paixão sexual não se resumia ao incesto. Seu nascimento a partir do Arco-íris e do Vento Oeste não passa de uma fantasia lírica. Ilítia, “aquela que vem em auxílio às mulheres no leito do parto”, era um dos títulos de Ártemis, significando que não há amor mais forte do que o amor materno.

2. Eros nunca foi considerado um deus suficientemente responsável para figurar entre os Doze da família governante do Olimpo.

NOTAS

[1] *Hino órfico* V; Aristóteles: *Metafísica* I. 4; Hesíodo: *Teogonia* 120; Meleager: *Epigramas* 50; Olen, citado por Pausânias: IX. 27. 2.

[2] Cícero: *Da natureza dos deuses* III. 23; Virgílio: *Ciris* 134; Alcaeus, citado por Plutarco: *Amatorius* 20.

16

OS FEITOS E A NATUREZA DE POSEIDON

Zeus, Poseidon e Hades, após destronarem seu pai Cronos, tiraram a sorte num elmo para decidir quem governaria o céu, o mar e o lúgubre mundo subterrâneo, deixando a terra como domínio de todos. Zeus ganhou o céu; Hades, o mundo subterrâneo; e Poseidon, o mar. Este último, igual a seu irmão Zeus em dignidade mas não em poder, e sendo de natureza áspera e combativa, pôs-se imediatamente a construir seu palácio submarino perto de Aegae, na Eubeia. Em seus espaçosos estábulos guardava cavalos brancos de tração, com cascos de bronze e crinas douradas, e um carro de ouro que fazia com que, ao se aproximarem, os ventos de tempestade cessassem de imediato, e em torno do qual os monstros marinhos se alçavam e davam cabriolas.[1]

b. Como necessitasse de uma esposa que se sentisse em casa nas profundezas do mar, ele cortejou a nereida Tétis. Mas quando Têmis profetizou que qualquer filho nascido de Tétis seria superior ao pai, ele desistiu e permitiu que ela se casasse com um mortal chamado Peleu. Então tentou se aproximar de outra nereida, Anfitrite, mas causou-lhe tanta repugnância que ela acabou fugindo na direção do monte Atlas. Contudo, Poseidon enviou mensageiros no seu encalço. Um deles, chamado Delfim, defendeu com tanta arte a causa de Poseidon que ela acabou cedendo, e pediu-lhe que cuidasse dos preparativos para o casamento. Em agradecimento, Poseidon colocou a imagem de Delfim entre as estrelas, que é agora a constelação do Delfim.[2]

Anfitrite deu três filhos a Poseidon: Tritão, Rode e Bentesicima, mas ele lhe dava quase tantos motivos de ciúmes quanto Zeus a Hera, por causa de seus constantes casos amorosos com deusas, ninfas e mortais. Ela detestou de modo especial sua obsessão por Cila, filha de Fórcis, a quem transformou num monstro

ladrador com seis cabeças e 12 pés, ao jogar ervas mágicas na água de seu banho.[3]

c. Poseidon cobiçava os reinos terrestres e reivindicou, certa vez, a posse da Ática, cravando seu tridente na Acrópole de Atenas, de onde imediatamente brotou um poço de água salgada, ainda hoje existente. Quando sopra o Vento Sul (Nótus ou Áuster), pode-se ouvir o rumor das ondas. Mais tarde, durante o reinado de Cécrope, Atena chegou e tomou posse da Ática de uma maneira mais delicada: plantando a primeira oliveira ao lado do poço. Num acesso de ira, Poseidon a desafiou a um duelo, que Atena teria aceitado não fosse a intervenção de Zeus, obrigando-os a submeter a disputa a um tribunal de arbítrio. Pouco tempo depois, os dois se apresentaram diante de uma corte divina, formada por divindades celestiais equivalentes a eles, e Cécrope foi convocado como testemunha. Zeus absteve-se de opinar, mas todos os outros deuses apoiavam Poseidon, ao passo que todas as deusas estavam do lado de Atena. Assim, por um voto de diferença, a corte determinou que Atena tinha mais direito à terra, por ter-lhe oferecido um presente melhor.

d. Profundamente ofendido, Poseidon enviou ondas enormes para inundar a planície da Triásia, onde se localizava a cidade de Atena, e a deusa se mudou então para o lugar ao qual deu seu próprio nome: Atenas. Entretanto, para aplacar a ira de Poseidon, as mulheres de Atenas foram privadas de voto e os homens, proibidos de portar o sobrenome materno, como haviam feito até então.[4]

e. Poseidon disputou também Trezena com Atena, mas, nessa ocasião, Zeus ordenou que a cidade fosse dividida igualmente entre eles, decisão que não agradou a nenhum dos dois. Depois, ele tentou, sem êxito, reivindicar Egina, que pertencia a Zeus, e Naxos, que pertencia a Dionísio, e, ao reclamar Corinto de Hélio, obteve somente o istmo, enquanto o último ficou com a Acrópole. Enfurecido, e novamente disposto a lutar, tentou arrebatar a Argólida de Hera, negando-se a se apresentar diante de seus companheiros no Olimpo, que, segundo dizia, tinham preconceitos contra ele. Por conseguinte, Zeus transferiu o assunto para os deuses fluviais Ínaco, Cefiso e Astério, que decidiram em favor de Hera. Posto que estava proibido de se vingar com inundações, como fizera anteriormente, Poseidon fez exatamente o oposto: secou os rios de seus juízes de maneira que nunca mais voltaram a fluir durante o verão. Entretanto, por consideração a Amimone, uma das danaides afetadas por essa seca, ele fez com que o rio Lerna, em Argos, tivesse caudal perene.[5]

f. Presume-se ter sido ele o criador do cavalo, ainda que alguns digam que, logo depois de seu nascimento, Reia tenha dado um cavalo a Cronos para que o comesse no lugar da criança. Também se atribui a Poseidon a invenção das

rédeas, apesar de Atena já as ter inventado antes. Mas do que ninguém duvida é que foi ele quem instituiu as corridas de cavalo. Sem dúvida, os cavalos são consagrados a ele, talvez por causa de sua perseguição amorosa a Deméter, enquanto ela buscava, aos prantos, sua filha Perséfone. Diz-se que Deméter, exausta e abatida pela busca e sem nenhum desejo de flertar com deuses ou titãs, transformou-se numa égua e começou a pastar junto com a manada de um certo Onco, filho de Apolo que reinava em Telpusa, na Arcádia. Contudo, ela não conseguiu enganar Poseidon, que, por sua vez, transformou-se num garanhão e a cobriu, e dessa vergonhosa união nasceram a ninfa Despina e o cavalo selvagem Árion. A ira de Deméter foi tão intensa que ela ainda é venerada, no culto local, como "Deméter, a Fúria".[6]

1. Tétis, Anfitrite e Nereis eram diferentes títulos locais da deusa-Lua tripla como regente do mar, e Poseidon, por ser o deus-pai dos eólios, povo dedicado às atividades marítimas, reclamou o direito de ser seu esposo, onde quer que ela fosse venerada. Peleu esposara Tétis no monte Pélion (vide 81. *l*). Nereis significa "a molhada", e o nome de Anfitrite se refere ao "terceiro elemento", o mar, que rodeia o primeiro elemento, a terra, e por cima dos quais se alça o segundo elemento, ou seja, o ar. Nos poemas homéricos, Anfitrite significa simplesmente "o mar" e não se apresenta personificada como esposa de Poseidon. Sua relutância em se casar com ele coincide com a relutância de Hera em se casar com Zeus, e com a de Perséfone em se casar com Hades. O matrimônio envolvia a interferência dos sacerdotes masculinos no controle feminino da indústria pesqueira. A fábula do Delfim é uma alegoria sentimental: os golfinhos aparecem apenas quando o mar está calmo. As filhas de Anfitrite eram ela mesma, manifestada numa tríade: Tritão, a Lua nova da boa sorte; Rode, a Lua cheia da colheita; e Bentesicima, a perigosa Lua velha. Mas a Tritão, depois, foi atribuído o gênero masculino. Aegae situava-se no lado beócio protegido da Eubeia e servia como porto de Orcômeno. Foi em seus arredores que se concentrou a expedição naval que partiu contra Troia.

2. A história da vingança de Anfitrite contra Cila tem um paralelismo com a vingança de Pasífae contra uma outra Cila (vide 91. *2*). Cila ("a que rasga" ou "cachorrinho") é simplesmente um aspecto desagradável dela mesma: Hécate, a deusa da morte com cabeça de cão (vide 31. *f*), que vivia tanto na terra como entre as ondas. Um selo impresso de Cnossos mostra Hécate ameaçando um

homem num barco, tal como ameaçou Odisseu (Ulisses, entre os romanos) no estreito de Messina (vide 170. *t*). O relato citado por Tzetzes parece resultar da interpretação equivocada da pintura de uma antiga vasilha, na qual Anfitrite aparece em pé, ao lado de um tanque com água ocupado por um monstro com cabeça de cão. No outro lado da vasilha aparece um herói afogado, preso entre duas tríades de deusas também com cabeças de cão, na entrada do mundo subterrâneo (vide 31. *a* e 134. *1*).

3. As tentativas de Poseidon de se apoderar de certas cidades são mitos políticos. Sua disputa por Atenas sugere uma tentativa fracassada de ocupar o lugar de Atena, convertendo-se no deus patrono da cidade. A vitória de Atena, porém, foi diminuída por uma concessão feita ao patriarcado: os atenienses abandonaram o costume cretense de usar o sobrenome da mãe, tradição que prevaleceu em Cária até a época clássica (Heródoto: I. 173). Varrão, que aponta esse detalhe, descreve o processo como um plebiscito do qual participaram todos os homens e mulheres de Atenas.

É evidente que os pelasgos jônicos de Atenas foram derrotados pelos eólios e que Atena recuperou sua soberania, só por ter-se aliado aos aqueus de Zeus, que mais tarde fizeram-na renegar a paternidade de Poseidon e admitir ter renascido da cabeça de Zeus.

4. O cultivo da oliveira foi originalmente importado da Líbia, o que sustenta o mito da origem líbia de Atena. Mas o que ela levou consigo deve ter sido uma muda, visto que a oliveira cultivada não se reproduz sozinha, a não ser a partir de um enxerto na oleácea, ou oliveira selvagem. A oliveira da deusa ainda era exibida na Atenas do século II da era cristã. A inundação da planície da Triásia é provavelmente um acontecimento histórico, mas que não pode ser datado. No início do século XIV a.C., época que os meteorologistas imaginam ter sido de chuvas torrenciais, é possível que os rios da Arcádia nunca tenham ficado sem água e que sua posterior diminuição tenha sido atribuída à vingança de Poseidon. O culto pré-helênico do Sol em Corinto está claramente demonstrado (Pausânias: II. 4. 7 — vide 67. *2*).

5. O mito de Deméter e Poseidon registra uma invasão helênica da Arcádia. Deméter era representada, em Figália, como a padroeira com cabeça de égua do culto pré-helênico do cavalo. Os cavalos eram consagrados à Lua, porque seus cascos têm a forma de meia-lua, e a Lua era considerada fonte de todas as águas, daí a associação de Pégaso com as fontes de água (vide 75. *b*). Os helenos primitivos introduziram na Grécia uma nova raça de cavalos maiores, transcaspianos, já que a variedade local era do tamanho de um pônei das ilhas Shetland e imprópria para tração. Eles parecem ter tomado os principais centros do culto ao cavalo, onde forçaram as sacerdotisas locais a se casarem com seus

reis guerreiros, obtendo, assim, o direito de propriedade da terra e suprimindo, consequentemente, as orgias das éguas selvagens (vide 72. *4*). Os cavalos sagrados Árion e Despina (este último, um título da própria Deméter) foram então reivindicados como filhos de Poseidon. Amimone pode ter sido um nome da deusa em Lerna, centro do culto danaídeo da água (vide 60. *g* e *4*).

6. Deméter como Fúria, do mesmo modo que Nêmesis como Fúria (vide 32. *3*), era a deusa em seu estado de ânimo assassino, o que ocorria uma vez por ano. O que se conta a respeito de Poseidon e Deméter em Telpúsia (Pausânias: VIII. 42), e de Poseidon e uma Fúria sem nome na fonte de Tilfusa, na Beócia (comentários sobre a *Ilíada* de Homero XXIII. 346), já era sobejamente conhecido quando os helenos chegaram. Aparece na literatura sagrada primitiva indiana, na qual Saranyu se transforma em égua, e Vivaswat, num garanhão que a cobre. São frutos dessa união os dois heroicos Asvins. Talvez a "Deméter Erínia" não seja o equivalente da "Deméter, a Fúria", mas da "Deméter Saranyu" — numa tentativa de reconciliação das duas culturas guerreiras. De qualquer modo, para os ressentidos pelasgos, Deméter foi desde sempre ultrajada.

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* XV. 187-193; VIII. 210-211; XIII. 21-30; *Odisseia* V. 381; Apolônio de Rodes: III. 1.240.

[2] Apolônio: III. 13. 5; Higino: *Astronomia poética* II. 17.

[3] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 45 e 50.

[4] Heródoto: VIII. 55; Apolodoro: III. 14. 1; Pausânias: 24. 3; Agostinho: *A cidade de Deus* XVIII. 9; Higino: Fábula 164.

[5] Pausânias: II. 30. 6; Plutarco: *Banquetes* IX. 6; Pausânias: II. 1. 6; II. 15. 5; II. 22. 5.

[6] Píndaro: *Odes píticas* VI. 50; Pausânias: VIII. 25. 3-5; Apolodoro: III. 6. 8.

UMA NINFA E UM SÁTIRO,
escultura de Louis-Robert Carrier-Belleuse em mármore
Nice, França

17

OS FEITOS E A NATUREZA DE HERMES

Quando Hermes nasceu, no monte Cilene, sua mãe, Maia, o embrulhou em fraldas e o colocou sobre uma ventoinha de limpar trigo, mas ele cresceu e se transformou em garoto numa rapidez tão assombrosa que bastou a mãe virar-lhe as costas por um momento para ele desaparecer em busca de aventuras. Chegando em Pieria, onde Apolo guardava um excelente rebanho de vacas, Hermes decidiu roubá-las. Contudo, temendo que seus rastros o traíssem, ele rapidamente confeccionou vários sapatos a partir da casca de um carvalho tombado e os amarrou com grama trançada às patas das vacas, conduzindo-as durante a noite pela estrada. Ao descobrir a perda, Apolo rumou para o oeste, até Pilus, e para o leste, até Onquesto, mas o truque de Hermes o despistou. Viu-se então obrigado a oferecer uma recompensa pela captura do ladrão. Sileno e seus sátiros, ansiosos pela recompensa, espalharam-se em diversas direções atrás de seus rastros, sem por muito tempo obter nenhum sucesso. Finalmente, quando alguns deles passaram pela Arcádia, ouviram o ruído surdo de uma música que jamais haviam escutado antes, e a ninfa Cilene, postada à entrada de uma caverna, lhes disse que uma criança superdotada tinha nascido ali havia pouco e que ela era sua ama. O menino tinha fabricado um engenhoso brinquedo musical com uma carapaça de tartaruga e tripas de vaca, cujo som fez sua mãe dormir.

b. — Mas onde terá ele conseguido as tripas de vaca? — perguntaram os sátiros atentos, ao ver dois couros estendidos na entrada da caverna.

— Estão, por acaso, acusando de ladra esta pobre criatura? — interrogou Cilene, dando início a uma troca áspera de palavras.

c. Nesse momento, apareceu Apolo, que havia descoberto a identidade do ladrão, observando o comportamento suspeito de um pássaro de grandes asas. Entrou na caverna, acordou Maia e lhe disse com severidade que Hermes deveria

devolver as vacas roubadas. Maia apontou para o menino, ainda envolto em fraldas, fingindo que dormia.

— Que infame acusação! — gritou ela.

Mas Apolo já havia reconhecido o couro de suas vacas. Então conduziu Hermes ao Olimpo e ali o acusou formalmente de roubo, mostrando como prova o couro arrebatado de suas novilhas. Zeus, relutante em acreditar que seu filho recém-nascido fosse um ladrão, estimulou-o a se declarar inocente, mas Apolo não estava disposto a ceder, e, finalmente, Hermes fraquejou e acabou confessando.

— Venha comigo — disse Hermes —, e terá o seu rebanho. Só abati duas vacas, que esquartejei em 12 pedaços iguais como sacrifício aos 12 deuses.

— Doze deuses? — perguntou Apolo. — Quem é o décimo segundo?

— A seu dispor — respondeu Hermes, solícito. — Comi somente a minha parte, embora estivesse com muita fome, e o resto foi devidamente incinerado.

Assim foi feito o primeiro sacrifício de carne de que se tem notícia.

d. Os dois deuses regressaram ao monte Cilene, onde Hermes cumprimentou sua mãe e recuperou algo que havia escondido debaixo de uma pele de ovelha.

— O que você tem aí? — perguntou Apolo.

Em resposta, Hermes mostrou-lhe sua lira recém-inventada, feita de carapaça de tartaruga. Então, utilizando o plectro também inventado por ele, tocou uma melodia tão arrebatadora, cantando ao mesmo tempo em louvor à nobreza, à inteligência e à generosidade de Apolo, que foi imediatamente perdoado. Hermes conduziu o surpreso e encantado Apolo até Pilos, sem parar de tocar durante todo o trajeto, e lá entregou-lhe o resto do gado que havia escondido numa caverna.

— Façamos um trato! — exclamou Apolo. — Você fica com as vacas e, em troca, me dá a lira.

— Certo — concordou Hermes, e apertaram as mãos.

e. Enquanto as vacas famintas pastavam, Hermes cortou algumas canas, fez com elas uma siringe e se pôs a tocar outra melodia.

— Proponho outro trato! — gritou Apolo, deleitado. — Se você me der a siringe, eu lhe entregarei este caduceu de ouro, com o qual conduzo meu gado. No futuro, você será o deus de todos os pastores.

— Minha siringe vale mais do que o caduceu — replicou Hermes. — Mas vou aceitar a troca se você me ensinar a prever o futuro, pois essa arte me parece muito útil.

— Não posso fazer isso — disse Apolo. — Mas, se procurar minhas antigas amas, as Trias, que moram no Parnaso, elas lhe ensinarão a arte da adivinhação

com seixos.

f. Mais uma vez apertaram as mãos, e Apolo, levando a criança de volta ao Olimpo, contou a Zeus tudo o que havia acontecido. Zeus advertiu Hermes de que, a partir daquele momento, ele deveria respeitar o direito à propriedade e abster-se de contar mentiras, mas não conseguiu deixar de se divertir com tudo aquilo.

— Você me parece um pequeno deus muito eloquente, engenhoso e persuasivo — disse ele.

— Então, faça de mim seu mensageiro, Pai — respondeu Hermes —, e zelarei pela segurança de todas as propriedades divinas. E jamais contarei mentiras, embora não me comprometa a dizer sempre a verdade absoluta.

— Tampouco esperaria isso de você — disse Zeus, sorrindo. — Mas terá de fechar contratos, promover o comércio e assegurar a liberdade de movimento dos viajantes por todas as estradas do mundo.

No momento em que Hermes aceitou tais condições, Zeus deu-lhe um báculo de mensageiro com laços brancos para impor respeito, um chapéu redondo para protegê-lo da chuva e sandálias aladas douradas, que o transportariam com a velocidade do vento. Em seguida, ele foi aceito na família olímpica, a quem ensinou a arte de fazer fogo girando rapidamente varinhas de madeira.

g. Depois, as Trias ensinaram Hermes a prever o futuro observando o movimento dos seixos numa vasilha de água, e ele mesmo inventou o jogo dos ossos das juntas dos dedos e a arte da adivinhação por meio deles. Hades também o empregou como mensageiro, para atrair os moribundos com gentileza e eloquência, colocando o caduceu de ouro sobre seus olhos.[1]

h. Em seguida, ele ajudou as três Parcas na composição do alfabeto, inventou a astronomia, a escala musical, as artes do pugilismo e da ginástica, o sistema de pesos e medidas (que alguns atribuem a Palamedes) e o cultivo da oliveira.[2]

i. Alguns dizem que a lira inventada por Hermes tinha sete cordas; outros, que tinha apenas três, correspondendo às estações, ou quatro, conforme os trimestres do ano, e que Apolo foi quem aumentou o número para sete.[3]

j. Hermes teve uma prole numerosa. Entre seus filhos estão Equíon, mensageiro dos argonautas; Autólico, o ladrão; e Dáfnis, inventor da poesia bucólica. O jovem Dáfnis era um belo siciliano a quem sua mãe, uma ninfa, abandonou num bosque de loureiros na montanha de Hera, daí seu nome ter-lhe sido dado pelos pastores, seus pais adotivos. Pã ensinou-o a tocar a siringe. Era o favorito de Apolo e costumava caçar na companhia de Ártemis, que se deleitava com a sua música. Ele tinha muito zelo com seus rebanhos, que eram da mesma

raça que os de Hélio. Uma ninfa chamada Nômia o fez jurar que nunca lhe seria infiel, sob o risco de ficar cego. Mas Quimera, rival dessa ninfa, conseguiu seduzi-lo durante uma bebedeira, e Nômia, cumprindo a ameaça, cegou-o. Dáfnis consolou-se por algum tempo com tristes canções sobre o seu infortúnio, mas não viveu muito. Hermes a converteu num rochedo, que ainda pode ser visto na cidade de Cefalenitano, e fez brotar uma fonte com o nome de Dáfnis em Siracusa, onde são oferecidos sacrifícios anuais.[4]

1. O mito da infância de Hermes conservou-se somente numa forma literária posterior. O tradicional roubo de gado feito pelos astutos messênios contra seus vizinhos (vide 74. *g* e 171. *h*) e o tratado graças ao qual essa prática cessou parecem ter sido mitologicamente associados a um relato sobre como os bárbaros helenos, em nome de seu deus adotado Apolo, dominaram e exploraram a civilização creto-heládica que encontraram no sul e no centro da Grécia — o pugilismo, a ginástica, os pesos e medidas, a música, a astronomia e a cultura da oliveira eram todos pré-helênicos (vide 162. *6*) — e acabaram aprendendo boas maneiras.

2. Hermes evoluiu até a categoria de deus a partir dos falos de pedra, que eram os centros locais do culto pré-helênico da fertilidade (vide 15. *1*) — o relato de seu vertiginoso crescimento físico pode ser uma espirituosa obscenidade de Homero —, mas também pode ter sido a partir da Criança Divina do calendário pré-helênico (vide 24. *6*, 44. *1*, 105. *1*, 171. *4* etc.), do Tot egípcio, deus da inteligência, e de Anúbis, condutor das almas para o mundo subterrâneo.

3. Os laços brancos de arauto do báculo confundiram-se posteriormente com serpentes, porque Hermes era o mensageiro de Hades, daí o nome de Equíon. As Trias são a tripla musa (“deusa da montanha”) do Parnaso, e sua arte de adivinhação por seixos era também praticada em Delfos (Mythographi Graeci: *Appendix Narrationum* 67). Atena foi a primeira a receber o crédito pela invenção da adivinhação por dados feitos de ossos metacárpicos (Zenóbio: *Provérbios* V. 75), transformados, com o tempo, em objetos de uso popular. Mas a arte de predizer o futuro continuou sendo prerrogativa da aristocracia, tanto na Grécia como em Roma. O “pássaro de grandes asas” de Apolo era provavelmente o próprio grou sagrado de Hermes. Os sacerdotes de Apolo invadiam constantemente o território de Hermes, antigo patrono da predição, da

literatura e das artes, tal como o sacerdócio hermético invadia o espaço de Pã, das musas e de Atena. A invenção do fogo se atribuiu a Hermes, pois o giro da vareta masculina no orifício feminino evocava a magia fálica.

4. Sileno e seus filhos, os sátiros, eram personagens cômicos convencionais no teatro ático (vide 83. *5*). Originalmente haviam sido montanheses primitivos do norte da Grécia. Uma das ninfas chamou Sileno de autóctone, ou filho de Pã (Nonnus: *Dionisíacas* XIV. 97; XXIX. 262; Eliano: *Varia Historia* III. 18).

5. A romântica história de Dáfnis desenvolveu-se em torno de um pilar fálico de Cefalenitano e uma fonte de Siracusa, ambos provavelmente rodeados por um bosque de loureiros, onde se cantavam canções em honra aos mortos cegos. Diz-se que Dáfnis era o predileto de Apolo porque havia arrebatado o louro da deusa orgiástica de Tempe (vide 21. *6*).

NOTAS

[1] *Hino homérico a Hermes* I-543; Sófocles: *Fragmentos dos perseguidores*; Apolodoro: III. 10. 2.

[2] Diodoro Síclo: V. 75; Higino: *Fábula* 277; Plutarco: *Banquetes* IX. 3.

[3] *Hino homérico a Hermes* 51; Diodoro Síclo: I. 16; Macrobius: *Saturnaliorum Conviviorum* I. 19; Calímaco: *Hino a Delos* 253.

[4] Diodoro Síclo: IV. 84; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio V. 20; VIII. 68; X. 26; Filargírio sobre as *Églogas* de Virgílio V. 20; Eliano: *Varia Historia* X. 18.

HERMES,
escultura em mármore encontrada na região do Peloponeso, provavelmente erigida no período Augusto (27 a.C. - 14 a.C.)

18

OS FEITOS E A NATUREZA DE AFRODITE

Raramente se conseguia convencer Afrodite a emprestar às outras deusas seu cinto mágico, que fazia com que todos se apaixonassem pela portadora, pois tinha muito ciúme de sua vantajosa posição. Zeus a havia cedido em matrimônio a Hefesto (Vulcano, entre os romanos), o deus ferreiro coxo, mas o verdadeiro pai de seus três filhos — Fobos, Deimos e Harmonia — era Ares, o impetuoso, ébrio e irascível deus da guerra, de membros fortes e bem-formados. Hefesto ignorava a traição, até que, uma noite, os amantes permaneceram tempo demais na cama do palácio de Ares, na Trácia. Quando Hélio se levantou e viu que estavam se divertindo, foi contar tudo a Hefesto.

b. Hefesto retirou-se furioso para a sua ferraria e, a golpes de martelo, forjou uma rede de caça em bronze, tão fina como uma teia de aranha mas inquebrantável, que atou secretamente aos pilares e às laterais de seu leito matrimonial. Quando Afrodite voltou da Trácia, toda sorridente, dizendo que havia resolvido certos assuntos em Corinto, seu marido lhe disse:

— Perdoe-me, querida, farei um breve retiro na ilha de Lemnos, minha favorita.

Afrodite não se ofereceu para acompanhá-lo e, quando o perdeu de vista, apressou-se em chamar Ares, que veio imediatamente. Os dois se atiraram alegremente na cama, mas, ao amanhecer, viram-se envoltos na rede, nus e incapazes de escapar. Ao regressar de sua viagem, Hefesto os surpreendeu ali e chamou todos os deuses para testemunhar sua desonra. Anunciou então que não libertaria a esposa enquanto não recebesse de volta os valiosos presentes nupciais que entregara a Zeus, pai adotivo de Afrodite.

c. Os deuses logo se prontificaram a contemplar o embaraço de Afrodite. Mas as deusas, por delicadeza, ficaram em casa. Apolo cutucou Hermes:

— Você não se importaria em estar no lugar de Ares, com rede e tudo, não? — perguntou.

Hermes disse, jurando por sua própria cabeça, que não se importaria em absoluto, mesmo que houvesse três vezes mais redes e que todas as deusas estivessem olhando com desprezo. Diante de tal resposta, ambos explodiram em gargalhadas. Mas Zeus estava tão desgostoso que se negou a devolver os presentes nupciais ou a interferir numa vulgar disputa entre marido e mulher, declarando que Hefesto era um estúpido por ter propalado o assunto. Ao ver o corpo desnudo de Afrodite, Poseidon apaixonou-se por ela, mas ocultou a inveja que sentia de Ares, fingindo simpatizar com Hefesto:

— Já que Zeus se recusa a ajudar — disse Poseidon —, providenciarei para que Ares pague, para ser liberado, o equivalente aos presentes nupciais em questão.

— Assim está muito bem — replicou Hefesto, triste. — Mas, se Ares não cumprir a obrigação, você terá de substituí-lo embaixo da rede.

— Em companhia de Afrodite? — perguntou Apolo, rindo.

— Não creio que Ares falte com a palavra — disse Poseidon, com nobreza. — Mas, se o fizer, estou disposto a pagar eu mesmo a dívida e a me casar com Afrodite.

Assim, Ares foi colocado em liberdade e voltou para a Trácia, enquanto Afrodite foi para a ilha de Pafos, onde renovou sua virgindade no mar.[1]

d. Lisonjeada pela sincera confissão de amor de Hermes, Afrodite passou uma noite com ele, e o fruto deste ato foi Hermafrodito, uma criatura com os dois sexos. Igualmente contente com a intervenção de Poseidon em sua defesa, ela lhe deu dois filhos, Rodo e Herófilo.[2] É desnecessário dizer que Ares se omitiu, alegando que, se Zeus não se dipôs a pagar, por que ele o faria? No final, ninguém pagou, porque Hefesto estava loucamente apaixonado por Afrodite e não tinha intenções reais de se divorciar dela.

e. Mais tarde, Afrodite entregou-se a Dionísio, dando-lhe Príapo, um menino feio com um falo descomunal (foi Hera quem lhe deu essa aparência obscena a fim de punir Afrodite por sua promiscuidade). Ele era jardineiro e carregava consigo um podão.[3]

f. Embora Zeus nunca tenha se deitado com sua filha adotiva Afrodite, como afirmam alguns, a magia de seu cinto submeteu-o a constantes tentações, e, finalmente, ele decidiu humilhá-la, fazendo-a apaixonar-se perdidamente pelo mortal Anquises, o atraente rei dos dárdanos e neto de Ilo. Uma noite, quando dormia em sua cabana de pastor, no monte Ida, em Troia, Afrodite veio visitá-lo disfarçada de princesa frígia, envolta numa deslumbrante túnica vermelha, e se entregou a ele num leito de peles de ursos e leões, enquanto as abelhas zumbiam

sonolentas ao seu redor. Quando se separaram, ao amanhecer, ela revelou sua identidade e o fez prometer que não contaria a ninguém que ela havia partilhado o leito com ele. Anquises ficou horrorizado ao descobrir que havia violado a nudez de uma deusa e suplicou-lhe que poupasse sua vida. Ela lhe garantiu que não tinha nada a temer e que o filho que teriam haveria de ser famoso.[4] Alguns dias depois, enquanto Anquises bebia com os amigos, um deles lhe perguntou:

— Você não preferiria dormir com a filha de cicrana e beltrano a ter nos braços a própria Afrodite?

— Por certo que não — respondeu ele com imprudência. — Tendo dormido com as duas, considero absurda a pergunta.

g. Zeus escutou a bazófia e lançou um raio contra Anquises, que teria morrido na hora não houvesse Afrodite usado seu cinto para desviar o corisco na direção da terra onde estavam seus pés. De qualquer modo, o impacto enfraqueceu Anquises de tal maneira que nunca mais ele foi capaz de se manter em pé, e Afrodite, pouco depois de dar à luz seu filho Eneias, perdeu toda a paixão por ele.[5]

h. Um dia, a mulher do rei Cíniras, do Chipre — também chamado rei Fênix, de Biblos, e rei Teias, da Assíria —, teve a leviandade de alardear que sua filha Esmirna chegava a ser mais bela que Afrodite. A deusa vingou-se desse insulto fazendo Esmirna apaixonar-se pelo pai e esgueirar-se furtivamente para a cama dele numa noite escura, depois de mandar que sua aia o embebedasse a ponto de perder a noção do que fizesse. Mais tarde, Cíniras descobriu que era ao mesmo tempo pai e avô do futuro filho de Esmirna e, num ataque de ira, empunhou uma espada e a perseguiu até expulsá-la do palácio. Alcançou-a no alto de uma colina, mas Afrodite apressou-se em transformá-la numa árvore de mirra, que a espada cortou pela metade. Dela saiu o menino Adônis. Afrodite, já arrependida da maldade que havia cometido, escondeu o recém-nascido num cofre e o confiou a Perséfone, Rainha da Morte, pedindo-lhe que o guardasse num lugar escuro.

i. Perséfone ficou muito curiosa e abriu o cofre, encontrando Adônis lá dentro. Ele era tão adorável que ela o pegou nos braços e o levou para seu palácio. A notícia chegou a Afrodite, que imediatamente se apresentou no Tártaro para reclamar Adônis. Mas, diante da recusa de Perséfone, que o havia convertido em seu amante, apelou a Zeus. Dando-se conta de que Afrodite também queria deitar-se com Adônis, Zeus negou-se a julgar uma disputa tão vulgar e transferiu o assunto para um tribunal menor, presidido pela musa Calíope. Seu veredito foi que Perséfone e Afrodite tinham o mesmo direito sobre Adônis: Afrodite por ter arranjado o seu nascimento e Perséfone por tê-lo resgatado do cofre, mas que a ele deveriam ser concedidas breves férias anuais

para poder descansar das exigências amorosas dessas duas deusas insaciáveis. Portanto, Calíope dividiu o ano em três partes iguais, uma das quais Adônis dedicaria a Perséfone, outra a Afrodite e a terceira a si mesmo.

Afrodite foi ardilosa: valendo-se de seu cinto mágico, convenceu Adônis a dedicar-lhe o tempo que tinha para si mesmo e a detestar o período dedicado a Perséfone, descumprindo, portanto, a sentença do tribunal.[6]

j. Perséfone, legitimamente ofendida, foi à Trácia para contar a seu benfeitor Ares que agora Afrodite o estava preterindo por causa de Adônis.

— É um simples mortal — gritou ela —, e, ainda por cima, efeminado!

Enciumado, Ares metamorfoseou-se em javali, correu ao monte Líbano, onde Adônis estava caçando, e o escornou até a morte diante dos olhos de Afrodite. De seu sangue brotaram anêmonas, e sua alma desceu ao Tártaro. Afrodite foi ter com Zeus e, aos prantos, suplicou-lhe que Adônis não passasse mais do que a metade mais melancólica do ano com Perséfone e que fosse o seu companheiro durante os meses de verão. Zeus aquiesceu magnanimamente. Mas há quem diga que o javali era, na verdade, Apolo, vingando-se de uma ofensa que Afrodite lhe havia feito.[7]

k. Certa vez, para fazer ciúmes a Adônis, Afrodite passou várias noites em Lilibeu com o argonauta Butes, com quem teve o filho Érice, que se tornou rei da Sicília. Com Adônis teve Golgos, fundador de Golgi, no Chipre, e uma filha, Beroe, fundadora de Beroea, na Trácia. Há quem diga inclusive que foi Adônis, e não Dionísio, o pai de seu filho Príapo.[8]

l. As Parcas determinaram para Afrodite um único dever divino: fazer amor. Mas um dia Atena surpreendeu-a trabalhando secretamente num tear e foi se queixar de que suas próprias prerrogativas estavam sendo infringidas, ameaçando abandoná-las por completo. Afrodite desculpou-se profusamente e desde então jamais voltou a realizar um trabalho manual sequer.[9]

1. Os helenos posteriores diminuíram a importância da grande deusa do Mediterrâneo — durante muito tempo, deusa suprema de Corinto, Esparta, Téspias e Atenas —, colocando-a debaixo da tutela masculina e considerando suas solenes orgias sexuais como indiscrições adúlteras. Homero descreve Afrodite presa por Hefesto numa rede que originalmente pertencia a ela, como deusa do mar (vide 89. *2*), e que provavelmente era usada por sua sacerdotisa

durante o carnaval da primavera. A sacerdotisa nórdica Holle, ou Gode, fazia o mesmo no Dia de Maio.

2. Príapo teve origem nas rudes imagens fálicas de madeira que presidiam as orgias dionisíacas. Foi considerado filho de Adônis por causa dos "jardins" em miniatura ofertados durante suas festas. A pereira era consagrada a Hera como deusa principal do Peloponeso e, por conseguinte, ela foi chamada de Ápia (vide 64. *4* e 74. *6*).

3. Afrodite Urânia ("rainha da montanha"), ou Ericina ("deusa da urze"), era a deusa-ninfa de meados do verão. Ela destruiu o rei sagrado, com quem copulou no cume de uma montanha, da mesma maneira que a abelha-mestra aniquila o zangão: arrancando-lhe os órgãos sexuais. Isso explica as abelhas amantes da urze e a túnica vermelha, elementos presentes em seu romance com Anquises em cima da montanha, bem como o culto de Cibele, a Afrodite frígia do monte Ida como abelha-mestra, e a extática autocastração de seus sacerdotes em memória de seu amante Átis (vide 79. *1*). Anquises era um dos vários reis sagrados feridos com um raio ritualístico após terem sido consortes da deusa da morte em vida (vide 24. *a*). Na versão mais antiga do mito ele era assassinado, mas nas posteriores consegue escapar: para justificar a história de como o bondoso Eneias, que levou o sagrado Paládio a Roma, conseguiu salvar seu pai quando a cidade de Troia estava em chamas (vide 168. *c*). Seu nome identifica Afrodite com Ísis, cujo esposo Osíris foi castrado por Set disfarçado de javali. De fato, "Anquises" é um sinônimo de Adônis. Um santuário de Anquises em Egesta, perto do monte Érix (Dionísio de Halicarnasso: I. 53), levou Virgílio a concluir que ele morreu em Drépano, uma cidade vizinha, e foi enterrado na montanha (*Eneida* III. 710, 759 etc.). Na Tróade e na Arcádia surgiram outros santuários a ele. Um favo de mel de ouro exposto no santuário de Afrodite, no monte Érix, parece ter sido uma oferenda votiva de Dédalo por ocasião de sua fuga para a Sicília (vide 92. *h*).

4. Como deusa da morte em vida, Afrodite recebeu muitos títulos que parecem incompatíveis com sua beleza e complacência. Em Atenas era conhecida como a Maior das Parcas e irmã das Erínias e, em outros lugares, como Melênis ("a negra"), nome que significaria, segundo uma ingênua explicação de Pausânias, que a maior parte dos atos sexuais ocorre durante a noite. Outros nomes são Escócia ("a escura"), Andrófonos ("assassina de homens") e, segundo Plutarco, Epitímbria ("das tumbas").

5. O mito de Cíniras e Esmirna registra evidentemente um período da História em que o rei sagrado, numa sociedade matrilinear, decidiu prolongar seu reinado para além da duração habitual. E o fez casando-se com a jovem sacerdotisa — em teoria, sua filha — que viria a ser rainha no próximo mandato,

para impedir que algum principezinho se casasse com ela e pusesse fim a seu reinado (vide 65. *1*).

6. Adônis (do fenício *adon*, "senhor") é uma versão grega do semideus sírio Tamus, o espírito da vegetação anual. Na Síria, na Ásia Menor e na Grécia, o ano sagrado da deusa se dividia em três partes, regidas pelo Leão, pela Cabra e pela Serpente (vide 75. *2*). A Cabra, emblema da parte central, pertencia à deusa do amor, Afrodite; a Serpente, emblema da última parte, à deusa da morte, Perséfone; e o Leão, emblema da primeira parte, era consagrado à deusa do parto, chamada aqui de Esmirna, que não tinha nenhum direito sobre Adônis. Na Grécia, esse calendário deu lugar a um ano de duas estações, dividido no estilo oriental pelos equinócios, como em Esparta e em Delfos, ou pelos solstícios, segundo o estilo ocidental de Atenas e Tebas. Isso explica as diferenças entre os respectivos veredictos de Zeus e da deusa da montanha Calíope.

7. Tamus foi morto por um javali, como diversos personagens míticos semelhantes: Osíris, o Zeus cretense, Anceu da Arcádia (vide 157. *e*), Carmanor da Lídia (vide 136. *b*) e o herói irlandês Diarmuid. Esse javali parece uma vez ter sido uma porca com presas em forma de meia-lua, ou seja, a própria deusa na figura de Perséfone. Mas, quando se dividiu o ano, a estação luminosa passou a ser regida pelo rei sagrado, e a metade escura, pelo seu sucessor, o rival, que aparecia disfarçado de javali selvagem — como Set, quando matou Osíris, ou como Finn mac Cool, quando matou Diarmuid. O sangue de Tamus é uma alegoria das anêmonas que cobriam de vermelho as encostas do monte Líbano depois das chuvas invernais. Em Biblos celebrava-se, a cada primavera, a Adônia, festa funeral em homenagem a Tamus. O nascimento de Adônis a partir de uma árvore de mirra — um afrodisíaco bem conhecido — demonstra o caráter orgiástico de seus ritos. As gotas de resina que essa árvore exsuda são supostamente as lágrimas por ele derramadas (Ovídio: *Metamorfoses* X. 500 *et seq.*). Higino faz de Cíniras o rei da Assíria (*Fábula* 58), talvez porque o culto a Tamus parecesse ter tido ali sua origem.

8. Hermafrodito, filho de Afrodite, era um jovem com cabelos longos e seios de mulher. Tal como a *andrógina*, ou mulher barbuda, o hermafrodita tinha, naturalmente, sua extravagante contrapartida física, mas, como conceitos religiosos, ambos surgiram durante a transição do matriarcado para o patriarcado. Hermafrodito é o rei sagrado, representante da Rainha (vide 136. *4*), que porta seios artificiais. Andrógina é a mãe de um clã pré-helênico que conseguiu evitar o patriarcado, e, para manter seus poderes magistrais ou enobrecer os filhos nascidos dela com um pai-escravo, adota uma barba falsa, como era o costume em Argos. As deusas barbudas, como a Afrodite cipriota, e

os deuses efeminados, como Dionísio, correspondem a essas etapas sociais de transição.

9. Harmonia é, à primeira vista, um nome estranho para uma filha nascida de Afrodite e Ares, mas, naquela época, assim como agora, o que prevalecia num Estado que estava em guerra era mais do que simplesmente carinho e harmonia.

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* VIII. 266-367.

[2] Diodoro Sículo: IV. 6; escoliasta sobre as *Odes píticas* de Píndaro: VIII. 24.

[3] Pausânias: IX. 31. 2; escoliasta de Apolônio de Rodes: I. 932.

[4] *Hino homérico a Afrodite* 45-200; Teócrito: *Idílios* I. 105-107; Higino: *Fábula* 94.

[5] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio II. 649.

[6] Apolodoro: III. 14. 3-4; Higino: *Astronomia poética* II. 7 e *Fábulas* 58, 164, 251; Fulgêncio: *Mitologia* III. 8.

[7] Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio X. 18; *Hino órfico* LV. 10; Ptolomeu Hefestionos: I. 306.

[8] Apolônio de Rodes: IV. 914-919; Diodoro Sículo: IV. 83; comentário sobre os *Idílios* de Teócrito XV. 100; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 831.

[9] Hesíodo: *Teogonia* 203-204; Nono: *Dionisíacas* XXIV. 274-281.

ARES,
réplica do original grego conservado em Tivoli, Itália

19

OS FEITOS E A NATUREZA DE ARES

O Ares trácio adora a batalha pela batalha, e sua irmã Éris está sempre criando motivos para desencadear uma guerra, seja difundindo rumores ou semeando ciúmes e invejas. Como ela, Ares nunca privilegia uma cidade ou um partido, mas luta de um lado ou de outro, de acordo com sua inclinação, deleitando-se com a matança de gente e o saque de cidades. Todos os seus colegas imortais o odeiam, desde Zeus e Hera até o mais inferior, exceto Éris, Afrodite — que alimenta uma paixão perversa por ele — e o voraz Hades, que dá boas-vindas aos valentes jovens guerreiros mortos em guerras sangrentas.

b. Ares nem sempre saiu vencedor. Atena, guerreira muito mais hábil, derrotou-o duas vezes em combate. Uma vez, os Aloídas o capturaram e o encarceraram num pote de bronze durante 13 meses, até que, semimorto, ele foi libertado por Hermes. Noutra ocasião, Hércules o fez voltar correndo para o Olimpo, apavorado. Desprezava profundamente os litígios, nunca se apresentou diante de um tribunal como pleiteador e apenas uma vez como acusado, quando os outros deuses o responsabilizaram pelo horrível assassinato de Halirrótio, filho de Poseidon. Ele se justificou com a alegação de que agira para salvar sua filha Alcipe, da Casa de Cécrope, que ia ser violada pelo tal Halirrótio. Como ninguém havia presenciado o incidente, exceto o próprio Ares e Alcipe, que naturalmente confirmou o testemunho do pai, o tribunal o absolveu. Essa foi a primeira sentença pronunciada num julgamento por assassinato, e a colina onde os procedimentos ocorreram ficou conhecida como Areópago, nome que ainda conserva.[1]

1. Os atenienses não eram amantes da guerra, a não ser para defender sua liberdade ou por alguma outra razão igualmente urgente, e desprezavam os trácios por serem bárbaros que haviam feito da guerra um passatempo.

2. No relato de Pausânias sobre o assassinato, Halirrótio já havia conseguido violar Alcipe. Mas Halirrótio pode ser simplesmente um sinônimo de Poseidon — e Alcipe, um sinônimo da deusa com cabeça de égua. De fato, o mito evoca o estupro de Deméter cometido por Poseidon e faz referência à conquista de Atenas por sua gente, bem como à humilhação da deusa em suas mãos (vide 16. *3*). Mas ele foi alterado por razões patrióticas e associado a uma lenda de algum velho julgamento por assassinato. *Areiopagus* significa provavelmente “colina da deusa conciliadora”, *areia* sendo um dos títulos de Atena.

NOTA

[1] Apolodoro: III. 14. 2; Pausânias: I. 21. 7.

20

OS FEITOS E A NATUREZA DE HÉSTIA

O maior mérito de Héstia (Vesta, entre os romanos) é ter sido a única, entre as divindades olímpicas, que nunca participou de guerras ou disputas. Além disso, assim como Ártemis e Atena, ela sempre resistiu ao assédio amoroso de deuses, titãs e outros. Assim, depois do destronamento de Cronos, quando Poseidon e Apolo apareceram como pretendentes rivais, ela jurou pela cabeça de Zeus que permaneceria virgem para sempre. Em agradecimento por ela ter preservado a paz no Olimpo, Zeus passou a oferecer-lhe a primeira vítima de todo e qualquer sacrifício público.[1]

b. Uma vez, numa festa observada pelos deuses, Príapo, embriagado, tentou violá-la quando todos, já saciados, tinham adormecido. Mas um asno zurrou alto, despertando Héstia, que, ao ver Príapo prestes a montar em cima dela, deu um grito tão pavoroso que ele saiu correndo, tomado de um cômico terror.[2]

c. Ela é a deusa do lar, que, em cada casa particular e nas cidades e colônias, protege todos os que lhe prestam veneração. Héstia é reverenciada universalmente não só por ser a mais amável, correta e caridosa de todo o Olimpo, mas também por ter inventado a arte de construir casas. Seu fogo é tão sagrado que se, por acidente ou em sinal de luto, a lareira de um determinado lar se esfria, ele se ilumina novamente com a ajuda de uma roda de fogo.[3]

1. O centro da vida grega — até mesmo em Esparta, onde a família havia se subordinado ao Estado — era a lareira doméstica, considerada também altar de

sacrifícios. Héstia, por ser sua deusa, representava a segurança pessoal e a felicidade, bem como o dever sagrado da hospitalidade. A história das propostas matrimoniais de Poseidon e Apolo foi deduzida talvez com base no culto conjunto dessas três divindades em Delfos. A tentativa de estupro de Príapo é uma advertência anedótica sobre os maus-tratos sacrílegos aos hóspedes do sexo feminino, que se encontram sob a proteção do lar doméstico ou público. Neste caso, inclusive, o asno, símbolo da luxúria (vide 35. 4), proclama a loucura criminosa de Príapo.

2. A arcaica imagem não icônica branca da Grande Deusa, utilizada em todo o Mediterrâneo oriental, parece ter representado um monte de brasa que se mantém ardendo sob uma camada de cinzas brancas, tendo sido este o sistema mais agradável e econômico de calefação na Antiguidade, pois não produzia fumaça nem chamas e constituía o centro natural das reuniões familiares ou do clã. Em Delfos, o montículo de carvão foi trasladado para um recipiente de pedra calcária, para ser usado ao ar livre, convertendo-se no Ônfalo, ou umbigo, representado com frequência nas pinturas de vasos gregos, que supostamente indicava o centro do mundo. Esse objeto sagrado, que sobreviveu às ruínas do santuário, está inscrito com o nome da Mãe Terra. Com suas 11,5 polegadas de altura e 15,5 de diâmetro [28,57 centímetros de altura por 39,37 centímetros de diâmetro], ele tem o tamanho e a forma de um forno a carvão capaz de esquentar uma sala grande. Na época clássica, a pitonisa dispunha da ajuda de um sacerdote encarregado de induzi-la ao transe, queimando grãos de cevada, cânhamo e louro numa lâmpada de azeite dentro de um espaço fechado, e de interpretar depois o que ela dizia. Mas é provável que uma vez o cânhamo, o louro e a cevada tenham sido postos sobre as cinzas ardentes do montículo de carvão, que é uma forma mais simples e efetiva de produzir fumos narcóticos (vide 51. *b*). Em santuários cretenses e micênicos foram encontradas numerosas conchas triangulares ou em forma de folha, feitas de pedra ou argila — algumas com sinais de sujeição a altas temperaturas —, que aparentemente serviam para proteger o fogo sagrado. O montículo de carvão em brasa era colocado às vezes sobre uma mesa de argila redonda com três pernas, pintada de vermelho, branco e preto, que são as cores da Lua (vide 90. *3*). Preservaram-se amostras no Peloponeso, em Creta e em Delos — sobre uma delas, proveniente de uma tumba funerária em Zafer Papoura, perto de Cnossos, ainda havia carvão.

NOTAS

[1] *Hino homérico a Afrodite* 21-30.

[2] Ovídio: *Os fastos* VI. 319 *et seq.*

[3] Diodoro Síciulo: V. 68.

21

OS FEITOS E A NATUREZA DE APOLO

Apolo, filho de Zeus e Leto, nasceu de sete meses, mas os deuses crescem muito depressa. Têmis o alimentou com néctar e ambrosia, e quando amanheceu o quarto dia, ele pediu um arco e flecha, providenciado na mesma hora por Hefesto. Ao sair de Delos, dirigiu-se diretamente ao monte Parnaso, onde estava à sua espreita a serpente Píton, inimiga de sua mãe, e feriu-a gravemente com suas flechas. Píton fugiu para o Oráculo da Mãe Terra na cidade de Delfos, assim chamada em homenagem a seu companheiro, o monstro Delfim. Mas Apolo atreveu-se a persegui-la até o santuário e ali a matou, junto ao precipício sagrado.[1]

b. Informado pela Mãe Terra sobre esse crime, Zeus não só ordenou a Apolo que fosse a Tempe purificar-se como também instituiu os jogos píticos em homenagem a Píton, encarregando-o de presidi-los como penitência. Descaradamente, Apolo desobedeceu à ordem de Zeus e, em vez de ir a Tempe, foi purificar-se em Aigialeia, acompanhado de Ártemis. Depois, como não gostara do lugar, velejou em direção a Tarra, em Creta, onde o rei Carmanor celebrou a cerimônia.[2]

c. Ao regressar à Grécia, Apolo saiu à procura de Pã, o velho e desacreditado deus árcade com pernas de cabra, e, depois de persuadi-lo a revelar-lhe a arte da profecia, apoderou-se do Oráculo de Delfos e manteve sua sacerdotisa, denominada pitonisa, sob suas ordens.

d. Ao saber das notícias, Leto foi com Ártemis a Delfos, onde buscou uma caverna sagrada para realizar um rito particular. O gigante Tício interrompeu sua veneração e estava tentando violá-la quando, ao ouvir gritos, Apolo e Ártemis saíram correndo e o mataram com uma salva de flechas — vingança que Zeus, pai do gigante, achou por bem classificar de piedosa. No Tártaro, Tício havia

sido torturado: seus braços e pernas foram esticados e presos firmemente ao chão, fazendo com que seu corpo ocupasse uma superfície de nada menos que nove acres e ficasse à mercê de dois abutres, que lhe devoravam o fígado.[3]

e. Em seguida, Apolo matou o sátiro Mársias, seguidor da deusa Cibele. Isso aconteceu da seguinte forma: um dia, Atena confeccionou uma flauta dupla com ossos de cervo e tocou-a num banquete dos deuses. No início, ela não entendeu por que Hera e Afrodite riam baixinho, tapando a boca com as mãos, enquanto os outros deuses pareciam deleitar-se com sua música. Intrigada, Atena se retirou, sozinha, para um bosque frígio, empunhou a flauta junto a um ribeirão e contemplou sua imagem na água enquanto tocava. Ao dar-se conta de como a face azulada e as bochechas inchadas de ar tornavam grotesca sua aparência, ela jogou fora a flauta e lançou uma maldição sobre quem a encontrasse.

f. Mársias foi a inocente vítima dessa maldição. Ele tropeçou na flauta e, mesmo antes de levá-la aos lábios, ela começou a tocar sozinha, inspirada pela recordação da música de Atena. E assim ele percorreu a Frígia, acompanhando o séquito de Cibele e deleitando os camponeses ignorantes. Estes o aclamaram, dizendo que nem mesmo Apolo, com sua lira, seria capaz de compor música melhor, e Mársias, por ingenuidade, não se atreveu a contradizê-los. Isso, claro, despertou a ira de Apolo, que lhe propôs uma competição, cujo vencedor teria o direito de infligir ao adversário o castigo que desejasse. Mársias aceitou o desafio, e Apolo convocou as musas como árbitros do torneio — que terminou empatado, porque elas ficaram encantadas com os dois instrumentos, até que Apolo gritou para Mársias:

— Desafio você a fazer com seu instrumento o mesmo que faço com o meu: colocá-lo de ponta-cabeça e tocá-lo, cantando ao mesmo tempo!

g. Evidentemente, como tal feito era impossível com uma flauta, Mársias fracassou no desafio, ao passo que Apolo colocou sua lira ao contrário e entoou hinos tão melodiosos em louvor aos deuses olímpicos que as musas se viram na obrigação de emitir um veredicto a seu favor. Depois, por toda aquela doçura dissimulada, Apolo vingou-se de Mársias da maneira mais cruel: esfolou-o vivo e pendurou sua pele num pinheiro (segundo alguns, num plátano), junto à foz de um rio que agora leva o seu nome.[4]

h. Mais tarde, Apolo venceu um segundo desafio musical, presidido pelo rei Midas. Dessa vez, derrotou Pã. Desde que se tornou reconhecido como o deus da música, tocou sempre sua lira de sete cordas nos banquetes dos deuses. Outro de seus deveres era o de guardar os rebanhos e as manadas que os deuses tinham em Pieria, trabalho que, mais tarde, ele acabou delegando a Hermes.[5]

i. Apesar de negar-se a ter ligações matrimoniais, Apolo deixou grávidas várias ninfas e mulheres mortais, entre elas Ftia, com quem teve Doro,

Polidectes e Laódoco; a musa Talia, que deu à luz os coribantes; Corônis, mãe de Asclépio; Ária, que lhe deu Mileto; e Cirene, mãe de Aristeu.[6]

j. Apolo seduziu também a ninfa Driopeia, que cuidava do gado de seu pai no monte Eta, na companhia de suas amigas, as hamadríades. Apolo se disfarçou de tartaruga, com a qual todas brincaram, e, quando Driopeia a colocou sobre o peito, ele se converteu numa serpente sibilante, assustando as hamadríades e unindo-se a Driopeia. Ela então lhe deu Anfisso, que fundou a cidade de Eta e construiu um templo em homenagem ao pai, onde Driopeia serviu como sacerdotisa, até o dia em que as hamadríades a raptaram e deixaram um choupo em seu lugar.[7]

k. Apolo nem sempre teve sorte no amor. Certa vez, tentou roubar Marpessa de Idas, mas ela permaneceu fiel ao marido. De outra feita, perseguiu Dafne, a ninfa da montanha, sacerdotisa da Mãe Terra, filha do rio Peneu, na Tessália, mas, quando a alcançou, ela suplicou por ajuda à Mãe Terra, que a fez desaparecer num instante e reaparecer em Creta, onde se tornou conhecida como Pasífae. A Mãe Terra deixou um loureiro em seu lugar, e, com suas folhas, Apolo fez uma grinalda para se consolar.[8]

l. Cabe acrescentar que sua tentativa de se aproximar de Dafne não foi um impulso repentino. Fazia muito tempo que ele andava apaixonado por ela, e já havia causado a morte de seu rival Leucipo, filho de Enômao, que se disfarçara de mulher para participar das orgias montanhesas de Dafne. Tendo se inteirado disso por adivinhação, Apolo sugeriu às ninfas que se banhassem desnudas, para se assegurarem de que todas as que ali estavam eram mulheres. As ninfas logo descobriram a impostura de Leucipo e o esquartejaram.[9]

m. O mesmo aconteceu com o belo jovem Jacinto, príncipe espartano, pelo qual se apaixonou não só o poeta Tamiris — o primeiro homem a cortejar alguém do mesmo sexo —, como também o próprio Apolo, o primeiro deus a fazê-lo. Apolo não considerou Tamiris um rival sério. Tendo ouvido que o poeta se vangloriava de poder superar as musas com seu canto, ele, ardilosamente, tratou de informá-las. Elas não tardaram em privar Tamiris de sua voz, de sua visão e de sua memória para tocar a harpa. Mas o Vento Oeste (Zéfiro) também se enamorara de Jacinto e, um dia, ao ver Apolo ensinando o jovem a arremessar um disco, ficou loucamente enciumado, agarrou o disco no ar e lançou-o contra o crânio de Jacinto, matando-o. De seu sangue brotou a flor que leva seu nome, na qual ainda se podem ver suas iniciais.[10]

n. Apolo enfureceu Zeus apenas uma vez, depois da famosa conspiração para destroná-lo. Foi quando seu filho Asclépio (Esculápio), o médico, cometeu a temeridade de ressuscitar um morto, roubando assim um súdito de Hades. Este, naturalmente, apresentou queixa ao Olimpo e, na sequência, Zeus fulminou

Asclépio, e Apolo, para se vingar, matou os ciclopes. Encolerizado pela perda de seus armeiros, Zeus só não o condenou ao desterro perpétuo no Tártaro porque Leto, implorando-lhe clemência, comprometeu-se a fazer com que Apolo melhorasse sua conduta. A sentença reduziu-se a um ano de trabalhos forçados, e Apolo foi cuidar dos rebanhos de ovelhas do rei Admeto, de Teras. Seguindo o conselho de Leto, ele não só cumpriu humildemente sua pena como também trouxe grandes benefícios a Admeto.[11]

o. Tendo aprendido a lição, ele passou a pregar a moderação em todas as coisas. As frases "Conhece-te a ti mesmo!" e "Nada em excesso!" estavam sempre em seus lábios. Trouxe para Delfos as musas de sua morada no monte Hélicon, moderou seu exaltado frenesi e as orientou para tipos de danças mais formais e decorosas.[12]

1. A história de Apolo é confusa. Os gregos o fizeram filho de Leto, deusa conhecida pelo nome de Lat no sul da Palestina (vide 14. *2*), mas era também deus dos hiperbóreos ("homens de além do Setentrião"), que Hecataeus (Diodoro Sículo: II. 47) identificava claramente como os britânicos, embora Píndaro (*Odes píticas* X. 50-55) os considerasse líbios. Delos era o centro desse culto hiperbóreo que aparentemente estendia-se pelo sudeste até a Nabateia e a Palestina, pelo noroeste até a Bretanha, e incluía Atenas. Havia um intercâmbio constante de visitas entre os povos unidos por tal culto (Diodoro Sículo: *loc. cit*.).

2. Entre os hiperbóreos, Apolo sacrificou quantidades enormes de asnos (Píndaro: *loc. cit*.), o que o identifica como o "Menino Hórus", cuja vitória sobre seu inimigo Set os egípcios celebravam anualmente, impelindo burros selvagens a um precipício (Plutarco: *Sobre Ísis e Osíris* 30). Hórus queria vingar-se de Set pelo assassinato de seu pai Osíris, o rei sagrado, amante da deusa-Lua tripla (Ísis, ou Lat), que tinha sido sacrificado pelo seu sucessor Set no solstício estival e no invernal, e do qual o próprio Hórus era a reencarnação. O mito da perseguição a Leto por parte de Píton é análogo ao da perseguição a Ísis por parte de Set (durante os 72 dias mais quentes do ano). Além disso, Píton pode ser identificado como Tífon, o Set grego (vide 36. *1*), no *Hino homérico a Apolo* e também pelo escoliasta de Apolônio de Rodes. De fato, o Apolo hiperbóreo é um Hórus grego.

3. Mas ao mito deu-se um contorno político: diz-se que Píton foi enviado contra Leto por Hera, que o havia parido partenogenicamente, a fim de contrariar Zeus (*Hino homérico a Apolo* 305). Apolo, após matar Píton (e supostamente também seu companheiro Delfim), apodera-se do templo oracular da Mãe Terra em Delfos — por ser Hera a Mãe Terra, ou Delfim, em seu aspecto profético. Parece que certos helenos do norte, aliados dos trácio-líbios, invadiram a Grécia central e o Peloponeso, onde enfrentaram a oposição dos adoradores pré-helênicos da deusa Terra, capturando, contudo, seus principais santuários oraculares. Em Delfos, eles destruíram a sagrada serpente oracular — uma serpente parecida era guardada no Erecteion de Atenas (vide 25. *2*) — e se apoderaram do Oráculo em nome de seu deus Apolo Esminteu. Esminteu ("murídeo"), assim como Esmun, o deus cananeu da cura, tinha como emblema um camundongo curativo. Os invasores concordaram em identificá-lo como Apolo, o Hórus hiperbóreo venerado por seus aliados. A fim de aplacar a opinião pública em Delfos, instituíram-se jogos funerários periódicos em homenagem ao herói morto Píton, e sua sacerdotisa foi mantida no cargo.

4. Brizo ("apaziguadora"), a deusa-Lua de Delos, indistinguível de Leto, pode ser identificada como a deusa tripla hiperbórea Brigite, cristianizada como Santa Brigite ou Santa Brígida. Brigite era a padroeira de todas as artes, e Apolo seguiu seu exemplo. O atentado do gigante Tício contra Leto aponta uma fracassada tentativa de sublevação por parte dos montanheses da Fócida contra os invasores.

5. As vitórias de Apolo sobre Mársias e Pã comemoram as conquistas helênicas da Frígia e da Arcádia e a consequente substituição, nessas regiões, de instrumentos de sopro por instrumentos de corda, exceto entre os camponeses. O castigo de Mársias pode referir-se ao ritual de esfolar o rei sagrado — assim como Atena despojou Palas de sua égide mágica (vide 9. *a*) — ou ao costume de remover toda a cortiça de um amieiro jovem para se confeccionar uma flauta de pastor, sendo o amieiro personificado como deus ou semideus (vide 28. *1* e 57. *1*). Apolo era aclamado como antecessor dos gregos dórios e dos milésios, que lhe rendiam homenagens especiais. E os coribantes, bailarinos no festival de solstício de inverno, eram chamados de filhos da musa Talia com Apolo, pois ele era o deus da música.

6. Sua perseguição a Dafne, a ninfa da montanha, filha do rio Peneu e sacerdotisa da Mãe Terra, aparentemente se refere à captura de Tempe por parte dos helenos. Ali, a deusa Dafene ("a sanguinária") era venerada por uma ordem de mênades orgiásticas que mascavam folhas de louro (vide 46. *2* e 51. *2*). Após ter suprimido a ordem — o relato de Plutarco sugere que a sacerdotisa fugiu para Creta, onde a deusa-Lua era chamada de Pasífae (vide 88. *e*) —, Apolo

apoderou-se do louro, que, posteriormente, só a pitonisa poderia mascar. Tanto em Tempe como em Figália, Dafene devia ter cabeça de égua (vide 16. *5*). Leucipo (“cavalo branco”) era o rei sagrado do culto local do cavalo, esquartejado anualmente pelas mulheres selvagens, que se banhavam para purificar-se depois de matá-lo, e não antes (vide 22. *1* e 150. *1*).

7. O fato de Driopeia ter sido seduzida por Apolo em Oeta registra talvez a substituição do culto local ao carvalho pelo culto a Apolo, a quem o álamo era consagrado (vide 42. *d*). O mesmo se pode dizer da sedução que exerceu sobre Ária. Seu disfarce de tartaruga é uma referência à lira que havia comprado de Hermes (vide 17. *d*). O nome Ftia sugere o aspecto outonal da deusa. A fracassada tentativa com Marpessa (“a que agarra”) parece evocar o fracasso de Apolo, ao querer apoderar-se de um templo messênio: o da deusa do trigo em seu aspecto de Porca (vide 74. *4*). Seu servilismo diante de Admeto de Feres pode evocar um acontecimento histórico: a humilhação imposta a seus sacerdotes, como forma de punição pelo massacre de uma corporação de ferreiros pré-helênicos que estava sob a proteção de Zeus.

8. O mito de Jacinto, que, à primeira vista, parece ser apenas uma fábula sentimental para explicar o símbolo do jacinto grego (vide 165. *j* e *2*), faz alusão ao herói-flor cretense Jacinto (vide 159. *4*), aparentemente chamado também de Narciso (vide 85. *2*), cujo culto foi introduzido na Grécia micênica e deu nome ao último mês do verão em Creta, Rodes, Cós, Tira e Esparta. O Apolo dórico usurpou o nome de Jacinto em Tarento, onde o último tinha uma tumba de herói (Políbio: VIII. 30). Em Amiclas, cidade micênica, outra “tumba de Jacinto” converteu-se nas fundações do trono de Apolo. Naquela época, Apolo já era imortal, ao passo que Jacinto reinou somente durante uma estação. Sua morte em consequência de um golpe de disco recorda a de seu sobrinho Acrísio (vide 73. *3*).

9. Apolo teve um filho, Asclépio, com Corônis (“corvo”). Este era provavelmente um dos títulos de Atena (vide 25. *5*), mas os atenienses sempre negaram que ela tivesse filhos, e por isso distorceram o mito (vide 50. *b*).

10. Na época clássica, a música, a poesia, a filosofia, a astronomia, a matemática, a medicina e as ciências em geral estiveram sob o controle de Apolo. Inimigo do barbarismo, ele pregou a moderação em tudo. As sete cordas de sua lira estavam conectadas às sete vogais do alfabeto grego posterior (vide 52. *8*). Eram imbuídas de um significado místico e utilizadas como terapia musical. Finalmente, devido a sua identificação com o Menino Hórus, uma concepção solar, Apolo foi adorado como o Sol, cujo culto coríntio havia sido arrebatado pelo Zeus Solar. Sua irmã Ártemis foi corretamente identificada como a Lua.

11. Cícero, em seu ensaio *Da natureza dos deuses* (III. 23), estabelece que Apolo, filho de Leto, era o quarto de uma antiga série de outros, homônimos: distinguem-se também Apolo, filho de Hefesto; Apolo, pai dos coribantes cretenses; e o Apolo que entregou suas leis à Arcádia.

12. Sem dúvida, o assassinato de Píton cometido por Apolo não é um mito tão simples como parece à primeira vista, pois a pedra Ônfalo sobre a qual a pitonisa se sentava era, tradicionalmente, a tumba do herói encarnado na serpente, cujos oráculos ela transmitia (Hesíquio *sub* o Túmulo de Arcos; Varrão: *Sobre os idiomas latinos* VII. 17). O sacerdote helênico de Apolo usurpou as funções do rei sagrado que, legítima e cerimonialmente, sempre havia matado seu predecessor, o herói. Isso se demonstra no rito das Esteptérias registrado por Plutarco em *Por que os oráculos silenciam* (15). A cada nove anos, no chão de terra batida junto a Delfos, construía-se uma cabana que representava a moradia do rei, e que era atacada repentinamente numa noite por… [*aqui há uma lacuna no relato*]… A mesa com as primeiras frutas era derrubada, ateava-se fogo à cabana e os que empunhavam as tochas saíam correndo do santuário sem olhar para trás. Mais tarde, o jovem que havia participado da façanha ia purificar-se em Tempe, de onde retornava triunfante e coroado, carregando um ramo de loureiro.

13. O planejado assalto-surpresa ao morador da cabana faz lembrar o misterioso assassinato de Rômulo por seus companheiros, bem como o sacrifício anual no festival das Bufonias de Atenas, onde os sacerdotes matavam o Zeus-boi com um machado duplo e saíam correndo sem olhar para trás (vide 53. *7*). Depois, comiam a carne num banquete público, realizavam uma representação mímica da ressurreição do boi e levavam o machado a um tribunal, acusando-o de haver cometido um sacrilégio.

14. Em Delfos e em Cnossos, o rei sagrado deve ter reinado até o nono ano (vide 88. *6*). Sem dúvida, o menino ia a Tempe porque o culto a Apolo havia se originado ali.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 140; Apolodoro: I. 4. 1; *Hino homérico a Apolo* 300-306; comentário sobre Apolônio de Rodes: II. 706.

[2] Eliano: *Varia Historia* III. 1; Plutarco: *Questões gregas* 12; *Por que os oráculos silenciam* 15; Pausânias: II. 7. 7; X. 16. 3.

[3] Apolodoro: I. 4. 1; Pausânias: II. 30. 3 e X. 6. 5; Plutarco: *Questões gregas* 12; Higino: *Fábula* 55; Homero: *Odisseia* XI. 576 *et seq*.; Píndaro: *Odes píticas* IV. 90 *et seq.*

[4] Diodoro Sículo: III. 58-59; Higino: *Fábula* 165; Apolodoro: I. 4. 2; segundo mitógrafo do Vaticano: 115; Plínio: *História natural* XVI. 89.

[5] Higino: *Fábula* 191; Homero: *Ilíada* I. 603.

[6] Apolodoro: I. 7. 6; I. 3. 4; III. 10. 3; III. 1. 2; Pausânias: X. 17. 3.

[7] Antoninus Liberalis: 32; Estêvão de Bizâncio *sub* Driopeia; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 325 *et seq.*

[8] Apolodoro: I. 7. 9; Plutarco: *Agis* 9.

[9] Higino: *Fábula* 203; Pausânias: VIII. 20. 2; X. 5. 3; Partênio: *Erótica* 15; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 6.

[10] Homero: *Ilíada* II. 595-600; Luciano: *Diálogo dos deuses* 14; Apolodoro: I. 3. 3; Pausânias: III. 1. 3.

[11] Apolodoro: III. 10. 4; Diodoro Sículo: IV. 71.

[12] Homero: *Ilíada* I. 603-604; Plutarco: *Sobre os oráculos píticos* 17.

ÁRTEMIS,
Berlim, Alemanha

22

OS FEITOS E A NATUREZA DE ÁRTEMIS

Ártemis (Diana), irmã de Apolo, anda armada de arco e flecha e, como ele, possui tanto o poder de lançar pragas ou morte súbita sobre os mortais quanto o de curá-los. Ela é a protetora das crianças pequenas e de todos os animais no período de lactância, mas também adora a caça, sobretudo a de cervos.

b. Ártemis tinha apenas três anos de idade quando, um dia, sentada sobre os joelhos de seu pai, Zeus, ele lhe perguntou que presentes desejava. Ela respondeu, sem pestanejar: "Peço que me conceda virgindade eterna e me dê tantos nomes quantos tem meu irmão Apolo; um arco e flecha como o dele; o dom de trazer a luz; uma túnica de caça da cor do açafrão, com uma bainha vermelha que me chegue até os joelhos; sessenta jovens oceânidas, todas da mesma idade, para que sejam minhas damas de honra; vinte ninfas fluviais da cidade cretense de Amniso, para que cuidem dos meus borzeguins e alimentem meus sabujos quando eu não estiver caçando; todas as montanhas do mundo e, finalmente, qualquer cidade que você possa escolher para mim, mas só uma será suficiente, pois tenho a intenção de viver nas montanhas o maior tempo possível. Infelizmente, as parturientes me invocarão muitas vezes, já que minha mãe Leto carregou-me em seu ventre e me pariu sem dores e, por isso, as Parcas me fizeram padroeira do parto."[1]

c. Ela se esticou para tocar a barba de Zeus, e ele sorriu, orgulhoso, dizendo: "Com filhas como você, não tenho motivos para temer a fúria ciumenta de Hera! Você terá tudo isso e muito mais: não uma, mas trinta cidades, e uma parte será sua em muitas outras, tanto no arquipélago como na terra firme. E desde agora eu a nomeio guardiã de seus portos e estradas."[2]

d. Ártemis lhe agradeceu, saltou de cima de seus joelhos e se dirigiu primeiramente ao monte Leuco, em Creta, e depois ao oceano, onde escolheu

numerosas ninfas de nove anos de idade como suas assistentes. As mães, encantadas, permitiram que suas filhas fossem.[3] A convite de Hefesto, ela foi visitar os ciclopes na ilha de Lípara e os encontrou forjando um cocho para cavalos, encomendado por Poseidon. Brontes, que havia recebido ordens para realizar todos os seus desejos, colocou-a sobre seus joelhos, mas ela, incomodada com suas carícias, arrancou-lhe um punhado de pelos do peito, deixando-lhe uma zona pelada que permaneceu até o dia da sua morte, dando a todos a impressão de que ele tinha sarna. As ninfas ficaram aterrorizadas com a aparência selvagem dos ciclopes e com o ruído da forja — e não era para menos, pois toda menina desobediente ouvia da mãe a ameaça de ser mandada para Brontes, Argés ou Estéropes. Mas Ártemis teve a ousadia de ordenar aos ciclopes que abandonassem por um instante o cocho de Poseidon e lhe fizessem um arco de prata com uma aljava cheia de flechas. Em troca, eles poderiam comer a primeira presa que ela caçasse.[4] Com suas novas armas ela seguiu para a Arcádia, onde Pã ocupava-se em esquartejar um lince, para dar de comer a seus cães. Ele lhe deu três sabujos de orelhas caídas — dois rajados e um pintado, que, juntos, seriam capazes de arrastar leões vivos até seus canis —, bem como sete galgos velozes de Esparta.[5]

e. Após capturar dois pares vivos de corças cornudas, ela as atrelou a uma carruagem dourada com bocais de ouro e se pôs rumo ao norte através do monte Hemo, da Trácia. No Olimpo mísio, fabricou sua primeira tocha de pinho e a acendeu nas brasas de uma árvore derrubada por um raio. Experimentou seu arco de prata quatro vezes: os dois primeiros alvos foram árvores; o terceiro, um animal selvagem; o quarto, uma cidade com homens injustos.[6]

f. Depois voltou à Grécia, onde as ninfas amnísias desatrelaram e enxugaram suas corças, alimentaram-nas com o mesmo trevo servido aos corcéis de Zeus, abundante no pasto de Hera, e deram-lhes de beber numa gamela de ouro.[7]

g. Uma vez, o deus fluvial Alfeu, filho de Tétis, teve a ousadia de apaixonar-se por Ártemis e de persegui-la por toda a Grécia. Mas ela conseguiu chegar a Letrini, na Élida (ou, como dizem alguns, até a distante ilha de Ortígia, perto de Siracusa), onde cobriu o próprio rosto e, ao mesmo tempo, o de todas as ninfas com lodo branco, tornando-se indistinguível entre elas. Alfeu viu-se obrigado a se retirar, sendo objeto de risadas zombeteiras.[8]

h. Ártemis exigia de suas damas de honra a mesma castidade perfeita que praticava. Quando percebeu que uma delas, Calisto, filha de Licaão, fora seduzida por Zeus e estava grávida, transformou-a numa ursa e chamou a matilha para persegui-la e destroçá-la, o que só não aconteceu graças à intervenção de Zeus, que a agarrou e a levou para o Céu, colocando, mais tarde,

sua imagem entre as estrelas. Mas alguns dizem que foi Zeus quem transformou Calisto numa ursa e que, enciumada, Hera tratou de fazer com que Ártemis a caçasse por engano. O filho de Calisto, Arcas, foi salvo e se tornou o ancestral dos árcades.[9]

i. Noutra ocasião, Actéon, filho de Aristeu, estava apoiado numa rocha perto de Orcômeno quando viu por acaso que Ártemis se banhava num ribeirão próximo e pôs-se a observá-la. Para evitar que ele se gabasse junto aos companheiros de que ela se desnudara em sua presença, Ártemis o transformou num cervo e o despedaçou com sua própria matilha de cinquenta sabujos.[10]

1. A Donzela do Arco de Prata, que os gregos incluíram na família olímpica, era o membro mais jovem da tríade de Ártemis — sendo "Ártemis" mais um título da deusa-Lua tripla. Portanto, tinha direito de alimentar suas corças com trevo, símbolo da tríade. Seu arco de prata representava a Lua nova. Já a Ártemis olímpica era mais que uma donzela. Em outros lugares, como, por exemplo, em Éfeso, ela era adorada em sua segunda pessoa, ou seja, como ninfa, uma Afrodite orgiástica com um consorte masculino, sendo seus emblemas principais a tamareira (vide 14. *a*), o cervo e a abelha (vide 18. *3*). Seus poderes de obstetrícia pertencem, antes, à Velha, assim como suas flechas da morte, e as sacerdotisas de nove anos são o sinal de que o número mortal da Lua é três vezes três. Faz lembrar a "Senhora das Coisas Selvagens" cretense, aparentemente a suprema ninfa-deusa das antigas sociedades totêmicas. O banho ritual em que foi surpreendida por Actéon, assim como as corças cornudas de sua carruagem (vide 125. *a*) e as codornizes de Ortígia (vide 14. *3*), parecem mais apropriados à ninfa do que à donzela. Ao que parece, Actéon foi um rei sagrado do culto pré-helênico do cervo, dilacerado no fim do seu reinado de cinquenta meses, ou seja, na metade do Grande Ano. Seu corregente, ou *tanist*, reinou no tempo restante. O correto era que a ninfa tomasse seu banho depois do assassinato, e não antes. Há numerosos paralelismos com esse costume ritual nos mitos irlandês e galês, bem como registros de que, mesmo no primeiro século da era cristã, um homem vestido em pelo de cervo era periodicamente perseguido e morto no monte Liceu na Arcádia (Plutarco: *Questões gregas* 39). Os sabujos eram provavelmente brancos e de orelhas vermelhas, como os "sabujos do inferno" da mitologia celta. Havia uma quinta corça cornuda que escapou de Ártemis (vide 125. *a*).

2. O mito da perseguição de Alfeu a Ártemis parece ter o mesmo molde de sua inútil perseguição a Aretusa, que fez com que ela se transformasse numa fonte e ele, num rio (Pausânias: V. 7. 2). É possível que esse mito tenha sido inventado para explicar o gesso, ou a argila branca, com que as sacerdotisas de Ártemis Alfeia cobriram seus rostos em Letrini e Ortígia, em homenagem à Deusa Branca. *Alph* significa tanto brancura como cereal; *alphos* é lepra; *alphe*, benefício; *alphiton*, cevadinha; *Alphito* era a Deusa Branca do Cereal em seu aspecto de Porca. A estátua mais famosa de Ártemis em Atenas se chamava "a do rosto branco" (Pausânias: I. 26. 4). O significado de *Ártemis* é duvidoso. Pode provir de *artemes*, "de membros fortes"; de *artao*, já que os espartanos a chamavam *Ártamis*, "a que despedaça"; ou de *airo* e *themis*, "a suprema convocadora". Também é possível que a sílaba *themis* signifique "água", já que a Lua era considerada a origem de todas as águas.

3. Ortígia, "ilha das codornizes", perto de Delos, também estava consagrada a Ártemis (vide 14. *a*).

4. O mito de Calisto foi contado para oferecer uma explicação às duas meninas vestidas de ursas que apareciam no festival ático em homenagem a Ártemis Braurônia, bem como à tradicional conexão entre Ártemis e a Ursa Maior. Mas pode-se pressupor uma versão anterior do mito, em que Zeus consegue seduzir Ártemis, apesar de sua tentativa de fugir dele, primeiro transformando-se em ursa e, depois, cobrindo o rosto com gesso. Ártemis era, originalmente, a regente das estrelas, mas foi obrigada a entregá-las a Zeus.

5. Há dúvidas quanto ao motivo de Brontes ter seu pelo arrancado. Pode ser que Calímaco tenha feito uma referência espirituosa ao desgaste da tinta, no peito do ciclope, em alguma imagem conhecida que faça referência ao episódio.

6. Como "Senhora das Coisas Selvagens" ou padroeira de todos os clãs totêmicos, Ártemis recebia anualmente a oferenda de um holocausto vivo de animais, plantas e pássaros totêmicos. Esse sacrifício sobreviveu até a época clássica em Patras, cidade no Calidão (Pausânias: IV. 32. 6), onde ela era chamada de Ártemis Láfria. Em Messênia, recebia um sacrifício análogo dos coribantes, representantes de um clã totêmico (IV. 32. 9), e em Hierápolis há registros de um outro, em que as vítimas eram penduradas nas árvores de um bosque artificial criado dentro do templo da deusa (Luciano: *Sobre a deusa síria* 41).

7. A oliveira era consagrada a Atena; a tamareira, a Ísis e Lat. Eu possuo um sinete, do período minoico médio, que retrata a deusa de pé ao lado de uma palmeira, vestida com uma saia de folhas de palmeira, segurando uma pequena palmeira e com o olhar voltado para um bezerro de Ano-novo nascendo de

dentro de um ramo de tamareira. Do outro lado da árvore há um touro agonizante, evidentemente o touro real do Ano-velho.

NOTAS

[1] Calímaco: *Hino a Ártemis* 1 *et seq.*

[2] *Ibid.*: 26 *et seq.*

[3] *Ibid.*: 40 *et seq.*

[4] *Ibid.*: 47 *et seq.*

[5] *Ibid.*: 69 *et seq.*

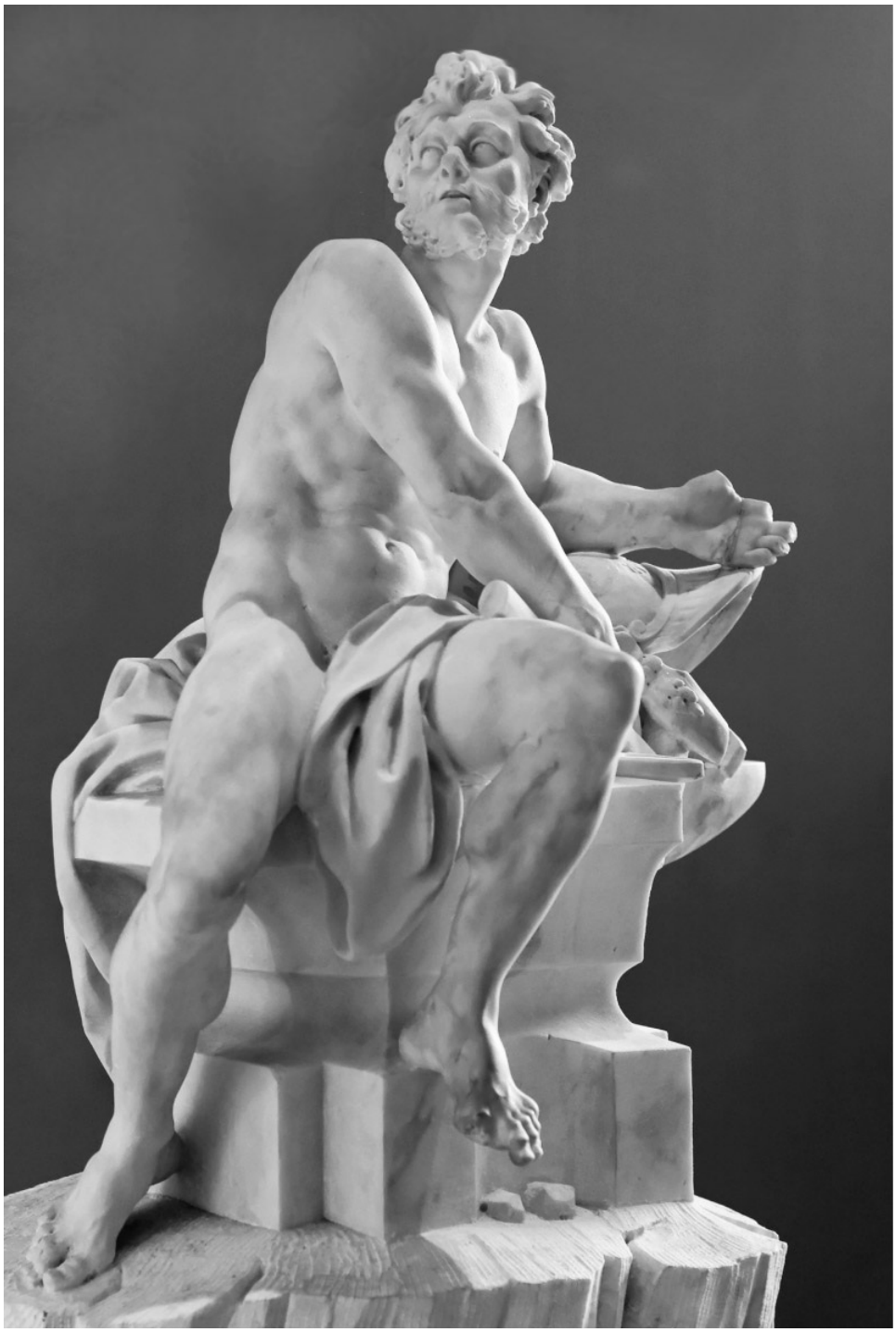
[6] *Ibid.*: 110 *et seq.*

[7] *Ibid.*: 162 *et seq.*

[8] Pausânias: VI. 22. 5; escoliasta sobre as *Odes píticas* de Píndaro: II. 12.

[9] Higino: *Astronomia poética* II. 1; Apolodoro: III. 8. 2.

[10] Higino: *Fábula* 181; Pausânias: IX. 2. 3.



HEFESTO,
Paris, França

23

OS FEITOS E A NATUREZA DE HEFESTO

Hefesto, o deus ferreiro, era tão fraco quando nasceu que sua mãe, Hera, desgostosa, atirou-o do alto do Olimpo para se livrar da vergonha que o lamentável aspecto de seu filho lhe causava. Contudo, ele sobreviveu a essa desventura sem qualquer dano físico, porque, ao cair no mar, Tétis e Eurínome estavam por perto para resgatá-lo. Essas amáveis deusas o abrigaram numa gruta submarina, onde ele instalou sua primeira forja e recompensou a gentileza das duas, confeccionando-lhes todo tipo de adornos e objetos úteis.[1]

Um dia, passados já nove anos, Hera se encontrou com Tétis, que por acaso portava um broche feito por Hefesto, e perguntou:

— Minha querida, em que parte do mundo você encontrou essa joia maravilhosa?

Tétis hesitou antes de responder, mas Hera forçou-a a lhe contar a verdade. Em seguida, levou Hefesto para o Olimpo, onde o instalou numa forja muito mais sofisticada, com vinte foles que funcionavam dia e noite. Passou a tratá-lo com grande deferência e arranjou seu casamento com Afrodite.

b. Hefesto reconciliou-se de tal modo com Hera que se atreveu a repreender o próprio Zeus por tê-la pendurado pelos pulsos no Céu, quando ela se rebelou contra ele. Manter-se calado teria sido uma atitude bem mais prudente, pois Zeus, enfurecido, atirou-o do Olimpo pela segunda vez. Sua queda durou um dia inteiro. Quando finalmente tocou o chão da ilha de Lemnos, quebrou as duas pernas, e, embora fosse imortal, seu corpo estava quase sem vida quando foi encontrado pelos ilhéus. Depois, tendo sido perdoado, ele recuperou seu lugar no Olimpo, mas só conseguia andar apoiado em muletas de ouro.[2]

c. Embora feio e mal-humorado, Hefesto era dotado de grande força nos braços e nos ombros e realizava qualquer trabalho com uma habilidade ímpar.

Certa vez, fabricou uma série de mulheres mecânicas douradas que, além de ajudá-lo na forja, eram capazes de falar e realizar as mais difíceis tarefas que ele lhes encomendasse. Possuía também uma série de trípodes com rodas de ouro, dispostos ao redor de sua oficina, que podiam se deslocar sozinhos pelo palácio celestial e participar das reuniões dos deuses.[3]

1. Hefesto e Atena compartilhavam templos em Atenas, e é possível que seu nome tenha sido uma forma arcaica de *hemero-phaistos*, "aquele que brilha de dia" (ou seja, o Sol), ao passo que Atena era a deusa-Lua, "a que brilha à noite", padroeira dos ferreiros e de todas as artes mecânicas. Em geral não se aceita que cada ferramenta, arma ou utensílio da Idade do Bronze possuísse propriedades mágicas, nem que o ferreiro fosse uma espécie de feiticeiro. Assim, das três pessoas que formavam a tríade lunar Brigite (vide 21. *4*), uma regia os poetas, outra, os ferreiros, e a terceira, os médicos. Quando a deusa foi destronada, o ferreiro foi alçado à categoria de divindade. A coxeadura do deus ferreiro é uma tradição que se encontra em regiões muito distantes entre si, como a África ocidental e a Escandinávia. Em tempos primitivos, é possível que se aleijassem propositalmente os ferreiros para evitar que eles fugissem e se aliassem às tribos inimigas. Mas existia também uma dança da perdiz claudicante, que se executava nas orgias eróticas relacionadas aos mistérios da arte da forjadura (vide 92. *2*). Portanto, é igualmente possível que Hefesto, depois de se casar com Afrodite, mancasse apenas uma vez por ano: no Festival da Primavera.

A metalurgia chegou à Grécia através das ilhas do Egeu. A importação de bronze e ouro da Hélade, finamente forjados, talvez explique o mito de que Hefesto foi guardado numa gruta na ilha de Lemnos por Tétis e Eurínome, títulos da deusa do mar que criou o universo. Os nove anos que ele passou na caverna demonstram sua subordinação à Lua. Sua queda, assim como a queda de Céfalo (vide 89. *j*), Talo (ou Álcale) (vide 92. *b*), Cirão (vide 96. *f*), Ífito (vide 135. *b*) e outros, era o destino habitual do rei sagrado ao término de seu reinado, em muitas partes da Grécia. As muletas de ouro talvez tivessem a função de elevar do chão o seu calcanhar sagrado.

2. Parece que os vinte trípodes fabricados por Hefesto têm praticamente a mesma origem dos Gasteróquiros que construíram Tirinto (vide 73. *3*): discos solares dourados com três pernas, como o emblema heráldico da ilha de Man,

posicionados, sem dúvida, ao redor de algum ícone primitivo que retratava Hefesto casando-se com Afrodite. Eles representam os anos de três estações e indicam a duração de seu reinado. O rei morre no início do vigésimo ano, quando se produz uma grande aproximação entre o tempo solar e o lunar. Esse ciclo foi reconhecido oficialmente em Atenas somente em fins do século V a.C., embora tenha sido descoberto cem anos antes (*A deusa branca*, pp. 284 e 291). Hefesto foi relacionado às forjas de Vulcano, nas ilhas vulcânicas de Lipari, porque Lemnos, sede de seu culto, é vulcânica, e porque um jorro de gás natural asfáltico originário do cume do monte Mosquilo levava anos ardendo incessantemente (Tzetzes: *Sobre Licofrone* 227; Hesíquio *sub* Mosquilo). Um jorro similar, descrito pelo bispo Metódio no século IV da era cristã, ardia no monte Lemnos, na Lícia, e continuou ativo até 1801. Hefesto detinha um santuário em ambos os montes. Lemnos (provavelmente do termo *leibein*, "a que derrama") era o nome da Grande Deusa dessa ilha matriarcal (Hecateu, citado por Estêvão de Bizâncio *sub* Lemnos; vide 149. *1*).

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* XVIII. 394-409.

[2] *Ibid.*: I. 586-594.

[3] *Ibid.*: XVIII. 368 *et seq.*

DEMÉTER,
Postdam, Alemanha

24

OS FEITOS E A NATUREZA DE DEMÉTER

Embora suas sacerdotisas iniciem as noivas e os noivos nos segredos do ato matrimonial, Deméter, a deusa dos trigais, não tem seu próprio esposo. Quando ainda era jovem e alegre, ela pariu Coré e o robusto Iaco fora do matrimônio, filhos de seu irmão Zeus.[1] Também deu à luz Pluto, após deitar-se com o titã Jásio, por quem se apaixonara durante o casamento de Cadmo e Harmonia. Estimulados pelo néctar que fluía como água no banquete, os dois amantes saíram furtivamente da casa e se deitaram num campo arado três vezes. Ao retornarem, adivinhando o que haviam feito pela expressão de seus semblantes e pelo barro que tinham nos braços e nas pernas, Zeus enfureceu-se com Jásio por ter-se atrevido a tocar Deméter, fulminando-o. Mas há quem diga que Jásio foi morto por seu irmão Dárdano, ou que foi despedaçado pelos próprios cavalos.[2]

b. Deméter tinha o espírito generoso. Uma das poucas pessoas a quem tratou com dureza foi Erisícton, filho de Tríopas. Liderando vinte camaradas, Erisícton atreveu-se a invadir um bosque que os pelasgos haviam plantado para ela em Dotio e começou a cortar as árvores sagradas para usar a madeira na construção de seu novo salão de banquetes. Deméter assumiu a forma de Nicipe, sacerdotisa do bosque, e ordenou-lhe, polidamente, que desistisse de seu propósito. Mas só quando ele a ameaçou com o machado é que ela se revelou em todo seu esplendor e o condenou ao sofrimento perpétuo da fome, por mais que comesse. De volta a sua casa, Erisícton passou a empanturrar-se o dia todo à custa de seus pais, mas, quanto mais comia, mais fome sentia e mais magro ficava. Quando finalmente os pais não puderam mais arcar com as despesas de sua alimentação, ele passou a vagar pelas ruas, alimentando-se de lixo. O contrário aconteceu com Pandareu, o Cretense: quando ele roubou o cão de ouro

de Zeus, Deméter, sentindo-se vingada pela morte de Jásio, concedeu-lhe o dom real de jamais sofrer de dor de barriga.[3]

c. Deméter perdeu sua alegria para sempre quando foi-lhe arrebatada a jovem Coré, que mais tarde ficou conhecida como Perséfone. Hades apaixonou-se por Coré e foi pedi-la a Zeus. Com receio de ofender o irmão mais velho com uma negativa categórica e, por outro lado, sabendo que Deméter não o perdoaria se Coré ficasse confinada no Tártaro, Zeus respondeu de forma diplomática que não podia dar seu consentimento e tampouco negá-lo. Isso encorajou Hades a raptar a moça enquanto ela colhia flores no campo — o que pode ter ocorrido tanto em Ena, na Sicília, como em Colono, na Ática; ou em Hermione; em algum lugar de Creta; perto de Pisa ou de Lerna; nas redondezas de Feneu, na Arcádia; em Nisa, na Beócia, ou em qualquer outro lugar das distantes regiões que Deméter visitou em sua busca errante atrás de Coré, embora seus próprios sacerdotes afirmem que tenha sido em Elêusis. Deméter procurou por Coré incansavelmente durante nove dias e nove noites, sem comer nem beber, gritando seu nome o tempo todo, sem sucesso. As únicas notícias que pôde obter vieram da velha Hécate, que, um dia de manhãzinha, ouvira os gritos de Coré: "Um estupro! Um estupro!", mas, mesmo tendo acorrido ao local, não encontrara nenhum vestígio dela.[4]

d. No décimo dia, após um desagradável encontro com Poseidon entre os rebanhos de Onco, Deméter chegou disfarçada a Elêusis, onde foi recebida com toda hospitalidade pelo rei Céleo e sua mulher, Metanira, e convidada a permanecer ali como ama de leite de Demofonte, o príncipe recém-nascido. A filha coxa do rei, Iambe, tratou de consolar Deméter com versos comicamente lascivos, e a ama-seca, a velha Baubo, persuadiu-a a beber água de cevada com uma brincadeira: pôs-se a gritar como se estivesse em trabalho de parto e, inesperadamente, tirou de dentro da saia o filho de Deméter, Iaco, que saltou para os braços da mãe e a beijou.

e. "Oh, com que avidez você bebe!", gritou Abante, o filho mais velho de Céleo, enquanto Deméter bebia de um só trago um jarro de água de cevada aromatizada com menta. Deméter lançou-lhe um olhar severo e o converteu num lagarto. Sentindo-se depois um pouco envergonhada, decidiu prestar um favor a Céleo, concedendo imortalidade a seu filho Demofonte. Durante a noite ela o manteve sobre o fogo, a fim de queimar sua mortalidade. Metanira, filha de Anfictião, entrou por acaso no quarto antes que o ritual acabasse e quebrou o feitiço, causando a morte de Demofonte. "A minha casa é desventurada!", lamentou-se Céleo, chorando o destino de seus dois filhos, e desde então passou a chamar-se Disaules. "Seque tuas lágrimas, Disaules", disse Deméter. "Você

ainda tem três filhos, inclusive Triptólemo, a quem desejo conferir dons tão grandes que lhe farão esquecer a perda desses dois.”

f. Triptólemo, que guardava o rebanho de seu pai, havia reconhecido Deméter e dado a ela as pistas de que necessitava: dez dias antes, seus irmãos Eumolpo, que era pastor, e Eubuleu, que era guardador de porcos, estavam nos campos dando pasto aos animais quando, de repente, abriu-se uma fenda na terra que tragou os porcos de Eubuleu diante de seus próprios olhos. Depois, com um forte ruído surdo de cascos, apareceu uma carruagem puxada por cavalos negros, que se arremessou pela fenda. A face do condutor era invisível, mas seu braço direito apertava com força uma moça que gritava. Eubuleu relatou o acontecido a Eumolpo, que fez dele tema de um lamento.

g. Munida de tal evidência, Deméter mandou chamar Hécate. Juntas, elas foram ter com Hélio, que tudo vê, e o obrigaram a admitir que Hades havia sido o autor da vilania, sem dúvida com a conivência de seu irmão Zeus. Deméter estava tão furiosa que, em vez de voltar ao Olimpo, continuou vagando pela terra, impedindo as árvores de darem frutos e a grama de crescer, até colocar a raça humana em risco de extinção. Zeus, que, por vergonha, não se atrevia a visitar Deméter em Elêusis, primeiro encarregou Íris de levar-lhe uma mensagem (que ela ignorou) e, depois, enviou-lhe uma delegação de deuses olímpicos com presentes de reconciliação, suplicando-lhe que aceitasse a vontade dele. Mas Deméter não regressou ao Olimpo e jurou que a terra continuaria estéril até que Coré lhe fosse devolvida.

h. A Zeus restou somente uma alternativa. Enviou Hermes com uma mensagem para Hades: “Se você não devolver Coré, estaremos todos perdidos”, e outra para Deméter: “Poderá ter a sua filha de volta desde que ela não tenha provado da comida dos mortos.”

i. Desde o sequestro, Coré se negara a comer até mesmo uma simples casca de pão, de maneira que, para disfarçar o vexame, Hades viu-se obrigado a dizer-lhe gentilmente: “Minha menina, você não me parece feliz aqui, e sua mãe chora por ti. Portanto, decidi mandá-la de volta para casa.”

j. Coré parou de chorar e Hermes a ajudou a subir em sua carruagem. Mas, no momento em que partia para Elêusis, Ascálafo, um dos jardineiros de Hades, começou a gritar com sarcasmo: “Vi a senhora Coré comer sete grãos de uma romãzeira do jardim, e estou disposto a testemunhar que ela provou da comida dos mortos!” Hades sorriu e ordenou que Ascálafo se pendurasse na traseira da carruagem de Hermes.

k. Em Elêusis, Deméter abraçou Coré, triunfante, mas, ao saber que a filha havia provado do malfadado fruto, ficou ainda mais abatida, e reiterou: “Não porei mais os pés no Olimpo nem retirarei a maldição que lancei sobre a terra.”

Então Zeus convenceu Reia, sua mãe e também de Hades e Deméter, a interceder junto a ela, e, finalmente, chegou-se a um acordo: Coré deveria passar três meses do ano em companhia de Hades como Rainha do Tártaro, sob o nome de Perséfone, e os nove meses restantes com Deméter. Hécate se dispôs a garantir o cumprimento do acordo e a velar constantemente por Coré.

l. Finalmente, Deméter aceitou voltar ao Olimpo. Antes de sair de Elêusis, ensinou seu culto e seus mistérios a Triptólemo, Eumolpo e Céleo (junto com Díocles, rei de Feres, que a ajudara a procurar por Coré durante todo aquele tempo). Mas puniu Ascálafo por sua intriga, atirando-o a um buraco e cobrindo-o com uma rocha enorme. Mais tarde, libertado por Hércules, ela o transformou numa coruja de orelhas curtas.[5] Deméter também recompensou os fenícios da Arcádia — em cuja casa ela descansou depois de ter sido ultrajada por Poseidon — com todos os tipos de grãos, mas proibiu-os de plantar feijão. Um certo Ciamites foi o primeiro a ousar plantá-lo. Ele tem um altar junto ao rio Cefiso.[6]

m. A Triptólemo, Deméter deu trigo para semear, um arado de madeira e um carro puxado por serpentes e o mandou percorrer o mundo todo, ensinando à humanidade a arte da agricultura. Mas primeiro deu-lhe algumas aulas na planície Rariana, motivo pelo qual há quem o chame de filho do rei Rarus. E a Fítalo, que a havia tratado com gentileza às margens do rio Cefiso, ela deu uma figueira, a primeira jamais vista na Ática, e ensinou-o a cultivá-la.[7]

1. Coré, Perséfone e Hécate eram, claramente, a Deusa em Tríade, ou seja, donzela, ninfa e velha, numa época em que só as mulheres praticavam os mistérios da agricultura. Coré representa o trigo verde; Perséfone, a espiga madura; e Hécate, o trigo colhido — a "velha esposa" da área rural da Inglaterra. Mas Deméter era o título geral da deusa, e a Coré concedeu-se o nome de Perséfone, o que torna a história toda confusa. O mito da aventura de Deméter nos campos arados três vezes indica um rito de fertilidade que sobreviveu até há pouco tempo nos Bálcãs: a sacerdotisa dos cereais copulava em público com o rei sagrado no período da semeadura outonal, para assegurar uma boa colheita. Na Ática, o trabalho de arar o campo era feito primeiro na primavera. Daí, depois da colheita do verão, arava-se perpendicularmente com uma relha mais fina e, por fim, quando se haviam oferecido os sacrifícios aos deuses da Lavoura, arava-se de novo na direção original durante o mês outonal de pianépsio, para

preparar a semeadura (Hesíodo: *Os trabalhos e os dias* 432-433, 460, 462; Plutarco: *Sobre Ísis e Osíris* 69; *Contra Colotes* 22).

2. Perséfone (de *phero* e *phonos*, "a que traz destruição"), também chamada Persefata em Atenas (de *ptersis* e *ephapto*, "a que estabelece a destruição") e Prosérpina ("a temida") em Roma, era, ao que parece, um título da ninfa quando sacrificava o rei sagrado. O título de "Hécate" ("uma centena") parece referir-se aos cem meses lunares do reinado do rei e à colheita centuplicada. A morte do rei por fulminação, ou despedaçado por mordidas de cavalos, ou pelas mãos do *tanist*, era seu destino comum na Grécia primitiva.

3. O rapto de Coré por Hades compõe parte do mito em que a trindade helênica de deuses forçosamente se casa com a deusa tripla pré-helênica: Zeus com Hera, Zeus ou Poseidon com Deméter, Hades com Coré — como no mito irlandês, Brian, Iuchar e Iucharba casam-se com a deusa tripla Eire, Fodhla e Banbha (vide 7. *6* e 16. *1*). Isso se refere à usurpação masculina dos mistérios femininos da agricultura em tempos primitivos. Assim, o incidente da negativa de Deméter de proporcionar trigo à raça humana é apenas mais uma versão da conspiração de Ino para destruir a colheita de Atamante (vide 70. *c*). Além disso, o mito de Coré explica o enterro, durante o inverno, de uma boneca feita de cereais que se desenterrava no início da primavera, quando começava a brotar. Esse costume pré-helênico sobreviveu nas zonas rurais, durante a época clássica, e se encontra ilustrado nas pinturas de jarros em que aparecem homens tirando Coré de um monte de terra com enxadas, ou rompendo a machadadas a cabeça da Mãe Terra.

4. A história de Erisícton, filho de Tríopas, é uma anedota de cunho moral: entre os gregos, da mesma maneira que entre os latinos e os irlandeses primitivos, a derrubada de um bosque sagrado era punida com a pena capital. Mas uma fome desesperadora e insaciável, que os elisabetanos chamam de "lobo", não era um castigo apropriado para a derrubada de árvores sagradas, e o nome de Erisícton — filho também de Cécrope, o patriarcalista e introdutor dos bolos de cevada (vide 25. *d*) — significa "o que rasga a terra", o que sugere que seu verdadeiro crime foi o de atrever-se a arar sem o consentimento de Deméter, como Atamante. O roubo do cão dourado por Pandareu indica a intervenção cretense na Grécia, quando os aqueus tentaram reformar o ritual agrícola. Esse cão, arrebatado à deusa Terra, parece ter sido a prova evidente da independência do rei supremo aqueu em relação a ela (vide 124. *1*).

5. Os mitos de Hilas ("do bosque" — vide 150. *1*), Adônis (vide 18. *7*), Litierses (vide 136. *e*) e Lino (vide 147. *1*) descrevem o luto anual pelo rei sagrado, ou pelo rapaz que o substituía, sacrificado para apaziguar a deusa da vegetação. Esse mesmo substituto aparece na lenda de Triptólemo, que conduzia

um carro puxado por uma serpente levando sacos de trigo, para simbolizar que sua morte trazia abundância. Ele era também Plutus (“rico”), engendrado no campo arado, de quem Hades tomou emprestado o título eufêmico “Plutão”. Triptólemo (*triptolmaios*, “três vezes ousado”) pode ser um título concedido ao rei sagrado por haver-se atrevido três vezes a lavrar o campo e a copular com a sacerdotisa do cereal. Céleo, Díocles e Eumolpo, a quem Deméter ensinou a arte da agricultura, representam as cabeças sacerdotais da Liga Anfictiônica — Metanira é descrita como filha de Anfictião —, que lhe rendiam homenagens em Elêusis.

6. Era em Elêusis (“advento”), uma cidade micênica, que se celebravam os grandes Mistérios de Elêusis no mês chamado boedrômio (“correr em busca de ajuda”). Os embevecidos iniciados de Deméter consumavam simbolicamente o romance da deusa com Jásio, ou Triptólemo, ou Zeus, num aposento secreto do santuário, movendo para cima e para baixo um objeto fálico dentro de uma bota alta de mulher. Portanto, Elêusis parece ser uma corruptela de *Eilythuies*, “[o templo] daquela que se enfurece num lugar de emboscada”. Os mistagogos, vestidos de pastores, entravam então com gritos joviais e exibiam uma ventoinha de limpar trigo que continha o menino Brimus, filho de Brimo (“a irada”), fruto imediato desse casamento ritual. Brimo era um título de Deméter, e Brimus, um sinônimo de Plutus, mas seus celebrantes o conheciam mais como Iaco — do hino orgíaco *Iacchus*, cantado no sexto dia dos Mistérios, durante uma procissão de tochas que partia do templo de Deméter.

7. Eumolpo representa os pastores cantores que traziam a criança; Triptólemo é um vaqueiro a serviço da deusa-Lua Io como vaca (vide 56. *1*), que regava as sementes de trigo; e Eubuleu era um guardador de porcos a serviço de Marpessa (vide 74. *4* e 96. *2*), Fórcis, Cere ou Cerdo, a deusa-porca que fazia germinar o trigo. Eubuleu foi o primeiro a revelar o destino de Coré, pois “guardados de porcos”, no mito europeu primitivo, significa adivinho ou mago. Assim, Eumeu (“buscar o bem”), porqueiro de Odisseu (vide 171. *a*), recebia o nome de *dios* (“deiforme”) e, embora na época clássica já fizesse muito tempo que os guardadores de porcos tinham deixado de exercer a arte da profecia, eles ainda continuavam a sacrificar porcos em honra de Deméter e Perséfone, atirando-os em precipícios naturais. Eubuleu parece não se ter beneficiado da instrução de Deméter, provavelmente porque seu culto como deusa-porca havia sido suprimido em Elêusis.

8. “Rarus”, quer signifique “filho abortado” ou “ventre”, é um nome pouco apropriado para um rei e seguramente se referia ao ventre da mãe Cereal, da qual o trigo brotava.

9. Iambe e Baubo personificam as canções obscenas em métrica iâmbica, que eram cantadas para aliviar a tensão emocional durante os Mistérios de Elêusis, mas Iambe, Deméter e Baubo formam a conhecida tríade de donzela, ninfa e velha. As velhas amas no mito grego quase sempre são representações da deusa como Velha. Abante se transformou num lagarto porque os lagartos se encontram nos lugares mais tórridos e secos e podem viver sem água. Essa é uma anedota de cunho moral, contada para ensinar às crianças o respeito aos mais velhos e a reverência aos deuses.

10. A história da tentativa de Deméter de tornar Demofonte imortal é semelhante aos mitos de Medeia (vide 156. *a*) e Tétis (vide 181. *r*). Ela se refere, por um lado, ao difundido costume primitivo de "imunizar" crianças contra os maus espíritos, rodeando-as com fogo sagrado no momento do nascimento, ou com uma grelha quente colocada debaixo delas; e, por outro, ao costume de queimar crianças até a morte como sacrifício em substituição ao do rei sagrado (vide 92. *7*), concedendo-lhes assim a imortalidade. Céleo, o nome do pai de Demofonte, talvez signifique "queimador", além de "pica-pau" ou "feiticeiro".

11. Existia um tabu primitivo sobre os alimentos de coloração vermelha, que só podiam ser oferecidos aos mortos (vide 170. *5*); e supunha-se que a romã brotava — como a anêmona escarlate de oito pétalas — do sangue de Adônis, ou Tamus (vide 18. *7*). Os sete grãos de romã representam talvez as sete fases da Lua, durante as quais os agricultores esperam surgir os primeiros talos verdes da espiga. Mas Perséfone comendo a romã é originalmente Sheol, a deusa do Inferno que devorou Tamus, ao passo que Ishtar (a própria Sheol, sob uma aparência distinta) chora para apaziguar o fantasma do defunto. Hera, como antiga deusa da morte, também segurava uma romã.

12. O *ascalaphos*, ou coruja de orelhas curtas, era um pássaro de mau agouro, e a fábula sobre seu modo de agir é relatada para explicar o barulho das corujas em novembro, antes que se iniciassem os três meses de ausência de Coré durante o inverno. Hércules libertou Ascálafo (vide 134. *d*).

13. A figueira que Deméter deu de presente a Fítalo, membro de uma das famílias mais importantes da Ática (vide 97. *a*), significa simplesmente que a prática da caprificação da figueira — a polinização da árvore doméstica com um ramo da árvore silvestre — deixou de ser uma prerrogativa feminina ao mesmo tempo que deixou de sê-lo também a agricultura. A proibição de que os homens plantassem feijão parece ter sobrevivido à proibição do trigo devido à estreita relação existente entre o feijão e os fantasmas. Em Roma, o feijão era jogado aos fantasmas durante o festival de Todas as Almas, e, se de algum deles brotasse uma planta, a mulher que comesse seus frutos ficaria grávida de um fantasma.

Por isso os pitagóricos abstiveram-se de comer feijão, com medo de negar a um ancestral a possibilidade de reencarnar.

14. Diz-se que Deméter chegou à Grécia vindo de Creta e desembarcou em Tórico, na Ática (*Hino a Deméter* 123). Isso é bastante provável: os próprios cretenses haviam se estabelecido na Ática, onde foram os primeiros a explorar as minas de prata em Láurio. Além disso, Elêusis é uma localidade micênica, e Diodoro Sículo (V. 77) diz que ritos similares ao eleusínio se realizavam em Cnossos para todos os que queriam participar deles e que (V. 79), segundo os cretenses, todos os ritos de iniciação foram inventados por seus ancestrais. Mas a origem de Deméter deve ser procurada na Líbia.

15. Segundo Ovídio, as flores que Coré colhia eram papoulas. Uma imagem da deusa com flores de papoula nos cabelos foi encontrada em Gazi, em Creta. Outra forma de deusa encontrada em Palaiokastro segura papoulas na mão. E no anel de ouro do tesouro da Acrópole de Micenas, uma Deméter sentada entrega três papoulas a uma Coré de pé. As sementes de papoula eram utilizadas como condimento para fazer pão, e estão naturalmente associadas a Deméter, já que crescem nos campos de cereais. Mas Coré colhe ou aceita papoulas devido a suas qualidades soporíferas e porque sua cor escarlate promete a ressurreição (vide 27. *12*). Ela está prestes a se retirar para seu sono anual.

NOTAS

[1] Aristófanes: *As rãs* 338; *Hino órfico* LI.

[2] Homero: *Odisseia* V. 125-128; Diodoro Síclo: V. 49; Hesíodo: *Teogonia* 969 *et seq.*

[3] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 167; Higino: *Fábula* 250; Calímaco: *Hino a Deméter* 34 *et seq.*; Antoninus Liberalis: *Transformações* 11; Pausânias X. 30. 1.

[4] Higino: *Fábula* 146; Diodoro Síclo: V. 3; escoliasta sobre o *Édipo em Colonus* de Sófocles: 1590; Apolodoro: I. 5. 1; escoliasta sobre a *Teogonia* de Hesíodo: 914; Pausânias: VI. 21. 1 e I. 38. 5; Conon: *Narrações* 15; *Hino homérico a Deméter* 17.

[5] Apolodoro: I. 5. 1-3 e 12; *Hino homérico a Deméter* 398 *et seq.* e 445 *et seq.*

[6] Pausânias: VIII. 15. 1 e I. 37. 3.

[7] *Hino homérico a Deméter* 231-274; Apollodoro: I. 5. 2; *Fragmento órfico* 50; Higino: *Fábula* 146; Ovídio: *As metamorfoses* V. 450-563 e *Os fastos* IV. 614; Nicandro: *Theriaca*; Pausânias: I. 14. 2 e 37. 2.

ATENA,
Atenas, Grécia

25

OS FEITOS E A NATUREZA DE ATENA

Atena (Minerva) inventou a flauta, o trompete, artefatos de barro, o arado, o jugo de bois, a sela, a carruagem e o barco. Foi a primeira a ensinar a ciência dos números e todas as artes femininas, tais como cozinhar, tecer e fiar. Mesmo sendo deusa da guerra, ela não tem prazer na batalha, como fazem Ares e Éris, pois prefere apaziguar disputas e fazer valer a lei por meios pacíficos. Não carrega armas em tempo de paz e, se em algum momento precisa delas, geralmente as pede emprestadas a Zeus. Sua misericórdia é grande: quando os votos dos juízes empatam num julgamento do Areópago, seu voto decisivo é sempre pela libertação do acusado (daí a expressão "voto de Minerva", proveniente do nome latino da deusa, que expressa um voto decisivo de desempate). Mas, uma vez envolvida em batalha, ela nunca perde, até mesmo contra o próprio Ares, pois, em matéria de estratégia e tática, é muito melhor que ele. Os capitães sábios procuram sempre se aconselhar com ela.[1]

b. Muitos deuses, titãs e gigantes teriam de bom grado se casado com Atena, mas ela sempre rechaçou todas as insinuações. Numa ocasião, durante a Guerra de Troia, não querendo pedir armas emprestadas a Zeus, que se havia declarado neutro, pediu a Hefesto que lhe fizesse um jogo de armas exclusivo. Hefesto recusou pagamento, dizendo timidamente que atenderia ao seu pedido por amor. Sem se dar conta do que implicavam suas palavras, quando Atena entrou na oficina para inspecionar seu trabalho na forja, ele se virou repentinamente e tentou violá-la. Hefesto, que não era afeito a comportamento tão rude, foi vítima de uma brincadeira maliciosa: Poseidon acabara de lhe informar que Atena estava a caminho de sua oficina, com o consentimento de Zeus, desejando fazer amor de forma violenta. Quando ela conseguiu se desvencilhar, Hefesto ejaculou sobre sua coxa, um pouco acima do joelho. Atena

limpou o sêmen com um punhado de lã, que jogou fora, enojada. Essa lã foi cair no chão perto de Atenas, fertilizando acidentalmente a Mãe Terra, que estava por ali de passagem. Repugnando a ideia de dar à luz um filho que Hefesto tentara fazer com Atena, a Mãe Terra declarou que não aceitaria responsabilizar-se pela criança.

c. "Muito bem", disse Atena, "eu mesma vou tomar conta dela". De maneira que se encarregou do bebê tão logo ele nasceu. Chamou-o Erictônio e, para evitar o escárnio de Poseidon por sua bem-sucedida artimanha, escondeu-o numa cesta sagrada que entregou a Aglauro, a filha mais velha do rei ateniense Cécrope, com a ordem de ocultá-lo cuidadosamente.[2]

d. Cécrope, filho da Mãe Terra e meio homem meio serpente, como Erictônio — seu filho, segundo alguns —, foi o primeiro rei a reconhecer paternidade. Ele se casou com uma filha de Acteu, o primeiro rei da Ática. Instituiu também a monogamia, dividiu a Ática em 12 comunidades, construiu templos dedicados a Atena e aboliu certos sacrifícios sangrentos, substituindo-os por moderadas oferendas de tortas de cevada.[3] Sua mulher se chamava Agraulo. Suas três filhas, Aglauro, Herse e Pândrosa, viviam numa casa de três cômodos na Acrópole. Uma noite, quando as meninas voltavam de um festim trazendo na cabeça os cestos sagrados de Atena, Hermes subornou Aglauro para que lhe desse acesso a Herse, a mais jovem das três, por quem havia se apaixonado perdidamente. Aglauro aceitou o ouro de Hermes, mas não cumpriu o que prometera, pois Atena providenciara para que ela invejasse a boa sorte de Herse. Assim, Hermes entrou furiosamente na casa, transformou Aglauro em pedra e satisfez seu desejo com Herse. Depois de dar a Hermes dois filhos, Céfalo, o amado de Eos (Aurora, entre os romanos), e Cérix, o primeiro mensageiro dos Mistérios de Elêusis, Herse, Pândrosa e sua mãe Agraulo não resistiram e deram uma olhada na cesta que Aglauro trouxera. Ao ver uma criança com um rabo de serpente em vez de pernas, elas gritaram de horror e, lideradas por Agraulo, saltaram do alto da Acrópole.[4]

e. Quando soube da desgraça, Atena sentiu-se tão angustiada que deixou cair a enorme rocha que estava levando à Acrópole como fortificação adicional, a qual se converteu no monte Licabeto. Quanto ao corvo que lhe havia levado a má notícia, ela mudou a cor de suas penas de branco para negro e proibiu que os corvos voltassem a visitar a Acrópole. Então, Erictônio se refugiou na égide de Atena, onde ela o criou com tanto carinho que muitos julgaram equivocadamente tratar-se de seu filho. Mais tarde, ele se tornou o rei de Atenas, onde instituiu o culto da deusa e ensinou a seus concidadãos o uso da prata. Sua imagem foi colocada entre as estrelas como a constelação Auriga ("cocheiro", em latim), por ter sido ele o introdutor da carruagem puxada por quatro cavalos.[5]

f. Conhece-se também um outro relato muito distinto sobre a morte de Agraulo: certa vez, quando Atenas começava a ser atacada, ela se atirou do alto da Acrópole, obedecendo a um oráculo, e obteve assim a vitória. Essa versão tenta explicar por que todos os jovens atenienses, quando pegavam em armas, visitavam o templo de Agraulo e ali ofereciam a vida em defesa da cidade.[6]

g. Atena, apesar de ser tão modesta quanto Ártemis, é muito mais generosa. Quando Tirésias a surpreendeu um dia casualmente tomando banho, ela pôs as mãos sobre os olhos dele e o cegou, mas, em compensação, concedeu-lhe o dom da visão interior.[7]

h. Não há registros que a mostrem realmente invejosa, a não ser em uma única ocasião. Esta é a história: Aracne, princesa de Cólofon, na Lídia — famosa por suas tintas púrpuras —, era tão hábil na arte de tecer que a própria Atena não podia competir com ela. Quando lhe mostraram um lenço em que Aracne havia tecido ilustrações de romances olímpicos, a deusa tratou de buscar minuciosamente algum defeito e, não encontrando nenhum, destroçou o pano numa explosão de ira vingativa. Quando a assustada Aracne pendurou-se numa viga, Atena converteu-a numa aranha — o inseto que mais odiava — e transformou a corda numa teia de aranha, pela qual Aracne subiu para se salvar.[8]

1. Os atenienses fizeram da virgindade de sua deusa o símbolo da invencibilidade da cidade. Por esse motivo, disfarçaram os mitos primitivos em que ela havia sido ultrajada por Poseidon (vide 19. *2*) e Bóreas (vide 48. *1*) e negaram que Erictônio, Apolo e Licno (“lâmpada”) tenham sido filhos seus com Hefesto. Fizeram o nome de “Erictônio” derivar de *erion*, “lã”, ou *eris*, “luta”, e *chthonos*, “terra”, e inventaram o mito de seu nascimento para explicar a aparição em pinturas arcaicas de um bebê-serpente surgindo da égide da deusa. A participação de Poseidon no nascimento de Erictônio talvez tenha sido originalmente mais simples e direta: senão, por que Erictônio introduziria a carruagem de quatro cavalos de Poseidon em Atenas?

2. Atena havia sido a deusa tripla. Quando a personagem central, a deusa como ninfa, foi suprimida e os mitos relativos a ela, transferidos a Afrodite, Orítia (vide 48. *b*) ou Alcipe (vide 19. *b*), permaneceram a donzela vestida em pele de cabra, especializada na arte da guerra (vide 8. *1*), e a velha, que inspirava os oráculos e presidia todas as artes. Erictônio é talvez uma forma extensa de Erecteu (vide 47. *1*), que significa mais provavelmente “da terra da urze” (vide

18. *1*) do que “muita terra”, como geralmente se diz. Os atenienses o representavam como uma serpente com cabeça humana porque ele era o herói, o espírito do rei sacrificado que revelava os desejos da Velha. Nesse aspecto de Velha, Atena era assistida por um corvo e uma coruja. A antiga família real de Atenas afirmava descender de Erictônio e Erecteu, e seus membros faziam-se chamar erectidas. Costumavam usar serpentes de ouro como amuletos e guardavam uma serpente sagrada no Erecteion. Mas Erictônio também era um vento procriador que vinha das montanhas cobertas de urze, e a égide de Atena (ou uma réplica dela) era distribuída a todos os casais recém-casados de Atenas, para lhes garantir fertilidade (Suidas *sub* Égide).

3. É sabido que algumas das mais finas peças de cerâmica cretense foram feitas por mulheres e, sem dúvida, o mesmo pode-se dizer sobre todos os instrumentos úteis inventados por Atena. Mas na Grécia clássica o artesão tinha de ser homem. No início, a prata era um metal mais valioso que o ouro, por ser mais difícil de refinar, e era consagrada à Lua. A Atenas de Péricles deveu sua proeminência em grande parte às ricas minas de prata de Laureium, exploradas primeiramente pelos cretenses, o que permitiu à cidade importar produtos alimentícios e comprar aliados.

4. A ocasião em que as filhas de Cécrope se atiraram da Acrópole pode ter sido a tomada de Atenas pelos helenos, depois da qual tentou-se impor a monogamia às sacerdotisas de Atena, como no mito de Halirrótio (vide 19. *b*). Elas preferiam a morte à desonra — daí o juramento das jovens atenienses no santuário de Agraulos. A outra versão da morte de Agraulo é uma simples anedota de cunho moral: uma advertência contra a violação dos Mistérios de Atena. “Agraulo” era mais um título da deusa-Lua. *Agraulo* e sua transliteração *aglauro* significam quase o mesmo, sendo *agraulo* um epíteto homérico para pastores, e *aglauro* (assim como *herse* e *pandrosos*) uma referência à Lua como suposta fonte do orvalho que refresca os pastos. Em Atenas, as moças saíam em noite de Lua cheia durante o verão para recolher orvalho com fins sagrados — o mesmo costume sobreviveu na Inglaterra até o século XIX. Era um festival chamado Herseforias, ou “coleta de orvalho”. De fato, Agraulo ou Agraule era um título da mesma Atena, e diz-se que Agraule foi venerada em Chipre até uma época bastante tardia (Porfírio: *Sobre o vegetarianismo* 30), inclusive com sacrifícios humanos. Um anel de ouro de Micenas retrata três sacerdotisas avançando na direção de um templo: as duas primeiras vão salpicando orvalho, a terceira (supostamente Agraulo) leva um ramo atado ao cotovelo. Essa cerimônia talvez tenha sido originária de Creta. O pagamento em ouro que Hermes fez a Aglauro para seduzir Herse deve se referir à prostituição ritual das sacerdotisas diante de uma imagem da deusa: Aglauro convertida em pedra. Os

cestos sagrados levados em tais ocasiões deviam conter serpentes fálicas e objetos orgiásticos semelhantes. A prostituição ritual das devotas da deusa-Lua era praticada em Creta, Chipre, Síria, Ásia Menor e Palestina.

5. A expulsão do corvo por parte de Atena é uma variante mítica do desterro de Cronos — *Cronus* significando "corvo" (vide 6. *2*) —, ou seja, o triunfo, de fato, do olimpianismo, cuja introdução atribuiu-se equivocadamente a Cécrope, que é, na verdade, Ofíon-Bóreas, o demiurgo pelasgo (vide 1. *1*). A troca de cor do corvo faz lembrar o nome da equivalente galesa de Atena: Branwen, "corvo branco", irmã de Bran (vide 57. *1*). Ao que parece, Atena tinha o título de "Corônis".

6. Sua vingança contra Aracne pode ser mais do que uma simples e bela fábula, se for o registro de uma antiga rivalidade comercial entre os atenienses e os talassocratas lídio-cariates, ou governantes do mar, que eram de origem cretense. Numerosos selos com o emblema de uma aranha, encontrados na cidade cretense de Mileto — cidade-mãe da Mileto cariana e a maior exportadora de lã tingida do mundo antigo —, indicam a existência de uma indústria têxtil pública que funcionava ali, no início do segundo milênio a.C. Durante um tempo, os milesianos controlaram o lucrativo comércio do mar Negro e tiveram um entreposto em Naucratis, no Egito. Atena tinha boas razões para invejar a aranha.

7. Em Homero, ocorre uma aparente contradição. Segundo o *Catálogo dos barcos* (*Ilíada* II. 547 *et seq.*), Atena instalou Erecteu em seu rico templo de Atenas. Mas, de acordo com a *Odisseia* (VII. 80), ela vai a Atenas e entra na fortaleza dele. O fato é que o rei sagrado tinha suas próprias dependências no palácio da rainha, onde se guardava a imagem da deusa. Não havia templos na Grécia micênica nem em Creta, apenas santuários domésticos ou covas oraculares.

NOTAS

[1] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 520; Hesíquio *sub* Hippia; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio IV. 402; Píndaro: *Odes olímpicas* XIII. 79; Lívio: VII. 3; Pausânias: I. 24. 3; Homero: *Ilíada* I. 199 *et seq*.; V. 736; V. 840-863; XXI. 391-422; Ésquilo: *As Eumênides* 753.

[2] Higino: *Astronomia poética* II. 13; Apolodoro: III. 14. 6; Higino: *Fábula* 166.

[3] Pausânias: I. 5. 3; VIII. 2. 1; Apolodoro: III. 14. 1; Estrabão: IX. 1. 20; Aristófanes: *Pluto* 773; Ateneu: p. 555 c; Eustácio: *Sobre Homero* p. 1156; Mármore de Paros: linhas 2-4.

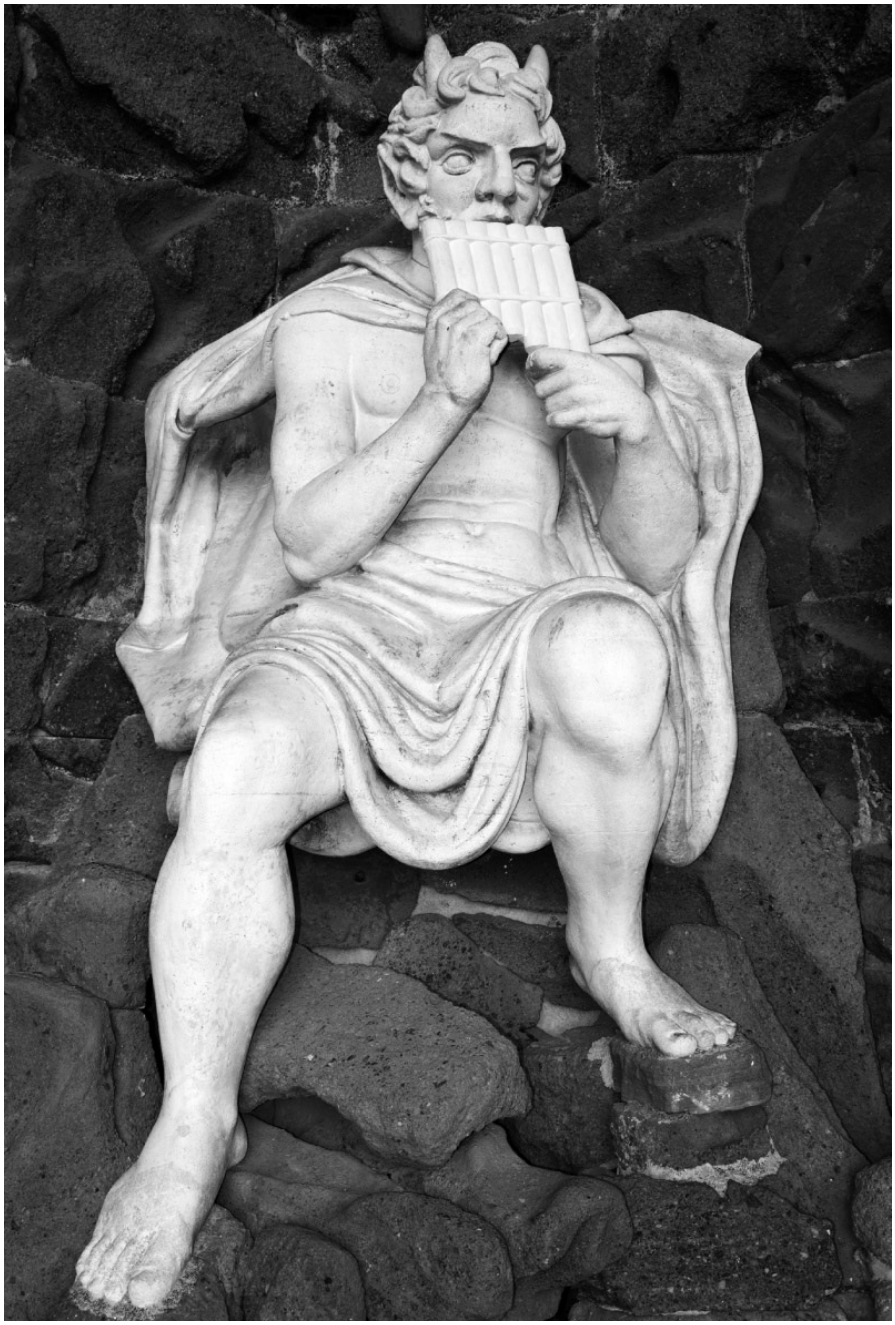
[4] Apolodoro: III. 14. 3 e 6; *Inscrições gregas* XIV. 1389; Higino: *Fábula* 166.

[5] Antígono Carístio: 12; Calímaco: *Hecale* 1. 2. 3; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* VII. 24; Higino: *Astronomia poética* II. 13; *Fábula* 274; Apolodoro: III. 14. 1.

[6] Suidas e Hesíquio *sub* Agraulos; Plutarco: *Alcebíades* 15.

[7] Calímaco: *O banho de Palas*.

[8] Ovídio: *As metamorfoses* VI. 1-145; Virgílio: *Geórgicas* IV. 246.



PÃ,
escultura próxima a uma fonte no monumento a Hércules
Kassel, Alemanha

26

OS FEITOS E A NATUREZA DE PÃ

Vários deuses e deusas poderosos da Grécia jamais se incluíram entre os Doze Olímpicos. Pã, por exemplo, um tipo humilde, agora morto, contentou-se em viver sobre a terra na Arcádia rural. Hades, Perséfone e Hécate sabiam que sua presença não era bem-vinda no Olimpo. A Mãe Terra, por sua vez, era demasiado velha e apegada a seus hábitos para se adaptar à vida familiar de seus netos e bisnetos.

b. Contam que Hermes concebeu Pã com Driopeia, filha de Dríope; ou com a ninfa Eneis; ou com Penélope, mulher de Odisseu, que ele visitou sob a forma de um carneiro; ou com a cabra Amalteia.[1] Diz-se que ele era tão feio quando nasceu, com chifres, barba, rabo e pés de bode, que sua mãe fugiu assustada, e Hermes o levou ao Olimpo para divertir os deuses. Mas Pã era irmão adotivo de Zeus e, portanto, muito mais velho que Hermes ou Penélope, a qual, segundo outra versão, o teria concebido com todos os pretendentes que a cortejaram durante a ausência de Odisseu. Há também quem o considere filho de Cronos e Reia; ou de Zeus e Híbris, que é a explicação mais plausível.[2]

c. Ele vivia na Arcádia, onde cuidava de seus rebanhos, manadas e colmeias, participava das folias das ninfas montanhesas e ajudava os caçadores a encontrar sua presa. Em geral, era tranquilo e preguiçoso. Nada lhe apetecia mais do que uma sesta vespertina, e vingava-se daqueles que vinham perturbar o seu sono lançando-lhes, de dentro de uma cova ou caverna, um grito repentino, de arrepiar os cabelos. Apesar disso, os árcades tinham tão pouco respeito por ele que, quando voltavam de mãos vazias depois de um longo dia de caça, ousavam açoitá-lo com cebolas.[3]

d. Pã seduziu diversas ninfas, entre elas Eco, que lhe deu Iinx e teve um fim desgraçado por amar Narciso; e Eufeme, a nutriz das musas, que lhe deu Croto,

o Arqueiro do Zodíaco. Ele também se gabava de ter copulado com todas as mênades bêbedas de Dionísio.[4]

e. Uma vez tentou violar a casta Pítis, que escapou dele facilmente, metamorfoseando-se num abeto, cujo ramo passou a ser usado desde então por Pã como grinalda. Noutra ocasião, perseguiu a casta Siringe do monte Liceu até o rio Ládon, onde ela se transformou em junco. Não conseguindo distingui-la do resto, ele cortou vários juncos ao acaso e os transformou numa flauta de Pã. Seu maior êxito amoroso foi Selene, a quem seduziu cobrindo seus pelos pretos de pele de cabra com tosões brancos bem lavados. Sem dar-se conta de quem era ele de fato, Selene aceitou montar no seu lombo, permitindo-lhe desfrutar dela como bem entendesse.[5]

f. Os deuses olímpicos utilizavam para seu próprio proveito os poderes de Pã, apesar de desprezarem sua simplicidade e seu gosto por escândalos. Apolo obteve dele a arte da profecia, e Hermes copiou uma flauta que Pã deixara cair, dizendo-se seu inventor e vendendo-a a Apolo.

g. Pã é o único deus que morreu na nossa época. A notícia de sua morte chegou através de Tamo, marinheiro cujo barco ia rumo à Itália, fazendo escala na ilha de Paxi. Uma voz divina gritou do mar:

— Está aí, Tamo? Quando chegar a Palodes, trate de anunciar a morte do grande deus Pã!

E assim fez Tamo. A notícia foi recebida desde a costa com gemidos e lamentos.[6]

1. Pã, cujo nome deriva habitualmente de *paein*, “pastar”, representa o “demônio”, ou “homem de pé”, do culto árcade da fertilidade, que mantinha grande semelhança com o culto das bruxas do noroeste europeu. Esse homem, vestido com uma pele de cabra, era o amante eleito pelas mênades bêbedas durante suas orgias nas montanhas altas, privilégio que, mais cedo ou mais tarde, ele acabaria pagando com a própria morte.

2. Os relatos sobre o nascimento de Pã são muito variados. Levando-se em conta que Hermes era a força residente numa pedra fálica que constituía o centro dessas orgias (vide 14. *1*), os pastores descreviam seu deus Pã como filho de Hermes com um pica-pau, cujas fortes batidas do bico supostamente pressagiavam a bem-vinda chuva estival. O mito de que ele tenha concebido Pã com Eneis é autoexplicativo, ainda que as mênades originais usassem outros

estupefacientes além do vinho (vide 27. *2*). O nome de sua famosa mãe Penélope (“a que tem uma rede sobre o rosto”) sugere que as mênades tinham algum tipo de pintura de guerra para as orgias, recordando as listras da *penelope*, uma espécie de pato. Plutarco diz (*Sobre as demoras do castigo divino* 12) que as mênades que mataram Orfeu tinham sido tatuadas por seus esposos como castigo (vide 28. *f*). Uma mênade de braços e pernas tatuados com um motivo de teia figura num vaso do Museu Britânico (Catálogo E. 301). A visita feita por Hermes a Penélope sob a forma de carneiro — demônio carneiro é tão comum quanto a cabra no culto das bruxas do noroeste — e o fato de ela engravidar com todos os pretendentes (vide 171. *l*), além da jactância de Pã de ter copulado com todas as mênades, aludem ao caráter promíscuo das orgias em homenagem à deusa-abeto Pítis ou Élate (vide 78. *1*). Os montanheses árcades eram os habitantes mais primitivos da Grécia (vide 1. *5*), e seus vizinhos, mais civilizados, manifestavam desprezo por eles.

3. O filho de Pã, o torcicolo, ou biguatinga, era uma ave migrante de primavera, utilizada para encantamentos eróticos (vide 56. *1* e 152. *2*). As cebolas contêm uma substância tóxica irritante — muito efetiva contra camundongos e ratos — e eram usadas como purgante e diurético antes de se tomar parte num ato ritual, motivo pelo qual passaram a simbolizar a eliminação de más influências (Plínio: *História natural* XX. 39), e a imagem de Pã era açoitada com essas cebolas quando rareava a caça (vide 108. *10*).

4. A sedução de Selene deve se referir a uma orgia do Dia de Maio sob a luz do luar, em que a jovem Rainha de Maio montava no lombo do seu homem de pé, antes de celebrar com ele um casamento silvestre. Nessa época, o culto do carneiro havia substituído o da cabra na Arcádia (vide 27. *2*).

5. Ao que parece, o egípcio Tamo ouviu mal o lamento cerimonial *Thamus Pan-megas Tethnece* (“o todo-poderoso Tamus morreu!”) e entendeu: “Tamo, o grande Pã, morreu!”. De qualquer modo, Plutarco, sacerdote de Delfos na segunda metade do século I a.C., assim acreditou e publicou, mas, quando Pausânias fez sua viagem pela Grécia, aproximadamente um século depois, encontrou santuários de Pã, altares, cavernas e montanhas sagradas dedicadas a ele, que ainda eram muito frequentadas.

NOTAS

[1] *Hino homérico a Pã* 34 *et seq*.; escoliasta sobre os *Idílios* de Teócrito: I. 3; Heródoto: II. 145; Eratóstenes: *Catasterismos* 27.

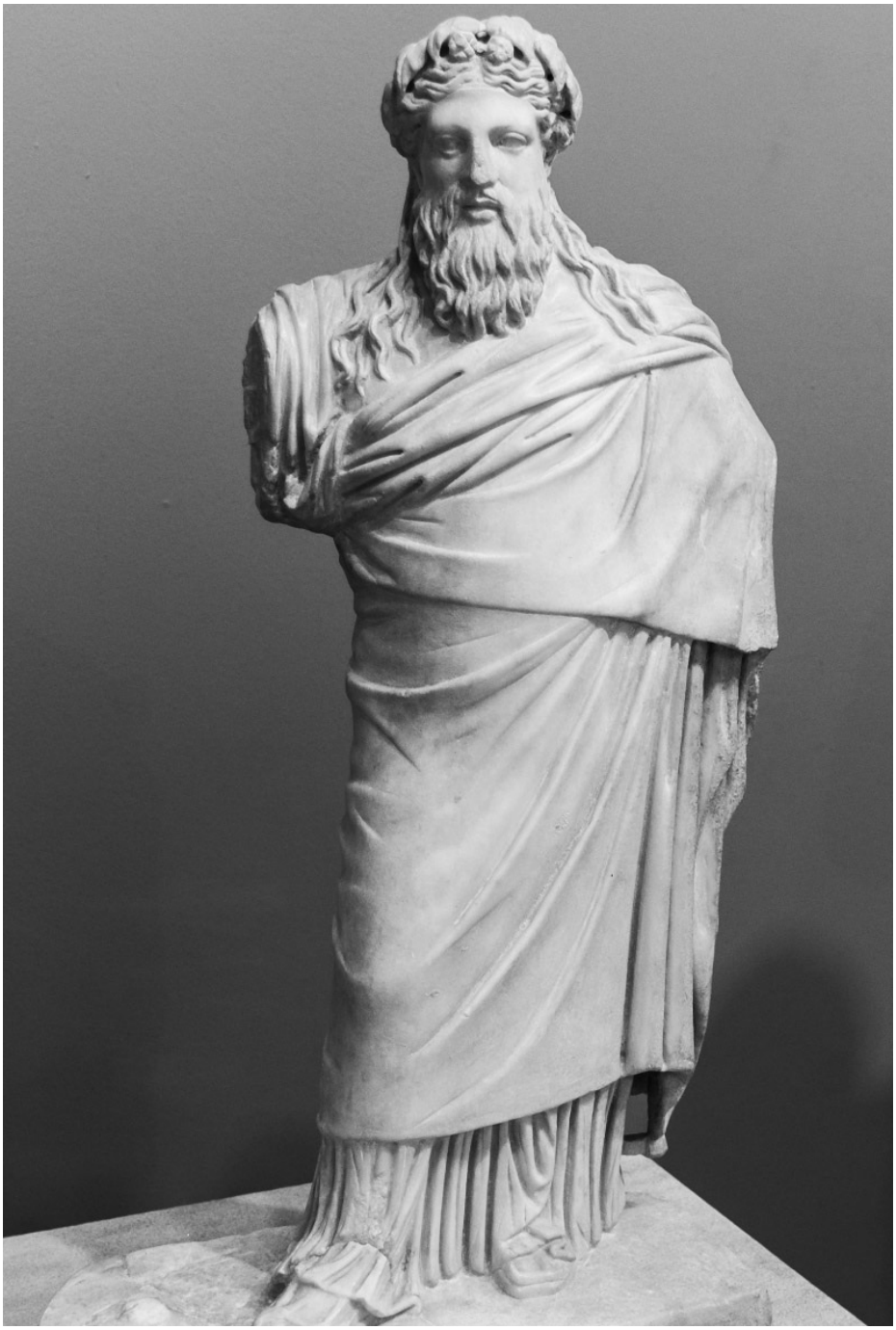
[2] *Hino homérico a Pã*: *loc. cit*.; Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio I. 16; Duris, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 772; Apolodoro: I. 4. 1; escoliasta sobre *Rhesus* de Ésquilo 30.

[3] Teócrito: *Idílios* I. 16; Eurípides: *Rhesus* 36; Hesíquio *sub* Agreo Teócrito: *Idílios* VII. 107.

[4] Ovídio: *As metamorfoses* III. 356-401; Higino: *Fábula* 224; *Astronomia poética* II. 27.

[5] Luciano: *Diálogos dos deuses* XXII. 4; Ovídio: *As metamorfoses* I. 694-712; Filargírio sobre as *Geórgicas* de Virgílio III. 392.

[6] Plutarco: *Por que os oráculos silenciam* 17.



DIONÍSIO,
escultura do período romano
Heraclião, Grécia

27

OS FEITOS E A NATUREZA DE DIONÍSIO

Por ordem de Hera, os titãs capturaram Dionísio, filho recém-nascido de Zeus, uma criança dotada de chifres, coroada com serpentes, e, apesar de suas transformações, eles o reduziram a pedaços, os quais ferveram numa caldeira enquanto uma romã brotava do solo onde havia caído seu sangue. Mas, resgatado e reconstituído por sua avó Reia, ele retornou à vida. Perséfone, a quem Zeus encarregara de tomar conta dele, levou-o ao rei Atamante de Orcômeno e convenceu sua mulher, Ino, a criá-lo no gineceu, disfarçado de menina. Mas era impossível enganar Hera, que lançou sobre o casal real a maldição da loucura, motivo pelo qual Atamante matou seu filho Learco ao confundi-lo com um cervo.[1]

b. Em seguida, por ordem de Zeus, Hermes transformou temporariamente Dionísio num cabrito, ou carneiro, e o deu de presente às ninfas Mácris, Nisa, Érato, Brômia e Baca, do monte heliconiano Nisa. Elas cuidaram dele numa cova, mimaram-no e alimentaram-no com mel, razão pela qual Zeus colocou suas imagens entre as estrelas com o nome de Híades. Foi no monte Nisa que Dionísio inventou o vinho, motivo maior de sua celebrização.[2]

Quando cresceu e atingiu a idade adulta, Hera reconheceu Dionísio como filho de Zeus, apesar da efeminação à qual a educação que recebera o havia reduzido, e o enlouqueceu. Ele saiu vagando pelo mundo afora, acompanhado por seu tutor Sileno e um exército selvagem de sátiros e mênades (bacantes), armados de bastões enfeitados com hera e pâmpanos, com uma pinha na ponta, chamados *thyrsus*, além de espadas, serpentes e aerófonos[a] amedrontadores. Foi para o Egito de navio, levando consigo a vinha, e, em Faros, o rei Proteu o acolheu com grande hospitalidade. Entre os líbios do delta do Nilo, do outro lado de Faros, havia certas rainhas amazonas que Dionísio convidou a marchar com

ele contra os titãs, para devolver ao rei Ámon o reino do qual havia sido expulso. A derrota que Dionísio infligiu aos titãs restaurando o rei Ámon foi o primeiro de seus vários êxitos militares.[3]

c. Ele então se dirigiu para o Oriente, rumo à Índia. Ao chegar às margens do Eufrates, enfrentou a oposição do rei de Damasco e esfolou-o vivo, mas construiu uma ponte de hera e vinho sobre o rio. Depois disso, um tigre enviado por seu pai Zeus ajudou-o a cruzar o rio Tigre. Mesmo enfrentando muita oposição durante o caminho, ele chegou à Índia e conquistou todo o país, onde ensinou a arte da vinicultura, estabeleceu leis e fundou grandes cidades.[4]

d. Ao retornar, confrontou-se com as amazonas e perseguiu uma de suas hordas até Éfeso. Algumas se refugiaram no templo de Ártemis, onde ainda vivem descendentes seus. Outras fugiram para Samos, e Dionísio as perseguiu com barcos, matando tantas que o campo de batalha recebeu o nome de Pan-haema. Nas redondezas de Floeum morreram alguns dos elefantes que ele havia trazido da Índia, e seus ossos ainda podem ser vistos ali.[5]

e. Em seguida, Dionísio voltou à Europa passando pela Frígia, onde sua avó Reia o purificou dos vários assassinatos que havia cometido durante sua loucura e o iniciou nos Mistérios. Depois ele invadiu a Trácia, porém mal havia desembarcado sua gente na foz do rio Estrimão quando Licurgo, rei dos édones, apresentou-lhe uma feroz resistência, armado com uma aguilhada, capturando todo o seu exército exceto o próprio Dionísio, que mergulhou no mar em busca de refúgio na cova de Tétis. Reia, ofendida com tal derrota, ajudou os prisioneiros a escapar e enlouqueceu Licurgo, fazendo com que ele golpeasse mortalmente seu próprio filho Drias com um machado, na ilusão de estar cortando uma vinha, e, antes de recuperar os sentidos, começasse a “podar” o nariz, as orelhas, os dedos das mãos e dos pés do cadáver. Todos os campos da Trácia ficaram estéreis por causa de seu crime hediondo. Quando, ao voltar do mar, Dionísio decretou que tal flagelo perduraria até que alguém matasse Licurgo, os édones conduziram-no ao monte Pangeo, onde cavalos selvagens dilaceraram-lhe o corpo.[6]

f. Dionísio não encontrou, desde então, nenhuma resistência na Trácia e se dirigiu a sua amada Beócia, onde visitou Tebas e convidou as mulheres a participarem de suas orgias no monte Citéron. Penteu, rei de Tebas, que não gostava do aspecto devasso de Dionísio, decidiu aprisioná-lo com todas as mênades, mas acabou enlouquecendo e, em vez de agrilhoar Dionísio, agrilhoou um touro. As mênades escaparam de novo e saíram correndo enfurecidas para o alto das montanhas, onde despedaçaram algumas vitelas. Penteu tentou detê-las, mas, excitadas pelo vinho e pelo êxtase religioso, elas lhe arrancaram os

membros um a um. Sua mãe, Agave, não só liderou o tumulto, como foi ela quem arrancou a cabeça do filho.[7]

g. Em Orcômeno, as três filhas de Mínias, chamadas Alcítoe, Leucipe e Arsipe (ou Aristipe ou Arsínoe), recusaram-se a participar das orgias apesar de terem sido convidadas pessoalmente por Dionísio, que surgiu sob a forma de uma moça. Ele, então, sucessivamente, se transformou num leão, num touro e numa pantera, enlouquecendo-as. Leucipe ofereceu seu próprio filho Hípaso em sacrifício — ele fora escolhido num sorteio —, e as três irmãs, após haverem-no despedaçado e devorado, saíram correndo freneticamente para as montanhas, até que, por fim, Hermes as transformou em pássaros, embora alguns digam que Dionísio as converteu em morcegos.[8] O assassinato de Hípaso se expia anualmente em Orcômeno num festival chamado Agrionia ("incitação à selvageria"), no qual as mulheres devotas simulam procurar Dionísio e então, deduzindo que ele tenha se ausentado com as musas, sentam-se em círculo e fazem perguntas enigmáticas, até que o sacerdote de Dionísio precipita-se de seu templo levando uma espada e matando o primeiro que lhe aparecer no caminho.[9]

h. Quando toda a Beócia reconheceu a divindade de Dionísio, ele iniciou uma viagem pelas ilhas do Egeu, semeando a alegria e o terror por onde passava. Ao chegar a Icaria, descobriu que seu barco não era apropriado para a navegação no mar e alugou outro de certos marinheiros do Tirreno, que diziam dirigir-se a Naxos. Na verdade eram piratas, que, ignorando tratar-se de um deus, dirigiram-se para a Ásia com a intenção de vendê-lo como escravo. Dionísio fez crescer uma vinha que se estendeu desde o tombadilho até o mastro, enquanto a hera se enroscava pelo cordame. Também transformou os remos em serpentes, e ele mesmo se converteu em leão, enchendo a embarcação de feras fantasmas e do som de flautas, de tal forma que os piratas, aterrorizados, atiraram-se ao mar e se tornaram golfinhos.[10]

i. Foi em Naxos que Dionísio conheceu a encantadora Ariadne, abandonada por Teseu, e não tardou a se casar com ela. Ariadne lhe deu Enopião, Toante, Estáfilo, Latromis, Evantes e Taurópolo. Mais tarde, Dionísio pôs seu diadema nupcial entre as estrelas.[11]

j. De Naxos foi para Argos e puniu Perseu — que no início opôs-lhe resistência e matou muitos de seus seguidores —, enlouquecendo as mulheres do lugar, que começaram a devorar vivos os próprios filhos. Perseu admitiu rapidamente seu erro e apaziguou Dionísio erguendo um templo em sua homenagem.

k. Finalmente, após haver instaurado seu culto em todo o mundo, Dionísio ascendeu ao céu e está sentado agora à direita de Zeus, como uma das 12 divindades olímpicas. Em favor dele, a modesta deusa Héstia abriu mão de seu

lugar na suprema mesa, satisfeita por ter uma desculpa para escapar das contendas cheias de ciúme no seio de sua família, sabendo que sempre seria bem recebida em qualquer cidade grega que lhe apetecesse visitar. Dionísio desceu depois, através de Lerna, até o Tártaro, onde subornou Perséfone com um mirto para que libertasse sua falecida mãe, Sêmele, que subiu com ele até o templo de Ártemis em Trezena. Para evitar que as outras almas ficassem com ciúmes ou se sentissem lesadas, ele trocou o nome dela e apresentou-a aos outros deuses olímpicos como Tione. Zeus pôs um aposento à sua disposição, e Hera, embora furiosa, permaneceu em silêncio, resignada.[12]

1. O principal na história mística de Dionísio é a difusão do culto da vinha pela Europa, Ásia e África do Norte. O vinho não foi inventado pelos gregos: parece que, no início, ele era importado, em cântaros, de Creta. As uvas cresciam em estado selvagem na costa meridional do mar Negro, de onde seu cultivo se estendeu até o monte Nisa, na Líbia, através da Palestina, e daí para Creta, bem como para a Índia, através da Pérsia, e para a Bretanha da Idade do Bronze, através da Rota do Âmbar. As orgias do vinho da Ásia Menor e da Palestina — o Festival cananeu dos Tabernáculos era originalmente uma bacanal — caracterizavam-se quase pelos mesmos estados de êxtase das orgias da cerveja da Trácia e da Frígia. O triunfo de Dionísio consistiu no fato de que o vinho acabou substituindo, por toda parte, outros inebriantes (vide 38. *3*). Segundo Ferécides (178), Nisa significa “árvore”.

2. Durante algum tempo, ele havia se subordinado à deusa-Lua Sêmele (vide 14. *5*) — também chamada Tione ou Cotito (vide 3. *1*) — e era a vítima eleita de suas orgias. O fato de ter sido criado como uma menina, assim como Aquiles (vide 160. *5*), evoca o costume cretense de manter os meninos “na escuridão” (*scotioi*), ou seja, nos aposentos das mulheres, até atingirem a puberdade. Um dos títulos de Dionísio era *Dendrites*, “jovem-árvore”, e o Festival da Primavera celebrava sua emancipação, quando, repentinamente, as árvores verdejaram e o mundo inteiro se inflamou de desejo. Ele é descrito como um menino cornudo, justamente para não especificar o tipo de cornos, que podiam ser de cabra, cervo, touro ou carneiro, conforme o lugar onde fosse venerado. Quando Apolodoro diz que ele se disfarçou de cabrito para se salvar da ira de Hera — Erifo (“cabrito”) era um de seus títulos (Hesíquio *sub* Erifo) —, está se referindo ao culto cretense de Dionísio-Zagreu, a cabra montanhesa

com cornos enormes. Virgílio (*Geórgicas* II. 380-384) explica equivocadamente que a cabra era o animal que se sacrificava normalmente para Dionísio "porque as cabras provocam danos à vinha ao mordê-la". Dionísio como cervo é Learco, morto por Atamante ao ser enlouquecido por Hera. Na Trácia, ele era um touro branco. Mas, na Arcádia, Hermes o disfarçou de carneiro, pois os árcades eram pastores e o Sol entrava em Áries em seu Festival da Primavera, e o deixou sob a responsabilidade das Híades ("fazedoras de chuva"), que foram chamadas de "as altas", "as coxas", "as apaixonadas", "as rugentes" e "as furiosas", por descreverem as cerimônias de Dionísio. Hesíodo (citado por Theon: *Sobre Arato* 171) registra os nomes anteriores das Híades como Fesila ("luz filtrada"), Corônis ("corvo"), Cleia ("famosa"), Feo ("obscura") e Eudora ("generosa"). A lista de Higino (*Astronomia poética* II. 21) é bastante parecida. *Nysus* significa "coxo", e, nessas orgias da cerveja na montanha, parece que o rei sagrado coxeava como uma perdiz, como no festival cananeu da primavera, chamado *Pesach* ("manqueira"; vide 23. *1*). Mas os fatos de Mácris alimentar Dionísio à base de mel e as mênades utilizarem ramos de abeto recobertos de hera como tirsos aludem a uma forma anterior de preparado alcoólico: cerveja de abeto misturada com hera e adoçada com hidromel. O hidromel era o "néctar" obtido do mel fermentado que os deuses continuaram bebendo no Olimpo homérico.

3. J. E. Harrison — quem pela primeira vez assinalou (*Prolegomena* cap. VIII) que Dionísio, o deus do vinho, é uma superposição posterior de Dionísio, o deus da cerveja, conhecido também como Sabácio — sugere que o termo *tragédia* possa derivar não necessariamente de *tragos* ("cabra"), como indica Virgílio (*loc. cit.*), mas de *tragos* ("espelta"), um cereal utilizado em Atenas para a fabricação da cerveja. Harrison acrescenta que, nas primeiras pinturas de ânforas, aparecem como companheiros de Dionísio homens-cavalos e não homens-cabras, e que seu cesto de uvas era originalmente uma ventoinha para limpar trigo. De fato, a cabra líbia ou cretense estava associada ao vinho, ao passo que o cavalo heládico, à cerveja e ao néctar. Assim, Licurgo, que oferece resistência ao segundo Dionísio, é destroçado por cavalos selvagens — sacerdotisas da deusa com cabeça de égua —, tendo o mesmo destino que o Dionísio anterior. A história de Licurgo confundiu-se com o conto irrelevante da maldição que caiu sobre sua terra após o assassinato de Drias ("carvalho"), o rei-carvalho que era morto anualmente. A poda de suas extremidades servia para manter sua alma sob controle (vide 153. *b* e 171. *i*), e a derrubada arbitrária de um carvalho sagrado era punida com a pena capital. Cotito era o nome da deusa em cuja homenagem se realizavam os ritos édones (Estrabão: X. 3. 16).

4. Dionísio podia se manifestar como leão, touro e serpente porque esses eram os emblemas do calendário do ano tripartite (vide 31. *7*, 75. *2* e 123. *1*). Ele

nascia no inverno como serpente (daí sua coroa de serpentes), convertia-se em leão na primavera e era morto e devorado como touro, cabra ou cervo em meados do verão. Essas eram suas metamorfoses quando os titãs o atacaram (vide 30. *a*). Parece que entre os orcomênios a serpente foi substituída por uma pantera. Seus mistérios se pareciam com os de Osíris, daí sua visita ao Egito.

5. O ódio de Hera por Dionísio e sua taça de vinho, como a hostilidade manifestada por Penteu e Perseu, reflete a oposição conservadora ao uso ritual do vinho e à moda extravagante das mênades, que se haviam estendido da Trácia até Atenas, Corinto, Sícion, Delfos e outras cidades civilizadas. Finalmente, em fins do século VII e início do século VI a.C., Periandro, tirano de Corinto, Clístenes, tirano de Sícion, e Peisístrato, tirano de Atenas, decidiram aprovar seu culto e instituíram os festivais dionisíacos oficiais. Celebrava-se o fato de Dionísio e seu vinho terem sido aceitos no Céu — ele tomou o lugar de Héstia entre as 12 divindades olímpicas em fins do século V a.C. —, embora alguns deuses continuassem exigindo "sacrifícios sóbrios". Entretanto, apesar de uma das tabuletas recentemente decifradas do palácio de Nestor em Pilos mostrar que ele detinha a categoria de deus já no século XIII a.C., na realidade ele nunca deixou de ser um semideus, e a tumba de sua ressurreição anual continuou a ser exibida em Delfos (Plutarco: *Sobre Ísis e Osíris* 35), onde os sacerdotes consideravam que Apolo fosse a parte imortal de Dionísio (vide 28. *3*). A história de seu renascimento a partir da coxa de Zeus, tal como o do deus hitita dos Ventos a partir da coxa de Kumabi (vide 6. *6*), nega seu caráter matriarcal original. O renascimento ritual de um homem era uma conhecida cerimônia de adoção judaica (*Rute* III. 9), um empréstimo hitita.

6. Dionísio viajou numa embarcação em forma de Lua nova, e a história de seu embate com os piratas parece estar baseada no mesmo ícone que deu origem à lenda da Arca de Noé e os animais, sendo o leão, a serpente e outras criaturas suas epifanias sazonais. De fato, Dionísio é Deucalião (vide 38. *3*). Os lacônios de Brasia preservaram um relato não ortodoxo de seu nascimento, mostrando como Cadmo encerrou Sêmele e seu filho numa arca que, à deriva, chegou a Brasia, onde Sêmele morreu e foi enterrada, e como Ino educou Dionísio (Pausânias: III. 24. 3).

7. Faros, uma pequena ilha em frente ao delta do Nilo, em cuja costa Proteu experimentou as mesmas transformações de Dionísio (vide 169. *a*), tinha o maior porto existente na Europa na Idade do Bronze (vide 39. *2* e 169. *6*). Era o armazém dos comerciantes de Creta, da Ásia Menor, das ilhas gregas, da Grécia e da Palestina. Dali certamente difundiu-se o culto do vinho em todas as direções. O relato da campanha de Dionísio na Líbia talvez registre o reforço militar enviado aos garamantes por parte de seus aliados gregos (vide 3. *3*). O de

sua campanha na Índia foi interpretado como uma história fantasiosa do avanço ébrio de Alexandre até o Indo, mas ele é de data anterior e registra a expansão do vinho até o Oriente. A visita de Dionísio à Frígia, onde Reia o iniciou, sugere que os ritos gregos de Dionísio como Sabázio ou Brômio eram de origem frígia.

8. A *Corona Borealis*, grinalda nupcial de Ariadne, chamava-se também "Coroa Cretense". Ela era a deusa-Lua cretense, e os filhos vinosos que teve com Dionísio — Enopião, Toante, Estáfilo, Taurópolo, Latromis e Evantes — foram os antepassados epônimos das tribos heládicas que habitavam em Quios, Lemnos, no Quersoneso trácio e em outros lugares mais adiante (vide 98. *o*). O culto do vinho chegou à Grécia e ao Egeu através de Creta — *oinos*, "vinho", é uma palavra cretense —, e, por causa disso, Dionísio era confundido com o deus cretense Zagreu, que também foi despedaçado ao nascer (vide 30. *a*).

9. Agave, mãe de Penteu, é a deusa-Lua que coordenava as orgias da cerveja. O esquartejamento de Hípaso pelas três irmãs, que são a deusa tripla como ninfa, tem um paralelismo com o relato galês de Pwyll, príncipe de Dyffed, segundo o qual, no Dia de Maio, Rhiannon, corruptela de Rigantona ("grande rainha"), devora um potro que é, na realidade, seu filho Pryderi ("ansiedade"). Poseidon também foi comido sob forma de potro por seu pai Cronos, mas provavelmente numa versão anterior quem o comeu foi sua mãe Reia (vide 7. *g*). O mito demonstra que o rito antigo, no qual as mênades com cabeça de égua despedaçavam e comiam cru o menino escolhido para ser a vítima anual — fosse seu nome Sabázio, Brômio ou outro qualquer —, foi substituído pelas orgias dionisíacas mais ordenadas. A substituição do potro pelo menino na cerimônia de sacrifício indica essa mudança.

10. A romã que brotou do sangue de Dionísio era também a árvore de Tamus-Adônis-Rimmon. Seu fruto maduro se abre como uma ferida e mostra as sementes vermelhas que traz dentro de si. Ele simboliza a morte e a promessa de ressurreição quando segurado pela mão de Hera ou de Perséfone (vide 24. *11*).

11. O resgate de Sêmele, renomeada Tione ("rainha furiosa"), por Dionísio foi deduzido dos desenhos de um cerimonial celebrado em Atenas sobre um local de dança dedicado às Mulheres Selvagens. Ali, ao som de cantos, flautas e danças e sob a difusão de pétalas de flor retiradas de cestos, um sacerdote invocava Sêmele para que emergisse de um ônfalo, ou montículo artificial, e que viesse a serviço do "espírito da primavera", ou seja, do jovem Dionísio (Píndaro: *Fragmento* 75. *3*). Em Delfos, havia um ritual parecido de ascensão dirigido exclusivamente por mulheres, que se chamava *Herois*, ou "festa da heroína" (Plutarco: *Questões gregas* 12; Aristófanes: *As rãs* 373-396, com escoliasta). Pode-se presumir ainda uma outra cerimônia no templo de Ártemis em Trezena.

Cabe lembrar que a deusa-Lua tinha, nas palavras de John Skelton, três aspectos diferentes:

> Diana nas folhas verdes,
> Luna que tanto resplandece,
> Perséfone no inferno.

Sêmele era, de fato, um outro nome de Coré, ou Perséfone, e a cena de ascensão está retratada em muitos vasos gregos, alguns dos quais mostram sátiros usando enxadões para ajudar a heroína a emergir. A presença deles indica que se tratava de um rito pelasgo. O que desenterravam era provavelmente uma boneca de cereal enterrada depois da colheita, que agora brotava de novo. Coré, evidentemente, não ascendeu ao Céu. Vagou pela terra com Deméter até chegar o momento de regressar ao mundo subterrâneo. Entretanto, logo depois da consagração de Dionísio à categoria de deus olímpico, a assunção de sua mãe virgem passou a ser um dogma, e, uma vez admitida como deusa, ela foi diferenciada de Coré, que continuou ascendendo e descendendo como heroína.

12. A vinha era a décima árvore do ano sagrado da árvore, e seu mês correspondente era setembro, quando acontecia a festa da vindima. A hera, a décima primeira árvore, correspondia a outubro, quando as mênades farreavam e se drogavam mastigando suas folhas. Ela também era importante porque, assim como as outras quatro árvores sagradas — o carvalho espinhoso de El com que se alimentavam as cochonilhas, o amieiro de Foroneu, a vinha e a romãzeira, ambas do próprio Dionísio —, fornecia uma tinta vermelha (vide 52. *3*). O monge bizantino Teófilo (Rugerus: *Sobre os ofícios*, cap. 98) diz que “os poetas e artistas adoravam a hera pelos poderes secretos que ela encerrava… um dos quais vou lhe contar. Em março, quando a seiva sobe, se você perfurar o talo da hera com um trado em alguns pontos, exsudará um líquido viscoso que, ao ser misturado com urina e depois fervido, dá uma cor de sangue chamada ‘laque’, muito utilizada na pintura e nas iluminuras”. A tinta vermelha era usada para colorir os rostos das imagens masculinas da fertilidade (Pausânias: II. 2. *5*) e dos reis sagrados (vide 170. *11*). Em Roma, esse costume se conservou com a coloração vermelha do rosto do general triunfante. O general representava o deus Marte, que foi um Dionísio da primavera antes de se especializar como o deus romano da guerra, dando assim seu nome ao mês de março. Os reis ingleses ainda maquiam levemente o rosto com ruge nas cerimônias oficiais, para dar uma impressão de saúde e prosperidade. Ademais, a hera grega, assim como a

vinha e o plátano, tem uma folha de cinco pontas que representa a mão criadora da deusa Terra Reia (vide 53. *a*). O mirto era uma árvore da morte (vide 109. *4*).

NOTAS

[a] Instrumento musical antigo usado em rituais primitivos (*bullroarer*, em inglês), que pode ser definido como um aparelhinho de fazer barulho, com um pedaço comprido e fino de pau amarrado num barbante. Quando segurado pelo barbante e agitado no ar, faz um barulho forte. (N.T.)

[1] Eurípides: *As Bacantes* 99-102; Onomacritus citado por Pausânias: VIII. 37. 3; Diodoro Sículo: III. 62; *Hinos órficos* XIV. 6; Clemente de Alexandria: *Address to the Greeks* II.16.

[2] Apolodoro: III. 4. 3; Higino: *Fábula* 182; Theon sobre os *Fenômenos* de Arato 177; Diodoro Sículo: III. 68-69; Apolônio de Rodes: IV. 1. 131; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio VI. 15.

[3] Apolodoro: III. 5. 1; Ésquilo: *Os Édones, um fragmento*; Diodoro Sículo: III. 70-71.

[4] Eurípides: *As Bacantes* 13; Teófilo, citado por Plutarco: *Sobre os rios* 24; Pausânias: X. 29. 2; Diodoro Sículo: II. 38; Estrabão: XI. 5. 5; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* II. 8-9; Arriano: *Indica* 5.

[5] Pausânias: VII. 2. 4-5; Plutarco: *Questões gregas* 56.

[6] Apolodoro: III. 5. 1; Homero: *Ilíada* VI. 130-140.

[7] Teócrito: *Idílios* XXVI; Ovídio: *As metamorfoses* III. 714 *et seq.*; Eurípides: *As Bacantes, passim.*

[8] Ovídio: *As metamorfoses* IV. 1-40; 390-415; Antoninus Liberalis: 10; Eliano: *Varia Historia* III. 42; Plutarco: *Questões gregas* 38.

[9] Plutarco: *loc. cit.*

[10] *Hino homérico a Dionísio* 6 *et seq.*; Apolodoro: III. 5. 3; Ovídio: *As metamorfoses* III. 577-699.

[11] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 996; Hesíodo: *Teogonia* 947; Higino: *Astronomia poética* II. 5.

[12] Apolodoro: III. 5. 3; Pausânias: II. 31. 2.

28

ORFEU

Orfeu, filho do rei trácio Éagro e da musa Calíope, foi o poeta e músico mais famoso de todos os tempos. Apolo o presenteou com uma lira, e as musas ensinaram-no a tocá-la de tal forma que ele não só amansava os animais selvagens como também fazia as árvores e as rochas se moverem de seu lugar, seguindo o som de sua música. Em Zona, na Trácia, vários velhos carvalhos da montanha ainda se alçam formando a disposição de uma de suas danças, tal como ele os deixou.[1]

b. Após uma visita ao Egito, Orfeu se juntou aos argonautas, com quem embarcou rumo à Cólquida, e sua música os ajudou a superar várias dificuldades. Ao regressar, ele se casou com Eurídice, que alguns chamam de Agríope, e se estabeleceu entre os cíconos selvagens da Trácia.[2]

c. Um dia, perto de Tempe, no vale do rio Peneu, Eurídice se encontrou com Aristeu, que tentou violá-la. Ao tentar fugir, ela pisou numa serpente e morreu em consequência da picada. Mas Orfeu desceu corajosamente ao Tártaro para resgatá-la. Valeu-se, para isso, da passagem que se abre em Aorno e Tesprótide e, ao chegar, não só encantou o barqueiro Caronte, o cão Cérbero e os três Juízes da Morte com sua música melancólica, como também conseguiu suspender temporariamente o suplício dos condenados. E de tal modo abrandou o duro coração de Hades que este lhe permitiu resgatar Eurídice e levá-la de volta ao mundo superior. Mas impôs-lhe uma condição: que Orfeu não olhasse para trás até que ela se encontrasse a salvo, sob a luz do sol. Eurídice seguiu Orfeu pela passagem escura, guiada pelos sons de sua lira, mas, quando chegaram ao ponto onde já se via o sol, ele se voltou para verificar se ela ainda o seguia, e então perdeu-a para sempre.[3]

d. Quando Dionísio invadiu a Trácia, Orfeu não lhe rendeu honras, mas ensinou-lhe outros mistérios sagrados e predicou a maldade do assassinato ritual entre os homens da Trácia, que o escutavam com reverência. Ele costumava se levantar toda manhã para cumprimentar o sol do amanhecer no cume do monte Pangeu, proclamando que Hélio, a quem chamava de Apolo, era o maior de todos os deuses. Ofendido, Dionísio enviou contra ele as mênades de Deium, na Macedônia. Elas esperaram até que seus maridos entrassem no templo de Apolo, onde Orfeu oficiava como sacerdote, tomaram as armas que os homens haviam deixado na entrada, irromperam no templo, mataram os homens e arrancaram, um a um, os membros de Orfeu. Atiraram sua cabeça no rio Hebro, mas a cabeça, sem parar de cantar, continuou flutuando até alcançar o mar, que a arrastou até a ilha de Lesbos.[4]

e. Aos prantos, as musas recolheram seus membros e os enterraram em Leibetra, aos pés do monte Olimpo, onde os rouxinóis ainda entoam cantos mais doces do que em qualquer outro lugar do mundo. As mênades haviam tentado limpar-se do sangue de Orfeu no rio Helicorn, mas o deus fluvial mergulhou por sob o leito do rio e desapareceu, reaparecendo a uma distância de 6 quilômetros, com outro nome: Bafira. Assim, ele evitou se tornar cúmplice do crime.[5]

f. Diz-se que Orfeu havia condenado a promiscuidade das mênades e predicado o amor homossexual, deixando Afrodite tão irritada quanto Dionísio. Entretanto, seus colegas do Olimpo não consideraram aceitável nenhuma justificativa para o crime, e Dionísio só pôde salvar a vida das mênades convertendo-as em carvalhos enraizados na terra. Os varões trácios que haviam sobrevivido ao massacre decidiram tatuar suas esposas como uma advertência contra o assassinato de sacerdotes.[6]

g. Quanto à cabeça de Orfeu, após ser atacada por uma serpente ciumenta de Lemnos (que Apolo imediatamente transformou em pedra), foi colocada numa cova consagrada a Dionísio em Antissa. Ali ela profetizava dia e noite, até que Apolo descobriu que seus oráculos feitos em Delfos, Grineu e Claro haviam sido preteridos. Então ele se colocou diante da cabeça e gritou: “Não interfira mais nos meus assuntos! Já fui demasiado tolerante com você e com seu canto!” Desde então a cabeça calou-se.[7] A lira de Orfeu, que também tinha ficado à deriva e chegado a Lesbos, foi guardada num templo de Apolo e, graças à intervenção dele e das musas, colocada no céu como uma constelação.[8]

h. Há uma outra versão, bem diferente, da morte de Orfeu: dizem que Zeus o fulminou por divulgar segredos divinos. Realmente, ele havia introduzido os Mistérios de Apolo na Trácia, os de Hécate em Egina e os da Deméter Subterrânea em Esparta.[9]

1. A cabeça cantante de Orfeu evoca a de Bran, deus-amieiro decapitado, que, segundo o *Mabinogion*, cantava maviosamente sobre o rochedo de Harlech, no norte do País de Gales. Trata-se possivelmente de uma fábula baseada nas flautas funerárias feitas de cortiça de amieiro. Assim, se o nome Orfeu representa *ophruoeis*, "às margens do rio", ele pode ser um título de Foroneu (vide 57. *1*), equivalente grego de Bran, ou de Cronos, se se referir aos amieiros "que crescem às margens" do rio Peneu e outros rios. O nome do pai de Orfeu, Éagro ("da sorva silvestre"), aponta para o mesmo culto, já que tanto a sorva (*alisier* em francês) quanto o amieiro (*aliso* em espanhol) levam o nome da deusa fluvial pré-helênica Halys, ou Alys, ou Elis, rainha das ilhas Elísias, aonde se dirigiram Foroneu, Cronos e Orfeu depois de morrerem. Aorno é Averno, uma variação itálica do Avalon celta ("ilha das maçãs" — vide 31. *2*).

2. Diodoro Sículo diz que Orfeu utilizou o antigo alfabeto de 13 consoantes. A lenda segundo a qual ele encantava os animais e fazia as árvores se moverem parece se referir aos animais simbólicos e à sequência de árvores sazonais (vide 52. *3*; 132. *3* e *5*). Como rei sagrado, ele foi atingido por um raio — ou seja, morto por um machado duplo — num carvalhal durante o solstício de verão e, depois, desmembrado pelas mênades do culto do touro, como Zagreu (vide 30. *a*), ou do culto do cervo, como Actéon (vide 22. *i*). Na verdade, as mênades representavam as musas. Na Grécia clássica, a prática da tatuagem permaneceu confinada aos trácios, e na pintura de um vaso sobre a morte de Orfeu vê-se uma mênade com um pequeno cervo tatuado no antebraço. Esse Orfeu não entrou em conflito com o culto de Dionísio. Ele *era* Dionísio e tocava a flauta tosca de amieiro, não a civilizada lira. Assim, Proclo (Comentário sobre a *Política* de Platão: p. 398) escreve: "Diz-se que Orfeu, por ser o diretor dos ritos dionisíacos, sofreu o mesmo destino que o deus." E Apolodoro (I. 3. 2) atribui-lhe a invenção dos Mistérios de Dionísio.

3. O novo culto ao Sol como Pai de Todos parece haver sido levado para o norte do Egeu pelos sacerdotes fugitivos do monoteísta Akenáton no século XIV a.C. e inserido nos ritos locais, daí a suposta visita de Orfeu ao Egito. Existem testemunhos dessa nova fé em Sófocles (*Fragmentos* 523 e 1.017), onde se alude ao Sol como "a chama primogênita, amada pelos cavaleiros trácios" e "o senhor dos deuses, pai de todas as coisas". Parece ter encontrado resistência dos trácios mais conservadores e foi suprimida com derramamento de sangue em algumas partes do país. Mas os sacerdotes órficos posteriores, que se vestiam segundo o costume egípcio, chamaram de "Dionísio" o semideus, cuja carne crua de touro

eles comiam, e reservaram o nome de Apolo ao Sol imortal, diferenciando Dionísio, deus dos sentidos, de Apolo, deus do intelecto. Isso explica por que a cabeça de Orfeu foi depositada num santuário de Dionísio, ao passo que a lira, num santuário de Apolo. Diz-se que ambas, a cabeça e a lira, chegaram à deriva a Lesbos, que era o principal centro de música lírica. Terpandro, o primeiro músico histórico, vinha de Antissa. O ataque da serpente contra a cabeça de Orfeu representa ou o protesto de um antigo herói oracular contra a intrusão de Orfeu em Antissa, ou o do Apolo Pítico, registrado por Filóstrato numa linguagem mais direta.

4. A morte de Eurídice picada por uma serpente e o subsequente fracasso de Orfeu em levá-la de volta para a luz do sol figuram apenas num mito posterior. Parece que tais eventos foram deduzidos equivocadamente a partir de pinturas em que aparece Orfeu sendo recebido no Tártaro, onde sua música encantou a deusa serpente Hécate, ou Agríope (“rosto selvagem”), fazendo com que concedesse privilégios especiais a todas as almas iniciadas nos Mistérios Órficos; e a partir de outras pinturas que mostram Dionísio, cujo sacerdote era Orfeu, descendo ao Tártaro em busca de sua mãe Sêmele (vide 27. *k*). Foram as vítimas de Eurídice as que morreram de uma picada de serpente, não ela (vide 33. *1*).

5. O mês do amieiro é o quarto da sequência sagrada de árvores, precedendo o do salgueiro, associado à magia aquática da deusa Hélice (“salgueiro”; vide 44. *1*). Os salgueiros também deram seu nome ao rio Hélicon, que circunda o Parnaso e está consagrado às musas — a deusa tripla montanhesa da inspiração. Por isso Orfeu aparece numa pintura do templo de Delfos (Pausânias: X. 30. 3) apoiado num salgueiro e tocando seus ramos. O culto grego do amieiro foi suprimido em tempos remotos, embora seus vestígios tenham permanecido na literatura clássica: os amieiros circundam a ilha da morte da deusa feiticeira Circe (Homero: *Odisseia* V. 64 e 239), que também tinha um cemitério com um jardim de salgueiros na Cólquida (Apolônio de Rodes: III. 220; vide 152. *b*), e, segundo Virgílio, as irmãs de Faetonte foram transformadas numa moita de amieiros (vide 42. *3*).

6. Com isso, não se pretende dizer que a decapitação de Orfeu foi somente uma metáfora aplicada à poda de um ramo de amieiro. Todo rei sagrado sofria sempre o desmembramento, e é muito possível que os trácios tenham tido o mesmo costume dos *dayaks* ibanos da Sarawak atual. Quando os homens chegam em casa após uma bem-sucedida caça de cabeças, as mulheres ibanas utilizam o troféu como um meio para fertilizar a colheita de arroz mediante a invocação. Obriga-se a cabeça a cantar, a chorar e a responder a perguntas, passando-a pelo colo das mulheres para ser ternamente acariciada, até que

finalmente consinta em entrar num santuário oracular, onde dá conselhos em todas as ocasiões importantes e, como a cabeça de Euristeu, de Bran e de Adão, repele as invasões (vide 146. *2*).

NOTAS

[1] Píndaro: *Odes píticas* IV. 176, com escoliasta; Ésquilo: *Agamênon* 1.629-1.630; Eurípides: *As Bacantes* 561-564; Apolônio de Rodes: I. 28-31.

[2] Diodoro Sículo: IV. 25; Higino: *Fábula* 164; Ateneu: XIII. 7.

[3] Higino: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: IX. 30. 3; Eurípides: *Alceste* 357, com escoliasta.

[4] Aristófanes: *As rãs* 1.032; Ovídio: *As metamorfoses* XI. 1-85; Conon: *Narrações* 45.

[5] Ésquilo: *Bassárides*, citado por Eratóstenes: *Catasterismos* 24; Pausânias: IX. 30. 3-4.

[6] Ovídio: *loc. cit*.; Conon: *loc. cit*.; Plutarco: *Sobre a demora da punição divina* 12.

[7] Luciano: *Contra os incultos* II; Filóstrato: *Heroica* V. 704; *Vida de Apolônio de Tiana* IV. 14.

[8] Luciano: *loc. cit*.; Eratóstenes: *Catasterismos* 24; Higino: *Astronomia poética* II. 7.

[9] Pausânias: IX. 30. 3; II. 30. 2; III. 14. 5.

29

GANIMEDES

Filho do rei Tros, que deu seu nome a Troia, Ganimedes era o mais belo dos jovens viventes e por isso foi eleito pelos deuses para ser copeiro de Zeus. Diz-se que Zeus, desejando Ganimedes também como seu companheiro de leito, disfarçou-se com plumas de águia e o raptou na planície troiana.[1]

b. Depois, por ordem de Zeus, Hermes presenteou Tros com uma vinha de ouro, obra de Hefesto, e dois cavalos de raça como recompensa por sua perda, garantindo-lhe ao mesmo tempo que Ganimedes havia se tornado imortal, estava isento das misérias da velhice e agora sorria, com uma jarra de ouro na mão, enquanto servia néctar brilhante ao Pai do Céu.[2]

c. Alguns dizem que foi Eos a primeira a raptar Ganimedes para tê-lo como amante, e que Zeus o roubara dela. Seja como for, o certo é que Hera se queixou do insulto sofrido por ela e por sua filha Hebe, que até então havia exercido funções de copeira dos deuses. Entretanto, a única coisa que conseguiu foi irritar Zeus, que alçou às estrelas a imagem de Ganimedes como Aquário, o carregador de água.[3]

1. A tarefa de Ganimedes como encarregado de servir o vinho de todos os deuses — e não só de Zeus, como contam os primeiros relatos — e os dois cavalos presenteados ao rei Tros como recompensa por sua morte sugerem um equívoco na interpretação de um ícone em que aparecia o novo rei preparando-se para seu casamento sagrado. A tigela de Ganimedes continha certamente uma

libação, feita para honrar a alma de seu régio predecessor. O sacerdote oficiante que aparece na pintura, a quem Ganimedes oferece uma resistência simbólica, parece ter sido interpretado equivocadamente como o Zeus enamorado. Igualmente, a pretendente a noiva foi confundida com Eos por um mitógrafo que evocava o rapto dela por parte de Titono, filho de Laomedonte — pois, segundo Eurípides (*Mulheres troianas* 822), Laomedonte era também pai de Ganimedes. Esse ícone ilustraria igualmente o casamento de Peleu com Tétis, que os deuses contemplaram de seus 12 tronos. Os dois cavalos eram instrumentos rituais de seu renascimento como rei, após sua morte simulada (vide 81. *4*). O suposto rapto de Ganimedes pela águia explica-se através de uma ânfora ceretana de figuras negras: uma águia lançando-se sobre as coxas de um rei recém-entronado chamado Zeus representa o poder divino a ele conferido — seu *ka*, ou outro eu —, assim como a descida do falcão solar sobre os faraós durante a coroação. Mas a tradição da juventude de Ganimedes sugere que o rei mostrado no ícone era o substituto real, ou *interrex*, que reinava durante um só dia, como Faetonte (vide 42. *2*), Zagreu (vide 30. *1*), Crisipo (vide 105. *2*) e os demais. Pode-se dizer, portanto, que a águia de Zeus não somente outorgou-lhe a dignidade real, como também o transportou para o Olimpo.

2. A ascensão ao céu montado numa águia ou em forma de águia é uma difundida fantasia religiosa. Aristófanes apresenta-a de forma caricata em *A paz* (I *et seq.*), cujo protagonista aparece montado no lombo de um besouro coprófago. A alma do herói celta Lugh — Llew Llaw no *Mabinogion* — ascendeu ao céu como águia quando seu sucessor o matou, em meados do verão. Após matrimônio sagrado em Kish, o herói babilônico Etana montou numa águia para chegar aos jardins celestiais de Ishtar, mas caiu no mar e se afogou. A morte de Etana certamente não foi o típico sacrifício de fim de ano, como no caso de Ícaro (vide 92. *3*), mas um castigo pelas más colheitas que haviam caracterizado seu reinado: voava para descobrir uma erva mágica da fertilidade. Sua história se mistura a um relato sobre a luta constante entre a Águia e a Serpente — o ano crescente e o ano minguante, o rei e seu sucessor — e, como no mito de Llew Llaw, sobre a Águia que, em suas últimas forças no solstício de inverno, recupera a vida e se renova magicamente. O mesmo é contado em Salmos CIII. 5: “Tua juventude se renova, como a da águia.”

3. O mito de Zeus-Ganimedes ganhou imensa popularidade na Grécia e em Roma porque fornecia justificativa religiosa para o amor apaixonado de um homem maduro por um garoto. Até esse momento, a sodomia havia sido tolerada só como uma forma extrema do culto às deusas. Os homens devotos de Cibele tratavam de obter a união mística com ela castrando-se e vestindo-se como mulheres. O sacerdócio sodomítico era uma instituição reconhecida nos templos

da Grande Deusa em Tiro, Jopa, Hierápolis e em Jerusalém (1 *Reis* XV. 12 e 2 *Reis* XXIII. 7) até pouco antes do Exílio. Mas essa nova paixão, cuja introdução Apolodoro atribuiu a Tamiris (vide 21. *m*), veio destacar a vitória do patriarcado sobre o matriarcado. Ela converteu a filosofia grega num jogo intelectual que os homens podiam jogar sem a ajuda das mulheres, agora que haviam encontrado um novo campo de romance homossexual. Platão explorou isso ao máximo e utilizou o mito de Ganimedes para justificar seus próprios sentimentos pelos seus discípulos (*Fedro* 79), embora em outras partes (*Leis* I. 8) tenha condenado a sodomia por ir contra a natureza e afirmado que o mito da indulgência de Zeus não passava de "uma malvada invenção cretense". (Nesse ponto teve o apoio de Estêvão de Bizâncio [*sub* Harpagia], segundo o qual o rei Minos de Creta raptou Ganimedes para que se tornasse seu companheiro de leito, "tendo recebido instruções de Zeus".) Com a difusão da filosofia platônica, a mulher grega, até então intelectualmente dominante, degenerou-se até converter-se numa trabalhadora não remunerada e uma procriadora de filhos em todas as partes onde Zeus e Apolo eram os deuses regentes.

4. O nome de Ganimedes se refere na verdade à jubilosa excitação de seu próprio desejo diante da perspectiva do matrimônio, e não à de Zeus quando se refrescava com o néctar que lhe servia seu companheiro de leito. Mas, passando posteriormente para o latim como *catamitus*, transformou-se, em inglês, na palavra *catamite* (catamito), que significa o objeto passivo do ardor homossexual masculino.

5. A constelação de Aquário, associada a Ganimedes, referia-se originalmente ao deus egípcio responsável pela nascente do Nilo, que servia água de um jarro, e não vinho (Píndaro: *Fragmento* 110). Mas os gregos tinham pouco interesse pelo Nilo.

6. O néctar de Zeus, que os últimos mitógrafos descreveram como um vinho tinto sobrenatural, era na verdade um hidromel marrom primitivo (vide 27. *2*). E a ambrosia, o delicioso manjar dos deuses, aparentemente não era nada mais que um mingau de cevada, azeite e frutas picadas (vide 98. *7*) com que se regalavam os deuses enquanto seus pobres súditos ainda subsistiam à base de asfódelo[a] (vide 31. *2*), malva e frutos do carvalho.

NOTAS

[a] O asfódelo era uma planta que vicejava nos Campos Elísios. (N.T.)

1 Homero: *Ilíada* XX. 231-235; Apolodoro: III. 12. 2; Virgílio: *Eneida* V. 252 *et seq.*; Ovídio: *As metamorfoses* X. 155 *et seq.*

2 Escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 1.391; Homero: *Ilíada* V. 266; *Hino homérico a Afrodite* 202-217; Apolodoro: II. 5. 9; Pausânias: V. 24. 1.

3 Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 115; Virgílio: *Eneida* I. 32, com escoliasta; Higino: *Fábula* 224; Virgílio: *Geórgicas* III. 304.

30

ZAGREU

Zeus concebeu secretamente seu filho Zagreu com Perséfone, antes de ela ter sido levada para o mundo subterrâneo por seu tio Hades, e ordenou aos filhos de Reia, os curetes cretenses, também conhecidos como coribantes, que vigiassem seu berço na caverna de Ida, onde saltavam ao seu redor, batendo suas armas, tal como haviam saltado ao redor do próprio Zeus em Dicte. Mas os titãs, inimigos de Zeus, cobriram-se de gesso até ficarem irreconhecíveis, esperaram que os curetes adormecessem e, à meia-noite, atraíram Zagreu para fora da caverna, oferecendo-lhe brinquedos infantis, tais como uma pinha, um aerófono, maçãs douradas, um espelho, um osso metacárpico e um chumaço de lã. Quando se atiraram sobre ele com a intenção de matá-lo, Zagreu criou coragem e tentou enganá-los por meio de sucessivas metamorfoses: transformou-se em Zeus, cobrindo-se com uma pele de cabra, depois em Cronos, fazendo chover, em leão, cavalo, serpente com chifres, tigre e touro. A essa altura, os titãs o agarraram firmemente pelos chifres, despedaçaram-no com os dentes e devoraram sua carne crua.

b. Atena interrompeu o horrendo banquete pouco antes de terminado e, resgatando o coração de Zagreu, guardou-o numa figura de gesso, na qual insuflou vida. E foi assim que Zagreu se tornou imortal. Seus ossos foram recolhidos e enterrados em Delfos, e Zeus fulminou os titãs.[1]

1. Este mito se refere ao sacrifício anual de um menino, ritual que ocorria na Creta antiga: um substituto de Minos, o Rei-touro. Reinando apenas por um dia, ele executava uma dança ilustrativa das cinco estações — leão, cabra, cavalo, serpente e vitelo — e depois era comido cru. Todos os brinquedos com que os Titãs o seduziram eram objetos usados pelos órficos filosóficos que herdaram a tradição desse sacrifício, apesar de devorarem um vitelo cru em vez de um menino. O aerófono era uma pedra perfurada ou um pedaço de cerâmica amarrado na extremidade de uma corda que, ao girar, produzia um ruído semelhante ao de um vento forte. O chumaço de lã pode ter sido utilizado para recobrir os *curetes* com gesso úmido, pois eram jovens que haviam cortado o cabelo pela primeira vez para dedicá-lo à deusa Car (vide 95. *5*). Também se chamavam *coribantes*, ou dançarinos cristados. Os outros presentes dados a Zagreu serviam para explicar a natureza da cerimônia em que os participantes se convertiam em uma só unidade com o deus: a pinha era um antigo emblema da deusa, em cuja honra os titãs o sacrificavam (vide 20. *2*); o espelho representava o outro eu, ou espírito, de cada iniciado; as maçãs douradas, seu passaporte para o Elísio após uma morte simulada; o osso metacárpico, seus poderes divinatórios (vide 17. *3*).

2. Um hino cretense descoberto há alguns anos em Palaiokastro, perto da caverna Dicteia, é dirigido ao Croniano, o maior entre os jovens, que chega dançando na frente de seus demônios e salta para aumentar a fertilidade do solo e do gado e para dar sorte à frota pesqueira. Em *Themis*, Jane Harrison sugere que os tutores armados que se mencionam nesse hino, os que "te arrebataram, criança imortal, do lado de Reia", apenas fingiam matar e comer a vítima, que por sua vez era um novato naquela sociedade secreta. Mas todas essas mortes simuladas em cerimônias de iniciação e difundidas em muitas partes do mundo parecem basear-se, em última instância, numa tradição de sacrifícios humanos verdadeiros. Além disso, as mudanças sazonais de Zagreu o distinguem de um membro qualquer de uma fraternidade totêmica.

3. O touro — não convencional — da última metamorfose é explicado pela identificação que se faz de Zagreu como Dionísio (vide 27. *c*), cuja história de morte e ressureição é a mesma, exceto pela carne cozida, ao invés de crua, e pelo nome de Reia no lugar do de Atena. Dionísio também era uma serpente de chifres — tinha cornos e mechas serpentinas ao nascer (vide 27. *a*) —, e seus devotos órficos o comiam sacramentalmente em forma de touro. Zagreu se transformou em "Zeus com pele de cabra" porque Zeus, ou a criança que o substituía, havia ascendido ao céu vestindo um casaco feito com a pele da cabra Amalteia (vide 7. *b*). "Cronos fazendo chover" é uma referência ao uso do aerófono nas cerimônias para invocar a chuva. Nesse contexto, os titãs eram

Titanoi, “homens de giz branco”, os próprios curetes disfarçados de maneira que o espírito da vítima não os pudesse reconhecer. Quando os sacrifícios humanos caíram em desuso, Zeus passou a ser representado atirando seu raio contra os canibais. Os *Titanes*, “senhores da semana de sete dias”, foram confundidos com os *Titanoi*, “homens de giz branco”, por causa de sua hostilidade para com Zeus. Nenhum órfico que algum dia tenha comido a carne de seu deus jamais tocou de novo qualquer tipo de carne.

4. Zagreu-Dionísio era também conhecido na Palestina meridional. Conforme as tabuletas de Ras Shamra, Ashtar ocupou temporariamente o trono do Céu, enquanto o deus Baal definhava no mundo subterrâneo, após ter ingerido o alimento dos mortos. Ashtar era apenas uma criança, e, quando se sentou no trono, seus pés não alcançaram o escabelo. Baal retornou pouco tempo depois e o matou com uma clava. A Lei Mosaica proibia festas de iniciação em homenagem a Ashtar: “Não ferverás um cabrito no leite de sua mãe” — prescrição repetida três vezes (*Êxodo* XXIII. 19; XXXIV. 26; *Deuteronômio* XIV. 21).

NOTA

[1] Diodoro Sículo: V. 75. 4; Nono: *Dionisíacas* VI. 296 e XXVII. 228; Harpócrates *sub* apomatton; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 355; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero II. 735; Firmicus Maternus: *Sobre os erros das religiões profanas* VI; Eurípides: *Os cretenses*, *Fragmento* 475; *Fragmentos órficos* (*Kern*, 34).

31

OS DEUSES DO MUNDO SUBTERRÂNEO

Quando as almas descem ao Tártaro, cuja entrada principal se encontra num bosque de álamos negros ao lado do caudal do Oceano, os familiares piedosos colocam uma moeda debaixo da língua de seus respectivos cadáveres, para que elas possam pagar ao barqueiro Caronte, o avaro que as transporta em seu estranho barco através do rio Estige. Esse odioso rio faz fronteira com o Tártaro pelo lado ocidental[1] e tem como tributários Aqueronte, Flegetonte, Cocito, Aornis e Lete. As almas sem moeda são obrigadas a esperar eternamente numa margem próxima, a menos que consigam escapar de Hermes, seu condutor, e rastejar por uma entrada posterior como a do Tênaro lacônio,[2] ou a do Aornis tespiense. Um cão de três cabeças — ou de cinquenta, segundo alguns — chamado Cérbero guarda a outra margem do Estige, disposto a devorar intrusos vivos ou almas fugitivas.[3]

b. A primeira região do Tártaro contém os desolados Campos de Asfódelos, onde as almas dos heróis permanecem, sem propósito algum, entre as multidões de mortos menos distintos que se agitam como morcegos e onde apenas Órion ainda tem ânimo para caçar cervos fantasmagóricos.[4] Todos eles prefeririam viver como escravos de um camponês sem terra a governar todo o Tártaro. Seu único deleite são as libações de sangue que lhes proporcionam os vivos, e, quando bebem, voltam a se sentir quase humanos outra vez. Mas para além dessas paragens fica Érebo e o palácio de Hades e Perséfone. À esquerda do palácio, à medida que alguém se aproxima, um cipreste branco sombreia o remanso de Lete (“Esquecimento”), onde multidões de almas comuns buscam o que beber. As almas iniciadas evitam essas águas, preferindo beber do remanso da Memória (Mnemósine), sombreado por um alámo branco, o que lhes dá certa vantagem em relação às iniciantes.[5] Perto dali, as almas recém-chegadas são

julgadas diariamente por Minos, Radamanto e Éaco no ponto de confluência de três estradas. Radamanto julga os asiáticos, e Éaco se encarrega dos europeus, mas ambos submetem os casos difíceis a Minos. À medida que se emite o veredicto, as almas se dirigem a um dos três caminhos: o que as conduz de volta aos Campos de Asfódelos, se não forem virtuosas nem más; o que as conduz aos campos de punição do Tártaro, se forem más; e o que as leva aos pomares do Elísio, se forem virtuosas.

c. O Elísio, governado por Cronos, encontra-se perto dos domínios de Hades, apesar de não fazer parte deles e sua entrada ficar perto do remanso da Memória. É uma terra feliz onde o dia é eterno, sem frio nem neve, onde jogos, música e festas nunca terminam e seus habitantes podem decidir renascer na terra sempre que bem entenderem. Perto dali estão as ilhas dos Bem-aventurados, reservadas àqueles que encarnaram três vezes e três vezes mereceram o Elísio.[6] Mas há quem diga que existe ainda uma outra ilha dos Bem-aventurados chamada Leuce, no mar Negro, diante da foz do Danúbio, cheia de bosques e de animais selvagens e domésticos, onde as almas de Helena e de Aquiles realizam festins e recitam versos de Homero aos heróis que participaram dos famosos acontecimentos por ele relatados.[7]

d. Hades, feroz e cioso de seus direitos, jamais visita a atmosfera superior, exceto em caso de negócios ou quando é tomado por um arrebatamento súbito de luxúria. Certa vez ele fascinou a ninfa Menthe com o esplendor de sua carruagem de ouro com quatro cavalos negros, e a teria seduzido sem nenhuma dificuldade se a rainha Perséfone não tivesse aparecido bem na hora e transformado Menthe na perfumada planta de menta. Noutra ocasião, Hades tentou violar a ninfa Leuce, que foi igualmente metamorfoseada e é o álamo-branco que se ergue junto ao remanso da Memória.[8] De bom grado ele jamais permitiria que nenhum de seus súditos escapasse, e são poucos os que visitam o Tártaro e conseguem voltar vivos para descrevê-lo, o que faz dele o mais odiado de todos os deuses.

e. Hades nunca sabe o que ocorre no mundo superior, ou no Olimpo,[9] salvo por algumas informações fragmentadas que lhe chegam quando os mortais golpeiam a terra com as mãos e o invocam com juras e maldições. Sua mais preciosa possessão é o elmo que o torna invisível, presenteado como símbolo de gratidão pelos ciclopes, quando ele aceitou libertá-los por ordem de Zeus. Todas as riquezas relativas a gemas e metais preciosos escondidos no subsolo lhe pertencem, mas ele não possui propriedades no mundo superior, a não ser alguns templos tétricos na Grécia e possivelmente um rebanho de gado bovino na ilha de Eriteia, que, segundo alguns, pertence na verdade a Hélio.[10]

f. Entretanto, a rainha Perséfone pode ser benigna e misericordiosa. É fiel a Hades, mas não lhe deu filhos e prefere a companhia de Hécate, deusa das bruxas, à dele.[11] O próprio Zeus tem um respeito tão grande por Hécate que nunca a priva do antigo poder que ela sempre desfrutou: o de conceder ou negar aos mortais qualquer dom que desejem. Ela tem três corpos e três cabeças — de leão, de cachorro e de égua.[12]

g. Tisífone, Alecto e Megera, as Erínias ou Fúrias, vivem no Érebo e são mais velhas que Zeus ou qualquer outra divindade do Olimpo. Sua tarefa consiste em escutar as queixas dos mortais contra a insolência dos jovens com os anciãos, dos filhos com os pais, dos anfitriões com seus hóspedes e dos amos ou assembleias com os requerentes, e em castigar esses delitos acossando implacavelmente os culpados, sem descanso ou trégua, de cidade em cidade e de país em país. Essas Erínias são velhas, têm serpentes em vez de cabelos, cabeças de cachorro, corpos negros como carvão, asas de morcego e olhos injetados em sangue. Trazem nas mãos açoites arrematados com cravos metálicos, e suas vítimas morrem devido ao tormento.[13] É uma imprudência mencionar o nome delas numa conversa, portanto são geralmente chamadas de Eumênides, que significa “as Amáveis” — do mesmo modo como Hades é chamado de Plutão ou Pluto, “o Rico”.

1. Os mitógrafos tiveram de fazer um esforço considerável para reconciliar as visões contraditórias do mundo do além sustentadas pelos primitivos habitantes da Grécia. Uma delas era que as almas viviam em suas tumbas, ou em cavernas ou grutas subterrâneas, de onde podiam tomar a forma de serpentes, camundongos ou morcegos, mas nunca reencarnar como seres humanos. Outra visão era que as almas dos reis sagrados podiam ser vistas caminhando sobre as ilhas sepulcrais em que seus corpos haviam sido enterrados. Uma terceira dizia que as almas podiam voltar a se converter em seres humanos, se conseguissem entrar no feijão, nas nozes ou nos peixes e fossem comidas por suas futuras mães. Uma quarta dizia que iam para o extremo norte, onde nunca brilha o sol, e voltavam, se tanto, apenas como ventos fertilizantes. Uma quinta afirmava que o destino das almas era o extremo ocidente, onde o sol se põe no oceano e existe um mundo espiritual muito parecido com o nosso. Na sexta versão consta que as almas recebiam a punição conforme a vida que haviam levado na terra. A isso os órficos finalmente acrescentaram a teoria da metempsicose, ou seja, a

transmigração das almas: um processo que poderia ser, até certo ponto, controlado mediante o uso de fórmulas mágicas.

2. Perséfone e Hécate representavam a esperança pré-helênica de regeneração, ao passo que Hades era o conceito helênico da inevitabilidade da morte. Apesar de seus antecedentes sanguinários, Cronos continuou desfrutando dos prazeres do Elísio, já que esse havia sido sempre o privilégio do rei sagrado. A Menelau (*Odisseia* IV. 561) prometeu-se a mesma regalia, não por ter sido especialmente virtuoso ou valente, mas por ter-se casado com Helena, a sacerdotisa da deusa-Lua espartana (vide 159. *1*). O adjetivo homérico *asphodelos*, aplicado apenas a *leimönes* (“pradarias”), significa provavelmente “no vale do que não se reduz a cinzas” (de *a* = não, *spodos* = cinza, *elos* = vale) — ou seja, a alma do herói depois de seu corpo ter sido incinerado. Exceto na Arcádia, onde se comiam frutos do carvalho, as raízes e as sementes de asfódelo que se ofereciam a essas almas constituíam a dieta básica grega antes da introdução do cereal. Os asfódelos crescem livremente mesmo em ilhas sem água, e as almas, como os deuses, são conservadoras no que se refere a dieta. Parece que Elísio significa “terra das maçãs” — *alisier* é uma palavra pré-gálica para “sorva” —, assim como a palavra arturiana “Avalon” e a latina “Avernus”, ou “Avolnus”, ambas formadas a partir da raiz indo-europeia *abol*, significam maçã.

3. Cérbero era o equivalente grego de Anúbis, o filho com cabeça de cão da deusa líbia da morte Néftis, encarregado de conduzir as almas ao mundo subterrâneo. No folclore europeu, que tem origem parcialmente líbia, as almas dos malditos eram perseguidas até o Inferno Setentrional por uma matilha de sabujos estridentes — os sabujos de Annwm, Herne, Artur ou Gabriel —, um mito derivado da ruidosa migração estival dos gansos selvagens para seus lugares de procriação no Círculo Polar Ártico. Cérbero tinha, no início, cinquenta cabeças, como a matilha espectral que destruiu Actéon (vide 22. *1*), mas depois ficou com três, como sua amante Hécate (vide 134. *1*).

4. O Estige (“odiado”), um pequeno rio na Arcádia cujas águas supostamente eram venenosas, foi situado no Tártaro somente por mitógrafos posteriores. Aqueronte (“rio de dor”) e Cocito (“lamento”) são nomes imaginativos para descrever as misérias da morte. Aornis (“sem pássaros”) é uma tradução grega equivocada do itálico “Avernus”. Lete significa “esquecimento”, e Érebo, “coberto”. Flegetonte (“ardente”) refere-se ao costume da cremação, mas também, talvez, à teoria de que os pecadores eram queimados em rios de lava. O Tártaro parece ser uma reduplicação da palavra pré-helênica *tar*, que compõe os nomes de lugares situados a oeste. O sentido de inferno surgiu mais tarde.

5. Os álamos negros eram consagrados à deusa da morte (vide 51. *7* e 170. *1*), e os álamos brancos, ou choupos, a Perséfone, como deusa da regeneração, ou a Hércules, por haver rastelado o inferno (vide 134. *f*). Em sepulturas mesopotâmicas do quarto milênio a.C., foram encontrados diademas de ouro em forma de folhas de álamo. As tabuletas órficas não mencionam o nome da árvore que se alçava junto ao remanso da Memória, embora se tratasse provavelmente do álamo-branco em que se transformou Leuce, ou quiçá uma nogueira, símbolo da sabedoria (vide 86. 1). A madeira do cipreste branco, considerada de grande resistência, era utilizada para fazer arcas domésticas e ataúdes.

6. Hades tinha um templo aos pés do monte Mente, na Élida, e o fato de ter violado Menthe (“menta”) foi certamente deduzido a partir do emprego da menta nos ritos funerários, junto com o alecrim e o mirto, para eliminar o odor da decomposição. A água de cevada de Deméter, que se tomava em Elêusis, era aromatizada com menta (vide 24. *e*). Embora controlasse o gado solar de Eriteia (“terra vermelha”), porque era ali que o sol morria toda noite, Hades é mais frequentemente chamado de Cronos ou, neste contexto, de Gerião (vide 132. *4*).

7. O relato de Hesíodo sobre Hécate demonstra que ela havia sido a deusa tripla original, suprema no céu, na terra e no Tártaro, mas os helenos enfatizaram seus poderes destrutivos em detrimento de sua força criadora, até que finalmente ela passou a ser invocada apenas nos rituais clandestinos de magia negra, especialmente em lugares onde se cruzavam três caminhos. O fato de Zeus não lhe ter negado o antigo dom de outorgar a cada mortal o que desejasse é um tributo às bruxas da Tessália, temidas por todos. Suas cabeças de leão, de cachorro e de cavalo referem-se evidentemente ao antigo ano tripartite, sendo o cachorro a estrela-cão Sírio, bem como às cabeças de Cérbero.

8. As Erínias, companheiras de Hécate, personificavam os remorsos depois da transgressão de um tabu — primeiro apenas o tabu do insulto, da desobediência ou da violência para com a mãe (vide 105. *k* e 114. *1*). Requerentes e hóspedes encontravam-se sob a proteção de Héstia, deusa do lar (vide 20. *c*), e tratá-los mal equivalia a cometer um insulto contra a deusa.

9. Leuce, a maior ilha do mar Negro, embora muito pequena, é atualmente uma colônia penal romena[a] (vide 164. *3*).

NOTAS

[a] Conhecida desde a época do Império Otomano como “Ilha das Cobras”, a ilha, controlada desde 1991 pela Ucrânia, é objeto de litígio romeno-ucraniano, julgado pela Corte Internacional de Justiça por iniciativa da Romênia. (N.T.)

1 Pausânias: X. 28. 1.

2 Apolodoro: II. 5. 2; Estrabão: VIII. 5. 1.

3 Homero: *Ilíada* VIII. 368; Hesíodo: *Teogonia* 311; Apolodoro: *loc. cit*.; Eurípides: *Hércules* 24.

4 Homero: *Odisseia* XI. 539; XI. 572-575; XI. 487-491.

5 *Tabuleta órfica de Petelia*.

6 Platão: *Górgias* 168; Píndaro: *Odes olímpicas* II. 68-80; Hesíodo: *Os trabalhos e os dias* 167 *et seq.*

7 Pausânias: III. 19. 11; Filóstrato: *Heroica* X. 32-40.

8 Estrabão: VIII. 3. 14; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio VII. 61.

9 Homero: *Ilíada* IX. 158-159; XX. 61.

10 Homero: *Ilíada* IX. 567 *et seq.*; Apolodoro: II. 5. 10; escoliasta sobre as *Odes ístmicas* de Píndaro: VI. 32.

11 Apolônio de Rodes: III. 529; Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 405; escoliasta sobre os *Idílios* de Teócrito II. 12.

12 Hesíodo: *Teogonia* 411-452.

13 Apolodoro: I. 1. 4; Homero: *Ilíada* IX. 453-457, XV. 204, XIX. 259; *Odisseia* II. 135 e XVII. 475; Ésquilo: *Eumênides* 835 e *Portadores de libação* 290 e 924; Eurípides: *Orestes* 317 *et seq.*; *Hino órfico* LXVIII. 5.

32

TYCHE E NÊMESIS

Tyche (Fortuna, para os romanos) é filha de Zeus, a quem ele concedeu o poder de decidir ao acaso a sorte de um ou outro mortal. Sobre alguns ela derrama montanhas de dons de sua cornucópia, enquanto priva outros de tudo o que possuem. Tyche é absolutamente irresponsável em suas concessões e vagueia fazendo malabarismos com uma bola que simboliza a incerteza da sorte: às vezes para cima, às vezes para baixo. Mas, quando um homem a quem ela tenha favorecido se gaba de sua riqueza, sem oferecer aos deuses parte dela ou sem mitigar a pobreza de seus concidadãos, entra então em cena a velha deusa Nêmesis para humilhá-lo.[1] Nêmesis, cujo lar é em Ramnunte, na Ática, segura um ramo de macieira em uma das mãos e uma roda na outra, porta uma coroa de prata adornada com veados e traz um açoite preso ao cinto. Ela é filha de Oceano e tem algo da beleza de Afrodite.

b. Contam que, certa vez, Zeus enamorou-se de Nêmesis e a perseguiu por toda a terra e pelo mar. Embora ela mudasse de forma constantemente, ele enfim a violou assumindo a forma de cisne, e do ovo que ela botou surgiu Helena, o estopim da Guerra de Troia.[2]

1. Tyche (“fortuna”), assim como Dice e Aedo (personificações do direito natural, ou Justiça, e da Vergonha), foi uma divindade artificial inventada pelos primeiros filósofos, ao passo que Nêmesis (“devida norma”), tendo sido a deusa-ninfa da morte em vida (vide 18. *3*), foi redefinida por eles como um controle

moral sobre Tyche. Fortuna (de *vortumna*, "a que dá a volta ao ano"), seu equivalente latino, sugere que a roda de Nêmesis tenha sido originalmente o ano solar. Quando a roda completasse meio círculo, o rei sagrado, elevado ao ápice de sua fortuna, deveria cumprir o destino de morrer — os veados de Actéon na coroa da deusa (vide 22. *i*) anunciavam isso —, mas, quando atingia o círculo completo, ele se vingava do rival que o havia suplantado. O açoite de Nêmesis foi inicialmente usado para a flagelação ritual, para fazer frutificar as árvores e as colheitas, e o ramo de macieira era o passaporte do rei para entrar no Elísio (vide 53. *5*, 80. *4* e 133. *4*).

2. A Nêmesis perseguida por Zeus (vide 62. *b*) não é o conceito filosófico da vingança divina contra os mortais arrogantes, mas a deusa-ninfa original, cujo nome habitual era Leda. No mito pré-helênico, a deusa persegue o rei sagrado e, embora ele sofra suas transformações sazonais (vide 30. *1*), ela responde a cada uma com suas próprias transformações e o devora no solstício de verão. No mito helênico, os papéis se invertem: a deusa foge mudando de forma, mas o rei a persegue e no fim a viola, como na história de Zeus e Métis (vide 9. *d*), ou de Peleu e Tétis (vide 81. *k*). As necessárias transformações sazonais deveriam estar indicadas nos raios da roda de Nêmesis, mas na *Cipriada* de Homero apenas se mencionam um peixe e "diversos animais" (vide 89. *2*). "Leda" é uma outra forma de Leto, ou Latona, que foi acossada por Píton, e não por Zeus (vide 14. *a*). Os cisnes eram consagrados à deusa (Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 1095 *et seq*.) não só por causa de sua plumagem branca, mas também porque a formação em V de seu voo era um símbolo feminino e porque, em meados do verão, eles voavam para o norte, para lugares desconhecidos onde pudessem procriar, supostamente levando consigo a alma do rei morto (vide 33. *5* e 142. *2*).

3. A Nêmesis filosófica era adorada em Ramnunte, de onde, segundo Pausânias (I. 33. 2-3), o comandante em chefe persa, que havia tentado erguer um troféu de mármore para comemorar suas conquistas na Ática, foi obrigado a se retirar no momento em que chegou a notícia da derrota naval em Salamina. Em vez do troféu, construiu-se com o mármore uma imagem da deusa-ninfa Nêmesis. Supõe-se que foi por causa desse acontecimento que Nêmesis se converteu na personificação da "vingança divina", e não na da "devida norma" do drama anual da morte, haja vista que, para Homero, *nemesis* foi sempre um simples e cálido sentimento humano de que os pagamentos têm de ser realizados a tempo e qualquer tarefa deve ser devidamente executada. Mas a deusa-ninfa Nêmesis levava o título de Adrasteia ("inescapável" — Estrabão: XIII. 1. 13), que era também o nome da nutriz de Zeus, uma ninfa-freixo (vide 7. *b*). E, posto que as ninfas-freixo e as Erínias eram irmãs, nascidas do sangue de Urano, talvez tenha sido assim que Nêmesis chegou a encarnar a ideia de vingança. O

freixo era um dos disfarces ocasionais da deusa, sendo muito importante para seus adoradores pastoris por sua associação com as tormentas e com o mês dos cordeiros, o terceiro do ano sagrado (vide 52. *3*).

4. Nêmesis é chamada de filha de Oceano porque, como deusa-ninfa com o ramo de macieira, ela era também a Afrodite nascida do mar, irmã das Erínias (vide 18. *4*).

NOTAS

[1] Píndaro: *Odes olímpicas* XII. 1-2; Heródoto: I. 34 e III. 40; Apolônio de Rodes: IV. 1042-1043; Sófocles: *Filoctetes* 518.

[2] Pausânias: I. 33. 3; Homero: *Cipriada*, mencionado por Ateneu p. 334b; Apolodoro: III. 10. 7.

33

OS FILHOS DO MAR

As cinquenta nereidas, amáveis e benfazejas ajudantes da deusa marinha Tétis, são sereias, filhas da ninfa Dóris com Nereu, um profético ancião do mar que tinha o poder de mudar de forma.[1]

b. As Fórcidas, primas das nereidas, filhas de Ceto e Fórcis, outro sábio ancião, são Ladão, Equidna e as três górgonas que habitam a Líbia; são também as três Greias e, segundo dizem alguns, as três Hespérides. As górgonas se chamavam Esteno, Euríale e Medusa, e houve um tempo em que eram belas. Mas, uma noite, Medusa deitou-se com Poseidon, e Atenas, enfurecida porque haviam copulado num de seus templos, converteu-a num monstro alado com olhos brilhantes, dentes enormes, uma língua protuberante, garras afiadas e cabelos serpentinos, cujo olhar convertia os homens em pedra. Quando finalmente Medusa foi decapitada por Perseu e de seu cadáver saíram os filhos de Poseidon, Crisaor e Pégaso, Atena cravou a cabeça da morta em sua égide, embora alguns digam que a égide era a própria pele da Medusa, esfolada por Atena.[2]

c. As Greias tinham um rosto agradável e aspecto de cisne, mas eram grisalhas de nascimento e compartilhavam, todas as três, de um só olho e um só dente. Seus nomes eram Enio (Belona, entre os romanos), Péfredo e Dino.[3]

d. As três Hespérides, chamadas Hespera, Egle e Erítia, habitam o longínquo jardim ocidental que a Mãe Terra deu a Hera. Há quem as chame de filhas da Noite; outros, de filhas de Atlas e de Hésperis, filha de Héspero. As três cantam docemente.[4]

e. Metade de Equidna era uma mulher formosa, e a outra metade, uma serpente malhada. Durante algum tempo ela viveu numa caverna profunda entre os arimos, onde devorava vivos os mortais que dela se aproximavam, e deu a seu

marido, Tífon, uma prole de características monstruosas: Ortro, Cérbero, a Hidra de Lerna e a Quimera. Mas Argos, o gigante de cem olhos, matou-a enquanto ela dormia.[5]

f. Ladão era todo serpente, embora dotado da capacidade humana de falar, e guardou os pomos de ouro das Hespérides até o momento em que Hércules o matou.[6]

g. Nereu, Fórcis, Taumante, Euríbia e Ceto eram filhos de Ponto com a Mãe Terra. É por isso que as Fórcidas e as nereidas declaravam-se primas das harpias. Estas são as filhas louras e de asas velozes de Taumante com a oceânida Electra, que arrebatam os criminosos para serem punidos pelas Erínias. Todas vivem numa caverna cretense.[7]

1. Parece que o título de Eurínome (“amplo governo” ou “grande viagem”), da deusa-Lua, proclamava sua soberania sobre o céu e a terra. Euríbia (“ampla força”) era seu título como governante do mar, e Eurídice (“ampla justiça”) era a governante que apanhava serpentes no mundo subterrâneo. A Eurídice eram oferecidos sacrifícios humanos masculinos, com mortes aparentemente provocadas por veneno de víbora (vide 28. *4*, 154. *b* e 168. *e*). A morte de Equidna pelas mãos de Argos refere-se provavelmente à supressão do culto argivo à deusa-serpente. Seu irmão Ladão é a serpente oracular que assombra todos os paraísos, enrolando-se na macieira (vide 133. *4*).

2. Entre os outros títulos marinhos de Euríbia encontram-se: Tétis (“a que dispõe”), ou sua variante Tethys; Ceto, correspondente ao monstro marinho hebraico Rahab, ou ao babilônico Tiamat (vide 73. *7*); Nereide, como deusa do elemento úmido; Electra, como provedora de âmbar, produto marinho altamente valorizado pelos antigos (vide 148. *11*); Taumante, como maravilhosa; e Doris, como generosa. Nereu — *alias* Proteu (“primeiro homem”) —, o profético “ancião do mar” que tomou seu nome de Nereide, e não o contrário, parece ter sido um rei sagrado oracular enterrado numa ilha costeira (vide 133. *d*). Na pintura de uma ânfora primitiva, ele está representado com rabo de peixe e com um leão, um cervo e uma víbora saindo de seu corpo. Na *Odisseia*, Proteu também mudava de forma, para indicar as estações pelas quais ia passando o rei sagrado desde o nascimento até a morte (vide 30. *1*).

3. As cinquenta nereidas parecem ter sido uma corporação de cinquenta sacerdotisas lunares, cujos ritos mágicos asseguravam pesca abundante. E as

górgonas aparentemente eram as representantes da deusa tripla que envergavam máscaras profiláticas — com o cenho franzido, olhos brilhantes e a língua protuberante entre dentes descarnados — para apartar os profanos dos Mistérios da deusa (vide 73. *9*). Os Filhos de Homero conheciam uma só górgona, que era uma sombra no Tártaro (*Odisseia* XI. 633-635) e cuja cabeça, motivo de terror para Odisseu (*Odisseia* XI. 634), Atena usava em sua égide, sem dúvida para advertir o povo a não se intrometer nos mistérios divinos ocultos por ela. Os padeiros gregos costumavam pintar máscaras de górgonas nas portas de seus fornos para dissuadir bisbilhoteiros de abri-las, impedindo assim que a corrente de ar estragasse o pão. Os nomes das górgonas — Esteno ("forte"), Euríale ("ampla perambulação") e Medusa ("a astuta") — são títulos da deusa-Lua. Os órficos chamavam a face da Lua de "cabeça de górgona".

4. A condição de Poseidon como genitor de Pégaso, com Medusa, evoca sua condição de genitor do cavalo Árion, ao copular com Deméter disfarçada de égua, bem como o subsequente ataque de fúria da deusa (vide 16. *f*). Ambos os mitos descrevem como os helenos de Poseidon eram obrigados a se casar com as sacerdotisas da Lua, ignorando suas máscaras gorgôneas, e a se encarregar dos rituais de invocação da chuva do culto ao cavalo sagrado. Mas uma máscara de Deméter ficava guardada dentro de uma arca de pedra em Feneu e era usada pelo *sacerdote* da deusa durante a cerimônia de golpear com varas os espíritos infernais (Pausânias: VIII. 15. 1).

5. Crisaor era o signo da Lua nova de Deméter, a foice ou cimitarra dourada usada por seus consortes quando a representavam. Nessa versão, Atena é a colaboradora de Zeus, renascida de sua cabeça, traidora da antiga religião (vide 9. *1*). As três harpias, consideradas por Homero como personificações dos ventos de tempestade (*Odisseia* XX. 66-78), eram a antiga Atena, a deusa tripla com seu potencial de destruição repentina. Assim também eram as Greias, as três Cinzentas, tal como demonstram seus nomes: Ênio ("belicosa"), Pêfredo ("vespa") e Dino ("terrível"). Seu único olho e único dente são más interpretações de uma pintura sagrada (vide 73. *9*), e o cisne é uma ave da morte na mitologia europeia (vide 32. *2*).

6. Fórcis, forma masculina de Fórcida, a Deusa ou Porca (vide 74. *4* e 96. *2*) que devora os cadáveres, aparece em latim como *Orcus*, um dos títulos de Hades, e como *porcus*, porco. As górgonas e as Cinzentas eram chamadas de Fórcidas, porque profanar os Mistérios da deusa era condenar-se à morte. Entretanto, a sabedoria profética de Fórcis deve se referir a um oráculo-porca (vide 24. *7*).

7. Os nomes das Hespérides, descritas tanto como filhas de Ceto e Fórcis quanto como da Noite, ou do titã Atlas, que segura os céus no extremo ocidente

(vide 39. *1* e 133. *e*), referem-se ao pôr do sol. Então, o céu se torna verde, amarelo e vermelho, como se fosse uma macieira carregada de frutos, e o Sol, cortado pelo horizonte como uma meia maçã carmesim, encontra dramaticamente a sua morte nas ondas ocidentais. Quando o Sol já sumiu, surge Héspero. Essa estrela era consagrada a Afrodite, a deusa do amor, e a maçã era o presente com que sua sacerdotisa seduzia o rei, representante do Sol, para levá-lo à morte com canções de amor. Se uma maçã é cortada transversalmente, surge a estrela de cinco pontas de Afrodite no meio de cada uma das metades.

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* XVIII. 36 *et seq.*; Apolodoro: I. 2. 7.

[2] Hesíodo: *Teogonia* 270 *et seq.* e 333 *et seq.*; Apolodoro: II. 4. 3; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 792-802; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.399; Eurípides: *Íon* 989 *et seq.*

[3] Hesíodo: *Teogonia* 270-274; Apolodoro: II. 4. 2.

[4] Hesíodo: *Teogonia* 215 e 518; Diodoro Sículo: IV. 27. 2; Eurípides: *Hércules* 394.

[5] Homero: *Ilíada* II. 783; Hesíodo: *Teogonia* 295 *et seq.*; Apolodoro: II. 1. 2.

[6] Hesíodo: *Teogonia* 333-335; Apolônio de Rodes: IV. 1.397; Apolodoro: II. 5. 11.

[7] Apolodoro: I. 2. 6; Hesíodo: *Teogonia* 265-269; Homero: *Odisseia* XX. 77-78; Apolônio de Rodes: II. 298-299.

34

OS FILHOS DE EQUIDNA

Equidna deu à luz — e a Tífon — uma horrível descendência: Cérbero, o cão de três cabeças que guardava o Inferno; Hidra, a serpente aquática de múltiplas cabeças, que vivia em Lerna; Quimera, a cabra com cabeça de leão e cauda de serpente, que exalava fogo; e Ortro, o cão de duas cabeças de Geríones, que seduziu a própria mãe, tornando-a prenhe da Esfinge e do Leão da Nemeia.[1]

1. Cérbero (vide 31. *a* e 134. *e*), associado pelos dórios ao deus egípcio Anúbis, que tinha cabeça de cachorro e era encarregado de conduzir as almas ao mundo subterrâneo, parece haver sido originalmente a deusa da morte, Hécate, ou Hécabe (vide 168. *1*), retratada como uma cadela porque os cães comem carne de cadáver e uivam para a Lua.

2. A Quimera, aparentemente, era um símbolo calendárico do ano tripartite (vide 75. *2*), cujos emblemas sazonais eram o leão, a cabra e a serpente.

3. Ortro (vide 132. *d*), que concebeu com Equidna a Quimera, a Esfinge (vide 105. *e*), a Hidra (vide 60. *h* e 124. *c*) e o Leão da Nemeia (vide 123. *b*), era Sírio, a estrela-cão que inaugurava o Ano-novo ateniense. Ele tinha duas cabeças, como Jano, porque o ano reformado em Atenas tinha duas estações, em vez de três. O Leão, filho de Ortro, era o emblema da primeira metade, e sua filha, a Serpente, da segunda. Quando desapareceu o emblema da Cabra, a Quimera deu lugar à Esfinge, com seu corpo de leão alado e sua cauda de serpente. Dado que o Ano-novo reformado começava quando o Sol estava em

Leão, dando início aos dias do Cão, Ortro olhava em duas direções: para o Ano-novo, à frente, e para o Ano-velho, atrás — como a deusa do calendário Cardea, a quem os romanos, por essa mesma razão, chamaram de Postvorta e Antevorta. Ortro era chamado de “primeiro”, provavelmente por ter introduzido o Ano-novo.

NOTA

[1] Hesíodo: *Teogonia* 306 *et seq.*

35

A REVOLTA DOS GIGANTES

Enfurecidos por Zeus ter confinado no Tártaro seus irmãos, os titãs, certos gigantes terríveis, de cabeleira espessa, barba hirsuta e com cauda de serpente no lugar de pés, organizaram um assalto ao Céu. Eles haviam sido concebidos pela Mãe Terra em Flegras, na Trácia, e totalizavam 24.[1]

b. Sem aviso prévio, eles se posicionaram no topo de suas montanhas e, de lá, passaram a atirar aos céus rochedos e árvores em chamas, deixando em polvorosa os habitantes do Olimpo. Hera profetizou amargamente que os gigantes nunca poderiam ser mortos por um deus, apenas por um simples mortal com pele de leão, e que mesmo ele não poderia fazer nada, a não ser antecipar-se ao inimigo na busca de uma erva da invulnerabilidade, que crescia num lugar secreto da terra. Zeus foi imediatamente consultar-se com Atena, encarregou-a de avisar Hércules de tudo o que estava acontecendo — Hércules era, evidentemente, o mortal com pele de leão a quem Hera havia se referido — e proibiu Eros, Selene e Hélio de brilharem durante um tempo. Sob a tênue luz das estrelas, Zeus perambulou pela terra na região indicada por Atena, encontrou a erva e a levou em segurança para o Céu.

c. Os olímpicos agora já podiam travar combate com os gigantes. Hércules disparou sua primeira flecha contra Alcioneu, o líder dos inimigos, que tombou, mas voltou a se erguer ressuscitado, porque estava em Flegras, sua terra natal. “Depressa, nobre Hércules!”, gritou Atena. “Mande-o para outro país!” Hércules agarrou Alcioneu e o pôs sobre seus ombros, levando-o até o outro lado da fronteira da Trácia, onde o matou com uma clava.

d. Em seguida, Porfirião saltou para dentro do Céu a partir da grande pirâmide de rocha que os gigantes haviam construído, e nenhum dos deuses conseguiu manter-se em pé. Só Atena conseguiu adotar uma posição de defesa.

Porfirião passou por ela como um raio e avançou contra Hera, tentanto estrangulá-la, mas, ferido no fígado por uma flecha oportunamente disparada pelo arco de Eros, sua fúria se converteu em luxúria, o que fez com que ele arrancasse a gloriosa roupa de Hera. Zeus, ao ver que sua esposa estava prestes a ser violada, foi tomado por um ataque de ciúme e derrubou Porfirião com o seu raio. O gigante tornou a se levantar, mas Hércules, que regressava a Flegras naquele exato momento, feriu-o mortalmente com uma flecha. Nesse meio-tempo, Ares foi derrotado por Efialtes e obrigado a se ajoelhar diante dele. Mas Apolo feriu o desgraçado no olho esquerdo e lançou um grito de aviso a Hércules, que imediatamente lançou outra flecha em seu olho direito. Assim morreu Efialtes.

e. Desde então, sempre que um deus feria um gigante — como quando Dionísio derrubou Êurito com seu tirso, ou quando Hécate queimou Clítio com suas tochas, ou quando Hefesto escaldou Mimas com uma vasilha de metal incandescente, ou quando Atena esmagou o lascivo Palas com uma pedra —, era Hércules quem tinha de se incumbir do golpe mortal. As deusas amantes da paz, Héstia e Deméter, não tomaram parte no conflito, permanecendo de pé, aterrorizadas, retorcendo as mãos de angústia. As Parcas, entretanto, fizeram vibrar os pilões de bronze com grande eficiência.[2]

f. Desencorajados, os demais gigantes bateram em retirada para a terra, perseguidos pelos deuses do Olimpo. Atena lançou um enorme projétil na direção de Encélado, esmagando-o e convertendo-o na ilha da Sicília. Poseidon partiu a ilha de Cós com o seu tridente e lançou-a contra Polibotes, que se transformou na ilha próxima de Nisiros, onde está enterrado.[3]

g. Os demais gigantes realizaram uma última tentativa em Batos, perto de Trapezunte, na Arcádia, onde ainda arde a terra, no meio da qual os lavradores, às vezes, ainda encontram ossos de gigantes. Hermes, tomando emprestado o elmo da invisibilidade de Hades, derrotou Hipólito, e Ártemis atravessou Gration com uma flecha, ao passo que os pilões das Parcas destroçaram a cabeça de Agrio e de Toante. Ares, com sua lança, e Zeus, com seu raio, ocuparam-se do resto, embora Hércules ainda fosse chamado para liquidar cada gigante à medida que iam caindo. Conta-se ainda que a batalha teria ocorrido nos Campos Flégreos, perto de Cumas, na Itália.[4]

h. Sileno, o sátiro nascido da terra, afirma haver participado dessa batalha ao lado de seu discípulo Dionísio, matando Encélado e semeando o pânico entre os gigantes com o zurro de seu velho burro de carga. Mas Sileno está quase sempre bêbado e não consegue distinguir a verdade da mentira.[5]

1. Este é um relato pós-homérico, que se conserva numa versão deturpada: Eros e Dionísio, que participam da luta, são os últimos a chegar ao Olimpo (vide 15. *1-2* e 27. *5*), e Hércules é ali admitido antes de sua apoteose no monte Eta (vide 147. *h*). O relato tem como objetivo explicar a descoberta de ossos de mamute em Trapezunte (onde ainda estão expostos no museu local) e as erupções vulcânicas próximas de Batos, além daquelas existentes na Palene trácia e árcade, em Cumae e nas ilhas da Sicília e Nisiros, sob as quais diz-se que Atena e Poseidon teriam enterrado dois gigantes.

2. O incidente histórico subjacente à rebelião dos gigantes — e também à rebelião dos Aloídas (vide 37. *b*), geralmente considerada uma réplica da anterior — parece ser uma tentativa concertada entre os montanheses não helênicos de atacar certas fortalezas helênicas, tentativa essa que foi rechaçada pelos súditos aliados dos helenos. Mas a impotência e a covardia dos deuses, em contraste com a invencibilidade de Hércules, e os cômicos incidentes da batalha são mais característicos da ficção popular do que do mito.

3. Não obstante, há um elemento religioso oculto nessa história. Esses gigantes não são de carne e osso, mas sim espíritos nascidos da terra, como demonstram suas caudas de serpente, e só é possível abatê-los mediante a posse de uma erva mágica. Nenhum mitógrafo menciona o nome da erva, mas provavelmente tratava-se de *ephialtion*, remédio específico contra pesadelos. Efialtes, o nome do líder dos gigantes, significa literalmente “o que salta” (*incubus* em latim). As tentativas de Porfirião de estrangular e violar Hera, bem como as de Palas de violar Atena, sugerem que a história se refere principalmente à sabedoria de invocar Hércules, o Salvador, quando alguém se encontra acossado por pesadelos eróticos em qualquer momento das 24 horas do dia.

4. Alcioneu (“asno poderoso”) é possivelmente o espírito do siroco, “o vento do Asno Selvagem, ou Tífon” (vide 36. *1*), que atrai sonhos maus, além de inclinação ao assassinato e ao estupro. Isso faz com que a afirmação de Sileno de haver desnorteado os gigantes com o zurro do seu asno seja ainda mais ridícula (vide 20. *b*). Mimas (“mímica”) pode se referir à ilusória verossimilhança dos sonhos. Hipólito (“estouro de cavalos”) recorda a antiga atribuição dos sonhos de terror à deusa com cabeça de égua. Nos países setentrionais, os que padeciam de pesadelos invocavam Odin, até que seu lugar foi ocupado por são Swithold.

5. O uso que Hércules deu à erva pode ser deduzido do mito babilônico da luta cósmica entre os deuses novos e os antigos. Lá, Marduck, o equivalente de

Hércules, segura uma erva na altura de suas narinas para encobrir o odor insuportável da deusa Tiamat; aqui, é o hálito de Alcioneu que tem de ser encoberto.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 6. 1; Higino: *Fábulas*, *Proêmio*.

[2] Apolodoro: I. 6. 2.

[3] Apolodoro: *loc. cit.*; Estrabão: X. 5. 16.

[4] Pausânias: VIII. 29. 1-2; Apolodoro: *loc. cit.*; Diodoro Sículo: IV. 21.

[5] Eurípides: *Ciclopes* 5 *et seq.*

36

TÍFON

Em vingança pela destruição dos gigantes, a Mãe Terra deitou-se com Tártaro e pouco tempo depois, na caverna Corícia, deu à luz seu filho mais novo, Tífon, o maior monstro que já existiu.[1] Das coxas para baixo ele não era nada mais que serpentes enroscadas. Seus braços, estendidos, chegavam a 600 quilômetros de comprimento cada um, e em vez de mãos ele tinha, na ponta de cada braço, inúmeras cabeças de serpente. Sua cabeça, ornada de crinas de asno, roçava as estrelas, suas enormes asas ensombreciam o Sol, seus olhos lançavam chamas, e de sua boca saíam rochas flamejantes. Quando entrou em disparada no Olimpo, os deuses fugiram aterrorizados para o Egito, onde se disfarçaram de animais: Zeus se converteu num carneiro; Apolo, num corvo; Dionísio, em cabra; Hera, numa vaca branca; Ártemis, num gato; Afrodite, em peixe; Ares, em javali; Hermes, num íbis, e assim por diante.

b. Só Atena enfrentou, altiva, a situação e escarneceu da covardia de Zeus, até que este, recuperando a forma original, lançou contra Tífon um raio seguido de um golpe com a mesma foice de pedra lascada que servira para castrar seu avô Urano. Ferido e aos gritos, Tífon fugiu para o monte Casio, ao norte da Síria, e ali travou-se um terrível combate. Tífon enrolou em Zeus sua miríade de caudas, arrancou-lhe a foice e, após cortar-lhe os tendões das mãos e dos pés, arrastou-o para a caverna Corícia. Embora imortal, Zeus, a essa altura, não podia mover um só dedo, pois Tífon havia escondido os tendões numa pele de urso vigiada por Delfina, uma irmã-monstro com cauda de serpente.

c. A notícia da derrota de Zeus semeou o desânimo entre os deuses, mas Hermes e Pã conseguiram entrar furtivamente na caverna. Ali, Pã assustou Delfina com um grito espantoso, enquanto Hermes subtraía habilmente os tendões e os colocava de volta nos membros de Zeus.[2]

d. Mas alguns dizem que foi Cadmo quem persuadiu Delfina a entregar-lhe os tendões de Zeus, dizendo que precisava deles para fabricar as cordas de uma lira, com a qual iria dedicar-lhe uma música maviosa, e que foi Apolo quem a matou.[3]

e. Zeus voltou ao Olimpo num carro puxado por cavalos alados e mais uma vez perseguiu Tífon com seus raios. O monstro havia se dirigido ao monte Nisa, onde as três Parcas lhe ofereceram frutos efêmeros como se fossem revigorantes, quando, na verdade, eram letais. Ele chegou ao monte Hemo, na Trácia, e, erguendo montanhas inteiras, lançou-as contra Zeus, que interpôs seus raios de maneira que eles ricochetearam para cima do monstro, provocando-lhe feridas horrendas. Os jorros de sangue de Tífon deram nome ao monte Hemo. O monstro, então, fugiu para a Sicília, onde Zeus pôs fim à perseguição atirando em cima dele o monte Etna, cuja cratera até hoje cospe fogo.[4]

1. Diz-se que "corício" significa "da sacola de couro". Talvez seja uma referência ao antigo costume de encerrar ventos em sacos, adotado por Éolo (vide 170. *g*) e conservado pelas bruxas medievais. Na outra caverna Corícia, a de Delfos, a serpente companheira de Delfina se chamava Píton, e não Tífon. Píton ("serpente") era a personificação do destrutivo Vento Norte, o Setentrião — os ventos eram habitualmente representados com caudas de serpente —, que se precipita sobre a Síria a partir do monte Casio, e sobre a Grécia a partir do monte Hemo (vide 21. *2*). Tífon, por outro lado, significa "fumo estupefaciente", e seu aspecto é o de uma erupção vulcânica, daí a lenda de que Zeus o derrotou, enterrando-o finalmente sob o monte Etna. Mas o nome Tífon significava também o ardente siroco do deserto meridional que causava estragos na Líbia e na Grécia, trazendo consigo um odor vulcânico. Ele era retratado pelos egípcios como um asno do deserto (vide 35. *4* e 83. *2*). O deus Set, cujo hálito seria o próprio Tífon, mutilou Osíris quase do mesmo modo como Píton mutilou Zeus, embora ambos tenham sido finalmente derrotados. Não obstante, o paralelismo fez com que se confundisse Píton com Tífon.

2. Esse voo divino para o Egito, como observa Luciano (*Sobre os sacrifícios* 14), foi inventado para justificar a adoração dos egípcios a deuses em forma animal: Zeus-Ámon como carneiro (vide 133. *j*); Hermes-Tot como íbis (vide 52. *6*); Hera-Ísis como vaca (vide 56. *2*); Ártemis-Pasht como gato, e assim por diante. Mas historicamente pode referir-se também ao êxodo de sacerdotes e

sacerdotisas que fugiram assustados das ilhas do Egeu, quando uma erupção vulcânica sepultou metade da grande ilha de Tera, pouco antes do ano 2000 a.C. Os gatos não eram animais domésticos na Grécia clássica. Uma outra fonte dessa lenda parece ser o poema épico babilônico da Criação, o *Enuma Elish*, conforme o qual, na primeira versão de Damascius, a deusa Tiamat, seu consorte Apsu e seu filho Mummi ("confusão") soltam Kingu e uma horda de outros monstros contra a recém-nascida trindade de deuses: Ea, Anu e Bel. Em seguida vem a fuga provocada pelo pânico, até que Bel reúne seus irmãos, controla a situação e derrota as forças de Tiamat, esmagando seu crânio com uma clava e partindo-a em dois "como um linguado".

3. O mito de Zeus, Delfina e a pele de urso registra a humilhação de Zeus diante da Grande Deusa, adorada como a Ursa, cujo oráculo principal estava em Delfos. Desconhece-se o momento histórico, mas os cadmeus da Beócia pareciam preocupados em manter o culto a Zeus. Os "frutos efêmeros" entregues a Tífon pelas três Parcas são, ao que parece, as típicas maçãs da morte (vide 18. *4*; 32. *4*; 33. *7* etc.). Numa versão proto-hitita do mito, a serpente Illyunka vence o deus da tormenta e lhe arranca os olhos e o coração, que ele recupera mediante um estratagema. O Conselho Divino chama então a deusa Inara para executar a vingança. A seu convite, a serpente Illyunka vai a uma festa e come até empanturrar-se. Nisso, Inara a amarra com uma corda, e o deus da tormenta a aniquila.

4. O monte Casio (atualmente Jebel-el-Akra) é o monte Hazzi que aparece na história hitita de Ullikummi, o gigante de pedra que crescia a uma velocidade surpreendente e que recebera ordens do pai, Kumarbi, para destruir os setenta deuses do Céu. O deus da tormenta, o deus do Sol, a deusa da beleza e as demais divindades fracassaram em suas tentativas de matar Ullikummi, até que Ea, a deusa da sabedoria, utilizando-se da faca que originalmente separara o céu da terra, cortou os pés do monstro e jogou-os no mar. Certos elementos dessa história ocorrem no mito de Tífon e também no dos Aloídas, que cresciam com a mesma velocidade e utilizavam as montanhas como escadas para subir ao Céu (vide 37. *b*). Os cadmeus foram provavelmente os que levaram essas lendas para a Grécia a partir da Ásia Menor (vide 6. *1*).

NOTAS

[1] Hesíodo: *Teogonia* 819 *et seq.*; Píndaro: *Odes píticas* I. 15 *et seq.*; Higino: *Fábula* 152.

[2] Apolodoro: I. 6. 3.

[3] Nono: *Dionisíacas* I. 481 *et seq.*; Apolônio de Rodes: II. 706.

[4] Apolodoro: *loc. cit.*; Píndaro: *loc. cit.*

37

OS ALOÍDAS

Efialtes e Oto eram filhos bastardos de Ifimedia, filha de Tríopas. Ela havia se apaixonado por Poseidon e costumava agachar-se à beira-mar para recolher as ondas com as mãos e derramar no colo a água. Foi assim que engravidou. Efialtes e Oto eram chamados, entretanto, de Aloídas, porque Ifimedia se casou depois com Aloeu, consagrado rei de Asópia, na Beócia, por seu pai, Hélio. Os Aloídas cresciam dois metros de largura e de altura a cada ano e, quando atingiram nove anos de idade, com nove cúbitos de largura e nove braças de altura, declararam guerra ao Olimpo. Às margens do rio Estige, Efialtes jurou violar Hera e Oto jurou fazer o mesmo com Ártemis.[1]

b. Tendo decidido que Ares, o deus da guerra, devia ser o primeiro prisioneiro, os Aloídas se puseram rumo à Trácia, desarmaram-no, amarraram-no e o confinaram num vaso de bronze, que ocultaram na casa da madrasta dos dois, Eribeia, pois Ifimedia já havia morrido. Depois, iniciaram o assédio ao Olimpo: fizeram um baluarte para atacá-lo, pondo o monte Pélion em cima do monte Ossa, e, em seguida, ameaçaram arremessar montanhas no mar até convertê-lo num deserto, embora as terras baixas ficassem inundadas e se transformassem em pântanos por causa das ondas. Estavam totalmente confiantes porque, segundo a profecia, nenhum homem, nem mesmo um deus, seria capaz de matá-los.

c. Por recomendação de Apolo, Ártemis mandou uma mensagem aos Aloídas: se voltassem atrás em seu propósito, ela se reuniria com eles na ilha de Naxos e ali se submeteria aos assédios de Oto. Este, então, foi tomado por arroubos de alegria, mas Efialtes, que não havia recebido nenhuma mensagem similar de Hera, ficou enciumado e enraivecido. Uma briga cruenta eclodiu em Naxos, para onde eles foram juntos: Efialtes insistia em rejeitar os termos, a não

ser que ele, como o mais velho dos dois, fosse o primeiro a desfrutar de Ártemis. A discussão estava no ápice quando Ártemis fez sua aparição em forma de corça branca, e os Aloídas posicionaram suas lanças para arremessá-las contra a deusa, cada qual disposto a provar que seria o melhor atirador. Quando ela passou voando por eles, veloz como o vento, os dois se atrapalharam e acabaram cravando a lança um no outro. Assim pereceram ambos, comprovando a profecia de que nenhum homem ou deus poderia matá-los. Seus cadáveres foram levados de volta para Antédon, para serem enterrados na Beócia, mas os habitantes de Naxos ainda lhes rendem honras de heróis. Eles também são lembrados como fundadores de Ascra, na Beócia, e como os primeiros mortais a adorarem as musas do Hélicon.[2]

d. Uma vez levantado o cerco do Olimpo, Hermes saiu à procura de Ares e obrigou Eribeia a libertá-lo, já meio morto, do vaso de bronze. Mas as almas dos Aloídas desceram para o Tártaro, onde foram firmemente amarradas a uma coluna com cordas de nós, feitas de víboras vivas. Ali continuam sentadas, uma de costas para a outra, enquanto a ninfa Estígia, perversamente encarapitada no topo da coluna, serve como uma lembrança dos juramentos não cumpridos pelos Aloídas.[3]

1. Esta é mais uma versão popular da rebelião dos gigantes (vide 35. *b*). O nome Efialtes, o assalto ao Olimpo, a ameaça dirigida a Hera e a profecia da invulnerabilidade dos Aloídas ocorrem em ambas as versões. Efialtes e Oto, “filhos do campo debulhado” com “a que fortalece os genitais”, netos da “Trifacetada”, ou seja, Hécate, e adoradores das musas selvagens, personificam o íncubo, ou pesadelo orgiástico, que oprime e profana as mulheres durante o sono. Assim como o Pesadelo da lenda britânica, eles estão associados ao número nove. O mito se confunde com um obscuro episódio histórico relatado por Diodoro Sículo (V. 50 *et seq.*). Ele conta que um certo Aloeu, da Tessália, encarregou seus filhos de libertar a mãe Ifimedia e a irmã Pancrátis (“toda-força”) das mãos dos trácios, que as haviam levado para Naxos. A expedição foi bem-sucedida, mas eles brigaram entre si pela posse da ilha e acabaram se matando um ao outro. Entretanto, ainda que Estêvão de Bizâncio mencione que a cidade de Aloeium, na Tessália, assim se chamasse por causa dos Aloídas, antigos mitógrafos dizem que eles eram beócios.

2. O assassinato recíproco dos irmãos gêmeos evoca a eterna rivalidade pelo amor da Deusa Branca entre o rei sagrado e seu sucessor, que alternadamente matavam-se um ao outro. O fato de se chamarem “filhos do campo debulhado” e terem escapado da destruição do raio de Zeus os relaciona mais ao culto do cereal do que ao do carvalho. O suplício a que foram condenados no Tártaro, igual ao de Teseu e Pirítoo (vide 103. *c*), parece deduzir-se de um antigo símbolo calendárico em que aparecem as cabeças dos gêmeos, uma virada em direção oposta à outra em cada lado da coluna, na posição em que se sentavam na Cadeira do Esquecimento. A coluna, sobre a qual está pousada a deusa da morte em vida, marca o apogeu do verão no momento em que termina o reinado do rei sagrado e começa o de seu sucessor. Na Itália, esse mesmo símbolo converteu-se no Jano bicéfalo, mas ali o Ano-novo se celebrava em janeiro, e não por ocasião do nascer helíaco do astro bicéfalo Sírio (vide 34. *3*).

3. O confinamento de Ares durante três meses constitui um fragmento mítico desconexo, cuja datação exata é desconhecida, e se refere talvez a um armistício combinado entre os tessalo-beócios e os trácios, que durou um ano inteiro — o ano pelasgo tinha 13 meses —, período em que os símbolos bélicos de ambas as partes foram guardados dentro de um recipiente de bronze, num templo de Hera Eribeia. Pélion, Ossa e Olimpo são montanhas ao leste da Tessália, das quais se tem uma visão distante do Quersoneso trácio, onde possivelmente foi travada a guerra que terminou graças a esse armistício.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 7. 4; Pausânias: II. 3. 8; Píndaro: *Odes píticas* IV. 88-92.

[2] Homero: *Odisseia* XI. 305-320; *Ilíada* V. 385-390; Pausânias: IX. 29. 1-2.

[3] Apolodoro: I. 7. 4; Higino: *Fábula* 28.

38

O DILÚVIO DE DEUCALIÃO

O dilúvio de Deucalião, assim chamado para diferenciar-se do dilúvio de Ogigia e de outros dilúvios, foi provocado pela ira de Zeus contra os ímpios filhos de Licaão, o filho de Pelasgo. O mesmo Licaão foi o primeiro a civilizar a Arcádia, institucionalizando o culto ao Zeus Lício, mas acabou irritando Zeus ao sacrificar-lhe um menino. Por essa razão, foi transformado num lobo e sua casa foi destruída por um raio. Alguns dizem que Licaão teve, no total, 22 filhos; outros dizem que teve cinquenta.[1]

b. A notícia dos crimes cometidos pelos filhos de Licaão chegou ao Olimpo, e o próprio Zeus foi visitá-los, disfarçado de viajante miserável. Eles tiveram o descaramento de lhe servir uma sopa de miúdos, em que haviam misturado as vísceras de seu irmão Nictimo com as de ovelhas e cabras. Zeus não se deixou enganar e, derrubando a um só golpe a mesa sobre a qual haviam servido aquele repugnante banquete — o lugar ficou conhecido mais tarde como Trapezo —, converteu-os todos em lobos, exceto Nictimo, a quem devolveu a vida.[2]

c. Após regressar ao Olimpo, Zeus desafogou o seu desgosto desferindo um grande dilúvio sobre a terra, com a intenção de varrer de sua face toda a raça humana. Mas Deucalião, rei de Ftia, avisado por seu pai, o titã Prometeu, que o havia visitado no Cáucaso, construiu uma arca, encheu-a de suprimentos e subiu a bordo com sua mulher, Pirra, filha de Epimeteu. Então, o Vento Sul começou a soprar, a chuva desabou e os rios se precipitaram na direção do mar, que subia com uma assombrosa rapidez, arrasando e submergindo todas as cidades do litoral e das planícies, até que o mundo todo ficou submerso, exceto alguns cumes de montanhas, e todas as criaturas mortais pareciam ter desaparecido, à exceção de Deucalião e Pirra. A arca flutuou por nove dias, quando finalmente as águas baixaram e a embarcação pousou no monte Parnaso ou, segundo alguns,

no monte Etna, no monte Atos ou ainda no monte Ótris, na Tessália. Diz-se que Deucalião obteve a confirmação do fim do dilúvio ao soltar uma pomba em voo exploratório.[3]

d. Após desembarcarem sãos e salvos, eles ofereceram um sacrifício ao Pai Zeus, protetor dos fugitivos, e desceram à margem do rio Cefiso para orar no santuário de Têmis, cujo teto se achava coberto de algas e cujo altar estava frio. Suplicaram humildemente que a raça humana renascesse, e Zeus, escutando suas vozes de longe, enviou Hermes para assegurar-lhes de que tudo o que pediam lhes seria concedido. Têmis apareceu em pessoa e disse: "Cubram suas cabeças e atirem os ossos de sua mãe para trás!" Por serem filhos de mães diferentes, ambas já falecidas, Deucalião e Pirra deduziram que a titânide se referia à Mãe Terra, cujos ossos eram as rochas que jaziam às margens do rio. Portanto, cobriram a cabeça e se inclinaram para recolher as rochas, atirando-as por cima dos ombros. As rochas se transformaram em homens ou mulheres, dependendo de quem as houvesse tocado, Deucalião ou Pirra. Dessa forma, a humanidade se renovou, e desde então "povo" (*laos*) e "uma pedra" (*laas*) têm sido a mesma palavra em diversas línguas.[4]

e. Entretanto, Deucalião e Pirra não foram os únicos sobreviventes do dilúvio. Tanto que Megareu, um filho de Zeus, tendo sido despertado de seu sono pelos gritos dos grous, foi impelido a subir até o pico do monte Gerânia, lugar que não chegou a ser coberto pelas águas. Outro que escapou foi Cerambo de Pélion, que, transformado pelas ninfas num escaravelho, pôde voar para o cume do Parnaso.[5]

f. De modo similar, os habitantes do Parnaso — cidade fundada por Parnaso, filho de Poseidon, que inventou a arte do agouro — foram despertados pelo uivo dos lobos e os seguiram até o alto da montanha. Em memória desses lobos, eles chamaram a sua cidade de Licoreia.[6]

g. Assim, o dilúvio provou ser pouco eficaz, pois alguns parnasianos emigraram para a Arcádia e repetiram as abominações de Licaão. Até o dia de hoje, um menino é sacrificado ao Zeus Liceu e suas vísceras são misturadas a outras numa sopa de miúdos, que é então servida a uma multidão de pastores às margens de um rio. O pastor que come as vísceras do menino (que lhe são servidas por sorteio) uiva como um lobo, pendura suas roupas num carvalho, cruza o rio a nado e se transforma em lobisomem. Por oito anos ele fica vivendo entre os lobos, mas, abstendo-se de comer carne humana durante esse período, ele pode regressar, cruzar de novo o rio a nado e recuperar suas roupas. Há algum tempo, um habitante de Parrásia chamado Damarco passou oito anos com os lobos, recuperou sua condição humana e, no décimo ano, após um período de

treinamento intensivo num ginásio, ganhou o prêmio de pugilismo nos jogos olímpicos.[7]

h. Esse Deucalião era o irmão da Ariadne cretense e pai de Oresteu, rei dos lócrios ózolas, em cuja época uma cadela branca pariu uma estaca que, plantada por Oresteu, cresceu e se tornou uma videira. Outro de seus filhos, Anfictião, alojou Dionísio e foi o primeiro homem a misturar vinho com água. Mas seu primeiro descendente e o mais famoso de seus filhos foi Heleno, pai de todos os gregos.[8]

1. A história de Zeus e as entranhas do menino não é tanto um mito quanto uma anedota moral para expressar a repugnância que provocavam, nas regiões mais civilizadas da Grécia, as primitivas práticas canibais da Arcádia ainda praticadas em nome de Zeus e consideradas "bárbaras e antinaturais" (Plutarco: *Vida de Pelópidas*). Cécrope, o virtuoso ateniense contemporâneo de Licaão (vide 25. *d*), oferecia somente bolos de cevada, abstendo-se inclusive dos sacrifícios de animais. Os ritos licaones, que, segundo o autor, nunca contaram com o beneplácito de Zeus, aparentemente tinham a intenção de evitar que os lobos atacassem os rebanhos, entregando-lhes um rei humano. *Lycaeus* significa "da loba", mas também "da luz", e o raio no mito de Licaão revela que o Zeus da Arcádia era, no início, um rei sagrado que invocava a chuva a serviço da Loba divina, a Lua, a quem a matilha de lobos uivava.

2. Um Grande Ano de cem meses, ou oito anos solares, era dividido equitativamente entre o rei sagrado e o seu sucessor. Já os cinquenta filhos de Licaão — um para cada mês do reinado do rei sagrado — deviam ser os que comiam a sopa de miúdos. O número 22, a não ser que seja o resultado do cálculo do número de famílias que se diziam descendentes de Licaão para participar do banquete de miúdos, refere-se provavelmente aos 22 lustros que constituíam um ciclo — o ciclo de 110 anos compunha o reinado de uma linha particular de sacerdotisas.

3. O mito do dilúvio de Deucalião, aparentemente trazido da Ásia pelos helênicos, tem a mesma origem da lenda bíblica de Noé. Porém, enquanto Noé é citado como inventor do vinho numa fábula moral hebraica que justificava a escravização imposta aos cananeus por seus conquistadores semitas e cassitas, a citação da invenção do vinho por Deucalião foi suprimida pelos gregos, que a atribuíram a Dionísio. Entretanto, Deucalião é descrito como irmão de Ariadne,

que, ligada a Dionísio, era a mãe de várias tribos seguidoras do culto do vinho (vide 27. *8*), e o nome dele continuou sendo “marinheiro do vinho novo” (de *deucos* e *halieus*). O mito de Deucalião registra um dilúvio mesopotâmico do terceiro milênio a.C., bem como a festa outonal do Ano-novo da Babilônia, Síria e Palestina. Essa festa celebrava o novo vinho doce, servido por Parnafistim aos construtores da arca, na qual (conforme o poema épico babilônico *Gilgamesh*) ele e sua família sobreviveram ao dilúvio enviado pela deusa Ishtar. A arca era um barco-lua (vide 123. *5*), e a festa, celebrada por ocasião da Lua nova mais próxima do equinócio de outono, era uma forma de evocar as chuvas invernais. Ishtar, no mito grego, é chamada de Pirra — nome da deusa-mãe dos *puresati* (filisteus), povo cretense que chegou à Palestina através da Cilícia em torno de 1200 a.C. Em grego, *pyrrha* significa “vermelho vivo” e é um adjetivo que se aplica ao vinho.

4. Xisutros era o herói da lenda do dilúvio sumeriano, registrada por Berossus, e sua arca acabou pousando no monte Ararat. Todas essas arcas eram construídas com madeira de acácia, utilizada também por Ísis para construir o barco mortuário de Osíris.

5. O mito de um deus irado que decide punir as maldades do homem com um dilúvio parece ter chegado tardiamente aos gregos, que o tomaram emprestado aos fenícios ou aos judeus. Não obstante, o número de diferentes montes da Grécia, Trácia e Sicília onde se diz que a arca de Deucalião teria atracado sugere que um antigo mito do dilúvio tenha se sobreposto a uma lenda posterior sobre um dilúvio no norte da Grécia. Na primeira versão grega do mito, Têmis renova a raça humana sem ter sido previamente autorizada por Zeus. É provável, portanto, que ela, e não ele, tenha sido a responsável pelo dilúvio, como na Babilônia.

6. A transformação de pedras em pessoas é, talvez, outro empréstimo heládico vindo do Oriente. São João Batista referiu-se a uma lenda semelhante, declarando, num jogo de palavras com os termos hebraicos *banim* e *abanim*, que Deus podia dar *filhos* a Abraão a partir das *pedras* do deserto (*Mateus* III. 3-9 e *Lucas* III. 8).

7. A história da cadela branca, a deusa-Lua Hécate que pariu um ramo de videira no reinado de Oresteu, filho de Deucalião, é provavelmente o mito grego mais antigo sobre o vinho. Diz-se que o nome “ózola” deriva de *ozoi*, “brotos de videira” (vide 147. *7*). Um dos filhos malvados de Licaão também se chamava Oresteu, o que pode justificar a conexão forçada que os mitógrafos estabeleceram entre o mito da sopa de miúdos e o dilúvio de Deucalião.

8. Anfictião, nome de outro filho de Deucalião, é uma forma masculina de Anfictionis, a deusa em nome da qual se havia fundado a Liga Anfictiônica, a

famosa confederação setentrional. Segundo Estrabão, Calímaco e o escoliasta do *Orestes* de Eurípides, a liga foi regularizada por Acrísio de Argos (vide 73. *a*). Os gregos civilizados, à diferença dos trácios dissolutos, abstinham-se de tomar vinho puro, e seu costume de aguá-lo nas assembleias dos estados-membros celebradas na época da vindima em Antela, perto das Termópilas, deve ter sido uma maneira de evitar disputas sangrentas durante o evento.

9. Heleno, filho de Deucalião, era o antecessor epônimo de toda a raça helênica (vide 43. *b*). Seu nome demonstra que ele era o representante real da sacerdotisa de Hele, Helen, Helena ou Selene, a Lua. Segundo Pausânias (III. 20. 6), a primeira tribo chamada helena chegou da Tessália, onde se adorava Hele (vide 70. *8*).

10. Aristóteles (*Meteorológica* I. 14) diz que o dilúvio de Deucalião teve lugar "na antiga Grécia (Graecia), ou seja, num distrito perto de Dodona e do rio Aqueloo". *Graeci* significa "adoradores da Velha", presumivelmente a deusa Terra de Dodona, que aparecia em tríade formando as Greias (vide 33. *c*). Conta-se que os aqueus foram obrigados a invadir o Peloponeso porque fortes chuvas, nada comuns naquela região, haviam inundado suas pastagens. O culto a Hele (vide 62. *3*, 70. *8* e 159. *1*) parece ter substituído o culto às Greias.

11. O escaravelho era um emblema da imortalidade no Baixo Egito, porque sobrevivia aos transbordamentos do Nilo — o Faraó, como Osíris, embarcava em seu barco-sol na forma de um escarabeu —, e sua utilização sagrada se propagou, atingindo a Palestina, o Egeu, a Etrúria e as Ilhas Baleares. Antoninus Liberalis também menciona o mito de Cerambo, ou Terambo, quando cita Nicandro.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 8. 1; Pausânias: VIII. 2. 1; escoliasta sobre *Aratea* de César Germânico: 89; Ovídio: *As metamorfoses* I. 230 *et seq.*

[2] Apolodoro*: loc. cit.*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 481; Pausânias: VIII. 3. 1; Ovídio: *As metamorfoses* I. 230 *et seq.*

[3] Ovídio: *Ibid.* I. 317; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides 1.095; Higino: *Fábula* 153; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio VI. 41; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: IX. 42; Plutarco: *Que animais são mais astutos?* 13.

[4] Apolodoro: I. 7. 2; Ovídio: *As metamorfoses* I. 260-415.

[5] Pausânias: I. 40. 1; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 352-356.

[6] Pausânias: X. 6. 1-2.

[7] Pausânias: VIII. 2. 3 e VI. 8. 2; Plínio: *História natural* VIII. 34; Platão: *República* VIII. 16.

[8] Pausânias: X. 38. 1; Eustácio sobre Homero: p. 1815; Apolodoro: I. 7. 2.

PROMETEU ACORRENTADO,
escultura em mármore de Nicolas-Sébastien Adam
Paris, França

39

ATLAS E PROMETEU

Prometeu, o criador da humanidade, e incluído por alguns entre os sete titãs, era filho ou do titã Eurimedonte, ou de Iápeto com a ninfa Clímene. Seus irmãos eram Epimeteu, Atlas e Menécio.[1]

b. Atlas, o gigantesco irmão mais velho, conhecia todas as profundezas do mar e governava um reino com todo o litoral escarpado, maior que a Ásia e a África juntas. Essa terra, a Atlântida, estendia-se para além das Colunas de Hércules, e uma cadeia de ilhas paradisíacas a separava de um continente ainda mais longínquo, sem nenhuma conexão com o nosso. Os atlantes cultivavam uma enorme planície central, graças à canalização da água que descia das montanhas que circundavam toda a Atlântida, exceto por uma abertura que dava para o mar. Eles também construíram palácios, balneários, hipódromos, grandes portos e templos, e travaram guerras não só na direção oeste, até o outro continente distante, como também na direção leste, chegando à Itália e ao Egito. Os egípcios dizem que Atlas era filho de Poseidon e irmão de cinco pares de gêmeos masculinos que lhe juraram fidelidade com o sangue de um touro sacrificado num altar. Dizem também que, inicialmente, os atlantes eram seres muito virtuosos, capazes de suportar com firmeza o peso de suas grandes riquezas em ouro e prata. Mas, um dia, a ambição e a crueldade se apoderaram deles, e, com a permissão de Zeus, os atenienses os derrotaram sem a ajuda de ninguém e puseram fim ao seu poder. Ao mesmo tempo, os deuses enviaram um dilúvio que, em um dia e uma noite, submergiu toda a Atlântida, de tal forma que os portos e os templos foram sepultados na lama e o mar se tornou inavegável.[2]

c. Atlas e Menécio conseguiram se salvar e se uniram a Cronos e aos titãs em sua guerra malograda contra os deuses do Olimpo. Zeus fulminou Menécio e

o enviou ao Tártaro, mas poupou Atlas, condenando-o a sustentar o firmamento nos ombros por toda a eternidade.[3]

d. Atlas, pai das Plêiades, das Híades e das Hespérides, desde então passou a suster o firmamento, exceto na ocasião em que Hércules o substituiu temporariamente nessa tarefa. Os que dizem que Perseu petrificou o gigante e o transformou no monte Atlas ao mostrar-lhe a cabeça da górgona esquecem-se de que Perseu é considerado um ancestral distante de Hércules.[4]

e. Prometeu, sendo mais sábio que Atlas, previu o resultado da rebelião contra Cronos e preferiu lutar ao lado de Zeus, convencendo Epimeteu a fazer o mesmo. Na verdade, Prometeu era o mais sábio de sua raça: Atena, a quem ajudou a nascer a partir da cabeça de Zeus, ensinou-lhe arquitetura, astronomia, matemática, navegação, medicina, metalurgia e outros ofícios úteis, que ele transmitiu à humanidade. Mas Zeus, que havia decidido exterminar toda a raça humana, poupando-a apenas mediante o insistente apelo de Prometeu, irritou-se diante de seus crescentes talentos e poderio.[5]

f. Um dia, por ocasião de uma disputa em Sícion sobre que partes de um touro de sacrifício deveriam ser oferecidas aos deuses e que outras deveriam ser reservadas aos homens, Prometeu foi convidado a atuar como árbitro. Ele então esfolou e esquartejou um touro e, cosendo sua pele, confeccionou duas bolsas com grande abertura e encheu-as com o que havia cortado. Numa delas colocou toda a carne, mas tratou de enfiá-la debaixo do estômago, que é a parte menos apetitosa de qualquer animal; a outra ele preencheu com os ossos, escondidos sob uma grossa camada de gordura. Ao convidar Zeus para escolher uma das bolsas, este, deixando-se facilmente enganar pelas aparências, escolheu a que continha os ossos e a gordura (que continuam sendo a porção divina), mas castigou Prometeu, que zombava dele pelas costas, privando a raça humana do fogo. “Que comam carne crua!”, gritou Zeus.[6]

g. Prometeu dirigiu-se em seguida a Atena, suplicando-lhe a permissão para entrar secretamente no Olimpo, ao que ela consentiu. Ao chegar, ele acendeu uma tocha na carruagem ígnea do Sol e arrancou dela um fragmento de carvão incandescente que enfiou no oco meduloso da haste de um funcho gigantesco. Depois, apagou a tocha, saiu furtivamente e deu o fogo à humanidade.[7]

h. Zeus jurou vingança. Ordenou a Hefesto que fizesse uma mulher de barro, aos Quatro Ventos que lhe insuflassem vida e às deusas do Olimpo que lhe concedessem atributos. Essa mulher, Pandora, a mais bela jamais criada, foi enviada como presente de Zeus a Epimeteu sob a custódia de Hermes. Epimeteu, porém, advertido por seu irmão de que não aceitasse nenhum presente de Zeus, recusou-o, desculpando-se polidamente. Ainda mais enfurecido, Zeus mandou acorrentar Prometeu desnudo a uma coluna nas montanhas do Cáucaso, onde um

abutre voraz lhe devoraria o fígado durante o dia, ano após ano. E seu tormento seria eterno, pois a cada noite, quando Prometeu ficasse exposto ao frio e às geadas insuportáveis, seu fígado se regeneraria.

i. Mas Zeus, pouco disposto a admitir que estava agindo por vingança, desculpou sua selvageria fazendo circular uma notícia falsa: a de que Atena havia convidado Prometeu ao Olimpo para ter uma aventura secreta com ele.

j. Epimeteu, alarmado com o destino de seu irmão, apressou-se em se casar com Pandora, que Zeus fizera tão imprudente, má e preguiçosa quanto graciosa e bela — a primeira de uma grande série de mulheres desse tipo. Logo de início, ela abriu um pote que Prometeu entregara ao irmão com a advertência de jamais abri-lo, pois, dentro dele, havia conseguido encerrar, com grande esforço, todos os males que podiam infestar a raça humana, tais como a Velhice, o Trabalho, a Doença, a Loucura, o Vício e a Paixão. Liberados, esses males voaram como nuvem e picaram todas as partes dos corpos de Epimeteu e de Pandora, atacando depois a raça dos mortais. Apesar de tudo, a ilusória Esperança, que Prometeu também havia encerrado no pote, desencorajou-os, com suas mentiras, a não cometer suicídio coletivo.[8]

1. Mitógrafos posteriores interpretaram Atlas como uma simples personificação do monte Atlas, no noroeste da África, cujo pico parecia sustentar o firmamento. Para Homero, porém, as colunas sobre as quais ele segurava o céu estavam longe dali, no oceano Atlântico, cujo nome foi dado mais tarde por Heródoto em sua honra. Ele começou, talvez, como o Titã do Segundo Dia da Semana, e era quem separava as águas do firmamento das águas da terra. A maior parte das chuvas que caem na Grécia provém do Atlântico, especialmente por ocasião do nascer helíaco das irmãs-estrelas de Atlas, as Híades, o que parcialmente explica por que o lar de Atlas era no Ocidente. Hércules tirou-lhe dos ombros o firmamento, em dois sentidos (vide 133. *3-4* e 123. *4*).

2. A lenda egípcia da Atlântida — também popular nos contos tradicionais ao longo da costa atlântica, desde Gibraltar até as Hébridas, e entre os iorubás da África ocidental — não deve ser descartada como pura fantasia e parece datar do terceiro milênio a.C. A versão platônica, porém — baseada, segundo o filósofo, nas informações que Sólon recebera de seus amigos sacerdotes líbios de Sais, no delta —, aparentemente foi inserida numa tradição posterior: como os cretenses minoicos, que haviam estendido sua influência ao Egito e à Itália, foram

derrotados por uma confederação helênica encabeçada por Atenas (vide 98. *1*); e como, talvez em consequência de um maremoto, as grandes obras portuárias construídas pelos *keftios* (“povo do mar”, ou seja, os cretenses e seus aliados) na ilha de Faros (vide 27. *7* e 169. *6*) tinham submergido a várias braças de água, tendo sido depois redescobertas por mergulhadores. Essas obras consistiam num dique exterior e num dique interior que, juntos, cobriam cerca de 250 acres (Gaston Jondet: *Les Ports submergés de l’ancienne île de Pharos*, 1916). Tal identificação da Atlântida com a ilha de Faros justificaria o fato de Atlas ser por vezes descrito como filho de Iápeto — o Jafé do *Gênesis*, a quem os hebreus chamavam de filho de Noé e consideravam o ancestral da confederação do povo do mar — e por vezes como filho de Poseidon, padroeiro dos navegantes gregos. Noé é Deucalião (vide 38. *c*), e, embora no mito grego Iápeto apareça como avô de Deucalião, isso pode simplesmente significar que ele era o antepassado epônimo da tribo cananeia que levou para a Grécia a lenda do dilúvio mesopotâmico em vez da de Atlas. Vários detalhes do relato de Platão, como o sacrifício de touros em colunas, ou os sistemas de água fria e quente do palácio de Atlas, confirmam que não se está descrevendo outra nação a não ser a dos cretenses. Como Atlas, os cretenses “conheciam todas as profundidades do mar”. Segundo Diodoro (V. 3), quando a maioria dos habitantes da Grécia foi aniquilada pelo grande dilúvio, os atenienses esqueceram que haviam fundado a cidade de Sais, no Egito. Esta parece ser uma maneira confusa de dizer que, após o afundamento das obras do porto de Faros, os atenienses esqueceram seus vínculos religiosos com Sais, onde se adorava a mesma deusa líbia Neith, ou Atena, ou Tanit.

3. A história contada por Platão é confusa por causa de seu relato sobre uma enorme quantidade de elefantes que havia na Atlântida, o que pode aludir à vasta importação de marfim que a Grécia realizava através de Faros, embora isso talvez tenha sido tomado de empréstimo a uma lenda anterior. O paradeiro da lendária Atlântida tem sido objeto de inúmeras teorias, ainda que a influência de Platão tenha voltado naturalmente a atenção popular para o oceano Atlântico. Não faz muito tempo, supunha-se que a cordilheira Atlântica (que se estende da Islândia até os Açores e depois faz uma curva para o sudeste até a ilha da Ascensão e Tristão da Cunha) era o que restava desse continente. Mas as investigações oceanográficas demonstram que, além desses picos, toda a cordilheira permaneceu submersa num período não inferior a 60 milhões de anos. Só se tem notícias do desaparecimento de uma grande ilha habitada no Atlântico: o platô que hoje se chama Dogger Bank. Mas os ossos e utensílios recolhidos pelas redes de pesca de bacalhau demonstram que esse cataclismo ocorreu na época paleolítica. É ainda menos provável que a notícia de seu

desaparecimento tenha chegado à Europa graças a sobreviventes que navegaram à deriva por aquela enorme extensão de água, do que através da recordação de uma catástrofe diferente, trazida à costa do Atlântico por imigrantes neolíticos da Líbia altamente civilizados, geralmente conhecidos como construtores de galerias de tumbas.

4. Esses últimos eram agricultores e chegaram à Grã-Bretanha pelo fim do terceiro milênio a.C., mas não surgiu nenhuma explicação sobre o movimento maciço desse povo em direção ao Ocidente através da Tunísia e do Marrocos, indo para o sul da Espanha e depois para o norte, para Portugal e mais além. Segundo a lenda galesa da Atlântida sobre os desaparecidos *cantrevs*, de Dyfed (situada improvavelmente na baía de Cardigan), um mar bravio teria destruído os diques e arrasado 16 cidades. Há diversas variantes dessa lenda, entre as quais a irlandesa Hy Brasil; a cidade bretã de Ys; a região de Lyonesse na Cornuália (situada improvavelmente entre a Cornuália e as Ilhas Scilly); a francesa Île Verte e a portuguesa Ilha Verde. Mas se o que os sacerdotes egípcios realmente contaram a Sólon foi que o desastre ocorreu no ocidente remoto e que os sobreviventes foram "para além das Colunas de Hércules", então a Atlântida pode ser facilmente localizada.

5. É o país dos atlantes, mencionados por Diodoro Sículo (vide 131. *m*) como um povo civilizadíssimo que vivia a oeste do lago Tritônis, dos quais as amazonas líbias — ou seja, as tribos matriarcais descritas posteriormente por Heródoto — teriam arrebatado a cidade de Cerne. A lenda de Diodoro não se pode datar arqueologicamente, mas seu autor a situa em uma época anterior à de uma invasão líbia das ilhas do Egeu e da Trácia, evento que não pode ter ocorrido depois do terceiro milênio a.C. Portanto, se a Atlântida foi a Líbia ocidental, os dilúvios que a fizeram desaparecer podem ter acontecido devido à ocorrência de fortes chuvas, como as que provocaram as famosas inundações mesopotâmicas e ogígias (vide 38. *3-5*), ou a uma maré alta acompanhada de fortes ventos do noroeste, como os que varreram uma grande parte dos Países Baixos nos séculos XII e XIII, formando o Zuider Zee (desde que se escreveu isto, a história se repetiu desastrosamente), ou a um abaixamento da região costeira. De fato, a Atlântida pode ter afundado na ocasião da formação do lago Tritônis (vide 8. *a*), que aparentemente cobria, no passado, milhares de quilômetros quadrados das planícias líbias, estendendo-se talvez até o norte e chegando ao golfo ocidental de Sirte, chamado pelo geógrafo Scylax de "golfo de Tritônis", onde recifes perigosos sugerem a existência de uma cadeia de ilhas, das quais restam apenas Jerba e Kerkennahs.

6. A ilha existente no centro do lago mencionado por Diodoro (vide 131. *1*) era talvez a Chaamba Bou Rouba, no Saara. Diodoro parece referir-se a uma

catástrofe desse tipo em seu relato sobre as amazonas e os atlantes (III. 55): “E diz-se que, como resultado dos terremotos, as zonas da Líbia próximas ao oceano submergiram no lago Tritônis, fazendo-o desaparecer.” Como esse lago ainda existia em sua época, o que o autor provavelmente quis dizer é que, “como resultado dos terremotos do Mediterrâneo ocidental, o mar engoliu parte da Líbia e formou o lago Tritônis”. O Zuider Zee e o lago Copaic foram recuperados, e o lago Tritônis, que, segundo Scylax, ainda ocupava uma extensão de 1.440 km^2 na época clássica, ficou reduzido aos pântanos salgados de Chott Melghir e Chott el Jerid. Se isso foi a Atlântida, os agricultores que se viram desapossados emigraram, alguns para o Marrocos, no oeste, outros para o Saara, no sul, outros ainda para o leste, chegando ao Egito e indo mais além, e levaram sua história para todos esses lugares. Outros poucos permaneceram junto ao lago. É muito provável que os elefantes citados por Platão se achassem nesse território, ainda que a costa montanhosa da Atlântida pertença a Creta, lugar que os egípcios, que detestavam o mar, conheciam apenas de ouvir dizer.

7. Os cinco pares de filhos gêmeos de Poseidon que juraram fidelidade a Atlas devem ter sido representantes, em Faros, dos reinos “Keftiu”, aliados dos cretenses. Na época micênica, a dupla soberania havia se convertido em algo normal: Esparta, com Castor e Pólux; Messênia, com Idas e Linceu; Argos, com Preto e Acrísio; Tirinto, com Hércules e Íficles; Tebas, com Etéocles e Polinice. A ambição e a crueldade dos filhos de Poseidon só se manifestaram depois da queda de Cnossos, quando a integridade comercial desapareceu e os mercadores se transformaram em piratas.

8. O nome de Prometeu, “premeditação”, pode ter-se originado a partir de uma má interpretação grega do vocábulo sânscrito *pramantha*, a suástica, ou a broca de fogo, supostamente inventada por ele, tendo em vista que o Zeus Prometeu em Turi foi representado segurando uma broca de fogo. Prometeu, o legendário herói indo-europeu, chegou a se confundir com o herói cariate Palamedes, inventor ou distribuidor (por inspiração da deusa) de todas as artes civilizadas, e com o deus babilônico Ea, a quem se atribuía a criação de um esplêndido homem a partir do sangue de Kingu (uma espécie de Cronos), ao passo que a deusa-mãe Aruru criou um homem inferior a partir do barro. Os irmãos Pramanthu e Manthu, presentes no *Bhagavata Purâna*, uma epopeia sânscrita, talvez sejam os protótipos de Prometeu e Epimeteu (“malícia”). Entretanto, o relato de Hesíodo a propósito de Prometeu, Epimeteu e Pandora não é um mito genuíno, mas uma fábula antifeminista, provavelmente inventada por ele mesmo, embora baseada na história de Demofonte e Fílis (ou Fílida) (vide 169. *j*). Pandora (“aquela que tem todos os dons”) era a deusa-Terra Reia, venerada sob esse título em Atenas e outros lugares (Aristófanes: *Os pássaros*

971; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* VI. 39), a quem o pessimista Hesíodo acusa de ser a responsável pela mortalidade do homem e por todos os males que perturbam a vida, assim como pelo comportamento frívolo e indecoroso das esposas. Sua história da divisão do touro é tampouco um mito, mas uma anedota cômica, inventada para justificar a punição de Prometeu e a anomalia de oferecer aos deuses somente a gordura e os fêmures dos animais sacrificados. No *Gênesis*, a santidade desses ossos é explicada pelo aleijão de Jacó, infligido por um anjo durante uma luta corpo a corpo. O pote de Pandora (e não caixa) continha originalmente almas aladas.

9. Os ilhéus gregos ainda levam fogo de um lugar para outro no oco de um funcho gigante, e o acorrentamento de Prometeu no monte Cáucaso pode ser uma lenda colhida pelos helenos enquanto migravam para a Grécia a partir do mar Cáspio: a de um gigante de gelo, recostado na neve dos altos cumes e acompanhado por uma revoada de abutres.

10. Os atenienses esforçavam-se em negar que sua deusa tomara Prometeu como amante, o que sugere que localmente ele havia sido associado a Hefesto, outro deus e inventor do fogo, sobre o qual se contava a mesma história (vide 25. *b*) por compartilhar um templo com Atena na Acrópole.

11. Menécio (“força arruinada”) é um rei sagrado do culto ao carvalho. O nome se refere talvez à sua mutilação ritual (vide 7. *1* e 50. *2*).

12. A suástica orientada para a direita é um símbolo do Sol, enquanto a orientada para a esquerda é um símbolo da Lua. Entre os *akans* da África ocidental, um povo de ascendência líbio-berbere (vide o final da *Introdução*), ela representa a deusa tripla Ngame.

NOTAS

[1] Eustácio: *Sobre Homero,* p. 987; Hesíodo: *Teogonia* 507 *et seq.*; Apolodoro: I. 2. 3.

[2] Platão: *Timeu* 6 e *Crítias* 9-10.

[3] Homero: *Odisseia* I. 52-54; Hesíodo: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 150.

[4] Diodoro Síclo: IV. 27; Apolodoro: II. 5. 11; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 630.

[5] Ésquilo: *Prometeu acorrentado* 218, 252, 445 *et seq.*, 478 *et seq.* e 228-236.

[6] Hesíodo: *Teogonia* 521-564; Luciano: *Diálogos dos deuses* I e *Prometeu no Cáucaso* 3.

[7] Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio VI. 42.

[8] Hesíodo: *Os trabalhos e os dias* 42-105 e *Teogonia* 565-619; escoliasta sobre Apolônio de Rodes II. 1.249.

40

EOS

Ao término de cada noite, Eos (Aurora, entre os romanos), de dedos rosados e túnica cor de açafrão, filha dos titãs Hipérion e Teia, ergue-se de seu leito no Oriente, monta em sua carruagem puxada pelos cavalos Lampo e Faetonte e dirige-se ao Olimpo, onde anuncia a chegada de seu irmão Hélio. Ao surgimento de Hélio, ela se converte em Hemera e o acompanha em suas viagens, até que, como Hespéria, anuncia a chegada de ambos, sãos e salvos, às margens ocidentais de Oceano.[1]

b. Afrodite, humilhada ao encontrar Ares na cama com Eos, lançou sobre ela a maldição de desejar constantemente jovens mortais. A partir de então Eos passou a seduzir, secreta e vergonhosamente, um jovem após outro. Primeiro Órion, depois Céfalo, em seguida Clito, neto de Melampo. E isso apesar de ser casada com Astreu, membro de uma estirpe de titãs, a quem ela deu não apenas os Ventos do Norte (Bóreas), do Oeste (Zéfiro) e do Sul (Noto ou Austro), como também Fósforo e, segundo alguns, todas as outras estrelas do Céu.[2]

c. Finalmente, Eos arrebatou Ganimedes e Titono, filhos de Tros ou Ilo. Quando Zeus roubou-lhe Ganimedes, ela lhe pediu que outorgasse a imortalidade a Titono e foi atendida. Mas esqueceu de acrescentar ao pedido a juventude eterna para o amante, dom que Selene obtivera para Endimião. Titono a cada dia ia ficando mais velho, mais grisalho, mais enrugado, e sua voz, cada vez mais estridente. Cansada de cuidar dele, Eos o trancou em seu dormitório, onde Titono se transformou numa cigarra.[3]

1. A donzela da Aurora era uma fantasia helênica aceita com relutância pelos mitógrafos como uma titânide da segunda geração. Sua carruagem puxada por dois cavalos e seu anúncio do advento do Sol são mais alegorias do que mitos.

2. Os constantes casos de amor de Eos com jovens mortais são também alegorias: a aurora traz aos amantes noturnos um renascimento da paixão erótica, além de ser o momento mais propício para os homens ficarem arrebatados pela febre. A alegoria de sua união com Astreu é bastante simples: as estrelas se fundem com a aurora no Oriente, e, como se fosse sua emanação, surge Astreu, o vento da aurora. Em seguida, como se supunha que o vento era um agente fertilizante, Eos engendrou com Astreu a Estrela da Manhã, a única que ficava sozinha no céu. (Astreu era outro nome para Céfalo, que teria também gerado com Eos a Estrela da Manhã.) Deduziu-se filosoficamente que, por ser a Estrela da Tarde a mesma coisa que a Estrela da Manhã, e dado que a Aurora é a última manifestação da Noite, todas as estrelas tinham que ter nascido de Eos, assim como todos os ventos, exceto o vento do amanhecer. Tal alegoria, entretanto, contradizia o mito da criação de Bóreas pela deusa-Lua Eurínome (vide 1. *1*).

3. Na arte grega, Eos e Hemera são personagens idênticos. O alegorista deu a Titono o significado de “garantia de prolongação” (de *teino* e *one*), referindo-se à prolongação de sua vida a pedido de Eos. Mas é muito mais provável que se trate de uma forma masculina do próprio nome de Eos, Titonë — de *tito,* “dia” (Tzetzes: *Sobre Licofrone* 941), e *one,* “rainha” — significando “parceiro da Rainha do Dia”. As cigarras começam sua atividade tão logo o dia esquenta, e a cigarra dourada era um emblema de Apolo como o deus-Sol entre os colonos gregos da Ásia Menor.

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* V. 1 e XXIII. 244-246; Teócrito: *Idílios* II. 148.

[2] Apolodoro: I. 4. 4; Homero: *Odisseia* XV. 250; Hesíodo: *Teogonia* 378-382.

[3] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 115; *Hino homérico a Afrodite* 218-238; Hesíodo: *Teogonia* 984; Apolodoro: III. 12. 4; Horácio: *Odes* III. 20; Ovídio *Os fastos* I. 461.

41

ÓRION

Órion, caçador de Híria, na Beócia, o mais belo homem vivo, era filho de Poseidon e Euríale. Um dia, chegando à ilha de Quios, a um outro lugar também chamado Híria, apaixonou-se por Mérope, filha de Enopião, que, por sua vez, era filho de Dionísio. Prometendo-lhe a filha em casamento, Enopião exigiu que, antes, Órion libertasse a ilha dos perigosos animais selvagens que a devastavam, tarefa a que ele se dedicou com empenho, levando a Mérope, toda noite, a pele dos animais abatidos. Mas, quando finalmente terminou de cumprir o combinado e a reclamou como esposa, Enopião reportou-lhe rumores de que leões, ursos e lobos ainda rondavam as colinas, recusando-se a entregar-lhe a filha, por quem, na verdade, ele próprio tinha se apaixonado.

b. Uma noite, enfastiado, Órion embriagou-se a tal ponto com o vinho de Enopião que, exaltando-se, irrompeu no quarto de Mérope e a violou. Ao amanhecer, Enopião invocou seu pai, Dionísio, que mandou sátiros para animarem Órion a continuar bebendo vinho até cair em sono profundo. Nesse momento, Enopião arrancou-lhe os olhos e o abandonou à beira-mar. Um oráculo anunciou que o cego recuperaria a visão caso viajasse para o leste e dirigisse suas órbitas vazias para Hélio, no exato ponto do Oceano onde ele começa a subir. Órion pôs-se imediatamente a remar um barquinho e, seguindo o som do martelo de um ciclope, chegou a Lemnos. Lá, entrou na oficina de Hefesto, agarrou um aprendiz chamado Cedalião e o levou sobre os ombros como guia. Cedalião o conduziu por terra e por mar até que finalmente chegaram ao lugar mais remoto do Oceano, onde Eos se apaixonou por Órion e seu irmão Hélio devolveu-lhe a visão.

c. Após visitar Delos na companhia de Eos, Órion regressou para se vingar de Enopião, mas não conseguiu encontrá-lo em parte alguma de Quios, pois ele

estava escondido numa câmara subterrânea que Hefesto lhe havia construído. Velejando rumo a Creta, para onde presumiu que Enopião teria fugido em busca da proteção de seu avô Minos, Órion encontrou-se com Ártemis, que comungava com ele do amor pelas caçadas. Ela logo o persuadiu a esquecer a vingança para, em vez disso, irem caçar juntos.[1]

d. Agora, Apolo estava inteirado de que Órion não só havia rechaçado o convite de Eos ao seu leito na ilha sagrada de Delos — a Aurora ainda se ruboriza todo dia ao lembrar-se de tal indiscrição —, como também se gabava de que libertaria toda a terra de animais selvagens e monstros. Assim, temendo que sua irmã Ártemis pudesse se mostrar tão suscetível quanto Eos, Apolo foi ter com a Mãe Terra e, segredando-lhe maldosamente a vaidade de Órion, conseguiu fazer com que um monstruoso escorpião o perseguisse. Órion atacou o escorpião primeiro com flechas e depois com a espada, mas, ao dar-se conta de que a couraça do animal resistia a qualquer arma dos mortais, atirou-se ao mar e nadou na direção de Delos, onde esperava que Eos o protegesse. Apolo, então, chamou Ártemis: "Você está vendo aquele objeto negro balançando no meio do mar, lá longe, perto de Ortígia? É a cabeça de um vilão chamado Candaon, que acabou de seduzir Ópis, uma de suas sacerdotisas hiperbóreas. Desafio-a a atravessá-lo com uma de suas flechas!" Candaon era o apelido beócio de Órion, mas Ártemis não sabia disso. Ela apontou, disparou e, quando saiu nadando para recolher sua presa, viu que tinha atingido a cabeça de Órion. Tomada de uma grande dor, ela implorou ao filho de Apolo, Asclépio (Esculápio), que o fizesse reviver, e ele concordou, mas foi fulminado por Zeus antes que pudesse completar sua tarefa. Então Ártemis colocou a imagem de Órion entre as estrelas, eternamente perseguido por Escorpião. Sua alma já havia descido para os Campos de Asfódelos.

e. Há quem diga, entretanto, que Órion morreu picado pelo escorpião e que Ártemis estava ressentida com ele por ter perseguido, com intenções amorosas, suas companheiras virgens, as sete Plêiades (ou Atlântidas), filhas de Atlas e Plêione. Elas fugiram pelas pradarias da Beócia até que os deuses, havendo-as transformado em pombas, puseram suas imagens entre as estrelas. Trata-se, porém, de um relato equivocado, posto que as Plêiades não eram virgens: três delas haviam tido relações com Zeus, duas com Poseidon, uma com Ares, e a sétima se casou com Sísifo de Corinto, razão pela qual não fora incluída na constelação, pois Sísifo era um mero mortal.[2]

f. Outros contam uma estranha versão do nascimento de Órion para justificar seu nome (que às vezes se escreve Urion) e a tradição de ser filho da Mãe Terra. Hirieu, um humilde apicultor e lavrador, havia feito um juramento de não ter filhos, tornando-se velho e impotente. Um dia, quando Zeus e Hermes,

usando disfarces, o visitaram e desfrutaram sua hospitalidade, perguntaram-lhe qual seria a dádiva que ele mais desejava. Suspirando profundamente, Hirieu respondeu-lhes que o que mais queria era ter um filho, mas que agora isso se tornara impossível. Entretanto, os deuses o aconselharam a sacrificar um touro, urinar sobre sua pele e depois enterrá-lo na tumba de sua esposa. Assim fez ele, e, nove meses mais tarde, nasceu-lhe um filho, a que ele chamou Uroin — "aquele que urina" —, e, de fato, tanto o surgimento quanto o ocaso da constelação de Órion trazem consigo a chuva.[3]

1. A história de Órion compõe-se da reunião de três ou quatro mitos desconexos. O primeiro deles, transmitido de maneira confusa, é o de Enopião. Ele se refere à resistência do rei sagrado em ceder seu trono ao término do reinado, mesmo quando o novo candidato à realeza já havia passado pelos combates rituais e se casado com a rainha nas costumeiras festas. Mas o novo rei é apenas um *interrex* que, após reinar durante um dia, é devidamente assassinado e devorado pelas mênades (vide 30. *1*), ao passo que o velho rei, que fingia estar morto numa tumba, volta a celebrar núpcias com a rainha e continua o seu reinado (vide 123. *4*).

2. O irrelevante detalhe do martelo do ciclope explica a cegueira de Órion: ao que parece, uma imagem mitológica de Odisseu queimando o olho do ciclope bêbado (vide 170. *d*) foi associada a uma alegoria helênica sobre a forma como o titã Solera, cegado a cada noite por seus inimigos, recuperava a visão no dia seguinte graças à Aurora. Aqui, na verdade, Órion ("o habitante das montanhas") e Hipérion ("o habitante das alturas") estão associados. O alarde de Órion de que exterminaria os animais selvagens, além de se referir a seus combates rituais (vide 123. *1*), é também uma fábula do Sol nascente, em cuja presença todos os animais selvagens se retiram para as suas tocas (cf. *Salmos* CIV. 22).

3. O relato de Plutarco sobre o escorpião enviado pelo deus Set para matar o menino Hórus, filho de Ísis e Osíris, durante o período mais quente do verão, explica a morte de Órion em consequência da picada de um escorpião e a súplica de Ártemis dirigida a Asclépio (Plutarco: *Sobre Ísis e Osíris* 19). Hórus morreu, mas foi ressuscitado por Rá, o deus-Sol, e pôde mais tarde vingar a morte de seu pai Osíris. No mito original, Órion certamente voltaria a viver. De certa forma, Órion é também Gilgamesh, o Hércules babilônico, a quem homens-escorpiões atacam na Décima Tábua da epopeia do Calendário — um mito que se referia à

ferida mortal do rei sagrado no momento em que o Sol entrava em Escorpião. A estação exata em que ocorria essa ferida depende da antiguidade do mito. Quando o Zodíaco se originou, Escorpião era provavelmente um signo do mês de agosto, mas, na época clássica, a precessão dos equinócios o havia impelido para outubro.

4. Outra versão da morte de Órion encontra-se registrada numa das tábuas hititas de Ras Shamra. Anat, ou Anatha, a deusa da batalha, apaixonou-se por um belo caçador chamado Aqhat, mas quando ele, irritado, recusou-se a lhe dar seu arco, ela pediu ao assassino Yatpan que o roubasse. Para sua grande desgraça, o desastrado Yatpan não só matou Aqhat, como também deixou cair o arco no mar. O significado astronômico desse mito é que Órion e o Arco — uma parte da constelação que os gregos chamam de "O Cão" — desaparecem abaixo do horizonte meridional durante dois meses inteiros a cada primavera. Na Grécia, essa história parece ter sido adaptada a partir de uma lenda sobre como as sacerdotisas orgiásticas de Ártemis — sendo Ópis um título da própria Ártemis — mataram um visitante enamorado que chegara a sua ilhota de Ortígia. E, no Egito, dado que o regresso da constelação de Órion marca a chegada do calor estival, ela foi erroneamente associada a Set, inimigo de Hórus, sendo que as duas estrelas brilhantes situadas acima dele representam suas orelhas de asno.

5. Mais do que uma história cômica, o mito do nascimento de Órion talvez seja baseado no relato de Filêmon e Báucide (Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 670-724) e narrado com o objetivo de explicar a primeira sílaba de seu antigo nome, Urion — como se derivasse de *ourein*, "urinar", e não de *ouros*, a forma homérica de *oros*, "montanha". Entretanto, é possível que os gregos conhecessem um encantamento africano primitivo para atrair a chuva, que consiste em urinar sobre a pele de um touro. O fato de Órion ser filho de Poseidon, o deus aquático, é uma alusão clara aos seus poderes de fazer chover.

6. O nome Plêiades, da raiz *plei*, "velejar", refere-se à sua aparição no céu na estação em que se aproxima o tempo bom para navegar. Mas a forma *Peleiades*, "revoada de pombas", registrada por Píndaro, talvez seja a original, já que as *Híades* são porcos. Parece que uma sétima estrela do grupo se extinguiu lá pelo fim do segundo milênio a.C. (vide 67. *j*). Higino (*Fábula* 192) conta que Electra teria desaparecido por causa da aflição que lhe causou a destruição da Casa de Dárdano. A inútil perseguição de Órion atrás das Plêiades, que se produz na constelação de Touro, refere-se à aparição delas acima do horizonte, pouco antes do ressurgimento de Órion.

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* XI. 310; Apolodoro: I. 4. 3-4; Partênio: *Histórias de amor* 20; Luciano: *Sobre o salão* 28; Theon: *Sobre Arato* 638; Higino: *Astronomia poética* II. 34.

[2] Apolodoro: *loc. cit.*

[3] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio I. 539; Ovídio: *Os fastos* V. 537 *et seq.*; Higino: *Astronomia poética* II. 34.

42

HÉLIO

Hélio (Sol), filho de Teia, ou Eurifessa, a de olhos de vaca, e do titã Hipérion, é irmão de Selene e de Eos. Despertado pelo canto do galo que lhe é consagrado e anunciado por Eos, todos os dias ele atravessa os Céus em sua carruagem de fogo puxada por quatro cavalos, partindo de um magnífico palácio situado no extremo oriente, perto da Cólquida, até chegar a outro igualmente magnífico no extremo ocidente, onde seus cavalos são desatrelados e pastam nas ilhas dos Bem-Aventurados.[1] Na volta para casa, ele cruza o Oceano que flui ao redor do mundo, embarcando sua carruagem e seus cavalos num barco de ouro que Hefesto construiu especialmente para ele, e dorme a noite toda numa confortável cabine.[2]

b. Hélio pode ver tudo o que acontece na terra, mas não é propriamente um observador — uma vez chegou a não se dar conta de que os companheiros de Odisseu lhe estavam roubando o gado sagrado. Ele possui vários rebanhos desse gado, cada um formado por 350 cabeças. Os que pastam na Sicília são guardados por suas filhas Faetusa e Lampécia, mas seu melhor rebanho está na ilha espanhola de Eriteia.[3] Rodes é seu domínio absoluto. Quando Zeus estava repartindo ilhas e cidades aos diferentes deuses, esqueceu-se de incluir Hélio entre eles, e lamentou:

— Ai de mim, terei de começar tudo de novo!

— Não, senhor — respondeu Hélio, educadamente. — Hoje vi indícios de uma nova ilha que emerge do mar, ao sul da Ásia Menor. Eu me contentarei com ela.

c. Zeus chamou a Parca Láquesis para atestar que a tal nova ilha realmente passaria a pertencer a Hélio.[4] Quando Rodes emergiu acima das ondas, Hélio a reclamou como sua e ali teve seus sete filhos e uma filha com a ninfa Rode. Há

quem diga que Rodes já existia antes dessa época e reaparecera acima das ondas, após ter estado submersa durante o grande dilúvio enviado por Zeus. Os telquinos eram seus habitantes aborígenes, e Poseidon apaixonou-se por um deles, a ninfa Hália, com quem gerou Rode e seis filhos. Esses últimos ofenderam Afrodite quando ela ia de Citera para Pafos, e ela os enlouqueceu. Então, além de violarem a própria mãe, eles cometeram tantas outras atrocidades que Poseidon os confinou debaixo da terra. Eles se transformaram nos Demônios Orientais. Mas Hália atirou-se no mar e foi deificada como Leucoteia, embora o mesmo relato seja contado a propósito de Ino, mãe do coríntio Melicerta. Os telquinos, prognosticando a inundação da ilha, saíram com seus barcos em todas as direções, especialmente para a Lícia, e abandonaram seus direitos sobre Rodes. Por conseguinte, a ninfa Rode tornou-se a única herdeira, e os sete filhos que teve com Hélio governaram a ilha depois que ela voltou a emergir. Eles se tornaram astrônomos famosos e tiveram uma irmã chamada Electriona, que morreu virgem e é agora venerada como semideusa. Um deles, chamado Actis, foi desterrado por ter cometido fratricídio e fugiu para o Egito, onde fundou a cidade de Heliópolis e tornou-se o primeiro a ensinar astrologia aos egípcios, inspirado por seu pai, Hélio. Os habitantes de Rodes construíram, então, em sua homenagem, o Colosso, com setenta cúbitos de altura. Zeus também acrescentou aos domínios de Hélio a nova ilha da Sicília, que havia sido um projétil lançado durante a batalha com os gigantes.

d. Uma manhã, Hélio cedeu à pressão de seu filho Faetonte, que lhe pedia constantemente permissão para conduzir a carruagem solar. Faetonte queria demonstrar a suas irmãs Proto e Clímene sua estupenda habilidade e teve o incentivo de sua orgulhosa mãe, Rode (cujo nome é incerto pois, além de Rode, era chamada pelos nomes de suas duas filhas). Não sendo, porém, forte o bastante para controlar o galope impetuoso dos corcéis brancos que suas irmãs haviam atrelado à carruagem, Faetonte primeiro os levou a tal altura sobre a terra que todo o mundo começou a tremer de frio, e depois para tão perto da terra que queimou os campos. Zeus, num acesso de fúria, fulminou-o, e ele caiu no rio Pó. Suas irmãs, angustiadas, foram transformadas em álamos brancos que choram lágrimas de âmbar nas margens do rio. Conta-se também que elas teriam sido transformadas em amieiros.[5]

1. A subordinação do Sol à Lua, até Apolo usurpar o lugar de Hélio e fazer dele uma divindade intelectual, é um traço notável do mito grego primitivo. Hélio não era sequer um dos habitantes do Olimpo, mas um mero filho de titã e, embora mais tarde Zeus tenha tomado emprestadas algumas características solares do deus hitita e coríntio Tesup (vide 67. *1*) e de outras divindades solares orientais, elas tinham pouca importância se comparadas ao seu domínio do raio e do trovão. O número de reses nos rebanhos de Hélio — a *Odisseia* registra-o como Hipérion (vide 170. *t*) — é um lembrete de sua tutela à Grande Deusa, já que esse é o número de dias que cobrem 12 lunações completas, como no ano numano (Censorinus: XX), menos os cinco dias consagrados a Osíris, Ísis, Set, Hórus e Néftis. Ele é também um múltiplo dos dois números lunares sete e cinquenta. As chamadas filhas de Hélio são, de fato, sacerdotisas da Lua — sendo que, no mito europeu primitivo, o gado era formado mais por animais de tipo lunar do que solar. E a mãe de Hélio, a Eurifessa com olhos de vaca, é a mesma deusa-Lua. A alegoria de uma carruagem solar atravessando o céu é essencialmente helênica, mas Nilsson, em seu *Primitive Time-reckoning* (1920), demonstrou que os antigos cultos dos clãs, inclusive os da Grécia clássica, eram regulados somente pela Lua, assim como a economia agrícola da Beócia de Hesíodo. Um anel de ouro de Tirinto e outro da Acrópole de Micenas provam que a deusa controlava tanto a Lua quanto o Sol, que estão situados acima de sua cabeça.

2. Na história de Faetonte, que é outro nome para o próprio Hélio (Homero: *Ilíada* XI. 735 e *Odisseia* V. 479), foi enxertada uma fábula instrutiva sobre a alegoria da carruagem, cuja lição moral era que os pais não deviam mimar seus filhos homens escutando os conselhos femininos. Essa fábula, contudo, não é tão simples como parece: ela detém uma importância mítica em sua referência ao sacrifício anual do príncipe real, realizado no dia reconhecido como o único pertencente ao ano terrestre e não ao sideral, ou seja, o dia seguinte ao dia mais curto do ano. O rei sagrado fingia morrer ao pôr do sol. Imediatamente depois, o menino *interrex* era investido de seus títulos, dignidades e acessórios sagrados, casava-se com a rainha e morria 24 horas mais tarde de diferentes maneiras: na Trácia, mulheres disfarçadas de cavalos (vide 27. *d* e 130. *1*) o esquartejavam. Já em Corinto e em outros lugares, ele era amarrado a uma carruagem solar puxada por cavalos enlouquecidos, que o arrastavam até despedaçá-lo. Em seguida, o rei solar ressurgia da tumba onde havia se escondido (vide 41. *1*), apresentando-se como sucessor do menino. Os mitos de Glauco (vide 71. *a*), Pélope (vide 109. *j*) e Hipólito (“estouro de cavalos” — vide 101. *g*) referem-se a esse costume, que parece ter sido levado à Babilônia pelos hititas.

3. Os álamos negros eram consagrados a Hécate, mas os brancos representavam uma promessa de ressurreição (vide 31. *5* e 134. *f*). Assim, a transformação das irmãs de Faetonte em álamos indica uma ilha sepulcral onde um colégio de sacerdotisas oficiava no Oráculo de um rei tribal. A suposição de que também tenham sido transformadas em amieiros reforça essa tese, já que os amieiros margeavam a Eea (“lamento”) de Circe, uma ilha sepulcral situada na nascente do Adriático, não muito longe da foz do rio Pó (Homero: *Odisseia* V. 64 e 239). Os amieiros eram consagrados a Foroneu, o herói oracular e inventor do fogo (vide 57. *1*). O vale do Pó era o ponto final meridional da rota da Idade do Bronze, pela qual se transportava o âmbar (consagrado ao Sol) do Báltico até o Mediterrâneo (vide 148. *9*).

4. Rodes era propriedade da deusa-Lua Dânae — chamada Cameira, Ialisa e Linda (vide 60. *2*) —, até ela ser expulsa pelo deus solar hitita Tesup, venerado como touro (vide 93. *1*). Dânae pode ser identificada com Hália (“a do mar”), Leucoteia (“Deusa Branca”) e Electriona (“âmbar”). Os seis filhos e uma filha de Poseidon, e os sete filhos de Hélio, aludem a uma semana de sete dias regida pelas potências planetárias ou titãs (vide 1. *3*). Actis não fundou Heliópolis — Onn, ou Aunis —, uma das cidades mais antigas do Egito, e a pretensão de haver ensinado astrologia aos egípcios é ridícula. Mas, depois da Guerra de Troia, os habitantes de Rodes foram, por certo tempo, os únicos comerciantes marítimos reconhecidos pelos faraós e, ao que parece, mantinham antigos laços religiosos com Heliópolis, centro do culto a Rá. O “Zeus heliopolitano” que segura os bustos das sete potências planetárias talvez tenha sido inspirado pela tradição de Rodes, assim como estátuas semelhantes encontradas em Tortosa, na Espanha, e na cidade fenícia de Biblos (vide 1. *4*).

NOTAS

[1] *Hino homérico a Hélio* 2 e 9-16; *Hino homérico a Atena* 13; Hesíodo: *Teogonia* 371-374; Pausânias: V. 25. 5; Nono: *Dionisíacas* XII. 1; Ovídio: *As metamorfoses* II. 1 *et seq.* e 106 *et seq.*; Higino: *Fábula* 183; Ateneu: VII. 296.

[2] Apolodoro: II. 5. 10; Ateneu: XI. 39.

[3] Homero: *Odisseia* XII. 323 e 375; Apolodoro: I. 6. 1; Teócrito: *Idílios* XXV. 130.

[4] Píndaro: *Odes olímpicas* VII. 54 *et seq.*

[5] Escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: VI. 78; Tzetzes: *Quilíades* IV. 137; Higino: *Fábulas* 52, 152 e 154; Eurípides: *Hipólito* 737; Apolônio de Rodes: IV. 598 *et seq.*; Luciano: *Diálogos dos deuses* 25; Ovídio: *As metamorfoses* I. 755 *et seq.*; Virgílio: *Églogas* VI. 62; Diodoro Sículo: V. 3; Apolodoro: I. 4. 5.

43

OS FILHOS DE HELENO

Heleno, filho de Deucalião, casou-se com Orseis e se estabeleceu na Tessália, onde foi sucedido por seu filho mais velho, Éolo.[1]

b. O filho mais moço de Heleno, Doro, emigrou para o monte Parnaso, onde fundou a primeira comunidade dória. O segundo filho, Xuto, já havia fugido para Atenas após ter sido acusado de roubo por seus irmãos e, lá, casou-se com Creúsa, filha de Erecteu, que lhe deu os filhos Íon e Aqueu. Assim, as quatro nações helênicas mais famosas, as dos jônios (iônios), eólios, aqueus e dórios, são todas descendentes de Heleno. Mas Xuto não prosperou em Atenas: ao ser eleito árbitro, logo após a morte de Erecteu, ele proclamou seu cunhado mais velho, Cécrope Segundo, herdeiro legal do trono. Tal decisão o tornou muito impopular, e Xuto, banido da cidade, morreu em Egialo, atual Acaia.[2]

c. Éolo seduziu a filha de Quíron, a profetisa Teia, chamada por alguns de Tétis, que era companheira de caça de Ártemis. Teia temia que a ira de Quíron recaísse sobre ela quando soubesse de sua gravidez, mas não ousou pedir ajuda a Ártemis. Entretanto, Poseidon, desejando fazer um favor ao amigo Éolo, transformou-a temporariamente numa égua chamada Evipe. Quando ela pariu seu potro, Melanipa, Poseidon transformou-o numa menina e pôs a imagem de Teia entre as estrelas, que agora são chamadas de constelação do Cavalo. Éolo encarregou-se de Melanipa, mudou seu nome para Arne e a confiou a um tal Desmontes que, por não ter filhos, ficou feliz em adotá-la. Quíron não ficou sabendo de nada.

d. Poseidon seduziu Arne, em quem estava interessado desde que ela atingira a maioridade. Desmontes, ao descobrir que ela estava grávida, cegou-a, trancou-a numa tumba vazia e só lhe dava uma quantidade mínima de pão e água para que continuasse viva. Ali mesmo ela deu à luz gêmeos. Desmontes, então,

ordenou a seus servidores que abandonassem os meninos no monte Pélion, para que fossem devorados por feras selvagens. Mas um pastor da Icária os encontrou ali e os socorreu. Um deles se parecia tanto com o avô materno que recebeu o nome de Éolo. O outro teve de se contentar com o nome de Beoto.

e. Nessa ocasião, Metaponto, rei da Icária, havia ameaçado divorciar-se de sua esposa estéril, Teano, se ela não lhe desse um filho dentro de um ano. Enquanto ele estava ausente visitando um oráculo, Teano pediu ajuda ao pastor, e este lhe deu as crianças que havia encontrado, que ela fez passar por suas, quando Metaponto regressou. Mais tarde, provando não ser estéril em absoluto, ela acabou lhe dando dois filhos gêmeos. Mas os que haviam sido abandonados, por serem de ascendência divina, eram muito mais bonitos que os outros dois, e, como Metaponto não tinha motivos para suspeitar de que Éolo e Beoto não fossem seus filhos, eles continuaram sendo seus preferidos. Cada vez mais enciumada, Teano esperou que Metaponto partisse novamente em viagem, dessa vez para fazer um sacrifício no santuário da Ártemis Metapôntica. Ela então ordenou aos próprios filhos que fossem caçar com seus irmãos mais velhos e os assassinassem simulando um acidente. Entretanto, o plano de Teano falhou, pois, durante a luta, Poseidon veio socorrer seus filhos. Éolo e Beoto logo retornaram ao palácio, trazendo os cadáveres de seus agressores, e, quando Teano viu que se aproximavam, matou-se com uma faca de caça.

f. Dada a situação, Éolo e Beoto fugiram para a casa de seu pai de criação, o pastor, onde Poseidon em pessoa revelou-lhes o segredo de sua ascendência, ordenando-lhes que resgatassem sua mãe da tumba onde definhava e matassem Desmontes. Eles obedeceram sem nenhuma hesitação. Poseidon então devolveu a Arne a visão, e os três voltaram para Icária. Quando Metaponto soube que Teano o havia enganado, casou-se com Arne e adotou formalmente os filhos dela como herdeiros.[3]

g. Tudo andou bem por alguns anos, até que Metaponto decidiu deixar Arne e casar-se novamente. Éolo e Beoto ficaram do lado da mãe e, na disputa que se seguiu, mataram Autolita, a nova rainha, mas viram-se obrigados a renunciar à sua herança e fugir. Beoto e Arne se refugiaram no palácio do avô Éolo, que lhes cedeu a zona meridional de seu reino, rebatizando-a de Arne — seus habitantes ainda se chamam beócios. Duas cidades da Tessália, uma das quais se tornou mais tarde Queroneia, adotaram também o nome de Arne.[4]

h. Éolo, que nesse meio-tempo havia zarpado com um grupo de amigos, seguiu para o oeste e tomou posse das sete Ilhas Eólias no mar Tirreno, onde se tornou famoso como confidente dos deuses e guardião dos ventos. Sua casa era em Lípara, uma ilha flutuante de recifes escarpados que confinavam os ventos. Ele teve seis filhos e seis filhas com sua mulher, Enarete, e todos viviam juntos e

felizes num palácio rodeado por uma muralha de bronze. Era uma vida repleta de festas, música e diversão, até que um dia Éolo descobriu que seu filho mais moço, Macareu, vinha se deitando com a irmã, Cânace. Horrorizado, atirou aos cães o fruto desse amor incestuoso e entregou a Cânace uma espada, com a qual ela obedientemente se matou. Mais tarde, porém, ele ficou sabendo que seus outros filhos e filhas, nunca tendo sido advertidos de que o incesto entre os humanos era malvisto pelos deuses, haviam se dividido inocentemente em pares e acreditavam ser maridos e esposas uns dos outros. Não querendo ofender Zeus, que considerava o incesto uma prerrogativa do Olimpo, Éolo rompeu essas uniões e ordenou a quatro de seus filhos restantes que emigrassem. Eles, então, foram para a Itália e para a Sicília, onde cada qual fundou um reino famoso, rivalizando com o pai em castidade e justiça. Só o quinto filho, o mais velho, ficou em casa, por ser o sucessor de Éolo ao trono de Lípara. Mas há quem diga que Macareu e Cânace tiveram uma filha, Anfissa, que mais tarde foi amada por Apolo.[5]

i. Zeus havia confinado os ventos, pois temia que, a menos que estivessem sob controle, eles poderiam um dia varrer a terra e o mar para dentro do ar, e Éolo ficou encarregado deles, conforme o desejo de Hera. Sua tarefa consistia em deixá-los sair um a um segundo seu próprio critério, ou levando em consideração o pedido de alguma divindade olímpica. Caso uma tempestade fosse encomendada, ele cravava sua lança num lado do rochedo, deixando os ventos saírem em golfadas do buraco que havia feito, até voltar a fechá-lo. Éolo era tão discreto e eficaz que, quando chegou a hora de sua morte, Zeus não o condenou ao Tártaro, mas o assentou num trono dentro da caverna dos Ventos, onde ele ainda pode ser encontrado. Hera insiste em que as responsabilidades de Éolo dão a ele o direito de participar dos festins dos deuses, mas os outros olimpianos — sobretudo Poseidon, que reclama o mar e o ar por cima dele como sua propriedade e nega aos demais o direito de criar tempestades — consideram-no um intruso.[6]

1. Os jônios e os eólios, que representaram as primeiras duas ondas patriarcais helenas a invadir a Grécia, foram persuadidos pelos helênicos, que ali já habitavam, a venerar a deusa tripla e, por conseguinte, a modificar seus costumes sociais, tornando-se gregos (*graikoi*, "adoradores da deusa Greia, ou Velha"). Mais tarde, os aqueus e os dórios conseguiram implantar a lei patriarcal

e a herança patrilinear e, portanto, descreveram Aqueu e Doro como filhos da primeira geração de um antecessor comum, Heleno, forma masculina da deusa-Lua Hele, ou Helena. A *Crônica pariana* registra que essa mudança de gregos para helenos ocorreu em 1521 a.C., o que parece uma data bastante razoável. Éolo e Íon foram então relegados à segunda geração e chamados de filhos do ladrão Xuto, sendo essa uma forma de denunciar a devoção eólica e jônica à orgiástica deusa-Lua Afrodite — cuja ave sagrada era o *xuthos*, ou pardal, e cujas sacerdotisas não davam a mínima importância à visão patriarcal de que as mulheres eram propriedades de seus pais e maridos. Mas Eurípides, como leal jônico de Atenas, faz de Íon o irmão mais velho de Doro e Aqueu, bem como filho de Apolo (vide 44. *a*).

2. A sedução de Melanipa e da Deméter com Cabeça de Égua (vide 16. *f*) por parte de Poseidon, bem como a sedução de Evipe por Éolo, referem-se talvez ao mesmo acontecimento: a conquista por parte dos eólios dos centros pré-helênicos de culto ao cavalo. O mito em que Arne é cegada e aprisionada numa tumba onde dá à luz os gêmeos Éolo e Beoto, sendo ambos, em seguida, abandonados numa montanha entre os animais selvagens, é derivado, aparentemente, do ícone familiar que deu lugar aos mitos de Dânae (vide 73. *4*), Antíope (vide 76. *a*) e ao resto. Uma sacerdotisa da Mãe Terra aparece agachada numa tumba *tholus*, apresentando os gêmeos do Ano-novo aos pastores, para que os Mistérios da deusa sejam revelados. As tumbas *tholus* têm suas entradas sempre voltadas para o Oriente, como sinal de promessa de renascimento. Esses pastores são instruídos no sentido de relatar que encontraram os recém-nascidos abandonados na encosta da montanha, sendo amamentados por algum animal sagrado — vaca, porca, cabra, cadela ou loba. As feras selvagens, das quais supostamente as crianças foram salvas, representam as transformações sazonais do rei sagrado recém-nascido (vide 30. *1*).

3. Excetuando a questão dos ventos aprisionados e do incesto familiar ocorrido em Lípara, o resto do mito se refere a migrações tribais. Os mitógrafos são totalmente confusos no que diz respeito ao Éolo filho de Heleno, a outro Éolo, que dizem ser filho de Xuto, para justificar a inclusão dos eólios entre os gregos da terceira geração, e a um terceiro Éolo, neto do primeiro.

4. Dado que os deuses homéricos não consideraram o incesto dos filhos e filhas de Éolo como algo minimamente repreensível, parece que tanto Éolo quanto Enarete não eram mortais subordinados às leis sacerdotais de parentesco e afinidade, mas sim titãs. E seus filhos e filhas parecem ter sido os seis pares restantes a serviço dos sete corpos celestiais e dos sete dias da semana sagrada (vide 1. *d*). Isso explicaria sua existência privilegiada, similar à dos deuses, sem terem de se preocupar com comida, bebida ou indumentária, vivendo num

palácio inexpugnável, construído sobre uma ilha flutuante, como Delos antes do nascimento de Apolo (vide 14. *3*). “Macareu” significa “feliz”, como somente os deuses podiam ser. Coube aos mitógrafos latinos a tarefa de humanizar Éolo e incitá-lo a observar seriamente o comportamento de sua família. Essa emenda que fizeram ao mito lhes permitiu justificar tanto a fundação dos reinos eólios na Itália e na Sicília — pois “Cânace” significa “latido”, e seu filho foi atirado aos cães — quanto o costume italiano de sacrificar cachorros. Ao que parece, Ovídio colheu essa história do segundo livro da História Etrusca de Sóstrato (Plutarco: *Vidas paralelas* 28).

5. Os ventos eram originalmente propriedade de Hera, e os deuses masculinos não tinham poder sobre eles. Na verdade, conforme diz Diodoro em seu relato, Éolo simplesmente ensina aos ilhéus o uso das velas de navegação e prediz, mediante os sinais que vê no fogo, que ventos soprarão. O controle dos ventos, considerados espíritos dos mortos, é um dos privilégios que os representantes da deusa da morte se mostraram mais contrariados em abandonar. As bruxas da Inglaterra, Escócia e Bretanha ainda reivindicavam o controle e a venda dos ventos aos marinheiros, nos séculos XVI e XVII. Mas os dórios tinham sido radicais: já na época de Homero elevaram Éolo, antecessor epônimo dos eólios, à categoria de divindade de segunda ordem, e o colocaram a cargo de seus companheiros ventos à custa de Hera, pois as Ilhas Eólias, que levam seu nome, estão situadas numa região famosa pela violência e diversidade de seus ventos (vide 170. *g*). Tal acordo parece ter sido aceito de má vontade pelos sacerdotes de Zeus e Poseidon, que se opunham à criação de novas divindades, e sem dúvida também pelos devotos conservadores de Hera, que consideravam os ventos como propriedade inalienável de sua deusa.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 7. 3.

[2] Heródoto: I. 56; Pausânias: VII. 1. 2.

[3] Higino: *Fábula* 186; *Astronomia poética* II. 18.

[4] Diodoro Síciulo: IV. 67. *6*; Pausânias: IX. 40. 3.

[5] Ovídio: *Heroidas* XI; Homero: *Odisseia* X. 1 *et seq.*; Higino: *Fábula* 238; Plutarco: *Vidas paralelas* 28; Diodoro Síciulo: V. 8; Pausânias: X. 38. 2.

[6] Homero: *Odisseia loc. cit*.; Virgílio: *Eneida* I. 142-145.

44

ÍON

Apolo deitou-se em segredo com Creúsa, filha de Erecteu e esposa de Xuto, numa caverna debaixo dos Propileus Atenienses. Quando seu filho nasceu, Apolo o levou para Delfos, onde ele passou a servir num templo, e os sacerdotes lhe deram o nome de Íon. Xuto não tinha herdeiros e, após muita protelação, foi finalmente ao Oráculo de Delfos perguntar como poderia conseguir um. Para sua surpresa, disseram-lhe que seu filho seria a primeira pessoa que cruzasse o seu caminho ao sair do santuário. Quem assim o fez foi Íon. Xuto chegou à conclusão de que o havia gerado com alguma mênade durante as promíscuas orgias dionisíacas de Delfos, muitos anos atrás. Íon não pôde contradizer tal fato e o reconheceu como pai. Mas Creúsa se sentiu ofendida ao saber que Xuto tinha agora um filho, enquanto ela não tinha nenhum, e tentou matar Íon oferecendo-lhe uma taça de vinho envenenado. Íon, contudo, derramou primeiro uma libação aos deuses, e uma pomba baixou dos céus para beber o vinho derramado. A pomba morreu, e Creúsa fugiu, em busca de abrigo, para o altar de Apolo. Quando o vingativo Íon tentou arrancá-la de lá, a sacerdotisa interveio, explicando que ele era filho de Creúsa e Apolo, embora Xuto devesse continuar acreditando que o havia gerado com uma mênade. Prometeu-se então a Xuto que ele viria a gerar Doro e Aqueu com Creúsa.

b. Posteriormente, Íon casou-se com Hélice, filha de Selino, rei de Egíalo, a quem sucedeu no trono e, depois da morte de Erecteu, foi eleito rei de Atenas. As quatro categorias profissionais dos atenienses — lavradores, artesãos, sacerdotes e soldados — receberam seus nomes a partir dos filhos nascidos de Íon e Hélice.[1]

1. Esse mito teatral é contado para reforçar a tese de que os jônios são mais antigos que os dórios e aqueus (vide 43. *1*) e também para conferir-lhes a ascendência divina de Apolo. Mas Creúsa na caverna talvez seja a deusa que apresenta a criança, ou as crianças, do Ano-novo ao pastor — confundido com Apolo em traje pastoral. Hélice, o salgueiro, era a árvore do quinto mês, consagrada à tripla musa e utilizada por sua sacerdotisa em todo tipo de bruxaria e magia aquática (vide 28. *5*). Parece que os jônios se subordinaram voluntariamente a ela.

NOTA

[1] Pausânias: VII. I. 2; Eurípides: *Íon*; Estrabão: VIII. 7. 1; Conon: *Narrações* 27.

45

ALCÍONE E CEÍCE

Alcíone era filha de Éolo, guardião dos ventos, e de Egiale. Casou-se com Ceíce de Traquine, filho de Eósforo ou Fósforo (Lúcifer, entre os romanos), a Estrela Matutina, e os dois eram tão felizes na companhia um do outro que Alcíone teve a audácia de adotar para si mesma o nome de Hera e para o marido, o de Zeus. Naturalmente, isso ofendeu os deuses em questão, que fizeram desabar uma tempestade sobre o barco em que Ceíce viajava para consultar um oráculo, afogando-o. Seu fantasma apareceu para Alcíone, que muito a contragosto havia permanecido em Traquine. Enlouquecida de dor, ela se atirou ao mar. Algum deus compassivo os transformou em martins-pescadores.

b. Agora, a cada inverno, o martim-pescador fêmea carrega o companheiro morto com grandes lamentos ao seu enterro, depois constrói um ninho muito compacto com os espinhos do peixe-agulha, lança-o ao mar, põe seus ovos nele e os choca, até que nasçam os filhotes. Ela faz tudo isso nos Dias de Alcíone — os sete que precedem o solstício de inverno e os sete que o sucedem —, enquanto Éolo proíbe a seus ventos que agitem as águas.

c. Mas há quem diga que Ceíce se transformou numa gaivota.[1]

1. A lenda do ninho da alcíone, ou do martim-pescador (que não tem nenhum fundamento na história natural, já que a alcíone não constrói nenhum tipo de ninho, mas põe seus ovos em buracos junto à água), pode se referir somente ao nascimento do novo rei sagrado no solstício de inverno — depois de

a rainha, que representa sua mãe, a deusa-Lua, haver conduzido o cadáver do antigo rei a uma ilha sepulcral. Mas, como o solstício de inverno nem sempre coincide com a mesma fase da Lua, "cada ano" deve ser entendido como "cada Grande Ano" de cem lunações, na última das quais os tempos lunar e solar mais ou menos se sincronizavam, marcando assim o término do reinado do rei sagrado.

2. Homero relaciona a alcíone com Alcíone (vide 80. *d*), um título de Cleópatra, esposa de Meléagro (*Ilíada* IX. 562), e com uma filha de Éolo, guardião dos ventos (vide 43. *h*). *Alcíone* não pode, portanto, significar *hal-cyon*, "cachorro-marinho", como geralmente se crê, mas deve corresponder a *alcy-one*, "a rainha que afugenta o mal". Essa derivação é confirmada pelo mito de Alcíone e Ceíce e pela maneira como são punidos por Zeus e Hera. Não é necessário destacar a parte da lenda que se refere à gaivota, embora esse pássaro, que tem um grito lamentoso, fosse consagrado à deusa marinha Afrodite, ou Leucoteia (vide 170. *y*), como a alcíone de Chipre (vide 160. *g*). Parece que, em fins do segundo milênio a.C., os navegantes eólios, que haviam decidido venerar a deusa-Lua pré-helênica como sua ancestral e protetora divina, tornaram-se tributários dos aqueus adoradores de Zeus e foram obrigados a aceitar a religião olímpica. "Zeus" — que, segundo Johannes Tzetzes (*Antehomerica* 102 *et seq.* e *Quilíades* I. 474), havia sido até então um título ostentado por reis menores (vide 68. *1*) — ficou reservado, a partir desse momento, exclusivamente para o Pai do Céu. Em Creta, porém, a antiga tradição mística de que Zeus nascia e morria a cada ano perdurou até a época cristã, e, em Cnossos, apareceram tumbas de Zeus no monte Ida e no monte Dicte, sendo cada uma delas um centro de culto diferente. Calímaco ficou escandalizado e, em seu *Hino a Zeus*, escreveu: "Os cretenses são sempre mentirosos. Chegaram até mesmo a construir tua tumba, ó, Senhor! Mas tu não estás morto, porque vives eternamente." Isso foi citado em *Tito* I. 12 (vide 7. *6*).

3. Plínio, que descreve em detalhes o suposto ninho da alcíone — ao que parece, trata-se do zoófito por Lineu chamado de *halcyoneum* —, registra que a alcíone é raramente vista, pois aparece apenas nos dois solstícios e durante o ocaso das Plêiades. Isso demonstra que, originalmente, ela havia sido uma manifestação da deusa-Lua, que era alternadamente a deusa da vida em morte no solstício do inverno e a da morte em vida no solstício de verão, e que, no início de novembro de cada Grande Ano, quando as Plêiades se ocultam, enviava ao rei sagrado sua citação de morte.

4. Uma outra Alcíone, filha de Plêione ("rainha navegante") e Atlas, era a guia das sete Plêiades (vide 39. *d*). O nascer helíaco das Plêiades em maio marcava o início da temporada de navegação, e seu ocaso marcava o final,

quando começava a soprar um vento bastante frio vindo do norte (diz Plínio numa passagem sobre a alcíone). As circunstâncias da morte de Ceíce demonstram que os eólios, que eram famosos navegantes, adoravam a deusa como “Alcíone”, porque ela os protegia dos recifes e do mau tempo. Desafiando seus poderes, Zeus fez naufragar a embarcação de Ceíce com a descarga de um raio. Mas à alcíone se atribuía, ademais, o poder mágico de apaziguar as tempestades. Seu corpo dessecado era utilizado como talismã contra o raio de Zeus — presumindo-se que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. O Mediterrâneo costuma ficar calmo durante a época do solstício de inverno.

NOTA

[1] Apolodoro: I. 7. 3; escoliasta sobre *Os pássaros* de Aristófanes: 250; escoliasta e Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero IX. 562; Plínio: *História natural* X. 47; Higino: *Fábula* 65; Ovídio: *As metamorfoses* XI. 410-748; Luciano: *Alcíone* I; Plutarco: *Que animais são mais astutos?* 35.

46

TEREU

Tereu, filho de Ares, governava os trácios que então ocupavam a Dáulis fócia — embora se diga também que ele era o rei de Pagas, em Mégara.[1] Tendo atuado como mediador numa disputa de fronteira em nome de Pandião, rei de Atenas e pai dos gêmeos Butes e Erecteu, casou-se com a irmã deles, Procne, que lhe deu um filho, Ítis.

b. Infelizmente, Tereu deixou-se fascinar pela voz da irmã mais nova de Procne, Filomela, por quem se apaixonou perdidamente. Um ano mais tarde, após esconder Procne numa cabana rústica perto de seu palácio em Dáulis, ele disse a Pandião que ela havia morrido. Pandião, por sua vez, prestando condolências a Tereu, ofereceu-lhe generosamente Filomela no lugar de Procne e providenciou para que guardas atenienses a escoltassem até Dáulis, onde seria celebrado o casamento. Tereu assassinou os guardas e, assim que Filomela chegou ao palácio, obrigou-a a deitar-se com ele. Procne logo se inteirou das notícias, mas Tereu, como medida de precaução, cortou sua língua e a confinou nos aposentos das escravas. Dali, ela só conseguiu se comunicar com Filomela, bordando uma mensagem secreta dentro do molde de um vestido de noiva destinado à irmã. A mensagem era simples: “Procne está entre as escravas.”

c. Nesse meio-tempo, um oráculo havia advertido Tereu de que Ítis seria morto por um parente próximo, e, suspeitando que seu irmão Drias estivesse tramando um plano para usurpar-lhe o trono, ele o matou com uma machadada. No mesmo dia, Filomela leu a mensagem inserida no vestido. Saiu correndo até as habitações das escravas, encontrou uma porta trancada a cadeado, arrombou-a e libertou Procne, que emitia sons ininteligíveis e corria em círculos.

— Temos de nos vingar desse Tereu, que, além de simular a sua morte, me seduziu! — exclamou Filomela, horrorizada.

Procne, que não tinha mais língua, não pôde responder, mas saiu correndo dali, tomou seu filho Ítis, matou-o, destripou-o e depois cozinhou-lhe as entranhas numa caldeira de cobre para que Tereu comesse quando voltasse.

d. Ao se dar conta da natureza da carne que lhe fora servida, Tereu pegou o machado com o qual dera cabo de Drias e pôs-se a perseguir as irmãs pelo palácio. Logo as alcançou e já estava a ponto de cometer um duplo assassinato, quando os deuses os transformaram em pássaros: Procne tornou-se uma andorinha; Filomela, um rouxinol; e Tereu, uma poupa. Os fócios dizem que nenhuma andorinha se atreve a fazer ninho em Dáulis, ou em seus arredores, e nenhum rouxinol canta, por medo de Tereu. Mas a andorinha, que não tem língua, grita e voa em círculos, enquanto a poupa esvoaça atrás dela, gritando "*Pou? Pou*?" (Onde? Onde?). Enquanto isso, o rouxinol se retira para Atenas, onde chora sem cessar por Ítis, cuja morte causou por descuido, e canta "*Itu! Itu!*".[2]

e. Dizem também que Tereu teria sido transformado num falcão.[3]

1. Essa extravagante história de amor parece ter sido inventada para justificar uma série de pinturas murais traco-pelasgas descobertas pelos invasores fócios num templo de Dáulis ("peludo"), que ilustravam diversos sistemas de profecia praticados naquele lugar.

2. A língua arrancada de Procne é uma interpretação errônea de uma cena em que aparece uma profetisa num transe induzido pela mastigação de folhas de louro; seu rosto está contraído pelo êxtase e não por alguma dor, e a língua que parece ter-lhe sido cortada é na verdade uma folha de louro que lhe entrega o sacerdote que interpreta seus desvairados balbucios. O bordado de letras no traje nupcial distorce outra cena: uma sacerdotisa lançou um punhado de palitos oraculares num lenço branco, à maneira celta descrita por Tácito (*Germania* X), ou à maneira cita descrita por Heródoto (IV. 67), e os palitos assumem a forma de letras, que ela se dispõe a ler. Na suposta deglutição de Ítis por parte de Tereu, uma sacerdotisa-salgueiro está deduzindo profecias a partir das entranhas de uma criança sacrificada em benefício de um rei. A cena de Tereu e o oráculo provavelmente o mostrava adormecido sobre uma pele de ovelha num templo, tendo sonhos premonitórios (vide 51. *g*), e certamente isso os gregos não teriam interpretado mal. É provável que na cena do assassinato de Drias tenha aparecido um carvalho e sacerdotes interpretando profecias a seus pés, ao estilo

dos druidas, julgando-se o modo pelo qual um homem caía ao morrer. A transformação de Procne numa andorinha provavelmente se deduziu de uma cena em que se mostrava uma sacerdotisa com uma túnica emplumada, realizando previsões a partir do voo de uma andorinha. A transformação de Filomela em rouxinol, bem como a de Tereu em poupa, parece derivar de más interpretações análogas. O nome de Tereu, que significa "vigilante", sugere que na pintura da poupa figurava um agouro masculino.

3. Podem-se supor ainda duas outras cenas: um herói oracular com cauda de serpente, que recebe sacrifícios de sangue, e um jovem que consulta um oráculo-abelha. Eles são, respectivamente, Erecteu e Butes (vide 47. *1*), o mais famoso apicultor da Antiguidade, irmãos de Procne e Filomela. Sua mãe era Zeuxipe, "a que junge cavalos", sem dúvida uma Deméter com cabeça de égua.

4. Todos os mitógrafos, exceto Higino, fazem de Procne um rouxinol e de Filomela uma andorinha. Deve-se tratar de uma tentativa de retificar um deslize cometido por algum poeta anterior: que Tereu cortou a língua de Filomela, e não a de Procne. A poupa é uma ave real porque tem uma crista emplumada, e é especialmente apropriada para a fábula de Tereu porque seus ninhos são famosos por seu fedor. Segundo o Corão, a poupa comunicou a Salomão segredos proféticos.

5. Dáulis, chamada posteriormente de Fócida, parece ter sido o centro de um culto das aves. Foco, fundador epônimo do novo Estado, foi chamado filho de Órnito ("pássaro lunar" — vide 81. *b*), e um rei posterior se chamava Xuto ("pardal" — vide 43. *1*). Higino relata que Tereu foi convertido num falcão, ave real do Egito, da Trácia e do noroeste da Europa.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 14. 8; Tucídides: II. 29; Estrabão: IX. 3. 13; Pausânias: I. 41. 8.

[2] Apolodoro: III. 14. 8; Nono: *Dionisíacas* IV. 320; Pausânias: I. 5. 4; I. 41. 8 e X. 4. 6; Higino: *Fábula* 45; Fragmentos de *Tereu* de Sófocles; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero XIX. 418; Ovídio: *As metamorfoses* VI. 426-674; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 217.

[3] Higino: *Fábula* 45.

47

ERECTEU E EUMOLPO

O rei Pandião morreu prematuramente, de dor, quando soube o que havia acontecido a Procne, Filomela e Ítis. Seus dois filhos gêmeos compartilharam a herança: Erecteu tornou-se rei de Atenas, ao passo que Butes serviu como sacerdote de Atena e Poseidon.[1]

b. Erecteu teve quatro filhos com sua mulher, Praxiteia, entre os quais seu sucessor, Cécrope, e sete filhas, a saber: Protogênia, Pandora, Prócris, mulher de Céfalo, Creúsa, Orítia, Ctônia, que se casou com seu tio Butes, e Otiônia, a caçula.[2]

c. Dessa vez, Poseidon apaixonou-se secretamente por Quíone, filha de Orítia e de Bóreas. Ela lhe deu um filho, Eumolpo, mas atirou-o ao mar com medo de enfurecer Bóreas. Poseidon cuidou de Eumolpo e o levou até as margens da Etiópia, onde foi criado na casa de Bentesícime, sua meia-irmã, filha da deusa marinha Anfitrite. Quando Eumolpo atingiu a maioridade, Bentesícime o casou com uma de suas filhas, mas ele acabou se apaixonando por outra, de maneira que ela o desterrou para a Trácia, onde ele conluiou contra seu protetor, o rei Tegírio, vendo-se obrigado a buscar refúgio em Elêusis. Lá ele se redimiu e se tornou sacerdote dos Mistérios de Deméter e Perséfone, nos quais ele em seguida iniciou Hércules, ao mesmo tempo que o ensinou a cantar e a tocar lira. Eumolpo dominava esse instrumento e, além disso, venceu o concurso de flauta celebrado durante os jogos fúnebres de Pélias. Suas cossacerdotisas em Elêusis eram filhas de Céleo, e sua conhecida compaixão fez com que, no final das contas, merecesse o perdão do moribundo rei Tegírio, que lhe legou o trono da Trácia.[3]

d. Quando irrompeu a guerra entre Atenas e Elêusis, Eumolpo levou um grande contingente de trácios para apoiar Elêusis, reclamando para si o trono da

Ática em nome de seu pai, Poseidon. Os atenienses estavam seriamente alarmados, e, quando Erecteu consultou um oráculo, este lhe disse que, se quisesse obter a vitória, ele deveria sacrificar a Atena sua filha mais nova, Otiônia. A jovem foi conduzida voluntariamente ao altar, onde suas irmãs mais velhas, Protogênia e Pandora, também se mataram, pois em certa ocasião haviam jurado que, se uma delas morresse violentamente, as outras também morreriam.[4]

e. Na batalha que se seguiu, Íon liderou os atenienses à vitória, e Erecteu matou Eumolpo enquanto tentava fugir. Poseidon apelou a seu irmão Zeus, pedindo vingança, e este, em seguida, fulminou Erecteu. Mas há quem diga que Poseidon o derrubou a golpes de tridente, em Macras, onde a terra se abriu para engoli-lo.

f. Conforme os termos do acordo de paz, os eleusinos ficaram submetidos aos atenienses em tudo, exceto no controle de seus Mistérios. Eumolpo foi sucedido como sacerdote por seu filho mais moço, Cérix, cujos descendentes continuam gozando de grandes privilégios hereditários em Elêusis.[5]

g. Íon reinou depois de Erecteu, e até hoje continuam sendo feitas as libações sem vinho em homenagem a suas três filhas que se autossacrificaram.[6]

1. O mito de Erecteu e Eumolpo refere-se à subjugação de Elêusis por Atenas e à origem traco-líbia dos Mistérios de Elêusis. Um culto ateniense da ninfa-abelha orgiástica do solstício de verão também entra nessa história, já que Butes é associado no mito grego a um culto da abelha do monte Érix (vide 154. *d*), e seu irmão gêmeo Erecteu (antes “o que se apressa pela urze” do que “destruidor”) é o marido da “Deusa Ativa”, a abelha rainha. O nome do rei Tegírio da Trácia, cujo reinado herdou o bisneto de Erecteu, implica uma associação a mais com as abelhas, pois significa “protetor de colmeias”. Atenas era famosa por seu mel.

2. As três filhas nobres de Erecteu, assim como as três filhas de seu antecessor Cécrope, são a deusa tripla pelasga a quem se realizavam libações em ocasiões especiais: Otiônia (“com orelheiras”), sobre quem se diz que foi eleita para o sacrifício a Atena, sendo evidente que a Deusa Coruja é a própria Atena; Protogênia, a Criadora Eurínome (vide 1. *1*); e Pandora, a deusa da Terra Reia (vide 39. *8*). Na transição do matriarcado para o patriarcado, é possível que algumas das sacerdotisas de Atena tenham sido sacrificadas a Poseidon (vide 121. *3*).

3. O tridente de Poseidon e o raio de Zeus eram originalmente a mesma arma, o *labrys* sagrado, ou machado duplo, mas começaram a se distinguir um do outro quando Poseidon se converteu em deus do mar e Zeus reclamou para si o direito único de utilizar o raio (vide 7. *7*).

4. Butes, que se alistara entre os argonautas (vide 148. *1*), não pertencia realmente à família dos Erecteidas, mas seus descendentes, os Buteidas de Atenas, conseguiram abrir caminho na sociedade ateniense e, pelo século VI, eles ostentavam os sacerdócios de Atena Polias e de Poseidon Erecteu — uma fusão do Poseidon helênico com o antigo herói pelasgo — como uma herança familiar (Pausânias: I. 26. 6), e parece que, por conseguinte, alteraram o mito, como também alteraram o de Teseu (vide 95. *3*). Eles combinaram o Butes da Ática com seu antecessor, o filho trácio de Bóreas que havia colonizado Naxos e que, num assalto à Tessália, havia violado Corônis (vide 50. *5*), a princesa lápita (Diodoro Sículo: V. 50).

NOTAS

[1] Ovídio: *As metamorfoses* VI. 675 *et seq.*; Apolodoro: II. 15. 1.

[2] Ovídio: *loc. cit*.; Suidas *sub* Parthenoi; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 46.

[3] Plutarco: *Sobre o exílio* 17; Apolodoro: II. 5. 12; Teócrito: *Idílios* XXIV. 110; Higino: *Fábula* 273; Pausânias: I. 38. 3.

[4] Apolodoro: III. 15. 4; Higino: *Fábula* 46; Suidas: *loc. cit*.

[5] Pausânias: VII. 1. 2 e I. 38. 3; Eurípides: *Íon* 277 *et seq*.

[6] Escoliasta sobre *Édipo* em *Colonus* de Sófocles: 100.

48

BÓREAS

Orítia, filha de Erecteu, rei de Atenas, e de sua esposa, Praxiteia, estava um dia dançando e rodopiando às margens do rio Ilisso quando Bóreas, filho de Astreu e Eos, irmão dos Ventos do Sul e do Oeste, levou-a para o alto de uma rocha perto do rio Ergines e lá, envolto num manto de nuvens escuras, violou-a.[1]

b. Há muito tempo Bóreas amava Orítia e havia pedido sua mão repetidas vezes, mas Erecteu o rechaçava com vãs promessas, até que, finalmente, queixando-se de que ele o havia feito gastar tempo demais com suas palavras, Bóreas usou de sua violência natural. Outra versão da lenda diz que Orítia levava um cesto durante a procissão anual das Tesmoforias, que sobe pela ladeira da Acrópole até o templo de Atena Polias, quando Bóreas a envolveu com suas asas fulvas e a arrebatou sem ser visto pela multidão ao redor.

c. Ele a levou para a cidade dos cíconos, na Trácia, onde ela se tornou sua esposa, dando-lhe dois filhos, Cálais e Zetes, nos quais cresceram asas na época da puberdade. Ela também lhe deu duas filhas: Quíone, que se uniu a Poseidon e teve Eumolpo, e Cleópatra, que se casou com o rei Fineu, vítima das harpias.[2]

d. Bóreas tem caudas de serpente no lugar dos pés e habita uma caverna do monte Hemo, nos sete recôncavos onde Ares guarda seus cavalos. Mas ele também se sente em casa às margens do rio Estrimão.[3]

e. Certa vez, metamorfoseando-se em garanhão de crina escura, ele cobriu 12 das 3 mil éguas que pertenciam a Erictônio, filho de Dárdano, que costumavam pastar nas úmidas pradarias junto ao rio Escamandro. Dessa união nasceram 12 potrancas que podiam galopar sobre as espigas de trigo maduras sem esmagá-las, ou sobre a crista das ondas.[4]

f. Os atenienses consideram Bóreas como seu cunhado. Uma vez eles o invocaram para que destruísse a frota do rei Xerxes, no que ele obteve sucesso;

por conseguinte, construíram-lhe um magnífico templo às margens do rio Ilisso.[5]

1. O Bóreas das caudas de serpente, o Vento Norte ou Setentrião, era outro nome para o demiurgo Ofíon, que dançou com Eurínome, ou Orítia, deusa da criação (vide 1. *a*), engravidando-a. Mas o que Ofíon foi para Eurínome, ou Bóreas para Orítia, assim foi Erecteu para a Atena original. E Atena Pôlias ("da cidade"), para quem Orítia dançava, pode ter sido Atena Polias — Atena, a Potranca, deusa do culto local do cavalo, amada de Bóreas-Erecteu, que se transformou assim em cunhado dos atenienses. O culto de Bóreas parece ter-se originado na Líbia. Cabe recordar que Hermes, ao se apaixonar pela predecessora de Orítia, Herse, quando ela estava carregando um cesto sagrado numa procissão parecida com a da Acrópole, a havia violado sem incorrer na ira de Atena. As Tesmoforias parecem ter sido, no passado, um festival orgiástico em que as sacerdotisas se prostituíam publicamente como uma maneira de fertilizar os campos de cereal (vide 24. *1*). Os cestos continham objetos fálicos (vide 25. *4*).

2. Uma teoria primitiva, segundo a qual as crianças eram reencarnações de seus antepassados mortos, que entravam no ventre das mulheres como súbitas rajadas de vento, subsistia no culto erótico da deusa Égua. E a autoridade de Homero tinha peso suficiente para fazer romanos cultos acreditarem, inclusive Plínio, que as éguas espanholas podiam ficar prenhes simplesmente expondo ao vento o traseiro (Plínio: *História natural* IV. 35 e VIII. 67). Varro e Columella mencionam o mesmo fenômeno, e Lactâncio, em fins do século III da nossa era, faz disso uma analogia com a fecundação da Virgem Maria pelo *Sanctus Spiritus*.

3. Bóreas sopra no inverno a partir da cordilheira do Hemo e do Estrimão e, quando chega a primavera com suas flores, parece ter fecundado toda a terra da Ática. Porém, como ele só pode soprar para a frente, o mito da violação de Orítia parece registrar também a difusão do culto do Setentrião de Atenas para a Trácia. Da Trácia, ou diretamente de Atenas, ele chegou a Tróade, onde o proprietário das 3 mil éguas era Erictônio, um sinônimo de Erecteu (vide 158. *g*). As 12 potrancas devem ter servido para puxar três carruagens de quatro cavalos, uma para cada tríade anual: primavera, verão e outono. O monte Hemo era um retiro do monstro Tífon (vide 36. *e*).

4. Sócrates, que não compreendia os mitos, não capta o sentido da violação de Orítia. Ele sugere que uma princesa com esse nome, brincando nos despenhadeiros próximos ao rio Ilisso, ou na colina de Ares, foi acidentalmente empurrada pelo vento e morreu (Platão: *Fedro* VI. 229b). O culto de Bóreas havia sido recentemente reavivado em Atenas para comemorar a destruição da frota persa, por ele levada a cabo (Heródoto: VII. 189). Ele também ajudou os megalopolitanos na luta contra Esparta, passando, assim, a receber sacrifícios anuais (Pausânias: VIII. 36. 3).

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 15. 1-2; Apolônio de Rodes: I. 212 *et seq.*

[2] Ovídio: *As metamorfoses* VI. 677 *et seq.*; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XIV. 533; Apolodoro: III. 15. 3.

[3] Pausânias: V. 19. 1; Calímaco: *Hino a Ártemis* 114 e *Hino a Delos* 26 e 63-65.

[4] Homero: *Ilíada* XX. 219 *et seq.*

[5] Heródoto: VII. 189.

49

ÁLOPE

O rei árcade Cércion, filho de Hefesto, tinha uma bela filha, Álope, que foi seduzida por Poseidon e, sem o conhecimento do pai, deu à luz um filho, que uma pajem, às suas ordens, abandonou numa montanha. Um pastor o encontrou sendo amamentado por uma égua e o levou consigo ao curral de ovelhas, onde sua rica túnica suscitou grande interesse. Outro pastor se dispôs a cuidar da criança, mas insistiu em ficar também com a túnica como prova de seu nobre nascimento. Os dois pastores discutiram violentamente e teriam matado um ao outro não houvessem os demais pastores conduzido-os até o rei Cércion. Este pediu que lhe mostrassem o objeto da disputa e, quando puseram a túnica diante do rei, ele se deu conta de que era feita com um pedaço de roupa que pertencia a sua filha. Assustada, a pajem confessou sua cumplicidade no incidente. Cércion ordenou que enclausurassem a filha e que a criança fosse abandonada de novo. O filho de Álope foi novamente amamentado pela égua e, dessa vez, encontrado pelo segundo pastor, que, agora convencido de sua ascendência real, levou-o para sua própria cabana e pôs-lhe o nome de Hipótoon.[1]

b. Quando Teseu matou Cércion, ele pôs Hipótoon no trono da Arcádia. Enquanto isso, Álope havia morrido na prisão e foi enterrada junto à estrada que ligava Elêusis a Mégara, perto do campo de luta de Cércion. Mas Poseidon transformou-a numa fonte chamada Álope.[2]

1. Este mito segue um modelo conhecido (vide 43. *c*, 68. *d*, 105. *a* etc.), exceto o fato de que Hipótoon é abandonado duas vezes e que, na primeira ocasião, os pastores chegaram a brigar por ele. A anomalia se deve talvez a uma interpretação equivocada de uma série de pinturas que mostravam gêmeos reais no momento em que são encontrados por alguns pastores, e esses mesmos gêmeos, adultos, chegando às vias de fato — como Pélias e Neleu (vide 68. *f*), Proteu e Acrísio (vide 73. *a*) ou Etéocles e Polinice (vide 106. *b*).

2. Álope é a deusa-Lua como a raposa que deu seu nome à cidade de Álope, na Tessália (Ferécides, citada por Estêvão de Bizâncio *sub* Álope); a raposa era também o emblema de Messênia (vide 89. *8* e 146. *6*). O mitógrafo provavelmente se equivocou ao dizer que a túnica utilizada por Hipótoon tinha sido cortada do vestido de Álope; devia tratar-se da fralda em que estavam bordadas as marcas de seu clã e de sua família (vide 10. *1* e 60. *2*).

NOTAS

[1] Higino: *Fábulas* 38 e 187.

[2] Pausânias: I. 39. 3; Aristófanes: *Os pássaros* 533; Higino: *Fábula* 187.

50

ASCLÉPIO (ESCULÁPIO)

Corônis, filha de Flégias, rei dos lápitas, e irmã de Íxion, vivia às margens do lago Beobis, na Tessália, onde costumava molhar os pés.[1]

b. Apolo tornou-se seu amante e, quando foi a Delfos para tratar de certos assuntos, deixou um corvo de plumagem nívea para que a vigiasse na sua ausência. Mas Corônis há muito nutria uma paixão oculta por Ísquis, o filho árcade de Elato, e o aceitou em seu leito, embora já estivesse grávida de Apolo. Antes mesmo que o exaltado corvo saísse voando para Delfos para informar do escândalo e ser elogiado por sua eficaz vigilância, Apolo já havia adivinhado a infidelidade de Corônis e amaldiçoou o corvo por não ter arrancado os olhos de Ísquis quando este se aproximou de sua amada. Por causa dessa maldição, o corvo se tornou negro, e todos os seus descendentes adquiriram essa cor desde então.[2]

c. Quando Apolo se queixou à sua irmã Ártemis da ofensa a ele infligida, ela se vingou disparando todas as suas flechas contra Corônis. Depois, observando o seu cadáver, Apolo foi tomado por um sentimento súbito de remorso, mas não pôde devolver-lhe a vida. O espírito de Corônis desceu ao Tártaro, seu cadáver foi posto numa pira funerária, sobre ele se derramaram os últimos perfumes, e o fogo já havia sido aceso quando Apolo recobrou o juízo. Então ele chamou Hermes, que, à luz das chamas, arrancou a criança ainda viva das entranhas de Corônis.[3] A esse menino Apolo deu o nome de Asclépio (Esculápio, entre os romanos), e o levou à caverna do centauro Quíron para que este lhe ensinasse as artes da medicina e da caça. Quanto a Ísquis, também chamado Quilo, há quem diga que foi fulminado por Zeus, ou então que o próprio Apolo o abateu com uma flecha.[4]

d. Entretanto, os epidáurios contam uma história muito distinta. Dizem que Flégias, o pai de Corônis, fundador da cidade de mesmo nome, onde ele reuniu os melhores guerreiros da Grécia e viveu à custa dos saques de suas incursões, chegou a Epidauro para espionar o terreno e medir as forças de seus habitantes; e que foi acompanhado por sua filha Corônis, a qual, sem que ele soubesse, estava grávida de Apolo. No templo de Apolo em Epidauro, com a ajuda de Ártemis e das Parcas, Corônis deu à luz um menino, que ela abandonou então no monte Títion, hoje famoso pelas virtudes medicinais de suas plantas. Lá, Aristene, um pastor de cabras, notando que sua cadela e uma de suas cabras já não estavam com ele, foi procurá-las e as encontrou revezando-se para amamentar uma criança. Quando estava prestes a recolher a criança, uma luz intensa o envolveu e o deteve. Sem querer intervir num mistério divino, ele se retirou devotamente, deixando, assim, Asclépio sob a proteção de seu pai Apolo.[5]

e. Asclépio, dizem os epidáurios, aprendeu a arte da cura com Apolo e Quíron. Chegou a ser tão hábil na cirurgia e no uso de drogas medicinais que ele é reverenciado como fundador da medicina. Não só curava os enfermos, como também recebera de Atena dois frascos que continham o sangue da górgona Medusa: com o que havia sido extraído das veias do lado esquerdo da górgona, ele podia ressuscitar os mortos, e com o sangue extraído do lado direito ele podia matar qualquer um instantaneamente. Contam ainda que Atena e Asclépio teriam dividido o sangue entre eles: Asclépio o teria utilizado para salvar vidas, enquanto ela o empregara para provocar destruição e guerras. Atena dera anteriormente a Erictônio duas gotas desse mesmo sangue, uma para matar e outra para curar, e amarrou os frascos ao seu corpo de serpente com cintos dourados.[6]

f. Dentre aqueles cuja vida Asclépio recuperou destacam-se Licurgo, Capaneu e Tíndaro. Não se sabe em que ocasião Hades se queixou a Zeus de que alguém lhe estava roubando os súditos — se foi antes da ressurreição de Tíndaro, de Glauco, de Hipólito ou de Órion. Certo é que Asclépio foi acusado de se haver deixado subornar com ouro e que tanto ele como seu paciente foram fulminados por Zeus.[7]

g. Entretanto, Zeus devolveu, mais tarde, a vida a Asclépio, cumprindo assim uma indiscreta profecia feita por Evipe, filha de Quíron, que havia declarado que Asclépio se transformaria em deus, morreria e reassumiria sua divindade, renovando assim duas vezes o seu destino. A imagem de Asclépio segurando uma serpente curativa foi colocada por Zeus entre as estrelas.[8]

h. Os messênios afirmam que Asclépio era natural de Trica, na Messênia; já os árcades, que teria nascido em Telpusa; e os tessálios, que sua terra natal seria Trica, na Tessália. Os espartanos o chamam de Agnitas, pois gravaram sua

imagem num tronco de salgueiro; e a população de Sícion reverencia Asclépio sob a forma de uma serpente montada numa carruagem puxada por mulas. Em Sícion, sua imagem segura na mão esquerda a pinha do pistache, mas, em Epidauro, a mesma mão descansa sobre a cabeça de uma serpente; em ambos os casos, ele segura um cetro com a mão direita.[9]

i. Asclépio era o pai de Podalírio e Macáon, os médicos que cuidaram dos gregos durante o cerco a Troia, e da radiante Higia. Os latinos o chamam de Aesculapius, e os cretenses dizem que foi ele, e não Políido, que devolveu a vida a Glauco, filho de Minos, utilizando uma certa erva que lhe havia sido mostrada por uma serpente numa tumba.[10]

1. Este mito se refere à política eclesiástica da Grécia setentrional, da Ática e do Peloponeso: a supressão, em nome de Apolo, de um culto médico pré-helênico presidido pelas sacerdotisas da Lua nos santuários oraculares de heróis locais reencarnados como serpentes, corvos ou gralhas. Entre os seus nomes encontram-se os de Foroneu, que pode ser identificado com o deus-corvo celta Bran ou Vron (vide 57.*1*); Erictônio, o da cauda de serpente (vide 25. *2*); e Cronos (vide 7.*1*), que é uma forma de Coronus ("corvo" ou "gralha"), o nome de outros dois reis lápitas (vide 78. *a*). "Asclepius" ("incessantemente amável") deve ter sido um título honorífico dado a todos os heróis médicos com o fim de obter a benevolência deles.

2. A deusa Atena, padroeira desse culto, não era originalmente considerada virgem, já que o herói morto havia sido tanto seu filho como seu amante. Ela recebia o título de "Corônis" em virtude do corvo ou da gralha oracular, e o de "Higia" pelas muitas curas que realizou. Sua panaceia era o visco, *ixias*, uma palavra com a qual estão estreitamente vinculados (vide 63. *1*) os nomes de Ísquis ("força") e Íxion ("nativo forte"). O visco da Europa oriental, ou *loranthus*, é um parasita do carvalho, e não, como a variedade ocidental, do álamo ou da macieira. "Aesculapius", a forma latina de Asclépio — que aparentemente significa "o que está pendurado no carvalho esculento", ou seja, o visco —, pode muito bem ser o primeiro dos dois títulos. O visco era considerado os genitais do carvalho, e, quando os druidas o podavam ritualmente com uma foice dourada, eles estavam realizando uma emasculação simbólica (vide 7. *1*). O suco viscoso de suas bagas representavam o esperma do carvalho, um líquido com grandes virtudes regenerativas. *Sir* James Frazer assinalou em

seu *Golden Bough* que Eneias visitou o mundo subterrâneo segurando na mão o visco, conservando, assim, o poder de retornar ao mundo superior quando quisesse. É possível que a “certa erva” que Glauco arrancou da tumba tenha sido também o visco. Ísquis, Asclépio, Íxion e Políido são, de fato, o mesmo personagem mítico: personificações do poder curativo que se encontra nos genitais desmembrados do herói-carvalho sacrificado. “Quilo”, outro nome de Ísquis, significa “o suco de uma planta ou de uma baga”.

3. A distribuição do sangue da górgona a Asclépio e Erictônio por parte de Atena sugere que os rituais curativos realizados nesse culto fossem um segredo zelosamente guardado pelas sacerdotisas e cuja investigação era punida com a morte: a cabeça da górgona é um aviso formal aos intrusos (vide 73. *5*). Mas, provavelmente, nessas ocasiões, distribuía-se o sangue do rei-carvalho sacrificado ou do menino substituto, assim como o suco de visco.

4. Os mitógrafos de Apolo fizeram sua irmã Ártemis responsável pelo assassinato de Ísquis. Na verdade, ela era originalmente a mesma deusa que Atena, em cuja honra o rei-carvalho encontrava a morte. Eles também fizeram Zeus fulminar Ísquis e Asclépio, e o certo é que todos os reis-carvalhos tombavam sob o golpe do machado duplo, formalizado mais tarde como raio, e seus cadáveres costumavam ser assados numa fogueira.

5. Apolo amaldiçoou o corvo, queimou Corônis pelo seu caso de amor ilegítimo com Ísquis e reclamou Asclépio como seu filho. Depois, Quíron e ele lhe ensinaram a arte da cura. Em outras palavras, os sacerdotes helênicos de Apolo foram auxiliados por seus aliados magnésios, os centauros, inimigos hereditários dos lápitas, na conquista de um oráculo-corvo tessálio, com seu herói e tudo, na expulsão do colégio de sacerdotisas da Lua e na supressão do culto à deusa. Apolo reteve o corvo roubado, ou gralha, como emblema da adivinhação, mas seus sacerdotes consideraram a interpretação dos sonhos um método mais simples e eficaz de diagnosticar doenças do que o enigmático grasnar daquele pássaro. Ao mesmo tempo, o uso sacro do visco foi interrompido na Arcádia, na Messênia, na Tessália e em Atenas; Ísquis se transformou em filho do pinheiro (Elato), e não do carvalho — por isso a pinha de pistache nas mãos da imagem de Asclépio em Sícion. Havia ainda uma outra princesa lápita chamada Corônis, a qual Butes, antecessor dos butadas atenienses, violou (vide 47. *4*).

6. A forma de serpente de Asclépio, como a de Erictônio — a quem Atena outorgou também o dom de ressuscitar os mortos com o sangue da górgona —, demonstra que ele era um herói oracular; em seu templo de Epidauro (Pausânias: II. 28. 1), porém, guardavam-se várias serpentes domesticadas como símbolo de renovação, pois as serpentes trocam de pele todo ano (vide 160. *11*). A cadela

que amamentou Asclépio quando o pastor de cabras o aclamou como rei recém-nascido deve ter sido Hécate ou Hécabe (vide 31. *3*, 38. *7*, 134. *1*, 168. *n* e *1*), e talvez para dar uma explicação sobre essa cadela com que ele sempre se faz representar, Quíron tornou-se o seu tutor na arte da caça. Sua outra mãe adotiva, a cabra, deve ser a Atena Caprina, em cuja égide se refugiou Erictônio (vide 25. *2*). Na verdade, se Asclépio teve originalmente um irmão gêmeo — assim como Pélias foi amamentado por uma égua e Neleu, por uma cadela (vide 68. *d*) —, ele deve ter sido Erictônio.

7. Atena, quando renasceu como filha leal e virgem do Zeus Olímpico, teve de seguir o exemplo de Apolo e repudiar o corvo, anteriormente íntimo seu (vide 25. *e*).

8. O salgueiro era uma árvore com grandes poderes mágicos lunares (vide 28. *5*, 44. *1* e 116. *4*), e a droga amarga preparada a partir de sua casca continua sendo um remédio específico contra o reumatismo, a que os espartanos estavam tão expostos em seus úmidos vales. Mas os ramos dessa variedade específica de salgueiro ao qual o Asclépio espartano era associado, o *agnus castus*, eram espalhados sobre as camas das matronas durante as Tesmoforias atenienses, um festival da fertilidade (vide 48. *1*) supostamente destinado a afugentar as serpentes (Arriano: *História dos animais* IX. 26), embora, de fato, servisse para estimular as almas com forma de serpente. Portanto, é possível que os sacerdotes de Asclépio tenham se especializado na cura da esterilidade.

NOTAS

[1] Estrabão: IX. 5. 21 e XIV. 1. 40.

[2] Pausânias: II. 26. 5; Píndaro: *Odes píticas* III. 25 *et seq.*; Apolodoro: III. 10. 3.

[3] Píndaro: *Odes píticas* III. 8 *et seq.*; Pausânias: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 202; Ovídio: *As metamorfoses* II. 612 *et seq.*

[4] Apolodoro: III. 10. 3; Higino: *loc. cit*. e *Astronomia poética* II. 40.

[5] Pausânias: IX. 36. 1 e II. 26. 4; *Inscrições gregas* IV. 1. 28.

[6] Diodoro Sículo: V. 74. 6; Apolodoro: III. 10. 3; Tatiano: *Alocução aos gregos*; Eurípides: *Íon* 999 *et seq.*

[7] Apolodoro: III. 10. 3-4; *Sobre a dança* 45; Higino: *Fábula* 49; Eratóstenes, citado por Higino: *Astronomia poética* II. 14; Píndaro: *Odes píticas* III. 55 *et seq.*, com escoliasta.

[8] Germânico César: *Sobre os 'Fenômenos' de Arato* 77 *et seq.*; Ovídio: *As metamorfoses* 642 *et seq.*; Higino: *loc. cit.*

[9] Pausânias: II. 26. 6; VIII. 25. 6; III. 14. 7 e II. 10. 3; Estrabão: XIV. 1. 39.

[10] Homero: *Ilíada* II. 732; Higino: *Astronomia poética* II. 14.

51

OS ORÁCULOS

Os oráculos da Grécia e da Magna Grécia são muitos, mas o mais antigo é o do Zeus dodoniano. Há muitos anos, duas pombas negras voaram de Tebas, no Egito. Uma foi para Ámon, na Líbia, e a outra para Dodona, e cada uma delas pousou num carvalho, que proclamaram ser um oráculo de Zeus. Em Dodona, as sacerdotisas de Zeus escutam o arrulho das pombas, ou o farfalhar das folhas do carvalho, ou o tinir das vasilhas de bronze penduradas nos seus galhos. Zeus tem outro oráculo famoso em Olímpia, onde seus sacerdotes respondem a perguntas após examinar as entranhas das vítimas sacrificadas.[1]

b. O oráculo de Delfos pertenceu primeiro à Mãe Terra, que elegeu Dáfnis como sua profetisa; e Dáfnis, sentada sobre um trípode, inalava os vapores da profecia, como continua fazendo a pitonisa. Há quem diga que a Mãe Terra cedeu depois os seus direitos à titânide Febe, ou Têmis, e que ela, por sua vez, cedeu-os a Apolo, que construiu para si um santuário com ramos de loureiro trazidos de Tempe. Mas outros dizem que Apolo teria roubado o oráculo da Mãe Terra após matar Píton, e que seus sacerdotes hiperbóreos Págaso e Agieu estabeleceram ali o seu culto.

c. Em Delfos, diz-se que o primeiro santuário foi feito de cera de abelhas e plumas; o segundo, de talos de samambaia entrelaçados; o terceiro, de ramos de loureiro. Diz-se também que Hefesto construiu o quarto com bronze e com aves canoras douradas postadas no telhado, mas que um dia a terra o engoliu; e que o quinto, feito de pedras lavradas, pegou fogo no ano da 58ª Olimpíada [489 a.C.] e foi substituído pelo santuário atual.[2]

d. Apolo teve muitos outros santuários oraculares, como os de Liceu e o da Acrópole de Argos, ambos presididos por uma sacerdotisa. Mas em Ismênia, na Beócia, são os sacerdotes que proferem os oráculos após examinarem as

entranhas; em Claro, perto de Cólofon, o vidente bebe da água de um poço secreto e pronuncia um oráculo em versos; ao passo que, em Telmesso e em outras partes, interpretam-se os sonhos.[3]

e. As sacerdotisas de Deméter proferem oráculos aos enfermos em Patras, mediante um espelho que introduzem no poço da deusa com uma corda. Em Faras, em troca de uma moeda de cobre, garante-se aos enfermos que consultam Hermes a resposta oracular nas primeiras palavras que escutem ao sair da praça do mercado.[4]

f. Hera tem um oráculo venerável perto de Pagas, e a Mãe Terra ainda recebe consultas em Egira, na Acaia, que significa "lugar de álamos negros", onde sua sacerdotisa bebe sangue de touro, um veneno mortal para qualquer outro ser vivente.[5]

g. Além desses, há muitos outros oráculos de heróis, como o oráculo de Hércules, em Bura, Acaia, onde a resposta é dada ao lançamento de quatro dados;[6] e numerosos oráculos de Asclépio, onde os enfermos se apinham pedindo consulta e remédios para seus males, que se lhes revelam em sonhos após um jejum.[7] Os oráculos do tebano Anfiarau e do maliano Anfiloco — com Mopso, o mais infalível de todos os que existem — seguem os procedimentos de Asclépio.[8]

h. Pasífae tem também um oráculo em Talame, na Lacônia, patrocinado pelos reis de Esparta, onde as respostas são reveladas também nos sonhos.[9]

i. Alguns oráculos não são tão fáceis de consultar como outros. Por exemplo, em Lebadia há um oráculo de Trofônio, filho do argonauta Ergino, onde o consultante deve purificar-se vários dias antes e alojar-se num edifício dedicado à Boa Sorte e a um certo Gênio Bom, banhar-se somente no rio Hercina e fazer sacrifícios a Trofônio, à sua ama Deméter Europa e a outras divindades. Lá ele se alimenta de carne sagrada, especialmente do carneiro que foi sacrificado ao espectro de Agamedes, irmão de Trofônio que o ajudou a construir o templo de Apolo em Delfos.

j. Quando está apto a consultar o oráculo, o requerente é conduzido ao rio por dois garotos de 13 anos de idade, que ali o banham e o ungem. Em seguida, ele bebe de uma fonte chamada Água do Lete, que o ajudará a esquecer o passado, e também de uma outra fonte próxima, chamada Água da Memória, que o ajudará a recordar o que viu e ouviu. Vestido com botas campestres e uma túnica de linho, envolto em faixas como uma vítima disposta ao sacrifício, ele então se aproxima da fenda oracular, que se parece com um enorme forno de fazer pão, com sete metros de profundidade, e, após descer por uma escada, encontra uma abertura estreita no fundo, pela qual introduz as pernas, segurando em cada mão um bolo de cevada com mel. De repente, algo como um

redemoinho de um rio o puxa pelos tornozelos, arrastando-o, e ele é levado. Na escuridão, ele recebe um golpe na cabeça, de tal forma que parece que vai morrer, mas então um orador invisível lhe revela o futuro e muitos outros segredos. Tão logo se cala essa voz, ele perde os sentidos e é imediatamente trazido de volta, com os pés primeiro, para o fundo da fenda, mas sem os bolos de mel. Depois, eles o põem sentado na chamada Cadeira da Memória e pedem que repita o que ouviu. Finalmente, ainda meio aturdido, ele volta para a casa do Gênio Bom, onde recupera os sentidos e a capacidade de rir.

k. O orador invisível é um dos Gênios Bons, pertencentes à Idade de Ouro de Cronos, que desceram da Lua para encarregar-se dos oráculos e dos ritos iniciáticos e que atuam em todas as partes como disciplinadores, vigias e salvadores. O gênio consulta a alma de Trofônio, que tem forma de serpente, e dá o oráculo solicitado como pagamento pelo bolo de mel do requerente.[10]

1. Originalmente, todos os oráculos eram proferidos pela deusa Terra, cuja autoridade era tão grande que os invasores patriarcais tomaram por costume capturar seus santuários e nomear sacerdotes ou mesmo reter as sacerdotisas a seu próprio serviço. Assim, tanto o Zeus de Dodona quanto Ámon no Oásis de Siwwa adotaram o culto do carvalho oracular, consagrado a Dia ou Dione (vide 7. *1*) — assim como fez o hebreu Jeová com a acácia oracular de Ishtar (I *Crônicas* XIV. 15) —, e Apolo se apoderou dos templos de Delfos e Argos. Em Argos, deu-se liberdade total à profetisa; em Delfos, um sacerdote intervinha entre a profetisa e o devoto para traduzir em hexâmetro as suas palavras incoerentes; em Dodona, tanto as sacerdotisas Pombas como os sacerdotes profetas de Zeus pronunciam os seus oráculos.

2. O santuário da Mãe Terra em Delfos foi fundado pelos cretenses, que deixaram sua música sagrada, seus rituais, suas danças e seu calendário como herança aos helenos. O cetro cretense da Mãe, o *labrys*, ou machado duplo, dava nome à corporação sacerdotal de Delfos, os Labríadas, que ainda existia na época clássica. O templo feito de cera de abelha e plumas se refere à deusa como Abelha (vide 7. *3*; 18. *3* e 47. *1*) e como Pomba (vide 1. *b* e 62. *a*). O templo de samambaia evoca as propriedades mágicas atribuídas à semente dessa planta durante os solstícios de verão e de inverno (*Sir* James Frazer dedica várias páginas a esse tema em seu *Golden Bough*); o santuário de louro evoca as folhas de loureiro que a profetisa e suas acompanhantes mastigavam durante as orgias:

Dáfnis é uma forma abreviada de Dafenissa (“a sanguinária”), assim como Dafne o é de Dafene (vide 21. *6* e 46. *2*). O santuário de bronze engolido pela terra pode marcar simplesmente a quarta parte de uma canção délfica que, assim como “London Bridge is Broken Down”, refere-se aos diversos materiais inadequados com os quais se foi construindo o templo sucessivamente; mas também pode se referir a um *tholos* subterrâneo, ou seja, a tumba de um herói que estava encarnado na serpente. O tolos, uma casa dos espíritos em forma de colmeia, parece ser de origem africana e foi introduzido na Grécia através da Palestina. A Bruxa de Endor presidia um santuário semelhante, e o fantasma de Adão proferia oráculos em Hebron. Filóstratos menciona os pássaros dourados em sua *Vida de Apolônio de Tiana* VI. 11 e os descreve como torcicolos parecidos com sereias, mas Píndaro os chama de rouxinóis (*Fragmento* citado por Ateneu 290e). É discutível se os pássaros representavam rouxinóis oraculares ou torcicolos utilizados para encantamentos amorosos (vide 152. *a*) ou como instigadores de chuva (Marino sobre Proclo 28).

3. O exame das entranhas parece ter sido um recurso mântico indo-europeu. A adivinhação por meio do lançamento de quatro dados de osso metacárpico teve talvez uma origem alfabética, pois diz-se que os quatro lados de cada osso que podiam ficar para cima eram marcados com “signos”, e não com números. Doze consoantes e quatro vogais (como no Ogham adivinhatório irlandês chamado “O’Sullivan’s”) são a forma mais simples à qual se pode reduzir o alfabeto grego. Mas, na época clássica, a marcação era feita apenas com números — 1, 3, 4 e 6 em cada ossinho — e já se haviam codificado os significados de todas as combinações possíveis. A profecia a partir de sonhos é uma prática universal.

4. Os sacerdotes de Apolo exigiam a virgindade das pitonisas de Delfos, que eram consideradas noivas de Apolo. Mas, quando uma delas foi escandalosamente seduzida por um devoto, decidiu-se que, a partir de então, elas tinham de ter pelo menos cinquenta anos para ingressar, embora continuassem se vestindo de noivas. Pensava-se que o sangue de touro era altamente venenoso por causa de seu poder mágico (vide 155. *a*). O sangue dos touros sagrados, empregado às vezes para consagrar toda uma tribo, como em *Êxodo* XXIV. 8, era misturado com grandes quantidades de água antes de ser derramado sobre os campos como fertilizante. A sacerdotisa da Terra, entretanto, podia beber qualquer coisa que a Mãe Terra bebesse.

5. Hera, Pasífae e Ino eram títulos da deusa tripla, e sua interdependência era simbolizada pelo trípode em que se sentava a sacerdotisa.

6. O procedimento realizado no oráculo de Trofônio — que Pausânias visitou pessoalmente — recorda a descida de Eneias, com o visco na mão, ao

Averno, onde consultou seu pai Anquises; recorda também uma consulta anterior de Odisseu com Tirésias, além de demonstrar a conexão desses mitos com uma forma comum de rito iniciático em que o noviço sofre uma morte simulada, recebe instruções místicas de uma suposta alma e depois renasce dentro de um novo clã ou sociedade secreta. Plutarco destaca que os trofoníadas — os mistagogos da caverna escura — pertencem à época pré-olímpica de Cronos e os conecta corretamente aos dáctilos de Ida, que executavam os Mistérios Samotrácios.

7. O álamo negro era consagrado à deusa da morte em Pagas, e Perséfone tinha um bosque de álamos negros no extremo ocidente (Pausânias: X. 30. *3*; vide 170. *l*).

8. Anfíloco e Mopso haviam se matado um ao outro, mas suas almas decidiram fundar um oráculo comum (vide 169. *e*).

NOTAS

[1] Heródoto: II. 55 e VIII. 134; Dionísio de Halicarnasso: I. 15; Homero: *Odisseia* XIV. 328; Ésquilo: *Prometeu acorrentado* 832; Suidas *sub* Dodona; Sófocles: *Édipo Rei* 900.

[2] Ésquilo: *Eumênides* 1-19; Pausânias: X. 5. 3-5.

[3] Pausânias: II. 24. 1; Plutarco: *Pirro* 31; Heródoto: VIII. 134 e I. 78; Tácito: *Anais* II. 54.

[4] Pausânias: VII. 21. 5 e 22. 2.

[5] Estrabão: VIII. 6. 22; Plínio: *História natural* XXVIII. 41; Apolodoro: I. 9. 27.

[6] Pausânias: VII. 25. 6.

[7] *Ibid.*: II. 27. 2.

[8] *Ibid.*: I. 34. 2; Heródoto: VIII. 134.

[9] Plutarco: *Cleomenes* 7; Pausânias: III. 26. 1.

[10] Pausânias: IX. 39. 1-5; Plutarco: *Sobre "O demônio", de Sócrates* XXII e *A face na esfera da Lua* XXX.

52

O ALFABETO

As três Parcas, ou, segundo dizem alguns, Io, a irmã de Foroneu, inventaram as cinco vogais do primeiro alfabeto e as consoantes B e T. Palamedes, filho de Náuplio, inventou as 11 consoantes restantes; e Hermes reduziu esses sons a caracteres, utilizando formas cuneiformes porque os grous voam numa formação em cunha, e levou o sistema da Grécia para o Egito. Esse era o alfabeto pelasgo, que posteriormente Cadmo levou de volta para a Beócia, e que Evandro da Arcádia, um pelasgo, introduziu na Itália, onde sua mãe Carmenta formou os 15 caracteres conhecidos do alfabeto latino.

b. Desde então, outras consoantes foram acrescentadas ao alfabeto grego por Simônides de Samos e Epicarmo da Sicília; e duas vogais, o O longo e o E curto, acrescentadas pelos sacerdotes de Apolo, de maneira que a lira sagrada do deus tivesse uma vogal para cada uma de suas sete cordas.

c. Alfa foi a primeira das 18 letras, porque *alphe* significa honra e *alphainein* significa inventar, e também porque Alfeu é o rio mais notável. Ademais, Cadmo, embora tenha modificado a ordem das letras, manteve o alfa em seu lugar, porque *aleph*, na língua fenícia, significa boi, e porque a Beócia é a terra dos bois.[1]

1. O alfabeto grego era uma simplificação dos hieróglifos cretenses. Os eruditos atualmente estão de acordo quanto ao fato de que o primeiro alfabeto escrito se desenvolveu no Egito durante o século XVIII a.C., sob influência

cretense, o que coincide com a tradição de Aristides, registrada por Plínio, de que um egípcio chamado Menos (“lua”) o inventou “15 anos antes do reinado de Foroneu, rei de Argos”.

2. Não obstante, há evidências de que antes da introdução do alfabeto modificado fenício na Grécia já havia existido ali um alfabeto em forma de segredo religioso guardado pelas sacerdotisas da Lua — Io ou as Três Parcas —, estreitamente ligado ao calendário, e cujas letras não eram representadas por caracteres escritos, mas por raminhos cortados de diferentes árvores que correspondiam à sequência típica dos meses do ano.

3. O antigo alfabeto irlandês, como aquele utilizado pelos druidas gauleses sobre os quais escreveu César, talvez não tenha sido escrito no início, e todas as suas letras tinham nome de árvores. Ele se chamava *Beth-luis-nion* (“bétula-sorveira-freixo”) por causa das suas três consoantes iniciais, e seu cânone, que parece indicar sua procedência frígia, correspondia aos alfabetos pelasgo e latino, a saber, 13 consoantes e cinco vogais. A ordem original era A, B, L, N, O, F, S, H, U, D, T, C, E, M, G, Ng ou Gn, R, I, que certamente era a mesma ordem utilizada por Hermes. Os *ollaves* irlandeses converteram-no numa linguagem de surdos-mudos, utilizando as articulações dos dedos para representar as diferentes letras, ou numa linguagem de cifras orais. Cada consoante representava um mês de 28 dias de uma série de 13 meses, começando dois dias depois do solstício de inverno, a saber:

1 — 24 de dezembro — B — bétula ou oliveira silvestre

2 — 21 de janeiro — L — sorveira

3 — 18 de fevereiro — N — freixo

4 — 18 de março — F — amieiro ou corniso

5 — 15 de abril — S — salgueiro; SS (Z), abrunheiro

6 — 13 de maio — H — espinheiro ou pereira silvestre

7 — 10 de junho — D — carvalho ou terebinto

8 — 8 de julho — T — azevinho ou carvalho espinhoso

9 — 5 de agosto — C — nogueira; CC (Q), macieira, sorveira ou marmeleiro

10 — 2 de setembro — M — videira

11 — 30 de setembro — G — hera

12 — 28 de outubro — Ng ou Gn — junco ou viburno

13 — 25 de novembro — R — sabugueiro ou murta

4. Em torno do ano 400 a.C., como resultado de uma revolução religiosa, a ordem foi modificada para fazê-la corresponder a um novo sistema calendárico: B, L, F, S, N, H, D, T, C, Q, M, G, Ng, Z, R. Este é o alfabeto associado a

Hércules Ogmius, ou “Face Solar de Ogma”, do mesmo modo como o antecessor era associado a Foroneu (vide 132. *3*).

5. Cada vogal representava uma estação trimestral do ano: O (tojo), o equinócio de primavera; U (urze), o solstício de verão; E (álamo), o equinócio de outono; A (abeto ou palmeira), a árvore do nascimento; e I (teixo), a árvore da morte, compartilhavam o solstício de inverno. Essa ordem das árvores está implícita no mito grego e latino e nas tradições sagradas de toda a Europa e, *mutatis mutandis*, na Síria e na Ásia Menor. A deusa Carmenta (vide 86. *2* e 132. *6*) inventou o B e o T assim como as vogais, pois cada uma dessas consoantes calendáricas introduzia metade do seu ano, tal como estava dividido entre o rei sagrado e seu *tanist*.

6. Os grous eram consagrados a Hermes (vide 17. *3* e 36. *2*), protetor dos poetas antes que Apolo lhe usurpasse o poder; e os primeiros caracteres alfabéticos eram cuneiformes. Palamedes (“antiga inteligência”), com seu grou sagrado (Marcial: *Epigramas* XIII. 75), era o equivalente cário do deus egípcio Tot, inventor das letras, com sua íbis semelhante ao grou; e Hermes foi o primeiro equivalente helênico de Tot (vide 162. *s*). Que Simônides e Epicarmo adicionaram novas letras ao alfabeto é história, não mito, embora não se saiba com exatidão por que o fizeram. Duas das adições, *xi* e *psi*, eram desnecessárias, e a supressão da aspirada (H) e da *digamma* (F) empobreceu o cânone.

7. Pode-se demonstrar que os nomes das letras conservadas no *Beth-luis-nion* irlandês, que, segundo o relato tradicional, procedem da Grécia e chegaram à Irlanda através da Espanha (vide 132. *5*), formavam um antigo encantamento grego em honra à Deusa Branca árcade Alfito, a qual, na época clássica, já havia se reduzido a um mero bicho-papão. A ordem cadmeia das letras, perpetuada no conhecido ABC, parece ser um arranjamento deliberadamente equivocado dos mercadores fenícios, que utilizavam o alfabeto secreto com fins comerciais, mas temiam ofender a deusa revelando a sua verdadeira ordem.

Este complicado e importante tema é tratado amplamente em *The White Goddess* (capítulos 1-15 e 21).

8. As vogais acrescentadas pelos sacerdotes de Apolo à sua lira eram provavelmente aquelas mencionados por Demétrio, um filósofo alexandrino do século I a.C., quando escreve em sua dissertação *Sobre o estilo*: “No Egito, os sacerdotes cantam hinos aos deuses pronunciando sucessivamente as sete vogais, cujo som produz uma impressão musical tão forte em seus ouvintes que é como se eles estivessem tocando flauta e lira (…) mas talvez seja melhor eu não me estender sobre este tema.”

Isso sugere que nos santuários de Apolo usavam-se as vogais na música de lira terapêutica.

NOTA

[1] Higino: *Fábula* 277; Isidoro de Sevilha: *Origens* VIII. 2. 84; Filóstrato: *Heroica* X. 3; Plínio: *História natural* VII. 57; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XIX. 593; Plutarco: *Banquetes* IX. 3.

53

OS DÁCTILOS

Alguns dizem que, enquanto Reia dava à luz Zeus, ela apertou os dedos no solo a fim de mitigar suas dores e deles surgiram os Dáctilos: cinco fêmeas de sua mão esquerda e cinco machos da direita. Porém, é mais comumente aceito que eles já viviam no monte Ida, na Frígia, muito antes do nascimento de Zeus, e há quem diga que a ninfa Anquiale os deu à luz na Caverna Dicteia, perto de Oaxo. Os Dáctilos machos eram ferreiros e foram os primeiros descobridores do ferro no monte Berecinto, perto dali. Suas irmãs se instalaram na Samotrácia, despertando ali grande admiração com seus feitiços mágicos e ensinando a Orfeu os mistérios da Deusa. Seus nomes são um segredo muito bem guardado.[1]

b. Conforme outra versão, machos eram os curetes que protegiam o berço de Zeus em Creta e que depois chegaram à Élida e ergueram um templo para aplacar Cronos. Seus nomes eram Hércules, Péon, Epimedes, Jásio e Acesidas. Hércules trouxe a oliveira silvestre dos hiperbóreos a Olímpia e pôs seus irmãos menores para disputar uma corrida ali, originando-se assim as olimpíadas. Também se diz que ele coroou Péon, o vitorioso, com um ramo de oliveira silvestre, e que depois eles dormiram em leitos feitos das folhas verdes dessa árvore. Mas a verdade é que a oliveira silvestre não foi usada para coroar o vencedor senão até a sétima Olimpíada, quando o oráculo de Delfos ordenou a Ífito que a usasse em substituição ao ramo da macieira, que até então era outorgado como o prêmio da vitória.[2]

c. Ácmon, Damnameneu e Celmis são títulos dos três Dáctilos mais velhos. Alguns dizem que Celmis foi transformado em ferro como punição por ter insultado Reia.[3]

1. Os Dáctilos eram personificações dos dedos, e a corrida olímpica de Hércules é uma fábula infantil que se ilustra tamborilando os dedos sobre uma mesa, omitindo o polegar — sendo que o ganhador é sempre o dedo indicador. Mas a tradição secreta órfica se baseava numa sequência calendárica de árvores mágicas, a cada uma das quais era designada uma articulação distinta na linguagem de sinais e uma letra diferente do alfabeto-calendário órfico, que parece ter sido de origem frígia (vide 52. *3*). A oliveira silvestre pertence à articulação superior do polegar, supostamente sede da virilidade e chamada, portanto, de Hércules. Diz-se que folhas nasciam do corpo desse Hércules (Paléfato: 37). O sistema é evocado nos nomes populares que se dão aos dedos em alguns países do Ocidente: por exemplo, “o dedo do bobo”, que corresponde a Epimedes; o dedo médio; e o “dedo médico”, que corresponde a Jásio, o anular. Eles são recordados também nos nomes da quiromancia. Por exemplo, Saturno no lugar de Epimedes — pois Saturno se mostrara obtuso em sua luta com Zeus; e Apolo, deus da cura, no lugar de Jásio. O dedo indicador é concedido a Júpiter, ou Zeus, que ganhou a corrida. O dedo mínimo, Mercúrio ou Hermes, é o dedo mágico. Em toda a Europa primitiva, a metalurgia era acompanhada por encantamentos, e, portanto, os ferreiros chamavam de dáctilos os dedos da mão direita, deixando os da esquerda às feiticeiras.

2. A história de Ácmon, Damnameneu e Celmis, cujos nomes estão relacionados ao ofício do ferreiro, é outra fábula infantil que se representa golpeando o dedo indicador sobre o polegar, como o martelo numa bigorna, deslizando depois a ponta do dedo médio entre eles, como se fosse um pedaço de ferro incandescente. O ferro chegou a Creta através da Frígia, de lugares distantes, para além da costa meridional do mar Negro, e Celmis, personificação do ferro fundido, devia ser insuportável para a Grande Deusa Reia, padroeira dos ferreiros, cujo declínio religioso começou com a fundição do ferro e a chegada dos dórios e suas armas de ferro. Ela só havia reconhecido ouro, prata, cobre, chumbo e estanho como metais terrestres, embora as massas de ferro dos meteoritos fossem altamente apreciadas por causa de sua origem miraculosa, e parece inclusive que uma caiu no monte Berecinto. Uma massa bruta foi encontrada num depósito neolítico de Festo ao lado de uma imagem de barro da deusa, conchas marinhas e tigelas de oferenda. Todo o ferro do Egito primitivo é de origem meteórica: contém uma alta proporção de níquel e é praticamente inoxidável. A ofensa de Celmis a Hera foi o que deu nome ao dedo médio: *digita impudica*.

3. Os jogos olímpicos começaram como uma corrida de meninas que competiam pelo privilégio de se converterem em sacerdotisas da deusa-Lua Hera (Pausânias: V. 16. *2*), e, dado que o acontecimento ocorria no mês de Partênios, "o da donzela", parece que se celebravam anualmente. Quando Zeus se casou com Hera — ou seja, quando os aqueus já haviam introduzido na Grécia uma nova forma de reinado sagrado (vide 12. *7*) —, celebrou-se uma segunda corrida da qual participaram apenas jovens rapazes que competiam pelo arriscado privilégio de se tornar o consorte da sacerdotisa, o Sol para a Lua e, portanto, rei da Élida, tal como Anteu obrigou os pretendentes de sua filha a correr por ela (Píndaro: *Odes píticas* IX), seguindo o exemplo de Ícaro (vide 160. *d*) e Dânao (vide 60. *m*).

4. Mais tarde, os jogos passaram a ser celebrados a cada quatro anos em vez de anualmente, sendo a corrida das meninas um festival à parte, 15 dias antes ou depois dos jogos olímpicos propriamente ditos. O reinado sagrado outorgado ao vencedor da corrida ao casar-se com a nova sacerdotisa é evocado nas honras divinas que a vitória continuava conferindo na época clássica. Tendo sido coroado com a oliveira de Hércules ou Zeus, saudado como "rei Hércules" e aclamado com folhas como um Jack O'Green, ele encabeçava a dança numa procissão triunfal e comia a carne do touro sacrificado na Sala do Conselho.

5. O prêmio original, uma maçã ou um ramo de macieira, havia sido uma promessa de imortalidade quando ele era devidamente morto pelo seu sucessor. Plutarco (*Questões referentes aos simpósios* V. 2) menciona que, embora a única competição existente nos jogos olímpicos originais fosse uma corrida, celebrava-se também um único combate que só poderia terminar com a morte do perdedor. Esse combate é registrado mitologicamente na história de que os jogos olímpicos teriam começado com uma luta corpo a corpo entre Zeus e Cronos pela posse da Élida (Pausânias: V. 7), a saber, o combate do solstício de verão entre o rei e seu sucessor; e o resultado era conhecido de antemão, pois o sucessor ia armado de uma lança.

6. Um escoliasta de Píndaro (*Odes olímpicas* III. 33), citando Comarco, demonstra que o Ano-novo elidense era calculado a partir da Lua cheia mais próxima do solstício de inverno, e que o segundo Ano-novo começava no solstício de verão. Assim, o mais provável é que o novo Zeus-Héracles, ou seja, o vencedor da corrida, matasse o sucessor do Ano-velho, Cronos-Íficles, no solstício de inverno. Daí Hércules ser o primeiro a instituir os jogos e mencionar a colina sepulcral de Cronos "numa estação em que o cume estava úmido de tanta neve" (Píndaro: *Odes olímpicas* X. 49).

7. Nos tempos antigos, folhas de carvalho eram atiradas sobre Zeus-Héracles, que recebia o ramo de macieira no solstício de verão, pouco antes de

ser morto por seu sucessor; ele ganhara o ramo da oliveira silvestre real no solstício de inverno. A substituição da macieira pela oliveira silvestre, que é a árvore que afasta os maus espíritos, implicava a abolição desse combate mortal e a conversão do ano simples, dividido em duas metades, no Grande Ano. Ele começava com o solstício de inverno, quando os tempos solar e lunar coincidiam favoravelmente ao casamento da Lua com o Sol, e era dividido em duas olimpíadas de quatro anos cada uma, reinando o rei e seus sucessores sucessiva ou simultaneamente. Embora na época clássica a corrida da carruagem solar — cuja autoridade mitológica é concurso entre Pélope e Enômao por Deidâmia, ou Hipodâmia (vide 109. *3*) — houvesse se transformado no acontecimento mais importante dos jogos, ainda se considerava de mau agouro que alguém atirasse folhas após a vitória na corrida, e Pitágoras aconselhava seus amigos a participarem da corrida, mas não ganharem-na. O boi da vitória, que se comia na Sala do Conselho, era claramente um substituto do rei, como no festival ateniense das Bufonias (vide 21. *13*).

8. Olímpia não é uma localidade micena, e portanto não é provável que os mitos pré-aqueus tenham sido importados de Creta; eles mais parecem pelasgos.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: V. 64; Sófocles: *Os sátiros surdos*, citado por Estrabão X. 3. 22; Apolônio de Rodes: 509 e 1.130.

[2] Pausânias: V. 7. 4; Flegon de Tralles: *Fragmenta Historica Graeca* III. 604.

[3] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 1.129; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 281.

54

OS TELQUINOS

Os nove Telquinos com cabeça de cachorro e barbatanas no lugar de mãos, filhos do Mar, nasceram em Rodes, onde fundaram as cidades de Camiro, Jaliso e Lindo. De lá, emigraram para Creta, transformando-se em seus primeiros habitantes. Reia confiou-lhes o pequeno Poseidon para que cuidassem dele, e eles então forjaram o seu tridente, mas, muito antes disso, haviam fabricado para Cronos a foice dentada com a qual ele castrou seu pai Urano. Os Telquinos foram os primeiros a talhar imagens dos deuses.

b. Zeus, entretanto, decidiu destruí-los com um dilúvio, pois estavam interferindo no clima, levantando névoas mágicas e secando as colheitas com enxofre e água do Estige. Alertados por Ártemis, eles fugiram todos para o ultramar: alguns para a Beócia, onde construíram o templo de Atena em Teumesso; outros para Sícion, para Lícia, para Orcômeno, onde foram os sabujos que despedaçaram Actéon. Mas Zeus destruiu os Telquinos de Teumesso com um dilúvio. Apolo, metamorfoseado em lobo, destruiu os da Lícia, embora eles houvessem tentado apaziguá-lo construindo-lhe um novo templo; e já não restam vestígios dos Telquinos de Orcômeno. Acredita-se que ainda haja alguns vivendo em Sícion.[1]

1. O fato de os nove Telquinos serem filhos do Mar, sabujos de Ártemis, criadores de névoas mágicas e fundadores de cidades com nomes das três danaides Camiro, Jálisa e Linda (vide 60. *d*) sugere que eles originalmente eram

emanações da deusa-Lua Dânae: cada uma de suas três pessoas numa tríade (vide 60. *2*). Os gramáticos gregos derivaram o termo “telquino” de *thelgein*, “encantar”. Mas, como nas pinturas da tirrena Cila — que em Creta se sentia também em casa (vide 91. *2*) — combinam-se da mesma maneira mulheres, cães e peixes, como nas carrancas dos navios tirrenos, a palavra pode ser uma versão de “Tyrrhen” ou “Tyrsen”. Os líbios confundiam o *l* e o *r*, e a consoante seguinte assumia um som entre aspirado e sibilante. Ao que parece, eles eram adorados por um povo primitivo patriarcal na Grécia, em Creta, na Lídia e nas ilhas do Egeu, que os invasores patriarcais helenos perseguiram, absorvendo-os e obrigando-os a emigrar para o oeste. Sua origem pode ser a África oriental.

2. As névoas mágicas surgiam graças a feitiços com o salgueiro. Supunha-se que a água do Estige (vide 31. *4*) era tão sagrada que a mínima gota poderia provocar a morte, a menos que se bebesse numa taça feita do casco de um cavalo, o que demonstra que ela era consagrada à deusa árcade com cabeça de égua. Diz-se que Alexandre, o Grande, foi envenenado com água do Estige (Pausânias: VIII. 18. *2*). O uso mágico que os Telquinos deram a essa água sugere que seus devotos se reuniam no monte Nonacris (“nove picos”), próximo dali, e que foi num determinado período o principal centro religioso da Grécia. Até mesmo os deuses olímpicos realizavam seus mais solenes juramentos às margens do Estige.

NOTA

[1] Eustácio sobre Homero: pp. 771-772; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 365-367; Diodoro Síciulo: III. 55. 2-3; Estrabão: XIV. 2. 7; Calímaco: *Hino a Delos* 31; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio IV. 377.

55

AS EMPUSAS

Os asquerosos demônios chamados Empusas, filhas de Hécate, têm ancas de asno e calçam chinelos de bronze — embora também se lhes atribuam uma perna de asno e outra de bronze. As Empusas costumam aterrorizar os viajantes, mas podem ser afugentadas com insultos, pois, ao ouvi-los, fogem guinchando. Costumam também metamorfosear-se em cadelas, vacas ou até mesmo em formosas donzelas, forma sob a qual seduzem os homens à noite, ou durante a sesta do meio-dia, para sugar-lhes a força vital.[1]

1. As Empusas (“penetradoras”) são demônios femininos avidamente sedutores, um conceito trazido para a Grécia provavelmente da Palestina, onde elas eram conhecidas pelo nome de Lilim (“filhas de Lilith”) e acreditava-se que tinham ancas de asno, já que o asno simboliza a lascívia e a crueldade. Lilith (“bufo”) era uma Hécate cananeia, e os judeus faziam amuletos para se protegerem dela até mesmo em fins da Idade Média. Hécate, a verdadeira regente do Tártaro (vide 31. *f*), usava uma sandália de bronze — a sandália dourada era de Afrodite —, e suas filhas, as Empusas, seguiram seu exemplo. Podiam se transformar em formosas donzelas, em vacas ou cadelas, porque Hécate Cadela, membro da tríade lunar, era a mesma deusa que Afrodite ou a Hera com olhos de vaca.

NOTA

[1] Aristófanes: *As rãs* 288 *et seq.*; *Parlamento de mulheres* 1.056 e 1.094; *Papyri Magici Graeci* IV. 2.334; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* IV. 25; Suidas *sub* Empusas.

56

IO

Io, filha do deus fluvial Ínaco, era uma sacerdotisa da Hera argiva. Zeus — enfeitiçado por Iinx, filha de Pã e Eco — apaixonou-se por Io, e, quando Hera o acusou de infidelidade e, como castigo, transformou Iinx num torcicolo — ave que simbolizava os amores infelizes —, ele mentiu: “Jamais toquei Io.” Ele então a transformou numa vaca branca, que Hera reclamou como sua e entregou a Argo Panoptes para guardá-la, ordenando: “Amarre este animal em segredo numa oliveira em Nemeia.” Mas Zeus encarregou Hermes de resgatá-la e ele mesmo dirigiu-se a Nemeia — segundo alguns, a Micenas — em forma de pica-pau. Hermes, apesar de ser o mais astuto dos ladrões, sabia que não podia roubar Io sem ser descoberto por um dos cem olhos de Argo, de maneira que ele o fez adormecer tocando uma flauta, esmagou-o com uma rocha, cortou-lhe a cabeça e libertou Io. Hera pôs os olhos de Argos na cauda de um pavão como lembrança constante de seu injusto assassinato e enviou um moscardo que perseguiu Io por todo o mundo.

b. Io foi primeiro a Dodona e logo chegou ao mar Jônico, assim chamado em honra de seu nome, mas dali voltou e foi para o norte, em direção ao monte Hemo, e então, no delta do Danúbio, ela seguiu o movimento do Sol em torno do mar Negro, cruzando o estreito de Bósforo na Crimeia e seguindo o rio Hibristes até a sua nascente no Cáucaso, onde Prometeu ainda agonizava sobre sua rocha. Ela voltou à Europa através da Cólquida, terra dos cálibes, e pelo Bósforo trácio; depois galopou através da Ásia Menor até Tarso e Jopa, e em seguida para Media, Báctria e Índia. Atravessando a Arábia pela sua porção sudoeste, através do Bósforo índico [o estreito de Bab-el-Mandeb], chegou à Etiópia. Viajou, então, até as nascentes do Nilo, onde os pigmeus vivem em constante guerra contra os grous, e encontrou finalmente descanso no Egito. Lá, Zeus devolveu-

lhe a forma humana. Após casar-se com Telégono, ela deu à luz Épafo — na verdade, filho de Zeus, que a havia *tocado* com certas intenções — e instituiu o culto a Ísis, nome que ela dava a Deméter. Épafo, sobre quem corria o boato que fosse o touro sagrado Ápis, reinou no Egito e teve uma filha, Líbia, mãe de Agenor e Belo, com Poseidon.[1]

c. Conta-se ainda que Io deu à luz Épafo numa caverna eubeia chamada Boosaule, e que depois morreu ali em consequência da picada do moscardo; e que, como vaca, ela mudava sua cor do branco para o violeta, e do violeta para o preto.[2]

d. Há ainda uma outra versão segundo a qual Ínaco, filho de Iápeto, rei de Argos e fundador da cidade de Iópolis — Io é o nome pelo qual a Lua foi venerada em Argos —, deu o nome de Io à sua filha em homenagem à Lua. Zeus Pico, rei do Ocidente, mandou seus criados trazerem Io, e ele a violou tão logo chegou a seu palácio. Após dar-lhe uma filha chamada Líbia, Io fugiu para o Egito, mas descobriu que Hermes, filho de Zeus, estava reinando por lá, de modo que ela continuou sua fuga até o monte Silpio, na Síria, onde morreu de dor e vergonha. Ínaco enviou então os irmãos e parentes de Io em sua busca, advertindo-os de que não voltassem de mãos vazias. Com Triptólemo como guia, eles bateram em todas as portas da Síria, gritando: “Que o espírito de Io encontre a paz!”, até que finalmente chegaram ao monte Silpio, onde uma vaca espectral lhes disse: “Aqui estou eu, Io.” Eles pensaram que Io deveria ter sido enterrada naquele mesmo lugar, e portanto decidiram fundar ali uma segunda Iópolis, hoje chamada Antióquia. Em homenagem a Io, os iopolitanos batem uns às portas dos outros da mesma maneira a cada ano, utilizando a mesma fórmula, e os argivos guardam luto por ela anualmente.[3]

1. Este mito é composto por várias tramas. Os argivos adoravam a Lua como vaca, porque o corno da Lua nova era considerado a origem de todas as águas e, portanto, da forragem com que se alimentava o gado. Suas três cores — branco para a Lua nova, vermelho para a Lua das colheitas e negro para a Lua em quarto minguante — representavam as três idades da deusa-Lua como donzela, ninfa e velha (vide 90. *3*). Io mudava de cor tal como muda a Lua, mas o mitógrafo substituiu o “vermelho” pelo “violeta” porque, em grego, *ion* é a flor violeta. Acreditava-se que os pica-paus atraíam a chuva quando bicavam os troncos dos carvalhos, e Io era a Lua que atraía as chuvas. Os pastores

precisavam da chuva mais do que nunca no fim do verão, quando os moscardos atacavam o gado e o deixavam fora de si. Na África, as tribos negras que possuem gado ainda se apressam de pasto em pasto quando os moscardos atacam. Parece que as sacerdotisas argivas de Io executavam uma dança anual da vitela, na qual elas fingiam estar enlouquecidas por causa dos moscardos, enquanto homens-pica-paus batiam em portas-carvalhos gritando "Io! Io!", invocando a chuva para aliviar os seus tormentos. Essa parece ser a origem do mito das mulheres coanas que eram transformadas em vacas (vide 137. *s*). As colônias argivas fundadas na Eubeia, no Bósforo, no mar Negro, na Síria e no Egito levaram com elas sua dança da chuva. O torcicolo, a principal ave orgiástica da deusa-Lua, constrói seu ninho nos salgueiros e estava, portanto, relacionado à magia da água (vide 152. *2*).

2. A lenda inventada para justificar a difusão desse ritual para o Oriente, assim como a semelhança entre o culto de Io na Grécia, o de Ísis no Egito, o de Astarte na Síria e o de Kali na Índia, foi enxertada em dois relatos que não têm nenhuma correlação: o da vaca-Lua sagrada que vaga pelos céus, protegida pelas estrelas — existe uma lenda irlandesa parecida, a da "Nudista Verde" —, e o das sacerdotisas da Lua, a quem os líderes dos invasores helenos, que se autointitulavam Zeus, violaram, para o horror da população local. Estabeleceu-se que Hera, como esposa de Zeus, teve de manifestar seu ciúme em relação a Io, embora Io fosse um outro nome da Hera "com olhos de vaca". O luto de Deméter por Perséfone é recordado no festival argivo do luto por Io, já que no mito igualou-se Io a Deméter. Ademais, a cada três anos celebravam-se os Mistérios de Deméter em Celea ("chamado"), perto de Corinto, e dizia-se que haviam sido instituídos por um irmão de Céleo ("pica-pau"), rei de Elêusis. Hermes é chamado de filho do Zeus Pico ("pica-pau") — Aristófanes, em *Os pássaros* (480), acusa Zeus de roubar o cetro do pica-pau —, e também se diz que Pã era filho de Hermes com a ninfa Driopeia ("pica-pau"); e que Fauno, o Pã latino, era filho de Pico ("pica-pau"), que Circe converteu em pica-pau por haver desprezado seu amor (Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 6). A tumba cretense de Fauno ostentava o epitáfio: "Aqui jaz o pica-pau que também foi Zeus" (Suidas *sub* Picos). Os três são deuses pastoris com poderes de fazer chover. O nome de Líbia denota chuva, e as chuvas invernais chegavam à Grécia vindas da direção da Líbia.

3. A paternidade de Zeus sobre Épafo, que se transformou no ancestral de Líbia, Agenor, Belo, Egito e Dânao, implica que os adoradores aqueus de Zeus reclamavam a soberania sobre todos os povos marítimos do sudeste mediterrânico.

4. O mito dos pigmeus e dos grous parece referir-se às tribos de homens altos dedicados à criação de gado que irromperam no vale do Alto Nilo desde as terras da Somália, obrigando os pigmeus a se deslocarem para o sul. Eles eram chamados de “grous” porque, tanto então quanto também agora, podiam aguentar muito tempo apoiados em uma só perna, segurando o tornozelo da outra perna com a mão oposta e apoiados numa lança.

NOTAS

[1] Calímaco: *Sobre as aves*, *Fragmento* 100; Apolodoro: II. 1. 3; Higino: *Fábula* 145; Suidas *sub* Io; Luciano: *Diálogos dos deuses* 3; Moschus: *Idílio* II. 59; Heródoto: I. 1 e II. 41; Homero: *Ilíada* III. 6; Ésquilo: *Prometeu acorrentado* 705 *et seq.* e *Suplicantes* 547 *et seq.*; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 382; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 835 *et seq.*

[2] Estrabão: X. 1. 3; Estêvão de Bizâncio *sub* Argura; Suidas *sub* Ísis.

[3] John Malalas: *Crônicas* II. p. 28, ed. Dindorff.

57

FORONEU

O primeiro homem que fundou e povoou uma cidade-mercado foi o irmão de Io, Foroneu, filho do deus fluvial Ínaco e da ninfa Mélia. Posteriormente, o nome dessa cidade, Forônico, mudou para Argos. Foroneu foi também o primeiro a descobrir o uso do fogo depois que Prometeu o roubou. Casou-se com a ninfa Cerdo, governou todo o Peloponeso e instituiu o culto a Hera. Quando ele morreu, seus filhos Pelasgo, Jaso e Agenor dividiram entre si o Peloponeso, mas seu filho Car fundou a cidade de Mégara.[1]

1. O nome Foroneu, que os gregos traduziram como “portador de preço”, ligado ao fato de que foi ele quem inventou os mercados, provavelmente se refere a Fearinus (“do amanhecer do ano”, ou seja, a primavera). Suas variantes são Bran, Barn, Bergn, Vron, Ephron, Gwern, Fearn e Brennus. Como espírito do amieiro que presidia o quarto mês do ano sagrado (vide 28. *1* e *5*, 52. *3* e 170. *8*), durante o qual se celebrava o Festival do Fogo Primaveril, ele foi descrito como filho de Ínaco, porque os amieiros crescem perto dos rios. Sua mãe é a ninfa-freixo Mélia, porque sobre o freixo, árvore precedente da mesma sequência, diz-se que “corteja o raio” — a primeira fonte de fogo para o homem primitivo foram as árvores derrubadas por um raio. Como herói oracular, ele era também associado ao corvo (vide 50. *1*). A descoberta do uso do fogo por parte de Foroneu pode ser explicada pela preferência dos antigos ferreiros e oleiros pelo carvão de amieiro, que produz mais calor do que qualquer outro. Cerdo

(“ganância” ou “arte”) é um dos títulos de Deméter, que se aplicava a ela como doninha ou raposa, ambos considerados animais proféticos. “Phoroneus” parece ter sido um título de Cronos, ao qual se associam também o corvo e o amieiro (vide 6. *2*) e, portanto, o Titã do Sétimo Dia. A divisão do reino de Foroneu entre seus filhos Pelasgo, Jaso e Agenor evoca a repartição do reino de Cronos entre Zeus, Poseidon e Hades, embora descreva talvez uma partilha pré-acaica do Peloponeso.

2. Car é Q’re, ou Cário, ou o Grande Deus Ker, cujo título parece ter derivado de sua mãe Lua Ártemis Cária, ou Cariatis.

NOTA

[1] Higino: *Fábulas* 143 e 274; Apolodoro: II. 1. 1; Pausânias: I. 39. 4-6; II. 15. 5 e IV. 40. 5.

58

EUROPA E CADMO

Agenor, filho de Líbia e Poseidon, e irmão gêmeo de Belo, abandonou o Egito para se estabelecer na Terra de Canaã, onde se casou com Telefassa, também chamada Argíope, que lhe deu como filhos Cadmo, Fênix, Cílix, Taso e Fineu, e uma filha, Europa.[1]

b. Zeus se apaixonou por Europa e mandou Hermes conduzir o gado de Agenor para a costa de Tiro, onde sua amada e as companheiras costumavam passear. Ele mesmo se juntou à manada, metamorfoseado em um touro branco como a neve, com grandes barbelas e chifres pequenos como pedras preciosas, entre as quais corria uma única risca negra. Europa surpreendeu-se com a beleza do animal e, ao notar que ele era manso como um cordeiro, superou o medo e pôs-se a brincar com ele, colocando flores em sua boca e pendurando guirlandas em seus chifres. Por fim, ela montou nele e o deixou vagar até a beira do mar. Subitamente ele entrou na água, enquanto ela, aterrorizada, olhava para trás, na direção da costa que se distanciava, uma das mãos agarrada ao seu chifre direito, a outra ainda segurando uma cesta de flores.[2]

c. Zeus se aproximou da costa cretense de Gortina, onde se transformou numa águia e violou Europa numa moita de salgueiros junto a um regato, ou, segundo outra versão, debaixo de um plátano perene. Ela lhe deu três filhos: Minos, Radamanto e Sarpédon.[3]

d. Agenor mandou seus filhos buscarem a irmã, proibindo-lhes de regressarem sem ela. Eles zarparam imediatamente, mas, sem ter nenhuma noção do rumo tomado pelo touro, cada um seguiu um caminho diferente. Fênix foi para o oeste, para além da Líbia, chegando até onde hoje é Cartago, e lá ele deu seu nome aos púnicos, mas, após a morte de Agenor, voltou a Canaã, que desde então passou a se chamar Fenícia em sua homenagem, e tornou-se o pai de

Adônis com Alfesibeia (ou Arsínoe).[4] Cílix foi para o país dos hipaqueus, que recebeu o seu nome, Cilícia.[5] E Fineu se dirigiu para a Tínia, a península que separa o mar de Mármara do mar Negro, onde posteriormente caiu em grande perigo devido às harpias. Taso e seus seguidores foram primeiro até Olímpia, onde dedicaram uma estátua de bronze da altura de 10 metros ao Hércules tírio, que segurava uma clava e um arco nas mãos, e depois zarparam para colonizar a ilha de Tassos e explorar suas ricas minas de ouro. Tudo isso ocorreu cinco gerações antes que Hércules, filho de Anfitrião, nascesse na Grécia.[6]

e. Cadmo, em companhia de Telefassa, zarpou para Rodes, onde dedicou um caldeirão de bronze a Atena de Lindo e construiu um templo para Poseidon, deixando um sacerdócio hereditário a fim de tomar conta dele. Em seguida eles desembarcaram em Tera e construíram um templo parecido, para finalmente chegar à terra dos édones trácios, que os receberam com toda a hospitalidade. Lá, Telefassa morreu subitamente, e, após seu funeral, Cadmo e seus companheiros se dirigiram ao pé do oráculo de Delfos. Quando perguntaram onde podiam encontrar Europa, a pitonisa os aconselhou a abandonar a busca e, em vez disso, procurar por uma vaca e construir uma cidade no lugar em que o animal viesse a cair de exaustão.

f. Partindo pela estrada que ligava Delfos à Fócida, Cadmo encontrou alguns vaqueiros a serviço do rei Pelagonte, que lhe venderam uma vaca marcada com uma Lua cheia branca em cada flanco. Ele levou o animal para o Oriente, atravessando a Beócia, sem deixá-lo repousar, até que, finalmente, a vaca caiu no lugar onde hoje se encontra a cidade de Tebas, e ali ele ergueu uma imagem de Atena, chamando-a pelo seu nome fenício: Onga.[7]

g. Cadmo, advertindo seus companheiros no sentido de sacrificar a vaca a Atena sem demora, mandou-os buscar água lustral da Fonte de Ares, agora chamada Fonte Castaliana, sem saber, entretanto, que ela era guardada por uma grande serpente. Esta serpente tirou a vida de quase todos os homens de Cadmo, e ele se vingou esmagando a cabeça da criatura com uma rocha. Mal havia ele oferecido o sacrifício a Atena quando ela apareceu diante dele, elogiando-o pelo feito e ordenando-lhe que semeasse no solo os dentes do ofídio. Ao cumprir a tarefa, subitamente brotaram da terra, armados, os Espartos, ou Homens Semeados, batendo suas armas ao mesmo tempo. Cadmo atirou uma pedra no meio deles, e eles começaram a brigar, cada um acusando o outro de tê-la atirado, e brigaram tão ferozmente que, ao final, restaram apenas cinco: Equíon, Udeu, Ctônio, Hiperenor e Peloro, que unanimemente ofereceram seus serviços a Cadmo. Mas Ares exigiu vingança pela morte da serpente, e Cadmo foi condenado por um tribunal divino a ser o seu servo durante um Grande Ano.[8]

1. Há numerosas e confusas versões da genealogia citada anteriormente. Por exemplo, Taso é alternadamente descrito como filho de Poseidon, de Cílix (Apolodoro: III. 1. 1) ou Títio (Píndaro: *Odes píticas* IV. 46). Agenor é o herói fenício Cnas, que aparece no *Gênesis* como "Canaã". Muitos costumes cananeus parecem ter sua origem na África oriental, e é possível que os cananeus tenham chegado originalmente ao Baixo Egito a partir de Uganda. A dispersão dos filhos de Agenor parece registrar a fuga para o oeste das tribos cananeias no início do segundo milênio a.C. por conta da pressão dos invasores arianos e semitas.

2. A história dos filhos de Ínaco e sua busca por Io, a vaca-Lua (vide 56. *d*), influenciou a dos filhos de Agenor e sua busca por Europa. Fênix é uma forma masculina de Fenissa ("a vermelha, ou sanguinária"), título dado à Lua como deusa da morte-em-vida. Europa significa "rosto largo", um sinônimo para a Lua cheia, e um título das deusas-Lua Deméter em Lebadia e Astarte em Sidon. Entretanto, caso não se trate de *eur-ope* mas de *eu-rope* (por analogia com *euboea*), também pode significar "boa para os salgueiros" — ou seja, "abundante em água". O salgueiro rege o quinto mês do ano sacro (vide 52. *3*) e está associado à feitiçaria (vide 28. *5*) e aos ritos de fertilidade por toda a Europa, especialmente no Dia de Maio, que cai nesse mês. Líbia, Telefassa, Argíope e Alfesibeia são todos também títulos da deusa-Lua.

3. A violação de Europa por parte de Zeus, que registra uma ocupação anterior de Creta pelos helenos, foi deduzida a partir de pinturas pré-helênicas da sacerdotisa da Lua que monta triunfante o lombo do touro Sol, sua vítima. Essa cena foi conservada em oito placas esculpidas em vidro azul, encontradas na cidade micênica de Midea. Isso parece ter sido parte do rito da fertilidade durante o qual se levava em procissão a grinalda de maio de Europa (Ateneu: p. 678 a-b). A sedução de Europa por parte de um Zeus disfarçado de águia evoca a sedução de Hera, em cuja ocasião ele estava disfarçado de cuco (vide 12. *a*), já que, segundo Hesíquio, Hela ostentava o título de "Europia". O nome cretense e coríntio de Europa era Helotis, que sugere o de Hélice ("salgueiro"). Hele (vide 43. *1* e 70. *8*) e Helena são o mesmo personagem divino. Calímaco, em seu *Epitalâmio para Helena*, diz que o plátano estava consagrado a Helena. Sua santidade está concentrada em suas folhas de cinco pontas, que representam a mão da deusa (vide 53. *a*), e em sua mudança anual de casca. Mas Apolo o tomou para si (vide 160. *10*), assim como o deus Esmun tomou de Tanit (Neith) o emblema da mão aberta (vide 21. *3*).

4. É possível que a história de Europa também comemore a invasão da Fenícia pelos helenos de Creta. João Malalas dificilmente teria inventado a "Noite Desgraçada" de Tiro ao escrever: "Tauro ('touro'), rei de Creta, assaltou Tiro após uma batalha marítima durante a ausência de Agenor e seus filhos. Eles tomaram a cidade na mesma noite e fizeram muitos prisioneiros, entre eles Europa. Esse acontecimento ainda é relembrado durante a 'Noite Desgraçada', celebrada anualmente em Tiro." (*Crônicas* II. p. 30, ed. Dindorff) Heródoto (1. 2) concorda com Malalas (vide 160. *1*).

5. O Hércules tírio que Teseu venerou em Olímpia era o deus Melkarth. Parece que uma pequena tribo que falava uma língua semita transladou-se das planícies sírias até a Cadmeia, em Cária — Cadmo é uma palavra semita que significa "oriental" —, onde cruzaram a Beócia em fins do segundo milênio, tomaram Tebas e se fizeram donos do país. O mito dos Homens Semeados e da servidão de Cadmo a Ares sugere que os invasores cadmeus garantiram seu poder na Beócia ao intervir com sucesso numa guerra civil entre as tribos pelásgicas, que alegavam ser autóctones, e que aceitaram a lei local que previa um reinado de oito anos para o rei sagrado. Cadmo matou a serpente do mesmo modo como Apolo matou Píton em Delfos (vide 21. *12*). Os nomes dos Homens Semeados — Equíon ("vípera"), Udeu ("da terra"), Ctônio ("do solo"), Hiperenor ("homem que se levanta") e Peloro ("serpente") — são característicos dos heróis oraculares. Mas "Peloro" indica que todos os pelasgos, não só os tebanos, alegavam ter nascido dessa forma; a festa comum dos pelasgos eram as Pelorias (vide 1. *2*). Jasão semeou os dentes do dragão provavelmente em Iolco ou Corinto, não na Cólquida (vide 152. *3*).

6. Dizia-se também que Troia e Antióquia haviam sido fundadas em lugares eleitos por vacas sagradas (vide 158. *h* e 56. *d*). O mais provável, porém, é que tal prática não se realizasse literalmente: a vaca deveria ser simplesmente solta numa determinada parte do lugar escolhido, e então os fundamentos do templo da deusa-Lua eram lançados no lugar onde ela se deitasse. A sensibilidade estratégica e comercial das vacas não é especialmente desenvolvida.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 1. 1; Higino: *Fábulas* 178 e 19; Pausânias: V. 25. 7; Apolônio de Rodes: II. 178.

[2] Ovídio: *As metamorfoses* II. 836 *et seq.*; Moschus: *Idílios* II. 37-62.

[3] As Moedas de Gortina; Teófrasto: *História das plantas* I. 9. 5; Higino: *Fábula* 178.

[4] Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 1. 1 e 14. 4.

[5] Heródoto: VII. 91.

[6] Pausânias: V. 25. 7; Heródoto: IV. 47 e II. 44.

[7] Pausânias: IX. 12. 1-2.

[8] Higino: *Fábula* 178; Apolodoro: III. 4. 1-2.

59

CADMO E HARMONIA

Quando Cadmo cumpriu oito anos de serviço como escravo de Ares para expiar a morte da serpente castaliana, Atena deu-lhe as terras da Beócia. Com a ajuda de seus Homens Semeados, ele construiu a Acrópole de Tebas, chamada "a Cadmeia" em sua própria homenagem, e, após ter sido iniciado nos mistérios que Zeus havia ensinado a Iasião, casou-se com Harmonia, filha de Afrodite e Ares. Há quem diga que Atena dera Harmonia como esposa a Cadmo quando ele visitou a Samotrácia.[1]

b. Essas foram as primeiras núpcias entre mortais a que assistiram os deuses olímpicos. Para eles foram instalados 12 tronos de ouro na casa de Cadmo, que estava situada no que é agora a praça do mercado de Tebas, e todos eles levaram presentes. Afrodite presenteou Harmonia com o famoso colar de ouro feito por Hefesto — que havia sido, originalmente, um presente romântico de Zeus a Europa, irmã de Cadmo —, o qual conferia uma beleza irresistível a quem o portasse.[2] Atena presenteou-a com um manto dourado que conferia dignidade divina a quem o envergasse e um jogo de flautas; Hermes deu-lhe uma lira. O presente do próprio Cadmo foi outra bela túnica, e Electra, mãe de Iasião, ensinou-lhe os ritos da Grande Deusa, ao passo que Deméter garantiu-lhe uma próspera colheita de cevada deitando-se com Iasião, durante as celebrações, num campo três vezes arado. Os tebanos ainda mostram o lugar onde as musas cantaram e tocaram flauta e onde Apolo tocou sua lira por ocasião desse casamento.[3]

c. Em sua velhice, a fim de aplacar Ares, que ainda não o havia de todo perdoado por ter matado a serpente, Cadmo abdicou do trono de Tebas em favor de seu neto Penteu, fruto de sua filha Agave com Equíon, um dos Homens Semeados, e continuou vivendo tranquilamente na cidade. Mas, quando Penteu

foi morto pela própria mãe, Dionísio predisse que Cadmo e Harmonia, sentados numa carruagem puxada por novilhas, haveriam de governar sobre todas as hordas bárbaras. Disse também que esses mesmos bárbaros saqueariam muitas cidades gregas e, por fim, um templo de Apolo, pelo que seriam devidamente punidos. Mas Ares resgataria Cadmo e Harmonia depois de tê-los transformado em serpentes, e eles viveriam felizes para sempre nas ilhas dos Bem-Aventurados.[4]

d. Assim, Cadmo e Harmonia emigraram para a terra dos enqueleus, os quais, ao serem atacados pelos ilírios, elegeram-nos como seus governantes, conforme predissera Dionísio. Agave se casou com Licoterses, rei da Ilíria, em cuja corte ela havia se refugiado após matar Penteu, mas, ao ouvir que seus pais estavam comandando as forças enqueleias, ela assassinou também Licoterses e entregou seu reino a Cadmo.[5]

e. Em sua velhice, quando já havia se cumprido a profecia, Cadmo e Harmonia se transformaram em serpentes negras com pintas azuis, que foram enviadas por Zeus às ilhas dos Bem-Aventurados. Conta-se ainda que Ares os teria transformado em leões. Seus corpos foram enterrados na Ilíria, onde Cadmo havia construído a cidade de Butua. Sucedeu-lhe Ilírio, o filho temporão.[6]

1. O casamento de Cadmo com Harmonia na presença das 12 divindades olímpicas é um paralelo ao casamento de Peleu com Tétis (vide 81. *l*) e parece registrar o reconhecimento helênico geral dos conquistadores cadmeus de Tebas, após haverem sido patrocinados pelos atenienses e corretamente iniciados nos Mistérios Samotrácios. A fundação de Butua por Cadmo representa a pretensão dos ilírios de serem reconhecidos como gregos e, portanto, de terem direito de participar dos jogos olímpicos. Cadmo talvez tenha tido um oráculo na Ilíria, se é que ali ele era representado como uma serpente; e os leões em que, segundo dizem, ele e Harmonia teriam se transformado talvez fossem suportes heráldicos gêmeos da imagem anicônica da Grande Deusa, como no famoso Portão dos Leões em Micenas. O mitógrafo sugere que, em vez de ser executado, ele teve permissão de emigrar com uma colônia no término de seu reinado (vide 117. *5*).

NOTAS

[1] Pausânias: IX. 5. 1; Diodoro Sículo: V. 48; Apolodoro: III. 4. 2.

[2] Diodoro Sículo: V. 49 e IV. 65. 5; Píndaro: *Odes píticas* III. 94; Pausânias: IX. 12. 3; Ferécides, citado por Apolodoro: III. 4. 2.

[3] Diodoro Sículo: V. 49; Pausânias: IX. 12. 3.

[4] Higino: *Fábula* 6; Apolodoro: III. 4. 2; Eurípides: *As Bacantes* 43 e 1.350 *et seq.*

[5] Higino: *Fábulas* 184 e 240.

[6] Ovídio: *As metamorfoses* IV. 562-602; Apolodoro: III. 5. 4; Ptolomeu Hefestionos: I; Apolônio de Rodes: IV. 517.

60

BELO E AS DANAIDES

O rei Belo, que reinou em Quemis, na Tebaida, era filho de Líbia e Poseidon e irmão gêmeo de Agenor. Sua esposa Anquínoe, filha de Nilo, deu-lhe os gêmeos Egito e Dânao, e um terceiro filho, Cefeu.[1]

b. Egito recebeu a Arábia como reino, mas também subjugou o país dos melâmpodes, a que deu o seu nome: Egito. Ele teve cinquenta filhos de várias mães: líbias, árabes, fenícias etc. Dânao, enviado para governar a Líbia, teve cinquenta filhas, chamadas danaides, nascidas também de diferentes mães: náiades, hamadríades, princesas egípcias de Elefantina e Mênfis, etíopes etc.

c. Por ocasião da morte de Belo, os gêmeos brigaram pela herança, e, como gesto conciliador, Egito propôs um matrimônio em massa entre as cinquenta princesas e os cinquenta príncipes. Dânao, suspeitando de que se tratava de uma conspiração, não aceitou, e, quando um oráculo confirmou seus temores de que Egito tinha a intenção de matar todas as danaides, ele se preparou para fugir da Líbia.[2]

d. Com a ajuda de Atena, ele construiu um barco para si e suas cinquenta filhas — a primeira embarcação de proa dupla que ganhou os mares —, e zarparam juntos na direção da Grécia, fazendo uma escala em Rodes. Lá, Dânao dedicou uma imagem a Atena num templo erguido a ela pelas danaides, três das quais morreram durante a estada na ilha. As cidades de Lindo, Iáliso e Camiro levam os seus nomes.[3]

e. De Rodes, eles zarparam para o Peloponeso e desembarcaram perto de Lerna, onde Dânao anunciou que havia sido escolhido pelos deuses para se tornar o rei de Argos. Embora o rei argivo, Gelanor, naturalmente tenha rido de sua pretensão, seus súditos se reuniram naquela noite para discutir o assunto. Gelanor teria sem nenhuma dúvida conservado o trono, apesar da declaração de

Dânao de que Atena o apoiava, não houvessem os argivos adiado sua decisão até o amanhecer, quando um lobo desceu arrojado das colinas, atacou um gado que pastava junto às muralhas da cidade e matou o touro principal. Eles interpretaram isso como um sinal de que Dânao usurparia o trono usando de violência caso houvesse oposição e, portanto, persuadiram Gelanor a abdicar pacificamente.

f. Dânao, convencido de que o lobo havia sido Apolo disfarçado, dedicou o famoso santuário a Apolo Lupino em Argos, tornando-se um governante tão poderoso que todos os pelasgos da Grécia passaram a chamar a si próprios de dânaos. Ele também construiu a cidadela de Argos, e suas filhas trouxeram do Egito os Mistérios de Deméter, chamados Tesmoforias, que foram ensinados às mulheres pelasgas. Desde a invasão dória, porém, as Tesmoforias deixaram de ser realizadas no Peloponeso, exceto pelos árcades.[4]

g. Dânao havia encontrado uma Argólida padecendo de um longo período de seca, pois Poseidon, ofendido pela decisão de Ínaco de que a região pertencia a Hera, havia secado todos os rios e ribeirões. Ele mandou suas filhas em busca de água, com ordens de aplacar Poseidon por todos os meios ao seu alcance. Uma delas, chamada Amimone, enquanto perseguia um cervo no bosque, despertou sem querer um sátiro que dormia. Ele se levantou de um salto e tentou violá-la, mas Poseidon, a quem ela invocou, lançou seu tridente na direção do sátiro, que se esquivou dele durante a fuga, e o tridente ficou cravado numa rocha. O próprio Poseidon se deitou com Amimone, que folgou em cumprir de maneira tão prazerosa as instruções do pai. Ao inteirar-se de sua missão, Poseidon apontou para o tridente e pediu-lhe que o arrancasse da rocha. Ao fazê-lo, três jorros de água brotaram dos orifícios deixados pelo tridente. Desse manancial, agora chamado Amimone, nasce o perene rio Lerna.[5]

h. Em Amimone, a monstruosa Hidra pariu Equidna debaixo de um plátano. O monstro vivia no lago de Lerna, próximo dali, ao qual vêm os assassinos em busca de purificação. Daí o provérbio: “Um Lerna de males.”[6]

i. Egito enviou, então, seus filhos a Argos, proibindo-lhes que voltassem antes de punir Dânao e toda a sua família. Ao chegarem, eles suplicaram a Dânao que voltasse atrás na sua decisão e que lhes permitisse casar com suas filhas — embora, de fato, tivessem a intenção secreta de assassiná-las na noite de núpcias. Diante de sua recusa irredutível, eles sitiaram a cidade de Argos. Mas a cidadela não dispunha de fontes e, embora as danaides houvessem mais tarde inventado a arte de perfurar poços e suprido a cidade com vários deles, inclusive os quatro sagrados, naquela época ela carecia de água. Vendo que a sede logo o obrigaria a capitular, Dânao prometeu fazer o que pediam os filhos de Egito tão logo eles terminassem o assédio.[7]

j. Organizou-se um casamento múltiplo, e Dânao formou os casais, seguindo, em alguns casos, a lógica de agrupá-los segundo a categoria das mães do noivo e da noiva, ou segundo a semelhança de seus nomes — por exemplo, Clite com Clito, Estenele com Estênelo e Crisipe com Crisipo —, mas, na maior parte dos casos, ele tirou a sorte utilizando-se de um elmo.[8]

k. Durante o banquete de casamento, Dânao distribuiu, em segredo, alfinetes afiados que suas filhas deveriam esconder no cabelo; no meio da noite, cada uma delas o cravou no coração de seu marido. Só um sobreviveu; aconselhada por Ártemis, Hipermnestra salvou a vida de Linceu, pois ele havia poupado a sua virgindade, e o ajudou a fugir para a cidade de Linceia, a quilômetros de distância. Hipermnestra pediu-lhe que acendesse uma luz como sinal de que havia chegado são e salvo, comprometendo-se a responder-lhe com um outro sinal de luz a partir da cidadela. Os argivos ainda acendem fogo nos faróis para comemorar tal pacto. Ao amanhecer, Dânao inteirou-se da desobediência de Hipermnestra, que, julgada por um tribunal argivo, foi absolvida. Em agradecimento, ela ergueu uma estátua dedicada a Afrodite Vitoriosa no templo de Apolo Lupino, e dedicou também um santuário a Ártemis Persuasiva.[9]

l. As cabeças dos maridos assassinados foram enterradas em Lerna, e seus corpos receberam honras fúnebres ao pé das muralhas de Argos. Entretanto, embora Atena e Hermes houvessem purificado as danaides no lago de Lerna com a autorização de Zeus, os Juízes da morte as haviam condenado à interminável tarefa de encher um tonel sem fundo (daí a expressão “tonel das danaides”, que significa esforço inútil).[10]

m. Linceu e Hipermnestra se uniram novamente, e Dânao, decidindo casar suas outras filhas o mais depressa possível antes do meio-dia do dia de sua purificação, mandou que se apresentassem os pretendentes. Ele propôs uma competição sob a forma de uma corrida que começasse na rua que hoje se chama Afeta, de tal modo que o ganhador seria o primeiro a escolher sua esposa, e os demais o fariam por ordem de chegada. Posto que ele não pôde encontrar homens suficientes dispostos a arriscar a vida casando-se com assassinas, apresentaram-se à corrida apenas alguns poucos. Mas, quando a noite de núpcias transcorreu sem nenhum percalço, surgiram mais pretendentes, e foi celebrada uma nova corrida no dia seguinte. Todos os descendentes desses matrimônios obtiveram o grau de dânaos, e os argivos continuam celebrando essa corrida na assim chamada Competição Himeneia. Mais tarde, Linceu matou Dânao e reinou em seu lugar. Ele teria de bom grado assassinado todas as cunhadas para vingar a morte dos irmãos, caso os argivos lhe tivessem dado essa permissão.[11]

n. Enquanto isso, Egito havia chegado à Grécia, mas, ao saber do destino de seus filhos, fugiu para Aroe, onde morreu, e foi enterrado em Patras, num santuário de Serapis.[12]

o. Náuplio, filho de Amimone e Poseidon, foi um famoso navegante que descobriu a arte de orientar o timão guiando-se pela Ursa Maior, além de ter fundado a cidade de Náuplia, onde estabeleceu os tripulantes egípcios que haviam navegado com seu avô. Ele foi o antepassado de Náuplio, o Destruidor, que causava o naufrágio dos barcos inimigos acendendo falsos faróis.[13]

1. Este mito registra a primeira chegada à Grécia de colonos heládicos provenientes da Palestina via Rodes, e a introdução da agricultura no Peloponeso graças a eles. Afirma-se que eles incluíam emigrantes da Líbia e da Etiópia, o que parece provável (vide 6. *1* e 8. *2*). Belo é o Baal do Velho Testamento e o Bel dos Apócrifos, e havia tomado o seu nome da deusa-Lua Belili, cujo culto ele acabou derrubando.

2. As três danaides, conhecidas também como Telquinas, ou "magas", que deram nome às três principais cidades de Rodes eram a deusa-Lua tripla Dânae (vide 54. *1* e 73. *4*). Os nomes de Linda, Camira e Iálisa parecem ser formas já desgastadas de *linodeousa* ("a que ata com fio de linho"), *catamerizousa* ("distribuidora") e *ialemistria* ("mulher que geme") — de fato, elas são as já familiares três Parcas, ou Moiras, também conhecidas como Cloto, Láquesis e Átropos (vide 10. *1*), pois exerciam essas mesmas funções. A teoria clássica da linha de coser era a de que a deusa amarrava os seres humanos à ponta de um fio cuidadosamente medido, que ela ia alargando a cada ano, até que chegava o momento em que ela o cortava e deixava a sua alma abandonada à morte. Mas, originalmente, ela envolvia os recém-nascidos que choravam em fraldas de linho, nas quais se bordavam as marcas de sua família e de seu clã, atribuindo-lhes assim um determinado lugar na sociedade.

3. O nome sumério de Dânae era Dam-kina. Os hebreus a chamavam de Diná (*Gênesis* XXXIV), sendo Dan a sua forma masculina. Seu colégio sacerdotal era normalmente composto por cinquenta sacerdotisas da Lua, cujo dever era manter a terra regada mediante encantamentos, irrigações e perfuração de poços; daí o motivo pelo qual o nome das danaides tenha se relacionado à palavra grega *dânos*, "ressecado", e com *danos*, "um dom, um presente", cujo *a* por vezes é longo e, por vezes, curto. O fato de que Agenor e Belo foram

gêmeos, como Dânao e Egito, indica que havia um sistema monárquico em que cada correi se casava com uma suma sacerdotisa e reinava durante cinquenta meses lunares, ou metade de um Grande Ano. As sumas sacerdotisas eram escolhidas numa corrida (a origem dos jogos olímpicos) que se organizava ao término dos cinquenta meses, ou de 49 em anos alternados (vide 53. *4*). E se participava da corrida de Ano-novo em Olímpia (vide 53. *3*), Esparta (160. *d*), Jerusalém (Hooke: *Origem do ritual semita primitivo*, 1935, p. 53) e na Babilônia (Langdon: *Epopeia da criação*, linhas 57 e 58) para aspirar ao reinado sagrado, como em Argos. Um rei-Sol tinha de ser ágil e veloz.

4. A Hidra (vide 34. *3* e 60. *h*), destruída por Hércules, parece ter personificado esse colégio de sacerdotisas provedoras de água (vide 124. *2-4*), e o mito das danaides aparentemente registra duas tentativas helênicas de se apoderar de seu santuário, a primeira das quais foi um retumbante fracasso. Após a segunda tentativa, bem-sucedida, o líder helênico casou-se com a suma sacerdotisa e repartiu as demais como esposas entre seus chefes principais. "A rua chamada Afeta" deve ter sido o ponto de partida da corrida das meninas que aspiravam à condição de sumas sacerdotisas, embora também servisse às corridas dos homens que competiam pelo reinado sagrado (vide 53. *3* e 160. *d*). Linceu, título real também em Messena (vide 74. *1*), significa "do lince" — o caracal, uma espécie de leão, famoso por sua visão aguçada.

5. "Egito" e "Dânao" parecem ter sido títulos primitivos de correis tebanos, e, dado que era um costume muito comum enterrar a cabeça do rei sagrado nas proximidades da cidade para assim protegê-la das invasões (vide 146. *2*), as supostas cabeças dos filhos de Egito enterradas em Lerna eram provavelmente as dos sucessivos reis sagrados. Os egípcios eram chamados de melâmpodos ("pés negros"), pois eles chapinhavam no lodo negro do Nilo durante a época da semeadura.

6. Uma sociedade monogâmica posterior representava as danaides com seus tonéis, que vazavam como se sofressem um castigo eterno por haver cometido o matricídio. Mas, no ícone do qual derivou essa história, elas executavam um encantamento necessário: salpicavam a terra com água para produzir chuvas mediante a magia simpática (vide 41. *5* e 68. *1*). Ao que parece, a peneira, ou o tonel que vazava, continuou sendo uma marca distintiva da mulher sábia muitos séculos após a abolição dos colégios de danaides. Filóstrato escreve (*Vida de Apolônio de Tiana* VI. 11) sobre "mulheres com peneiras nas mãos, que vão por aí dizendo aos pastores ignorantes que elas curam o gado".

7. Os faróis de fogo de Hipermnestra e Linceu deviam ser os que iluminavam o Festival da Primavera argivo para celebrar o triunfo do Sol. É

possível que, em Argos, o rei sagrado fosse morto com uma agulha comprida cravada no coração: uma morte relativamente misericordiosa.

8. As Tesmoforias (“devidas oferendas”) eram orgias agrícolas celebradas em Atenas (vide 48. *b*), no transcorrer das quais se passava uma cesta com os testículos cortados do rei sagrado ou de seu substituto. Em épocas mais civilizadas, esses órgãos foram substituídos por pães em forma de falo e serpentes vivas. Apolo Lício pode significar mais provavelmente “Apolo da Luz”, em vez de “Apolo Lupino”, embora os dois conceitos estivessem relacionados pelo costume dos lobos de uivar à Lua cheia.

NOTAS

[1] Heródoto: II. 91; Eurípides, citado por Apolodoro: II. 1. 4.

[2] Apolodoro: II. 1. 5; Higino: *Fábula* 168; Eustácio sobre Homero, p. 37.

[3] Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 1. 4; Heródoto: II. 234; Diodoro Sículo: V. 58. 1; Estrabão: XIV. 2. 8.

[4] Pausânias: II. 38. 4 e 19. 3; Eurípides, citado por Estrabão: VIII. 6. 9; Estrabão: *loc. cit*.; Heródoto: II. 171; Plutarco: *Da malícia de Heródoto* 13.

[5] Higino: *Fábula* 169; Apolodoro: II. 1. 4.

[6] Pausânias: II. 37. 1 e 4; Estrabão: VIII. 6. 8.

[7] Higino: *Fábula* 168; Apolodoro: II. 1. 5; Estrabão: VIII. 6. 9.

[8] Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 170.

[9] Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: II. 25. 4; 19. 6 e 21. 1.

[10] Apolodoro: *loc. cit*.; Luciano: *Diálogos marinhos* VI; Higino: *Fábula* 168; Ovídio: *Heroídas* XIV; Horácio: *Odes* III. 11. 30.

[11] Píndaro: *Odes píticas* IX. 117 *et seq.*; Pausânias: III. 12. 2; Higino: *Fábula* 170; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio X. 497.

[12] Pausânias: VII. 21. 6.

[13] Apolônio de Rodes: I. 136-138; Theon sobre os *Fenômenos* de Arato 27; Pausânias: IV. 35. 2.

61

LÂMIA

Belo tinha uma bela filha, Lâmia, que governava na Líbia, e a quem Zeus, em reconhecimento a seus favores, concedeu o singular dom de tirar e recolocar os próprios olhos ao seu bel-prazer. Ela lhe deu vários filhos, mas todos eles, exceto Cila, foram mortos por Hera numa crise de ciúmes. Lâmia se vingava matando os filhos dos outros, e chegou a ser tão cruel que seu rosto se transformou numa máscara assombrosa.

b. Mais tarde, ela se uniu ao grupo das Empusas, deitando-se com jovens rapazes para sugar-lhes o sangue enquanto dormiam.[1]

1. Lâmia era a Neith líbia, deusa do amor e da batalha, chamada também Anatha e Atena (vide 8. *1* e 25. *2*), cujo culto foi suprimido pelos aqueus. Assim como Alfito da Arcádia, ela acabou se transformando num bicho-papão (vide 52. *7*). Parece haver analogia do seu nome, Lâmia, com *lamyros* (“glutão”), de *laimos* (“goela”) — no caso de uma mulher, significa “lasciva” —, e seu rosto horrendo é a máscara profilática da górgona usada por suas sacerdotisas durante os Mistérios (vide 33. *3*), dos quais o infanticídio era parte essencial. Os olhos removíveis de Lâmia talvez tenham sido deduzidos de uma pintura em que a deusa aparece no ponto de outorgar a visão mística a um herói, entregando-lhe um olho (vide 73. *8*). As Empusas eram íncubos (vide 55. *1*).

NOTA

[1] Diodoro Sículo: XX. 41; Suidas *sub* Lâmia; Plutarco: *Sobre a curiosidade* 2; escoliasta sobre a *Paz* de Aristófanes: 757; Estrabão: I. 11. 8; Eustácio sobre Homero p. 1714; Aristóteles: *Ética* VII. 5.

62

LEDA

Diz a lenda que, quando Zeus se apaixonou por Nêmesis, ela metamorfoseou-se em peixe para fugir dele, e que ele a perseguiu sob a forma de um castor, sulcando as ondas. Ela saltou para a terra e assumiu a forma de diversos animais selvagens, mas não pôde se livrar de Zeus porque ele se transformava em animais ainda mais selvagens e velozes que os de Nêmesis. Ela finalmente levantou voo como ganso selvagem, e ele se transformou num cisne, dominando-a triunfantemente em Ramnunte, na Ática. Nêmesis sacudiu suas penas com resignação e foi para Esparta, onde Leda, esposa do rei Tíndaro, encontrou logo depois um ovo cor de jacinto num pântano, que ela levou consigo para casa e escondeu num cofre, e desse ovo saiu Helena, de Troia.[1] Contam ainda que esse ovo teria caído da Lua, como o ovo que, na Antiguidade, caiu no rio Eufrates e, arrastado pelos peixes até a margem e chocado pelas pombas, abriu-se para dar à luz a deusa síria do amor.[2]

b. Dizem também que Zeus, fingindo ser um cisne perseguido por uma águia, refugiou-se no seio de Nêmesis e a violou, e que, transcorrido um tempo, ela pôs um ovo que Hermes colocou entre as coxas de Leda enquanto ela se sentava num tamborete com as pernas abertas. Assim, Leda deu à luz Helena, e Zeus colocou as imagens do Cisne e da Águia nos céus, para comemorar esse ardil.[3]

c. A versão mais comum, entretanto, é a de que foi a própria Leda quem se uniu a Zeus em forma de cisne às margens do rio Eurotas, e que pôs um ovo do qual saíram Helena, Castor e Pólux, motivo pelo qual ela foi deificada como a deusa Nêmesis.[4] Por outro lado, Tíndaro, o marido de Leda, também a havia amado naquela mesma noite, e, embora algumas versões atribuam a Zeus a paternidade dos três — inclusive Clitemnestra, que havia saído, junto com

Helena, de um segundo ovo —, há registros de que somente Helena era filha de Zeus, e que Castor e Pólux eram filhos de Tíndaro.[5] Dizem ainda que Castor e Clitemnestra eram filhos de Tíndaro, enquanto Helena e Pólux eram filhos de Zeus.[6]

1. Nêmesis era a deusa-Lua como ninfa (vide 32. *2*). Na forma primitiva do mito da perseguição amorosa, ela ia ao encalço do rei sagrado através de suas metamorfoses sazonais — lebre, peixe, abelha e camundongo, ou lebre, peixe, pássaro e grão de trigo — e finalmente o devorava. Com o triunfo do sistema patriarcal, a perseguição se inverteu: agora era a deusa que fugia de Zeus, como na balada inglesa do Ferreiro negro como carvão (vide 89. *2*). Ela havia se transformado em lontra ou castor para perseguir um peixe, e o nome de Castor é uma clara demonstração da sobrevivência desse mito, ao passo que o de Pólux (“muito vinho doce”) reflete o caráter dos festejos durante os quais ocorria a perseguição.

2. Diz-se que *Lada* é a palavra lícia (ou seja, cretense) para “mulher”, e Leda era a deusa Latona, Leto ou Lat, que pariu Apolo e Ártemis em Delos (vide 14. *2*). O ovo cor de jacinto evoca o ovo de Páscoa dos druidas, vermelho como sangue, chamado *glain*, em busca do qual eles saíam todos os anos, às margens do mar. No mito celta, o ovo era posto pela deusa em forma de serpente marinha. A história de que foi colocado entre as coxas de Leda pode ter sido deduzida a partir de uma ilustração da deusa sentada no tamborete do parto, com a cabeça de Apolo saindo de seu ventre.

3. Helen[a] e Helle, ou Selene, são variantes locais da deusa-Lua (vide 43. *1*, 70. *8* e 159. *1*). Higino destaca sua identificação com a deusa síria sobre a qual fala Luciano. Mas o relato de Higino é confuso: foi a própria deusa quem pôs o ovo do mundo após copular com a serpente Ofíon e o chocou sobre as águas, adotando a forma de pomba. Foi ela mesma quem surgiu do Vazio (vide 1. *a*). Helena tinha dois templos perto de Esparta: um em Terapne, construído sobre um local micênico, e o outro em Dendra, relacionado a um culto da árvore, assim como o era seu santuário em Rodes (vide 88. *10*). Pólux (X. 191) menciona um festival espartano chamado Helenoforias, que se parecia muitíssimo com as Tesmoforias de Atena em Atenas (vide 48. *b*), durante o qual certos objetos indescritíveis eram carregados numa cesta especial chamada *helene*. Tal cesta a própria Helena carrega em relevos que a retratam sendo

acompanhada pelos Dióscuros. É possível que os objetos fossem emblemas fálicos, já que ela era uma deusa orgiástica.

4. Zeus enganou Nêmesis (deusa do culto peloponeso do cisne) apelando a sua compaixão, exatamente como havia enganado a Hera do culto cretense do cuco (vide 12. *a*). Esse mito parece se referir à chegada, às cidades cretenses ou pelasgas, de guerreiros helênicos que, no início, rendiam homenagem à Grande Deusa e proporcionavam a suas sacerdotisas maridos obedientes, mas que, finalmente, despojaram-na de sua suprema soberania.

NOTAS

[1] Ateneu, citando *Cípria* de Homero p. 334b; Apolodoro: III. 10. 7; Safo: *Fragmento* 105; Pausânias: I. 33. 7; Eratóstenes: *Catasterismos* 25.

[2] Ateneu: 57 *et seq*.; Plutarco: *Banquetes* II. 3. 3; Higino: *Fábula* 197.

[3] Higino: *Astronomia poética* II. 8.

[4] Lactâncio: I. 21; Higino: *Fábula* 77; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 78 e 204.

[5] Homero: *Odisseia* XI. 299; *Ilíada* III. 426; Eurípides: *Helena* 254, 1.497 e 1.680.

[6] Píndaro: *Odes nemeeias* X. 80; Apolodoro: III. 10. 6-7.

63

ÍXION

Íxion, filho de Flégias, o rei lápita, concordou em se casar com Dia, filha de Deioneu, prometendo ricos presentes de casamento e convidando o pai da noiva para um banquete. Mas ele havia preparado uma armadilha na entrada do palácio, debaixo da qual ardia grande quantidade de brasas, sobre as quais Deioneu, inadvertidamente, caiu e queimou-se.

b. Embora os deuses menores tenham pensado que se tratara de uma ação maligna, recusando-se a purificar Íxion, Zeus, que tivera ele mesmo um comportamento igualmente malvado ao se apaixonar, não só o purificou como também o convidou a partilhar do néctar divino.

c. Íxion foi ingrato e planejou seduzir Hera, a qual, supunha ele, ficaria encantada em aproveitar a ocasião para vingar-se das constantes infidelidades de Zeus. O pai dos deuses, contudo, ao adivinhar as intenções de Íxion, deu a uma nuvem a forma de Hera, com a qual Íxion, bêbado demais para perceber o equívoco, satisfez seus desejos. Ele foi surpreendido em ação por Zeus, que ordenou a Hermes que o açoitasse impiedosamente até que seus lábios repetissem as seguintes palavras: “Os benfeitores merecem ser honrados”, e depois o amarrasse a uma roda de fogo que rolasse incessantemente pelo céu.

d. A falsa Hera, posteriormente chamada Néfele, deu a Íxion como filho Centauro, criança rejeitada que, diz-se, ao chegar à idade adulta, gerou cavalos-centauros com éguas magnésias, dentre os quais o mais famoso foi o douto Quíron.[1]

1. O nome de Íxion, formado a partir de *ischys* (“força”) e *io* (“lua”) (vide 52. *2*), sugere também *ixias* (“visco”). Como rei-carvalho com genitais de visco (vide 50. *2*) que representava o deus-trovão, ele se casava ritualmente com a deusa-Lua fazedora de chuva, após o que ele era açoitado para que seu sangue e seu esperma fertilizassem a terra (vide 116. *4*), tinha a cabeça cortada por um machado, era castrado, amarrado com os membros esticados numa árvore e assado para que seus parentes o comessem sacramentalmente. *Eion* é o epíteto homérico para um rio, mas o pai de Dia se chama Deioneu, que significa “saqueador”, assim como Ioneu.

2. A deusa-Lua do culto do carvalho era conhecida como Dia (“do céu”), um título da deusa do carvalho dodônia (vide 51. *1*) e, portanto, de Hera, esposa de Zeus. O fato de os reis antiquados se autointitularem Zeus (vide 45. *2*, 68. *1* e 156. *4*) e se casarem com a Dia das Nuvens de Chuva naturalmente desagradava aos sacerdotes olímpicos, que interpretaram equivocadamente a pintura ritual do rei lápita, amarrado a uma árvore com os membros estendidos como lembrança do castigo pela sua irreverência, e inventaram a anedota da nuvem. Num espelho etrusco, Íxion aparece estendido sobre uma roda de fogo com iscas de cogumelo aos seus pés. Em outras partes, ele é retratado amarrado com o mesmo “laço quíntuplo” com que o herói irlandês Curoi amarrou Cuchulain — inclinado de costas num aro (Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* VII. 12), com os tornozelos, pulsos e pescoço amarrados juntos, como Osíris no *Livro dos mortos*. Tal atitude evoca as rodas ardentes que se faziam rolar pelas colinas nos festejos europeus de solstício de verão como sinal de que o Sol havia alcançado o seu zênite e iniciava o seu declínio até o solstício de inverno. A armadilha feita por Íxion não é metafórica: faziam falta vítimas que substituíssem o rei sagrado, tais como prisioneiros de batalha ou, na falta destes, viajantes capturados em emboscada. O mito parece registrar um tratado feito pelos helenos de Zeus com os lápitas, flégios e centauros, e que foi violado com o assassinato ritual de viajantes helênicos e a captura de suas mulheres. Os helenos exigiram e receberam uma desculpa oficial.

3. Os cavalos eram consagrados à Lua, e as danças de cavalinhos para fazer chover deram origem, ao que parece, à lenda de que os centauros fossem metade homem, metade cavalo. A mais antiga representação grega dos centauros — dois homens unidos pela cintura a corpos de cavalos — pode ser encontrada numa gema micênica de Hereu de Argos; um está em frente ao outro, dançando. Um par semelhante aparece num sinete cretense, mas, como em Creta não havia um culto nativo do cavalo, é evidente que ele havia sido importado do continente. Na arte arcaica, os sátiros também eram representados como homens-cavalos, embora depois tivessem sido substituídos por cabras. O centauro deve ter sido

um herói oracular com cauda de serpente e, portanto, está relacionado à história de Bóreas copulando com éguas (vide 48. *e*).

NOTA

[1] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 62; Higino: *Fábulas* 33 e 62; Píndaro: *Odes píticas* II. 33-89, com escoliasta; Luciano: *Diálogos dos deuses* 6; escoliasta sobre *Mulheres fenícias* de Eurípides: 1.185.

64

ENDIMIÃO

Endimião era o belo filho de Zeus com a ninfa Cálice, eólio de raça embora de origem cária, que expulsou Clímeno do reino da Élida. Sua esposa, conhecida por muitos nomes diferentes, tais como Ifianassa, Hipéripe, Crômia e Neis, deu-lhe quatro filhos homens; mas ele teve também cinquenta filhas com Selene, que estava desesperadamente apaixonada por ele.[1]

b. Certa noite, Endimião dormia numa caverna do monte Latmos quando Selene o viu pela primeira vez; deitou-se ao seu lado e beijou-lhe delicadamente os olhos cerrados. Dizem que ele depois voltou à caverna e caiu num estado de sono sem sonhos do qual jamais despertou, e que ele mesmo teria desejado o sono perpétuo, porque odiava a aproximação da velhice; ou que Zeus o teria castigado por suspeitar que tramasse com Hera; ou ainda porque Selene descobriu que preferia beijá-lo suavemente em vez de ser objeto de sua paixão demasiado fértil. Em todo caso, ele não envelheceu nem um dia a mais e conserva nas faces o vigor da juventude. Dizem ainda que ele estaria enterrado em Olímpia, onde seus quatro filhos competiram numa corrida pelo trono, tendo sido Epeu o vencedor.[2]

c. Um de seus filhos derrotados, Etolo, participou mais tarde da corrida de carruagens por ocasião dos jogos fúnebres em homenagem a Azan, filho de Arcas, os primeiros desse tipo a serem celebrados na Grécia. Como os espectadores não sabiam que eles deviam se manter afastados da pista, a carruagem de Etolo atropelou acidentalmente Ápis, filho de Foroneu, ferindo-o mortalmente. Salmoneu, que se encontrava presente, desterrou Etolo para o outro lado do golfo de Corinto, onde Etolo matou Doro e seus irmãos, conquistando a terra que agora se chama, em sua homenagem, Etólia.[3]

1. Este mito registra a invasão da Élida por um chefe eólio que aceitou as consequências de se casar com a representante pelasga da deusa-Lua Hera — os nomes das esposas de Endimião são todos títulos lunares —, que era também a dirigente de um colégio formado por cinquenta sacerdotisas da água (vide 60. *3*). Quando seu reinado chegou ao fim, ele foi devidamente sacrificado e então recompensado com um santuário heroico em Olímpia. Diz-se que Pisa, cidade à qual Olímpia pertencia, significava, no antigo idioma lídio (ou cretense), "lugar de descanso privado", ou seja, da Lua (Sérvio sobre Virgílio: X. 179).

2. O nome Endimião, de *enduein* (em latim: *inducere*), refere-se ao fato de que a Lua seduziu o rei como se fosse uma das Empusas (vide 55. *a*). Mas a explicação dos antigos é que se refere a *somnum ei inductum*, "sono imposto a ele".

3. Etolo, assim como Pélope, conduzia sua carruagem ao redor do estádio olímpico como personificação do Sol (vide 69. *1*), e o atropelamento acidental de Ápis, que representa a colonização elidense da Etólia, parece deduzir-se de uma ilustração do acidente anual da carruagem, no qual morria o rei substituto (vide 71. *1* e 109. *4*). Mas a corrida vencida por Epeu ("sucessor") foi um acontecimento anterior (vide 53. *3*). A existência de um santuário de Endimião no monte Latmos de Cária sugere que ali estabeleceu-se uma colônia eólica da Élida. Seu matrimônio ritual com Hera, assim como o de Íxion, deve ter ofendido os sacerdotes de Zeus (vide 63. *2*).

4. Ápis é o substantivo formado a partir de *apios*, um adjetivo homérico que normalmente significa "distante", mas que, ao ser aplicado ao Peloponeso (Ésquilo: *Suplicantes* 262), significa "da pereira" (vide 74. *6*).

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 7. 5-6; Pausânias: V. 8. 1 e 1. 2.

[2] Apolodoro: I. 7. 6; escoliasta sobre os *Idílios* de Teócrito: III. 49; Cícero: *Debates toscanos* I. 38; Pausânias: V. 1. 3.

[3] Pausânias: VIII. 4. 2-3 e V. 1. 6; Apolodoro: I. 7. 6; Estrabão: VIII. 3. 33.

65

PIGMALIÃO E GALATEIA

Pigmalião, filho de Belo, apaixonou-se por Afrodite. Como ela o rejeitasse, ele então confeccionou uma imagem de marfim da deusa e a pôs sobre a cama, suplicando-lhe que se compadecesse dele. Afrodite penetrou na imagem e deu-lhe vida como Galateia, que deu a Pigmalião dois filhos: Pafo e Metarme. Pafo, sucessor de Pigmalião, foi o pai de Cíniras, que fundou a cidade cipriota de Pafos e construiu ali o famoso templo de Afrodite.[1]

1. Pigmalião, casado com a sacerdotisa de Afrodite em Pafos, parece ter mantido a imagem branca do culto da deusa (cf. I *Samuel* XIX. 13) em sua cama como uma maneira de conservar o trono de Chipre. Se Pigmalião foi, de fato, sucedido por um filho que a sacerdotisa lhe deu, então deve ter sido ele o primeiro rei que impôs o sistema patrilinear em Chipre. Mas o mais provável é que, tal como fez seu neto Cíniras (vide 18. *5*), ele tenha se negado a entregar a imagem da deusa ao término de seu reinado de oito anos, prolongando-o ao se casar com outra sacerdotisa de Afrodite — tecnicamente sua filha, já que ela era a herdeira do trono —, que se chamava Metarme (“mudança”), para destacar a inovação.

NOTA

[1] Apolodoro: III. 14. 3; Ovídio: *As metamorfoses* X. 243 *et seq*.; Arnóbio: *Contra as nações* VI. 22.

66

ÉACO

O deus fluvial Asopo — a quem alguns chamam de filho de Oceano e Tétis, outros de Poseidon e Pero, e outros de Zeus e Eurínome — casou-se com Métope, filha do rio Ládon, com quem teve dois filhos e 12 ou vinte filhas.[1]

b. Várias de suas filhas haviam sido sequestradas e violadas em diferentes ocasiões por Zeus, Poseidon ou Apolo, e quando Egina, irmã gêmea de Tebe e uma das vítimas de Zeus, também desapareceu, Asopo saiu à sua procura. Em Corinto, ele ficou sabendo que Zeus era, mais uma vez, o culpado; começou a persegui-lo para se vingar e o encontrou abraçado a Egina num bosque. Zeus estava desarmado e esgueirou-se pelo matagal, metamorfoseando-se em seguida numa rocha até Asopo passar. Depois regressou furtivamente ao Olimpo e, da segurança de suas muralhas, atacou-o com seus raios. Os movimentos de Asopo ainda são lentos por causa dos ferimentos adquiridos naquela ocasião, e com frequência se extraem montes de carvão queimado do leito de seu rio.[2]

c. Tendo assim resolvido a questão com o pai de Egina, Zeus a levou secretamente à ilha de Enone, ou Enópia, onde a seduziu sob a forma de uma águia, ou de uma chama, enquanto os cupidos revoluteavam por cima do leito, administrando os dons do amor.[3] Com o passar do tempo, Hera acabou descobrindo que Egina dera a Zeus um filho chamado Éaco e, furiosa, decidiu destruir cada um dos habitantes de Enone, onde ele então era rei. Hera introduziu em um de seus ribeirões uma serpente, que envenenou a água e pôs milhares de ovos, de maneira que uma multidão de serpentes começou a ziguezaguear pelos campos até alcançar outros cursos de água. Uma densa escuridão e um calor soporífero se estenderam por toda a ilha, que Éaco havia rebatizado com o nome de Egina, e um pestilento Vento Sul soprou nada menos que quatro meses. Os pastos e as colheitas secaram, e sobreveio a fome, mas os ilhéus sofriam

principalmente de sede e, quando seu vinho acabou, passaram a se arrastar até o riacho mais próximo, onde morriam ao beber da água envenenada.

d. As súplicas a Zeus foram inúteis: os suplicantes, definhados, junto com seus animais de sacrifício, caíam mortos diante de seus altares, até que restasse uma única criatura viva de sangue quente.[4]

e. Um dia, as súplicas de Éaco receberam como resposta trovões e relâmpagos. Animado por esse sinal favorável, ele implorou a Zeus que enchesse a terra vazia e que lhe desse súditos na mesma quantidade das formigas que subiam por um carvalho próximo, carregando grãos de cereal. A árvore, nascida a partir de uma semente de carvalho de Dodona, era consagrada a Zeus e, diante da súplica de Éaco, ela estremeceu, e um chiado, que não era produzido por vento algum, ouviu-se entre os seus ramos estendidos. Éaco, embora aterrado, não fugiu, mas pôs-se a beijar repetidamente o tronco da árvore e a terra debaixo dela. Naquela noite, em sonho, ele viu um enxame de formigas caindo do carvalho sagrado para a terra e depois erguendo-se como homens. Ao despertar, pensou tratar-se de mero sonho, mas, de repente, seu filho Télamon o chamou para ver uma multidão de homens que se aproximava, e reconheceu os rostos daqueles que haviam aparecido em seu sonho. A praga das serpentes desaparecera, e a chuva caía sem cessar.

f. Éaco, agradecido a Zeus, dividiu a cidade deserta e seus campos adjacentes entre seus novos súditos, que ele chamou de mirmidões, ou seja, “formigas”, e cujos descendentes ainda demonstram frugalidade, paciência e tenacidade, características típicas desses insetos. Posteriormente, os mirmidões abandonaram Egina e acompanharam Peleu no exílio, tendo também lutado ao lado de Aquiles e Pátroclo em Troia.[5]

g. Dizem ainda que os aliados mirmidões de Aquiles eram chamados dessa maneira em homenagem ao rei Mirmidon, cuja filha Eurimedusa foi seduzida por Zeus metamorfoseado em formiga — razão pela qual esses insetos são sagrados na Tessália. Contam ainda que uma ninfa chamada Mírmex teria inventado o arado junto com Atena, mas se gabava de tê-lo inventado sozinha, motivo pelo qual foi transformada em formiga como castigo.[6]

h. Éaco se casou com Endeis de Mégara. Ele era famoso por sua piedade e era tão honrado que os homens se deleitavam com sua presença. Todos os heróis nobres de Atenas e de Esparta suplicavam poder lutar sob o seu comando, embora ele houvesse feito de Egina a ilha de mais difícil acesso do Egeu, protegendo-a dos piratas com rochas submersas e traiçoeiros recifes.[7] Quando toda a Grécia era assolada por uma seca advinda do castigo pelo assassinato de Pélope, por ordem do rei árcade Estinfalo ou, segundo alguns, porque os atenienses haviam assassinado Androgeu, o oráculo de Delfos aconselhou aos

gregos: “Peçam a Éaco que suplique aos deuses!” Cada cidade enviou, então, um mensageiro a Éaco, que subiu ao topo do monte Pan-heleno, o pico mais alto da ilha, vestido de sacerdote de Zeus. Ali realizou sacrifícios aos deuses e suplicou pelo fim da seca. Sua súplica foi seguida por um ruidoso trovão, as nuvens escureceram o céu e começou a cair uma furiosa tempestade que encharcou toda a terra da Grécia. Ele então dedicou um santuário a Zeus no monte Pan-heleno, e, desde então, quando uma nuvem encima a montanha é sinal infalível de chuva.[8]

i. Apolo e Poseidon levaram Éaco consigo quando construíram as muralhas de Troia, sabendo que, a não ser que um mortal se unisse a eles nesse trabalho, a cidade seria inexpugnável e seus habitantes poderiam desafiar os deuses. Mal haviam terminado a construção quando três serpentes de olhos cinzentos tentaram escalar as muralhas. Duas delas escolheram a parte construída pelos deuses, mas caíram e morreram; a terceira deu um grito e forçou a entrada na parte erigida por Éaco. Então Apolo profetizou que Troia cairia mais de uma vez, e que os filhos de Éaco estariam entre os seus invasores, tanto os da primeira quanto os da quarta geração. Tal profecia se concretizou nas figuras de Télamon e Ájax.[9]

j. Éaco, Minos e Radamanto eram os três filhos de Zeus a quem ele mais quis poupar do peso da velhice. Entretanto as Parcas não permitiram tal coisa, e Zeus, acatando com benevolência tal proibição, deu um bom exemplo aos demais habitantes do Olimpo.[10]

k. Quando Éaco morreu, ele se tornou um dos três Juízes do Tártaro, onde dá ordens às sombras e é também chamado para arbitrar eventuais disputas entre os deuses. Dizem ainda que ele guarda as chaves do Tártaro, cobra um pedágio e controla as almas trazidas por Hermes, verificando se constam da lista de Átropos.[11]

1. As filhas de Asopo violadas por Apolo e Poseidon deviam ser os colégios de sacerdotisas da Lua no vale de Asopo, no nordeste do Peloponeso, cujas férteis terras foram capturadas pelos eólios. O rapto de Egina parece registrar a posterior conquista acaica de Flio, uma cidade situada junto à cabeceira do Asopo, assim como a fracassada súplica de ajuda militar feita por seus vizinhos a Corinto. Eurínome e Tétis (vide 1. *a* e *d*), os nomes da mãe de Asopo, eram antigos títulos da deusa-Lua, e “Pero” indica *pera*, uma bolsa de couro (vide 36.

1) e, portanto, a égide de pele de cabra de Atena — tal como indica o nome de "Egina".

2. O mito de Éaco se refere à conquista de Egina pelos mirmidões de Ftiótide, cujo emblema tribal era uma formiga. Anteriormente, parece que a ilha estava em poder dos pelasgos seguidores do culto da cabra, e sua hostilidade frente aos invasores é registrada pelo envenenamento das águas por parte de Hera. Segundo Estrabão, que sempre buscava explicações razoáveis aos mitos, mas que nunca chegava suficientemente longe, o solo de Egina era coberto por uma camada de pedras, e seus habitantes se chamavam mirmidões, pois, tal como as formigas, tinham de cavar antes de poder trabalhar seus campos, e também porque eram troglodítas (Estrabão: VIII. 6. 16). Mas a lenda tessália de Mírmex é um simples mito de origem: os mirmidões de Ftiótide proclamavam ser autônomos como as formigas, e demonstravam tal lealdade às leis de sua sacerdotisa, a Rainha Formiga, que o representante helênico de Zeus que se casava com ela tinha antes de se converter ele mesmo em formiga honorária. Se Mírmex era realmente um título da deusa-mãe do norte da Grécia, ela pode muito bem reivindicar para si a invenção do arado, pois a agricultura já havia sido implantada pelos imigrantes da Ásia Menor antes da chegada dos helenos a Atenas.

3. Os colonos de Ftiótide fundiram mais tarde os seus mitos com os dos invasores aqueus provenientes de Flio na cabeceira do rio Asopo. Posto que esses colonos haviam conservado sua fidelidade ao oráculo-carvalho de Dodona (vide 51. *a*), as formigas são descritas caindo da árvore em vez de sair de sob a terra.

4. No mito original, Éaco induzira a tempestade não apelando a Zeus, mas a um certo tipo de magia como aquela utilizada por Salmoneu (vide 68. *1*). Sua legislação no Tártaro, assim como a de Minos e Radamanto, sugere que o código legal de Egina havia sido adotado em outras partes da Grécia. Ele provavelmente era mais aplicado à legislação comercial do que à penal, a julgar pela aceitação geral, na época clássica, do talento egino como medida de peso dos metais preciosos. Ele era de origem cretense e equivalia a cem libras *avoirdupois*.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 12. 6; Diodoro Sículo: IV. 72.

[2] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes ístmicas* VIII. 17 *et seq*.; Calímaco: *Hino a Delos* 78; Apolodoro: *loc. cit*.; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: VII. 215.

[3] Apolodoro: III. 12. 6; Píndaro: *loc. cit*.; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 7; Píndaro: *Odes nemeeias* VIII. 6; Ovídio: *As metamorfoses* VI. 113.

[4] Higino: *Fábula* 52; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 520 *et seq.*

[5] Ovídio: *As metamorfoses* VII. 614 *et seq*.; Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: II. 29. 2; Estrabão: VIII. 6. 19 e IX. 5. 9.

[6] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 7 e IV. 402; Clemente de Alexandria: *Alocução aos gentios* II. 39. 6.

[7] Apolodoro: III. 12. 6; Píndaro: *Odes nemeeias* VIII. 8 *et seq*.; Pausânias: II. 29. 5.

[8] Diodoro Sículo: IV. 61. 1; Clemente de Alexandria: *Stromateis* VI. 3. 28; Pausânias: II. 30. 4; Teófrasto: *Sinais do tempo* I. 24.

[9] Píndaro: *Odes olímpicas* VIII. 30 *et seq.*, com escoliasta.

[10] Ovídio: *As metamorfoses* IX. 426 *et seq.*

[11] *Ibid*.: XIII. 25; Píndaro: *Odes ístmicas* VIII. 24; Apolodoro: III. 12. 6; Luciano: *Diálogos dos mortos* XX. 1; *Caronte* 2; e *Viagem para baixo* IV.

67

SÍSIFO

Sísifo, filho de Éolo, casou-se com a plêiade Mérope, filha de Atlas, que lhe deu como filhos Glauco, Órnito e Sínon e possuía um excelente rebanho de gado bovino no istmo de Corinto.[1]

b. Perto dele vivia Autólico, filho de Quíone, cujo irmão gêmeo Filêmon fora gerado por Apolo, apesar de Autólico afirmar ser filho de Hermes.[2]

c. Autólico era, então, um mestre na arte do roubo, pois Hermes lhe havia concedido o dom de metamorfosear qualquer animal roubado, privando de chifres os corníferos, tornando brancos os que fossem negros, e vice-versa. Assim, embora Sísifo houvesse notado que seus rebanhos diminuíam num ritmo constante, ao passo que os de Autólico aumentavam, no início ele foi incapaz de acusá-lo de roubo. Um dia, porém, ele mandou marcar discretamente nos cascos de todo o rebanho o monograma SS, ou, segundo outra versão, as palavras "Roubado por Autólico". Naquela mesma noite Autólico agiu como de costume e, ao amanhecer, os rastros dos cascos ao longo da estrada deram a Sísifo provas suficientes para convocar os vizinhos como testemunhas do roubo. Ele foi visitar o estábulo de Autólico, reconheceu os animais roubados pelas marcas que havia mandado gravar e, deixando suas testemunhas ajustarem as contas com o ladrão, saiu correndo ao redor da casa, entrou pelo portal e, enquanto lá fora grassava a discussão, seduziu Anticleia, filha de Autólico e esposa do argivo Laertes. Ela deu-lhe um filho, Odisseu; a maneira em que foi concebido basta para explicar a sagacidade que habitualmente demonstrava e também justifica seu apelido: "Hipsipílon".[3]

d. Sísifo fundou Éfira, conhecida mais tarde como Corinto, e a povoou com homens nascidos a partir de cogumelos, a menos que seja verdadeiro o fato de que Medeia tenha lhe dado o reino de presente. Seus contemporâneos o

conheciam como o pior patife da face da Terra e lhe concederam apenas o mérito de haver promovido o comércio e a navegação em Corinto.[4]

e. Quando, por ocasião da morte de Éolo, Salmoneu usurpou o trono da Tessália, Sísifo, que era o herdeiro legítimo, consultou o oráculo de Delfos, que lhe disse: “Gere filhos com a sua sobrinha; eles o vingarão.” Assim, pois, ele seduziu Tiro, filha de Salmoneu, a qual, ao descobrir que sua motivação não era o amor por ela, mas o ódio pelo seu pai, matou os dois filhos que havia tido com ele. Então Sísifo foi à praça do mercado de Larissa [mostrou os cadáveres, acusou falsamente Salmoneu de incesto e assassinato] e ordenou que o expulsassem da Tessália.[5]

f. Depois que Zeus raptou Egina, o pai dela, o deus fluvial Asopo, saiu em seu encalço até Corinto. Sísifo sabia muito bem o que havia acontecido a Egina, mas não estava disposto a revelar nada a menos que Asopo se comprometesse a abastecer a cidadela de Corinto com um manancial perene. Por conseguinte, Asopo fez brotar a fonte Pirene atrás do templo de Afrodite, onde agora estão as imagens da deusa armada, do Sol e de Eros Arqueiro. Depois disso, Sísifo contou-lhe tudo o que sabia.[6]

g. Zeus, que havia escapado por um triz da vingança de Asopo, ordenou a seu irmão Hades que atirasse Sísifo ao Tártaro e o castigasse eternamente por haver violado segredos divinos. Mas Sísifo não se deixou intimidar: ele astutamente colocou algemas em Hades, convencendo-o a deixá-lo demonstrar sua utilização, e depois as fechou rapidamente. Assim, Hades permaneceu prisioneiro na casa de Sísifo durante alguns dias — uma situação impossível, porque ninguém podia morrer, nem mesmo aqueles que houvessem sido decapitados ou esquartejados —, até que, finalmente, Ares, vendo seus interesses ameaçados, apressou-se em ajudá-lo, e libertou-o para que Sísifo caísse de novo em suas garras.

h. Sísifo, porém, havia guardado uma outra carta na manga. Antes de descer ao Tártaro, ele pediu a sua mulher, Mérope, que não o enterrasse e, ao chegar ao Palácio de Hades, foi direto ao encontro de Perséfone, dizendo-lhe que, como uma pessoa não enterrada, ele não tinha o direito de estar ali, e deveria ser deixado na outra margem do rio Estige. “Permita-me voltar ao mundo superior”, suplicou ele, “para organizar meu enterro e vingar o ato de impiedade a que fui submetido. Uma vez cumprido tal propósito, voltarei dentro de três dias.” Perséfone foi ludibriada e concedeu-lhe tal favor. Mas, tão logo Sísifo se viu mais uma vez sob a luz do Sol, ele quebrou a promessa feita a Perséfone. Finalmente, Hermes foi chamado para que o levasse de volta à força.[7]

i. Talvez tenha sido pelo fato de ele ter ferido Salmoneu, ou porque ele havia traído o segredo de Zeus, ou porque ele sempre vivera do roubo,

frequentemente matando viajantes inocentes — alguns dizem que foi Teseu quem pôs fim à carreira de Sísifo, embora isso não seja sequer mencionado entre as façanhas de Teseu; de qualquer modo, o caso é que Sísifo recebeu um castigo exemplar.[8] Os Juízes dos Mortos mostraram-lhe um enorme bloco de pedra — do tamanho exato daquele em que se havia transformado Zeus quando fugia de Asopo — e ordenaram-lhe que o rolasse encosta acima até o topo de uma montanha e depois o soltasse encosta abaixo pelo outro lado. Ele jamais conseguiu fazer isso. Sempre que esteve prestes a alcançar o topo, o peso da ignominiosa pedra o obrigava a retroceder, e ela ia rolando de volta ao sopé da montanha. Dali ele a recuperava, extenuado, e se punha novamente a carregar o fardo montanha acima, apesar do suor que lhe encharcava os membros e da nuvem de poeira que se erguia sobre a sua cabeça.[9]

j. Mérope, envergonhada por ser a única entre as Plêiades com um marido no mundo subterrâneo — e ainda por cima assassino —, abandonou suas seis irmãs radiantes no firmamento noturno e nunca mais voltou a ser vista. E, assim como o paradeiro da tumba de Neleu no istmo de Corinto era um segredo que até mesmo Sísifo se negou a divulgar a Nestor, os coríntios são igualmente reticentes em responder quando se lhes perguntam sobre o lugar onde Sísifo está enterrado.[10]

1. Embora os gregos tenham entendido “Sísifo” com o significado de “muito sábio”, Hesíquio o soletra como *Sesephus*, e acredita-se que seja uma versão grega de Tesup, o deus-Sol hitita, idêntico a Atabírio, o deus-Sol de Rodes (vide 42. *4* e 93. *1*), cujo animal sagrado era o touro. Foram encontradas estatuetas de bronze e relevos desse touro, datando do século XIV a.C., nas quais o animal está marcado no flanco com um cetro e dois discos e com um trevo no traseiro. Os roubos de gado com a marca do deus-Sol são recorrentes no mito grego: realizavam-nos os companheiros de Odisseu (vide 170. *u*), Alcioneu e seu contemporâneo Hércules (vide 132. *d* e *w*). Mas a magia de que fez uso Autólico quando roubou Sísifo evoca a história de Jacó e Labão (*Gênesis* XXIX e XXX). Jacó, o mesmo que Autólico, tinha o dom de transformar o gado e dar-lhe a cor que quisesse, e assim foram diminuindo os rebanhos de Labão. A conexão cultural entre Corinto e Canaã, demonstrada nos mitos de Niso (vide 91. *1*), Édipo (vide 105. *1* e *7*), Alcátoo (vide 110. *2*) e Melicerta (vide 70. *2*), pode ser hitita. Alcioneu também se originava de Corinto.

2. A “ignominiosa pedra” de Sísifo era originalmente um disco solar, e a colina sobre a qual ela rolava era a abóbada celeste, o que constituía uma imagem bastante familiar. A existência de um culto coríntio do Sol está mais do que demonstrada: diz-se que Hélio e Afrodite se sucederam no domínio da Acrópole e ali compartilharam um templo (Pausânias: II. 4. 7). Ademais, Sísifo aparece invariavelmente ao lado de Íxion no Tártaro, e a roda de fogo de Íxion é um símbolo do Sol. Isso explica por que os habitantes de Éfira surgiram de cogumelos, pois os cogumelos eram a isca ritual da roda de fogo de Íxion (vide 63. *2*), e o deus-Sol exigia que se queimassem seres humanos em sacrifícios para a inauguração de seu ano. A sedução de Anticleia talvez tenha sido deduzida a partir de uma pintura que representa o casamento de Hélio com Afrodite; e a hostilidade do mitógrafo para com Sísifo manifesta o desgosto helênico pelo estratégico assentamento de colônias não helênicas no estreito istmo que separa o Peloponeso da Ática. O fato de ele ter levado a melhor sobre Hades provavelmente se refere à recusa de um rei sagrado em abdicar no fim de seu reinado (vide 170. *1*). A julgar pelas marcas do touro-Sol, ele conseguiu reinar durante dois Grandes Anos, representados pelo cetro e pelos discos solares, e obteve o consentimento da deusa tripla, representada pelo trevo. Hipsipílon, o apelido de Odisseu, é a forma masculina de Hipsípile: provavelmente um título da deusa-Lua (vide 106. *3*).

3. Sísifo e Neleu foram provavelmente enterrados em pontos estratégicos do istmo como amuletos contra a invasão (vide 101. *3* e 146. *2*). No relato de Higino sobre a vingança de Sísifo contra Salmoneu, há uma lacuna que eu supri com uma passagem (parágrafo *e*), para dar sentido à história.

4. Pirene, o manancial da cidadela de Corinto aonde Belerofonte levou Pégaso para beber (vide 75. *c*), nunca secava (Pausânias: II. 5. 1; Estrabão: VII. 6. 21). Pirene era também o nome de uma fonte situada fora dos portões da cidade, na estrada que dava para o mercado de Lequeu, onde se diz que Pirene (“dos vimeiros”) — que os mitógrafos descrevem como filha de Aqueloo, de Ébalo (Pausânias: *loc. cit.*), ou de Asopo e Métope (Diodoro Sículo: IV. 72) — se transformou em fonte enquanto chorava por seu filho Cêncrias (“serpente malhada”), que Ártemis havia acidentalmente matado. O “bronze coríntio” obtinha sua coloração característica ao ser submerso incandescente nessa fonte (Pausânias: II. 3. 3).

5. Uma das sete Plêiades desapareceu no início da época clássica, e fez-se necessário explicar sua ausência (vide 41. *6*).

6. Resta uma questão por resolver: era realmente o duplo S o monograma de Sísifo? A ilustração gráfica do mito provavelmente o mostrava examinando os rastros das ovelhas e das vacas roubadas, as quais, como tinham o casco

partido, tinham a forma de . Esse sinal significava SS na escrita grega primitiva, e também podia ser interpretado como as duas metades unidas do mês lunar e tudo o que isso implicava — crescente e minguante, aumento e diminuição, bendição e maldição. Os animais de “casco partido” eram consagrados à Lua — eles constituem os sacrifícios determinados no *Levítico* por ocasião dos festivais da Lua nova —, e portanto o SS devia se referir mais à Lua Selene, *alias* Afrodite, do que a Sísifo, que, como rei-Sol, estava encarregado apenas de cuidar do gado sagrado da deusa (vide 42. *1*). A figura , que representa a Lua cheia (à diferença do O, que representa simplesmente o disco solar), estava marcada em cada flanco da vaca sagrada que conduziu Cadmo ao lugar onde ele ergueu a cidade de Tebas (vide 58. *f*).

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 9. 3; Pausânias: II. 4. 3; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 79.

[2] Higino: *Fábula* 200.

[3] Polieno: VI. 52; Higino: *Fábula* 201; Suidas *sub* Sísifo; Sófocles: *Ájax* 190; escoliasta sobre *Filoctetes* de Sófocles: 417.

[4] Apolodoro: I. 9. 3; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 393; Eumelo, citado por Pausânias: II. 3. 8; Homero: *Ilíada* VI. 153; escoliasta sobre *Acarnianos* de Aristófanes: 390; escoliasta sobre *Ájax* de Sófocles: 190; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 980; Ovídio: *Heroidas* XII. 203; Horácio: *Sátiras* II. 17. 12.

[5] Higino: *Fábula* 60.

[6] Pausânias: II. 5. 1.

[7] Teognis: 712 *et seq.*; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero pp. 487, 631 e 1702.

[8] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VI. 616; escoliasta sobre a *Tebaida* de Estácio: II. 380; Higino: *Fábula* 38.

[9] Escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 180; Pausânias: X. 31. 3; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 459; Homero: *Odisseia* XI. 593-600.

[10] Ovídio: *Os fastos* I. 175-176; Eumelo, citado por Pausânias: II. 2. 2.

68

SALMONEU E TIRO

Salmoneu, filho ou neto de Éolo e Enarete, reinou durante um tempo na Tessália antes de conduzir uma colônia eólia aos confins orientais da Élida, onde ergueu a cidade de Salmone junto à nascente do rio Enipeu, um afluente do Alfeu.[1] Salmoneu era odiado por seus súditos e acabou chegando tão longe em sua insolência como rei que transferiu os sacrifícios de Zeus para os seus próprios altares, anunciando que ele mesmo era Zeus. Ele costumava inclusive passear pelas ruas de Salmone arrastando caldeirões de bronze atados com tiras de couro à sua carruagem, para imitar o trovão de Zeus, enquanto arremessava ao ar tochas de carvalho, algumas das quais caíam e incendiavam seus desafortunados súditos, que eram compelidos a vê-las como raios. Certo dia, Zeus castigou Salmoneu lançando um raio de verdade, que não só o fulminou junto com sua carruagem como também a cidade inteira.[2]

b. Alcídice, mulher de Salmoneu, havia morrido muitos anos antes, ao dar à luz uma bela filha chamada Tiro. Ela ficou sob a tutela de sua madrasta, Sidero, e foi tratada com grande crueldade por ser considerada a causadora da expulsão da família da Tessália, como castigo por ter matado os dois filhos que teve com seu malvado tio Sísifo. Ela então se apaixonou pelo rio Enipeu e vagava por suas margens todos os dias, chorando a sua solidão. Mas o deus fluvial, apesar de se divertir e de se sentir lisonjeado com a paixão dela, não a encorajava de modo algum.

c. Poseidon decidiu se aproveitar dessa ridícula situação. Assumindo a forma do deus fluvial, convidou Tiro para um encontro na confluência do Enipeu com o Alfeu, e ali a envolveu num sono mágico enquanto uma onda negra se erguia como uma montanha e ondulava a crista para ocultar sua patifaria. Ao despertar e se ver violada, Tiro ficou atônita por ter-se deixado ludibriar dessa

forma, mas Poseidon riu de seu embaraço e disse-lhe que voltasse para casa e se calasse sobre o acontecido. Sua recompensa, disse-lhe ele, seriam gêmeos estupendos, filhos de um pai melhor que um simples deus fluvial.[3]

d. Tiro esforçou-se em manter o segredo até dar à luz os seus prometidos gêmeos, mas então, incapaz de enfrentar a ira de Sidero, ela os abandonou numa montanha. Um guardador de cavalos que por ali passava os levou para casa, mas não antes que sua égua escoiceasse o mais alto deles. A mulher do guardador de cavalos criou os meninos, dando o mais alto deles para ser amamentado pela mesma égua que o havia coiceado, chamando-o Pélias; o outro, a que ela chamou Neleu, obteve sua natureza selvagem mamando de uma cadela que lhe serviu de mãe adotiva. Mas há quem diga que os gêmeos apareceram flutuando à deriva no Enipeu a bordo de uma arca de madeira. Tão logo Pélias e Neleu descobriram o nome de sua mãe e ficaram sabendo da forma ignominiosa como ela fora tratada, partiram imediatamente para a vingança. Sidero refugiou-se no templo de Hera, mas Pélias a matou de um só golpe enquanto ela se agarrava aos chifres do altar. Essa foi a primeira das muitas ofensas que ele cometeria contra a deusa.[4]

e. Tiro casou-se mais tarde com seu tio Creteu, fundador de Iolco, a quem ela deu um filho, Éson, pai de Jasão, o Argonauta. Creteu adotou Pélias e Neleu como filhos seus.[5]

f. Após a morte de Creteu, os gêmeos começaram a se desentender: Pélias se apoderou do trono de Iolco, desterrou Neleu e manteve Éson como prisioneiro no palácio. Neleu conduziu os dois netos de Creteu, Melampo e Bias, com uma companhia mista de aqueus, ftiotas e eólios num ataque às terras de Messena, expulsando os léleges de Pilos e fazendo a cidade alcançar tão grande fama que foi aclamado como seu fundador. Casou-se com Clóris, mas seus 12 filhos, exceto Nestor, foram finalmente mortos por Hércules.[6]

1. Antígono de Caristo (*Relato de coisas maravilhosas* 15) diz que em Cranon se conservava uma carruagem de bronze que fazia chover e que, nos períodos de estiagem, as pessoas a faziam rodar pelos campos ressequidos para sacudir o bronze e fazê-lo tilintar, e também para — assim como o demonstram as moedas cranonianas — derramar em derredor a água dos jarros que ela continha. Segundo Antígono, depois disso sempre chovia. Assim, o encantamento que Salmoneu realizou para provocar tempestades devia ser uma

prática religiosa habitual, tal como agitar uma cabaça oca cheia de seixos, bater em portas de carvalho, sacudir uma caixa com pedrinhas, dançar, bater escudos um contra o outro ou fazer girar aerófonos. Ele foi retratado como um criminoso somente depois que as autoridades centrais acaicas proibiram a representação de Zeus (vide 45. *2*). A julgar pelas peneiras das danaides (vide 60. *6*) e pela dança argiva da vaca (vide 56. *1*), a invocação da chuva era originalmente uma prerrogativa das mulheres — como continua sendo entre certas tribos primitivas da África, tais como os hererós e os damaras —, mas passou a ser responsabilidade do rei sagrado no momento em que a rainha permitiu-lhe agir em seu nome (vide 136. *4*).

2. Tiro era a deusa-mãe dos tírios e dos tirrenos, e talvez também a dos tiríntios. O seu nome é provavelmente pré-helênico, mas supriu os gregos com a palavra *tyrsis* (“cidade amuralhada”) e também com o conceito de “tirania”. Os maus-tratos infligidos a ela por Sidero evocam aqueles que Dirce infligiu a Antíope, mito ao qual muito se assemelha (vide 76. *a*); e é possível que tenha originalmente registrado a opressão que sofreram os tírios sob o jugo de seus vizinhos, os sidônios. Dizia-se que a água do rio engravidava as mulheres que nele se banhassem — o banho era também um ritual de purificação após a menstruação ou o parto — e provavelmente invocava-se Enipeu de Tiro, assim como Escamandro (vide 137. *3*), para perder-se a virgindade. A anedota que trata de Poseidon seduzindo Tiro tem como finalidade explicar por que os descendentes de Salmoneu são por vezes chamados de “Filhos de Enipeu”, que era a sua pátria original, e outras vezes de “Filhos de Poseidon”, pela sua fama naval. O fato de ela ter sido anteriormente seduzida por Sísifo sugere que se havia implantado em Salmone o culto coríntio do Sol. Antíope estava também relacionada, por matrimônio, com Sísifo (vide 76. *b*).

3. A arca de Tiro, na qual ela deixou os gêmeos flutuando pelas águas do Enipeu, era certamente de madeira de amieiro, assim como a arca em que Reia Sílvia depositou Rômulo e Remo no Tibre. A disputa de Pélias e Neleu, como a de Etéocles e Polinice, Acrísio e Preto, Atreu e Tiestes e outros pares análogos de reis, parece indicar a ruptura do sistema pelo qual o rei e seu sucessor governavam alternadamente durante 49 ou cinquenta meses no mesmo reinado (vide 69. *1*, 73. *a* e 106. *b*).

4. Os chifres do altar a que se agarrou Sidero eram os que normalmente estavam fixados na imagem venerada da deusa-vaca Hera, Astarte, Io, Ísis ou Hator. Parece que Pélias foi o conquistador aqueu que reorganizou à força o culto eólio da deusa no sul da Tessália. Na Palestina, os altares com chifres, como aqueles aos quais se agarrou Joabe (I *Reis* II. 28 etc.), sobreviveram ao destronamento da vaca-Lua e seu Bezerro de Ouro.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 7. 3; Higino: *Astronomia poética* II. 20; Estrabão: VIII. 3. 32.

[2] Diodoro Síciulo: IV. 68. 1; Apolodoro: I. 9. 7; Higino: *Fábula* 61.

[3] Apolodoro: I. 9. 8; Homero: *Odisseia* XI. 235 *et seq.*; Luciano: *Diálogos marinhos* 13.

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 253; Sófocles: *Tiro*, citado por Aristóteles: *Poética* XVI. 1.454.

[5] Pausânias: IV. 2. 3; Apolodoro: I. 9. 11; Higino: *Fábula* 12.

[6] Hesíodo: *Teogonia* 996; escoliasta sobre o *Alceste* de Eurípides: 255; Diodoro Síciulo: IV. 68. 6; Pausânias: IV. 2. 3; 36. 1 e X. 29. 3; Homero: *Ilíada* XI. 682.

69

ALCESTE

A mais bela das filhas de Pélias, Alceste foi pedida em casamento por muitos reis e príncipes. Não querendo pôr em risco sua posição política ao recusar algum deles, embora não estivesse satisfeito com nenhum deles, Pélias tornou pública sua decisão de conceder a mão de Alceste àquele que pudesse atrelar um javali e um leão à sua carruagem e conduzi-los ao redor do estádio. Ao inteirar-se disso, Admeto, rei de Feres, mandou convocar Apolo, obrigado por Zeus a servir-lhe como vaqueiro durante um ano, e perguntou-lhe:

— Tratei-o com o devido respeito a sua divindade?

— Por certo que sim — disse Apolo —, e eu lhe mostrei minha gratidão ao insuflar no ventre de suas ovelhas animais gêmeos.

— Então, como um último favor — continuou Admeto —, peço-lhe que me ajude a conseguir a mão de Alceste, dotando-me das qualidades necessárias para satisfazer as condições impostas por Pélias.

— Ficarei feliz em ajudá-lo — respondeu Apolo.

Hércules o auxiliou amansando os animais selvagens, e finalmente Admeto se apresentou no estádio de Iolco, conduzindo sua carruagem puxada por aquele selvagem par de animais.[1]

b. Não se sabe a razão pela qual Admeto deixou de fazer o sacrifício habitual a Ártemis antes de se casar com Alceste, mas a deusa não tardou em castigá-lo. Quando, naquela noite, entrou na câmara nupcial animado pelo vinho, ungido com essências e engrinaldado de flores, ele recuou, horrorizado com o que vira. Sobre o leito, não o aguardava, desnuda, sua adorável noiva, mas um emaranhado de serpentes sibilantes. Admeto saiu correndo, aos gritos, à procura de Apolo, que amavelmente intercedeu por ele diante de Ártemis. Após realizar de imediato o sacrifício olvidado, tudo se amainou, e Apolo até obteve de

Ártemis a promessa de que, chegado o momento da morte de Admeto, ele seria poupado sob a condição de que um membro de sua família se sacrificasse voluntariamente por amor a ele.

c. Esse dia funesto chegou antes do que Admeto esperava. Hermes voou certa manhã até o palácio e o convocou ao Tártaro. Produziu-se uma consternação geral, mas Apolo ganhou um pouco de tempo para Admeto embebedando as três Parcas, atrasando assim o corte fatal do fio da vida. Admeto correu apressado para a casa de seus velhos pais, postou-se aos seus joelhos e suplicou que lhe cedessem o pouco que lhes restava de vida. Ambos negaram categoricamente, dizendo que ainda lhes restava muito tempo para desfrutar desse mundo e que ele deveria se contentar com o seu quinhão, assim como todos os outros.

d. Então, por amor a Admeto, Alceste bebeu de um veneno e sua alma desceu ao Tártaro. Mas Perséfone julgou de mau agouro uma esposa morrer no lugar do marido, de modo que bradou-lhe a plenos pulmões: "Volte ao mundo superior!"[2]

e. Uma outra versão da história reza que Hades teria vindo pessoalmente levar Admeto, e que este, ao fugir, permitira que Alceste se oferecesse voluntariamente para ocupar o seu lugar, mas Hércules irrompeu no mundo subterrâneo com uma clava de azambujo e a resgatou.[3]

1. O atrelamento de um leão e um javali à mesma carruagem é o tema de um mito tebano (vide 106. *a*) cujo significado original foi igualmente obscurecido. O leão e o javali eram os símbolos animais concedidos respectivamente à primeira e à segunda metade do Ano Sagrado — constantemente aparecem em oposição nos vasos etruscos —, e parece que o oráculo propusera um acerto pacífico para a tradicional rivalidade existente entre o rei sagrado e o seu sucessor. O acerto consistia em que o reino devia se dividir em metades e ambos deviam reinar ao mesmo tempo — como finalmente o fizeram Proteu e Acrísio em Argos (vide 73. *a*) —, em vez de conservá-lo inteiro e reinar alternadamente, como Polinice e Etéocles em Tebas (vide 106. *b*). Dar uma volta de carruagem ao redor do estádio era uma demonstração de realeza (vide 64. *3*).

2. Ártemis era contra o matrimônio monogâmico porque ela pertencia ao culto pré-helênico em que as mulheres se acasalavam promiscuamente com

outros homens fora de seu clã. Por isso os helenos a aplacavam com sacrifícios nupciais, segurando em sua honra tochas do casto espinheiro. A prática patriarcal do *suti*,[a] testemunhada pelos mitos de Evadne (vide 106. *l*) e Polixena (vide 168. *k*), surgiu do costume indo-europeu que proibia as viúvas de voltarem a contrair matrimônio. Uma vez abolido tal costume, o *suti* perdeu grande parte de seus atrativos (vide 74. *a*).

3. Na primeira versão deste mito, Perséfone rechaçou o sacrifício de Alceste (Perséfone representa o ponto de vista matriarcal). Na segunda versão, Hércules o proibiu e foi escolhido como instrumento da vontade de Zeus, ou seja, da ética patriarcal, baseando-se no fato de que, certa vez, ele havia perturbado a ordem do Inferno e resgatado Teseu (vide 103. *d*). O azambujo era utilizado na Grécia para afugentar os maus espíritos (vide 119. *2*), assim como o vidoeiro na Itália e no norte da Europa (vide 52. *3*).

NOTAS

[a] Hábito de incinerar a viúva com os restos mortais do marido. (N.T.)

[1] Higino: *Fábula* 50; Apolodoro: III. 10. 4; Calímaco: *Hino a Apolo* 47-54; escoliasta sobre *Alceste* de Eurípides: 2; Fulgêncio: I. 27.

[2] Apolodoro: I. 9. 15.

[3] Eurípides: *Alceste*.

70

ATAMANTE

Atamante, o Eólio, irmão de Sísifo e Salmoneu, governava a Beócia. Por ordem de Hera, ele se casou com Néfele, um espectro que Zeus criara à imagem de sua esposa quando quis enganar Íxion, o Lápita, e que agora vagava desoladamente pelos salões do Olimpo. Ela deu a Atamante dois filhos, Frixo e Lêucon, e uma filha, Hele. Mas Atamante estava ressentido com o desdém que lhe demonstrava Néfele e, quando se apaixonou por Ino, filha de Cadmo, ele a levou secretamente para o palácio, situado no sopé do monte Lafístio, e com ela gerou Learco e Melicerta.

b. Ao saber pelas criadas da existência de sua rival, Néfele dirigiu-se furiosa ao Olimpo, queixando-se a Hera do insulto a que fora submetida. Hera tomou o seu partido e prometeu-lhe: "Minha ira recairá sobre Atamante e toda a sua Casa!"

c. Em seguida, Néfele voltou ao monte Lafístio, onde tornou pública a promessa de Hera, e exigiu a morte de Atamante. Mas os homens da Beócia, que temiam Atamante mais do que a própria Hera, não deram ouvidos a Néfele; e as mulheres beócias estavam do lado de Ino, que as havia convencido a tostar as sementes de trigo antes de o semear, sem que seus maridos soubessem, para assim estragar toda a colheita. Ino previu que, quando chegasse o momento em que o trigo devesse brotar e nada aparecesse, Atamante mandaria perguntar ao oráculo de Delfos o que estava fazendo de mau. Mas ela já havia subornado os mensageiros de Atamante para que lhe portassem uma resposta falsa: a saber, que a terra só recuperaria a sua fertilidade se Frixo, filho de Néfele, fosse sacrificado a Zeus no monte Lafístio.

d. Frixo era um jovem de grande beleza pelo qual sua tia Biadice, mulher de Creteu, havia se apaixonado. Ao ser rejeitada por Frixo, Biadice o acusou de tê-

la violado. Os homens da Beócia, acreditando na história de Biadice, aplaudiram a sábia decisão de Apolo de fazer um sacrifício propiciatório e exigiram a morte de Frixo. Atamante, aos prantos, levou o filho ao cume da montanha, e estava prestes a sacrificá-lo quando Hércules, que se achava casualmente perto dali, chegou correndo e arrebatou-lhe a pederneira ritual. “Zeus, meu pai”, exclamou Hércules, “não tolera sacrifícios humanos!” Entretanto, Frixo teria morrido, malgrado tal apelo, não fosse a chegada de um carneiro alado dourado, fornecido por Hermes a mando de Hera — ou, segundo outros, pelo próprio Zeus —, que subitamente desceu voando do Olimpo para resgatá-lo.

— Monte no meu lombo! — gritou o carneiro, e Frixo obedeceu.

— Leve-me também! — suplicou Hele. — Não me deixe à mercê do meu pai.

e. Então Frixo a acomodou junto dele, na garupa, e o carneiro saiu voando para o leste, na direção da Cólquida, onde Hélio mantém seus estábulos de cavalos. Logo depois, Hele teve uma vertigem e se soltou, caindo no estreito que separa a Europa da Ásia, hoje chamado de Helesponto em sua homenagem. Mas Frixo chegou são e salvo à Cólquida, onde sacrificou o carneiro ao Zeus Salvador. Seu Tosão de Ouro ficou famoso uma geração mais tarde, quando os argonautas saíram à sua procura.

f. Intimidados pelo milagre do monte Lafístio, os mensageiros de Atamante confessaram haver sido subornados por Ino para que levassem uma resposta falsa de Delfos, logo vindo à tona o embuste tramado por ela e Biadice. Néfele voltou a exigir a morte de Atamante, e chegaram mesmo a cingir-lhe a cabeça com a tiara do sacrifício que Frixo havia portado; só uma nova intervenção de Hércules logrou salvá-lo da morte.

g. Mas Hera continuava furiosa com Atamante e o fez enlouquecer, não só por causa de Néfele, mas também porque ele havia sido conivente com o fato de Ino haver abrigado o infante Dionísio, filho bastardo de Zeus com sua irmã Sêmele, o qual vivia no palácio disfarçado de menina. De repente, Atamante tomou do seu arco e gritou: “Vejam, um cervo branco! Afastem-se para que eu possa alvejá-lo!” E, ao dizê-lo, traspassou Learco com uma flecha e procedeu ao esquartejamento de seu corpo enquanto ele ainda se retorcia nos estertores da morte.

h. Ino agarrou Melicerta, seu filho menor, e fugiu; mas quase não teria conseguido escapar da vingança de Atamante se o infante Dionísio não o houvesse cegado temporariamente, de forma que ele começou a açoitar uma cabra em vez de Ino. Ela fugiu para a Rocha Moluriana, de cima da qual se atirou ao mar e se afogou. Essa rocha tornou-se depois um lugar de má reputação, pois o selvagem Cirão se servia dela para atirar dali os estrangeiros.

Mas Zeus, recordando da amabilidade de Ino com Dionísio, não enviou sua alma ao Tártaro; antes a divinizou como a deusa Leucoteia. Divinizou também o seu filho Melicerta como o deus Palêmon, e o enviou ao istmo de Corinto montado num golfinho branco. A cada quatro anos ainda se celebram por lá os jogos ístmicos, criados em sua honra por Sísifo.

i. Atamante, agora desterrado da Beócia e sem descendentes, porque Lêucon, o único filho que lhe sobrara, tinha ficado doente e morrera, perguntou ao oráculo de Delfos onde deveria se estabelecer, ao que o oráculo respondeu: "Em qualquer lugar onde os animais selvagens lhe deem de comer." Vagando sem rumo para o norte, sem bebida nem comida, ele encontrou uma matilha de lobos que estava devorando um rebanho de ovelhas numa planície desolada da Tessália. Os lobos fugiram quando ele se aproximou, e, assim, ele e seus companheiros puderam comer o que restara dos cordeiros. Atamante então se lembrou das palavras do oráculo e, após adotar Haliarto e Conoreia, seus sobrinhos coríntios, fundou uma cidade a que chamou Alos, para evocar as suas andanças ou a sua servidora Alos; mais tarde o país se chamou Atamânia. Depois, ele se casou com Temisto e formou uma nova família.[1]

j. Há quem conte uma história diferente. Omitindo o matrimônio de Atamante com Néfele, dizem que, um dia, após o nascimento de Learco e Melicerta, sua mulher, Ino, saiu para caçar e não mais voltou. Manchas de sangue encontradas numa túnica rasgada o convenceram de que ela havia sido morta por animais selvagens; mas a verdade é que ela fora vítima de um súbito frenesi báquico ao ser atacada por um lince. Ela o teria estrangulado, esfolado com dentes e unhas e ido, vestida somente com a pele do animal, celebrar uma grande festa no monte Parnaso. Após guardar um período de luto, Atamante se casou com Temisto, que, um ano mais tarde, deu-lhe filhos gêmeos. Depois, para o seu pesar, ele descobriu que Ino ainda estava viva. Mandou-a buscar imediatamente, alojou-a nos aposentos das crianças e disse a Temisto: "Temos uma pajem aparentemente idônea, uma prisioneira que fizemos na última incursão ao monte Citéron." Temisto, que logo descobriu a verdade com a ajuda de suas criadas, visitou o aposento das crianças do palácio e, fingindo não saber quem era Ino, disse-lhe: "Pajem, prepare um jogo de roupa branca de lã para cada um de meus dois filhos e um jogo de roupa de luto para os da minha desafortunada predecessora Ino, para que assim se vistam amanhã."

k. No dia seguinte, Temisto ordenou aos guardas que irrompessem nos aposentos das crianças e matassem os gêmeos que estavam vestidos de luto e que poupassem os outros dois. Entretanto, Ino, adivinhando as intenções de Temisto, havia vestido os próprios filhos de branco e, de luto, os filhos de sua rival. Assim, foram assassinados os filhos de Temisto, e a notícia levou

Atamante à loucura. Ele matou Learco com um disparo, confundindo-o com um cervo, mas Ino conseguiu fugir com Melicerta, atirou-se ao mar e se tornou imortal.

l. Outros dizem que Frixo e Hele eram filhos de Néfele com Íxion. Um dia, enquanto passeavam por um bosque, eles encontraram sua mãe tomada por um frenesi báquico, conduzindo um carneiro dourado pelos chifres.

— Vejam — balbuciou ela —, eis um filho de sua prima Teófana. Ela teve demasiados pretendentes, de maneira que Poseidon a transformou numa ovelha e ele mesmo se metamorfoseou num carneiro e a possuiu na ilha de Crumissa.

— O que aconteceu aos pretendentes, minha mãe? — perguntou a pequena Hele.

— Tornaram-se lobos — respondeu Ino —, e uivam por Teófana durante toda a noite. Agora não me perguntem mais nada e montem nesse carneiro, vocês dois, e vão em direção à Cólquida, onde reina o filho de Hélio, Eetes. Tão logo cheguem, sacrifiquem-no a Ares.

m. Frixo cumpriu as estranhas instruções da mãe e pendurou o carneiro dourado num templo dedicado a Ares na Cólquida, onde era vigiado por um dragão. Muitos anos depois, seu filho Présbon, ou Citisoro, chegou a Orcômeno vindo da Cólquida e resgatou Atamante quando este estava prestes a ser sacrificado como vítima propiciatória.[2]

1. O nome de Atamante está relacionado ao mito com Atamânia, cidade que ele mesmo teria fundado no ermo da Tessália. Mas ele parece na verdade formar-se a partir de *Ath* (“alto”) e *amaein* (“ceifar”), com o significado de “rei dedicado à Ceifadora do Alto”, ou seja, a deusa da Lua da Colheita. O conflito entre suas esposas rivais, Ino e Néfele, era provavelmente o que existia entre os primeiros habitantes jônios da Beócia, que haviam adotado o culto da deusa do cereal, Ino, e os invasores pastores eólios. A tentativa de transferir os rituais agrícolas da deusa jônia Ino para o deus do trovão eólio e sua mulher, Néfele, a nuvem de chuva, parece ter sido frustrada pelas sacerdotisas ao tostar as sementes do trigo que deveria ser semeado.

2. O mito de Atamante e Frixo registra o sacrifício anual do rei, ou de seu substituto, na montanha — primeiro um menino vestido no velo de um carneiro e depois um carneiro —, durante o festival de Ano-novo, para produzir a chuva que os pastores celebravam no equinócio de primavera. O sacrifício do carneiro

a Zeus no topo do monte Pélion, não longe de Lafístio, ocorria em abril, quando, segundo o Zodíaco, o Carneiro estava em ascendência. Os homens mais importantes do distrito costumavam celebrar lutas entre si envergando peles brancas de ovelha (Dicearco: II. 8), e o rito sobreviveu ali até os nossos dias sob a forma de sacrifício e ressurreição simulados por um ancião vestido com a máscara de uma ovelha negra (vide 148. *10*). A roupa de luto com que as crianças condenadas à morte deveriam se vestir sugere que um velo negro era envergado pela vítima, ao passo que o sacerdote e os espectadores se vestiam com um velo branco. O amor de Biadice por Frixo evoca o da mulher de Potifar por José, um mito cananeu semelhante; e o mesmo praticamente se diz de Anteia e Belerofonte (vide 75. *a*), Creteis e Peleu (vide 81. *g*), Fedra e Hipólito (vide 101. *a*-*g*), Filonome e Tenes (vide 161. *g*).

3. O fato de que Néfele ("nuvem") tenha sido um presente de Hera a Atamante e criada à sua própria imagem sugere que, na versão original, o próprio Atamante, rei eólio, representava o deus do raio, assim como seu predecessor Íxion (vide 63. *1*) e seu irmão Salmoneu (vide 68. *1*); e que, quando ele se casou com Temisto — que, na versão do mito registrada por Eurípides, é a rival de Ino —, Hera tomou o partido da mulher do deus do trovão.

4. Ino era Leucoteia, a "Deusa Branca", e provou sua identificação com a deusa tripla fazendo uma orgia no monte Parnaso. Seu nome ("a que dá vigor") sugere orgias itifálicas e o crescimento vigoroso dos cereais. Meninos devem ter-lhe sido sacrificados de forma sangrenta antes de cada semeadura invernal. Ao mesmo Zeus atribui-se a deificação de Ino como demonstração de gratidão pela sua amabilidade para com Dionísio, e Atamante tem um nome agrícola em sua homenagem. Em outras palavras, os agricultores jônios saíram ganhando quando acertaram suas diferenças religiosas com os pastores eólios.

5. O mito, entretanto, é uma mistura de elementos de culto primitivos. O culto sacramental de Zagreu, que se converteu no culto de Dionísio Criança (vide 30. *3*), é insinuado quando Atamante confunde Ino com uma cabra; o culto sacramental de Actéon é evocado quando ele confunde Learco com um cervo, dispara uma flecha contra ele e o esquarteja (vide 22. *1*). O filho mais novo de Ino, Melicerta, é Melkarth ("protetor da cidade"), o Hércules cananeu, *alias* Moloch, que, como rei solar recém-nascido, chega ao istmo montado num golfinho, e cuja morte, ao término de seu reinado de quatro anos, era celebrada nos jogos fúnebres ístmicos. Infantes eram sacrificados a Melicerta na ilha de Tenedos, e provavelmente também em Corinto (vide 156. *2*), assim como eram sacrificados a Moloch em Jerusalém (*Levítico* XVIII. 21 e I *Reis* XI. 7).

6. O tosão fez-se dourado somente quando Zeus se converteu em deus do céu claro e usurpou os atributos solares da deusa. Por isso o Primeiro Mitógrafo

do Vaticano diz que era “o tosão em que Zeus ascendeu aos céus”, mas, enquanto era apenas provocador de tempestades, a cor do velo era de um púrpura muito escuro (Simônides: *Fragmento* 21).

7. Numa versão do mito (Hípias: *Fragmento* 12), Ino é chamada de Górgopis (“cenho franzido”), um dos títulos de Atena; e o selvagem Cirão, que atirava os viajantes num precipício, obteve seu nome de um guarda-sol branco — para ser mais preciso, um guarda-lua — que era carregado nas procissões de Atena. A Rocha Moluriana era evidentemente o despenhadeiro de onde eram atirados ao mar o rei sagrado ou seus substitutos em honra à deusa-Lua Atena, ou Ino, e, ao que parece, o guarda-sol servia para amortizar a queda (vide 89. *6*; 92. *3*; 96. *3* e 98. *7*).

8. O afogamento de Hele se assemelha ao de Ino. Ambas são deusas lunares, e o mito é ambivalente: representa o ocaso noturno da Lua e, ao mesmo tempo, o abandono do culto lunar de Hele em favor do culto solar de Zeus. Ambas são igualmente deusas do mar: Hele deu seu nome ao ponto de união de dois mares; Ino-Leucoteia surgiu diante de Odisseu sob forma de gaivota e salvou-o do afogamento (vide 170. *y*).

9. É mais provável que a tribo de Atamante tenha emigrado do monte Lafístio e de Atamânia, na Beócia, para o monte Lafístio e de Atamânia, na Tessália, e não ao contrário. Ele tinha um forte vínculo com Corinto, reino de seu irmão Sísifo, e diz-se que fundou a cidade de Acrefia a leste do lago Copais, onde havia um “Campo de Atamante” (Estêvão de Bizâncio *sub* Acrefia; Pausânias: IX. 24. 1). Atribui-se a vários de seus filhos a fundação de cidades beócias. Ele é também, plausivelmente, descrito como filho de Mínias e rei de Orcômeno, o que lhe teria dado poder sobre a planície copaica e o monte Lafístio (escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 230; Helanico sobre Apolônio de Rodes: III. 265) e o teria feito aliado de Corinto contra os Estados intervenientes de Atenas e Tebas. O motivo mais provável pelo qual os atamantes vagaram pelo norte até a Tessália é a guerra travada entre Orcômeno e Tebas, registrada no ciclo de Hércules (vide 121. *d*). Os ataques de ira de Néfele na montanha evocam as filhas de Mínias, que, diz-se, teriam sido vítimas de um frenesi báquico no monte Lafístio (escoliasta sobre *Alexandra* de Licofrone: 1.237), suposta origem do festival das Agrionias em Orcômeno.

NOTAS

[1] Pausânias: I. 44. 11; IX. 34. 4-5 e 23. 3; Apolodoro: I. 7. 3 e III. 4. 3; Higino: *Fábulas* 2 e 4; *Astronomia poética* II. 20; Fragmentos de *Atamante* de Sófocles; Nonnus: *Dionisíacas* X. 1 *et seq.*; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: VII. 86; Eustácio sobre o mesmo; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 480-541; *Etymologicum Magnum* 70. 8; Estêvão de Bizâncio *sub* Atamânia.

[2] Higino: *Fábulas* 1, 3, 5 e 88; Fragmentos de *Ino* de Eurípides; Heródoto: VII. 197; Pausânias: IX. 34. 5.

71

AS ÉGUAS DE GLAUCO

Glauco, filho de Sísifo e Mérope, e pai de Belerofonte, vivia em Potnias, perto de Tebas, onde, desdenhando do poder de Afrodite, impedia que suas éguas ficassem prenhes. Com isso, ele esperava que elas se tornassem mais enérgicas que as demais concorrentes nas competições de corrida de carruagem, que eram a sua principal preocupação. Mas Afrodite se ofendeu e foi-se queixar a Zeus, dizendo-lhe que ele havia chegado ao extremo de alimentar suas éguas com carne humana. Quando Zeus lhe permitiu realizar as ações que ela considerasse necessárias contra Glauco, Afrodite soltou as éguas uma noite e deixou que bebessem de um poço consagrado a ela e que comessem de uma erva chamada hipomanes, que crescia na boca do poço. Isso ocorreu pouco antes de Jasão celebrar os jogos fúnebres de Pélias na costa de Iolco; e, tão logo Glauco atrelou suas éguas à carruagem, elas dispararam. Com o solavanco, o veículo virou, e os animais arrastaram Glauco, emaranhado às rédeas, por toda a extensão do estádio, e depois o devoraram vivo.[1] Mas há quem diga que isso aconteceu em Potnias, não em Iolco; e uma terceira versão reza que Glauco teria se atirado ao mar por causa da dor que sentia por Melicerta, filho de Atamante; e inclusive que Glauco foi o nome dado a Melicerta após sua morte.[2]

b. A alma de Glauco, chamada Taráxipo, ou Espanta-cavalos, ainda assombra o istmo de Corinto, onde seu pai Sísifo ensinou-lhe pela primeira vez a arte equestre, e se deleita em assustar os cavalos nos jogos ístmicos, causando, assim, muitas mortes. Outra alma que assusta os cavalos é a de Mírtilo, que foi morto por Pélope. Ele assombra o estádio de Olímpia, onde os aurigas lhe oferecem sacrifícios na esperança de evitar catástrofes.[3]

1. Os mitos de Licurgo (vide 27. *e*) e Diomedes (vide 130. *b*) sugerem que o rei sagrado pré-helênico era esquartejado ao fim de seu reinado por mulheres disfarçadas de éguas. Na época helênica, esse ritual mudou a forma da morte, e, em vez do esquartejamento, optou-se por matar o rei atando-o à parte traseira de uma carruagem puxada por quatro cavalos, como nos mitos de Hipólito (vide 101. *g*), Laio (vide 105. *d*), Enômao (vide 109. *j*), Abdero (vide 130. *1*), Heitor (vide 163. *4*) e outros. Nas festividades do Ano-novo babilônico, quando se acreditava que o rei-Sol Marduk, encarnado no rei, estava lutando no Inferno contra o monstro marinho Tiamat (vide 73. *7*), soltava-se nas ruas uma carruagem puxada por quatro cavalos selvagens para simbolizar o caótico estado do mundo na ausência de uma cabeça que envergasse a coroa, provavelmente com um boneco que representava o auriga enrolado nas rédeas. Se o ritual babilônico tinha a mesma origem do grego, então um menino *interrex* tinha de suceder ao rei no trono e no leito durante o seu falecimento de um só dia para, ao amanhecer do dia seguinte, ser atado e arrastado por uma carruagem — como nos mitos de Faetonte (vide 42. *2*) e Hipólito (vide 101. *g*). Em seguida, o rei voltava ao seu trono.

2. O mito de Glauco é incomum: ele não só se vê envolvido num acidente de carruagem, como também é devorado pelas éguas. Seu desprezo por Afrodite e o fato de não permitir que suas éguas ficassem prenhes sugerem um intento patriarcal de suprimir as festividades eróticas tebanas em homenagem às Potnias, “as poderosas”, a saber, a tríade lunar.

3. O Taráxipo parece ter sido uma estátua régia arcaica que marcava a primeira volta da corrida; ela distraía os cavalos que competiam naquele estádio pela primeira vez no momento em que o auriga tentasse cortar o caminho e fazer a curva pelo interior da pista, mas era também o lugar onde se representava o acidente de carruagem do velho rei ou de seu *interrex*, removendo as chavetas do veículo (vide 109. *j*).

4. É provável que Glauco (“verde acinzentado”) tenha sido, por um lado, o representante minoico que visitou o istmo (vide 90. *7*) trazendo os éditos anuais; e, por outro lado, é possível que tenha sido Melicerta (Melkarth, “guardião da cidade”), título fenício do rei de Corinto, que teoricamente chegava a cada ano, recém-nascido, no lombo de um golfinho (vide 70. *5* e 87. *2*), e era atirado ao mar ao término de seu reinado (vide 96. *3*).

NOTAS

[1] Homero: *Ilíada* VI. 154; Apolodoro: II. 3. 1; Pausânias: VI. 20. 9; Higino: *Fábulas* 250 e 273; Ovídio: *Íbis* 557; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 318 e *Fenícias* de Eurípedes: 1.131; Eliano: *A natureza dos animais* XV. 25.

[2] Estrabão: IX. 2. 24; Ateneu: VII. pp. 296-297.

[3] Pausânias: VI. 20. 8.

72

MELAMPO

Melampo, o Miniano, neto de Creteu, que vivia em Pilos, na Messênia, foi o primeiro mortal a quem se concederam poderes proféticos, o primeiro a praticar a medicina, o primeiro a construir templos a Dionísio na Grécia e o primeiro a temperar o vinho com água.[1]

b. Seu irmão Bias, a quem era profundamente unido, apaixonou-se por sua prima Pero, cuja fila de pretendentes levou seu pai, Neleu, a prometer que a entregaria ao homem que fosse capaz de afugentar de Filacas o gado do rei Fílaco. O soberano prezava o seu gado mais do que qualquer outra coisa no mundo, à exceção de seu único filho, Íficlo, de tal modo que ele o guardava pessoalmente com a ajuda de um cão feroz que jamais dormia.

c. Melampo se tornara capaz de compreender a linguagem dos pássaros, pois seus ouvidos haviam sido lambidos por uma ninhada de serpentes, gratas por ele as ter salvado das garras de seus servidores e também por ele ter realizado com muito zelo o funeral de seus ascendentes ofídios. Ademais, Apolo, que ele um dia encontrou às margens do rio Alfeu, havia-lhe ensinado a profetizar observando as vísceras de vítimas sacrificadas.[2] Assim Melampo ficou sabendo que quem tentasse roubar o gado receberia um prêmio, embora somente após ficar encarcerado por exatamente um ano. Como Bias estava desesperado, Melampo decidiu visitar os estábulos de Fílaco em plena noite, mas, tão logo ele pôs a mão numa vaca, o cão mordeu-lhe a perna, e Fílaco, pulando de seu leito de palha, conduziu-o à prisão. Isso era, claro, exatamente o que Melampo esperava.

d. Na última noite antes que se completasse um ano de sua prisão, Melampo ouviu dois carunchos que conversavam na extremidade de uma viga situada acima de sua cabeça. Suspirando de cansaço, um deles perguntou:

— Quantos dias ainda teremos de roer, meu irmão?

O outro caruncho, com a boca cheia de pó de madeira, respondeu:

— Estamos indo bem. A viga cairá ao amanhecer se não ficarmos aqui de conversa fiada.

Ao ouvir isso, Melampo começou a gritar:

— Fílaco, Fílaco, por favor, transfira-me para outra cela!

Mesmo rindo-se das razões levantadas por Melampo para fundamentar tal pedido, Fílaco considerou-o. Quando a viga de fato caiu e matou uma das mulheres que ajudava a transportar a cama, Fílaco assombrou-se com a premonição de Melampo.

— Só vou conceder-lhe a liberdade e o gado se você for capaz de curar a impotência de meu filho Íficlo.

e. Melampo aceitou o trato. Começou sua tarefa sacrificando dois touros a Apolo. Após haver queimado os fêmures em sua própria gordura, ele deixou os cadáveres estendidos junto ao altar. Finalmente chegaram voando dois abutres, e um deles comentou com o outro:

— Já se vão muitos anos desde que aqui estivemos pela última vez. Fílaco estava castrando os carneiros, e viemos recolher nosso quinhão.

— Lembro-me muito bem — disse o outro abutre. — Íficlo, que então era apenas uma criança, viu seu pai se aproximar com uma faca ensanguentada e ficou com medo. Ao que parece, temia ser ele mesmo castrado, porque se pôs a gritar a plenos pulmões. Fílaco, por segurança, cravou a faca na pereira sagrada que havia ali e se apressou a consolar Íficlo, mas o susto o deixou impotente. Veja, Fílaco esqueceu-se de recolher a faca! Lá está ela ainda, cravada na árvore, mas a casca cresceu em torno da lâmina e é possível ver apenas a extremidade do seu cabo.

— Nesse caso — observou o primeiro abutre —, para curar Íficlo da impotência, bastaria retirar a faca, raspar a ferrugem deixada pelo sangue do carneiro e administrá-la a ele, misturada com água, diariamente, ao longo de dez dias.

— Concordo — disse o outro abutre. — Mas a quem, menos inteligente que nós, poderia ocorrer semelhante prescrição?

f. Foi assim que Melampo curou Íficlo, que logo gerou um filho chamado Podarces. E, tendo reclamado primeiro o gado e, em seguida, Pero, ele a apresentou, ainda virgem, a seu grato irmão, Bias.[3]

g. Então, Preto, filho de Abante, que reinava na Argólida junto com Acrísio, casara-se com Estenebeia, que lhe deu três filhas, chamadas Lisipa, Ifínoe e Ifianassa — embora se atribuam às mais novas os nomes Hipônoe e Cirianassa. Seja porque haviam ofendido Dionísio, ou porque haviam insultado Hera por

excesso de indulgência em seus casos de amor, ou por haver roubado ouro da imagem de Hera em Tirinto, a capital de seu pai, certo é que as três receberam o castigo divino da loucura e passaram a errar pelas montanhas, furiosas como vacas mordidas pelo moscardo, comportando-se de maneira caótica e assaltando os viajantes.[4]

h. Ao se inteirar da notícia, Melampo foi a Tirinto e se ofereceu para curá-las em troca da terça parte do reino de Preto.

— O preço é demasiado alto — disse bruscamente Preto, e Melampo se retirou.

A loucura de suas filhas contagiou então as mulheres argivas, muitas das quais matavam seus filhos, abandonavam seus lares e corriam enlouquecidas para se unirem às três filhas de Preto, razão pela qual as estradas deixaram de ser seguras e o gado sofria graves perdas, pois as mulheres asselvajadas esquartejavam as reses e as comiam cruas. Diante de tal situação, Preto mandou chamar Melampo com urgência, dizendo que aceitava as suas condições.

— Não, não — disse Melampo. — Assim como a doença se propagou, aumentaram também os meus honorários. Dê-me um terço de seu reino e outro terço a meu irmão Bias, e então me comprometerei a livrar o seu povo de tal calamidade. Caso se negue, não sobrará uma única mulher argiva em sua casa.

Preto então fez o acordo, e Melampo o orientou:

— Prometa oferecer vinte bois vermelhos a Hélio. Eu lhe direi o que fazer, e tudo ficará bem.

i. Conforme o acordo, Preto prometeu os vinte bois a Hélio em troca da cura das filhas e de suas seguidoras; e Hélio, que tudo vê, prometeu a Ártemis dar-lhe o nome de certos reis que haviam deixado de honrar-lhe com sacrifícios, sob a condição de que convencesse Hera a retirar a maldição que havia lançado contra as mulheres argivas. Naquele momento, Ártemis havia acabado de caçar até a morte a ninfa Calisto para satisfazer Hera, de maneira que não lhe pareceu difícil pedir-lhe algo em troca. Assim são feitos os negócios no céu e na terra: uma mão lava a outra.

j. Então, Melampo, auxiliado por seu irmão Bias e um grupo seleto de jovens robustos, conduziu a caótica multidão de mulheres desde as montanhas até Sícion, onde se livraram de sua loucura, e depois as purificou mediante imersão num poço sagrado. Não tendo encontrado as filhas de Preto entre a multidão, Melampo e Bias foram outra vez em busca delas, e as procuraram até Lusi, na Arcádia, onde haviam se refugiado numa caverna que dava para o rio Estige. Ali, Lisipa e Ifianassa recuperaram a sanidade e foram purificadas, mas Ifínoe havia morrido no meio do caminho.

k. Melampo casou-se então com Lisipa, Bias (cuja esposa, Pero, havia morrido pouco tempo antes) com Ifianassa, e Preto os recompensou a ambos tal como havia prometido. Mas há quem diga que o verdadeiro nome de Preto fosse Anaxágoras.[5]

1. Os feiticeiros costumavam afirmar que suas orelhas haviam sido lambidas por serpentes, que supostamente eram encarnações de heróis oraculares ("A linguagem dos animais", por J. R. Frazer, *Archaelogical Review* I, 1888), o que lhes permitia compreender a linguagem dos pássaros e dos insetos (vide 105. *g* e 158. *p*). Ao que parece, os sacerdotes de Apolo eram mais astutos que os demais ao realizar profecias por esse meio.

2. A impotência de Íficlo era mais real do que mítica: segundo os princípios da magia simpática, a ferrugem da faca utilizada para castrar era uma cura psicológica adequada para a impotência causada por um pânico repentino. Apolodoro descreve como carvalho a árvore em que ficou cravada a faca, porém é mais provável que se tratasse de uma pereira silvestre consagrada à Deusa Branca do Peloponeso (vide 74. *6*), que dá frutos em maio, o mês da castidade forçada. Fílaco havia ofendido a deusa ao rir de sua árvore. A alegação do feiticeiro de que a cura para a impotência tinha-lhe sido ensinada por alguns abutres — aves importantes nos agouros (vide 119. *i*) — vem reforçar a crença na sua eficácia. O nome de Pero foi interpretado com o significado de "mutilado ou deficiente", referindo-se à impotência de Íficlo, a qual é o tema principal da história, e não com o significado de "bolsa de couro" como alusão ao controle que Pero exercia sobre os ventos (vide 36. *1*).

3. Tudo indica que "Melampo", líder dos eólios de Pilos, arrebatara parte da Argólida dos colonos cananeus que diziam ser filhos de Abante (palavra semita para "pai"), a saber, o deus Melkarth (vide 70. *5*), e instituiu um duplo reinado. O fato de ele ter ganhado o gado de Fílaco ("guardião"), cujo cão não dormia, evoca o Décimo Trabalho de Hércules, e o mito é, de maneira semelhante, baseado no costume helênico de comprar uma noiva com o produto de um roubo de gado (vide 132. *1*).

4. "Preto" parece ser um outro nome de Ofíon, o Demiurgo (vide 1. *a*). A mãe de suas filhas era Estenebeia, a deusa-Lua como vaca — a saber, Io, que enlouqueceu de maneira muito parecida (vide 56. *a*) —, e seus nomes são títulos da mesma deusa em sua capacidade destrutiva como Lâmia (vide 61. *1*) e como

Hipólita, cujas éguas selvagens destroçavam o rei sagrado ao fim de seu reinado (vide 71. *a*). Mas a orgia para a qual as sacerdotisas da Lua se vestiam como éguas deve-se diferenciar da frenética dança para produzir chuva, para a qual elas se disfarçavam de novilhas (vide 56. *1*), e da orgia outonal do culto da cabra, quando elas despedaçavam animais e crianças sob os efeitos tóxicos do hidromel, do vinho ou da cerveja de hera (vide 27. *2*). A captura por parte dos eólios, do santuário da deusa em Lusi, registrada aqui sob forma mítica, deve ter colocado um ponto final às orgias das éguas selvagens. A violação de Deméter por parte de Poseidon (vide 16. *5*) registra o mesmo acontecimento. As libações feitas em homenagem à deusa-serpente num santuário árcade situado entre Sícion e Lusi poderiam explicar a história da morte de Ifínoe.

5. O reconhecimento oficial em Delfos, Corinto, Esparta e Atenas do extático culto dionisíaco do vinho, que se deu muitos séculos depois, tinha como finalidade debilitar todos os ritos primitivos anteriores, e parece que pôs fim ao canibalismo e ao assassinato ritual, exceto nas regiões mais atrasadas da Grécia. Em Patras, na Acaia, por exemplo, a Ártemis Tridaria (“tripla endossante de sorte”) exigia o sacrifício anual de meninos e meninas, com a cabeça adornada de grinaldas de hera e trigo durante as orgias da colheita. Esse costume — que, segundo se dizia, tinha como fim expiar a profanação do templo cometida por um casal de amantes, Melanipo e Cometo (sacerdotisa de Ártemis) — acabou quando chegou uma arca que continha a imagem de Dionísio, trazida por Eurípilo (vide 160. *x*) de Troia (Pausânias: VII. 19. 1-3).

6. Melampodes (“pés negros”) é um nome clássico comum para designar os egípcios (vide 60. *5*), e é possível que as lendas que narram como Melampo compreendia a linguagem das aves e dos insetos tenham sido de origem africana, e não eólica.

NOTAS

1 Apolodoro: II. 2. 2; Ateneu: II. p. 45.

2 Apolodoro: I. 9. 11.

3 Homero: *Odisseia* XI. 281-297, com escoliasta; Apolodoro: I. 9. 12

4 Hesíodo: *Catálogo de mulheres*; Apolodoro: II. 4. 1; Diodoro Sículo: IV. 68; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio: VI. 48.

5 Apolodoro: II. 2. 1-2; Baquílides: *Epinícia* X. 40-112; Heródoto: IX. 34; Diodoro Sículo: IV. 68; Pausânias: II. 18. 4; IV. 36. 3; V. 5. 5 e VIII. 18. 3; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: IX. 13.

PERSEU E A MEDUSA,
Cidade do Vaticano

73

PERSEU

Abante, rei da Argólida e neto de Dânao, era um guerreiro tão famoso que, após a sua morte, bastava mostrar o seu escudo para afugentar os que se rebelassem contra a Casa Real. Ele se casou com Aglaia, a cujos filhos gêmeos, Preto e Acrísio, ele legou o seu reino com a ordem de que se alternassem no governo. Suas disputas, que já haviam começado no ventre materno, tornaram-se mais virulentas do que nunca quando Preto seduziu a filha de Acrísio, Dânae, e por um triz escapou com vida.[1] Como Acrísio então se negou a ceder-lhe o trono ao fim de seu reinado, Preto fugiu para a corte de Iobates, rei da Lícia, e se casou com sua filha Estenebeia, ou Anteia. Pouco tempo depois ele retornou liderando um exército lício e reclamando o seu direito de sucessão. Travou-se uma batalha sangrenta, mas, como nenhuma das partes saiu com vantagem, Preto e Acrísio concordaram, relutantes, em repartir o reino entre si. Acrísio ficou com Argos e seus arredores, ao passo que a Preto coube Tirinto, o templo de Hera (que então fazia parte de Micenas), Mideia e o litoral da Argólida.[2]

b. Sete ciclopes gigantescos, chamados Gasteróquiros, que ganhavam a vida como pedreiros, acompanharam Preto desde a Lícia e fortificaram Tirinto com enormes muralhas, utilizando-se de blocos de pedra tão grandes que nem mesmo uma junta de mulas seria capaz de mover o menor deles.[3]

c. Acrísio, que estava casado com Aganipe, não tinha filhos homens, mas uma única filha chamada Dânae, que fora seduzida por Preto; e quando consultou um oráculo sobre como poderia gerar um herdeiro varão, a resposta foi: “Você não terá filhos, e seu neto o matará.” Para evitar tal destino, Acrísio encerrou Dânae num calabouço com portas de bronze vigiado por cães selvagens, mas, apesar de tais precauções, Zeus a cobriu sob a forma de uma chuva de ouro, e ela então deu à luz Perseu. Antes, porém, quando soube da

gravidez de Dânae, Acrísio se negou a crer que havia sido obra de Zeus e suspeitou que seu irmão havia voltado a ter relações íntimas com ela; entretanto, não se atrevendo a matar a própria filha, ele a trancou junto com o infante Perseu numa arca de madeira que atirou ao mar. A arca flutuou à deriva até a ilha de Serifo, onde um pescador chamado Díctis encontrou-a em sua rede, arrastou-a até a beira do mar, arrombou-a e deparou com Dânae e Perseu, ainda vivos. Ele os levou imediatamente até o seu irmão, o rei Polidectes, que criou Perseu em sua própria casa.[4]

d. Alguns anos se passaram, e Perseu, tendo alcançado a virilidade, defendeu Dânae contra Polidectes, o qual, com o apoio de seus súditos, havia tentado forçá-la a se casar com ele. Então Polidectes reuniu os amigos e, fingindo que ia pedir a mão de Hipodâmia, filha de Pélope, pediu a cada um deles que contribuísse com um cavalo para o seu presente de amor.

— Serifo é uma pequena ilha, mas não quero parecer pobre ao lado dos ricos pretendentes do continente — disse ele. — Pode me ajudar, nobre Perseu?

— Não possuo cavalos, nem ouro para comprar um. Mas, se você tem a intenção de se casar com Hipodâmia e deixar em paz minha mãe, disponho-me a obter o presente que você deseja, até mesmo a cabeça da górgona Medusa, caso necessário — acrescentou ele, num impulso.

e. — Isso realmente me agradaria muito mais do que qualquer cavalo do mundo — respondeu de pronto Polidectes.[5]

A górgona Medusa tinha serpentes em lugar de cabelos, dentes enormes, uma língua protuberante e um rosto tão feio que todos os que a fitavam petrificavam-se de horror.

f. Atena escutara a conversa mantida em Serifo e, como era inimiga mortal de Medusa, a quem impusera tal semblante horrendo, decidiu acompanhar Perseu em sua aventura. Primeiro ela o conduziu à cidade de Dictérion, em Samos, onde estavam representadas as imagens das três górgonas, capacitando-o assim a distinguir Medusa de suas irmãs imortais Esteno e Euríale; ela então o advertiu de que nunca olhasse diretamente para a Medusa, mas somente para o seu reflexo, e presenteou-lhe com um escudo brilhantemente polido.

g. Hermes também ajudou Perseu entregando-lhe uma foice inquebrável para cortar a cabeça da Medusa. Mas Perseu ainda precisava de um par de sandálias aladas, uma sacola mágica para guardar a cabeça cortada e o misterioso elmo da invisibilidade, que pertencia a Hades. Todos esses objetos estavam sob a custódia das ninfas estígias, de quem Perseu deveria obtê-los, mas o seu paradeiro era conhecido apenas pelas irmãs das górgonas, as três Greias com aparência de cisne que compartilhavam de um só olho e de um só dente. Assim, Perseu se dispôs a procurar as Greias em seus tronos no sopé do monte

Atlas. Ele se arrastou sigilosamente por trás das Greias e arrebatou-lhes o olho e o dente no momento em que elas os estavam passando uma à outra, e lhes disse que não os devolveria se não lhe revelassem onde moravam as ninfas do Estige.[6]

h. Perseu então recolheu as sandálias, a sacola e o elmo que as ninfas lhe deram e voou para o extremo ocidente, para o país dos hiperbóreos, onde encontrou adormecidas as górgonas entre formas de homens e de feras selvagens erodidas pela chuva, que haviam sido petrificados pela Medusa. Ele fixou seus olhos no reflexo do escudo enquanto Atena guiou a sua mão e cortou a cabeça da górgona com um só golpe de foice. Para sua surpresa, no mesmo instante surgiram do cadáver, já perfeitamente crescidos, o cavalo alado Pégaso e o guerreiro Crisaor, que segurava uma cimitarra de ouro. Perseu não sabia que ambos haviam sido gerados na Medusa por Poseidon num dos templos de Atena, mas decidiu não contrariá-los mais. Ele colocou depressa a cabeça decepada na sacola e saiu voando; e, embora Esteno e Euríale houvessem despertado com seus novos sobrinhos e se levantado imediatamente para perseguir Perseu, o elmo o tornou invisível e ele então escapou são e salvo rumo ao sul.[7]

i. Ao entardecer, Perseu desceu até as redondezas do palácio do titã Atlas, a quem castigou, por sua falta de hospitalidade, mostrando-lhe a cabeça da Medusa e transformando-o, assim, numa montanha; no dia seguinte, ele se virou para o leste e sobrevoou o deserto da Líbia, sendo auxiliado por Hermes a transportar a pesada cabeça. No meio do caminho, deixou cair o olho e o dente das Greias no lago Tritônis, e caíram também algumas gotas de sangue da górgona no deserto, onde elas geraram um enxame de serpentes venenosas, uma das quais, mais tarde, matou o argonauta Mopso.[8]

j. Perseu parou para descansar e refrescar-se um pouco em Quêmis, no Egito, onde ainda se rende culto a ele, e depois continuou o seu voo. Ao rodear a costa da Filístia em direção ao norte, vislumbrou uma mulher desnuda acorrentada a um rochedo marinho, pela qual imediatamente se apaixonou. Era Andrômeda, filha de Cassiopeia e Cefeu, o rei etíope de Jopa.[9] Cassiopeia se vangloriava de que ela e sua filha eram mais belas que as nereidas, e estas foram se queixar do insulto ao seu protetor, Poseidon, que enviou então um dilúvio e um monstro marinho para assolar a Filístia. Quando Cefeu consultou o oráculo de Ámon, foi-lhe dito que sua única esperança de salvação era sacrificar Andrômeda ao monstro. Por essa razão, seus súditos se viram obrigados a acorrentá-la a uma rocha, totalmente desnuda, embora conservasse algumas joias, e abandoná-la à mercê do monstro.

k. Quando Perseu voava na direção de Andrômeda, ele viu Cefeu e Cassiopeia observando ansiosos da margem próxima e foi ter com eles. Com a promessa de que, caso ele a salvasse, ela lhe seria dada em casamento e voltaria

com ele para a Grécia, Perseu alçou voo novamente, empunhou sua foice e, mergulhando das alturas alucinadamente, decapitou o monstro que se aproximava — e que se deixara enganar pela sombra de Perseu projetada no mar. Para que o monstro não levantasse a vista, ele retirara da sacola a cabeça da górgona, a qual ele depois depusera com a boca para baixo num leito de algas e plantas marinhas que, instantaneamente, se transformaram em corais. Em seguida, ele lavou o sangue das mãos, ergueu três altares e sacrificou uma vitela, uma vaca e um touro respectivamente a Hermes, Atena e Zeus.[10]

l. Cefeu e Cassiopeia aceitaram-no a contragosto como genro, e, por insistência de Andrômeda, as núpcias realizaram-se de imediato, embora a festa tenha sido interrompida no exato momento em que Agenor, irmão gêmeo do rei Belo, entrou liderando um grupo armado, reclamando a mão de Andrômeda. Sem dúvida ele havia sido chamado por Cassiopeia, uma vez que ela e Cefeu haviam quebrado a promessa feita a Perseu, alegando que a força das circunstâncias os havia obrigado a prometer-lhe Andrômeda, e que Agenor era de fato o seu prometido original.

— Morte a Perseu! — gritou Cassiopeia, furiosa.

m. Na luta que se seguiu, Perseu derrubou vários de seus oponentes, mas, sendo demasiado numerosos, ele se viu obrigado a sacar a cabeça da górgona do leito de coral e converter em pedra os duzentos rivais restantes.[11]

n. Poseidon pôs as imagens de Cefeu e Cassiopeia entre as estrelas — e esta última, como castigo pela sua traição, colocou amarrada a uma cesta de mercado que, em certas épocas do ano, vira de ponta-cabeça, o que lhe dá um aspecto ridículo. Atena, porém, pôs mais tarde a imagem de Andrômeda numa constelação mais honrosa, devido ao fato de ela haver insistido em se casar com Perseu apesar da má-fé de seus pais. As marcas deixadas por suas correntes ainda podem ser vistas num penhasco perto de Jopa, e os ossos petrificados do monstro foram exibidos na cidade até o edil Marcus Aemilius Scaurus ter mandado levá-los para Roma.[12]

o. Perseu regressou imediatamente a Serifo, levando consigo Andrômeda. Ali descobriu que Dânae e Díctis, ameaçados pela violência de Polidectes — que, claro, jamais tencionou casar-se com Hipodâmia —, haviam se refugiado num templo. Assim, ele se dirigiu diretamente ao palácio em que Polidectes celebrava um banquete com seus companheiros e anunciou que ele havia trazido o prometido presente de noivado. Recebido por uma tempestade de insultos, ele sacou a cabeça da górgona, desviando dela os próprios olhos e petrificando a todos; o círculo de blocos de pedra ainda pode ser visto em Serifo. Ele então deu a cabeça a Atena, que a colocou sobre sua égide; e Hermes devolveu as

sandálias, a sacola e o elmo às ninfas do Estige, para que continuassem sob a custódia delas.[13]

p. Após ter colocado Díctis no trono de Serifo, Perseu zarpou rumo a Argos acompanhado da mãe, da esposa e de um grupo de ciclopes. Ao saber de sua chegada, Acrísio fugiu para Larissa, localidade pelasga; mas, casualmente, Perseu havia sido convidado a ir para lá a fim de participar dos jogos fúnebres que o rei Teutâmides estava celebrando em honra de seu pai morto, tendo ele participado da quinta competição. Quando chegou a hora do lançamento de disco, o seu desviou-se da trajetória por ação do vento e da vontade dos deuses, golpeando em cheio o pé de Acrísio e matando-o.[14]

q. Profundamente afligido, Perseu enterrou o avô no templo de Atena que coroa a Acrópole local, e então, envergonhado de governar Argos, foi para Tirinto, onde Preto havia sido sucedido por seu filho Megapente, e negociou com ele uma troca de reinos. Assim, Megapente mudou-se para Argos, enquanto Perseu passou a reinar em Tirinto, tendo pouco tempo depois recuperado as outras duas partes do reino original de Preto.

r. Perseu fortificou Mideia e fundou Micenas, assim chamada porque, estando com muita sede naquela ocasião, surgiu um cogumelo (*mycos*) que lhe proporcionou um manancial de água. Os ciclopes construíram as muralhas de ambas as cidades.[15]

s. Há uma versão bem diferente, segundo a qual Polidectes teria conseguido se casar com Dânae e criado Perseu no templo de Atena. Alguns anos mais tarde, Acrísio, sabendo que ambos estavam vivos, teria ido para Serifo, disposto dessa vez a matar Perseu com as próprias mãos. Polidectes interveio e obrigou os dois a jurarem solenemente que jamais atentariam um contra a vida do outro. Entretanto sobreveio uma tempestade, e Polidectes morreu, enquanto o barco de Acrísio ainda se encontrava atracado na costa, retido pelo mau tempo. Durante os jogos fúnebres de Polidectes, Perseu lançou um disco que acidentalmente golpeou Acrísio na cabeça e o matou. Então, Perseu foi para Argos e reclamou o trono. Descobrindo, porém, que Preto o havia usurpado, Perseu transformou-o em pedra. É assim que ele teria chegado a reinar sobre toda a Argólida, até que Megapente o matou para vingar a morte de seu pai.[16]

t. Quanto à górgona Medusa, dizem que ela era uma bela filha de Fórcis, que havia ofendido Atena e liderado os líbios do lago Tritônis na batalha. Perseu, que vinha de Argos com um exército, foi auxiliado por Atena para assassinar Medusa. Ele a decapitou durante a noite e enterrou sua cabeça sob um montinho de terra na praça do mercado de Argos. Esse monte se encontra perto do túmulo da filha de Perseu, Gorgófona, famosa por ter sido a primeira viúva que voltou a se casar.[17]

1. O mito de Acrísio e Preto registra a fundação de um duplo reinado argivo: em vez de morrer a cada solstício de verão e ser substituído por seu sucessor pelo resto do ano, cada um dos monarcas reinava alternadamente por 49 ou cinquenta meses, ou seja, a metade de um Grande Ano (vide 106. *1*). Ao que parece, o reino foi dividido mais tarde em metades, com dois reis que governavam simultaneamente durante todo o Grande Ano. A teoria anterior, de que o brilhante espírito do Ano Crescente e seu herdeiro gêmeo, o opaco espírito do Ano Minguante, mantêm uma eterna rivalidade, impregna o mito celta e o palestino, assim como o grego e o latino.

2. Tais pares de gêmeos aparecem no *Gênesis*: Esaú e Jacó (*Gênesis* XXIV. 24-26), e Farez (vide 159. *4*) e Zara (*Gênesis* XXXVIII. 27-30). Ambos os pares lutavam por precedência já desde o ventre materno, como Preto e Acrísio. No mito palestino, mais simples, de Mot e Aleyn, os gêmeos disputam uma mulher, como Acrísio e Preto, bem como seus equivalentes no mito celta, por exemplo Gwyn e Gwythur no *Mabinogion*, que duelam a cada Dia de Maio até o fim do mundo pela mão de Creiddylad, filha de Llyr (Cordélia, filha do rei Lear). Em cada caso, essa mulher é sempre uma sacerdotisa da Lua, e casar-se com ela confere dignidade real.

3. A construção de Argos e Tirinto pelos sete Gasteróquiros (“barrigas com mãos”) e a morte de Acrísio parecem deduzir-se a partir do desenho de uma cidade fortificada: sete discos solares, cada um com três membros, mas sem cabeça (vide 23. *2*), estão colocados acima dela, e o rei sagrado está sendo morto por um oitavo disco solar, dotado de asas, que golpeia o seu calcanhar sagrado. Isso significaria que sete substitutos morriam anualmente pelo rei, que, depois, era por sua vez sacrificado por ordens da sacerdotisa, ao passo que Perseu, seu sucessor, encontra-se ao lado dela.

4. O mito de Dânae, Perseu e a arca parece estar relacionado com o de Ísis, Osíris, Set e o menino Hórus. Na versão primitiva, Preto é o pai de Perseu, o Osíris argivo; Dânae é sua esposa-irmã, Ísis; Perseu, o menino Hórus; e Acrísio, o ciumento Set, que matou seu irmão gêmeo Osíris e que recebeu a vingança de Hórus. A arca é o barco de acácia em que Ísis e Hórus percorreram o delta em busca do cadáver de Osíris. Uma história similar pode ser encontrada numa versão do mito de Sêmele (vide 27. *6*) e no de Reo (vide 160. *7*). Mas Dânae, presa no calabouço de bronze onde dá à luz uma criança, é o tema de um conhecido ícone de Ano-novo (vide 43. *2*); a fecundação de Dânae por parte de Zeus mediante uma chuva de ouro certamente se refere ao matrimônio ritual do

Sol e da Lua, que gerava o rei do Ano-novo. Ela também pode ser interpretada como uma alegoria pastoral: “água é ouro” para o pastor grego, e Zeus envia tormentas de água sobre a terra: Dânae. O nome Dictérion significa que a cabeça da górgona foi ali revelada a Perseu.

5. As disputas dinásticas em Argos se complicaram com a existência de uma colônia argiva em Cária — que aparece tanto neste mito quanto no de Belerofonte (vide 75. *b*); depois da queda de Cnossos em torno de 1400 a.C., a frota marinha cariana tornou-se, por um certo período, uma das mais poderosas do Mediterrâneo. Os mitos de Perseu e Belerofonte estão intimamente relacionados. Perseu matou a monstruosa Medusa com a ajuda das sandálias aladas; Belerofonte utilizou-se de um cavalo alado, nascido a partir do corpo decapitado da Medusa, a fim de matar a monstruosa Quimera. Ambas as façanhas registram a usurpação, por parte dos invasores helênicos, dos poderes da deusa-Lua e encontram-se reunidas numa antiga pintura de um vaso beócio que retrata uma égua com cabeça de górgona. Essa égua é a deusa-Lua, cujo símbolo calendárico era a Quimera (vide 75. *2*); e a cabeça de górgona é uma máscara profilática, portada por suas sacerdotisas no intuito de assustar os não iniciados (vide 33. *3*), e que lhes foi arrebatada pelos helenos.

6. Na segunda versão do mito, que é também a mais simples, Perseu luta contra uma rainha líbia e arranca-lhe a cabeça, a qual ele enterra na praça do mercado de Argos. Tal versão deve ser um registro da conquista argiva da Líbia e a posterior supressão do sistema matriarcal, assim como a violação dos mistérios da deusa Neith (vide 8. *1*). O enterro da cabeça na praça do mercado sugere que as relíquias sagradas tenham sido lá trancadas em um cofre, cobertas por uma máscara profilática, a fim de advertir os cavadores municipais a não romper a magia. Talvez as relíquias sejam um par de leitões, como aqueles que são mencionados no *Mabinogion*, quando o rei Lud enterra dois deles dentro de um cofre de pedra em Carfax, Oxford, como encantamento para proteger todo o reino da Bretanha, embora seja possível que, naquele contexto, os leitões constituam um eufemismo para se referir a crianças.

7. A história de Andrômeda foi provavelmente deduzida a partir de um ícone palestino do deus-Sol Marduk, ou de seu predecessor Bel, montado em seu cavalo branco e matando o monstro marinho Tiamat. Tal mito também fazia parte da mitologia hebraica: Isaías menciona que Jeová (Marduk) despedaçou Rahab com uma espada (*Isaías* LI. 9); e, segundo o livro de *Jó* X. 13 e XXVI. 12, Rahab era o Mar. No mesmo ícone, a Andrômeda desnuda com suas joias, que permanece acorrentada a uma rocha, é Afrodite, ou Ishtar, ou Astarte, a lasciva deusa do Mar, “governadora dos homens”. Mas ela não espera ser salva; o próprio Marduk a amarrara ali após haver matado a sua emanação, a serpente

marinha Tiamat, para evitar maiores desgraças. Na epopeia babilônica da Criação, foi ela quem mandou o dilúvio. Astarte, como deusa do Mar, possuía templos em toda a costa da Palestina, e em Troia ela era Hesíone, “Rainha da Ásia”, que, segundo a lenda, Hércules salvara de um outro monstro marinho (vide 137. *2*).

8. Uma colônia grega criada em Quemis, ao que tudo indica, lá pelo fim do segundo milênio a.C., identificava Perseu com o deus Chem, cujo hieróglifo era uma ave alada e um disco solar; e Heródoto enfatiza a conexão entre Dânae, mãe de Perseu, e a invasão líbia de Argos por parte dos dânaos. O mito de Perseu e o cogumelo talvez seja contado a fim de explicar um ícone que mostra um herói analisando um cogumelo. Por debaixo dele surge um fogo, sob um sol ardente, que foi confundido com água. Eis uma isca para a sua roda de fogo (vide 63. *2*).

9. A segunda versão mais simples do mito sugere que a visita de Perseu à Grécia, a obtenção do olho, do dente e da sacola, da foice e do elmo da invisibilidade, além de ter sido perseguido pelas outras górgonas após haver decapitado a Medusa, são fatores alheios a sua disputa com Acrísio. Em *A deusa branca* (capítulo 13), postulo que tais elementos de contos de fada são interpretações equivocadas de um ícone totalmente distinto em que aparece Hermes com suas conhecidas sandálias aladas e seu elmo, recebendo das Três Parcas um olho mágico (vide 61. *1*). Esse olho simboliza o dom da percepção, que permite a Hermes dominar o alfabeto arbóreo por elas inventado. Elas o presenteiam também com um dente divinatório, como aquele utilizado por Fionn na lenda irlandesa; uma foice para cortar ramos alfabéticos do bosque; uma sacola de pele de grou para guardar tais coisas em segurança e uma máscara de górgona para afugentar os curiosos. Hermes voa pelos céus até Tartesso, onde as górgonas têm um bosque sagrado (vide 132. *3*), escoltado, e não perseguido, por uma tríade de deusas que envergam máscaras gorgôneas. Lá embaixo, sobre a terra, a deusa surge de novo, segurando um espelho que reflete um rosto de górgona para destacar, assim, o segredo da lição dele (vide 52. *7*). A associação de Hermes com as Greias, as ninfas do Estige e o elmo da invisibilidade demonstram que ele é o tema desse quadro; a confusão que se faz entre ele e Perseu pode ter surgido pelo fato de Hermes, como mensageiro da Morte, ter também obtido o título de *Pterseus*, “o Destruidor”.

NOTAS

[1] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 286; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 965; Apolodoro: II. 2. 1 e 4. 7.

[2] Homero: *Ilíada* VI. 160; Apolodoro: II. 2. 1; Pausânias: II. 16. 2.

[3] Pausânias: II. 25. 7; Estrabão: VIII. 6. 11.

[4] Higino: *Fábula* 63; Apolodoro: II. 4. 1; Horácio: *Odes* III. 16. 1.

[5] Apolodoro: II. 4. 2.

[6] Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Astronomia poética* II. 12.

[7] Píndaro: *Odes píticas* X. 31; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 780; Apolodoro: II. 4. 3.

[8] Eurípides: *Electra* 459-463; Higino: *Astronomia poética* II. 12; Apolônio de Rodes: IV. 1.513 *et seq.*

[9] Heródoto: II. 91; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 836; Estrabão: I. 2. 35; Plínio: *História natural* VI. 35.

[10] Apolodoro: II. 4. 3; Higino: *Fábula* 64; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 740 *et seq.*

[11] Higino: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* V. 1-235; Apolodoro: *loc. cit*.

[12] Higino: *Astronomia poética* II. 9-10 e 12; Josephus: *Guerras judaicas* III. 9. 2; Plínio: *História natural* IX. 4.

[13] Estrabão: X. 5. 10; Apolodoro: II. 4. 3.

[14] Escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 953; Apolodoro: II. 4. 4.

[15] Clemente de Alexandria: *Alocução aos gregos* III. 45; Apolodoro: II. 4. 4-5.

[16] Ovídio: *As metamorfoses* V. 236-241; Higino: *Fábulas* 63 e 244.

[17] Pausânias: II. 21. 6-8.

74

OS GÊMEOS RIVAIS

Quando a linha masculina da Casa de Policaão extinguiu-se após cinco gerações, os messênios convidaram Perieres, filho de Éolo, para ser seu rei, e então ele esposou Gorgófona, filha de Perseu. Ela sobreviveu a seu marido e foi a primeira viúva a se casar novamente, sendo o seu novo marido Ébalo, o Espartano.[1] Até então, era costume que as mulheres se suicidassem por ocasião da morte do marido, assim como o fizeram Polidora, filha de Meléagro, cujo marido Protesilao fora o primeiro a desembarcar quando a frota grega chegou à costa de Troia, além de Marpessa, Cleópatra e Evadne, filha de Fílaco, que se atirou à pira funerária quando o marido faleceu em Tebas.[2]

b. Afareu e Leucipo eram filhos de Gorgófona e Perieres, ao passo que Tíndaro e Icário nasceram da união de Gorgófona com Ébalo.[3] Tíndaro sucedeu seu pai no trono de Esparta, Icário atuando como vice-rei; mas Hipocoonte e seus 12 filhos expulsaram os dois, embora haja quem diga que, na verdade, Icário — que mais tarde se tornaria sogro de Odisseu — tenha se aliado a Hipocoonte. Buscando refúgio no palácio do rei Téstio, na Etólia, Tíndaro se casou com a filha dele, Leda, que lhe deu os filhos Castor e Clitemnestra, ao mesmo tempo que dava à luz dois filhos de Zeus: Helena e Pólux.[4] Mais tarde, havendo adotado Pólux, Tíndaro recuperou o trono de Esparta e foi um daqueles que Asclépio ressuscitou dentre os mortos. Seu túmulo ainda pode ser visitado em Esparta.[5]

c. Enquanto isso, seu meio-irmão Afareu havia sucedido Perieres no trono de Messênia, onde Leucipo — de quem, dizem os messênios, a cidade de Leuctra tomou o nome emprestado — atuava como vice-rei, gozando de poderes menores. Afareu se casou com sua meia-irmã Arene, que teve Idas e Linceu, embora, na verdade, Idas fosse filho de Poseidon.[6] Agora, as filhas de Leucipo,

as Leucípidas a saber, Febe, sacerdotisa de Atena, e Hilaíra, sacerdotisa de Ártemis —, estavam comprometidas com seus primos Idas e Linceu, mas Castor e Pólux, conhecidos comumente como os Dióscuros, raptaram-nas e tiveram filhos com elas, o que originou uma cruel rivalidade entre os dois pares de gêmeos.[7]

d. Os Dióscuros, que nunca se separavam um do outro em suas aventuras, chegaram a ser o orgulho de Esparta. Castor ficou famoso como soldado e domador de cavalos; Pólux foi o melhor pugilista de seu tempo, e ambos ganharam prêmios nos jogos olímpicos. Seus primos e rivais não eram menos devotados um ao outro; Idas era mais forte que Linceu, mas este tinha uma visão tão aguçada que era capaz de ver na escuridão ou de adivinhar o paradeiro de tesouros enterrados.[8]

e. Mas ocorreu que Eveno, um dos filhos de Ares, havia se casado com Alcipe, com quem tivera sua filha Marpessa. Com a ideia de conservar a virgindade de sua filha, ele convidou cada um de seus pretendentes a competir com ele, um de cada vez, numa corrida de carruagem; o vencedor levaria Marpessa, e o perdedor seria decapitado. Logo começaram a ver-se muitas cabeças cravadas no muro da residência de Eveno. Apolo, que estava apaixonado por Marpessa, expressou seu desgosto por se manter um costume tão bárbaro e garantiu que logo acabaria com ele, desafiando Eveno a uma corrida. Mas o coração de Idas também batia por Marpessa, de maneira que pediu a seu pai, Poseidon, que lhe emprestasse uma carruagem alada.[9] Antes que Apolo houvesse tido tempo de entrar em ação, ele chegou à Etólia e raptou Marpessa dentre um grupo de dançarinas. Eveno o perseguiu, mas não conseguiu alcançá-lo, sentindo-se tão mortificado que matou os seus cavalos e depois se atirou ao rio Licormas, que desde então se chama Eveno.[10]

f. Quando Idas chegou a Messênia, Apolo tentou arrebatar-lhe Marpessa. Bateram-se num duelo, mas Zeus os separou e ordenou que a própria Marpessa decidisse com qual deles preferiria se casar. Temendo que Apolo a abandonasse quando se tornasse velha, assim como já havia feito com muitas outras de suas amantes, ela escolheu Idas como esposo.[11]

g. Idas e Linceu faziam parte do grupo de caçadores do Calidão e navegaram no *Argo* até a Cólquida. Um dia, após a morte de Afareu, eles e os Dióscuros passaram por cima de suas rivalidades o suficiente para unir forças e organizar um grande roubo de gado na Arcádia. O assalto obteve êxito, e Idas foi sorteado para repartir a pilhagem entre os quatro. Ele então esquartejou uma vaca em quatro partes e disse que a metade do espólio pertenceria àquele que comesse sua parte primeiro, e o resto, àquele que ficasse em segundo lugar. Sem quase dar tempo aos outros para começar, Idas engoliu sua parte e depois ajudou

Linceu a engolir a sua; logo o último pedaço desapareceu, e ele e Linceu conduziram o gado para Messênia. Os Dióscuros ficaram ali até que Pólux, o mais lento dos dois, acabou de comer a sua parte, mas depois eles foram para Messênia e protestaram diante dos seus cidadãos, dizendo que Linceu havia perdido o direito sobre a sua parte ao haver aceitado a ajuda de Idas, e que este também havia perdido o direito por não haver esperado que os demais concorrentes estivessem prontos. Mas Idas e Linceu estavam ausentes naquele momento, pois haviam ido ao monte Taigeto fazer oferendas a Poseidon, de maneira que os Dióscuros se apoderaram do gado disputado, assim como de outras coisas roubadas, e se esconderam dentro de um carvalho oco, esperando o retorno de seus rivais. Mas Linceu os vira do alto do monte Taigeto, e Idas, descendo a toda a velocidade pela encosta da montanha, atirou contra a árvore sua lança, trespassando Castor. Quando Pólux apressou-se em vingar o irmão, Idas arrancou a lápide mortuária do túmulo de Afareu e a atirou sobre ele. Embora gravemente ferido, Pólux conseguiu matar Linceu com sua lança, e nesse momento Zeus interveio em favor de seu filho, fulminando Idas.[12]

h. Mas os messênios dizem que Castor matou Linceu, e que Idas, enlouquecido de aflição, desistiu da luta e pôs-se a enterrá-lo. Então, Castor aproximou-se dele e, insolente, demoliu o monumento que Idas acabara de erguer, alegando que Linceu não o merecia. “Seu irmão não lutou melhor do que teria lutado uma mulher!”, gritou ele, em escárnio. Idas se voltou para ele e cravou sua espada no ventre de Castor, mas Pólux vingou-o no mesmo instante.[13]

i. Contam ainda que Linceu foi quem feriu mortalmente Castor numa batalha travada em Afidna; outros dizem que Castor teria morrido quando Idas e Linceu atacaram Esparta; e há ainda uma outra versão, segundo a qual os Dióscuros teriam sobrevivido à luta, e Castor, morrido posteriormente, nas mãos de Meléagro e Polinice.[14]

j. Admite-se em geral, ao menos, que Pólux foi o último sobrevivente dos dois pares de gêmeos, e que, após erigir um troféu junto ao estádio de corridas espartano para celebrar sua vitória sobre Linceu, ele assim suplicou a Zeus: “Pai, não permita que eu sobreviva a meu querido irmão!” Mas, como estava predestinado que apenas um dos filhos de Leda devia morrer, e sendo o pai de Castor um mortal, quando chegou seu momento, Pólux, como filho de Zeus, foi levado ao Céu. Entretanto, ele renunciaria à imortalidade — a não ser que a pudesse compartilhar com Castor, motivo pelo qual Zeus permitiu a ambos que passassem seus dias alternadamente no ar superior e embaixo da terra, em Terapne. E, para recompensar ainda mais o amor fraterno dos dois, ele colocou as respectivas imagens entre as estrelas como a constelação de Gêmeos.[15]

k. Após haverem sido divinizados os Dióscuros, Tíndaro mandou chamar Menelau a Esparta, abdicando do reino em seu favor; e, como a Casa de Afareu havia ficado também sem herdeiros, Nestor o sucedeu no trono de Messênia, excetuando a parte governada pelos filhos de Asclépio.[16]

l. Os espartanos ainda hoje mostram a casa em que viveram os Dióscuros. Ela se tornou mais tarde propriedade de Formião, a quem eles visitaram uma noite, fingindo ser estrangeiros vindos de Cirene. Pediram-lhe hospedagem e suplicaram-lhe que os deixasse pernoitar em seu antigo dormitório. Formião lhes disse que eram bem-vindos em qualquer parte da casa, mas que, infelizmente, sua filha ocupava o aposento ao qual se referiam. Na manhã seguinte, a menina e todos os seus pertences haviam desaparecido, e o aposento estava vazio, à exceção das imagens dos Dióscuros e de um pouco de benjoim que eles haviam deixado sobre a mesa.[17]

m. Poseidon fez de Castor e Pólux os salvadores dos marinheiros náufragos e concedeu-lhes o poder de enviar ventos favoráveis; e em resposta a um sacrifício de cordeiros brancos oferecidos na proa de qualquer embarcação, eles viriam apressados, atravessando os céus, seguidos de uma revoada de pardais.[18]

n. Os Dióscuros lutaram ao lado da frota espartana em Egospótamos, e depois os vencedores dependuraram duas estrelas de ouro em sua honra em Delfos, que caíram e desapareceram pouco antes das batalhas fatais de Leuctra.[19]

o. Durante a segunda guerra messênia, um par de messênios provocou a ira dos Dióscuros ao se fazerem passar por eles. Sucedeu que o exército espartano estava celebrando uma festa dos semideuses quando dois lanceiros irromperam no campo, a todo galope, vestidos com túnicas brancas, capas purpúreas e capacetes ovais. Os espartanos se prostraram para adorá-los, e os supostos Dióscuros, que na verdade eram dois jovens messênios chamados Gonipo e Panormo, aproveitaram para matar muitos deles. Assim, após a batalha da Tumba do Javali, os Dióscuros se sentaram numa pereira silvestre e arrebataram o escudo que pertencia ao vitorioso comandante messênio Aristomenes, impedindo-o, dessa maneira, de perseguir os espartanos que batiam em retirada, salvando assim muitas vidas; noutra ocasião, quando Aristomenes tentou assaltar Esparta durante a noite, os fantasmas dos Dióscuros e o de sua irmã Helena fizeram-no retroceder. Posteriormente, Castor e Pólux perdoaram os messênios, que lhes ofereceram sacrifícios quando Epaminondas fundou a nova cidade de Messênia.[20]

p. Eles presidem os jogos espartanos e, por serem os criadores da música e da dança guerreiras, são os padroeiros de todos os bardos que cantam antigas batalhas. No santuário de Hilaíra e Febe em Esparta, as duas sacerdotisas continuam sendo chamadas de Leucípidas, e dependurado do teto está o ovo no

qual foram chocados os gêmeos de Leda.[21] Os espartanos representam os Dióscuros como duas vigas de madeira paralelas, unidas por outras duas vigas transversais. Seus vice-reis levam sempre essas vigas para as batalhas, e, na primeira vez que um exército espartano foi liderado somente por um rei, decretou-se que uma viga deveria também ficar em Esparta. Conforme aqueles que viram os Dióscuros, a única diferença digna de nota entre eles é que Pólux tem no rosto as cicatrizes do pugilismo. Eles se vestem da mesma maneira, ambos têm seus capacetes ovais coroados por uma estrela, cada um deles tem sua lança e seu cavalo branco. Há quem diga que Poseidon presenteou-os com esses cavalos; outros afirmam que o corcel tessálio de Pólux foi um presente de Hermes.[22]

1. A fim de outorgar ao rei sagrado precedência sobre o seu sucessor, ele normalmente era descrito como filho de um deus, sendo sua mãe uma mulher na qual o marido gerava em seguida um gêmeo mortal. Assim, Hércules é filho de Zeus com Alcmena, mas seu gêmeo Íficles é filho de Alcmena com seu marido Anfitrião. Uma história similar é contada sobre os Dióscuros de Lacônia e sobre seus rivais, Idas e Linceu de Messênia. A perfeita harmonia entre os gêmeos marca uma nova etapa no desenvolvimento da realeza, quando o sucessor atua como vizir e chefe do estado-maior (vide 94. *1*), sendo nominalmente menos poderoso que o rei sagrado. Castor, portanto, e não Pólux, é a autoridade bélica — instruindo inclusive Hércules na arte militar, identificando-se, assim, com Íficles —, e Linceu, não Idas, é quem recebe o dom da visão aguçada. Mas, até o surgimento do sistema monárquico dual, o sucessor não era visto como imortal, nem lhe era concedido o mesmo estatuto póstumo como ao seu irmão gêmeo.

2. Os espartanos travavam guerras frequentes com os messênios e, na época clássica, tinham suficiente poder militar e influência sobre o Oráculo de Delfos para impor seus heróis gêmeos ao resto da Grécia, baseando-se no argumento de que eles desfrutavam de maior predileção do Pai Zeus do que quaisquer outros gêmeos. Certo é que o reino espartano durou realmente mais do que o de todos os seus rivais. Se não houvesse sido assim, a constelação de Gêmeos poderia ter honrado a memória de Hércules e Íficles, ou a de Idas e Linceu, ou Acrísio e Preto, em vez de recordar somente Castor e Pólux, que nem sequer eram os únicos heróis que gozavam do privilégio de montar cavalos brancos, pois todo herói que merecia ser festejado era cavaleiro. São esses festejos durante o pôr do

sol, em que os descendentes do herói devoravam um boi inteiro, o motivo da voracidade atribuída a Lepreu (vide 138. *h*) e Hércules (vide 143. *a*) e, neste mito, a Idas, Linceu e seus rivais.

3. O matrimônio com as Leucípidas conferiu dignidade real aos vice-reis espartanos. Elas eram descritas como sacerdotisas de Atena e Ártemis e tinham nomes lunares, sendo, na verdade, representantes da deusa-Lua. Assim, nas pinturas de ânforas, os Dióscuros são vistos com frequência cuidando da carruagem de Selene. Como Espírito do Ano Crescente, o rei sagrado naturalmente fazia par com Ártemis, deusa-Lua do verão e da primavera; e seu sucessor, como Espírito do Ano Minguante, fazia par com Atena, que havia se transformado em deusa-Lua do outono e do inverno. O mitógrafo sugere que os espartanos derrotaram os messênios e que seus chefes se casaram à força com as herdeiras de Arene, importante cidade de Messênia, onde se venerava a Mãe com cabeça de égua, estabelecendo, assim, seus direitos sobre todo o território circundante.

4. O mesmo pode-se dizer de Marpessa: parece que os messênios assaltaram os etólios no vale do Eveno, onde se adorava a Mãe Porca, e levaram embora sua herdeira, Marpessa (“arrebatadora” ou “glutona”). Eles sofreram a oposição dos espartanos, adoradores de Apolo, que invejavam seus triunfos, e a disputa foi levada até a autoridade central na Messênia, que apoiou os messênios. Mas a corrida de carruagens de Eveno com Idas recorda os mitos de Pélope e Enômao (vide 109. *j*) e de Hércules e Cicno (vide 143. *e-g*). Em todos os casos, são mencionados os crânios dos rivais do rei. A iconografia a partir da qual foram deduzidas todas essas histórias mostrava certamente o velho rei dirigindo-se com sua carruagem em direção à colisão à qual estava predestinado (vide 71. *1*) após haver oferecido sete substitutos anuais à deusa (vide 42. *2*), e seus cavalos são sacrificados preliminarmente por ocasião da posse do novo rei (vide 29. *1* e 81. *4*). O afogamento de Eveno provavelmente é uma interpretação equivocada: mostra Idas sendo purificado antes do casamento e depois indo embora, triunfante, na carruagem da rainha. Entretanto, esses ritos de casamento pelasgos misturaram-se na história com o costume helênico do matrimônio mediante captura. O funesto roubo de gado talvez registre um incidente histórico: uma luta entre os messênios e os espartanos pela divisão da pilhagem obtida numa expedição conjunta contra a Arcádia (vide 17. *1*).

5. A visita de Castor e Pólux à casa de Formião foi descrita maliciosamente: o autor, na verdade, está relatando um outro truque aplicado aos tolos espartanos mediante uma personificação de seus heróis nacionais. Cirene, onde os Dióscuros eram venerados, produzia benjoim, uma espécie de assa-fétida, cujos fortes aroma e sabor o tornavam um valioso condimento. Os dois comerciantes

cireneus eram obviamente o que diziam ser e, ao levarem a filha de Formião, deixaram suas mercadorias como pagamento, embora Formião tenha preferido considerar isso um milagre.

6. As pereiras silvestres eram consagradas à Lua por causa de suas flores brancas, e a imagem mais antiga que a deusa da morte, Hera, tinha em Micenas era feita de madeira de pereira. Plutarco (*Questões gregas* 51) e Eliano (*Varia Historia* III. 39) mencionam a pera como uma fruta venerada em Argos e Tirinto; por isso, o Peloponeso é chamado de Apia, "da pereira" (vide 64. *4*). Atena, também uma deusa da morte, tinha o sobretítulo de Oncë ("pereira") em seu santuário na Beócia. Os Dióscuros escolheram essa árvore para se empoleirar com a intenção de demonstrar que eram heróis autênticos. Ademais, a pereira dá frutos no final de maio (vide 72. *2*), quando o Sol se encontra na casa de Gêmeos e quando começa a temporada de navegação no Mediterrâneo oriental. Os pardais que voam atrás dos Dióscuros, quando eles chegam como resposta às preces dos marinheiros, pertencem à deusa marinha Afrodite. Xuto ("pardal"), o pai de Éolo (vide 43. *1*), era um antepassado dos Dióscuros, que adoravam essa deusa.

7. No *Hino homérico aos Dióscuros* (7 *et seq.*), não está claro se Castor e Pólux são seguidos por pardais ou se eles chegam subitamente em "asas de pardais" através do céu superior para ajudar os aflitos marinheiros, mas nos espelhos etruscos, às vezes, eles são representados com asas. Seu símbolo em Esparta, a *docana*, representava os dois pilares de apoio de um santuário; outro símbolo era formado por duas ânforas, cada uma delas circundada por uma serpente, sendo esses répteis os próprios Dióscuros encarnados, que se aproximavam das ânforas para comer os alimentos nelas depositados.

8. Gorgófona, ao se casar novamente, desafiou o costume indo-europeu da morte da viúva na fogueira (vide 69. *2*, 74. *a* e 106. *l*).

NOTAS

[1] Pausânias: IV. 2. 2 e III. 1. 4; Apolodoro: I. 9. 5.

[2] *Cypria*, citado por Pausânias: IV. 2. 5; Pausânias: III. 1. 4.

[3] Apolodoro: I. 9. 5; Pausânias: *loc. cit*.

[4] Pausânias: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 10. 5-7.

[5] Panyasis, citado por Apolodoro: III. 10. 3; Pausânias: III. 17. 4.

[6] Pausânias: III. 26. 3 e IV. 2. 3; Apolodoro: III. 10. 3.

[7] Apolodoro: III. 11. 2; Higino: *Fábula* 80.

[8] Apolodoro: *loc*. *cit*. e III. 10. 3; Homero: Odisseia XI. 300; Pausânias: IV. 2. 4; Higino: *Fábula* 14; Paléfato: *Acontecimentos inacreditáveis* X.

[9] Higino: *Fábula* 242; Apolodoro: I. 7. 8; Plutarco: *Vidas paralelas* 40; escoliasta e Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: IX. 557.

[10] Plutarco: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[11] Apolodoro: I. 7. 9.

[12] Apolodoro: I. 8. 2; I. 9. 16 e III. 11. 2; Teócrito: *Idílios* XXII. 137 *et seq.*; Píndaro: *Odes nemeeias* X. 55 *et seq.*

[13] Higino: *Fábula* 80.

[14] Ovídio: *Os fastos* V. 699 *et seq.*; Higino: *Astronomia poética* II. 22; Teócrito: *loc. cit*., escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero XI. 300.

[15] Pausânias: III. 14. 7; Apolodoro: III. 11. 2; Píndaro: *Odes nemeeias* X. 55 *et seq.*; Luciano: *Diálogos dos deuses* 26; Higino: *loc. cit*.

[16] Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: IV. 3. 1.

[17] Pausânias: III. 16. 3.

[18] Higino: *Astronomia poética* II. 22; Eurípides: *Helena* 1.503; *Hino homérico aos Dióscuros* 7 *et seq.*

[19] Cícero: *Sobre a adivinhação* I. 34. 75 e II. 32. 68.

[20] Pausânias: IV. 27. 1; IV. 16. 2 e V. 27. 3.

[21] Píndaro: *Odes nemeeias* X. 49; Cícero: *Sobre a oratória* II. 8. 86; Teócrito: *Idílios* XXII. 215-220; Pausânias: III. 16. 1-2.

[22] Plutarco: *Sobre o amor fraterno* I; Heródoto: V. 75; Luciano: *Diálogos dos deuses* 26; Higino: *Astronomia poética* II. 22; Ptolomeu Hefestiono: VIII, citado por Fócio, p. 409.

75

BELEROFONTE

Belerofonte, filho de Glauco e neto de Sísifo, teve de abandonar Corinto após haver matado, primeiro, um tal de Beleros — o que lhe valeu o apelido de Belerofonte, abreviado como Belerofon — e, depois, seu próprio irmão, cujo nome é geralmente apresentado como Delíades.[1] Banido da cidade, exilou-se junto de Preto, rei de Tirinto, mas teve o azar de Anteia — mulher de Preto, também conhecida como Estenebeia — apaixonar-se por ele à primeira vista. Ele manteve-se incólume a suas tentativas de sedução, e por isso ela o acusou de haver tentado seduzi-la. Preto, que acreditou na mentira, enfureceu-se. Porém, ele não se atreveu a provocar a vingança das Fúrias assassinando diretamente um suplicante, de maneira que enviou Belerofonte ao pai de Anteia, Iobates, rei da Lícia, com uma carta selada que dizia: "Peço-lhe que elimine deste mundo o portador desta mensagem: ele tentou violar minha mulher, sua filha."

b. Iobates, igualmente reticente em tratar mal um hóspede real, pediu a Belerofonte que lhe fizesse o favor de destruir a Quimera, um monstro fêmeo que expelia fogo pela boca e era dotado de cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. "Ela é filha de Equidna", explicou ele, "que o meu inimigo, o rei de Cária, transformou em seu mascote". Antes de iniciar tal empreitada, Belerofonte consultou o adivinho Políido, que o aconselhou a agarrar e domesticar o cavalo alado Pégaso, amado pelas musas do Hélicon, para quem ele havia criado o poço Hipocrene pisoteando a terra com seus cascos em forma de lua.[2]

c. Pégaso não se achava no Hélicon, mas Belerofonte o encontrou bebendo em outro de seus poços, situado em Pirene, na Acrópole de Corinto, e laçou sua cabeça com uma rédea dourada, com que Atena havia tido a inspiração de presenteá-lo. Há quem diga, porém, que Atena entregou Pégaso já arreado a

Belerofonte, mas outros afirmam que foi Poseidon, o verdadeiro pai de Belerofonte. Seja como for, o caso é que ele derrotou a Quimera sobrevoando-a montado no dorso de Pégaso, atravessando-a com suas flechas e enfiando entre suas mandíbulas um pedaço de chumbo que ele havia espetado na ponta de sua lança. O hálito ígneo da Quimera derreteu o chumbo, que escorreu pela sua garganta e queimou-lhe as vísceras.[3]

d. Iobates, entretanto, longe de recompensar Belerofonte por sua audaciosa façanha, enviou-o imediatamente contra os belicosos sólimos e suas aliadas, as amazonas, que ele derrotou sobrevoando o campo de batalha, além do alcance das flechas, e arremessando contra eles, das alturas, enormes blocos de pedras. Em seguida, na planície lícia de Xanto, Belerofonte derrotou um bando de piratas cários liderados por um certo Quimarro, um guerreiro feroz e orgulhoso que navegava num barco cuja proa era adornada com uma cabeça de leão e a popa, com uma serpente. Mesmo assim, Iobates continuou sem demonstrar nenhuma gratidão, muito pelo contrário: mandou seus guardas palacianos armarem uma emboscada para Belerofonte. Mas ele apeou de seu cavalo alado e suplicou que, enquanto avançasse a pé, Poseidon inundasse a planície de Xanto atrás de si. Poseidon escutou a sua súplica e enviou grandes ondas, que avançavam lentamente enquanto Belerofonte se aproximava do palácio de Iobates; e, como nenhum homem era capaz de convencê-lo a dar meia-volta, as mulheres xantianas levantaram a saia e correram desnudas em sua direção, oferecendo-se a ele para aplacá-lo. Mas Belerofonte era tão recatado que lhes deu as costas e pôs-se a correr, e as ondas recuaram com ele.

e. Convencido já de que Preto deveria ter-se equivocado quanto ao atentado contra a virtude de Anteia, Iobates mostrou a carta e exigiu um relato fiel do ocorrido. Ao inteirar-se da verdade, ele implorou o perdão de Belerofonte, deu-lhe sua filha Filônoe em casamento e nomeou-o herdeiro do trono da Lícia. Ele também elogiou as mulheres xantianas por sua desenvoltura e ordenou que, no futuro, todos os xantianos reconhecessem sua ascendência a partir da linha materna, e não paterna.

f. No momento culminante de sua glória, Belerofonte empreendeu presunçosamente um voo ao Olimpo, como se fosse imortal, mas Zeus enviou um moscardo que picou Pégaso, fazendo-o empinar e derrubar Belerofonte. Pégaso completou seu voo até o Olimpo, onde Zeus passou a utilizá-lo como besta de carga para seus raios; e Belerofonte, que havia caído numa moita de espinhos, passou a vagar pela terra, coxo e solitário, até que a morte lhe sobreviesse.[4]

1. A tentativa de Anteia de seduzir Belerofonte tem vários paralelismos gregos (vide 70. *2*), além de um paralelismo palestino na história de José e a esposa de Potifar, e de outro egípcio no *Conto dos dois irmãos*. A origem do mito é incerta.

2. A Quimera, filha de Equidna, que está retratada num edifício hitita em Karkemish, era um símbolo do Ano Sagrado tripartite da Grande Deusa: leão para a primavera, cabra para o verão, serpente para o inverno. Uma placa de vidro conservada em mau estado, mas que foi encontrada em Dendra, perto de Micenas, mostra um herói brigando com um leão, de cujo dorso surge algo parecido com uma cabeça de cabra; sua cauda é longa e serpentina. Tendo em vista que a placa data de um período em que a deusa ainda dominava, tal ícone — repetido de maneira semelhante num afresco etrusco de Tarquínia, embora aqui o herói surja montado a cavalo, como Belerofonte — deve ser interpretado como o combate da coroação do rei contra homens disfarçados de animais (vide 81. *2* e 123. *1*), que representam as diferentes estações do ano. Após a revolução religiosa acaica que submeteu a deusa Hera a Zeus, a imagem se tornou ambivalente, podendo também ser interpretada como uma recordação da época em que os invasores helênicos suprimiram o antigo calendário cariate.

3. A domesticação de Pégaso por Belerofonte, o cavalo-Lua utilizado para fazer chover com uma rédea presenteada por Atena, sugere que o candidato a rei sagrado recebia da tripla musa (“deusa-montanha”), ou de seu representante, a ordem de capturar um cavalo selvagem; assim, pois, Hércules montou posteriormente em Árion (“criatura lunar das alturas”) ao tomar posse da Élida (vide 138. *g*). A julgar pelas primitivas práticas dinamarquesas e irlandesas, a carne desses cavalos era comida pelo rei em caráter sacramental após o seu renascimento simbólico da deusa-montanha com cabeça de égua. Mas essa parte do mito é igualmente ambígua: ela também pode ser interpretada como uma evocação da época em que os invasores helênicos assaltaram os santuários da deusa-montanha em Corinto e em Ascra, no monte Hélicon. Um acontecimento similar registra-se na violação da Deméter árcade com cabeça de égua, cometida por Poseidon (vide 16. *f*), com quem ele gerou o mesmo cavalo-Lua Árion; e na violação da Medusa, também levada a cabo pelo deus dos mares, cujo fruto foi Pégaso (vide 73. *h*) — o que explica a intrusão de Poseidon na história de Belerofonte. A forma com que Zeus humilhou Belerofonte é uma anedota moral contada para desanimar todos aqueles que pretendessem revoltar-se contra a fé olímpica. Belerofonte, o portador de dardos que voa pelo céu, é o mesmo

personagem que seu avô Sísifo, ou Tesup (vide 67. *1*), um herói solar cujo culto foi substituído pelo do Zeus solar. Por isso dá-se-lhe um fim igualmente desgraçado, que lembra o de Faetonte, filho de Hélio (vide 42. *2*).

4. Os inimigos de Belerofonte, os sólimos, eram os Filhos de Salma. Dado que todas as cidades e cabos que começavam com a sílaba *salm* têm uma posição oriental, o mais provável é que ela tenha sido a deusa do equinócio de primavera, embora tenha logo se masculinizado como o deus-Sol Solima, ou Selin, Salomão ou Absalão, que deu seu nome a Jerusalém. As amazonas eram as sacerdotisas guerreiras da deusa-Lua (vide 100. *1*).

5. O recuo de Belerofonte diante das mulheres xantianas pode ter sido deduzido a partir de uma imagem que mostrava as Mulheres Selvagens enlouquecidas com *hippomanes* — que poderia ser uma erva ou o humor vaginal de uma égua no cio, ou a membrana negra cortada da testa dos potros recém-nascidos — rodeando o rei sagrado, no litoral, ao final de seu reinado. Suas saias estão levantadas, como no culto erótico do egípcio Ápis (Diodoro Sículo: I. 85), para que, quando elas o esquartejarem, o sangue salpicado lhes revitalize o útero. Posto que Xanto (“amarelo”) é o nome de um dos cavalos de Aquiles, assim como o de um pertencente a Heitor e de outro que Poseidon presenteou a Perseu, talvez essas mulheres envergassem máscaras equinas rituais com crinas de cor amarelo-lua, assim como as dos cavalos de cor amarela ou creme, que têm a crina e o rabo brancos, pois as éguas selvagens haviam devorado Glauco, o pai de Belerofonte, junto à costa de Corinto (vide 71. *1*). Entretanto, esse mito reformado conserva um elemento primitivo: a aproximação das mulheres desnudas do clã de seu próprio líder, com quem era proibido copular, o obrigava a recuar e ocultar seu rosto. Na lenda irlandesa foi utilizado o mesmo truque contra Chuchulain quando não houve outra maneira de aplacar-lhe a fúria. A explicação do motivo que levou os xantianos a reconhecerem a descendência pela linha materna foi interpretada ao contrário: foram os helenos que conseguiram impor a linha paterna a todos os cários, exceto os xantianos conservadores.

6. O nome de Quimarro deriva de *chimaros*, ou *chimaera* (“cabra”); tanto o seu caráter inflamado quanto seu barco com proa de leão e sua popa com a figura de uma serpente foram introduzidos na lenda de Belerofonte por algum evemerista para explicar por que a Quimera tinha hálito de fogo. O monte Quimera (“monte da cabra”) era também o nome de um vulcão ativo perto de Faselis, na Lícia (Plínio: *História natural* II. 106 e V. 27), o que explica o hálito de fogo.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 9. 3; Homero: *Ilíada* VI. 155.

[2] Homero: *Ilíada* VI. 160; Eustácio sobre o mesmo texto; Apolodoro: II. 3. 1; Antoninus Liberalis: 9; Homero: *Ilíada* XVI. 328 *et seq.*

[3] Hesíodo: *Teogonia* 319 *et seq.*; Apolodoro: II. 3. 2; Píndaro: *Odes olímpicas* XIII. 63 *et seq.*; Pausânias: II. 4. 1; Higino: *Fábula* 157; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: VI. 155; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 17.

[4] Píndaro: *Odes olímpicas* XIII. 87-90; *Odes ístmicas* VII. 44; Apolodoro: *loc. cit.*; Plutarco: *Sobre as virtudes das mulheres* 9; Homero: *Ilíada* VI. 155-203 e XVI. 328; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 646; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 838.

76

ANTÍOPE

Contam que Antíope, filha de Nicteu, o Tebano, ao ser seduzida por Zeus, fugiu para buscar refúgio junto ao rei de Sícion, que concordou em tomá-la como esposa, ocasionando, assim, uma guerra em que teria perecido Nicteu. Lico, tio de Antíope, derrotou pouco depois os siciônios numa sangrenta batalha e a levou de volta, como viúva, para Tebas. Após ter dado à luz, em uma moita à margem da estrada, os gêmeos Anfíon e Zeto, que Lico abandonou imediatamente no monte Citéron, ela foi durante anos submetida a maus-tratos por sua tia Dirce. Finalmente, Antíope conseguiu escapar da prisão em que estava encerrada e fugiu para a cabana em que viviam então Anfíon e Zeto, após terem sido salvos por um pastor que por ali passava. Mas eles confundiram Antíope com uma escrava fugitiva e se negaram a dar-lhe abrigo. Então Dirce chegou correndo, tomada por um frenesi dionisíaco, capturou Antíope e arrastou-a dali.

— Meus jovens — gritou o pastor —, vocês deveriam temer as Fúrias!

— Por que as Fúrias? — perguntaram eles.

— Porque vocês se recusaram a proteger sua mãe, que está sendo levada a caminho da execução por essa sua tia selvagem.

Os gêmeos logo se puseram no encalço de Antíope. Depois de vê-la sã e salva, amarraram Dirce pelos cabelos aos chifres de um touro bravo, que em pouco tempo deu cabo dela.[1]

b. Dizem ainda que o rio Asopo foi o pai de Antíope e que, uma noite, o rei de Sícion se disfarçou em Lico, com quem ela estava casada, e a seduziu. Em consequência, Lico divorciou-se de Antíope e se casou com Dirce, deixando, assim, o terreno livre para que Zeus cortejasse a solitária Antíope e a engravidasse. Dirce, suspeitando que isso houvesse sido obra de Lico, confinou

Antíope num calabouço escuro, do qual, entretanto, ela foi libertada por Zeus no momento justo de dar à luz Anfíon e Zeto no monte Citéron. Os gêmeos cresceram entre os pastores, em meio aos quais Antíope havia se refugiado, e, ao alcançarem idade suficiente para compreender o quanto sua mãe havia sido maltratada, ela própria instilou neles o desejo de vingança. Eles encontraram Dirce vagando pelas encostas do monte Citéron num frenesi dionisíaco, amarraram seus cabelos aos chifres de um touro bravo e, quando já estava morta, arremessaram seu corpo ao chão, de onde surgiu um manancial, chamado mais tarde de Fonte Dirceia. Mas Dionísio vingou o assassinato de sua adoradora, fazendo com que Antíope percorresse toda a Grécia em estado de loucura, até que Foco, neto de Sísifo, finalmente a curou e se casou com ela na Fócida.

c. Anfíon e Zeto visitaram Tebas, onde expulsaram o rei Laio e construíram a cidade baixa, tendo Cadmo já edificado a parte alta. Zeto frequentemente escarnecia de Anfíon pela devoção dedicada à lira que Hermes lhe dera. “Ela o distrai do trabalho útil”, costumava dizer-lhe. Mas, quando eles se tornaram pedreiros, as pedras de Anfíon se moviam ao som de sua lira e deslizavam suavemente até ocuparem o seu lugar, ao passo que Zeto via-se obrigado a usar a força bruta, criando uma grande defasagem com relação a seu irmão. Os gêmeos governaram juntos a cidade de Tebas, onde Zeto casou-se com Teba, dando nome à cidade anteriormente chamada de Cadmeia, e Anfíon se casou com Níobe. Mas todos os filhos de Níobe, à exceção de dois, foram flechados mortalmente por Apolo e Ártemis, cuja mãe, Leto, ela havia ofendido. O próprio Anfíon foi morto por Apolo ao tentar vingar-se dos sacerdotes délficos e, depois, foi condenado ao Tártaro.[2] Anfíon e Zeto foram enterrados numa tumba em Tebas, cuidadosamente guardada quando o Sol está em Touro, momento em que os habitantes da Titoreia fociana tentam roubar terra da tumba e colocá-la na de Foco e Antíope. Um oráculo disse uma vez que tal ato aumentaria a fertilidade de toda a Fócida à custa de Tebas.[3]

1. Essas duas versões do mito de Dirce demonstram a liberdade dos mitógrafos ao fazer coincidir seu relato com os principais elementos de uma tradição literária, que, neste caso concreto, parece haver-se deduzido de uma série de ícones sagrados. Antíope, que sai alegremente de seu calabouço seguida por uma Dirce carrancuda, evoca a aparição anual de Coré em companhia de Hécate (vide 24. *k*). Nesse contexto, ela é chamada de Antíope (“confrontadora”)

porque sua face está voltada para o céu, e não inclinada para o mundo subterrâneo, e é também chamada de “Filha da Noite” — Nicteis, não Nicteu —, porque emerge da escuridão. O “furor na montanha” de Dirce e Antíope foi mal-interpretado como uma orgia dionisíaca, embora se tratasse claramente de uma dança erótica do moscardo, para a qual elas se comportavam como novilhas da Lua no cio (vide 56. *1*). O nome de Dirce (“dupla”) refere-se aos chifres da Lua, e, certamente, o ícone do qual o mito foi retirado não a mostrava amarrada a um touro em sinal de castigo, mas casando-se ritualmente com o rei sagrado (vide 88. *7*). Em *dirce* é possível localizar um significado oculto: a saber, “fendida”, ou seja, “em condição erótica”. A fonte Dirceia, como Hipocrene, devia ter forma de lua. Os filhos de Antíope são os conhecidos gêmeos reais nascidos da deusa-Lua: seu rei sagrado e o sucessor.

2. A lira de três cordas de Anfíon, com a qual ele ergueu as muralhas da cidade baixa de Tebas — como Hermes era seu empregador, ela não poderia ter senão três cordas —, foi manufaturada para celebrar a deusa tripla, que reinava no ar, na terra e no mundo subterrâneo, e é possível que tenha sido tocada durante a construção a fim de proteger as fundações da cidade, seus portões e suas torres. O nome “Anfíon” (“nativo de duas terras”) explica o fato de ele ser cidadão de Sícion e de Tebas.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 8; Apolodoro: III. 5. 5; Pausânias: II. 6. 2; Eurípides: *Antíope*, Fragmentos; Apolônio de Rodes: IV. 1.090, com escoliasta.

[2] Homero: *Odisseia* XI. 260; Higino: *Fábula* 7; Pausânias: VI. 20. 8; IX. 5. 3 e 17. 4; Horácio: *Epístolas* I. 18. 41; Apolônio de Rodes: I. 735-741.

[3] Pausânias: IX. 17. 3.

77

NÍOBE

Irmã de Pélope, Níobe havia se casado com o rei Anfíon, de Tebas, a quem dera sete filhos e sete filhas, dos quais se orgulhava de tal modo que, um dia, menosprezou a própria Leto por ter apenas dois filhos: Apolo e Ártemis. Manto, a filha profetisa de Tirésias, escutou por acaso esse comentário aviltante e aconselhou as mulheres tebanas que aplacassem imediatamente a ira de Leto e seus filhos queimando incenso e adornando os cabelos com ramos de louro. Quando o aroma de incenso já pairava no ar, apareceu Níobe, seguida por uma multidão de servidores e envergando uma esplêndida túnica frígia, com seus longos cabelos soltos. Ela interrompeu as oferendas e perguntou, furiosa, por que Leto, mulher de ascendência obscura, mãe de uma filha máscula e de um filho efeminado, era preferida a ela, Níobe, neta de Zeus e Atlas, temida pelos frígios e rainha da casa real de Cadmo. Mesmo o destino ou o azar tendo-lhe arrebatado dois ou três de seus filhos, não continuaria sendo ela a mais fértil?

b. As mulheres tebanas, assustadas, deixaram de lado o ritual e tentaram aplacar a ira de Leto murmurando orações, mas era tarde demais. Ela já havia enviado Apolo e Ártemis, armados com seus arcos, para castigar Níobe pela sua presunção. Apolo encontrou os meninos caçando no monte Citéron e flechou um a um, à exceção de Amiclas, que muito astutamente havia oferecido uma prece propiciatória a Leto. Ártemis encontrou as meninas fiando no palácio e as aniquilou com uma chuva de flechas, salvando apenas Melibeia, que havia seguido o exemplo de Amiclas. Esses dois sobreviventes se apressaram a construir um templo dedicado a Leto. Tanto foi o medo com que Melibeia empalidecera que ela ainda portava o apelido de Clóris ao se casar com Neleu, alguns anos mais tarde. Mas há quem diga que nenhuma das crianças de Níobe sobrevivera, e que seu marido Anfíon foi também assassinado por Apolo.

c. Durante nove dias e nove noites, Níobe chorou seus mortos, sem encontrar ninguém que os enterrasse, pois Zeus, a fim de defender Leto, havia transformado em pedra todos os tebanos. No décimo dia, foram os próprios deuses que se dignaram a conduzir o funeral. Níobe fugiu além-mar para o monte Sípilo, lar de seu pai, Tântalo, onde Zeus, movido por piedade, transformou-a numa estátua que ainda hoje pode ser vista chorando copiosamente no início do verão.[1]

d. Todos os homens choraram Anfíon, lamentando a extinção de sua estirpe, mas ninguém se compadeceu de Níobe, a não ser seu igualmente orgulhoso irmão Pélope.[2]

1. Homero diz que Níobe teve 12 filhos, Hesíodo (segundo diversos escoliastas) diz que teve vinte, Heródoto fala de quatro, e Safo diz que, no total, foram 18; mas, conforme os cálculos de Eurípides e Apolodoro, possivelmente os mais lógicos, parece que ela teve sete filhos e sete filhas. Posto que Níobe, na versão tebana do mito, era uma neta do titã Atlas e, na versão argiva, era a mãe de Foroneu (vide 57. *a*), também descrito como titã (Apolodoro: II. 1. 1 e escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 932), e de Pelasgo; e como, ademais, ela afirmava ser a primeira mulher mortal a ser violada por Zeus (Diodoro Sículo: IV. 9. 14; Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: II. 22. 6), é possível que o mito se refira à vitória dos deuses olímpicos sobre os sete titãs e titânides. Se for realmente assim, ele registra a suplantação do sistema calendárico que vigorava na Grécia pelasga, na Palestina, na Síria e no noroeste europeu, baseado num mês dividido em quatro semanas de sete dias, cada um dos quais regido por um dos sete corpos planetários (vide 1. *3* e 43. *4*). Na versão homérica do mito (*Ilíada* XXIV. 603-617), Anfíon e seus 12 filhos representam talvez os 13 meses desse calendário. É provável que o monte Sípilo tenha sido o último lugar da Ásia Menor onde tenha se conservado o culto titânico, assim como Tebas o foi na Grécia. A estátua de Níobe é um rochedo que lembra rudemente uma forma humana, que parece chorar quando os raios de sol incidem sobre sua camada de neve invernal, e a semelhança vê-se reforçada por uma deusa-mãe hitita esculpida na rocha da mesma montanha e que data aproximadamente de fins do século XV a.C. “Níobe” provavelmente significa “nívea” — sendo o *b* o equivalente do *v* na palavra latina *nivis*, ou o *ph* do grego *nipha*. Uma de suas

filhas é chamada Quíade por Higino, uma palavra que não faz sentido em grego, a não ser que seja uma forma reduzida para *chionos niphades*, “flocos de neve”.

2. Partênio, em suas *Histórias de amor* (33), aporta um relato diferente do castigo de Níobe: conforme um plano de Leto, o pai de Níobe apaixonou-se incestuosamente pela filha e, quando ela o rechaçou, ele queimou todos os filhos dela até a morte; depois, seu marido foi destroçado por um javali, e ela se suicidou atirando-se de cima de uma rocha. Tal relato, confirmado pelo escoliasta de *As mulheres fenícias*, de Eurípides (159), foi influenciado pelos mitos de Cíniras, Esmirna e Adônis (vide 18. *h*) e pelo costume de queimar crianças em sacrifício ao deus Moloch (vide 70. *5* e 156. *2*).

NOTAS

[1] Higino: *Fábulas* 9 e 10; Apolodoro: III. 5. 6; Homero: *Ilíada* XXIV. 612 *et seq.*; Ovídio: *As metamorfoses* VI. 146-312; Pausânias: V. 16. 3; VIII. 2. 5 e I. 21. 5; Sófocles: *Electra* 150-152.

[2] Ovídio: *As metamorfoses* VI. 401-404.

78

CÊNIS E CENEU

Diz a lenda que Poseidon seduziu a ninfa Cênis, filha do magnésio Elato — embora se diga também que seu pai fosse o lápita Corono — e disse a ela que solicitasse uma dádiva de amor.

— Tranforme-me num lutador impávido — disse ela. — Estou farta de ser mulher.

Poseidon atendeu-lhe o pedido, transformando-a em Ceneu, que se destacou de tal modo na guerra que os lápitas logo o escolheram como rei. Ceneu teve um filho, Corono, que Hércules viria a matar muitos anos depois enquanto lutava ao lado do dório Egímio. Exaltado com sua nova condição, Ceneu cravou uma lança no meio da praça do mercado, onde as pessoas se reuniam, e as obrigou a realizar sacrifícios a essa lança como se se tratasse de um deus, proibindo a todos que rendessem culto a qualquer outra divindade.

b. Ao tomar conhecimento da presunção de Ceneu, Zeus instigou os centauros a cometer um assassinato. Durante o casamento de Pirítoo, eles desfecharam um ataque súbito contra Ceneu, que não teve nenhuma dificuldade em matar cinco ou seis deles, saindo sem um arranhão sequer, pois as armas dos centauros ricocheteavam sem causar o menor dano a sua pele enfeitiçada. Entretanto, os centauros restantes golpearam-lhe a cabeça com troncos de abeto até conseguirem enterrá-lo vivo e depois puseram um outro monte de troncos por cima dele. Assim, Ceneu morreu asfixiado. Pouco depois, dali saiu voando uma ave de asas cor de areia que o adivinho Mopso, que a tudo assistira, reconheceu como sendo a alma de Ceneu, e, quando eles foram realizar o funeral, o cadáver que lá estava convertera-se novamente no corpo de uma mulher.[1]

1. A trama deste mito possui três fios distintos. O primeiro deles é um costume que ainda se conserva na Albânia, de meninas que se unem a um grupo de guerreiros e se vestem como homens, de forma que, quando morrem no campo de batalha, o inimigo se surpreende ao descobrir o seu sexo. O segundo fio é a recusa dos lápitas em aceitar a soberania helênica; a lança que devia ser venerada era provavelmente um poste de maio[a] em homenagem à deusa da Lua nova Cênis, ou Élate (“abeto”), a quem o abeto era consagrado. Os lápitas foram derrotados depois pelos eólios de Iolco, que, com a ajuda de seus aliados, os centauros, subjugaram-nos ao seu deus Poseidon, embora não tenham interferido em suas leis tribais. Somente em alguns lugares, como Argos, deve-se ter certamente obrigado a chefe do clã a usar uma barba artificial para confirmar o seu direito de atuar como magistrado e comandante, e, assim, Cênis passou a ser Ceneu, e Élate, Elato. Uma troca de sexo análoga é até hoje anunciada pela Rainha do Sul, cogovernante do reino de Lozi na bacia do Zambeze, quando entra na câmara do conselho e diz: “Transformei-me em homem!”, embora o faça porque uma de suas antepassadas usurpou o trono patriarcal. O terceiro fio é o ritual registrado numa ânfora de azeite com figuras negras (vide 9. *1*), em que homens desnudos, armados com maças, golpeiam uma efígie da Mãe Terra na cabeça, no intuito, ao que parece, de libertar Coré, o Espírito do Ano-novo. A propósito, *Caenis* significa “novo”.

2. A variedade de ave de asas cor de areia que se soltou da efígie depende da estação em que se executava o rito. É possível que, na primavera, fosse o cuco (vide 12. *1*).

NOTAS

[a] Poste ritual de madeira, de tradição europeia pré-cristã, eventualmente decorado com guirlandas e em torno do qual se festeja a chegada do verão. Ele é frequentemente considerado um símbolo fálico ou um eixo simbólico que liga o mundo dos vivos ao mundo subterrâneo e aos céus. (N.T.)

[1] Apolodoro: I. 9. 16; II. 7. 7 e *Epítome* I. 22; Apolônio de Rodes: I. 57-64, com escoliasta; Higino: *Fábula* 14; *Oxyrhynchus Papyri* XIII. p. 133 *et seq.*; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 448; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 458-531; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero I. 264.

79

ERÍGONE

Embora Eneu tenha sido o primeiro mortal a quem Dionísio presenteou com uma videira, Icário foi o primeiro a fabricar o vinho. Ele ofereceu uma amostra do suco que havia obtido em sua jarra a um grupo de pastores no bosque de Maratona, no sopé do monte Pentélico, que, sem misturá-lo com água, assim como aconselharia mais tarde Enopião, acabaram se embebedando de tal modo que começaram a ver tudo duplo e, acreditando-se vítimas de um feitiço, mataram Icário. O cão de Icário, Mera, observou como eles o enterraram debaixo de um pinheiro e depois conduziu sua filha Erígone à sepultura do pai, puxando-a pela túnica, e desenterrou o cadáver. Desesperada, Erígone se enforcou no pinheiro, suplicando que as filhas de Atenas sofressem o mesmo destino até que a morte de Icário fosse vingada. Somente os deuses a escutaram, e os pastores fugiram para além-mar, mas várias donzelas atenienses foram encontradas enforcadas, uma atrás da outra, em pinheiros, até que o Oráculo de Delfos explicou que Erígone havia exigido suas vidas. Os pastores culpados foram encontrados e enforcados, e se instituiu o atual Festival da Vindima, durante o qual se fazem libações em honra a Icário e Erígone, enquanto as meninas balançam penduradas em cordas presas aos galhos, apoiando os pés em pequenas plataformas; foi assim que se inventaram os balanços. Máscaras também são penduradas nos galhos, onde ficam girando ao vento.

b. A imagem do sabujo Mera foi colocada no céu e se transformou na estrela do Cão Menor; há quem identifique, portanto, Icário como Bootes, e Erígone, como a constelação de Virgem.[1]

1. Mera foi o nome dado a Hécabe, ou Hécuba, esposa de Príamo, após ter-se transformado em cão (vide 168. *1*), e, como Hécuba era, na verdade, a deusa tricéfala da morte Hécate (vide 31. *7*), as libações oferecidas a Erígone e Icário provavelmente eram destinadas a ela. O vale em que ocorria tal cerimônia chama-se agora "Dionísio". O pinheiro de Erígone devia ser a árvore ao pé da qual foi castrado o frígio Átis, que ali sangrou até a morte (Ovídio: *Os fastos* IV. 221 *et seq.*; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: IX. 116), e, ao que parece, a explicação do mito é a de que, quando o Cão Menor estava em ascensão, os pastores de Maratona sacrificavam um dentre eles como vítima anual à deusa chamada Erígone.

2. Icário significa "do Mar Icariano", ou seja, das Cícladas, de onde o culto de Átis chegou até a Ática. Mais tarde, sobrepôs-se a esse culto o de Dionísio, e é possível que a história do suicídio das meninas atenienses fosse contada para justificar as máscaras de Dionísio, penduradas num pinheiro em meio a um vinhedo, que se moviam ao vento e que supostamente faziam frutificar as vides para qualquer direção que girassem. Dionísio era normalmente retratado como um jovem efeminado, de cabelos longos, e certamente suas máscaras sugeriam mulheres enforcadas. Mas é provável que, antes disso, bonecos representando a deusa da fertilidade Ariadne ou Helena fossem pendurados em árvores frutíferas (vide 88. *10* e 98. *5*). O costume de fazer as meninas balançarem no festival da vindima devia ter um propósito original de tipo mágico: talvez o deslocamento em semicírculo do balanço representasse o nascimento e o ocaso da Lua nova. Esse costume deve ter sido levado ao Ático a partir de Creta, já que um grupo de terracota encontrado em Hagia Triada mostra uma menina balançando-se entre dois pilares, em cada um dos quais está pousado um pássaro.

3. O nome Erígone é explicado pelo mitógrafo como "filha da luta", devido ao problema que ela ocasionou; mas seu significado evidente é "prole abundante", como referência à abundante colheita que os bonecos propiciavam.

NOTA

[1] Escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XXII. 29; Nonnus: *Dionisíacas* XLVII. 34-245; Higino: *Fábula* 130 e *Astronomia poética* II. 4; Apolodoro: I. 8. 1 e III. 14. 7; Ateneu: XIV. 10; Festo *sub* Oscilantes; Estácio: *Tebaida* XI. 644-647; Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: II. 388-389.

80

O JAVALI DO CALIDÃO

Eneu, rei do Calidão, na Etólia, casou-se com Alteia. Ela deu-lhe primeiro Toxeu, o qual Eneu matou com as próprias mãos por seu modo grosseiro de saltar sobre o fosso que havia sido escavado para defender a cidade; depois Alteia teve Meléagro, que, dizem, na verdade foi concebido por Ares. Quando Meléagro tinha sete dias de idade, as Parcas foram até o dormitório de Alteia e anunciaram que ele só viveria se um certo tição que ardia na lareira não se queimasse. Ela tirou imediatamente o tição do fogo, apagou-o com um jarro de água e o escondeu num cofre.

b. Meléagro cresceu e se tornou um valente e invulnerável lutador, o melhor arremessador de dardo de toda a Grécia, assim como o demonstrou nos jogos fúnebres de Acasto. E ele poderia continuar vivendo, não fosse a indiscrição de Eneu, que, num verão, esquecera-se de incluir Ártemis em seus sacrifícios anuais aos 12 deuses do Olimpo. Quando Hélio informou Ártemis desse descuido, ela enviou um enorme javali para matar o gado e os trabalhadores de Eneu e devastar suas safras. Mas Eneu despachou mensageiros convidando os mais valentes guerreiros da Grécia para caçar o javali, prometendo sua pele e suas presas a quem o matasse.

c. Muitos responderam ao chamado, entre eles Castor e Pólux de Esparta; Idas e Linceu de Messênia; Teseu de Atenas e Pirítoo de Larissa; Jasão de Iolco e Admeto de Feres; Nestor de Pilos; Peleu e Eurítion de Ftia; Íficles de Tebas; Anfiarau de Argos; Télamon de Salamis; Ceneu de Magnésia e finalmente Anceu e Cefeu da Arcádia, seguidos de sua compatriota, a casta e veloz corredora Atalanta, filha única de Jaso e Clímene.[1] Jaso havia desejado ter um herdeiro varão, e o nascimento de Atalanta o decepcionou tão cruelmente que ele a abandonou na Colina Parteniana perto do Calidão, onde ela foi amamentada

por uma ursa que Ártemis enviara em seu auxílio. Atalanta atingiu a maturidade como mulher em meio a um clã de caçadores que a encontraram e a criaram, mas conservava sua virgindade e andava sempre armada. Numa ocasião, ela chegou meio cambaleante de sede a Cifanta e ali, após invocar Ártemis, golpeou uma rocha com a ponta de sua lança e fez brotar um jorro de água. Mas ela ainda não se reconciliara com o pai.[2]

d. Eneu alojou os caçadores como reis durante nove dias, e, embora a princípio Anceu e Cefeu tenham se negado a caçar em companhia de uma mulher, Meléagro declarou, ao lado de Eneu, que, se eles não retirassem tal objeção, ele abandonaria a caçada definitivamente. A verdade é que Meléagro havia se casado com a filha de Idas, Cleópatra, mas havia então se apaixonado subitamente por Atalanta e desejava cair nas graças dela. Seus tios, os irmãos de Alteia, sentiram uma imediata antipatia pela menina, convencidos de que sua presença só poderia trazer desgraças, porque ele não parava de suspirar profundamente e exclamar: “Oh, feliz será o homem com quem ela se casar!” Dessa maneira, a caça começou sob maus auspícios; a própria Ártemis já previra isso.

e. Anfiarau e Atalanta iam armados de arcos e flechas; outros, com dardos, lanças ou machados, e todos estavam tão ansiosos por ganhar o troféu que acabaram descuidando da disciplina necessária às caçadas. Por sugestão de Meléagro, o grupo avançou em forma de meia-lua através do bosque em que se refugiava o javali, a poucos passos de intervalo entre um e outro.

f. O primeiro sangue derramado foi humano. Quando Atalanta se colocou no extremo do flanco direito, a pouca distância de seus companheiros caçadores, dois centauros, Hileu e Reco, que participavam da caçada, decidiram violá-la. Tão logo se puseram a persegui-la, ela os derrubou com suas flechas e foi caçar ao lado de Meléagro.

g. Logo depois, o javali saiu de um riacho margeado por salgueiros, saltou e matou dois dos caçadores, paralisou um outro e obrigou o jovem Nestor, que mais tarde viria a lutar em Troia, a trepar numa árvore. Jasão e outros mais lançaram seus dardos sem pontaria contra o javali, e apenas Íficles conseguiu arranhar o seu ombro. Então, Télamon e Peleu avançaram corajosamente com suas lanças, mas Télamon tropeçou na raiz de uma árvore e, enquanto Peleu o ajudava a se levantar, o javali os viu e desembestou para cima deles. Atalanta cravou uma flecha atrás da orelha do animal e o fez recuar em disparada. Anceu disse com desprezo: “Isso não é maneira de caçar! Observe como eu faço!” Ele lançou sua acha contra o javali, mas faltou-lhe rapidez e, no instante seguinte, jazia castrado e destripado. Aturdido, Peleu matou Eurítion com um dardo supostamente direcionado ao javali, o qual Anfiarau conseguira cegar com uma

flecha. Em seguida, o animal arrojou-se contra Teseu, cuja lança errou o alvo, mas Meléagro também lançara a sua e o trespassou pelo flanco direito. Enquanto o javali se retorcia de dor, tentando livrar-se da arma, ele cravou profundamente seu dardo de caça pela omoplata esquerda, até atingir o coração.

Finalmente, o javali caiu morto.

Meléagro o esfolou rapidamente e presenteou a pele a Atalanta, dizendo: “Você derramou o primeiro sangue, e, se houvéssemos deixado sozinha a fera, ela logo teria sucumbido a suas flechas.”

h. Os tios de Meléagro ficaram profundamente ofendidos. O mais velho deles, Plexipo, alegou que Meléagro havia ganhado a pele e que, ao negar-se a aceitá-la, ela deveria ter sido oferecida à mais honrosa pessoa presente — ou seja, ele mesmo, por ser o cunhado de Eneu. O irmão mais novo de Plexipo o apoiou, dizendo que havia sido Íficles, e não Atalanta, quem havia derramado as primeiras gotas de sangue. Meléagro, num acesso de fúria típico dos apaixonados, matou os dois.

i. Ao ver os dois cadáveres sendo carregados para casa, Alteia proferiu uma maldição contra Meléagro, de tal modo que o impediu de defender o Calidão quando seus dois tios sobreviventes declararam guerra à cidade e mataram muitos de seus defensores. Finalmente, sua mulher, Cleópatra, o convenceu a pegar em armas, e ele matou ambos os tios, apesar de eles contarem com o apoio de Apolo. Nisso, as Fúrias ordenaram a Alteia que tirasse o tição do cofre e o pusesse no fogo. Meléagro sentiu nas entranhas um calor repentino, e seus inimigos conseguiram derrotá-lo com facilidade. Alteia e Cleópatra se enforcaram, e Ártemis transformou todas as irmãs gritadoras de Meléagro, exceto duas, em galinhas-d’angola e as levou para sua ilha de Leros, cujos habitantes viviam na maldade.[3]

j. Encantado com o triunfo de Atalanta, Jaso a reconheceu finalmente como sua filha, mas, quando ela chegou ao palácio, as primeiras palavras dele foram: “Minha filha, prepare-se para receber seu marido!” Um anúncio desagradável, pois o Oráculo de Delfos a havia advertido a não se casar. Ela respondeu: “Pai, concordarei, mas com uma condição. Qualquer pretendente a minha mão deverá derrotar-me numa corrida, caso contrário o matarei.” “Que assim seja”, disse Jaso.

k. Por conseguinte, vários príncipes desafortunados perderam suas vidas por ela ser a mais veloz criatura humana existente. Mas Melanion, filho de Anfidamante, o árcade, invocou o auxílio de Afrodite, que lhe entregou três maçãs de ouro e lhe disse: “Faça com que Atalanta se atrase deixando-as cair, uma após a outra, durante a corrida.” O estratagema deu resultado. Atalanta se deteve para recolher as maçãs e alcançou a linha de chegada depois de Melanion.

l. O casamento foi celebrado, mas a advertência do oráculo era justificada, pois, um dia, Melanion seduziu Atalanta no interior de um recinto dedicado a Zeus. Indignado por haverem profanado o seu recinto, Zeus os transformou em leões, pois os leões não se acasalam com animais da mesma espécie, somente com leopardos; e, assim, eles jamais poderiam voltar a gozar um do outro. Esse foi o castigo de Afrodite para Atalanta, primeiro pela sua obstinação em permanecer virgem e, em segundo lugar, por não haver-lhe agradecido as maçãs de ouro.[4] Contam que, antes disso, Atalanta havia sido infiel a Melanion e tivera com Meléagro um filho chamado Partenopeu, que ela abandonou na mesma colina onde a ursa a havia amamentado. O menino também sobreviveu e, posteriormente, derrotou Idas em Jônia e marchou com os Sete Campeões contra Tebas. Segundo outras versões, Ares, e não Meléagro, seria o pai de Partenopeu;[5] o marido de Atalanta seria Hipômenes, e não Melanion, e ela seria filha de Esqueneu, que governava Onquesto, na Beócia. Diz-se também que os dois teriam profanado um santuário de Cibele, e não de Zeus, e que ela os teria transformado em leões que depois atrelou à sua carruagem.[6]

1. Os médicos gregos atribuíam ao malvaísco (*althaia*, de *althainein*, "curar") propriedades curativas, e, por ser a primeira flor da primavera da qual as abelhas sugam o mel, ela tinha tanta importância mítica quanto a flor de hera, que era a última. A caçada calidônia é uma saga heroica possivelmente baseada em uma famosa caçada de javali e uma rivalidade entre os clãs etólios nela originada. Mas a morte do rei sagrado atacado por um javali — cujas presas curvas o faziam ser consagrado à Lua — é um mito antigo (vide 18. *3*) e explica a introdução na teoria dos heróis de diversos Estados gregos que haviam sofrido tal destino. O javali era sobretudo o emblema do Calidão (vide 106. *c*) e era consagrado a Ares, o famoso pai de Meléagro.

2. O salto de Toxeu sobre o fosso é equivalente ao salto de Remo por cima da muralha de Rômulo; isso sugere o propagado costume de sacrificar um príncipe real ao se fundar uma cidade (*I Reis*, XVI. 34). O tição de Meléagro evoca vários mitos celtas: a morte de um herói no momento em que se destrói algum objeto externo, como uma fruta, uma árvore ou um animal.

3. Ártemis era venerada como *meleagris*, ou galinha-d'angola, na ilha de Leros e na Acrópole ateniense; esse culto é de origem africana oriental, a julgar por essa particular variedade de galinha — que tinha uma barbela azul, diferente

da variedade italiana de barbela vermelha introduzida a partir da Numídia —, e porque seu estranho cacarejar era interpretado como gemidos de duelo. Os devotos de Ártemis e Ísis não podiam comer galinhas-d'angola. A reputação de maldosos dos habitantes de Leros devia-se certamente ao seu conservadorismo religioso, assim como os cretenses tinham fama de serem mentirosos (vide 45. *2*).

4. As ursas eram consagradas a Ártemis (vide 22. *4*), e a corrida de Atalanta contra Melanion deduz-se provavelmente a partir de uma imagem em que aparecia o rei condenado segurando maçãs de ouro (vide 32. *1* e 53. *5*), sofrendo a perseguição mortal da deusa. Um ícone que o acompanhava devia mostrar uma imagem de Ártemis apoiada em dois leões, como a que figura nos portões de Micenas e em vários selos micênicos e cretenses. A segunda versão do mito parece ser a mais antiga, embora seja apenas porque Esqueneu, o pai de Atalanta, represente Esquênide, um título de Afrodite, e porque Zeus não está presente nela.

5. Por que os amantes são castigados — aqui os mitógrafos se referem equivocadamente a Plínio, embora este diga que é o contrário, que os leões castigam severamente as leoas pelo fato de se acasalarem com leopardos (*História natural* VIII. 17) — é um problema que se imbui de mais importância do que a que lhe dá *Sir* James Frazer em suas notas sobre Apolodoro. Ele parece registrar uma antiga regra exogâmica, conforme a qual os membros do mesmo clã totêmico não podiam se casar entre si, assim como os membros do clã do leão não podiam se casar com os do clã do leopardo, que pertencia à mesma subfratria; assim como os clãs do cordeiro e da cabra não podiam casar-se entre si em Atenas (vide 97. *3*).

6. Eneu não foi o único rei helênico a se esquecer de fazer um sacrifício a Ártemis (vide 69. *b* e 72. *i*). As exigências dessa deusa eram muito superiores às das outras divindades olímpicas e, inclusive, na época clássica, incluíam holocaustos de animais vivos. Dificilmente Eneu lhe haveria negado esses últimos, mas a prática beócia e árcade era a de sacrificar o próprio rei, ou um seu substituto, como o cervo Actéon (vide 22. *1*), e é bem possível que Eneu tenha se recusado a ser esquartejado.

NOTAS

[1] Eliano: *Varia Historia* XIII. 1; Calímaco: *Hino a Ártemis* 216.

[2] Apolodoro: III. 9. 2.

[3] Homero: *Ilíada* IX. 527-600; Apolodoro: I. 8. 2-3; Higino: *Fábulas* 171, 174 e 273; Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 270-545; Diodoro Sículo: IV. 48; Pausânias: IV. 2. 5; VIII. 4. 7; e X. 31. 2; Calímaco: *Hino a Ártemis* 220-224; Antoninus Liberalis: 2; Ateneu: XIV. 71.

[4] Apolodoro: III. 9. 2; Higino: *Fábula* 185; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 113; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 39.

[5] Higino: *Fábulas* 70, 99 e 270; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 174.

[6] Apolodoro: III. 9. 2, citando o *Meléagro* de Eurípides; Ovídio: *As metamorfoses* X. 565 *et seq.*; Tzetzes: *Quilíades* XIII. 453; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio VI. 563; Higino: *Fábula* 185.

81

TÉLAMON E PELEU

A mãe dos dois filhos mais velhos de Éaco, Télamon e Peleu, era Endeis, filha de Cirão. A mãe do menor, Foco, era a nereida Psâmate, que se havia transformado em foca enquanto tentava em vão escapar à perseguição de Éaco. Todos viviam juntos na ilha de Egina.[1]

b. Foco era o favorito de Éaco, e sua excelência nos jogos atléticos enlouquecia de inveja Télamon e Peleu. Assim, para manterem a paz, ele liderou um grupo de emigrantes eginetas até a Fócida — onde outro Foco, filho do coríntio Órnito, já havia colonizado os arredores de Titoreia e Delfos —, e, com o tempo, seus filhos ampliaram o território da Fócida até sua extensão atual. Um dia, Éaco mandou chamar Foco, talvez com a intenção de legar-lhe o reino da ilha, mas, encorajados pela mãe, Télamon e Peleu organizaram uma conspiração para assassiná-lo no caminho de volta. Eles desafiaram Foco a uma competição quíntupla de atletismo e, desde então, discutiu-se muito se foi Télamon quem o derrubou ao atirar-lhe, como se por acidente, um disco de pedra que o atingiu na cabeça, tendo Peleu dado o golpe final com um machado, ou se foi o contrário. De qualquer modo, Télamon e Peleu foram igualmente culpados por cometer o fratricídio e juntos esconderam o cadáver num bosque, onde foi encontrado por Éaco. Foco jaz enterrado perto do Equeon.[2]

c. Télamon se refugiou na ilha de Salamina, onde reinava Cicreu, e enviou um mensageiro negando a sua participação no assassinato. Como resposta, Éaco proibiu-o de voltar a pôr os pés em Egina, embora lhe permitisse continuar defendendo sua causa fora dali. Mas, em vez de permanecer aos brados no tombadilho oscilante de seu barco, ancorado atrás da arrebentação, Télamon zarpou uma noite para um lugar hoje conhecido como Porto Secreto, e fez desembarcar pedreiros para construir um dique que lhe serviria de tribuna. Antes

do amanhecer, os trabalhadores concluíram a obra, que ainda pode ser vista. Éaco, entretanto, rechaçou sua eloquente defesa de que a morte de Foco havia sido puramente acidental. Télamon voltou a Salamina, onde se casou com Glauce, filha do rei Cicreu, o qual ele sucedeu no trono.[3]

d. Cicreu, filho de Poseidon e Salâmis, filha do rio Asopo, havia se tornado rei de Salamina ao matar uma serpente que vinha devastando a ilha. Mas ele mantinha uma serpente jovem da mesma espécie e que se comportava da mesma maneira destrutiva, até ser expulsa por Eurílоco, companheiro de Odisseu. Então, Deméter a acolheu para que se tornasse uma de suas assistentes em Elêusis. Mas há quem diga que o próprio Cicreu, chamado "Serpente" pela sua crueldade, teria sido desterrado por Eurílоco e procurado refúgio em Elêusis, onde acabou sendo destinado a um cargo de pouca importância no santuário de Deméter. De qualquer modo, ele chegou a ser um dos heróis guardiães de Salamina, a Ilha da Serpente. Ali ele foi enterrado com a face voltada para o oeste e apareceu sob forma de serpente entre os barcos gregos na famosa vitória de Salamina. Junto à sua tumba eram oferecidos sacrifícios, e, quando os atenienses disputaram a posse da ilha com os megarenses, o famoso legislador Sólon cruzou o mar durante a noite e lhe ofereceu sacrifícios propiciatórios.[4]

e. Quando morreu sua mulher, Glauce, Télamon se casou com Peribeia, de Atenas, neta de Pélope, com quem teve Ájax, o Grande, e depois se casou novamente com a prisioneira Hesíone, filha de Laomedonte, que lhe deu o igualmente famoso Teucro.[5]

f. Peleu fugiu para a corte de Áctor, rei de Ftia, cujo filho adotivo Eurítion o purificou. Depois, Áctor entregou-lhe em matrimônio sua filha Polimela e, junto, deu-lhe um terço de seu reino. Um dia, Eurítion, que governava outro terço do reino, levou Peleu para caçar o javali calidônio, mas Peleu cravou-lhe acidentalmente a lança e fugiu para Iolco, onde foi purificado mais uma vez, nessa ocasião por Acasto, filho de Pélias.[6]

g. Creteis, esposa de Acasto, tentou seduzir Peleu, e, quando ele rechaçou suas insinuações, ela contou uma mentira a Polimela: "Ele pretende abandoná-la e se casar com minha filha Estérope." Polimela acreditou na malvada mentira de Creteis e se enforcou. Não se contentando com o dano que havia causado, Creteis foi chorando até Acasto e acusou Peleu de ter tentado violá-la.

h. Relutante em matar o homem que ele havia purificado, Acasto desafiou-o a uma competição de caça no monte Pélion. Então, em recompensa pela sua castidade, os deuses haviam presenteado Peleu com uma espada mágica, forjada por Dédalo, que tinha a propriedade de dar a vitória a seu dono no campo de batalha e fazê-lo igualmente vitorioso nas caçadas. Assim, ele rapidamente amontoou uma grande quantidade de cervos, ursos e javalis, mas, quando se

preparava para abater outros animais, os acompanhantes de Acasto reclamaram as presas para o seu amo e zombaram de sua falta de habilidade. “Deixemos que os animais mortos decidam esse assunto por si sós!”, gritou Peleu, que lhes havia cortado a língua e as mostrava agora, retirando-as de uma sacola, para demonstrar o quão facilmente ele havia ganhado a competição.[7]

i. Após um banquete festivo, durante o qual ele superou todos os demais com a sua glutonaria, Peleu logo adormeceu. Então, Acasto roubou-lhe a espada mágica, escondeu-a debaixo de um monte de excrementos de vaca e foi embora com seus seguidores. Peleu despertou e viu-se abandonado, desarmado e rodeado de centauros selvagens que estavam prestes a matá-lo. Entretanto, o rei Quíron não só interveio para lhe salvar a vida como também adivinhou onde a espada estava escondida, devolvendo-a.[8]

j. Nesse meio-tempo, aconselhado por Têmis, Zeus escolheu Peleu para ser o marido da nereida Tétis, com a qual ele mesmo teria se casado não houvesse sido alertado pela profecia das Parcas, segundo a qual todos os filhos nascidos de Tétis chegariam a ser muito mais poderosos que o pai. Ele também estava ofendido porque Tétis não havia correspondido às suas tentativas de sedução, por respeito a sua mãe adotiva Hera, e, portanto, ele havia jurado que Tétis jamais se casaria com um imortal. Entretanto, Hera, em agradecimento a Tétis, decidiu uni-la ao mais nobre dos mortais e convidou todos os deuses do Olimpo para o casamento, que se celebraria na Lua cheia seguinte, enviando ao mesmo tempo sua mensageira Íris até a caverna do rei Quíron com a ordem de que Peleu se preparasse para a cerimônia.[9]

k. Mas Quíron intuiu que Tétis, por ser imortal, se sentiria ofendida com esse matrimônio, de maneira que ele instruiu Peleu a se ocultar atrás de uma moita de murta matizada que havia na costa de uma ilhota na Tessália, aonde Tétis ia com frequência, montada desnuda sobre um golfinho arreado, para fazer a sesta na caverna, cuja entrada o arbusto ocultava. Ela mal havia entrado na caverna e adormecido quando Peleu se apoderou dela. A luta foi silenciosa e feroz. Tétis se transformou sucessivamente em fogo, água, leão e serpente.[10] Mas Peleu tinha sido aconselhado a aguardar e agarrou-se a ela tenazmente, mesmo quando ela se transformou numa gigantesca e escorregadia siba que disparou sobre ele sua tinta protetora — transformação que justifica o nome do cabo Sépias, um promontório próximo dali, agora dedicado às nereidas. Apesar de ter sido queimado, encharcado, espancado, picado e coberto pela espessa tinta de siba, Peleu não a deixou escapar e, finalmente, ela se rendeu e ambos deitaram-se juntos num abraço apaixonado.[11]

l. O casamento foi celebrado no monte Pélion, perto da caverna de Quíron. Participaram dele os deuses olímpicos, sentados em seus 12 tronos. A própria

Hera ergueu a tocha nupcial, e Zeus, já resignado com a derrota, entregou Tétis. As Parcas e as musas cantaram; Ganimedes serviu o néctar, e as cinquenta nereidas executaram uma dança espiral sobre as areias brancas. Multidões de centauros participaram da cerimônia cobertos de grinaldas de erva, brandindo setas de abeto e agourando boa sorte.[12]

m. Quíron presenteou Peleu com uma lança; Atena havia polido o seu cabo, feito a partir de um freixo do topo do monte Pélion; e Hefesto havia forjado a sua lâmina. O presente conjunto dos deuses foi uma magnífica armadura dourada, à qual Poseidon acrescentou os dois cavalos imortais Bálios e Xanto — ambos filhos do Vento Oeste com a harpia Podarge.[13]

n. Mas a deusa Éris, que não havia sido convidada, estava decidida a zombar dos convidados divinos, e, enquanto Hera, Atena e Afrodite conversavam amigavelmente entre si, de braços dados, ela fez rolar uma maçã de ouro aos pés do trio. Peleu a recolheu e ficou petrificado ao ler a inscrição que havia nela: “Para a mais bela!”, sem saber a qual das três era dirigida. Essa maçã foi a causa procatártica da Guerra de Troia.[14]

o. Há quem descreva Tétis, mulher de Peleu, como filha de Quíron e uma simples mortal. Quíron, desejoso de honrar Peleu, difundiu o rumor de que ele havia se casado com a deusa, a senhora dela.[15]

p. Nesse meio-tempo, Peleu, cuja sorte havia sido recuperada graças ao amável Quíron, e que também havia adquirido como dote grandes rebanhos de gado bovino, enviou parte destes a Ftia como indenização por haver matado acidentalmente Eurítion. Mas, ao rechaçarem o pagamento, os ftianos deixaram os animais vagando pelo campo, o que se provou ter sido uma feliz decisão, pois o lobo selvagem que Psâmate havia enviado atrás deles para vingar a morte de seu filho Foco saciou sua fome de tal modo com esse gado sem dono que ele mal podia ficar de pé. Quando Peleu e Tétis depararam com o lobo, ele se moveu como se quisesse pular no pescoço de Peleu, mas Tétis o paralisou com o olhar, pondo para fora sua língua e transformando-o numa pedra que ainda pode ser vista na estrada entre a Lócrida e a Fócida.[16]

q. Mais tarde, Peleu voltou para Iolco, onde Zeus supriu-lhe com um exército de formigas transformadas em guerreiros, e, assim, ele chegou a ser conhecido como o rei dos mirmidões. Peleu tomou sozinho a cidade, matou primeiro Acasto e, depois, a acovardada Creteis, por sobre cujo corpo esquartejado passou enquanto liderava os mirmidões pelo interior da cidade.[17]

r. Em seguida, Tétis lançou ao fogo, sucessivamente, as partes mortais de seus seis filhos que teve com Peleu para fazê-los imortais como ela, e os enviou, um a um, ao Olimpo. Mas Peleu conseguiu arrebatar-lhe o sétimo quando ela já havia feito todo o seu corpo imortal, exceto o osso do tarso, pondo-o no fogo e

esfregando-o com ambrosia; o tornozelo, meio chamuscado, escapou a esse tratamento definitivo. Enfurecida por sua intervenção, Tétis se despediu de Peleu e voltou à sua residência no mar, pondo em seu filho o nome de “Aquiles”, porque ele ainda não havia colocado os *lábios* em seu peito. Peleu deu a Aquiles um novo osso do tarso, retirado do esqueleto do veloz gigante Damiso, mas isso o predestinou a um fim desgraçado. [18]

s. Velho demais para lutar em Troia, Peleu deu mais tarde a Aquiles a armadura dourada, a lança de freixo e os dois cavalos que lhe haviam sido entregues como presente de casamento. No final das contas, ele foi expulso de Ftia pelos filhos de Acasto, que deixaram de temê-lo quando ficaram sabendo da morte de Aquiles. Mas Tétis havia dito a Peleu que fosse à caverna da moita de murta, onde ele a havia possuído pela primeira vez, e esperasse ali até que ela o levasse para viver com ela para sempre nas profundezas do mar. Peleu foi até a caverna e observou com ansiedade os barcos que passavam, esperando que um deles trouxesse o seu neto Neoptolemo de volta de Troia.[19]

t. Neoptolemo, nesse meio-tempo, reorganizava sua frota destruída em Molóssia e, ao se inteirar do desterro de Peleu, disfarçou-se de prisioneiro troiano e tomou um barco na direção de Iolco, onde lutou para matar os filhos de Acasto e conquistar a cidade. Mas Peleu, vítima da impaciência, havia alugado um barco rumo à Molóssia, o qual entretanto fora arrastado pelo mau tempo para a ilha de Icos, perto de Eubeia, onde Peleu morreu e foi enterrado, perdendo, assim, a imortalidade que Tétis lhe havia prometido.[20]

1. O mito de Éaco, Psâmate (“costa arenosa”) e Foco (“foca”) aparece no folclore de quase todos os países europeus. Geralmente, o herói vê um bando de focas nadando na direção de uma costa deserta sob a Lua cheia, desprendendo-se depois de suas peles para revelarem-se jovens mulheres. Ele se esconde atrás de uma rocha enquanto elas dançam desnudas na areia; em seguida, ele apanha uma das peles de foca, adquirindo assim poder sobre a sua dona, que engravida. No fim eles discutem, ela recupera a sua pele e vai embora nadando. A dança das cinquenta nereidas no casamento de Tétis e o seu retorno ao mar após o nascimento de Aquiles parecem ser fragmentos do mesmo mito, cuja origem parece ter sido uma dança ritual de cinquenta sacerdotisas-focas dedicada à Lua, o que constituía o preâmbulo à eleição do rei sagrado por parte da suma sacerdotisa. Neste caso, a cena ocorre em Egina, mas, a julgar pela história da

luta de Peleu perto do Cabo Sépias, na Magnésia se realizava um ritual parecido por parte de um colégio de sacerdotisas-sibas. A siba é um elemento de destaque nas obras de arte cretenses, inclusive no sistema de pesos e medidas da Tesouraria Real de Cnossos, assim como nos monumentos megalíticos de Carnac e em outros lugares da Bretanha. Ela tem oito tentáculos, tal como a anêmona sagrada de Pélion, que tem oito pétalas, sendo oito o número da fertilidade no Mediterrâneo. Peleu ("lamacento") talvez tenha chegado a ser o título do rei sagrado após haver sido ungido com siba, já que ele é descrito como sendo filho de Endeis, "a enredadora", sinônimo de siba.

2. A caçada festiva de Acasto, o subsequente banquete e a perda da espada mágica de Peleu parecem ter sido deduzidos equivocadamente de um ícone que mostrava os preâmbulos de uma cerimônia de coroação, entendendo-se por coroação o matrimônio com uma herdeira tribal. A cena incluía, ao que parece, o combate ritual entre o rei e homens vestidos de animais e a ação de arrancar uma espada real da fenda de uma rocha (que o mitógrafo interpretou equivocadamente como um monte de esterco de vaca), como nos mitos de Teseu (vide 95. *e*) e do rei Artur de Lyonesse. Mas a lança de freixo cortada por Quíron no monte Pélion é um símbolo de soberania anterior ao da espada.

3. As transformações de Tétis sugerem uma demonstração dos poderes sazonais da deusa apresentados numa sequência de danças (vide 9. *d* e 32. *b*). A murta atrás da qual Peleu a encontrou pela primeira vez era o emblema do último mês do reinado de seu predecessor (vide 52. *3* e 109. *4*) e, portanto, serviu como lugar de encontro deles quando o seu reinado terminou.

Este mito parece registrar um matrimônio de conveniência, ao qual assistiram representantes de 12 tribos confederadas ou clãs, entre um príncipe de Ftia e a sacerdotisa da Lua de Iolco, na Tessália.

4. É muito possível que o autor da antiga *Seege or Battayle of Troy* inglesa tenha se baseado numa fonte clássica perdida ao fazer de Peleu "meio homem, meio cavalo", ou seja, sugerindo que Peleu tenha sido adotado por um clã eácido do culto do cavalo. Tal adoção implicaria um festival com um banquete de cavalos sacrificados (vide 75. *3*), o que explica o presente de casamento de Balios e Xanto sem uma carruagem que fosse puxada. Os centauros da Magnésia e os tessálios de Iolco estavam aparentemente unidos por uma aliança exogâmica; daí a afirmação do escoliasta de Apolônio de Rodes, quando diz que a esposa de Peleu era, na verdade, filha de Quíron.

5. A vergonha de Peleu ao observar a maçã atirada por Éris evoca uma imagem da deusa-Lua em tríade, apresentando a maçã da imortalidade ao rei sagrado (vide 32. *4*, 53. *5* e 159. *3*). O assassinato de Acasto e a entrada de Peleu na cidade abrindo caminho em meio ao corpo esquartejado de Creteis podem ser

uma interpretação errônea de um ícone em que aparecia um novo rei prestes a cavalgar pelas ruas de sua capital após haver esquartejado o seu predecessor com um machado.

6. Os frequentes homicídios, acidentais ou planejados, que obrigavam os príncipes a abandonarem seus lares e serem purificados por reis estrangeiros, cujas filhas acabavam depois se casando com eles, são uma invenção de mitógrafos posteriores. Não há razões para se supor que Peleu tenha deixado Egina, ou Ftia, em desgraça. Na época em que o reinado era regulado pela linha materna de sucessão, os candidatos ao trono vinham sempre do estrangeiro, e o novo rei renascia na casa real após haver matado ritualmente o seu predecessor. Depois ele mudava de nome e de tribo, na esperança de, com isso, expulsar a alma desejosa de vingança do assassinado. Pela mesma razão, Télamon de Egina foi a Salamina, onde foi eleito o novo rei, tendo matado o anterior — que se transformou em herói oracular — e se casado com a suma sacerdotisa de um colégio consagrado à coruja. Em épocas mais civilizadas, quando grande parte do mesmo ritual era utilizado para purificar os assassinos comuns, estabeleceu-se que seria mais conveniente esquecer que o fato de ser rei implicava assassinar, e sugerir que Peleu, Télamon e todos os demais haviam sido envolvidos em crimes ou escândalos que não tinham nenhuma relação com sua ascensão ao trono. O escândalo costuma ser frequentemente uma falsa acusação de atentado à virtude de uma rainha (vide 75. *a* e 101. *e*). A conexão de Cicreu com os Mistérios Eleusinos e o matrimônio de Télamon com uma princesa ateniense tornou-se importante quando, no ano 620 a.C., Atenas e Mégara lutaram pela posse de Salamina. Os espartanos julgaram o caso, e os embaixadores atenienses basearam, acertadamente, a sua defesa na relação de Télamon com a Ática (Plutarco: *Sólon* 8 e 9).

7. A morte de Foco por causa do disco, como a de Acrísio (vide 72. *p*), parece ser uma interpretação equivocada de um ícone que representava o fim do reinado do rei-foca, sendo o disco voador um disco solar, pois o mito revela claramente que a arma do sacrifício era um machado. Vários heróis além de Aquiles morreram por causa de uma ferida no calcanhar, e não só na mitologia grega, mas também na egípcia, celta, lídia, hindu e nórdica (vide 90. *8* e 92. *10*).

8. A queima dos filhos de Tétis era uma prática comum: o sacrifício anual de meninos substitutos do rei sagrado (vide 24. *10* e 156. *2*). Ao término do oitavo ano, o próprio rei morria (vide 91. *4* e 109. *3*). Seu equivalente no *Mahabharata* hindu é o afogamento a que a deusa do Ganges submete os seus sete filhos tidos com o deus Krishna, que salva o último deles, Bhishma, para ser logo depois abandonado por sua esposa. A divisão que Áctor faz de seu reino em três partes tem um paralelismo com o mito de Preto (vide 72. *h*): o rei sagrado,

em vez de se deixar sacrificar ao término de seu reinado, conservava uma parte de seu reino e legava o restante aos seus sucessores. Os reis posteriores insistiram em manter a soberania vitalícia.

9. A morte de Peleu em Cos sugere que seu nome era um título real ali, assim como em Ftia, Iolco e Salamina. Ele se tornou rei dos mirmidões porque os ftianos adoravam a sua deusa como Mírmex (“formiga”; vide 66. *2*). O relato que dá Antoninus Liberalis sobre Tétis e o lobo parece ter sido retirado de uma ilustração que mostrava uma sacerdotisa de Afrodite Lupina (Pausânias: II. 31. 6) envergando uma máscara gorgônea enquanto sacrifica o gado.

NOTAS

[1] Apolodoro: III.12. 6; Píndaro: *Odes nemeeias* V. 13.

[2] Plutarco: *Vidas paralelas* 25; Pausânias: X. 1. 1 e II. 29. 7; Apolodoro: *loc. cit*.; *Os Alcmeônidas*, citado por escoliasta sobre *Andrômaca* de Eurípides: 687; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175; Diodoro Síc ulo: IV. 72.

[3] Apolodoro: III. 12. 7; Pausânias: II. 29. 7; Diodoro Síc ulo: *loc. cit.*

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; Hesíodo, citado por Estrabão: IX. 1. 9; Estêvão de Bizâncio *sub* Kychreios Pagos; Eustácio sobre a *Descrição da terra de Dionísio*: 507; Plutarco: *Sólon* 9; Licofrone: *Cassandra* 110; Pausânias: I. 36. 1.

[5] Apolodoro: *loc. cit*.

[6] *Ibid.*: III. 13. 1-2; Diodoro Síc ulo: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: II. 648.

[7] Píndaro: *Odes nemeeias* V. 26 *et seq.* e IV. 59; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: 54 e 59; Zenóbio: *Provérbios* V. 20; Apolodoro: *loc. cit*.

[8] Apolodoro: III. 13. 3; Hesíodo, citado por escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: 59.

[9] Apolônio de Rodes: IV. 790 *et seq.*; Píndaro: *Odes ístmicas* VIII. 41 *et seq.*

[10] Ovídio: *As metamorfoses* XI. 221 *et seq.*; Sófocles: *Troilus*, citado por escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: III. 35; Apolodoro: III. 13. 5; Píndaro: *Odes nemeeias* IV. 62; Pausânias: V. 18. 1.

[11] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175 e 178; escoliasta sobre Apolônio de Rodes I. 582; Heródoto: VII. 191; Filóstrato: *Heroica* XIX. 1.

[12] Eurípides: *Ifigênia em Áulis* 703 *et seq.* e 1.036 *et seq.*; Apolônio de Rodes: IV. 790; Catulo: XLIV. 305 *et seq.*

[13] Apolodoro: III. 13. 5; Homero: *Ilíada* XVI. 144; XVIII. 84 e XVI. 149; *Cypria*, citado por escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVI. 140.

[14] Higino: *Fábula* 92; Fulgêncio: III. 7.

[15] Apolônio de Rodes: I. 558; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 816.

[16] Antoninus Liberalis: *Transformações* 38; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175 e 901.

[17] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175; Homero: *Ilíada* XXIV. 536; Píndaro: *Odes nemeeias* III. 34; Apolodoro: III. 13. 7; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 224.

[18] Ptolomeu Hefestiono: IV, citado por Fócio: p. 487; Apolodoro: III. 13. 6; Licofrone: *Cassandra* 178 *et seq.*; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVI. 37.

[19] Homero: *Ilíada* XVIII. 434 e XVI. 149; Eurípides: *As troianas* 1.128, com escoliasta; *Andrômaca* 1.253 *et seq.*

[20] Dictys Cretensis: VI. 7-9; Estêvão de Bizâncio *sub* Icos; *Antologia palatina* VII. 2. 9 *et seq.*

82

ARISTEU

Hipseu, rei supremo dos lápitas, filho da náiade Creúsa e do deus fluvial Peneu, casou-se com a também náiade Clidánope, com quem teve uma filha, Cirene. A jovem levava vida selvagem e detestava fiar, tecer e se ocupar de qualquer tarefa doméstica, preferindo passar o dia e parte da noite caçando feras no monte Pélion, sempre com a desculpa de que os rebanhos do pai necessitavam de proteção. Apolo a viu uma vez em luta contra um poderoso leão e chamou o rei Quíron, o Centauro, para presenciar o combate — do qual Cirene, como de costume, saiu vitoriosa —, e perguntou-lhe qual era o nome dela e se acaso seria uma boa noiva para ele. Quíron riu. Ele sabia que Apolo não só não sabia o nome dela, como também que ele já havia decidido raptá-la ou no momento em que a viu guardando os rebanhos de Hipseu às margens do rio Peneu, ou quando lhe deu pessoalmente dois cães de caça como prêmio por haver ganhado a corrida nos jogos fúnebres de Pélias.[1]

b. Quíron profetizou também que Apolo levaria Cirene além-mar, para o jardim mais fértil de Zeus, e que a faria rainha de uma grande cidade, após haver reunido os habitantes de uma ilha em torno de uma colina que se elevava no meio de uma planície. Recebida por Líbia num palácio de ouro, ela conquistaria um reino tão propício para caçadores quanto para agricultores, e ali ela lhe daria um filho. Hermes faria as vezes de pajem e levaria o menino, chamado Aristeu, diante do trono das Horas e da Mãe Terra, e lhes suplicaria que o alimentassem com néctar e ambrosia. Quando Aristeu alcançasse a maioridade, ele obteria os títulos de “Zeus Imortal”, “Apolo Puro” e “Guardião dos Rebanhos”.[2]

c. No seu devido tempo, Apolo levou Cirene em sua carruagem de ouro ao lugar que agora é a cidade de Cirene. Afrodite estava ali, esperando, para lhes dar as boas-vindas, e os acomodou sem demora na câmara dourada de Líbia.

Naquela noite, Apolo prometeu a Cirene vida longa para ela desfrutar da paixão que sentia pela caça e para reinar num país fértil. Depois ele a deixou aos cuidados de certas ninfas-murtas, filhas de Hermes, nas colinas próximas dali, onde ela deu à luz Aristeu e, após a segunda visita de Apolo, deu à luz Ídmon, o vidente. Mas certa noite ela também amou Ares, dando-lhe o trácio Diomedes, dono das éguas devoradoras de homens.[3]

d. As ninfas-murtas puseram em Aristeu o apelido de "Agreu" e "Nômio", ensinaram-no a coalhar o leite para fazer queijo, a construir colmeias e a fazer com que o azambujeiro desse a oliveira cultivada. Tais artes ele transmitiu a outras pessoas, que, em agradecimento, renderam-lhe honras divinas. Da Líbia ele zarpou rumo à Beócia, tendo depois sido conduzido por Apolo à caverna de Quíron para que este o instruísse em determinados Mistérios.

e. Quando Aristeu chegou à idade viril, as musas o casaram com Autônoe, com quem ele teve o malfadado Actéon e Mácris, ama-seca de Dionísio. Elas também lhe ensinaram a arte da cura e da profecia e mandaram-no guardar seus rebanhos de ovelhas que pastavam na planície Atamantiana de Ftia, nas proximidades do monte Ótris e no vale do rio Apidano. Foi ali que Aristeu aperfeiçoou a arte da caça que lhe havia sido ensinada por Cirene.[4]

f. Um dia, ele consultou o oráculo de Delfos, que o aconselhou a visitar a ilha de Céos, onde lhe seriam rendidas grandes honras. Ele zarpou imediatamente, e ao chegar descobriu que o abrasador Sírio[a] havia lançado, para vingar Icário, uma praga entre os ilhéus, entre os quais os assassinos de Icário estavam escondidos. Aristeu convocou os habitantes da ilha, ergueu um grande altar nas montanhas e ofereceu sacrifícios a Zeus e, ao mesmo tempo, a Sírio, com a condenação à morte dos assassinos. Zeus se sentiu gratificado e ordenou aos Ventos Etésios que, no futuro, refrescassem toda a Grécia e suas ilhas adjacentes durante quarenta dias a partir do nascimento de Sírio. Assim, a praga cessou, e os habitantes de Ceos não só demonstraram sua gratidão a Aristeu como também continuam oferecendo sacrifícios a Sírio todos os anos antes de seu surgimento.[5]

g. Ele então visitou a Arcádia e, mais tarde, estabeleceu-se em Tempe. Mas ali morreram todas as suas abelhas, e, desgostoso, ele se dirigiu a um profundo tanque do rio Peneu, onde sabia que encontraria Cirene com suas irmãs náiades. A tia de Aristeu, Aretusa, ouviu uma voz suplicante na água, pôs a cabeça para fora, reconheceu o sobrinho e o convidou a descer até o maravilhoso palácio das náiades. Elas o lavaram com a água proveniente de um manancial perpétuo e, após celebrar um banquete sacrificial, Cirene o aconselhou: "Amarre o meu primo Proteu e obrigue-o a explicar por que as suas abelhas adoeceram."

h. Proteu estava fazendo a sua sesta diária numa caverna da ilha de Faros, ao abrigo do calor de Sírio. Após derrotá-lo, apesar de suas transformações, Aristeu ficou sabendo que a enfermidade de suas abelhas era seu castigo por haver causado a morte de Eurídice; e a verdade é que, quando ele a seduzira às margens do rio perto de Tempe, ela havia fugido dele e fora mordida por uma serpente.

i. Aristeu então voltou ao palácio das náiades, onde Cirene instruiu-o a erguer, no bosque, quatro altares às dríades, companheiras de Eurídice, e a sacrificar quatro touros jovens e quatro novilhas; disse-lhe que depois fizesse uma libação de sangue, deixando as reses mortas no lugar onde estavam, e que finalmente voltasse pela manhã, nove dias depois, levando papoulas do esquecimento, uma vitela gorda e uma ovelha negra para sacrificar à alma de Orfeu, que agora se havia unido a Eurídice no reino de Hades. Assim fez Aristeu, e, na nona manhã, um enxame de abelhas surgiu das reses mortas e pousou numa árvore. Ele capturou o enxame e o colocou numa colmeia, e os árcades honram-no agora como Zeus por lhes haver ensinado esse método de criar novos enxames de abelhas.[6]

j. Mais tarde, afligido pela morte de seu filho Actéon, que despertou nele o ódio pela Beócia, Aristeu zarpou com seus seguidores para a Líbia, onde pediu a Cirene uma frota para emigrar. Ela concordou com boa vontade, e logo Aristeu se viu novamente no mar, rumo ao noroeste. Encantado pela beleza selvagem da Sardenha, primeira terra que avistou, ele começou a cultivá-la. Teve ali dois filhos e, em pouco tempo, uniu-se a ele Dédalo; diz-se, porém, que ele não fundou ali nenhuma cidade.[7]

k. Aristeu visitou outras terras distantes e passou alguns anos na Sicília, onde recebeu honras divinas, especialmente por parte dos cultivadores de oliveiras. Finalmente, ele foi à Trácia e completou sua educação participando dos Mistérios de Dionísio. Após viver uma temporada nas proximidades do monte Hemo e fundar a cidade de Aristeia, ele desapareceu sem deixar vestígios e agora é venerado como deus tanto pelos bárbaros trácios quanto pelos civilizados gregos.[8]

1. De acordo com Justino (XIII. 7), Bato (“que tem a língua presa”) era apenas o apelido de Aristeu, cujas origens foram adornadas por Píndaro com vistas a bajular um descendente dele que, no ano de 691 a.C., liderou uma

colônia de Tera para a Líbia, onde fundou Cirene e foi o primeiro rei de uma longa dinastia. Os cireneus diziam que Aristeu, seu antecessor, era filho de Apolo, pois este era venerado em Terá; o porto da cidade de Cirene, por conseguinte, recebeu o nome de Apolônia. Já a figura mitológica Cirene, porém, existia desde muito antes da época de Bato. Sua associação com os centauros demonstra que ela era uma deusa do culto magnésio do cavalo exportado para Tera, pois o nome de Quíron também aparece nas primitivas inscrições teranas na rocha. O mito do nascimento de Ídmon como filho de Cirene e Ares se refere a essa deusa anterior.

2. A murta é, originalmente, um arbusto da morte (vide 109. *4*), e as ninfas-murtas, portanto, eram profetisas capazes de instruir o jovem Aristeu. Mas depois ela se tornou um símbolo de colonização, pois os emigrantes levavam ramos de murta para demonstrar que haviam posto fim a uma época.

3. Aristeu era um título do culto que se rendia a Zeus na Arcádia e em Céos; e em outras partes era um título de Apolo e de Hermes. Segundo Sérvio (sobre as *Geórgicas* de Virgílio I. 14), Hesíodo chamava Aristeu de "Apolo pastoril". Em Tanagra, na Beócia (Pausânias: IX. 22. 1), Hermes era conhecido como "guardados de carneiros", e o peixe era consagrado a ele em Fares, na Acaia (Pausânias: VII. 22. 2). Assim, uma pintura encontrada numa tumba de Cirene mostra "Aristeu" rodeado de ovelhas e peixes, carregando um carneiro. Suas andanças servem para explicar o título de Aristeu no seu culto na Sicília, Sardenha, Beócia, Tessália, Macedônia, Arcádia e em Céos. Sírio é o deus egípcio Tot, associado a Hermes, que os ceanos conheciam como Aristeu.

4. Virgílio não relatou fielmente a história da criação de abelhas a partir das carcaças das reses. É mais provável que o enxame tenha saído do leão que matou Cirene (ou que foi morto em sua honra). Este mito, assim como o das abelhas de Sansão que saíram dos espólios de um leão, parece ter sido deduzido a partir de um ícone primitivo que mostrava uma mulher desnuda lutando amorosamente com um leão enquanto uma abelha revoluteia por cima da carcaça de outro leão. A mulher desnuda é a deusa-leoa Cirene, ou a hitita Hepatu, ou a síria Anata, ou Hera, a deusa-leoa de Micenas, e seu companheiro é o rei sagrado, que deve morrer sob o signo do solstício de verão — Leão —, cujo emblema é uma faca no zodíaco egípcio. Como Teseu ou Hércules, ele enverga uma máscara e uma pele de leão, e é animado pelo espírito do leão morto, seu predecessor, que surge sob a forma de abelha (vide 90. *3*). Isso ocorre na primavera, quando as abelhas começam a formar o enxame, mas, depois, a deusa-abelha do solstício de verão o picará mortalmente e o castrará (vide 18. *3*). O leão que o próprio rei sagrado matou — como fizeram Hércules e seu amigo Fílio (vide 153. *e-f*) no Peloponeso; ou Cízico no monte Dindimo, no mar de Mármara (vide 149. *h*); ou

Sansão na Filisteia (*Juízes* XIV. 6); ou Davi em Belém (I *Samuel* XVII. 34) — era uma das feras que o desafiaram num combate ritual por ocasião de sua coroação.

5. O relato de Virgílio sobre a visita de Aristeu ao rio Peneu é um bom exemplo do uso irresponsável de um mito: Proteu, que vivia em Faros, longe do delta do Nilo, foi incluído em seu relato por puro capricho. Havia um famoso oráculo de Apolo em Tempe, que seu filho Aristeu naturalmente consultava. Aretusa, um riacho do Peloponeso, não tinha relação alguma com o rio Peneu; e a Aristeu são mostradas diversas câmaras do palácio das náiades onde se guarda a foz dos rios Tibre, Pó, Anio, Fasis e de outros rios separados entre si por grandes distâncias. Mitologicamente falando, isso constitui um absurdo.

6. As exportações de azeite para a Sicília deviam ser mais rentáveis para os cretenses do que as de enxertos de oliveira, mas, uma vez estabelecidas as colônias helênicas na costa meridional no fim da época micênica, estabeleceu-se também ali o cultivo da oliveira. O Aristeu que visitou a Sicília pode ser associado a Zeus Morius, encarregado de distribuir enxertos de oliveiras sagradas que surgiram a partir da oliveira plantada por Atena na Acrópole ateniense (vide 16. *c*). É possível que Aristeu tenha introduzido também a ciência da apicultura, que chegou a Atenas através da Creta minoica, onde os apicultores profissionais tinham como símbolo comercial uma abelha e uma luva, e utilizavam colmeias de terracota. A palavra grega para pão de abelha, *cerinthos*, é cretense; e certamente também são todas as palavras associadas a ele, tais como *cērion*, "favo de mel", *cerinos*, "de cera", e *ceraphis*, "traça da cera" — uma espécie de gafanhoto. Cer, de fato, cujo nome (também escrito *Car* ou *Q're*) vinha a significar normalmente "destino", "fado" ou "sorte" — multiplicado em *ceres*, "ódios, pragas ou males invisíveis" —, devia ser a deusa-abelha cretense, uma deusa da morte-em-vida. Assim, a deusa-esfinge de Tebas é chamada por Ésquilo (*Os sete contra Tebas* 777) de "a Cer arrebatadora de homens".

NOTAS

[a] Grande estrela da constelação do Cão Maior. (N.T.)

[1] Píndaro: *Odes píticas* IX. 5 *et seq.*; Apolônio de Rodes: II. 500 *et seq.*; Calímaco: *Hino a Ártemis* 206.

[2] Píndaro: *loc. cit*.

[3] Diodoro Sículo: IV. 81; Píndaro: *loc. cit*.; Apolônio de Rodes: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 14; Apolodoro: II. 5. 8.

[4] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 4. 4; Apolônio de Rodes: IV. 1.131 e II. 500 *et seq.*; Píndaro: *loc. cit*.

[5] Apolônio de Rodes: II. 500 *et seq.*; Diodoro Sículo: IV. 82; Higino: *Astronomia poética* II. 4.

[6] Virgílio: *Geórgicas* IV. 317-558; Píndaro, citado por Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: I. 14.

[7] Sérvio: *loc. cit*.

[8] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: X. 17. 3.

83

MIDAS

Midas, filho da grande deusa de Ida com um sátiro cujo nome não se recorda, era um hedonista rei de Brômio, na Macedônia, onde governava os brígios (também chamados mosquianos) e plantava os seus famosos jardins de rosas.[1] Em sua infância, observou-se uma procissão de formigas subindo pelo seu berço. Elas levavam grãos de trigo e os colocavam entre os seus lábios enquanto ele dormia — um prodígio que os adivinhos interpretaram como presságio das grandes riquezas que ele viria a acumular. Quando cresceu, Midas foi instruído por Orfeu.[2]

b. Um dia, o libertino e velho sátiro Sileno, antigo educador de Dionísio, desgarrou-se casualmente do corpo principal do dissoluto exército de Dionísio quando entrava na Beócia vindo da Trácia e foi encontrado dormindo, recuperando-se de sua bebedeira em meio aos jardins de rosas. Os jardineiros o amarraram com grinaldas de flores e o conduziram até Midas, a quem ele relatou maravilhosas histórias sobre um imenso continente situado do outro lado do oceano, totalmente separado da massa conjunta formada por Ásia, Europa e África e onde abundavam cidades magníficas, habitadas por criaturas gigantescas, felizes e longevas, que desfrutavam de um excelente sistema legal. Uma grande expedição — de pelo menos 10 milhões de pessoas — dispôs-se, no passado, a cruzar o oceano em barcos para visitar os hiperbóreos, mas, ao comprovar que aquela terra era o melhor que o velho mundo poderia oferecer, eles se retiraram, indignados. Entre outras maravilhas, Sileno mencionou um espantoso redemoinho que nenhum viajante poderia atravessar. Dois riachos fluem perto dele, e as árvores que crescem às margens do primeiro dão um fruto que basta provar para chorar, gemer e desmaiar. Mas os frutos que crescem às margens do outro riacho rejuvenescem até mesmo os anciãos. De fato, após

retornarem à sua maturidade, juventude, adolescência e infância, eles se transformam de novo em bebês e, finalmente, desaparecem! Midas, encantado com os relatos de Sileno, hospedou-o por cinco dias e cinco noites e depois ordenou que um guia o escoltasse até a residência de Dionísio.[3]

c. Dionísio, que estivera preocupado com a sorte de Sileno, mandou perguntar a Midas como ele desejava ser recompensado, ao que o rei, sem hesitar, respondeu: “Peço-lhe que converta em ouro tudo o que eu tocar.” Mas não só as flores, as pedras e os móveis de seu palácio se transformaram em ouro, como também, quando se sentou à mesa, o alimento que levava à boca. Midas logo suplicou que fosse libertado de seu desejo, pois estava morrendo de fome e sede. Dionísio, que se deleitava com a situação, disse-lhe que fosse à fonte onde nasce o rio Pactolo, perto do monte Tmolo, e que nela se lavasse. Minas obedeceu e, em seguida, libertou-se do feitiço, mas as areias do rio Pactolo continuam brilhando de ouro até os dias de hoje.[4]

d. Midas entrou na Ásia com o seu séquito de brígios e foi adotado pelo rei frígio Górdio, que não tinha filhos. Na época em que era um pobre camponês, Górdio surpreendeu-se um dia ao ver uma águia real pousar na vara de seu carro de bois. Posto que parecia disposta a permanecer ali o dia inteiro, ele se dirigiu com o seu carro até Telmisso, na Frígia, que agora é parte da Galátia, onde havia um oráculo de confiança. Mas, no portão da cidade, ele se encontrou com uma jovem profetisa, que, ao ver a águia ainda pousada no carro, insistiu que ele oferecesse imediatamente sacrifícios ao Zeus Rei.

— Deixe-me acompanhá-lo, camponês — disse ela —, para assegurar-me de que escolherá as vítimas adequadas.

— Por certo que sim — aceitou ele. — Você me parece uma jovem sábia e ponderada. Estaria disposta a casar comigo?

— Tão logo sejam feitos os sacrifícios — respondeu ela.

e. Nesse meio-tempo, o rei da Frígia havia morrido de repente, sem deixar sucessor, e um oráculo anunciou: “Frígios, o seu novo rei está a caminho com a futura esposa, num carro de bois!”

Quando o carro de bois entrou na praça do mercado de Telmisso, a águia logo atraiu a atenção popular, e Górdio foi aclamado rei. Em agradecimento, ele dedicou o carro a Zeus, juntamente com a junta de bois, que ele havia atrelado à vara de maneira muito peculiar. Então, um oráculo declarou que quem descobrisse como desatar o nó (o famoso *nó górdio*) se transformaria no dono e senhor de toda a Ásia. Por conseguinte, o carro e a junta de bois ficaram na Acrópole de Górdio, cidade que ele próprio havia fundado, e onde os sacerdotes de Zeus os guardaram cuidadosamente durante séculos, até que Alexandre da Macedônia, num gesto de petulância, cortou o nó com a sua espada.[5]

f. Quando Górdio morreu, Midas o sucedeu no trono, fomentando o culto a Dionísio e fundando a cidade de Ancira. Os brígios que haviam chegado junto com ele passaram a se chamar frígios desde então, e até hoje os reis da Frígia se chamam alternadamente Midas e Górdio, de tal forma que o primeiro Midas é agora equivocadamente considerado um filho de Górdio.[6]

g. Midas participou da famosa competição musical celebrada entre Apolo e Mársias, arbitrada pelo deus fluvial Tmolo. Tmolo concedeu o prêmio a Apolo, que castigou Midas, quando este discordou do veredicto, dotando-lhe de orelhas de asno. Durante muito tempo Midas conseguiu ocultá-las debaixo de um gorro frígio, mas o seu barbeiro, inteirado da deformidade, sentia-se incapaz de guardar o ignominioso segredo, embora Midas lhe houvesse ordenado que assim o fizesse sob pena de morte. Portanto, ele cavou um buraco às margens do rio e, certificando-se primeiro de que não havia ninguém por perto, segredou à terra: "O rei Midas tem orelhas de asno!" Depois ele tapou o buraco e foi embora, de consciência tranquila, até que da margem do rio brotou um junco que sussurrava o segredo a todos os que por ali passavam. Quando Midas soube que sua desgraça já pertencia ao conhecimento geral, ele condenou à morte o barbeiro e bebeu sangue de touro, morrendo miseravelmente.[7]

1. Midas foi corretamente identificado como Mita, rei dos mosquianos ("homens bezerros"), ou dos *mushki*, povo de origem pôntica que, em meados do segundo milênio a.C., ocupou a parte ocidental da Trácia, conhecida posteriormente como Macedônia. Eles cruzaram o Helesponto pelo ano de 1200 a.C., acabaram com o poderio dos hititas na Ásia Menor e tomaram Pteria, sua capital. O termo "mosquianos" refere-se talvez a um culto do bezerro-touro como espírito do ano sagrado. Os jardins de rosas de Midas e o relato de seu nascimento sugerem um culto orgiástico de Afrodite, a quem a rosa era consagrada. A história do toque que convertia tudo em ouro foi inventada para justificar as riquezas da dinastia Mita e a existência de ouro no rio Pactolo; e diz-se frequentemente que as orelhas de asno tinham como finalidade representar Midas como sátiro, com horríveis orelhas alargadas, num drama cômico ateniense.

2. Mas, como os asnos eram consagrados ao seu benfeitor Dionísio, que colocou um par deles entre as estrelas (Higino: *Astronomia poética* II. 23), é provável que o Midas original se orgulhasse de seu disfarce de asno. Um par de

orelhas de asno na ponta de um cetro de junco era o símbolo da realeza levado por todas as dinastias divinas egípcias como recordação da época em que o deus com orelhas de asno, Set (vide 35. *4*), governou seu panteão. O poder de Set havia diminuído gravemente, até ter sido temporariamente revivificado pelos reis hicsos no início do segundo milênio a.C. Mas como os hititas formavam parte da grande horda de conquistadores nórdicos liderados pelos hicsos, o Midas de orelhas de asno pode muito bem ter reclamado sua soberania sobre o Império Hitita em nome de Set. Nos tempos pré-dinásticos, Set havia regido a segunda metade do ano, e todos os anos ele matava o seu irmão Osíris, o espírito relativo à primeira metade, cujo emblema era um touro; eles eram, na verdade, os perpétuos gêmeos rivais que lutavam para obter os favores de sua irmã, a deusa-Lua Ísis.

3. É provável que o ícone do qual deriva a história do barbeiro de Midas representasse a morte do rei-asno. Seu cabelo de raios de sol, sede de seu poder real, é cortado muito curto, como o de Sansão (vide 91. *1*); sua cabeça decapitada encontra-se enterrada num buraco, a fim de proteger de invasões a cidade de Ancira. O junco é um símbolo ambivalente: como "árvore" do décimo segundo mês (vide 52. *3*), ele lhe dá um aviso oracular sobre a morte iminente, ao mesmo tempo que outorga dignidade real ao seu sucessor. Devido ao grande poder mágico do sangue de touro, somente as sacerdotisas da Mãe Terra podiam bebê-lo sem sofrer nenhum dano (vide 51. *4* e 155. *a*), e, por ser o sangue de Osíris, ele devia ser especialmente venenoso para um rei-asno.

4. O segredo do nó górdio parece ter tido caráter religioso, provavelmente o inefável nome de Dionísio, um monograma em forma de nó feito na correia de couro cru. Górdio era uma cidade estratégica para se entrar na Ásia (Ásia Menor), pois sua cidadela dominava a única rota comercial transitável entre Troia e Antióquia; e a sacerdotisa/sacerdote local certamente transmitia o segredo apenas ao rei da Frígia, assim como só se confiava ao sumo sacerdote o inefável nome de Jeová em Jerusalém. O corte brutal que Alexandre aplicou ao nó quando formava o seu exército em Górdio para iniciar a invasão da Ásia Menor pôs fim a um antigo desígnio religioso ao colocar o poder da espada acima do mistério religioso. Górdio (de *gruzein*, "grunhir" ou "rosnar") tinha esse nome talvez por causa do murmúrio que havia em seu santuário oracular.

5. A razão pela qual a história do continente atlântico deveria ser atribuída ao bêbado Sileno pode ser adivinhada através de três incidentes relatados por Plutarco (*Vida de Sólon* 25-29). O primeiro é que Sólon viajou muito pela Ásia Menor e pelo Egito; o segundo é que ele acreditava na fábula da Atlântida (vide 39. *b*) e a transformou num poema épico; o terceiro é que ele brigou com o

dramaturgo Téspis, que, em suas obras sobre Dionísio, punha na boca dos sátiros frases ridículas, ao que parece, cheias de alusões tópicas. Sólon perguntou:

— Você não se alarma, Téspis, ao contar tantas mentiras a uma audiência tão grande?

Ao que Téspis lhe respondeu:

— O que importa isso quando a peça inteira é uma piada?

Sólon golpeou o chão violentamente com o seu cajado.

— Fomente esse tipo de piadas em nosso teatro, e logo essa gente se infiltrará também em nossos contratos e tratados!

Eliano, que cita Teopompo como autoridade na matéria, parece haver tido acesso em segunda ou terceira mão a uma comédia de Téspis, ou de seu discípulo Pratinas, em que ridicularizava Sólon pelas suas mentiras utópicas contadas no poema épico, apresentando-o como Sileno, vagando descalço pelo Egito e pela Ásia Menor (vide 27. *b*). Sileno e Sólon não são nomes distintos, e, assim como Sileno fora o tutor de Dionísio, Sólon foi o de Pisístrato, que, talvez por ele aconselhado, fundou os ritos dionisíacos em Atenas (vide 27. *5*).

6. É possível que, durante as suas viagens, Sólon tenha recolhido restos da tradição atlântica, que ele incorporou ao seu poema épico e que se prestavam à paródia teatral, tais como a lenda gaélica de uma Terra da Juventude além do Oceano, para onde Niamh do Cabelo Dourado levou Oisin, e de onde regressou séculos mais tarde para visitar a Irlanda. Vale lembrar que Oisin tinha aversão à degeneração de seu próprio povo se comparado ao de Niamh e que ele se arrependeu amargamente de ter voltado. O redemoinho impenetrável é famoso; segundo os antigos físicos, encontrava-se no lugar onde o Oceano transborda do extremo do mundo e se derrama no nada. Parece também que Sólon ouviu os geógrafos discutindo sobre a possível existência de um continente atlântico: Eratóstenes, Mela, Cícero e Estrabão especularam sobre ele, e Sêneca predisse o seu descobrimento no segundo ato de *Medeia*, uma passagem que, segundo se conta, causou um efeito profundo sobre o jovem Colombo.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 274; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* VI. 27; Heródoto: I. 14 e VIII. 138.

[2] Cícero: *Sobre a adivinhação* I. 36; Valério Máximo: I. 6. 3; Ovídio: *As metamorfoses* XI. 92-93.

[3] Eliano: *Varia Historia* III. 18.

[4] Plutarco: *Minos* 5; Ovídio: *As metamorfoses* XI. 90 *et seq.*; Higino: *Fábula* 191; Virgílio: *Églogas* VI. 13 *et seq.*

[5] Arriano: *Anábasis de Alexandre* II. 3.

[6] Justin: XI. 7; Pausânias: I. 4. 5; Eliano: *Varia Historia* IV. 17.

[7] Ovídio: *As metamorfoses* XI. 146 *et seq.*; Pérsio: *Sátiras* I. 121; Estrabão: I. 3. 21.

84

CLÉOBIS E BÍTON

Cléobis e Bíton, dois jovens argivos, eram filhos da sacerdotisa de Hera em Argos. Ao chegar o momento em que ela deveria executar o ritual da deusa, e os bois brancos que deveriam puxar o carro sagrado não tendo chegado ainda do pasto, Cléobis e Bíton se atrelaram ao carro e o arrastaram até o santuário, situado a quase oito quilômetros de distância. Satisfeita com a devoção filial, a sacerdotisa suplicou à deusa que lhes concedesse o melhor dom que se podia dar a um mortal; assim, ao terminar de oficiar o ritual, os jovens dormiram no templo e nunca mais despertaram.[1]

b. Um dom similar foi outorgado a Agamedes e Trofônio, filhos de Ergino. Esses gêmeos haviam construído um umbral de pedra sobre as fundações colocadas pelo próprio Apolo em seu templo de Delfos. Seu oráculo lhes disse: "Vivam felizes e gozem de todos os prazeres durante seis dias, e, no sétimo, o que o seu coração desejar lhes será concedido." No sétimo dia, ambos foram encontrados mortos em seus leitos; por isso se diz: "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."[2]

c. Trofônio foi recompensado depois com um oráculo próprio em Lebadeia, na Beócia.[3]

1. O mito de Cléobis e Bíton aparentemente se refere aos sacrifícios humanos oferecidos quando um novo templo era dedicado à deusa-Lua: em Argos, escolhiam-se gêmeos como sucessores dos correis, e eles eram atrelados

ao carro da Lua em lugar de touros brancos, que eram o sacrifício habitual. Eles eram enterrados debaixo do umbral do templo para afugentar influências hostis (vide 169. *h*). Talvez por essa razão os gêmeos Castor e Pólux (vide 62. *c*) eram chamados às vezes de Ebálidas, que pode significar mais "filhos do umbral do templo" do que "os da pele de ovelha malhada". Evidentemente, os sacerdotes de Apolo adotaram essa prática em Delfos, embora negassem um lugar no templo para a deusa-Lua, a quem deveriam ser feitos os sacrifícios.

2. O sétimo dia, que era consagrado ao titã Cronos (e ao Jeová croniano em Jerusalém), cumpria a função planetária do "repouso". Mas "repouso" significava morrer em homenagem à deusa; daí o oráculo-herói concedido a Trofônio (vide 51. *1*).

NOTAS

[1] Heródoto: I. 31; Pausânias: II. 20. 2.

[2] Píndaro, citado por Plutarco: *Consolação de Apolônio* 14; *Hino homérico a Apolo* 294-299; Menandro: *Fragmentos da comédia grega* IV. 105, ed. Meinecke.

[3] Heródoto: I. 46; Eurípides: *Íon* 300.

NARCISO,
escultura de Jean-Pierre Cortot em mármore
Angers, França

85

NARCISO

Narciso era téspio, filho da ninfa azul Liríope, que fora violada pelo deus fluvial Cefiso, após ter sido envolvida nos redemoinhos de suas correntes. O adivinho Tirésias disse a Liríope, a primeira pessoa que o consultou: “Narciso viverá até uma idade avançada, desde que jamais conheça a si mesmo.” Qualquer um poderia, com justa razão, ter-se enamorado de Narciso, mesmo quando ele era ainda uma criança. Aos 16 anos, seu caminho estava repleto de apaixonados de ambos os sexos, friamente rejeitados, tal era o obstinado orgulho que ele sentia de sua própria beleza.

b. Entre os que não tiveram correspondida sua paixão estava a ninfa Eco, que já não podia fazer uso de sua voz exceto para repetir tolamente os gritos dos outros, um castigo por ter entretido Hera com longas histórias enquanto as concubinas de Zeus, as ninfas da montanha, escapavam de seu olhar ciumento. Um dia, quando Narciso saiu para caçar cervos, Eco o seguiu furtivamente por um bosque sem sendas, desejando falar-lhe, mas a maldição de Hera só lhe permitia repetir palavras alheias. Finalmente, Narciso, vendo que havia se distanciado de seus companheiros, gritou:

— Há alguém aqui?

— Aqui! — repetiu Eco, surpreendendo Narciso, pois não havia ninguém à vista.

— Venha! — gritou Narciso, olhando em volta.

— Venha! — tornou a repetir a ninfa.

— Por que foge de mim? — perguntou Narciso.

— Foge de mim?

— Juntemo-nos aqui! — sugeriu o belo jovem.

— Juntemo-nos aqui! — repetiu Eco, e correu alegremente para abraçar Narciso. Mas ele a apartou bruscamente e se distanciou.

— Prefiro morrer a desejar que fique comigo — gritou ele.

— Fique comigo! — suplicou Eco.

Mas Narciso foi-se embora, e ela passou o resto da vida em vales estreitos, profundos e solitários, consumindo-se de amor e mortificada, até que dela nada mais restasse além da voz.[1]

c. Um dia, Narciso mandou uma espada a Ameinias, o seu mais tenaz pretendente, cujo nome foi atribuído a um rio, tributário do Helisson, que desemboca no Alfeu. Ameinias se matou com ela no umbral de Narciso, implorando aos deuses que vingassem a sua morte.

d. Ártemis escutou a súplica e fez com que Narciso se apaixonasse, negando-lhe, entretanto, a consumação de seu amor. Em Donacon, na Téspia, ele chegou até um riacho claro como a prata e nunca perturbado por gado, pássaros ou feras; nem sequer pelos ramos inclinados das árvores que o sombreavam. Ao inclinar-se, exausto, sobre a margem verdejante para saciar a sua sede, ele se apaixonou pelo próprio reflexo. No início, Narciso tentou abraçar e beijar o belo jovem que via diante de si, mas, aos poucos, deu-se conta de que era ele mesmo, e permaneceu horas a fio extasiado, contemplando a própria imagem. Como poderia ele suportar o fato de possuir e não possuir ao mesmo tempo? A dor o consumia, mas ele se regozijava em seu tormento, sabendo pelo menos que o seu outro eu lhe seria sempre fiel, não importa o que acontecesse.

e. Embora Eco jamais tenha perdoado Narciso, ela se compadeceu dele e repetiu compassivamente “Ai! Ai!” enquanto ele cravava uma adaga no peito e também, finalmente, “Ah, jovem amado em vão, adeus!”, quando ele expirou. Seu sangue encharcou a terra, e ali nasceu o narciso branco, com sua corola vermelha, do qual se extrai um bálsamo curativo em Queroneia, indicado para afecções dos ouvidos (embora costume dar dor de cabeça) e como vulnerário, bem como para curar ulceração produzida pelo frio.[2]

1. O “narciso” utilizado na antiga coroa de Deméter e Perséfone (Sófocles: *Édipo em Colonus* 682-684), chamado também de *leirion*, era uma íris ou flor-de-lis azul de três pétalas, que era consagrada à deusa tripla e envergada como uma grinalda para aplacar as Três Solenes (vide 115. *c*), ou Erínias. Ela floresce no fim do outono, pouco antes do narciso-dos-poetas, o que talvez seja o motivo

pelo qual Liríope tenha sido descrita como mãe de Narciso. Esse fantasioso conto moral — que curiosamente explica as propriedades medicinais do óleo de narciso, um *narc*ótico muito conhecido, como sugerem as primeiras letras do nome Narciso — pode ter sido deduzido a partir de um ícone que mostrava o desesperado Alcmeão (vide 107. *e*) ou Orestes (vide 114. *a*) jazendo coroado de lírios junto a um tanque, no qual tentara debalde se purificar após assassinar sua mãe, pois as Erínias haviam se recusado a serem aplacadas. Nesse ícone, Eco representaria o fantasma zombeteiro de sua mãe, e Ameinias, o seu pai assassinado.

2. Mas *-issus*, assim como *-inthus*, é uma terminação cretense, e, portanto, Narciso e Jacinto parecem ter sido os nomes do herói cretense da floração primaveril, cuja morte a deusa chora no anel de ouro da Acrópole de Micenas; em outras partes, ele recebe o nome de Anteu (vide 159. *4*), um sobrenome de Dionísio. Ademais, o lírio era o emblema real do rei de Cnossos. Num relevo pintado encontrado nas ruínas do palácio, o rei passeia, com o cetro na mão, por uma pradaria de lírios, envergando uma coroa e um colar de flor-de-lis.

NOTAS

[1] Ovídio: *As metamorfoses* III. 341-401.

[2] Pausânias: VIII. 29. 4 e IX. 31. 6; Ovídio: *As metamorfoses* 402-510; Conon: *Narrações* 24; Plínio: *História natural* XXI. 75.

86

FÍLIDA E CÁRIA

Fílida (ou Fílis), princesa da Trácia, estava apaixonada por Acamante, filho de Teseu, que fora lutar em Troia. Quando Troia caiu e a frota ateniense regressou, Fílida ia frequentemente à beira do mar, esperando avistar o barco de seu amado, que tardava a chegar por causa de um furo no casco, tendo ela morrido de aflição, após sua nona espera infrutífera, num lugar chamado Eneodos. Atena a metamorfoseou num amendoeiro, e, quando Acamante chegou no dia seguinte, ele pôde apenas abraçar a sua áspera casca. Em resposta às suas carícias, os ramos deram flores em vez de folhas, o que desde então tem sido uma peculiaridade dessa planta. A cada ano os atenienses dançam em homenagem a Fílida e Acamante.[1]

b. Cária, filha de um rei da Lacônia, era amada por Dionísio, mas morreu repentinamente em Cárias, e ele a metamorfoseou numa nogueira. Ártemis levou a notícia aos lacônios, que imediatamente construíram um templo a Ártemis Cariátis, da qual tomaram seu nome as cariátides — estátuas femininas que servem de colunas. Também em Cárias as mulheres lacônias dançam a cada ano em homenagem à deusa, havendo sido instruídas pelos Dióscuros.[2]

1. Estes dois mitos servem para explicar o uso da amêndoa ou da noz nos festejos em homenagem a Car, ou Cária (vide 57. *2*), conhecida também como Métis (vide 1. *d* e 9. *d*), a titânia da sabedoria. Eles foram aparentemente deduzidos a partir de um ícone em que aparece um jovem poeta adorando uma

nogueira na presença da deusa enquanto nove moças executam uma dança em círculos. Eneodos, que surge também na lenda da trácia Fílida, que enlouqueceu Demofonte (vide 169. *i*), significa “nove viagens”. Os bardos irlandeses relacionavam o número nove às nozes, que estavam associadas à inspiração poética, e, no seu alfabeto de árvores (vide 52. *3*), a letra *coll* (“C”), que significa “avelã”, expressava também o número nove. Segundo o *Dinnschenchas* irlandês, a fonte de inspiração do rio Boyne se encontrava à sombra das nove aveleiras da arte poética, e nela habitavam peixes pintados que cantavam. Uma outra localidade também chamada Cárias (“nogueiras”), na Arcádia, encontrava-se junto a um riacho que, assim como nos conta Pausânias, continha o mesmo tipo peculiar de peixe (Pausânias: VII. 14. 1-3 e 21. 1; Ateneu: VIII, p. 331).

2. A deusa Car, que deu seu nome a Cária, converteu-se na deusa divinatória italiana Carmenta, “Car, a Sábia” (vide 52. *5*, 82. *6*, 95. *5* e 132. *o*), e as cariátides são suas ninfas-nozes, tal como as melíades são ninfas-freixo; as Mélides são ninfas-maçã; e as dríades, ninfas-carvalho. Plínio respeitou a tradição segundo a qual Car teria inventado a arte da adivinhação (*História natural* VIII. 57). Fílida (“frondosa”) pode ser uma humilde versão grega da grande deusa Belili palestina e mesopotâmica. No mito de Demofonte, ela é associada a Reia (vide 169. *j*).

NOTAS

[1] Luciano: *Sobre a dança* 40; Higino: *Fábula* 59; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio V. 10; Primeiro Mitógrafo do Vaticano 159.

[2] Pausânias: III. 10. 8 e IV. 16. 5; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio: VIII. 29.

87

ÁRION

Árion de Lesbos, filho de Poseidon e da ninfa Oneia, era um mestre da lira e inventou o ditirambo em homenagem a Dionísio. Um dia, seu patrão, Periandro, déspota de Corinto, deu-lhe permissão, a contragosto, para visitar Tênaro, na Sicília, onde havia sido convidado para participar de um festival de música. Árion ganhou o prêmio, e seus admiradores lhe deram tantos presentes valiosos que acabaram despertando a cobiça dos marinheiros que o levariam de volta a Corinto.

— Lamentamos muito, Árion, mas você terá de morrer — disse o capitão.

— De que crime me acusa? — perguntou Árion.

— Você é rico demais — respondeu o capitão.

— Poupe minha vida, e darei a você todos os meus prêmios — suplicou Árion.

— Você quebrará essa promessa assim que chegar a Corinto — disse o capitão —, e eu faria o mesmo se estivesse no seu lugar. Uma dádiva forçada não é uma dádiva.

— Muito bem — murmurou Árion, resignado. — Mas, antes, permita-me cantar uma última canção.

Quando o capitão deu-lhe permissão, Árion, vestido em sua melhor túnica, subiu à proa e invocou os deuses com melodias plangentes e depois atirou-se ao mar. O barco continuou seu caminho.

b. Entretanto, sua lira havia atraído um cardume de golfinhos encantados pela música, um dos quais carregou Árion no dorso. Na mesma noite, ele se adiantou ao barco e chegou ao porto de Corinto dias antes de a embarcação atracar. Periandro ficou felicíssimo por sua milagrosa fuga, e o golfinho, triste

por ter de se separar de Árion, insistiu em acompanhá-lo até o palácio, onde logo sucumbiu a uma vida de luxos. Árion preparou-lhe um esplêndido funeral.

Quando o barco atracou no porto, Periandro mandou buscar o capitão e os demais tripulantes e, simulando aflição, perguntou-lhes se tinham notícias de Árion.

— Demorou-se em Tênaro — respondeu o capitão —, por causa da generosa hospitalidade de seus habitantes.

Periandro fez todos jurarem, perante a tumba do golfinho, que essa era a verdade e, então, colocou-os cara a cara com Árion. Incapazes de negar sua culpa, eles foram supliciados ali mesmo. Apolo colocou depois as imagens de Árion e de sua lira entre as estrelas.[1]

c. Árion não foi o único homem cuja vida foi salva por um golfinho. Um outro golfinho salvou Énalo quando ele saltou de uma embarcação para se unir à sua amada Fineis, que, segundo um oráculo, havia sido sorteada para se atirar ao mar e apaziguar Anfitrite — quando os filhos de Pentilo lideravam uma expedição a Lesbos para colonizar a ilha pela primeira vez —, e a companheira do golfinho salvou Fineis. Outro golfinho evitou que Falanto se afogasse no mar críseo em sua viagem à Itália. Assim como Icádio, o irmão cretense de Iápix, ele foi guiado por um golfinho até Delfos e deu o nome do animal ao lugar, já que o golfinho era Apolo disfarçado.[2]

1. Tanto Árion como Periandro são personagens históricos do século VII a.C. Ainda se conserva um fragmento do *Hino a Poseidon* escrito por Árion. É possível que a história se baseie em parte na tradição segundo a qual as canções de Árion atraíram um grupo de golfinhos, conseguindo, assim, dissuadir alguns marinheiros que tencionavam matá-lo para apoderarem-se de seu dinheiro — os golfinhos e as focas são especialmente sensíveis à música —, e em parte numa interpretação equivocada de uma estátua que mostrava o deus Palêmon, com uma lira na mão, chegando a Corinto no lombo de um golfinho (vide 70. *5*). O colorido mítico é acrescentado à história ao se fazer de Árion um filho de Poseidon, assim como o seu homônimo, o cavalo selvagem Árion (vide 16. *f*), e ao dar seu nome à constelação da Lira. Pausânias, escritor judicioso que se atinha à verdade, duvida da versão comum de Heródoto sobre Árion, mas diz que, em Porosselene, ele viu com os próprios olhos um golfinho que, após ser maltratado por alguns pescadores, teve suas feridas tratadas por um menino, e

também como esse golfinho respondia ao chamado desse menino que, em agradecimento, permitia que ele montasse em seu lombo (III. 25. 5). Isso sugere que a chegada ritual do Menino do Ano-novo era representada sob forma de drama em Corinto com a ajuda de um golfinho domesticado, treinado pelos sacerdotes do Sol.

2. O mito de Énalo e Fineis foi provavelmente deduzido a partir de um ícone que mostrava Anfitrite e Tritão montados em golfinhos. Plutarco também associa Énalo a um culto do polvo, e seu nome evoca o Édipo do Menino do Ano-novo coríntio (vide 105. *1*), cujo equivalente estaria em Mitilene, tal como era Falanto na Itália. Taranto, filho de Poseidon com Satíria ("dos sátiros"), filha de Minos, era o Menino do Ano-novo, montado num golfinho, de Tarento, cidade que ele teria fundado e onde ele tem um santuário de herói (Pausânias: X. 10. 4 e 13. 5; Estrabão: VI. 3. 2). Falanto, o fundador da Tarento dória no ano de 708 a.C., adotou o culto do golfinho dos sicélidas cretanizados que ali encontrara.

3. O nome de Icádio, que significa "vigésimo", está relacionado talvez com a data do mês em que se celebrava o seu advento.

NOTAS

[1] Heródoto: I. 24; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro XIII. 25; Higino: *Fábula* 194; Pausânias: III. 25.

[2] Plutarco: *Banquete dos sete sábios* 20; Pausânias: X. 13. 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 332.

88

MINOS E SEUS IRMÃOS

Quando Zeus abandonou Europa, após ter gerado nela Minos, Radamanto e Sarpédon em Creta, ela se casou com o rei Astério, cujo pai, Tectamo, filho de Doro, havia levado uma colônia mista de eólios e pelasgos à ilha, tendo ali se casado com uma filha de Creteu, o Eólio. [1]

b. Esse casamento não gerou filhos, e Astério adotou Minos, Radamanto e Sarpédon, nomeando-os seus herdeiros. Mas, quando os irmãos atingiram a maturidade, brigaram pelo amor de um belo jovem chamado Mileto, filho de Apolo e da ninfa Aria, também chamada Deione por uns e Teia por outros.[2] Havendo decidido Mileto que o seu preferido era Sarpédon, Minos o expulsou de Creta, e depois zarpou com uma enorme frota rumo a Cária, na Ásia Menor, onde fundou a cidade e o reino de Mileto. Por duas gerações anteriores, essa região, chamada naquele tempo de Anactória, havia sido governada pelo gigante Anacte, filho de Urano com a Mãe Terra, e pelo seu igualmente gigantesco filho Astério. O esqueleto de Astério, que Mileto matou e enterrou depois numa ilhota diante de Lade, foi mais tarde desenterrado e media pelo menos cinco metros de altura. Entretanto, há quem diga que Minos suspeitava que Mileto conspirava contra ele para arrebatar-lhe o trono e apoderar-se do seu reino, mas que tinha medo de Apolo, motivo pelo qual não se atreveu a fazer mais do que advertir Mileto, que fugiu para Cária por decisão própria.[3] Outros dizem que o estopim da briga não teria sido Mileto, e sim Atimno, filho de Zeus e Cassiopeia, ou de Fênix.[4]

c. Depois da morte de Astério, Minos reclamou o trono de Creta e, para demonstrar o seu direito ao reino, gabou-se do fato de que os deuses responderiam a qualquer súplica que ele lhes fizesse. Dedicando primeiro um altar a Poseidon e fazendo todos os preparativos, ele pediu então que surgisse um

touro do mar. No mesmo instante, saiu nadando até a margem um touro níveo, mas Minos ficou tão desconcertado com a sua beleza que o incorporou ao seu gado e sacrificou um outro em seu lugar. O direito de Minos ao trono foi aceito por todos os cretenses à exceção de Sarpédon, que, ainda afligido pela partida de Mileto, declarou que a intenção de Astério havia sido a de fazer uma divisão equânime do reino entre seus três herdeiros, e, na verdade, Minos havia dividido a ilha em três partes e escolhido para cada uma delas uma capital.[5]

d. Expulso de Creta por Minos, Sarpédon fugiu para a Cilícia, na Ásia Menor. Lá ele se aliou a Cílix contra os mileus, a quem derrotou, tornando-se rei deles. Zeus outorgou-lhe o privilégio de viver durante três gerações, e, quando ele finalmente morreu, o reino mileu chamou-se Lícia em homenagem a seu sucessor, Lico, que havia se refugiado ali ao ser desterrado de Atenas por Egeu.[6]

e. Nesse meio-tempo, Minos havia se casado com Pasífae, filha de Hélio com a ninfa Crete, conhecida também como Perseis. Mas Poseidon, para vingar-se da afronta que lhe havia feito Minos, fez com que Pasífae se apaixonasse pelo touro branco que ele não quisera sacrificar. Ela confessou essa paixão inatural a Dédalo, o famoso artesão ateniense, que vivia agora eLivros em Cnossos deleitando Minos e sua família com as bonecas animadas de madeira que havia talhado para eles. Dédalo prometeu ajudá-la e construiu uma vaca oca de madeira, a qual ele cobriu com couro bovino, pôs umas rodas ocultas nos cascos e a empurrou até o prado perto de Gortina, onde o touro de Poseidon pastava, debaixo dos carvalhos, entre as vacas de Minos. Após mostrar a Pasífae como abrir as portas sanfonadas situadas na parte traseira da vaca, ele se retirou discretamente. O touro branco não tardou em aproximar-se e cobri-la, de forma que Pasífae pôde satisfazer seu desejo e, mais tarde, deu à luz o Minotauro, monstro com cabeça de touro e corpo humano.[7]

f. Dizem, porém, que Minos sacrificava anualmente a Poseidon seu melhor touro e que, determinado ano, sonegou-lhe o presente, sacrificando um outro de categoria um pouco inferior, fato que despertou a ira de Poseidon. Outros dizem que foi Zeus quem se ofendeu, e há quem afirme ter sido Pasífae quem deixara de fazer as oferendas a Afrodite durante vários anos, e que a deusa a castigara com essa luxúria monstruosa. Depois, o touro se tornou selvagem e arrasou Creta inteira, até que Hércules o capturou e o levou à Grécia, onde finalmente foi abatido por Teseu.[8]

g. Minos consultou um oráculo para saber qual era a melhor maneira de evitar o escândalo e ocultar a desgraça de Pasífae. A resposta foi: “Dê instruções a Dédalo para que lhe construa um retiro em Cnossos!” Dédalo assim o fez, e Minos passou o resto da vida no intrincado recinto chamado Labirinto, em cujo centro ele escondeu Pasífae e o Minotauro.[9]

h. Radamanto, mais sábio que Sarpédon, permaneceu em Creta, viveu em paz com Minos e foi recompensado com uma terça parte dos domínios de Astério. Famoso por ser um legislador justo e probo, inexorável punidor dos malfeitores, ditava leis tanto para os cretenses como para os ilhéus da Ásia Menor, muitos dos quais adotaram voluntariamente seu código jurídico. A cada nove anos ele visitava a caverna de Zeus, trazendo de volta um novo conjunto de leis, costume mantido depois pelo seu irmão Minos.[10] Outra versão diz que Radamanto não era irmão de Minos e que era filho de Hefesto; e outra nega que Minos tenha sido filho de Zeus, atribuindo a sua paternidade a Licasto e à ninfa do monte Ida. Ele legou umas terras em Creta ao seu filho Górtis, que deu nome à cidade cretense de Gortina, embora os tegeeus insistam no fato de que Górtis era árcade, filho de Tegeate.[11] Radamanto também legou seus territórios da Ásia Menor ao seu filho Éritro; a ilha de Quios ele legou a Enopião, filho de Ariadne, o primeiro a quem Dionísio havia ensinado a produzir vinho; Lemnos foi legada a Toante, outro filho de Ariadne; Cournos, a Eniues; Pepareto, a Estáfilo; Maroneia, a Evantes; Paros, a Alceu; Delos, a Ânio; e Andros, a Andro.[12]

i. Por fim, Radamanto fugiu para a Beócia porque havia matado um parente e viveu ali eLivros em Ocalea, onde se casou com Alcmena, mãe de Hércules, após a morte de Anfitrião. O seu túmulo e o de Alcmena estão expostos em Haliarto, perto de uma plantação de resistentes juncos oriundos de Creta, com os quais são feitas lanças e flautas. Mas há quem diga que Alcmena, depois de morrer, tenha se casado com Radamanto nos Campos Elísios,[13] pois Zeus havia nomeado Radamanto um dos três Juízes da Morte; os outros dois eram Minos e Éaco. Radamanto residia nos Campos Elísios.[14]

1. A classificação feita por *Sir* Arthur Evans dos sucessivos períodos da cultura cretense pré-clássica como Minoico I, II e III sugere que o regente de Creta já era chamado de Minos no início do terceiro milênio a.C., mas isso é enganoso. Minos parece ter sido o título real de uma dinastia helênica que governava Creta no início do segundo milênio, cujos reis se casavam ritualmente com a sacerdotisa da Lua de Cnossos, tomando dela o título de “criatura lunar”. Anacronicamente, Minos é feito sucessor de Astério, neto de Doro, considerando que os dórios não invadiram Creta até o fim do segundo milênio. O mais provável é que os eólios e pelasgos (incluindo talvez os “jônios da Ática”), trazidos ali por Tectamo (“artesão”) — título que o identifica com Dédalo e

Hefesto, suposto pai de Radamanto —, tenham sido os companheiros originais de Minos, e que Astério (“estrelado”) seja uma masculinização de Astéria, a deusa como Rainha do Céu e criadora das potências planetárias (vide 1. *d*). *Crete* é uma palavra grega, uma forma de *crateia*, “deusa forte ou dominante”, daí originando-se Creteu e Cretheu. As recentes investigações de M. Ventris e J. Chadwick sobre a até agora indecifrada Escritura Linear B, da qual foram encontradas amostras em Pilos, Tebas e Micenas, assim como entre as ruínas do palácio de Cnossos saqueado no ano de 1400 a.C., demonstram que a língua oficial de Cnossos em meados do segundo milênio era uma forma arcaica do grego eólico. A escritura parece ter sido originalmente inventada para ser utilizada como uma língua não ariana e adaptada ao grego com certa dificuldade. (Ainda não se determinou se as inscrições na Escritura Linear A foram escritas em grego ou em cretense.) Uma grande quantidade de nomes da mitologia grega aparece em tabuletas tanto cretenses como continentais, entre os quais: Aquiles, Idomeneu, Teseu, Creteu, Nestor, Efialtes, Xuto, Ájax, Glauco e Éolo, o que indica que muitos desses mitos remontam a uma época anterior à queda de Troia.

2. Posto que Mileto é um nome masculino, o conhecido mito dos irmãos que brigam pelos favores de uma mulher recebeu um traço homossexual. A verdade parece ser que, durante o período de desordem que se seguiu ao saque acaico de Cnossos em torno de 1400 a.C., muitos aristocratas cretenses de fala grega e de origem eolo-pelasga ou jônica, para quem a deusa-Lua era a divindade suprema, emigraram com seus súditos nativos para a Ásia Menor, especialmente para Cária, Lídia e Lícia; e, sem levar em consideração a tradição da dinastia de Sarpédon em Lícia, Heródoto diz que os lícios de seu tempo ainda reconheciam a descendência por linha materna (Heródoto: I. 173; Estrabão: XII. 8. 5), como os cários (vide 75. *5*). *Miletos* pode ser uma palavra nativa cretense ou uma transliteração de *milteios*, “a cor do ocre vermelho, ou zarcão” e, portanto, um sinônimo de Éritro, ou Fênix, que significam “vermelho”. A pele cretense era mais avermelhada que a helênica, e os lícios e cários eram um pouco misturados com sangue cretense, assim como os *puresati* (filisteus), cujo nome também significa “homens vermelhos” (vide 38. *3*).

3. Os governantes gigantes de Anactória fazem lembrar os anaceus do *Gênesis*, gigantes (*Josué* XIV. 13) expulsos por Caleb do santuário oracular que, no passado, pertencera a Efron, filho de Heth (Tétis?). Efron deu seu nome a Hebron (*Gênesis* XXIII. 16) e pode ser identificado com Foroneu. Esses anaceus parecem ter chegado da Grécia como membros da confederação de povos do mar que tantos problemas causou aos egípcios no século XIV a.C. Lade, o lugar onde foi enterrado Astério, filho de Anacte, provavelmente assim se chamava em homenagem à deusa Lat, Leto ou Latona (vide 14. *2*), e o fato de que Astério

tenha o mesmo nome que o pai de Minos sugere que os milésios o tenham levado consigo desde a cidade cretense de Mileto (vide 25. *6*). Segundo uma tradição bastante razoável que aparece no *Livro das invasões* irlandês, os milésios irlandeses eram originários de Creta, fugiram para a Síria através da Ásia Menor e dali seguiram para o Ocidente no século XIII a.C., para a Getúlia no norte da África, chegando finalmente à Irlanda, após passarem por Brigantio (Compostela, no noroeste da Espanha).

4. A pretensão de Mileto de ser filho de Apolo indica que os reis milésios recebiam atributos solares, como os de Corinto (vide 67. *2*).

5. O triunfo de Minos, filho de Zeus, sobre os seus irmãos refere-se ao domínio dório em Creta, mas foi a Poseidon que Minos sacrificou o touro, o que mais uma vez sugere que os primeiros portadores do título "Minos" tenham sido os eólios. Creta havia sido, durante séculos, um país muito rico, e em fins do século VIII a.C. estava repartido entre os aqueus, dórios, pelasgos, cidoneus (eólios) e, no extremo ocidental da ilha, pelos "autênticos cretenses" (*Odisseia* XIX. 171-175). Diodoro Sículo tenta diferenciar o Minos filho de Zeus de seu neto, o Minos filho de Licasto, mas é possível que duas ou três dinastias de Minos tenham reinado sucessivamente em Cnossos.

6. O nome de Sarpédon ("regozijando-se numa arca de madeira") indica que foi ele quem levou consigo para a Lícia (vide 162. *n*) o ritual do herói Sol que no Ano-novo faz sua reaparição como criança flutuando numa arca — como Moisés, Perseu (vide 73. *c*), Ânio (vide 160. *t*) e outros. A conexão cretense com o mito de Perseu é fornecida por Perseis, mãe de Pasífae. O dom que Zeus outorga a Poseidon de viver durante três gerações talvez signifique que, em vez dos costumeiros oito anos — um Grande Ano —, que era a duração do reinado de Minos, permitiu-se-lhe conservar o trono até o décimo nono ano, quando ocorria uma sincronização dos tempos solar e lunar muito mais precisa do que a do fim do oitavo ano, entrando, assim, no terceiro Grande Ano (vide 67. *2*).

7. Dado que "Pasífae", segundo Pausânias (III. 26. 1), é um título da Lua, e que "Itoneia", outro nome seu, é um título de Atena, que fazia chover (Pausânias: IX. 34. 1), o mito de Pasífae e o touro indica um matrimônio ritual sob um carvalho entre a sacerdotisa da Lua envergando chifres de vaca e o rei Minos com máscara de touro (vide 76. *1*). Na opinião de Hesíquio (*sub* Carten), Górtis equivale a *Carten*, palavra cretense para vaca; e parece que o matrimônio se refere àquele que ocorre entre o Sol e a Lua, pois em Górtis havia um rebanho bovino consagrado ao Sol (Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio VI. 60). A discreta retirada de Dédalo do pasto sugere que esse matrimônio não era consumado publicamente, como na tradição píctica ou mesinéquia. Muitos gregos posteriores tinham aversão ao mito de Pasífae e preferiram acreditar que

ela havia tido relações não com um touro, mas com um homem chamado Taurus (Plutarco: *Teseu* 19; Paléfato: *Acontecimentos inacreditáveis* II). Os touros brancos, que eram curiosamente consagrados à Lua (vide 84. *1*), figuravam no sacrifício anual que se celebrava no monte Albano, em Roma, no culto do Dionísio trácio, no ritual do visco e do carvalho dos druidas gauleses (vide 50. *2*) e, segundo o *Livro da vaca parda*, nos ritos divinatórios que precediam uma antiga cerimônia de coroação irlandesa.

8. O palácio de Minos em Cnossos era um complexo formado por salas, antessalas, salões e corredores, e qualquer visitante poderia perder-se lá facilmente. *Sir* Arthur Evans sugere que esse era o Labirinto, assim chamado a partir do *labrys*, ou machado de cabeça dupla, um conhecido emblema de soberania em Creta com a forma de uma Lua crescente e outra minguante, unidas por trás, que simbolizavam o poder criativo e o poder destrutivo da deusa. Mas o labirinto de Cnossos era separado do palácio e era tão intrincado como o de Hampton Court; parece que estava representado num mosaico que servia de pavimento como um modelo de dança ritual — um modelo que aparece em lugares tão distantes como o País de Gales e o nordeste da Rússia, e que se utilizava na dança labiríntica da Páscoa. Essa dança era executada na Itália (Plínio: *História natural* XXXVI. 85) e em Troia (escoliasta sobre *Andrômaca* de Eurípides: 1.139), e parece que foi introduzida na Bretanha em fins do terceiro milênio a.C. por emigrantes neolíticos oriundos do norte da África. Homero descreve da seguinte maneira o labirinto de Cnossos (*Ilíada* XVIII. 592):

Dédalo concebeu uma vez em Cnossos
Um local de dança para a ruiva Ariadne

E Luciano menciona as danças populares de Creta, conectadas a Ariadne e o Labirinto (*Sobre a dança* 49).

9. É possível que o culto de Radamanto tenha sido trazido a partir da Beócia para Creta, e não o contrário. Haliarto, onde ele tinha um altar de herói, era aparentemente consagrado à “Deusa Branca do Pão”, ou seja, Deméter, pois *Halia*, “do mar”, era um título da deusa-Lua como Leucoteia, a “Deusa Branca” (Diodoro Sículo: V. 55), e *artos* significa “pão”. Alcmena (“forte na ira”) é um outro título da Lua. Embora se diga que seja uma palavra cretense, talvez Radamanto seja o equivalente de *Rhabdomantis*, “adivinhando com uma varinha”, nome tomado do juncal de Haliarto, onde seu espírito agitava oracularmente as pontas dos juncos (vide 83. *3*). Neste caso, a tradição que reza ter ele legislado em toda Creta e nas ilhas da Ásia Menor significaria que, em Creta, consultava-se um oráculo similar no início de cada novo reinado, e que seus pronunciamentos tinham autoridade ali, onde eram aceitos os pesos, as

medidas e as normas comerciais cretenses. Sem dúvida, ele é conhecido mais como filho de Zeus do que como de Hefesto, pois os oráculos radamantinos provinham da Caverna Dicteia, consagrada a Zeus (vide 7. *b*).

10. Em Petsofa, em Creta, descobriu-se um depósito de cabeças e membros humanos feitos de argila, cada um dos quais com um buraco por onde se podia passar uma corda. Fixados a troncos de madeira, eles poderiam muito bem ter sido parte das bonecas articuladas de Dédalo e ter representado a deusa da fertilidade. Elas talvez tenham sido utilizadas para serem penduradas em árvores frutíferas, com os membros balançando ao sabor do vento, a fim de garantir uma boa colheita. Uma dessas bonecas é retratada pendurada em uma árvore frutífera no famoso anel de ouro do Tesouro da Acrópole de Micenas. O culto da árvore é tema de várias obras de arte minoicas, e diz-se que Ariadne, a deusa cretense, se enforcou (*Disputa de Homero e Hesíodo* 14), como a Erígone ática (vide 79. *a*). Ártemis Enforcada, que tinha um santuário em Condileia, na Arcádia (Pausânias: VIII. 23. 6), e Helena das Árvores, que tinha um santuário em Rodes e que teria sido enforcada por Polixo (Pausânias: III. 19. 10), podem ser variações da mesma deusa.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 60 e V. 80.

[2] Diodoro Sículo: IV. 60; Apolodoro: III. 1. 2; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 442; Antoninus Liberalis: *Transformações* 30.

[3] Pausânias: VII. 2. 3 e I. 35. 5; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 436 *et seq.*

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: II. 178.

[5] Estrabão: X. 4. 8.

[6] Apolodoro: *loc. cit*.; Heródoto: I. 173.

[7] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: VII. 4. 5; Virgílio: *Églogas* VI. 5 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit*. e III. 1. 3-4.

[8] Diodoro Sículo: IV. 77. 2 e 13. 4; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 47; Higino: *Fábula* 40 [mas o texto está adulterado].

[9] Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 155 *et seq.*; Apolodoro: III. 1. 4.

[10] Diodoro Sículo: IV. 60 e V. 79; Apolodoro: III. 1. 2; Estrabão: *loc. cit*.

[11] Cineton, citado por Pausânias: VIII. 53. 2; Diodoro Sículo: IV. 60; Pausânias: VIII. 53. 2.

[12] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 997; Diodoro Sículo: V. 79. 1-2.

[13] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 50; Apolodoro: II. 4. 11; Plutarco: *Lisandro* 28; Estrabão: IX. 11. 30; Ferécides, citado por Antoninus Liberalis: *Transformações* 33.

[14] Diodoro Sículo: V. 79; Homero: *Odisseia* IV. 564.

89

OS AMORES DE MINOS

Minos amou a ninfa Paria, cujos filhos colonizaram Paros e foram posteriormente mortos por Hércules; seduziu também Androgeneia, mãe de Astério, o Menor,[1] e muitas outras. Entre seus amores destaca-se Britomártis de Gortina, filha de Leto. Ela foi a inventora das redes de caça e amiga íntima de Ártemis, cujos sabujos ela controlava.[2]

b. Britomártis escondeu-se de Minos debaixo de espessos ramos de carvalhos jovens que cresciam nos pântanos e foi perseguida por ele durante nove meses, atravessando montanhas escarpadas e planícies, até que ela, desesperada, atirou-se ao mar, e foi salva por pescadores. Ártemis a divinizou com o nome de Dictina, mas, em Egina, rende-se-lhe culto como Afeia, pelo fato de ter ela desaparecido; em Esparta, como Ártemis, apelidada de "Dama do Lago"; em Cefalônia, como Láfria; mas os samianos a chamam pelo seu nome verdadeiro em suas invocações.[3]

c. As muitas infidelidades de Minos enfureceram Pasífae a tal ponto que ela lançou-lhe uma maldição: toda vez que ele amasse uma outra mulher, não ejacularia sêmen, mas um enxame de serpentes venenosas, escorpiões e centopeias que devorariam as vísceras de sua amante.[4] Um dia, chegou a Creta Prócris, filha do rei ateniense Erecteu, que havia sido abandonada pelo marido, Céfalo. Ele havia sido induzido por Eos, que se apaixonara por ele. Ao rechaçar gentilmente suas insinuações, dizendo não ser capaz de trair Prócris, com quem havia feito voto de fidelidade perpétua, Eos tentou convencê-lo de que Prócris estaria disposta a romper o juramento em troca de ouro. Como Céfalo rejeitou tal ideia com indignação, Eos o metamorfoseou num homem com a aparência de Pteleon e o aconselhou a convidar Prócris à sua cama, oferecendo-lhe em troca uma coroa de ouro. Ele assim fez e, ao descobrir o quanto era fácil seduzir

Prócris, deixou de lado seus escrúpulos e sucumbiu aos encantos de Eos, de quem Prócris tinha muitos ciúmes.

d. Eos deu a Céfalo um filho chamado Faetonte, mas Afrodite o roubou ainda criança para que se tornasse o guardião noturno de seus mais sagrados santuários. Os cretenses o chamam Adimno, referindo-se assim à estrela da manhã e à estrela da tarde.[5]

e. Entretanto, Prócris não pôde suportar permanecer em Atenas como alvo do comentário geral, tendo portanto partido para Creta, onde Minos pôde seduzi-la tão facilmente quanto o suposto Pteleon. Ele a subornou com um sabujo que nunca perdia uma presa e com um dardo que sempre atingia o alvo, ambos presentes de Ártemis a ele.[6] Sendo uma apaixonada pela caça, Prócris aceitou alegremente as dádivas, mas insistiu que Minos deveria tomar uma bebida profilática, uma infusão de raízes mágicas inventada pela feiticeira Circe para evitar que ele a recheasse com répteis e insetos. A bebida teve o efeito desejado, mas Prócris temia que Pasífae a enfeitiçasse, motivo pelo qual ela voltou imediatamente para Atenas disfarçada de um formoso menino, tendo antes trocado seu nome por Pterelante. E nunca mais voltou a ver Minos.

f. Céfalo, que ela em seguida acompanhou numa caçada, não a reconheceu e, cobiçando Lelaps, o seu sabujo, assim como o dardo infalível, propôs-lhe que os vendesse a ele por uma elevada quantidade de prata. Mas Prócris recusou-se a se desfazer de ambos a não ser em troca de amor e, quando ele concordou em levá-la ao seu leito, ela, aos prantos, revelou ser sua esposa. Assim, eles finalmente se reconciliaram, e Céfalo desfrutou da caça com o cão e o dardo mágico. Mas Ártemis ofendeu-se ao ver que seus preciosos presentes iam passando de mão em mão entre aqueles adúlteros mercenários e planejou uma vingança: infundiu na mente de Prócris a suspeita de que Céfalo, em vez de ir à caça de madrugada, conforme dizia, na verdade ia visitar Eos.

g. Uma noite, Prócris, vestida com uma túnica escura, seguiu-o às furtadelas pela penumbra. Logo ele ouviu um sussurro numa moita às suas costas; Lelaps rosnou e pôs-se em posição de guarda. Julgando tratar-se de uma fera, Céfalo disparou o dardo infalível, que atravessou Prócris. Em seu devido tempo, o Areópago o condenou ao desterro perpétuo por assassinato.[7]

h. Céfalo fugiu para Tebas, onde o rei Anfitrião, suposto pai de Hércules, tomou Lelaps emprestado para caçar a Raposa Teumessiana, que estava arrasando o gado da Cadmeia. Esse animal, destinado pelos deuses a não ser jamais capturado, só podia ser apaziguado mediante o sacrifício mensal de uma criança. Mas, como Lelaps havia sido destinado pelos deuses a nunca deixar escapar uma presa, instalou-se no Céu um conflito. Finalmente foi Zeus quem decidiu a questão, petrificando Lelaps e a raposa.[8]

i. Em seguida, Céfalo ajudou Anfitrião a sair vitorioso numa guerra contra os teléboas e os táfios. Antes de partir para o ataque, Anfitrião fez com que todos os seus aliados jurassem por Atena e Ares que nada tirariam do despojo da guerra. Somente um deles, Panopeu, rompeu o juramento e, como castigo, teve como filho o covarde Epeu.[9] O rei teléboa era Pterelau, sobre cuja cabeça seu avô Poseidon fixara o cacho de ouro da imortalidade. Sua filha Cometo se apaixonou por Anfitrião e, desejando ganhar o seu afeto, arrancou o cacho dourado de Pterelau para que ele morresse e Anfitrião conquistasse rapidamente os teléboas com a ajuda de Céfalo. Em vez disso, Anfitrião condenou-a à morte por parricídio.

j. A parte dos domínios teléboas que correspondeu a Céfalo foi a ilha de Cefalênia, que ainda leva o seu nome. Ele nunca perdoou Minos por ter seduzido Prócris e ter-lhe presenteado o dardo fatal, e tampouco podia eludir sua própria responsabilidade. Afinal, havia sido ele próprio o primeiro a quebrar a promessa, pois o romance de Prócris com o suposto Pteleon não podia ser considerado uma infidelidade. “Não, não”, lamentava-se ele, “eu jamais deveria ter-me deixado seduzir por Eos!” Embora purificado de sua culpa, Céfalo foi perseguido pela alma de Prócris e, temendo levar a desgraça a seus companheiros, um dia ele foi ao cabo Leucas, onde erigiu um templo a Apolo da Rocha Branca e se atirou ao mar do alto do rochedo. Enquanto caía, gritou o nome de Pterelante, pois havia sido com esse nome que Prócris fora mais amada por ele.[10]

1. A sedução das ninfas por parte de Minos ao estilo de Zeus registra indubitavelmente o matrimônio ritual do rei de Cnossos com as sacerdotisas da Lua em diversas cidades-Estado de seu império.

2. A deusa-Lua era chamada Britomártis na parte oriental de Creta, e por isso os gregos a identificaram com Ártemis (Diodoro Sículo: V. 76; Eurípides: *Hipólito* 145 e *Ifigênia em Táurida* 127; Hesíquio *sub* Britomártis) e com Hécate (Eurípides: *Hipólito* 141, com escoliasta). Na parte ocidental de Creta era Dictina, como sabia Virgílio: “Eles chamavam a Lua de Dictina em sua honra.” (Virgílio: *Ciris* 305). Dictina está relacionada no mito com *dictyon*, que significa rede, do tipo utilizado para caçar ou pescar; e, ao que parece, *Dicte* é uma forma reduzida para *dictynnaeon*, ou “lugar de Dictina”. Após a introdução do sistema patriarcal, a perseguição que levava o rei sagrado à morte por parte de uma deusa armada com uma rede transformou-se na caçada amorosa do rei sagrado

atrás da deusa (vide 9. *1* e 32. *b*). Ambos os tipos de caça ocorrem com frequência no folclore europeu (vide 62. *1*). A perseguição de Minos a Britomártis, que é análoga à de Derceto, na Filístia, por parte de Moxo, ou Mopso, começa quando os carvalhos estão completamente frondosos — provavelmente durante os Dias do Cão,[a] quando Set perseguia Ísis e o Menino Hórus na zona pantanosa do delta do Nilo — e termina nove meses depois, no Dia de Maio. A sedução de Europa por parte de Zeus foi também um acontecimento ocorrido no Dia de Maio (vide 58. *3*).

3. A julgar pelo ritual do norte celta, onde a deusa recebe o nome de Goda ("a Boa") — Neanthes traduz a sílaba *brito* como "boa" (*Fragmentos históricos gregos* III, ed. Muller) —, ela originalmente ia ao seu festim amoroso anual montada numa cabra, coberta somente com uma rede, segurando uma maçã em uma das mãos e acompanhada por uma lebre e um corvo. A cadeira *miserere* esculpida da catedral de Coventry, onde ela era assim representada, registra as cerimônias pré-cristãs do Dia de Maio em Southam e Coventry, a partir das quais virtuosamente derivou a lenda de Lady Godiva. Na Alemanha celta, na Escandinávia e provavelmente também na Inglaterra, Goda tinha uma conexão ritual com a cabra, ou com um homem vestido de pele de cabra, o rei sagrado que mais tarde se transformou no Diabo da bruxaria. A maçã é um sinal de que a morte do rei se aproxima; a lebre simboliza a caça, durante a qual ela se transforma em sabujo; com a rede ela capturará o rei quando ele se transformar em peixe, e o corvo pronunciará oráculos a partir da sua tumba.

4. Parece que, em Creta, o culto da cabra precedeu ao do touro, e que, originalmente, Pasífae casou-se com um rei-cabra. Láfria ("a que leva a pilhagem"), o título de Dictina em Egina, era também um dos títulos da deusa-cabra Atena, sobre a qual se diz que teria sido assaltada por Palas caprina, cuja pele ela esfolou, transformando-a em sua égide (vide 9. *a*). "Láfria" sugere que a deusa era a perseguidora, e não a perseguida. As inscrições de Egina demonstram que o grande templo de Ártemis pertencia a Ártemis Afeia ("não escura", para distingui-la de Hécate). No mito, Afeia deve ser entendida como *aphanes*, "evanescente".

5. A lenda de Minos e Prócris passou de mito a anedota, e de anedota a história popular, evocando alguns dos contos do *Asno de ouro*. Vinculada à guerra de Minos contra Atenas e à queda final de Cnossos, ela talvez registre a exigência do rei cretense de um matrimônio ritual com a suma sacerdotisa de Atenas, exigência que ofendeu os atenienses. Pteleon ("olmedal"), nome do sedutor de Prócris, pode se referir ao culto da vinha que se estendeu a partir de Creta na época de Minos (vide 88. *h*), haja vista que as vides eram apoiadas em olmos. Mas pode também derivar de *ptelos*, "javali". Nesse caso, Céfalo e

Pteleon teriam sido originalmente o rei sagrado e seu sucessor, disfarçado de javali (vide 18. *7*). Os feitiços de Pasífae são característicos de uma deusa-Lua irritada, e Prócris reage a eles com os feitiços de Circe, outro título da mesma deusa.

6. A propósito do salto de Céfalo de cima da rocha branca do cabo Leucas, Estrabão (X. 2. 9) corretamente evoca que os leucádios costumavam arremessar ao mar todos os anos, do alto do rochedo, um homem dotado de asas para amortecer a queda, e inclusive com pássaros vivos amarrados com cordas ao seu corpo. A vítima, um *pharmacos*, ou bode expiatório, cuja morte livrava a ilha de culpa, parece que também levava uma espécie de guarda-sol branco como se fosse um paraquedas (vide 70. *7*). Barcos o aguardavam no mar para resgatá-lo, caso sobrevivesse, e levá-lo a alguma outra ilha (vide 96. *3*).

7. O mito de Cometo e Pterelau se refere ao corte de cabelo do rei solar antes de morrer (vide 83. *3*, 91. *1* e 95. *5*); mas o nome de Pterelau indica que o *pharmacos* alado que morria na queda era originalmente o rei. A sílaba *elaos*, ou *elaios*, representa a oliveira silvestre que, como a bétula na Itália e no noroeste da Europa, era usada para expulsar os maus espíritos (vide 52. *3*). E, no dialeto de Rodes, *elaios* significava simplesmente *pharmacos*. Mas os destinos de Pterelau e Céfalo encontram-se miticamente unidos, pois Prócris adotou o nome de Pterelante, o que indica que ela era realmente a sacerdotisa de Atena, que lançou à morte o Céfalo emplumado.

8. A raposa era o emblema de Messena (Apolodoro: II. 8. 5; vide 49. *2* e 146. *6*), seguramente porque os eólios adoravam a deusa-Lua como raposa, e é possível que o mito da Raposa Teumessiana registre os assaltos eólios à Cadmeia, em busca de sacrifícios infantis, aos quais os aqueus adoradores de Zeus puseram fim.

9. Faetonte e Adimno (de *a-dyomenos*, "o que não se põe") são ambos nomes alegóricos do planeta Vênus. Mas Nonnus confundiu Faetonte, filho de Eos e Céfalo, com Faetonte filho de Hélio, que conduzia o carro solar e morreu afogado (vide 42. *d*); e com Atimno (de *atos* e *hymnos*, "insaciável por elogio heroico"), um herói solar adorado pelos milesianos (vide 88. *b*).

10. Epeu, que construiu o cavalo de madeira (vide 167. *a*), aparece nas lendas primitivas como um guerreiro notável por sua coragem, mas seu nome foi aplicado ironicamente aos fanfarrões, até se converter em sinônimo de covardia (Hesíquio *sub* Epeu).

NOTAS

[a] Canícula, estrela pertencente à constelação do Cão, que aparece no céu em época de grande calor. (N.T.)

1 Apolodoro: II. 5. 9 e III. 1. 2; Nonnus: *Dionisíacas* XIII. 222 e XL. 284.

2 Solino: XI. 8; Calímaco: *Hino a Ártemis* 189; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 126; Diodoro Sículo: V. 76; Aristófanes: *As rãs* 1.359.

3 Pausânias: II. 30. 3 e III. 14. 2; Antoninus Liberalis: *Transformações* 40; Heródoto: III. 59.

4 Antoninus Liberalis: *Transformações* 41.

5 Hesíodo: *Teogonia* 986; Solino: XI. 9; Nonnus: *Dionisíacas* XI. 131 e XII. 217.

6 Apolodoro: II. 4. 7; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 771; Higino: *Fábula* 189.

7 Apolodoro: *loc. cit*. e III. 15. 1; Antoninus Liberalis: *loc. cit*.; Higino: *Fábulas* 125 e 189; escoliasta sobre o *Hino a Ártemis* de Calímaco: 209.

8 Pausânias: I. 37. 6 e IX. 19. 1.

9 Tzetzes: *Sobre Licofrone* 933.

10 Apolodoro: II. 4. 7; Estrabão: X. 2. 9 e 14.

90

OS FILHOS DE PASÍFAE

Dentre os filhos que Pasífae deu a Minos estavam Acacális, Ariadne, Androgeu, Catreu, Glauco e Fedra.[1] Ela também teve Cídon, com Hermes, e o líbio Amon, com Zeus.[2]

b. Ariadne, amada primeiro por Teseu e depois por Dionísio, teve muitos filhos famosos. Catreu, que sucedeu Minos no trono, foi morto em Rodes pelo próprio filho. Fedra se casou com Teseu e obteve notoriedade pelo seu desafortunado romance com Hipólito, seu enteado. Acacális foi o primeiro amor de Apolo; quando ele e a irmã Ártemis foram se purificar em Tarra, localizada no continente, na direção de Egiália, ele encontrou Acacális na casa de Carmanor, um parente materno, e a seduziu. Minos se ofendeu e mandou Acacális para o desterro na Líbia, onde, conforme se diz, ela tornou-se mãe de Garamante, embora haja quem diga que este tenha sido o primeiro homem a nascer no mundo.[3]

c. Ainda criança, Glauco estava um dia jogando bola no palácio de Cnossos, ou talvez perseguindo um camundongo, quando, de repente, desapareceu. Minos e Pasífae o procuraram por toda parte, mas, incapazes de encontrá-lo, tiveram de recorrer ao Oráculo de Delfos. Foram então informados de que aquele que fizesse a melhor comparação de um nascimento recente e pressagioso ocorrido em Creta seria capaz de encontrar o que se perdera. Minos lançou perguntas aqui e acolá e acabou sabendo que uma vitela havia nascido entre suas reses, a qual mudava de cor três vezes por dia — de branco para vermelho, de vermelho para preto, e novamente para o branco. Ele convocou seus adivinhos ao palácio, mas a nenhum deles ocorreu nenhuma comparação, até que Políido, o Argivo, descendente de Melampo, disse: “Esta vitela se parece

muito com uma amora madura.” Minos ordenou-lhe que saísse imediatamente em busca de Glauco.[4]

d. Políido perambulou pelo labiríntico palácio até encontrar uma coruja pousada na entrada de um porão, espantando um enxame de abelhas, o que considerou um presságio. No fundo do porão ele encontrou uma ânfora bem grande, daquelas utilizadas para guardar mel, dentro da qual jazia Glauco, de ponta-cabeça. Quando soube disso, Minos decidiu se consultar com os curetes e, seguindo o seu conselho, disse a Políido:

— Agora que encontrou o corpo do meu filho, faça com que ele volte à vida.

Políido protestou, alegando que somente Asclépio era capaz de ressuscitar os mortos.

— Já sei o que fazer — replicou Minos. — Vou trancá-lo numa tumba junto com o corpo de Glauco e uma espada, e ali permanecerá até cumprir as minhas ordens!

e. Ao acostumar-se com a escuridão da tumba, Políido viu uma serpente que se aproximava do cadáver, e então tomou da espada e a matou. Pouco tempo depois, outra serpente, percebendo que sua companheira havia sido morta, retirou-se, mas voltou em seguida trazendo na boca uma erva mágica. Ela a depositou sobre o corpo da outra serpente, que, aos poucos, voltou à vida.

f. Políido espantou-se, mas teve a presença de espírito necessária para aplicar a mesma erva ao cadáver de Glauco, obtendo o mesmo feliz resultado. Então ele e Glauco começaram a gritar por socorro, até que alguém que por ali passava os ouviu e saiu correndo para avisar Minos, que em júbilo abriu a tumba e encontrou o filho vivo. Ele cumulou Políido de presentes, mas não lhe permitiu que voltasse a Argos antes de ensinar a Glauco a arte da adivinhação. Políido obedeceu a contragosto, mas, quando estava prestes a voltar para casa, disse a Glauco: “Menino, cuspa na minha boca!” Glauco assim o fez, e esqueceu-se imediatamente de tudo o que havia aprendido.[5]

g. Mais tarde, Glauco liderou uma expedição rumo ao Ocidente e exigiu dos italianos um reino, mas eles o desprezaram por não ser tão grandioso quanto o pai. Entretanto, ele introduziu na Itália o cinto e o escudo militares cretenses, ganhando, assim, o nome de Lábico, que significa “cintado”.[6]

h. Androgeu visitou Atenas e venceu todas as competições das Panateneias. Mas o rei Egeu sabia de sua amizade com os cinquenta filhos rebeldes de Palas e, temendo que ele pudesse persuadir seu pai, Minos, a apoiá-los numa revolta, organizou uma conspiração junto com os megarenses para emboscá-lo em Énoe, na estrada para Tebas, onde ia participar de alguns jogos fúnebres. Androgeu defendeu-se com valentia, mas acabou sendo morto após uma luta feroz.[7]

i. A notícia da morte de Androgeu chegou aos ouvidos de Minos enquanto ele oficiava um sacrifício às Graças, na ilha de Paros. Atirou ao chão as guirlandas e ordenou aos flautistas que parassem de tocar, mas concluiu a cerimônia; desde então, os sacrifícios às Graças são realizados em Paros sem música nem flores.[8]

j. Glauco, filho de Minos, foi por vezes confundido com Glauco antedoniano, filho de Antédon, ou de Poseidon, que certa vez observou a propriedade restaurativa de uma determinada erva semeada por Cronos na Época de Ouro, quando puseram sobre ela um peixe morto (outros dizem que fora uma lebre), que voltou à vida. Ele provou da erva e, transformando-se em imortal, pulou no mar, onde se tornou um deus marinho famoso por suas aventuras amorosas. Seu lar submarino encontra-se diante da costa de Delos, e todos os anos ele visita os portos e as ilhas da Grécia, pronunciando oráculos muito apreciados por pescadores e marinheiros. O próprio Apolo é considerado discípulo de Glauco.[9]

1. A Pasífae como Lua (vide 51. *h*) foram atribuídos numerosos filhos: Cídon, herói epônimo de Cídon, perto de Tegeia e da colônia cidoniana de Creta; Glauco, herói corinto do mar (vide 71. *4*); Androgeu, em cuja homenagem se celebravam jogos anuais em Cerâmico, e a quem os atenienses adoravam como "Eurygyes" ("dando grandes voltas") para demonstrar que era o espírito do ano solar (Hesíquio *sub* Androgeu); Ámon, herói oracular do oásis de Ámon, equiparado mais tarde a Zeus; e Catreu, cujo nome parece ser uma forma masculina de Catarroa, a Lua como fazedora de chuva. Suas filhas Ariadne e Fedra são reproduções de si mesma. Ariadne, embora se leia como *ariagne*, "puríssima", parece ser um nome sumério: *Ar-ri-an-de*, "mãe alta e fecunda da cevada"; e Fedra aparece nas inscrições do sul da Palestina como *Pdri*.

2. O mito de Acacális ("sem muralhas") aparentemente registra a tomada da cidade de Tarra, no oeste de Creta, por parte dos invasores helênicos provenientes de Egiália. Tarra, assim como outras cidades cretenses, não era amuralhada (vide 98. *1*). Ademais, ela parece também registrar a fuga de seus principais habitantes para a Líbia, onde chegaram a ser governantes dos pacíficos garamantes.

3. Branco, vermelho e preto, as cores da vitela de Minos, são também as de Io, a vaca-Lua (vide 56. *1*); as dos touros sagrados de Augias (vide 127. *1*); e

numa ânfora quirite (*Monumentos inéditos* VI-VII, p. 77) são as do touro Minos, o qual raptou Europa. Ademais, os trípodes de argila ou gesso consagrados à deusa cretense, encontrados em Micenas, estavam pintados de branco, vermelho e preto, e, segundo o *Indica* de Ctesias, essas eram as cores do chifre do unicórnio. Esse fabuloso animal, como símbolo calendárico, representava o domínio da deusa-Lua sobre as cinco estações do ano osiriano, cada uma das quais contribuía à sua composição com a parte de um animal. O fato de que Glauco perseguia um camundongo pode indicar um conflito entre os adoradores atenienses da deusa Atena, que tinha uma coruja (*glaux*) como protetora, e os adoradores de Apolo Esminteu ("Apolo Camundongo"). Ou talvez a história original tenha sido a de que Minos lhe dera um camundongo banhado em mel para que engolisse — último recurso prescrito para as crianças doentes no antigo Mediterrâneo oriental. A forma de sua morte pode também se referir ao uso do mel como líquido para embalsamar — nas casas cretenses, são frequentes os enterros de crianças em ânforas ou cântaros —, e a coruja era uma ave da morte. A presença das abelhas talvez se deva a uma interpretação errônea de certas gemas talhadas (Weiseler: *Monumentos de arte antiga* II. 252), que retratavam Hermes invocando mortos enterrados em cântaros enquanto suas almas revoluteavam no ar sob forma de abelhas (vide 39. *8* e 82. *4*).

4. Políido é tanto o Zagreu que mudava de forma (vide 30. *a*) como o semideus Asclépio, cuja erva regeneradora parece ter sido o visco (vide 50. *2*), ou seu equivalente na Europa oriental, o *loranthus*.[a] A lenda babilônica de Gilgamesh guarda um paralelismo com a ressurreição da serpente. Uma serpente rouba-lhe a erva da vida eterna, e ela imediatamente muda de pele e rejuvenesce. Gilgamesh, incapaz de recuperar sua erva, resigna-se a morrer. Ela é descrita como semelhante ao espinheiro-cerval: uma planta que os gregos tomavam como purgante antes de executar seus Mistérios.

5. O fato de Glauco cuspir na boca de Políido evoca uma ação similar de Apolo quando Cassandra não lhe pagara por ter recebido o dom da profecia. Entretanto, no caso de Cassandra, o resultado não foi a perda do dom, mas o de ninguém acreditar nela (vide 158. *q*).

6. As deusas a quem Minos oferecia sacrifícios prescindindo das costumeiras flores e flautas ao se inteirar da morte de seu filho eram as Párias, ou Antigas (vide 89. *a*), provavelmente as três Parcas, chamadas eufemisticamente de "Graças". O mito se transformou aqui numa anedota popular. A morte de Androgeu é um recurso utilizado para explicar a disputa entre Creta e Atenas (vide 98. *c*), baseada talvez em alguma tradição irrelevante sobre um assassinato cometido em Énoe.

7. Os poderes oraculares do Glauco antedoniano, seu nome, seus amores — um deles com Cila (vide 170. *t*) —, sugerem que ele fosse uma personificação do poderio cretense no mar. Tanto Minos (que recebia de Zeus os seus oráculos) como Poseidon, padroeiro da confederação cretense (vide 39. *7*), haviam desfrutado de Cila (vide 91. *2*), e Antédon ("o que se regozija com as flores") era, ao que parece, um título do herói da Flor Primaveril cretense encarnado em cada rei minoico que morria (vide 85. *2*). O rei de Cnossos parece ter sido ligado, mediante matrimônios sagrados, a todos os Estados-membros de sua confederação (vide 89. *1*), e aí se explica a reputação amorosa de Glauco. É provável que um representante de Cnossos realizasse anualmente uma vistoria por todas as colônias cretenses de além-mar ao estilo de Talo (vide 92. *7*), pronunciando os últimos éditos oraculares. Delos era uma ilha cretense e talvez um centro emissor de oráculos levados a Cnossos a partir da Caverna Dicteia. Mas esse Glauco também se assemelha a Proteu, o deus marinho oracular da cretense Faros (vide 169. *6*), e Melicerta, o deus marinho de Corinto, era identificado como outro Glauco (vide 71. *4*). A erva da Época de Ouro de Cronos pode ter sido a *herbe d'or* mágica dos druidas.

8. Plínio (*História natural* XXV. 14) e Nonnus (*Dionisíacas* XXV. 451-551) citam uma versão do mito de Glauco colhida por Xanto, o historiador lídio, e ela se encontra celebrada numa série de moedas de Sardis. Quando o herói Tílon, ou Tilo ("nó" ou "falo"), foi mordido mortalmente no calcanhar por uma serpente venenosa (vide 117. *1*), sua irmã Moira ("destino") apelou ao gigante Damasen ("subjugador"), que o vingou. Outra serpente, então, apanhou "a flor de Zeus" no bosque e a depositou na boca de sua companheira morta, que voltou à vida. Moira seguiu seu exemplo e, da mesma maneira, fez Tilo ressuscitar.

NOTAS

[a] Planta hemiparasita da família das lorantáceas. (N.T.)

[1] Pausânias: VIII. 53. 2; Diodoro Sículo: IV. 60; Apolodoro: III. 1. 2.

[2] Pausânias: *loc. cit*.; Plutarco: *Agis* 9.

[3] Plutarco: *Teseu* 20; Apolodoro: III. 2. 1-2; Eurípides: *Hipólito*; Pausânias: II. 7. 7; Apolônio de Rodes: IV. 1.493 *et seq.*

[4] Higino: *Fábula* 136; Apolodoro: III. 3. 1; Pausânias: I. 43. 5.

[5] Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.

[6] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VII. 796.

[7] Diodoro Sículo: IV. 60. 4; Apolodoro: III. 15. 7; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 14; Higino: *Fábula* 41.

[8] Apolodoro: III. 15. 7.

[9] Ateneu: VII. 48; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 754; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 924 *et seq.*; Pausânias: IX. 22. 6; Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: I. 437.

91

CILA E NISO

Minos foi o primeiro rei a dominar o mar Mediterrâneo, livrando-o dos piratas, e em Creta ele governava mais de noventa cidades. Quando os atenienses assassinaram seu filho Androgeu, Minos decidiu vingar-se deles e navegou pelo Egeu reunindo barcos e recrutas armados. Alguns ilhéus concordaram em ajudá-lo, outros se negaram. Sifnos foi-lhe entregue graças à mediação da princesa Arne, que ele subornou com ouro, mas os deuses a transformaram numa gralha amante do ouro e de todas as coisas brilhantes. Ele fez uma aliança com a população de Anafe, mas o rei Éaco de Egina o repeliu e ele foi embora, jurando vingança. Éaco então respondeu ao apelo de Céfalo para que se juntasse aos atenienses a fim de combater Minos.[1]

b. Enquanto isso, Minos assolava o istmo de Corinto. Sitiou Nisa, governada por Niso, o Egípcio, que tinha uma filha chamada Cila. Na cidade se alçava uma torre construída por Apolo [e Poseidon?], e na sua base encontrava-se uma pedra musical que, atingida por seixos, soava como uma lira — pois Apolo, certa vez, havia deixado ali a sua lira enquanto trabalhava como pedreiro. Cila costumava passar muito tempo no alto da torre, fazendo soar melodias na pedra atirando punhados de seixos; ela subia ali diariamente desde que a guerra começara, a fim de observar o combate.

c. O cerco a Nisa se prolongou, e logo Cila sabia o nome de todos os guerreiros cretenses. Fascinada pela beleza de Minos, por sua magnífica indumentária e pelo seu corcel branco, ela se apaixonou perversamente por ele. Alguns dizem que Afrodite assim quis; outros atribuem o malefício a Hera.[2]

d. Uma noite, Cila entrou furtivamente no quarto do pai e cortou-lhe o famoso cacho dourado do qual dependiam sua vida e seu trono; em seguida, arrebatando-lhe as chaves do portão da cidade, ela o abriu. Dirigiu-se

diretamente à tenda de Minos e lhe ofereceu o cacho dourado em troca de seu amor. “Feito!”, exclamou Minos, e naquela mesma noite, após entrar na cidade e saqueá-la, ele se deitou com Cila, mas não a levou consigo para Creta, porque repugnava o parricídio. Cila, porém, foi nadando atrás do barco e se agarrou à popa, até que a alma de Niso lançou-se sobre ela, sob a forma de uma águia-marinha, com suas garras e bico recurvo. Cila, aterrada, soltou-se da popa e se afogou; sua alma saiu voando sob a forma do pássaro círis, conhecido pelo peito purpúreo e as patas vermelhas.[3] Mas alguns dizem que Minos ordenou que Cila fosse afogada; outros dizem que sua alma se transformou no peixe círis, e não no pássaro que leva o mesmo nome.[4]

e. Nisa recebeu, depois, o nome de Mégara, em homenagem a Megareu, filho de Enope e Hipômenes. Megareu havia sido aliado de Niso e se casara com sua filha Ifínoe — e, segundo se conta, sucedeu-o no trono.[5]

f. Essa guerra se prolongou até que Minos, percebendo que não poderia subjugar Atenas, pediu a Zeus que vingasse a morte de seu filho Androgeu; em consequência, toda a Grécia viu-se açoitada por terremotos e fome. Os reis de várias cidades-Estado se reuniram em Delfos para consultar o oráculo e receberam instruções para que Éaco realizasse oferendas em nome de todos. Cumprido o ritual, os terremotos cessaram em todas as partes, exceto na Ática.

g. Os atenienses buscaram então uma forma de se redimirem da maldição e decidiram sacrificar a Perséfone as filhas de Jacinto — a saber, Anteis, Egleis, Licteia e Orteia —, sobre a tumba do ciclope Geresto. Essas jovens haviam chegado a Atenas vindas de Esparta. Mas os terremotos continuaram, e, quando os atenienses decidiram consultar novamente o oráculo de Delfos, ele lhes mandou satisfazer as exigências de Minos, quaisquer que fossem; sua exigência provou ser o tributo de sete rapazes e sete donzelas, que deveriam ser enviados a cada nove anos para Creta a fim de serem devorados pelo Minotauro.[6]

h. Minos então regressou a Cnossos, onde realizou uma hecatombe[a] em agradecimento pelo seu êxito, mas, nove anos depois, ele morreu.[7]

1. A base histórica do mito de Cila parece ser a disputa entre os atenienses e seus senhores cretenses pouco antes do saque de Cnossos no ano de 1400 a.C. O mito em si repete-se quase exatamente na história tafiana de Pterelau e Cometo, e evoca a de Sansão e Dalila na Filístia; a de Curoi, Blathnat e Cuchulain, na Irlanda, e a de Llew Llaw, Blodeuwedd e Gronw, no País de Gales: todas elas

variações de um só modelo, que faz referência à rivalidade entre o rei sagrado e seu sucessor para obter os favores da deusa-Lua, a qual, no solstício de verão, corta o cabelo do rei e o trai. A força do rei reside em seu cabelo porque ele representa o Sol, e suas longas mechas amarelas são comparáveis aos raios solares. Dalila corta o cabelo de Sansão antes de deixar os filisteus entrarem; Blathnat amarra os cabelos de Curoi ao pé da cama antes de incitar Cuchulain, o amante dela, a matá-lo; Blodeuwedd amarra os cabelos de Llew Llaw a uma árvore antes de chamar a sua amante Gronw. A alma de Llew Llaw toma a forma de uma águia, ao passo que Blodeuwedd ("com aspecto de flor inocente"), uma mulher feita magicamente de nove flores diferentes, transforma-se numa coruja — como talvez tenha ocorrido com Cila na lenda grega original. A comparação desses cinco mitos revela que Cila-Cometo-Blodeuwedd-Blathnat-Dalila é a deusa-Lua em seu aspecto de primavera-verão, como Afrodite Cometo ("de cabelos brilhantes"); no outono, ela se transforma numa coruja, ou num *círis*, passando a ser a deusa da morte Atena — que tinha muitas manifestações como ave, entre as quais a coruja (vide 97. *4*) — ou Hera, ou Hécate. Seu nome, Cila, indica que o rei era despedaçado após ter a cabeça raspada. Como no mito de Llew Llaw, o castigo subsequentemente aplicado à traidora é um acréscimo posterior de caráter moral.

2. Ovídio (*Arte de amar* I. 331) identifica essa Cila com uma homônima que Afrodite converteu num monstruoso cão pelo fato de Poseidon havê-la seduzido (vide 16. *2*) e conta que ela abrigava cães selvagens em seu ventre e no seu lombo como punição por ter cortado o cacho de Niso. Ovídio raramente comete equívocos em sua mitologia, e talvez aqui ele faça referência a uma lenda segundo a qual Pasífae amaldiçoou Minos e o fez rechear o ventre de Cila com cães, e não com serpentes, escorpiões e centopeias. Pasífae e Anfitrite são a mesma deusa do mar e da Lua, e Minos, como governante do Mediterrâneo, foi identificado como Poseidon.

3. O sacrifício das filhas de Jacinto sobre a tumba de Geresto pode se referir aos "jardins de Adônis", plantados em homenagem ao rei condenado à morte: uma vez cortadas as flores, elas definhavam em poucas horas. Mas Geresto era um ciclope pré-acaico (vide 3. *b*), e, segundo o *Etymologicum Magnum* (*sub* Geréstidas), suas filhas criaram o infante Zeus em Gortina. Ademais, Gerestion era uma cidade na Arcádia onde Reia teria envolvido Zeus em fraldas. Assim, as Hiacíntides seriam provavelmente as amas-secas e não as filhas de Jacinto, ou seja, sacerdotisas de Ártemis. Em Cnido, ostentavam o título de "Hiacintótrofos" ("ama-seca de Jacinto") e eram identificadas com as Geréstidas, visto que o Zeus cretense que morria anualmente (vide 7. *1*) não se distinguia de Jacinto. Portanto, é possível que o mito se refira a quatro bonecas penduradas numa

árvore frutífera em flor, apontando para os quatro pontos cardeais durante uma cerimônia de frutificação da “Ártemis Enforcada” (vide 79. *2* e 88. *10*).

4. Os sete jovens atenienses entregues ao Minotauro eram provavelmente substitutos que se sacrificavam a cada ano no lugar do rei de Cnossos. Certamente era mais conveniente utilizar vítimas estrangeiras no lugar de cretenses nativos, assim como ocorreu com o ritual cananeu da Crucificação, em que, no final, prisioneiros e criminosos eram suficientes para serem os substitutos de Tamus. “A cada nove anos” significa “ao final de cada Grande Ano de cem lunações”. Após o sacrifício de sete meninos no lugar do rei sagrado, ele mesmo também morria (vide 81. *8*). As sete donzelas atenienses não eram sacrificadas; elas talvez se transformassem em assistentes da sacerdotisa da Lua e realizassem acrobacias nas corridas de touros, tal como revelam as obras de arte cretenses: um esporte perigoso, mas não necessariamente mortal.

5. É possível que em Mégara existisse um jogo de pedras musicais parecido com o xilofone, de fácil construção. Mas talvez aqui se trate da evocação da estátua cantante de Menon, no Egito: oca, com um orifício no fundo da boca aberta, por onde penetrava o ar quente do amanhecer, quando o sol esquentava a pedra (vide 164. *2*).

NOTAS

[a] Sacrifício de uma centena de bois. (N.T.)

1 Estrabão: X. 4. 8 e 15; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 480-VIII. 6.

2 Higino: *Fábula* 198; Virgílio: *Ciris*.

3 Apolodoro: III. 15. 8; Higino: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 6-151; Virgílio: *loc. cit*.; Pausânias: II. 34. 7.

4 Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: *loc. cit*.

5 Pausânias: I. 39. 4-5.

6 Diodoro Sículo: IV. 61.

7 Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 152 *et seq.*; Homero: *Odisseia* XIX. 178.

92

DÉDALO E TALO

A ascendência de Dédalo é discutível. Algumas tradições dizem que sua mãe se chama Alcipe, outras, Mérope, e outras ainda dizem que se chama Ifínoe, mas todas lhe atribuem um pai diferente, embora, em geral, aceite-se que ele fazia parte da casa real de Atenas e que se proclamava descendente de Erecteu. Dédalo era um ferreiro extraordinário, tendo sido instruído em seu ofício pela própria Atena.[1]

b. Um de seus aprendizes, Talo, filho de sua irmã Policasta (ou Pérdice), já o havia ultrapassado em maestria quando tinha apenas 12 anos de idade. Talo recolheu, um dia, por acaso, a mandíbula de uma serpente — alguns dizem que era uma espinha de peixe — e, ao ver que podia utilizá-la para cortar ao meio uma acha, ele copiou o modelo em ferro e inventou o serrote. Essa e outras invenções suas — como o torno de oleiro e o compasso para traçar círculos — lhe granjearam grande reputação em Atenas, e Dédalo, que reivindicava a invenção do primeiro serrote, começou a sentir por ele uma inveja crescente.[2] Ao levar Talo para a torre do templo de Atena na Acrópole, Dédalo lhe indicou certos pontos a distância e subitamente o empurrou para baixo. Entretanto, apesar de sua inveja, ele não teria feito qualquer mal a Talo se não suspeitasse que ele mantivesse relações incestuosas com a mãe, Policasta. Dédalo então se apressou imediatamente até a base da Acrópole para recolher o corpo de Talo e metê-lo num saco, com o propósito de enterrá-lo em segredo. Quando os transeuntes lhe perguntavam o que carregava ali, ele lhes dizia que havia recolhido piedosamente uma serpente morta, como exigia a lei — o que não era de todo falso, pois Talo era um eréctida —, mas havia manchas de sangue no saco, e o seu crime não pôde ser ocultado, de maneira que o Areópago o

desterrou por assassinato. Conforme outra versão, ele fugiu antes que ocorresse o julgamento.[3]

c. A alma de Talo — também chamado Calo, Circino ou Tântalo — voou em forma de perdiz, mas seu corpo foi enterrado no lugar onde havia caído. Policasta se enforcou ao saber da morte dele, e os atenienses construíram um santuário em homenagem a ela ao lado da Acrópole.[4]

d. Dédalo se refugiou num dos demos da Ática, cujos habitantes foram chamados dedálidos em referência a ele; e, depois, na cidade cretense de Cnossos, onde o rei Minos ficou encantado em poder acolher tão hábil artífice. Viveu ali por algum tempo, em paz e gozando de grandes favores, mas, quando Minos ficou sabendo que ele havia ajudado Pasífae a copular com o touro branco de Poseidon, ele o encerrou no Labirinto junto com o seu filho Ícaro, cuja mãe, Naucrate, era uma das escravas de Minos. Mas Pasífae os libertou.[5]

e. Entretanto não foi fácil escapar de Creta, pois Minos tinha todas as suas embarcações sob custódia militar e oferecia uma boa recompensa pela sua captura. Mas Dédalo fabricou um par de asas para si e outro para Ícaro, feitas de plumas trançadas, unindo as menores com cera. Após haver preparado o par de asas de Ícaro, ele lhe disse, com lágrimas nos olhos: “Ícaro, meu filho, não se afaste de mim e estará seguro! Não voe alto demais, ou o sol derreterá a cera, nem baixo demais, senão o mar encharcará as penas.” Ele então trajou seu próprio par de asas e alçou voo.

Enquanto eles se afastavam da ilha na direção nordeste, batendo asas, os pescadores, pastores e lavradores que olhavam para cima os confundiram com deuses.

f. Eles já haviam deixado para trás Naxos, Delos e Paros do lado esquerdo, e se preparavam para deixar Lebintos e Calimne do lado direito, quando Ícaro desobedeceu às instruções do pai e começou a subir na direção do Sol, regozijado pela altura a que o elevavam suas grandes asas. Instantes depois, quando Dédalo olhou por cima do ombro, já não podia mais ver Ícaro, divisando apenas algumas plumas soltas que flutuavam sobre as ondas lá embaixo. O calor do Sol havia derretido a cera, e Ícaro caíra no mar e se afogara. Dédalo voou em círculos até que o corpo do filho subiu à superfície. Ele o levou para uma ilha próxima dali, que passou a se chamar Icária, onde o enterrou. Uma perdiz pousou num carvalho e o observou, chilreando de alegria: era a alma de sua irmã Policasta, que finalmente havia se vingado. Esta ilha dá seu nome ao mar que a rodeia.[6]

g. Segundo outra versão, Dédalo teria fugido de Creta num barco providenciado por Pasífae, e, a caminho da Sicília, quando estavam prestes a desembarcar numa pequena ilha, Ícaro teria caído no mar e se afogado. Dizem

ainda que foi Hércules quem o enterrou, e, em sinal de gratidão, Dédalo fez uma estátua sua em Pisa, tão vívida que Hércules a confundiu com um inimigo e a derrubou com uma pedrada. Outros dizem que Dédalo inventou velas de navegação, e não asas, para adiantar-se às galeras de Minos, e que Ícaro, timoneando descuidadamente, sucumbiu ao naufrágio de sua embarcação.[7]

h. Dédalo voou na direção oeste até descer em Cumas, perto de Nápoles, onde consagrou suas asas a Apolo e lhe construiu um templo com uma torre dourada. Em seguida, visitou Camico, na Sicília, onde o rei Cócalo o recebeu com calorosa hospitalidade, e passou a viver entre os sicilianos, desfrutando de grande fama e erigindo vários edifícios magníficos.[8]

i. Enquanto isso, Minos havia organizado uma frota poderosa e zarpado em busca de Dédalo. Levava consigo uma concha de tritão e, onde quer que aportasse, prometia uma recompensa a quem fosse capaz de atravessá-la com uma fibra de linho, já ciente de que tal problema só poderia ser resolvido por Dédalo. Quando chegou a Camico, ele presenteou a concha a Cócalo, que se comprometeu a fazer passar a fibra, e, claro, Dédalo encontrara a forma de fazê-lo. Atou um fio finíssimo a uma formiga, fez um buraco na extremidade da concha e atraiu o inseto pelas espirais untando as margens do buraco com mel. Depois, amarrou a fibra de linho à outra extremidade do fio fino e puxou-a através da concha. Cócalo regressou trazendo a concha atravessada com o fio e reclamando sua recompensa, e Minos, convencido de ter chegado ao esconderijo de Dédalo, exigiu que ele lhe fosse entregue. Mas as filhas de Cócalo recusavam-se a se separar de Dédalo, que lhes havia inventado formosos brinquedos, e, com a ajuda dele, conceberam um plano. Dédalo fez passar um tubo através do teto do banheiro, por onde derramaram água fervente — alguns dizem que era piche — sobre Minos enquanto ele desfrutava de um banho quente. Cócalo, provavelmente envolvido no complô, devolveu o cadáver aos cretenses dizendo que Minos havia tropeçado num tapete e caído num caldeirão de água fervente.[9]

j. Os seguidores de Minos o enterraram com grande pompa, e Zeus o nomeou juiz dos mortos no Tártaro, ao lado de seu irmão Radamanto e de seu inimigo Éaco. Como a sua tumba ocupava o centro do templo de Afrodite em Camico, ele foi honrado ali por muitas gerações, grandes multidões de sicilianos que se aproximavam para adorar Afrodite. Finalmente, Teron, o tirano de Acragas, mandou seus ossos de volta para Creta.

k. Após a morte de Minos, os cretenses mergulharam no mais absoluto caos, pois a maior parte de sua frota havia sido incendiada pelos sicilianos. Dentre os tripulantes que se viram obrigados a permanecer no além-mar, alguns construíram a cidade de Minoa, perto da praia em que haviam desembarcado;

outros, a cidade de Híria, na Messápia; e outros chegaram ao coração da Sicília e fortificaram uma colina que se transformou na cidade de Enguos, assim chamada por causa do riacho que corre *nas redondezas*. Ali eles construíram um templo às Mães, que eles continuaram honrando profundamente como em sua Creta nativa.[10]

l. Mas Dédalo abandonou a Sicília para se unir a Iolau, sobrinho e auriga de Hércules de Tirinto, que comandava um corpo de atenienses e téspios na Sardenha. Muitas de suas obras ainda sobrevivem nessa ilha, e são chamadas de Dedaleia.[11]

m. Talo era também o nome do servente de bronze com cabeça de touro que Zeus havia presenteado a Minos para proteger Creta. Alguns dizem que era um sobrevivente da raça de bronze surgida dos freixos; outros, que tinha sido forjado por Hefesto na Sardenha e que tinha uma única veia que ia do pescoço até os calcanhares, onde era tampada por um pino de bronze. Sua tarefa consistia em circundar a ilha de Creta três vezes por dia correndo e atirar pedras sobre qualquer embarcação estrangeira; e também visitar três vezes ao ano, num ritmo mais pausado e ameno, todos os vilarejos de Creta, mostrando as leis de Minos inscritas em tabuletas de bronze. Quando os sardos tentaram invadir a ilha, Talo aqueceu o próprio corpo até se tornar incandescente e os destruiu a todos com seu abraço ardente, enquanto sorria com ferocidade; daí a expressão “riso sardônico”. Finalmente, Medeia matou Talo retirando o pino de seu calcanhar e deixando-o sangrar. Segundo outra versão, ele teria sido atingido no calcanhar por uma flecha envenenada, lançada pelo argonauta Peante.[12]

1. Hefesto é por vezes descrito como filho de Hera e Talo (vide 12. *c*); e Talo, como o jovem sobrinho de Dédalo. Mas Dédalo era um jovem membro da casa de Erecteu, fundada muito após o nascimento de Hefesto. Tais discrepâncias cronológicas tornaram-se norma no âmbito da mitologia. A semelhança dos atributos de Dédalo (“brilhante” ou “astutamente forjado”), Talo (“sofredor”) e Hefesto (“o que brilha de dia”) demonstra claramente que todos esses nomes são diferentes títulos do mesmo personagem mítico; Ícaro (de *io-carios*, “dedicado à deusa-Lua Car”) pode ser também outro desses títulos. O ferreiro Hefesto casou-se com Afrodite, a quem era consagrada a perdiz; a irmã do ferreiro Dédalo se chamava Pérdice (“perdiz”); a alma do ferreiro Talo saiu voando sob forma de perdiz; uma perdiz apareceu no enterro de Ícaro, filho de Dédalo. Ademais,

Hefesto foi arremessado do alto do Olimpo; Talo, do alto da Acrópole. Hefesto coxeava; um dos nomes de Talo era Tântalo (“claudicante” ou “balançante”); o perdigão coxeia durante sua dança nupcial, encolhendo uma pata sempre pronta a golpear o inimigo. O deus latino Vulcano também manquejava. Seu culto havia sido introduzido a partir de Creta, onde ele se chamava Velcano, e tinha como emblema o galo, pois essa ave canta ao amanhecer e, portanto, era apropriada para um herói solar. Mas o galo não chegou a Creta antes do século VI a.C., e é provável que tenha tomado o lugar da perdiz como ave de Velcano.

2. Ao que tudo indica, na primavera executava-se uma dança erótica da perdiz em homenagem à deusa-Lua, e os dançarinos manquejavam e envergavam asas. Na Palestina, tal cerimônia, chamada de Pesach (“o claudicante”), ainda era executada, segundo Jerônimo, en Beth-Hoglah (“o Santuário do Coxo”), onde os devotos dançavam em espiral. Beth-Hoglah pode ser identificado com “o campo debulhado de Atad”, onde se chorava a morte do coxo rei Jacó, cujo nome possivelmente significa Jah Aceb (“o deus-calcanhar”). Jeremias aconselha os judeus a não participarem desses ritos orgiásticos cananeus, e diz: “A perdiz reúne filhotes que não gerou.” Ánafe, uma ilha ao norte de Creta, com a qual Minos tinha um pacto (vide 91. *a*), era famosa na Antiguidade como lugar de descanso para as perdizes migratórias.

3. O mito de Dédalo e Talo, assim como sua variação, o mito de Dédalo e Ícaro, parece combinar o ritual de queima do substituto do rei solar, que envergava asas de águia (vide 29. *1*) na fogueira da primavera — quando começava o Ano-novo palestino —, com os rituais de arremessar ao mar o *pharmacos* com asas de perdiz, um substituto parecido, do alto de um precipício (vide 96. *3*), e de atravessar o calcanhar do rei com uma flecha envenenada (vide *10* adiante). Mas a admiração dos pescadores e dos camponeses ao verem Dédalo voando foi retirada provavelmente de um ícone representando Perseu ou Marduk alado (vide 73. *7*).

4. De certo modo, o labirinto do qual escaparam Dédalo e Ícaro era o pavimento de mosaico com o motivo do labirinto, o qual tinham de seguir na dança ritual da perdiz (vide 98. *2*). Mas a fuga de Dédalo para a Sicília, Cumas e Sardenha refere-se talvez à fuga dos antigos operários cretenses que trabalham com bronze, causada pelas sucessivas invasões helênicas. O ardil da concha de tritão e o enterro de Minos num templo de Afrodite, a quem essa concha era consagrada (vide 11. *3*), sugerem que Minos, nesse contexto, era também considerado Hefesto, amante da deusa do mar. Sua morte durante o banho é um incidente que aparentemente foi retirado do mito de Niso e Cila (vide 91. *b-d*). O equivalente celta de Niso, Llew Llaw, morreu durante o banho vítima de um ardil, assim como outro rei sagrado, Agamênon de Micenas (vide 112. *1*).

5. O nome de Naucrate (“poderio marítimo”) indica as consequências históricas da derrota de Minos na Sicília: a transferência do poder marítimo dos cretenses para os gregos. O fato de ela ter sido uma das escravas de Minos sugere uma revolução palaciana realizada por mercenários helênicos em Cnossos.

6. Se Policasta — o outro nome de Pérdice, mãe de Talo — significa *polycassitere*, “muito estanho”, então ela pertence ao mito do homem de bronze, homônimo de Talo. A supremacia cretense dependia em grande parte de enormes suprimentos de estanho, que era misturado ao cobre cipriota. Segundo o professor Christopher Hawkes, a fonte mais próxima era a ilha de Maiorca.

7. Hesíquio diz que Talo era um nome do Sol; portanto, Talo originalmente percorreria a ilha de Creta apenas uma vez por dia. Não obstante, é possível que, naquela época, os portos cretenses estivessem custodiados contra os piratas por três corpos de guarda que enviavam patrulhas de controle. E, posto que o Sol Talo era também chamado Taurus (“o touro” — Bekker: *Anedotas* I. 344. 10 *et seq.*; Apolodoro: I. 9. 26), suas três visitas anuais aos vilarejos da ilha eram provavelmente um trajeto do rei-Sol levando sua máscara ritual de touro, estando o ano cretense dividido em três estações (vide 75. *2*). O abraço candente de Talo pode indicar os sacrifícios de seres humanos queimados oferecidos a Moloch, chamado em outras circunstâncias de Melkarth, que era adorado em Corinto como Melicerta (vide 70. *5*) e que provavelmente era também conhecido em Creta. Posto que esse Talo provinha da Sardenha — onde se diz que havia se refugiado Dédalo, fugindo de Minos — e era ao mesmo tempo o presente de Zeus para Minos, os mitógrafos simplificaram a história atribuindo a sua construção a Hefesto e não a Dédalo, sendo Hefesto e Dédalo o mesmo personagem. O *sardonicus risus*, ou *rictus*, uma contorção dos músculos faciais,[a] sintoma de tétano, talvez tenha assim se chamado porque o homem-cervo das primeiras estatuetas de bronze sardas mostra o mesmo sorriso triste e boquiaberto.

8. A única veia de Talo pertence ao mistério da primitiva fundição do bronze através do método da *cire-perdue*. Primeiro o ferreiro fazia uma imagem em cera, que ele cobria com uma camada de argila e colocava no forno. Tão logo a argila estivesse bem cozida, ele cravava um pino no ponto situado entre o calcanhar e o tornozelo, para que por ali saísse a cera quente e restasse somente o molde, no qual ele podia verter o bronze fundido. Quando ele já estava recheado e o metal do interior havia esfriado, o ferreiro quebrava o molde de argila e então surgia uma figura de bronze com a mesma forma do original em cera. Os cretenses levaram o método da *cire-perdue* para a Sardenha, junto com o culto de Dédalo. Posto que Dédalo havia aprendido o seu ofício com Atena,

que era conhecida como Medeia em Corinto, talvez a morte de Talo tenha sido uma interpretação equivocada de um ícone em que aparecia Atena ensinando esse método. A tradição segundo a qual Ícaro teria morrido porque a cera de suas asas derretera parece mais pertencer ao mito de seu primo Talo, já que Talo, o homem de bronze, está intimamente relacionado ao seu homônimo, o forjador de bronze e reputado inventor do compasso.

9. Os compassos fazem parte do mistério do forjador de bronze, essencial para desenhar com precisão círculos concêntricos no momento de fabricar tigelas, elmos ou máscaras. Por isso Talo era conhecido como Circino, "o circular", título que se referia tanto à trajetória do Sol como ao uso do compasso (vide 3. *2*). A sua invenção do serrote destacou-se com toda a justiça: os cretenses tinham pequeninas serras giratórias com dentes duplos para os trabalhos mais minuciosos e as utilizavam com extraordinária destreza. Talo é o filho de uma ninfa do freixo, porque o carvão vegetal dessa árvore produz um calor muito intenso para as fundições. Esse mito esclarece também a criação do homem por Prometeu a partir do barro. Na lenda hebraica, o papel de Prometeu é desempenhado por Miguel arcanjo, que trabalhava sob a vigilância de Jeová.

10. A morte de Talo causada pelo disparo da flecha de Peante evoca o disparo de Páris contra o calcanhar de Aquiles, assim como as mortes dos centauros Folo e Quíron (vide 126. *3*). Esses mitos estão intimamente relacionados. Folo e Quíron morreram por causa das flechas envenenadas de Hércules. Peante era pai de Filoctetes e, quando Hércules foi envenenado por outro centauro, ordenou que acendesse a pira; como resultado, Filoctetes recebeu as mesmas flechas (vide 145. *f*), uma das quais o envenenou (vide 161. *l*). Páris então tomou emprestadas as flechas letais de Apolo da Tessália para matar Aquiles, filho adotivo de Quíron (vide 164. *j*), e, finalmente, quando Filoctetes vingou Aquiles ao matar Páris, ele utilizou outra flecha da aljava de Hércules (vide 166. *e*). Parece que o rei sagrado tessálio morria por uma flecha impregnada com veneno de víbora, que o seu sucessor lhe cravava entre o calcanhar e o tornozelo.

11. No mito celta, o labirinto veio a significar a tumba real (*A deusa branca*, p. 105). Que ele tivesse o mesmo significado entre os gregos primitivos, é algo sugerido pela sua definição no *Etymologicum Magnum* como "caverna na montanha", e por uma outra definição, dada por Eustáquio (sobre a *Odisseia* de Homero: XI, p. 1.688), como "cova subterrânea". Lars Porsena, o Etrusco, construiu para si uma tumba em forma de labirinto (Varro, citado por Plínio: *História natural* XXXVI. 91-93), e havia labirintos nas cavernas "ciclópicas", ou seja, pré-helênicas, perto de Nauplia (Estrabão: VIII. 6. 2), em Samos (Plínio:

História natural XXXIV. 83) e em Lemnos (Plínio: *História natural* XXXVI. 90). Logo, escapar do labirinto significava reencarnar.

12. Embora Dédalo figure como ateniense por causa do demo ático que recebeu o nome em sua homenagem, as artes dedálicas foram introduzidas na Ática vindas de Creta, e não o contrário. Provavelmente, os brinquedos que ele fazia para as filhas de Cócalo eram bonecas com membros móveis, como aquelas que eram tão apreciadas por Pasífae e sua filha Ariadne (vide 88. *e*) e que parecem ter sido empregadas no culto ático da árvore em homenagem a Erígone. De qualquer modo, Policasta, irmã de Dédalo, se enforcou, assim como duas Erígones e a própria Ariadne (vide 79. *2* e 88. *10*).

13. Os messápios de Híria, mais tarde Úria e agora Orian, eram conhecidos na época clássica pelos seus costumes cretenses: cabelos encaracolados, túnicas com bordados de flores, machado duplo etc. A cerâmica ali encontrada pode ser datada de 1400 a.C., o que confirma a história.

NOTAS

[a] Trismo sardônico. (N.T.)

1 Apolodoro: III.15. 8; Plutarco: *Teseu* 19; Ferécides, citado por escoliasta sobre *Édipo em Colonus* de Sófocles: 472; Higino: *Fábula* 39.

2 Apolodoro: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 236-259; Higino: *Fábula* 274; Plínio: *História natural* VII. 57.

3 Fulgêncio: *Mitos* III. 2; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 232; Segundo Mitógrafo do Vaticano: 130; Diodoro Sículo: IV. 76. 6; Higino: *Fábula* 39; Pausânias: VII. 4. 5.

4 Pausânias: I. 21. 6; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 14; Helanico, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 1.650; Ovídio: *loc. cit*.; Suidas e Fócio *sub* Santuário de Pérdice.

5 Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* I. 12.

6 Isidoro de Sevilha: *Origens* XIV. 6; Higino: *Fábula* 40; Ovídio: *As metamorfoses* VIII. 182-235.

7 Diodoro Sículo: IV. 77; Apolodoro: II. 6. 3; Pausânias: IX. 11. 2-3.

8 Virgílio: *Eneida* VI. 14 *et seq.*; Pausânias: VII. 4. 5; Diodoro Sículo: IV. 78.

9 Pausânias: *loc. cit.*; Apolodoro: *Epítome* I. 14-15; Zenóbio: *Provérbios* IV. 92; Diodoro Sículo: IV. 79.

10 Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Heródoto: VII. 170.

11 Pausânias: VII. 2. 2; Diodoro Sículo: IV. 30.

12 Suidas *sub* Risus Sardonicus; Apolônio de Rodes: *Argonáutica* 1.639 *et seq.*; Apolodoro: I. 9. 26; Platão: *Minos* 320c.

93

CATREU E ALTEMENE

Catreu, o mais velho dos filhos sobreviventes de Minos, teve três filhas: Aeropa, Clímene e Apemosine; e um filho, Altemene. Quando um oráculo predisse que Catreu seria morto por um de seus filhos, Altemene e Apemosine, a de pés ligeiros, abandonaram piedosamente Creta com um grande séquito, na esperança de evitar que se cumprisse a profecia. Eles desembarcaram na ilha de Rodes e fundaram a cidade de Cretênia, chamando-a assim em homenagem à sua ilha nativa.[1] Altemene se estabeleceu depois em Camiro, onde era honrado por seus habitantes, e erigiu um altar a Zeus no monte Atabírio, próximo dali, de cujo cimo, em dias claros, podia-se divisar a distância em relação a sua amada Creta. Em torno do altar ele dispôs touros de bronze que bramiam alto à iminência do perigo.[2]

b. Um dia, Hermes se apaixonou por Apemosine, que rechaçou suas pretensões e fugiu. Naquela noite, ele a surpreendeu perto de um riacho. Ela voltou-se, na intenção de fugir de novo, mas ele havia espalhado peles escorregadias pelo caminho por onde era possível escapar; ela caiu de bruços no chão, e ele aproveitou para violá-la. Quando Apemosine voltou ao palácio, entristecida, e relatou sua desgraça a Altemene, ele gritou: “Meretriz mentirosa!”, e a chutou até a morte.

c. Catreu, desconfiando de Aeropa e Clímene, suas outras duas filhas, desterrou-as de Creta, onde agora era rei. Após haver sido seduzida pelo pelópida Tiestes, Aeropa casou-se com Plístenes, com quem teve Agamênon e Menelau; e Clímene se casou com Náuplio, o célebre navegador. Finalmente, vendo-se sozinho e envelhecido e, ao que soubesse, sem herdeiros do trono, Catreu foi procurar Altemene, a quem ele amava profundamente. Na noite em que desembarcavam em Rodes, ele e seus companheiros, confundidos com

piratas, foram atacados pelos pastores de Camiro. Catreu tentou explicar-lhes quem era e por que se achava ali, mas o latido dos cães não permitia que se ouvisse a sua voz. Altemene saiu correndo do palácio a fim de sufocar a suposta invasão e, sem reconhecer o seu pai, matou-o com uma lança. Quando percebeu que o oráculo havia se cumprido, apesar de seu exílio longo e voluntário, ele suplicou que fosse engolido pela terra. Como resposta ao seu desejo, abriu-se um abismo na terra e ele desapareceu, mas ainda rendem-se-lhe honras de herói.[3]

1. Este mito artificial, que registra uma ocupação miceno-minoica de Rodes no século XV a.C., tem a intenção de explicar tanto as libações feitas num abismo a um herói de Rodes quanto os esportes eróticos durante os quais as mulheres dançavam sobre as peles recém-esfoladas dos animais sacrificados. A terminação *byrios*, ou *buriash*, aparece no título real da Terceira Dinastia babilônica, fundada no ano de 1750 a.C.; e a divindade de Atabírio em Creta, assim como a divindade de Atabirium (monte Tabor) na Palestina, famosa por sua adoração do bezerro de ouro, era o hitita Tesup, um deus-Sol possuidor de gado (vide 67. *1*). Rodes pertenceu primeiro à deusa-Lua suméria Dam-Kina, ou Dânae (vide 60. *3*), mas depois passou às mãos de Tesup (vide 42. *4*); e, por ocasião da queda do Império Hitita, ela foi colonizada por cretenses que falavam grego e conservavam o culto do touro, mas que transformaram Atabírio em filho de Proteu (“o primeiro homem”) e Eurínome na Criadora (vide 1. *a*). Na época dórica, Zeus Atabírio usurpou a Tesup o culto em Rodes. O bramido dos touros devia ser produzido pelo rodopio dos *rhomboi*, ou aerófonos (vide 30. *1*), utilizados para afugentar espíritos maléficos.

2. A morte de Apemosine em Camira pode se referir a uma repressão brutal, mais por parte dos hititas do que dos invasores cretenses, de um colégio de sacerdotisas oraculares de Camiro. As três filhas de Catreu, assim como as danaides, representam a famosa trilogia lunar, sendo Apemosine a terceira pessoa, a equivalente de Camira. Catreu, assassinado acidentalmente por seu filho Altemene, assim como Laio por seu filho Édipo (vide 105. *d*) e Odisseu por seu filho Telégono (vide 170. *k*), seria, mais do que um pai, um predecessor do reino sagrado. Mas a história foi relatada de maneira equívoca, pois é o filho, e não o pai, quem deveria ter desembarcado e disparado a lança.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 2. 1.

[2] Diodoro Sículo: V. 78; Apolodoro: *loc. cit.*; Estrabão: XIV. 2. 2; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: VII. 159.

[3] Apolodoro: III. 2. 1-2; Diodoro Sículo: *loc. cit.*

94

OS FILHOS DE PANDIÃO

Quando Erecteu, rei de Atenas, foi assassinado por Poseidon, seus filhos Cécrope, Pandoro, Metíon e Orneu brigaram pelo direito de sucessão; e Xuto, que emitiu o veredicto que deu o trono a Cécrope, o mais velho dentre eles, teve de abandonar a Ática às pressas.[1]

b. Cécrope, ameaçado de morte por Metíon e Orneu, fugiu primeiro para Mégara e depois para a Eubeia, onde Pandoro se juntou a ele para fundar uma colônia. O trono de Atenas ficou para o filho de Cécrope, Pandião, cuja mãe era Metiadusa, filha de Eupálamo.[2] Mas ele não pôde desfrutar do poder durante muito tempo, pois, embora Metíon houvesse morrido, os filhos que ele tivera com Alcipe de Ifínoe revelaram-se tão invejosos quanto o pai. Esses filhos se chamavam Dédalo, que alguns, entretanto, apontam como neto dele; Eupálamo, a quem outros consideram o seu pai; e Sícion, também chamado filho de Erecteu, Pélope ou Maráton, havendo grande controvérsia em tais genealogias.[3]

c. Quando os filhos de Metíon expulsaram Pandião de Atenas, ele fugiu para a corte de Pilas, Pilos ou Pílon, um rei lélege de Mégara,[4] com cuja filha, Pília, ele se casou. Depois, Pilos matou seu tio Bias e, deixando o governo de Mégara para Pandião, refugiou-se em Messênia, onde fundou a cidade de Pilos. Expulso dali por Neleu e pelos pelasgos de Iolco, ele entrou na Élida e fundou uma segunda Pilos. Pília deu a Pandião quatro filhos em Mégara: Egeu, Palas, Niso e Lico, embora os invejosos irmãos de Egeu tenham difundido o rumor de que ele fosse filho bastardo de um tal de Escírio.[5] Pandião jamais regressou a Atenas. Ele possui um altar de herói em Mégara, onde sua tumba é ainda exposta na Escarpa de Atena Mergulhão, como prova de que aquele território já pertenceu a Atenas. Disfarçada dessa ave, Atena escondeu o pai de Pandião, Cécrope, debaixo de suas asas e o levou são e salvo até Mégara.[6]

d. Após a morte de Pandião, seus filhos marcharam contra Atenas, expulsaram os filhos de Metíon e dividiram a Ática em quatro partes, tal como seu pai lhes havia ordenado. Egeu, por ser o mais velho deles, obteve a soberania de Atenas, ao passo que seus irmãos repartiram o restante do reino por sorteio: Niso ficou com Mégara e a região circundante do oeste até Corinto; Eubeia coube a Lico; e a Palas, o sul da Ática, onde ele criou uma geração grosseira de gigantes.[7]

e. O filho de Pilas, Cirão, que se casou com uma das filhas de Pandião, combateu o direito de Niso a ficar com Mégara, e Éaco, chamado para arbitrar o assunto, outorgou o reinado a Niso e seus descendentes, mas o comando do exército foi concedido a Cirão. Naquele tempo, Mégara se chamava Nisa, e Niso também deu seu nome ao porto de Niseia, que ele mesmo fundou. Quando Minos matou Niso, ele foi enterrado em Atenas, onde ainda pode-se ver sua tumba na parte de trás do Liceu. Entretanto, os megarenses, que alegam que sua cidade jamais esteve sob o jugo cretense, garantem que Megareu se casou com Ifínoe, filha de Niso, e que ele o sucedeu no trono.[8]

f. Egeu, assim como Cécrope e Pandião, passou toda a vida sob a ameaça constante das conspirações de seus parentes, dentre eles Lico, o qual, conforme se diz, foi por ele desterrado da Eubeia. Lico se refugiou em Sarpédon e deu seu nome à Lícia, após haver primeiro visitado Afareu em Arene e iniciado a casa real nos Mistérios das Grandes Deusas Deméter e Perséfone, assim como nos de Átis, na antiga capital messênia de Andania. Essa Átis, que deu seu nome à Ática, era uma das três filhas de Crânao, o rei autóctone de Atenas que reinava na época do dilúvio de Deucalião. O bosque de carvalhos de Andania, onde Lico purificava os iniciados, ainda leva o seu nome.[9] Fora-lhe concedido o dom da profecia, e foi o seu oráculo que mais tarde declarou que, se os messênios mantivessem a salvo certo objeto secreto, algum dia eles recuperariam o seu patrimônio, caso contrário o perderiam para sempre. Lico aludia a um relato dos Mistérios da Grande Deusa, gravado numa lâmina de metal, que os messênios haviam enterrado numa urna de bronze entre um teixo e um mirto no alto do monte Itono. O tebano Epaminondas finalmente o desenterrou quando restituiu aos messênios a sua glória.[10]

g. O Liceu de Atenas também se chama assim em honra a Lico. Desde os tempos mais remotos, ele havia sido consagrado a Apolo, que ali recebeu pela primeira vez o apelido de “Liceano” ao afugentar os lobos de Atenas com o odor de seus sacrifícios.[11]

1. Genealogias míticas como estas eram citadas cada vez que a soberania de Estados ou privilégios hereditários tornavam-se objeto de disputa. A divisão de Mégara entre o rei sagrado, que realizava os sacrifícios necessários, e seu sucessor, que comandava o exército, tem um paralelismo em Esparta (vide 74. *1*). O nome de Egeu indica a existência do culto da cabra em Atenas (vide 8. *1*), e o de Lico, o culto do lobo. Qualquer ateniense que matasse um lobo via-se obrigado a enterrá-lo mediante subscrição pública (escoliasta sobre Apolônio de Rodes: II. 124). O mergulhão era consagrado a Atena como protetora dos barcos, e, como a Escarpa de Atena dominava o mar, é possível que este tenha sido um dos penhascos de onde sua sacerdotisa arremessava o *pharmacos* emplumado (vide 70. *7*, 89. *6* etc.). Átis (*actes thea*, "deusa da costa escarpada") parece ter sido um título da deusa tripla ática; suas irmãs se chamavam Crânae ("pétrea") e Cranecme ("ponto rochoso" — Apolodoro: III. 14. 5). Como Procne e Filomela, quando se transformaram em pássaros, foram conjuntamente chamadas de Átis (Marcial: I. 54. 9 e V. 67. 2), é provável que ela tivesse alguma relação com o mesmo ritual do topo do penhasco. Átis, assim como Atena, tem outras manifestações na forma de uma ave em Homero (vide 97. *4*). Os Mistérios das Grandes Deusas relativos à ressurreição haviam sido enterrados entre um teixo e um mirto porque essas árvores representavam, respectivamente, a última vogal e a última consoante do alfabeto da árvore (vide 52. *3*) e eram consagradas à deusa da morte.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 15. 1 e 5; Plutarco: *Teseu* 32; Pausânias: VII. 1. 2.

[2] *Ibid.*: I. 5. 3; Eustácio sobre Homero: p. 281; Apolodoro: III. 15. 5.

[3] Ferécides, citado por escoliasta sobre *Édipo em Colonus* de Sófocles: 472; Apolodoro: III. 15. 8; Diodoro Sículo: IV. 76. 1; Pausânias: II. 6. 3.

[4] Apolodoro: III. 15. 5; Pausânias: IV. 36. 1 e I. 29. 5.

[5] Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: IV. 36. 1.

[6] Pausânias: I. 41. 6; I. 5. 3 e I. 39. 4; Hesíquio *sub* Etia.

[7] Apolodoro: III. 15. 6; Sófocles, citado por Estrabão: I. 6; Pausânias: I. 5. 4 e I. 39. 4.

[8] Pausânias: I. 39. 4-5 e 19. 5; Estrabão: IX. 1. 6.

[9] Heródoto: I. 173; Pausânias: I. 2. 5 e IV. 1. 4-5.

[10] Pausânias: X. 12. 5; IV. 20. 2 e 26. 6.

[11] *Ibid.*: I. 19. 4; escoliasta sobre Demóstenes: XXIV. 114.

95

O NASCIMENTO DE TESEU

A primeira esposa de Egeu foi Melite, filha de Hoples, e a segunda foi Calcíope, filha de Rexenor; mas nenhuma delas lhe deu um filho. Atribuindo isso, junto com as desgraças de suas irmãs Procne e Filomela, à ira de Afrodite, ele introduziu o culto dessa deusa em Atenas e depois consultou o oráculo de Delfos, que o aconselhou a não desamarrar o bocal de seu odre de vinho antes de chegar ao ponto mais alto de Atenas, a não ser que ele desejasse morrer em um dia de aflição, resposta que Egeu não soube interpretar.[1]

b. Em sua viagem de volta, ele passou por Corinto, onde Medeia o fez jurar solenemente que a protegeria dos inimigos se algum dia ela viesse buscar refúgio em Atenas; em troca, ela se comprometeu a providenciar-lhe um filho mediante o uso da magia. Em seguida, Egeu visitou Trezena, aonde acabavam de chegar de Pisa seus velhos camaradas Piteu e Trezeno, filhos de Pélope, para compartilhar o reino com Écio. Esse monarca havia sucedido seu pai, Antas, filho de Poseidon com Alcíone, que, após fundar as cidades de Anteia e Hipereia, havia recentemente zarpado para fundar Halicarnasso, na Cária. Mas parece que Écio desfrutou de pouco poder, pois Piteu, por ocasião da morte de Trezeno, uniu Anteia e Hipereia em uma única cidade, que ele dedicou conjuntamente a Atena e Poseidon, chamando-a Trezena.[2]

c. Piteu era o homem mais culto de seu tempo, e com frequência é citado um de seus apotegmas morais, sobre a amizade: “Não destrua a esperança que a amizade concebeu, antes mantenha-a em alta!” Ele fundou um santuário de Apolo Oracular em Trezena, o mais antigo que se conservou em toda a Grécia, e também dedicou um altar à deusa tripla Têmis. Três tronos de mármore branco, dispostos sobre a sua tumba, detrás do templo da Ártemis Salvadora, serviam de assento a ele e outros dois juízes durante as sessões. Piteu ensinou também a arte

da oratória no santuário das musas de Trezena — fundado por um filho de Hefesto, Árdalo, o famoso inventor da flauta —, e ainda se conserva um tratado de retórica de seu próprio punho.[3]

d. Enquanto Piteu ainda vivia em Pisa, Belerofonte havia lhe pedido sua filha Etra em casamento, mas ele foi enviado à Cária em desgraça antes que se consolidassem as núpcias, e, embora Etra continuasse comprometida com Belerofonte, ela já não acreditava no seu regresso. Por conseguinte, Piteu, lamentando sua virgindade imposta, e influenciado pelo feitiço que Medeia lançava contra todos eles a distância, conseguiu embebedar Egeu e mandá-lo ao leito de Etra. Mais tarde, nessa mesma noite, também desfrutou dela Poseidon, pois, obedecendo a um sonho induzido por Atena, ela abandonou Egeu bêbado e atravessou o vau para a ilha de Esféria, perto de Trezena, levando consigo libações para derramá-las sobre a tumba de Esfero, auriga de Pélope. Ali, com a conivência de Atena, ela foi possuída por Poseidon. Etra subsequentemente mudou o nome da ilha de Esféria para Hiera e fundou ali um templo dedicado a Atena Apatúria, estabelecendo uma regra segundo a qual, a partir daquele momento, toda menina trezeniana deveria dedicar o seu cinto à deusa antes de se casar. Mas Poseidon cedeu generosamente a Egeu a paternidade dos filhos que nasceram de Etra nos quatro meses seguintes.[4]

e. Quando Egeu despertou e se viu no leito de Etra, ele lhe disse que, se algum filho nascesse de sua união, ele não deveria ser abandonado nem enviado a outro lugar, mas criado em segredo em Trezena. Depois, voltou para Atenas a fim de celebrar o Festival Pan-ateniense, após esconder sua espada e suas sandálias debaixo de uma rocha conhecida pelo nome de Altar de Zeus Forte, que se encontrava na estrada que liga Trezena a Hermio. Caso o infante, ao crescer, fosse capaz de mover a rocha e recuperar os objetos ali escondidos, então ele deveria se apresentar em Atenas, com a espada e as sandálias, para ser reconhecido como seu herdeiro legítimo. Enquanto isso, Etra deveria guardar silêncio para que os sobrinhos de Egeu, os cinquenta filhos de Palas, não conspirassem contra sua vida. A espada era uma herança de Cécrope.[5]

f. Num lugar que agora se chama Genétlio, na estrada que vai da cidade ao porto de Trezena, Etra deu à luz um menino. Alguns dizem que, logo em seguida, ela lhe pôs o nome de Teseu, porque os objetos haviam sido *depositados* para ele; outros dizem que ele teria recebido esse nome mais tarde, em Atenas. Teseu foi criado em Trezena, onde seu guardião Piteu difundiu discretamente o rumor de que o seu pai havia sido Poseidon, e foi instruído por Cônidas, a quem os atenienses continuam sacrificando um carneiro um dia antes das festas teseanas. Há quem afirme, porém, que Teseu foi criado em Maratona.[6]

g. Certa vez, enquanto se banqueteava na companhia de Piteu em Trezena, Hércules despiu-se de sua pele de leão e a atirou sobre um tamborete. Ao vê-la, as crianças do palácio começaram a gritar e saíram em disparada; todos, exceto o menino de sete anos, Teseu, que se apressou a pegar um machado que encimava uma pilha de lenha e, tomado de valentia, arremeteu contra a pele, pensando ser ela um leão de verdade.[7]

h. Aos 16 anos, Teseu visitou Delfos e ofereceu a Apolo a primeira mecha de cabelo que lhe haviam cortado ao alcançar a virilidade. Entretanto lhe fora raspada somente a parte dianteira da cabeça, ao estilo dos árabes e mísios, ou como os belicosos abantes da Eubeia, que assim faziam para privar os inimigos de qualquer vantagem no combate corpo a corpo. Esse tipo de corte, bem como o recinto onde se realizava a cerimônia, continua sendo chamado de teseano (relativo a Teseu). Ele era então um jovem robusto, sagaz e prudente, e Etra um dia contou-lhe a história de seu nascimento, mostrando-lhe a rocha sob a qual Egeu havia escondido a espada e as sandálias. Não lhe foi difícil apartar a rocha, chamada desde então "Rocha de Teseu", e recuperar os objetos. Mas, apesar das advertências de Piteu e das súplicas de sua mãe, ele não quis ir a Atenas pela rota segura do mar e teimou em viajar por terra, impulsionado pelo desejo de imitar as façanhas de seu primo-irmão Hércules, por quem sentia profunda admiração.[8]

1. Piteu é uma forma masculina de Piteia. Os nomes das cidades que ele uniu para criar Trezena indicam a existência de uma tríade calendárica matriarcal (vide 75. *2*) formada por Anteia ("florida", a deusa da primavera), Hipereia ("situada acima", a deusa do verão, quando o Sol está em seu zênite) e Piteia ("deusa-pinho", venerada no outono, quando Átis-Adônis [vide 79.*1*] era sacrificado em seu pinheiro). Elas podem ser identificadas com a deusa tripla Têmis, a quem Piteu erigiu um altar, já que a palavra Trezena parece ser uma forma reduzida de *trion hezomenon*, "[a cidade] dos três sentados", referência aos três tronos brancos que serviam de assentos de juízes a "Piteu e os outros dois".

2. Teseu originalmente deve ter tido um irmão gêmeo, pois sua mãe se deitou na mesma noite com um deus e com um mortal; isso é confirmado pelos mitos de Idas e Linceu, Castor e Pólux (vide 74. *1*), Hércules e Íficles (vide 118. *3*). Ademais, à semelhança de Hércules, ele envergava a pele de leão e, portanto,

devia ser o rei sagrado, não o seu sucessor. Mas quando Teseu se transformou no principal herói de Atenas depois das Guerras Persas, ele tinha de ser ateniense ao menos por parte de pai, pois sua mãe provinha de Trezena. Então, os mitógrafos decidiram resolver a questão de duas maneiras: ele era ateniense, filho de Egeu, um mortal; mas sempre tinha a possibilidade de reclamar Poseidon como pai em caso de necessidade (vide 98. *j* e 101. *f*). Em ambos os casos, sua mãe era sempre uma trezeniana, e Atenas tinha importantes interesses naquela cidade. Eles também lhe concederam um irmão gêmeo honorário, Pirítoo, que, por ser mortal, não pôde escapar do Tártaro, assim como fizeram Hércules, Pólux e o próprio Teseu (vide 74. *j*, 103. *d* e 134. *d*). Não foram poupados esforços para relacionar Teseu com Hércules, mas os atenienses nunca chegaram a ser suficientemente poderosos para transformá-lo numa divindade olímpica.

3. Entretanto parece que houve ao menos três personagens míticos chamados Teseu: um de Trezena, um de Maratona, na Ática, e um terceiro, do território lápita. Os três foram unificados em um só personagem apenas no século VI a.C., quando (como sugere o professor George Thomson) os butadas — um clã lápita que havia se tornado a aristocracia dirigente de Atenas e inclusive usurpado o nativo sacerdócio pelasgo de Erecteu — apresentaram o Teseu ateniense como rival do Hércules dórico (vide 47. *4*). Mais uma vez, Piteu volta a ser um título tanto elidense quanto trezênio, que era também ostentado pelo herói epônimo de um demo ático pertencente à tribo cecrópida.

4. A visita de Etra a Esféria sugere que o antigo costume de prostituir-se praticado pelas moças solteiras sobreviveu no templo de Atena durante algum tempo após a introdução do sistema patriarcal. É praticamente impossível que esse costume tenha sido trazido de Creta, já que Trezena é uma cidade micênica, mas antes parece ser uma importação canaanita, como no caso de Corinto.

5. As sandálias e a espada são antigos símbolos de realeza; ao que parece, sacar a espada de uma rocha fazia parte do ritual da coroação na Idade do Bronze (vide 81. *2*). Odin, Galahad e Artur tiveram de realizar, cada um por sua vez, uma façanha similar, e na cena de um matrimônio sagrado esculpida em Hataso aparece uma espada imensa, com punho de leão e fincada numa rocha (vide 145. *5*). Posto que a rocha de Egeu é chamada tanto Altar de Zeus Forte como também Rocha de Teseu, pode-se supor que “Zeus” e “Teseu” eram títulos alternativos do rei sagrado que era ali coroado, embora fosse armado pela deusa. O “Apolo” a quem Teseu dedicou o seu cabelo devia ser Karu (“filho da deusa Car” — vide 82. *6* e 86. *2*), conhecido também como Car, ou Q’re, ou Carys, o rei solar cujos cachos eram anualmente cortados antes de morrer (vide 83. *3*), como os de Sansão de Tírio e o megarense Niso (vide 91. *1*). Numa festa chamada Comíria (“corte de cabelo”), os rapazes sacrificavam suas mechas de

cabelo frontais na lamentação anual em sua honra, e posteriormente ficaram conhecidos como curetes (vide 7. *4*). Esse costume, provavelmente de origem líbia (Heródoto: IV. 194), estendeu-se pela Ásia Menor e Grécia; em *Levítico* XXI. 5, é criticado com severidade. Mas na época de Plutarco, Apolo era venerado como o deus-Sol imortal, e, como prova disso, ele mesmo mantinha o cabelo intocado.

6. A divisão de Trezena realizada por Écio entre Trezeno, Piteu e ele próprio evoca o acerto que Proteu fez com Melampo e Bias (vide 72. *h*). O Piteu que ensinava retórica e cujo tratado sobreviveu até a época clássica deve ter sido um personagem histórico posterior.

NOTAS

[1] Escoliasta sobre *Medeia* de Eurípides: 668; Apolodoro: III. 15. 6; Pausânias: I. 14. 6.

[2] Eurípides: *Medeia* 660 *et seq.*; Estrabão: VIII. 6. 14; Plutarco: *Teseu* 2.

[3] Plutarco: *loc. cit.*; Pausânias: II. 31. 3-4 e 8-9.

[4] Pausânias: II. 31. 12 e 33. 1; Apolodoro: III. 15. 7; Plutarco: *Teseu* 3; Higino: *Fábula* 37.

[5] Plutarco: *loc. cit.*; Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: II. 32. 7.

[6] Pausânias: II. 32. 8; Plutarco: *Teseu* 4 e 6; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: XII. 194.

[7] Pausânias: I. 27. 8.

[8] Homero: *Ilíada* II. 542; Pausânias: *loc. cit*. e II. 32. 7; Plutarco: *Teseu* 5 e 7.

96

OS TRABALHOS DE TESEU

Teseu partiu para livrar de bandidos a rota costeira que ligava Trezena a Atenas. Sua intenção não era provocar brigas, mas vingar-se de todos aqueles que ousaram molestá-lo, aplicando-lhes uma punição proporcional ao delito cometido, como costumava fazer Hércules.[1] Em Epidauro, Perifetes, o aleijado, armou uma cilada contra ele. Perifetes é considerado por alguns filho de Poseidon e, por outros, filho de Hefesto com Anticleia. Ele possuía uma enorme clava de bronze com a qual costumava matar os viajantes, e por isso o seu apelido: Corunetes, ou "homem do porrete". Teseu arrebatou-lhe a clava e o golpeou até a morte. Encantado com o tamanho e o peso da arma, a partir desse momento ele a portava com orgulho aonde quer que fosse e, embora houvesse sido capaz de abrandar o seu ritmo mortal, em suas mãos ela sempre alcançava, certeira, o inimigo.[2]

b. No ponto mais estreito do istmo, de onde podem ser vistos o golfo de Corinto e o golfo Sarônico, vivia Sínis, filho de Pemon; ou, segundo outros, filho de Polipêmon e Sileia, filha de Corinto, que afirmava ser filho bastardo de Poseidon.[3] Ele havia sido apelidado de Pitiocantos, ou "dobra-pinheiro", pois era tão forte que podia dobrar as copas dos pinheiros até fazê-las tocar o chão; com frequência, costumava pedir a inocentes transeuntes que o ajudassem nessa tarefa, mas depois ele soltava a árvore e eles eram arremessados ao ar, morrendo na queda. Costumava também inclinar as copas de duas árvores próximas entre si até que se tocassem, e depois atava cada um dos braços da vítima a cada uma delas, de forma que o corpo da pessoa se dilacerava quando as árvores eram soltas.[4]

c. Teseu lutou com Sínis, venceu-o e o matou da mesma forma que havia aniquilado outros malfeitores. Foi então que uma bela jovem passou por ele

como um raio e se escondeu atrás de umas moitas de junco e aspargos silvestres. Ele a seguiu e, após uma longa busca, encontrou-a invocando as plantas e prometendo jamais queimá-las ou destruí-las se elas a mantivessem a salvo. Quando Teseu jurou que não lhe faria mal, ela concordou em sair do esconderijo, revelando ser Perígone, filha de Sínis. Perígone se apaixonou por Teseu à primeira vista, perdoou-o por ter matado o seu odioso pai e, no devido tempo, deu-lhe um filho, Melanipo. Depois, Teseu deu-a em casamento a Deioneu, o Ecaliano. Ioxo, filho de Melanipo, emigrou para a Cária, onde se tornou o ancestral dos ióxides, que não queimam juncos nem aspargos silvestres, mas os veneram.[5]

d. Mas há quem diga que Teseu matou Sínis muitos anos depois e fez com que voltassem a ser-lhe dedicados os jogos ístmicos, que haviam sido fundados por Sísifo em homenagem a Melicerta, filho de Ino.[6]

e. Em seguida, em Cromium, ele perseguiu e matou uma monstruosa porca selvagem, que havia tirado a vida de tantos cromionitas que eles já não se atreviam a sair para lavrar os campos. Diz-se que esse animal, que tinha o mesmo nome da velha que o havia criado, era filho de Tífon e Equidna.[7]

f. Seguindo a rota costeira, Teseu chegou aos íngremes penhascos que se erguiam sobre o mar e que se haviam transformado no baluarte do bandido Cirão. Uns diziam que ele era coríntio, filho de Pélope, ou de Poseidon; outros, que era filho de Henióque e Caneto.[8] Cirão costumava sentar-se numa rocha e obrigar os transeuntes a lavar-lhe os pés, e, quando se negavam a fazê-lo, dava-lhes um pontapé e os arremessava, do alto do penhasco, diretamente ao mar, onde uma tartaruga gigante os aguardava para devorá-los. (As tartarugas marinhas parecem-se muito com as terrestres, só que elas são maiores e possuem nadadeiras em vez de patas.) Teseu se negou a lavar os pés de Cirão, ergueu-o de cima da rocha e o atirou ao mar.[9]

g. Mas os megarenses dizem que o único Cirão com o qual Teseu travou uma batalha era um honesto e generoso príncipe de Mégara, pai de Endeis, que se casou com Éaco e teve com ele Peleu e Télamon. Eles acrescentam ainda que Teseu matou Cirão muitos anos depois, após a conquista de Elêusis, e que celebrou os jogos ístmicos em sua homenagem, sob o patrocínio de Poseidon.[10]

h. Os penhascos de Cirão se erguem perto das Rochas Molúrias, e por eles passa a senda de Cirão, por ele aberta à época em que comandava os exércitos de Mégara. Os atenienses chamam de Cirão uma violenta brisa do noroeste que sopra na direção do mar através desses altos penhascos.[11]

i. Agora, *sciron* significa “guarda-sol”, e o mês de cirofório é assim chamado porque, no Festival Feminino de Deméter e Coré, que ocorre no décimo segundo dia daquele mês, o sacerdote de Erecteu segura um guarda-sol

branco, enquanto uma sacerdotisa de Atena Ciras segura um outro, numa solene procissão que parte da Acrópole — pois, em tal ocasião, a imagem da deusa é revestida de *sciras*, uma espécie de gesso, para comemorar a imagem branca que Teseu fez dela após derrotar o Minotauro.[12]

j. Continuando a sua viagem a Atenas, Teseu encontrou-se com Cércion, o Árcade, que alguns consideram filho de Branco com a ninfa Argíope e, outros, filho de Hefesto, ou de Poseidon.[13] Ele incitava os transeuntes a lutarem com ele e depois os esmagava à morte com o seu poderoso abraço. Mas Teseu o ergueu pelos joelhos e, para o deleite de Deméter, que contemplava a cena, atirou-o ao chão, de ponta-cabeça. Cércion teve morte instantânea. Teseu confiava mais na destreza do que na força e, por isso, inventou a arte da luta corpo a corpo, cujos princípios ainda não haviam sido compreendidos. Ainda se pode ver o recinto da luta de Cércion perto de Elêusis, na estrada de Mégara, não distante do túmulo de sua filha Álope, que dizem ter sido violada por Teseu.[14]

k. Quando chegou a Coridalo, na Ática, Teseu matou Polipêmon, pai de Sínis, apelidado de Procusto, que vivia às margens da estrada e tinha duas camas em casa, uma pequena e outra grande. Ao hospedar os viajantes que por ali passavam, ele colocava os homens baixos na cama grande e os torturava estirando-os até que se ajustassem ao tamanho do leito; e os homens altos ele colocava na cama pequena, cortando-lhes a parte das pernas que não coubesse na cama. Há quem afirme, contudo, que ele tinha uma só cama, portanto estirava ou amputava seus hóspedes para que nela se encaixassem. De qualquer modo, Teseu fê-lo sentir na pele o sofrimento infligido aos outros.[15]

1. A morte de Perifetes é uma invenção que tem como objetivo oferecer uma explicação à clava de bronze de Teseu, igual à que Hércules usava (vide 120. *5*). Perifetes é descrito como aleijado porque ele era filho do ferreiro Dédalo, e os ferreiros costumavam ser ritualmente aleijados (vide 92. *1*).

2. Acreditava-se que o Setentrião, que dobrava os pinheiros, fertilizava as mulheres, os animais e as plantas. Por isso, descreve-se o “Pitiocantos” como pai de Perígone, deusa dos trigais (vide 48. *1*). A associação que se faz entre seus descendentes e o aspargo silvestre e os juncais sugere que os cestos sagrados que se carregavam nas Tesmoforias eram feitos desses materiais, e, portanto, proibia-se o seu uso indiscriminado. A porca Cromiônia, também conhecida por Fea, é a porca branca Deméter (vide 24. *7* e 74. *4*), cujo culto foi logo suprimido no

Peloponeso. O fato de que Teseu tenha saído de sua rota para matar uma mera porca gerou muitos problemas aos mitógrafos: Higino e Ovídio fazem dela um javali, e Plutarco a descreve como uma bandida cujo detestável comportamento valeu-lhe o apelido de “porca”. Mas ela aparece também no primitivo mito galês como a Velha Porca Branca, Hen Wen, assistida pelo mago guardador de porcos Coll ap Collfrewr, que introduziu na Bretanha o trigo e as abelhas; e o mago guardador de porcos de Deméter, Eubuleu, era evocado nas Tesmoforias de Elêusis, quando se atiravam porcos vivos num abismo em sua homenagem. Seus restos putrefatos serviam depois para fertilizar as sementes de trigo (escoliasta sobre *Diálogos entre meretrizes* de Luciano: II. 1).

3. As histórias de Cirão e Cércion parecem basear-se numa série de ícones que ilustrava a cerimônia do arremesso do rei sagrado como *pharmacos* do alto da Rocha Branca. O primeiro herói que encontrou a morte dessa maneira foi Melicerta (vide 70. *h*), ou melhor, Héracles Melkarth de Tiro, que parece ter sido despojado de seus adereços reais — a clava, a pele de leão e os coturnos — e então dotado de asas, pássaros vivos e um guarda-sol para amortizar a queda (vide 89. *6*, 92. *3* e 98. *7*). Isso é o mesmo que dizer que Cirão, que aparece prestes a atirar um viajante ao mar com um pontapé, é o *pharmacos* preparado para a sua provação nas Esciroforias, que se celebravam no último mês do ano, ou seja, no solstício de verão; e que uma segunda cena, explicada como o combate corpo a corpo de Teseu com Cércion, mostra-o sendo erguido pelos pés pelo seu sucessor (como na terracota do péristilo real de Atenas — Pausânias: I. 3. 1), enquanto a sacerdotisa da deusa observa, deleitada. Essa é uma situação mitológica comum: Hércules, por exemplo, lutou por um reino com Anteu na Líbia (vide 133. *h*), e com Érice na Sicília (vide 132. *q*); Odisseu lutou com Filomélides em Tenedos (vide 161. *f*). Uma terceira cena, interpretada como a vingança de Teseu contra Cirão, mostra o *pharmacos* lançado ao ar com o guarda-sol na mão. Na quarta, ele caiu no mar e o guarda-sol está flutuando sobre as ondas — a suposta tartaruga que esperava para devorá-lo era certamente o guarda-sol, pois não há vestígio de que haja existido na Ática nenhum culto da tartaruga. O Segundo Mitógrafo do Vaticano (127) afirma ter sido Dédalo, e não Teseu, quem matou Cirão, provavelmente por causa da conexão mítica de Dédalo com o ritual do *pharmacos* do rei perdiz (vide 92. *3*).

4. Todas essas façanhas de Teseu parecem estar inter-relacionadas. Os gramáticos associam o guarda-sol branco a uma imagem em gesso de Atena. Isso evoca os bonecos *pharmacos* brancos chamados “argivos” (“homens brancos”), que eram atirados ao mar uma vez por ano, por ocasião da purificação dos templos durante o mês de maio (vide 132. *p*); e também as tortas brancas em forma de porco, feitas com uma mistura de farinha e gesso (Plínio: *História*

natural XVII. 29. 2), que eram usadas nas Tesmoforias para substituir os restos dos porcos recolhidos do abismo de Eubuleu “para não defraudar suas serpentes sagradas”, conforme explica o escoliasta dos *Diálogos entre meretrizes*, de Luciano. O Festival das Esciroforias fazia parte das Tesmoforias. *Thes* tem o mesmo significado em *Thesmophoria* que em *Theseus*, a saber, “prendas depositadas” (nos cestos fabricados com aspargo silvestre e juncos que Perígone santificava). Tratava-se de objetos fálicos, pois era um festival erótico, o que justifica a sedução de Perígone por parte de Teseu e a de Herse por Hermes (vide 25. *d*). O sacerdote de Erecteu segurava um guarda-sol porque ele era a autoridade máxima do culto da serpente, e as funções sagradas dos antigos reis foram-lhe transferidas por ocasião da abolição da monarquia, o mesmo que ocorreu em Roma com o sacerdote de Zeus.

5. O nome de Cércion o conecta ao culto do porco. O mesmo pode ser dito de sua ascendência: seu pai Branco alude ao grunhido dos porcos, e Argíope é sinônimo de Fea. Deve ter sido Teseu o filho de Poseidon que violou Álope, ou seja, o que suprimiu o culto da deusa-Lua de Mégara como Raposa (vide 49. *2*).

6. Tanto Sínis como Cirão são descritos como o herói em cuja honra mudou-se a dedicação dos jogos ístmicos. O apelido de Sínis era Pitiocantos, e Cirão, assim como Pitiocantos, era um vento do noroeste. Mas tendo-se em conta que os jogos ístmicos haviam sido originalmente criados em homenagem a Héracles Melkarth, a destruição de Pitiocantos parece indicar a supressão do culto de Bóreas em Atenas, o qual, entretanto, ressurgiu depois das Guerras Persas (vide 48. *4*). Nesse caso, os jogos ístmicos são análogos aos jogos píticos, criados em memória de Píton, que era tanto o vento fertilizador do norte como o fantasma do rei sagrado morto por seu rival Apolo. Ademais, “Procusto”, conforme Ovídio e o escoliasta do *Hipólito* de Eurípides (977), era simplesmente um outro apelido de Sínis-Pitiocantos; e Procusto parece ser um personagem fictício inventado com a finalidade de explicar uma imagem conhecida: o cabelo do velho rei — Sansão, Pterelau (vide 89. *7*), Niso (vide 91. *1*), Curoi, Llew Llaw, ou qualquer que fosse o seu nome — é amarrado ao pé da cama por sua noiva traidora, enquanto seu rival, com o machado na mão, avança com a intenção de matá-lo. “Teseu” e seus helenos aboliram o costume de atirar o velho rei sobre as Rochas Molúrias e voltaram a dedicar os jogos a Poseidon à custa de Ino, que foi um dos primeiros títulos de Atena.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 59; Plutarco: *Teseu* 7 e 11.

[2] Higino: *Fábula* 38; Apolodoro: III. 16. 1; Pausânias: II. 1. 4; Plutarco: *Teseu* 8.

[3] Pausânias: *loc. cit*.; Ovídio: *Íbis* 507 *et seq.*; Apolodoro: III. 16. 2; escoliasta sobre *Hipólito* de Eurípides: 977.

[4] Ovídio: *As metamorfoses* VII. 433 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 59; Pausânias: *loc. cit*.

[5] Plutarco: *Teseu* 8 e 29.

[6] *Mármore Pariano* 35 *et seq.*; Plutarco: *Teseu* 25.

[7] Plutarco: *Teseu* 9; Diodoro Sículo: IV. 59; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 433 *et seq.*; Apolodoro: *Epítome* I. 1; Higino: *Fábula* 38.

[8] Estrabão: IX. 1. 4; Apolodoro: *Epítome* I. 2; Plutarco: *Teseu* 25.

[9] Escoliasta sobre a *Tebaida* de Estácio: I. 339; Pausânias: I. 44. 12; Apolodoro: *Epítome* I. 2-3.

[10] Plutarco: *Teseu* 10 e 25.

[11] Pausânias: I. 44. 10-12; Estrabão: IX. 1. 4.

[12] Escoliasta sobre *O parlamento das mulheres* de Aristófanes: 18; Aristófanes: *As Vespas* 925; *Etymologicum Magnum*: *sub* Escirofório.

[13] Plutarco: *Teseu* 11; Apolodoro: *Epítome* I. 3; Higino: *Fábula* 38; Aulus Gellius: XIII. 21.

[14] Ovídio: *Íbis* 407 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: I. 39. 3; Plutarco: *Teseu* 11 e 29.

[15] Diodoro Sículo: IV. 59; Apolodoro: *Epítome* I. 4; Pausânias: I. 38. 5; Higino: *Fábula* 38; Plutarco: *Teseu* 11.

97

TESEU E MEDEIA

Quando chegou à Ática, Teseu foi recebido às margens do rio Cefiso pelos filhos de Fítalo, que o purificou do sangue derramado, sobretudo do sangue de Sínis, seu parente pelo lado materno. O altar de Zeus Benevolente, onde se realizou a cerimônia, ainda se ergue às margens do rio. Depois, os fitálidas receberam Teseu como hóspede, a primeira hospitalidade autêntica que ele desfrutou desde que abandonara Trezena. Vestido com uma longa túnica que lhe chegava aos pés e com o cabelo impecavelmente trançado, ele entrou em Atenas no oitavo dia do mês de Crônio, agora chamado hecatômbeon. Quando passou junto à construção do templo de Apolo Delfim, um grupo de pedreiros que ali trabalhava para terminá-lo o confundiu com uma menina, perguntando-lhe de maneira impertinente por que andava por ali desacompanhada. Sem dignar-se a responder, Teseu desatrelou os bois do carro dos pedreiros e lançou um deles às alturas, por cima do telhado do templo.[1]

b. Enquanto Teseu crescia em Trezena, Egeu havia mantido sua promessa a Medeia. Ele ofereceu-lhe abrigo em Atenas quando ela teve de fugir de Corinto na famosa carruagem puxada por serpentes aladas, e se casou com ela convencido de que seus feitiços lhe permitiriam gerar um herdeiro, pois ele ainda não sabia que de sua união com Etra havia nascido Teseu.[2]

c. Entretanto, Medeia reconheceu Teseu assim que ele chegou à cidade, e preocupou-se com o futuro de Medo, o filho que ela havia gerado com Egeu e que todos esperavam que o sucedesse no trono de Atenas. Assim, ela persuadiu Egeu de que Teseu havia vindo como espião ou assassino, e mandou convidá-lo para um banquete no templo do Delfim. Egeu, que utilizava o templo como sua residência particular, devia então oferecer uma taça de vinho previamente preparada por ela. A taça continha um veneno que Medeia havia trazido consigo

de Aquerúsia, na Bitínia, onde havia brotado da espuma mortífera espalhada por Cérbero quando Hércules o arrastara para fora do Tártaro. Os camponeses chamam essa erva de “acônito” porque ela cresce sobre rochas nuas.[3]

d. Há quem diga que Teseu teria desembainhado ostensivamente a espada como se fosse trinchar a carne servida no templo do Delfim, atraindo assim a atenção do pai; mas, segundo outra versão, Teseu, sem suspeitar de nada, teria levado a taça aos lábios no momento em que Egeu notou as serpentes eréctides gravadas no punho de marfim da espada, atirando no chão o veneno. O lugar exato em que a taça caiu ainda é exibido, mas separadamente do resto do templo.

e. Em seguida, houve a mais espetacular cena de júbilo que Atenas presenciara até então. Egeu abraçou o filho, convocou uma assembleia pública e o reconheceu como legítimo herdeiro. Mandou acender piras em cada altar e cobriu de dádivas as imagens dos deuses; realizaram-se hecatombes de bois engrinaldados, e, tanto no palácio quanto em toda a cidade, nobres e plebeus festejaram juntos e cantaram as gloriosas façanhas de Teseu, que já haviam ultrapassado em número os anos de sua vida.[4]

f. Teseu saiu então no encalço de Medeia, com intuito de vingança, mas ela escapou criando em torno de si uma nuvem mágica e, pouco depois, abandonou Atenas com o jovem Medo e uma escolta que Egeu generosamente lhe providenciou. Outros dizem que ela teria fugido com Políxeno, o filho que teve com Jasão.[5]

g. Palas e seus cinquenta filhos, que antes disso já haviam declarado que Egeu não era um autêntico eréctide e que, portanto, não tinha direito ao trono, rebelaram-se abertamente quando esse andarilho estrangeiro ameaçou frustrar as esperanças deles de algum dia governar Atenas. Por conseguinte, eles dividiram forças: Palas, junto com 25 de seus filhos e numerosos partidários, marchou contra a cidade da direção de Esfeto, enquanto os outros 25 preparavam uma emboscada em Gargeto. Mas Teseu, informado de seus planos por um mensageiro chamado Leos, do clã agniano, frustrou a emboscada e destruiu toda a força inimiga. Então, Palas dissolveu o seu grupo e pediu paz. Os palântides nunca se esqueceram da traição de Leos e continuam não se casando com os agnianos, nem permitem que algum mensageiro inicie suas proclamações com as palavras *Akouete leoi!* (“Ouçam, cidadãos!”), por causa da semelhança da palavra *leoi* com o nome de Leos.[6]

h. Esse Leos antes referido não é o Leos filho de Orfeu e antecessor dos leôntides de Atenas. Certa vez, em tempos de fome e de peste, Leos obedeceu ao Oráculo de Delfos, sacrificando suas filhas Téope, Praxiteia e Eubule para salvar a cidade. Os atenienses ergueram o Leocorio em sua homenagem.[7]

1. Este romance artificial, com seu *dénouement* teatral na cena do envenenamento, evoca o de Íon (vide 44. *a*); e o incidente do boi lançado aos ares parece uma imitação grosseira das façanhas de Hércules. A pergunta dos pedreiros é anacrônica, pois, na época heroica, as jovens andavam por aí sem necessidade de serem acompanhadas; e tampouco é possível que Teseu tenha sido confundido com uma moça se o seu cabelo já havia sido cortado para dedicá-lo a Apolo, tendo-se transformado, assim, em um dos curetes. Mas a falta de fundamento da história sugere que ela tenha sido deduzida a partir de um ícone antigo que certamente retratava um sacrifício realizado no mesmo dia em que se acabara de construir o templo, já que os homens situados sobre o telhado são evidentemente pedreiros (vide 84. *1*). É provável que a figura tida como Teseu, que desatrela do carro o boi branco do sacrifício, seja na verdade uma sacerdotisa; e que, por estar decorado com desenhos de golfinhos, o templo tenha sido interpretado como sendo de Apolo, embora o golfinho tenha originalmente sido um emblema da deusa-Lua. Não é um animal o que se lança ao ar. É a divindade em cuja honra está se realizando o sacrifício: ou uma vaca-Lua branca, a própria deusa, ou o touro branco de Poseidon (vide 88. *c*), que compartilhava um santuário na Acrópole com Atena e a quem, como deus do mar, os golfinhos eram consagrados. Os sacerdotes de Apolo, estando Plutarco entre eles, estavam sempre dispostos a reforçar o seu poder e autoridade à custa de outras divindades. Outro ícone, que acompanhava o anterior, do qual se deduziu a fábula da taça envenenada — o acônito era um conhecido paralisante —, seguramente mostrava um sacerdote ou uma sacerdotisa realizando libações aos espíritos dos homens que foram sacrificados durante a construção das fundações, sob o olhar de Perséfone e Cérbero. Plutarco descreve Egeu mais como habitante do templo do Delfim do que de uma residência privada, o que é correto, pois, como rei sagrado, os seus aposentos localizavam-se no palácio da Rainha (vide 25. *7*).

2. A expulsão de Medeia de Corinto e, depois, de Atenas refere-se à supressão imposta pelos helenos do culto da deusa Terra — sua carruagem de serpentes a representa como a Démeter coríntia (vide 24. *m*). A derrota infligida por Teseu aos palântides refere-se igualmente à supressão do culto original de Atena (vide 9. *1* e 16. *3*) com o seu colégio de cinquenta sacerdotisas — *pallas* significa tanto “jovem” como “donzela”. Outra versão da mesma história é o sacrifício das três filhas de Leos, que, na verdade, constituem a Deusa em Tríade. A donzela é Téope (“rosto divino”), a Lua nova; Praxiteia é a ninfa

(“deusa ativa”), a abelha rainha. A mãe de Cécrope tinha esse mesmo nome em Eubeia (Apolodoro: III. 15. 1 e 5); a velha é Eubule (“bom conselho”), a deusa oracular a quem o guardador de porcos Eubuleu servia em Elêusis.

3. O fato de que os palântides e os agnianos não se casavam entre si pode ser um vestígio de exogamia, com seu complexo sistema de matrimônio em grupo entre as fratrias, cada uma delas formada por diversos clãs totêmicos. Se for este o caso, os palântides e os agnianos deviam então pertencer à mesma subfratria, o casamento sendo permitido apenas entre os membros de subfratrias distintas (vide 80. *5*). O clã palântide tinha com certeza uma cabra como totem, ao passo que os agnianos, um cordeiro; os leôntidas, um leão; e os erecteidas, uma serpente. Na mitologia ática, há indícios de muitos outros clãs totêmicos, entre eles os do corvo, do rouxinol, da poupa, do lobo, do urso e da coruja.

4. A julgar pelos mitos de Teseu e Hércules, tanto a suma sacerdotisa de Atena em Atenas como a de Hera em Argos pertenciam a um clã do leão em que os reis sagrados eram adotados, e um anel de ouro encontrado em Tirinto mostra quatro homens-leão oferecendo vasilhas para as libações a uma deusa sentada, que devia ser Hera, já que atrás de seu trono há um cuco pousado (vide 12. *4*). Apesar da ausência de leões em Creta, eles figuravam ali também como animais da deusa. Atena não estava associada ao cuco, mas tinha outras manifestações como ave, que poderiam ter uma origem totêmica. Em Homero, ela surge como águia-marinha (*Odisseia* III. 371) e andorinha (*ibid.* XXII. 239); na companhia de Apolo, como abutre (*Ilíada* VII. 58) e, em companhia de Hera, como pomba (*ibid.* V. 778). Num pequeno vaso ateniense do ano de 500 a.C., ela aparece como cotovia, e Atena, como mergulhão ou ganso-patola, tinha um santuário perto de Mégara (Pausânias: I. 5. 3 e 41. 6 — vide 94. *c*). Mas a sua principal manifestação era a de coruja sábia. O clã da coruja conservou seu ritual até o fim da época clássica: os iniciados, disfarçados de coruja, realizavam uma cerimônia para agarrar a sua ave totêmica (Eliano: *Varia Historia* XV. 28; Pólux: IV. 103; Ateneu: 391a-b e 629f).

5. A história de Plutarco sobre o *Akaouete leoi* é bastante plausível: nas religiões primitivas, era comum proibir-se o uso de certas palavras por soarem como o nome de uma pessoa, objeto ou animal cuja menção era considerada perigosa, em especial palavras que evocassem o nome de parentes mortos, mesmo se houvessem morrido de forma natural.

6. A recusa dos palântides em admitir que Egeu e Teseu eram erecteidas genuínos pode refletir um protesto do século VI, em Atenas, contra a usurpação que os imigrantes butadas (que recompuseram a lenda de Teseu) fizeram do sacerdócio erecteida nativo (vide 95. *3*).

NOTAS

[1] Pausânias: I. 37. 3 e 19. 1; Plutarco: *Teseu* 12.

[2] Eurípides: *Medeia* 660 *et seq.*; Apolodoro: I. 9. 28.

[3] Plutarco: *Teseu* 12; Apolodoro: *Epítome* I. 6; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 402 *et seq.*

[4] Plutarco: *loc. cit*.; Ovídio: *loc. cit*.

[5] Ovídio: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 55. 6; Helanico, citado por Pausânias: II. 3. 7.

[6] Plutarco: *Teseu* 13.

[7] Pausânias: I. 5. 2; Suidas *sub* Leos; Aristides: *Oração pan-ateniense*; Jerônimo: *Contra Joviniano*, p. 185, ed. Mart; Suidas *sub* Leocorium; Eliano: *Varia Historia* XII. 28.

TESEU COMBATE O MINOTAURO,
de Étienne-Jules Ramey
Paris, França

98

TESEU EM CRETA

Ainda se discute se teria sido Medeia quem convenceu Egeu a enviar Teseu contra o feroz touro branco de Poseidon ou se ele teria decidido empreender a tarefa de matar o monstro com hálito de fogo após a expulsão de Medeia, esperando com isso conquistar definitivamente a simpatia dos atenienses. O touro havia sido trazido de Creta por Hércules, foi solto na planície de Argos e, dali, conduzido através do istmo até Maratona. Entre as cidades de Probalinto e Tricorinto, ele havia matado centenas de homens, entre eles, inclusive, segundo alguns, Androgeu, filho de Minos. Mas Teseu agarrou corajosamente os seus chifres assassinos e, em triunfo, arrastou o touro pelas ruas de Atenas, erguendo-o depois pela encosta da Acrópole, onde o ofereceu em sacrifício a Atena, ou a Apolo.[1]

b. Quando se aproximava de Maratona, Teseu foi recebido com grande hospitalidade por uma velha solteirona pobre, chamada Hécale, ou Hecalene, que prometeu oferecer um carneiro a Zeus caso ele retornasse são e salvo. Mas ela morreu antes de voltar a ver Teseu, e ele instituiu os Ritos Hecalésios para honrar a ela e a Zeus Hecálio, e eles continuam sendo realizados. Como nessa época Teseu não era mais do que um menino, Hécale o havia acariciado como a uma criança, e por isso ela é conhecida mais comumente pela forma diminutiva Hecalene do que pelo seu nome, Hécale.[2]

c. Para compensar a morte de seu filho Androgeu, Minos decretou que os atenienses deveriam enviar a cada nove anos — ou seja, ao término de cada Grande Ano — sete rapazes e sete donzelas ao Labirinto de Creta, onde o Minotauro os aguardava para devorá-los. Esse Minotauro, de nome Astério, ou Asterion, era o monstro com cabeça de touro que Pasífae havia gerado com o touro branco.[3] Logo após a chegada de Teseu a Atenas, o devido tributo deveria

ser pago pela terceira vez, e Teseu apiedou-se dos pais cujos filhos poderiam ser sorteados para se tornarem vítimas e se ofereceu, ele próprio, em sacrifício, apesar dos sérios intentos de Egeu em dissuadi-lo. Segundo outra versão, ele teria sido escolhido por sorteio. Outra ainda afirma que o rei Minos se apresentou em pessoa com uma grande frota para eleger as vítimas e que se fixou em Teseu, o qual, embora fosse natural de Trezena e não de Atenas, ofereceu-se voluntariamente sob a condição de que, se lograsse derrotar o Minotauro com as próprias mãos, o tributo seria anulado.[4]

d. Nas duas ocasiões anteriores, o barco que transportava as 14 vítimas envergava velas negras, mas Teseu acreditava que os deuses estavam do seu lado, e, portanto, Egeu deu-lhe uma vela branca para que a içasse ao seu retorno, em sinal de triunfo; há quem diga, entretanto, que era uma vela vermelha, tingida com o suco da semente do carvalho.[5]

e. Após a realização do sorteio no Tribunal de Justiça, Teseu conduziu seus companheiros ao templo do Delfim, onde, em homenagem a eles, ofereceu a Apolo um ramo de oliveira consagrado, atado a uma fibra de lã branca. As 14 mães levaram provisões para a viagem e contaram aos filhos fábulas que narravam feitos de heróis para animá-los. Teseu, entretanto, substituiu duas donzelas por um par de jovens efeminados, donos de uma incrível valentia e presença de espírito. Ele os orientou no sentido de que tomassem banhos quentes, evitassem os raios de sol e perfumassem o corpo e o cabelo com unguentos, e ensinou-os a falar, mover-se, gesticular e caminhar como mulheres. Assim, ele foi capaz de enganar Minos, fazendo-os passar por donzelas.[6]

f. Féax, o ancestral dos feácios, em meio aos quais esteve Odisseu, atuava como comandante na proa da embarcação de trinta remos em que zarparam, pois nenhum ateniense dominava então a arte de navegar. Alguns dizem que o timoneiro era Féreclo, mas talvez sejam mais coerentes os que afirmam ter sido Nausítoo, pois Teseu, ao retornar, erigiu monumentos a Nausítoo e Féax em Falero, o porto de saída, e o Festival local dos comandantes celebra-se conjuntamente em homenagem aos dois.[7]

g. O Oráculo de Delfos havia aconselhado Teseu a levar Afrodite como sua guia e companheira de viagem. Por conseguinte, ele ofereceu-lhe um sacrifício na praia, e eis que a vítima, uma cabra, no momento de morrer, transformou-se num bode. Tal prodígio valeu a Afrodite o título de Epitragia.[8]

h. Teseu zarpou no sexto dia do mês de muníquion (abril). A ira de Apolo desabou sob a forma de uma tormenta que obrigou Teseu a se refugiar em Delfos e a oferecer, ali, os sacrifícios negligenciados.[9]

i. Quando o barco chegou a Creta alguns dias depois, Minos foi até o porto contar as vítimas. Ele se apaixonou por uma das donzelas atenienses — não se

sabe com certeza se era Peribeia (a que deu à luz Ájax) ou Eribeia, ou Ferebeia, pois as três tinham nomes parecidos — e a teria violado ali mesmo não fosse pelos protestos de Teseu, que, apresentando-se como filho de Poseidon, declarou ser o seu dever proteger as virgens do abuso dos tiranos. Minos sorriu com lascívia e respondeu que Poseidon, pelo que se sabe, jamais demonstrou respeito especial por nenhuma virgem pela qual se apaixonasse.[10]

— Ah! — exclamou. — Mostre que é filho de Poseidon recuperando esta ninharia para mim!

E, ao dizê-lo, atirou seu anel de ouro ao mar.

— Primeiro me mostre que é filho de Zeus! — replicou Teseu.

j. E assim fez Minos. Sua súplica "Zeus Pai, escute-me!" foi imediatamente seguida de um relâmpago e um trovão. Teseu mergulhou sem demora no mar, onde um grande cardume de golfinhos o escoltou com todas as honras até o palácio das nereidas. Dizem que a nereida Tétis presenteou-lhe a coroa adornada com joias, o presente de casamento que lhe havia sido dado por Afrodite e que depois ornou a fronte de Ariadne; outros dizem que foi a própria Anfitrite, deusa do mar, que o fez, e que mandou as nereidas nadarem em todas as direções para procurar o anel de ouro. De qualquer modo, quando Teseu saiu do mar, trazia com ele tanto o anel como a coroa, assim como foi retratado por Micon em sua pintura da terceira parede do santuário de Teseu.[11]

k. Afrodite havia de fato acompanhado Teseu, pois não só Peribeia e Feribeia convidaram o cavalheiresco Teseu ao seu leito sem serem rejeitadas, como também Ariadne, a filha de Minos, apaixonou-se por ele à primeira vista.

— Vou ajudá-lo a dar cabo do meu meio-irmão, o Minotauro — prometeu-lhe ela em segredo —, se você consentir em me levar para Atenas como sua esposa.

Teseu aceitou tal oferta com grande alegria e jurou esposá-la. Antes de deixar Creta, Dédalo dera a Ariadne um novelo mágico e lhe ensinara a entrar e sair do Labirinto. Ela deveria abrir a porta da entrada e amarrar a ponta do novelo ao lintel; o novelo então giraria, diminuindo de tamanho enquanto avançaria por recônditos e esquinas tortuosas até chegar ao recinto mais afastado, onde se alojava o Minotauro. Ariadne entregou esse novelo a Teseu e lhe instruiu que o seguisse até deparar com o monstro adormecido, que deveria ser agarrado pelo chifre e sacrificado a Poseidon. Depois ele poderia encontrar o caminho de volta enrolando o novelo na direção inversa.[12]

l. Naquela mesma noite, Teseu cumpriu sua tarefa, mas não se sabe ao certo se ele matou o Minotauro com uma espada que lhe havia sido dada por Ariadne, com as próprias mãos ou com a sua famosa clava. Um friso esculpido em

Amicle mostra o Minotauro amarrado e levado triunfantemente por Teseu a Atenas, mas essa não é uma versão geralmente aceita.[13]

m. Quando Teseu saiu do Labirinto, todo manchado de sangue, Ariadne o abraçou com paixão e guiou todo o grupo de atenienses até o porto. Entretanto, os dois jovens de aspecto efeminado haviam matado os guardas do recinto das mulheres e libertado as donzelas que viriam a ser sacrificadas. Em sigilo, eles subiram a bordo da embarcação, onde Nausítoo e Féax os aguardavam e se distanciaram remando vigorosamente. Mas, embora Teseu houvesse antes furado o casco de vários barcos cretenses para impedir que os perseguissem, deu-se em seguida o alarme, e ele viu-se obrigado a travar uma batalha no porto antes de escapar, felizmente sem sofrer perdas, protegido pela escuridão.[14]

n. Alguns dias depois, ao aportar numa ilha então chamada Dia e agora conhecida pelo nome de Naxos, Teseu abandonou Ariadne adormecida na praia e em seguida foi embora. O motivo que o levou a fazer isso continua sendo um mistério. Alguns dizem que Teseu estaria apaixonado por Egle, filha de Panopeu; outros, que ele teria refletido, enquanto os ventos o detiveram em Dia, sobre o escândalo que causaria a chegada de Ariadne a Atenas;[15] e há ainda uma outra versão segundo a qual Dionísio teria aparecido a Teseu em sonho, exigindo-lhe em tom ameaçador que lhe entregasse Ariadne; quando Teseu despertou e viu a frota de Dionísio avançando na direção de Dia, ele levantou âncora e fugiu aterrorizado, e Dionísio lançou-lhe um feitiço que o fez esquecer a promessa feita a Ariadne, até mesmo a própria existência dela.[16]

o. Qualquer que tenha sido a razão, os sacerdotes de Dionísio em Atenas afirmam que, quando Ariadne viu-se sozinha naquela praia deserta, ela irrompeu em lágrimas amargas, recordando como havia temido quando Teseu se metera no Labirinto para matar o seu monstruoso meio-irmão; como havia desejado em silêncio que ele saísse vitorioso; e como, por amor a ele, havia abandonado seus pais e sua pátria. Agora, ela invocava o universo inteiro para que recaísse sobre ele a vingança, e o Pai Zeus concordou. Assim, doce e suavemente, Dionísio foi ao encontro de Ariadne com o seu alegre séquito de sátiros e mênades. Ele se casou com ela sem demora, ornando-lhe a cabeça com a coroa de Tétis, e ela lhe deu muitos filhos.[17] Dentre eles, somente Toante e Enopião são às vezes chamados de filhos de Teseu. A coroa, que mais tarde Dionísio haveria de colocar entre as estrelas como a *Corona Borealis*, havia sido forjada por Hefesto em ouro fundido e gemas vermelhas da Índia, dispostas em forma de rosas.[18]

p. Os cretenses, entretanto, recusam-se a admitir a existência do Minotauro, ou que Teseu houvesse conquistado Ariadne por meios furtivos. Eles costumam descrever o Labirinto simplesmente como uma prisão bem guardada, onde foram mantidos os jovens e as donzelas atenienses para se prepararem para os jogos

fúnebres de Androgeu. Alguns foram sacrificados sobre o túmulo dele; outros foram presenteados como escravos aos ganhadores das competições. Sucedeu que Tauro, o cruel e arrogante general de Minos, ganhava todos os prêmios ano após ano em todas as competições de que participava, para desgosto de seus rivais. Ademais, ele perdera a confiança de Minos, pois havia rumores de que ele tinha um romance com Pasífae, com a conivência de Dédalo, e que um dos filhos gêmeos de Pasífae assemelhava-se muito a ele. Assim, Minos, agradecido, concedeu a Teseu o privilégio de travar uma luta corpo a corpo com Tauro. Na Creta antiga, as mulheres podiam assistir aos jogos ao lado dos homens, e Ariadne se apaixonou por Teseu ao vê-lo atirar por cima de sua cabeça e fazer cair de bruços no chão o antigo campeão três vezes consecutivas. Tal visão proporcionou quase a mesma satisfação a Minos, que outorgou o prêmio a Teseu, aceitou-o como genro e suprimiu o cruel tributo.[19]

q. Uma canção tradicional botena confirma a tradição de que nem todas as vítimas eram mortas. Ela registra que os cretenses enviavam os seus primogênitos a Delfos como oferenda, a maior parte dos quais eram filhos de escravos atenienses naturalizados cretenses. Entretanto, os delfos não podiam suportar essa carga devido aos parcos recursos de sua pequena cidade e, portanto, deportaram-nos para fundar uma colônia em Iapígia, na Itália. Mais tarde eles se instalaram na Boteia trácia, e o nostálgico lamento das donzelas botenas — “Oh, deixem-nos regressar a Atenas!” — é uma recordação constante de sua origem.[20]

r. Os cipriotas e outros dão uma versão totalmente diferente dos acontecimentos. Eles dizem que Minos e Teseu juraram reciprocamente que nenhum barco — exceto o *Argo*, comandado por Jasão, que tinha a missão de limpar o mar dos piratas — poderia navegar em águas gregas se tivesse uma tripulação superior a cinco membros. Quando Dédalo fugiu de Creta para Atenas, Minos rompeu esse pacto, perseguindo-o com embarcações de guerra. Isso acarretou a ira de Poseidon, que havia sido testemunha do juramento, e que gerou uma tempestade que fez Minos encontrar a morte na Sicília. Deucalião, filho de Minos, herdou a disputa e ameaçou de morte todos os reféns entregues por Teseu por ocasião da conclusão do pacto caso os atenienses não lhe devolvessem Dédalo. Teseu respondeu que Dédalo era seu parente consanguíneo e perguntou calmamente se não era possível chegarem a um entendimento. Ele trocou várias cartas sobre esse assunto com Deucalião, mas enquanto isso ele construía em segredo barcos de guerra: alguns em Timétidas, um porto distante da rota conhecida, e outros em Trezena, onde Piteu tinha um arsenal de marinha sobre o qual os cretenses nada sabiam. Ao cabo de um mês ou dois ele zarpou com sua frota, encabeçada por Dédalo e outros fugitivos de Creta, e os cretenses,

acreditando erroneamente que os navios que se aproximavam faziam parte da frota perdida de Minos, deram-lhes calorosas boas-vindas. Desse modo, Teseu tomou o porto sem encontrar resistência e se dirigiu diretamente a Cnossos, onde derrubou os guardas de Deucalião e o matou numa câmara interna do palácio. Então, o trono de Creta passou para Ariadne, com quem Teseu chegou a um generoso acordo. Ela entregou os reféns atenienses e procedeu à assinatura de um acordo de amizade perpétua entre as duas nações, selado com a união das duas coroas — pois, de fato, ela se casou com Teseu.[21]

s. Após longos festejos, eles zarparam juntos rumo a Atenas, mas uma tempestade os desviou para o Chipre. Ali, Ariadne, já grávida de um filho de Teseu, e temendo perdê-lo por causa do enjoo do mar, pediu que a deixassem em terra firme, em Amathus. Assim se fez; porém, mal Teseu pôs o pé de volta no navio, um vento arrasador obrigou toda a frota a se lançar de novo ao mar. As mulheres de Amathus trataram Ariadne com grande amabilidade, confortando-a com cartas escritas em nome de Teseu, que, na verdade, estava consertando sua embarcação na praia de uma ilha próxima dali. Quando ela morreu de parto, organizaram-lhe um funeral solene. A tumba de Ariadne ainda pode ser vista em Amathus, num bosque consagrado a ela como Aridela. Ao regressar enfim da costa síria, Teseu sofreu profundamente ao saber da morte de Ariadne e instituiu um suntuoso ritual de sacrifícios em honra da amada. Os cipriotas continuam celebrando o festival de Ariadne no segundo dia de setembro, quando uma jovem se deita em seu bosque, imitando uma parturiente; e veneram duas estatuetas dela, deixadas a eles por Teseu, uma de prata e outra de latão. Dizem que Dionísio, que não pôde se casar com Ariadne, estava indignado por ela e Teseu terem profanado a sua gruta de Naxos e foi-se queixar a Ártemis, que a matou com suas flechas impiedosas durante o parto; outros dizem que ela mesma se enforcou, com medo de Ártemis.[22]

t. Para resumir a história de Teseu: de Naxos ele zarpou para Delos e, ali, realizou sacrifícios a Apolo, celebrando em sua honra jogos atléticos. Foi então que ele introduziu o novo costume de coroar o vencedor com folhas de palmeira e de colocar-lhe um talo de palmeira na mão direita. Também dedicou prudentemente ao deus uma pequena imagem em madeira representando Afrodite, obra de Dédalo, que Ariadne havia levado consigo desde Creta e deixado a bordo no barco, e que poderia ter sido objeto de comentários cínicos por parte dos atenienses. Essa imagem, que ainda pode ser vista em Delos, jaz sobre uma base quadrada em vez de descansar sobre pés, e está constantemente adornada com grinaldas.[23]

u. Junto ao lago de Delos encontra-se um altar com chifres. O próprio Apolo o construiu quando tinha apenas quatro anos de idade, unindo

estreitamente os chifres das incontáveis cabras que Ártemis matara no monte Cinto — sua primeira proeza arquitetônica. As fundações do altar e as paredes que o formam também foram feitas completamente de chifres, todos arrancados do mesmo lado das vítimas, embora não se saiba ao certo se do lado direito ou do lado esquerdo.[24] O que faz dessa obra uma das sete maravilhas do mundo é o fato de que, nela, não foi empregado nenhum tipo de argamassa ou liga. Foi ao redor desse altar — ou, segundo outra versão, ao redor do altar de Afrodite, sobre o qual havia se instalado a imagem dedálica — que Teseu e seus companheiros executaram a dança do grou, que consiste em evoluções labirínticas realizadas com passos precisos e acompanhamento de harpas. Os delíacos ainda executam essa dança que Teseu trouxe de Cnossos, onde Dédalo havia construído para Ariadne um pátio para dança com um desenho labiríntico sobre um relevo de mármore branco, desenho que havia sido copiado do Labirinto egípcio. Quando Teseu e seus companheiros executaram a dança do grou em Cnossos, foi a primeira vez que homens e mulheres dançaram juntos. Pessoas com costumes mais conservadores, sobretudo os marinheiros, conservam a mesma dança em diferentes cidades da Grécia e da Ásia Menor, assim como as crianças em algumas zonas rurais da Itália. Essa dança está também na base dos jogos troianos.[25]

v. Ariadne não tardou a ser vingada em Teseu. Seja pela dor de perdê-la ou pela alegria ao ver a costa da Ática, da qual ventos prolongados o haviam mantido distante, Teseu se esqueceu de sua promessa de içar a vela branca.[26] Egeu, que observava da Acrópole, onde hoje se ergue o templo da Vitória sem Asas, divisou a vela negra, desmaiou, caiu de cabeça e morreu. Segundo outra versão ele teria se atirado ao mar, o qual desde então se chama Egeu.[27]

w. Teseu não foi informado desse malfadado acidente até haver concluído os sacrifícios prometidos aos deuses pelo seu afortunado regresso. Em seguida, ele enterrou Egeu e o honrou com um santuário de herói. No oitavo dia do pianépsio [outubro], data de seu retorno de Creta, os atenienses leais se reúnem na costa com panelas nas quais cozinham diferentes tipos de feijões — para recordar aos seus filhos como Teseu, obrigado a distribuir pequeníssimas rações à sua tripulação, cozinhou todas as provisões que lhe restavam numa só panela quando desembarcou, finalmente saciando-lhes a fome. Por ocasião desse mesmo festival canta-se um hino de ação de graças pela saciedade e carrega-se um ramo de oliveira amarrado com lã branca, no qual se penduram as frutas da estação para comemorar o ramo que Teseu dedicou antes de zarpar. Como essa é a época da colheita, Teseu instituiu também o Festival das Vinhas, ou por gratidão a Atena e Dionísio, os quais lhe apareceram em Naxos, ou em honra a Dionísio e Ariadne. Os dois portadores de vinhas representam os jovens que

Teseu levou a Creta disfarçados de donzelas, e que marchavam ao seu lado no desfile triunfal que ocorreu por ocasião de seu regresso. Catorze mulheres levam provisões e participam dessa oferenda, representando as mães das vítimas resgatadas, e sua tarefa consiste em contar fábulas e mitos antigos, assim como fizeram as mães daqueles antes que o barco zarpasse.[28]

x. Teseu dedicou um templo a Ártemis Salvadora na praça do mercado de Trezena, e seus concidadãos honraram-no com um santuário quando ainda vivia. As famílias que eram obrigadas a pagar o tributo a Creta se encarregaram de realizar os sacrifícios oportunos, e Teseu concedeu o seu sacerdócio aos fitálidas em sinal de gratidão pela sua hospitalidade. A embarcação na qual ele navegou até Creta realiza desde então uma viagem anual de ida e volta a Delos, mas já foi tão vistoriada e reparada que os filósofos a citam como exemplo quando discutem a questão da identidade contínua.[29]

1. A Grécia foi cretensizada perto do fim do século XVIII a.C., provavelmente por uma aristocracia helênica que havia tomado o poder em Creta uma ou duas gerações antes e iniciado ali uma nova cultura. O relato claro e direto sobre o assalto de Teseu a Cnossos, citado por Plutarco com base numa fonte de Cleidemo, faz bastante sentido. Ele descreve uma revolta dos atenienses contra um senhor cretense que havia tomado reféns escolhidos por seu bom comportamento, e outros eventos ocorreram: a construção secreta de uma frota, o saque da cidade aberta de Cnossos, aproveitando que a maior parte da frota cretense se encontrava na Sicília, e o consequente tratado de paz ratificado pelo matrimônio do rei ateniense com Ariadne, a herdeira cretense. Tais acontecimentos, que devem ter-se produzido em torno do ano 1400 a.C., têm um paralelismo no mito: exige-se um tributo de jovens e donzelas atenienses para compensar o assassinato de um príncipe cretense. Teseu liberta Atenas desse tributo matando astutamente o Minotauro e derrotando o principal general de Minos numa luta corpo a corpo; depois ele se casa com Ariadne, a herdeira real, e se reconcilia com o próprio Minos.

2. O assassinato de Astério, o da cabeça de touro, chamado Minotauro ou “Touro de Minos”, cometido por Teseu; seu combate corpo a corpo com Tauro (“touro”); e a sua captura do touro cretense: tudo são versões do mesmo evento. *Bolynthos*, que deu seu nome ao Probalinto ático, era a palavra cretense para “touro bravo”. “Minos” era o título de uma dinastia de Cnossos que tinha como

emblema um touro celeste — “Astério” poderia significar “do Sol” ou “do céu” —, e parece que era sob forma de touro que o rei copulava ritualmente com a suma sacerdotisa como vaca-Lua (vide 88. *7*). Talvez um dos elementos que contribuíram para a formação do mito do Labirinto tenha sido o fato de que o palácio de Cnossos — a casa do *labrys* ou machado duplo — era um complexo de aposentos e corredores, e que os atenienses tiveram grande dificuldade em encontrar e assassinar o rei quando o assaltaram. Mas isso não é tudo. Diante do palácio havia todo um espaço aberto ocupado por um pátio para dança, com um desenho labiríntico que servia para guiar os dançarinos que participavam do baile erótico de primavera (vide 92. *4*). A origem desse desenho, também chamado de labirinto, parece ter sido o tradicional labirinto de matagal utilizado para atrair as perdizes até um de seus machos, fechado dentro de uma jaula no centro, e que emitia clamores amorosos, desafiava outros machos ou reclamava alimento; e certamente os dançarinos imitavam o êxtase dos perdigões claudicantes ao executar sua dança amorosa (vide 92. *2*), embora seu destino fosse o de serem golpeados na cabeça pelo caçador (*Ecclesiasticus* XI. 30).

3. Uma jarra de vinho etrusca de Tragliatella (vide 104. *4*), em que figuram dois heróis montados, explica a teoria religiosa da dança da perdiz. O que vai na frente segura um escudo com um motivo de perdiz, e atrás dele está empoleirado um demônio da morte; o outro herói segura uma lança e um escudo com um pato como motivo. Atrás deles há um desenho de um labirinto encontrado não só em certas moedas de Cnossos, como também nos intrincados desenhos britânicos feitos em gramados, pisados pelas crianças em idade escolar por ocasião da Páscoa até o século XIX. Os ciúmes amorosos levavam o rei à morte assim como o perdigão ao labirinto feito no matagal, explica o mitógrafo, e seu *tanist* o sucedia. Somente os heróis excepcionais — do talhe de um Dédalo ou de um Teseu — saíam com vida; e é nesse contexto que adquire grande importância a recente descoberta de um labirinto cretense talhado na rocha, encontrado perto de Bosinney, na Cornuália. O barranco onde o dr. Renton Green descobriu o labirinto é um dos últimos refúgios da gralha da Cornuália, e esse pássaro abriga a alma do rei Artur, que perturbou o Inferno e com quem Bosinney está intimamente relacionada na lenda. Tudo indica que uma dança labiríntica foi levada do Mediterrâneo oriental à Bretanha por agricultores neolíticos do terceiro milênio a.C., já que na zona “Proveta B” da Escandinávia e no nordeste da Rússia aparecem toscos labirintos de pedra semelhantes aos britânicos feitos nos gramados; e no sudeste da Europa foram encontrados labirintos eclesiásticos utilizados num determinado período para cumprir certas penitências. Os labirintos britânicos de gramado são conhecidos comumente com o nome de “cidade de Troia”, da mesma maneira como no País de Gales: *Caer-droia*. Os

romanos provavelmente lhes deram esse nome a partir do seu próprio Jogo de Troia, uma dança labiríntica executada por jovens aristocratas em homenagem ao antecessor de Augusto, o troiano Eneias, embora, segundo Plínio, ela também fosse dançada por crianças em áreas rurais da Itália.

4. Em Cnossos, o culto do touro celeste sucedeu ao culto da perdiz, e o círculo de dançarinos passou a representar as trajetórias anuais dos corpos celestes. Portanto, se participassem sete rapazes e donzelas, é possível que eles representassem os sete titãs e titânides do Sol, da Lua e dos cinco planetas (vide 1. *3* e 43. *4*), embora não tenha sido encontrada nenhuma evidência do culto dos titãs nas obras de arte cretenses. Parece que a antiga dança do grou de Delos — os grous também têm a sua dança amorosa — foi adaptada em modo semelhante num desenho labiríntico. Em alguns labirintos, os bailarinos seguram uma corda que os ajuda a manter a distância correta e a executar os passos sem errar; é possível que isso tenha dado origem à história do novelo (A. B. Cook: *Journal of Hellenic Studies* XIV. 101 *et seq.*; 1949). Em Atenas, assim como no monte Sípilo, a dança da corda se chamava *cordax* (Aristófanes: *As nuvens* 540). O espetáculo que ocorria na arena de Creta consistia numa exibição acrobática realizada por jovens de ambos os sexos que, um por vez, agarravam os chifres do touro desembestado e saltavam por cima dele, dando piruetas no ar. Evidentemente tratava-se de um rito religioso; talvez aqui também os executantes estivessem representando os planetas. Não deve ter sido um esporte tão perigoso, como sugere a maioria dos que escrevem sobre esse assunto, a julgar pelo número raro de mortes entre os *banderilleros* nas arenas espanholas; e um afresco cretense mostra que havia um ajudante sempre próximo para recolher o acrobata quando ele caía no chão.

5. “Ariadne”, que os gregos entenderam como “Ariagne” (“muito santa”), devia ser o título da deusa-Lua homenageada na dança e na arena: “a excelsa e fértil mãe Cevada”, também chamada Aridela, “a muito manifesta”. O fato de levar ramos carregados de frutas em homenagem a Ariadne e a Dionísio e o fato de ela ter se enforcado “por medo de Ártemis” sugerem que nesses ramos eram amarradas também bonecas que representavam Ariadne (vide 79. *2*). Uma boneca-deusa beócia em forma de sino que se encontra no Louvre, com as pernas balançantes, é Ariadne, ou Erígone, ou Ártemis Enforcada; e na Sardenha de Dédalo foram encontradas bonecas de bronze com membros articulados. A coroa que Hefesto fez para Ariadne em forma de grinalda de rosas não é uma fantasia; no tesouro de Mochlos, encontraram-se finos diademas de ouro com pedras preciosas formando motivos florais.

6. O casamento de Teseu com a sacerdotisa da Lua tornou-o senhor de Cnossos e, numa moeda cnossiana figura uma Lua nova inserida no centro de

um labirinto. Entretanto, o costume matrilinear privava a herdeira de qualquer direito sobre suas terras se acompanhasse o seu marido ao ultramar, e isso explica por que Teseu não levou Ariadne quando regressou a Atenas, nem mesmo para além de Dia, uma ilha cretense que podia ser vista de Cnossos. O Dionísio cretense, representado como touro — na verdade, Minos —, era o marido legítimo de Ariadne e, em suas orgias, certamente era consumido vinho manufaturado em Creta. Isso poderia explicar a indignação de Dionísio relatada por Homero, pelo fato de ela ter se deitado com o intruso Teseu.

7. Vários antigos costumes atenienses do período micênico são explicados por Plutarco e outros autores no contexto da visita de Teseu a Creta. Por exemplo, a prostituição ritual de garotas e a sodomia ritual (característica do culto de Anatha em Jerusalém — vide 61. *1* — e da deusa síria em Hierápolis), que sobreviveram como vestígios entre os atenienses quando propiciavam Apolo, presenteando-lhe donzelas, ou quando dois homossexuais seguravam ramos da colheita. O ramo cheio de frutas evoca a *lulab* que se carrega em Jerusalém na festividade dos Tabernáculos de Ano-novo, que se celebra também no início do outono. Os Tabernáculos eram um festival da vindima, cujo correspondente eram as Oscoforias atenienses, ou "condução de cachos de uvas", cujo principal atrativo era a corrida (Proclo: *Crestomatia* 28). Originalmente, o vencedor se transformava no novo rei sagrado, como em Olímpia, e recebia uma mistura quíntupla de "azeite, vinho, mel, queijo cortado e farinha": o néctar divino e a ambrosia dos deuses. Plutarco associa Teseu, o novo rei, a esse festival, dizendo que foi uma coincidência ele ter chegado no momento em que estava sendo celebrado, desculpando-o de qualquer participação na morte de seu predecessor Egeu. Mas o novo rei realmente lutou corpo a corpo com o velho e o atirou ao mar, como um *pharmacos*, do alto da Rocha Branca (vide 96. *3*). No ícone ilustrativo que o mitógrafo evidentemente interpretou mal, a embarcação de velas negras de Teseu deve ter sido um barco que esperava por ali para resgatar o *pharmacos*; e as velas são negras porque os pescadores mediterrâneos costumavam untar com uma espécie de breu suas redes e velas para evitar que apodrecessem ao contato com o sal marinho. O fruto do carvalho ou a cochonila dava uma tinta escarlate para maquiar o rosto do rei sagrado, estando associada, por isso, à realeza. "Hecalene", a velha solteirona pobre, é provavelmente uma forma reduzida para "Hécate Selene", "a lua que dispara longe", ou seja, Ártemis.

8. A ingestão de feijão por parte dos homens parece ter sido proibida no período pré-helênico. Os pitagóricos continuaram abstendo-se de comê-los, alegando que as almas de seus antepassados poderiam residir neles, e que, se um homem (à diferença de uma mulher) comesse um feijão, ele poderia muito bem

estar usurpando de um ancestral seu, homem ou mulher, a possibilidade de voltar a encarnar. Portanto, o banquete popular de feijão sugere uma deliberada zombaria helênica à deusa que impôs tal proibição, assim como é também uma zombaria à doação que Teseu faz de um sacerdócio masculino aos fitálidas ("cultivadores"), a forma feminina de um nome que evoca o fato de que o cultivo da figueira, assim como a plantação de feijão, era em sua origem um mistério reservado às mulheres (vide 24. *13*).

9. Os cipriotas veneravam Ariadne como a "deusa do nascimento de Amathus", um título que pertencia a Afrodite. Seu festival de outono celebrava o nascimento do Ano-novo, e o jovem que simpaticamente imitava as dores do parto devia ser o seu amante real, Dionísio. Esse costume, conhecido como *couvade*, pode ser encontrado em muitas partes da Europa, inclusive em algumas zonas da Ânglia oriental.[a]

10. O templo dos chifres de Apolo em Delos foi escavado recentemente. O altar e suas fundações desapareceram, e o touro substituiu a cabra como animal ritual nas decorações em pedra, se é que alguma vez a cabra foi o animal ritual. Um selo minoico mostra a deusa de pé sobre um altar feito inteiramente de chifres de touro.

11. O mural alegórico de Micon em que se vê Tétis oferecendo uma coroa e um anel a Teseu enquanto Minos está furioso no litoral representava decerto a transição da talassocracia de mãos cretenses às mãos atenienses. Mas é possível também que Minos houvesse se casado simbolicamente com a deusa do mar ao lançar o anel ao mar, assim como faziam, na Idade Média, os doges de Veneza.

12. Enopião e Toante são por vezes chamados de "filhos de Teseu" porque eram os heróis de Quios e Lemnos (vide 88. *h*), súditos aliados dos atenienses.

NOTAS

[a] Região da Inglaterra oriental, formada principalmente pelos condados de Suffolk e Norfolk. (N.T.)

[1] Apolodoro: *Epítome* I. 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 294; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 47; Pausânias: I. 27. 9; Plutarco: *Teseu* 14; Hesíquio *sub* Bolinto.

[2] Plutarco: *loc. cit*.; Calímaco: *Fragmento* 40, ed. Bentley; Ovídio: *Remédios de amor* 747.

[3] Diodoro Sículo: IV. 61; Higino: *Fábula* 41; Apolodoro: III. 1. 4; Pausânias: II. 31. 1.

[4] Plutarco: *Teseu* 17; Apolodoro: *Epítome* I. 7; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVIII. 590; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Helanico, citado por Plutarco: *Teseu* 19.

[5] Plutarco: *loc. cit*.; Simônides, citado por Plutarco: *loc. cit*.

[6] Plutarco: *Teseu* 18; *Historia* de Demon, citado por Plutarco: *Teseu* 23.

[7] Filócoro, citado por Plutarco: *Teseu* 17; Simônides, citado por Plutarco: *loc. cit*.; Pausânias: I. 1. 2.

[8] Plutarco: *Teseu* 18.

[9] Plutarco: *loc. cit*.; escoliasta sobre *Os cavaleiros* de Aristófanes: 725.

[10] Pausânias: I. 42. 1; Higino: *Astronomia poética* II. 5; Plutarco: *Teseu* 29.

[11] Pausânias: I. 17. 3; Higino: *loc. cit*.

[12] Plutarco: *Teseu* 29; Apolodoro: *Epítome* I. 8.

[13] Escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 322, citado por Ferécides; Homero: *Ilíada* XVIII. 590; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 320; Apolodoro: *Epítome* I. 9; Ovídio: *Heroidas* IV. 115; Pausânias: III. 18. 7.

[14] Pausânias: II. 31. 1; Ferécides, citado por Plutarco: *Teseu* 19; Demon, citado por Plutarco: *loc. cit*.

[15] Escoliasta sobre *Idílios* de Teócrito: II. 45; Diodoro Sículo: IV. 61. 5; Catulo: LXIV. 50 *et seq.*; Plutarco: *Teseu* 29; Higino: *Fábula* 43.

[16] Pausânias: X. 29. 2; Diodoro Sículo: V. 51. 4; escoliasta sobre Teócrito: *loc. cit*.

[17] Pausânias: I. 20. 2; Catulo: LXIV. 50 *et seq.*; Higino: *Astronomia poética* II. 5.

[18] Plutarco: *Teseu* 20; Baquílides: XVI. 116.

[19] Plutarco: *Comparação de Rômulo e Teseu*; Filócoro, citado por Plutarco: *Teseu* 15; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 14; Filócoro, citado por Plutarco: *Teseu* 19.

[20] Aristóteles: *Constituição dos Botenos*, citado por Plutarco: *Teseu* 16; Plutarco: *Questões gregas* 35.

[21] Cleidemo, citado por Plutarco: *Teseu* 19.

[22] Hesíquio *sub* Aridela; Peônio, citado por Plutarco: *Teseu* 21; *Disputa de Homero e Hesíodo* 14.

[23] Plutarco: *loc. cit*.; Pausânias: VIII. 48. 2 e IX. 40. 2; Calímaco: *Hino a Delos* 312.

[24] Calímaco: *Hino a Apolo* 60 *et seq.*; Plutarco: *loc. cit*. e *Que animais são mais astutos?* 35.

[25] Plutarco: *Teseu* 21; Calímaco: *Hino a Delos* 312 *et seq.*; Homero: *Ilíada* XVIII. 591-592; Pausânias: IX. 40. 2; Plínio: *História natural* XXXVI. 19; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVIII. 590; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: p. 1166; Virgílio: *Eneida* V. 588 *et seq.*

[26] Catulo: LXIV. 50 *et seq.*; Apolodoro: *Epítome* I. 10; Plutarco: *Teseu* 22.

[27] Catulo: *loc. cit*.; Pausânias: I. 22. 4-5; Plutarco: *loc. cit*. e *Comparação de Rômulo e Teseu*; Higino: *Fábula* 43.

[28] Pausânias: I. 22. 5; Plutarco: *Teseu* 22 e 23; Proclo: *Crestomatia*, citado por Fócio 989.

[29] Pausânias: III. 31. 1; Plutarco: *loc. cit*.

99

A FEDERALIZAÇÃO DA ÁTICA

Quando Teseu sucedeu seu pai, Egeu, no trono de Atenas, ele reforçou sua soberania executando quase todos os seus oponentes, exceto Palas e os que restaram de seus cinquenta filhos. Alguns anos depois, ele mandou executá-los também como medida de precaução e, quando foi acusado de assassinato no tribunal de Apolo Delfim, ele alegou “homicídio justificável”, um pretexto inédito que lhe assegurou a absolvição. Em Trezena, Teseu foi purificado do sangue que fez derramar e passou ali um ano inteiro, pois seu filho Hipólito era o rei naquele período. Ao seu regresso, ele suspeitou que um meio-irmão dele, também chamado Palas, tinha-lhe sido desleal, e mandou desterrá-lo imediatamente. Palas fundou então Palantio, na Arcádia, embora se afirme que foi Palas, filho de Deucalião, quem fundou essa cidade, pouco depois do dilúvio.[1]

b. Teseu mostrou-se um governante que observava fielmente a lei e iniciou uma política de federalização, base do posterior Estado de bem-estar em Atenas. Até então, a Ática havia estado dividida em 12 comunidades, cada uma das quais administrava seus próprios assuntos sem consultar-se com o rei ateniense, salvo em casos de emergência. Os eleusinos haviam inclusive declarado guerra a Erecteu, e as brigas internas eram frequentes. Para que essas comunidades renunciassem a sua independência, Teseu tinha de negociar com cada clã e família em separado, e assim fez. Os pequenos proprietários rurais e os servos estavam dispostos a acatar-lhe os termos, e ele persuadiu quase todos os latifundiários a aceitarem o seu projeto, prometendo-lhes abolir a monarquia e substituí-la pela democracia, embora ele continuasse a ser o comandante em chefe e juiz supremo. Os que não se deixaram convencer por seus argumentos pelo menos respeitaram a sua força.[2]

c. Teseu reuniu, assim, o poder necessário para dissolver os governos locais após convocar todos os seus delegados a Atenas, onde lhes proporcionou uma Sala de Conselhos e um Tribunal de Justiça comuns, que se conservaram até os nossos dias. Mas ele se absteve de interferir nas leis da propriedade privada. Depois, unificou os subúrbios com a cidade propriamente dita, que até esse momento consistia na Acrópole e suas dependências mais imediatas do lado sul, incluindo os antigos templos de Zeus Olímpico, Apolo Pítio, Mãe Terra, Dionísio dos Pântanos e o Aqueduto dos Nove Mananciais. Os atenienses continuam chamando a Acrópole de "a Cidade".

d. Ele instituiu o décimo sexto dia do mês hecatômbeon [julho] como o "Dia da Federação", no qual se celebrava um festival público em homenagem a Atena com um sacrifício incruento oferecido à Paz.[3] Os jogos atenienses, que se celebravam nesse dia, foram renomeados como as Panateneias, abrindo-os assim a toda a Ática, e introduziu também o culto de Afrodite Federal e da Persuasão. Depois, ao renunciar ao trono, como havia prometido, ele deu à Ática sua nova constituição sob os melhores auspícios, pois o Oráculo de Delfos profetizou que Atenas singraria pelos mares agitados com a segurança de uma vesícula de porco.[4]

e. A fim de ampliar ainda mais a cidade, Teseu convidou todos os estrangeiros dignos a se converterem em cidadãos atenienses. Seus mensageiros correram por toda a Grécia, utilizando uma fórmula que até hoje se emprega: "Aproximem-se, cidadãos!" Por conseguinte, grandes multidões começaram a se congregar em Atenas, e ele dividiu a população da Ática em três classes: os eupátridas, ou seja, "os que merecem todo o bem da pátria"; os geórgicos, ou "lavradores"; e os demiurgos, ou "artesãos". Os eupátridas ficaram a cargo dos assuntos religiosos, das magistraturas, da interpretação das leis, personificando a mais alta dignidade da população. Os geórgicos lavravam a terra e eram o suporte do Estado. Os demiurgos, que compunham, de longe, a classe mais numerosa, desempenhavam atividades tão variadas quanto a adivinhação e a cirurgia, e, entre eles, havia também mensageiros, carpinteiros, escultores e confeiteiros.[5] Assim, Teseu se tornou o primeiro rei a fundar uma república, e por isso Homero, no *Catálogo de navios*, chama só os atenienses de povo soberano; e sua constituição continuou em vigor até os tiranos chegarem ao poder. Mas há quem negue a verdade dessa tradição, postulando que Teseu continuou a reinar como antes e que, após a morte do rei Menesteu, que havia liderado os atenienses contra Troia, sua dinastia subsistiu por mais três gerações.[6]

f. Teseu, o primeiro rei ateniense a cunhar dinheiro, pôs nas moedas a efígie de um touro. Não se sabe se ele representava o touro de Poseidon ou Tauro, o

general de Minos; ou se simplesmente tentava fomentar a agricultura. Certo é que seu sistema monetário fez com que o valor comercial fosse por muito tempo mencionado em termos de “dez bois” ou “cem bois”. Imitando Hércules, que havia escolhido seu pai Zeus como patrocinador dos jogos olímpicos, Teseu designou seu pai, Poseidon, patrocinador dos jogos ístmicos. Até então, o deus honrado nesses jogos havia sido Melicerta, filho de Ino, e os jogos, que se celebravam durante a noite, eram na verdade mais mistérios do que um espetáculo público. Em seguida, Teseu aprovou a pretensão ateniense sobre a soberania de Mégara e, tendo convocado os delegados peloponesos no istmo, instou-os a solucionar uma antiga disputa fronteiriça com seus vizinhos jônicos. Num lugar com o qual as duas partes concordaram, ele ergueu a famosa coluna que, em seu lado oriental, dizia: “Aqui não é o Peloponeso, mas a Jônia!” e, em seu lado ocidental: “Aqui não é a Jônia, mas o Peloponeso!” Ele obteve também dos coríntios o consentimento para que os atenienses ocupassem lugar de honra nos jogos ístmicos, lugar que abarcava todo o espaço de terra que pudesse cobrir a maior vela do barco que os havia levado até lá.[7]

1. O elemento mítico da lenda de Teseu misturou-se aqui com o que pretende ser a história constitucional de Atenas. Mas a federalização da Ática data de muitas centenas de anos antes, e as reformas democráticas de Teseu são propaganda do século V, inventada provavelmente por Clístenes. Os editores do Pentateuco também atribuíram a Moisés as reformas legais realizadas durante a última monarquia judaica.

2. Os bois eram o padrão de valor na Grécia, Itália e Irlanda antigas, e continuam sendo entre as tribos pastoris menos desenvolvidas da África oriental; e os atenienses não cunharam moedas até quase quinhentos anos após a Guerra de Troia. Mas é certo que os lingotes de cobre cretenses que tinham um peso fixo eram estampados oficialmente com a cabeça de um touro ou de um bezerro deitado (*Sir* Arthur Evans: *Minoan Weights and Mediums of Currency*, p. 335); e seguramente os butadas de Atenas, que, ao que parece, foram responsáveis em grande medida pela criação do mito de Teseu, levaram em consideração essa tradição ao cunharem moedas estampadas com uma cabeça de boi, emblema de seu clã.

3. A divisão da Ática em 12 comunidades tem uma analogia num acerto similar que se fez no delta do Nilo e na Etrúria, e na distribuição do território

cananeu conquistado entre as 12 tribos de Israel. Em cada caso, é possível que o número 12 tenha sido escolhido para justificar a viagem oficial do monarca de tribo em tribo. Os gregos da idade heroica não faziam distinção entre assassinato doloso e homicídio culposo; em qualquer caso, era necessário pagar um preço em sangue ao clã da vítima, e o assassino tinha de mudar de nome e abandonar para sempre a cidade. Foi assim que Télamon e Peleu continuaram sendo tidos em alta estima pelos deuses após terem assassinado traiçoeiramente Foco (vide 81. *b*); e Medeia matou Apsirto sem ter de enfrentar seus novos súditos coríntios (vide 153. *a* e 156. *a*). Entretanto, na Atenas da época clássica, o assassinato premeditado (*phonos*) implicava a pena de morte; o homicídio não premeditado (*akousia*), o desterro; e o clã era obrigado por lei a apresentar uma denúncia nos tribunais. *Phonos hekousios* (homicídio justificável) e *phonos akousios* (homicídio desculpável) foram refinamentos posteriores, provavelmente introduzidos por Draco no século VII a.C., o último exigindo simplesmente a expiação mediante a purificação ritual. Os mitógrafos não entenderam que Teseu se livrara do desterro perpétuo pelo assassinato dos palântides somente porque havia exterminado todo o clã, assim como fez Davi com a “Casa de Saul”. Um ano de ausência passado em Trezena bastou para livrar a cidade da mancha causada por esses assassinatos.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 244; Apolodoro: *Epítome* I. 11; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 54; Eurípides: *Hipólito* 34-37; Pausânias: I. 22. 2; I. 28. 10 e VIII. 3. 1.

[2] Diodoro Sículo: IV. 61; Tucídides: II. 15; Plutarco: *Teseu* 24.

[3] Tucídides: *loc. cit*.; Plutarco: *loc. cit*.; escoliasta sobre *A paz* de Aristófanes: 962.

[4] Pausânias: VIII. 2. 1 e I. 22. 3; Plutarco: *loc. cit*.

[5] Plutarco: *Teseu* 25; Homero: *Odisseia* 383 *et seq.* e XIX. 135; Platão: *O banquete* 188d e *A república* 529e; Heródoto: VII. 31.

[6] Plutarco: *loc. cit*.; Homero: *Ilíada* II. 552 *et seq.*; Pausânias: I. 3. 2.

[7] Estrabão: IX. 1. 6.

100

TESEU E AS AMAZONAS

Dizem que Teseu participou da exitosa expedição de Hércules contra as amazonas e que recebeu como refém de guerra a rainha delas, Antíope, também chamada Melanipa. Mas tal episódio, ao contrário do que muitos consideraram, não se revelou um destino tão infeliz para a amazona, pois ela havia traído em nome de Teseu a cidade de Temiscira, às margens do rio Termodon, como prova da paixão que ele lhe havia despertado.[1]

b. Segundo outra versão, Teseu visitou o país das amazonas alguns anos depois, em companhia de Pirítoo e seus companheiros; e essas mulheres intrépidas, encantadas com a chegada de tantos guerreiros formosos, não lhes opuseram resistência. Antíope se apresentou com presentes ao receber Teseu, mas, mal ela pisou a bordo de seu barco, ele levantou âncora e a raptou. Outros dizem que ele permaneceu durante algum tempo no território das amazonas, entretendo Antíope como seu hóspede. Acrescentam que, entre os seus acompanhantes, havia três irmãos atenienses, Euneu, Toante e Solóis. Este último teria se apaixonado por Antíope, mas, não se atrevendo a aproximar-se diretamente dela, pediu a Euneu que intercedesse por ele. Antíope rejeitou a corte de Solóis, embora tenha continuado a tratá-lo com deferência, mas foi só depois que ele se atirou ao rio Termodon e morreu afogado que Teseu se deu conta do que havia ocorrido, e foi tomado de grande tristeza. Recordando a advertência que lhe fizera o oráculo de Delfos de que, se alguma vez se sentisse muito triste num país estrangeiro, ele deveria fundar uma cidade e deixar ali alguns de seus acompanhantes para que a governassem, ele construiu Pitópolis em homenagem a Apolo Pítio e batizou o regato que por ali passava de Solóis. Na nova cidade ele deixou Euneu, Toante e Hermo, nobre ateniense cuja

residência anterior em Pitópolis agora se chama equivocadamente de “Casa de Hermes”. Em seguida, Teseu foi embora levando consigo Antíope.[2]

c. Orítia, irmã de Antíope, que alguns confundem com Hipólita, cujo cinto Hércules ganhou, jurou vingar-se de Teseu. Ela concluiu uma aliança com os citas e liderou um grande contingente de amazonas cruzando o gelo do Bósforo cimério e, em seguida, o Danúbio na direção da Trácia, Tessália e Beócia. Em Atenas, ela se acantonou no Areópago e executou sacrifícios a Ares, evento que, segundo alguns, deu nome à colina. Mas, antes, ela ordenou que um destacamento invadisse a Lacônia e convencesse os peloponesos a desistir de enviar reforços a Teseu através do istmo.[3]

d. As forças atenienses já estavam dispostas em formação, mas nenhum dos dois lados se atrevia a começar as hostilidades. Finalmente, por conselho de um oráculo, Teseu ofereceu sacrifícios a Fobo, filho de Ares, e iniciou a batalha no sétimo dia do mês de boedrômio, data em que se celebram em Atenas as Boedrômias, embora se diga que essas festas já haviam sido instituídas para comemorar a vitória de Xuto sobre Eumolpo durante o reinado de Erecteu. A frente de batalha das amazonas se estendia entre o que se chama hoje Amazonium e a colina Pnix, perto de Crisa. A ala direita de Teseu desceu do Museu e lançou-se sobre a ala esquerda das amazonas, mas foi rechaçada e obrigada a retirar-se até o templo das Fúrias. Esse incidente é lembrado por um monumento em pedra erguido em honra ao comandante local Calcodonte, de quem também recebe o nome, numa rua margeada pelas tumbas daqueles que morreram. Entretanto, a ala esquerda ateniense atacou vindo do Paládio, do monte Ardeto e do Liceu, obrigando a ala direita das amazonas a se retirar ao seu acampamento, ocasionando-lhes inúmeras baixas.[4]

e. Alguns dizem que as amazonas ofereceram-se para negociar os termos da paz somente quatro meses depois de haverem travado uma luta intensa; o armistício pactuado perto do santuário de Teseu ainda se comemora no sacrifício amazônico que se faz nas vésperas do festival de Teseu. Mas outros dizem que Antíope, transformada então em esposa de Teseu, lutou heroicamente ao lado dele até cair morta por uma flecha disparada pela amazona Molpádia, que depois foi morta por Teseu; dizem também que Orítia, juntamente com outras tantas seguidoras, escapou para Mégara, onde morreu de mágoa e desespero; e que as amazonas restantes, expulsas da Ática pelo vitorioso Teseu, se estabeleceram na Cítia.[5]

f. De qualquer modo, essa foi a primeira vez que os atenienses repeliram uma invasão estrangeira. Algumas amazonas que ficaram feridas no campo de batalha foram enviadas para Cálcide a fim de serem curadas. Antíope e Molpádia encontram-se enterradas perto do templo da Mãe Terra; um pilar de

terra indica a tumba de Antíope. Outras jazem no Amazonium. As amazonas que tombaram enquanto cruzavam a Tessália estão enterradas entre Escotusseia e Cinoscéfalos; outras poucas, perto de Queroneia, junto ao rio Hêmon. Na região pírrica da Lacônia, alguns altares indicam o lugar onde se detiveram as amazonas e dedicaram duas imagens de madeira a Ártemis e Apolo; e, em Trezena, um templo de Ares comemora a vitória de Teseu sobre esse destacamento quando ele tentou passar pelo istmo à força em seu caminho de volta.[6]

g. Segundo um relato, as amazonas entraram na Trácia através da Frígia, e não da Cítia, e fundaram o santuário de Ártemis Efésia enquanto marchavam ao largo da costa. Segundo outro relato, elas haviam se refugiado nesse santuário em duas ocasiões anteriores: a saber, quando fugiam de Dionísio e depois que Hércules derrotara a rainha Hipólita; e seus verdadeiros fundadores foram Creso e Éfeso.[7]

h. Ao que parece, a verdade sobre Antíope é que sobreviveu à batalha e que, ao final, Teseu viu-se obrigado a matá-la, como havia previsto o oráculo de Delfos, quando teve de se aliar ao rei cretense Deucalião e se casar com sua irmã Fedra. A ciumenta Antíope, que não era sua esposa legítima, interrompeu o banquete nupcial investindo contra ele totalmente armada e ameaçando massacrar os hóspedes. Teseu e seus acompanhantes cerraram as portas do palácio e acabaram com ela num horrendo combate, embora ela lhe tenha dado um filho, Hipólito, também chamado Demofonte, e não tenha jamais estado com nenhum outro homem.[8]

1. A palavra “amazona” geralmente é explicada como derivação de *a* e *mazós*, “sem seios”, pois acreditava-se que elas cortavam um seio para poderem usar o arco com maior destreza (ainda que essa ideia seja uma fantasia); o termo na verdade parece ser de origem armênia e significa “mulheres-Lua”. Como as sacerdotisas da deusa-Lua na costa sudeste do mar Negro andavam armadas, como faziam também as do golfo de Sirte na Líbia (vide 8. *1*), parece que os relatos dos viajantes sobre elas confundiram a interpretação de algumas antigas imagens atenienses que representavam mulheres guerreiras, o que deu origem à fábula ática sobre uma invasão amazônica vinda do rio Termodonte. Essas imagens, que na época clássica podiam ser vistas no escabelo do trono de Zeus em Olímpia (Pausânias: V. 11. 2), na parede central do Peristilo pintado de

Atenas (Pausânias: I. 15. 2), no escudo de Atena, no santuário de Teseu e em outras partes (Pausânias: I. 17. 1), representavam a luta entre as sacerdotisas pré-helênicas de Atena pelo ofício de suma sacerdotisa, ou mesmo uma invasão helênica da Ática e a resistência que elas opuseram. Deve ter havido também sacerdotisas armadas em Éfeso — uma colônia minoica, como sugere o nome de seu fundador Creso ("cretense") — e em todas as cidades onde existem túmulos de amazonas. Supõe-se que Orítia, ou Hipólita, desviou-se de seu caminho centenas de milhas através da Cítia, certamente porque o Bósforo cimério — a Crimeia — era a sede do selvagem culto taurino de Ártemis, onde as sacerdotisas sacrificavam vítimas masculinas (vide 116. *2*).

2. A irrupção de Antíope no banquete nupcial de Fedra pode ter sido deduzida a partir de um ícone que mostrava o conquistador helênico prestes a violar a suma sacerdotisa após haver matado as demais. Antíope não era a esposa legítima de Teseu porque ela pertencia a uma sociedade que se opunha à monogamia (vide 131. *k*). Os nomes Melanipa e Hipólito associam as amazonas ao culto pré-helênico do cavalo (vide 43. *2*). O nome de Solóis ("peso em forma de ovo") pode ter-se derivado de uma competição de lançamento de peso nos jogos fúnebres celebrados na colônia grega de Pitópolis, assim chamada em honra à serpente oracular de seu heroico fundador. Parece que ali era uma prática costumeira atirar vítimas humanas ao rio Termodonte. As Boedrômias ("correr em busca de ajuda") eram um festival de Ártemis sobre o qual pouco se sabe; talvez dele participassem as sacerdotisas armadas, como no festival argivo das Hibrísticas (vide 160. *5*).

NOTAS

[1] Apolodoro: *Epítome* I. 16; Hégias de Trezena, citado por Pausânias: I. 2. 1.

[2] Píndaro, citado por Pausânias: I. 2. 1; Ferécides e Bion, citados por Plutarco: *Teseu* 26; Menécrates, citado por Plutarco: *loc. cit*.

[3] Justino: II. 4; Helanico, citado por Plutarco: *Teseu* 26-27; Diodoro Sículo: IV. 28; Apolodoro: *Epítome* I. 16; Ésquilo: *Eumênides* 680 *et seq.*

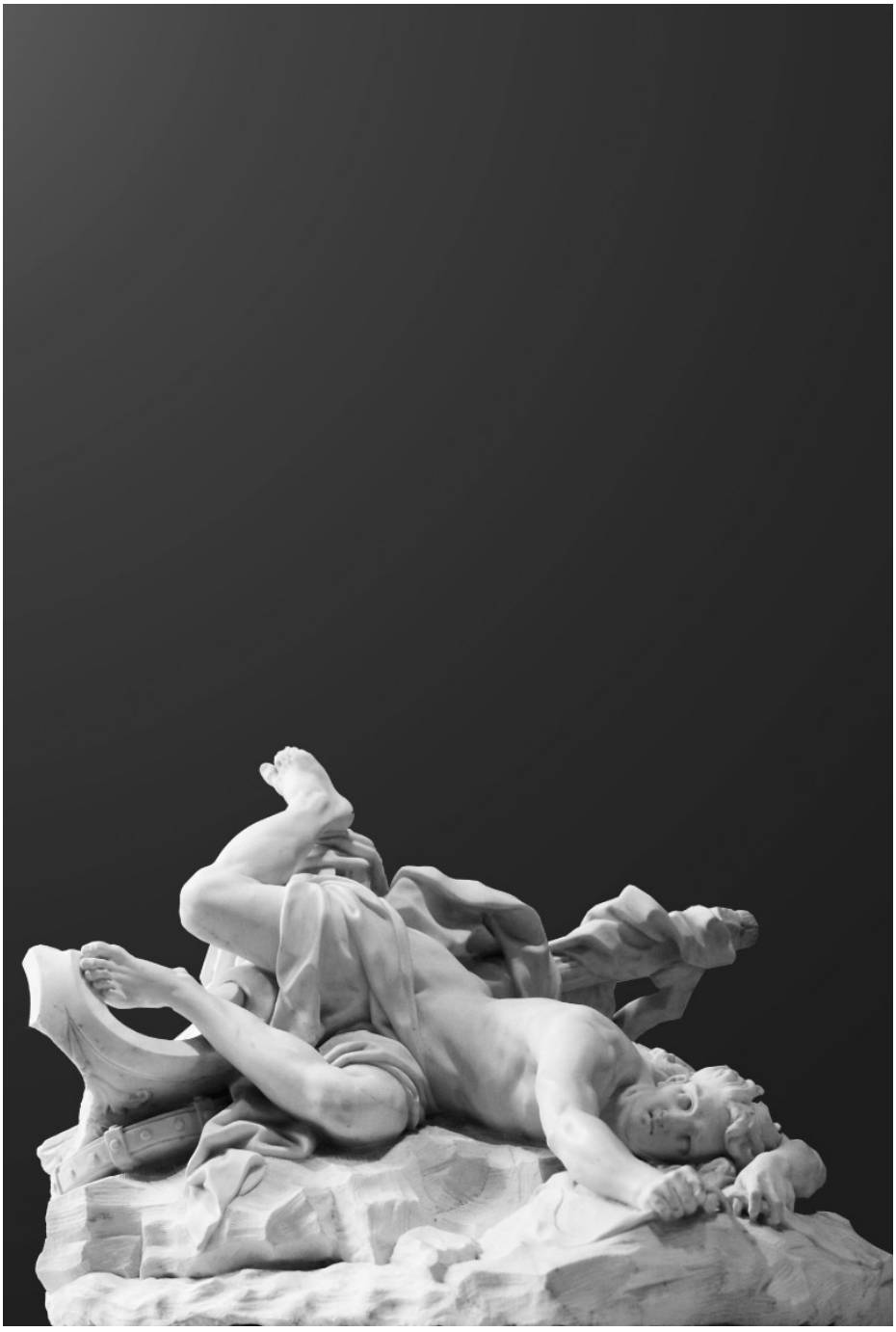
[4] Plutarco: *Teseu* 27; *Etymologicum Magnum*: *sub* Boedrômias; Eurípides: *Íon* 59; Cleidemo, citado por Plutarco: *loc. cit*.

[5] Cleidemo, citado por Plutarco: *loc. cit*.; Plutarco: *loc. cit*.; Pausânias: I. 41. 7; Diodoro Sículo: IV. 28.

[6] Plutarco: *loc. cit*.; Pausânias: I. 2. 1; I. 41. 7; III. 25. 2 e II. 32. 8.

[7] Píndaro, citado por Pausânias: VII. 2. 4.

[8] Higino: *Fábula* 241; Apolodoro: *Epítome* I. 17; Diodoro Sículo: IV. 62; Ovídio: *Heroidas* 121 *et seq.*; Pausânias: I. 22. 2; Píndaro, citado por Plutarco: *Teseu* 28.



A MORTE DE HIPÓLITO,
de Jean-Baptiste Lemoyne
Paris, França

101

FEDRA E HIPÓLITO

Após casar-se com Fedra, Teseu enviou seu filho bastardo Hipólito para a casa de Piteu, que o aceitou como herdeiro do trono de Trezena. Dessa forma, Hipólito não tinha motivos para disputar o direito de seus irmãos legítimos, Acamante e Demofonte, filhos de Fedra, de reinar em Atenas.[1]

b. Hipólito, que havia herdado de sua mãe, Antíope, a devoção exclusiva à casta Ártemis, ergueu um novo templo à deusa em Trezena, não longe do teatro, o que ofendeu Afrodite. Esta, decidida a castigá-lo pelo que ela considerou um insulto, fez com que Fedra se apaixonasse perdidamente por ele ao participar dos Mistérios Eleusinos. Ele chegou vestido numa túnica de linho branco, o cabelo adornado com grinaldas e, embora seus traços tivessem uma expressão muito dura, ela os julgou admiravelmente severos.[2]

c. Como nesse tempo Teseu se encontrava em viagem pela Tessália com Pirítoo, ou talvez no Tártaro, Fedra seguiu Hipólito até Trezena. Ali ela mandou construir o templo de Afrodite Espreitadora num lugar de onde se podia ver o ginásio, e dali ela observava Hipólito todos os dias, sem ser vista, enquanto ele praticava atletismo, saltos e luta completamente desnudo. No recinto do templo há um antigo mirto cujas folhas Fedra picava com um grampo de cabelo cravejado de pedras preciosas ao ver a sua paixão frustrada, e ele ainda se conserva perfurado por todas as partes. Quando, posteriormente, Hipólito participou das Panateneias e se alojou no palácio de Teseu, ela utilizou o templo de Afrodite na Acrópole para os mesmos fins.[3]

d. Fedra não confiou a ninguém o seu desejo incestuoso, mas comia pouco, dormia mal e foi se debilitando tanto que sua velha pajem por fim adivinhou a verdade e lhe suplicou intrometidamente que enviasse uma carta a Hipólito. Assim fez Fedra: confessou-lhe o seu amor e disse-lhe que havia se convertido

ao culto de Ártemis, a quem acabara de voltar a dedicar duas imagens de madeira trazidas de Creta. Ele não viria caçar um dia? “Nós, as mulheres da Casa Real Cretense”, escreveu ela, “estamos indubitavelmente fadadas a sermos desafortunadas no amor. Veja minha avó Europa, minha mãe Pasífae e, por último, minha própria irmã Ariadne! Ah, desgraçada Ariadne, desertada pelo seu pai, o infiel Teseu, que assassinou inclusive a própria mãe, a rainha, e que um dia deverá assassinar a mim! Por que as Fúrias não castigaram você por demonstrar tamanha indiferença, imprópria a um filho, pelo destino dela? Conto com você para vingar-se dele, rendendo homenagem a Afrodite em minha companhia. Acaso não poderíamos ir embora e viver juntos, ao menos durante algum tempo, com a desculpa de uma expedição de caça? Entretanto, ninguém deve suspeitar dos verdadeiros sentimentos que nutrimos um pelo outro. Já estamos vivendo debaixo do mesmo teto, e o nosso afeto será considerado inocente, até mesmo digno de elogio.”[4]

e. Hipólito queimou a carta, horrorizado, e dirigiu-se aos aposentos de Fedra, repreendendo-a aos gritos. Mas ela rasgou as próprias roupas, abriu as portas do quarto e pôs-se a gritar: “Socorro, socorro! Fui violada!” E então se enforcou, pendurada no lintel, e deixou um bilhete acusando-o de crimes hediondos.[5]

f. Ao receber o bilhete, Teseu amaldiçoou Hipólito e ordenou-lhe que abandonasse Atenas imediatamente, para nunca mais voltar. Mais tarde ele se lembrou dos três desejos que lhe havia garantido seu pai, Poseidon, e rogou fervorosamente que Hipólito morresse naquele mesmo dia. “Pai”, suplicou ele, “faça com que um animal feroz cruze o caminho de Hipólito enquanto ele se dirige a Trezena!”[6]

g. Hipólito havia fugido de Atenas a toda velocidade. Ao cruzar a parte mais estreita do istmo, uma enorma onda, mais alta até que a Rocha Molúria, levantou-se rugindo na direção da costa, e de sua crista surgiu um enorme lobo-marinho (ou, conforme alguns, um touro branco), bramindo e cuspindo água. Os quatro cavalos de Hipólito giraram bruscamente na direção do penhasco, enlouquecidos de terror, mas ele, um auriga experimentado, conseguiu freá-los e evitar que despencassem. A fera então começou a avançar ameaçadoramente atrás do carro, e Hipólito já não era capaz de manter a direção. Próximo do santuário de Ártemis Sarônia ainda pode ser vista uma oliveira silvestre, chamada Rhachos Retorcido — *rhachos* é o termo trezênio para designar uma oliveira infrutífera —, e foi num de seus ramos que se enganchou um laço das rédeas de Hipólito. Seu carro arremessou-se de lado contra uma pilha de pedras e despedaçou-se. Hipólito, embaraçado em suas rédeas e atirado primeiro contra o

tronco da árvore, e depois contra as rochas, foi arrastado pelos corcéis até morrer, enquanto seu perseguidor desaparecia.[7]

h. Entretanto, alguns contam uma improvável história de que Ártemis teria então dito a verdade a Teseu e o materializado em Trezena num piscar de olhos, onde chegou justo a tempo para se reconciliar com o filho moribundo; dizem também que a deusa teria se vingado de Afrodite, causando a morte de seu filho Adônis. Certo é que ela ordenou aos trezênios que rendessem honras divinas a Hipólito e que as noivas trezenianas, doravante, cortassem uma mecha de seu cabelo e a dedicassem a ele. Foi Diomedes quem dedicou o antigo templo e a imagem de Hipólito em Trezena, e quem pela primeira vez lhe ofereceu seu sacrifício anual. As tumbas de Fedra e Hipólito — esta última, sob um punhado de terra — podem ser vistas dentro do recinto do templo, perto do mirto com as folhas perfuradas.

i. Os próprios trezênios negam que Hipólito tenha sido arrastado até a morte pelos seus corcéis e que esteja, inclusive, enterrado no seu templo, embora não revelem o paradeiro de sua verdadeira tumba. Mas eles garantem que os deuses o puseram entre as estrelas como a constelação do Auriga.[8]

j. Os atenienses ergueram um monumento megalítico em memória de Hipólito, próximo ao templo de Têmis, pois sua morte havia sido o resultado de uma maldição. Há quem diga que Teseu, acusado de assassinato, foi considerado culpado e, como punição, foi condenado ao ostracismo e desterrado para Esciros, onde terminou os seus dias em dor e vergonha. Mas acredita-se geralmente que sua ruína deveu-se à tentativa de violar Perséfone.[9]

k. A alma de Hipólito desceu ao Tártaro, e Ártemis, profundamente indignada, suplicou a Asclépio que lhe devolvesse a vida. Asclépio, então, abriu as portas do armário medicinal de marfim e dali tirou a erva com a qual havia feito o cretense Glauco reviver. Roçou com ela três vezes o peito de Hipólito, repetindo certos conjuros e, ao terceiro toque, o morto levantou a cabeça do chão. Mas Hades e as Três Parcas, escandalizados com esse abuso de seu privilégio, convenceram Zeus a fulminar Asclépio.

l. Os latinos contam que, então, Ártemis envolveu Hipólito numa espessa nuvem, disfarçou-o de velho e modificou os seus traços. Após hesitar entre Creta e Delos como os lugares mais propícios para escondê-lo, ela o levou para o seu pomar sagrado em Arícia, na Itália.[10] Ali, com o consentimento dela, ele se casou com a ninfa Egéria, e ele continua vivendo junto ao lago, entre os escuros bosques de carvalho, rodeado por escarpados precipícios. Para que não se lembrasse de sua morte, Ártemis trocou o seu nome para Vírbio, que significa *vir bis*, ou “duas vezes homem”; e os cavalos não podiam penetrar as imediações. O sacerdócio de Ártemis Arícia está aberto somente a escravos

fugitivos.[11] Em seu pomar cresce um velho carvalho, cujos galhos são inquebráveis, mas, se algum escravo se atrever a fazê-lo, então o sacerdote, que matou o seu predecessor e que portanto vive temendo constantemente a morte, deve lutar com ele num duelo de espadas pelo sacerdócio. Os arícios dizem que Teseu suplicou a Hipólito que ficasse em Atenas, mas ele recusou.

m. Uma tabuleta do santuário epidáurio de Asclépio registra que Hipólito lhe dedicou vinte cavalos em gratidão por tê-lo ressuscitado.[12]

1. O incidente do amor incestuoso de Fedra por Hipólito, como o da esposa de Potifar e seu amor adúltero por José (vide 75. *1*), foi tomado de empréstimo ou ao *Conto dos dois irmãos* egípcio, ou a uma fonte comum cananeia. Sua continuação baseou-se no conhecido ícone que mostra o acidente do carro ao término do reinado do rei sagrado (vide 71. *1*). Se o rugido profético do mar de novembro avisava o rei — assim como ocorria na Irlanda — que a sua hora estava chegando, esse aviso deve ter sido representado em forma de touro, ou leão-marinho, postado com a boca aberta na crista de uma onda. As rédeas de Hipólito devem ter se enganchado no mirto e não na oliveira de aspecto sinistro que mais tarde foi associada ao acidente; de fato, tratava-se do mirto que crescia junto ao seu santuário de herói e que ficou famoso por ter suas folhas perfuradas. O mirto simbolizava o último mês do reinado do rei, tal como aparece na história do acidente de carro de Enômao (vide 109. *j*), ao passo que a oliveira silvestre simbolizava o primeiro mês do reinado de seu sucessor. *Vir bis* é uma falsa derivação de Vírbio, que parece representar o termo grego *hierobios*, "vida santa" — o *h* com frequência tornando-se *v*: como em *Héstia* e *Vesta*, ou *Hésperos* e *Vésper*. Em *Golden Bough*, *Sir* James Frazer demonstrou que o ramo que o sacerdote guardava com tanto cuidado era o visco, e é provável que Glauco, filho de Minos (vide 90. *c*), que foi confundido com Glauco, filho de Sísifo (vide 71. *a*), tenha sido ressuscitado graças ao visco. Embora o visco pré-helênico e o culto do carvalho tenham sido suprimidos na Grécia (vide 50. *2*), é possível que um colégio de sacerdotes refugiados do istmo tenham-no levado para Arícia. O nome de Erégia revela que ela era uma deusa da morte que vivia num bosque de álamos negros (vide 51. *7* e 170. *l*).

2. A oferenda de uma mecha de cabelo a Hipólito por parte das noivas que vão se casar deve ser uma inovação patriarcal, concebida talvez para privar as

mulheres do poder mágico que jaz no cabelo, assim como as mulheres muçulmanas são obrigadas a raspar a cabeça antes do casamento.

3. O fato de se esconder a tumba de Hipólito guarda um paralelismo com as histórias de Sísifo e Neleu (vide 67. *3*), o que indica que ele foi enterrado em algum ponto estratégico do istmo.

NOTAS

[1] Apolodoro: *Epítome* 1. 18; Pausânias: I. 22. 2; Ovídio: *Heroidas* IV. 67 *et seq.*

[2] Pausânias: II. 31. 6; Ovídio: *loc. cit*.

[3] Ovídio: *loc. cit*.; Sêneca: *Hipólito* 835 *et seq.*; Pausânias: II. 32. 3 e I. 22. 2; Eurípides: *Hipólito* 1 *et seq.*; Diodoro Sículo: IV. 62.

[4] Ovídio: *loc. cit*.; Pausânias: I. 18. 5.

[5] Apolodoro: *Epítome* I. 18; Diodoro Sículo: IV. 62; Higino: *Fábula* 47.

[6] Plutarco: *Vidas paralelas* 34; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 445.

[7] Pausânias: II. 32. 8; Eurípides: *Hipólito* 1.193 *et seq.*; Ovídio: *As metamorfoses* XV. 506 *et seq.*; Plutarco: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 62.

[8] Eurípides: *Hipólito* 1.282 *et seq.* e 1.423 *et seq.*; Pausânias: II. 32. 1-2.

[9] Pausânias: I. 22. 1; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* VII. 42; Diodoro Sículo: IV. 62.

[10] Ovídio: *As metamorfoses* XV. 532 *et seq.* e *Os fastos* VI. 745.

[11] Virgílio: *Eneida* VII. 775; Ovídio: *Os fastos* V. 312 e *As metamorfoses* XV. 545; Estrabão: III. 263 *et seq.*; Pausânias: II. 27. 4.

[12] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 136; Estrabão: V. 3. 12; Suetônio: *Calígula* 35; Pausânias: *loc. cit.*

O MITO DE FEDRA,
relevo de um sarcófago do século IV d.C.
Roma, Itália

102

OS LÁPITAS E OS CENTAUROS

Alguns dizem que Pirítoo, o Lápita, era filho de Íxion e Dia (filha de Deioneu); outros, que era filho de Zeus, o qual, disfarçado de garanhão, galopou ao redor de Dia antes de seduzi-la.[1]

b. Aos ouvidos de Pirítoo, governante dos magnetes, na desembocadura do rio Peneu, chegaram notícias quase incríveis sobre a força e o valor de Teseu; e um dia ele resolveu pô-los à prova atacando a Ática e capturando um rebanho de gado que pastava em Maratona. Quando Teseu saiu em seu encalço, Pirítoo voltou-se corajoso para fitá-lo cara a cara, mas ambos sentiram tal admiração pelo porte de nobreza um do outro que se esqueceram do gado e fizeram um juramento de amizade eterna.[2]

c. Pirítoo se casou com Hipodâmia, ou Deidâmia, filha de Butes — ou de Adrasto, segundo outra versão —, e convidou ao casamento todos os deuses do Olimpo, exceto Ares e Éris, pois ele ainda se lembrava do dano causado por Éris no casamento de Peleu e Tétis. Posto que chegaram mais convidados do que o palácio de Pirítoo poderia abrigar, seus primos centauros, junto com Nestor, Ceneu e outros príncipes tessálios, foram acomodados em mesas dispostas numa enorme caverna sombreada que havia por perto.

d. Os centauros, entretanto, não estavam acostumados ao vinho e, ao perceberem seu aroma, puseram de lado o leite acre que lhes haviam servido e apressaram-se a encher os seus chifres de prata nos odres de vinho. Em sua ignorância, eles beberam o líquido puro, sem misturá-lo com água, e se embebedaram tanto que, quando a noiva foi escoltada até a cova para cumprimentá-los, Eurito, ou Eurítion, saltou de seu assento, virou a mesa e saiu arrastando-a pelos cabelos. Os outros centauros seguiram-lhe o horrível

exemplo, montando lascivamente em cima das mulheres e dos garotos mais próximos.[3]

e. Pirítoo e seu padrinho Teseu correram para salvar Hipodâmia, cortaram as orelhas e o nariz de Eurítion e, com a ajuda dos lápitas, expulsaram-no da cova. A briga que se seguiu, no curso da qual acabou morrendo o lápita Ceneu, durou até o anoitecer. Assim começou o longo enfrentamento entre os centauros e seus vizinhos lápitas, maquinado por Ares e Éris em vingança ao desprezo de que tinham sido objeto.[4]

f. Nessa ocasião, os centauros sofreram um sério revés, e Teseu os expulsou de seus antigos terrenos de caça no monte Pélion, enviando-os ao país dos etícios, perto do monte Pindo. Mas não foi tarefa fácil subjugar os centauros, que já haviam disputado o reino de Íxion com Pirítoo e que, agora, juntando forças, haviam invadido o território lápita. Eles chegaram de surpresa e destruíram a principal armada lápita. Quando os sobreviventes fugiram para Fóloe, na Élida, os vingativos centauros os expulsaram dali e transformaram Fóloe em seu próprio baluarte de bandidos. Os lápitas finalmente se estabeleceram em Maleia.

g. Foi durante a campanha de Teseu contra os centauros que ele voltou a se encontrar com Hércules pela primeira vez desde a sua infância. Logo depois ele o iniciou nos Mistérios de Deméter em Elêusis.[5]

1. Tanto os lápitas como os centauros afirmavam ser descendentes de Íxion, um herói do carvalho, e tinham em comum um culto do cavalo (vide 63. *a* e *d*). Eles eram tribos montanhesas primitivas do norte da Grécia, de cuja velha rivalidade se aproveitaram os helenos, aliando-se primeiro com uns e depois com outros (vide 35. *2*, 78. *1* e 81. *3*). *Centauro* e *lápita* podem ser palavras itálicas: *centuria*, "grupo militar de cem homens", e *lapicidae*, "lascadores de pedras". (Segundo a etimologia grega habitual, elas viriam, respectivamente, de *centauroi*, "os que lanceiam touros", e de *lapizein*, "fanfarrear".) Parece que esses montanheses tinham as suas orgias eróticas, obtendo assim a fama de promíscuos entre os helenos monogâmicos. Membros dessa raça neolítica sobreviveram nas montanhas árcades e no monte Pindo até a época clássica, e vestígios de sua linguagem pré-helênica podem ser encontrados na Albânia moderna.

2. Entretanto, é improvável que a batalha entre os lápitas e os centauros — representada no frontão do templo de Zeus em Olímpia (Pausânias: V. 10. 2), no

santuário de Teseu em Atenas (Pausânias: I. 17. 2) e na égide de Atena (Pausânias: I. 28. 2) — tenha sido uma simples luta entre tribos fronteiriças. Ela estava relacionada a um banquete nupcial real, patrocinado pelos deuses, do qual participou Teseu com sua pele de leão, de maneira que certamente se tratava de um acontecimento ritual que afetava intimamente todos os helenos. Hércules, vestido em pele de leão, também combateu os centauros numa ocasião festiva similar (vide 126. *2*). Homero os chama de "bestas peludas", e, como eles não são diferenciados dos sátiros nas primitivas pinturas de vasos gregos, o ícone representa provavelmente um novo rei recém-instalado — não importa quem — lutando com os dançarinos disfarçados de animais, um acontecimento que A. C. Hocart, em sua obra *Kingship*, demonstra que era parte essencial da antiga cerimônia da coroação. Eurítion desempenha o papel clássico de intruso (vide 142. *5*).

3. Se o pai de Pirítoo era Zeus ou Íxion, esta era uma questão que dependia do direito de Íxion de chamar a si mesmo de Zeus. O mito de sua ascendência paterna deduziu-se claramente a partir de uma ilustração em que aparece uma sacerdotisa de Tétis — Dia, filha de Deioneu, "a filha divina da borda do mar" — com o cabresto na mão, encorajando o candidato a rei a domar o cavalo selvagem (vide 75. *3*). O nome de Hipodâmia ("domadora de cavalos") alude ao mesmo ícone. Zeus disfarçado de garanhão "trotava ao redor" de Dia porque esse é o significado do nome Pirítoo; e Íxion, como deus do Sol, com suas asas de águia estendidas sobre sua roda, dava voltas ao redor do firmamento (vide 63. *2*).

NOTAS

1 Diodoro Sículo: IV. 70; Eustácio sobre Homero, p. 101.

2 Estrabão: *Fragmento* 14; *Epítome Vaticano*; Plutarco: *Teseu* 30.

3 Apolodoro: *Epítome* I. 21; Diodoro Sículo: IV. 70; Higino: *Fábula* 33; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 304.

4 Píndaro: *Fragmento* 166f, citado por Ateneu: XI. 476b; Apolodoro: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 210 *et seq*.; Homero: *Odisseia* XXI. 295; Pausânias: V. 10. 2.

5 Plutarco: *loc. cit*.; Homero: *Ilíada* II. 470 *et seq*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Heródoto, citado por Plutarco: *loc. cit.*

103

TESEU NO TÁRTARO

Depois da morte de Hipodâmia, Pirítoo convenceu Teseu, cuja esposa Fedra havia se enforcado não fazia muito tempo, que o acompanhasse numa visita a Esparta e arrebatasse Helena, irmã dos Dióscuros Castor e Pólux. No lugar onde está o santuário de Serápis em Atenas, eles, que desejavam estabelecer com Helena uma aliança mediante o matrimônio, juraram permanecer um ao lado do outro nessa perigosa empreitada; sortear a irmã dos Dióscuros depois de havê-la conquistado; e encontrar depois uma outra filha de Zeus para o perdedor, não importasse que perigos surgissem.[1]

b. Uma vez tomada a decisão, eles lideraram um exército à Lacedemônia e, então, cavalgando na primeira linha do corpo principal, capturaram Helena enquanto ela oferecia um sacrifício no templo de Ártemis Erguida em Esparta e saíram a galope. Eles logo se distanciaram de seus perseguidores e livraram-se definitivamente deles em Tegeia, onde sortearam Helena, conforme o combinado, tendo sido Teseu o vencedor.[2] Ele, entretanto, intuiu que os atenienses não aprovariam o fato de ele ter provocado uma briga com os temíveis Dióscuros, de maneira que Teseu enviou Helena, que ainda não era núbil — mas uma criança de 12 anos ou, conforme alguns, até menos —, para o vilarejo ático de Afidna, encarregando seu amigo Afidno de cuidar dela com a máxima atenção e segredo. Etra, mãe de Teseu, acompanhou Helena e cuidou dela com muito zelo. Há quem diga que não foi Teseu o responsável pelo rapto de Helena, e sim Idas e Liceu, e que depois a puseram sob a proteção de Teseu num gesto de vingança, pois os Dióscuros haviam sequestrado as Leucípidas. Há ainda uma outra versão, segundo a qual o próprio Tíndaro, pai de Helena, a teria confiado a Teseu quando soube que seu sobrinho Enaróforo, filho de Hipocoonte, planejava raptá-la.[3]

c. Alguns anos depois, quando Helena já tinha idade para se casar com Teseu, Pirítoo lembrou-o do seu pacto. Foram juntos consultar um oráculo de Zeus, a quem haviam invocado como testemunha de seu juramento, e sua irônica resposta foi: “Por que não visitar o Tártaro e pedir a mão de Perséfone, esposa de Hades, para Pirítoo? Ela é a mais nobre de minhas filhas.” Teseu sobressaltou-se quando Pirítoo, que havia levado a resposta a sério, obrigou-o a manter sua promessa. Ele, contudo, não se atreveu a quebrar a promessa, e então os dois desceram ao Tártaro, munidos de suas espadas. Evitando a passagem fluvial através do Lete, escolheram o caminho de trás, cuja entrada se encontra numa caverna do cabo Tênaro, na Lacônia, e logo alcançaram os portões do palácio de Hades. O deus do Tártaro escutou tranquilo o seu irreverente pedido e, fingindo hospitalidade, convidou-os a se sentarem. Sem dar-se conta, eles ocuparam o assento oferecido por Hades: a Cadeira do Esquecimento, que, no mesmo instante, tornou-se parte de sua carne, de maneira que eles não podiam se levantar sem mutilarem-se a si mesmos. Serpentes retorcidas sibilavam em torno deles enquanto as Fúrias os açoitavam e Cérbero os mordia, tudo isso sob o olhar sombrio e zombeteiro de Hades.[4]

d. Assim permaneceram em tormento durante quatro anos inteiros, até que Hércules, vindo por ordem de Euristeu para agarrar Cérbero, reconheceu-os ao estenderem suas mãos em silêncio, suplicando-lhe ajuda. Perséfone recebeu Hércules como a um irmão, permitindo-lhe benevolamente que libertasse os malfeitores e os levasse de volta aos ares superiores, caso fosse capaz.[5] Hércules apanhou Teseu com ambas as mãos e o ergueu com uma força descomunal, até ouvir-se um som de algo que se dilacera, e então o libertou, arrancando-o do seu assento; mas grande parte da carne de Teseu ficou presa à rocha; por isso, os descendentes atenienses de Teseu têm um traseiro minúsculo. Em seguida, ele tomou as mãos de Pirítoo, mas, ao tremor ameaçador da terra, desistiu. Pirítoo havia sido, no final das contas, o mentor daquela empresa blasfema.[6]

e. Segundo alguns relatos, entretanto, Hércules teria libertado Pirítoo e Teseu, mas há outros que dizem não ter ele libertado nenhum dos dois, mas abandonado Teseu acorrentado para sempre a uma cadeira incandescente e Pirítoo recurvado ao lado de Íxion num divã dourado a contemplar, famintos, magníficos banquetes que a maior das Fúrias constantemente lhes arrebatava. Dizem também que Teseu e Pirítoo jamais foram ao Tártaro, mas a uma cidade, na Tesprótia ou na Molóssia, chamada Ciquiro, cujo rei, Aidoneu, ao descobrir que Pirítoo planejava raptar a sua esposa, atirou-o a uma matilha de cães e confinou Teseu numa masmorra, da qual finalmente Hércules o resgatou.[7]

1. Diz-se que os heróis principais de várias mitologias perturbaram o Inferno: Teseu, Hércules (vide 134. *c*), Dionísio (vide 170. *m*) e Orfeu (vide 28. *c*) na Grécia; Bel e Marduk na Babilônia (vide 71. *1*); Eneias na Itália; Cuchulain na Irlanda; Artur, Gwydion e Amathaon na Grã-Bretanha; Ogier, o Dinamarquês, na Bretanha. A origem do mito parece ser a morte temporal que o rei sagrado simulava ao término de seu reinado habitual, enquanto um menino *interrex* ocupava seu lugar durante um dia, eludindo, assim, a lei que proibia a prolongação de seu mandato além dos 13 meses de um ano solar (vide 7. *1*, 41. *1*, 123. *4* etc.).

2. Bel e seu sucessor, Marduk, passaram o seu período de falecimento lutando contra o monstro marinho Tiamat, encarnação da deusa-serpente Ishtar, que enviou o dilúvio (vide 73. *7*). Assim como os antigos reis irlandeses — que, conforme certos relatos, teriam ido combater as grandes ondas atlânticas —, eles parecem ter sido afogados cerimonialmente. Um vaso etrusco mostra o rei moribundo, a quem se dá o nome de Jasão (vide 148. *4*), entre as mandíbulas de um monstro marinho: uma ilustração da qual aparentemente derivou a fábula de Jonas e a baleia, sendo Jonas, na verdade, Marduk.

3. Os mitógrafos atenienses conseguiram dissimular a acirrada rivalidade entre Teseu e Pirítoo, que atuava como seu irmão gêmeo (vide 95. *2*), pelos favores da deusa da morte-em-vida — que aparece no mito como Helena (vide 62. *3*) e como Perséfone —, apresentando-os como um par de membros devotos da realeza que, assim como Castor e Pólux, invadiram por amor uma cidade vizinha (vide 74. *c*) e um dos quais se salvou da pena de morte alegando o seu nascimento divino. Para destacar esse ponto introduziu-se na história um par semelhante de gêmeos, Idas e Linceu. Mas o nome de Pirítoo, "o que dá voltas", indica que ele era um rei sagrado de plenos direitos, e nas pinturas de vasos da Baixa Itália ele figura ascendendo ao mundo superior e despedindo-se de Teseu, que permanece ao lado da deusa da justiça, como se Teseu fosse simplesmente o seu substituto.

4. O rapto de Helena durante um sacrifício evoca o rapto de Orítia por Bóreas (vide 48. *a*), e é possível que ele tenha sido deduzido do mesmo ícone que mostra orgias eróticas por ocasião das Tesmoforias atenienses. É possível, claro, que um altar da deusa ática Helena em Afidna contivesse uma imagem ou outro objeto de culto roubado pelos atenienses de seu equivalente lacônio — se a visita ao Tártaro for uma duplicata da história, eles podem ter feito uma incursão

marítima contra Tênaro —, e que esse objeto tenha sido posteriormente recuperado pelos espartanos.

5. Os quatro anos de permanência de Teseu no Tártaro é o período normal durante o qual o rei sagrado fazia lugar ao seu sucessor; um novo rei sagrado, Teseu *redivivus*, seria então instalado. Os atenienses tentaram elevar seu herói nacional ao estatuto de deus olímpico, como Dionísio e Hércules, argumentando que ele havia escapado da morte. Mas seus inimigos peloponesos conseguiram opor-se com êxito a essa pretensão. Alguns insistiram no fato de que ele jamais escapou, mas que foi castigado eternamente pela sua insolência, como Íxion e Sísifo. Outros racionalizaram a história alegando que ele invadira Ciquiro, e não o Tártaro, e inclusive esforçaram-se por explicar que Pirítoo não havia sido mordido por Cérbero, mas por sabujos molossos, os maiores e mais ferozes de todos aqueles criados na Grécia. A mais generosa concessão feita ao mito ateniense foi que Teseu, posto em liberdade sob fiança após uma humilhante sessão na Cadeira do Esquecimento (vide 37. *2*), havia transferido apologeticamente quase todos os seus templos e santuários a Hércules Salvador, cujos trabalhos e sofrimentos imitava.

6. Mas Teseu era um herói de certa importância, e deve-se conceder-lhe o mérito de haver perturbado o Inferno, no sentido de ter penetrado no centro do labirinto cretense, onde o aguardava a Morte, e de onde voltou com vida. Houvessem os atenienses sido tão fortes na terra assim como eram no mar, ele teria indubitavelmente se tornado uma divindade olímpica ou, pelo menos, um semideus nacional. A fonte central dessa hostilidade por Teseu é provavelmente Delfos, onde os oráculos de Apolo eram sabidamente partidários dos espartanos em sua luta contra Atenas.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 63; Píndaro, citado por Pausânias: I. 18. 5; Pausânias: I. 41. 5.

[2] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 79; Plutarco: *Teseu* 31.

[3] Apolodoro: *Epítome* I. 24; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 143; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero, p. 215; Plutarco: *loc. cit.*

[4] Higino: *Fábula* 79; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Horácio: *Odes* IV. 7. 27; Paníasis, citado por Pausânias: X. 29. 4; Apolodoro: *Epítome* I. 24.

[5] Sêneca: *Hipólito* 835 *et seq.*; Apolodoro: II. 5. 12; Diodoro Sículo: IV. 26; Eurípides: *A loucura de Hércules* 619; Higino: *loc. cit*.

[6] Apolodoro: *loc. cit*.; Suidas *sub* Lispoi; escoliasta sobre *Os cavaleiros* de Aristófanes: 1.368.

[7] Diodoro Sículo: IV. 63; Virgílio: *Eneida* VI. 601-619; Eliano: *Varia Historia* IV. 5; Plutarco: *Teseu* 31.

104

A MORTE DE TESEU

Durante a permanência de Teseu no Tártaro, os Dióscuros reuniram um exército de lacônios e árcades, marcharam contra Atenas e exigiram que Helena lhes fosse devolvida. Quando os atenienses negaram que ela estivesse entre eles e disseram não ter a mínima ideia de seu paradeiro, os Dióscuros procederam ao saque da Ática até que os habitantes de Decelia, que desaprovavam a liderança de Teseu, guiaram-nos até Afidna, onde eles encontraram e resgataram a irmã. Os Dióscuros então destruíram Afidna, mas os decelianos continuaram isentos do pagamento de impostos espartanos e adquiriram o direito de ocupar lugares de honra nos festivais dos Dióscuros; além disso, as terras decelianas foram as únicas que se salvaram na Guerra do Peloponeso, quando os invasores espartanos devastaram o território da Ática.[1]

b. Outros dizem que quem revelou o paradeiro de Helena foi Academo, ou Equedemo, um árcade que havia ido à Ática a convite de Teseu. Os espartanos certamente o trataram com grandes honras enquanto viveu e, em suas últimas invasões, respeitaram a pequena propriedade que tinha junto ao rio Cefiso, a seis estádios[a] de Atenas. Isso é o que se chama hoje de Academia: um belo jardim bem irrigado, onde os filósofos se reúnem e manifestam suas opiniões ímpias sobre a natureza dos deuses.[2]

c. Márato liderava o contingente árcade do exército dos Dióscuros e, obedecendo a um oráculo, ofereceu-se para sacrificar-se à frente de seus homens. Alguns dizem que foi ele, e não Maráton, pai de Sícion e de Corinto, quem deu seu nome à cidade de Maratona.[3]

d. Peteu, filho de Orneu e neto de Erecteu, havia sido desterrado por Egeu, e os Dióscuros, para ofender Teseu, trouxeram do exílio o filho de Peteu, Menesteu, e o nomearam regente de Atenas. Menesteu foi o primeiro demagogo.

Durante a permanência de Teseu no Tártaro, ele caiu nas graças do povo recordando aos nobres o poder que eles haviam perdido com a federalização e dizendo aos pobres que suas terras e sua religião lhes haviam sido arrebatadas e que se encontravam sujeitas a um aventureiro de origem obscura, o qual, entretanto, havia deixado o trono vago e sobre cuja morte corriam boatos.[4]

e. Quando Afidna caiu e Atenas estava em perigo, Menesteu convenceu o povo a dar as boas-vindas aos Dióscuros e recebê-los na cidade como seus benfeitores e libertadores. Eles se comportaram corretamente e pediram apenas que fossem admitidos nos Mistérios Eleusinos, assim como Hércules. Seu pedido foi aceito, e os Dióscuros se tornaram cidadãos honorários de Atenas. Afidno passou a ser o seu pai adotivo, assim como Pílio havia sido o de Hércules numa situação semelhante. Desde então, foram-lhe rendidas honras divinas ao nascer da sua constelação, em agradecimento pela clemência que demonstraram pela população mais humilde; e eles alegremente levaram Helena de volta para Esparta, com Etra, a mãe de Teseu, e uma irmã de Pirítoo como sua serva. Alguns dizem que, ao encontrarem Helena, ela ainda era virgem; outros, que Teseu a havia engravidado e que em Argos, a caminho de casa, ela deu à luz uma menina, Ifigênia, e que dedicou um santuário a Ártemis em gratidão por ter tido um bom parto.[5]

f. Teseu, que retornara do Tártaro pouco depois, ergueu imediatamente um altar a Hércules Salvador e consagrou de novo em honra a ele todos os seus templos e santuários, à exceção de quatro. Entretanto, as torturas o haviam debilitado enormemente, e, para sua tristeza, ele deparou com uma Atenas tão corrompida pelas facções e pela sedição que não foi mais capaz de manter a ordem.[6] Ele retirou os seus filhos às escondidas da cidade e os levou à Eubeia, onde Elefenor, filho de Calcodonte, ofereceu-lhes abrigo — embora há quem diga que seus filhos já haviam fugido dali antes de seu regresso —, e, após maldizer solenemente o povo de Atenas do alto do monte Gargeto, ele zarpou para Creta, onde Deucalião havia prometido acolhê-lo.

g. Uma tempestade desviou a embarcação de seu rumo, e o primeiro lugar em que ele desembarcou foi a ilha de Esciros, perto da Eubeia, onde o rei Licomedes, apesar de ser amigo íntimo de Menesteu, recebeu-o com todo o esplendor que correspondia à sua fama e linhagem. Teseu, que havia herdado uma propriedade em Esciros, pediu-lhe permissão para se estabelecer ali. Mas Licomedes há muito tempo considerava seu aquele terreno e, com a desculpa de mostrar a Teseu os limites de sua propriedade, levou-o enganosamente para o topo de um penhasco, empurrou-o e depois disse que ele havia caído por acidente ao fazer uma caminhada bêbado após o almoço.[7]

h. Menesteu, que agora se encontrava na indiscutível posse do trono, era um dos pretendentes de Helena, e liderou as forças atenienses contra Troia, onde alcançou grande fama como estratego, mas morreu no campo de batalha. Sucederam-no os filhos de Teseu.[8]

i. Diz-se que Teseu raptou Anaxo de Trezena e que seduziu Iope, filha do tiríntio Íficles. Seus constantes casos de amor causaram tanto embaraço aos atenienses que eles tardaram muito em apreciar seu verdadeiro mérito, inclusive várias gerações após a sua morte. Entretanto, na Batalha de Maratona, seu espírito se levantou da terra para lhes dar ânimo e caiu sobre os persas armado até os dentes; quando a vitória já estava garantida, o oráculo de Delfos deu ordem para que os seus ossos fossem levados à sua pátria. O povo de Atenas havia sofrido os ultrajes dos esciros durante muitos anos, e o oráculo anunciou que isso continuaria assim enquanto os esciros conservassem os ossos de Teseu.[9] Recuperá-los, porém, era uma árdua tarefa, pois os esciros eram muito violentos e, quando Címon tomou a ilha, eles não lhe revelaram o lugar onde Teseu havia sido enterrado. Címon, contudo, notou uma águia fêmea no topo de uma colina, cavucando o solo com suas garras. Interpretando isso como um sinal do Céu, ele tomou de um enxadão, dirigiu-se às pressas ao lugar onde estava a águia e começou a abrir um buraco maior. Pouco depois, o enxadão golpeou um ataúde de pedra, em cujo interior estava o esqueleto de um homem alto, armado com uma lança de bronze e uma espada, que só podia ser o de Teseu. O esqueleto foi levado respeitosamente a Atenas e enterrado de novo, com um grande cerimonial, no santuário de Teseu situado próximo ao Ginásio.[10]

j. Teseu tocava muito bem a lira e, junto com Hércules e Hermes, é o padroeiro de todos os ginásios e escolas de luta livre existentes na Grécia. Sua semelhança com Hércules é proverbial. Participou da caçada ao javali calidônio; vingou os campeões que morreram em Tebas; e não foi um dos argonautas porque estava retido no Tártaro quando eles partiram em direção à Cólquida. A primeira guerra entre os peloponesos e os atenienses deu-se por ele ter raptado Helena, e a segunda, por ter-se recusado a entregar os filhos de Hércules ao rei Euristeu.[11]

k. Os escravos e obreiros maltratados, cujos antepassados buscaram nele proteção contra seus opressores, agora buscam refúgio em seu santuário, onde sacrifícios são-lhe oferecidos no oitavo dia de cada mês. Esse dia pode ter sido escolhido pelo fato de ele ter chegado pela primeira vez a Atenas, vindo de Trezena, no oitavo dia de hecatômbeon, e ter voltado para Creta no oitavo dia de pianépsio. Ou talvez porque ele fosse filho de Poseidon, e as festividades em honra desse deus eram também celebradas naquele mesmo dia do mês, visto que

oito, por ser o primeiro cubo de um número par, representa o poder inquebrantável de Poseidon.[12]

1. Menesteu, o Eréctida, que é elogiado na *Ilíada* II. 552 *et seq.* por seus extraordinários dotes militares e que reinou em Atenas durante os quatro anos que Teseu passou no Tártaro, parece ter sido seu irmão gêmeo e correi mortal, o equivalente ateniense do lápita Pirítoo. Aqui ele surge como protótipo dos demagogos atenienses que, durante toda a Guerra do Peloponeso, defenderam a paz com Esparta a qualquer preço. Mas o mitógrafo, embora deplore suas táticas, toma cuidado para não ofender os Dióscuros, a quem os navegantes atenienses pediam socorro quando eram surpreendidos por tempestades.

2. O tema do *pharmacos* emplumado volta a surgir nos nomes do pai e do avô de Menesteu, e na morte do próprio Teseu, que ocorreu na ilha de Esciros (“empedrada”), também chamada *Sciros*. Isso indica que, no ícone do qual se retirou a história, a palavra *scir* (forma abreviada de *Scirophoria*, que explica por que o rei é arremessado de um penhasco) foi confundida com o nome da ilha. Caso assim seja, Licomedes, que tinha um nome ateniense comum, teria sido a vítima. Parece que, originalmente, ofereciam-se sacrifícios à deusa-Lua no oitavo dia de cada lunação, quando ela entrava em sua segunda fase, sendo esse o momento do mês adequado para plantar. Mas quando Poseidon se casou com ela e se apropriou de seu culto, o mês se tornou um período solar e deixou de estar associado à Lua.

3. A importância mítica de Márato (“erva-doce”) reside no uso que se fazia dos talos de erva-doce para levar o novo fogo sagrado de um forno central para as lareiras particulares (vide 39. *g*), após a sua extinção anual (vide 149. *3*).

4. Antes de concluir a história de Teseu, permito-me adicionar aqui mais uma nota sobre o vaso de Tragliatella (vide 98. *3*), que mostra o rei sagrado e seu herdeiro escapando de um labirinto. Vi essa pintura do outro lado desse vaso, que tem um interesse extraordinário como preâmbulo a essa fuga: uma procissão, em sentido horário, realizada a pé e encabeçada pelo rei sagrado desarmado. Sete homens o escoltam, cada um armado com três dardos e um escudo com o motivo do javali, enquanto o sucessor do rei, armado com uma lança, fecha a procissão. Esses sete homens representam claramente os sete meses regidos pelo sucessor, que caem entre a época da colheita da maçã e a Páscoa — sendo o javali o seu distintivo familiar (vide 18. *7*). A cena ocorre no

dia da morte ritual do rei, e a rainha Lua (Pasífae — vide 88. *7*) vem ao seu encontro: uma horrível figura numa túnica, com uma mão ameaçadora no quadril. Com o outro braço estendido, ela lhe oferece uma maçã, que é o seu passaporte para o Paraíso; e as três lanças que cada homem carrega são um agouro de morte. Mas o rei é conduzido por uma pequena figura feminina vestida como a anterior: podemos chamá-la de princesa Ariadne (vide 98. *k*), que ajudou Teseu a escapar do mortal labirinto de Cnossos. E ele, como um contrafeitiço à maçã, mostra com valentia um ovo de Páscoa, o ovo da ressurreição. A Páscoa era o período em que se executavam as danças troianas nos labirintos feitos nos gramados na Bretanha e também na Etrúria. Um ovo sacro etrusco de traquito negro polido encontrado em Perúgia, rodeado por uma flecha em relevo, é este mesmo ovo sagrado.

NOTAS

[a] Antiga unidade de medida itinerária. Um estádio corresponde a 125 passos, ou seja, 206,25 metros. (N.T.)

1 Apolodoro: *Epítome* I. 23; Hereas, citado por Plutarco: *Teseu* 32; Heródoto: IX. 73.

2 Dicearco, citado por Plutarco: *loc. cit.*; Diógenes Laércio: III. 1. 9; Plutarco: *Címon* 13.

3 Dicearco, citado por Plutarco: *Teseu* 32; Pausânias: II. 1. 1.

4 Pausânias: X. 35. 5; Apolodoro: *Epítome* I. 23; Plutarco: *loc. cit.*

5 Plutarco: *Teseu* 33; Higino: *Fábula* 79; Pausânias: II. 22. 7.

6 Eliano: *Varia Historia* IV. 5; Filócoro, citado por Plutarco: *Teseu* 35; Plutarco: *loc. cit.*

7 Pausânias: I. 17. 6; Plutarco: *loc. cit.*

8 Plutarco: *loc. cit.*; Apolodoro: III. 10. 8.

9 Plutarco: *Teseu* 29 e 36; Pausânias: I. 15. 4 e III. 3. 6.

10 Pausânias: I. 17. 6; Plutarco: *loc. cit.*

11 Pausânias: V. 19. 1; IV. 32. 1 e I. 32. 5; Plutarco: *Teseu* 29 e 36; Apolônio de Rodes: I. 101.

12 Plutarco: *Teseu* 36.

ÉDIPO EM COLONO,
escultura em mármore de Jean-Baptiste Hugues
Paris, França

105

ÉDIPO

Laio, filho de Lábdaco, que governava Tebas, casou-se com Jocasta. Afligido pelo fato de por tanto tempo ainda não ter tido descendência, consultou em segredo o oráculo de Delfos, que o informou de que essa aparente desgraça era, na verdade, uma bênção, pois qualquer filho que nascesse de sua união com Jocasta viria a se tornar seu próprio assassino. Ele, portanto, passou a recusar Jocasta, sem contudo lhe dar nenhuma explicação, o que a ofendeu sobremaneira, até que certa noite, após embebedá-lo, ela conseguiu retornar aos seus braços. Nove meses depois, quando Jocasta deu à luz um filho, Laio o arrancou dos braços da ama, perfurou seus pés com um prego e, atando-os um ao outro, abandonou-o no monte Citéron.

b. Mas as Parcas haviam decidido que esse menino atingiria uma idade avançada. Um pastor coríntio o encontrou, chamou-o Édipo (por causa de seus pés deformados[a]) e levou-o para Corinto, onde, naquela época, reinava Pólibo.[1]

c. Conforme outra versão da história, Laio não abandonou Édipo na montanha, mas o trancou numa arca, que foi embarcada num navio e atirada ao mar. Essa arca flutuou à deriva e chegou até a costa de Sícion, em cuja praia por acaso estava Peribeia, rainha e esposa de Pólibo, que supervisionava o trabalho das lavadeiras da casa real. Ela recolheu Édipo, escondeu-se atrás de umas moitas e fingiu sentir-se subitamente assaltada pelas dores do parto. Como as lavadeiras estavam demasiado ocupadas para observar o que estava acontecendo, ela as enganou a todas, fazendo-as acreditar que acabara de dar à luz aquela criança. Mas Peribeia disse a verdade a Pólibo, o qual, como não tinha descendência, concordou em adotar Édipo como filho.

Um dia, escarnecido por um jovem coríntio que lhe dissera que ele não se parecia em nada com seus supostos pais, Édipo foi perguntar ao oráculo de

Delfos o que lhe havia reservado o futuro.

— Afaste-se do altar, miserável! — gritou em desgosto a pitonisa. — Você matará o seu pai e esposará a sua mãe!

d. Como Édipo amava Pólibo e Peribeia e não desejava infligir-lhes sofrimento algum, decidiu deixar Corinto para sempre. Mas o acaso fez com que ele, no estreito desfiladeiro entre Delfos e Dáulis, se encontrasse com Laio, que lhe ordenou brutalmente que saísse do caminho para deixar passar seus superiores. Édipo, então, replicou que não reconhecia outros superiores que não fossem os deuses e os seus próprios pais. (Cabe esclarecer que Laio estava numa carruagem, e Édipo, a pé.)

— Pior para você! — gritou Laio, e ordenou a seu cocheiro, Polifontes, que seguisse adiante.

Uma das rodas passou por cima do pé de Édipo, que, tomado pela fúria, matou Polifontes com sua lança. Em seguida derrubou Laio, que ficou preso nas rédeas e, fustigando os cavalos, fez com que o arrastassem até a morte. O rei de Plateas encarregou-se de ambos os funerais.[2]

e. Laio havia se dirigido ao oráculo para perguntar-lhe como poderia livrar Tebas da Esfinge. Este monstro fêmeo era filho de Tífon e Equidna ou, segundo outra versão, do cão Ortro e da Quimera, e havia chegado a Tebas vindo dos confins da Etiópia. Sua aparência era notável, pois tinha rosto e busto de mulher, corpo de leão, cauda de serpente e asas de águia.[3] Hera enviara a Esfinge havia pouco tempo a Tebas como castigo porque Laio havia raptado, em Pisa, um jovem chamado Crisipo. O monstro se instalara no monte Fício, próximo à cidade, e a cada viajante tebano que por ali passasse ela propunha um enigma que lhe havia sido ensinado pelas três musas: “Que criatura, de uma só voz, às vezes tem dois pés, às vezes três, às vezes quatro e, quanto mais pés tiver, mais fraco é?” Quem não conseguisse resolver o enigma era devorado no ato e, entre tais desafortunados, estava Hêmon, sobrinho de Jocasta, o qual a Esfinge, na verdade, transformou em haimon, ou “sanguinário”.

Édipo, que se aproximara de Tebas logo após haver matado Laio, adivinhou a resposta:

— O homem — respondeu —, pois engatinha na infância, mantém-se firme sobre os pés na juventude e se apoia numa bengala na velhice.

A Esfinge, mortificada, atirou-se do alto do monte Fício e destroçou-se vale abaixo. Em gratidão, os tebanos aclamaram Édipo rei, e ele se casou com Jocasta, ignorando que fosse sua mãe.

f. Tebas foi, então, assolada pela peste e, consultado uma vez mais, o oráculo de Delfos respondeu:

— Expulsem o assassino de Laio!

Édipo, que não sabia com quem havia se encontrado no desfiladeiro, amaldiçoou o assassino de Laio e o condenou ao desterro.

g. O cego Tirésias, o mais famoso adivinho da Grécia naquela época, solicitou uma audiência com Édipo. Contam que Atena, que o havia privado da visão por tê-la inadvertidamente surpreendido enquanto se banhava numa fonte, comoveu-se com a súplica de sua mãe Cáriclo, e, tirando de sua égide a serpente de Erictônio, deu-lhe a seguinte ordem:

— Limpe com sua língua os ouvidos de Tirésias para que ele possa compreender a profética linguagem dos pássaros.

h. Contam ainda que, certa vez, no monte Cilene, Tirésias teria visto duas serpentes em plena cópula. Ao ser atacado por elas, ele as golpeou com seu bastão e matou a fêmea, tendo sido imediatamente transformado numa mulher e se tornado uma célebre meretriz; sete anos depois, contudo, ao assistir a idêntico espetáculo no mesmo lugar, ele teria recuperado a virilidade ao matar a serpente macho. Há ainda uma outra versão segundo a qual, quando Afrodite e as três Cárites — Pasiteia, Calé e Eufrosina — discutiam sobre qual delas era a mais bonita, Tirésias outorgou o prêmio a Calé, motivo pelo qual Afrodite o transformou no mesmo instante numa velha. Mas Calé levou-o consigo para Creta e deu-lhe de presente uma bela cabeleira. Alguns dias mais tarde, Hera começou a repreender Zeus por suas inúmeras infidelidades. Ele se defendeu alegando que, de qualquer modo, ao partilharem o leito, era ela, de longe, quem mais desfrutava.

— As mulheres, é claro, gozam do ato sexual infinitamente mais do que os homens — disse ele, fanfarrão.

— Que bobagem! — gritou Hera. — É justamente o contrário, e você sabe muito bem disso.

Tirésias, chamado para arbitrar a disputa com base em sua experiência pessoal, disse-lhes:

— Se o prazer do amor for dividido por dez, uma única parte caberá ao homem, e nove à mulher.

O sorriso triunfante de Zeus de tal modo encolerizou Hera que ela acabou cegando Tirésias; Zeus, porém, compensou-o com a visão interior e uma vida que haveria de durar sete gerações.[4]

i. Tirésias então se apresentou na corte de Édipo, apoiando-se no bastão de madeira de corniso com o qual lhe presenteara Atena, e revelou a Édipo a vontade dos deuses: que a peste cessaria somente se um Homem Semeado morresse em benefício da cidade. O pai de Jocasta, Meneceu, um dos que haviam brotado da terra quando Cadmo semeou os dentes da serpente, atirou-se prontamente do alto das muralhas, e Tebas inteira elogiou sua cívica abnegação:

— Meneceu agiu muito bem — anunciou Tirésias —, e a peste cessará; embora os deuses tivessem em mente um outro Homem Semeado, da terceira geração, pelo fato de ter ele matado o próprio pai e se casado com sua mãe. Saiba, rainha Jocasta, que esse homem é o seu marido Édipo!

j. A princípio, ninguém deu ouvidos a Tirésias, mas, em pouco tempo, suas palavras foram confirmadas por uma carta de Peribeia, de Corinto, na qual se lia que a súbita morte do rei Pólibo permitia-lhe agora revelar as circunstâncias da adoção de Édipo, o que fez com detalhes irrefutáveis. Jocasta enforcou-se de vergonha e de aflição, enquanto Édipo vazou os próprios olhos com um alfinete retirado das vestes de sua mãe.[5]

k. Há quem diga que, embora atormentado pelas Erínias, que o acusavam de ter causado a morte de sua mãe, Édipo continuou reinando em Tebas durante algum tempo, até morrer gloriosamente numa batalha.[6] Segundo outras fontes, entretanto, Creonte, irmão de Jocasta, expulsou-o, não antes, contudo, de amaldiçoar Etéocles e Polinice — que eram ao mesmo tempo seus filhos e seus irmãos — por terem se permitido a insolência de lhe enviar a parte traseira de um animal sacrificado em vez do quarto dianteiro, como cabia ao rei. Assim, sem derramar uma única lágrima, todos viram Édipo abandonar a cidade que ele próprio havia livrado do poder da Esfinge. Após vagar por vários anos de um país a outro, guiado por sua fiel filha Antígona, Édipo chegou finalmente a Colono, na Ática, onde as Erínias, que lá têm um pomar, perseguiram-no até a morte, e Teseu enterrou o seu corpo no recinto dos Solenes de Atenas, chorando ao lado de Antígona.[7]

1. A história de Laio, Jocasta e Édipo foi deduzida a partir de uma série de ícones sagrados cujo significado foi deliberadamente corrompido. Extraviou-se um mito que poderia explicar o nome de Lábdaco (“auxílio com tochas”), mas que pode se referir também à chegada das tochas de um Menino Divino carregado por vaqueiros ou pastores por ocasião da cerimônia do Ano-novo, e aclamado como filho da deusa Brimo (“raivosa”). Esse *eleusis*, ou advento, era o acontecimento mais importante dos Mistérios Eleusinos, e talvez também dos Ístmicos (vide 70. *5*), o que explicaria o mito da chegada de Édipo à corte de Corinto. Os pastores adotavam ou rendiam homenagem a muitos outros príncipes infantes lendários ou semilendários, tais como Hipótoon (vide 49. *a*), Pélias (vide 68. *d*), Anfíon (vide 76. *a*), Egisto (vide 111. *i*), Moisés, Rômulo e

Ciro, todos os quais foram abandonados numa montanha ou ao sabor das ondas numa arca, ou às vezes ambas as coisas. Moisés foi encontrado pela filha do Faraó quando desceu ao rio com suas damas de companhia. É possível que *Oedipus*, "pé inchado", tenha sido originalmente *Oedipais*, "filho do mar agitado", que é o significado do nome dado ao herói galês correspondente, Dylan; e é possível também que a perfuração dos pés de Édipo com um cravo pertença ao final e não ao começo da história, como no mito de Talo (vide 92. *m* e 154. *h*).

2. O assassinato de Laio representa a morte ritual do rei solar pelas mãos de seu sucessor: derrubado de uma carruagem e arrastado pelos cavalos (vide 71. *1*) ao concluir seu primeiro ano de reinado.

3. A lenda da Esfinge foi evidentemente deduzida a partir de um ícone em que aparecia a deusa-Lua alada de Tebas, cujo corpo composto representa as duas partes do ano tebano — o leão na parte crescente e a serpente na parte minguante — e a quem o novo rei oferece orações antes de se casar com sua sacerdotisa, a rainha. Parece também que o enigma que a Esfinge aprendeu com as musas tenha sido inventado para explicar uma ilustração de um bebê, um guerreiro e um ancião adorando a deusa tripla, embora cada um deles renda homenagem a uma pessoa diferente da tríade. Mas a Esfinge, vencida por Édipo, se matou, e o mesmo fez sua sacerdotisa Jocasta. Terá sido Édipo um invasor de Tebas no século XIII, que suprimiu o antigo culto minoico da deusa e reformou o calendário? Sob o velho sistema, o novo rei, ainda que estrangeiro, havia sido, ao menos teoricamente, um filho do velho rei que ele matou e com cuja viúva se casou, costume que os invasores patriarcais interpretaram como parricídio e incesto. A teoria freudiana de que o "complexo de Édipo" seja um instinto comum a todos os homens originou-se nessa lenda deturpada, e, embora Plutarco diga (*Sobre Ísis e Osíris* 32) que o hipopótamo "assassinava o próprio pai e violava a sua mãe", nunca lhe ocorreu sugerir que todos os homens tenham um complexo de hipopótamo.

4. Embora os patriotas tebanos, pouco dispostos a admitir que Édipo era um estrangeiro que tomara sua cidade de assalto, tenham preferido fazer dele o herdeiro que perdeu o reino, a verdade é revelada pela morte de Meneceu, membro da raça pré-helênica que celebrava o festival das Pelórias em memória ao demiurgo Ofíon, de cujos dentes proclamavam haver nascido. Ele se lançou à morte na desesperada tentativa de aplacar a deusa, assim como fizera Mettus Curtius quando um abismo se abriu no Fórum Romano (Lívio: VII. 6), e o mesmo sacrifício foi oferecido durante a Guerra dos "Sete contra Tebas" (vide 106. *j*). Entretanto, ele morreu debalde; de outra maneira, a Esfinge e sua suma sacerdotisa não se teriam visto obrigadas a se suicidar. A história da morte de

Jocasta por enforcamento é provavelmente um equívoco; diz-se que a Helena do culto da oliveira, assim como a Erígone e a Ariadne do culto da vinha, morreram da mesma maneira, talvez para dar uma explicação às estatuetas da deusa-Lua que pendiam dos ramos das árvores dos pomares como talismãs de fertilidade (vide 79. *2*; 88. *10* e 98. *5*). Em Tebas, estatuetas semelhantes eram utilizadas, e, quando Jocasta se suicidou, ela sem dúvida se atirou do alto de um rochedo, tal como fizera a Esfinge.

5. A aparição de "Tirésias" — título comum entre os adivinhos — em toda a história legendária da Grécia indicava que Zeus lhe havia concedido uma vida admiravelmente longa. No sul da Índia, ainda é considerado um sinal de má sorte ver serpentes copulando, segundo a teoria de que a testemunha será castigada com a "enfermidade feminina" (assim como a chama Heródoto), a saber, a homossexualidade; aqui o fabulista grego levou o conto um passo adiante, a fim de provocar risos à custa das mulheres. O corniso, árvore divinatória consagrada a Cronos (vide 52. *3* e 170. *5*), simbolizava o quarto mês, o do equinócio de primavera. Roma foi fundada nessa estação, exatamente no lugar onde caiu o dardo feito de madeira de corniso lançado por Rômulo. Hesíodo transformou as duas tradicionais Cárites em três (vide 13. *3*), chamando-as de Eufrosina, Aglaia e Talia (*Teogonia* 945). O relato de Sosóstrato sobre o concurso de beleza tem pouco sentido, pois Pasithea Cale Euphrosyne, "a Deusa da Alegria que é bela aos olhos de todos", parece haver sido o título da própria Afrodite. Talvez o autor o tenha tomado emprestado do Julgamento de Páris (vide 159. *i* e *3*).

6. Conservaram-se dois relatos incompatíveis sobre a morte de Édipo. Segundo Homero, ele morreu gloriosamente no campo de batalha. Segundo Apolodoro e Higino, ele foi desterrado pelo irmão de Jocasta, membro da casa real cadmeia, e levou vida errante como um mendigo cego pelas cidades da Grécia até chegar a Colono, na Ática, onde as Fúrias o perseguiram até a morte. O fato de Édipo ter vazado os próprios olhos por remorso tem sido interpretado pelos psicólogos como castração, e, embora os gramáticos gregos tenham dito que a cegueira de Fênix — o preceptor de Aquiles (vide 160. *l*) — fosse um eufemismo para a impotência, certo é que o mito primitivo é sempre direto e categórico, e a castração de Urano e Átis continuou sendo mencionada sem nenhum constrangimento nos textos da época clássica. Assim, a cegueira de Édipo parece ser mais uma invenção teatral do que um mito original. As Fúrias eram personificações da consciência, mas da consciência num sentido muito limitado: a que é despertada só mediante a violação de um tabu materno.

7. Segundo a história não homérica, Édipo desafiou a deusa da cidade e foi castigado com o desterro, morrendo finalmente vítima de seus próprios temores

supersticiosos. É provável que suas inovações tenham sido repudiadas por um grupo de tebanos conservadores, e certamente a recusa de seus filhos e irmãos em lhe conceder o quarto dianteiro da vítima sacrificada equivalia a negar-lhe a autoridade divina. A escápula era o emolumento sacerdotal em Jerusalém (*Levítico* VII. 32 e XI. 21 etc.), e Tântalo ofereceu uma à deusa Deméter num famoso banquete dos deuses (vide 108. *c*). Entre os akan, o ombro direito continua sendo reservado ao governante.

Será que Édipo tentou, assim como Sísifo, substituir as leis de sucessão matrilineares pelas patrilineares, tendo sido por isso desterrado por seus súditos? Parece provável. Teseu de Atenas, outro revolucionário patriarcal do istmo, que destruiu o antigo clã ateniense dos palântidas (vide 99. *a*), é associado pelos dramaturgos atenienses ao enterro de Édipo, e foi também desterrado ao fim de seu reinado (vide 104. *f*).

8. Tirésias figura aqui, dramaticamente, como o profeta da desonra final de Édipo, mas, tal como se conservou a fábula, parece que ela foi invertida. Talvez, num determinado período, ela contasse o seguinte:

> Édipo de Corinto conquistou Tebas e se tornou rei casando-se com Jocasta, uma sacerdotisa de Hera. Depois ele anunciou que doravante o reinado se transmitiria aos filhos homens a partir dos pais, seguindo a linha masculina, o que é um costume coríntio, em vez de continuar sendo uma dádiva de Hera Estranguladora. Édipo confessou que ele mesmo se sentia desgraçado por ter deixado os cavalos da carruagem arrastarem e matarem Laio, considerado seu pai, e por ter-se casado com Jocasta, que o havia feito rei mediante uma cerimônia de renascimento. Mas quando ele tratou de modificar esses costumes, Jocasta se suicidou em sinal de protesto e Tebas foi vítima de uma praga. Aconselhados pelo oráculo, os tebanos então negaram a Édipo a escápula sagrada e o desterraram. Ele acabou morrendo numa tentativa bélica fracassada de reconquistar o trono.

NOTAS

[a] No item *1* será explicado o significado do nome Édipo. (N.T.)

[1] Apolodoro: III. 5. 7.

[2] Higino: *Fábula* 66; escoliasta sobre *As Fenícias* de Eurípides: 13 e 26; Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: X. 5. 2.

[3] Apolodoro: III. 5. 8; Hesíodo: *Teogonia* 326; Sófocles: *Édipo, o tirano* 391; escoliasta sobre *As rãs* de Aristófanes: 1.287.

[4] Apolodoro: III. 6. 7; Higino: *Fábula* 75; Ovídio: *As metamorfoses* III. 320; Píndaro: *Odes nemeeias* I. 91; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 682; Sosóstrato, citado por Eustácio: p. 1665.

[5] Apolodoro: III. 5. 8; Sófocles: *Édipo, o tirano* 447, 713, 731, 774, 1.285 etc.

[6] Homero: *Odisseia* XI. 270 e *Ilíada* XXIII. 679.

[7] Sófocles: *Édipo em Colono* 166 e escoliasta sobre 1.375; Eurípides: *As Fenícias, Proêmio*; Apolodoro: III. 5. 9; Higino: *Fábula* 67; Pausânias: I. 20. 7.

106

OS SETE CHEFES CONTRA TEBAS

Tantos príncipes visitaram Argos na esperança de se casarem com Egeia ou Deífila, filhas do rei Adrasto, que, temendo criar inimigos poderosos caso escolhesse dois deles como genros, o rei foi consultar-se com o oráculo de Delfos. A resposta de Apolo foi: “Atrele a uma carruagem o javali e o leão que lutam no seu palácio.”

b. Entre os menos afortunados desses pretendentes se achavam Polinice e Tideu. Polinice e seu irmão gêmeo Etéocles haviam sido eleitos correis de Tebas após o desterro de Édipo, seu pai. Eles concordaram em reinar em anos alternados, mas Etéocles, a quem coube o primeiro mandato, não quis ceder o trono no fim do ano e, alegando a má disposição demonstrada por Polinice, desterrou-o da cidade. Tideu, filho de Eneu do Calidão, matara seu irmão Melanipo durante uma caça e, embora alegasse ter sido um acidente, já havia sido profetizado que Melanipo o mataria; por isso, os calidônios suspeitavam de que ele havia tentado evitar o seu destino e, assim, desterraram-no também.

c. O emblema de Tebas é um leão, e o do Calidão é um javali, e os dois pretendentes fugitivos ostentavam esses símbolos nos seus escudos. Naquela noite, no palácio de Adrasto, eles começaram a discutir sobre as riquezas e as glórias de suas respectivas cidades, e ter-se-ia derramado sangue não fosse a pronta intervenção de Adrasto, que os separou e os reconciliou. Depois, tendo em conta a profecia, ele casou Egeia com Polinice e Deífila com Tideu, com a promessa de devolver seus reinos a ambos os príncipes. Mas disse também que marcharia primeiro contra Tebas, que estava mais perto.[1]

d. Adrasto reuniu seus chefes: Capaneu, Hipomedonte, seu cunhado Anfiarau, o vidente, e seu aliado árcade Partenopeu, filho de Meléagro e Atalanta, e lhes pediu que se armassem e partissem rumo ao Oriente. Dentre

esses grandes guerreiros, apenas um se mostrava reticente em obedecer: Anfiarau, que, prevendo que todos eles, à exceção de Adrasto, morreriam na luta contra Tebas, no início negou-se a integrar a expedição.

e. Adrasto havia discutido anteriormente com Anfiarau sobre os negócios de Estado argivos, e os dois homens, enfurecidos, ter-se-iam matado um ao outro não fosse Erifila, irmã de Adrasto, casada com Anfiarau. Tomando de seu fuso, ela se interpôs entre eles, levantou-lhes a espada e os fez jurar que sempre acatariam seu veredicto em qualquer disputa futura. Informado de tal juramento, Tideu segredou a Polinice:

— Erifila teme estar perdendo a beleza; então, se você oferecer o colar mágico dado por Afrodite à sua antepassada Harmonia, esposa de Cadmo, ela convencerá o marido a se juntar a nós na expedição.

f. Isso foi feito de maneira discreta, e a expedição partiu, encabeçada pelos sete paladinos: Polinice, Tideu e os cinco argivos.[2] Mas há quem diga que Polinice não se encontrava entre os sete, tendo-se agregado o nome do argivo Etéoclo, filho de Ífis.[3]

g. Sua marcha levou-os até Nemeia, onde reinava Licurgo. Ao pedir-lhe permissão para que suas tropas pudessem saciar a sede em sua região, Licurgo consentiu e sua serva Hipsípile os conduziu ao manancial mais próximo. Hipsípile era, na verdade, uma princesa lemniana, mas, quando as mulheres de Lemnos juraram matar todos os seus homens para se vingar da injúria que eles lhes haviam infligido, ela salvou a vida de seu pai, Toante, razão pela qual foi imediatamente vendida como escrava, e ali estava, servindo como nutriz de Ofeltes, filho de Licurgo. Ela deixou o menino por alguns instantes para guiar o exército argivo ao manancial e, naquele exato momento, uma serpente se enroscou nos membros da criança e o picou mortalmente. Adrasto e seus soldados retornaram tarde demais do manancial e a única coisa que lhes coube fazer foi matar a serpente e enterrar a criança.

h. Quando Anfiarau interpretou isso como um mau presságio para a expedição dos sete contra Tebas, eles instituíram os jogos nemeeus em homenagem ao menino, a quem deram o nome de Arquêmoro, “o iniciador da fatalidade”; e cada um dos paladinos teve a satisfação de ganhar uma das sete provas. Os juízes dos jogos nemeeus, que eram celebrados a cada quatro anos, ostentam desde então túnicas negras como sinal de luto por Ofeltes, e a coroa do vencedor é tecida com a salsa desafortunada.[4]

i. Quando chegaram a Citéron, Adrasto enviou Tideu como mensageiro para que exigisse dos tebanos que Etéocles abdicasse em favor de Polinice. Diante da recusa deles, Tideu desafiou os seus chefes a um combate corpo a corpo, saindo vencedor em todos os embates; em pouco tempo, não havia mais tebanos que

ousassem confrontá-lo. Então os argivos se aproximaram das muralhas da cidade e cada um dos paladinos se postou diante de um de seus sete portões.

j. O adivinho Tirésias, que havia sido consultado por Etéocles, profetizou que os tebanos obteriam a vitória somente se um príncipe da casa real se oferecesse voluntariamente para ser sacrificado a Ares; diante disso, Meneceu, filho de Creonte, matou-se diante dos portões, tal como fizera seu tio homônimo, atirando-se do alto das muralhas numa ocasião anterior. A profecia de Tirésias se cumpriu: os tebanos foram realmente derrotados numa escaramuça e recuaram para dentro da cidade, mas, tão logo Capaneu apoiou uma escada contra a muralha e começou a escalá-la, Zeus o fulminou. Diante disso, os tebanos tomaram coragem, realizaram uma investida furiosa e mataram mais três dos sete paladinos; e um deles, que por acaso também se chamava Melanipo, feriu Tideu no ventre. Atena nutria uma certa afeição por Tideu e, compadecendo-se dele enquanto jazia moribundo, ela se apressou a pedir a seu pai Zeus um elixir infalível que logo o poria de pé novamente. Mas Anfiarau odiava Tideu por ter obrigado os argivos a marchar e, perspicaz como era, correu até o lugar onde se encontrava Melanipo e cortou-lhe a cabeça.

— Eis a vingança! — exclamou. — Abra o crânio e engula os seus miolos!

Assim fez Tideu, e Atena, que chegava naquele momento com o elixir, derramou-o no chão e foi embora, enojada.

k. Dos sete paladinos, restaram somente Polinice, Anfiarau e Adrasto; e Polinice, para evitar mais mortes, sugeriu que a sucessão ao trono fosse decidida mediante um combate entre ele e Etéocles. Este aceitou o desafio e, no transcorrer de uma luta cruenta, cada um feriu ao outro mortalmente. Seu tio Creonte, então, tomou o comando do exército tebano e venceu os atemorizados argivos. Anfiarau fugiu em sua carruagem costeando o rio Ismeno, e estava prestes a ser flechado por um tebano que o perseguia quando Zeus abriu a terra com um raio e Anfiarau desapareceu sem deixar vestígios, reinando agora vivo entre os mortos. Batão, seu auriga, também foi tragado pela terra.[5]

l. Ao ver que tudo estava perdido, Adrasto montou em seu cavalo alado Árion e escapuliu. Mas, quando soube mais tarde que Creonte não permitiu o sepultamento dos inimigos mortos em batalha, ele foi a Atenas como suplicante e persuadiu Teseu a marchar sobre Tebas e castigar a impiedade de Creonte. Teseu tomou a cidade num ataque-surpresa, encarcerou Creonte e entregou os paladinos mortos aos seus parentes, que erigiram uma grande pira para incinerá-los. Mas Evadne, mulher de Capaneu, ao ver que seu marido havia se tornado herói por obra do raio de Zeus, não quis separar-se dele. Como o costume exigia que o homem fulminado por um raio fosse enterrado separadamente, e que sua tumba fosse isolada, ela se atirou à pira coletiva e foi devorada pelo fogo.[6]

m. Antes, porém, da chegada de Teseu a Tebas, Antígona, irmã de Etéocles e Polinice, havia desobedecido às ordens de Creonte, acendendo em segredo uma pira e colocando sobre ela o cadáver de Polinice. Enquanto olhava pela janela de seu palácio, Creonte vislumbrou um brilho distante que parecia provir de uma pira ardente e, quando foi verificar do que se tratava, surpreendeu Antígona cometendo um ato de desobediência. Ele convocou seu filho Hêmon, com quem Antígona estava comprometida em matrimônio, e ordenou-lhe que a enterrasse viva na mesma tumba de Polinice. Hêmon fingiu acatar as ordens mas, em vez disso, casou-se em segredo com Antígona e a enviou para viver entre os seus pastores. Ela lhe deu um filho, que muitos anos depois foi a Tebas e participou de certos jogos fúnebres. Creonte, porém, que continuava sendo o rei de Tebas, adivinhou sua identidade mediante a marca de uma serpente que ele tinha no corpo, e que era comum a todos os descendentes de Cadmo, e o condenou à morte. Hércules intercedeu por sua vida, mas Creonte mostrou-se inflexível, razão pela qual Hêmon matou Antígona e depois suicidou-se.[7]

1. Provavelmente, o oráculo sobre o leão e o javali de Apolo expressava originalmente a ideia da constituição de reinos duplos a fim de evitar a luta política entre o rei sagrado e seu herdeiro, como a que provocou a queda de Tebas (vide 69. *1*). Mas o emblema de Tebas era um leão por causa de sua deusa anterior, a Esfinge com corpo de leão; e o emblema do Calidão era um javali, provavelmente porque Ares, que tinha lá um santuário, gostava de adotar esse disfarce (vide 18. *j*). Assim, o oráculo foi aplicado a uma situação diferente. Os escudos com emblemas de animais eram de uso frequente no início da época clássica (vide 98. *3* e 160. *n*).

2. Os mitógrafos brincavam com frequência com a sílaba *eri* de um nome, alegando que significa *eris*, "luta", em vez de "abundante". Daí o mito de Erictônio (vide 25. *1*) e Erígone (vide 79. *3*). Erifila, mais do que "luta tribal", significava originalmente "muitas folhas". Hesíodo (*Os trabalhos e os dias* 161 *et seq*.) diz que Zeus exterminou duas gerações de heróis, a primeira em Tebas, por ocasião da guerra pelos rebanhos de Édipo, e a segunda em Troia, durante a guerra causada por Helena. Não se dá nenhuma explicação concernente aos "rebanhos de Édipo", mas Hesíodo referia-se decerto à guerra entre Etéocles e Polinice, em que os argivos apoiaram um desafortunado candidato ao trono de Tebas. A causa de uma disputa similar entre irmãos foi o Tosão de Ouro,

disputado por Atreu e Tiestes (vide 111. *c*- *d*); possuí-lo significava sentar-se no trono de Micenas. Zeus também tinha carneiros com velo de ouro no monte Lafístio, os quais parecem ter sido a insígnia régia da cidade vizinha de Orcômeno e causadores de numerosos derramamentos de sangue (vide 70. *6*).

3. Hipsípile ("portão alto") era provavelmente um título da deusa-Lua, cujo percurso descreve um alto arco no firmamento. Os jogos nemeeus, assim como os olímpicos, deviam ser celebrados ao término do mandato do rei sagrado, após haver reinado seus cinquenta meses lunares como marido da suma sacerdotisa. O mito conserva a tradição de que, anualmente, sacrificavam-se meninos à deusa como substitutos do rei. À palavra *Opheltes*, que significa simplesmente "benfeitor", deu-se aqui um sentido forçado: "enrolado por uma serpente", como se derivasse de *ophis*, "serpente", e de *eilein*, "apertar". Tampouco *Archemorus* significa "o iniciador da fatalidade", mas antes "tronco da oliveira original", referindo-se às cavacas da oliveira sagrada de Atena (vide 16. *c*), provavelmente as que se utilizavam nos jogos como coroas para os vencedores nas diversas competições. Após o desastre da Guerra Persa, deixou-se de usar a oliveira nos jogos nemeeus em favor da salsa, como sinal de luto (escoliasta sobre *Argumento dos jogos nemeeus* de Píndaro). A salsa era aziaga, talvez por causa de sua fama como abortivo. O provérbio inglês diz: *Parsley grows rank in cuckolds' gardens*.[a] Certo é que medrava com exuberância na ilha da morte de Ogigia (vide 170. *w*).

4. O fato de Tideu ter engolido os miolos de Melanipo é relatado como uma historieta de fundo moral. Esse antigo procedimento de aprimorar a capacidade de luta, introduzido pelos helenos e praticado ainda pelos citas na época clássica (Heródoto: IV. 64), chegou a ser considerado um sinal de barbárie. Mas o ícone a partir do qual os mitógrafos deduziram sua história provavelmente mostrava Atena realizando uma libação ao espírito de Melanipo, a fim de demonstrar que ela aprovava a ação de Tideu. A epopeia perdida de *Os sete chefes contra Tebas* deve ter-se parecido muito com o *Mahabharata* hindu, que glorifica a casta militar dos Maryannu; nessa epopeia, é abordado o mesmo tema da luta entre parentes, o comportamento dos combatentes é mais nobre e mais trágico do que na *Ilíada*, os deuses não desempenham um papel malévolo, honra-se o costume de imolar a viúva na pira funerária do marido, e Bhishma, assim como Tideu, bebe o sangue de seu inimigo (vide 81. *8*).

5. O fim de Anfiarau é mais um exemplo da morte do rei sagrado num acidente de carruagem (vide 71. *a*; 101. *g*; 105. *d*; 109. *j* etc.). A descida de Batão ("amora-preta") ao Tártaro, para acompanhá-lo, parece ter o objetivo de explicar o difundido tabu europeu de comer amoras, por estarem elas associadas à morte.

6. A autoimolação de Evadne recorda o mito de Alceste (vide 69. *d*). As relíquias de uma cremação régia encontradas numa tumba-colmeia de Dendra, perto de Micenas, indicam que, nesse caso particular, o rei e a rainha foram enterrados ao mesmo tempo; e A. W. Persson acredita que a rainha tenha morrido voluntariamente. Mas é possível que ambos tenham sido assassinados, ou vitimados pela mesma enfermidade, e não há notícias de nenhum enterro micênico análogo em nenhuma outra parte. Na verdade, a imolação da viúva na pira funerária do marido, que parece ter sido uma prática helênica, saiu logo de moda (vide 74. *8*). O raio era uma prova da presença de Zeus, e já que "sagrado" e "impuro" significam quase a mesma coisa na religião primitiva — os animais proibidos no *Levítico* eram impuros justamente por serem sagrados —, a tumba de um homem morto por um raio era isolada por uma cerca, como a de um bezerro que morre de antraz numa fazenda moderna e, em sua homenagem, realizavam-se ritos heroicos. O professor Mylonas já encontrou e desenterrou o cemitério situado perto de Elêusis, no qual, segundo Pausânias, foram finalmente enterrados os paladinos. Ali foi encontrada uma tumba dupla rodeada por um círculo de pedra e cinco tumbas individuais; os esqueletos, seguindo o costume do século XIII a.C., período ao qual os fragmentos de vasos são atribuídos, não mostravam sinais de cremação. Evidentemente, os ladrões de tumbas primitivos já haviam surrupiado as armas de bronze e outros objetos metálicos originalmente enterrados com os cadáveres; e é possível que a descoberta dos esqueletos dentro do círculo de pedra, além da peculiaridade do círculo em si, tenha sugerido aos habitantes de Elêusis que aquela era a tumba de Capaneu, fulminado pelo raio, e de sua fiel esposa Evadne.

7. O mito de Antíope, Hêmon e os pastores parece ter sido deduzido a partir do mesmo ícone que os mitos de Arne (vide 43. *d*) e Álope (vide 49. *a*). Privaram-nos do esperado fim da história: que ele tenha matado seu avô Creonte com um disco (vide 73. *p*).

NOTAS

[a] A salsa cresce exuberante nos jardins dos cornudos. (N.T.)

1 Higino: *Fábula* 69; Eurípides: *As Fenícias* 408. *et seq*., com escoliasta sobre 409; *As Suplicantes* 132. *et seq*.; Apolodoro: III. 6. 1.

2 Ésquilo: *Os sete chefes contra Tebas* 375 *et seq*.; Homero: *Odisseia* XI. 326 *et seq*. e XV. 247; Sófocles: *Electra* 836 *et seq*. e fragmentos de *Erifila*; Higino: *Fábula* 73; Pausânias: V. 17. 7 *et seq*. e IX. 41. 2; Diodoro Síc ulo: IV. 65. 5 *et seq*.; Apolodoro: III. 6. 2-3.

3 Ésquilo: *Os sete chefes contra Tebas* 458 *et seq*.; Sófocles: *Édipo em Colono* 1.316; Pausânias: X. 10. 3.

4 Apolodoro: I. 9. 17 e III. 6. 4; Higino: *Fábulas* 74 e 273; escoliasta sobre o *Argumento* das *Odes nemeeias* de Píndaro.

5 Ésquilo: *Os sete chefes contra Tebas* 375 *et seq*.; Eurípides: *As Fenícias* 105 *et seq*. e 1.090 *et seq*.; Diodoro Síc ulo: IV. 65. 7-9; Apolodoro: III. 6. 8; Higino: *Fábulas* 69 e 70; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: X. 7; Pausânias: IX. 18. 1; Ovídio: *Íbis* 427 *et seq*. e 515 *et seq*.

6 Higino: *Fábula* 273; Apolodoro: *loc. cit*.; Eurípides: *As Suplicantes*; Plutarco: *Teseu* 29; Isócrates: *Panegírico* 54-58; Pausânias: I. 39. 2.

7 Sófocles: *Antígona, passim*; Higino: *Fábula* 72; Fragmentos da *Antígona* de Eurípides; Ésquilo: *Os sete chefes contra Tebas* 1.005 *et seq*.; Apolodoro: III. 7. 1.

107

OS EPÍGONOS

Os filhos dos sete paladinos tombados em Tebas, conhecidos pelo nome de Epígonos, juraram vingar seus pais. O Oráculo de Delfos prometeu-lhes vitória caso Alcmeão, filho de Anfiarau, assumisse o comando da expedição. Mas ele não tencionava atacar Tebas, e discutiu acaloradamente sobre a oportunidade da campanha com seu irmão, Anfíloco. Não obtendo consenso, eles deixaram a decisão nas mãos de sua mãe, Erifila. Vendo que se tratava de uma situação já conhecida, Tersandro, filho de Polinice, seguiu o exemplo do pai: subornou Erifila com a túnica mágica com que Atena havia presenteado sua antepassada Harmonia, na mesma ocasião em que Afrodite lhe dera o colar mágico. Erifila decidiu-se pela guerra e Alcmeão assumiu, relutante, o comando.

b. Numa batalha travada diante das muralhas de Tebas, os Epígonos perderam Egialeu, filho de Adrasto, e então Tirésias, o vidente, avisou os tebanos de que sua cidade seria saqueada. Anunciou também que as muralhas estavam destinadas a resistir somente enquanto continuasse vivo um dos sete paladinos originais, e que Adrasto, que era então o único sobrevivente, morreria de desgosto ao saber da morte de Egialeu. Portanto, o melhor a fazer era que os tebanos fugissem naquela mesma noite. Tirésias acrescentou que não lhe interessava se eles seguissem ou não o seu conselho, pois ele mesmo estava destinado a morrer tão logo Tebas caísse nas mãos dos argivos. Assim, aproveitando a escuridão, os tebanos escaparam para o norte com suas esposas, filhos, armas e parte de seus pertences e, quando se encontravam suficientemente distantes, detiveram-se e fundaram a cidade de Héstia. Ao amanhecer, Tirésias, que os acompanhava, deteve-se para saciar sua sede na fonte de Telfusa e morreu repentinamente.

c. Nesse mesmo dia, Adrasto soube da morte de Egialeu e morreu de desgosto. Os argivos, então, ao ver que Tebas havia sido evacuada, tomaram a cidade, derrubaram suas muralhas e a pilharam. A melhor parte do espólio foi enviada a Delfos, para ser consagrada a Apolo, juntamente com Dafne, ou Manto, filha de Tirésias, que havia permanecido na cidade e que se tornou pitonisa mais tarde.[1]

d. Após a tomada de Tebas, Alcmeão ouviu Tersandro gabar-se de que o mérito da vitória argiva devia-se principalmente a ele, por ter subornado Erifila, tal como seu pai Polinice, para que desse a ordem de ataque. Alcmeão ficou sabendo, então, que a vaidade de Erifila havia sido a causa da morte de seu pai, e que poderia muito bem ter sido também a causa da sua própria morte. Ele consultou o Oráculo de Delfos e Apolo respondeu-lhe que Erifila merecia a morte. Alcmeão interpretou isso, equivocadamente, como uma exortação ao matricídio e, tão logo regressou, matou Erifila, segundo alguns, com a ajuda de seu irmão Anfíloco. Mas Erifila, enquanto agonizava, amaldiçoou Alcmeão: "Terras da Grécia e da Ásia, e do mundo inteiro: neguem abrigo aos meus assassinos!" Em seguida, as vingativas Erínias perseguiram Alcmeão e o enlouqueceram.

e. Alcmeão fugiu primeiro para a Tesprócia, onde negaram-lhe a entrada, e depois para Psófide, onde o rei Fegeu o purificou por respeito a Apolo. Fegeu o casou com sua filha Arsínoe ou Alfesibeia, a quem Alcmeão presenteou com o colar e a túnica de Harmonia. Mas as Erínias, sem levar em conta a sua purificação, continuaram a persegui-lo, e uma terrível seca se abateu sobre Psófide. Então o Oráculo de Delfos aconselhou Alcmeão a se aproximar do deus fluvial Aqueloo, que o purificou mais uma vez. Ele se casou com a filha de Aqueloo, Calírroe, e se estabeleceu num terreno que havia se formado recentemente pelo aluvião do rio e que não estava incluído na maldição de Erifila. Ali ele viveu em paz por algum tempo.

f. Um ano mais tarde, Calírroe, temendo perder sua beleza, negou-se a admitir Alcmeão em seu leito enquanto este não lhe desse o famoso colar e a túnica de Harmonia. Por amor a Calírroe, ele se atreveu a voltar a Psófide, enganando Fegeu: sem mencionar que havia se casado com Calírroe, ele inventou uma previsão do Oráculo de Delfos, segundo a qual ele nunca se livraria das Erínias até dedicar a túnica e o colar ao santuário de Apolo. Por conseguinte, Fegeu ordenou a Arsínoe que os entregasse, o que ela fez de bom grado, convencida de que Alcmeão os devolveria a ela tão logo se livrasse das Erínias. Mas um dos servidores de Alcmeão revelou indiscretamente a verdade acerca de Calírroe, e Fegeu, furioso, ordenou a seus filhos que preparassem uma emboscada para Alcmeão assim que saísse do palácio. Arsínoe testemunhou o

assassinato por uma janela mas, por ignorar o jogo duplo de Alcmeão, ela voltou-se contra o pai e os irmãos por terem violado o direito de hospitalidade e tê-la tornado viúva. Fegeu suplicou-lhe que o deixasse explicar, mas Arsínoe tapou os ouvidos e desejou com todas as forças uma morte violenta ao pai e aos irmãos antes da próxima Lua nova. Em represália, Fegeu a trancou numa arca e a presenteou como escrava ao rei de Nemeia, enquanto dizia a seus filhos:

— Levem esta túnica e este colar ao Apolo Délfico. Ele fará com que não causem mais desgraças.

g. Assim fizeram os filhos de Fegeu. Calírroe, entretanto, informada do que havia sucedido em Psófide, rezou para que seus filhos pequenos tidos com Alcmeão se tornassem adultos em um só dia e vingassem o assassinato do pai. Zeus escutou a sua súplica e imediatamente os bebês se transformaram em homens maduros, pegaram armas e partiram para Nemeia, onde sabiam que os filhos de Fegeu haviam interrompido sua viagem de regresso de Delfos com a esperança de convencer Arsínoe a retirar sua maldição. Eles trataram de lhe dizer a verdade sobre Alcmeão, mas ela não quis escutá-los; e os filhos de Calírroe não só os surpreenderam e os mataram, como também se apressaram em ir a Psófide, onde mataram também Fegeu antes que a próxima Lua nova surgisse no céu. Como nenhum rei ou deus fluvial da Grécia concordou em purificá-los de seus crimes, eles viajaram para o Oeste, até Epiro, e colonizaram Acarnânia, chamada assim por causa do nome do mais velho, Acarnanes.

h. A túnica e o colar permaneceram em exibição em Delfos até a Guerra Santa [século IV a.C.], quando foram roubados pelo bandido fócido Failos. Não se sabe se o colar de âmbar engastado em ouro que os habitantes de Amatos atribuem a Erifila é autêntico ou falso.[2]

i. Contam que Tirésias teve duas filhas, Dafne e Manto. Dafne permaneceu virgem e se tornou Sibila, mas Alcmeão concebeu Anfíloco e Tisífone com Manto antes de enviá-la a Apolo em Delfos, e confiou ambas as crianças aos cuidados do rei Creonte de Corinto. Anos depois, a esposa de Creonte, com ciúmes da extraordinária beleza de Tisífone, vendeu-a como escrava, e Alcmeão, sem saber quem era ela, comprou-a para que o servisse como criada, mas afortunadamente absteve-se do incesto. Com relação a Manto, Apolo a enviou a Cólofon, na Jônia, onde se casou com Rácio, rei de Cária; seu filho foi Mopso, o famoso adivinho.[3]

1. Este é um típico conto popular que contém poucos elementos místicos e que poderia ser contado em Tebas ou em Argos sem ofender ninguém; além disso, poderia suscitar o interesse dos habitantes de Psófide, Nemeia e do vale do Aqueloo. Seu propósito era o de explicar a fundação de Héstia e a colonização de Acarnânia sob forte conotação moral. Ele dava lições sobre a instabilidade do juízo feminino, a insensatez dos homens que se comprazem de sua vaidade ou cobiça, a sabedoria de escutar os adivinhos que estão fora de qualquer suspeita, o perigo de não interpretar corretamente os oráculos e a inevitável maldição que recai sobre qualquer filho que venha a matar a própria mãe, mesmo se for para aplacar o espírito de seu pai assassinado (vide 114. *a*).

2. O elemento mais interessante da história é a contínua capacidade de Erifila de decidir entre a guerra e a paz. O verdadeiro significado de seu nome, “muito frondosa”, indica que era uma sacerdotisa argiva de Hera a cargo de um oráculo de árvore, como o de Dodona (vide 51. *1*). Nesse caso, é provável que essa árvore tenha sido uma pereira consagrada a Hera (vide 74. *6*). Tanto a Guerra dos Sete Chefes contra Tebas, que Hesíodo chama de Guerra do Rebanho de Édipo, bem como sua continuação aqui relatada, parecem ter sido anteriores à expedição dos argonautas e da Guerra de Troia, e poderiam se referir ao século XIV a.C.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 66; Pausânias: IX. 5. 13 *et seq*., IX. 8. 6 e IX. 9. 4 *et seq*.; Higino: *Fábula* 70; Fragmentos de *Epígonos* de Ésquilo e Sófocles.

[2] Apolodoro: III. 7. 5-7; Ateneu: VI. 22; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 413 *et seq*.; Pausânias: VIII. 24. 8-10 e IX. 41. 2; Partênio: *Narrações* 25

[3] Apolodoro: III. 7. 7, citando o *Alcmeão* de Eurípides; Pausânias: VII. 3. 1 e IX. 33. 1; Diodoro Sículo: IV. 66.

108

TÂNTALO

A ascendência e a origem de Tântalo são motivo de controvérsia. Sua mãe era Pluto, filha de Cronos e Reia ou, segundo outra versão, de Oceano e Tétis;[1] e seu pai era Zeus ou Tmolo, o deus com coroa de carvalho do monte Tmolo que, junto com sua esposa Ônfale, governava o reino da Lídia e havia sido juiz no confronto entre Pã e Apolo.[2] Entretanto, há quem chame Tântalo rei de Argos, ou de Corinto; e dizem ainda que ele foi ao norte do monte Sípilo, na Lídia, para reinar na Paflagônia, e, por haver provocado a ira dos deuses, foi expulso dali pelo frígio Ilo, cujo irmão mais novo, Ganimedes, ele havia raptado e seduzido.[3]

b. Com sua esposa Eurianassa, filha do deus fluvial Pactolo; ou com Euritemista, filha do deus fluvial Xanto; ou com Clítia, filha de Anfidamante; ou com a plêiade Dione, Tântalo foi pai de Pélope, Níobe e Bróteas.[4] Mas há quem diga que Pélope seria bastardo, ou filho de Atlas com a ninfa Linos.[5]

c. Tântalo era amigo íntimo de Zeus, que o admitia nos banquetes de néctar e ambrosia do Olimpo até o dia em que, subindo-lhe à cabeça a boa sorte, ele traiu Zeus ao revelar seus segredos e roubar os manjares divinos para compartilhá-los com seus amigos mortais. Mas, antes mesmo que o delito fosse descoberto, já havia cometido outro pior. Tendo convidado os olímpicos para um banquete no monte Sípilo, ou talvez em Corinto, Tântalo descobriu que as reservas de comida que havia na despensa não eram suficientes para todos os convivas e, então, não se sabe se para pôr à prova a onisciência de Zeus, ou simplesmente para demonstrar sua boa vontade, ele esquartejou seu filho Pélope e acrescentou os pedaços ao guisado preparado para os deuses, tal como haviam feito os filhos de Licaão com seu irmão Nictimo quando eles acolheram Zeus na Arcádia.[6] Todos os deuses reconheceram o que tinham no prato e o apartaram,

horrorizados, à exceção de Deméter, que, transtornada por haver perdido Perséfone, comeu a carne do ombro esquerdo.[7]

d. Por esses dois delitos, Tântalo foi castigado com a ruína de seu reino e, após morrer nas mãos do próprio Zeus, ele foi condenado ao tormento eterno em companhia de Íxion, Sísifo, Títio, as danaides e outros. Agora ele está dependurado, consumido perenemente pela sede e pela fome, no ramo de uma árvore frutífera que se inclina sobre um lago pantanoso. Suas ondas chegam-lhe até a cintura, às vezes até o queixo, mas, quando se inclina para beber, elas retrocedem e nada deixam a não ser uma lama negra nos seus pés; e se porventura ele consegue recolher um punhado de água, ela lhe escorre por entre os dedos, permitindo-lhe somente umedecer os lábios rachados, sentindo ainda mais sede. A árvore está carregada de peras, lustrosas maçãs, figos doces, azeitonas e romãs maduras que lhe roçam os ombros, mas, cada vez que ele estica a mão para colher um desses frutos suculentos, uma rajada de vento os coloca fora de seu alcance.[8]

e. Ademais, uma pedra enorme, um rochedo do monte Sípilo, sobressai por cima da árvore e ameaça constantemente esmagar-lhe o crânio.[9] Esse é o castigo por um terceiro delito cometido, a saber, roubo com agravante de perjúrio. Um dia, quando Zeus ainda era uma criança de colo em Creta e era amamentado pela cabra Amalteia, Hefesto forjou para Reia um mastim de ouro para que zelasse pela criança, mastim que mais tarde tornou-se o guardião de seu templo em Dicte. Mas Pandareu, filho de Mérope e nativo da Mileto lídia, ou talvez cretense — se de fato não era efésio —, atreveu-se a roubar o mastim e levá-lo até Tântalo para que o custodiasse no monte Sípilo. Quando cessaram os gritos e o vozerio pelo roubo, Pandareu pediu a Tântalo que devolvesse o mastim, mas Tântalo jurou por Zeus que jamais havia visto nem ouvido falar de um cão de ouro. Esse juramento chegou aos ouvidos de Zeus, que mandou Hermes investigar o assunto. E, embora Tântalo continuasse perjurando, Hermes recuperou o mastim, não se sabe se à força ou mediante algum estratagema, e Zeus esmagou Tântalo debaixo de um rochedo do monte Sípilo. Ainda pode-se ver o lugar, próximo ao lago Tantálido, lugar frequentado por águias-cisnes brancas. Depois, Pandareu e sua mulher Harmótoe fugiram para Atenas, e de lá para a Sicília, onde morreram na miséria.[10]

f. Entretanto, segundo outra versão, foi Tântalo quem roubou o mastim de ouro e Pandareu quem o guardou e quem, ao negar que o havia recebido, foi aniquilado, junto com sua esposa, pelos deuses irados, ou convertido em pedra. Mas Mérope e Cleótera, as filhas órfãs de Pandareu, chamadas em outra tradição de Camiro e Clície, foram criadas por Afrodite com coalhadas, mel e vinho doce. Hera dotou-as de uma beleza e uma sabedoria sobre-humanas; Ártemis as fez

crescer altas e fortes; Atena as instruiu em todas as artes manuais conhecidas. Resulta difícil entender por que essas deusas demonstraram tanta solicitude ou por que tenham escolhido Afrodite para abrandar o coração de Zeus em relação a essas órfãs para que lhes arranjasse bons casamentos — ao menos, claro, que tenham sido elas mesmas a encorajar Pandareu a cometer o roubo. Zeus deveria suspeitar de alguma coisa, pois, enquanto Afrodite estava fechada com ele no Olimpo, as harpias raptaram as três meninas, com o seu consentimento, e as entregaram às Erínias, que as fizeram pagar por todos os pecados do pai.[11]

g. Esse Pandareu foi também o pai de Aédona, mulher de Zeto, com quem teve o filho Ítilo. Aédona vivia atormentada pela inveja que sentia de sua irmã Níobe, que gozava do amor de seis filhos e seis filhas, e, ao tentar matar Sípilo, o mais velho deles, ela acabou assassinando Ítilo por engano; por isso, Zeus a transformou num rouxinol que, no início do verão, chora todas as noites pelo filho morto.[12]

h. Depois de castigar Tântalo, Zeus ficou encantado em poder ressuscitar Pélope, de modo que ordenou a Hermes que recolhesse todos os seus membros e os fervesse de novo no mesmo caldeirão, sobre o qual ele pronunciou um feitiço. Então, a Parca Cloto os rearticulou; Deméter lhe deu um ombro sólido de marfim para substituir aquele que ela havia comido e Reia lhe insuflou vida enquanto o bode Pã dançava alegremente.[13]

i. Pélope saiu do caldeirão mágico revestido de tão radiante beleza que Poseidon se enamorou dele e o levou para o Olimpo numa carruagem puxada por áureos corcéis. Lá ele o nomeou seu copeiro e companheiro de leito, como faria posteriormente Zeus com Ganimedes, e o alimentou com ambrosia. Pélope deu-se conta pela primeira vez de que seu ombro esquerdo era de marfim ao desnudar o peito para chorar por sua irmã Níobe. Todos os verdadeiros descendentes de Pélope têm essa marca. Ao morrer, seu ombro de marfim foi depositado em Pisa.[14]

j. Enquanto isso, Eurianassa, a mãe de Pélope, continuava a procurá-lo em vão, sem saber que ele havia subido ao Olimpo. Pelos ajudantes de cozinha ela ficou sabendo que o haviam fervido e servido aos deuses e que eles o teriam devorado por inteiro. Essa versão da história propagou-se por toda a Lídia. Muitos ainda continuam acreditando nela e negam que o Pélope que Tântalo ferveu no caldeirão seja o mesmo Pélope que o sucedeu.[15]

k. Bróteas, o filho feio de Tântalo, esculpiu a imagem mais antiga da Mãe dos Deuses, que ainda pode ser vista na Penha Codina, ao norte do monte Sípilo. Ele foi um famoso caçador mas, negando-se a honrar Ártemis, a deusa o enlouqueceu. Um dia, bradando que nenhuma chama poderia queimá-lo, ele se atirou sobre uma pira ardente e deixou que as chamas o consumissem. Segundo

certa tradição ele teria se suicidado porque sua feiura repugnava a todos. O filho e herdeiro de Bróteas chamou-se Tântalo em homenagem a seu avô.[16]

1. Segundo Estrabão (XII. 8. 21), Tântalo, Pélope e Níobe eram frígios; e ele cita Demétrio de Scepsis, e também Calístenes (XIV. 5. 28), segundo os quais a riqueza da família derivava das minas da Frígia e do monte Sípilo. Ademais, na *Níobe* de Ésquilo (citado por Estrabão: XII. 8. 21) diz-se que os tantálidas tinham "um altar de Zeus, seu deus paternal, no monte Ida"; e que Sípilo está situado "na terra de Ida". Democles, que Estrabão citava de segunda mão, racionaliza o mito de Tântalo dizendo que seu reinado foi marcado por violentos terremotos na Lídia e na Jônia, inclusive na Tróade; que aldeias inteiras desapareceram, o monte Sípilo desabou, os pântanos se transformaram em lagos e Troia foi submersa pelas águas (Estrabão: I. 3. 17). Segundo Pausânias, também uma cidade situada no monte Sípilo teria desaparecido num abismo, que posteriormente encheu-se de água e se transformou no lago Saloé, ou Tântalis. Podiam-se ver as ruínas da cidade no fundo do lago, até ele ser assoreado por uma corrente de água montanhosa (Pausânias: VII. 24. 7). Plínio concorda com o fato de Tântalis ter sido destruída por um terremoto (*História natural* II. 93), mas constata que foram construídas três cidades sucessivas no mesmo lugar antes de ela submergir definitivamente (*História natural* V. 31).

2. A visão histórica de Estrabão, contudo, ainda que arqueologicamente admissível, não explica a relação de Tântalo com Argos, Corinto e a Mileto cretense. A rocha que pende sobre ele no Tártaro, sempre prestes a cair, identifica-o como o Sísifo de Corinto, cujo castigo igualmente perpétuo foi deduzido a partir de um ícone que mostrava o titã Sol empurrando laboriosamente o disco solar pela ladeira do Céu até o zênite (vide 67. *2*). O escoliasta sobre Píndaro estava vagamente consciente dessa identificação, mas explicou racionalmente o castigo de Tântalo, dizendo que "alguns entendem que a pedra representa o Sol, e que Tântalo seria um físico que cumpre seu castigo por haver demonstrado que o Sol é uma massa de metal incandescente" (escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro I. 97). Não está claro por que, mas esse ícone do titã Sol combinou-se com outro: o de um homem angustiado e com a água chegando-lhe até o queixo, num emaranhado de ramos cheios de frutos — um castigo que os retóricos utilizavam como uma alegoria do destino que aguardava os ricos e avaros (Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 603;

Fulgêncio: *Compêndio mitológico* II. 18). Fulgêncio chama as maçãs, peras, figos e outros frutos que pendem sobre os ombros de Tântalo de “fruta do mar Morto”, sobre a qual diz Tertuliano que “ao tocá-la com o dedo, a maçã se transforma em cinzas”.

3. Para compreender o sentido dessa cena, é necessário recordar que o pai de Tântalo, Tmolo, é descrito como engrinaldado com carvalho, e que seu filho Pélope, um de cujos netos também se chamava Tântalo (vide 112. *c*), gozava dos ritos de herói em Olímpia, dos quais participava o “monteiro de Zeus”. Há um consenso quanto ao fato de que os criminosos do Tártaro seriam deuses ou heróis da época pré-olímpica, razão pela qual Tântalo representaria o rei sagrado anual, vestido com ramos carregados de frutos, como os que eram levados nas Oscoforias (vide 98. *w*), e que era atirado às águas de um rio como *pharmacos*, costume que se conservou no ritual do Jorge Verde balcânico descrito por Frazer. O verbo *tantalizar*, derivado deste mito, impediu que os eruditos se dessem conta de que a agonia de Tântalo não é causada pela sede, mas pelo temor de se afogar ou de ser imolado numa pira, que foi o destino de seu filho feio Bróteas.

4. Talvez Platão (*Crátilo* 28) tivesse razão ao derivar *Tantalus* de *talantatos*, “muito desgraçado”, formado a partir da mesma raiz, *tla*, “sofredor” ou “que suporta”, que originou também os nomes de Atlas e Télamon, ambos heróis do carvalho. Mas *talanteuein* significa “pesar moeda” e pode ser uma referência às riquezas dele; e *talanteuesthai* pode significar “balançar-se de um lado para o outro”, que é o modo de andar do rei sagrado com a coxa manca (vide 23. *1*). Assim, parece que Tântalo é tanto um titã Sol como também um rei dos bosques, cujo culto foi trazido da Grécia para a Ásia Menor via Creta — Pandareu é descrito como sendo cretense — em meados do segundo milênio a.C., e foi reimportado para a Grécia pelo fim daquele milênio, quando o colapso do Império Hitita obrigou os ricos colonos helenófonos da Ásia Menor a abandonarem suas cidades.

5. Ao alegarem que Tântalo era um hóspede habitual do Olimpo, os mitógrafos admitiam que seu culto havia sido dominante no Peloponeso em algum período passado e, embora os banquetes aos quais os deuses convidavam Tântalo se distinguissem especialmente do banquete ao qual ele os convidou, em todos os casos o prato principal deve ter sido a mesma sopa de miolos que os pastores antropofágicos da Arcádia, do culto do carvalho, preparavam para o Zeus Lupino (vide 38. *b*). Talvez não seja coincidência o fato de que, na Normandia, a vítima do Jorge Verde se chame “Lobo Verde”, que, antigamente, era lançado vivo à fogueira do solstício de verão. Entretanto, a deglutição do corpo de Pélope não se relaciona diretamente ao culto do lobo. A posição de Pélope como subordinado de Poseidon, seu nome, “rosto enlameado”, e a lenda

de seu ombro de marfim indicam antes um culto da toninha no istmo (vide 8. *3* e 70. *5*) — a palavra “golfinho” em grego inclui a toninha — e sugere que o Paládio, feito, conforme a tradição, de seus ossos (vide 159. *3* e 166. *h*), era um objeto de culto feito de marfim de toninha. Isso explicaria por que, segundo o escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro I. 37, foi Tétis, a deusa do mar, e não Deméter, quem comeu o ombro de Pélope. Mas a antiga estátua que representa Deméter com cabeça de égua, sentada, em Figália, segurava uma pomba numa das mãos e um golfinho (ou toninha) na outra. E, como diz diretamente Pausânias, “o motivo pelo qual a imagem foi feita assim é evidente para qualquer um que tenha uma inteligência normal e que haja estudado mitologia” (VIII. 43. *3*). Pausânias quer dizer que ela presidia o culto do cavalo, o culto do carvalho e o culto da toninha.

6. Este antigo mito pôs os mitógrafos posteriores em apuros. Não se dando por contentes em desculpar Deméter da acusação de ter comido deliberadamente carne humana, e negando com indignação que todos os deuses comiam o que se lhes servisse, até o último bocado, eles inventaram uma explicação hiper-racionalista do mito e escreveram que Tântalo era um sacerdote que revelou aos profanos os segredos de Zeus, diante do que os deuses o depuseram e afligiram seu filho com uma enfermidade repugnante; mas os cirurgiões o cortaram em pedaços e o remendaram com enxertos de osso, deixando-lhe tantas cicatrizes que ele parecia ter sido esquartejado e depois remendado (Tzetzes: *Sobre Licofrone* 152).

7. O roubo do mastim de ouro, perpetrado por Pandareu, deve ser interpretado como uma continuação do roubo de Cérbero realizado por Hércules, o que indica que os aqueus desafiavam a maldição mortal, simbolizada por um cão, apoderando-se de um objeto de culto consagrado à deusa Terra Reia (avó de Tântalo) e conferindo soberania a seu possessor. Evidentemente, as deusas olímpicas apoiavam o roubo perpetrado por Pandareu, e o cão, apesar de ser propriedade de Reia, custodiava o templo do Zeus cretense que morria anualmente; portanto, o mito não indica uma violação original do altar de Reia por parte dos aqueus, mas uma recuperação temporal do objeto de culto por parte dos devotos da deusa.

8. A natureza do objeto de culto roubado é incerta. Talvez tenha sido um cordeiro de ouro, símbolo da soberania pelópida; ou o cetro com empunhadura de cuco que, como se sabe, Zeus havia roubado de Hera; ou o Paládio de marfim de toninha; ou a bolsa da égide com seu conteúdo secreto. É pouco provável que tenha sido um cão de ouro, pois o cão não era o objeto do culto, mas seu guardião; a menos que se trate de uma versão do mito galês de Amathaon ap Don, que roubou um cão de Arawn (“eloquência”), rei de Annwm (“Tártaro”), o

que lhe permitiu adivinhar o nome secreto do deus Bran (*A deusa branca*, pp. 30 e 48-53).

9. As três filhas de Pandareu — uma das quais, Camiro, leva o mesmo nome que a mais jovem das três Parcas de Rodes (vide 60. *2*) — são a deusa tripla, aqui humilhada por Zeus por causa da rebelião de seus devotos. A lealdade de Tântalo à deusa se revela nas histórias de seu filho Bróteas, que esculpiu a sua imagem no monte Sípilo, e nas de sua filha Níobe, sacerdotisa da Deusa Branca, que desafiou os olímpicos e cuja ave era a águia-cisne branca do lago Tântalis. Ônfale, o nome da mãe de Tântalo, indica um santuário-umbigo profético como o de Delfos.

10. O *pharmacos* anual era escolhido por sua extrema feiura, o que serve de explicação para Bróteas. Sabe-se que, na Ásia Menor, o *pharmacos* era primeiro golpeado nos órgãos genitais com cebolas (vide 26. *3*), ao som de flautas lídias — nessa lenda, Tântalo (Pausânias: IX. 5. 4) e seu pai Tmolo (Ovídio: *As metamorfoses* II. 156) estão associados às flautas lídias —, e depois queimado numa pira de lenha, após o que suas cinzas eram atiradas ao mar (Tzetzes: *História* XXIII. 726-756, citando Hipponax, século VI a.C.). Na Europa, parece que a ordem se inverteu: o *pharmacos* do Jorge Verde era primeiro submerso na água, depois golpeado e, finalmente, queimado.

NOTAS

[1] Pausânias: II. 22. 4; escoliasta sobre *Odes olímpicas* de Píndaro: III. 41; Hesíodo: Teogonia 355, com escoliasta.

[2] Pausânias: *loc. cit*.; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 5; Plínio: *História natural* V. 30; Ovídio: *As metamorfoses* II. 156; Apolodoro: II. 6. 3.

[3] Higino: *Fábula* 124; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 603; Diodoro Sículo: IV. 74; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 355.

[4] Plutarco: *Vidas paralelas* 33; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 52; Ferécides, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 11; Higino: *Fábula* 83; Pausânias: III. 22. 4.

[5] Lactâncio: *Fábulas* de *As metamorfoses* de Ovídio VI. 6; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VIII. 130.

[6] Higino: *Fábula* 82; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 38 e 60; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 603 *et seq*.; Lactâncio: *loc. cit.*; Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 7; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 152.

[7] Higino: *Fábula* 83; Tzetzes: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* VI. 406.

[8] Diodoro Sículo: IV. 74; Platão: *Crátilo* 28; Luciano: *Diálogos dos mortos* 17; Homero: *Odisseia* XI. 582-592; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 456; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 60; Apolodoro: *Epítome* II. 1; Higino: *Fábula* 82.

[9] Pausânias: X. 31. 4; Arquíloco, citado por Plutarco: *Preceitos políticos* 6; Eurípides: *Orestes* 7.

[10] Antoninus Liberalis: *Transformações* 36 e 11; Eustácio e escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XIX. 518; Pausânias: X. 30. 1 e VII. 7. 3.

[11] Pausânias: X. 30. 1; escoliasta sobre Homero: *loc. cit*.; Homero: *Odisseia* XX. 66. *et seq*.; Antoninus Liberalis: *Transformações* 36.

[12] Homero: *Odisseia* XIX. 518 *et seq*.; Apolodoro: III. 5. 6; Ferécides: *Fragmento*, p. 138, ed. Sturz.

[13] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 603; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 26; Higino: *Fábula* 83; escoliasta sobre Aristides: p. 126, ed. Frommel.

[14] Apolodoro: *Epítome* II. 3; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 37 *et seq*.; Luciano: *Charidemus* 7; Ovídio: *As metamorfoses* VI. 406; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 152; Pausânias: V. 13. 3.

[15] Píndaro: *loc. cit*.; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 387.

[16] Pausânias: III. 22. 4; Apolodoro: *Epítome* II. 2; Ovídio: *Íbis* 517, com escoliasta.

109

PÉLOPE E ENÔMAO

Pélope herdou do pai, Tântalo, o trono da Paflagônia e, durante algum tempo, residiu em Enete, à beira do mar Negro, de onde governava também os lídios e os frígios. Mas foi expulso dali pelos bárbaros e, então, retirou-se para o monte Sípilo, na Lídia, onde residira outrora. Quando Ilo, rei de Troia, o deixou viver em paz mas ordenou-lhe que saísse dali, Pélope levou consigo seus fabulosos tesouros pelo mar Egeu. Ele estava decidido em encontrar um novo lar para si e para sua grande horda de seguidores,[1] mas antes queria pedir a mão de Hipodâmia, filha do rei árcade Enômao, que governava Pisa e a Élida.[2]

b. Segundo algumas tradições, Enômao seria filho de Ares e Harpina, filha do deus fluvial Asopo; ou da plêiade Astéria; ou de Astérope; ou de Eurítoe, filha de Dânao; outras ainda o chamam filho de Alxião, ou de Hipéroco.[3]

c. Com sua mulher Estérope, ou Evarete, filha de Acrísio, Enômao foi pai de Leucipo, Hipódamo e Disponteu, fundador de Disponte; e de uma filha, Hipodâmia.[4] Enômao era famoso pelo seu amor aos cavalos, tendo proibido a seus súditos, sob pena de maldição, que acasalassem éguas com asnos. Até hoje, quando os eleus necessitam de mulas, eles têm de levar suas éguas para fora de seu território a fim de acasalá-las e fazê-las parir.[5]

d. Se ele havia sido advertido por um oráculo de que seu genro o mataria, ou se ele próprio havia se apaixonado por Hipodâmia, é algo que não está claro, mas certo é que Enômao concebeu uma nova forma de impedir que a filha se casasse. Ele desafiava cada um dos pretendentes de Hipodâmia a uma corrida de carro, fazendo um longo trajeto a partir de Pisa, situada junto ao rio Alfeu, diante de Olímpia, até o altar de Poseidon no istmo de Corinto. Há quem diga que os carros eram puxados por quatro cavalos,[6] outros dizem que por dois. Enômao insistia que Hipodâmia devia cavalgar junto a cada pretendente, para distrair-lhes

a atenção; ele lhes concedia uma vantagem de meia hora na partida, tempo que empregava para sacrificar um carneiro no altar de Zeus Marcial em Olímpia. Os dois carros deviam então correr até o istmo, e se o pretendente fosse alcançado, deveria morrer; mas, se ele ganhasse a corrida, Hipodâmia lhe seria dada em casamento e Enômao teria de morrer.[7] Tendo em conta, porém, que Psila e Harpina, as éguas concebidas pelo vento que o pai de Pélope, Ares, havia lhe presenteado, eram de longe as melhores da Grécia e mais velozes que o Setentrião;[8] e que seu carro, habilmente conduzido por Mírtilo, era especialmente desenhado para corridas, ele jamais fracassou em seu propósito de alcançar seu rival e de trespassá-lo com sua lança, outro presente de Ares.[9]

e. Foi assim que Enômao liquidou doze, ou, segundo alguns, treze príncipes, cujas cabeças e membros ele cravou nos portões de seu palácio enquanto formava uma pilha com os restos de seus corpos. Ao matar Mármax, o primeiro dos pretendentes, ele assassinou também suas éguas Partênia e Erifa, enterrando-as junto ao rio Partênia, onde sua tumba ainda pode ser vista. Dizem que o segundo pretendente, Alcátoo, foi enterrado perto do espanta-cavalos do hipódromo de Olímpia, e que é o seu fantasma furioso que põe obstáculos aos aurigas.[10]

f. Mírtilo, auriga de Enômao, era filho de Hermes e Teóbule, ou Cleóbula; ou da danaide Faetusa; ou ainda de Zeus e Clímene, segundo outra versão. Ele também havia se apaixonado por Hipodâmia, mas não ousou participar da competição.[11] Nesse meio-tempo, os olímpicos haviam decidido intervir e pôr fim à matança, pois Enômao andava por aí vangloriando-se de que, um dia, construiria um templo de crânios, tal como haviam feito Eveno, Diomedes e Anteu.[12] Assim, quando Pélope desembarcou na Élida e suplicou ao seu amante Poseidon, a quem invocou com um sacrifício às margens do mar, que lhe concedesse o carro mais veloz do mundo para cortejar Hipodâmia, ou que contivesse o ímpeto da lança de bronze de Enômao, Poseidon ficou encantado em poder oferecer-lhe seus préstimos. Pélope não tardou em ser dono de um carro de ouro, capaz de correr pelo mar sem que seus eixos se molhassem e que era puxado por um grupo de cavalos alados incansáveis e imortais.[13]

g. Tendo visitado o monte Sípilo e oferecido a Afrodite Têmnia uma imagem feita em madeira de mirto verde, Pélope experimentou o seu carro, conduzindo-o através do Egeu. Num abrir e fechar de olhos, ele chegou a Lesbos, onde seu cocheiro Cilo, ou Celas, ou Cilas, morreu por causa da vertigem produzida pela velocidade da viagem. Pélope pernoitou em Lesbos e, em seus sonhos, viu que a alma de Cilo lamentava o seu destino e suplicava honras de herói. Ao amanhecer, ele incinerou-lhe o corpo, ergueu um túmulo

sobre as cinzas e, perto dali, fundou o templo de Apolo Cilano. Depois, seguiu viagem, conduzindo ele próprio o carro.[14]

h. Quando chegou a Pisa, Pélope se assustou ao ver a fileira de cabeças cravadas nos portões do palácio e começou a arrepender-se de seu propósito. Por conseguinte, prometeu a Mírtilo, se ele traísse o seu amo, a metade do reino e o privilégio de passar a noite de núpcias com Hipodâmia, caso ele ganhasse a corrida.[15]

i. Antes de participar da corrida — a cena se encontra esculpida na aresta frontal do templo de Zeus em Olímpia — Pélope fez um sacrifício a Atena Cidônia. Contam que a alma de Cilo lhe teria aparecido e oferecido ajuda; ou que seu cocheiro na corrida teria sido Ésfero; mas a crença geral é a de que ele próprio teria conduzido o carro, levando consigo Hipodâmia.[16]

j. Hipodâmia havia se apaixonado por Pélope e, longe de tentar impedir-lhe de participar da corrida, ela se ofereceu a Mírtilo como recompensa, caso ele conseguisse privar o seu pai da vitória. Mírtilo, então, substituiu as cavilhas dos eixos do carro de Enômao por outras de cera. Quando os carros chegaram à extremidade do istmo e Enômao, em sua perseguição furiosa, já erguia a lança para atravessar o dorso de Pélope, as rodas de seu carro se soltaram, ele caiu e se emaranhou nos destroços, morrendo arrastado pelos cavalos. Seu fantasma ainda ronda a estátua do espanta-cavalos de Olímpia.[17] Entretanto, há quem diga que a rapidez do carro e os cavalos alados de Poseidon teriam permitido a Pélope adiantar-se facilmente a Enômao e chegar ao istmo antes dele, e que Enômao teria entrado em desespero e se suicidado, ou que Pélope o teria matado no poste da vitória. Segundo outras tradições, a competição teria ocorrido no hipódromo de Olímpia, e Anfíon teria dado a Pélope um objeto mágico que ele enterrou junto ao espanta-cavalos, de forma que a parelha de Enômao assustou-se e destroçou o carro. Mas todos concordam com o fato de que Enômao, antes de morrer, lançou uma maldição sobre Mírtilo, rogando que ele perecesse nas mãos de Pélope.[18]

k. Então, Pélope, Hipodâmia e Mírtilo zarparam numa excursão noturna pelo mar.

— Oh! — exclamou Hipodâmia. — Não bebi nada durante todo o dia; a sede me abrasa.

O sol estava se pondo, e Pélope se deteve na ilha deserta de Helena, não muito distante da de Eubeia, e foi à praia em busca de água. Quando voltou com o elmo abastecido, Hipodâmia correu em sua direção, aos prantos, queixando-se de que Mírtilo havia tentado violá-la. Pélope repreendeu Mírtilo severamente e o golpeou no rosto, mas ele protestou, indignado:

— Esta é a noite de núpcias, a noite que você me prometeu desfrutar de Hipodâmia. Pretende quebrar o juramento?

Pélope não respondeu, mas tomou as rédeas das mãos de Mírtilo e seguiram viagem.[19] Quando se aproximaram do cabo Geresto — o promontório mais meridional de Eubeia, coroado agora por um formidável templo de Poseidon —, Pélope deu um repentino pontapé em Mírtilo e o fez cair de cabeça no mar, mas, enquanto se afogava, ele lançou uma maldição sobre Pélope e toda a sua descendência.[20]

l. Hermes colocou a imagem de Mírtilo entre as estrelas como a constelação do Auriga, mas o seu cadáver foi arrastado pelas ondas até a costa da Eubeia, e foi enterrado em Feneu, na Arcádia, atrás do templo de Hermes. Uma vez por ano são-lhe oferecidos ali sacrifícios noturnos como herói. É uma crença geral que o mar Mirtoano, que abarca a Eubeia, passa por Helena e vai até o Egeu, assim se chama por causa de Mírtilo e não da ninfa Mirto, como insistem os eubeus.[21]

m. Pélope seguiu viagem até alcançar a corrente ocidental do Oceano, onde Hefesto o purificou de seu delito de sangue; depois regressou a Pisa, e ocupou o trono de Enômao. Em pouco tempo ele subjugou quase todo o território do que então se conhecia como Ápia, ou Pelasgiótide, nome que ele mudou para Peloponeso, que significa “a ilha de Pélope”, em sua própria homenagem. Seu valor, sua sabedoria, sua riqueza e sua prole numerosa lhe valeram a inveja e a veneração de toda a Grécia.[22]

n. Pélope arrebatou Olímpia ao rei Epeu e a anexou ao seu reino de Pisa, mas, como não podia derrotar o rei Estinfalo da Arcádia pela força das armas, ele o convidou a um debate amistoso, esquartejou-o e espalhou seus membros por toda parte, crime que provocou a fome em toda a Grécia. Mas a celebração dos jogos olímpicos em honra a Zeus, por ele organizada aproximadamente uma geração depois da de Endimião, foi a mais esplêndida que já havia sido vista até então.

o. Para reparar o assassinato de Mírtilo, que era filho de Hermes, Pélope construiu o primeiro templo de Hermes no Peloponeso; tentou também aplacar a alma de Mírtilo, construindo-lhe um cenotáfio no hipódromo de Olímpia e rendendo-lhe honras de herói. Há quem diga que nem Enômao, nem o rancoroso Alcátoo, nem mesmo o objeto mágico que Pélope enterrou seriam o verdadeiro espanta-cavalos, mas sim o próprio espírito de Mírtilo.[23]

p. Sobre a tumba dos desafortunados pretendentes de Hipodâmia, no lado mais distante do rio Alfeu, Pélope ergueu um alto túmulo e lhes rendeu também honras de heróis; a cerca de duzentos metros de distância encontra-se o templo de Ártemis Córdax, assim chamado porque os seguidores de Pélope ali

celebravam suas vitórias, executando a dança da corda, que haviam trazido da Lídia.[24]

q. O santuário de Pélope, onde seus restos mortais são conservados numa urna de bronze, foi dedicado por Hércules Tiríntio, seu neto, quando ele foi celebrar os jogos olímpicos; e os magistrados eleus ainda oferecem a Pélope o sacrifício anual de um carneiro negro assado num fogo alimentado por madeira de álamo-branco. Os que comem dessa vítima são proibidos de entrar no templo de Zeus antes de tomar banho e, tradicionalmente, o pescoço do animal é prerrogativa do seu monteiro. Todos os anos, o templo se enche de visitantes quando os jovens se flagelam no altar de Pélope e lhe oferecem uma libação de sangue. Seu carro está exposto no teto do Anactório de Fliásia; os siciônios conservam sua espada com empunhadura de ouro no tesouro de Olímpia, e seu cetro em forma de lança, que está em Queroneia, é talvez a única obra autêntica de Hefesto que ainda existe. Zeus o enviou a Pélope por intermédio de Hermes e Pélope o cedeu ao rei Atreu.[25]

r. Pélope é também chamado de "croniano" e "agitador de cavalos", e os aqueus o consideram seu ancestral.[26]

1. Segundo Pausânias e Apolodoro, Tântalo jamais saiu da Ásia Menor, mas outros mitógrafos se referem a ele e a Pélope como reis nativos da Grécia. Isso indica que seus nomes eram títulos dinásticos trazidos pelos primitivos colonos gregos para a Ásia Menor, onde foram confirmados com altares de heróis e levados de volta por emigrantes antes da invasão aqueia do Peloponeso no século XIII a.C. Pelo que nos revela as inscrições hititas, pode-se inferir que reis helênicos reinaram em Panfília e em Lesbos já no início do século XIV a.C. Parece que os tantálidas do Peloponeso expulsaram a dinastia cretanizada de "Enômao" da Monarquia Suprema do Peloponeso.

2. O cavalo, que havia sido um animal sagrado na Grécia pelasga muito antes do culto da carruagem solar, era um pônei europeu dedicado à Lua, não ao Sol (vide 75. *3*). O cavalo transcaspiano, mais graúdo, chegou ao Egito com os invasores hicsos em 1850 a.C. — carros puxados por cavalos substituíram os carros puxados por asnos nas forças armadas egípcias em torno do ano 1500 a.C. — e a Creta antes da queda de Cnossos, um século mais tarde. A proibição religiosa de Enômao em relação às mulas talvez estivesse associada à morte de Cilo. Na Grécia, assim como em Roma, suprimiu-se o culto do asno (vide 83. *2*)

quando a carruagem solar se transformou em símbolo da realeza. Uma reforma religiosa similar ocorreu em Jerusalém (II *Reis*, XXIII. 11), onde, na época de Josephus, sobrevivia a tradição de um culto anterior do asno (Josephus: *Contra Apião* II. 7 e 10). O Hélio da carruagem solar, uma divindade aqueia, foi então identificado, em diversas cidades, com o Zeus solar ou o Poseidon solar, mas o asno se transformou no animal de Cronos, a quem Zeus e Poseidon haviam destronado; ou de Pã, Sileno e outras divindades secundárias e antiquadas. Havia também um Apolo solar cujo ódio aos asnos é mencionado por Píndaro. Devia-se tratar do Apolo Cileno, a quem os hiperbóreos ofereciam hecatombes de asnos (Píndaro: *Odes píticas* X. 30 *et seq*.).

3. Enômao, que representava Zeus como o Sol encarnado, é antes considerado, portanto, como filho de Astéria, que governava o Céu (vide 88. *1*), e menos como uma plêiade com o mesmo nome. E a rainha Hipodâmia, graças a quem chegou a ser rei mediante o matrimônio, representava Hera como a Lua encarnada. A descendência continuava a ser matrilinear no Peloponeso, o que garantia o beneplácito dos camponeses conservadores. O reinado do rei não podia se prolongar para além do Grande Ano de cem meses, no último dos quais coincidiam os calendários solar e lunar, momento em que ele estava destinado a morrer num acidente de cavalo. Como mais uma concessão ao antigo culto anterior de Pisa, onde o representante de Zeus morria nas mãos de seu herdeiro a cada solstício de verão (vide 53. *5*), Enômao concordou em sofrer uma morte simulada em sete solstícios de verão consecutivos, designando, em cada ocasião, um substituto que ocupasse o seu lugar durante 24 horas e acompanhasse a rainha na carruagem solar. Ao término desse dia, o substituto morria num acidente de carruagem e o rei saía da tumba onde permanecera escondido (vide 41. *1* e 123. *4*) para reassumir o seu reinado. Isso explica o mito de Enômao e os pretendentes; uma outra versão dele aparece no mito de Eveno (vide 74. *e*). Os mitógrafos devem estar equivocados ao mencionar “doze ou treze” pretendentes. Essas cifras se referem exatamente às lunações — alternadamente doze e treze — de um ano solar, e não aos substitutos. Assim, na corrida de carros de Olímpia, davam-se doze voltas no estádio em homenagem à deusa-Lua. Pélope é o modelo do oitavo príncipe afortunado (vide 81. *8*) que se livra do acidente e pode matar o velho rei com o seu próprio cetro-lança.

4. Esse acidente anual de carro era representado no hipódromo. O substituto podia conduzir seus cavalos — os quais, a julgar pelo mito de Glauco (vide 71. *a*), parece que eram enlouquecidos com drogas — pela reta sem que lhe acontecesse nada, mas, quando dava a volta ao redor da estátua de mármore branco, chamada Marmaranax (“rei de mármore”) ou espanta-cavalos, a roda exterior se desprendia pela falta de uma cavilha, o carro se desmanchava e os

cavalos arrastavam o substituto até a morte. O mirto era a árvore da morte, a do décimo terceiro mês, ao término do qual ocorria o acidente (vide 101. *1*); por isso diz-se que Mírtilo substituiu as cavilhas de metal por outras de cera — o derretimento da cera causou também a morte de Ícaro, o substituto do rei-sol — amaldiçoando a Casa de Pélope.

5. Na segunda metade do mito, confundiu-se Mírtilo com o substituto. Como *interrex*, o substituto tinha o direito de acompanhar a rainha na carruagem solar e unir-se a ela durante a única noite de seu reinado; mas, ao amanhecer do dia seguinte, o velho rei o destruía e, metaforicamente, continuava a viagem em sua carruagem solar até o limite ocidental, onde se purificava na corrente do Oceano. A queda de Mírtilo do carro mágico de Pélope para o mar é uma condensação de mitos: a algumas milhas a leste do hipódromo em que se celebravam os jogos ístmicos (vide 71. *b*), o substituto "Melicerta", em cuja honra eles haviam sido instituídos, era atirado do alto de um rochedo (vide 96. *3*). Uma cerimônia idêntica era a que se realizava provavelmente em Geresto, onde Mírtilo morreu. Têm-se notícias também da existência de espanta-cavalos em Tebas e em Iolco (vide 71. *b*), o que indica que lá também eram representados acidentes de carro nos hipódromos. Tendo em conta, porém, que o hipódromo de Olímpia, consagrado ao Zeus solar, e o hipódromo do istmo, consagrado ao Poseidon solar, eram associados à lenda de Pélope, os mitógrafos apresentaram a competição como uma corrida através dos campos entre os dois. Lesbos entra na história talvez pelo fato de "Enômao" ter sido um título dinástico naquela ilha.

6. A aparição de Anfíon neste mito, apesar de ser ele tebano, explica-se pelo fato de ele também ser nativo de Sícion, no istmo (vide 76. *a*). "Mirto" deve ter sido um título da deusa do mar como destruidora, e a primeira sílaba tinha o significado de "mar", como em Mirteia, "deusa do mar"; Mirtoessa, forma alongada de Mirto, era um dos títulos de Afrodite. Assim, Mírtilo pode significar originalmente "falo do mar": *myr-tylos*.

7. Pélope esquarteja Estinfalo, assim como Tântalo, segundo se diz, teria feito com ele. Essa forma mais antiga do sacrifício do rei foi corretamente mencionada desde a Arcádia. De fato, parece que os pelópidas patrocinaram vários cultos locais além da carruagem solar: a saber, o culto pastoril árcade do carvalho e do carneiro, atestado pela relação de Pélope com Tântalo e seu sacrifício de um carneiro negro em Olímpia; o culto da perdiz em Creta, Troia e na Palestina, atestado pela dança *cordax*; o culto dos titãs, atestado pelo título de "Croniano" dado a Pélope; o culto da toninha[a] (vide 108. *5*) e o culto do deus asno, porquanto o espírito de Cilo o ajudara na corrida.

8. A matança das éguas de Mármax pode se referir à cerimônia de coroação de Enômao (vide 81. *4*), que implicava o sacrifício de éguas. Uma "maçã cidônia", ou marmelo, era o que certamente segurava na mão a deusa da morte, Atena, a quem Pélope ofereceu sacrifícios que constituíram seu salvo-conduto para os Campos Elísios (vide 32. *1*, 53. *5* e 133. *4*); e o álamo-branco, utilizado em seus ritos heroicos em Olímpia, simbolizava a esperança de reencarnação (vide 31. *5* e 134. *f*) após haver sido esquartejado, pois a todos os que iam para o Elísio era concedida a prerrogativa do renascimento (vide 31. *c*). O derramamento de sangue no altar olímpico de Pélope guarda estreita semelhança com a flagelação de jovens espartanos amarrados à imagem de Ártemis Erguida (vide 116. *4*). Na verdade, Pélope era a vítima e sofria em homenagem à deusa Hipodâmia (vide 110. *3*).

NOTAS

[a] Espécie de pequeno cetáceo cujo nome científico é *Phocoena phocoena*. (N.T.)

[1] Apolônio de Rodes: *Argonáutica* II. 358 e 790; Sófocles: *Ájax* 1.292; Pausânias: II. 22. 4 e VI. 22. 1; Píndaro: *Odes olímpicas* 1. 24.

[2] Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio III. 7; Luciano: *Charidemus* 19; Apolodoro: *Epítome* II. 4.

[3] Diodoro Sículo: IV. 73; Higino: *Fábula* 250; *Astronomia poética* II. 21; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 752; Pausânias: V. 1. 5; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 149.

[4] Higino: *Astronomia poética* II. 21; *Fábula* 84; Pausânias: VIII. 20. 2 e VI. 22. 2; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Eustácio: VI. 336; Diodoro Sículo: *loc. cit.*

[5] Plutarco: *Questões gregas* 52; Pausânias: V. 5. 2 e 9. 2.

[6] Apolodoro: *Epítome* II. 4; Luciano: *Charidemus* 19; Pausânias: V. 10. 2, V. 17. 4 e VI. 21. 6; Diodoro Sículo: IV. 73.

[7] Apolodoro: *Epítome* II. 5; Luciano: *loc. cit*.; Pausânias: V. 14. 5; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[8] Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 7; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 166; Luciano: *loc. cit*.; Higinio: *Fábula* 84; Apolodoro: *loc. cit.*

[9] Pausânias: VIII. 14. 7; Apolônio de Rodes: I. 756; Apolodoro: *loc. cit*.

[10] Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 79 *et seq*.; Ovídio: *Íbis* 365; Higino: *Fábula* 84; Pausânias: VI. 21. 6-7 e 20. 8.

[11] Higino: *Fábula* 224; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 156 e 162; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 752; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 1.002; Pausânias: VIII. 14. 7.

[12] Luciano: *Charidemus* 19; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 159.

[13] Píndaro: *Odes olímpicas* I. 65 *et seq*. e I. 79; Apolodoro: *Epítome* II. 3; Pausânias: V. 17. 4.

[14] Pausânias: V. 13. 4 e 10. 2; Téon: *Sobre Arato* p. 21; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 38.

[15] Higino: *Fábula* 84; escoliasta sobre as *Odes* de Horácio I. 1; Pausânias: VIII. 14. 7.

[16] Pausânias: VI. 21. 5 e V. 10. 2; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: *loc. cit*.; Apolônio de Rodes: I. 753.

[17] Apolodoro: *Epítome* II. 7; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 156; Apolônio de Rodes: I. 752 *et seq*.; Pausânias: VI. 20. 8.

[18] Píndaro: *Odes olímpicas* I. 87; Luciano: *Charidemus* 19; Diodoro Sículo: IV. 73; Apolodoro: *loc. cit*.

[19] Apolodoro: *Epítome* II. 8; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: II. 104; Pausânias: VIII. 14. 8; Higino: *Fábula* 84.

[20] Estrabão: X. 1. 7; Sófocles: *Electra* 508 *et seq*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: VIII. 14. 7.

[21] Higino: *Astronomia poética* 11. 13; Pausânias: *loc. cit*. e VIII. 14. 8; Apolodoro: *loc. cit*.

[22] Apolodoro: *Epítome* II. 9; Diodoro Sículo: IV. 73; Tucídides: 1. 9; Plutarco: *Teseu* 3.

[23] Pausânias: V. 1. 5, V. 8. 1 e VI. 20. 8; Apolodoro: III. 12. 6.

[24] Pausânias: VI. 21. 7 e 22. 1.

[25] Pausânias: V. 13. 1-2; VI. 22. 1; II. 14. 3; VI. 19. 3 e IX. 41. 1; Apolodoro: II. 7. 2; Píndaro: *Odes olímpicas* I. 90 *et seq*.; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro I. 146; Homero: *Ilíada* II. 100 *et seq*.

[26] Píndaro: *Odes olímpicas* III. 23; Homero: *Ilíada* II. 104; Pausânias: V. 25. 5.

110

OS FILHOS DE PÉLOPE

Em agradecimento a Hera por ter facilitado seu matrimônio com Pélope, Hipodâmia convocou dezesseis matronas, uma de cada cidade da Élida, para que a ajudassem a instituir os jogos hereus (as Hereias). Desde então, a cada quatro anos, as dezesseis matronas e suas sucessoras tecem uma túnica para Hera e celebram os jogos, que consistem em uma única corrida entre virgens de diferentes idades, na qual os obstáculos para as competidoras variam conforme a idade, as mais jovens encabeçando a linha de partida. Elas correm envergando túnicas que não lhes chegam aos joelhos, o peito direito descoberto e os cabelos soltos. Clóris, a única filha sobrevivente de Níobe, foi a primeira vencedora dos jogos, cuja corrida consistiu em percorrer cinco sextas partes do circuito olímpico. O prêmio foi uma coroa de oliveira e uma parte da vaca sacrificada a Hera; a vencedora podia também dedicar uma estátua de si mesma em seu próprio nome.[1]

b. As dezesseis matronas tiveram de atuar, numa ocasião, como pacificadoras entre os pisanos e os eleus. Então elas organizaram também dois grupos de bailarinas, um em homenagem a Hipodâmia e outro em homenagem a Físcoa, a eleia. Físcoa teve com Dionísio um filho, Narceu, guerreiro célebre que fundou o santuário de Atena Narceia e foi o primeiro eleu a render culto a Dionísio. Posto que algumas das dezesseis cidades já não mais existiam, as dezesseis matronas passaram a ser supridas por oito tribos eleias, um par para cada uma. Como os árbitros, elas se purificam antes do início dos jogos com o sangue de um certo porco e a água da Fonte Piera, que está na estrada entre Olímpia e a Élida.[2]

c. Diz-se que os filhos de Pélope e Hipodâmia foram Piteu de Trezena; Atreu e Tiestes; Alcátoo, mas não o que matou Enômao; o argonauta Hipalco,

Hipalcmo ou Hipálcimo; o mensageiro Copreu; o bandido Cirão; o argivo Epidauro, por vezes chamado de filho de Apolo,[3] Plístenes, Diante, Cibosuro, Coríntio, Hípaso, Cléon, Argeio, Elino, Astidâmia, por vezes considerada mãe de Anfitrião; Lisídice, cuja filha Hipótoe foi raptada por Poseidon para as ilhas Equinádias, onde deu à luz Táfio; Eurídice, chamada por alguns de mãe de Alcmena; Nicipe, Antíbia[4] e finalmente Arquipe, mãe de Euristeu e Alcíone.[5]

d. Os megarenses, na tentativa de obliterar a lembrança de como Minos tomara sua cidade, e para sugerir que o rei Niso fora pacificamente sucedido por seu genro Megareu, e este por seu genro Alcátoo, filho de Pélope, dizem que Megareu teve dois filhos, o mais velho dos quais, Timalco, teria morrido em Afidna durante a invasão da Ática pelos Dióscuros; e que, quando o mais jovem, Evipo, foi morto pelo leão de Citéron, Megareu prometeu sua filha Evecme e seu trono àquele que vingasse Evipo. Ato contínuo Alcátoo matou o leão e, aclamado de Mégara, construiu lá um templo a Apolo Caçador e Ártemis Caçadora. A verdade, porém, é que Alcátoo foi da Élida para Mégara logo após a morte de Niso e o saque da cidade; que Megareu jamais reinou em Mégara; que Alcátoo fez sacrifícios a Apolo e Poseidon como "Construtores Anteriores", e depois reconstruiu a muralha da cidade sobre novas fundações, pois o traçado da antiga muralha havia sido eliminado pelos cretenses.[6]

e. Alcátoo foi o pai de Isquépolis, de Calípolis, de Ifínoe, que morreu virgem e em cuja tumba, situada entre a Sala do Conselho e o altar de Alcátoo, fazem libações as noivas megarenses, tal como as noivas délias dedicam seus cabelos a Hecaergo e Ópis. Ele também foi pai de Automedusa, que teve um filho, Iolau, com Íficles; e de Peribeia, que se casou com Télamon, cujo filho Ájax sucedeu Alcátoo como rei de Mégara. Isquépolis, o filho mais velho de Alcátoo, morreu durante a caçada ao javali do Calidão; e Calípolis, o primeiro megarense a ficar sabendo da dolorosa notícia, correu até a Acrópole, onde Alcátoo oferecia holocaustos a Apolo, e atirou do altar os feixes de madeira em sinal de luto. Desconhecendo o que havia ocorrido, Alcátoo, enfurecido com tal impiedade, golpeou-o com um feixe de madeira e o matou.[7]

f. Isquépolis e Evipo estão enterrados no Palácio da Justiça; Megareu, do lado direito da subida para a segunda Acrópole megarense. O templo de herói de Alcátoo é agora o Arquivo Público e o de Timalco, a Câmara Municipal.[8]

g. Crisipo passava também por filho de Pélope e Hipodâmia, mas, na realidade, era um bastardo que Pélope havia concebido com a ninfa Axíoque,[9] uma danaide. Quando Laio foi desterrado de Tebas, Pélope o acolheu com grande hospitalidade em Pisa, mas o hóspede se enamorou de Crisipo, a quem ensinou a arte do auriga; e, tão logo a condenação ao desterro foi anulada, Laio instou Crisipo a participar com ele dos jogos nemeeus e acabou levando-o para

Tebas, como seu amante.[10] Dizem que Crisipo se suicidou de vergonha; ou que Hipodâmia, para impedir que Pélope designasse Crisipo seu sucessor, a despeito de seus próprios filhos, foi a Tebas, onde tratou de convencer Atreu e Tiestes a matar o garoto, atirando-o num poço. Quando ambos se negaram a assassinar o hóspede de seu pai, Hipodâmia, em plena madrugada, entrou furtivamente no dormitório de Laio e, encontrando-o adormecido, pegou-lhe a espada e a cravou no ventre de seu companheiro de leito. Laio foi imediatamente acusado pelo assassinato, mas Crisipo vira Hipodâmia sair às pressas do aposento e a acusou antes de seu último suspiro.[11]

h. Enquanto isso Pélope avançava contra Tebas para resgatar Crisipo, mas, ao saber que Laio já havia sido encarcerado por Atreu e Tiestes, perdoou-o num ato de nobreza, reconhecendo que só um amor irresistível o havia levado a violar a hospitalidade. Alguns dizem que o primeiro dos pederastas foi Laio, e não Tâmiris, ou Minos, motivo pelo qual os tebanos, longe de condenarem tal prática, mantêm um regimento chamado Banda Sagrada, composto inteiramente por rapazes e seus amantes.[12]

i. Hipodâmia fugiu para a Argólida e lá suicidou-se, mas depois, segundo um oráculo, seus restos mortais foram levados para Olímpia, onde as mulheres entram em seu templo fortificado uma vez ao ano para lhe oferecerem sacrifícios. Numa das curvas do hipódromo ergue-se uma estátua de bronze de Hipodâmia, segurando uma fita para condecorar Pélope pela vitória.[13]

1. Os jogos hereus eram celebrados um dia antes dos jogos olímpicos. Consistiam originalmente numa corrida de garotas para obter o cargo de suma sacerdotisa de Hera (vide 60. *4*); e a vencedora, que recebia o ramo de oliveira como símbolo de paz e fertilidade, tornava-se una com a deusa ao compartilhar sua vaca sagrada. É possível que as dezesseis matronas se alternassem para oficiar na função de ajudante da suma sacerdotisa durante as dezesseis temporadas da Olimpíada de quatro anos; cada roda da carruagem real representava o ano solar e tinha quatro raios, como uma roda de fogo ou a suástica. “Narceu” é claramente uma retroformação de Atena Narceia (“entorpecedora”), uma deusa da morte. As matronas que organizavam os jogos hereus, que, num determinado período, implicavam o sacrifício humano, propiciavam a deusa com sangue de porco e depois se lavavam numa corrente de água. Os numerosos filhos de Hipodâmia dão fé da força da confederação

presidida pela dinastia dos Pelópidas, e todos os seus nomes se associam ao Peloponeso e ao istmo.

2. O assassinato de Calípolis, cometido por seu pai Alcátoo no altar de Apolo, foi provavelmente deduzido a partir de um ícone em que ele aparecia oferecendo seu filho em holocausto ao "construtor anterior", o deus da cidade Melicerta, ou Moloch, quando ele voltou a fundar Mégara — o mesmo gesto de um certo rei de Moab (*Josué* VI. 26). Ademais, assim como Sansão e Davi, ele também havia matado um leão num combate ritual. A mitologia coríntia tem muitas afinidades com a mitologia palestina (vide 67. *1*).

3. O mito de Crisipo sobrevive apenas numa forma distorcida. O fato de que fosse um rapaz pisano atraente na função de auriga, que tenha sido raptado como Ganimedes, ou como o próprio Pélope (apesar de não ter sido levado, certamente, ao Olimpo), e que tenha sido morto por Hipodâmia indica que, originalmente, ele era um dos substitutos do rei que morria num acidente de carro. Mas o seu mito foi confundido com uma justificação da pederastia tebana, e com a lenda de uma disputa pelos jogos nemeeus entre Tebas e Pisa. Hipodâmia, "domadora de cavalos", era um título da deusa-Lua, cuja estátua com cabeça de égua em Figália segurava uma toninha pelópida. Quatro dentre os filhos e filhas de Pélope têm nomes de cavalo.

NOTAS

[1] Pausânias: V. 16. 2-3.

[2] Pausânias: V. 16. 3-5.

[3] Apolodoro: III. 12. 7; II. 5. 1 e II. 26. 3; *Epítome* II. 10 e I. 1; Higino: *Fábulas* 84 e 14; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: I. 144.

[4] Escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 5; Apolodoro: II. 4. 5; Plutarco: *Teseu* 6; Diodoro Sículo: IV. 9. 1; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XIX. 119.

[5] Tzetzes: *Milenários* II. 172 e 192; escoliasta sobre Tucídides: I. 9; Apolodoro: *loc. cit*.

[6] Pausânias: I. 43. 4; I. 41. 4-5 e I. 42. 2.

[7] Pausânias: I. 42. 2 e 7 e I. 43. 4; Apolodoro: II. 4. 11.

[8] Pausânias: I. 43. 2 e 4; I. 42. 1 e 3.

[9] Escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: I. 144; Higino: *Fábula* 85; Plutarco: *Vidas paralelas* 33.

[10] Apolodoro: III. 5. 5; Higino: *Fábulas* 85 e 271; Ateneu: XIII. 79.

[11] Escoliasta sobre *As Fenícia*s, de Eurípides: 1.760; Plutarco: *Vidas paralelas* 33; Higino: *Fábula* 85; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 813.

[12] Higino: *loc. cit*.; Plutarco: *loc. cit*.; Eliano: *Varia Historia* XIII. 5.

[13] Higino: *loc. cit*.; Pausânias: VI. 20. 4 e 10.

111

ATREU E TIESTES

Contam que Atreu, que fugiu da Élida depois da morte de Crisipo, na qual ele talvez estivesse envolvido mais do que Pélope pudesse imaginar, refugiou-se em Micenas, onde viu-se favorecido pela sorte. Seu sobrinho Euristeu, que estava prestes a marchar contra os filhos de Hércules, nomeou-o regente em sua ausência e, quando pouco depois chegou a notícia da derrota e da morte de Euristeu, os notáveis de Micenas elegeram Atreu como rei, pois ele lhes parecia o guerreiro mais preparado para protegê-los contra os Heraclidas e por já haver conquistado o afeto do povo. Foi assim que a casa real de Pélope chegou a se tornar mais famosa até mesmo que a de Perseu.[1]

b. Outros dizem, porém, com maior autoridade, que Estênelo, pai de Euristeu, após desterrar Anfitrião e se apoderar do trono de Micenas, mandou buscar Atreu e Tiestes, seus cunhados, e os instalou em Mideia, localidade próxima dali. Alguns anos depois, quando Estênelo e Euristeu já haviam morrido, um oráculo aconselhou os micênicos a elegerem um príncipe da Casa pelópida para que os governasse. Eles imediatamente chamaram Atreu e Tiestes de Mideia e debateram qual dos dois (destinados a ser sempre rivais) deveria ser coroado rei.[2]

c. Atreu, então, prometera solenemente, certa vez, sacrificar a Ártemis o melhor de seus rebanhos de ovelhas; e Hermes, ansioso por vingar-se dos pelópidas pela morte de Mírtilo, consultou seu velho amigo caprino Pã, que fez aparecer um cordeiro dotado de chifres com o velocino de ouro, em meio ao rebanho acarnaniano que Pélope havia deixado a seus filhos Atreu e Tiestes. Ele previu que Atreu o reclamaria como seu e que, negando-se a render a Ártemis as devidas honras, ele se veria envolvido numa guerra fratricida com Tiestes. Mas dizem que foi a própria Ártemis quem enviou o cordeiro para pô-lo à prova.[3]

Atreu cumpriu a promessa, ao menos parcialmente, sacrificando a carne do cordeiro, mas ele recheou e armou o velocino e o guardou numa arca. Ele estava tão orgulhoso de seu tesouro — que parecia vivo — que não se conteve e vangloriou-se dele no mercado, e o ciumento Tiestes, por quem Aeropa, a esposa recém-casada de Atreu, havia se apaixonado, concordou em ser seu amante se ela lhe entregasse o cordeiro [o qual, dizia ele, havia sido roubado pelos pastores de Atreu da metade do rebanho que a ele pertencia], pois Ártemis o havia amaldiçoado, e isso tudo era obra dela.[4]

d. Durante um debate celebrado na Sala do Conselho, Atreu reclamou o trono de Micenas baseado no direito da primogenitura e também por ser ele o dono do cordeiro. Tiestes perguntou-lhe:

— Você então declara publicamente que o dono do cordeiro deve ser o rei?

— Declaro — respondeu Atreu.

— Também estou de acordo — disse Tiestes, sorrindo ironicamente.

Então um arauto convocou os habitantes de Micenas para que aclamassem o novo rei; decoraram-se os templos com ouro e abriram-se suas portas; acenderam-se fogos em todos os altares da cidade e entoaram-se canções de louvor ao cordeiro dotado de chifres, com o velocino de ouro. Mas Tiestes ergueu-se de súbito para acusar Atreu de ser um fanfarrão e levou os magistrados até sua casa, onde mostrou-lhes o cordeiro, alegando ser seu legítimo proprietário, e foi declarado rei de Micenas.[5]

e. Entretanto Zeus estava a favor de Atreu e enviou Hermes com a seguinte mensagem: “Chame Tiestes e pergunte-lhe se estaria disposto a renunciar ao trono em seu favor caso o sol se mova ao contrário no quadrante.” Atreu acatou o que lhe foi dito e Tiestes concordou em abdicar caso tal prodígio se produzisse. Então, Zeus, com a ajuda de Éris, inverteu as leis da natureza, até então imutáveis. Estando já Hélio na metade de sua trajetória, ele desviou a sua carruagem e girou a cabeça de seus corcéis na direção da aurora. As sete Plêiades e as demais estrelas inverteram as suas trajetórias junto com Hélio e, naquele anoitecer, pela primeira e última vez, o sol se pôs a leste e não a oeste. O engodo e a cobiça de Tiestes foram assim demonstrados. Atreu ocupou o trono de Micenas e o desterrou.[6]

Quando mais tarde Atreu descobriu que Tiestes havia cometido adultério com Aeropa, ele mal pôde conter sua fúria. Entretanto, durante certo tempo, fingiu perdoar.[7]

f. Aeropa, que alguns chamam Europa, era cretense e filha do rei Catreu. Um dia, seu pai a surpreendeu enquanto se divertia com um amante no palácio, e estava prestes a ser atirada aos peixes quando, retificando sua sentença a pedido de Náuplio, Catreu a vendeu a ele como escrava por uma bagatela, juntamente

com sua outra filha, Clímene, que ele suspeitava conspirar contra sua vida, estipulando unicamente que nenhuma delas jamais voltasse a Creta. Náuplio casou-se mais tarde com Clímene, com quem teve Éax e Palamedes, o inventor.[8] Mas Atreu, cuja esposa, Cléola, havia morrido após dar à luz um filho doente, Plístenes — essa foi a vingança de Ártemis por ele ter faltado com seu juramento —, casou-se com Aeropa e teve com ela Agamênon, Menelau e Anaxibia. Plístenes havia morrido também, pois os assassinos que Atreu enviara para matar o seu homônimo, o filho bastardo de Tiestes com Aeropa, mataram-no por engano. Tiestes tivera todo o cuidado para que assim ocorresse.[9]

g. Atreu enviou então um mensageiro para induzir Tiestes a regressar a Micenas, oferecendo-lhe anistia e metade do reino. Mas tão logo Tiestes aceitou a oferta, ele matou impiedosamente Aglau, Orcômeno e Calileonte, os três filhos de Tiestes concebidos com uma das náiades, no mesmo altar de Zeus onde tinham se refugiado. Depois, ele perseguiu e matou o menino Plístenes Segundo e seu irmão gêmeo, Tântalo Segundo; ele os esquartejou membro a membro, ferveu pedaços seletos de sua carne num caldeirão e os serviu a Tiestes para dar-lhe as boas-vindas. Após Tiestes haver comido com entusiasmo, Atreu mandou trazer numa outra bandeja suas cabeças, pés e mãos ensanguentados para fazê-lo ver o que tinha ele agora dentro do ventre. Tiestes caiu para trás, vomitando, e lançou uma maldição inelutável contra toda a estirpe de Atreu.[10]

h. Desterrado mais uma vez, Tiestes fugiu primeiro para o palácio do rei Tesproto em Sícion, onde sua própria filha Pelópia, ou Pelopeia, era sacerdotisa, pois, desejando vingar-se a todo custo, ele havia consultado o Oráculo de Delfos, que o havia aconselhado a conceber um filho com a própria filha.[11] À noite, Tiestes encontrou Pelópia fazendo sacrifícios a Atena Colocásia e, como não queria profanar o ritual, ocultou-se num bosque próximo. Pouco depois, Pelópia, condutora da dança solene, escorregou numa poça de sangue que havia brotado do pescoço de uma ovelha negra. O animal havia sido imolado, manchando sua túnica. Em seguida, ela correu para o viveiro de peixes do templo, tirou a túnica e, enquanto se lavava, Tiestes saiu de repente do bosque e a violou. Pelópia não o reconheceu pois ele portava uma máscara, mas conseguiu tirar-lhe a espada e levá-la ao templo, onde a escondeu debaixo do pedestal da imagem de Atena. Tiestes, ao perceber que a bainha estava vazia e temendo que o detivessem, fugiu para a Lídia, terra de seus ancestrais.[12]

i. Enquanto isso, temendo as consequências de seu crime, Atreu consultou o Oráculo de Delfos, que lhe recomendou: “Faça com que Tiestes retorne de Sícion!” Ele chegou tarde demais a Sícion para encontrar Tiestes, apaixonou-se por Pelópia, que ele supunha ser filha do rei Tesproto, e pediu o consentimento para fazer dela sua terceira esposa pois, àquela altura, ele já havia executado

Aeropa. Ansioso por forjar uma aliança com um rei tão poderoso e desejando ao mesmo tempo fazer um favor a Pelópia, Tesproto não quis decepcionar Atreu e as bodas celebraram-se de imediato. No devido tempo, ela deu à luz o filho concebido com Tiestes, e o abandonou numa montanha. Mas ele foi recolhido por pastores e amamentado por uma cabra — daí o seu nome, Egisto, ou "força de cabra". Atreu achava que Tiestes havia fugido de Sícion ao ter tomado conhecimento de sua vinda, que a criança era sua e que Pelópia padecia de uma loucura passageira que por vezes afeta as mulheres depois do parto. Assim, ele recuperou Egisto dos pastores de cabras e o criou como seu herdeiro.

j. Então, uma série de más colheitas afligiu Micenas, e Atreu enviou Agamênon e Menelau a Delfos para que trouxessem notícias de Tiestes, com quem eles se encontraram por acaso enquanto retornava de uma nova visita ao Oráculo. Eles o levaram à força para Micenas, e Atreu, após encarcerá-lo, ordenou a Egisto, que contava então apenas sete anos de idade, que o matasse durante o sono.

k. Tiestes despertou subitamente e encontrou Egisto inclinado sobre ele, empunhando a espada; nesse instante, ele se desviou rapidamente para um lado, evitando o golpe fatal. Depois se levantou, desarmou a criança com um hábil pontapé em seu pulso e saltou para se apoderar da espada, reconhecendo-a, em seguida, como sendo a mesma que havia perdido anos antes em Sícion. Ele agarrou Egisto pelos ombros e gritou:

— Diga agora mesmo como esta espada chegou às suas mãos!

— Pelópia, minha mãe, foi quem me deu essa espada — balbuciou Egisto.

— Vou poupar-lhe a vida, menino — disse Tiestes —, desde que cumpra três ordens minhas.

— Farei tudo o que ordenar, senhor — disse Egisto, soluçando, pois não esperava clemência.

— Primeiro ordeno que me traga aqui a sua mãe — disse Tiestes.

l. Egisto levou Pelópia imediatamente ao calabouço, e ela, ao reconhecer Tiestes, abraçou-o, chorando, chamou-o de dileto pai e se compadeceu de seus sofrimentos.

— Como conseguiu essa espada, minha filha? — perguntou-lhe Tiestes.

—Tirei-a da bainha de um desconhecido que me violou uma noite em Sícion — respondeu ela.

— Essa é a minha espada — declarou Tiestes.

Pelópia, horrorizada, pegou a espada e a cravou no próprio peito. Egisto ficou estupefato, sem nada compreender do que vira e ouvira.

— Leve agora esta espada a Atreu — foi a segunda ordem de Tiestes —, e diga-lhe que cumpra a tarefa. Depois volte aqui!

Sem dizer uma só palavra, Egisto entregou a espada ensanguentada a Atreu, que se dirigiu radiante até a beira-mar para oferecer um sacrifício de ação de graças a Zeus, convencido de que, enfim, havia se livrado de Tiestes para sempre.

m. Quando Egisto voltou ao calabouço, Tiestes revelou-lhe que ele era o seu verdadeiro pai e lhe deu a terceira ordem:

— Acabe com Atreu, Egisto, meu filho, e não vacile desta vez.

Egisto fez o que lhe foi ordenado e Tiestes voltou a reinar em Micenas.[13]

n. Então apareceu um outro cordeiro dotado de chifres, com o velocino de ouro, entre os rebanhos de Tiestes, que chegou a se tornar carneiro e, a partir de então, a cada novo rei pelópida era confirmada divinamente a posse de seu cetro de ouro. Os carneiros pastavam em paz num cercado rodeado por muralhas inacessíveis. Mas dizem que o emblema da realeza não era uma criatura viva, mas uma tigela de prata, em cujo fundo estava incrustada a figura de um cordeiro dourado. Outros afirmam que Egisto não poderia ter matado Atreu, pois não era mais do que uma criança nas fraldas quando Agamênon expulsou seu pai Tiestes de Micenas e lhe arrebatou o cetro.[14]

o. Tiestes encontra-se enterrado na beira da estrada que liga Micenas a Argos, perto do santuário de Perseu. Sobre sua tumba há a figura em pedra de um carneiro. A tumba de Atreu e seu tesouro subterrâneo podem ainda ser vistos por entre as ruínas de Micenas.[15]

p. Tiestes não foi o último herói a descobrir que lhe haviam servido o próprio filho numa bandeja. O mesmo sucedeu alguns anos depois a Clímeno, o filho árcade de Esqueneu, que nutria uma paixão incestuosa por Harpálice, sua filha com Epicasta. Após haver seduzido Harpálice, ele a casou com Alastor mas, depois, a tomou de novo. Harpálice, para se vingar, matou o filho concebido de sua união com o pai — e que, portanto, era também seu irmão —, cozinhou-lhe o corpo e o serviu a Clímeno. Ela se transformou numa ave predatória e Clímeno se enforcou.[16]

1. O mito de Atreu e Tiestes, que sobrevive somente em versões muito teatrais, parece estar baseado na rivalidade entre os correis argivos pelo poder supremo, como no mito de Acrísio e Preto (vide 73. *a*). Ele é muito mais antigo que a história dos filhos de Hércules (vide 146. *k*) — a invasão dória do Peloponeso, em torno de 1050 a.C. — com a qual Tucídides o associa. O

cordeiro de ouro de Atreu, liberado do sacrifício, recorda o touro branco de Poseidon, que foi igualmente retido por Minos (vide 88. *c*); mas ele é da mesma raça dos carneiros de velocino dourado consagrados a Zeus no monte Lafístio e a Poseidon na ilha de Crumissa (vide 70. *l*). Possuir esse velocino era um distintivo da realeza, pois o rei o utilizava na cerimônia anual de invocação da chuva (vide 70. *2* e *6*). Metaforicamente, o cordeiro é de ouro. Na Grécia, "a água é ouro" e o velocino produzia chuva magicamente. Não obstante, tal metáfora talvez tenha sido reforçada pelo uso de velocinos para recolher o pó de ouro nos rios da Ásia Menor, bem como pela aparição casual, no Mediterrâneo oriental, de cordeiros com dentes dourados, supostamente descendentes daqueles que o jovem Zeus criava no monte Ida. (No século XVIII, Lady Mary Wortley Montagu investigou essa persistente anomalia, mas não foi capaz de descobrir a sua origem.) É possível também que o cetro real argivo tivesse na sua extremidade um carneiro dourado. Apolodoro é impreciso em relação aos antecedentes legais da disputa, mas a reclamação de Tiestes era provavelmente a mesma que fizera Maeve no que diz respeito ao touro disputado na irlandesa *Guerra dos Touros* fratricida: que o cordeiro havia sido roubado de seus rebanhos ao nascer.

2. Eurípides introduziu Éris num momento equivocado da história: é mais provável que ela tenha provocado a briga entre os irmãos do que ajudado Zeus a inverter a trajetória do sol — fenômeno que ela simplesmente não tinha como provocar. Os gramáticos e filósofos clássicos explicaram tal episódio de diversas maneiras engenhosas, que antecipam as tentativas feitas pelos protestantes do século XX para explicar cientificamente o movimento retrógrado da sombra do sol no "quadrante de Ahaz" (II *Reis* XX. 1-11). Luciano e Políbio dizem que, quando Atreu e Tiestes brigaram pela sucessão, os argivos já se dedicavam à observação regular das estrelas e haviam decidido que o melhor astrônomo seria eleito rei. No debate que se seguiu, Tiestes assinalou que o Sol se levantava sempre em Áries por ocasião do Festival da Primavera — daí a fábula do cordeiro de ouro —, mas o adivinho Atreu fez algo melhor: demonstrou que o Sol e a Terra se deslocam em direções distintas, e o que parecem ser ocasos do Sol são na verdade ocasos da Terra. Diante disso, os argivos elegeram-no rei (Luciano: *Sobre astrologia* 12; Políbio, citado por Estrabão: I. 2. 15). Higino e Sérvio concordam com o fato de que Atreu era astrônomo, e dizem que ele foi o primeiro a predizer matematicamente um eclipse solar; e que, quando os cálculos demonstraram ser corretos, seu invejoso irmão Tiestes abandonou a cidade, amargurado (Higino: *Fábula* 258; Sérvio sobre a Eneida de Virgílio: I. 572). Sócrates tomou o mito mais ao pé da letra, considerando-o prova de sua teoria segundo a qual o universo se enrola e se desenrola em ciclos alternados de

enorme duração, e que a inversão de movimento ao final de cada ciclo é acompanhada de uma grande destruição da vida animal (Platão: *O estadista* 12-14).

3. Entretanto, para compreender a história, não se deve pensar alegórica nem filosoficamente, mas em termos mitológicos, ou seja, em função do arcaico conflito entre o rei sagrado e seu sucessor. O rei reinava até o solstício de verão, quando o Sol chegava ao seu ponto mais setentrional e se detinha; então, o herdeiro o matava e ocupava seu lugar, enquanto o sol retrocedia dia após dia rumo ao sul até o solstício de inverno. Esse ódio recíproco, aguçado pelos ciúmes sexuais pelo fato de o herdeiro se casar com a viúva de seu rival, renovou-se entre os correis argivos, cujos reinados combinados duravam um Grande Ano; e eles brigaram por Aeropa, tal como Acrísio e Preto haviam disputado Dânae. O mito de Ezequias, que estava prestes a morrer quando, como um sinal do favor de Jeová, o profeta Isaías acrescentou dez anos ao seu reinado, fazendo retroceder o Sol dez graus no quadrante de Ahaz (II *Reis* XX. 8. 11 e *Isaías* XXXVIII. 7-8), indica uma tradição hebraica, ou talvez filistina, conforme a qual o rei, após a reforma do calendário provocada pela adoção do ciclo metônico, tinha a permissão de prolongar o seu reinado até o décimo nono ano, em vez de morrer no nono. Em Micenas, é possível que tenha sido dispensado a Atreu um privilégio similar.

4. O banquete canibal celebrado em homenagem a Zeus, que aparece no mito de Tântalo (vide 108. *c*), foi confundido aqui com o sacrifício anual de meninos substitutos e com o vômito mediante o qual Cronos expulsa os filhos tidos com Reia (vide 7. *d*). O fato de Tiestes ter violado Pelópia evoca o mito de Cíniras e Esmirna (vide 17. *h*), e a melhor maneira de explicar o estupro é compreendê-lo como uma tentativa do rei de prolongar o seu reinado para além do limite estabelecido mediante o casamento com sua enteada, a herdeira. O resgate de Aeropa dentre os peixes cretenses a identifica com Dictina-Britomártis, que seu avô Minos havia afugentado até o mar (vide 89. *b*). Egisto amamentado por uma cabra é o conhecido menino do Ano-novo dos Mistérios (vide 24. *6*, 44. *1*, 76. *a*, 105. *1* etc.).

5. A história de Clímeno e Harpálice — havia outro personagem trácio com o mesmo nome, uma espécie de Atalanta — combina o mito de Cíniras e Esmirna (vide 18. *h*) com o de Tereu e Procne (vide 46. *a*). A menos que seja uma composição artificial para o teatro, como sugere o suicídio nada mítico de Clímeno por enforcamento, ele certamente tentou reconquistar seu direito ao trono ao término de seu reinado, casando a herdeira — tecnicamente sua filha — com um *interrex* para depois matá-lo e ficar com ela. Alastor significa

“vingador”, mas sua vingança não aparece no mito. Talvez a versão original fizesse de Alastor a vítima do sacrifício humano.

NOTAS

[1] Escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 813; Tucídides: 1. 9.

[2] Apolodoro: II. 4. 6 e *Epítome* II. 11; Eurípides: *Orestes* 12.

[3] Apolodoro: *Epítome* II. 10; Eurípides: *Orestes* 995 *et seq*., com escoliasta; Sêneca: *Electra* 699 *et seq*.; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 812, 990 e 998; Tzetzes: *Quilíades* I. 433 *et seq*.; Ferécides, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 997.

[4] Apolodoro: *Epítome* II. 11; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 812; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: II. 106.

[5] Tzetzes: *Quilíades* I. 426; Apolodoro: *loc. cit*.; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: II. 106; Eurípides: *Electra* 706 *et seq.*

[6] Apolodoro: *Epítome* II. 12; escoliasta sobre Homero: *loc. cit*.; Eurípides: *Orestes* 1.001; Ovídio: *A arte de amar* 327 *et seq*.; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 812.

[7] Higino: *Fábula* 86; Apolodoro: *Epítome* II. 13.

[8] Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: VI. 306; Apolodoro: III. 2. 2 e *Epítome* II. 10; Sófocles: *Ájax* 1.295 *et seq*.; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 432.

[9] Higino: *Fábulas* 97 e 86; Eurípides: *Helena* 392; Homero: *Ilíada* II. 131 etc.

[10] Tzetzes: *Quilíades* I. 18 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* II. 13; Higino: *Fábulas* 88, 246 e 258; escoliasta sobre a *Arte poética* de Horácio; Ésquilo: *Agamênon* 1.590 *et seq.*

[11] Apolodoro: *Epítome* II. 13-14; Higino: *Fábulas* 87 e 88; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 262.

[12] Ateneu: III. 1; Higino: *loc. cit*.; fragmentos de *Tiestes* de Sófocles; Apolodoro: *Epítome* II. 14.

[13] Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[14] Sêneca: *Tiestes* 224 *et seq*.; Cícero: *Da natureza dos deuses* III. 26 e 68; Heródoto de Heracleia, citado por Ateneu: 231c; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: pp. 268 e 1.319; Ésquilo: *Agamênon* 1.603 *et seq*.

[15] Pausânias: II. 16. 5 e II. 18. 2-3.

[16] Partênio: *Erótica*; Higino: *Fábulas* 242, 246 e 255.

AGAMÊNON com grinalda de louros e cetro
Postdam, Alemanha

112

AGAMÊNON E CLITEMNESTRA

Dizem que Agamênon e Menelau já tinham idade suficiente para prender Tiestes em Delfos; segundo outra versão, quando Egisto matou Atreu, eles ainda eram crianças e sua pajem teve a presença de espírito necessária para salvá-los. Ela segurou um em cada braço e fugiu com eles para o palácio de Polifides, o vigésimo quarto rei de Sícion, que os confiou a Eneu, rei da Etólia. Entretanto, acredita-se que, após haverem eles passado alguns anos na corte de Eneu, o rei Tíndaro de Esparta devolveu-lhes a fortuna. Marchando contra Micenas, ele obrigou Tiestes, que havia se refugiado no altar de Hera, a jurar que legaria o cetro a Agamênon, por ser ele o herdeiro de Atreu, e que se autoexilaria para nunca mais voltar. Por conseguinte, Tiestes partiu imediatamente para Citera ao passo que Egisto, temendo a vingança de Agamênon, fugiu para o palácio do rei Cilarabes, filho do rei argivo Estênelo.[1]

b. Diz-se que Zeus deu poder à Casa de Éaco, sabedoria à Casa de Amitáon e riqueza à Casa de Atreu. E esta última era de fato rica: todos os reis de Micenas, Corinto, Cleonas, Orneia, Aratírea, Sícion, Hiperésia, Gonoessa, Pelene, Égio, Egíalo e Hélice pagavam tributos a Agamênon, tanto na terra como no mar.[2]

c. Agamênon empreendeu primeiro uma guerra contra Tântalo, rei de Pisa, filho de seu grotesco tio Bróteas; matou-o no campo de batalha e se casou à força com sua viúva Clitemnestra, filha de Leda e do rei Tíndaro de Esparta. Por causa disso, os Dióscuros, irmãos de Clitemnestra, puseram-se em marcha contra Micenas, mas Agamênon apressou-se em implorar o apoio de seu benfeitor Tíndaro, que o perdoou e lhe permitiu ficar com Clitemnestra. Depois da morte dos Dióscuros, Menelau se casou com a irmã deles, Helena, e Tíndaro abdicou em favor dele.[3]

d. Clitemnestra teve com Agamênon um filho, Orestes, e três filhas: Electra ou Laódice, Ifigênia ou Ifianassa, e Crisotêmis, embora outras tradições apontem Ifigênia como sobrinha de Clitemnestra, filha de Teseu e Helena, de quem se compadecera, adotando-a.[4]

e. Quando Páris, filho do rei Príamo de Troia, raptou Helena, provocando, assim, a Guerra de Troia, Agamênon e Menelau ausentaram-se dez anos de sua pátria. Mas Egisto não se uniu à expedição e preferiu permanecer em Argos para procurar uma forma de se vingar da Casa de Atreu.[5]

f. Então, Náuplio, marido de Clímene, não tendo obtido nenhuma satisfação da parte de Agamênon e dos outros chefes gregos com relação à lapidação de seu filho Palamedes, zarpou de Troia e costeou a Ática e o Peloponeso, incitando as solitárias esposas de seus inimigos ao adultério. Quando Egisto soube que Clitemnestra figurava entre as mais ansiosas por deixar-se convencer por Náuplio, ele planejou não só tornar-se seu amante, como também matar Agamênon com a ajuda dela assim que terminasse a Guerra de Troia.[6]

g. Zeus Onisciente mandou Hermes avisar Egisto de que abandonasse tal projeto, pois, quando Orestes chegasse à idade madura, ele sem dúvida vingaria o pai. Mas, apesar de toda a sua eloquência, Hermes não foi capaz de dissuadir Egisto, que foi a Micenas levando valiosos presentes nas mãos, mas ódio no coração. No início, Clitemnestra recusou os seus avanços, pois Agamênon, informado da visita de Náuplio a Micenas, havia ordenado ao bardo de sua corte que a vigiasse de perto e que lhe informasse por escrito o menor sinal de infidelidade. Mas Egisto capturou o velho bardo e o abandonou sem comida numa ilha deserta, onde as aves de rapina não tardaram em bicar os seus ossos. Então, Clitemnestra se rendeu aos braços de Egisto e ele celebrou seu inesperado triunfo com oferendas a Afrodite e com presentes compostos de tapeçarias e ouro para Ártemis, que nutria profundo rancor pela Casa de Atreu.[7]

h. Clitemnestra tinha poucas razões para amar Agamênon: ele havia matado seu primeiro marido, Tântalo, e o filho recém-nascido que estava amamentando; havia se casado com ela à força para depois ir embora travar uma guerra que parecia interminável; ele também havia autorizado o sacrifício de Ifigênia em Áulis e — o que ela considerava ainda mais intolerável — dizia-se que, quando voltasse, ele traria consigo a filha de Príamo, a profetisa Cassandra, como sua esposa em tudo exceto no nome. É verdade que Cassandra havia tido com Agamênon filhos gêmeos: Teledamo e Pélope, mas não parece que ele tivera a intenção de, com isso, ofender Clitemnestra. O informante dela era Éax, o filho sobrevivente de Náuplio, que, para vingar a morte de seu irmão, induzia-a maliciosamente a cometer um assassinato.[8]

i. Assim, Clitemnestra planejou com Egisto o assassinato de Agamênon e Cassandra. Temendo, porém, que eles chegassem inesperadamente, ela escreveu uma carta a Agamênon, pedindo-lhe que acendesse uma fogueira no monte Ida assim que Troia caísse; ela, por sua vez, ordenou que se organizasse uma cadeia de fogueiras que transmitiriam o sinal até a Argólida, passando pelo cabo Hermeu em Lemnos, e os montes Atos, Macisto, Messápio, Citéron, Egiplancto e Aracne. Uma sentinela foi também colocada no teto do palácio de Micenas; era um fiel servidor de Agamênon, que passou um ano inteiro agachado, apoiado nos cotovelos, olhando para o monte Aracne e nutrindo maus presságios. Finalmente, numa noite escura, a sentinela viu o brilho distante do sinal luminoso e correu para despertar Clitemnestra. Ela festejou a notícia com sacrifícios de ação de graças; embora, de fato, já quisesse então que o assédio de Troia durasse para sempre. Egisto, em seguida, colocou um de seus homens numa torre próxima ao mar e lhe prometeu dois talentos de ouro pelas primeiras notícias sobre o desembarque de Agamênon.

j. Hera havia salvado Agamênon da violenta tempestade que destruiu muitos dos navios que regressavam à Grécia e que arrastou Menelau até a costa do Egito, até que, por fim, um vento favorável o levou a Náuplia. Tão logo desembarcou, ele se inclinou para beijar a terra, chorando de alegria. Enquanto isso, a sentinela saiu correndo até Micenas para cobrar sua recompensa. Egisto selecionou vinte de seus guerreiros mais valentes e os posicionou para uma emboscada dentro do palácio, mandou que se preparasse um grande banquete e depois foi dar as boas-vindas a Agamênon.[9]

k. Clitemnestra recebeu o marido, que vinha exausto de viagem, simulando grande felicidade; mandou estender-lhe um tapete purpúreo e o conduziu até os banhos, onde as escravas o aguardavam com água quente. Cassandra, porém, ficou do lado de fora do palácio, tomada por um transe profético, e se negou a entrar, gritando que sentia o cheiro de sangue e que a maldição de Tiestes pairava sobre a sala de refeições. Quando Agamênon se preparava para sair do banho, já com um pé para fora da banheira, desejoso de participar do fabuloso banquete servido, Clitemnestra se aproximou dele como se para envolvê-lo numa toalha, mas, em vez disso, atirou sobre ele uma malha especialmente tecida por ela, sem aberturas para o pescoço e os braços. Enredado como um peixe, Agamênon pereceu nas mãos de Egisto, que o feriu duas vezes com uma espada de fio duplo.[10] Ele caiu para trás, na banheira de paredes prateadas, onde Clitemnestra vingou sua desonra cortando-lhe a cabeça com um machado.[11] Ela depois correu ao encontro de Cassandra com o intento de matá-la com a mesma arma, sem dar-se ao cuidado de antes fechar as pálpebras e a boca do marido,

mas limpando com o cabelo dele o sangue respingado sobre ela para dar a entender que ele mesmo havia causado a própria morte.[12]

l. Nesse momento, travava-se no palácio uma feroz batalha entre a guarda de Agamênon e os partidários de Egisto. Os guerreiros eram abatidos como porcos para um opulento banquete, ou caíam feridos numa poça de sangue, junto às fartas mesas. Mas Egisto saiu vitorioso. Do lado de fora, a cabeça de Cassandra rolou pelo chão e Egisto teve também a satisfação de matar os filhos gêmeos que a profetisa tivera com Agamênon. Entretanto não conseguiu eliminar um outro bastardo de Agamênon, chamado Haleso ou Halisco, o qual conseguiu fugir e, após vagar por muito tempo no exílio, fundou a cidade italiana de Falérios e ensinou a seus habitantes os Mistérios de Hera.[13]

m. Esse massacre ocorreu no décimo terceiro dia do mês de gamélion [janeiro] e, sem temer o castigo divino, Clitemnestra decretou que, em todo décimo terceiro dia, fosse celebrado um festival mensal com danças e oferendas de ovelhas a suas divindades guardiãs. Houve quem aplaudisse sua resolução, mas outros afirmam que ela trouxe desgraça eterna a todas as mulheres, especialmente as virtuosas. Egisto também deu graças à deusa que o havia ajudado.[14]

n. Os espartanos afirmam que Agamênon está enterrado em Amiclas, que agora não passa de uma aldeia, e lá podem ser vistas a tumba e a estátua de Clitemnestra, assim como o santuário e a estátua de Cassandra. Seus habitantes, inclusive, acreditam que Agamênon foi assassinado lá, mas a verdade é que a tumba de Agamênon se encontra entre as ruínas de Micenas, perto do túmulo de seu auriga, de seus companheiros assassinados por Egisto e dos gêmeos de Cassandra.[15]

o. Mais tarde, Menelau foi informado por Proteu, o profeta de Faros, do crime cometido e, depois de oferecer hecatombes à alma de seu irmão, ele construiu um cenotáfio em sua homenagem junto ao rio do Egito. Assim que voltou a Esparta, oito anos depois, ele ergueu um templo a Zeus Agamênon. Há outros templos como esse em Laperse, na Ática, e em Clazômenas, na Jônia, embora Agamênon jamais tenha reinado em nenhum desses lugares.[16]

1. O mito de Agamênon, Egisto, Clitemnestra e Orestes sobreviveu numa forma dramática tão estilizada que suas origens foram quase obliteradas. Numa tragédia desse tipo, a chave é habitualmente proporcionada pela maneira como o

rei morre: se é atirado do alto de um rochedo como Teseu, queimado vivo como Hércules, destroçado numa carruagem como Enômao, devorado por cavalos selvagens como Diomedes, afogado num tanque como Tântalo, ou ferido por um raio como Capaneu. Agamênon morre de uma maneira particular: com uma rede que lhe foi atirada sobre a cabeça, tendo um pé ainda na banheira mas o outro fora, e na casa de banhos anexa, ou seja, "nem vestido nem nu, nem na água nem na terra seca, nem em seu palácio nem fora dele", situação que evoca a morte, no solstício de verão, relatada no Mabinogion, do rei sagrado Llew Llaw nas mãos de sua esposa traidora Blodeuwedd e seu amante Gronw. Uma história análoga, relatada por Saxo Grammaticus, no fim do século XII, em sua *História da Dinamarca*, sugere que Clitemnestra possa ter também entregado a Agamênon uma maçã para que a comesse, matando-o no momento em que ele a levava à boca, de modo que não estava "nem jejuando nem se banqueteando" (*A deusa branca*, pp. 308 e 401). Basicamente, então, este é o conhecido mito do rei sagrado que morre no solstício de verão, da deusa que o trai, do herdeiro que o sucede e do filho que o vinga. O machado de Clitemnestra era o símbolo cretense da soberania, e o mito tem afinidades com o assassinato de Minos, que também ocorreu num banho. Os sinais luminosos que Egisto colocou nas montanhas, um dos quais, conforme Ésquilo, era feito de urze (vide 18. *3*), são as piras sacrificiais do solstício de verão. A deusa em cuja honra foi sacrificado Agamênon surge na tríade como suas "filhas": Electra ("âmbar"), Ifigênia ("madrinha de uma raça forte") e Crisotêmis ("ordem áurea").

2. Essa antiga história combinou-se com a lenda de uma disputa entre dinastias rivais no Peloponeso. Clitemnestra era uma herdeira real espartana, e a alegação dos espartanos de que seu antepassado Tíndaro havia colocado Agamênon no trono de Micenas indica que eles foram os vencedores numa guerra contra os micênicos pela posse de Amiclas, onde tanto Agamênon quanto Clitemnestra eram homenageados.

3. "Zeus Agamênon", ou "Zeus muito decidido", deve ter sido um título divino que não só os reis de Micenas ostentavam, como também os de Laperse e Clazômenas; e provavelmente também os reis de uma colônia danaídea ou aqueia estabelecida junto ao rio do Egito, que não deve ser confundido com o Nilo. O rio do Egito é mencionado em *Josué* XV. 4 como a linha fronteiriça entre a Palestina e o Egito. Na parte superior da costa, em Ásquelon e perto de Tiro, havia outras colônias danaídeas ou aqueias (vide 69. *f*).

4. O décimo terceiro dia, que era também o dia de festa em Roma, onde recebia o nome de Idos, coincidia com a Lua cheia numa época em que o mês calendárico era constituído por uma simples lunação. Parece que o sacrifício do rei ocorria sempre na Lua cheia. Segundo a lenda, quando a frota grega retornou

de Troia no fim do ano, ela deparou com tempestades de inverno; Agamênon, portanto, morreu em janeiro, e não em junho.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 88; Eusébio: *Crônicas* I. 175-176, ed. Schoene; Homero: *Ilíada* II. 107-108 e *Odisseia* III. 263; Ésquilo: *Agamênon* 529; Pausânias: II. 18. 4; Tzetzes: *Quilíades* I. 433 *et seq*.

[2] Hesíodo, citado por Suidas *sub* Alce; Homero: *Ilíada* 108 e 569-580.

[3] Apolodoro: III. 10. 6 e *Epítome* II. 16; Eurípides: *Ifigênia em Áulis* 1.148 *et seq*.

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; Homero: *Ilíada* IX. 145; Duris, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 183.

[5] Homero: *Odisseia* III. 263.

[6] Apolodoro: *Epítome* VI. 8-9.

[7] Homero: *Odisseia* I. 35 *et seq*. e III. 263-275.

[8] Eurípides: *Ifigênia em Áulis* 1.148 *et seq*.; Sófocles: *Electra* 531; Pausânias: III. 16. 5 e II. 16. 5; Higino: *Fábula* 117.

[9] Higino: *loc. cit*.; Ésquilo: *Agamênon* I *et seq*. e 282 *et seq*.; Eurípides: *Electra* 1.076 *et seq*.; Homero: *Odisseia* IV. 524-537; Pausânias: II. 16. 5.

[10] Ésquilo: *Agamênon* 1.220-1.391 *et seq*., 1.521 *et seq*., e *Eumênides* 631-635; Eurípides: *Electra* 157 e *Orestes* 26; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.375; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio XI. 267; Triclínio sobre *Electra* de Sófocles: 195; Homero: *Odisseia* III. 193 *et seq*. e 303-305, XI. 529-537.

[11] Sófocles: *Electra* 99; Ésquilo: *Agamênon* 1.372 *et seq*. e 1.535.

[12] Ésquilo: *loc. cit*.; Sófocles: *Electra* 445-446.

[13] Homero: *Odisseia* XI. 400 e 442; Pausânias: II. 16. 5; Virgílio: *Eneida* VII. 723; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 695; Ovídio: *A arte de amar* III. 13. 31.

[14] Sófocles: *Electra* 278-281; Homero: *Odisseia* III. 263; XI. 405 e VI. 512 *et seq*.

[15] Pausânias: II. 16. 5 e III. 19. 5; Píndaro: *Odes píticas* I. 32; Homero: *Ilíada* IV. 228.

[16] Homero: *Odisseia* IV. 512 *et seq*. e 581 *et seq*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 112-114 e 1.369; Pausânias: VII. 5. 5.

113

A VINGANÇA DE ORESTES

Orestes foi criado por seus carinhosos avós Tíndaro e Leda e, quando criança, acompanhou Clitemnestra e Ifigênia a Áulis,[1] embora algumas tradições afirmem que Clitemnestra o enviou à Fócida pouco antes do regresso de Agamênon; e outras ainda que, na véspera do assassinato, Orestes, que então contava dez anos de idade, foi salvo por sua abnegada pajem Arsínoe, ou Laodâmia, ou Geilissa, que enviou o próprio filho para ficar no aposento das crianças da família real, permitindo assim que Egisto o matasse no lugar de Orestes.[2] Há ainda outras versões segundo as quais sua irmã Electra, com a ajuda do velho tutor de seu pai, envolveu-o numa túnica bordada com desenhos de animais selvagens tecida por ela mesma, retirando-o furtivamente da cidade.[3]

b. Após ocultá-lo por certo tempo entre os pastores do rio Tano, que separa a Argólida da Lacônia, o tutor foi com Orestes à corte de Estrófio, firme aliado da Casa de Atreu, que governava Crisa, nas encostas do monte Parnaso.[4] Estrófio havia se casado com a irmã de Agamênon, chamada Astioqueia, ou Anaxíbia, ou Cindrágora. Em Crisa, Orestes encontrou um excelente companheiro de brincadeiras, o aventureiro Pílades, filho de Estrófio, que era um pouco mais jovem que ele; sua amizade estava destinada a ser proverbial.[5] Para desgosto de Orestes, ele soube, pelo velho tutor, que o cadáver de Agamênon havia sido retirado da casa e que Clitemnestra o havia enterrado às pressas, sem as devidas libações nem ramos de mirto, e que o povo de Micenas havia sido proibido de participar do funeral.[6]

c. Egisto reinou em Micenas por sete anos; passeava no carro de Agamênon, sentava-se em seu trono, empunhava seu cetro, vestia-se com suas túnicas, dormia no seu leito e dilapidava suas riquezas. Mas, apesar de toda essa ostentação de realeza, ele não passava de um servo de Clitemnestra, quem de

fato governava Micenas.[7] Quando se embebedava, ele costumava saltar sobre a tumba de Agamênon e apedrejar a lápide enquanto gritava: “Vamos, Orestes, venha defender o que é seu!” Entretanto, a verdade é que ele vivia com um abjeto temor de vingança, mesmo quando se encontrava rodeado por seu corpo de guarda estrangeira, de toda a confiança; era-lhe impossível dormir serenamente uma noite sequer, e havia oferecido uma recompensa em ouro a quem desse cabo de Orestes.[8]

d. Electra havia se comprometido em matrimônio com seu primo Castor, de Esparta, antes de ele morrer e ser elevado à categoria de semideus. Embora os principais príncipes da Grécia disputassem agora a sua mão, Egisto temia que ela pudesse ter um filho que viesse a vingar Agamênon, razão pela qual anunciou que nenhum pretendente seria aceito. De bom grado ele teria aniquilado Electra, que por ele nutria um ódio implacável, evitando que ela partilhasse o leito em segredo com algum dos funcionários do palácio e, assim, lhe desse um bastardo; mas Clitemnestra, que não tinha a consciência pesada por sua participação no assassinato de Agamênon, embora temesse não ser do agrado dos deuses, proibiu-o de assim proceder. Não obstante, ela permitiu que ele casasse Electra com um camponês de Micenas, o qual, com medo de Orestes e por ser casto por natureza, jamais chegou a consumar tal união desigual.[9]

e. Assim, negligenciada por Clitemnestra, que dera a Egisto três filhos chamados Erígone, Aletes e a segunda Helena, Electra viveu na mais absoluta miséria, submetida a uma estreita e constante vigilância. Finalmente decidiu-se que, a menos que aceitasse o seu destino, como havia feito sua irmã Crisotêmis, e se abstivesse de acusar publicamente Egisto e Clitemnestra de “adúlteros assassinos”, ela seria desterrada para alguma cidade longínqua e lá trancada num calabouço em que a luz do sol jamais penetraria. Mas Electra desprezava Crisotêmis pelo seu servilismo e sua deslealdade a Agamênon, e com frequência enviava a Orestes, em segredo, lembretes da vingança que ele deveria cumprir.[10]

f. Orestes, que já havia atingido a idade adulta, visitou o Oráculo de Delfos para perguntar se devia ou não aniquilar os assassinos de seu pai. A resposta de Apolo, autorizada por Zeus, foi que, se ele se negasse a vingar Agamênon, tornar-se-ia um pária da sociedade, ser-lhe-ia vedada a entrada a todos os altares e templos e o acometeria uma lepra que lhe devoraria a carne, da qual brotaria um bolor branco.[11] Foi-lhe recomendado que fizesse libações junto à tumba de Agamênon, que deixasse sobre ela uma mecha de seu cabelo e que, sem a ajuda de lanceiros, aplicasse astutamente o devido castigo aos assassinos. Ademais, a pitonisa observou que as Erínias não perdoariam facilmente um matricídio e, portanto, em nome de Apolo, ela deu a Orestes um arco de chifre com o qual ele

poderia repelir seus ataques caso se tornassem insuportáveis. Após cumprir suas ordens, Orestes deveria retornar a Delfos, onde Apolo o protegeria.[12]

g. No oitavo ano — ou, segundo algumas tradições, ao cabo de vinte anos — Orestes regressou secretamente a Micenas, passando por Atenas, decidido a matar Egisto e sua mãe.[13]

Certa manhã, acompanhado por Pílades, ele foi visitar a tumba de Agamênon e, uma vez ali, cortando uma mecha de seu cabelo, invocou Hermes Infernal, patrono da paternidade. Ao ver que se aproximava um grupo de escravas maltrapilhas e descabeladas para atuar como carpideiras, ele se refugiou numa moita densa para observá-las. Na noite anterior, Clitemnestra havia sonhado que dava à luz uma serpente, que ela envolvia em fraldas e amamentava. De repente, ela começou a gritar durante o sono, alarmando todo o palácio e dizendo que a serpente havia-lhe arrancado sangue do peito, além de leite. A opinião dos adivinhos com quem se consultou foi que ela havia incorrido na ira dos mortos; e essas escravas carpideiras estavam indo, em seu nome, fazer libações na tumba de Agamênon com a esperança de aplacar o seu espírito. Electra, que ia em meio a elas, fez as libações em seu próprio nome, não no de sua mãe, suplicou a Agamênon que se vingasse em vez de perdoar, e rogou a Hermes que invocasse a Mãe Terra e os deuses do mundo subterrâneo para que escutassem a sua prece. Ao observar que havia uma mecha de cabelo sobre a tumba, ela deduziu que só podia pertencer a Orestes, primeiro porque se parecia muito com o cabelo dele na cor e na textura e, em segundo lugar, porque nenhuma outra pessoa atrever-se-ia a realizar tal oferenda.[14]

h. Debatendo-se entre a dúvida e a esperança, Electra comparava seus pés às pegadas que Orestes havia deixado no chão junto à tumba, descobrindo nelas algo de familiar, quando ele saiu de seu esconderijo, demonstrando-lhe que a mecha era sua e envergando a túnica com que havia fugido de Micenas.

Electra o acolheu com grande alegria e juntos invocaram seu antepassado, o Pai Zeus, a quem recordaram que Agamênon sempre lhe havia rendido grandes honras e que, se a Casa de Atreu se extinguisse, não restaria ninguém em Micenas que lhe oferecesse as costumeiras hecatombes, pois Egisto adorava outras divindades.[15]

i. Quando as escravas relataram a Orestes o sonho de Clitemnestra, ele reconheceu a si mesmo na serpente e declarou que caberia a ele o papel da astuta rastejante: extrair sangue do corpo traiçoeiro de sua mãe. Ele então ordenou a Electra que entrasse no palácio e nada dissesse sobre o seu encontro; ele e Pílades viriam em seguida até o portão e pediriam abrigo, alegando serem suplicantes estrangeiros provenientes da Fócia, e simulando o dialeto parnasiano.

Se o porteiro recusasse sua entrada, a falta de hospitalidade de Egisto escandalizaria a cidade; se os admitisse, não deixariam de se vingar.

Logo Orestes bateu no portão do palácio e perguntou pelo dono ou dona da casa, tendo vindo recebê-lo a própria Clitemnestra, que não o reconheceu. Fingiu ser um eólio da Dáulide, que lhe trazia más notícias de um certo Estrófio, que ele havia conhecido por acaso na estrada de Argos. A notícia era que seu filho Orestes havia morrido e que suas cinzas haviam sido guardadas numa urna de bronze. Estrófio desejava saber se as devia enviar a Micenas ou enterrá-las em Crisa.[16]

j. Clitemnestra convidou Orestes a entrar e, ocultando dos criados sua alegria, ela enviou sua velha pajem, Geilissa, atrás de Egisto, que se encontrava num templo próximo. Mas, apesar do disfarce, Geilissa reconheceu Orestes e, alterando a mensagem, disse a Egisto que se regozijasse pois já poderia vir em segurança, sozinho e desarmado, cumprimentar os portadores de boas notícias — o inimigo estava morto.[17]

Sem suspeitar de nada, Egisto entrou no palácio, aonde, para distrair ainda mais a atenção, acabara de chegar Pílades, trazendo uma urna de bronze. Ele disse a Clitemnestra que a urna continha as cinzas de Orestes, que Estrófio havia decidido enviar a Micenas. Essa aparente confirmação da primeira mensagem afastou definitivamente todas as dúvidas da mente de Egisto, o que permitiu a Orestes desembainhar facilmente a espada e matá-lo. Então, Clitemnestra reconheceu o filho e tentou abrandar-lhe o coração, mostrando-lhe o peito desnudo e apelando ao seu dever filial. Mas Orestes a decapitou de um só golpe com a mesma espada, fazendo com que ela caísse ao lado do corpo de seu amante. Em pé diante dos corpos, ele se dirigiu aos criados do palácio, erguendo a rede ainda manchada de sangue com a qual Agamênon havia morrido, desculpando-se eloquentemente pelo assassinato de Clitemnestra, recordando sua traição e acrescentando que Egisto havia sofrido a punição que a lei prescrevia aos adúlteros.[18]

k. Não de todo satisfeito por matar Egisto e Clitemnestra, Orestes acabou depois com a segunda Helena, filha de ambos, e Pílades deu conta dos filhos de Náuplio, que haviam aparecido para socorrer Egisto.[19]

l. Há quem diga, entretanto, que tais acontecimentos ocorreram em Argos, no terceiro dia do festival de Hera, pouco antes do início da procissão das virgens. Egisto havia preparado um banquete para as ninfas perto dos prados dos cavalos antes de sacrificar um touro a Hera, e estava reunindo ramos de mirto para fazer uma grinalda para a cabeça. Acrescente-se que Electra encontrou Orestes junto à tumba de Agamênon e que, a princípio, ela não acreditou que se tratava de seu irmão perdido há tanto tempo, apesar da semelhança de seu cabelo

e da túnica que lhe mostrou. Ela finalmente convenceu-se por causa de uma cicatriz que ele tinha na testa, adquirida numa caçada a um cervo da qual participaram certa vez, ainda crianças.

m. Obedecendo às instruções que ela lhe deu em voz baixa, Orestes dirigiu-se de imediato ao altar onde haviam sacrificado o touro e, quando Egisto se inclinava para examinar as entranhas do animal, ele lhe cortou a cabeça com o machado sacrifical. Enquanto isso, Electra, a quem ele presenteou com a cabeça, atraiu Clitemnestra para fora do palácio com a falsa desculpa de que, dez dias antes, ela havia dado à luz um filho de seu marido camponês. Quando Clitemnestra, ansiosa por conhecer seu primeiro neto, chegou à cabana, Orestes, que a esperava atrás da porta, matou-a sem misericórdia.[20]

n. Outras versões, embora concordem com o fato de que o assassinato ocorreu em Argos, afirmam que Clitemnestra enviou Crisotêmis à tumba de Agamênon com as libações, pois havia sonhado que Agamênon, ressuscitado, arrancara o cetro das mãos de Egisto e o fincara na terra com tanta firmeza que ele florescera e desenvolvera galhos que lançaram uma sombra sobre todo o território de Micenas. Segundo esse relato, a notícia que enganou Egisto e Clitemnestra foi a de que Orestes havia morrido acidentalmente enquanto competia numa corrida de carros nos jogos píticos, e que Orestes não mostrou a Electra uma mecha de cabelo, nem uma túnica bordada, nem uma cicatriz como prova de sua identidade, mas o selo de Agamênon, entalhado num pedaço do ombro de marfim de Pélope.[21]

o. Outras tradições negam que Orestes tenha matado Clitemnestra com as próprias mãos, dizendo que ele a submeteu a um tribunal de juízes que a condenaram à morte, e que sua única culpa, se é que se pode chamá-la assim, foi a de não haver intercedido em favor de sua mãe.[22]

1. Este é um mito crucial, que apresenta numerosas versões. O olimpismo havia se formado como uma religião de compromisso entre o princípio matriarcal pré-helênico e o princípio patriarcal helênico, a família divina consistindo, inicialmente, em seis deuses e seis deusas. Manteve-se um incômodo equilíbrio de poder até Atena voltar a nascer da cabeça de Zeus, e Dionísio, renascido a partir de sua coxa, tomar o assento de Héstia no Conselho Divino (vide 27. *k*). A partir desse momento, ficou assegurada a preponderância

masculina em todos os debates divinos — situação que se projetou sobre a Terra — e as antigas prerrogativas das deusas poderiam ser exitosamente desafiadas.

2. A herança matrilinear era um dos axiomas tomados da religião pré-helênica. Posto que todos os reis tinham de ser necessariamente estrangeiros que passavam a governar em virtude de seu casamento com uma herdeira ao trono, os príncipes reais começaram a considerar sua mãe como o principal suporte do reino e o matricídio, como um crime abominável. Eles eram criados com base nos mitos da religião anterior, segundo a qual o rei sagrado havia sempre sido enganado por sua esposa-deusa, assassinado por seu herdeiro e vingado por seu filho; eles sabiam que o filho nunca punia a sua mãe adúltera, que havia atuado com toda a autoridade da deusa a quem ela servia.

3. A antiguidade do mito de Orestes é evidente por causa de sua amizade com Pílades, com quem mantinha exatamente a mesma relação que Teseu com Pirítoo. Na versão arcaica, ele era sem dúvida um príncipe fócio que matou ritualmente Egisto ao término dos oito anos de seu reinado, transformando-se no novo rei ao se casar com Crisotêmis, filha de Clitemnestra.

4. Outros vestígios narrativos da versão arcaica subsistem em Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Egisto morre durante o festival da deusa da morte, Hera, enquanto corta ramos de mirto, e o matam como o touro de Minos, com o machado sacrifical. O fato de Geilissa salvar Orestes (“montanhês”), envolvendo-o numa túnica “bordada com feras”, e a estada do tutor entre os pastores de Tano evocam a conhecida história do príncipe real envolto numa túnica, como no mito de Hipótoo (vide 49. *a*). O fato de Geilissa haver substituído a vítima régia pelo seu próprio filho se refere, talvez, a uma etapa da história religiosa em que o menino que substituía anualmente o rei havia deixado de ser membro do clã real.

5. Até que ponto, então, podem-se aceitar as características principais da história tal como é apresentada pelos dramaturgos áticos? Embora seja pouco provável que as Erínias tenham sido introduzidas injustificadamente no mito — o que, como no de Alcmeão e Erifila (vide 107. *d*), parece ter sido uma advertência moral contra a mínima desobediência, a injúria e o insulto com que um filho pudesse tratar sua mãe —, é igualmente improvável que Orestes tenha matado Clitemnestra. Se o tivesse feito, Homero sem dúvida teria mencionado o fato e teria se abstido de chamá-lo de “semelhante aos deuses”; mas ele escreve somente que Orestes matou Egisto, cujo banquete fúnebre foi celebrado junto com o de sua odiada mãe (*Odisseia* III. 306 *et seq*.). Da mesma maneira, a *Crônica pariana* também não menciona o matricídio na acusação contra Orestes. É provável, portanto, que Sérvio tenha conservado o relato verdadeiro: que Orestes, após matar Egisto, limitou-se a entregar Clitemnestra à justiça popular

— conduta significativamente recomendada por Tíndaro no *Orestes* de Eurípides (496 *et seq*.). Entretanto, ofender uma mãe negando-se a defender sua causa, por pior que ela tenha se comportado, era motivo suficiente, segundo a antiga lei divina, para fazer com que as Erínias o perseguissem.

6. Assim, parece que este mito, que era bastante corrente, havia colocado a mãe de família numa posição tão forte no caso de disputa familiar, que o sacerdócio de Apolo e o da Atena nascida de Zeus (traidora da velha religião) decidiram suprimi-lo. Conseguiram isso fazendo com que Orestes não se limitasse a submeter Clitemnestra a juízo, mas que também a matasse e depois alcançasse a absolvição no tribunal mais venerável da Grécia, com o apoio de Zeus e a intervenção pessoal de Apolo, que também havia incitado Alcmeão a assassinar sua mãe traidora Erifila. A intenção dos sacerdotes era a de anular, de uma vez por todas, o axioma religioso segundo o qual a maternidade é mais divina que a paternidade.

7. Na versão revista, admitem-se o casamento patrilocal e a descendência patrilinear, enquanto as Erínias são exitosamente desafiadas. Electra, cujo nome ("âmbar") indica o culto paternal de Apolo Hiperbóreo, contrasta favoravelmente com Crisotêmis, cujo nome recorda que o antigo conceito da lei matriarcal continuava prevalecendo na maior parte da Grécia, e cuja "subordinação" a sua mãe havia sido até então considerada piedosa e nobre. Electra está "totalmente a favor do pai", como a Atena nascida de Zeus. Ademais, as Erínias haviam intervindo sempre e unicamente em favor da mãe; e Ésquilo força a linguagem ao falar das Erínias portadoras do vingador sangue paterno (*As Suplicantes* 283-284). A ameaça de Apolo segundo a qual Orestes seria acometido pela lepra se não matasse a própria mãe era um grande atrevimento, pois infligir ou curar a lepra havia sido, desde muito tempo, prerrogativa exclusiva da Deusa Branca Lepreia, ou Alfito (*A deusa branca*, capítulo 24). Na continuação, nem todas as Erínias aceitam o veredicto délfico de Apolo, e Eurípides apazigua suas espectadoras, permitindo que os Dióscuros sugiram que as determinações de Apolo haviam sido imprudentíssimas (*Electra* 1.246).

8. As grandes variações na cena do reconhecimento e na trama mediante a qual Orestes consegue matar Egisto e Clitemnestra são interessantes somente como prova de que os dramaturgos clássicos não se encontravam amarrados pela tradição. Sua versão era uma nova versão de um mito antigo, e tanto Sófocles como Eurípides trataram de superar Ésquilo, o primeiro a formulá-lo, apresentando a ação de modo mais plausível.

NOTAS

[1] Eurípides: *Orestes* 462 e *Ifigênia em Áulis* 622.

[2] Ésquilo: *Agamênon* 877 *et seq*. e *As Suplicantes* 732; Eurípides: *Electra* 14 *et seq*.; Píndaro: *Odes píticas* XI. 17, com escoliasta.

[3] Apolodoro: *Epítome* VI. 24; Eurípides: *loc. cit.* e 542 *et seq*.; Ésquilo: *As Suplicantes* 232.

[4] Eurípides: *Electra* 409-412; Sófocles: *Electra* 11 *et seq*.; Píndaro: *Odes píticas* XI. 34-36.

[5] Higino: *Fábula* 117; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides 33, 764 e 1.235; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 921; Apolodoro: *Epítome* VI. 24; Ovídio: *Epístolas pônticas* III. 2. 95-98.

[6] Eurípides: *Electra* 289 e 323-325; Ésquilo: *As Suplicantes* 431.

[7] Homero: *Odisseia* III. 305; Eurípides: *Electra* 320 *et seq*. e 931 *et seq*. Sófocles: *Electra* 267 *et seq*. e 651.

[8] Eurípides: *Electra* 33, 320 *et seq*. e 617 *et seq*. Higino: *Fábula* 119.

[9] Eurípides: *Electra* 19 *et seq*.; 253 *et seq*. e 312 *et seq*.

[10] Higino: *Fábula* 122; Ptolomeu Hefestionos: IV, citado por Fócio, p. 479; Eurípides: *Electra* 60-64; Ésquilo: *As Suplicantes* 130 *et seq*. Sófocles: *Electra* 341 *et seq*.; 379 *et seq*. e 516 *et seq*.

[11] Apolodoro: *Epítome* VI. 24; Ésquilo: *Eumênides* 622 e *As Suplicantes* 269 *et seq*.

[12] Sófocles: *Electra* 36-37 e 51-52; Eurípides: *Orestes* 268-270; Ésquilo: *As Suplicantes* 1.038.

[13] Homero: *Odisseia* III. 306 *et seq*.; *Hipótese* da *Electra* de Sófocles; Apolodoro: *Epítome* VI. 25.

[14] Ésquilo: *As Suplicantes*.

[15] Ésquilo: *ibid*.

[16] Ésquilo: *ibid*.

[17] Ésquilo: *ibid*.

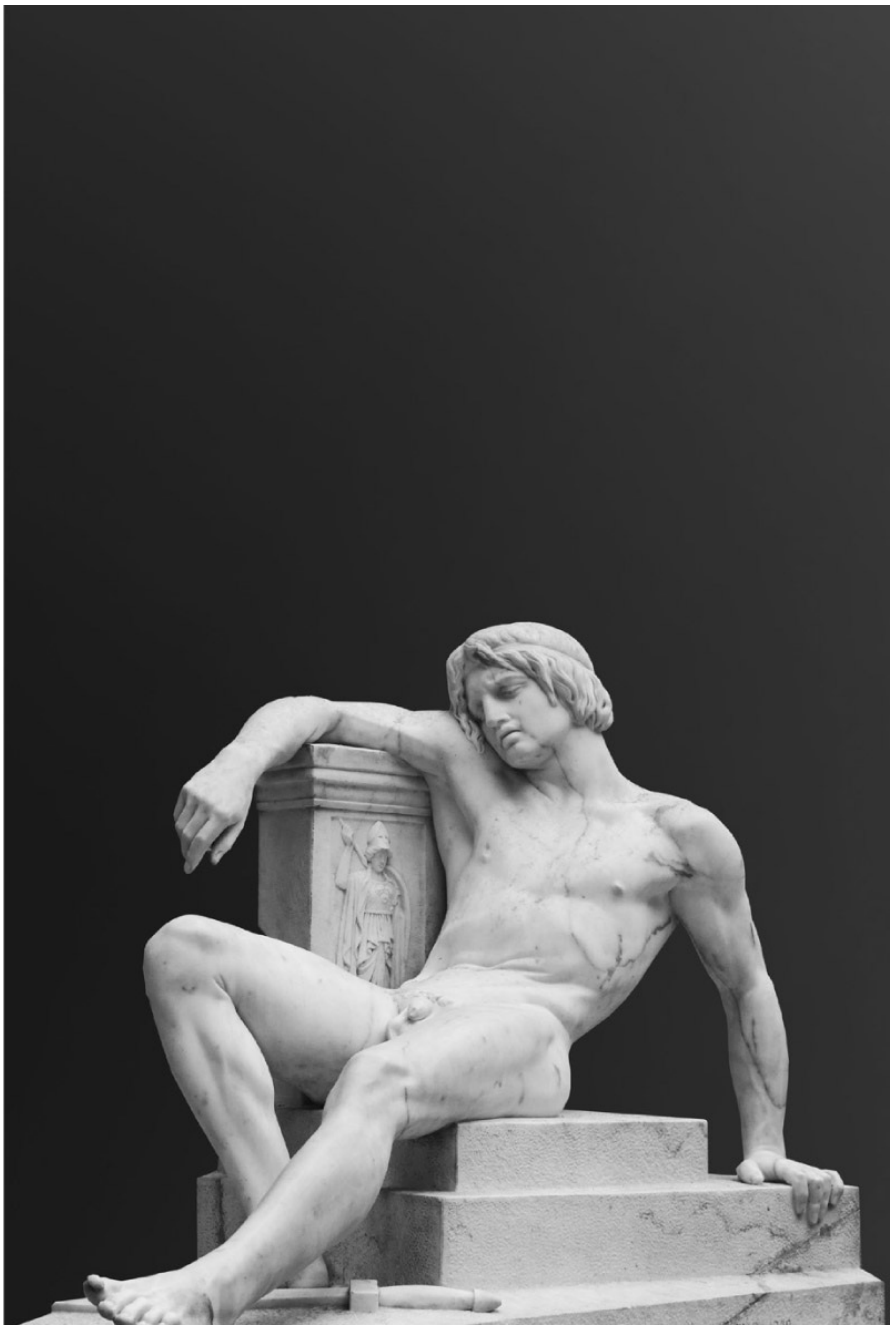
[18] Higino: *Fábula* 119; Ésquilo: *Eumênides* 592 e *As Suplicantes* 973 *et seq*.

[19] Ptolomeu Hefestionos: IV, citado por Fócio, p. 479; Pausânias: I. 22. 6.

[20] Eurípides: *Electra*.

[21] Sófocles: *Electra* 326 e 417 *et seq*.; 47-50 e 1.223, com escoliasta.

[22] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio XI. 268.



ORESTES REFUGIADO NO ALTAR DE PALAS,
de Pierre-Charles Simart
Ruão, França

114

O JULGAMENTO DE ORESTES

Os micênicos que haviam apoiado Orestes em sua inaudita missão não permitiram que os corpos de Clitemnestra e Egisto permanecessem na cidade, exigindo que fossem enterrados além dos limites das muralhas.[1] Naquela noite, Orestes e Pílades montaram guarda na tumba de Clitemnestra para evitar que alguém se atrevesse a profaná-la, mas, durante a vigília, apareceram as Erínias, com serpentes em vez de cabelos, cabeça de cachorro e asas de morcego, agitando seus açoites. Esgotado por esses ferozes ataques, contra os quais pouco servia o arco de chifre de Apolo, Orestes caiu prostrado na cama, onde permaneceu durante seis dias, com a cabeça enrolada numa manta, negando-se a comer e a se lavar.

b. O velho Tíndaro, então, chegou de Esparta e acusou Orestes de haver cometido matricídio, convocando os chefes de Micenas para que julgassem o caso. Ele decretou que, até que se concluísse o julgamento, ninguém deveria falar com Orestes ou Electra, e que ambos fossem privados de abrigo, calor e água. De maneira que Orestes nem sequer pôde lavar as próprias mãos manchadas de sangue. As ruas de Micenas estavam repletas de cidadãos armados, e Éax, filho de Náuplio, regozijou-se com a oportunidade de insultar os filhos de Agamênon.[2]

c. Enquanto isso, Menelau, trazendo tesouros na bagagem, desembarcou em Náuplia, onde um pescador lhe disse que Egisto e Clitemnestra haviam sido assassinados. Ele mandou Helena na frente para confirmar a notícia em Micenas, mas recomendou-lhe que fosse durante a noite, para que os parentes dos que haviam perecido em Troia não a apedrejassem. Helena, constrangida de chorar em público a morte de sua irmã Clitemnestra, pois ela mesma havia causado

mais derramamento de sangue com suas infidelidades, pediu a Electra, que agora cuidava do aflito Orestes:

— Por favor, sobrinha, tome oferendas do meu cabelo e deposite-as sobre a tumba de Clitemnestra após fazer libações para a alma dela.

Mas, quando viu que a vaidade de Helena a impedira de cortar mais do que as pontas do cabelo, Electra se negou a fazê-lo.

— Será melhor que encomende tal tarefa à sua filha Hermíone — foi o seu conselho, dito secamente. Assim, Helena mandou chamar Hermíone no palácio. Ela era apenas uma menina de nove anos quando sua mãe fugiu de casa com Páris, e Menelau a tinha colocado sob a tutela de Clitemnestra no início da Guerra de Troia. Mas Hermíone reconheceu Helena assim que a viu e acatou com obediência o seu pedido.[3]

d. Então, Menelau entrou no palácio, onde foi recebido por seu pai adotivo Tíndaro, envolto em luto fechado, e logo avisou que não pusesse o pé em solo espartano até que fosse dado o merecido castigo a seus sobrinhos criminosos. Tíndaro achava que Orestes devia ter-se contentado em deixar que seus concidadãos desterrassem Clitemnestra. Se houvessem pedido a sua morte, ele deveria ter intercedido em favor dela. Assim como estavam as coisas, eles teriam de ser convencidos, por bem ou por mal, de que não só Orestes, como também Electra, que o incitara, deveriam ser lapidados por matricídio.

e. Temendo ofender Tíndaro, Menelau obteve a sentença desejada. Mas, diante da eloquente defesa feita por Orestes em causa própria, com o devido apoio de Pílades (repudiado a partir de então por Estrófio pela sua participação no assassinato), os juízes comutaram a sentença pela de suicídio. Então Pílades conduziu Orestes, negando-se nobremente a abandonar o amigo e a irmã dele, Electra, com quem estava comprometido em matrimônio, e propôs que, posto que os três iriam morrer, eles deveriam primeiro assassinar Helena, fonte de todas as desgraças que haviam desabado sobre eles, a fim de castigar Menelau pela sua covardia e deslealdade. Assim, enquanto Electra esperava do lado de fora das muralhas o momento para executar o seu desígnio — interceptar Hermíone em seu regresso da tumba de Clitemnestra e retê-la como refém para garantir o bom comportamento de Menelau —, Orestes e Pílades entraram no palácio com as espadas escondidas debaixo dos mantos e se refugiaram no altar central, como se fossem suplicantes. Helena, que estava sentada por ali tecendo lã destinada a uma túnica de púrpura que iria depositar como oferenda na tumba de Clitemnestra, deixou-se enganar por seus lamentos e se aproximou para os cumprimentar. Imediatamente, ambos desembainharam suas espadas e, enquanto Pílades afugentava as escravas frígias de Helena, Orestes tratou de matá-la. Mas Apolo, por ordem de Zeus, transportou-a numa nuvem para o Olimpo, onde ela

se tornou imortal e se uniu aos seus irmãos, os Dióscuros, como guardiã dos marinheiros em perigo.[4]

f. Enquanto isso, Electra já havia capturado Hermíone, introduzindo-a no palácio e trancando os portões. Menelau, ao ver que a morte ameaçava sua filha, ordenou que a salvassem imediatamente. Seus soldados derrubaram os portões e Orestes estava prestes a incendiar o palácio, matar Hermíone e suicidar-se com a espada e o fogo, quando Apolo apareceu providencialmente, arrebatou-lhe a tocha da mão e rechaçou os soldados de Menelau. No silêncio aterrador causado pela sua presença, Apolo ordenou a Menelau que escolhesse outra esposa, que casasse Hermíone com Orestes e voltasse a governar Esparta. O assassinato de Clitemnestra já não tinha por que preocupá-lo, agora que os deuses haviam intervindo.[5]

g. Com um ramo de louro entrelaçado com lã e uma grinalda de flores para indicar que estava sob a proteção de Apolo, Orestes partiu para Delfos, sempre perseguido pelas Erínias. A sacerdotisa pítia ficou aterrada ao vê-lo agachado como um suplicante sobre a pedra de mármore do altar central — manchada com o sangue de suas mãos, que ainda não haviam sido lavadas — e ao ver também o horrível grupo de negras Erínias que dormiam ao seu lado. Mas Apolo a tranquilizou, prometendo-lhe que atuaria como advogado de defesa de Orestes, a quem ordenou que encarasse sua provação com firmeza. Após um período de desterro, ele deveria ir a Atenas e, lá, abraçar a antiga imagem de Atena, a qual, como já haviam profetizado os Dióscuros, o protegeria com sua égide que continha o rosto da Górgona, anulando a maldição.[6] Enquanto as Erínias ainda dormiam um sono profundo, Orestes escapou guiado por Hermes, mas o espírito de Clitemnestra não tardou em penetrar no recinto, e lá ela repreendeu as Erínias, recordando-lhes que, com frequência, ela lhes havia oferecido libações de vinho e horrendos banquetes de meia-noite. Elas portanto despertaram e recomeçaram sua perseguição, zombando de Apolo, que, irado, ameaçava matá-las com suas flechas.[7]

h. O desterro de Orestes durou um ano, período que deve forçosamente transcorrer antes que um homicida possa voltar a conviver com seus concidadãos. Ele passou por lugares distantes, por terra e por mar, perseguido pelas incansáveis Erínias e purificando-se constantemente com o sangue de porcos e correntes de água. Mas esses ritos só conseguiam apartar suas algozes durante uma ou duas horas, e ele não tardou em perder o juízo. Para começar, Hermes o escoltou até Trezena, onde alojou-se no que agora se chama Barraca de Orestes, situada diante do santuário de Apolo. Pouco depois, nove trezenos o purificaram na Rocha Sagrada, próxima do templo de Ártemis Lupina, utilizando para isso a água da fonte Hipocrene e o sangue de vítimas sacrificadas. Um

velho loureiro marca o lugar onde as vítimas foram enterradas mais tarde, e os descendentes desses nove homens ainda se encontram para comer na Barraca, todo ano, num determinado dia.[8]

i. Em frente à ilha de Crânae, a menos de uma milha de Gítio, há uma pedra não lavrada que se chama pedra de Zeus Consolador, sobre a qual sentou-se Orestes, aliviando-se temporariamente de sua loucura. Diz-se também que ele foi purificado em sete riachos das redondezas da cidade italiana de Régio, onde construiu um templo; em três afluentes do rio trácio Hebro e também no rio Orontes, que passa por Antióquia.[9]

j. A cerca de seiscentos metros da estrada que liga Megalópolis a Messênia, do lado esquerdo, pode-ser ver um santuário das Deusas Loucas, um dos títulos das Erínias, que infligiram a Orestes um acesso de loucura; e também um pequeno monte, coroado por um dedo de pedra, chamado Tumba do Dedo. Ele indica o lugar onde, desesperado, Orestes arrancou um de seus dedos com uma mordida a fim de aplacar as deusas negras e, pelo menos, algumas delas mudaram de matiz, tornando-se brancas, de modo que ele conseguiu recuperar a sanidade. Depois, ele raspou a cabeça num santuário próximo, chamado Acé, e fez um sacrifício propiciatório às deusas negras e um outro de ação de graças às brancas. Costuma-se fazer sacrifícios às deusas brancas juntamente com as Graças.[10]

k. Em seguida, Orestes foi viver entre os azanes e os árcades da Planície Parrasiana. Esta, junto com a cidade vizinha chamada anteriormente Orestásio em homenagem ao seu fundador Oresteu, filho de Licaão, mudou o nome para Oresteia. Mas dizem que Oresteia se chamava anteriormente Azânia, e que Orestes foi viver lá só depois de visitar Atenas. Dizem ainda que ele passou o seu exílio no Epiro, onde fundou a cidade de Argos Oréstica e deu seu nome aos paroreus orestianos, epirotas que habitam as abruptas colinas das montanhas ilírias.[11]

l. Passado um ano, Orestes foi visitar Atenas, então governada por seu parente Pandião, ou, segundo outra versão, por Demofoonte. Ele se dirigiu de imediato ao templo de Atena na Acrópole, sentou-se e abraçou a sua imagem. Logo chegaram as Erínias negras, arquejantes, pois haviam perdido o seu rastro quando cruzara o istmo. Embora a princípio ninguém tenha desejado recebê-lo por ele ser vítima da ira dos deuses, pouco depois algumas pessoas se atreveram a convidá-lo a suas casas, onde ele se sentava a uma mesa separada e bebia de uma taça de vinho distinta.[12]

m. Às Erínias, que já haviam começado a acusá-lo diante dos atenienses, logo uniram-se Tíndaro e sua neta Erígone, filha de Egisto e Clitemnestra, e, segundo algumas versões, também Perileu, primo de Clitemnestra e filho de

Icário. Atena, porém, que havia escutado a súplica de Orestes pronunciada às margens do Escamandro, seu recém-adquirido território troiano, apressou-se a ir para Atenas, fez os cidadãos mais nobres prestarem juramento como juízes e convocou o Areópago para julgar aquilo que era, naquele momento, apenas o segundo caso de homicídio que se apresentava diante dele.[13]

n. No seu devido tempo, o julgamento ocorreu, Apolo se apresentando como advogado de defesa e a mais velha das Erínias, como promotor público. Num eloquente discurso, Apolo negou a importância da maternidade, afirmando que a mulher não era mais que o sulco inerte em que o marido depositava sua semente, e que a ação de Orestes estava sobejamente justificada pois o pai era o único progenitor merecedor desse nome. Tendo havido empate na votação, Atena declarou-se completamente a favor do pai, e seu voto decisivo favoreceu Orestes. Assim, absolvido de maneira honrosa, ele voltou feliz para a Argólida e jurou que seria um aliado fiel de Atenas enquanto vivesse. As Erínias, entretanto, lamentaram aos gritos a abolição dessa antiga lei, levada a cabo por deuses que surgiram do nada, e Erígone, incapaz de suportar tamanha mortificação, enforcou-se.[14]

o. Sobre o fim de Helena sobrevivem outros três relatos contraditórios. O primeiro diz que, em cumprimento à profecia de Proteu, ela voltou a Esparta e lá viveu com Menelau em paz, bem-estar e prosperidade, até ambos irem de mãos dadas aos Campos Elísios. O segundo garante que ela fez junto com ele uma visita aos tauros e que, lá, Ifigênia os sacrificou, ambos, a Ártemis. O terceiro reza que Polixo, viúva do rei Tleptólemo de Rodes, vingou sua morte mandando algumas de suas servidoras, disfarçadas de Erínias, enforcar Helena.[15]

1. A tradição segundo a qual as Erínias de Clitemnestra enlouqueceram Orestes não pode ser descartada como uma invenção dos dramaturgos áticos; ela havia sido criada há muito tempo, não só na Grécia, como também na Magna Grécia. Mas, tal como o crime de Édipo, por causa do qual as Erínias o perseguiram até a morte, não por ter matado a própria mãe, mas por ter ele inadvertidamente causado o suicídio dela (vide 105. *k*), o assassinato cometido por Orestes parece também ter sido apenas de segundo grau, ou seja, ele havia faltado ao seu dever filial por não ter-se oposto à sentença de morte ditada pelos micênicos. Era muito fácil influir no ânimo do tribunal, como logo demonstraram Menelau e Tíndaro ao obterem a pena de morte para Orestes.

2. As Erínias eram a personificação da consciência pesada, a qual é capaz, assim como ainda ocorre na Melanésia pagã, de matar um homem que havia temerária ou deliberadamente violado um tabu. O homem em questão enlouquecerá e saltará do alto de um coqueiro ou, como Orestes, envolverá a cabeça num manto e se negará a comer e beber até morrer de inanição, mesmo se ninguém souber da sua culpa. Paulo teria tido uma sorte semelhante em Damasco não fosse a chegada oportuna de Ananias (*Atos* IX. 9 *et seq*.). O método grego habitual para se purificar de um homicídio ordinário consistia em que o homicida sacrificasse um porco e, enquanto o espírito da vítima bebia vorazmente o seu sangue, ele ia se lavar numa corrente de água, raspar a cabeça para mudar de aspecto e exilar-se durante um ano, para que a alma vingativa perdesse o seu rastro. Antes de se purificar dessa maneira, seus vizinhos evitavam-no por considerar que trazia má sorte e não permitiam que ele entrasse em suas casas ou partilhasse sua comida, com medo de se verem envolvidos em seus problemas. Ademais, ele tinha também de levar em conta a família da vítima, pois a alma dela pedia que eles a vingassem. Contudo o sangue de uma mãe trazia consigo uma maldição tão poderosa que os meios de purificação comuns não serviam e, à exceção do suicídio, o meio mais extremo consistia em arrancar um dedo com uma mordida. Tal automutilação parece ter tido sucesso, ao menos parcial, no caso de Orestes. Da mesma maneira, Hércules, a fim de aplacar a atormentada Hera, teve de arrancar o dedo que, segundo se diz, ele teria perdido enquanto lutava com o leão de Nemeia (vide 123. *e*). Em algumas regiões dos Mares do Sul, corta-se sempre a articulação de um dedo quando morre algum parente próximo, mesmo que tenha morrido de morte natural. Nas Eumênides (397 *et seq*.), Ésquilo disfarça, ao que parece, uma tradição segundo a qual Orestes fugiu para a Tróade e lá viveu, livre do flagelo das Erínias, sob a proteção de Atena, num terreno de aluvião arrancado ao Escamandro e, portanto, livre da maldição (vide 107. *e*). Por que outro motivo, então, haveria de se mencionar a Tróade?

3. As libações de vinho, em vez das de sangue, e as oferendas de pequenas mechas de cabelo em vez de toda a cabeleira eram emendas clássicas desse ritual de apaziguamento, cujo significado caiu em desuso, como ocorre com o atual costume de vestir negro em sinal de luto, que ninguém mais relaciona conscientemente à antiga tradição de enganar as almas mediante a alteração da aparência normal.

4. O imaginativo relato de Eurípides acerca do que sucedeu quando Helena e Menelau voltaram a Micenas não contém qualquer elemento mítico, à exceção da apoteose dramática de Helena. Ademais, Helena, como deusa-Lua, havia sido a padroeira dos marinheiros muito antes de os Gêmeos Celestiais terem sido

reconhecidos como uma constelação. Assim como Ésquilo, Eurípides estava escrevendo propaganda religiosa: a absolvição de Orestes é testemunho do triunfo final do patriarcado, e ele é encenado em Atenas, onde Atena — anteriormente a deusa líbia Neith, ou a palestina Anata, matriarca suprema, mas agora renascida da cabeça de Zeus, e que, como insiste Ésquilo, não reconhecia uma mãe divina — tolera o matricídio, até mesmo o de primeiro grau. Os dramaturgos atenienses sabiam que esse tema revolucionário não poderia ser aceito em outras partes da Grécia, de modo que Eurípides faz com que Tíndaro, como representante de Esparta, declare apaixonadamente que Orestes deve morrer, e com que os Dióscuros se atrevam a condenar Apolo por haver incitado o crime.

5. O nome de Orestes, "montanhês", relaciona-o com um distrito selvagem e montanhoso da Arcádia, que pouco provavelmente teria sido visitado por qualquer rei de Micenas.

6. Essas versões alternativas da morte de Helena são-nos oferecidas por diferentes razões. A primeira tem como finalidade explicar o culto de Helena e Menelau em Terapne; a segunda é uma versão teatral do relato da visita de Orestes aos tauros (vide 116. *a*-*g*); a terceira explica o culto ródio de Helena Dendritis, "Helena Arbórea", que é o mesmo personagem que Ariadne e a outra Erígone (vide 79. *2* e 88. *10*). Essa Erígone também foi enforcada.

NOTAS

[1] Pausânias: II. 16. 5.

[2] Eurípides: *Orestes*.

[3] Homero: *Odisseia* III. 306 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* III. 3; Eurípides: *ibid*.

[4] Eurípides: *ibid*.

[5] Eurípides: *ibid*.

[6] Higino: *Fábula* 120; Ésquilo: *As Suplicantes* 1.034 *et seq*. e *Eumênides* 34 *et seq*.; 64 *et seq*. e 166-167; Eurípides: *Electra* 1.254-1.257.

[7] Ésquilo: *Eumênides* 94 *et seq*.; 106-109 e 179 *et seq*.

[8] Asclepíades, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 1.645; Ésquilo: *Eumênides* 235 *et seq*. e 445 *et seq*.; Pausânias: II. 31. 7 e 11.

[9] Pausânias: III. 22. 1; Varrão, citado por Probo sobre as *Églogas* de Virgílio: I. 4, ed. Keil; Lamprídio: *Vida de Heliogábalo* VII. p. 809; Libânio: XI. 366d.

[10] Pausânias: VIII. 34. 1-2.

[11] Eurípides: *Orestes* 1.645-1.647 e *Electra* 1.254 *et seq*.; Pausânias: VIII. 3. 1; Estêvão de Bizâncio *sub* Azânia; Estrabão: VII. 7. 8.

[12] Escoliasta sobre os *Cavaleiros* de Aristófanes 95; *Os Acarnanianos* 960; *Crônica pariana* 40 *et seq*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.374; Ésquilo: *Eumênides* 235 *et seq*.; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 947 *et seq*.

[13] Apolodoro: *Epítome* VI. 25; Pausânias: VIII. 34. 2; Ésquilo: *Eumênides* 379, 470 *et seq*. e 681 *et seq*.

[14] Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 961 *et seq*.; Ésquilo: *Eumênides* 574 *et seq*.; 734 *et seq*. e 778 *et seq*.; *Etymologicum Magnum*, p. 42: *sub* Aiõra.

[15] Homero: *Odisseia* IV. 561; Ptolomeu Hefestionos: IV; Pausânias: III. 19. 10.

115

A PACIFICAÇÃO DAS ERÍNIAS

Em agradecimento por sua absolvição, Orestes dedicou um altar a Atena Belicosa, mas, caso a sentença não fosse revogada, as Erínias ameaçaram deixar cair uma gota de sangue de seus corações, a qual tornaria a terra estéril, arruinaria as colheitas e destruiria toda a progênie de Atenas. Não obstante, Atena acalmou a sua ira valendo-se da lisonja: reconheceu que elas eram muito mais sábias que ela e sugeriu-lhes que deveriam fixar residência numa gruta de Atenas, onde reuniriam uma multidão enorme de adoradores, mais do que poderiam esperar encontrar em qualquer outra parte; teriam altares nas casas, adequados às divindades do mundo subterrâneo, e sacrifícios moderados seriam oferecidos a elas, libações à luz de tochas, primícias após a consumação do matrimônio ou do nascimento dos filhos e, inclusive, assentos no Erectêion. Se aceitassem esse convite, Atena decretaria que nenhuma casa que não lhes rendesse culto poderia prosperar; mas elas, em troca, deveriam comprometer-se a invocar ventos favoráveis para os seus barcos, fertilidade para a sua terra e casamentos fecundos para os habitantes de sua cidade — além de extirpar os ímpios, de modo que ela pudesse conceder a Atenas a vitória nas guerras. Assim, após uma breve deliberação, as Erínias aceitaram de bom grado as propostas.

b. Com expressões de agradecimento e de bons votos, e encantamentos contra os maus ventos, contra a seca, as pragas e a sedição, as Erínias — que doravante foram chamadas de “As Solenes” — despediram-se de Atena e foram conduzidas numa procissão com tochas composta de jovens, matronas e anciãs (vestidas de roxo e portando a antiga imagem de Atena) até a entrada de uma profunda gruta situada no ângulo sudeste do Areópago. Lá, foram-lhes oferecidos os sacrifícios adequados e, em seguida, elas desceram para a gruta,

que é agora um templo oracular e, assim como o templo de Teseu, também um lugar de refúgio para os suplicantes.[1]

c. Entretanto só três dentre as Erínias haviam aceitado a generosa oferta de Atena; as restantes continuaram perseguindo Orestes. Há inclusive quem se atreva a negar que as Solenes realmente tenham sido as Erínias. O primeiro que deu às Erínias o nome de "Eumênides" foi Orestes, no ano seguinte à sua temerária aventura no Quersoneso táurico, quando conseguiu finalmente apaziguar a sua fúria em Carneia com o holocausto de uma ovelha negra. Elas são também chamadas Eumênides em Colono, onde ninguém pode entrar em sua antiga gruta, e na Cerínia aqueia, onde, no fim de sua vida, Orestes dedicou-lhes um novo santuário.[2]

d. Na gruta das Solenes em Atenas — que é vedada apenas aos predestinados duas vezes, isto é, aos homens cuja morte foi chorada prematuramente —, suas três imagens não têm um aspecto mais terrível que o dos deuses infernais que estão ao seu lado, a saber, Hades, Hermes e a Mãe Terra. Lá, os que foram absolvidos pelo Areópago de acusação de assassinato sacrificam uma vítima negra; outras tantas oferendas são feitas às Solenes de acordo com a promessa de Atena; e a cada uma delas atribui-se uma das três noites que o Areópago destina mensalmente aos julgamentos por assassinato.[3]

e. Os ritos das Solenes são realizados em silêncio, e por essa razão o seu sacerdócio é hereditário dentro do clã dos hesíquidas, que oferecem um sacrifício preliminar de um carneiro ao seu antepassado Hesíquio em seu altar de herói, situado do lado de fora dos Nove Portões.[4]

f. Foi dedicado também às Solenes um altar doméstico em Flia, pequeno município da Ática; e um bosque de carvalhos perenes foi-lhes consagrado perto de Titane, na margem mais distante do rio Asopo. No festival celebrado anualmente em sua honra, em Flia, sacrificam-se ovelhas prenhes, realizam-se libações de hidromel e os celebrantes põem flores no lugar das habituais grinaldas de mirto. Ritos análogos realizam-se no altar das Parcas, que se encontra no bosque de carvalhos, desprotegido das intempéries.[5]

1. O "sangue dos corações" das Erínias, com o que elas ameaçaram a Ática, parece ser um eufemismo para o sangue menstrual. Um encantamento imemorial utilizado pelas feiticeiras que desejam amaldiçoar uma casa, uma lavoura ou um estábulo consiste em correr nove vezes sem roupa ao redor do local, no sentido

contrário à trajetória do sol, no período da menstruação. Essa maldição é considerada muito mais perigosa para as colheitas, para o gado e para as crianças durante um eclipse lunar, e absolutamente fatal caso a feiticeira seja uma virgem que esteja menstruada pela primeira vez.

2. Filêmon o Comediante estava certo ao questionar a identificação que os atenienses faziam das Erínias com as Solenes. Segundo as autoridades mais respeitadas, as Erínias eram somente três: Tisífone, Alecto e Megera (vide 31. *g*), que viviam permanentemente no Érebo e não em Atenas. Elas tinham cabeça de cachorro, asas de morcego e serpentes no lugar de cabelos. Entretanto, assim como indica Pausânias, as Solenes eram representadas como matronas augustas. Na verdade, a oferta de Atena não foi tal como relata Ésquilo, mas antes se tratava de um ultimato do sacerdócio da Atena nascida de Zeus às sacerdotisas das Solenes — a antiga deusa tripla de Atenas — conforme o qual, se não aceitassem o novo conceito de que a paternidade era superior à maternidade, e se não consentissem em compartilhar sua gruta com os deuses do Inferno, como Hades e Hermes, elas perderiam o direito a qualquer classe de culto, o que significaria perder suas tradicionais prerrogativas na obtenção de primícias.

3. Os homens predestinados a uma segunda morte eram proibidos de entrar na gruta das deusas do mundo subterrâneo porque era de esperar que elas se ofendessem com o fato de que as pessoas a elas dedicadas continuassem vagando livremente pelo mundo superior. Um conflito parecido produz-se na Índia quando os supostos falecidos saem de um estado de transe semelhante à morte no caminho para a pira fúnebre. Segundo Rudyard Kipling, no século passado,[a] costumava-se negar-lhes a existência oficial, de modo que eles eram levados às escondidas para uma colônia penitenciária destinada aos mortos. O carvalho perene, também chamado carvalho carmim por produzir cochonilhas, da qual os gregos extraíam uma tinta escarlate,[b] era a árvore do herdeiro que matava o rei sagrado e, portanto, apropriada para o bosque das Solenes. Os sacrifícios de ovelhas prenhes, mel e flores certamente as incitavam a não causar danos ao resto do rebanho quando os cordeiros nasciam, assim como a favorecer as abelhas e enriquecer os pastos.

4. A contínua perseguição das Erínias a Orestes, apesar da intervenção de Atena e de Apolo, indica que, no mito original, ele foi a Atenas e à Fócida para se purificar, fracassando, porém; o mesmo ocorre no mito de Erifila, quando Alcmeão foi inutilmente a Psófide e Tesprócia. Como não há relato de que Orestes tenha encontrado a paz na zona aluvial de qualquer rio (vide 107. *e*) — ao menos que fosse o Escamandro (vide 114. *2*) —, o mais provável é que tenha morrido no Quersoneso táurico ou em Brauron (vide 116. *1*).

NOTAS

[a] O século XIX. (N.T.)

[b] Cochonila. (N.T.)

[1] Pausânias: I. 28. 5-6; Porfírio: *Sobre as covas das ninfas* 3; Eurípides: *Electra* 1.272; Aristófanes: *Cavaleiros* 1.312; Ésquilo: *Eumênides* 778-1.047.

[2] Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 968 *et seq*.; Filêmon o Comediante, citado por escoliasta sobre *Édipo em Colono* de Sófocles: 42; *Hipótese* de *As Eumênides* de Ésquilo; Pausânias: VII. 25. 4; Sófocles: *Édipo em Colono* 37 e 42-43.

[3] Hesíquio *sub* Deuteropotmoi; Polemon, citado por escoliasta sobre Sófocles: *loc. cit*. e 89; Pausânias: I. 28. 6; escoliasta sobre *Contra Timarco* de Esquines I. 188c; Luciano: *Sobre o Salão* 18; Ésquilo: *Eumênides* 705.

[4] Hesíquio *sub* Hesíquidas.

[5] Pausânias: I. 31. 2 e II. 11. 4.

116

IFIGÊNIA EM TÁURIDA

Ainda perseguido pelas Erínias, que não haviam levado em conta as eloquentes palavras de Atena, Orestes partiu desesperado para Delfos, onde se atirou ao chão do templo e ameaçou matar-se caso Apolo não o salvasse dos açoites delas. Em resposta, a pitonisa ordenou-lhe que embarcasse para o Bósforo e navegasse até o norte através do mar Negro, pois seus infortúnios só terminariam no momento em que se apoderasse de uma antiga imagem de madeira de Ártemis, que se encontrava em seu templo do Quersoneso táurico, e a levasse para Atenas ou (conforme alguns) para a Argólida.[1]

b. Naquela época, o rei dos tauros era o veloz Toante, filho de Dionísio e Ariadne, e pai de Hipsípile; e seus súditos, os tauros, assim chamados por ter Osíris, certa vez, atrelado touros (*tauroi*) para arar a terra, eram de origem cita.[2] Eles continuam vivendo da rapinagem, como na época de Toante, e, sempre que um de seus guerreiros toma um prisioneiro, ele o decapita, leva a cabeça para casa e lá ele a empala numa alta estaca colocada sobre a chaminé, para que sua família possa viver sob a proteção do morto. Ademais, todo marinheiro que tenha naufragado ou que tenha sido arrastado ao porto deles por uma tempestade é sacrificado publicamente a Ártemis Taura. Após realizarem certos ritos preparatórios, eles o derrubam com uma clava e cravam sua cabeça cortada numa cruz, e então enterram o corpo ou o atiram ao mar do alto do precipício, onde se ergue o templo de Ártemis. Mas se cai nas mãos dos tauros um estrangeiro de estirpe principesca, a sacerdotisa virgem o mata com uma espada e atira o seu corpo ao fogo sagrado, proveniente do Tártaro, que arde no recinto divino. Dizem, porém, que a sacerdotisa, embora supervisione os ritos, execute a purificação preliminar e corte o cabelo da vítima, não a mata pessoalmente. A antiga imagem da deusa que Orestes tinha ordens de capturar havia caído do céu.

Esse templo é sustentado por enormes colunas e chega-se até ele subindo quarenta degraus; o seu altar, de mármore branco, encontra-se permanentemente manchado de sangue.[3]

c. Ártemis Taura tem vários títulos gregos, entre eles Ártemis Taurópolus ou Taurópola, Ártemis Dictina, Ártemis Órtia, Toanteia e Hécate e, para os latinos, ela se chama Trívia.[4]

d. Ifigênia conseguiu escapar ao sacrifício em Áulis graças a Ártemis, que a envolveu numa nuvem e a levou ao Quersoneso táurico, onde ela imediatamente foi nomeada suma sacerdotisa e recebeu o direito exclusivo de manipular a imagem sagrada. A partir desse momento, os tauros passaram a se dirigir a ela chamando-a de Ártemis, Hécate ou Orsíloque. Ifigênia repugnava os sacrifícios humanos, mas obedecia piamente à deusa.[5]

e. Orestes e Pílades não sabiam de nada disso, e continuavam acreditando que Ifigênia havia sido sacrificada no porto de Áulis. Eles partiram rapidamente para o país dos tauros numa embarcação de cinquenta remos. Ao chegarem, ancoraram o barco, deixaram-no aos cuidados de seus remadores e se ocultaram numa caverna marinha. Seu propósito era se aproximar do templo ao anoitecer, mas foram antes surpreendidos por um bando de crédulos pastores que, tomando-os pelos Dióscuros ou por alguma outra dupla de imortais, prostraram-se diante deles e começaram a adorá-los. Nesse momento, Orestes foi acometido de mais um acesso de loucura e começou a mugir como um bezerro e a latir como um cachorro; confundiu um rebanho de bezerros com as Erínias e saiu correndo da caverna, espada em punho, disposto a matá-las. Então os pastores, decepcionados, conseguiram dominar os dois amigos, que, por ordem de Toante, foram conduzidos ao templo para serem sacrificados imediatamente.[6]

f. Durante os ritos preliminares, Orestes conversou em grego com Ifigênia. Eles logo se alegraram em descobrir sua identidade e, ao saber da natureza de sua missão, Ifigênia tratou de levantar a imagem de maneira que ele a pudesse carregar. Mas, de repente, surgiu Toante, impaciente com a lentidão com que se realizava o sacrifício, e então a engenhosa Ifigênia fingiu estar aplacando a imagem. Explicou a Toante que a deusa havia desviado o olhar das vítimas que ele havia enviado, pois um deles era matricida e o outro, o seu cúmplice, de modo que nenhum dos dois servia para o sacrifício. Disse também que ela devia levá-los, juntamente com a imagem que haviam maculado com a sua presença, para serem purificados no mar e oferecer à deusa um sacrifício de jovens cordeiros à luz de tochas. Enquanto isso, Toante deveria purificar o templo com uma tocha, cobrir a cabeça à saída dos estrangeiros e ordenar que todos permanecessem em suas casas para evitar, assim, uma contaminação.

g. Toante, perfeitamente ludibriado, permaneceu por um instante admirado com tanta sagacidade e logo começou a purificar o templo. Em seguida, Ifigênia, Orestes e Pílades precipitaram-se para o litoral levando a imagem, à luz das tochas, mas, em vez de banhá-la no mar, eles a levaram rapidamente para a embarcação. Os servidores do templo táurico que os haviam acompanhado suspeitaram então de traição e opuseram resistência. Após uma luta feroz, eles foram vencidos e os remadores de Orestes zarparam dali, remando a toda velocidade. Mas de repente sobreveio um vendaval que os levou de volta à costa rochosa, e todos teriam perecido não houvesse Poseidon acalmado o mar, a pedido de Atena, com um vento favorável que lhes permitiu alcançar a ilha de Esmintos.[7]

h. Lá viviam Crises, o sacerdote de Apolo, e seu neto, que tinha o mesmo nome, cuja mãe, Criseide, tinha a intenção de entregar os fugitivos a Toante. E, embora algumas versões rezem que Atena visitou Toante, que preparava uma frota para ir ao encalço dos fugitivos, e que o acabou adulando com tanto êxito que ele até mesmo consentiu em repatriar as escravas gregas de Ifigênia, o certo é que ele chegou a Esmintos com intenções puramente criminosas. Então o velho Crises, informado da identidade de seus hóspedes, revelou ao jovem Crises que ele não era, assim como Criseide sempre dissera, filho de Apolo, mas de Agamênon e, portanto, meio-irmão de Orestes e Ifigênia. Ao ouvir isso, Crises e Orestes se uniram contra Toante, a quem eles conseguiram matar, e Orestes, apoderando-se da imagem, navegou jubiloso até Micenas, onde as Erínias, enfim, cessaram de o perseguir.[8]

i. Diz-se, porém, que uma tormenta levou Orestes a Rodes, onde, de acordo com o Oráculo Heliano, ele colocou a imagem numa das muralhas da cidade. Há ainda outra versão segundo a qual, como a Ática era o território para onde Apolo havia ordenado que a imagem fosse levada, Atena o visitou em Esmintos e lhe indicou que seu destino era a cidade fronteiriça de Brauron; que lá ele deveria depositá-la num templo de Ártemis Taurópola e aplacá-la com sangue extraído da garganta de um homem. Ela designou Ifigênia como sacerdotisa desse templo, onde ela estava destinada a terminar os seus dias em paz e onde teria a prerrogativa, entre outras coisas, sobre as roupas das mulheres ricas que morressem de parto. Segundo tal versão, o barco chegou finalmente ao porto de Brauron, onde Ifigênia depositou a imagem e depois, enquanto o templo era construído, foi com Orestes a Delfos. Ela encontrou Electra no templo e a levou de volta a Atenas para que se casasse com Pílades.[9]

j. Aquela que se supõe ser a imagem autêntica de madeira de Ártemis Taura ainda pode ser vista em Brauron. Alguns dizem, contudo, que se trata de uma cópia, e que da original apoderou-se Xerxes durante sua fatídica expedição

contra a Grécia, levando-a para Susa. Eles dizem, ainda, que, mais tarde, o rei Seleuco da Síria presenteou-a aos laodicenos, que a veneram até hoje. Outros, que resistem em atribuir sua captura a Xerxes, dizem que o próprio Orestes, na viagem de regresso à pátria a partir do Quersoneso táurico, foi levado por uma tormenta para uma região agora chamada Selêucia, onde ele deixou a imagem, e que os nativos mudaram o nome do monte Melâncio, onde ele finalmente curou-se de sua loucura, para monte Amanon, que quer dizer “cordato”, em sua homenagem. Mas os lídios, que têm um templo de Ártemis Aneitis, também reivindicam a posse da imagem, assim como os habitantes da Comana capadócia, cuja cidade diz-se que tomou emprestado o nome das tranças (*comai*) que Orestes ali depositara em sinal de luto ao levar os ritos de Ártemis Taurópola para a Capadócia.[10]

k. Outros dizem até mesmo que Orestes ocultou a imagem num feixe de varas e que a levou para a Arícia italiana, onde morreu e foi enterrado, seus restos mortais sendo mais tarde trasladados para Roma; e que a imagem foi enviada de Arícia para Esparta, pois a crueldade de seus ritos desagradava os romanos, e lá ela foi colocada no templo de Ártemis Erguida.[11]

l. Mas os espartanos alegam que a imagem foi deles muito tempo antes da fundação de Roma, e que Orestes a levou consigo quando se tornou rei e a ocultou num salgueiral. Dizem que, durante séculos, ninguém soube de seu paradeiro, até que um dia Astrábaco e Alopeco, dois príncipes da casa real, entraram no salgueiral por acaso e enlouqueceram ao ver a horrível imagem, que se mantinha erguida graças aos ramos de um salgueiro enroscados em torno dela; daí os nomes: Órtia e Ligodesma.

m. Tão logo a imagem foi levada para Esparta, eclodiu uma briga ominosa entre os devotos rivais de Ártemis que realizavam sacrifícios conjuntos em seu altar. Muitos deles morreram no próprio templo e os restantes pereceram pouco tempo depois por causa da peste. Quando um oráculo aconselhou aos espartanos que propiciassem a imagem encharcando o altar com sangue humano, eles fizeram um sorteio para escolher a vítima e a sacrificaram. Tal cerimônia repetiu-se ano após ano até que o rei Licurgo, que repugnava os sacrifícios humanos, proibiu-a e ordenou que, em seu lugar, meninos fossem açoitados até que o altar ficasse coberto de sangue.[12] Os meninos espartanos hoje competem uma vez por ano para ver quem pode suportar mais chicotadas. A sacerdotisa de Ártemis se encontra presente, segurando a imagem, que, embora pequena e leve, adquiriu tal apetite por sangue na época em que os tauros lhe ofereciam sacrifícios humanos que, mesmo hoje, se os açoitadores chicoteiam de leve, pelo fato de o menino ser de casta nobre ou excepcionalmente belo, ela se torna pesada demais para que a sacerdotisa possa segurá-la, e então ela admoesta os

chicoteadores, dizendo-lhes: “Mais forte, mais forte! Não posso mais suportar o peso!”[13]

n. Deve-se dar pouca credibilidade à fábula segundo a qual Helena e Menelau partiram em busca de Orestes e ao fato de que, quando chegaram à região dos tauros, pouco depois de ele haver morrido, ambos foram sacrificados por Ifigênia à deusa.[14]

1. A ânsia dos mitógrafos por ocultar certas tradições bárbaras manifesta-se claramente nesta história e suas versões. Entre os elementos suprimidos, estão a vingança de Ártemis sobre Agamênon pelo assassinato de Ifigênia e a vingança de Éax, também sobre Agamênon, pelo assassinato de seu irmão Palamedes. Originalmente, parece que o mito pode ter sido mais ou menos o seguinte: os chefes companheiros de Agamênon incitaram-no a executar sua filha Ifigênia como feiticeira quando a expedição grega contra Troia foi detida por ventos contrários em Áulis. Ártemis, a quem Ifigênia havia servido como sacerdotisa, fez com que Agamênon pagasse tal ofensa e ajudou Egisto a suplantá-lo e a assassiná-lo ao seu regresso. Também por inspiração sua, Éax se ofereceu para levar Orestes numa viagem ao território reclamado a partir do rio Escamandro, ajudando-o, assim, a escapar das Erínias, pois Atena lá o protegeria (vide 115. *4*). Mas, em vez disso, Éax o deixou em Brauron, onde Orestes foi aclamado como o *pharmacos* anual, vítima propiciatória que limpava a culpa do povo, e morreu degolado pela sacerdotisa virgem de Ártemis. Na verdade, Éax contou a Electra a verdade quando se encontraram em Delfos: que Orestes havia sido sacrificado por Ifigênia, que parece ter sido um dos títulos de Ártemis (vide 117. *1*).

2. Os gregos patriarcais de uma época posterior não devem ter gostado desse mito. Uma de suas versões, que fazia de Menelau, e não de Orestes, objeto da vingança de Ártemis, foi conservada por Fócio. Eles desculpavam Agamênon do assassinato e Ártemis de se opor à vontade de Zeus, dizendo que, sem dúvida, ela salvou Ifigênia e a levou embora para convertê-la em sacerdotisa de sacrifícios, não em Brauron, mas entre os tauros selvagens, de cujos atos não se faziam responsáveis. E garantiam que ela não havia matado Orestes (nem nenhuma outra vítima grega), mas que, pelo contrário, ajudara-o a levar a imagem táurica para a Grécia, por ordem de Apolo.

3. Esta história, destinada a salvar as aparências e influenciada pelo mito da expedição de Jasão ao mar Negro — na versão de Sérvio, Orestes rouba a imagem na Cólquida, não no Quersoneso táurico —, explicava a tradição da degola humana em Brauron, agora modificada com a extração de uma gota de sangue mediante um pequeno corte, e sacrifícios análogos que se realizavam em Micenas, Arícia, Rodes e Comana. "Taurópola" indica o sacrifício de touros cretenses, que sobreviveu nas Bufonias atenienses (Pausânias: I. 28. 11). Provavelmente, a vítima original era o rei sagrado.

4. Os ritos espartanos da fertilidade, sobre os quais se diz também que, num determinado momento, envolviam o sacrifício humano, eram realizados em homenagem a Ártemis Erguida. A julgar pela prática primitiva em outras partes do Mediterrâneo, amarrava-se a vítima com tiras de salgueiro, consideradas portadoras de magia lunar, à imagem — um tronco de madeira, talvez de pereira (vide 74. *6*) — e ela era açoitada até que o suplício produzisse uma reação erótica e a vítima ejaculasse, fertilizando a terra com o sêmen e o sangue. O nome de Alopeco e a conhecida lenda do garoto que, em vez de gritar, permitiu que uma raposa mordesse os seus órgãos vitais, sugerem que a deusa-raposa de Teumesso também era adorada em Esparta (vide 49. *2* e 89. *8*).

5. Aos meteoritos eram rendidas com frequência honras divinas, como também a pequenos objetos rituais de origem duvidosa e que poderiam ser explicados como igualmente caídos do céu, como as pontas de lança neolíticas cuidadosamente trabalhadas, identificadas pelos gregos posteriores com os raios de Zeus (assim como as flechas de pederneira são chamadas de "projéteis dos elfos" no interior da Inglaterra), ou os pilões de bronze ocultados no penteado da imagem de Ártemis Efésia. Dizia-se também que, provavelmente, as próprias imagens, como a de Ártemis Braurônia e a de madeira de oliveira de Atena no Erectêion, também haviam caído do céu através de um buraco no telhado (vide 158. *k*). É possível que a imagem de Brauron contivesse uma antiga faca sacrifical de obsidiana — um cristal vulcânico da ilha de Melos — com a qual se cortava a garganta das vítimas.

6. Parece forçado dizer que Osíris tenha arado o Quersoneso táurico (a Crimeia), mas Heródoto insiste no fato de que havia um estreito vínculo entre a Cólquida e o Egito (II. 104), confundindo-se, assim, a Cólquida com o país dos tauros. Diz-se que Osíris, como Triptólemo, introduziu a agricultura em muitas terras estrangeiras (vide 24. *m*).

NOTAS

[1] Apolodoro: *Epítome* VI. 26; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 77 e 970 *et seq*.; Higino: *Fábula* 120.

[2] Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 32; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 997; Eustácio: *Sobre Dionísio* 306; Apolodoro: *Epítome* VI. 26.

[3] Heródoto: IV. 103; Ovídio: *Epístolas pônticas* III. 2. 45 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* VI. 26; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 40 *et seq*. e 88 *et seq*.

[4] Diodoro Sículo: IV. 44. 7; Sófocles: *Ájax* 172; Pausânias: I. 23. 9; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 116; Valério Flaco: VIII. 208; Ovídio: *Íbis* 384 e *Epístolas pônticas* III. 2. 71; *Argonáutica órfica* 1.065.

[5] Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 784 e 1.045; Ovídio: *Epístolas pônticas* III. 2. 45 *et seq*.; Heródoto: IV. 103; Hesíodo: *Catálogo das mulhere*s, citado por Pausânias: I. 43. 1; Amiano Marcelino: XXII. 8. 34.

[6] Higino: *Fábula* 120; Apolodoro: *Epítome* VI. 27.

[7] Ovídio: *Epístolas pônticas*, *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 1.037 *et seq.*

[8] Higino: *Fábulas* 120 e 121; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 1.435 *et seq*.

[9] Apolodoro: *Epítome* VI. 27; Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 89-91 e 1.446 *et seq*.; Pausânias: I. 33. 1; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.374.

[10] Pausânias: I. 23. 9, III. 16. 6 e VIII. 46. 2; Tzetzes: *loc. cit*.; Estrabão: XII. 2. 3.

[11] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 116 e VI. 136; Higino: *Fábula* 261.

[12] Pausânias: III. 16. 6-7.

[13] Higino: *Fábula* 261; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 116; Pausânias: *loc. cit*.

[14] Ptolomeu Hefestionos: IV, citado por Fócio: p. 479.

117

O REINADO DE ORESTES

Aletes, filho de Egisto, usurpou o reino de Micenas, dando crédito ao rumor malicioso [difundido por Éax?] de que Orestes e Pílades haviam sido sacrificados no altar de Ártemis Taura. Mas Electra, duvidando da veracidade de tal rumor, consultou o Oráculo de Delfos. Ifigênia acabava de chegar a Delfos e foi apresentada [por Éax?] a Electra como assassina de Orestes. Para se vingar, ela pegou um tição do altar e, sem reconhecer Ifigênia depois de tanto tempo, estava prestes a cegá-la com o tição quando apareceu Orestes e lhe explicou tudo. Os filhos de Agamênon, de novo reunidos, voltaram alegremente a Micenas, onde Orestes pôs fim à contenda entre a Casa de Atreu e a Casa de Tiestes matando Aletes, cuja irmã, Erígone, segundo se diz, teria morrido também nas suas mãos não houvesse Ártemis feito com que ela desaparecesse, levando-a para a Ática. Mais tarde, porém, Orestes reconciliou-se com ela.[1]

b. Dizem que Ifigênia morreu em Brauron ou em Mégara, onde agora tem um santuário; ou que Ártemis a imortalizou como a jovem Hécate. Electra casou-se com Pílades e lhe deu Medonte e Estrófio o Segundo; ela está sepultada em Micenas. Orestes casou-se com sua prima Hermíone, tendo estado presente na morte sacrifical de Neoptólemo, filho de Aquiles, com quem ela estava comprometida em matrimônio.[2] Com ela, Orestes chegou a se tornar pai de Tisâmeno, seu herdeiro e sucessor; e com Erígone, sua segunda esposa, ele teve Pentilo.[3]

c. Quando Menelau morreu, os espartanos convidaram Orestes a se tornar o seu rei, pois, como neto de Tíndaro, ele era preferido a Nicóstrato e Megapente, filhos de Menelau com uma escrava. Orestes, com a ajuda de soldados fornecidos pelos aliados fócios, já havia anexado grande parte da Arcádia aos seus domínios micênicos e, agora, apoderou-se também de Argos, pois o rei

Cilarabes, neto de Capaneu, não deixara sucessor. Ele também subjugou a Aqueia, mas, obedecendo ao Oráculo de Delfos, acabou emigrando de Micenas para a Arcádia, onde, com a idade de setenta anos, morreu em consequência de uma mordida de serpente em Oréstio, ou Oréstia, cidade que havia fundado durante seu desterro.[4]

d. Orestes foi sepultado em Tégea, mas, durante o reinado de Anaxandrides, correi com Aristo e o único lacônio a ter duas esposas e duas casas ao mesmo tempo, os espartanos, desesperados por terem até então perdido todas as batalhas travadas com os tegeeus, foram para Delfos em busca de conselho, tendo sido instruídos a se apossar dos restos mortais de Orestes. Como o seu paradeiro era desconhecido, eles enviaram Licas, um dos benfeitores de Esparta, para solicitar maiores esclarecimentos. Ele recebeu a seguinte resposta, em hexâmetros:

Plana e tranquila a planície da Tégea árcade. Vai
Até onde dois ventos, por forte necessidade, estão sempre soprando;
Até onde golpe soa sobre golpe, onde mal jaz sobre mal;
Lá, a terra fecundíssima encerra o príncipe que buscas.
Leva-o para tua casa e sê assim o senhor da Tégea!

Por causa de uma trégua temporária entre os dois Estados, Licas não teve dificuldade alguma em visitar a Tégea e, ao chegar, viu um ferreiro que forjava uma espada de ferro em vez de bronze, fitando-o boquiaberto diante de coisa tão inaudita.

— Este trabalho o surpreende? — perguntou-lhe o ferreiro, jovial. — Pois bem, tenho aqui algo que o deixará ainda mais perplexo! Trata-se de um ataúde de sete cúbitos de comprimento, dentro do qual jaz um cadáver do mesmo tamanho, que encontrei debaixo da terra enquanto escavava um poço na ferraria.

e. Licas adivinhou que os ventos mencionados nos versos deviam ser aqueles levantados pelos foles do ferreiro; os golpes, os de seu martelo, e o mal que jazia sobre mal, a cabeça de seu martelo golpeando a espada de ferro, pois a Idade do Ferro testemunhou uma época de grande crueldade. Em seguida, ele regressou a Esparta com a notícia, onde os juízes, acatando sua sugestão, fingiram que o condenavam por um delito de violência. Então, fugindo para a Tégea como se estivesse fugindo da execução, ele convenceu o ferreiro a escondê-lo em sua ferraria. À meia-noite, roubou os ossos do ataúde e fugiu às pressas para Esparta, onde voltou a enterrá-los perto do santuário das Parcas. Lá,

a tumba ainda pode ser vista. Desde então, os exércitos espartanos passaram a derrotar sempre os tegeeus.[5]

f. O cetro-lança de Pélope, que foi também empunhado por seu neto Orestes, foi descoberto na Fócida mais ou menos nessa época; jazia enterrado com um monte de ouro na fronteira entre Queroneia e Fanoteu, onde provavelmente havia sido ocultado por Electra. Quando passou-se a investigar a descoberta de tal tesouro, os fanoteus contentaram-se com o ouro, mas os queroneus levaram o cetro, e agora eles o veneram como seu deus supremo. Cada sacerdote da lança, designado por um ano, guarda-a em sua própria casa, oferecendo-lhe diariamente vítimas, para além de mesas abundantemente cobertas com todo o tipo de comida.[6]

g. Mas há quem negue que Orestes tenha morrido na Arcádia. Diz-se que, após ter voltado do exílio, um oráculo ordenou-o a visitar Lesbos e Tênedos e fundar colônias com gente trazida de várias cidades, inclusive Amiclas. Assim fez Orestes, chamando o seu novo povo de eólios, pois Éolo era o seu antepassado comum mais próximo, mas ele morreu pouco depois de construir uma cidade em Lesbos. Dizem que essa migração teria ocorrido quatro gerações antes da jônica. Mas há outras versões segundo as quais foi o filho de Orestes, Pentilo, e não o próprio Orestes, quem conquistou Lesbos; e que seu neto Gras, auxiliado pelos espartanos, ocupou o território situado entre a Jônia e a Mísia, agora chamado de Eólia; e que um outro neto, Arquelau, levou colonos eólios à atual cidade de Cizicene, perto de Dascílio, situada na costa meridional do mar de Mármara.[7]

*h.*Tisâmeno, enquanto isso, herdou os domínios de seu pai, mas os filhos de Hércules o expulsaram das cidades capitais de Esparta, Micenas e Argos, refugiando-se com seu exército na Aqueia. Seu filho Comete emigrou para a Ásia.[8]

1. Parece que Ifigênia foi um título da Ártemis primitiva, que não era uma simples donzela, mas também ninfa — "Ifigênia" significa "mãe de uma raça forte" — e "velha", a saber, as Solenes ou a Tripla Hécate. Diz-se que Orestes reinou em tantos lugares que o seu nome deveria também ser considerado um título. Sua morte provocada pela picada de serpente na localidade árcade de Oresteia o vincula a outros reis primitivos, tais como Apesanto, filho de Acrísio (vide 123. *e*), que pode ser identificado com Ofeltes de Nemeia (vide 106. *g*);

Munito, filho de Atamante (vide 168. *e*); o lápita Mopso (vide 154. *f*), picado por uma serpente líbia; e o egípcio Rá, uma das manifestações de Osíris, que também foi mordido por uma serpente líbia. Essas mordidas são sempre no calcanhar e, em alguns casos, como nos dos centauros Quíron e Folo, do cretense Talo, do mirmidão Aquiles e do eubeu Filoctetes, parece que o veneno foi transmitido por uma ponta de flecha (vide 92. *10*). Na verdade, o Orestes árcade era um pelasgo com conexões líbias.

2. O fato de Ártemis ter salvado Erígone da vingança de Orestes é mais um incidente da contenda entre a Casa de Tiestes, defendida por Ártemis, e a Casa de Atreu, que contava com a proteção de Zeus. O nome de Tisâmeno ("força vingadora") sugere que a contenda tenha sido transmitida por herança à geração seguinte, pois, segundo um dos relatos de Apolodoro (*Epítome* VI. 28), ele era filho de Erígone, e não de Hermíone. Ao longo da história dessa contenda, cabe recordar que a Ártemis que aqui mede suas forças com as de Zeus é a Ártemis matriarcal anterior, e não a irmã gêmea afetuosa de Apolo, a caçadora virgem. Mas, nessa disputa dos deuses, os mitógrafos fizeram todo o possível para ocultar a ativa participação de Apolo ao lado de Zeus.

3. Os ossos dos gigantes, identificados normalmente com os de um antepassado tribal, eram considerados objetos mágicos que ofereciam proteção a uma cidade. Assim, os atenienses, seguindo o conselho oracular, recuperaram aquilo que eles acreditavam fossem os restos mortais de Teseu em Ciros e os levaram de volta a Atenas (vide 104. *i*). É bem possível que esses ossos fossem anormalmente grandes, pois na Europa neolítica floresceu uma raça de gigantes — dos quais descendem os watusi hamíticos que vivem na África Equatorial — cujos esqueletos foram ocasionalmente encontrados inclusive na Bretanha. Os anakim da Palestina e da Cária (vide 88. *3*) pertenciam a essa raça. Entretanto, se Orestes era um aqueu da época da Guerra de Troia, não é possível que os atenienses tenham encontrado e medido o seu esqueleto, já que os nobres helênicos praticavam a cremação, e não o sepultamento ao estilo neolítico.

4. O "mal que jaz sobre mal" é geralmente interpretado como a espada de ferro que era forjada sobre uma bigorna do mesmo material, embora em geral bigornas de pedra tenham sido empregadas até uma época relativamente tardia, e a explicação mais provável é a de que se trate da cabeça do martelo que descansa sobre a espada, ainda que, na verdade, os martelos de ferro fossem ainda bastante escassos antes dos romanos. Ademais, o ferro era um material demasiado sagrado e pouco frequente para ser de uso comum entre os micênicos — não era extraído a partir do minério, mas recolhido dos meteoritos enviados pela divindade — e, quando finalmente começaram a ser importadas armas de ferro de Tibarene, no mar Negro, para a Grécia, o processo de fundição e

fabricação foi mantido em segredo durante certo tempo. Os ferreiros foram continuamente chamados de “operários do bronze”, inclusive no período helênico. Mas a era do mito terminou no momento em que passou a ser permitido a qualquer pessoa ter em seu poder um instrumento ou ferramenta de ferro, mesmo que isso tenha sido possível apenas porque o ferro não estava incluído entre os cinco metais consagrados à deusa e relacionados aos seus ritos calendáricos: a saber, prata, ouro, cobre, estanho e chumbo (vide 53. *2*).

5. O cetro-lança de Pélope, símbolo de soberania, pertencia evidentemente à sacerdotisa governante. Assim, segundo Eurípides, a lança com a qual Enômao foi morto — presumivelmente o mesmo instrumento — foi ocultada no dormitório de Ifigênia. Clitemnestra alega depois a sua posse (Sófocles: *Electra* 651), e Pausânias diz que Electra a levou para a Fócida. Os gregos da Ásia Menor preferiam acreditar que Orestes havia fundado ali a primeira colônia eólia, sendo o seu nome um dos primeiros títulos da realeza. Eles talvez tenham se baseado numa tradição que se referia a uma nova etapa na história da monarquia: quando o reinado do rei chegava ao fim, sua vida era então perdoada, sacrificando-se, em seu lugar, um substituto — homicídio que explicaria o segundo exílio de Orestes — após o que ele poderia governar uma colônia no ultramar. Os mitógrafos que diziam que os espartanos preferiam os filhos de Orestes aos de Menelau porque os deste último haviam nascido de uma escrava não levaram em consideração o fato de que a descendência ainda era matrilinear. Orestes, como micênico, podia reinar graças ao seu matrimônio com a herdeira espartana Hermíone, enquanto seus irmãos deviam procurar domínios em outros lugares. Na Argólida, uma princesa podia ter filhos livres gerados com um escravo, e não havia nada que impedisse o marido camponês de Electra de gerar herdeiros ao trono.

6. A tradição do salmista que afirma que “os dias de um homem são três vintenas e dez” não está baseada na observação mas na teoria religiosa, pois sete era o número da santidade e dez, o da perfeição. Por analogia, Orestes chegou aos setenta anos de idade.

7. O fato de Anaxandrides ter rompido a tradição monogâmica pode ter-se devido a necessidades dinásticas. Talvez Aristo, seu correi, tenha morrido demasiado antes do término de seu reinado para poder garantir uma nova coroação e, tendo em vista que ele havia governado em virtude de seu matrimônio com uma herdeira, Anaxandrides o substituiu como rei e como esposo.

8. Os registros hititas demonstram que já existia um reinado aqueu em Lesbos em fins do século XIV a.C.

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 122.

[2] Eurípides: *Ifigênia em Táurida* 1.464 e 915; Pausânias: I. 43. 1 e X. 24. 4-5; Helânico, citado por Pausânias: II. 16. 5; Higino: *Fábula* 123; Estrabão: IX. 3. 9.

[3] Apolodoro: *Epítome* VI. 28; Cinetão, citado por Pausânias: II. 18. 5; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.374.

[4] Pausânias: II. 18. 5 e VIII. 5. 1-3; Asclepíades, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 1.647; Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *loc. cit*.

[5] Pausânias: III. 3. 7; III. 11. 8; III. 3. 5-7 e VIII. 54. 3; Heródoto: I. 67-68.

[6] Pausânias: IX. 40. 6.

[7] Píndaro: *Odes nemeeias* XI. 33-35; Helânico, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.374; Pausânias: III. 2. 1; Estrabão: XIII. 1. 3.

[8] Pausânias: II. 8. 6-7 e VII. 6. 21.

118

O NASCIMENTO DE HÉRCULES

Electrião, filho de Perseu, rei supremo de Micenas e marido de Anaxo, marchou vingativamente contra os táfios e telebeus. Eles haviam se unido num plano concebido por um tal de Ptérela, pretendente ao trono de Micenas, numa incursão exitosa para se apoderar do gado de Electrião, em consequência da qual morreram os seus oito filhos. Durante sua ausência, permanecera como regente o seu sobrinho, o rei Anfitrião de Trezena.

— Seja um bom governante e, quando eu voltar vitorioso, casarei você com minha filha Alcmena — disse-lhe Electrião ao despedir-se. Anfitrião, informado pelo rei da Élida de que o gado roubado era agora propriedade sua, pagou o valioso resgate exigido e fez Electrião regressar para que o identificasse. Electrião, nada contente ao saber que Anfitrião esperava que ele lhe devolvesse o valor pago pelo resgate, perguntou asperamente que direito tinham os habitantes da Élida de vender propriedade roubada e por que Anfitrião havia tolerado tal afronta. Sem dignar-se a responder-lhe, Anfitrião desafogou a sua irritação atirando uma clava sobre uma das vacas que havia se desgarrado do rebanho; a clava a golpeou nos chifres, ricocheteou e matou Electrião. Anfitrião foi imediatamente desterrado da Argólida pelo seu tio Estênelo, que se apoderou de Micenas e Tirinto e confiou o resto da região, com Mideia como capital, a Atreu e Tiestes, filhos de Pélope.[1]

b. Acompanhado por Alcmena, Anfitrião fugiu para Tebas, onde o rei Creonte o purificou e deu a mão de sua irmã Perimede a Licímnio, o único filho sobrevivente de Electrião, bastardo nascido de uma frígia chamada Mideia.[2] Mas a piedosa Alcmena não queria entregar-se a Anfitrião antes que ele vingasse a morte de seus oito irmãos. Por conseguinte, Creonte permitiu-lhe que recrutasse um exército beócio com esse propósito, sob a condição de livrar Tebas da

Raposa teumessiana, o que ele fez, pedindo ao ateniense Céfalo que lhe emprestasse o seu célebre sabujo Lélape. Depois, auxiliado por contingentes atenienses, fócios, argivos e lócrios, Anfitrião venceu os telebeus e táfios e concedeu as ilhas dele aos aliados, dentre eles o seu tio Heleu.

c. Enquanto isso, Zeus, aproveitando-se da ausência de Anfitrião, assumiu o seu aspecto e, garantindo a Alcmena que seus irmãos já haviam sido vingados — haja vista que Anfitrião havia de fato obtido a vitória naquela mesma manhã —, ele a amou durante uma noite inteira, a qual durou como se fossem três,[3] pois Hermes, por ordem de Zeus, havia mandado Hélio apagar os fogos solares e as Horas destrelarem sua parelha e permanecerem o dia seguinte em casa, pois a concepção de um tão grandioso paladino como o que Zeus tencionava gerar não podia se realizar às pressas. Hélio obedeceu, relembrando os bons velhos tempos, quando o dia era dia e a noite era noite, e quando Cronos, o Deus todo-poderoso de então, não abandonava sua esposa legítima para ir a Tebas em busca de aventuras amorosas. Em seguida, Hermes ordenou à Lua que avançasse lentamente, e ao Sono que modorrasse a humanidade inteira de tal modo que ninguém se desse conta do que estava sucedendo.[4] Alcmena, completamente iludida, escutou encantada o relato de Zeus acerca da derrota esmagadora infligida a Ptérela em Ecália, e gozou inocentemente aquelas 36 horas junto ao seu suposto marido. No dia seguinte, quando Anfitrião regressou, eufórico com a vitória e cheio de paixão por ela, Alcmena não o acolheu no leito matrimonial com o arroubo que ele esperava.

— Passamos em claro a noite passada — queixou-se ela —, e você certamente não espera que eu escute pela segunda vez o relato das suas façanhas!

Anfitrião, incapaz de compreender tais palavras, consultou-se com o adivinho Tirésias, que lhe disse que Zeus havia tomado o seu lugar; e, desde então, ele não se atreveu a partilhar o leito com Alcmena, com medo de despertar os ciúmes divinos.[5]

d. Nove meses depois, Zeus se gabava no Olimpo de haver gerado um filho, que estava prestes a nascer, e que receberia o nome de Hércules, que significa “Glória de Hera”; ele governaria a nobre Casa de Perseu. Ao ouvir isso, Hera o fez prometer que, se nascesse algum príncipe da Casa de Perseu antes do anoitecer, ele seria o rei supremo. Depois de Zeus fazer um juramento inquebrantável, Hera foi imediatamente para Micenas, onde apressou as dores de parto de Nicipe, esposa do rei Estênelo. Depois, apressou-se para Tebas e se sentou de pernas cruzadas diante da porta de Alcmena, com as roupas amarradas em nós e os dedos fortemente entrelaçados, retardando assim o nascimento de Hércules até Euristeu, o filho setemesinho de Estênelo, já se encontrar em seu

berço. Quando Hércules nasceu, com uma hora de atraso, descobriu-se que ele tinha um irmão gêmeo chamado Íficles, filho de Anfitrião, que era uma noite mais jovem. Embora algumas tradições afirmem que Hércules, e não Íficles, era uma noite mais jovem; outros garantem que os gêmeos foram concebidos na mesma noite, que nasceram juntos e que o Pai Zeus iluminou com sua luz divina o quarto onde nasceram. Hércules foi chamado, inicialmente, de Alceu, ou Palêmon.[6]

e. Quando Hera voltou ao Olimpo, presumindo tranquilamente haver conseguido manter Ilítia, a deusa do parto, distante da porta de Alcmena, Zeus irrompeu num de seus ataques de ira. Agarrou sua filha mais velha Ate, que o havia impedido de perceber o truque de Hera, e jurou solenemente que ela nunca mais voltaria a visitar o Olimpo: enrolou os cabelos dourados dela nas mãos e a fez girar para baixo até a terra. Embora Zeus não pudesse quebrar seu juramento e permitir que Hércules governasse a Casa de Perseu, ele convenceu Hera a concordar que lhe fosse concedida a imortalidade depois que ele realizasse Doze Trabalhos a serem estabelecidos por Euristeu.[7]

f. Diferentemente dos amores humanos anteriores de Zeus, começando com Níobe, Alcmena havia sido escolhida não tanto para satisfazer-lhe a luxúria — embora superasse todas as outras mulheres de sua época em matéria de beleza, dignidade e prudência —, mas com o propósito de gerar um filho poderoso o bastante para proteger da destruição tanto os deuses como os homens. Alcmena, décima sexta descendente de Níobe, foi a última mulher mortal seduzida por Zeus, pois ele não via outra possibilidade de conceber outro herói que pudesse igualar-se a Hércules; e tanto honrou Alcmena que, em vez de a violar rudemente, ele tratou de assumir o aspecto de Anfitrião e a cortejou com palavras e carícias afetuosas. Ele sabia que Alcmena era incorruptível e, quando a presenteou, ao amanhecer, com um cálice carquesiano, ela o aceitou sem duvidar de que fosse parte da pilhagem obtida na vitória: um legado de Poseidon a seu filho Teléboas.[8]

g. Contam que Hera não impediu pessoalmente o parto de Alcmena, mas que enviou feiticeiras que o fizessem, e que Histórias, filha de Tirésias, enganou-as lançando um grito de alegria da alcova do parto — que ainda pode ser vista em Tebas — para que se distanciassem dali e permitissem que a criança nascesse. Segundo outras tradições, foi Ilítia quem impediu o parto por ordem de Hera, e que Galantis, ou Galen, fiel servidora de Alcmena, foi quem saiu da alcova para anunciar que, por obra de Zeus, o filho de Alcmena havia nascido. Quando Ilítia levantou-se, surpresa, desentrelaçando os dedos e descruzando as pernas, Hércules nasceu de fato e Galantis pôs-se a rir diante do sucesso de seu estratagema, o que fez com que Ilítia a agarrasse pelos cabelos e a transformasse

numa doninha. Galantis continuou frequentando a casa de Alcmena, mas Hera a castigou por haver mentido, condenando-a a parir perpetuamente seus filhos pela boca. Quando os tebanos rendem honras divinas a Hércules, eles ainda oferecem sacrifícios preliminares a Galantis, a quem eles também chamam de Galíntia e descrevem como filha de Preto, acrescentando que foi a nutriz de Hércules e que ele lhe construiu um templo.[9]

h. Os atenienses zombam desse relato tebano. Eles afirmam que Galantis era uma meretriz, convertida por Hécate numa doninha como castigo por praticar uma luxúria inatural e que, quando Hera prolongou indevidamente o parto de Alcmena, ela passou inadvertidamente por ali e a assustou, fazendo com que desse à luz.[10]

i. O aniversário de Hércules é celebrado no quarto dia de cada mês, mas há quem afirme que ele nasceu quando o Sol entrava no décimo signo; outros dizem que a Ursa Maior, girando para o oeste à meia-noite sobre Órion — o que ela faz quando o Sol abandona o décimo segundo signo —, contemplou-o quando tinha dez meses.[11]

1. Alcmena (“forte na ira”) deve ter sido originalmente um título micênico de Hera, cuja soberania divina Hércules (“glória de Hera”) protegeu contra as usurpações de seu inimigo aqueu Perseu (“destruidor”). Os aqueus finalmente venceram e seus descendentes reclamaram Hércules como membro da Casa usurpadora de Perseu. O ódio que Hera sentia por Hércules é provavelmente uma invenção posterior; ele era adorado pelos dórios que invadiram a Élida e lá humilharam o poder de Hera.

2. Diodoro Sículo (III. 73) escreve sobre três heróis chamados Hércules: um egípcio, um dáctilo cretense e o filho de Alcmena. Cícero eleva o número a seis (*Sobre a natureza dos deuses* III. 16); Varrão, a 44 (Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 564). Heródoto (II. 42) diz que, quando perguntou pela pátria original de Hércules, os egípcios lhe disseram que ele era da Fenícia. Segundo Diodoro Sículo (I. 17 e 24; III. 73), o Hércules egípcio, chamado Som, ou Chon, viveu dez mil anos antes da Guerra de Troia e seu homônimo grego herdou suas façanhas. Na verdade, a fábula de Hércules é como um varal em que puderam ser dependurados um grande número de mitos relacionados, não relacionados ou até mesmo contraditórios. Entretanto ele representa, principalmente, o típico rei sagrado da Grécia helênica primitiva, consorte de uma ninfa tribal que é a

encarnação da deusa-Lua, ao passo que seu irmão gêmeo Íficles cumpria o papel de sucessor. Essa deusa-Lua tem numerosos nomes: Hera, Atena, Auge, Íole, Hebe etc. Num espelho de bronze romano primitivo aparece Júpiter (Zeus) celebrando um casamento sagrado entre "Hércele" e "Juno". Ademais, nos casamentos romanos, o nó do cinturão da noiva consagrado a Juno era chamado de "nó hercúleo" e o noivo tinha de desatá-lo (Festo: 63). Os romanos tomaram essa tradição dos etruscos, cuja Juno se chamava "Unial". Pode-se supor que a história central de Hércules era uma versão primitiva da epopeia babilônica de Gilgamesh, que chegara à Grécia via Fenícia. Gilgamesh tinha como companheiro bem-amado Enkidu, assim como Hércules tinha Iolau. Gilgamesh perde-se de amores pela deusa Ishtar, e Hércules, por Dejanira; ambos são de ascendência divina; ambos perturbam o inferno; ambos matam leões e derrotam touros divinos; e, quando embarca para a Ilha Ocidental, Hércules, assim como Gilgamesh, fabrica uma vela com suas próprias roupas (vide 132. *c*). Hércules encontra a erva mágica da imortalidade (vide 35. *b*), tal como Gilgamesh, e é igualmente relacionado ao avanço do sol em torno dos signos do zodíaco.

3. Faz-se com que Zeus personifique Anfitrião, pois, quando o rei sagrado experimentava o renascimento mediante sua coroação, ele se transformava nominalmente em filho de Zeus, renunciando à sua ascendência mortal (vide 74. *1*). Entretanto o costume exigia que seu herdeiro mortal — o mais velho dos gêmeos, mais do que o rei de nascimento divino — liderasse as expedições militares. A inversão dessa regra no caso de Hércules sugere que, num determinado período, havia sido ele o herdeiro, e Íficles, o rei sagrado. Teócrito, certamente, faz de Hércules o mais jovem dos gêmeos, e Heródoto (II. 43), que o considera filho de Anfitrião, dá-lhe o sobrenome de "Alcides", por causa de seu avô Alceu, e não "Cronides", por causa de seu avô Cronos. Ademais, quando Íficles se casou com a filha mais nova de Creonte, Hércules se casou com uma mais velha, apesar do fato de que, na sociedade matrilinear, a mais jovem era geralmente a herdeira, assim como nos revelam todos os contos populares europeus. Segundo o *Escudo de Hércules* de Hesíodo (89 *et seq.*), Íficles humilhou-se ignominiosamente diante de Euristeu, mas as circunstâncias não foram explicadas, justamente o que poderia elucidar essa troca de papéis entre os gêmeos. Não há registro de que entre Hércules e Íficles houvesse uma camaradagem como a que existiu entre Castor e Pólux, ou Idas e Linceu. Hércules usurpa as funções e prerrogativas de seu irmão gêmeo, transformando-o numa sombra ineficaz e exânime que não tarda em se esfumar sem que ninguém o lamente. Talvez, em Tirinto, o sucessor usurpasse todo o poder real, como sucede por vezes nos Estados asiáticos, onde um rei religioso governa conjuntamente com um rei guerreiro ou xogum.

4. As bruxas nigerianas continuam empregando o método que Hera utilizou para atrasar o parto; as mais inspiradas intensificam o encantamento ocultando cadeados importados debaixo de suas roupas.

5. A observação de que as doninhas, quando perturbadas, carregam de um lugar para outro os seus filhotes na boca, como os gatos, deu origem à lenda de seu nascimento vivíparo. O relato que faz Apuleio da terrível representação das bruxas tessálias disfarçadas de doninhas, ajudantes de Hécate, e a menção que faz Pausânias dos sacrifícios humanos que se ofereciam à Raposa teumessiana (vide 89. *h*) evocam Cerdo (“doninha” ou “raposa”), esposa de Foroneu, que teria introduzido o culto de Hera no Peloponeso (vide 57. *a*). O culto tebano de Galíntia é uma relíquia do culto primitivo de Hera, e, quando as bruxas retardaram o nascimento de Hércules, elas tiveram de se disfarçar de doninhas. Os mitos costumam ser confusos, mas este mito é ainda mais confuso, embora pareça que o olimpianismo de Zeus foi levado a mal pela opinião religiosa conservadora de Tebas e da Argólida, e que as bruxas lançaram um ataque concertado contra a Casa de Perseu.

6. A julgar pela observação de Ovídio em relação ao décimo signo, e pela história do javali erimantino, que apresenta Hércules como o Menino Hórus, ele compartilhava um aniversário no solstício de inverno com Zeus, Apolo e outros deuses do calendário. O ano tebano começava no solstício invernal. Se, como diz Teócrito, Hércules tinha dez meses ao término do décimo segundo signo, Alcmena deve tê-lo dado à luz no equinócio de primavera, quando os babilônios, os italianos e outros povos celebravam o Ano-novo. Não é de estranhar, portanto, que Zeus, conforme se diz, iluminara a alcova onde ocorreu o nascimento. O quarto dia do mês seria dedicado a Hércules porque todo quarto ano pertencia a ele como fundador dos jogos olímpicos.

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 4. 5-6; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 932; Hesíodo: *Escudo de Hércules* 11 *et seq*.

[2] Apolodoro: *loc. cit*.

[3] Hesíodo: *Escudo de Hércules* 1-56; Apolodoro: II. 4. 7-8; Higino: *Fábula* 28; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 33 e 932; Píndaro: *Odes ístmicas* VII. 5.

[4] Luciano: *Diálogos dos deuses* X.

[5] Hesíodo: *Escudo de Hércules* 1-56; Apolodoro: II. 4. 7-8; Higino: *Fábula* 29; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 33 e 932; Píndaro: *Odes ístmicas* VII. 5.

[6] Hesíodo: *Escudo de Hércules* I. 35, 56 e 80; Homero: *Ilíada* XIX. 95; Apolodoro: II. 4-5; Teócrito, citado por escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: I. 36; Plauto: *Anfitrião* 1.096; Diodoro Sículo: IV. 10; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 662.

[7] Homero: *Ilíada* XIX. 119 *et seq*. e 91; Diodoro Sículo: IV. 9 e 14.

[8] Hesíodo: *Escudo de Hércules* 4 *et seq*. e 26 *et seq*.; Ferécides, citado por Ateneu: XI. 7; Ateneu: XI. 99; Plauto: *Anfitrião* 256 *et seq*.

[9] Pausânias: IX. 11. 1-2; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 285 *et seq*.; Eliano: *Natureza dos animais* XII. 5; Antoninus Liberalis: *Transformações* 29.

[10] Eliano: *Natureza dos animais* XV. 11; Antoninus Liberalis: *loc. cit*.

[11] Filócoro: *Fragmento* 177; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 285 *et seq*.; Teócrito: *Idílios* XXIV. 11-12.

ATLAS PASSA A HÉRCULES A ESFERA CELESTE,
Escultura de J.M. Félix Magdalena em mármore artificial

119

A JUVENTUDE DE HÉRCULES

Alcmena, temendo os ciúmes de Hera, abandonou seu filho recém-nascido no campo do lado de fora das muralhas de Tebas e, lá, instigada por Zeus, Atena levou Hera para dar um passeio.

— Veja, querida, que criança incrivelmente robusta! — exclamou Atena, simulando surpresa, enquanto se curvava para recolher o bebê. — A mãe dele não devia estar em sã consciência para abandoná-lo neste pedregal! Venha, você tem leite. Dê de mamar a essa inocente criatura!

Sem pensar duas vezes, Hera o segurou junto ao seio. Hércules pôs-se a mamar com tal avidez que, de dor, a deusa o lançou ao chão enquanto um jorro de leite saiu voando pelo firmamento, transformando-se na Via Láctea.

— Criaturinha monstruosa! — exclamou Hera. Mas Hércules era agora imortal, e Atena o devolveu a Alcmena com um sorriso, dizendo-lhe que cuidasse dele e que o criasse bem. Os tebanos ainda exibem o lugar onde Hera foi ludibriada por Atena; chama-se “Planície de Hércules”.[1]

b. Dizem, porém, que Hermes levou Hércules ainda bebê ao Olimpo, e que o próprio Zeus o teria aconchegado ao seio de Hera enquanto ela dormia, e que a Via Láctea se formou quando a deusa, ao despertar, apartou Hércules bruscamente, ou quando ele mamou com tanta vontade que sugou mais leite do que podia caber na sua boca, atirando-o para fora num acesso de tosse. De qualquer modo, Hera foi a ama de leite de Hércules, ainda que por pouco tempo; por isso, os tebanos dizem que ele é filho dela e que se chamava Alceu antes que ela lhe desse de mamar, mas que mudou de nome em sua homenagem.[2]

c. Uma noite, quando Hércules tinha oito ou dez meses de idade, ou um ano, segundo outra versão, e ainda não havia desmamado, Alcmena, após lavar e amamentar os gêmeos, aconchegou-os debaixo de uma pele de cordeiro, sobre o

largo escudo de bronze que Anfitrião havia arrebatado a Ptérela. À meia-noite, Hera enviou duas prodigiosas serpentes de escamas azuladas à casa de Anfitrião, com ordens estritas de matar Hércules. As portas se abriram à aproximação dos ofídios, e eles deslizaram pelo umbral e pelo piso de mármore até o quarto das crianças, com olhos chamejantes e presas erécteis, gotejando veneno.[3]

d. Graças à intervenção de Zeus, que fez com que o quarto se iluminasse, os gêmeos despertaram e puderam ver as serpentes prontas a dar o bote, projetando suas línguas bífidas como dardos. Íficles deu um grito, atirou a pele de cordeiro com um pontapé e, ao tentar escapar, escorregou no escudo e caiu no chão. Seus gritos de pavor e a estranha luz que resplandecia por baixo da porta do quarto das crianças despertaram Alcmena.

— Acorde, Anfitrião! — exclamou ela. Sem perder tempo em calçar as sandálias, Anfitrião saltou da cama de madeira de cedro, pegou sua espada, que estava pendurada na parede, e a sacou de sua bainha polida. Naquele momento, a luz do quarto das crianças se apagou. Gritando aos seus escravos sonolentos que trouxessem lâmpadas e tochas, Anfitrião entrou correndo no aposento e viu Hércules, que não dera sequer um soluço, mostrando-lhe orgulhoso as serpentes que havia estrangulado, uma em cada mão. Dando pulos de alegria, ele atirou os répteis inertes aos pés de Anfitrião.

e. Enquanto Alcmena consolava o aterrado Íficles, Anfitrião cobriu Hércules com a colcha e voltou para sua cama. Ao amanhecer, quando o galo já havia cantado três vezes, Alcmena chamou o velho Tirésias e lhe contou o prodigioso acontecimento. Tirésias, após predizer as futuras glórias de Hércules, aconselhou Alcmena a alimentar uma grande pira com gravetos secos de tojo, espinheiro e moráceas, e a queimar nela as serpentes à meia-noite; na manhã seguinte, uma criada deveria recolher as cinzas, levá-las ao rochedo onde a Esfinge havia pousado, disseminá-las aos quatro ventos e sair correndo sem olhar para trás. Ao seu regresso, o palácio deveria ser purificado com vapores de enxofre e água de manancial salgada, e seu teto deveria ser coroado com oliveira silvestre. Finalmente, um javali deveria ser sacrificado no altar de Zeus. Alcmena fez tudo o que lhe foi recomendado. Entretanto, há quem afirme que as serpentes eram inofensivas e que elas haviam sido colocadas no berço pelo próprio Anfitrião, que desejava averiguar qual dos gêmeos era o seu filho — e agora ele sabia muito bem qual.[4]

f. Quando Hércules deixou de ser criança, Anfitrião ensinou-lhe a conduzir um carro puxado a cavalos e a dobrar as esquinas sem arranhar as balizas. Castor deu-lhe aulas de esgrima e o instruiu no manejo das armas, em táticas de infantaria e cavalaria, além dos rudimentos de estratégia. Um dos filhos de Hermes foi o seu mestre de pugilismo — Autólico ou Harpálico, cuja aparência

era tão repulsiva que ninguém ousava encará-lo durante a luta. Êurito ensinou-lhe a atirar com o arco; ou talvez o cita Teutaro, um dos pastores de Anfitrião, ou mesmo Apolo.[5] Mas Hércules logo superou todos os arqueiros nascidos até então, incluindo o seu companheiro Alcão, pai do argonauta Falero, que era capaz de atravessar com sua flecha uma série de anéis dispostos nos elmos dos soldados enfileirados, e cravar flechas nas pontas de espadas ou lanças. Certa vez, quando o filho de Alcão foi atacado por uma serpente que se enroscou em torno dele, Alcão disparou com tal destreza que a feriu mortalmente, sem machucar o menino.[6]

g. Eumolpo ensinou Hércules a cantar e a tocar lira, ao passo que Lino, filho do deus fluvial Ismeno, iniciou-o nos estudos da literatura. Certa ocasião, estando Eumolpo ausente, Lino lhe deu também aulas de lira, mas Hércules, negando-se a modificar os princípios fundamentais em que o havia instruído Eumolpo, após ter levado uns tapas pela sua teimosia, matou Lino golpeando-o com a lira.[7] No julgamento por homicídio, Hércules citou uma da leis de Radamanto, que justificava a resistência enérgica a um agressor, conseguindo, assim, ser absolvido. Entretanto, Anfitrião, temendo que o menino pudesse cometer mais delitos de violência, enviou-o a uma fazenda de gado, onde permaneceu até completar dezoito anos, superando os seus contemporâneos em altura, força e bravura. Lá eles o elegeram como portador do laurel do Apolo ismênio, e os tebanos conservam o trípode que Anfitrião lhe dedicou naquela ocasião. O que não se sabe é quem ensinou a Hércules astronomia e filosofia, embora fosse versado em ambas as ciências.[8]

h. Geralmente se diz que ele media quatro côvados de altura.[a] Entretanto, posto que ele mediu o estádio de Olímpia, calculando seus seiscentos pés de comprimento,[b] e como os estádios gregos posteriores tinham também nominalmente seiscentos pés de comprimento, embora fossem muito mais curtos que o olímpico, o sábio Pitágoras deduziu que o comprimento do passo de Hércules e, por conseguinte, sua estatura deviam guardar a mesma proporção em relação ao passo e à estatura de outros homens, tal como o comprimento do estádio de Olímpia era proporcional ao dos outros estádios. Tal cálculo lhe dava quatro côvados e um pé de altura,[c] embora há quem afirme que sua estatura não ultrapassasse a média.[9]

i. Os olhos de Hércules eram resplandecentes e tinham uma pontaria infalível, tanto com a lança como com a flecha. Comia frugalmente ao meio-dia e, no jantar, sua comida favorita era carne assada e bolos de cevada dórios, os quais comia até se fartar. Sua túnica era curta e limpa e preferia passar a noite sob a intempérie a dormir abrigado.[10] Um profundo conhecimento da arte do augúrio o levava a receber com especial alegria a aparição de abutres sempre que

se dispunha a empreender um novo Trabalho. “Os abutres”, dizia, “são as aves mais nobres que há, pois não atacam sequer a menor criatura viva.”[11]

j. Hércules dizia que nunca havia provocado uma luta, mas que sempre dera a seus agressores o mesmo tratamento que eles tencionavam lhe dar. Um certo Térmero costumava matar os viajantes, desafiando-os a uma luta com cabeçadas; o crânio de Hércules revelou ser mais forte e esmagou a cabeça de Térmero como se se tratasse de um ovo. Não obstante, Hércules era cortês por natureza e foi o primeiro mortal a devolver espontaneamente ao inimigo seus mortos para que os pudesse sepultar.[12]

1. Segundo um outro relato, a Via Láctea se formou quando Reia desmamou Zeus à força (vide 7. *b*). A amamentação de Hércules por parte de Hera é um mito aparentemente baseado no renascimento ritual do rei sagrado a partir da rainha-mãe (vide 145. *3*).

2. Um velho ícone em que se baseia a história pós-homérica das serpentes estranguladas devia talvez mostrar Hércules acariciando-as enquanto elas limpavam-lhe as orelhas com suas línguas, assim como aconteceu com Melampo (vide 72. *c*), Tirésias (vide 105. *g*), Cassandra (vide 158. *p*) e provavelmente com os filhos de Laocoonte (vide 167. *3*). Sem esse gentil tratamento, ele não poderia compreender a linguagem dos abutres. No que diz respeito a Hera, se realmente houvesse desejado matar Hércules, ela teria enviado uma harpia para dar conta dele. O ícone foi equivocadamente interpretado por Píndaro, ou por seu informante, como uma alegoria do Menino Solar do Ano-novo que destrói o poder do Inverno, simbolizado pelas serpentes. O sacrifício do javali oferecido por Alcmena a Zeus é o antigo sacrifício do solstício de inverno, que sobrevive na cabeça de javali natalina da velha Inglaterra.[d] A oliveira silvestre na Grécia, assim como a bétula na Itália e no noroeste da Europa, era a árvore do Ano-novo, símbolo de início, que se utilizava também como uma vassoura para expulsar os maus espíritos (vide 53. *7*). Hércules utilizava como clava uma oliveira silvestre e levou do país dos hiperbóreos (vide 138. *j*) uma muda dessa árvore para Olímpia. O que Tirésias disse a Alcmena foi que acendesse a fogueira da Candelária, que ainda é acesa todo dia 2 de fevereiro em muitas partes da Europa, com o objetivo de queimar os arbustos velhos e facilitar o crescimento dos novos brotos.

3. O Hércules dório comedor de bolos, ao contrário de seus cultos predecessores eólios e aqueus, era um simples rei do gado, dotado das limitadas virtudes de sua condição, desprovido de quaisquer pretensões a possuir conhecimentos de música, filosofia ou astronomia. Na época clássica, os mitógrafos, evocando o princípio de *mens sana in corpore sano*, impuseram-lhe uma educação superior e interpretaram o assassinato de Lino mais como um protesto contra a tirania do que contra a efeminação. Mas ele continuou sendo a personificação da saúde física e não da mental; exceto entre os celtas (vide 132. *3*), que o honravam como patrono das letras e de todas as artes dos bardos. Eles seguiam a tradição segundo a qual Hércules, o dáctilo ideu que eles chamavam de Ogmius, representava a primeira consoante da árvore alfabética hiperbórea, Bétula ou Oliveira Silvestre (vide 52. *3* e 125. *1*), e que "numa vara de bétula foi talhada a primeira mensagem enviada no mundo, a saber, a palavra Bétula repetida sete vezes" (*A deusa branca*, p. 121).

4. A proeza de Alcão ao disparar contra a serpente sem ferir seu filho indica uma prova na arte de manobrar o arco e flecha como aquela descrita no *Malleus Maleficarum* do século XV, quando se exigia do candidato à iniciação no grêmio de arqueiros que disparasse contra um objeto colocado sobre o gorro de seu próprio filho, fosse uma maçã ou uma moeda de prata. Aos irmãos de Laodâmia, que competiam pelo título de rei sagrado (vide 163. *n*), pediu-se que disparassem uma flecha através de um anel colocado no peito de uma criança, embora esse mito deva estar baseado numa informação equivocada, pois o seu propósito não era a morte da criança. Parece que a prova original de um candidato a rei era disparar uma flecha através da espiral de uma serpente de ouro (que simbolizava a imortalidade) colocada na touca de uma criança da família real; e parece também que, em algumas tribos, tal costume foi modificado pelo de perfurar uma maçã e, em outras, pelo de fazer a flecha passar entre as lâminas recurvas de um machado duplo, ou pelo anel que formava a cimeira de um elmo. Mais tarde, porém, quando a pontaria melhorou, a prova passou a consistir em atravessar uma fileira de anéis de elmo, que foi a prova imposta a Alcão; ou uma fileira de lâminas de machado, o teste imposto a Odisseu (vide 171. *h*). Os alegres companheiros de Robin Hood, assim como os arqueiros alemães, disparavam contra moedas de prata porque estas tinham a marca de uma cruz: os grêmios de arqueiros eram insolentemente anticristãos.

5. Os arqueiros gregos e romanos esticavam a corda do arco até o peito, como fazem as crianças, e o seu alcance real era tão curto que a lança continuou sendo a principal arma balística dos exércitos romanos até o século VI da nossa era, quando Belisário armou seus cavalarianos com pesados arcos e os ensinou a esticar a corda até a orelha, à maneira cita. Explica-se, assim, a excelente

pontaria de Hércules descrita pela lenda em que seu instrutor era o cita Têutaro — nome formado, ao que parece, por *teutaein*, “praticar assiduamente”, o que aparentemente não fazia o arqueiro grego comum. Talvez tenha sido sua destacada habilidade com o arco que fez os citas merecerem ser chamados de descendentes de Hércules, o qual, segundo se dizia, havia legado um arco a Cites, o único dentre os seus filhos que era capaz de puxá-lo como ele (vide 132. *v*).

NOTAS

[a] 264 cm. (N.T.)

[b] 19.800 cm. (N.T.)

[c] 297 cm. (N.T.)

[d] A cerimônia da Cabeça de Javali, celebrada ainda hoje no dia de Santo Estêvão, em 26 de dezembro, em algumas localidades inglesas e estadunidenses, parece ter suas origens nas festas anglo-saxônicas dedicadas ao deus nórdico Frey, para que este propiciasse o novo ano. (N.T.)

[1] Diodoro Síciulo: IV. 9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.327; Pausânias: IX. 25. 2.

[2] Eratóstenes: *Catasterismoi* 44; Higino: *Astronomia poética* II. 43; Ptolomeu Hefestionos, citado por Fócio: p. 477; Diodoro Síciulo: IV. 10.

[3] Apolodoro: II. 4. 8; Teócrito: *Idílios* XXIV; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: I. 43.

[4] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 288; Teócrito: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes nemeeias* I. 35 *et seq*.; Ferécides, citado por Apolodoro: II. 4. 8.

[5] Teócrito: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 4. 9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 56; Diodoro Síciulo: IV. 14.

[6] Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio V. 11; Valério Flaco: I. 399 *et seq*.; Apolônio de Rodes: I. 97; Higino: *Fábula* 14.

[7] Pausânias: IX. 29. 3; Teócrito: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 4. 9; Diodoro Síciulo: III. 67.

[8] Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Síciulo: IV. 10; Pausânias: IX. 10. 4: escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 865; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 745.

[9] Apolodoro: II. 4. 9; Plutarco, citado por Aulo Gelio: I. 1; Heródoto, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 662; Píndaro: *Odes ístmicas* IV. 53.

[10] Apolodoro: *loc. cit*.; Teócrito: *Idílio* XXIV; Plutarco: *Questões romanas* 28.

[11] Plutarco: *Questões romanas* 93.

[12] Plutarco: *Teseu* 11 e 29.

120

AS FILHAS DE TÉSPIO

Ao completar dezoito anos, Hércules abandonou a fazenda de gado e foi matar o leão de Citéron, que estava infligindo baixas aos rebanhos de Anfitrião e de seu vizinho, o rei Téspio, chamado também de Téstio, o erectida ateniense. O leão tinha outra toca no monte Hélicon, em cuja base se ergue a cidade de Téspias. O Hélicon foi sempre uma montanha alegre; os habitantes de Téspias celebram no seu cume um antigo festival em homenagem às musas e, no seu sopé, realizam jogos amorosos em torno da estátua de Eros, seu patrono.[1]

b. O rei Téspio teve cinquenta filhas com sua mulher, Megamede, filha de Arneu, que era tão alegre quanto qualquer outro habitante de Téspias. Temendo que pudessem contrair matrimônios pouco adequados, ele decidiu que cada uma delas deveria ter um filho com Hércules, que então passava o dia todo ocupado com a caça ao leão, pois Hércules hospedou-se em Téspias durante cinquenta noites consecutivas.

— Pode ter minha filha mais velha, Prócris, como companheira de leito — disse-lhe Téspio, hospitaleiro. Mas a cada noite ele visitava outra de suas filhas, até ter partilhado o leito com todas elas. Segundo outra versão, ele teria desfrutado de todas numa só noite, menos uma, que rechaçou seus abraços e permaneceu virgem até a morte, atuando como sua sacerdotisa no altar de Téspias. A virgindade continua sendo um requisito para as sacerdotisas téspias. Mas Hércules já havia concebido 51 filhos com suas irmãs; Prócris, a mais velha, deu-lhe filhos gêmeos, Antileão e Hipeu, e a irmã caçula, outros gêmeos.[2]

c. Quando ele por fim localizou o leão e o matou com um tronco de oliveira silvestre que arrancara do monte Hélicon, Hércules se vestiu com a pele do animal e colocou, à maneira de um elmo, suas mandíbulas abertas sobre a cabeça. Mas há quem diga que ele ostentasse a pele do leão de Nemeia ou de um

outro animal que teria matado em Teumesso, perto de Tebas, e que foi Alcátoo quem matou o leão de Citéron.[3]

1. As cinquenta filhas de Téspio — assim como as cinquenta danaides, palântidas, nereidas, ou as cinquenta donzelas que o deus celta Bran (Foroneu) seduziu em uma só noite — devem ter sido um colégio de sacerdotisas a serviço da deusa-Lua, às quais o rei sagrado, coberto com pele de leão, tinha acesso uma vez ao ano durante suas orgias eróticas em torno do falo de pedra chamado Eros ("desejo erótico"). Seu número correspondia às lunações que caíam entre um festival olímpico e o seguinte. "Thesius" talvez seja uma masculinização de *thea hestia*, "a deusa Héstia"; mas Téspio ("que soa divinamente") não é um nome improvável, pois a suma sacerdotisa tinha uma função oracular.

2. Higino (*Fábula* 162) menciona somente doze tespíades, talvez por ser esse o número das vestais latinas que guardavam o Paládio fálico e que, ao que parece, celebravam uma orgia anual similar no monte Albano nos tempos da monarquia romana primitiva.

3. Tanto a caçula como a mais velha das filhas de Téspio tiveram filhos gêmeos com Hércules, a saber, um rei sagrado e seu herdeiro. Os mitógrafos se revelam confusos neste ponto e tentam conciliar a tradição anterior, segundo a qual Hércules se casara com a filha mais nova — ultimogenitura matrilinear — com os direitos patrilineares da primogenitura. Na lenda clássica, Hércules é uma figura patrilinear; à duvidosa exceção de Macária (vide 146. *b*), ele não concebeu nenhuma filha. Sua sacerdotisa virgem de Téspias, assim como a pitonisa de Apolo em Delfos, converteu-se teoricamente em sua prometida ao adquirir a faculdade de profetizar, motivo pelo qual não podia ser desfrutada por nenhum marido mortal.

4. Pausânias, descontente com este mito, escreve que Hércules não poderia ter desonrado seu anfitrião com a sedução maciça das tespíades, nem ter dedicado um templo a si próprio, como se fosse um deus, numa época tão temporã de sua vida; ele se nega, portanto, a identificar o rei de Téspias como o pai das tespíades.

Matar um leão era uma das tarefas matrimoniais impostas ao candidato à dignidade de rei (vide 123. *1*).

5. Hércules fabricou sua clava a partir de uma oliveira silvestre, a árvore do primeiro mês, tradicionalmente utilizada para expulsar os maus espíritos (vide

52. *3*, 89. *7*, 119. *2* etc.).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 4. 8-9; Pausânias: IX. 26. 4; 27. 1 e 31. 1; escoliasta sobre o *Idílio* de Teócrito: XIII. 6.

[2] Apolodoro: II. 4. 10 e 7. 8; Pausânias: IX. 27. 5; Diodoro Sículo: IV. 29; escoliasta sobre a *Teogonia* de Hesíodo: 56.

[3] Teócrito: *Idílio* XXV; Apolodoro: II. 4. 10; Diodoro Sículo: IV. 11; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: I. 355-485; Pausânias: I. 41. 4.

121

ERGINO

Alguns anos antes desses acontecimentos, durante o festival de Poseidon em Onquesto, um incidente trivial irritou os tebanos, porquanto o auriga Meneceu atirou uma pedra que feriu mortalmente Clímeno, rei da Mínia. Clímeno foi trasladado agonizante de volta a Orcômeno, onde, pouco antes de expirar, encarregou seus filhos de o vingarem. O mais velho deles, Ergino, cuja mãe era a princesa beócia Budeia, ou Buzige, reuniu um exército, marchou contra Tebas e obteve rápida vitória. Segundo os termos estipulados num tratado que foi confirmado por juramentos, os tebanos deviam pagar a Ergino um tributo anual de cem reses bovinas durante vinte anos em compensação pela morte de Clímeno.[1]

b. Ao seu regresso do Hélicon, Hércules encontrou-se com os mensageiros mínios que iam recolher o tributo tebano. Quando ele lhes perguntou qual era a sua missão, eles responderam, desdenhosamente, que iam lembrar de novo os tebanos o quão clemente fora Ergino em não ter cortado as orelhas, o nariz e as mãos de todos os homens da cidade. “Mas Ergino de fato anseia por tal tributo?”, perguntou-lhes, irritado, Hércules e, ato contínuo, mutilou os mensageiros da mesma maneira que acabavam de descrever, enviando-os de volta a Orcômeno com suas extremidades ensanguentadas amarradas em cordões em torno do pescoço.[2]

c. Quando Ergino ordenou ao rei Creonte de Tebas que entregasse o autor desse ultraje, ele se mostrou totalmente disposto a obedecer, pois os mínios haviam desarmado Tebas. Ademais, ele tampouco poderia esperar pela intervenção amistosa de nenhum vizinho em tão malfadada causa. Hércules, porém, convenceu seus jovens companheiros a lutar em favor da liberdade. Passou por todos os templos da cidade e se apoderou de todos os escudos, elmos,

peitorais, grevas, espadas e lanças dedicadas como pilhagem. Atena, admirando enormemente tal resolução, outorgou essas armas a ele e seus amigos. Assim, Hércules armou todos os tebanos que estavam na idade de lutar e, depois, ensinou-lhes a utilizar as armas e assumiu pessoalmente o comando da operação. Um oráculo prometeu-lhe vitória caso a pessoa mais nobre de Tebas cometesse suicídio. Todos os olhos se voltaram, esperançosos, na direção de Antípeno, descendente dos Homens Semeados, mas, como ele se mostrou relutante em morrer pelo bem comum, suas filhas Androcleia e Álcis o fizeram de bom grado no seu lugar, tendo sido depois honradas como heroínas no templo de Ártemis Famosa.[3]

d. Em pouco tempo, os mínios iniciaram a marcha contra Tebas, mas Hércules os emboscou num passo estreito, matando Ergino e a maior parte de seus comandantes. Ele se aproveitou da vitória, lograda quase sem ajuda, para atacar subitamente Orcômeno, derrubando os portões da cidade, saqueando o palácio e obrigando os mínios a pagarem um duplo tributo a Tebas. Ademais, Hércules havia bloqueado também os dois grandes túneis que os mínios haviam construído na Antiguidade, através dos quais o rio Cefiso desembocava no mar, irrigando assim as ricas plantações de cereais da Planície Copaica.[4] Seu propósito era o de imobilizar a cavalaria dos mínios, sua arma mais formidável, e de levar a guerra para as montanhas, onde poderia enfrentá-los em igualdade de condições. Mas, como ele era amigo de todos os homens, ele mais tarde voltou a abrir esses túneis. O templo de Hércules Amarrador de Cavalos em Tebas comemora um dos episódios dessa campanha: Hércules entrou durante a noite no acampamento mínio e, após roubar os cavalos de dois carros, amarrando-os em árvores situadas a uma grande distância, passou à espada os soldados enquanto dormiam. Desgraçadamente, Anfitrião, seu pai adotivo, morreu durante o combate.[5]

e. Ao regressar a Tebas, Hércules dedicou um altar a Zeus Preservador, um leão de pedra a Ártemis Famosa e duas imagens de pedra a Atena Armada. Como os deuses não haviam castigado Hércules por haver maltratado os mensageiros de Ergino, os tebanos se atreveram a honrá-lo com uma estátua, chamada Hércules Cortador de Narizes.[6]

f. Segundo outra versão, Ergino sobreviveu à derrota dos mínios e foi um dos argonautas que voltaram da Cólquida com o velocino de ouro. Após vários anos de tentativas de recuperar sua prosperidade anterior, ele voltou a ser rico de fato, mas velho e sem filhos. Um oráculo o aconselhou a pôr um sapato novo na sega do arado desatrelado e ele interpretou o conselho casando-se com uma jovem esposa, com quem teve os célebres arquitetos Trofônio e Agamedes, além de Azeu.[7]

1. A maneira como Hércules tratou os mensageiros mínios é tão vil — pois a pessoa de um mensageiro é considerada universalmente sacrossanta, independentemente da insolência com que atue — que, nesse caso, ele deve representar os conquistadores dórios de 1050 a.C., que faziam pouco-caso de todas as convenções civilizadas.

2. Segundo Estrabão (IX. 2. 18), certos canais naturais de pedra calcária pelos quais corriam as águas do Cefiso por vezes bloqueavam-se e outras vezes se abriam por efeito dos terremotos; mas, com o tempo, a Planície Copaica transformou-se num pântano, apesar dos dois grandes túneis que os mínios haviam aberto na Idade do Bronze — pelasgos minoizados — para tornar os canais naturais mais eficazes. *Sir* James Frazer, que visitou aquela planície faz uns cinquenta anos, descobriu que três dos canais haviam sido fechados artificialmente com pedras na Antiguidade, talvez pelos tebanos que destruíram Orcômeno em 368 a.C., matando a golpe de espada todos os habitantes homens e vendendo as mulheres como escravas (Pausânias: IX. 15. 3). Recentemente, uma companhia britânica drenou os pântanos, tornando a planície novamente propícia à agricultura.

3. Sempre que a cidade de Tebas se encontrava em perigo (vide 105. *i* e 106. *j*), o oráculo tebano costumava exigir um *pharmacos* régio, mas Androcleia e Álcis só teriam abraçado a morte numa sociedade absolutamente patriarcal. Seus nomes, assim como os das filhas de Erecteu, que teriam se sacrificado da mesma maneira (vide 47. *d*), parecem ser títulos de Deméter e Perséfone, que exigiam sacrifícios humanos. Parece que duas princesas “pagaram a pena no lugar” do rei sagrado — que mais tarde recebeu o novo nome de Antípeno — que se negou a seguir o exemplo de Meneceu. Por isso, a Esfinge saltou do alto do rochedo e morreu destroçada (vide 105. *6*).

4. O “Hércules Amarrador de Cavalos” refere-se talvez ao fato de ele ter capturado as éguas selvagens de Diomedes, com tudo o que essa façanha envolvia (vide 130. *1*).

5. Atena Armada era a Atena primitiva que distribuía armas a seus filhos prediletos. Nos mitos celtas e alemães, a entrega de armas é uma prerrogativa matriarcal, que se realizava particularmente durante um casamento sagrado (vide 95. *5*).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 4. 11; Pausânias: IX. 37. 1-2; Eustácio sobre Homero: p. 1.076; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 185.

[2] Diodoro Sículo: IV. 10.

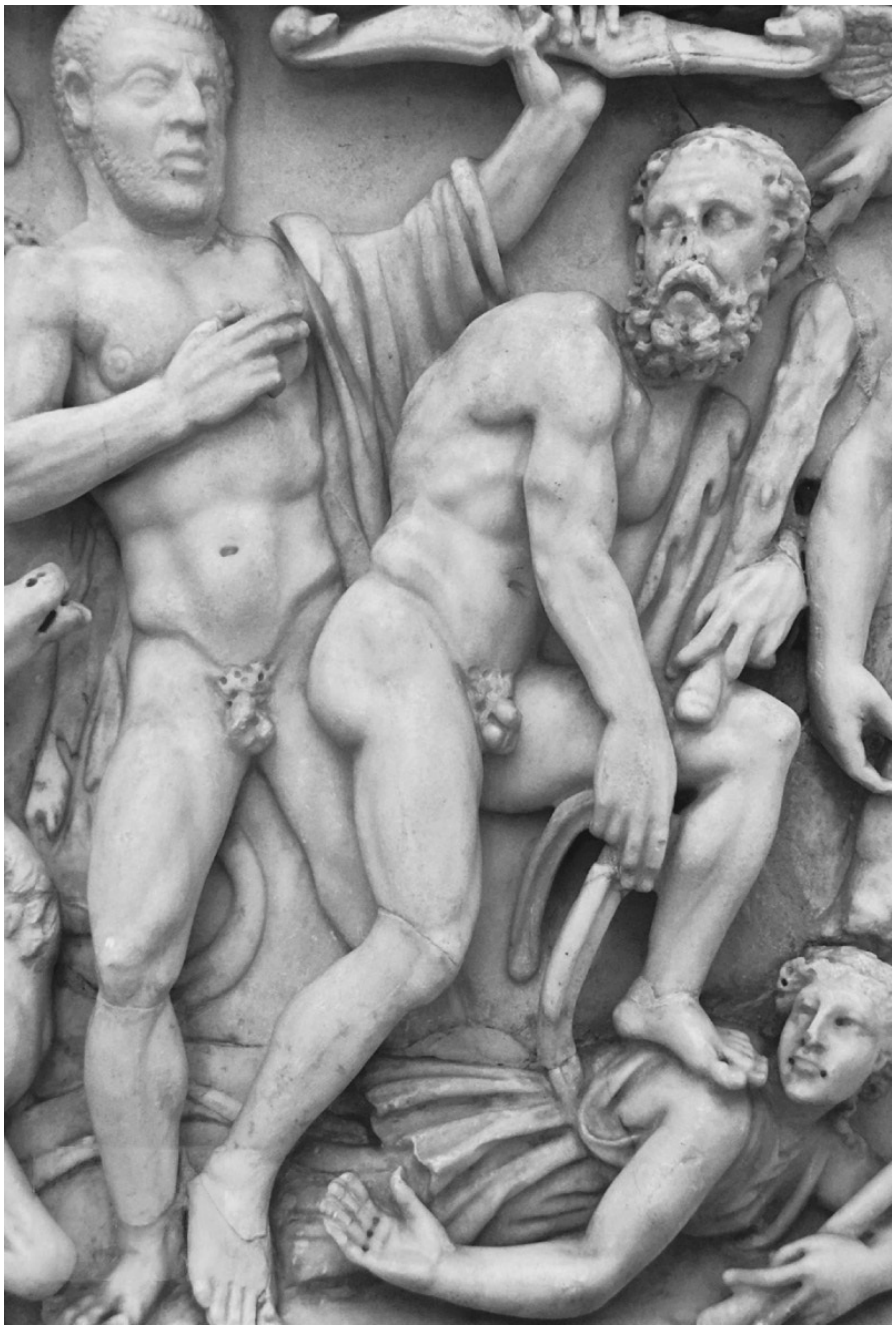
[3] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 4. 11; Pausânias: IX. 17. 1.

[4] Eurípides: *Hércules* 220; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: IX. 38. 5; Estrabão: IX. 11. 40.

[5] Polieno: I. 3. 5; Diodoro Sículo: IV. 18. 7; Pausânias: IX. 26. 1; Apolodoro: II. 4. 11.

[6] Eurípides: *Hércules* 48-59; Pausânias: IX. 17. 1-2 e 25. 4.

[7] Pausânias: IX. 37. 2-3 e 25. 4; Eustácio sobre Homero: p. 272.



HÉRCULES MORTO,
painel frontal de um sarcófago retratando os trabalhos de Hércules, em mármore
Roma, Itália

122

A LOUCURA DE HÉRCULES

A derrota dos mínios transformou Hércules no herói mais famoso, e sua recompensa foi casar-se com a filha mais velha do rei Creonte, Mégara ou Megera, e ser designado o protetor da cidade, ao passo que Íficles casou-se com a filha caçula. Há quem diga que Hércules teve dois filhos com Mégara, outros, que teve três, quatro e até mesmo oito. Eles são conhecidos como os Alcaídes.[1]

b. Depois, quando marchou contra Tebas, Hércules venceu Pirecme, rei dos eubeus e aliado dos mínios; e semeou o terror em toda a Grécia, ordenando que seu corpo fosse dividido em dois por potros e abandonado sem sepultamento junto ao rio Heracleu, num lugar chamado Potros de Pirecme, que produz um eco como o do relincho quando os cavalos nele saciam sua sede.[2]

c. Hera, irritada com os excessos de Hércules, infligiu-lhe um acesso de loucura. Ele atacou primeiro seu querido sobrinho Iolau, o filho mais velho de Íficles, que conseguiu escapar de suas violentas arremetidas; e depois, tomando por inimigos seis de seus próprios filhos, ele os matou e lançou seus corpos ao fogo junto com outros dois filhos de Íficles, que realizavam exercícios militares junto com eles. Os tebanos celebram um festival anual em homenagem às oito vítimas. No primeiro dia, oferecem-se sacrifícios e fogueiras ardem durante toda a noite; no segundo dia, realizam-se jogos fúnebres e o vencedor é coroado com mirto branco. Os celebrantes se lamentam, recordando o brilhante futuro que estava reservado aos filhos de Hércules. Um deles governaria Argos, ocupando o palácio de Euristeu, e Hércules havia colocado sobre os ombros dele a sua pele de leão; outro estava destinado a ser rei de Tebas, e Hércules havia colocado em sua mão direita a clava da defesa, dádiva enganosa de Dédalo; a um terceiro fora prometida a Ecália, que mais tarde Hércules assolou; e para todos eles haviam sido escolhidas as noivas mais seletas, que significavam alianças com Atenas,

Tebas e Esparta. Hércules tanto amava esses filhos que muitos negam que ele tenha cometido tal delito e preferem acreditar que eles foram assassinados por um gesto traiçoeiro de seus hóspedes: por Lico, talvez, ou, como sugeriu Sócrates, por Augias.[3]

d. Quando Hércules recuperou a sanidade, ele se trancou num quarto escuro durante vários dias, evitando qualquer comunicação com criaturas humanas e, após ser purificado pelo rei Téspio, ele foi a Delfos consultar o oráculo. A pitonisa, dirigindo-se a ele pela primeira vez como Hércules e não como Palêmon, aconselhou-o a residir em Tirinto, a servir Euristeu durante doze anos e realizar qualquer trabalho que ele exigisse; em compensação, ele obteria a imortalidade. Ao ouvir isso, Hércules mergulhou num profundo desespero, pois detestava ter de servir a um homem que considerava muito inferior a ele, mas, ao mesmo tempo, temia opor-se à vontade de seu pai Zeus. Muitos amigos prestaram-lhe solidariedade e, por fim, quando o tempo já havia mitigado um pouco a sua dor, ele se colocou à disposição de Euristeu.[4]

e. Há quem afirme, contudo, que foi só depois de seu retorno do Tártaro que Hércules enlouqueceu e matou os filhos, e matou também Mégara. Então, a pitonisa lhe disse: “Nunca mais você se chamará Palêmon! Febo Apolo agora o chama de Hércules, pois graças a Hera gozarás de uma fama imorredoura entre os homens!”, como se ele houvesse prestado um grande serviço a Hera. Outros dizem que Hércules era amante de Euristeu, e que realizou os Doze Trabalhos para comprazer a ele; há ainda uma outra versão segundo a qual ele teria se comprometido a realizar os trabalhos sob a condição de que Euristeu anulasse a sentença de desterro decretada contra Anfitrião.[5]

f. Já foi dito que, quando Hércules saiu para realizar seus Trabalhos, Hermes lhe deu uma espada; Apolo deu-lhe um arco e flechas bem afiadas e adornadas com plumas de águia; Hefesto, um peitoral de ouro; e Atena, uma túnica. Ou que Atena lhe deu o peitoral e Hefesto, as grevas de bronze e um elmo adamantino. Acrescenta-se que Atena e Hefesto rivalizavam entre si para beneficiar Hércules; ela lhe deu o gozo de prazeres pacíficos e ele, proteção contra os perigos da guerra. O presente de Poseidon foi uma parelha de cavalos; o de Zeus, um magnífico escudo inquebrantável. Muitas eram as histórias gravadas nesse escudo em esmalte, marfim, eletro, ouro e lápis-lazúli. Ademais, cada vez que Hércules se lançava na batalha, doze cabeças de serpente, gravadas ao redor do ornamento em relevo, batiam suas mandíbulas e aterravam seus oponentes.[6] A verdade, entretanto, é que Hércules desprezava a armadura e, depois do seu primeiro Trabalho, não costumava levar consigo nem mesmo uma lança, pois confiava mais na clava e no arco e flecha. Utilizava pouco a clava com ponta de bronze com que o havia presenteado Hefesto, e preferiu fazer a sua

própria a partir de um tronco de oliveira silvestre, primeiro no Hélicon e, depois, em Nemeia. Essa segunda clava foi mais tarde substituída por uma terceira, também de oliveira silvestre, fabricada na costa do mar Sarônico; foi a clava que ele depositou junto à imagem de Hermes quando visitou Trezena; ela criou raízes, brotou e agora é uma árvore majestosa.[7]

g. Seu sobrinho Iolau participou dos Trabalhos como seu auriga ou escudeiro.[8]

1. A loucura era a clássica desculpa grega para sacrificar crianças (vide 27. *e* e 70. *g*), embora o menino que substituía o rei sagrado (vide 42. *2,* 81. *8* e 156. *2*) fosse de fato queimado vivo depois de permanecer escondido por 24 horas numa tumba, simulando estar morto, e reaparecendo em seguida para reclamar o trono.

2. A morte de Pirecme, partido em dois por cavalos selvagens, revela ser familiar (vide 71. *1*). O título Palêmon de Hércules o identifica com Melicerta de Corinto, que foi divinizado com esse nome. Melicerta é Melkarth, o Senhor da Cidade, o Hércules tírio. Os oito Alcaídes parecem ter sido membros de um grupo que dançava com espadas e cuja atuação, como a dos oito dançarinos de *morris-dance*[a] na Peça de Natal inglesa, terminava com a ressurreição da vítima. O mirto era a árvore do décimo terceiro mês de 28 dias e simbolizava a partida; a oliveira silvestre era a árvore do primeiro mês, e simbolizava o começo (vide 119. *2*). É provável que os oito filhos de Electrião (vide 118. *a*) tenham formado um grupo similar em Micenas.

3. As relações homossexuais de Hércules com Hilas, Iolau e Euristeu, e as descrições de sua armadura luxuosa têm por finalidade justificar os costumes militares tebanos. No mito original, ele deve ter amado a filha de Euristeu e não o próprio Euristeu. Sérvio assinala que seus Doze Trabalhos foram finalmente considerados equivalentes aos doze signos do zodíaco, embora Homero e Hesíodo não digam que tenham sido doze, e tampouco a sequência dos Trabalhos corresponde à dos signos. Assim como o deus do ano celta, celebrado na Canção de Amergin irlandesa, o Hércules pelasgo parece ter executado suas tarefas ao longo de um ano de treze meses. No mito irlandês e galês, os emblemas sucessivos eram: cervo ou touro, dilúvio, vento, gotas de orvalho, falcão, flor, fogueira, lança, salmão, colina, javali, arrebentação, serpente marinha. Mas as aventuras de Gilgamesh na epopeia babilônica se relacionam

com os signos do zodíaco, e o Hércules tírio tinha muito em comum com ele. Apesar do que dizem Homero e Hesíodo, as cenas representadas nos escudos antigos não parecem ter sido obras de arte deslumbrantes, mas toscos pictogramas que indicavam a origem e a categoria do proprietário, riscados na franja espiral que revestia cada escudo.

4. A ocasião em que os doze olímpicos presentearam Hércules foi sem dúvida o seu matrimônio sagrado, e todos eles devem ter sido apresentados a ele por sua noiva sacerdotisa — Atena, Auge, Íole ou qualquer que fosse o seu nome — ou diretamente, ou pelas mãos de seus ajudantes (vide 81. *l*). Aqui Hércules estava sendo armado para os seus Trabalhos, ou seja, para executar seus combates rituais e suas façanhas mágicas.

NOTAS

[a] Dança folclórica inglesa semelhante à quadrilha. (N.T.)

[1] Escoliasta sobre as *Odes ístmicas* de Píndaro: IV. 114 e 61; Apolodoro: II. 4. 11; Diodoro Sículo: IV. 10; Higino: *Fábula* 31; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 38.

[2] Plutarco: *Vidas paralelas* 7.

[3] Diodoro Sículo: IV. 11; Apolodoro: II. 4. 12; Píndaro: *loc. cit.*; Eurípides: *Hércules* 462 *et seq.*; Lisímaco, citado por escoliasta sobre as *Odes ístmicas* de Píndaro: IV. 114.

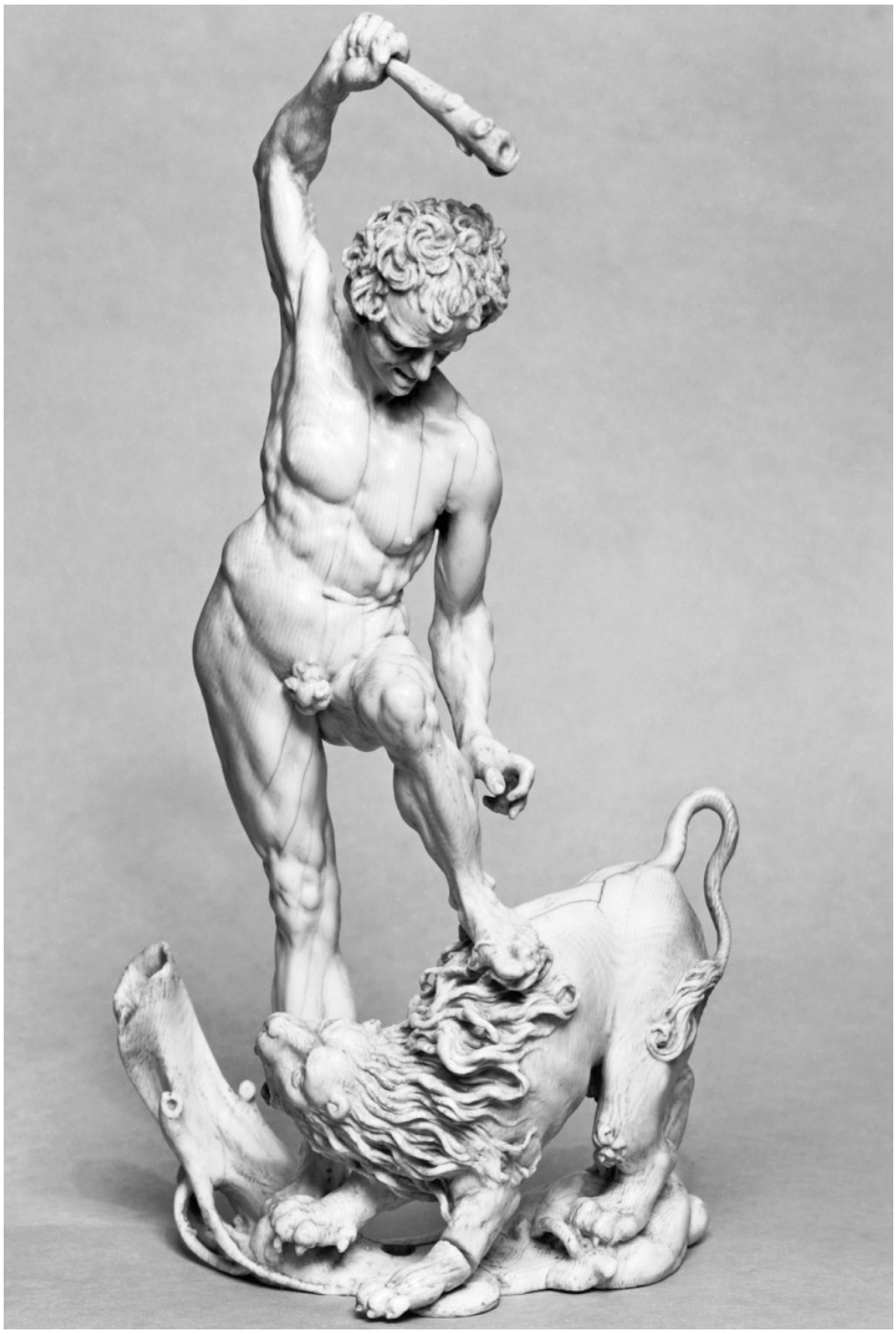
[4] Diodoro Sículo: IV. 10-11; Apolodoro: *loc. cit.*

[5] Eurípides: *Hércules* 1 *et seq.* e 1.000 *et seq.*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 38 e 662-663; Diótimo: *Heracleia*, citado por Ateneu XIII. 8.

[6] Apolodoro: II. 4. 11; Hesíodo: *Escudo de Hércules* 122 *et seq.*, 141 *et seq.*, 161 *et seq.* e 318-319; Pausânias: V. 8. 1.

[7] Eurípides: *Hércules* 159 *et seq.*; Apolônio de Rodes: I. 1. 196; Diodoro Sículo: IV. 14; Teócrito: *Idílio* XXV; Apolodoro: II. 4. 11; Pausânias: II. 31. 13.

[8] Plutarco: *Sobre o amor* 17; Pausânias: V. 8. 1 e 17. 4; Eurípides: *Os filhos de Hércules* 216.



HÉRCULES E O LEÃO DE NEMEIA
Baltimore, Estados Unidos

123

O PRIMEIRO TRABALHO: O LEÃO DE NEMEIA

O Primeiro Trabalho que Euristeu impôs a Hércules quando ele foi residir em Tirinto foi o de matar e esfolar o leão de Nemeia, ou de Cleonas, uma fera enorme com uma pele à prova de ferro, bronze e pedra.[1]

b. Segundo algumas versões, esse leão era descendente de Tífon, ou da Quimera e do cão Ortro; outras afirmam que Selene o pariu após horríveis contrações, deixando-o cair na Terra sobre o monte Treto, perto de Nemeia, junto a uma caverna com duas entradas e que, como castigo por não ter realizado um sacrifício, ela fez com que ele devorasse seu próprio povo, e os que mais sofreram com isso foram os bambineus.[2]

c. Contam ainda que, por desejo de Hera, Selene criou o leão com espuma de mar, fechado numa grande arca, e que Íris, envolvendo-o com o seu cinturão, levou-o às montanhas nemeeias. Elas se chamavam assim por causa do nome de uma filha de Asopo, ou de Zeus e Selene; e lá ainda pode ser vista a cova do leão, a uns três quilômetros da cidade de Nemeia.[3]

d. Ao chegar a Cleonas, entre Corinto e Argos, Hércules se alojou na casa de um camponês, ou pastor, chamado Molorco, cujo filho o leão havia matado. Quando Molorco estava se dispondo a oferecer um carneiro com vistas a propiciar Hera, Hércules o impediu.

— Espere trinta dias — disse Hércules. — Se eu voltar são e salvo, sacrifique-o a Zeus Salvador; se eu não voltar, sacrifique-o a mim, Hércules, como herói!

e. Hércules chegou a Nemeia ao meio-dia, mas como o leão havia despopulado a vizinhança, ele não encontrou ninguém que o pudesse orientar, e nem se viam rastros da fera. Tendo procurado primeiro pelo monte Apesas — assim chamado por causa de Apesanto, um pastor que o leão havia matado,

embora se diga que Apesanto havia sido um dos filhos de Acrísio, que morreu picado por uma serpente no calcanhar —, Hércules foi depois para o monte Treto e, em pouco tempo, divisou o leão que voltava à sua guarida, salpicado com o sangue da matança do dia.[4] Lançou sobre ele uma chuva de flechas, que ricochetearam vãs sobre sua pele dura, sem ao menos arranhá-lo; o leão lambia os beiços, bocejando. Depois, Hércules utilizou a espada, que se dobrou como se fosse de chumbo e, finalmente, levantou a clava e deu um golpe certeiro no focinho do leão, que se dirigiu à sua cova de duas entradas sacudindo a cabeça, não por causa da dor, mas simplesmente porque lhe zumbiam os ouvidos. Lançando um triste olhar sobre sua clava quebrada, Hércules cobriu então com uma rede uma das entradas da cova e entrou nela pela outra. Consciente agora de que o monstro era imune a todas as armas, ele se pôs a lutar com ele corpo a corpo. O leão arrancou-lhe um dedo com uma mordida, mas Hércules agarrou sua cabeça e aplicou-lhe uma gravata, apertando forte até estrangulá-lo.[5]

f. Com a carcaça sobre os ombros, Hércules voltou a Cleonas, aonde chegou ao cabo de trinta dias, e encontrou Molorco prestes a oferecer-lhe um sacrifício de herói; mas, em vez disso, eles ofereceram juntos um sacrifício a Zeus Salvador. Em seguida, Hércules fabricou uma clava nova e, depois de introduzir várias modificações nos jogos nemeeus — que até então eram celebrados em homenagem a Ofeltes —, dedicando-os a Zeus, levou o corpo do leão para Micenas. Euristeu, estupefato e aterrado, proibiu-o de voltar a entrar na cidade, dizendo-lhe que, no futuro, ele deveria exibir os frutos de seus Trabalhos do lado de fora dos portões.[6]

g. Durante algum tempo, Hércules ficou desorientado, sem saber como esfolar o leão, até que, por inspiração divina, ocorreu-lhe utilizar as próprias garras do animal, afiadas como navalhas, e não tardou em conseguir vestir a invulnerável pele como uma armadura e a cabeça como elmo. Enquanto isso, Euristeu ordenou a seus ferreiros que forjassem uma urna de bronze, que escondeu debaixo da terra. Desde aquele momento, cada vez que lhe anunciavam a chegada de Hércules, ele se refugiava nessa urna e enviava suas ordens por intermédio de um mensageiro, um filho de Pélope chamado Copreu, o qual ele havia purificado de um assassinato.[7]

h. As honras que Hércules recebeu da cidade de Nemeia em agradecimento por sua façanha foram por ele posteriormente cedidas a seus fiéis aliados de Cleonas, que lutaram junto com ele na Guerra de Eleia, onde morreram 360 deles. Quanto a Molorco, ele fundou a cidade vizinha de Molorquia e plantou o Bosque Nemeeu, onde agora se celebram os jogos nemeeus.[8]

i. Hércules não foi o único homem a estrangular um leão naquela época. A mesma façanha foi realizada por seu amigo Fílio como a primeira de três tarefas

amorosas que lhe impusera Cicno, um filho de Apolo e Tíria. Fílio também teve de apreender vivas várias aves monstruosas devoradoras de gente, parecidas com abutres e, após lutar corpo a corpo com um touro feroz, ele o levou ao altar de Zeus. Uma vez cumpridas as três tarefas, Cicno ainda exigiu um boi que Fílio havia ganhado como prêmio em certos jogos fúnebres de que participara. Hércules aconselhou Fílio a se negar e a exigir um acerto de contas com Cicno, que, desesperado, atirou-se num lago, que passou desde então a se chamar lago Cicneano. Sua mãe Tíria se matou depois da mesma maneira, e ambos foram transformados em cisnes.[9]

1. O combate ritual do rei sagrado com feras era parte costumeira do ritual da coroação na Grécia, Ásia Menor, Babilônia e Síria, cada animal representando uma estação do ano. Seu número variava segundo o calendário. Num ano de três estações, eles consistiam, como a Quimera, em leão, cabra e serpente (vide 75. *2*), daí a afirmação de que o leão de Citéron fosse filho da Quimera e de Ortro, a estrela Sírio (vide 34. *3*); ou em touro, leão e serpente, que eram as transformações sazonais de Dionísio (vide 27. *4*), segundo *As Bacantes* de Eurípides; ou em leão, cavalo e cachorro, como as cabeças de Hécate (vide 31. *7*). Mas, num ano de quatro estações, eles deviam ser touro, carneiro, leão e serpente, como as cabeças de Fanes (vide 2. *b*) descritas no *Fragmento órfico* 63; ou touro, leão, águia e serafim, como na visão de Ezequiel (*Ezequiel* I); ou, mais simplesmente, touro, leão, escorpião e hidra, os quatro signos do zodíaco que caíam nos equinócios e solstícios. A julgar pelos Primeiro, Quarto, Sétimo e Décimo Primeiro Trabalhos, esses quatro últimos parecem ser os animais com que lutou Hércules, embora o javali tenha substituído o escorpião, o escorpião tendo sido conservado apenas na fábula de Órion, um outro Hércules a quem se ofereceu uma princesa em matrimônio caso matasse determinadas feras (vide 41. *a-d*). A mesma situação se repete na história de Cicno e Fílio — com sua incomum substituição de abutres pela serpente —, embora Ovídio e Antoninus Liberalis lhe tenham atribuído um cunho homossexual. Teoricamente, ao domar tais animais, o rei obtinha o domínio das estações do ano regidas por eles. Em Tebas, cidade natal de Hércules, a deusa-Esfinge governava um ano de duas estações; era uma leoa alada com cauda de serpente (vide 105. *3*), e por isso ele ostentava uma pele e uma máscara de leão, e não uma máscara de touro como Minos (vide 98. *2*). O leão aparecia com os outros animais do calendário no arco

da Lua nova, um ícone que, ao que parece, deu origem tanto à história de Noé e o Dilúvio como também à de Dionísio e os piratas (vide 27. *5*); por isso se diz que Selene (“a Lua”) o criou.

2. Fócio nega que Hércules tenha perdido um dedo enquanto lutava com o leão; Ptolomeu Hefestionos diz (*Nova História* II) que ele foi envenenado por uma arraia (vide 171. *3*). Mas o mais provável é que ele mesmo o tenha arrancado com uma mordida a fim de aplacar as almas de seus filhos, como fez Orestes quando era perseguido pelas Erínias de sua mãe. Uma outra caverna de duas entradas é casualmente mencionada na *Odisseia* XIII. 103 *et seq*., perto da qual Odisseu dormiu pela primeira vez ao regressar de Ítaca, diante da baía de Fórcis. A entrada setentrional era para os homens e a meridional, para os deuses; ela continha jarras de duas asas utilizadas como colmeias, bacias de pedra e água abundante de manancial. Havia ali também teares de pedra — estalactites? — em que as náiades teciam prendas de cor púrpura. Se Porfírio (*Da caverna das ninfas*) estava certo ao dizer que nessa caverna se praticavam os ritos da morte e do renascimento divino, então as bacias serviam para o sangue e a água, para a purificação. As jarras seriam, nesse caso, urnas para a inumação sobre as quais as almas revoluteavam como abelhas (vide 90. *3*), e as náiades (filhas do deus da morte Fórcis ou Orco) seriam as Parcas que teciam vestimentas com as marcas do clã régio para que fossem vestidas pelo renascido (vide 10. *1*). A cova do leão de Nemeia tem duas entradas porque esse Primeiro Trabalho iniciou a viagem de Hércules na direção de sua morte ritual, após a qual ele se torna imortal e se casa com a deusa Hebe.

3. A morte de 360 cleoneus indica um mistério do calendário, pois este é o número de dias do ano sagrado egípcio, excluindo os cinco dias separados em honra a Osíris, Ísis, Néftis, Set e Hórus. As modificações que Hércules introduziu nos jogos nemeeus pode ter implicado uma mudança no calendário local.

4. Se o rei de Micenas, como o inimigo de Órion, Enópio de Híria (vide 41. *c*), refugiou-se numa urna de bronze debaixo da terra e saiu dela só depois que o perigo havia passado, ele por certo simulava anualmente que morria enquanto seu substituto reinava durante um dia, reaparecendo no dia seguinte. Os filhos de Hércules se encontravam entre esses substitutos (vide 122. *1*).

5. Apesanto era um dos vários heróis primitivos que haviam sido mordidos por uma víbora no calcanhar (vide 177. *1*). Ele pode ser identificado com Ofeltes (vide 106. *g*) de Nemeia, embora não se mencione qual foi a parte do corpo de Ofeltes que a serpente mordeu.

NOTAS

1 Apolodoro: II. 5. 1; Valério Flaco: I. 34; Diodoro Síc ulo: IV. II.

2 Apolodoro: *loc. cit.*; Hesíodo: *Teogonia* 326 *et seq.*; Epimênides: *Fragmento* 5, citado por Eliano: *Particularidades dos animais* XII. 7; Plutarco: *Sobre o rosto que aparece na esfera da Lua* 24; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 295; Higino: *Fábula* 30; Teócrito: *Idílio* XXV. 200 *et seq.*

3 Demódoco: *História de Hércules* I, citado por Plutarco: *Sobre os rios* 18; Pausânias: II. 15. 2-3; escoliasta sobre a *Hipótese* das *Odes nemeeias* de Píndaro.

4 Estrabão: VIII. 6. 19; Apolodoro: II. 5. 1; Sérvio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 19; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: IV. 161; Plutarco: *loc. cit.*; Teócrito: *Idílio* XXV. 211 *et seq.*

5 Baquílides: XIII. 53; Teócrito: *loc. cit.*; Ptolomeu Hefestionos: II, citado por Fócio, p. 474; Apolodoro: *loc. cit.*; Diodoro Síc ulo: IV. 11; Eurípides: *Hércules* 153.

6 Apolodoro: *loc. cit.* e II. 4. 11; escoliasta sobre a *Hipótese* das *Odes nemeeias* de Píndaro.

7 Teócrito: *Idílio* XXV. 272 *et seq.*; Diodoro Síc ulo: IV. II; Eurípides: *Hércules* 359 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit.*

8 Eliano: *Varia Historia* IV. 5; Estêvão de Bizâncio *sub* Molorquia; Virgílio: *Geórgicas* III. 19; Sérvio: *ad loc.*

9 Antoninus Liberalis: *Transformações* 12; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 371 *et seq.*

HÉRCULES MATANDO A HIDRA DE LERNA,
de J.M. Félix Magdalena

124

O SEGUNDO TRABALHO: A HIDRA DE LERNA

O Segundo Trabalho imposto por Euristeu foi a destruição da hidra de Lerna, um monstro nascido da união de Tífon e Equidna e criado por Hera para constituir uma ameaça a Hércules.[1]

b. Lerna está localizada junto ao mar, a uns oito quilômetros da cidade de Argos. A oeste se ergue o monte Pontino, com seu bosque sagrado de plátanos que se estende até a praia. Nesse bosque, limitado de um lado pelo rio Pontino — junto ao qual Dânao dedicou um altar a Atena — e do outro lado pelo rio Amimone, encontram-se as imagens de Deméter, Dionísio Salvador e Prosimna, uma das amas de Hera; e, às margens do rio, ergue-se uma imagem de pedra de Afrodite, dedicada pelas danaides. Todos os anos realizam-se ritos noturnos secretos em homenagem a Dionísio, que desceu de lá para o Tártaro quando saiu em busca de Sêmele, e não longe dali celebram-se os mistérios da Deméter de Lerna num recinto que indica o lugar onde Hades e Perséfone também desceram ao Tártaro.[2]

c. Esse território fértil e sagrado viu-se aterrorizado num determinado momento pela hidra, que mantinha sua guarida debaixo de um plátano na fonte sétupla do rio Amimone e frequentava o insondável pântano de Lerna perto dali — o Imperador Nero tentou determinar sua profundidade mas fracassou —, que se tornou a tumba de vários viajantes incautos.[3] A hidra tinha um enorme corpo de características caninas, e oito ou nove cabeças serpentinas, uma das quais imortal. Mas alguns lhe atribuem cinquenta, cem, e até mesmo dez mil cabeças. De qualquer modo, ela era tão maligna que só o seu hálito venenoso, ou o odor de seu rastro, era capaz de destruir qualquer criatura viva.[4]

d. Atena havia meditado sobre qual seria a melhor maneira de Hércules matar o monstro e, quando ele chegou a Lerna de carro, conduzido por Iolau, ela

lhe indicou o local do esconderijo da hidra. Aconselhado pela deusa, ele obrigou a hidra a sair, atirando sobre ela flechas ardentes e, depois, prendeu a respiração enquanto a agarrava. Mas o monstro enroscou-se nos seus pés, no intuito de derrubá-lo. Debalde, Hércules golpeava suas cabeças com a clava, pois, tão logo lhe esmagava uma, nasciam duas ou três no seu lugar.[5]

e. Um caranguejo enorme saiu do pântano para ajudar a hidra, mordendo Hércules no pé. O herói esmagou-lhe furiosamente a carapaça e pediu a Iolau que pusesse fogo a um bosque vizinho. Para impedir que brotassem novas cabeças na hidra, cauterizou suas raízes com ramos em chamas, contendo, assim, o fluxo do sangue.[6]

f. Utilizando então uma espada ou uma cimitarra de ouro, Hércules cortou a cabeça imortal, parte da qual era de ouro, e a enterrou, enquanto ainda silvava, debaixo de uma pesada rocha junto à estrada de Eleu. Depois, ele retirou as entranhas da carcaça e encharcou suas flechas na bile venenosa. Desde então, a menor ferida causada por uma delas resultava sempre fatal.

g. Em recompensa pelos serviços do caranguejo, Hera colocou a sua imagem entre os doze signos do zodíaco; mas Euristeu não quis contar esse Trabalho como devidamente cumprido, pois Iolau havia proporcionado a Hércules os tições.[7]

1. A hidra de Lerna desconcertou os mitógrafos clássicos. Pausânias afirmava que poderia perfeitamente ter-se tratado de uma enorme serpente peçonhenta de água, embora “Pisandro tenha sido o primeiro a dizer que tinha múltiplas cabeças, querendo, com isso, que a história parecesse mais aterradora e, ao mesmo tempo, acrescentar dignidade aos seus próprios versos” (Pausânias: II. 37. 4). Segundo o evemerista Sérvio (sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 287), a hidra seria um manancial de rios subterrâneos que costumavam irromper ao exterior e inundar as lavouras; se um de seus numerosos canais ficava bloqueado, a água brotava por outra parte, razão pela qual Hércules primeiro utilizou o fogo para secar a terra e depois fechou os canais.

2. Na versão anterior deste mito, Hércules, como aspirante à dignidade de rei, provavelmente lutou sucessivamente com um touro, um leão e um javali ou escorpião, e depois submergiu num lago para obter o ouro do monstro aquático que morava nas suas profundezas. Jasão teve de realizar tarefas muito parecidas, e o papel de ajudante desempenhado por Medeia é atribuído neste mito a Atena,

na qualidade de futura prometida de Hércules. Embora a hidra evoque a serpente marinha que Perseu matou com uma cimitarra de ouro, ou seja, a foice da Lua nova, neste caso trata-se de um monstro de água doce, como a maioria dos monstros mencionados pelos mitógrafos irlandeses e galeses — *piastres* ou *avancs* (vide 148. *5*) —, e como aquele caracterizado pelo epíteto homérico para Lacedêmon, a saber, *cetoessa*, "do monstro aquático", que sem dúvida frequentava algum tanque profundo do Eurotas (vide 125. *3*). O corpo parecido com o de um cachorro é uma reminiscência do monstro marinho Cila (vide 16. *2*) e de um monstro de sete cabeças (presente num selo cilíndrico babilônico posterior) que mata o herói Gilgamesh. Os astrólogos introduziram o caranguejo na história para fazer com que os Doze Trabalhos de Hércules correspondessem aos doze signos do zodíaco, mas, na verdade, ele deveria ter figurado em sua luta como leão de Nemeia, o signo seguinte.

3. Este mito ritual uniu-se ao das danaides, que eram as antigas sacerdotisas aquáticas de Lerna. O número de cabeças atribuído à hidra varia inteligivelmente: como um colégio de sacerdotisas, ela tinha cinquenta cabeças; como a siba sagrada, disfarce adotado por Tétis — que também tinha um colégio de cinquenta sacerdotisas (vide 81. *1*) —, tinha oito braços serpentinos que terminavam em cabeças, e uma outra cabeça no tronco, de modo que o conjunto somava nove cabeças em homenagem à deusa-Lua; cem cabeças sugerem as *centuriae* ou grupos de guerra, que atacaram Argos vindos de Lerna; e dez mil é um embelezamento típico de Eurípides, que era pouco consciente como mitógrafo. Nas moedas gregas, a hidra tem geralmente sete cabeças, sem dúvida uma referência aos sete canais do rio Amimone.

4. A destruição da hidra levada a cabo por Hércules parece registrar um acontecimento histórico: a tentativa de suprimir os ritos de fertilidade em Lerna. Novas sacerdotisas, porém, sempre apareceram no bosque de plátanos — o plátano indica a influência religiosa cretense, da mesma maneira que a siba — até que os aqueus, ou talvez os dórios, o incendiaram por completo. É evidente que, originalmente, Deméter formava uma tríade com Hécate como Velha, aqui chamada de Prosimna, "louvada com hinos", e Perséfone Donzela; mas a Sêmele de Dionísio (vide 27. *k*) substituiu Perséfone. No litoral havia um culto à parte dedicado a Afrodite-Tétis.

NOTAS

[1] Hesíodo: *Teogonia* 313 *et seq*.

[2] Pausânias: II. 37. 1-3 e 5; II. 36. 6-8.

[3] Pausânias: II. 37. 4; Apolodoro: II. 5. 2; Estrabão: VIII. 6. 8.

[4] Eurípides: *Hércules* 419-420; Zenóbio: *Provérbios* VI. 26; Apolodoro: *loc. cit.*; Simônides, citado por escoliasta sobre a *Teogonia* de Hesíodo: p. 257, ed. Heinsius; Diodoro Sículo: IV. 11; Higino: *Fábula* 30.

[5] Hesíodo: *Teogonia* 313 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit.*; Higino: *loc. cit.*; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 287.

[6] Apolodoro: *loc. cit.*; Higino: *loc. cit*. e *Astronomia poética* II. 23; Diodoro Sículo: IV. 11.

[7] Eurípides: *Íon* 192; Hesíodo: *Teogonia* 313 *et seq.*; Apolodoro: *loc. cit.*; Alexandre Mindius, citado por Fócio, p. 475.

A corça de Cerínia na Fonte de HÉRCULES Jardins de Aranjuez, Madri, Espanha

125

O TERCEIRO TRABALHO: A CORÇA DE CERÍNIA

O Terceiro Trabalho de Hércules consistiu em capturar a corça de Cerínia e levá-la viva de Énoe até Micenas. Esse veloz animal rajado tinha cascos de bronze e chifres de ouro como os de um cervo, motivo pelo qual algumas tradições afirmam tratar-se, na realidade, de um cervo.[1] Ela era consagrada a Ártemis, que, em criança, viu cinco corças, maiores que touros, pastando nas margens cobertas de seixos negros do rio tessálio Anauro, no sopé dos montes Parrasinos, enquanto o sol cintilava em seus chifres. Ela correu e conseguiu agarrar quatro delas, uma após outra, com as próprias mãos, e as atrelou a seu carro; a quinta fugiu pelo rio Celadão para a colina de Cerínia, tal como havia previsto Hera, que já pensava então nos Trabalhos de Hércules. Segundo uma outra versão, essa corça era um monstro indômito que costumava arrasar as lavouras e que Hércules, após uma árdua luta, sacrificou a Ártemis no cume do monte Artemísio.[2]

b. Pouco disposto a matar ou ferir a corça, Hércules realizou esse Trabalho sem despender a menor força. Ele a perseguiu incansavelmente durante um ano inteiro, numa caçada que o levou até Hístria, no país dos hiperbóreos. Quando, finalmente esgotada, a corça se refugiou no monte Artemísio, e dali desceu até o rio Ladão, Hércules disparou uma flecha com a qual prendeu suas patas dianteiras, perfurando-a entre o osso e o tendão sem derramar sangue. Depois ele a recolheu e carregou nos ombros até Micenas, atravessando a Arcádia. Dizem, porém, que ele teria usado redes; ou que seguiu o rastro da corça até encontrá-la dormindo debaixo de uma árvore. Ártemis saiu ao encontro de Hércules e o repreendeu por ter maltratado o seu animal sagrado, mas ele alegou que o havia feito por pura necessidade, e fez recair toda a culpa sobre Euristeu. Assim, ele aplacou a ira da deusa, que lhe permitiu levar a corça viva para Micenas.[3]

c. Uma outra versão deste Trabalho reza que a corça era aquela que a plêiade Taígete, irmã de Alcíone, havia dedicado a Ártemis em agradecimento por havê-la transformado temporariamente em corça, permitindo-lhe, assim, eludir os abraços de Zeus. Não era fácil, contudo, enganar Zeus por muito tempo, e, no final das contas, ele gerou com ela Lacedêmon, após o que ela se enforcou no cume do monte Amiclas, que desde então passou a se chamar monte Taígeto.[4] A sobrinha homônima de Taígete casou-se com Lacedêmon e com ele teve um filho, Hímero, que Afrodite fez com que deflorasse involuntariamente sua irmã Cleódice, numa noite de diversão promíscua. No dia seguinte, ao dar-se conta do que havia feito, Hímero se atirou ao rio — agora conhecido às vezes pelo seu nome — e nunca mais voltou a ser visto. Mas o rio é geralmente chamado de Eurotas, pois o predecessor de Lacedêmon, o rei Eurotas, tendo sofrido uma ignominiosa derrota por parte dos atenienses — em virtude de não ter querido esperar a Lua cheia para travar a batalha —, afogou-se em suas águas. Eurotas, filho de Miles, o inventor dos moinhos de água, era pai de Amiclas e avô de Jacinto e Eurídice, que se casou com Acrísio.[5]

1. Este Terceiro Trabalho difere de quase todos os outros. Historicamente, é possível que ele aluda à tomada, por parte dos aqueus, de um templo em que se adorava Ártemis como Eláfio (“parecida com a corça”). As quatro corças de seu carro representam os anos da Olimpíada e, ao término de cada um deles, perseguia-se uma vítima vestida com pele de veado até ela ser morta (vide 22. *1*). De qualquer modo, diz-se que Eláfio foi a ama de Ártemis, o que significa que era a própria Ártemis (Pausânias: VI. 22. 11). Entretanto, do ponto de vista mítico, o Trabalho parece dizer respeito a Hércules Dáctilo (vide 52. *3*), identificado pelos gauleses com Ogmius (Luciano: *Hércules* I), que inventou o alfabeto *ogham* e toda a sabedoria dos bardos (vide 132. *3*). A caça à corça, ou cerva, simbolizava a perseguição da Sabedoria, a qual se encontra, conforme a tradição mística irlandesa, escondida debaixo de uma macieira silvestre (*A deusa branca*, p. 217). Isso explicaria por que ninguém diz, à exceção do mal-informado Eurípides, que Hércules fez qualquer mal à corça, mas que, em vez disso, perseguiu-a incansável e ininterruptamente durante um ano inteiro até o país dos hiperbóreos, sendo estes especialistas nesses mesmos mistérios. Segundo Pólux, Hércules era chamado de Melon (“de maçãs”) porque eram-lhe feitas oferendas de maçãs, provavelmente em agradecimento por sua sabedoria;

mas tal atributo foi adquirido somente na morte, e sua perseguição à corça, assim como a sua visita ao Jardim das Hespérides, foi na verdade uma viagem ao Paraíso celta. De maneira semelhante, Zeus havia perseguido Taígete, filha de Atlas e, portanto, uma personagem não helênica.

2. Na Europa, apenas a rena tem chifres, e a notícia de sua existência pode ter chegado a partir do Báltico através da Rota do Âmbar. A rena, à diferença dos outros cervídeos, pode ser facilmente atrelada.

3. O afogamento do filho de Taígete, Hímero, e o de seu sogro, Eurotas, sugere que os primitivos reis de Esparta eram geralmente sacrificados ao monstro aquático Eurotas, e que eram lançados, enrolados em ramos, num tanque profundo. E parece que Tântalo (vide 108. *3*), outro filho de Taígete (Higino: *Fábula* 82), teve a mesma sorte. Lacedêmon significa "demônio do lago" (vide 124. *2*) e Lacônia é o domínio de Lacona ("dama do lago"), cuja imagem foi salva dos invasores dórios por um certo Preugenes e levada de volta a Patras, na Aqueia (Pausânias: VII. 20. 4). A história por detrás da metamorfose de Taígete parece ser a de que os conquistadores aqueus de Esparta se autodenominavam Zeus e chamavam suas esposas de Hera. Quando Hera chegou a ser adorada como vaca, suprimiu-se o culto lélege de Ártemis Corça. Talvez tenha sido celebrado um casamento ritual entre Zeus como touro e Hera como vaca, da mesma maneira como em Creta (vide 90. *7*).

4. Em vários Estados gregos, celebravam-se madrugadas repletas de diversão promíscua (vide 44. *a*), como também durante as festas Albanas de Roma: tratava-se de uma concessão aos arcaicos costumes sexuais que precederam a monogamia.

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 5. 3; Diodoro Sículo: IV. 13; Eurípides: *Hércules* 375 *et seq*.; Virgílio: *Eneida* VI. 802; Higino: *Fábula* 30.

[2] Apolodoro: *loc. cit*.; Calímaco: *Hino a Delos* 103 e *Hino a Ártemis* 100 *et seq*.; Eurípides: *loc. cit*.; Pausânias: II. 25. 3.

[3] Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 13; Píndaro: *Odes olímpicas* II. 26-27; Higino: *Fábula* 30.

[4] Píndaro: *Odes olímpicas* III. 29 *et seq*.; Apolodoro: II. 10. 1; Plutarco: *Sobre os rios* 17.

[5] Pausânias: III. 1. 2-3 e 20. 2; Plutarco: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 10. 3.

HÉRCULES E O JAVALI DE ERIMANTO,
de J.M. Félix Magdalena

126

O QUARTO TRABALHO: O JAVALI DE ERIMANTO

O Quarto Trabalho de Hércules consistiu em capturar vivo o javali de Erimanto, uma besta feroz e gigantesca que costumava assolar as encostas cobertas de ciprestes do monte Erimanto e o matagal do monte Lampeia, na Arcádia, causando estragos na região em torno da Psófide.[1] O monte Erimanto leva esse nome por causa de um filho de Apolo que Afrodite castigara com a cegueira por tê-la visto banhar-se nua; Apolo vingou-se, transformando-se num javali e matando Adônis, o amante de Afrodite. A montanha, contudo, é consagrada a Ártemis.[2]

b. Ao passar por Fóloe em sua viagem rumo ao Erimanto — onde matou Sauro, um bandido cruel —, Hércules foi hospedado pelo centauro Folo, filho de Sileno com uma das ninfas do freixo. Folo serviu a Hércules carne assada, embora ele próprio a preferisse crua, e não se atreveu a abrir o cântaro de vinho comunal dos centauros até Hércules recordá-lo de que se tratava do mesmo cântaro que, há quatro gerações, Dionísio havia deixado na caverna precisamente para aquela ocasião.[3] Os centauros zangaram-se ao sentir o cheiro do vinho forte. Armados com grandes rochas, abetos arrancados pela raiz, tições e machados de açougueiro, eles irromperam na caverna de Folo e, enquanto ele se escondia, aterrado, Hércules rechaçou audazmente Ancio e Ágrio, seus primeiros atacantes, com uma descarga de tições.[4] Néfele, então, a avó nubilosa dos centauros, fez desabar uma chuva torrencial que acabou por afrouxar a corda do arco de Hércules e por tornar a terra escorregadia. Apesar disso, Hércules valeu-se da mesma coragem demonstrada em suas façanhas anteriores e matou vários centauros, entre os quais Oreu e Hileu. Os demais fugiram para Maleia, onde os acolheu o rei Quíron, que havia sido expulso do monte Pélion pelos lápitas.[5]

c. Uma flecha lançada pelo arco de Hércules atravessou o braço de Élato e feriu acidentalmente Quíron. Aborrecido, Hércules extraiu a flecha do joelho de seu velho amigo e, apesar de o próprio Quíron ter obtido os remédios para curar a ferida, eles se revelaram inúteis. Tomado por uma dor lancinante, ele se retirou para a sua caverna, embora não pudesse morrer, pois era imortal. Mais tarde, Prometeu ofereceu-se para aceitar a imortalidade em seu lugar, e Zeus aprovou esse acerto. Mas, segundo outra versão, Quíron teria preferido a morte não tanto pelo tormento da dor, mas por já estar cansado de sua longa vida.[6]

d. Os centauros fugiram em várias direções: uns foram com Eurítion para Fóloe; outros, com Nesso para o rio Eveno; alguns acabaram indo para o monte Maleia, e outros ainda para a Sicília, onde foram aniquilados pelas Sereias. Poseidon recebeu os restantes em Elêusis e os ocultou numa montanha. Entre aqueles que Hércules matou mais tarde, figurava o árcade Hômado, que havia tentado violar Alcíone, irmã de Euristeu. Hércules tornou-se muito famoso por haver vingado tão nobremente uma ofensa feita a um inimigo.[7]

e. Enquanto enterrava seus parentes mortos, Folo extraiu uma da flechas de Hércules e pôs-se a examiná-la. “Como uma criatura tão robusta pôde sucumbir a um simples arranhão?”, perguntou-se ele. Mas a flecha escorregou entre os seus dedos e atravessou-lhe o pé, matando-o instantaneamente. Hércules interrompeu a perseguição e voltou para Fóloe, onde enterrou Folo com honras extraordinárias no sopé da montanha que havia recebido o nome dele. Foi nessa ocasião que o rio Anigro adquiriu o odor fétido que agora tem desde a sua nascente no monte Lápito, devido ao fato de um centauro chamado Pilenor, que Hércules havia ferido com uma flecha, ter fugido para lavar ali a sua ferida. Entretanto, há quem afirme que Melampo havia sido o causador de tal fedor alguns anos antes, ao atirar ao Anigro objetos pestilentos utilizados para purificar as filhas de Preto.[8]

f. Hércules partiu então em busca do javali pelas margens do rio Erimanto. Capturar com vida um animal tão selvagem era tarefa de extrema dificuldade; mas ele o fez sair de um matagal a fortes gritos, conduziu-o para um profundo depósito de aluvião formado pela neve e ali saltou sobre o seu lombo. Amarrou-o com correntes e o levou vivo nos ombros para Micenas. Mas, quando soube que os argonautas estavam se reunindo para iniciar sua viagem à Cólquida, ele deixou o javali diante dos portões da praça do mercado e, em vez de aguardar novas ordens de Euristeu, que continuava escondido dentro de sua urna de bronze, partiu com Hilas para se unir à expedição. Não se sabe quem matou o javali capturado, mas as suas presas ainda podem ser vistas no templo de Apolo em Cumas.[9]

g. Conforme algumas versões, Quíron foi ferido acidentalmente por uma flecha que lhe atravessou o pé esquerdo enquanto ele, Folo e o jovem Aquiles estavam hospedando Hércules no monte Pélion. Nove dias depois, Zeus colocou a imagem de Quíron entre as estrelas como a constelação do Centauro. Mas outros afirmam que o Centauro é Folo, que dessa maneira foi homenageado por Zeus por superar todos os homens na arte da antropomancia. O Arqueiro do zodíaco é também um centauro: um certo Croto, que vivia no monte Hélicon, muito querido por suas irmãs adotivas, as musas.[10]

1. Os javalis eram consagrados à Lua por causa de suas presas em forma de meia-lua, e parece que o herdeiro que matava e castrava o seu irmão gêmeo, o rei sagrado, se disfarçava de javali ao fazê-lo (vide 18. *7* e 151. *2*). O depósito de aluvião formado pela neve em que o javali de Erimanto foi vencido indica que esse Trabalho ocorreu durante o solstício de inverno. Aqui, Hércules é o Menino Hórus que vinga a morte de seu pai Osíris sobre o seu tio Set, que se apresenta disfarçado de javali; deve-se levar em conta que a proibição egípcia de comer carne de javali era suspensa somente no solstício de inverno. A cerimônia yuletida da cabeça de javali tinha suas origens nesse mesmo triunfo do novo rei sagrado sobre o seu rival. Adônis é assassinado para vingar a morte de Erimanto, o herdeiro do ano anterior, cujo nome, "adivinhando por sorteio", indica que ele foi sorteado para matar o rei sagrado. Como o monte Erimanto era consagrado a Ártemis, e não a Afrodite, teve de ser Ártemis a deusa que tomou banho, e o rei sagrado, e não seu herdeiro, quem a viu desnuda (vide 22. *i*).

2. É provável que a batalha de Hércules contra os centauros, assim como a batalha análoga que se produziu no casamento de Pirítoo (vide 102. *2*), representasse originalmente o combate ritual entre um rei recentemente instalado e seus adversários, disfarçados de animais. Suas armas tradicionais eram as flechas e, para estabelecer a sua soberania, ele disparava uma flecha na direção de cada uma das quatro partes do firmamento, e a quinta, diretamente para cima. Talvez este mito registre também as guerras fronteiriças entre os helenos e os montanheses pré-helenos da Grécia setentrional.

3. Flechas envenenadas que se cravavam no joelho ou no pé causaram a morte não só de Folo e Quíron como também a de Aquiles e a do discípulo de Quíron (vide 92. *10* e 164. *j*), ambos reis sagrados da Magnésia, cujas almas, naturalmente, foram recebidas pelas sereias. A presença de centauros em Maleia

deriva de uma tradição local segundo a qual Sileno, o pai de Folo, teria nascido lá (Pausânias: III. 25. 2). Os centauros eram frequentemente representados mais como metade cabras do que como metade cavalos. Sua presença em Elêusis, onde Poseidon os escondeu numa montanha, indica que, quando o iniciado nos mistérios celebrava um casamento sagrado com a deusa, participavam da cerimônia bailarinos vestidos de cavalos.

NOTAS

[1] Ovídio: *Heroidas* IX. 87; Apolônio de Rodes: I. 127; Apolodoro: II. 5. 4; Diodoro Sículo: IV. 12.

[2] Ptolomeu Hefestionos: I. 306; Homero: *Odisseia* VI. 105.

[3] Pausânias: VI. 21. 5; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[4] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 670; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[5] Pausânias: III. 18. 9; Virgílio: *Eneida* VIII. 293-294; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[6] Apolodoro: *loc. cit*.; Luciano: *Diálogos dos mortos* 26.

[7] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 670; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[8] Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: V. 5. 6.

[9] Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: VIII. 24. 2; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolônio de Rodes: I. 122 *et seq*.

[10] Teócrito: *Idílio* VII; Ovídio: *Os fastos* V. 380 *et seq*.; Higino: *Astronomia poética* II. 38 e 27; *Fábula* 224.

O ALÍVIO DE HÉRCULES,
escultura do século III d.C.
Toulouse, França

127

O QUINTO TRABALHO: OS ESTÁBULOS DE AUGIAS

O Quinto Trabalho de Hércules consistiu em limpar, em um só dia, os imundos estábulos do rei Augias. Euristeu imaginava, todo encantado, o asco que sentiria Hércules ao encher cestos e mais cestos de esterco e depois carregá-los nos ombros. Augias, rei da Élida, era filho de Hélio, ou Eleu, com Naupidame, filha de Anfidamante; ou, conforme outra versão, com Ifíboe. Outras o consideram filho de Poseidon. Tratava-se, de qualquer forma, do homem mais rico da terra em manadas e rebanhos, pois, por desígnio divino, seus animais eram imunes a todas as doenças e dotados de uma fertilidade inabalável. Embora quase sempre nascessem filhotes fêmeas, ele tinha, não obstante, trezentos touros negros com patas brancas e duzentos touros sementais vermelhos, além de doze magníficos touros prateados consagrados a seu pai Hélio. Esses doze defendiam seus rebanhos contra as feras que acometiam por ali, provenientes das colinas cobertas de bosques.[1]

b. Nos estábulos bovinos e nos currais das ovelhas de Augias o esterco não havia sido recolhido há anos e, embora o fedor sufocante não afetasse os animais, sua pestilência se difundia por todo o Peloponeso. Ademais, os prados do vale estavam tão cheios de esterco, que eles já não podiam mais ser arados para semear trigo.[2]

c. Hércules cumprimentou Augias de longe e se comprometeu a limpar os estábulos antes do anoitecer em troca da décima parte de seu gado. Augias deu risada, incrédulo, e chamou Fileu, seu filho mais velho, para que fosse testemunha da oferta de Hércules.

— Jure que cumprirá a tarefa antes do anoitecer! — exigiu Fileu.

Tal juramento, que Hércules fez em nome de seu pai, foi o primeiro e o último de toda a sua vida. Augias jurou também que cumpriria a sua parte no trato. Naquele momento, Faetonte, o líder dos doze touros brancos, arremeteu contra Hércules, tomando-o por um leão; mas Hércules agarrou-o pelo chifre esquerdo, obrigando-o a baixar o pescoço, e o derrubou com sua força.[3]

d. Aconselhado pelo eleu Menedemo e com a ajuda de Iolau, Hércules primeiro fendeu a parede dos estábulos em dois lugares e depois desviou os dois rios vizinhos, Alfeu e Peneu, ou Mênio, de tal modo que suas águas correram através dos estábulos, deixando-os limpos, arrastando também o esterco dos currais e das pastagens do vale. Assim, Hércules conseguiu cumprir este Trabalho em um só dia, saneando o território e sem sujar nem mesmo seu dedo mindinho. Augias, porém, ao ser informado por Copreu de que Hércules havia limpado os estábulos por ordem de Euristeu, negou-se a pagar-lhe a recompensa e se atreveu mesmo a renegar o juramento feito a Hércules.

e. Hércules sugeriu então levar o caso a um tribunal de arbitragem, mas, quando os juízes ocuparam seus assentos e Fileu, citado por Hércules, deu testemunho da verdade, Augias se levantou irritado e os expulsou da Élida, afirmando que Hércules o havia enganado, pois haviam sido os deuses fluviais, e não ele, quem tinha cumprido a tarefa. Para piorar ainda mais a situação, Euristeu não quis contar esse Trabalho como um dos doze, pois Hércules havia sido contratado por Augias.

f. Fileu foi então a Dulíquio, e Hércules, à corte de Dexâmeno, rei de Oleno, cuja filha Mnesímaque ele mais tarde salvou do centauro Eurítion.[4]

1. Este mito confuso parece basear-se na lenda de que Hércules, assim como Jasão, havia recebido a ordem de domar dois touros, de os atrelar, de limpar uma colina coberta de matagal e depois semeá-la e recolher a colheita em um só dia — tarefas habituais exigidas de um candidato à dignidade de rei (vide 152. *3*). Neste caso, a colina não tinha de ser livrada de árvores e pedras, como nas versões celtas do mito, mas de esterco, provavelmente porque o nome do mensageiro de Euristeu que transmitiu a ordem era Copreu (“homem do esterco”). *Sir* James Frazer, comentando Pausânias (V. 10. 9), cita um conto nórdico, “O Criado-Mestre”, em que um príncipe que deseja conquistar a filha de um gigante tem de limpar primeiro três estábulos, mas, a cada forcado de esterco que ele extrai, voltam a aparecer mais dez. A princesa então o aconselha

a manusear o forcado ao contrário, utilizando o cabo. Assim ele faz, e logo os estábulos ficam limpos. Frazer sugere que, na versão original, Atena pode ter dado o mesmo conselho a Hércules. Entretanto, o mais provável é que o conto escandinavo seja uma versão deste Trabalho. O gado de Augias é irrelevante na história, a não ser para explicar a enorme quantidade de esterco que ele tinha de retirar. O esterco de gado, como demonstra o mito, não era apreciado pelos agricultores gregos. Hesíodo, em seu *Os trabalhos e os dias*, não o menciona; e H. Mitchell (*Economia da Grécia Antiga*) demonstra que o apascentamento de gado em terra alqueivada era proibido em vários arrendamentos antigos. O cão Argos de Odisseu deitava-se, na realidade, sobre um monte de esterco utilizado para adubar as terras (*Odisseia* XVII. 299) mas, onde quer que a Odisseia tenha sido escrita — e com certeza não o foi na Grécia continental —, as referências à agricultura e à arboricultura indicam a sobrevivência da prática cretense. Segundo alguns mitógrafos, Augias era filho de Eleu, que significa simplesmente "rei da Élida". Segundo outros, era filho de Poseidon, o que sugere que fosse eólio. Mas, aqui, Eleu se confunde com Hélio, o deus-Sol coríntio e, por conseguinte, atribui-se a Augias um rebanho de gado sagrado como aquele que possuía Sísifo (vide 67. *1*). O número de cabeças desses rebanhos era de 350, que representavam doze lunações completas menos os cinco dias de festas sagradas do ano egípcio (vide 42. *1*). Que se tratasse de gado lunar o demonstram suas cores vermelha, branca e negra (vide 90. *3*); e os touros brancos representam essas doze lunações. Esses gados sagrados eram roubados com frequência — como o próprio Hércules fez em seu Décimo Trabalho — e a consequência de sua disputa com Augias foi que ele ganhou também esses doze touros.

2. O Quinto Trabalho, que na verdade se relaciona apenas com as tarefas do arado, da semeadura e da colheita, foi confundido com outros dois: o Décimo, ou seja, o roubo dos bois de Gerião, e o Sétimo, ou seja, a captura do touro branco de Poseidon em Creta, que, entretanto, não era utilizado para arar. No culto de Poseidon — que também é descrito como pai de Augias — os jovens lutavam com touros, e a luta de Hércules com Faetonte, como a de Teseu com o Minotauro, é mais bem compreendida como um rito da coroação: mediante o contato mágico com o chifre do touro, adquiria-se a capacidade de fertilizar a terra e obtinha-se o título de Potidan, ou Poseidon, que se concedia ao amante eleito pela deusa-Lua. Dessa mesma maneira, numa disputa amorosa, Hércules lutou contra o rio Aqueloo, representado por um homem com cabeça de touro, rompendo-lhe a cornucópia (vide 141. *d*). O desvio do rio Alfeu indica que o ícone a partir do qual este episódio foi deduzido mostrava Hércules torcendo o touro de Creta pelos chifres, às margens de um rio onde pastava um gado

numeroso. Confundiu-se esse touro com um deus fluvial, e a cena foi interpretada como se ele houvesse desviado o curso do rio para limpar os campos com vistas a que pudessem ser arados.

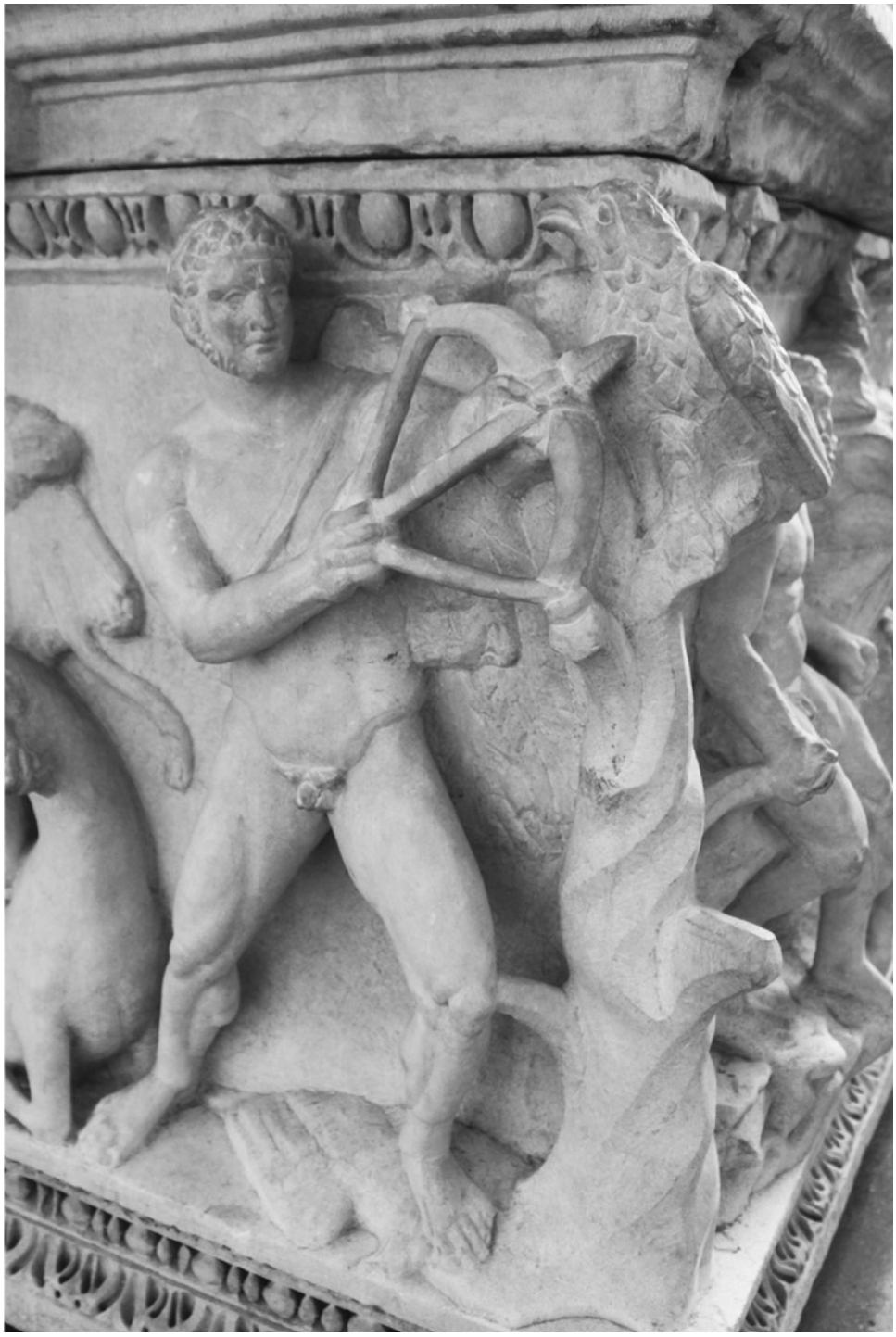
NOTAS

[1] Apolodoro: II. 5. 5 e 7. 2; Diodoro Sículo: IV. 13; Pausânias: V. 1. 7; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 41; Higino: *Fábula* 14.

[2] Apolodoro: II. 5. 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 300; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: *loc. cit*.

[3] Pausânias: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Plutarco: *Questões romanas* 28; Teócrito: *Idílio* XXV. 115 *et seq*.

[4] Ptolomeu Hefestionos: V, citado por Fócio: p. 486; Higino: *Fábula* 30; Pausânias: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Sérvio: *loc. cit*.; Calímaco: *Hino a Delos* 102.



HÉRCULES
Kayseri, Turquia

128

O SEXTO TRABALHO: AS AVES DE ESTINFALO

No Sexto Trabalho, Hércules estava incumbido de afugentar as inúmeras aves antropófagas consagradas a Ares que tinham bico, asas e garras de bronze e que, assustadas com os uivos provenientes da Ravina dos Lobos, situada na estrada de Orcômeno, haviam fugido para o Pântano de Estinfalo.[1] Lá elas procriavam e se banhavam no rio epônimo; de vez em quando, saíam em grandes revoadas para matar homens e animais, descarregando uma chuva de plumas de bronze e, ao mesmo tempo, um excremento venenoso que arruinava as colheitas.

b. Ao chegar ao pântano, que se encontrava rodeado por espessos bosques, Hércules viu-se na impossibilidade de afugentar as aves com suas flechas, pois eram demasiado numerosas. Ademais, o pântano não parecia sólido o bastante para que um homem pudesse caminhar sobre ele, nem líquido o suficiente para que se utilizasse uma embarcação. Enquanto Hércules permanecia na sua margem, indeciso, Atena deu-lhe um par de castanholas de bronze feitas por Hefesto; ou talvez tenha sido uma matraca. De pé num contraforte do monte Cilene, que dominava a visão do pântano, Hércules pôs-se a tocar as castanholas, ou a sacudir a matraca, produzindo tal estrépito que as aves alçaram voo, em grande revoada, enlouquecidas de terror. Ele derrubou centenas delas enquanto se distanciavam, voando na direção da ilha de Ares, no mar Negro, onde mais tarde foram encontradas pelos argonautas. Há quem diga que, naquela ocasião, Hércules estava junto com eles e teve, assim, a oportunidade de matar outras tantas.[2]

c. As aves de Estinfalo são do tamanho do grou e se parecem muito com o íbis, mas seu bico de bronze, não recurvo, é capaz de atravessar o peito de quem observa incauto o seu voo. Elas vivem também no deserto da Arábia e, lá, causam ainda mais dano que os leões ou leopardos, pois se lançam contra o peito

dos viajantes e o trespassam. Os caçadores árabes acostumaram-se a usar couraças protetoras de cortiça plissada, nas quais os bicos mortais se embaraçam, dando-lhes assim a possibilidade de apanhar e torcer o pescoço de seus atacantes. É possível que uma revoada desses pássaros tenha emigrado da Arábia para Estinfalo, dando assim nome a toda a espécie.[3]

d. Segundo algumas versões, as assim chamadas aves de Estinfalo eram mulheres, filhas de Estinfalo e Ornis, que Hércules matou por terem se negado a lhe oferecer hospitalidade. Em Estinfalo, no antigo templo de Ártemis Estinfaliana, há imagens dessas aves dependuradas no teto e, atrás do edifício, há estátuas de donzelas com patas de ave. Foi lá também que Têmeno, filho de Pelasgo, fundou três templos em homenagem a Hera; no primeiro, ela era adorada como Criança, pois Têmeno a havia criado; no segundo, como Noiva, porque se casou com Zeus; e, no terceiro, como Viúva, pois havia recusado Zeus e se retirado para Estinfalo.[4]

1. Embora Atena continue ajudando Hércules, este Trabalho não pertence à sequência de tarefas relacionadas ao matrimônio, mas o glorifica como o curandeiro que expulsa os demônios da febre, identificados com as aves do brejo. As aves com elmo que aparecem nas moedas estinfalianas são colhereiras, primas do grou, que aparecem em gravuras medievais inglesas sorvendo o hálito dos doentes. De fato, são sereias com patas de ave, personificações da febre, e as castanholas, ou matracas, eram utilizadas na Antiguidade (e ainda estão em uso entre os povos primitivos) para afugentar os demônios da febre. Ártemis era a deusa que tinha o poder de produzir ou curar a febre com suas “flechas misericordiosas”.

2. O pântano de Estinfalo costumava aumentar de tamanho consideravelmente cada vez que se bloqueava o canal subterrâneo por onde ele desaguava, assim como sucedeu na época de Pausânias (VIII. 22. 6); Ifícrates, ao sitiar a cidade, teria deliberadamente fechado o canal, não houvesse sido impedido por um sinal dos céus (Estrabão: VIII. 8. 5). É bem possível que, numa das versões da história, Hércules tenha drenado o pântano, liberando o canal, tal como havia anteriormente drenado a Planície de Tempe (Diodoro Síciulo: IV. 18).

3. O mito, entretanto, parece ter um significado histórico ao mesmo tempo que ritual. Aparentemente, um colégio de sacerdotisas árcades que adoravam a deusa tripla como Donzela, Noiva e Velha refugiou-se em Estinfalo após

haverem sido todas expulsas da Ravina dos Lobos por invasores que adoravam o Zeus Lupino. Mnaseas deu uma explicação plausível à expulsão ou matança das aves estinfalianas referindo-se à supressão desse colégio de feiticeiras imposta por Hércules, ou seja, por uma tribo de aqueus. O nome Estinfalo sugere práticas eróticas.

4. As “aves árabes de bico forte” de Pausânias podem ter sido demônios da insolação, inofensivos graças à proteção dos peitos de cortiça espinhosa, e que foram confundidas com os avestruzes de bico duro que os árabes ainda costumam caçar.

Leuc-erodes, “garça branca”, é o nome grego da colhereira. Diz-se que um antepassado de Herodes, o Grande, foi um escravo do templo de Hércules Tírio (Africano, citado por Eusébio: *História eclesiástica* I. 6. 7), o que explica o nome da família. A colhereira está estreitamente relacionada ao íbis, outra ave do brejo consagrada ao deus Tot, inventor da escrita; e o Hércules Tírio, assim como o seu equivalente celta, era um protetor da cultura que tornou famosa a cidade de Tiro (*Ezequiel* XXVIII. 12). Na tradição hebraica, seu sacerdote Hiram de Tiro trocava adivinhas com Salomão.

NOTAS

[1] Pausânias: VIII. 22. 4-6; Apolodoro: II. 5. 6.

[2] Apolônio de Rodes: II. 1.052 *et seq*.; Pausânias: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 300; Apolônio de Rodes: II. 1.037 e 1.053, com escoliasta; Diodoro Sículo: IV. 13; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 30.

[3] Pausânias: VIII. 22. 4.

[4] Mnaseas, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: II. 1.054; Pausânias: VIII. 22. 2 e 5.

HÉRCULES E O TOURO CRETENSE
Kayseri, Turquia

129

O SÉTIMO TRABALHO: O TOURO CRETENSE

Como Sétimo Trabalho, Euristeu ordenou a Hércules que capturasse o touro cretense. Discute-se muito, porém, se este seria o touro enviado por Zeus e que transportara Europa através do mar até Creta, ou se seria o animal que Minos deixou de sacrificar a Poseidon e que gerou o Minotauro com Pasífae. O caso é que, naquela época, o touro fazia estragos em Creta, especialmente na região irrigada pelo rio Tétris, arrancando as safras e derrubando as cercas dos pomares.[1]

b. Quando Hércules embarcou para Creta, Minos lhe ofereceu toda a ajuda que estivesse ao seu alcance, mas ele preferiu enfrentar o touro sozinho, embora a fera lançasse chamas abrasadoras. Após uma longa luta, ele conseguiu levar o monstro até Micenas, onde Euristeu, depois de o dedicar a Hera, libertou-o. Mas Hera, relutante em aceitar qualquer dádiva que pudesse se transformar em glória para Hércules, levou o touro primeiro para Esparta e, depois, através da Arcádia e do istmo, para a Maratona ática, de onde, mais tarde, Teseu o levou a Atenas para sacrificá-lo a Atena.[2]

c. Entretanto, muitos ainda continuam negando a existência do touro de Creta e do de Maratona.[3]

1. O combate com um touro, ou com um homem disfarçado de touro — uma das tarefas rituais impostas ao candidato a rei (vide 123. *1*) —, aparece também na história de Teseu e o Minotauro (vide 98. *2*) e na de Jasão e os touros

de Eetes que exalavam fogo (vide 152. *3*). Quando a imortalidade implícita na dignidade de rei sagrado era finalmente oferecida a cada iniciado nos mistérios de Dionísio, a captura de um touro e seu oferecimento a Dionísio Plutodotes (“doador de riqueza”) transformou-se num rito comum tanto na Arcádia (Pausânias: VIII. 19. 2) como na Lídia (Estrabão: XIV. 1. 44), onde Dionísio tinha o título de Zeus. Sua principal teofania era como touro, embora também aparecesse sob a forma de leão e de serpente (vide 27. *4*). O contato com o chifre do touro (vide 127. *2*) capacitava o rei sagrado a fertilizar a terra em nome da deusa-Lua, produzindo chuva, a explicação mágica sendo que o bramido de um touro pressagiava tormentas, que também podiam ser produzidas por *rhombi* ou aerófonos. Tochas eram também lançadas para simular os relâmpagos (vide 68. *a*) e para evocar a respiração ígnea do touro.

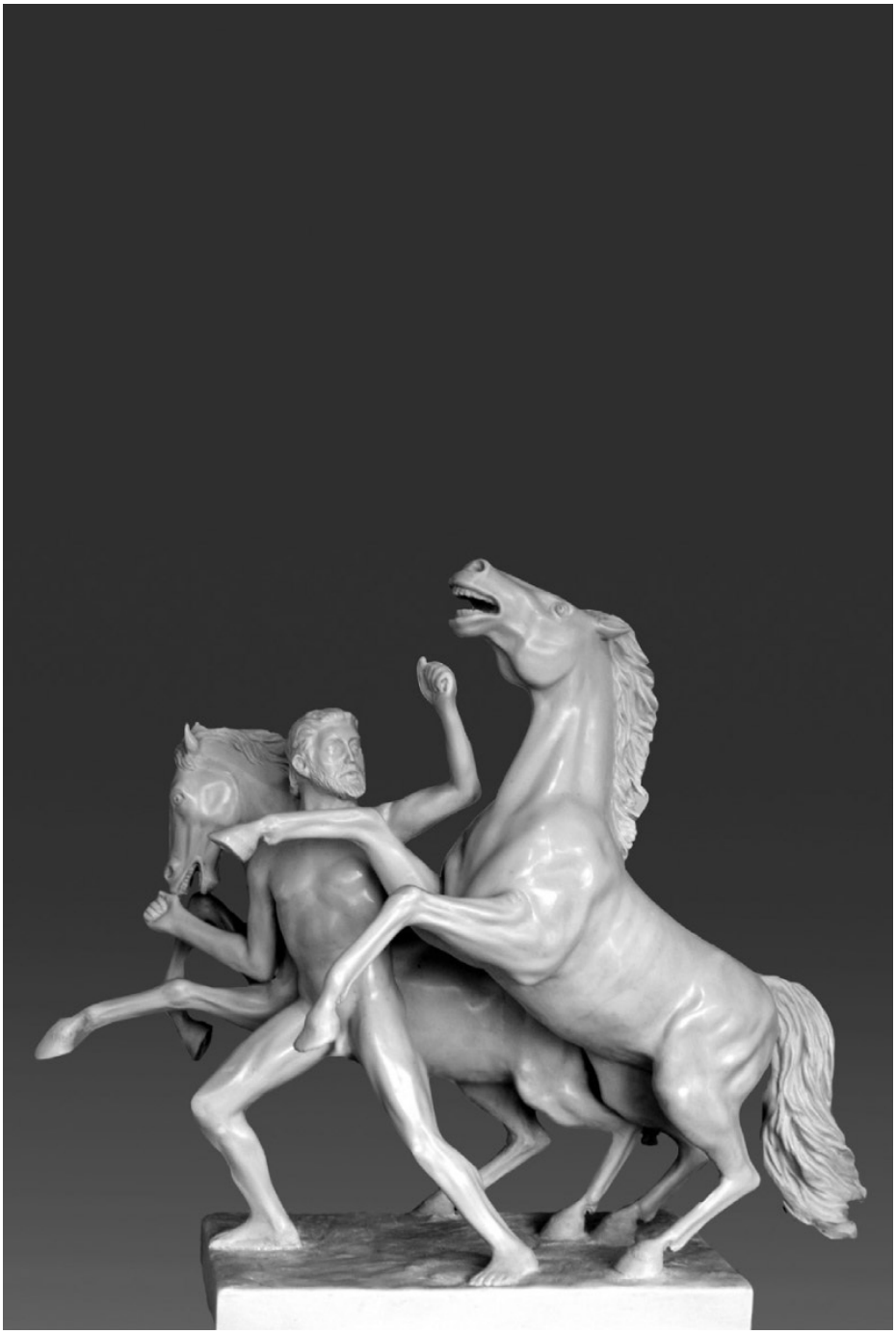
2. Dionísio é chamado de Plutodotes (“doador de riqueza”) por causa de sua cornucópia, arrancada de um touro, que era originalmente um talismã aquático (vide 142. *b*). Esse Dionísio provinha do Zagreu cretense e, dentre as metamorfoses de Zagreu, figuram um leão, uma serpente com chifres, um touro e um “Cronos fazedor de chuva” (vide 30. *3*).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 5. 7; Diodoro Sículo: IV. 13; Pausânias: I. 27. 9; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 47.

[2] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 294; Apolodoro: *loc. cit*.; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: *loc. cit*.

[3] Teon: *Sobre Arato*, p. 24.



HÉRCULES E AS ÉGUAS DE DIOMEDES,
de J.M. Félix Magdalena

130

O OITAVO TRABALHO: AS ÉGUAS DE DIOMEDES

Euristeu mandou Hércules capturar, no seu Oitavo Trabalho, as quatro éguas selvagens do rei trácio Diomedes — discute-se se ele era filho de Ares com Cirene ou se havia sido fruto de uma relação incestuosa entre Astéria e seu pai Atlas —, que governava os belicosos bístones e cujos estábulos, situados na agora desaparecida cidade de Tirida, eram o terror da Trácia. Diomedes mantinha as éguas amarradas com correntes de ferro a manjedouras de bronze, e as alimentava com a carne de seus hóspedes, que de nada desconfiavam. Uma versão desta história diz que se tratava de garanhões, e não de éguas, e que se chamavam Podargos, Lampo, Xanto e Deino.[1]

b. Com a ajuda de alguns voluntários, Hércules zarpou para a Trácia, visitando, no caminho, o rei Admeto de Feres, seu amigo. Quando chegou a Tirida, ele subjugou os cavalariços de Diomedes e conduziu as éguas para o litoral, onde as deixou num outeiro a cargo de seu valete Abdero, e depois voltou para rechaçar os bístones que vinham em seu encalço. Embora fossem mais numerosos, ele conseguiu derrotá-los mediante a engenhosa abertura de um canal que fez com que o mar inundasse a planície baixa e, quando seus inimigos deram meia-volta e se puseram a correr, ele os perseguiu, deixou Diomedes sem sentido com um golpe de sua clava, arrastou seu corpo em torno do lago que havia se formado e o colocou diante das próprias éguas, que devoraram sua carne enquanto ele ainda estava vivo. Quando estavam plenamente saciadas — pois, durante a ausência de Hércules, elas haviam devorado também Abdero —, ele as dominou sem grande dificuldade.[2]

c. Segundo outro relato, Abdero, apesar de ser natural de Opunte, na Lócrida, estava a serviço de Diomedes. Há quem o chame filho de Hermes, ao passo que outros se referem a ele como filho do amigo de Hércules, Menécio de

Opunte; portanto, irmão de Pátroclo, que morreu em Troia. Após fundar a cidade de Abdera junto à tumba de Abdero, Hércules se apoderou da carruagem de Diomedes e nela atrelou as éguas, embora elas, até então, não houvessem conhecido freio nem rédeas. Ele as conduziu a toda velocidade através das montanhas até chegar a Micenas, onde Euristeu as dedicou a Hera e as deixou em liberdade no monte Olimpo.[3] Mais tarde, elas foram devoradas por animais selvagens. Entretanto, há quem afirme que seus descendentes sobreviveram até a Guerra de Troia, inclusive até a época de Alexandre, o Grande. As ruínas do palácio de Diomedes ainda podem ser vistas em Cartera Come e, em Abdera, ainda se celebram os jogos atléticos em homenagem a Abdero, que incluem as provas costumeiras à exceção da corrida de carros, o que explica a história segundo a qual Abdero teria morrido quando as éguas antropófagas destroçaram o carro ao qual ele as havia atrelado.[4]

1. Colocar as rédeas num cavalo chucro com o propósito de sacrificá-lo numa cerimônia (vide 75. *3*) parece ter sido um rito de coroação em algumas regiões da Grécia. O domínio de Hércules sobre Árion (vide 138. *g*) — façanha realizada também por Onco e Adrasto (Pausânias: VIII. 25. 5) — tem seu paralelismo na captura de Pégaso por Belerofonte. Este mito ritual combinou-se, neste caso, com uma lenda segundo a qual Hércules, representando talvez os teanos que arrebataram Abdera aos trácios (Heródoto: I. 168), anulou o costume pelo qual mulheres selvagens com máscaras de cavalo perseguiam e devoravam o rei sagrado no fim de seu reinado (vide 27. *d*); em vez disso, ele era morto num acidente de carro arranjado (vide 71. *1*; 101. *g* e 109. *j*). A omissão da corrida de carros nos jogos fúnebres de Abdera indica a proibição de tal sacrifício organizado. Podargos chama-se assim por causa da harpia Podarge, mãe de Xanto, um cavalo imortal que Poseidon deu a Peleu como presente de casamento (vide 81. *m*). Lampo evoca Lampão, um dos cavalos de Eos (vide 40. *a*). A afirmação de Diodoro de que essas éguas permaneceram em liberdade no Olimpo pode significar que o culto aos cavalos canibais sobreviveu lá até a época helênica.

2. Os canais, túneis ou ductos naturais subterrâneos eram descritos com frequência como sendo obra de Hércules (vide 127. *d*; 138. *d* e 142. *3*).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 5. 8; Higino: *Fábulas* 250 e 30; Plínio: *História natural* IV. 18; Diodoro Síclo: IV. 15.

[2] Apolodoro: *loc. cit*.; Eurípides: *Alceste* 483; Estrabão: *Fragmentos* 44 e 47; Diodoro Síclo: *loc. cit*.

[3] Higino: *Fábula* 30; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Síclo: IV. 39; Homero: *Ilíada* XI. 608; Eurípides: *Hércules* 380 *et seq*.

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 756; Diodoro Síclo: IV. 15; Estrabão: *Fragmento* 44; Filóstrato: *Imagens* II. 25; Higino: *Fábula* 250.

HÉRCULES ARRANCA O CINTURÃO DE HIPÓLITA, RAINHA DAS AMAZONAS, de J.M. Félix Magdalena

131

O NONO TRABALHO: O CINTURÃO DE HIPÓLITA

O Nono Trabalho de Hércules consistiu em obter para Admeto, filha de Euristeu, o cinturão de ouro de Ares que Hipólita, a rainha das amazonas, portava. Tomando um barco, ou, segundo outra versão, nove, e na companhia de voluntários, entre os quais Iolau, Télamon de Egina, Peleu de Iolco e, segundo algumas versões, Teseu de Atenas, Hércules zarpou rumo ao rio Termodonte.[1]

b. As amazonas eram filhas de Ares e da náiade Harmonia, e haviam nascido nos vales da Acmônia frígia. Mas algumas tradições afirmam que a mãe delas era Afrodite, ou Otrere, filha de Ares.[2] Primeiro, elas viveram às margens do rio Amazonas, chamado posteriormente de Tanais, em homenagem a um filho da amazona Lisipa, que ofendeu Afrodite por ela desprezar o matrimônio e ser devota da guerra. Como vingança, Afrodite fez com que Tanais se apaixonasse por sua mãe, mas ele, em vez de ceder a uma paixão incestuosa, atirou-se ao rio e morreu afogado. Para evitar as repreensões do seu fantasma, Lisipa levou as filhas para as margens do mar Negro, para uma planície situada junto ao rio Termodonte, que tem sua nascente nas altas montanhas amazônicas. Lá elas formaram três tribos, e cada uma delas fundou uma cidade.[3]

c. As amazonas só reconheciam a descendência materna, e Lisipa havia decretado que os homens deviam realizar todas as tarefas domésticas, enquanto as mulheres lutariam e governariam. Nesse sentido, elas quebravam os braços e as pernas dos meninos recém-nascidos a fim de incapacitá-los para a guerra ou a viagem. Essas mulheres inaturais, que os citas chamavam de eórpatas, não mostravam nenhum respeito pela justiça nem pela decência, mas eram guerreiras célebres e as primeiras a fazerem uso da cavalaria.[4] Levavam consigo arcos de bronze e curtos escudos em forma de meia-lua; seus elmos, roupas e cinturões eram feitos de pele de animais selvagens.[5] Antes de tombar no campo de batalha,

Lisipa fundou a grande cidade de Temiscira e derrotou todas as tribos existentes até o rio Tanais. Com os espólios de suas campanhas, ela ergueu templos a Ares e a Ártemis Taurópole, cujo culto ela mesma estabeleceu. Seus descendentes estenderam o império amazônico até o oeste para o outro lado do rio Tanais, chegando à Trácia; e, na costa meridional, na direção oeste, atravessando o Termodonte, até a Frígia. Três famosas rainhas amazônicas, Marpésia, Lampado e Hipo, apoderaram-se de grande parte da Ásia Menor e da Síria, fundando as cidades de Éfeso, Esmirna, Cirene e Mirina. Outras fundações das amazonas são Tiba e Sinope.[6]

d. Em Éfeso, elas ergueram uma imagem de Ártemis à sombra de uma faia, onde Hipo ofereceu sacrifícios, após o que suas seguidoras realizaram primeiro uma dança de escudos e depois uma dança circular, fazendo soar ruidosas aljavas, que golpeavam a terra em uníssono, com acompanhamento de gaita de foles, pois Atena não havia inventado ainda a flauta. O templo de Ártemis Efésia, construído posteriormente em torno dessa imagem e ao qual não iguala em magnificência nem mesmo o de Apolo em Delfos, figura entre as sete maravilhas do mundo. Ele é circundado por dois riachos, ambos chamados Seleno, que fluem em direções opostas. Foi nessa expedição que as amazonas se apoderaram de Troia, quando Príamo ainda era um menino. Mas enquanto alguns destacamentos do exército das amazonas voltavam para o seu país, carregando numerosos espólios, as demais, que permaneceram para consolidar o seu poder na Ásia Menor, foram expulsas por uma aliança de tribos bárbaras e perderam sua rainha Marpésia.[7]

e. Quando Hércules visitou as amazonas, todas elas já haviam voltado ao rio Termodonte e suas três cidades eram governadas por Hipólita, Antíopa e Melanipa. Durante o caminho, ele aportou na ilha de Paros, famosa por seu mármore, que o rei Radamanto havia legado a Alceu, filho de Androgeu; mas quatro filhos de Minos, Eurimedonte, Crises, Nefalião e Filolau, haviam também se estabelecido por ali. Quando os marinheiros da tripulação de Hércules desembarcaram em busca de água e foram assassinados pelos filhos de Minos, o herói, indignado, matou os quatro e pressionou de tal modo os párias que eles enviaram mensageiros oferecendo-lhe dois homens, à sua escolha, para que se tornassem seus escravos em compensação pela morte dos marinheiros. Satisfeito com tal proposta, Hércules suspendeu o sítio à cidade e escolheu o rei Alceu e seu irmão Estênelo, os quais ele levou como escravos a bordo de seu barco. Depois, ele navegou através do Helesponto e o Bósforo até Mariandina, na Mísia, onde foi hospedado pelo rei Lico de Paflagônia, filho de Dáscilo e neto de Tântalo.[8] Como recompensa, ele apoiou Lico numa guerra contra os bebrícios, matando grande número deles, inclusive seu rei Mígdon, irmão de Âmico,

reconquistando, assim, grande parte do território da Paflagônia que se encontrava em poder dos bebrícios; ele a devolveu a Lico, que, em sua homenagem, chamou essa região de Heracleia. Mais tarde, Heracleia foi colonizada pelos megarenses e tanagreus a conselho da pitonisa de Delfos, que lhes disse que instalassem uma colônia junto ao mar Negro, numa região dedicada a Hércules.[9]

f. Ao chegar à desembocadura do rio Termodonte, Hércules atracou o barco no porto de Temiscira, onde Hipólita fez-lhe uma visita e, atraída por seu corpo robusto, ofereceu-lhe o cinturão de Ares como prenda de amor. Enquanto isso, porém, Hera circulava de um lado para outro, disfarçada de amazona, difundindo o rumor de que aqueles estrangeiros pretendiam raptar Hipólita. Enraivecidas, as guerreiras montaram em seus cavalos e se lançaram contra o navio. Julgando-se vítima de traição, Hércules matou Hipólita, arrebatou-lhe o cinturão, apoderou-se de seu machado e de outras armas e preparou-se para a luta. Matou todas as chefes das amazonas, uma após outra, e, depois de uma grande carnificina, pôs todo o exército delas em fuga.[10]

g. Segundo outra versão, Melanipa teria caído numa emboscada mas foi libertada por Hipólita, que entregou o cinturão como resgate, ou vice-versa. Contam também que Teseu teria capturado Hipólita e presenteado o seu cinturão a Hércules, que, em troca, permitiu-lhe levar Antíopa como escrava. Ou ainda que Hipólita se negou a entregar a Hércules o seu cinturão e ambos travaram uma batalha campal; ela foi derrubada de seu cavalo e ele se lançou sobre ela, clava na mão, oferecendo-lhe uma trégua, mas ela preferiu morrer a render-se. Diz-se, até mesmo, que o cinturão pertencia a uma filha de Briareu, o das Cem Mãos.[11]

h. Ao seu regresso de Temiscira, Hércules passou outra vez por Mariandina e participou dos jogos fúnebres de Priolau, irmão do rei Lico, que os mísios haviam matado e por quem se entoam cantos funéreos. Hércules competiu na luta corpo a corpo com o campeão mariandino Títias, arrancou-lhe todos os dentes e o matou com um golpe na têmpora. Como prova de seu pesar por esse acidente, ele subjugou os mísios e os frígios em nome de Dáscilo, mas conquistou também o território dos bitínios até a foz do rio Rebas e o cume do monte Colone, reclamando para si o reino deles. Os paflagônios de Pélope renderam-se voluntariamente. Entretanto, tão logo partiu Hércules, os bebrícios, por ordens de Âmico, filho de Poseidon, apoderaram-se uma vez mais do território de Lico e estenderam a sua fronteira até o rio Hípio.[12]

i. De lá, Hércules zarpou para Troia e salvou Hesíone de um monstro marinho; em seguida, continuou sua viagem até Eno, na Trácia, onde foi abrigado por Poltis; e, no momento em que ia se lançar de novo ao mar, ele

disparou e matou, na praia de Eno, Sarpédon, o insolente irmão de Poltis e filho de Poseidon. Em seguida, dominou os trácios estabelecidos em Tasos e doou a ilha aos filhos de Androgeu, que ele havia retirado de Paros; e, em Torone, foi desafiado a uma luta por Polígono e Telégono, filhos de Proteu, matando a ambos.[13]

j. Quando por fim regressou a Micenas, Hércules entregou o cinturão a Euristeu, o qual, por sua vez, deu-o a Admeto. Quanto ao resto da pilhagem arrebatada às amazonas, ele ofereceu suas ricas túnicas ao templo de Apolo em Delfos e o machado de Hipólita à rainha Ônfale, que o incluiu entre os emblemas sagrados dos reis lídios. Posteriormente, ele foi levado a um templo cário de Zeus Labradiano e colocado na mão de sua imagem divina.[14]

k. Há amazonas na Albânia, perto da Cólquida, tendo sido levadas para lá de Temiscira ao mesmo tempo que seus vizinhos gárgares. Quando se viram a salvo nas montanhas da Albânia, os dois povos se separaram: as amazonas se instalaram no sopé das montanhas do Cáucaso, ao redor do rio Mermodas, e os gárgares imediatamente ao norte delas. Toda primavera, num determinado dia, grupos de jovens amazonas e de jovens gárgares se reúnem no cume da montanha que separa os seus territórios e, após realizar um sacrifício conjunto, passam dois meses lado a lado, gozando promiscuamente do intercurso sexual, ao abrigo da noite. Tão logo uma amazona fica grávida, ela volta para casa. As meninas que nascem se tornam amazonas e os meninos são enviados aos gárgares, que, não tendo um meio de averiguar sua paternidade, distribuem-nos entre suas cabanas mediante sorteio.[15] Numa época posterior, a rainha das amazonas, Minicia, saiu de sua corte albanesa ao encontro de Alexandre, o Grande, em Hircânia, lugar frequentado pelos tigres, e lá desfrutou de sua companhia durante treze dias na esperança de gerar um filho dele, mas morreu pouco depois sem realizar seu desejo.[16]

l. Devem-se distinguir essas amazonas do mar Negro das aliadas líbias de Dionísio, que, num determinado período, habitaram em Héspera, uma ilha do lago Tritônis, tão rica em pomares, ovelhas e cabras, que seus habitantes não tinham necessidade de cultivar cereais. Depois de se apoderarem de todas as cidades da ilha, à exceção da sacra Mene, sede dos comedores de peixe etíopes (que exploram minas de esmeralda, rubi, topázio e sárdio), elas venceram os líbios e os nômades das vizinhanças e fundaram a grande cidade de Quersoneso, assim chamada por estar edificada numa península.[17] Desde essa base, elas atacaram os atlantes, a nação mais civilizada a oeste do Nilo, cuja capital se encontra na ilha atlântica de Cerne. Mirina, a rainha amazônica, contava com uma força de trinta mil guerreiras a cavalo e três mil de infantaria. Todas levavam arcos que utilizavam durante a fuga para disparar setas certeiras contra

seus perseguidores, e ostentavam couraças feitas com as peles das incrivelmente gigantescas serpentes líbias.

m. Mirina invadiu o país dos atlantes, infligiu-lhes uma derrota decisiva e, ao passar por Cerne, apoderou-se da cidade; depois, passou todos os homens à espada, tomou as mulheres e as crianças como escravos e arrasou as muralhas da cidade. Quando os atlantes que ainda restavam concordaram em se render, ela os tratou com justiça, travou amizade com eles e, como compensação pela perda de Cerne, ela construiu a nova cidade de Mirina, onde instalou os prisioneiros e todas as outras pessoas que desejassem ali viver. Como os atlantes então se ofereceram a lhe render honras divinas, Mirina os protegeu contra a tribo vizinha dos górgones, matando muitos deles numa batalha encarniçada, além de fazer não menos que três mil prisioneiros.[18] Aquela noite, todavia, enquanto as amazonas celebravam a vitória com um banquete, os prisioneiros roubaram-lhes as espadas e, a um determinado sinal, o corpo principal dos górgones, que havia se reunido e se escondido num bosque de carvalhos, lançou-se de todos os flancos e massacraram as seguidoras de Mirina.

n. Mirina conseguiu escapar — suas companheiras mortas jazem enterradas em três grandes túmulos chamados de Túmulos das Amazonas — e, após atravessar a maior parte da Líbia, adentrou pelo Egito com um novo exército, protegeu o rei Hórus, filho de Ísis, e empreendeu a invasão da Arábia. Há quem afirme que foram essas amazonas líbias, e não as do mar Negro, que conquistaram a Ásia Menor; e que Mirina, após escolher os lugares mais convenientes para o seu novo império, fundou várias cidades costeiras, entre as quais Mirina, Cime, Pitane, Priene e outras mais até o interior. Apoderou-se também de várias ilhas do Egeu, como Lesbos, onde construiu a cidade de Mitilene, nome de uma irmã que havia sido sua companheira na campanha. Enquanto Mirina continuava em seu empenho de conquistar as ilhas, uma tempestade envolveu sua frota, mas a Mãe dos Deuses fez com que todos os barcos chegassem a salvo à Samotrácia, que, naquela época, estava desabitada, e que Mirina consagrou à deusa, erguendo-lhe altares e oferecendo-lhe esplêndidos sacrifícios.

o. Mirina passou então para o interior da Trácia, onde pereceu numa batalha justa contra o rei Mopso e seu aliado, o cita Sípilo. O exército das amazonas jamais se recuperou dessa derrota. Vencidas pelos trácios em frequentes combates, as amazonas sobreviventes retiraram-se finalmente para a Líbia.[19]

1. Se Admeto era o nome da princesa em nome de quem Hércules realizou todas essas tarefas matrimoniais, o fato de lhe retirar o cinturão na câmara nupcial deve ter então marcado o fim de seus Trabalhos. Mas, primeiro, Admeto teria tido que lutar com ele, assim como lutou Hipólita, e como lutou Pentesileia com Aquiles (vide 164. *a* e *2*), ou Tétis com Peleu (vide 81. *k*), cuja introdução na história é assim explicada. Nesse caso, ela deve ter passado por suas transformações habituais, o que indica que a Hidra de tipo siba era Admeto — a serpente guardiã do ouro, que ele derrotou manifestando-se como Ladão (vide 133. *a*) — e que pôde também ter-se transformado em caranguejo (vide 124. *e*), em corça (vide 125. *c*), em égua selvagem (vide 16. *f*) e em nuvem (vide 126. *b*) antes que ele conseguisse conquistar a sua virgindade.

2. Em Éfeso e em outras cidades da Ásia Menor, subsistia ainda uma tradição de sacerdotisas armadas, mas os mitógrafos gregos, tendo esquecido a existência anterior de colégios análogos em Atenas e em outras cidades da própria Grécia, enviaram Hércules ao mar Negro em busca do cinturão de Hipólita, onde as tribos matriarcais continuavam ativas (vide 100. *1*). O sistema de três tribos é a regra geral na sociedade matriarcal. O fato de o cinturão pertencer a uma filha de Briareu (“forte”), um dos gigantes de cem mãos, evoca uma presença primitiva da história das provas nupciais na Grécia setentrional.

3. Admeto é um dos nomes de Atena, que certamente aparecia nos ícones, rodeada por desenhos heráldicos, observando as façanhas de Hércules e ajudando-o nos momentos de dificuldade. Atena era Neith, a deusa líbia do amor e da guerra (vide 8. *1*). Seu equivalente na Ásia Menor era a grande deusa-Lua Marian, Mirina, Ay-Mari, Mariamne ou Marienna, a quem os troianos adoravam como “Mirina Saltitante” (Homero: *Ilíada* II. 814), e que deu seu nome a Mariandina (“Duna de Marian”) e a Mirina, a cidade dos lemnianos ginocráticos (vide 149. *1*) “Esmirna” é também “Mirina”, precedida pelo artigo definido. Marienna, a forma suméria, significa “Mãe fertilíssima”, e a Ártemis Efésia era uma deusa da fertilidade.

4. Diz-se que Mirina viu-se em apuros no meio de uma tempestade e que foi salva pela Mãe dos Deuses, em cuja homenagem ergueu altares na Samotrácia, porque ela mesma era a Mãe dos Deuses e seus ritos salvavam os marinheiros do naufrágio (vide 149. *2*). Uma mãe-deusa muito parecida era adorada, na Antiguidade, na Trácia, na região do rio Tanais (Don), na Armênia, em toda a Ásia Menor e na Síria. A expedição de Teseu à Amazônia, mito que segue o modelo do de Hércules, confundiu o tema e induziu os mitógrafos a inventarem a fictícia invasão de Atenas por um contingente unido de amazonas e citas (vide 100. *c*).

5. Que as amazonas tenham colocado uma imagem debaixo de uma faia efésia é um erro cometido por Calímaco, o qual, por ser egípcio, não sabia que as faias não crescem tanto ao sul. Devia-se tratar de uma tamareira, símbolo da fertilidade (vide 14. *2*), e de uma evocação da origem líbia da deusa, pois sua estátua era adornada com grandes tâmaras douradas, geralmente confundidas com peitos. A derrota das amazonas infligida por Mopso é a história da derrota dos hititas frente aos mosquianos em torno de 1200 a.C. Em sua origem, os hititas haviam sido absolutamente patriarcais, mas, sob a influência das sociedades matriarcais da Ásia Menor e da Babilônia, eles acabaram aceitando o culto da deusa. Em Hattusas, sua capital, Garstang descobriu recentemente um relevo escultural que apresenta uma deusa da guerra. Garstang considera que o culto da Ártemis Efésia é de origem hitita. As vitórias sobre as amazonas obtidas por Hércules, Teseu, Dionísio, Mopso e outros indicam, na verdade, golpes contra o sistema matriarcal na Grécia, Ásia Menor, Trácia e Síria.

6. Estêvão de Bizâncio (*sub* Paros) constata a tradição conforme a qual Paros era uma colônia cretense. A expedição que Hércules empreendeu até lá se refere a uma ocupação helênica da ilha. A cessão que ele fez de Tasos aos filhos de Androgeu é uma referência à captura da ilha por um grupo de pários mencionado em Tucídides IV. 104. Isso ocorreu no fim do século VIII a.C. Os eubeus colonizaram Torone mais ou menos na mesma época. Torone (“rainha aguda”) é representada como filha de Proteu (Estêvão de Bizâncio *sub* Torone). Mas o machado duplo de Hipólita (*labrys*) não foi colocado na mão de Zeus Labradiano no lugar de um raio; ele mesmo era um raio e Zeus o segurava com a permissão da deusa cretense que governava a Lídia.

7. Os gárgares são os gogarênios que Ezequiel chama de Gog (*Ezequiel* XXXVIII e XXXIX).

8. Em seu relato sobre Mirina, Diodoro Sículo cita antigas tradições líbias que já haviam adquirido um brilho de contos de fadas. Não obstante, é já um fato aceito que, no terceiro milênio a.C., emigrantes neolíticos saíram da Líbia em todas as direções, provavelmente expulsos pela inundação de seus campos (vide 39. *3-6*). O delta do Nilo era em grande parte populado por líbios.

9. Segundo Apolônio de Rodes (I. 1.126-1.129), Títias era “um dos três únicos Dáctilos (‘dedos’) ideus que pronunciam sentenças”. Ele menciona também um outro dáctilo, “Cilênio”. Já demonstrei (*A deusa branca*, p. 281) que, na digitomancia, o dáctilo Títias representava o dedo médio; que aquele tal de Cilênio, cognome de Hércules, era o polegar e que Dáscilo, o terceiro dáctilo, era o dedo indicador, assim como o seu nome indica (vide 53. *1*). Esses três dedos levantados, enquanto o quarto e o mindinho estão virados para baixo, formavam a “bênção frígia”, que originalmente se dava em nome de Mirina e

que agora é utilizada pelos sacerdotes católicos em nome da Santíssima Trindade.

10. Tício, que foi morto por Apolo (vide 21. *d*), pode ser um duplo de Títias. A tomada da ilha de Cerne por Mirina parece constituir um acréscimo tardio e não autorizado à história. Cerne foi identificada como sendo Fedallah, perto de Fez, ou Santa Cruz, perto do cabo Ghir, ou (mais provavelmente) Arguin, um pouco ao sul do Cabo Branco. Ela foi descoberta e colonizada pelo cartaginês Hanno, que a descreveu como situada tão longe das Colunas de Hércules quanto distam estas de Cartago, e ela se transformou no grande entreposto do comércio da África ocidental.

11. Isso é tudo quanto aos elementos míticos do Nono Trabalho. Entretanto, a expedição de Hércules ao Termodonte e suas guerras na Mísia e na Frígia não devem ser desprezadas por carecerem de absoluto rigor histórico. Assim como a viagem do *Argo* (vide 148. *10*), elas registram as aventuras comerciais gregas no mar Negro até uma época tão remota como talvez meados do segundo milênio a.C. A intrusão dos mínios de Iolco, dos aqueus de Egina e dos argivos nessas águas indica que, por mais bela que tenha sido Helena, e apesar de ter fugido com Páris de Troia, não foi o seu rosto que levou mil navios a se lançarem ao mar, mas os interesses mercantis da época. Aquiles, filho de Peleu; Ájax, filho de Télamon; e Diomedes, o argivo, se encontravam entre os aliados gregos de Agamênon, que insistiam que Príamo devia permitir a livre passagem deles pelo Helesponto assim como seus pais passavam livremente outrora, a menos que ele quisesse que sua cidade fosse saqueada como havia sido a de Laomedonte, aliás, pela mesma razão (vide 137. *1*). Aqui se explica a duvidosa alegação dos atenienses de que haviam sido representados por Teseu na expedição de Hércules, por Falero na viagem do *Argo* e por Menesteu, Demofoonte e Acamante em Troia. Com isso, eles tentavam justificar seu domínio do comércio no mar Negro, finalmente possibilitado graças à destruição de Troia e à decadência de Rodes (vide 159. *2*; 160. *2-3* e 162. *3*).

NOTAS

[1] Escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: III. 64; Apolodoro: II. 5. 9; Justino: II. 4; Píndaro: *Odes nemeeias* III. 38 e *Fragmento* 172; Filócoro, citado por Plutarco: *Teseu* 26.

[2] Apolônio de Rodes: II. 990-992; Cícero: *Em defesa de Flaco* 15; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 189; Higino: *Fábula* 30; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: II. 1.033.

[3] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: XI. 659; Plutarco: *Sobre os rios* 14; Apolônio de Rodes: II. 976-1.000.

[4] Arriano: *Fragmento* 58; Diodoro Sículo: II. 451; Heródoto: IV. 100; Apolônio de Rodes: II. 987-989; Lísias, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.332.

[5] Píndaro: *Odes nemeeias* III. 38; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 494; Estrabão: XI. 5. 1.

[6] Diodoro Sículo: II. 45-46; Estrabão: XI. 5. 4; Justino: II. 4; Hecateu: *Fragmento* 352.

[7] Calímaco: *Hino a Ártemis* 237 *et seq*.; Higino: *Fábulas* 223 e 225; Plínio: *História natural* V. 31; Homero: *Ilíada* III. 189; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 69; Justino: II. 4.

[8] Diodoro Sículo: V. 79; Heródoto: VII. 72; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: II. 754.

[9] Estrabão: XII. 3. 4; Apolodoro: II. 5. 9; Pausânias: V. 26. 6; Justino: XVI. 3.

[10] Diodoro Sículo: IV. 16; Apolodoro: *loc. cit*.; Plutarco: *Questões gregas* 45.

[11] Apolônio de Rodes: II. 966-969; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.329; Ibicos, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: *loc. cit*.

[12] Apolônio de Rodes: II. 776 *et seq*.

[13] Apolodoro: II. 5. 9.

[14] Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.327; Eurípides: *Hércules* 418 e *Íon* 1.145; Plutarco: *Questões gregas* 45.

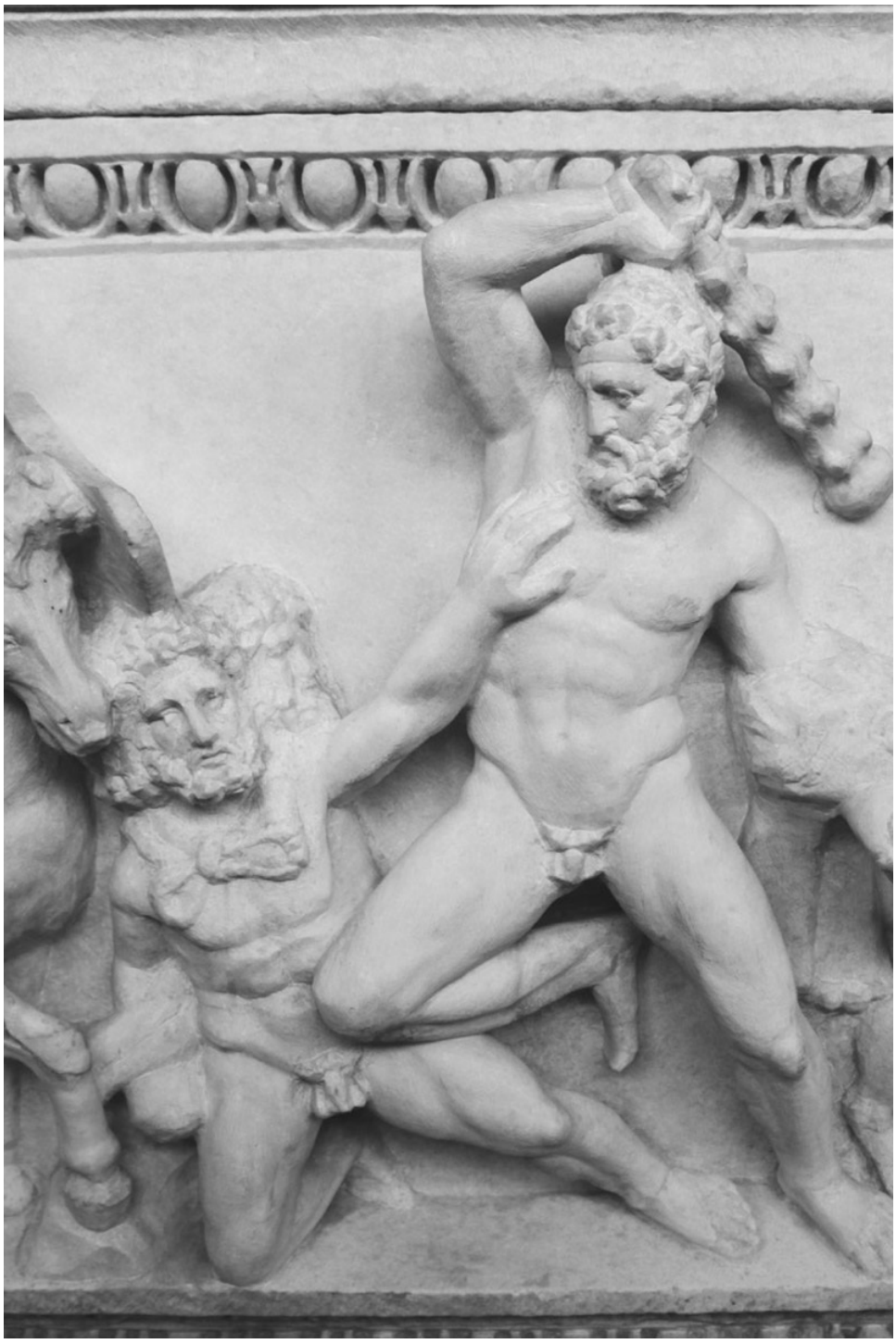
[15] Estrabão: XI. 5. 1-2 e 4; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: XI. 659.

[16] Justino: II. 4; Clitarco, citado por Estrabão: XI. 5. 4.

[17] Diodoro Sículo: III. 52-53.

[18] Diodoro Sículo: III. 54.

[19] Diodoro Sículo: III. 55.



HÉRCULES em seus trabalhos
Kayseri, Turquia

132

O DÉCIMO TRABALHO: O REBANHO DE GERIÃO

O Décimo Trabalho de Hércules consistiu em tomar os famosos bois de Gerião da Eriteia, ilha situada perto da corrente do Oceano, sem pedi-los ou pagar por eles. Gerião, filho de Crisaor e Calírroe, filha do titã Oceano, era rei de Tartesso, na Espanha, e tinha fama de ser o homem mais forte do mundo.[1] Ele era dotado de três cabeças, seis braços e corpo tríplice até a altura dos quadris. Os pesados bois vermelhos de Gerião, animais de extraordinária beleza, eram guardados pelo pastor Eurítion, filho de Ares, e pelo cão bicéfalo Ortro — que pertencera a Atlas — nascido da união de Tífon e Equidna.[2]

b. Durante sua passagem pela Europa, Hércules matou muitas feras e quando, por fim, chegou a Tartesso, ele ergueu um par de colunas, uma diante da outra, dos dois lados do estreito, uma na Europa e outra na África. Há quem afirme que os dois continentes estiveram unidos no passado e que ele abriu um canal entre eles, ou que separou os rochedos; outros dizem que, ao contrário, ele estreitou a passagem existente para impedir que baleias e outros monstros marinhos entrassem por ali.[3]

c. Hélio lançou seus raios sobre Hércules, o qual, julgando impossível trabalhar com semelhante calor, tomou seu arco e disparou uma flecha contra o deus. “Basta!”, exclamou Hélio, zangado. Hércules desculpou-se pelo mau humor e afrouxou o arco imediatamente. Para não deixar-se superar em cortesia, Hélio emprestou a Hércules sua taça de ouro, que tinha a forma de um nenúfar, dentro da qual ele embarcou rumo à Eriteia. Mas o titã Oceano, para pô-lo à prova, fez com que a taça se agitasse violentamente sobre as ondas. Hércules voltou a tensionar o arco, o que assustou Oceano, que fez o mar se acalmar. Segundo outra versão, Hércules teria zarpado para a Eriteia dentro de uma urna de bronze, utilizando sua pele de leão como vela.[4]

d. Ao chegar, ele subiu ao monte Abas. O cão Ortro correu na sua direção, latindo, mas Hércules o matou com a clava, e Eurítion, o pastor de Gerião, que acorreu em auxílio de Ortro, morreu da mesma maneira. Então, Hércules começou a levar embora o gado. Menete, que apascentava o rebanho de Hades nas redondezas — embora Hércules não houvesse tocado um só daqueles animais —, levou a notícia a Gerião. Desafiado ao combate, Hércules disparou em direção ao flanco de Gerião e lhe atravessou os três corpos com uma só flecha; mas contam que ele permaneceu de pé e disparou-lhe três flechas seguidas. Como Hera apressou-se em acudir Gerião, Hércules a feriu com uma flecha no seio direito, o que a pôs em fuga. Ele se apoderou, assim, do rebanho sem pedi-lo e sem pagar por ele, embarcando na taça de ouro, na qual navegou até Tartesso, devolvendo-a depois, agradecido, a Hélio. A partir do sangue de Gerião brotou uma árvore que, na época em que as Plêiades ascendem, dá umas frutas parecidas com cerejas sem caroço. Gerião, contudo, não morreu sem descendência. Sua filha Eriteia teve um filho com Hermes, Nórax, que conduziu uma colônia até a Sardenha, mesmo antes da época de Hilo, e lá fundou Nora, a cidade mais antiga da ilha.[5]

e. A localização de Eriteia, chamada também de Eritreia ou Erítria, é motivo de discussão. Algumas tradições a descrevem como uma ilha situada para além da corrente do Oceano, outros a localizam diante da costa da Lusitânia.[6] Outros ainda a identificam como sendo a ilha de Leon, ou uma ilhota nas cercanias, sobre a qual foi construída a primitiva cidade de Gades e onde os pastos são tão abundantes que o leite não dá soro, mas apenas coalhada, e é necessário aplicar ventosas ao gado a cada cinquenta dias para que não se sufoque por excesso de sangue. Essa ilhota, consagrada a Hera, chama-se Eriteia ou Afrodísia. Leon, a ilha na qual se encontra a atual cidade de Gades, costumava chamar-se Cotinusa por causa de suas olivas, mas os fenícios mudaram-lhe o nome para Gadira, ou "Cidade Cercada". No cabo ocidental, encontram-se o templo de Cronos e a cidade de Gades; no oriental, um templo de Hércules, notável por causa de uma corrente que diminui com a preamar e cresce com a vazante. Gerião está enterrado na cidade, igualmente célebre por causa de uma árvore secreta que assume diversas formas.[7]

f. Entretanto, segundo outro relato, o rebanho de Gerião não pastava em ilha alguma, mas nas encostas montanhosas da parte mais distante da Espanha, diante do Oceano; e "Gerião" era um título do famoso rei Crisaor, que governava todo o país, e cujos três filhos, fortes e valentes, ajudavam-no na defesa de seu reino, cada um deles à frente de um exército recrutado entre raças belicosas. Para lutar com eles, Hércules reuniu uma grande expedição em Creta, lugar de nascimento de seu pai Zeus. Antes de partir, os cretenses lhe renderam honras esplêndidas e,

em recompensa, ele livrou a ilha dos ursos, lobos, serpentes e outros animais selvagens, aos quais ela continua sendo imune. Ele primeiro zarpou para a Líbia, onde matou Anteu e as feras que infestavam o deserto, proporcionando ao país uma fertilidade insuperável. Em seguida, visitou o Egito, onde matou Busíris; depois ele se dirigiu para o oeste, através do norte da África, aniquilando à sua passagem os górgones e as amazonas líbias; fundou a cidade de Hecatômpilo, atual Capsa, na Numídia meridional, e chegou ao Oceano nas redondezas de Gades. Lá ele ergueu colunas de cada lado do estreito e, cruzando-o com seu exército até a Espanha, descobriu que os filhos de Crisaor, com seus três exércitos, estavam acampados a uma certa distância uns dos outros. Eles os derrotou e destruiu, um por vez, e finalmente levou consigo os famosos bois de Gerião, deixando o governo da Espanha ao mais digno dos habitantes sobreviventes.[8]

g. As Colunas de Hércules são geralmente identificadas como sendo o monte Calpe na Europa e o Abília, ou Abilyx, na África. Outros dizem que são as ilhotas próximas de Gades, a maior das quais é consagrada a Hera. Entretanto, todos os espanhóis e líbios tomam a palavra “colunas” ao pé da letra e as situam em Gades, onde há colunas de bronze consagradas a Hércules de oito côvados (5,28 metros) de altura e que ostentam a inscrição do custo de sua construção. Lá, os marinheiros oferecem sacrifícios sempre que voltam sãos e salvos de uma viagem. Segundo os habitantes da mesma Gades, um oráculo ordenou ao rei de Tiro que fundasse uma colônia perto das colunas de Hércules, razão pela qual ele enviou sucessivamente três grupos de exploradores. O primeiro, acreditando que o oráculo havia se referido a Abile e Calpe, desembarcou no estreito, onde se encontra agora a cidade de Exitani; o segundo navegou umas duzentas milhas além do estreito, até uma ilha consagrada a Hércules, diante da cidade espanhola de Onoba.[a] Mas ambos os grupos desanimaram com os maus presságios enquanto ofereciam sacrifícios, de modo que voltaram à sua pátria. O terceiro grupo chegou a Gades, onde ergueu um templo a Hércules no cabo oriental e fundou com sucesso a cidade de Gades no ocidental.[9]

h. Há, contudo, quem negue que tenha sido Hércules quem ergueu essas colunas. Segundo tais versões, Abile e Calpe foram chamadas originalmente de “Colunas de Cronos” e depois de “Colunas de Briareu”, um gigante cujo poder se estendia ao longe; mas, tendo-se extinguido a lembrança de Briareu (chamado também de Egéon), seu nome foi modificado em honra a Hércules, talvez pelo fato de a cidade de Tartesso, que se encontra a apenas oito quilômetros de Calpe e que era comumente conhecida pelo nome de Heracleia, ter sido fundada por ele. Ainda podem ser vistas ali grandes muralhas antigas e abrigos de navios.[10] Não obstante, cabe recordar que o Hércules primitivo também se chamava

Briareu. Normalmente se diz que as Colunas de Hércules eram duas, mas algumas versões afirmam ter sido três ou quatro.[11] Menciona-se também a existência de supostas Colunas de Hércules na costa setentrional da Alemanha, no mar Negro, no extremo ocidental da Gália e na Índia.[12]

i. Um templo de Hércules se ergue no Promontório Sagrado da Lusitânia, o ponto mais ocidental do mundo. Os visitantes são proibidos de entrar no recinto durante a noite, ocasião em que os deuses ali se alojam. Quiçá tenha sido este o lugar que Hércules escolheu ao erguer suas colunas para marcar o limite legítimo permitido para a navegação.[13]

j. Discute-se muito como ele então levou o rebanho até Micenas. Algumas versões rezam que ele obrigou Abile e Calpe a se unirem temporariamente e, através da ponte resultante, ele cruzou o estreito na direção da Líbia. Mas, segundo um relato mais plausível, ele passou pelo território do que é hoje Abdera, uma colônia fenícia, e depois através da Espanha, deixando para trás alguns de seus seguidores como colonos.[14] Nos Pireneus, ele cortejou e sepultou a princesa bebrícia Pirene, que deu seu nome à cordilheira. Diz-se que o rio Danúbio nasce ali, nas proximidades de uma cidade que também leva esse nome em sua homenagem. Ele depois visitou a Gália, onde aboliu o bárbaro costume nativo de matar os estrangeiros, e conquistou tantos corações com suas generosas façanhas que fundou uma grande cidade, à qual chamou Alesia, ou "Errante", em comemoração a suas viagens. Os gauleses continuam honrando Alesia como o lar e a cidade materna de todo o seu país, inexpugnável até o reinado de Calígula, e afirmam descender da união de Hércules com uma alta princesa chamada Gálata, que o elegeu como amante e que gerou com ele esse povo guerreiro.[15]

k. Quando Hércules estava conduzindo o rebanho de Gerião pelo território da Ligúria, dois filhos de Poseidon, chamados Alébion e Dercino, trataram de roubá-lo, mas ele os matou a ambos. Numa certa etapa de sua batalha com as hostis forças ligúrias, Hércules viu-se sem flechas e caiu de joelhos, exausto e aos prantos. Como o terreno era recém-cultivado, ele não podia encontrar pedras para atirá-las contra o inimigo — cujo líder era Lígis, irmão de Alébion — até que Zeus, compadecido de suas lágrimas, escureceu a Terra com uma nuvem, da qual caiu uma chuva de pedras e, com elas, Hércules foi capaz de pôr em fuga o inimigo. Zeus colocou entre as estrelas uma imagem de Hércules lutando contra eles; trata-se da constelação chamada Engonasis. Outra lembrança dessa batalha sobrevive na Terra: é a planície larga e circular que se estende entre Marselha e a foz do Ródano, a uns 23 quilômetros do mar, chamada de "Planície Pedregosa" por estar semeada de pedras do tamanho de um punho humano. Nela podem ser também encontrados mananciais de água salgada.[16]

l. Durante sua passagem pelos Alpes Ligúrios, Hércules abriu um caminho adequado aos seus exércitos e cargas, e também desmantelou todos os bandos de ladrões que infestavam o passo antes de entrar no território que é hoje a Gália Cisalpina e a Etrúria. Só após haver percorrido toda a costa da Itália e haver atravessado o estreito para chegar à Sicília, ocorreu-lhe dizer: “Tomei o caminho errado!” Os romanos dizem que, ao chegar ao Albula — mais tarde chamado de Tibre —, deu-lhe as boas-vindas o rei Evandro, um eLivros da Arcádia. Ao anoitecer, ele cruzou o rio a nado, conduzindo o gado à sua frente, e deitou-se para descansar num leito de grama.[17] Numa profunda gruta próxima dali vivia um pastor enorme, horrendo e de três cabeças chamado Caco, filho de Hefesto e Medusa, que era o terror e a desgraça do Bosque Aventino, pois lançava chamas por cada uma de suas três bocas. Crânios e braços humanos dependuravam-se cravados acima dos dintéis de sua caverna, cujo solo reluzia com a brancura dos ossos de suas vítimas. Enquanto Hércules dormia, Caco arrebatou-lhe os dois melhores bois, assim como quatro novilhas, que ele arrastou pelo rabo até a sua guarida.[18]

m. Hércules despertou com o resplandecer da aurora e logo notou a falta de seus animais. Após procurá-los em vão, ele já estava prestes a seguir adiante com os demais quando uma das novilhas roubadas começou a mugir de fome. Hércules seguiu o rastro de seu som até a caverna, mas encontrou a entrada obstruída por uma rocha que nem mesmo dez juntas de bois poderiam ter removido. Entretanto, ele a apartou para um lado como se se tratasse de um seixo e, indiferente às chamas fumegantes que Caco cuspia, ele o agarrou numa luta corpo a corpo e bateu no seu rosto até desfigurá-lo por completo.[19]

n. Auxiliado pelo rei Evandro, Hércules ergueu um altar a Zeus, no qual sacrificou um de seus bois recuperados, e depois realizou os preparativos para ali organizar o seu próprio culto. Mas os romanos contam essa história para glorificarem a si próprios, pois a verdade é que não foi Hércules quem matou Caco e ofereceu sacrifícios a Zeus, mas um gigantesco pastor chamado Garano, ou Recarano, aliado de Hércules.[20]

o. O rei Evandro governava mais por sua influência pessoal do que pela força; ele era especialmente reverenciado pelo seu conhecimento das letras, que havia herdado de sua profética mãe, a ninfa árcade Nicóstrata, ou Têmis. Ela era filha do rio Ladão e, embora já estivesse casada com Equeno, teve Evandro com Hermes. Nicóstrata persuadiu Evandro a matar seu suposto pai e, quando os árcades os desterraram a ambos, ela foi para a Itália com ele, acompanhada por um corpo de pelasgos.[21] Lá, cerca de sessenta anos antes da Guerra de Troia, eles fundaram a pequena cidade de Palâncio, numa colina junto ao rio Tibre, chamada posteriormente de monte Palatino; o lugar havia sido escolhido por

Nicóstrata. Em pouco tempo, não havia rei mais poderoso do que Evandro em toda a Itália. Nicóstrata, então chamada Carmenta, adotou o alfabeto pelasgo de treze consoantes, que Cadmo havia trazido do Egito, a fim de formar o alfabeto latino de quinze consoantes. Mas segundo outra versão foi Hércules quem ensinou aos súditos de Evandro o uso das letras, que é o motivo pelo qual ele compartilha um altar com as musas.[22]

p. Segundo os romanos, Hércules libertou o rei Evandro do tributo que devia pagar aos etruscos; matou o rei Fauno, que tinha o costume de sacrificar os estrangeiros no altar de seu pai Hermes, e concebeu Latino, o ancestral dos latinos, com a viúva, ou a filha, de Fauno. Mas os gregos afirmam que Latino era filho de Circe com Odisseu. De qualquer modo, certo é que Hércules suprimiu o sacrifício croniano anual de dois homens que eram atirados ao Tibre, e obrigou os romanos a utilizarem bonecos no seu lugar. Hoje em dia, inclusive, durante a Lua cheia do mês de maio, a Virgem Vestal principal, de pé no Pons Sublicius de madeira de carvalho, atira à corrente amarelada imagens esbranquiçadas, feitas de junco, representando anciãos chamados “argivos”.[23] Acredita-se também que Hércules tenha fundado Pompeia e Herculano; que tenha lutado contra gigantes nos Campos Flégreos, em Cumas; que tenha construído um passadiço de uma milha de comprimento através do golfo Lucrino, que agora se chama Estrada Heracliana, pelo qual ele conduziu o rebanho de Gerião.[24]

q. Diz-se, ainda, que ele se deitou para descansar perto da fronteira entre Régio e a Lócrida epizefíria e, muito perturbado pelas cigarras, suplicou aos deuses que as silenciassem. Sua súplica foi atendida de pronto e, desde então, nunca mais voltou-se a ouvir o canto das cigarras no lado regiano do rio Alece, embora elas ainda cantem alegremente no lado lócrio. Naquele dia, um touro desgarrou-se da manada, meteu-se no mar e chegou nadando até a Sicília. Hércules o perseguiu e o encontrou escondido entre os rebanhos de Érix, rei dos élimos, filho de Afrodite e Butes.[25] Érix, que era lutador e pugilista, desafiou-o a um torneio quíntuplo. Hércules aceitou o desafio, com a condição de que Érix apostasse o seu reino contra o touro fugitivo, e saiu vencedor nas quatro primeiras provas; finalmente, na prova de luta livre, ele ergueu Érix bem alto, atirou-o ao chão e o matou, demonstrando aos sicilianos, assim, que nem todos os nascidos de uma deusa são necessariamente imortais. Dessa maneira, Hércules conquistou o reino de Érix, que ele deixou aos seus habitantes para que desfrutassem dele até que um de seus próprios descendentes fosse reclamá-lo.[26]

r. Dizem ainda que Érix — cujo recinto de luta ainda pode ser visto — tinha uma filha chamada Psófide, que teve com Hércules dois filhos: Equéfron e Prômaco. Tendo sido criados em Erimanto, mudaram o nome dessa cidade pelo de sua mãe Psófide, e lá construíram um altar a Afrodite Ericínia, do qual hoje

só restaram as ruínas. Os altares dedicados aos heróis Equéfron e Prômaco perderam sua importância já faz muito tempo e, quanto a Psófide, ela é geralmente considerada filha de Xanto, neto de Arcas.[27]

s. Continuando sua viagem através da Sicília, Hércules chegou ao lugar onde agora se encontra a cidade de Siracusa. Lá ele ofereceu sacrifícios e instituiu o festival anual que era celebrado junto ao precipício sagrado de Cíane, através do qual Hades levou Coré para o mundo subterrâneo. Aos que honraram Hércules na Planície de Leontini ele deixou lembranças imorredouras de sua visita. Perto da cidade de Agírio, as marcas dos cascos de seu gado permaneceram impressas numa estrada de pedra como se fosse de cera; e, considerando isso como um indício de sua imortalidade, Hércules aceitou que os habitantes lhe rendessem honras divinas que até então ele vinha vez ou outra recusando. Então, em agradecimento aos seus favores, ele escavou um lago de quatro estádios de circunferência do lado de fora das muralhas da cidade e construiu santuários locais a Iolau e Gerião.[28]

t. Voltando à Itália em busca de uma outra rota rumo à Grécia, Hércules conduziu seu rebanho pela costa oriental até o Promontório Lacínio, onde seu governante, o rei Lacínio, pôde gabar-se mais tarde de ter posto Hércules em fuga, o que ele fez simplesmente construindo um templo a Hera, à vista do qual Hércules afastou-se, repugnado. Nove quilômetros adiante, Hércules matou acidentalmente Cróton, seu gentil anfitrião, enterrou-o com todas as honras e profetizou que, no futuro, erguer-se-ia ali uma grande cidade que levaria o seu nome. Hércules cumpriu tal profecia após sua deificação: surgiu nos sonhos de um de seus descendentes, o argivo Míscelo, e o ameaçou com um castigo terrível caso não conduzisse um grupo de colonos até a Sicília e fundasse a cidade; quando os argivos estavam prestes a condenar Míscelo à morte por violar sua proibição de emigrar, ele fez o milagre de transformar em seixo branco cada um dos seixos negros da votação.[29]

u. Hércules se propôs, então, a conduzir o rebanho de Gerião através da Ístria até o Epiro e, de lá, ao Peloponeso pelo istmo. Mas, à entrada do golfo Adriático, Hera enviou um moscardo que pôs o rebanho em debandada, dispersando-o através da Trácia até o deserto cita. Hércules perseguiu-o até lá e, numa noite fria e tempestuosa, ele se cobriu com a pele de leão e adormeceu rapidamente numa colina pedregosa. Ao despertar, observou que as éguas de sua carruagem, que ele havia desatrelado para que pudessem pastar, também haviam desaparecido. Ele andou por toda a parte, procurando-as, até chegar a um território de bosques chamado Hileia, onde uma criatura estranha — meio mulher, meio serpente — gritou-lhe de dentro de uma caverna. Ela lhe disse que estava com suas éguas, mas que só as devolveria caso ele se tornasse seu amante.

Hércules concordou de mau grado e a beijou três vezes, após o que a mulher com cauda de serpente o abraçou apaixonadamente e, quando por fim Hércules estava livre para ir embora, perguntou-lhe:

— O que será dos três filhos que ora carrego no ventre? Quando chegarem à virilidade, deverei deixá-los aqui, onde sou eu a senhora, ou quer tê-los ao seu lado?

v. — Quando crescerem, observe-os com atenção! — respondeu Hércules. — Se algum deles dobrar este arco tal como eu o dobro agora, e cingir este cinto tal como eu o cinjo agora, eleja-o governante de seu país.

Dito isto, ele lhe deu um de seus arcos e o cinturão que continha uma taça de ouro dependurada na fivela, e pôs-se de novo em marcha. Ela chamou os trigêmeos de Agatirso, Gelono e Cites. Os mais velhos foram incapazes de realizar as tarefas propostas, de modo que ela os apartou; mas Cites conseguiu cumprir à risca os ditames paternos. Ela então lhe permitiu ficar, e Cites se transformou assim no ancestral de todos os reis citas, que até hoje ostentam taças de ouro nos cinturões.[30] Outra versão, no entanto, diz que foi Zeus, e não Hércules, quem se curvou à luxúria da mulher com cauda de serpente, e que, quando os três filhos de tal união ainda governavam o país, caíram do céu quatro objetos de ouro: um arado, um jugo, um machado de combate e uma taça. Agatirso foi o primeiro que correu para recolhê-los, mas, quando se aproximou, o ouro estava em flamas e queimou-lhe as mãos. Gelono foi rechaçado da mesma maneira. Todavia, quando Cites, o mais jovem, se aproximou, o fogo cessou de imediato e, assim, ele pôde levar para casa os quatro objetos de ouro, e os irmãos mais velhos concordaram em ceder-lhe o reino.[31]

w. Após haver recuperado suas éguas e a maior parte do rebanho extraviado, Hércules levou-os de volta através do rio Estrimão, que represara com pedras com esse propósito, e não deparou com mais aventuras até o pastor gigante Alcioneu, que havia se apoderado do istmo de Corinto, lançar uma rocha sobre o exército que mais uma vez acompanhava Hércules, esmagando nada menos que doze carros e o número dobrado de cavaleiros. Este era o mesmo Alcioneu que roubara duas vezes o gado sagrado de Hélio: uma vez na Eriteia e outra, na cidadela de Corinto. Ele então continuou correndo, recolheu a rocha e, dessa vez, lançou-a contra Hércules, que a fez ricochetear em sua clava, matando, assim, o gigante. Essa rocha ainda pode ser vista no istmo.[32]

1. O tema principal dos Trabalhos de Hércules é a execução de certas façanhas rituais antes de ele ser aceito como consorte de Admeto, ou Auge, ou Atena, ou Hipólita, ou como quer que se chamasse a rainha. Este selvagem Décimo Trabalho pode ter-se referido originalmente ao mesmo tema, caso registre o costume patriarcal helênico segundo o qual o marido comprava a noiva com o produto de um roubo de gado. Na Grécia homérica, as mulheres eram avaliadas em termos de cabeças de gado, como ainda sucede em algumas partes da África oriental e central. Mas foram acrescentados ao mito outros elementos irrelevantes, até mesmo uma visita à Ilha Ocidental da Morte e seu exitoso retorno, carregado de espólios. A história irlandesa paralela é a antiga fábula de Cuchulain, que penetrou no Inferno — Dun Scaith, "cidade das sombras" —, trazendo de volta três vacas e um caldeirão mágico, apesar das tormentas que os deuses dos mortos desencadearam contra ele. A urna de bronze em que Hércules navegou até a Eriteia era uma embarcação adequada para fazer uma visita à ilha da Morte, e talvez tenha sido confundida com o caldeirão de bronze. Na Décima Primeira Tabuleta da epopeia babilônica de Gilgamesh, o herói realiza viagem semelhante a uma ilha sepulcral através do mar dos mortos, utilizando suas próprias roupas como vela. Tal episódio chama a atenção por seus muitos pontos de semelhança entre os mitos de Hércules e Gilgamesh, e é provável que sua fonte comum seja suméria. Assim como Hércules, Gilgamesh mata um leão monstruoso e veste-se com sua pele (vide 123. *e*); agarra um touro do céu pelos chifres e o domina (vide 129. *b*); descobre uma erva secreta da invulnerabilidade (vide 135. *b*); faz a mesma viagem que o Sol (vide 132. *d*); e visita o Jardim das Hespérides, onde, após matar um dragão enroscado numa árvore sagrada, é recompensado com dois objetos sagrados procedentes do mundo subterrâneo (vide 133. *e*). As relações entre Gilgamesh e seu companheiro Enkidu parecem-se muito com as de Teseu, o Hércules ateniense, com seu companheiro Pirítoo, que desce ao Tártaro e não consegue regressar (vide 103. *c* e *d*); e a aventura de Gilgamesh com os Escorpiões foi atribuída ao beócio Órion (vide 41. *3*).

2. As colônias gregas pré-fenícias instaladas na Espanha, na Gália e na Itália sob a proteção de Hércules contribuíram para o mito. Do ponto de vista geográfico, as Colunas de Hércules — às quais chegou um grupo de colonos em torno do ano 1100 a.C. — são Ceuta e Gibraltar.

3. Contudo, num sentido místico celto-ibérico, as Colunas são abstrações alfabéticas. "Marwnad Ercwlf", um antigo poema galês do *Livro Vermelho de Hergest*, trata do Hércules celta — que os irlandeses chamavam de "Ogma da Face Solar", e Luciano, de "Ogmius" (vide 125. *1*) — e conta como Ercwlf ergueu "quatro colunas da mesma altura, com as extremidades cobertas de ouro vermelho", ao que parece, as quatro colunas de cinco letras que formavam o

alfabeto bárdico de vinte letras, conhecido como o Boibel-Loth (*A deusa branca*, pp. 133, 199 e 278). Tudo indica que, em torno do ano 400 a.C., esse novo alfabeto, cujos nomes das letras gregas se referiam à viagem celestial de Hércules na taça solar, sua morte no monte Eta e seus poderes como fundador de cidades e juiz (*A deusa branca*, p. 136), substituiu o alfabeto arbóreo de Beth-Luis-Nion, os nomes de cujas letras se referiam ao sacrifício homicida de Cronos cometido pelas mulheres selvagens (*A deusa branca*, p. 374). Posto que as górgonas possuíam um bosque na Eriteia ("Ilha Vermelha"), identificada por Ferécides como a ilha de Gades, e posto que "árvores" em todas as línguas célticas significam "letras", sou levado a interpretar que "a árvore que toma diversas formas" é o alfabeto Beth-Luis-Nion, cujo segredo as górgonas guardavam em seu bosque sagrado até serem "aniquiladas" por Hércules. Nesse sentido, a incursão de Hércules na Eriteia, onde matou Gerião e o cão Ortro — o astro Sírio —, refere-se à substituição do alfabeto de Cronos pelo alfabeto de Hércules.

4. Hesíodo (*Teogonia* 287) chama Gerião de *tricephalon*, "de três cabeças". Outra leitura possível da mesma palavra é *tricarenon*, que significa o mesmo. "Tricarenon" evoca *Tarvos Trigaranus*, o deus celta com duas mãos esquerdas, que aparece na companhia de grous e de um touro no altar de Páris, derrubando um salgueiro. *Geryon*, palavra que não tem nenhum significado em grego, parece ser uma forma muito usada de *Trigaranus*. Posto que os grous, tanto na tradição grega quanto na irlandesa, estão associados aos segredos alfabéticos (vide 52. *6*) e aos poetas, Gerião deve ser o guardião da deusa do alfabeto anterior: na verdade, Cronos acompanhado pelos Dáctilos. Na ilha sepulcral de Eriteia, Cronos-Gerião, que no passado foi um herói solar do tipo Hércules-Briareu, transformou-se num deus dos mortos, com Ortro como o seu Cérbero; e esse Décimo Trabalho, portanto, foi confundido com o Décimo Segundo, Menete figurando em ambos. Embora o "fruto sem caroço parecido com a cereja" surgido a partir do sangue de Gerião possa ter sido o bago do medronheiro, nativo da Espanha, a história foi influenciada pelo caráter sagrado de que, para Cronos-Saturno, está revestida a cereja do corniso, que dá frutos temporãos (*A deusa branca*, p. 171) e que produz uma tinta vermelha como a cochonila. O papel de Crisaor na história é importante. Seu nome significa "cimitarra de ouro", a arma associada ao culto de Cronos, e se dizia que ele era filho da górgona Medusa (vide 33. *b*; 73. *h* e 138. *j*).

5. Nórax, neto de Gerião, filho da união de Eriteia com Hermes — diz-se que Hermes levou o alfabeto de árvores da Grécia para o Egito e voltou com ele —, parece ser uma grafia equivocada de Norops, palavra grega para "face solar". Tal genealogia foi invertida pelos mitógrafos irlandeses, que dizem que o seu

próprio Gerião, cujas três pessoas eram conhecidas como Brian, Iuchar e Iucharba — uma forma de Mitra, Varuna e Indra —, tinha Ogma como avô, e não como neto, e que seu filho era o deus-sol celto-ibérico Lugh, Llew ou Lugos. Eles também insistiam no fato de que o alfabeto lhes havia sido legado pela Grécia via Espanha. O corvo de Cronos era consagrado a Lugos, segundo Plutarco, que escreve (*Sobre rios e montanhas* V) que "Lugdunum" — Lyon, a fortaleza de Lugos — "assim se chamava porque um auspício de corvos sugeriu a escolha de sua localização, pois *lug* significa corvo no dialeto alobrígida".

6. Vérrio Flaco parece ter sido mal interpretado por Sérvio; é mais provável que tenha dito que "o tricéfalo Garano (Gerião), e não Caco, era o nome da vítima de Hércules, e que Evandro auxiliou Hércules". Isso coincidiria com a versão segundo a qual a mãe de Evandro, Carmenta, suprimiu o alfabeto de treze consoantes, o Beth-Luis-Ninon de Cronos, em favor do Boibel-Loth de quinze consoantes de Hércules-Ogmius (*A deusa branca*, p. 272). O rei Juba, citado por Plutarco dizendo que Hércules ensinou aos súditos de Evandro o emprego das letras, era um magistrado honorário de Gades e, sem dúvida, conhecia muito bem o saber alfabético local. Nessa história de Evandro, Hércules é claramente descrito como inimigo do culto de Cronos, posto que suprime o sacrifício humano. Suas andanças pela Itália e pela Sicília foram inventadas para explicar os numerosos templos que lhe foram erguidos naquelas terras; e sua competição quíntupla com Érix, para justificar as expedições colonizadoras do século VI que o heraclida Pentatlos de Cnido e o espartano Dorieus realizaram à região de Érix. O Hércules venerado na cidade siciliana de Agira pode ter sido um antepassado que conduziu da Itália os sícelos pelo estreito em torno do ano de 1050 a.C. (Tucídides: VI. 2. 5). Ele também visitou a Cítia. Os colonos gregos das costas ocidental e setentrional do mar Negro incorporaram um Hércules cita, um herói arqueiro (vide 119. *5*), na mixórdia do Décimo Trabalho. Sua noiva, a mulher com cauda de serpente, era uma deusa Terra, mãe das três principais tribos citas mencionadas por Heródoto. Numa outra versão do mito, representada pela balada inglesa *The Laidley Worm*, quando ele a beija três vezes, ela se transforma na "mulher mais bela jamais vista".

7. A historieta de Alcioneu parece ter-se desprendido do mito do ataque dos gigantes ao Olimpo e de sua derrota infligida por Hércules (vide 35. *a*-*e*). Mas o roubo do gado de Hélio na Eriteia, cometido por Alcioneu, e depois na cidadela de Corinto, é uma versão mais antiga do roubo do rebanho de Gerião realizado por Hércules, pois o seu proprietário era um consorte solar ativo da deusa-Lua, e não um deus dos mortos desterrado e enfraquecido.

8. A flecha que Hércules disparou contra o sol do meio-dia devia ser aquela disparada contra o zênite durante a cerimônia de sua coroação (vide 126. *2* e

135. *1*).

NOTAS

[a] Huelva. (N.T.)

1 Pausânias: IV. 36. 3; Apolodoro: II. 5. 10; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 289; Hesíodo: *Teogonia* 981.

2 Hesíodo: *Teogonia* 287 *et seq*.; Luciano: *Toxaris* 72; Apolodoro: *loc. cit*.; Lívio: I. 7; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 300; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.399.

3 Apolodoro: II. 5. 10; Diodoro Sículo: IV. 18; Pompônio Mela: I. 5. 3 e II. 6. 6.

4 Apolodoro: *loc. cit*.; Ferécides, citado por Ateneu: XI. 39; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 662 e VIII. 300.

5 Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 30; Eurípides: *Hércules* 423; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 662; Pausânias: X. 17. 4; Ptolomeu Hefestionos, citado por Fócio: p. 475; Píndaro: *Fragmento* 169.

6 Solino: XXIII. 12; Pompônio Mela: III. 47; Hesíodo: *Teogonia* 287 *et seq*.; Plínio: *História natural* IV. 36.

7 Ferécides, citado por Estrabão: III. 2. 11; Estrabão: III. 5. 3-4 e 7; Timeu, citado por Plínio: *loc. cit*.; Políbio, citado por Estrabão: III. 5. 7; Pausânias: I. 35. 6.

8 Diodoro Sículo: III. 55 e IV. 17-19.

9 Plínio: *História natural* III. *Proêmio*; Estrabão: III. 5. 5.

10 Eustácio sobre a *Descrição da terra* de Dionísio: 64 *et seq*.; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: III. 37; Aristóteles, citado por Eliano: *Varia Historia* V. 3; Plínio: *História natural* III. 3; Timóteo, citado por Estrabão: III. 1. 7.

11 Erasmo: *Quilíades* I. 7; Zenóbio: *Provérbios* V. 48; Ésquilo: *Prometeu acorrentado* 349 e 428; Hesíquio *sub stelas distomous*.

12 Tácito: *Germania* 34; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: XI. 262; Scymnius Chius: 188; Estrabão: II. 5. 6.

13 Estrabão: III. 1. 4; Píndaro: *Odes nemeeias* III. 21 *et seq*.

14 Avieno: *Ode marítima* 326; Apolodoro: II. 5. 10; Estrabão: III. 4. 3; Asclepíades de Mirteia, citado por Estrabão: *loc. cit*.

15 Sílio Itálico: III. 417; Heródoto: II. 33; Diodoro Sículo: IV. 19 e 24.

16 Apolodoro: II. 5. 10; Tzetzes: *Quilíades* II. 340 *et seq*.e *Sobre Licofrone* 1.312; Ésquilo: *Prometeu acorrentado*, citado por Higino: *Astronomia poética* II. 6 e por Estrabão: IV. 1. 7; Téon: *Sobre Arato*, p. 12, ed. Morell.

17 Diodoro Sículo: IV. 21; Ovídio: *Os fastos* V. 545 *et seq*.; Lívio: I. 7.

18 Propércio: *Elegias* IV. 9. 10; Ovídio: *Os fastos* I. 545 *et seq*.; Lívio: *loc. cit*.; Virgílio: *Eneida* VIII. 207-208.

[19] Lívio: *loc. cit*.; Virgílio: *Eneida* VIII. 217 e 233 *et seq*.; Ovídio: *loc. cit*.

[20] Plutarco: *Questões romanas* 18; Ovídio: *loc. cit*.; Lívio: *loc. cit*.; Vérrio Flaco, citado por Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 203; Aurélio Victor: *Sobre as origens da raça romana* 8.

[21] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 51, 130 e 336; Lívio: I. 7; Plutarco: *Questões romanas* 56; Pausânias: VIII. 43. 2; Dionísio: *Antiguidades romanas* I. 31.

[22] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VIII. 130 e 336; Ovídio: *Os fastos* V. 94-95 e I. 542; Higino: *Fábula* 277; Juba, citado por Plutarco: *Questões romanas* 59.

[23] Plutarco: *Questões romanas* 18 e 32; Dercilo: *História italiana* III, citado por Plutarco: *Vidas paralelas* 38; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.232; Justino: XLIII. 1; Hesíodo: *Teogonia* 1.013; Ovídio: *Os fastos* V. 621 *et seq*.

[24] Solino: II. 5; Dionísio: I. 44; Diodoro Sículo: IV. 21-22 e 24; Estrabão: VI. 3. 5 e 4. 6.

[25] Diodoro Sículo: IV. 22; Estrabão: VI. 1. 19; Apolodoro: II. 5. 10; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 574.

[26] Pausânias: VI. 36. 3; Diodoro Sículo: IV. 23; Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 866; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: X. 551.

[27] Tzetzes: *loc. cit*.; Pausânias: VIII. 24. 1 e 3.

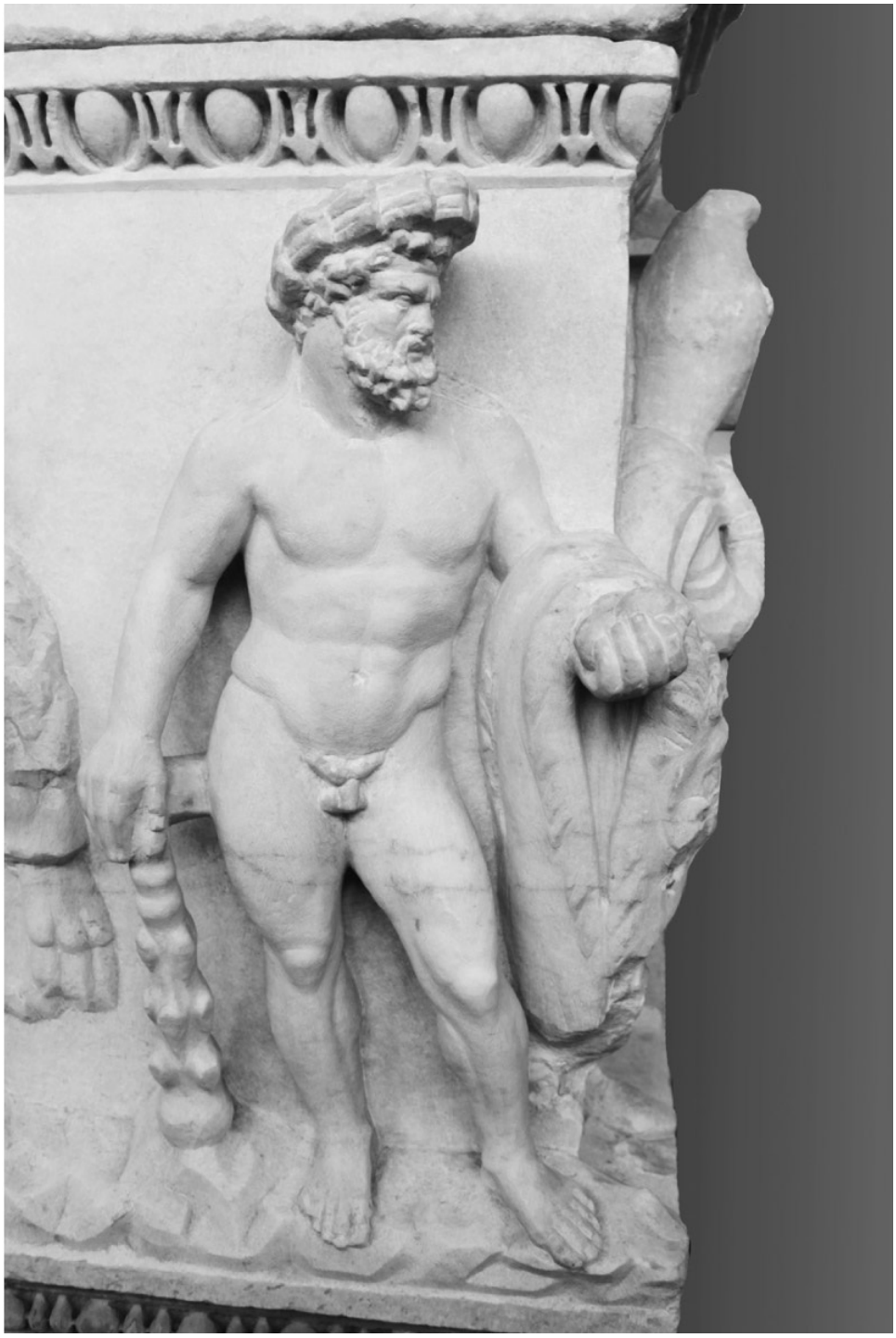
[28] Diodoro Sículo: IV. 23-24 e V. 4.

[29] Diodoro Sículo: IV. 24; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio III. 552; Ovídio: *As metamorfoses* XV. 12 *et seq*.

[30] Diodoro Sículo: IV. 25; Heródoto: IV. 8-10.

[31] Diodoro Sículo: II. 43; Heródoto: IV. 5.

[32] Apolodoro: II. 5. 10 e I. 6. 1; Píndaro: *Odes nemeeias* IV. 27 *et seq*. e *Odes ístmicas* VI. 32 *et seq*.; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: *loc. cit*. e sobre as *Odes ístmicas*: VI. 32.



HÉRCULES segurando os pomos de ouro
Kayseri, Turquia

133

O DÉCIMO PRIMEIRO TRABALHO: OS POMOS DE OURO DAS HESPÉRIDES

Hércules havia realizado todos os Dez Trabalhos no espaço de oito anos e um mês, mas Euristeu, sem levar em conta o Segundo e o Quinto, impôs-lhe mais dois. O Décimo Primeiro Trabalho consistia em apanhar os pomos de ouro com os quais a Mãe Terra presenteara Hera por ocasião de suas bodas, dádiva que tanto a encantou que Hera os plantou em seu próprio jardim divino. Esse jardim se encontrava nas encostas do monte Atlas, onde os cavalos ofegantes da carruagem do Sol terminavam sua viagem e onde os mil rebanhos de ovelhas e outros tantos de vacas de Atlas vagavam pelos pastos de sua inconcussa propriedade. Quando, um dia, Hera descobriu que as filhas de Atlas, as Hespérides, a quem ela havia confiado a árvore, furtavam seus pomos, ela ordenou ao sempre vigilante Ladão, um dragão de cem cabeças, que se enroscasse em torno da árvore como seu guardião.[1]

b. Há quem diga que Ladão era filho de Tífon e Equidna; outros afirmam que ele era o filho caçula de Ceto e Fórcis; e outros, que era filho partenogênico da Mãe Terra. Ele tinha cem cabeças e falava usando várias línguas.[2]

c. Discute-se igualmente se as Hespérides moravam no monte Atlas, no país dos hiperbóreos, no monte Atlas da Mauritânia ou em algum lugar para além do Oceano, ou em duas ilhas situadas nas redondezas do promontório chamado Corno Ocidental, que fica perto da localidade etíope de Hespéria, na extremidade da África. Embora os pomos pertencessem a Hera, Atlas sentia por eles um orgulho de jardineiro e, quando Têmis o advertiu: “Um dia, dentro de muito tempo, titã, sua árvore será despojada de seu ouro por um filho de Zeus”, Atlas, que ainda não havia sido punido com a terrível tarefa de suportar nos

ombros a abóbada celeste, construiu sólidas muralhas em torno do horto e expulsou de seu território todos os estrangeiros. É bem possível que tenha sido ele quem confiou a guarda dos pomos a Ladão.[3]

d. Hércules, sem saber em que direção se encontrava o Jardim das Hespérides, atravessou toda a Ilíria até o rio Pó, lar do deus oracular marinho Nereu. No caminho, ele cruzou o Equedoro, pequeno riacho macedônio onde Cicno, filho de Ares e Pirene, o desafiou a um duelo. Ares atuou como assistente de Cicno e dispôs os combatentes, mas Zeus lançou um raio entre eles, de maneira que acabaram desistindo da luta. Quando por fim Hércules chegou ao Pó, as ninfas do rio, filhas de Zeus e Têmis, mostraram-lhe Nereu adormecido. Ele agarrou o velho e venerável deus marinho e, subjugando-o apesar de suas numerosas transformações multiformes, obrigou-o a profetizar como podiam ser obtidos os pomos de ouro. Segundo outra versão, Hércules tenha ido colher tal informação com Prometeu.[4]

e. Nereu havia aconselhado Hércules a não arrancar ele próprio os pomos, mas deixar que Atlas o fizesse, enquanto ele o aliviaria temporariamente de seu extraordinário fardo. Assim, ao chegar ao Jardim das Hespérides, Hércules pediu a Atlas que lhe fizesse esse favor. O gigante estava disposto a realizar qualquer trabalho em troca de uma hora de alívio, mas temia Ladão. Assim, Hércules matou instantaneamente o dragão com uma flecha disparada por cima da muralha do jardim. Depois disso, inclinou as costas para receber o peso da abóbada celeste e Atlas foi embora, voltando pouco depois com três pomos arrancados por suas filhas. A sensação de liberdade pareceu-lhe deliciosa.

— Eu mesmo me encarregarei de entregar os pomos a Eristeu — disse Atlas — se você sustentar o firmamento por mais alguns meses.

Hércules fingiu que concordava, mas, como Nereu o havia advertido a não aceitar nenhuma oferta desse tipo, ele pediu a Atlas que segurasse o céu por mais um instante apenas, enquanto ele poria na cabeça um coxim para servir de apoio. Foi fácil enganar Atlas, que deixou os pomos no chão e voltou a sustentar o firmamento. Hércules aproveitou para recolher os pomos e ir-se embora dali com um adeus irônico.

f. Ao cabo de alguns meses, Hércules levou os pomos a Euristeu, que os devolveu a ele. Então, ele os entregou a Atena, e ela, por sua vez, devolveu-os às ninfas, pois conforme uma lei divina tais frutos não deveriam jamais sair do jardim de Hera.[5] Sedento após cumprir mais esse Trabalho, Hércules golpeou a terra com os pés e fez irromper uma corrente de água que mais tarde salvou a vida dos argonautas quando eles estavam prestes a morrer de sede no deserto da Líbia. Enquanto isso, Hera, que chorava a perda de Ladão, pôs sua imagem entre as estrelas como a constelação da Serpente.[6]

g. Hércules não voltou a Micenas pela rota direta. Ele primeiro atravessou a Líbia, cujo rei Anteu, filho de Poseidon e da Mãe Terra, tinha o costume de obrigar os estrangeiros a lutar com ele até deixá-los exaustos, para depois matá-los, pois, além de ser um robusto e hábil atleta, cada vez que ele tocava a terra, suas forças se renovavam. Ele guardava os crânios de suas vítimas para construir o teto de um templo dedicado a Poseidon.[7] Não se sabe se Hércules, que estava decidido a acabar com esse costume selvagem, desafiou Anteu ou se fora este a desafiá-lo. Entretanto, Anteu não revelou ser vítima fácil, pois era um gigante que vivia numa caverna situada debaixo de um altíssimo rochedo, onde se alimentava com carne de leão e dormia sobre a terra desnuda para conservar e aumentar sua força já colossal. A Mãe Terra, que ainda não era estéril após haver dado à luz o Gigante, tinha concebido Anteu numa caverna líbia e tinha mais motivos para se orgulhar dele mesmo do que de seus monstruosos filhos mais velhos, Tífon, Tício e Briareu. Não teria sido fácil para os habitantes do Olimpo se tivessem tido que enfrentá-los nas Planícies de Flegra.

h. Preparando-se para a luta, os dois combatentes tiraram suas peles de leão, mas, enquanto Hércules se besuntava com azeite à maneira olímpica, Anteu derramou areia quente sobre seus membros, caso o contato com a terra através das plantas dos pés se mostrasse insuficiente. Hércules pretendia reservar suas forças e cansar Anteu, mas, após arremessar seu corpo todo à terra, ele se surpreendeu ao ver como os músculos do gigante inchavam e como o contato com a Mãe Terra infundia nova vida aos seus membros. Os combatentes voltaram a se agarrar e, em pouco tempo, Anteu deixou-se cair voluntariamente, sem esperar que Hércules o derrubasse. Este, percebendo o que acontecia, levantou-o no ar a uma grande altura, rompeu-lhe as costelas e, apesar dos gemidos profundos da Mãe Terra, manteve-o suspenso até morrer.[8]

i. Segundo outra versão, essa luta teria ocorrido em Lixus, pequena cidade da Mauritânia situada a uns oitenta quilômetros de Tânger, perto do mar, onde se avista uma colina considerada a tumba de Anteu. Os nativos acreditam que, retirando dessa colina algumas cestas de terra, uma chuva cairá incessante até que a terra ali colhida volte ao seu lugar. Diz-se também que os Jardins das Hespérides se encontravam numa ilha próxima dali, onde existe um altar de Hércules. Mas certo é que, à exceção de algumas poucas oliveiras silvestres, não sobrou lá nenhum vestígio de jardim. Quando Sertório tomou Tânger, ele abriu a tumba para ver se o esqueleto de Anteu era tão grande como rezava a tradição. Atônito, constatou que media sessenta côvados,[a] após o que mandou lacrar novamente a tumba e ofereceu a Anteu sacrifícios de herói. Nas redondezas, costuma-se dizer que Anteu fundou Tânger, anteriormente chamada Tingis, ou que Sófax, filho de Tinga, viúva de Anteu, com Hércules, reinou nesse país e

deu à cidade o nome de sua mãe. O filho de Sófax, Diodoro, subjugou muitas nações africanas com um exército grego recrutado entre os colonos micênicos que Hércules havia estabelecido ali.[9] Os mauritanos são de origem oriental e, assim como os farúsios, descendiam de certos grupos de persas que acompanharam Hércules à África. Mas há quem afirme que sejam descendentes dos cananeus que o israelita Josué expulsara de seu país.[10]

j. Em seguida, Hércules visitou o Oráculo de Ámon, onde solicitou uma entrevista com seu pai Zeus. Mas Zeus era avesso a se manifestar e, quando Hércules insistiu, ele esfolou um carneiro, cobriu-se com o velocino, com a cabeça do carneiro ocultou sua própria cabeça e deu-lhe determinadas instruções. Por isso os egípcios dão às suas imagens de Zeus Ámon uma cabeça de carneiro. Os tebanos sacrificam carneiros apenas uma vez ao ano, quando, ao término do festival de Zeus, esfolam um único carneiro e utilizam seu velocino para cobrir a imagem de Zeus, após o que os adoradores batem no próprio peito em sinal de luto pela vítima e a enterram numa tumba sagrada.[11]

k. Hércules dirigiu-se depois para o sul, fundando uma cidade de cem portões chamada Tebas, em homenagem à sua cidade natal, embora se diga que ela já houvesse sido fundada por Osíris. Durante todo esse tempo, o rei do Egito era o irmão de Anteu, Busíris, filho de Poseidon com Lisianassa, filha de Épafo ou, segundo outra versão, com Anipe, filha do rio Nilo.[12] O reino de Busíris vinha sendo assolado pela seca e pela fome já fazia oito ou nove anos e ele mandara chamar áugures gregos para que o aconselhassem. Seu sobrinho, um culto adivinho cipriota chamado Frásio, Trásio ou Tásio, filho de Pigmalião, anunciou que a fome cessaria caso, a cada ano, fosse sacrificado um estrangeiro em honra a Zeus. Busíris começou a fazê-lo com o próprio Frásio e depois sacrificou outros hóspedes casuais, até chegar Hércules, que se deixou arrastar até o altar pelos sacerdotes. Amarraram-lhe os cabelos com uma faixa e Busíris, invocando os deuses, estava prestes a levantar o machado sacrifical quando Hércules rompeu os nós que o atavam e matou Busíris, o filho de Busíris, Anfidamas, e todos os sacerdotes que ali se encontravam.[13]

l. Depois, Hércules atravessou a Ásia e se deteve em Termidras, porto da localidade ródia de Lindus, onde desatrelou um dos bois da carroça de um lavrador, sacrificou-o e se alimentou com sua carne enquanto o dono do animal subiu numa certa montanha e o amaldiçoou a distância. Por isso, os líndios continuam proferindo maldições quando fazem sacrifícios a Hércules. Finalmente, ele chegou às montanhas do Cáucaso, onde Prometeu havia estado acorrentado durante trinta anos — ou mil, ou trinta mil — enquanto um abutre fusco, nascido da união de Tífon com Equidna, devorava-lhe diariamente o fígado. Fazia tempo que Zeus havia se arrependido de tal castigo, pois desde

então Prometeu o havia advertido bondosamente que não se casasse com Tétis para não conceber alguém mais importante que ele; e então, quando Hércules lhe suplicou que perdoasse Prometeu, ele concordou sem hesitar.[14] Mas, como ele o havia condenado a um suplício eterno, Zeus estipulou que Prometeu deveria portar sempre um anel feito a partir de suas correntes e engastado com uma pedra caucasiana, para que continuasse parecendo um prisioneiro — e este foi o primeiro de todos os anéis a ter um engaste. Os sofrimentos de Prometeu, porém, estavam destinados a durar até o momento em que algum imortal o substituísse voluntariamente no Tártaro. Hércules lembrou Zeus de que o centauro Quíron desejava renunciar ao dom da imortalidade desde que começara a sofrer de uma ferida incurável. Portanto, já não havia nenhum impedimento, e Hércules, invocando Apolo Caçador, matou o abutre fusco, atravessando-lhe o coração, e libertou Prometeu.[15]

m. Os seres humanos começaram a portar anéis em homenagem a Prometeu, e também grinaldas, pois, ao ser libertado, Prometeu recebeu a ordem de se coroar com uma grinalda de salgueiro, e Hércules, para acompanhá-lo, coroou-se com uma de oliveira silvestre.[16]

n. Zeus Onipotente pôs a flecha entre as estrelas como a constelação de Sagitário e, até hoje, os habitantes das montanhas do Cáucaso consideram o abutre fusco um inimigo da humanidade. Eles queimam os seus ninhos com dardos flamejantes e preparam armadilhas contra ele a fim de vingar os sofrimentos de Prometeu.[17]

1. As diversas localizações das Hespérides representam diferentes opiniões sobre aquilo que constituía o Ocidente Remoto. Um relato situava o cenário deste Trabalho em Berenice, anteriormente chamada de cidade das Hespérides (Plínio: *História natural* V. 5), Eusperides (Heródoto: IV. 171), ou Euesperites (Heródoto: IV. 198), mas que mudou de nome pelo da esposa de Ptolomeu Euergetes. Ela foi construída em Pseudopênias (Estrabão: XVII. 3. 20), o promontório ocidental do golfo de Sirte. Essa cidade, banhada pelo rio Latão, ou Letão, tinha um bosque sagrado conhecido como “Jardins das Hespérides”. Ademais, o Latão desembocava num certo Lago Hespério e, nas redondezas, havia outro, o Tritônis, que encerrava uma ilhota com um templo de Afrodite (Estrabão: *loc. cit*.; Plínio: *loc. cit*.), que por vezes era considerada a dona da macieira (Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: IV. 485). Heródoto (*loc. cit*.) o

descreve como um dos poucos lugares férteis da Líbia, pois, nos melhores anos, a terra produzia cem vezes mais.

2. Além dessas disputas geográficas, existiam várias explicações racionais do mito. Uma opinião era a de que as maçãs eram, na verdade, belas ovelhas (*melon* significa tanto "ovelha" quanto "maçã"), ou ovelhas com uma peculiar lã vermelha que parecia de ouro, as quais eram apascentadas por um pastor chamado Dragon, a quem as filhas de Héspero, as Hespérides, costumavam levar comida. Hércules levou as ovelhas (Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: *loc. cit.*; Diodoro Sículo: IV. 26) e matou (Sérvio: *loc. cit.*) ou raptou o pastor (Palefato: 19). Palefato (*loc. cit.*) descreve Héspero como natural da Mileto cária, que ainda era famosa por suas ovelhas, e diz que, embora Héspero houvesse morrido muito tempo antes da incursão de Hércules, suas duas filhas ainda sobreviviam.

3. Outra opinião era a de que Hércules resgatou as filhas de Atlas, que haviam sido sequestradas no horto de sua família por sacerdotes egípcios, e Atlas, em sinal de gratidão, não só lhe deu o objeto que devia obter com esse Trabalho, mas também ensinou-lhe a astronomia sem pedir nada em troca, pois Atlas, o primeiro dos astrônomos, tanto sabia que carregava nos ombros a abóbada celeste; por isso se diz que Hércules tomou dele o céu (Diodoro Sículo: III. 60 e IV. 27). Hércules transformou-se certamente no Senhor do Zodíaco, mas o titã astrônomo que ele substituiu foi Ceo (cognome de Tot) e não Atlas (vide 1. *3*).

4. A verdadeira explicação deste Trabalho, contudo, deve ser procurada mais no ritual do que na alegoria. Será demonstrado (vide 148. *5*) que o candidato à dignidade de rei tinha de vencer uma serpente e apoderar-se de seu ouro, e esse Hércules cumpriu ambas as tarefas, tanto nesse caso como na luta com a hidra. Mas o ouro do qual ele se apoderou não precisava ter necessariamente a forma de pomos de ouro — aqueles que lhe foram dados ao fim de seu reinado pela deusa tripla como passaporte para o Paraíso. E, nesse contexto fúnebre, a Serpente não era sua inimiga, mas a forma que sua alma oracular assumiria após haver sido sacrificado. Ladão tinha cem cabeças e falava em diversas línguas porque muitos heróis oraculares podiam chamar a si mesmos de "Hércules", ou seja, podiam dizer que haviam sido representantes de Zeus e que haviam se dedicado ao serviço de Hera. O Jardim das três Hespérides — cujos nomes as identificam com o pôr do sol (vide 33. *7* e 39. *1*) — está situado no Ocidente Remoto, pois o pôr do sol era o símbolo da morte do rei sagrado. Hércules recebeu as maçãs ao término de seu reinado, corretamente registrado como um Grande Ano de cem lunações. Ele havia recebido de seu predecessor o encargo do reinado sagrado e, com ele, o título de "Atlas", "o que

sofre por muito tempo”. É provável que esse encargo fosse originalmente representado não pelo globo, mas pelo disco solar (vide 67. *2*).

5. O comportamento de Nereu segue o modelo do de Proteu (vide 169. *a*), que Menelau consultou em Faros (Homero: *Odisseia* IV. 581 *et seq*.). Diz-se que Hércules remontou o Pó porque ele conduzia ao país dos hiperbóreos (vide 125. *b*). Sabemos que os presentes embrulhados em palha que os hiperbóreos enviavam a Delos seguiam por essa rota (Heródoto: IV. 33). Mas, embora o seu país fosse, num certo sentido, a Bretanha — como centro do culto de Bóreas —, noutro sentido, era a Líbia e, noutro ainda, o Cáucaso; e o Paraíso se encontrava no Ocidente Remoto, ou atrás do Setentrião, na misteriosa zona para onde voavam os gansos selvagens no verão (vide 161. *4*). As andanças de Hércules ilustram essa dúvida. Se ele fosse atrás do Paraíso líbio, deveria consultar-se com o rei Proteu de Faros (vide 169. *a*); se fosse atrás do Paraíso caucasiano, com Prometeu (que, de fato, constitui a versão de Apolodoro); se fosse atrás do nórdico, com Nereu, que vivia próximo às nascentes do Pó e cujo comportamento se parecia com o de Proteu.

6. Os ossos de Anteu eram provavelmente os de uma baleia encalhada em torno da qual nasceu uma lenda em Tânger: “Isso deve ter sido um gigante, e só Hércules pode tê-lo matado! Hércules, aquele que ergueu essas enormes colunas em Ceuta e Gibraltar!” A luta entre o candidato à dignidade de rei e os campeões locais era um costume muito difundido: a luta com Anteu pela posse do reino, como a luta de Teseu com Cirão (vide 96. *3*), ou a de Odisseu com Filomélides (vide 161. *f*), devem ser entendidas nesse contexto. Praxíteles, o escultor do Partenon, considerava a derrota de Anteu como um Trabalho à parte (Pausânias: IV. 11. 4).

7. Uma antiga associação religiosa unia Dodona a Ámon; e o Zeus adorado em cada uma dessas cidades era originalmente um rei pastor sacrificado anualmente, como nos montes Pélion e Lafístio. Hércules fez bem em visitar seu pai Zeus quando passou pela Líbia. Perseu havia feito o mesmo durante sua viagem ao Oriente, e Alexandre, o Grande, seguiu também o exemplo séculos mais tarde.

8. O deus Set era ruivo, por isso os busírios necessitavam de vítimas com cabelo dessa cor para oferecê-las a Osíris, que Set assassinou. Os ruivos eram escassos no Egito, mas comuns entre os helenos (Diodoro Sículo: I. 88; Plutarco: *Sobre Ísis e Osíris* 30, 33 e 73). O fato de Hércules ter assassinado Busíris pode se referir a alguma ação punitiva tomada pelos helenos, cujos compatriotas haviam sido assaltados e assassinados. Há evidências que demonstram a existência de uma colônia helênica primitiva em Chemmis.

9. As maldições proferidas durante os sacrifícios a Hércules (vide 143. *a*) evocam o arraigado costume de maldizer e insultar o rei do alto de uma colina próxima enquanto ele é coroado, com o fim de o proteger dos ciúmes divinos. Os generais romanos eram igualmente insultados durante a celebração de seus triunfos enquanto assumiam a personalidade de Marte. Mas os semeadores também amaldiçoavam as sementes enquanto as disseminavam pelos sulcos.

10. A libertação de Prometeu parece ter sido uma fábula moral inventada por Ésquilo, não um mito autêntico (vide 39. *h*). O fato de que portava uma grinalda de salgueiro, o que está corroborado num espelho etrusco, indica que ele havia sido dedicado à deusa-Lua Anata, ou Neith, ou Atena (vide 9. *1*). Talvez, originalmente, ele fosse atado com tiras de salgueiro ao altar do sacrifício no festival outonal da deusa (vide 116. *4*).

11. Segundo uma lenda, Tífon matou Hércules na Líbia, e Iolau devolveu-lhe a vida segurando uma codorniz sobre as suas narinas (Eudóxio de Cnido: *Circuito da terra* I, citado por Ateneu: IX. 11); mas foi o Hércules tírio Melkarth que o deus Esmun (“o que evocamos”), ou Asclépio, ressuscitou dessa maneira. Isso significa que o ano começava em março, com a chegada das codornizes do Sinai, e que só então eram celebradas as orgias em homenagem à deusa (vide 14. *3*).

NOTAS

[a] 39,6 metros. (N. T.)

1 Apolodoro: II. 5. 11; Eurípides: *Hércules* 396; Ferécides: *Matrimônio de Hera* II, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.396; Eratóstenes: *Catasterismo* III; Higino: *Astronomia poética* II. 3; Germanicus Caesar: *Sobre os fenômenos de Arato*; *sub* Draco.

2 Apolodoro: II. 5. 11; Hesíodo: *Teogonia* 333-335; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.396.

3 Apolodoro: *loc. cit*.; escoliasta sobre a *Eneida* de Virgílio: IV. 483; Hesíodo: *Teogonia* 215; Plínio: *História natural* VI. 35-36; Ovídio: *As metamorfoses* IV. 637 *et seq*.

4 Apolodoro: *loc. cit*.; Heródoto: VII. 124-127; Higino: *Astronomia poética* II. 15.

5 Apolodoro: *loc. cit*.; Ferécides, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.396; Apolônio de Rodes: 1.396-1.484.

6 Higino: *Astronomia poética* II. 3.

7 Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 31; Diodoro Sículo: IV. 17.

8 Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes ístmicas* IV. 52-55; Lucano: IV. 589-655.

9 Plínio: *História natural* V. 1; Estrabão: XVII. 3. 2; Pompônio Mela: III. 106; Plutarco: *Sertório* 9.

10 Estrabão: XVII. 3. 7; Plínio: *História natural* V. 8; Procópio: *Sobre a Guerra Vândala* II. 10.

11 Calístenes, citado por Estrabão: XVII. 1. 43; Heródoto: II. 42.

12 Diodoro Sículo: I. 15 e IV. 18; Ovídio: *Íbis* 399; Apolodoro: II. 5. 11; Agaton de Samos, citado por Plutarco: *Vidas paralelas* 38.

13 Filargírio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 5; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábulas* 31 e 56; Ovídio: *A arte de amar* I. 649.

14 Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 54; Estrabão: XI. 5. 5; Ésquilo, citado por Higino: *Astronomia poética* II. 15; Hesíodo: *Teogonia* 529 *et seq*.

15 Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio: VI. 42; Higino: *loc. cit*.; Plínio: *História natural* XXXIII. 4 e XXXVII. 1; Ésquilo: *Prometeu acorrentado* 1.025 e *Prometeu desacorrentado*, *Fragmento* 195, citado por Plutarco: *Sobre o amor* 14; Apolodoro: *loc. cit*.

16 Ateneu: XV. 11-13; Ésquilo: *Fragmentos* 202 e 235, citado por Ateneu: p. 674d; Apolodoro: *loc. cit*.

17 Higino: *Astronomia poética* II. 15; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* II. 3.

HÉRCULES E O CÃO CÉRBERO
Białystok, Polônia

134

O DÉCIMO SEGUNDO TRABALHO: A CAPTURA DE CÉRBERO

O último e mais árduo dos Trabalhos de Hércules foi trazer o cão Cérbero do Tártaro. Para se preparar, Hércules foi até Elêusis, onde solicitou que lhe permitissem participar dos Mistérios e portar a coroa de mirto.[1] Hoje em dia, qualquer grego de boa reputação pode ser iniciado nos Mistérios de Elêusis, mas, na época de Hércules, só os atenienses eram admitidos, motivo pelo qual Teseu sugeriu que ele fosse adotado por Pílio. Assim fez Pílio e, quando Hércules foi purificado de sua matança dos centauros, pois quem tivesse as mãos manchadas de sangue não podia participar dos Mistérios, ele foi devidamente iniciado por Museu, filho de Orfeu, tendo Teseu como padrinho.[2] Eumolpo, porém, fundador dos Mistérios Maiores, havia ordenado que nenhum estrangeiro fosse admitido e, por conseguinte, os eleusinos, reticentes em recusar a solicitação de Hércules, mas duvidando de que a adoção feita por Pílio o convertesse num legítimo ateniense, criaram os Mistérios Menores para o favorecer. Segundo outra versão, foi a própria Deméter quem o honrou, instaurando, nessa ocasião, os Mistérios Menores.[3]

b. Todos os anos celebram-se duas séries de Mistérios eleusinos: os Maiores, em homenagem a Deméter e Coré, e os Menores, em homenagem a Coré, apenas. Os Mistérios Menores, que constituem preparação para os Maiores, são uma recordação dramática do destino de Dionísio que os eleusinos representam em Agra, junto ao rio Ilisso, no mês de antestério. Os principais ritos são o sacrifício de uma corça, que os iniciados primeiro lavam no rio Cântaro, e sua subsequente purificação, oficiada por um sacerdote que leva o nome de Hidrano.[4] Depois, eles têm de esperar pelo menos um ano antes de

poderem participar dos Mistérios Maiores, que se realizam na própria cidade de Elêusis, no mês de boedrômio e, ademais, devem jurar diante do mistagogo que guardarão segredo antes de serem preparados. Enquanto isso, nega-se-lhes a entrada no templo de Deméter, e eles têm de esperar no vestíbulo durante as solenidades.[5]

c. Uma vez purificado e preparado dessa maneira, Hércules desceu ao Tártaro a partir do Tênaro lacedemônio; ou, conforme alguns, a partir da península Aquerúsia, perto de Heracleia, no mar Negro, onde ainda podem ser vistas, nas profundezas, as marcas de sua descida. Ele foi guiado por Atena e Hermes, pois, sempre que se via esgotado pelos seus Trabalhos, ele gritava desesperado por Zeus, e Atena se apressava em descer para o consolar.[6] Aterrado pela carranca de Hércules, Caronte fê-lo atravessar em seu barco o rio Estige sem vacilar e, como punição por tal irregularidade, Hades o manteve acorrentado durante um ano inteiro. Quando Hércules saltou do estranho barco, todos os espíritos fugiram, exceto Meléagro e a górgona Medusa. Ao vê-la, ele desembainhou a espada, mas Hermes o tranquilizou, dizendo-lhe que se tratava apenas de um fantasma; e, quando ele apontou uma flecha contra Meléagro, que ostentava uma brilhante armadura, ele lhe disse, sorrindo: “Não deveis temer dos mortos”, e ambos conversaram amistosamente por um momento, ao final do qual Hércules se ofereceu para se casar com a irmã de Meléagro, Dejanira.[7]

d. Perto dos portões do Tártaro, Hércules encontrou seus amigos Teseu e Pirítoo, amarrados a cadeiras de tortura. Libertou Teseu, mas viu-se obrigado a deixar Pirítoo ali. Depois, ele retirou a pedra sob a qual Deméter havia aprisionado Ascálafo e, em seguida, desejoso de comprazer às almas com uma oferenda de sangue quente, matou uma das reses de Hades. Seu pastor, Menete, ou Menécio, filho de Ceutônimo, desafiou-o a uma luta, mas Hércules o agarrou pela cintura e quebrou-lhe as costelas. Diante de tal cena, Perséfone, que havia saído de seu palácio para cumprimentar Hércules como irmão, interveio e suplicou-lhe que poupasse a vida de Menete.[8]

e. Quando Hércules pediu que lhe entregassem Cérbero, Hades, que se encontrava junto de Perséfone, respondeu-lhe sinistro:

— Ele é seu, caso consiga dominá-lo sem o uso da clava ou das flechas.

Hércules encontrou o cão acorrentado aos portões de Aqueronte e o agarrou resolutamente pelo pescoço, do qual surgiram três cabeças, de cada uma das quais brotavam serpentes. Cérbero ergueu o rabo farpado para golpeá-lo, mas Hércules, protegido pela pele de leão, não afrouxou o golpe até que o monstruoso cão se rendeu, sufocado.[9]

f. De volta do Tártaro, Hércules teceu para si uma grinalda de ramos da árvore que Hades havia plantado nos Campos Elísios como recordação de sua

amante, a bela ninfa Leuce. As folhas exteriores dessa coroa continuaram sendo negras, pois essa é a cor do mundo subterrâneo, mas as que roçavam a fronte de Hércules adquiriram uma cor branco-prateada por causa de seu suor glorioso. Assim se explica por que foi-lhe consagrado o álamo-branco, ou choupo, pois a sua cor significa que Hércules levou a cabo façanhas em ambos os mundos.[10]

g. Com a ajuda de Atena, Hércules cruzou novamente o rio Estige sem nenhum perigo e, depois, carregando nas costas o cão Cérbero, chegou à fenda situada nas redondezas de Trezena, pela qual Dionísio havia retirado sua mãe Sêmele. No templo de Ártemis Salvadora, construído por Teseu na boca dessa fenda, existem agora altares dedicados às divindades infernais. Em Trezena, pode-se ver também uma fonte descoberta por Hércules, e que leva o seu nome, diante do antigo palácio de Hipólito.[11]

h. Segundo outro relato, Hércules arrastou Cérbero, amarrado com correntes adamantinas, através de uma via subterrânea que conduzia à sombria caverna de Acone, perto de Mariandina, no mar Negro. Enquanto Cérbero resistia, evitando com os olhos a luz do sol e latindo furiosamente com suas três bocas, sua saliva espirrou nos campos verdes, fazendo brotar o acônito, erva venenosa também chamada de hecateis, pois Hécate foi a primeira a usá-la. Outro relato diz ainda que Hércules voltou ao ar superior através de Tênaro, famoso pelo seu templo em forma de caverna diante do qual havia uma imagem de Poseidon; mas, se alguma vez existiu algum caminho que ligava aquele lugar ao Inferno, ele foi fechado desde então. Finalmente, há quem diga que ele saiu pelo recinto de Zeus Lafístio, no monte Lafístio, onde há uma imagem de Hércules de Olhos Brilhantes.[12]

i. Conforme todas as tradições, quando Hércules levou Cérbero para Micenas, Euristeu, que estava oferecendo um sacrifício, entregou-lhe a porção que se dava a um escravo, reservando os melhores bocados para os seus próprios parentes; Hércules, então, manifestou seu justo ressentimento matando três dos filhos de Euristeu: Perimedes, Euríbio e Eurípilo.[13]

j. Além do acônito, Hércules descobriu também outras espécies de ervas: o *heracleon* ou “orégano silvestre”, que cura tudo; o *heracleon* sideriano, de talo delgado, flor vermelha e folhas parecidas com as do coriandro, que cresce nas vizinhanças dos lagos e rios e que é um remédio excelente para todas as feridas provocadas pelo ferro; e o hioscíamo, ou velenho, que produz vertigens e loucura. O *heracleon* ninfeu, que tem uma raiz parecida com uma clava, foi chamado assim por causa de uma certa ninfa abandonada por Hércules e que morreu de ciúmes; ela deixa os homens impotentes durante doze dias.[14]

1. Este mito parece ter sido deduzido a partir de um ícone que mostrava Hércules descendo ao Tártaro, onde Hécate, a deusa dos mortos, o recebia sob a forma de um monstro de três cabeças — talvez com uma cabeça para cada estação (vide 31. *f* e 75. *2*) — e, como consequência natural de seu presente constituído pelos pomos de ouro, ela o conduziu aos Campos Elísios. Na verdade, era Cérbero quem conduzia Hércules, e não o contrário. A versão conhecida é um resultado lógico de sua elevação a divindade: um herói deve permanecer no Inferno, mas um deus escapará e levará consigo seu carcereiro. Ademais, a deificação de um herói numa sociedade que anteriormente adorava apenas a deusa implica que o rei tenha desafiado o costume imemorial e se negado a morrer por ela. Assim, a posse de um cão de ouro era prova da soberania do rei supremo aqueu e do fato de ter eludido a tutela matriarcal (vide 24. *4*). A presença de Menete no Tártaro e o roubo de uma das reses de Hades cometido por Hércules demonstram que o Décimo Trabalho é uma versão do Décimo Segundo: uma perturbação da ordem no Inferno (vide 132. *1*). A julgar pelo equivalente do mito galês, o pai de Menete, embora deliberadamente "sem nome", era o deus-amieiro Bran, ou Foroneu, ou Cronos, o que se ajusta ao contexto do Décimo Trabalho (*A deusa branca*, p. 48).

2. Os Mistérios Maiores de Elêusis eram de origem cretense e se celebravam no mês de boedrômio ("correndo atrás de ajuda"), que, em Creta, era o primeiro mês do ano, aproximadamente setembro, e se chamava assim, segundo Plutarco (*Teseu* 27), para comemorar a derrota das amazonas infligida por Teseu, o que significa a supressão, por ele imposta, do sistema matriarcal. Originalmente, parece que os Mistérios constituíam a preparação do rei sagrado, no equinócio de outono, para sua própria morte no solstício de inverno — por isso a coroa de mirto premonitória (vide 109. *4*) — sob a forma de um drama sacro, que o informava das expectativas que ele poderia ter quanto ao mundo subterrâneo. Após a abolição dos sacrifícios do varão régio, uma característica do matriarcado, os Mistérios abriram-se a todos aqueles que fossem considerados dignos de receber a iniciação. Como no Egito, onde o *Livro dos Mortos* oferecia conselhos análogos, todo homem de boa reputação podia se transformar em Osíris, purificando-se de qualquer mácula e passando por uma morte simulada. Em Elêusis, Osíris era identificado com Dionísio. As folhas do álamo-branco eram um símbolo sumério do renascimento e, no calendário arbóreo celta, o álamo-branco representava o equinócio de outono (vide 52. *3*).

3. Os Mistérios Menores, que se transformaram numa preparação para os Maiores, parecem ter sido um festival pelasgo independente que se baseava também na esperança do renascimento, mas que ocorriam no início de fevereiro, durante a Candelária, quando as árvores começam a cobrir-se de folhas — justamente o significado de antestério.

4. Como Dionísio era identificado com Osíris, Sêmele então devia ser Ísis, e sabemos que Osíris não tirou Ísis do Inferno, mas ela o tirou. Portanto, o ícone de Trezena mostraria Sêmele levando Dionísio de volta ao ar superior. A deusa que igualmente guia Hércules é também Ísis; e o resgate de Alceste realizado por Hércules foi provavelmente deduzido a partir do mesmo ícone: ele não guia, ele é guiado. Sua saída pelo recinto do monte Lafístio constitui uma versão interessante. Não há nenhuma caverna no cume, e o mito deve se referir à morte e à ressurreição do rei sagrado que ali se celebrava, rito que contribuiu para a formação da lenda do velocino de ouro (vide 70. *2* e 148. *10*).

5. O acônito, venenoso e paralisante, era utilizado pelas feiticeiras tessálias para preparar o unguento que as fazia voar, entorpecendo-lhes os pés e as mãos, dando-lhes, assim, a sensação de se elevar por cima do solo. Mas, como também era um febrífugo, seu descobrimento foi atribuído a Hércules, que afugentou as aves da febre de Estinfalo.

6. A ordem de sucessão das façanhas de Hércules varia consideravelmente. Diodoro Sículo e Higino dispõem os Doze Trabalhos na mesma ordem que Apolodoro, excetuando o fato de que ambos colocam o quarto antes do terceiro, e o sexto antes do quinto; e que Diodoro coloca o décimo segundo antes do décimo primeiro. Quase todos os mitógrafos estão de acordo com o fato de que a morte do leão de Nemeia foi o Primeiro Trabalho, mas, na ordem de sucessão que Higino estabelece em "Os Doze Trabalhos de Hércules impostos por Euristeu" (*Fábula* 30), ele é precedido pelo estrangulamento das serpentes. Num determinado ponto, Diodoro Sículo associa o assassinato de Anteu e Busíris com o Décimo Trabalho (IV. 17-18); em outro, com o décimo primeiro (IV. 27). E, enquanto alguns autores dizem que Hércules navegou com os argonautas em sua juventude (Sílio Itálico: I. 512), outros situam tal aventura depois do Quarto Trabalho (Apolônio de Rodes: I. 122), e, outros, depois do Oitavo (Diodoro Sículo: IV. 15). Mas alguns o fazem cumprir o Nono (Valério Flaco: *Argonáutica* V. 91) e o Décimo Segundo (*ibid*.: II. 382), e quebrar os cornos de "ambos os touros" (*ibid*.: I. 36) antes de partir com os argonautas. Outros negam que ele tenha navegado com eles, baseando-se no fato de que, naquele tempo, ele servia a rainha Ônfale como escravo (Heródoto, citado por Apolodoro: I. 9. 19).

7. Conforme *Licofrone* 1.328, Hércules foi iniciado nos Mistérios de Elêusis antes de começar o Nono Trabalho. Mas Filócoro (citado por Plutarco:

Teseu 26) diz que Teseu o havia iniciado no transcurso de sua execução (*ibid*.: 30), e que ele o retirou do Tártaro durante o Décimo Segundo Trabalho (Apolodoro: II. 5. 12). Segundo Pausânias (I. 27. 7), Teseu só tinha sete anos quando Hércules chegou a Trezena coberto com a pele de leão; e que livrou o istmo de malfeitores quando estava a caminho de Atenas, na época em que Hércules servia Ônfale (Apolodoro: II. 6. 3). Eurípides acreditava que Hércules havia lutado com Cicno, filho de Ares, antes de empreender o Oitavo Trabalho (*Alceste* 501 *et seq*.); Propércio (IV. 19. 41), que ele já havia visitado o Tártaro quando matou Caco; e Ovídio (*Os fastos* V. 388), que o centauro Quíron morreu acidentalmente quando Hércules havia quase concluído seus Trabalhos, e não durante o quarto.

8. Albrico (22) enumera os Doze Trabalhos na seguinte ordem, com explicações alegóricas: derrota dos centauros num casamento; morte do leão; resgate de Alceste do Tártaro e acorrentamento de Cérbero; conquista dos pomos de ouro das Hespérides; destruição da hidra; luta com Aqueloo; morte de Caco; roubo das éguas de Diomedes; derrota de Anteu; captura do javali; roubo do rebanho de Gerião; sujeição do firmamento.

9. Vários Trabalhos e façanhas de segunda ordem de Hércules foram representados no trono de Apolo em Amiclas (Pausânias: III. 18. 7-9), e no altar de bronze de Atena na acrópole espartana (Pausânias: III. 17. 3). As esculturas de Praxíteles nas arestas do templo de Hércules em Tebas mostravam a maioria dos Doze Trabalhos, mas faltavam as aves de Estinfalo e a luta com Anteu havia sido substituída pela limpeza dos estábulos de Augias. O evidente desejo de muitas cidades de se associarem aos Trabalhos de Hércules sugere que, numa área extensa, representava-se quase o mesmo drama ritual das tarefas matrimoniais que precedia a coroação.

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* XI. 624; Apolodoro: II. 5. 12.

[2] Heródoto: VIII. 65; Apolodoro: *loc. cit*.; Plutarco: *Teseu* 30 e 33; Diodoro Sículo: IV. 25.

[3] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.328; Diodoro Sículo: IV. 14.

[4] Escoliasta sobre *Pluto* de Aristófanes 85 e *Paz* 368; Estêvão de Bizâncio *sub* Agra; Plutarco: *Demétrio* 26 e *Focion* 28; Aristófanes: *Acarnanianos* 703, com escoliasta sobre 720; Varrão: *Sobre questões do campo* II. 4; Hesíquio *sub* Hidrano; Polieno: V. 17.

[5] Plutarco: *Focion* 28; Sêneca: *Questões naturais* VII. 31.

[6] Apolodoro: II. 5. 12; Xenofonte: *Anabasis* CI. 2. 2; Homero: *Odisseia* XI. 626 e *Ilíada* VIII. 362 *et seq*.

[7] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 392; Apolodoro: *loc. cit*.; Baquílides: *Epincia* V. 71 *et seq*. e 165 *et seq*.

[8] Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *Quilíades*: II. 396 *et seq*.

[9] Apolodoro: *loc. cit*.

[10] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio VIII. 276 e *Églogas* VII. 61.

[11] Homero: *Ilíada* VIII. 369; Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: II. 31. 12 e II. 32. 3.

[12] Ovídio: *As metamorfoses* VII. 409 *et seq*.; Germanicus Caesar sobre as *Geórgicas* de Virgílio: II. 152; Pausânias: III. 25. 4 e IX. 34. 4.

[13] Antíclides, citado por Ateneu: IV. 14; escoliasta sobre Tucídides: I. 9.

[14] Plínio: *História natural* XXV. 12, 15, 27 e 37.

135

O ASSASSINATO DE ÍFITO

Quando Hércules regressou a Tebas depois de haver realizado os seus Trabalhos, ele deu Mégara, sua esposa — então com 33 anos —, em casamento ao seu sobrinho e auriga Iolau, que tinha apenas 16, alegando que sua união com ela havia sido desditosa.[1] Ele procurou então uma esposa mais jovem e mais afortunada e, ao saber que seu amigo Êurito, filho de Melaneu, rei da Ecália, havia prometido a mão de sua filha Íole ao arqueiro que fosse capaz de vencê-lo num torneio, tomou o caminho para lá.[2] Apolo havia presenteado Êurito com um excelente arco e ele mesmo o havia ensinado a manejá-lo, de modo que agora Êurito afirmava superar em pontaria o próprio deus; entretanto, para Hércules não foi nada difícil vencer a competição. O resultado exasperou Êurito e, ao saber que Hércules havia repudiado Mégara após assassinar seus filhos, ele se negou a conceder-lhe a mão de Íole. Depois de beber muito vinho para ganhar coragem, ele lhe disse:

— Você jamais conseguiria se comparar a mim e aos meus filhos como arqueiro se não houvesse de má-fé utilizado flechas mágicas, as quais nunca erram o alvo. Declaro nula a competição e, de qualquer modo, nunca confiaria minha filha a tamanho rufião! Além disso, você é um escravo de Euristeu e, como tal, merece nada mais que pancadas de um homem livre. — E, dizendo isso, ele expulsou Hércules do palácio. O herói absteve-se de qualquer represália naquele momento, mas jurou que se vingaria.[3]

b. Três dos filhos de Êurito, a saber, Dideon, Clítio e Toxeu, haviam apoiado o pai em suas desonestas pretensões. Entretanto, o mais velho deles, que se chamava Ífito, declarou que, por justiça, Íole deveria ter sido entregue a Hércules; e, diante do desaparecimento, pouco tempo depois, na Eubeia, de doze éguas para reprodução com cascos fortes e de doze robustos burricos, ele se

negou a acreditar que houvessem sido roubados por Hércules. Na verdade, eles haviam sido roubados por um ladrão muito conhecido, chamado Autólico, que lhes modificou magicamente a aparência e os vendeu a Hércules, que de nada suspeitava, como se fossem seus.[4] Ífito seguiu os rastros das éguas e dos burricos e descobriu que eles seguiam na direção de Tirinto, o que o fez suspeitar de que, afinal, Hércules estava se vingando da afronta perpetrada por Êurito. Ao encontrar-se de repente diante de Hércules, que acabava de ter salvado Alceste, ele ocultou suas suspeitas, limitando-se a lhe pedir que o aconselhasse sobre o assunto. Pela descrição dos animais que fizera Ífito, Hércules não percebeu tratar-se daqueles que Autólico lhe havia vendido e, com sua cordialidade característica, ele prometeu ir atrás deles se Ífito aceitasse ser seu hóspede. Entretanto, naquele momento, ele intuiu que o amigo o considerava suspeito do roubo, o que feriu seu sensível coração. Após um grande banquete, ele levou Ífito para o alto da torre mais alta de Tirinto e lhe disse:

— Olhe em volta e me diga se as suas éguas estão pastando por essas terras.

— Não as vejo — confessou Ífito.

— Mas, no íntimo, você me acusa falsamente de ladrão! — gritou Hércules, furioso, atirando-o das alturas.[5]

c. Logo depois, Hércules foi ter com Neleu, rei de Pilos, e pediu-lhe que o purificasse; mas Neleu não quis fazê-lo, porquanto Êurito era seu aliado. E nenhum de seus filhos, exceto o caçula, Nestor, quis receber Hércules, que finalmente convenceu Deífobo, filho de Hipólito, a purificá-lo em Amiclas. Entretanto, ele continuava tendo sonhos horríveis e foi perguntar ao Oráculo de Delfos como poderia se livrar deles.[6] A pitonisa Xenocleia negou-se a responder a essa pergunta.

— Você assassinou o seu hóspede. Não tenho oráculos para gente desse tipo!

— Então serei obrigado a instituir um oráculo próprio! — exclamou Hércules. Dito isso, ele despojou o templo de suas oferendas votivas, levando, até mesmo, o trípode em que se sentava Xenocleia.

— O Hércules de Tirinto é um homem muito diferente do seu homônimo canopeu — disse a pitonisa, severa, enquanto ele levava o trípode. Com isso, ela queria dizer que o Hércules egípcio havia ido uma vez a Delfos, tendo então se comportado com cortesia e reverência.[7]

d. Apolo, indignado com tal ação, lutou com Hércules até Zeus separar os dois combatentes com o seu raio, obrigando-os a apertar as mãos amistosamente. Hércules devolveu o trípode sagrado e os dois juntos fundaram a cidade de Gítio, onde agora erguem-se juntas, na praça do mercado, as imagens de Apolo, Hércules e Dionísio. Xenocleia, então, deu a Hércules o seguinte oráculo:

— Para livrar-se de sua aflição, você deverá ser vendido para servir de escravo durante um ano inteiro, e a soma obtida na venda deverá ser entregue aos filhos de Ífito.[8] Zeus está irado por ter violado as leis da hospitalidade, qualquer que tenha sido o motivo.

— A quem devo servir? — perguntou Hércules, humildemente.

— A rainha Ônfale, da Lídia, irá adquiri-lo — respondeu Xenocleia.

— Obedecerei — disse Hércules —, mas um dia escravizarei o homem que me impôs esse sofrimento, junto com toda a sua família![9]

Há quem diga, contudo, que Hércules não devolveu o trípode, e que, quando mil anos mais tarde, Apolo ficou sabendo de que o haviam levado para a cidade de Feneu, ele castigou seus habitantes fechando o canal que Hércules havia aberto para desaguar a corrente das intensas chuvas, inundando a cidade.[10]

e. Admite-se também, em geral, um outro relato completamente distinto desses acontecimentos, segundo o qual o eubeu Lico, filho de Poseidon e Dirce, teria atacado Tebas durante uma sedição, matado o rei Creonte e usurpado o trono. Acreditando na informação fornecida por Copreu de que Hércules tinha morrido, Lico tratou de seduzir Mégara e, quando ela resistiu a ele, Lico teria matado a ela e a seus filhos não houvesse Hércules retornado do Tártaro a tempo para executar sua vingança. Nisso, Hera, que mantinha Lico como seu favorito, enlouqueceu Hércules, fazendo-o matar Mégara e os próprios filhos, assim como o seu valete, o etólio Estíquio.[11] Os tebanos, que exibem a tumba dos filhos, dizem que Hércules teria matado também seu pai adotivo, Anfitrião, caso Atena não o houvesse golpeado com uma grande pedra, deixando-o inconsciente; e eles assinalam a pedra, dizendo: “Nós a apelidamos de Castigadora.” Mas, na verdade, Anfitrião havia morrido muito antes, durante a campanha de Orcômeno. Os atenienses alegam que Teseu, agradecido a Hércules por tê-lo retirado do Tártaro, chegou justo naquele momento com um exército ateniense para ajudar Hércules em sua luta contra Lico. Embora tenha ficado horrorizado diante do assassinato, ele prometeu a Hércules todas as honras pelo resto de sua vida e mesmo depois de sua morte, e o levou para Atenas, onde Medeia o curou da loucura com medicamentos. Depois, Sícalo o purificou mais uma vez.[12]

1. Na sociedade matrilinear, o divórcio de uma esposa régia implicava abandonar o reino que lhe havia correspondido por matrimônio; e parece provável que, uma vez relaxadas na Grécia as antigas convenções, um rei

sagrado podia evitar a morte ao fim de seu reinado, abandonando seu reino e se casando com a herdeira de outro. Se assim for, a objeção de Êurito com relação a Hércules em aceitá-lo como genro não seria por ter ele matado os seus filhos — as vítimas anuais sacrificadas enquanto reinava em Tebas — mas por ele ter escapado ao dever régio de morrer. A conquista de uma noiva mediante uma façanha na arte de manobrar o arco e flecha era um costume indo-europeu: no *Mahabharata*, Arjuna conquista *Draupadi* dessa maneira; no *Ramayana*, Rama tensiona o potente arco de Shiva e obtém Sita. Ademais, o disparo de uma flecha na direção de cada um dos pontos cardeais da bússola e de outra na direção do zênite (vide 126. *2* e 132. *8*) constituía parte dos ritos do casamento régio na Índia e no Egito. É possível que as éguas figurassem no sacrifício por ocasião do casamento de Hércules e Íole, quando ele se transformou em rei da Ecália (vide 81. *4*). De qualquer modo, Ífito é o substituto do rei que é lançado do alto das muralhas tebanas ao término de cada ano, ou em qualquer outro momento, para aplacar alguma divindade irritada (vide 105. *6*, 106. *j* e 121. *3*).

2. A captura do trípode de Delfos por parte de Hércules aparentemente se refere à tomada do templo pelos dórios, tal como o raio lançado por Zeus entre Apolo e Hércules diz respeito à decisão de Apolo em manter seu Oráculo em vez de cedê-lo a Hércules, com a condição de que servisse aos interesses dórios como patrão dos dímanos, tribo pertencente à Liga Dória. Era evidente que os espartanos, que eram dórios, controlavam o Oráculo de Delfos na época clássica. Eurípides omite o episódio do trípode em seu *Hércules* porque, no ano de 421 a.C., os atenienses haviam fracassado, mediante o Tratado de Nícias, no seu intento de manter a soberania dos fócios em Delfos; os espartanos insistiram em fazer de Delfos um estado títere separado que eles pudessem dominar. Em meados do século IV, quando a disputa se reacendeu, os fócios se apoderaram de Delfos e se apropriaram de parte de seus tesouros para recrutar forças em sua própria defesa, sofrendo, porém, uma fragorosa derrota que levou destruição a todas as suas cidades.

3. A repreensão da pitonisa parece dar a entender que os dórios que haviam conquistado o Peloponeso se chamavam “Filhos de Hércules” e pareciam não demonstrar o mesmo respeito diante dela como os seus predecessores aqueus, eólios e jônios, que tinham mais vínculos religiosos com os agricultores líbios do delta do Egito do que com os reis de gado helênicos. A predecessora de Xenocleia, Herófila (“amada por Hera”), era filha de Zeus com Lâmia, e os líbios por ela governados a chamavam de “Sibila” (Pausânias: X. 12. 1; Eurípides: *Prólogo de Lâmia*). Cícero confirma essa opinião ao negar que o filho de Alcmena (ou seja, o Hércules pré-dório) foi quem lutou com Apolo pelo trípode (*Sobre a natureza dos deuses* III). Posteriormente, foram feitas tentativas,

em nome da decência religiosa, no sentido de emendar a disputa entre o Apolo fócio e o Hércules dório. Assim, Plutarco, sacerdote de Delfos, sugere (*Diálogo sobre o E em Delfos* 6) que Hércules tenha chegado a ser um especialista em lógica e adivinhação, e "parece que se apoderou do trípode durante um combate amistoso com Apolo". Ao descrever a vingança de Apolo sobre os habitantes de Feneu, ele cautelosamente suprime o fato de ter sido Hércules quem lhes havia aberto o canal (vide 138. *d*).

NOTAS

[1] Plutarco: *Sobre o amor* 9; Apolodoro: II. 6. 1; Pausânias: X. 29. 3.

[2] Diodoro Sículo: IV. 31; Pausânias: IV. 33. 5; Sófocles: *As traquínias* 260 *et seq*.

[3] Higino: *Fábula* 14; Apolônio de Rodes: I. 88-89; Homero: *Odisseia* VIII. 226-228; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Sófocles: *loc. cit*.

[4] Hesíodo, citado por escoliasta sobre *As traquínias* de Sófocles: 266; Homero: *Odisseia* XXI. 15 *et seq*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 6. 2; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero XXI. 22.

[5] Apolodoro: *loc. cit*.; Sófocles: *As traquínias* 271; Homero: *loc. cit*., com escoliasta citando Ferécides; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[6] Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc*. *cit*.

[7] Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: X. 13. 4; Higino: *Fábula* 32.

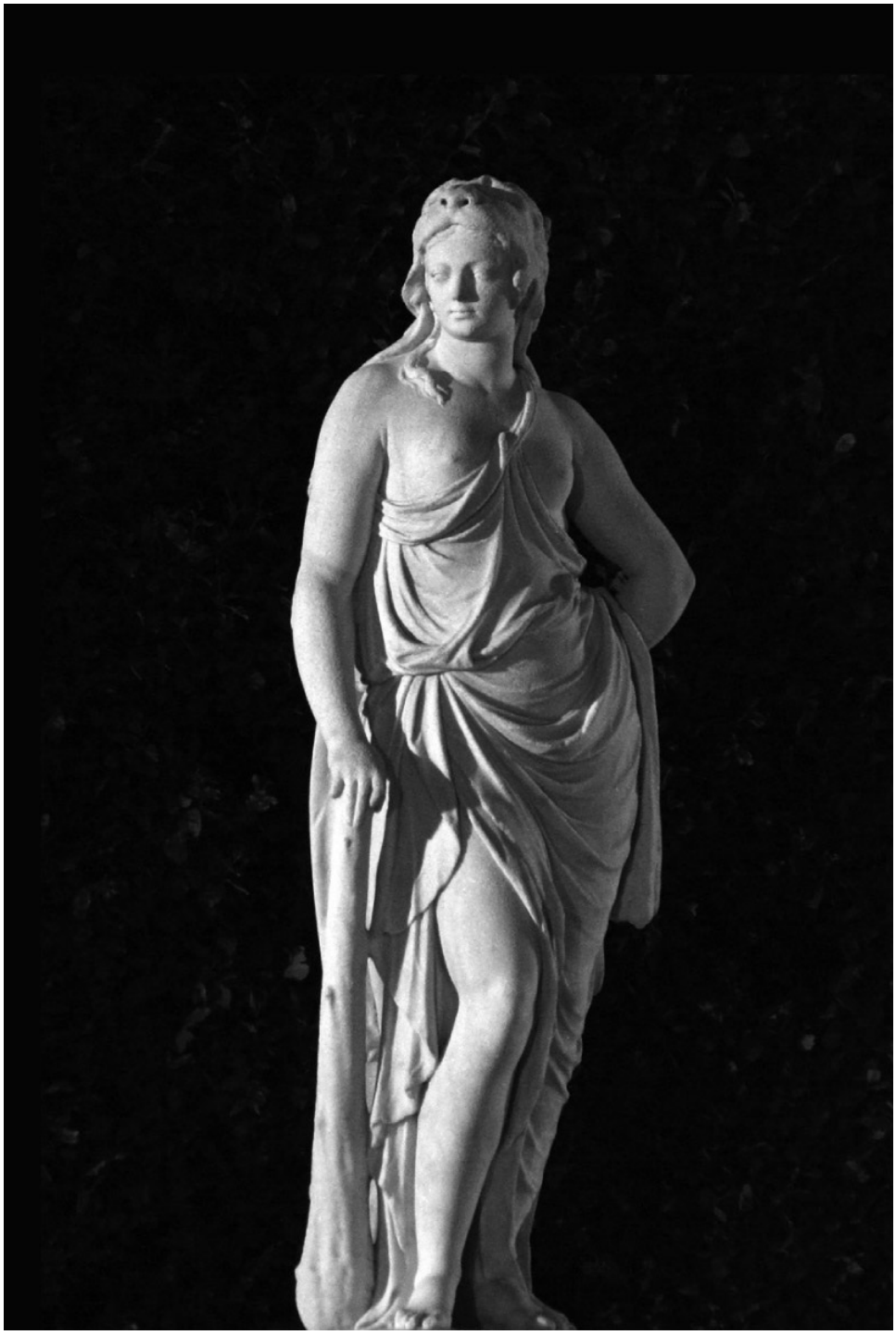
[8] Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; Pausânias: II. 21. 7; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[9] Sófocles: *As traquínias* 248 *et seq*. e 275 *et seq*.; Higino: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 300.

[10] Plutarco: *Sobre a lentidão da vingança divina* 12; Pausânias: VIII. 14. 3.

[11] Higino: *Fábula* 32; Eurípides: *Hércules* 26 *et seq*. e 553; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 300; escoliasta sobre *As traquínias* de Sófocles: 355; Ptolomeu Hefestionos: VII, citado por Fócio, p. 490.

[12] Eurípides: *Hércules* 26 *et seq*., 1.163 *et seq*. e 1.322; Pausânias: IX. 11. 2; Diodoro Sículo: IV. 55; Menócrates, citado por escoliasta sobre as *Odes ístmicas* de Píndaro: IV. 104 *et seq*.



ÔNFALE
Viena, Áustria

136

ÔNFALE

Hércules foi levado para a Ásia e posto à venda como escravo anônimo por Hermes, senhor de todas as transações financeiras importantes, que depois entregou o dinheiro da venda, três talentos de prata, aos órfãos de Ífito. Êurito, contudo, proibiu resolutamente que seus netos aceitassem qualquer compensação monetária, alegando que sangue só podia ser pago com sangue; e o que aconteceu com os talentos de prata só Hermes sabe.[1] Assim como havia predito a pitonisa, Hércules foi comprado por Ônfale, rainha da Lídia, mulher de boa visão para os negócios. Ele serviu a ela fielmente durante um ano, ou durante três, livrando a Ásia Menor dos bandidos que a infestavam.[2]

b. Ônfale, filha de Iárdano e, segundo algumas autoridades no assunto, mãe de Tântalo, havia herdado o reino de seu desafortunado esposo Tmolo, filho de Ares com Teógona. Enquanto caçava no monte Carmanório — assim chamado em homenagem a Carmanor, filho de Dionísio e Alexírroe, que lá foi morto por um javali —, Tmolo se apaixonou por uma caçadora chamada Arrife, casta acompanhante de Ártemis. Arrife, insensível às ameaças e às súplicas de Tmolo, fugiu para o templo de sua senhora, onde, ultrajando a santidade do lugar, ele a violou no próprio leito da deusa. Arrife se enforcou numa viga após invocar Ártemis, que imediatamente soltou um touro desembestado para cima dele. Tmolo foi lançado ao ar, caiu sobre estacas pontiagudas e pedras afiadas, morrendo sob grande tormento. Teoclímeno, filho seu com Ônfale, enterrou-o bem ali onde jazia e mudou o nome da montanha para Tmolo. Uma cidade com o mesmo nome, erguida sobre suas encostas, foi destruída por um grande terremoto durante o reinado do imperador Tibério.[3]

c. Dentre os muitos trabalhos secundários que Hércules realizou durante sua servidão, figura a captura dos dois Cercopes efésios que constantemente o

impediam de dormir. Eram irmãos gêmeos chamados Passalo e Aquemão; ou Olos e Euríbates; ou Silos e Tribalo, filhos de Oceano e Teia, os mais afamados mentirosos e enganadores que a humanidade já conheceu, que percorriam o mundo praticando continuamente novas formas de logro. Teia os havia advertido de se distanciarem de Hércules, e suas palavras "Bundinhas brancas, vocês ainda não se encontraram com a grande bunda negra" tornaram-se proverbiais, pois "traseiro branco" passou a significar "covarde, vil ou lascivo".[4] Eles costumavam rodear a cama de Hércules metamorfoseados em moscas-varejeiras, até que, uma noite, ele os agarrou, obrigou-os a reassumir sua forma natural e os levou dependurados de ponta-cabeça num pedaço de pau apoiado sobre o ombro. Então, o traseiro de Hércules, que a pele de leão não chegava a cobrir, de tal maneira havia se bronzeado por causa da exposição ao sol e dos hálitos flamejantes de Caco e do touro cretense que se tornou preto como um escudo de couro envelhecido; os Cercopes rebentaram em gargalhadas ao verem-se pendurados de cabeça para baixo, contemplando-o. Seu alvoroço surpreendeu Hércules e, ao compreender o motivo de tanta risada, ele se sentou numa rocha e se pôs a rir com tanto gosto que eles o convenceram a deixá-los em liberdade. Mas, embora se saiba de uma cidade asiática chamada Cercópia, as guaridas dos Cercopes, assim como uma rocha chamada "Traseiro Negro", podem ser vistas nas Termópilas; é provável, portanto, que esse episódio tenha ocorrido noutra ocasião.[5]

d. Há quem diga que os Cercopes foram por fim transformados em pedras por terem tentado enganar Zeus; outros dizem que Zeus castigou sua fraude, transformando-os em macacos de pelo amarelo comprido e enviando-os às ilhas italianas chamadas Pitecusas.[6]

e. Numa ravina lídia vivia um tal de Sileu, que costumava agarrar os estrangeiros que por ali passavam, obrigando-os a trabalhar em seus vinhedos; mas Hércules arrancou as cepas pela raiz. Noutra ocasião, quando os lídios de Ítone começaram a saquear o território de Ônfale, Hércules recuperou a pilhagem e arrasou sua cidade.[7] E em Celenes vivia Litierses, o lavrador, filho bastardo do rei Minos, que oferecia sua hospitalidade aos viajantes, obrigando-os porém a competir com ele no ceifar da colheita. Se as forças deles diminuíssem, ele os açoitava e, durante a noite, após haver ganhado a competição, cortava-lhes a cabeça e ocultava seus corpos em gavelas, cantando lugubremente enquanto o fazia. Hércules visitou Celenes para resgatar o pastor Dáfnis, filho de Hermes, que, após ter procurado pelo mundo todo sua amada Pimpleia, raptada pelos piratas, a havia encontrado finalmente entre as escravas de Litierses. Dáfnis foi desafiado à competição da colheita, mas Hércules o substituiu e venceu Litierses, que foi decapitado com uma foice, e cujo tronco foi atirado ao rio

Meandro. Dáfnis não só recuperou sua Pimpleia, como também Hércules deu a ela como dote o palácio de Litierses. Os ceifeiros frígios cantam em homenagem a Litierses um canto fúnebre da colheita que se parece muito com o que se canta em homenagem a Maneros, filho do primeiro rei do Egito, que também morreu num campo de colheita.[8]

f. Finalmente, junto ao rio lídio Ságaris, Hércules matou uma serpente gigantesca que estava ceifando a vida dos homens e das colheitas, de maneira que Ônfale, que por fim descobriu sua identidade e ascendência, concedeu-lhe a liberdade, agradecida, e o enviou de volta a Tirinto cumulado de presentes, enquanto Zeus criou a constelação de Ofiúco para celebrar a vitória. A propósito: o rio Ságaris se chama assim por causa de um filho de Mígdon e Alexírroe, que, enlouquecido pela Mãe dos Deuses por ter menosprezado os seus Mistérios e insultado seus sacerdotes eunucos, morreu afogado em suas águas.[9]

g. Ônfale havia comprado Hércules mais como amante do que como lutador. Ele teve com ela três filhos, a saber: Lamo, Agelau, ancestral do famoso rei Cres que tratou de se autoimolar numa pira quando os persas se apoderaram de Sardes, e Laomedonte.[10] Há quem acrescente um quarto filho, Tirreno, ou Tirseno, que inventou a trompeta e conduziu os emigrantes lídios até a Etrúria, onde adotaram o nome de tirrenos; mas o mais provável é que Tirreno tenha sido um remoto descendente de Hércules e Ônfale, filho do rei Átis.[11] Com uma das mulheres de Ônfale chamada Malis, Hércules já era pai de Cleodeu, ou Cleolau; e de Alceu, fundador da dinastia lídia que o rei Cres desalojou do trono de Sardes.[12]

h. À Grécia chegaram notícias de que Hércules havia descartado sua pele de leão e sua coroa de faia preta e portava, em seu lugar, colares de joias, braceletes de ouro, um turbante feminino, um manto purpúreo e um cinturão meônio. Conforme os rumores, ele passava todo o tempo rodeado por lascivas garotas jônicas, cardando lã de um cesto polido, ou fiando; e dizem que tremia, enquanto fazia isso, quando sua ama o repreendia. Ela batia nele com seu chinelo dourado quando seus dedos desajeitados rompiam o fuso, e o obrigava a relatar suas façanhas anteriores para se distrair. Ele, contudo, aparentemente não se envergonhava, motivo pelo qual os pintores retrataram um Hércules vestido de saias amarelas, entregue aos cuidados das donzelas de Ônfale, enquanto esta surgia vestida com a pele de leão e brandindo a clava e o arco.[13]

i. O que havia ocorrido, entretanto, não fora mais do que isto: um dia, quando Hércules e Ônfale visitavam as vinhas de Tmolo, ela envergando uma túnica purpúrea com bordados de ouro e o cabelo perfumado, ele segurando elegantemente uma sombrinha dourada sobre a cabeça dela, Pã os viu do alto de uma colina. Ele se apaixonou por Ônfale e se despediu das deusas da montanha,

exclamando: “De hoje em diante somente ela será a minha amada!” Ônfale e Hércules chegaram ao seu destino, uma gruta distante, onde se divertiram trocando as roupas. Ela colocou-lhe um espartilho de malha absurdamente pequeno para a sua cintura e sua túnica purpúrea. Embora Ônfale tenha desapertado as cintas o máximo possível, as mangas se romperam, e as tiras de suas sandálias eram demasiado curtas para abarcar o peito do pé de Hércules.

j. Após o jantar, eles foram dormir em camas separadas, pois haviam prometido fazer, ao amanhecer, um sacrifício a Dionísio, que exige a pureza marital de seus devotos em tais ocasiões. À meia-noite, Pã rastejou para dentro da gruta e, movendo-se às apalpadelas pela escuridão, encontrou o que ele acreditava ser o leito de Ônfale, pois quem dormia nele estava vestido em sedas. Com mãos trêmulas, ele levantou os lençóis da cama na extremidade e se introduziu debaixo deles, mas Hércules acordou, levantou uma perna e o atirou para fora da caverna com um chute. Ao ouvir um forte estrépito e um grito, Ônfale deu um salto e pediu luzes; quando elas chegaram, ela e Hércules choraram de rir ao ver Pã estatelado num canto, acariciando suas contusões. Desde então, Pã detesta roupas e exige que seus sacerdotes assistam desnudos aos seus ritos. Foi ele quem se vingou de Hércules difundindo o rumor de que a sua caprichosa troca de roupas com Ônfale era uma prática habitual e perversa.[14]

1. Carmanor deve ter sido um dos títulos de Adônis (vide 18. *7*), que também foi morto por um javali. Não é possível datar a profanação do templo de Ártemis por Tmolo, tampouco a ordem de que Hércules deveria compensar Êurito pelo assassinato de seu filho. Ambos os acontecimentos, contudo, parecem ter uma origem histórica. É provável que Ônfale represente a pitonisa, a guardiã do *omphalus* de Delfos, que concedeu a compensação fazendo de Hércules escravo de um templo até que ele a pagasse; como é provável também que, sendo “Ônfale” o nome de uma rainha lídia, os mitógrafos tenham trocado o cenário da escravidão para ajustá-lo a um outro conjunto de tradições.

2. Os Cercopes, assim como demonstram seus diversos pares de nomes, eram *ceres*, ou Rancores, que surgiam sob a forma de sonhos enganosos e malévolos, e que podiam ser repelidos evocando-se Hércules, o único que tinha poderes efetivos contra o Pesadelo (vide 35. *3-4*). Embora no início fossem representados como simples espectros, assim como Cécrope (cujo nome é outra forma de *cercops*), eles figuram em obras de arte posteriores como

cercopithecoi, “macacos”, talvez por causa da associação de Hércules com Gibraltar, uma de suas Colunas, de onde os mercadores cartagineses os levavam como bichos de estimação para as ricas damas gregas e romanas. Os macacos não parecem ter frequentado as ilhas de Ísquia e Prócida, situadas ao norte do golfo de Nápoles e que os gregos chamavam de Pitecusas; seu nome se refere realmente aos *pithoi*, ou ânforas, ali manufaturadas (Plínio: *História natural* III. 6. 12).

3. O costume dos vinhateiros de se apoderar de um estrangeiro e matá-lo na época da vindima em homenagem ao espírito da Vinha era muito difundido na Síria e na Ásia Menor; um sacrifício similar na época da colheita era realizado nesses países e na Europa. *Sir* James Frazer tratou exaustivamente esse tema em seu *Golden Bough*. A Hércules atribui-se aqui a abolição do sacrifício humano, uma reforma social da qual os gregos se orgulhavam, apesar de suas guerras se tornarem cada vez mais selvagens e destrutivas.

4. Os autores clássicos fizeram da escravização de Hércules por parte de Ônfale uma alegoria sobre o quão fácil um homem forte pode se converter no escravo de uma mulher lasciva e ambiciosa. Eles consideravam o umbigo a sede da paixão feminina, o que explica claramente o sentido do nome Ônfale. Mas a fábula se refere mais a uma etapa anterior na evolução do reinado sagrado do matriarcado para o patriarcado, quando o rei, como consorte da rainha, tinha o privilégio de a representar nas cerimônias e nos sacrifícios, mas apenas se vestisse as roupas dela. Reveillout demonstrou que esse era o sistema seguido em Lagash na época suméria primitiva, e em várias obras de arte cretenses aparecem homens portando vestimentas femininas com propósitos sacrificais, e não só a saia-calça de bolinhas, como no sarcófago de Hagia Triada, ou também, como num afresco do palácio de Cnossos, a saia franzida. A escravidão de Hércules explica-se por meio dos costumes matriarcais dos nativos da África ocidental: em Loango, Daura e Abrons, assim como assinalou Briffault, o rei é de origem servil e carece de poder; em Agonna, Latuka, Ubemba e outras partes, só há uma rainha, que não se casa, mas que escolhe amantes dentre os seus criados. Ademais, um sistema análogo sobreviveu até a época clássica entre a antiga nobreza lócria, que tinha o privilégio de enviar sacerdotisas para a Atena troiana (vide 158. *8*); elas foram obrigadas a emigrar em 683 a.C. da Grécia central para a Lócrida Epizefíria, no extremo sul da Itália, “por causa do escândalo produzido pelos casos de amor indiscriminados das mulheres nobres com escravos” (vide 18. *8*). Essas lócrias, que eram de origem não helênica e que faziam da promiscuidade pré-nupcial ao estilo cretense, cário ou amorita (Clearco: 6) uma virtude, insistiam na sucessão estritamente matrilinear (Dionísio: *Descrição da Terra* 365-367; Políbio: XII. 6b). Os mesmos costumes

devem ter sido normais na Grécia pré-helênica e na Itália, mas é somente em Bagnara, perto das ruínas da Lócrida Epizefíria, que se recorda a tradição matriarcal. As mulheres de Bagnara portam saias longas e franzidas, realizando descalças suas diligências comerciais, que duram vários dias, deixando os homens cuidando das crianças; são capazes de levar na cabeça um peso de até dois quintais.[a] Os homens tiram férias na primavera, durante a estação do peixe-espada, ocasião em que demonstram sua habilidade com o arpão, e também no verão, quando vão às colinas preparar carvão vegetal. Embora o padroeiro oficial de Bagnara seja São Nicolau, nenhuma mulher de Bagnara reconhece sua existência, e o sacerdote de sua paróquia queixa-se do fato de que elas prestam mais atenção à Virgem do que ao seu Filho, pois a Virgem sucedeu Coré, a Donzela por cujo esplêndido templo a Lócrida era famosa na época clássica.

NOTAS

[a] 117,516 quilos. (N.T.)

1 Apolodoro: II. 6. 3; Diodoro Sículo: IV. 31; Ferécides, citado por escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XXI. 22.

2 Sófocles: *As traquínias* 253; Apolodoro: II. 6. 2; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

3 Apolodoro: II. 6. 3; Plutarco: *Sobre os rios* 7; Tácito: *Anais* II. 47.

4 Apolodoro: *loc. cit*.; Suidas *sub* Cercopes; escoliasta sobre *Alexandre* de Luciano: 4; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 91.

5 W. H. Roscher: *Lexikon der griechischen und römischen Mytologie* II. 1.166 *et seq*.; K. O. Müller: *Dórios* I. 464; Ptolomeu Cláudio: V. 2; Heródoto: VII. 216.

6 Suidas *sub* Cercopes: Harpocration *sub* Cercopes, citando Xenágoras; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XIX. 247; Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 88 *et seq*.

7 Tzetzes: *Quilíades* II. 432 *et seq*.; Diodoro Sículo: IV. 31; Dionísio: *Descrição da Terra* 465; Estêvão de Bizâncio *sub* Ítone.

8 Escoliasta sobre os *Idílios* de Teócrito: X. 41; Ateneu: X. 615 e XIV. 619; Eustácio sobre Homero: 1.164; Hesíquio, Fócio e Suidas *sub* Litierses; Pólux: IV. 54.

9 Higino: *Astronomia poética* II. 14; Plutarco: *Sobre os rios* 12.

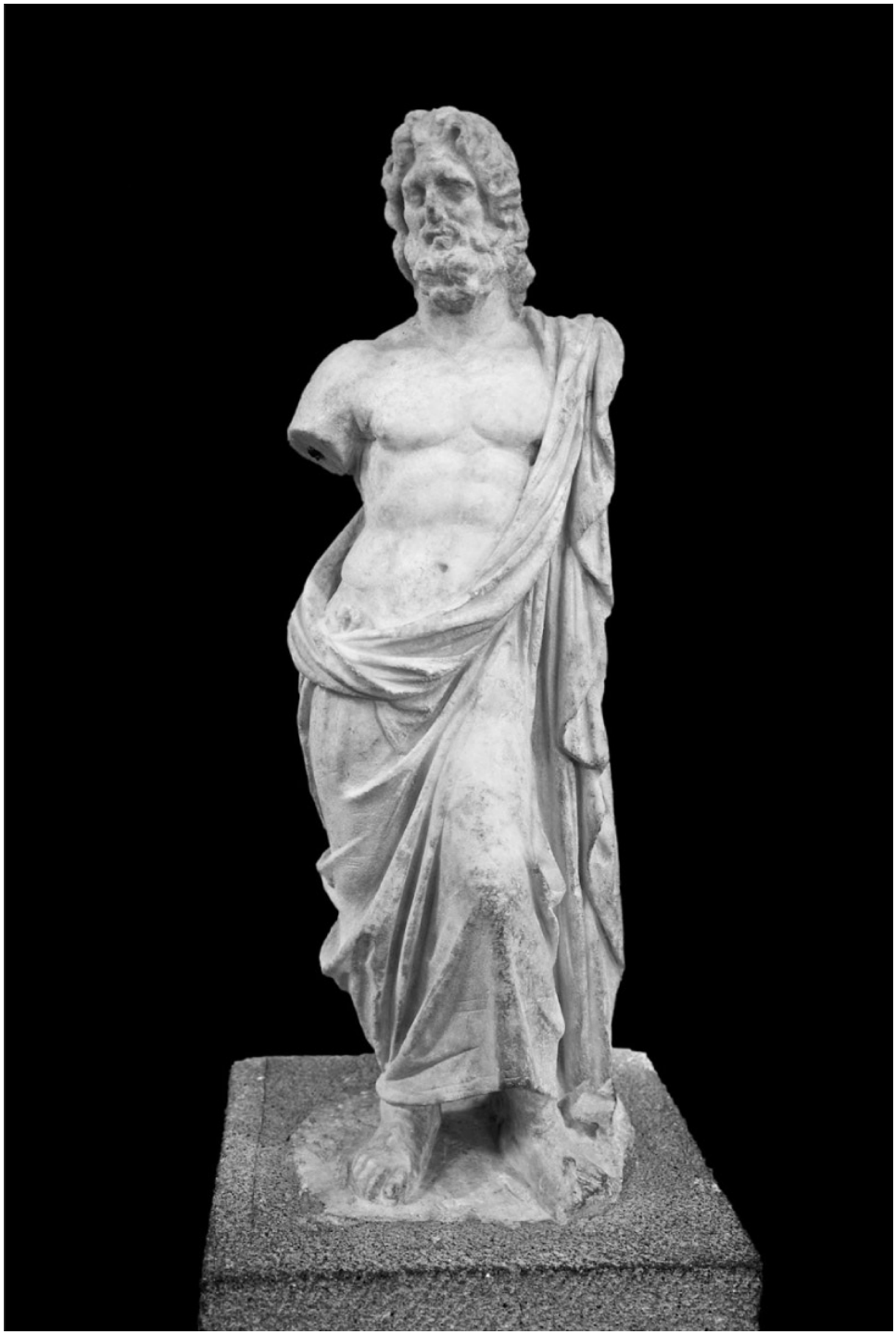
10 Diodoro Sículo: IV. 31; Baquílides: III. 24-62; Apolodoro: II. 6. 3; Palefatos: 45.

11 Pausânias: II. 21. 3; Heródoto: I. 94; Estrabão: V. 2. 2; Dionísio de Halicarnasso: I. 28.

12 Helânico: *Fragmento* 102, ed. Didot; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Eusébio: *Preparação para o Evangelho* II. 35; Heródoto: I. 7.

13 Ovídio: *Heroidas* IX. 54 *et seq*.; Luciano: *Diálogos dos deuses* 13; Plutarco: *Sobre se um ancião deve intervir nos assuntos de Estado* 4.

14 Ovídio: *Os fastos* II. 305.



ZEUS, estátua do período helênico
Rodes, Grécia

137

HESÍONE

Após servir à rainha Ônfale como escravo, Hércules voltou para Tirinto, tendo recuperado por completo a sanidade, e planejou imediatamente uma expedição contra Troia.[1] Suas razões eram as seguintes: ele e Télamon, ao seu regresso do país das amazonas, ou quando desembarcaram com os argonautas em Sigeu, surpreenderam-se ao encontrar Hesíone, filha de Laomedonte, completamente desnuda, à exceção das joias que portava, e acorrentada a uma rocha na costa troiana.[2] Ao que parece, Poseidon havia mandado um monstro marinho castigar Laomedonte por não ter pago a ele e a Apolo a quantidade estipulada pelos serviços de construir as muralhas da cidade e cuidar de seus rebanhos. Segundo algumas versões, Laomedonte deveria ter sacrificado a eles todo o rebanho nascido em seu reino durante aquele ano; outros dizem que ele lhes havia prometido apenas um salário baixo como peões, mas que mesmo assim ele os enganou em mais de trinta dracmas troianas. Como vingança, Apolo enviou uma peste e Poseidon ordenou ao monstro que devorasse os habitantes das planícies e arruinasse os seus campos, derramando água marinha sobre eles. Segundo outro relato, Laomedonte teria cumprido suas obrigações com Apolo mas negligenciado Poseidon, o qual, em represália, enviou a peste e o monstro.[3]

b. Laomedonte foi ter com o oráculo de Zeus Ámon, que o aconselhou a abandonar Hesíone na costa do mar para que fosse devorada pelo monstro. Mas ele se negou a fazê-lo, a menos que os nobres troianos concordassem em sacrificar primeiro suas próprias filhas. Desesperados, eles foram se consultar com Apolo, que, não menos zangado que Poseidon, não lhes deu a resposta esperada. A maioria dos pais tratou logo de enviar suas filhas para o estrangeiro a fim de salvá-las do perigo, mas Laomedonte obrigou Fenodamante, que mantivera suas três filhas dentro de casa, a abandonar uma delas. Fenodamante

contestou tal imposição na assembleia, alegando que Laomedonte era o único responsável pela desgraça que afligia a todos e que ele deveria sofrer por tudo isso, sacrificando a sua filha. Ao final decidiu-se por um sorteio, a má sorte recaindo sobre Hesíone que, por conseguinte, foi amarrada à rocha onde a encontrou Hércules.[4]

c. Hércules libertou Hesíone, foi à cidade e se ofereceu como voluntário para destruir o monstro em troca dos dois incomparáveis e imortais cavalos, ou éguas, brancos como a neve, que podiam correr por cima da água e dos trigais com a velocidade do vento, e que haviam sido dados por Zeus a Laomedonte como compensação pelo rapto de Ganimedes. Laomedonte aceitou de imediato a oferta.[5]

d. Com a ajuda de Atena, os troianos construíram para Hércules uma alta muralha que serviu para o proteger do monstro quando ele ergueu a cabeça do mar e avançou pela planície. Ao chegar à muralha, ele abriu as mandíbulas colossais e Hércules penetrou em sua garganta armado até os dentes. Passou três dias no ventre do monstro e saiu dele vitorioso, embora a luta lhe houvesse custado cada fio de cabelo.[6]

e. O que sucedeu depois é controverso. Alguns dizem que Laomedonte concedeu a mão de Hesíone a Hércules — convencendo-o ao mesmo tempo de que devia deixá-la em Troia, juntamente com as éguas, enquanto empreendia a expedição com os argonautas —, mas que, uma vez conquistado o velocino de ouro, ele foi dominado pela cobiça e se negou a entregar a Hércules tanto sua filha Hesíone como as éguas. Outros dizem que ele já havia se recusado a recompensá-lo um ou dois meses antes, quando Hércules chegara a Troia em busca de Hilas.[7]

f. A versão mais detalhada, contudo, reza que Laomedonte enganou Hércules, substituindo os cavalos divinos por outros mortais, diante do que Hércules ameaçou declarar guerra a Troia e zarpou enfurecido. Ele primeiro visitou a ilha de Paros, onde ergueu um altar a Zeus e Apolo, e depois o istmo de Corinto, onde profetizou a ruína de Laomedonte. Finalmente, ele recrutou soldados em sua própria cidade de Tirinto.[8]

g. Nesse ínterim, Laomedonte havia matado Fenodamante e vendido suas três filhas a mercadores sicilianos que haviam ido comprar vítimas para os espetáculos de feras. Na Sicília, porém, elas foram resgatadas por Afrodite, e a mais velha delas, Egesta, foi seduzida pelo deus fluvial Crimiso, que metamorfoseou-se em cão, e teve com ele um filho, Egesto, chamado Acestes pelos latinos.[9] Egesto, auxiliado por Elimo, filho bastardo de Anquises que ele havia trazido de Troia, fundou as cidades de Egesta, chamada mais tarde de Segesta; Entela, que era o nome da sua esposa; Érix e Asca. Diz-se que Egesta,

no final das contas, voltou para Troia e lá se casou com Cápis, com quem teve Anquises.[10]

h. É discutível se Hércules zarpou para Troia com dezoito grandes barcos de cinquenta remadores cada um, ou com apenas seis pequenas embarcações e forças escassas.[11] Entre os seus aliados, porém, encontravam-se Iolau, Télamon filho de Éaco, Peleu, o argivo Oícles e o beócio Deímaco.[12]

i. Hércules havia encontrado Télamon em Salamina no momento em que celebrava um banquete com seus amigos. Ofereceram-lhe imediatamente a taça de vinho dourada e o convidaram a fazer a primeira libação a Zeus, após o que ele levantou as mãos ao céu e suplicou: "Oh, Pai, envie a Télamon um bom filho, com uma pele tão dura como a deste leão com que me cubro, e uma equivalente valentia!", pois havia visto que Peribeia, a esposa de Télamon, em pouco tempo daria à luz. Zeus fez descer sua águia em resposta, e Hércules garantiu a Télamon que a súplica seria atendida; e, de fato, tão logo terminou o festim, Peribeia deu à luz Ájax o Grande, que Hércules envolveu na pele de leão, tornando-o assim invulnerável, à exceção do pescoço e da axila, onde havia se interposto a aljava.[13]

j. Ao desembarcar perto de Troia, Hércules deixou Oícles tomando conta dos barcos enquanto ele conduzia os outros paladinos ao assalto da cidade. Laomedonte, tomado de surpresa, não teve tempo de reunir seu exército, mas distribuiu à população espadas e tochas, conduzindo-a às pressas para queimar a frota. Oícles resistiu até a morte, travando uma nobre luta na retaguarda enquanto seus companheiros lançavam os barcos à água e fugiam. Laomedonte se apressou em voltar à cidade e, após uma escaramuça com as forças esparsas de Hércules, conseguiu entrar e cerrar os portões atrás de si.

k. Não tendo paciência suficiente para iniciar um longo assédio, Hércules ordenou um assalto imediato. O primeiro a abrir uma brecha na muralha e penetrar na cidade foi Télamon, que escolheu o muro ocidental construído por seu pai Éaco por ser o ponto mais fraco, mas Hércules o seguiu de perto, louco de inveja. Télamon, dando-se logo conta de que a espada desembainhada de Hércules ameaçava-lhe as partes vitais, teve suficiente presença de espírito para se agachar e recolher umas pedras grandes desprendidas da muralha.

— O que está tramando? — vociferou Hércules.

— Ergo um altar a Hércules Vencedor, Hércules que Desvia os Males — respondeu o engenhoso Télamon. — Deixo a seu encargo o saque de Troia.[14]

Hércules agradeceu-lhe rapidamente e saiu em disparada. Logo depois, matou Laomedonte e todos os seus filhos, exceto Podarces, o único que havia afirmado que as éguas imortais deviam ser concedidas a Hércules, e saqueou a cidade. Após saciar sua vingança, ele recompensou Télamon com a mão de

Hesíone e permitiu-lhe resgatar qualquer um de seus companheiros do cativeiro. Ela escolheu Podarces.

— Muito bem — disse Hércules —, mas, antes, ele deve ser vendido como escravo.

Assim, Podarces foi posto à venda e Hesíone o redimiu em troca do véu dourado com que ela cobria a cabeça. A partir de então, Podarces recebeu o nome de Príamo, que significa “redimido”. Mas há quem diga que, nessa época, ele não era mais que uma criança.[15]

l. Após incendiar Troia e arrasar as suas estradas, Hércules pôs Príamo no trono e zarpou. Hesíone acompanhou Télamon até Salamina, onde tiveram um filho, Teucro, não se sabe se legítimo ou bastardo.[16] Mais tarde, Hesíone abandonou Télamon, fugiu para a Ásia Menor e cruzou o mar a nado até Mileto, onde o rei Árion a encontrou escondida num bosque. Lá, ela teve um segundo filho de Télamon, Trambelo, que Árion criou como seu próprio filho, e o nomeou rei dos parentes asiáticos de Télamon, os léleges; ou, segundo algumas versões, os lésbios. No transcurso da Guerra de Troia, quando Aquiles invadiu Mileto, ele matou Trambelo, descobrindo tarde demais que era filho de Télamon, o que lhe causou grande aflição.[17]

m. Há quem diga que Oícles não morreu em Troia, mas que ainda estava vivo quando as Erínias enlouqueceram seu neto Alcmeão, cuja tumba ainda pode ser vista na Arcádia, perto do recinto megalopolitano de Bóreas.[18]

n. Hércules zarpou então para a Tróade, levando consigo Gláucia, filha do rio Escamandro. Durante o assédio, ela foi amante de Deímaco e, quando este morreu na batalha, ela acudiu-se de Hércules, que a levou em seu barco, satisfeito por poder garantir dessa maneira que a linhagem de um amigo tão corajoso sobrevivesse, pois Gláucia estava grávida e, mais tarde, deu à luz um filho chamado Escamandro.[19]

o. Enquanto o Sono embalava Zeus, Hera ordenou a Bóreas que produzisse uma tempestade que obrigasse Hércules a desviar o rumo na direção da ilha de Cós. Zeus despertou furioso e ameaçou atirar o Sono das alturas do ar superior ao golfo de Érebo; mas ela acudiu como suplicante à Noite, que nem sequer Zeus se atrevia a contrariar. Em sua frustração, ele começou a agitar os deuses do Olimpo. Dizem que foi nessa ocasião que ele acorrentou Hera pelos pulsos às vigas, atando bigornas aos seus tornozelos e arremessou Hefesto à Terra. Depois de desafogar, assim, toda a sua ira, ele tirou Hércules da ilha de Cós e o levou de novo para Argos, onde suas aventuras são descritas de maneiras muito variadas.[20]

p. Há quem diga que os cosanos o tomaram equivocadamente por um pirata e tentaram impedir que se aproximasse, apedrejando seu barco. Mas ele

desembarcou à força, tomou a cidade de Astipaleia num assalto noturno e matou o rei Eurípilo, filho de Poseidon e Astipaleia. Ele foi ferido por Calcodonte, mas foi salvo por Zeus no momento em que estava prestes a ser assassinado.[21] Outros dizem que ele atacou Cós porque havia se apaixonado por Calcíope, filha de Eurípilo.[22]

q. Segundo outro relato, cinco dos seis barcos de Hércules naufragaram durante a tormenta. O único que sobrou ficou encalhado em Laceta, na ilha de Cós; ele e seus companheiros puderam apenas salvar as armas. Enquanto torciam suas roupas encharcadas com a água do mar, passou pelas redondezas um rebanho de ovelhas, e Hércules pediu a Antágoras, um pastor mérope, que lhes presenteasse um carneiro. Antágoras, que era muito forte, desafiou Hércules para uma luta, oferecendo-lhe o carneiro como prêmio. Hércules aceitou o desafio, mas, quando os dois lutadores se engalfinharam, os amigos méropes de Antágoras acudiram em sua ajuda, e os gregos fizeram o mesmo em auxílio de Hércules, de modo que se seguiu um verdadeiro combate. Esgotado pela tormenta, e em desvantagem numérica, Hércules interrompeu a luta e fugiu para a casa de uma matrona trácia robusta, com cujas roupas ele se disfarçou, conseguindo assim escapar.

r. Mais tarde, naquele mesmo dia, restabelecido graças à comida e ao sono, ele voltou a lutar com os méropes e os venceu. Depois, purificou-se do sangue derramado e, ainda vestido com roupas femininas, casou-se com Calcíope, com quem teve um filho, Téssalo.[23] Agora, oferecem-se sacrifícios anuais a Hércules no campo em que se travou essa batalha; e os noivos cosanos vestem roupas femininas quando recebem suas noivas em casa, assim como o sacerdote de Hércules em Antimaquia, antes do início de um sacrifício.[24]

s. As mulheres de Astipaleia sentiram-se ofendidas por Hércules e o insultaram, motivo pelo qual Hera as homenageou dotando-as de chifres de vaca. Mas há quem diga que esse foi um castigo que Afrodite lhes infligiu por terem-se atrevido a elogiar sua beleza como superior à dela.[25]

t. Depois de ter arrasado Cós e haver quase aniquilado os méropes, Hércules foi guiado por Atena a Flegras, onde ajudou os deuses a ganhar a batalha contra os gigantes.[26] Dali ele foi para a Beócia, onde, por sua insistência, Escamandro foi eleito rei. Escamandro deu o seu nome ao rio Ínaco; a um ribeirão próximo ele deu o nome de sua filha Gláucia, e à fonte Acidusa o nome de sua esposa, com quem ele teve três filhas, que são ainda hoje homenageadas localmente sob o nome de “Donzelas”.[27]

1. Esta lenda se refere ao saque da quinta cidade de Troia, a pré-homérica, provavelmente realizado pelos mínios, ou seja, os gregos eólios, com a ajuda dos léleges, quando um terremoto oportuno derrubou suas maciças muralhas (vide 158. *8*). Da lenda do Velocino de Ouro podemos deduzir que Laomedonte havia se oposto aos empreendimentos mercantis tanto dos léleges como dos mínios no mar Negro (vide 148. *10*), e que a única maneira de fazê-lo voltar à razão foi destruir sua cidade, que dominava o Helesponto e a planície do Escamandro, onde anualmente se organizava a feira oriental-ocidental. O Nono Trabalho se refere a empreendimentos do mesmo tipo no mar Negro (vide 131. *11*). Um terremoto ocorrido em torno do ano de 1260 a.C. ajudou Hércules nessa tarefa.

2. O resgate de Hesíone por parte de Hércules, que tem seu paralelo no de Andrômeda por Perseu (vide 73. *7*), deriva claramente de um ícone comum na Síria e na Ásia Menor: a vitória de Marduk sobre o monstro marinho Tiamat, manifestação da deusa Ishtar, cujo poder ele anulou, acorrentando-a a uma rocha. Hércules é engolido por Tiamat e desaparece durante três dias antes de voltar à luta. Da mesma maneira, segundo um conto moral hebraico, baseado, ao que parece, no mesmo ícone, Jonas passou três dias no ventre da baleia; e o representante de Marduk, o rei da Babilônia, passava todos os anos um período longe do trono, durante o qual supunha-se que lutava com Tiamat (vide 71. *1*, 73. *7* e 103. *1*). O cavalo solar branco de Marduk, ou de Perseu, transforma-se aqui na recompensa pela libertação de Hesíone. O fato de Hércules ter perdido o cabelo destaca o seu caráter solar: o corte dos cabelos do rei sagrado ao término do ano simbolizava a diminuição de sua força mágica, como na história de Sansão (vide 91. *1*). Quando ele ressurgiu, não tinha mais cabelo que um bebê. O resgate de Podarces por Hesíone pode representar a intervenção da rainha mãe de Seha (Escamandro?) junto ao rei hitita Mursilis em favor de seu filho vigarista Manapadattas.

3. As três filhas de Fenodamante representam a deusa-Lua em Tríade, governando a ilha triangular da Sicília. O cão era consagrado a ela como Ártemis, Afrodite e Hécate. Os sicilianos helenófonos eram aficionados da épica homérica, como os romanos, e se mostravam igualmente ansiosos por reivindicar sua ascendência troiana, não importa o quão frágeis fossem os argumentos de que dispunham. As três filhas de Escamandro representam a mesma deusa na Beócia. Que Gláucia houvesse tido um filho com Escamandro não era nada incomum. Segundo o Pseudoesquinas (*Diálogos* 10. 3), as noivas troianas costumavam se banhar no rio e gritar: “Escamandro, tome a minha virgindade!”,

o que indica um período arcaico em que se acreditava que a água do rio era capaz de lhes estimular o ventre (vide 68. *2*).

4. Não se sabe ao certo a que conquista helênica da ilha heládica de Cós se refere a visita de Hércules, mas o fato de que posteriormente o noivo se vestisse com roupas de mulher para receber a noiva em seu lar parece ser uma concessão ao anterior costume matrilocal segundo o qual era ela quem o recebia em seu lar, e não o contrário (vide 160. *3*). Em Cós, realizava-se certamente uma dança da vaca análoga ao rito argivo em homenagem à deusa-Lua Io (vide 56. *1*). Em Antimaquia, o rei sagrado se encontrava ainda na etapa primitiva de ser o representante da rainha e, portanto, era obrigado a portar indumentária feminina (vide 18. *8* e 136. *4*).

5. As éguas de Laomedonte eram da mesma raça que aquelas engendradas por Bóreas em Troia (vide 29. *e*).

6. O Ínaco era um rio argivo. Plutarco parece ser a única autoridade no assunto que fala de um Ínaco ou de um Escamandro beócio.

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 4. 6.

[2] Apolodoro: II. 5. 9; Higino: *Fábula* 89; Diodoro Sículo: IV. 42; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 34.

[3] Apolodoro: *loc. cit.*; Higino: *loc. cit.*; Luciano: *Sobre os sacrifícios* 4; Tzetzes: *loc. cit.*; Diodoro Sículo: *loc. cit.*; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 3.

[4] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: V. 30 e I. 554; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 472; Higino: *Fábula* 89.

[5] Diodoro Sículo: IV. 42; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 34; Valério Flaco: II. 487; Higino: *loc. cit.*; Apolodoro: II. 5. 9; Helânico, citado por escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XX. 146.

[6] Homero: *Ilíada* XX. 145-148; Tzetzes: *loc. cit.*; Helânico: *loc. cit.*

[7] Diodoro Sículo: IV. 42 e 49; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio 623.

[8] Apolodoro: II. 5. 9; Helânico: *loc. cit.*; Píndaro: *Fragmento* 140a, ed. Schroeder, e *Odes ístmicas* VI. 26 *et seq.*

[9] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 472 e 953; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 554 e V. 30.

[10] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 472, 953 e 965; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 554 e V. 30.

[11] Diodoro Sículo: IV. 32; Apolodoro: II. 6. 4; Homero: *Ilíada* V. 638 *et seq.*

[12] Escoliasta sobre as *Odes nemeeias*: III. 61 e as *Odes ístmicas*: I. 21-23 de Píndaro; Apolodoro: *loc. cit.* e I. 8. 2; Homero: *Odisseia* XV. 243; Plutarco: *Questões gregas* 41.

[13] Apolodoro: III. 12. 7; Píndaro: *Odes ístmicas* VI. 35 *et seq.*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 455; escoliasta sobre *Ájax* de Sófocles: 833; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XXIII. 821.

[14] Apolodoro: II. 6. 4; Helânico, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 469.

[15] Diodoro Sículo: IV. 32; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 337; Apolodoro: *loc. cit.*; Higino: *Fábula* 89; Homero: *Ilíada* V. 638 *et seq.*

[16] Apolodoro: III. 12. 7; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 3; Homero: *Ilíada* VIII. 283 *et seq.* e escoliasta sobre 284.

[17] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 467; Ateneu: II. 43; Partênio: *Histórias de amor* 26.

[18] Apolodoro: III. 7. 5; Pausânias: VIII. 36. 4.

[19] Plutarco: *Questões gregas* 41.

[20] Homero: *Ilíada* XIV. 250 *et seq.* e XV. 18 *et seq.*; Apolodoro: I. 3. 5 e II. 7. 1.

[21] Apolodoro: II. 7. 1.

[22] Escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: IV. 40.

[23] Apolodoro: II. 7. 8; Homero: *Ilíada* II. 678-679.

[24] Plutarco: *Questões gregas* 58.

[25] Ovídio: *As metamorfoses* VII. 363-364; Lactâncio: *Histórias das metamorfoses de Ovídio* VII. 10.

[26] Apolodoro: II. 7. 1; Píndaro: *Odes ístmicas* VI. 31 *et seq*.

[27] Plutarco: *Questões gregas* 41.

138

A CONQUISTA DA ÉLIDA

Não muito tempo após o seu regresso, Hércules recrutou um contingente de Tirintos e árcades, aos quais se uniram voluntários das famílias mais nobres da Grécia, e marchou contra Augias, rei da Élida, por quem guardava rancor por conta do Quinto Trabalho.[1] Mas Augias, prevendo esse ataque, havia se preparado para resistir, designando como seus generais Êurito e Ctéato, filhos que seu irmão Áctor teve com Molíone, ou Moline, filha de Molo, e dando uma participação no governo da Élida ao valente Amarinceu, que geralmente é descrito como filho do emigrante tessálio Pítio.[2]

b. Os filhos de Áctor se chamam Molíones, ou Moliônidas, em consideração à sua mãe, para distingui-los dos do outro Áctor que se casou com Egina. Eles eram gêmeos, nascidos de um ovo de prata, e superavam em força todos os seus contemporâneos; mas, à diferença dos Dióscuros, estavam unidos na altura da cintura desde o nascimento.[3] Os Moliônidas se casaram com as filhas gêmeas do centauro Dexâmeno e, uma geração mais tarde, seus filhos reinaram na Élida junto com o neto de Augias e o filho de Amarinceu. Cada um desses quatro comandaram dez navios na expedição a Troia. Áctor já possuía uma participação no reino graças à sua mãe Hírmine, filha de Neleu, cujo nome deu ele à hoje desaparecida cidade de Hírmine.[4]

c. Hércules não se cobriu de glórias nessa guerra eleia. Ele ficou doente e, quando os Moliônidas derrotaram seu exército, que estava acampado no centro da Élida, os coríntios intervieram e proclamaram a Trégua Ístmica. Entre os feridos pelos Moliônidas se encontrava Íficles, o irmão gêmeo de Hércules. Seus amigos o levaram desfalecido para Feneu, na Arcádia, onde finalmente morreu e se transformou em herói. Trezentos e sessenta cleoneus morreram também, lutando com valentia ao lado de Hércules, que lhes cedeu as honras a ele

outorgadas pelos nemeeus após haver matado o leão.[5] Ele se retirou então para Oleno, pátria de seu amigo Dexâmeno, sogro dos Moliônidas, cuja filha caçula, Dejanira, ele violou após prometer casar-se com ela. Quando Hércules seguiu adiante, o centauro Eurítion pediu a mão de Dejanira, que Dexâmeno não se atreveu a negar-lhe; mas, no dia do casamento, Hércules reapareceu de repente, matou Eurítion e seus irmãos e raptou Dejanira. Há quem diga, contudo, que a prometida de Hércules se chamava Mnesímaca ou Hipólita, baseando-se no fato de que Dejanira é geralmente considerada filha de Eneu. Dexâmeno havia nascido em Bura, localidade famosa por seu oráculo de dados de Hércules.[6]

d. Quando Hércules voltou a Tirinto, Euristeu o acusou de ter em mira a dignidade régia na qual ele mesmo havia sido confirmado por Zeus, e o baniu da Argólida. Com sua mãe Alcmena e seu sobrinho Iolau, Hércules se uniu a Íficles em Feneu, onde escolheu como amante Laonoma, filha de Guneu. Pelo meio da planície feneia ele abriu um canal para o rio Aroânio. Mas o rio não tardou em abandonar esse canal, que desabou aqui e ali, e voltar ao seu leito anterior. Ele também abriu profundas fendas no sopé dos montes feneus para desviar a água das inundações; elas serviam bem aos seus propósitos, embora, numa ocasião, depois de um aguaceiro, o Aroânio subiu tanto que inundou a antiga cidade de Feneu; ainda podem ser vistas nas encostas da montanha as marcas que indicam até que altura o rio subiu.[7]

e. Depois, sabendo que os habitantes da Élida enviariam uma procissão para homenagear Poseidon no Terceiro Festival Ístmico, e que os Moliônidas iam presenciar os jogos e participar dos sacrifícios, Hércules lhes preparou uma emboscada numa floresta situada junto à estrada antes de Cleonas, e matou os dois juntamente com o primo deles, o outro Êurito, filho do rei Augias.[8]

f. Molíone logo ficou sabendo quem havia matado seus filhos e fez com que os eleus exigissem uma reparação da parte de Euristeu, baseando-se no fato de que Hércules era natural de Tirinto. Quando Euristeu declinou sua responsabilidade pelos delitos de Hércules, que ele havia desterrado, Molíone pediu aos coríntios que excluíssem todos os argivos dos jogos ístmicos até que reparassem o assassinato. Eles se negaram a fazê-lo, diante do que Molíone amaldiçoou todos os eleus que participassem do festival. Sua maldição é respeitada: nenhum atleta da Élida jamais participou dos jogos ístmicos.[9]

g. Hércules então pediu a Onco que lhe emprestasse o cavalo de crina negra Árion; ele o domou, recrutou um novo exército em Argos, Tebas e na Arcádia e saqueou a cidade da Élida. Há quem diga que tenha matado Augias e seus filhos, e restaurado Fileu, o rei legítimo, colocando-o no trono da Élida; outros dizem que, no final, ele salvou a vida de Augias. Ao decidir repopular a Élida, ordenando às viúvas dos eleus mortos que se entregassem a seus soldados, as

viúvas rogaram em conjunto a Atena que fossem capazes de conceber ao primeiro abraço. Sua súplica foi atendida e, em agradecimento, elas fundaram um templo dedicado à Mãe Atena. Tão geral foi o regozijo por esse ditoso acontecimento, que o lugar onde elas haviam se unido aos seus novos maridos e o riacho que corre perto dele foram chamados de *Bady*, que é a palavra eleia para "carinhoso". Hércules entregou depois o cavalo Árion a Adrasto, dizendo que, afinal, ele preferia lutar a pé.[10]

h. Mais ou menos nessa época, Hércules conquistou o epíteto de Búfago, ou "comedor de bois". A história foi a seguinte: Lepreu, filho de Cáucon e Astidâmia, que fundou a cidade de Lepreu na Arcádia (o nome do distrito derivava da lepra que ali havia atacado os primeiros habitantes), dera ao rei Augias o absurdo conselho de acorrentar Hércules tão logo ele lhe pedisse o pagamento pela limpeza dos estábulos. Ao saber que Hércules se dirigia à cidade, Astidâmia convenceu Lepreu a recebê-lo cordialmente e lhe pedir perdão. Hércules o perdoou, mas desafiou Lepreu a uma competição tripla: lançamento de disco, beber um balde de água atrás do outro e comer um boi inteiro. Embora Hércules tenha ganhado no lançamento de disco e na prova da água, Lepreu comeu um boi mais rápido que ele. Exaltado com o triunfo, Lepreu desafiou Hércules a um duelo, e morreu em seguida, ao golpe da clava. Sua tumba pode ser vista em Figália. Os lepreus, que veneram Deméter e o Zeus do álamo-branco, foram sempre súditos da Élida; e, se algum deles ganha um prêmio em Olímpia, o arauto o proclama como sendo eleu de Lepreu. Os eleus continuam homenageando o rei Augias como herói, e somente durante o reinado do espartano Licurgo eles foram convencidos a esquecer sua inimizade com Hércules e passaram a fazer sacrifícios também a ele, evitando, assim, uma nova epidemia.[11]

i. Após a conquista da Élida, Hércules reuniu o seu exército em Pisa e utilizou a pilhagem para instaurar o famoso Festival Olímpico e os jogos a cada quatro anos em homenagem a seu pai Zeus, os quais, a julgar por certos relatos, eram somente a oitava competição atlética que se realizava.[12] Depois de medir um recinto para Zeus e de haver cercado o Bosque Sagrado, ele saiu do estádio, chamou um pequeno morro próximo de "Colina de Cronos" e ergueu seis altares aos deuses olímpicos: um para cada par deles. Ao realizar os sacrifícios a Zeus, ele queimou as coxas das vítimas num fogo de madeira de álamo-branco, extraída das árvores que cresciam junto ao rio tesprócio Aqueronte; e também fundou um lar sacrifical em homenagem ao seu bisavô Pélope, atribuindo-lhe um altar. Como nessa ocasião o perturbaram muito as moscas, ele ofereceu um segundo sacrifício ao Zeus Afugentador de Moscas, que as enviou zumbindo

para o outro lado do rio Alfeu. Os eleus continuam fazendo sacrifícios a esse Zeus quando querem expulsar as moscas de Olímpia.[13]

j. Então, na primeira Lua cheia depois do solstício de verão, tudo estava preparado para o Festival, só que o vale carecia de árvores que o protegessem do sol. Assim, Hércules voltou ao país dos hiperbóreos, onde havia admirado as oliveiras silvestres que cresciam nas nascentes do Danúbio, e convenceu os sacerdotes de Apolo que lhe dessem uma com a finalidade de a plantar no recinto de Zeus. Ao voltar a Olímpia, ele ordenou que o árbitro etólio coroasse os vencedores com as folhas dessa árvore, que seriam a sua única recompensa, já que ele próprio havia realizado seus Trabalhos sem ter recebido nenhum pagamento de Euristeu. Essa árvore, chamada de "Oliveira da Coroa Justa", se encontra no Bosque Sagrado, atrás do templo de Zeus. Os ramos para as coroas são cortados com uma foice de ouro por um menino de origem nobre, cujos pais devem estar ainda vivos.[14]

k. Dizem que Hércules ganhou todas as provas por falta de competidor, pois ninguém ousava concorrer com ele; mas a verdade é que todas elas foram disputadas com entusiasmo. Entretanto, não puderam ser encontrados competidores para o pugilato, até que Zeus, disfarçado, condescendeu em entrar no ringue. A luta terminou empatada, Zeus se revelou ao seu filho Hércules, todos os espectadores o aclamaram com alegria e a Lua cheia brilhou como se fosse dia.[15]

l. Mas, segundo uma lenda mais antiga, os jogos olímpicos foram fundados pelo Hércules Dáctilo, e foi ele quem trouxe a oliveira silvestre do país dos hiperbóreos. Os talismãs e amuletos em homenagem a Hércules Dáctilo são de uso muito frequente entre as feiticeiras, que sentem pouco respeito pelo Hércules filho de Alcmena. Diz-se que o altar de Zeus, que está a meio caminho entre o templo de Pélope e o de Hera, mas diante de ambos, foi construído por esse primeiro Hércules, como o altar de Pérgamo, com as cinzas dos fêmures das vítimas que sacrificou a Zeus. Uma vez por ano, no décimo nono dia do mês eleu eláfio, os adivinhos tiram as cinzas da Sala do Conselho e, após umedecê-las com água do rio Alfeu — pois nenhuma outra serviria —, eles aplicam ao altar uma nova camada desse emboço.[16]

m. Isso não pressupõe, contudo, que o Hércules filho de Alcmena não tenha fundado de novo os jogos, pois na Élida pode ser visto um antigo ginásio amuralhado em que os atletas realizam treinamentos. Altos plátanos erguem-se entre as pistas de corrida, e o recinto se chama Xisto porque Hércules realizava exercícios lá dentro *raspando* cardos. Mas o cretense Clímeno, filho de Cardis, um descendente dos Dáctilos, havia celebrado o Festival só cinquenta anos depois do Dilúvio de Deucalião; e o mesmo foi feito, subsequentemente, por

Endimião, Pélope, Amitáon, filho de Creteu, Pélias, Neleu e, segundo alguns, também por Augias.[17]

n. O Festival Olímpico é celebrado num intervalo alternante de 49 e cinquenta meses, conforme o calendário, e passou a durar cinco dias: do dia 11 até o dia 15 do mês em que ele cai. Os arautos proclamam um armistício total em toda a Grécia durante o mês inteiro, e não se permite a participação de nenhum atleta que haja cometido alguma felonia ou delito contra os deuses. Originalmente, o festival era organizado pelos pisanos, mas, após o regresso final dos Heraclidas, seus aliados etólios se instalaram na Élida e se encarregaram dessa tarefa.[18]

o. No lado setentrional da Colina de Cronos, no templo de Ilítia, mora uma serpente chamada Sosípolis; uma virgem sacerdotisa com véu branco a alimenta com bolos de mel e água. Esse costume recorda um milagre que afugentou os árcades quando lutaram contra a terra santa da Élida: uma mulher desconhecida se apresentou diante dos generais eleus com uma criança de peito e o entregou como o paladino deles. Eles acreditaram na mulher e, quando ela a colocou entre os dois exércitos, a criança se transformou numa serpente. Os árcades fugiram, perseguidos pelos eleus, e sofreram terríveis baixas. O templo de Ilítia assinala o lugar onde a serpente desapareceu pela Colina de Cronos. Em seu cume, sacrifícios são oferecidos a Cronos no equinócio de primavera, no mês de eláfio, por sacerdotisas chamadas “Rainhas”.[19]

1. Este mito registra, ao que parece, uma invasão aqueia fracassada ao Peloponeso ocidental, seguida, em fins do século XIII a.C., por uma segunda invasão que só então teve êxito, e que foi confundida, entretanto, com a invasão dória do século XI a.C., pois Hércules era também um herói dório. O assassinato de Eurítion pode ter sido deduzido a partir do mesmo ícone nupcial que representava a morte de Folo. A escavação do canal do Aroano, realizada por Hércules, é paralela com façanhas similares na Élida (vide 121. *d*), Beócia (vide 142. *3*) e Trácia (vide 130. *b*). As honras tributadas aos 360 cleoneus provavelmente se referem a um mistério calendárico, pois 360 é o número de dias do ano egípcio, que exclui os cinco dias consagrados a Osíris, Hórus, Set, Ísis e Néftis.

2. A lepra associada a Lepreu era o *vitiligo*, uma enfermidade da pele causada por alimentos impuros, que podia ser curada pela deusa-Lua do álamo-

branco (*A deusa branca*, p. 432). A verdadeira lepra não chegara à Europa até o século primeiro da era cristã.

3. O título de Búfago, concedido a Hércules, referia-se originalmente à deglutição de um boi pelos seus adoradores.

4. Sosípolis deve ter sido o espírito de Cronos, cujo nome deu-se ao pequeno morro e cuja cabeça foi enterrada na encosta setentrional para proteger o estádio que se encontrava do lado de trás, perto da confluência do Cladeu com o Alfeu. Seu equivalente britânico Bran guardava igualmente a Colina da Torre que dominava Londres (vide 146. *2*). O equinócio de primavera, quando as corças dão cria, ocorre durante o mês do amieiro do calendário arbóreo, chamado também de eláfio ("do corço"), e que curiosamente é consagrado a Cronos-Bran (*A deusa branca*, pp.168-172 e 206-207). Isso indica que, originalmente, o Ano-novo da Élida começava no solstício de primavera, como em algumas zonas da Itália, quando o rei do Ano-velho, portando cornos como Actéon (vide 22. *1*), era assassinado pelas mulheres enfurecidas, ou "Rainhas". O Hércules Dáctilo pertence a esse culto (vide 53. *b*). Parece que os Pelópidas modificaram o calendário quando chegaram com sua carruagem e toninha solares, fazendo com que os jogos fúnebres celebrassem, no solstício de verão, a morte e a sucessão de Zeus, o rei sagrado, pelo seu sucessor, do mesmo modo que o rei se vingava do sucessor no solstício de inverno. Portanto, na época clássica, o Ano-novo da Élida era celebrado no verão. A menção de Pélope indica que o rei era devorado sacrificalmente e as cinzas de seus ossos eram misturadas com água para rebocar o altar da deusa. Ele era chamado de Zeus Verde, ou Aquiles (vide 164. *5*), e também de Hércules.

5. A oliveira silvestre, utilizada na Grécia para expulsar os demônios e os rancores do Ano-velho, que assumiam a forma de moscas, foi trazida da Líbia, de onde mais provavelmente o culto do Setentrião se originou (vide 48. *1* e 133. *5*), em vez de ter-se originado no norte. Em Olímpia, devia ser o visco (ou *Ioranthus*), e não a oliveira silvestre, o que o menino cortava com uma foice de ouro (vide 7. *1* e 50. *2*), pois a oliveira silvestre figurava no calendário das árvores hiperbóreas (vide 119. *3*). A corrida que as meninas disputavam pelo posto de sacerdotisa de Hera foi o primeiro acontecimento desse tipo a ser celebrado, mas quando o ano único do reinado do rei foi prolongado pelo Grande Ano de cem meses nominais — para permitir uma sincronização mais exata do tempo solar com o lunar — o rei governava durante a metade desse período e seu sucessor, durante a outra metade. Posteriormente, ambos reinavam simultaneamente com o título de Molíones e não eram menos unidos que os reis de Esparta (vide 74. *1*). Talvez na Grécia tenha havido um caso de irmãos siameses para reforçar a metáfora. Mas a divisão da Élida realizada por Augias,

sobre a qual informa Homero, demonstra que, numa etapa ainda posterior, o rei sagrado conservava um terço de seu reino quando chegava o momento de se retirar, assim como fez Preto em Argos. É evidente que Amarinceu obteve sua parte mediante conquista.

6. Molíones talvez seja um título da deusa-Lua eleia, padroeira dos jogos, e que significa "Rainha de Moly", *moly* significando uma espécie de erva que, noutras partes, neutralizava a magia lunar (vide 170. *5*); chamava-se também Agamede ("muito astuta"), e esse é o nome da filha feiticeira de Augias, que "conhecia todas as drogas que crescem sobre a Terra" (Homero: *Ilíada* XI. 739-741). Na Grécia clássica, "Atena Mãe" era um conceito estranho e indecoroso, que tinha de ser desculpado por meio de explicações (vide 25. *2* e 141. *1*), mas a tradição da Élida indica que orgias eróticas haviam sido celebradas em sua homenagem às margens do rio Bady.

7. A domesticação de Árion, ao que parece, constituía parte do rito da coroação na Onco árcade (vide 130. *1*).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 7. 2; Píndaro: *Odes olímpicas* X. 31-33.

[2] Pausânias: V. 1. 8 e V. 2. 2; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: IX. 834 e XXIII. 1.442.

[3] Homero: *Ilíada* XI. 709; Apolodoro: *loc. cit.*; Íbico, citado por Ateneu: II. 50; Porfírio: *Questões referentes à Ilíada de Homero* 265; Plutarco: *Sobre o amor fraterno* I.

[4] Pausânias: V. 1. 8 e V. 3. 4; Homero: *Ilíada* II. 615-624; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 172.

[5] Apolodoro: *loc. cit.*; Píndaro: *Odes olímpicas* X. 31-33; Pausânias: V. 2. 1 e VIII. 14. 6; Eliano: *Varia Historia* IV. 5.

[6] Higino: *Fábula* 33; Apolodoro: II. 5. 5 e 7. 5; Diodoro Sículo: IV. 33; Pausânias: VII. 25. 5-6.

[7] Diodoro Sículo: *loc. cit.*; Pausânias: VIII. 14. 1-3.

[8] Apolodoro: II. 7. 2; Diodoro Sículo: *loc. cit.*; Pausânias: II. 15. 1; Píndaro: *Odes olímpicas* X. 26 *et seq.*

[9] Pausânias: V. 2. 2-3.

[10] Pausânias: VIII. 25. 5 e V. 3. 1; Apolodoro: II. 7. 2; escoliasta homérica, citada por Meursius: *Sobre Licofrone* 40; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 666.

[11] Ateneu: X. 412; Pausânias: V. 4. 1; 4. 4 e 5. 3-4.

[12] Píndaro: *Odes olímpicas* X. 43 *et seq.*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 41; Higino: *Fábula* 273.

[13] Píndaro: *loc. cit.*; Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: V. 13. 1 e 14. 2-3.

[14] Píndaro: *Odes olímpicas* III. 11 *et seq.*; Diodoro Sículo: IV. 14; Pausânias: V. 15. 3.

[15] Diodoro Sículo: *loc. cit.*; Píndaro: *Odes olímpicas* X. 60 *et seq.*; Pausânias: V. 8. 1; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 41.

[16] Pausânias: V. 7. 4 e 13. 5; Diodoro Sículo: V. 64.

[17] Pausânias: VI. 23. 1 e V. 8. 1.

[18] Escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: III. 35 e V. 6; Demóstenes: *Contra Aristócrates*, pp. 631-632; Estrabão: VIII. 3. 33.

[19] Pausânias: VI. 20. 1-3.

139

A CAPTURA DE PILO

Em seguida, Hércules saqueou e incendiou a cidade de Pilo, pois seus habitantes haviam acudido em auxílio da Élida. Matou os filhos de Neleu, exceto o caçula, Nestor, que estava em Gerânia, mas o próprio Neleu escapou com vida.[1]

b. Atena, defensora da justiça, lutou em favor de Hércules, e Pilo foi defendida por Hera, Poseidon, Hades e Ares. Enquanto Atena combatia com Ares, Hércules se enfrentava com Poseidon, clava contra tridente, obrigando-o a retroceder. Depois ele correu em auxílio de Atena, com a lança na mão, e na terceira investida atravessou o escudo de Ares, atirando-o com a cabeça no chão; e depois, desferindo-lhe um poderoso golpe na coxa, ele fincou profundamente a lança na divina carne de Ares, que fugiu angustiado para o Olimpo, onde Apolo aplicou-lhe unguentos calmantes na ferida e o curou em menos de uma hora. Ele retomou a luta, até que uma das flechas de Hércules atravessou-lhe o ombro e o obrigou a abandonar definitivamente o campo de batalha. Enquanto isso, Hércules havia ferido também Hera no peito direito com uma flecha de três pontas.[2]

c. O filho mais velho de Neleu, o argonauta Periclímeno, fora dotado por Poseidon com uma força ilimitada e o poder de assumir a forma que desejasse, fosse ave, animal ou árvore. Nessa ocasião, ele se transformou primeiro num leão, depois, numa serpente e, após algum tempo, para burlar a vigilância, subiu no jugo dos cavalos de Hércules sob a forma de formiga, mosca ou abelha.[3] Hércules, alertado por Atena, reconheceu Periclímeno e pegou de sua clava. O argonauta então se transformou numa águia e arremeteu contra os olhos de Hércules, que disparou rapidamente uma flecha que se cravou debaixo da sua asa. Aturdido, ele começou a cair e, enquanto caía, a flecha atravessou-lhe o

pescoço e o matou. Mas, segundo outra versão, ele teria conseguido fugir são e salvo. Dizem ainda que Hércules havia atacado Poseidon numa ocasião anterior, após a morte de Ífito, quando Neleu se negara a purificá-lo; e que a luta com Hades ocorreu na outra Pilo da Élida, quando Hércules foi desafiado por ter levado Cérbero embora sem permissão.[4]

d. Hércules entregou a cidade de Messênia a Nestor, para que a administrassem seus descendentes, recordando que Nestor não interviera no roubo do rebanho de Gerião; e não tardou em amá-lo ainda mais do que Hilas e Iolau. Nestor foi o primeiro homem a jurar pelo nome de Hércules.[5]

e. Embora eles mesmos tenham reconstruído Pilo, os eleus aproveitaram a fraqueza dos pilienses para oprimi-los de maneira mesquinha. Neleu conservou sua paciência até que, um dia, tendo enviado um carro e uma parelha de quatro cavalos campeões a um concurso para competir por um trípode nos jogos olímpicos, ele descobriu que Augias havia se apoderado deles e enviado o auriga de volta, a pé. Diante disso, ele ordenou a Nestor, em represália, que realizasse uma incursão na planície da Élida, e Nestor conseguiu apoderar-se de cinquenta boiadas, cinquenta rebanhos ovinos, cinquenta varas de porcos, cinquenta rebanhos de cabras e 150 éguas alazãs, muitas delas com seus potrinhos, vencendo os eleus que se opuseram e ensanguentando sua lança nessa primeira luta. Os arautos de Neleu convocaram, em seguida, todos os habitantes de Pilo com quem os eleus tinham alguma dívida e, após repartir a pilhagem entre os pleiteadores, e reservando a parte do leão para Nestor, ofereceram-se sacrifícios generosos aos deuses. Três dias depois, os eleus avançaram contra Pilo em formação militar — entre eles, os dois filhos órfãos dos Molíones, que haviam herdado seu título — e cruzaram a planície a partir de Triessa. Mas Atena surgiu à noite para avisar e colocar em formação os pilienses; quando travou-se a batalha, Nestor, que ia a pé, derrubou Amarinceu, o comandante eleu, tomou seu carro e abriu espaço como uma tempestade entre as fileiras eleias, apoderando-se de outros cinquenta carros e matando uma centena de homens. Os Molíones teriam também tombado debaixo de sua irredutível lança, não os houvesse Poseidon envolto numa névoa impenetrável e os distanciado dali. Os eleus, acossados veementemente pelo exército de Nestor, fugiram para a Rocha Olênia, onde Atena ordenou a suspensão da marcha.[6]

f. Foi admitida uma trégua. Amarinceu foi enterrado em Buprásio e foram-lhe outorgados jogos fúnebres, dos quais participaram numerosos pilienses. Os Molíones ganharam a corrida de carros, empurrando Nestor na curva, mas diz-se que ele ganhou todas as demais provas: luta, pugilato, corrida a pé e arremesso de dardo. Cabe acrescentar que a principal testemunha dessas façanhas foi o próprio Nestor em sua loquaz idade avançada, pois, graças a Apolo, que lhe

concedeu os anos de que haviam sido privados seus tios maternos, ele viveu três séculos, e nenhum contemporâneo seu sobreviveu para poder desmenti-lo.[7]

1. A captura de Pilo parece ser mais um episódio da invasão aqueia do Peloponeso no século XIII a.C. Hera, Poseidon, Hades e Ares, os deuses mais velhos, ajudam a Élida; os mais jovens, Atena renascida da cabeça de Zeus, e Hércules como filho de Zeus, se opõem a eles. A derrota de Hércules sobre Periclímeno, o que mudava de forma, pode indicar a supressão de um sacrifício de crianças no Ano-novo; e a faculdade de Periclímeno de assumir a forma de qualquer árvore se refere, ao que parece, à sucessão de treze meses pelos quais passava o *interrex* em sua dança ritual, tendo cada mês uma árvore emblemática, desde a oliveira silvestre até o mirto (vide 52. *3* e 169. *6*). O ferimento de Hades apresenta Hércules como o paladino destinado a desafiar a morte e tornar-se imortal (vide 145. *h*). Ademais, segundo Homero (*Ilíada* V. 319 *et seq*.), ele feriu Hades “em Pilo, entre os cadáveres”, o que também pode ser lido como “no portão, entre os mortos”, portão sendo aquele do mundo subterrâneo, quiçá no Norte Remoto (vide 170. *4*). Se assim for, Hades é um substituto de Cronos, que Hércules vencera na ilha sepulcral de Eriteia (vide 132. *d*), e o combate é uma repetição do Décimo Segundo Trabalho, quando ele penetrou no Inferno. Os aliados pilienses de Hércules, que receberam uma ajuda incomensurável da parte de Atena, são descritos por Homero (*Ilíada* XI. 617 e 761) como aqueus, embora a dinastia de Neleu fosse, na verdade, eólia.

2. O ferimento infligido a Hera por Hércules no peito direito com uma flecha de três pontas parece ser uma alegoria da invasão dória no Peloponeso ocidental, quando as três tribos que se consideravam Filhas de Hércules humilharam o poder da deusa da Élida (vide 146. *1*).

NOTAS

[1] Pausânias: II. 2. 2; III. 26. 6 e V. 3. 1; Apolodoro: II. 7. 3; Diodoro Síciulo: IV. 68.

[2] Pausânias: VI. 25. 3; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XI. 689; Hesíodo: *O escudo de Hércules* 359 *et seq*.; Píndaro: *Odes olímpicas* X. 30-31; Homero: *Ilíada* V. 392 *et seq*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 39.

[3] Apolônio de Rodes: I. 156-160; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 285; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: II. 336 e XI. 286.

[4] Apolodoro: I. 9. 9; Hesíodo, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 156; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 548 *et seq*.; Higino: *Fábula* 10; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: IX. 30 *et seq*.

[5] Pausânias: II. 18. 6; Filóstrato: *Heroica* 2.

[6] Pausânias: VI. 22. 3; Homero: *Ilíada* XI. 671 e 761.

[7] Homero: *Ilíada* XXIII. 630-642; Higino: *Fábula* 10.

140

OS FILHOS DE HIPOCOONTE

Hércules decidiu atacar Esparta e castigar os filhos de Hipocoonte. Eles não só se haviam negado a purificá-lo após a morte de Ífito e lutado contra ele a mando de Neleu, como também haviam assassinado Eono, seu amigo. Sucedera que Eono, filho de Licímnio, que havia acompanhado Hércules a Esparta, passeava pela cidade quando, ao passar em frente ao palácio de Hipocoonte, um grande sabujo molosso saiu correndo para cima dele, e, para se defender, ele atirou uma pedra que o golpeou no focinho. Os filhos de Hipocoonte lançaram-se sobre ele, espancando-o com porretes. Hércules correu para ajudar Eono, mas chegou demasiado tarde. Eono foi morto a esbordoadas e Hércules, ferido na palma da mão e na coxa, fugiu para o templo de Deméter Eleusina, nas redondezas do monte Taígeto, onde Asclépio o escondeu e curou-lhe as feridas.[1]

b. Tendo reunido um pequeno exército, Hércules se dirigiu então para Tégea, na Arcádia, onde rogou a Cefeu, filho de Áleo, que se unisse a ele junto com seus vinte filhos. No início, Cefeu se negou, temendo pela segurança de Tégea caso deixasse a cidade. Mas Hércules, que recebera de Atena uma mecha da cabeleira da Górgona num jarro de bronze, presenteou Aeropa, filha de Cefeu, com esse jarro, dizendo-lhe que, caso a cidade fosse atacada, ela devia mostrar a mecha três vezes do alto das muralhas, de costas para o inimigo, que então bateria imediatamente em retirada. Mas, assim como mais tarde os acontecimentos demonstraram, Aeropa não teve necessidade de utilizar o talismã.[2]

c. Assim, Cefeu se uniu à expedição contra Esparta, a qual, desgraçadamente, ceifou-lhe a vida, junto com dezessete de seus filhos. Segundo outras versões, Íficles também teria morrido, mas é provável que se tratasse do argonauta etólio que tinha o mesmo nome, e não do filho de Anfitrião. O

exército de Hércules sofreu outras poucas baixas, ao passo que os espartanos perderam Hipocoonte e seus doze filhos, além de numerosos homens da mais alta estirpe, e sua cidade foi tomada de assalto. Hércules logo restaurou Tíndaro, deixando a administração do reino para os seus próprios descendentes.[3]

d. Como Hera, inexplicavelmente, não se opusera a ele nessa campanha, Hércules ergueu-lhe um templo em Esparta e lhe sacrificou cabras, pois não dispunha de outras vítimas. Por essa razão, os espartanos são os únicos gregos que apelidam Hera de "comedora de cabras" e lhe oferecem esses animais. Hércules levantou também um templo a Atena das Desistências Justas e, na estrada de Terapne, um altar a Asclépio Cotíleo, que comemora a ferida que sofreu na mão. Um templo de Tégea, chamado "Lar Comum dos Árcades", é notável pela estátua de Hércules com a ferida na coxa.[4]

1. O mito de Hércules, aqui, se transforma numa saga, e se introduz um pseudomito para explicar certas anomalias, como a Hera Comedora de Cabras, o Asclépio da Palma da Mão, o Hércules da Coxa Ferida e a longa imunidade de Tégea diante do assalto. Mas, em outra época, as furiosas mulheres de Hera haviam devorado Zagreu, Zeus e Dionísio sob a forma de cabra montanhesa; a estátua de Asclépio provavelmente continha remédios na palma da mão; a ferida na coxa de Hércules certamente fora feita por um javali (vide 157. *e*), e é bem possível que os tegeeus exibissem uma cabeça de Górgone em seus portões com a função de amuleto profilático. Assaltar uma cidade protegida desse modo era, por assim dizer, o mesmo que violar a deusa donzela Atena, superstição que os atenienses também fomentavam.

2. O fato de Hércules sempre deixar uma cidade aqueia, etólia, siciliana ou pelasga sob a administração de seus descendentes não é mais do que uma tentativa de justificar sua captura posterior por parte dos dórios (vide 132. *q* e *6*; 143. *d* e 146. *e*).

NOTAS

[1] Apolodoro: II. 7. 3; Pausânias: III. 15. 3; III. 19. 7; III. 20. 5 e VIII. 53. 3.

[2] Apolodoro: *loc. cit.*; Pausânias: VIII. 47. 4.

[3] Apolodoro: *loc. cit*. e III. 10. 5; Diodoro Sículo: IV. 33.

[4] Pausânias: III. 15. 7, III. 19. 7 e VIII. 53. 3.

141

AUGE

Áleo, rei de Tégea, filho de Afidas, casou-se com Neera, filha de Pereu, com quem teve os filhos Auge, Cefeu, Licurgo e Afidamante. Um antigo templo de Atena Álea, fundado em Tégea por Áleo, ainda guarda um leito sagrado da deusa.[1]

b. Quando, numa visita a Delfos, Áleo foi avisado pelo Oráculo de que os dois irmãos de Neera morreriam nas mãos de seu filho e de sua filha, ele se apressou a voltar para casa e designou Auge sacerdotisa de Atena, ameaçando matá-la caso perdesse a virgindade. Não se sabe ao certo se Hércules passou por Tégea em sua jornada para combater o rei Augias ou na sua volta de Esparta, mas, em todo caso, Áleo o recebeu com grande hospitalidade no templo de Atena. Lá, exaltado pelo vinho, Hércules violou a sacerdotisa virgem junto a uma fonte que ainda pode ser vista no lado setentrional do templo. Entretanto, como Auge não gritou, costuma-se insinuar que ela chegou ali para um encontro marcado.[2]

c. Hércules continuou seu caminho e, em Estinfalo, concebeu Everes com Partênope, filha de Estinfalo. Nesse meio-tempo, porém, a peste e a fome assolaram Tégea, e Áleo, informado pela pitonisa de que um delito havia sido cometido no recinto sagrado de Atena, dirigiu-se até lá e encontrou Auge em avançado estado de gestação. Embora tenha chorado e declarado que Hércules a violentara tomado pela embriaguez, Áleo não acreditou em uma só palavra dela. Arrastou-a, então, até a praça do mercado de Tégea, onde ela caiu de joelhos, no lugar onde hoje se encontra o templo de Ilítia, famoso por sua imagem de "Auge Ajoelhada".[3] Envergonhado de matar sua filha em público, Áleo encarregou o rei Náuplio de afogá-la. Para cumprir a tarefa, Náuplio pôs-se a caminho de Náuplia com Auge, mas, no monte Partênio, ela começou a sentir dores de parto e,

alegando uma desculpa qualquer, entrou num bosque. Lá ela deu à luz um filho, que ocultou numa moita, e voltou ao lugar onde Náuplio a aguardava paciente, junto à estrada. Entretanto, não tendo a intenção de afogar uma princesa quando podia vendê-la a um bom preço no mercado de escravos, ele vendeu Auge a uns comerciantes cários que acabavam de chegar a Náuplia, os quais, por sua vez, venderam-na a Teutras, rei da Teutrânia mísia.[4]

d. O filho de Auge foi amamentado por uma corça no monte Partênio — onde tem um recinto sagrado — e foi encontrado por uns pastores que o chamaram Télefo, e o levaram ao seu amo, o rei Córito. Ao mesmo tempo, por coincidência, os pastores de Córito descobriram o bebê de Atalanta, que ela havia tido com Meléagro, abandonado na mesma encosta de montanha; deram-lhe o nome de Partenopeu, que quer dizer "filho de uma virgindade perfurada", pois Atalanta fingia continuar virgem.[5]

e. Quando Télefo atingiu a virilidade, ele consultou o Oráculo de Delfos para saber de seus pais. O Oráculo proferiu-lhe estas palavras: "Navegue em busca do rei Teutras, o mísio." Na Mísia, ele encontrou Auge, então já casada com Teutras, que lhe informou que ela era sua mãe e Hércules, o seu pai, o que não era difícil de acreditar, pois nenhuma mulher jamais havia tido com Hércules um filho que se parecesse tanto com o pai. Por conseguinte, Teutras concedeu imediatamente a Télefo a mão de sua filha Argíope e o designou herdeiro do trono.[6]

f. Outros dizem que Télefo, após haver matado Hipoto e Nereu, seus tios maternos, dirigiu-se, sem dizer uma só palavra, à Mísia, em busca de sua mãe. "O silêncio de Télefo" tornou-se proverbial, mas Partenopeu o acompanhou como porta-voz.[7] Sucedeu que o famoso argonauta Idas, filho de Afareu, estava prestes a se apoderar do trono da Mísia, e Teutras, desesperado, prometeu renunciar a ele em favor de Télefo e dar-lhe em casamento sua filha adotiva caso expulsasse Idas. Por conseguinte, Télefo, com a ajuda de Partenopeu, venceu Idas numa única batalha. Então, a filha adotiva de Teutras revelou ser Auge, que não reconheceu Télefo, ao passo que nem ele sabia que ela era sua mãe. Fiel à memória de Hércules, ela ocultou uma espada em seu dormitório na noite de núpcias e teria matado Télefo não houvessem os deuses interposto uma grande serpente entre eles. Auge jogou a espada no chão, assustada, e confessou suas intenções homicidas. Ela então apostrofou Hércules, e Télefo, que estava prestes a cometer um matricídio, teve a inspiração de gritar: "Oh, mãe, mãe!" Ambos caíram chorando um nos braços do outro e, no dia seguinte, com a bênção de Teutras, voltaram para a sua terra natal. A tumba de Auge pode ser vista em Pérgamo, junto ao rio Caico. Os habitantes de Pérgamo alegam ser emigrantes árcades que cruzaram a Ásia com Télefo, a quem oferecem sacrifícios de herói.[8]

g. Segundo outra versão, Télefo se casou com Astioqueia, ou Laódice, filha do troiano Príamo. Dizem também que Hércules teria seduzido Auge em Troia, quando lá se encontrava em busca dos cavalos imortais de Laomedonte. Ou que Áleo teria encerrado Auge e seu bebê numa arca deixada ao sabor das ondas, e que, sob o cuidado vigilante de Atena, a arca navegou à deriva até a Ásia Menor, chegando em terra firme na desembocadura do rio Caico, onde o rei Teutras se casou com Auge e adotou Télefo.[9]

*h.*Teutras, caçando um dia no monte epônimo, perseguiu um javali monstruoso que fugiu para o templo de Ártemis Ortósia. Ele estava prestes a entrar no templo quando o javali gritou: "Poupe-me a vida, senhor! Sou o filho lactente da Deusa!" Teutras não fez caso disso e o matou, ofendendo assim Ártemis tão profundamente que ela devolveu a vida ao javali, castigou Teutras com feridas de lepra e o enviou, acometido por delírios, para o cume da montanha. Entretanto, sua mãe, Leucipa, apressou-se em ir ao bosque, levando consigo o adivinho Políido, e apaziguou Ártemis com generosos sacrifícios. Teutras curou-se da lepra por meio da pedra Antipathes, que pode ser encontrada abundantemente no cume do monte Teutras. Diante disso, Leucipa ergueu um altar a Ártemis Ortósia e mandou fazer um javali mecânico com cabeça de homem inteiramente de ouro, o qual, quando perseguido, se refugia no templo e pronuncia as palavras: "Poupe-me a vida!"[10]

i. Enquanto estava na Arcádia, Hércules visitou o monte Ostracina, onde seduziu Fíalo, filha do herói Alcimedonte. Quando ela deu à luz um filho chamado Ecmágoras, Alcimedonte colocou os dois para fora de sua caverna para que morressem de fome na montanha. Ecmágoras pôs-se a chorar desconsoladamente e um gárrulo bem-intencionado voou atrás de Hércules, imitou o som daquele pranto e conseguiu guiá-lo até a árvore onde estava Fíalo, amordaçada e amarrada pelo seu cruel pai. Hércules os colocou em liberdade e a criança chegou à idade viril. Desde então, o manancial próximo dali se chama Cissa, que quer dizer "gárrulo".[11]

1. O leito de Atena em Tégea e o suposto estupro de sua sacerdotisa Auge, cometido por Hércules, identificam essa Atena com Neith, ou Anata, deusa-Lua orgiástica cuja sacerdotisa realizava um casamento anual com o rei sagrado para garantir boas colheitas. Relíquias desse costume foram encontradas no templo de Hércules em Roma, onde sua noiva chamava-se Aca — equivalente da Deusa

Branca peloponesa Acco —, e em Jerusalém, onde, antes das reformas religiosas da Diáspora, parece que se celebrava um casamento sagrado todos os meses de setembro entre o sumo sacerdote, representante de Jeová, e a deusa Anata. O professor Raphael Patai resume as evidências desse matrimônio em Jerusalém em sua obra *Man and Temple* (pp. 88-94, Londres, 1947). As crianças divinas que se supunham nascidas dessas uniões transformavam-se nos espíritos do trigo do ano seguinte. Assim, Atena Álea era uma deusa do trigo, padroeira dos moinhos de farinha. Os numerosos filhos que Hércules concebeu com ninfas atestam a preponderância dessa teoria religiosa. Atribui-se-lhe apenas uma filha anômala, Macária ("bendita").

O mito de Auge tem sido relatado para explicar uma emigração árcade à Mísia, provavelmente provocada pela pressão dos aqueus, e as festividades tegeias em homenagem ao deus do Ano-novo como gamo, as quais, a julgar pelo fragmento de Hesíodo, tinham sua contrapartida na Tróade.

2. O fato de Auge e seu filho terem ficado à deriva numa arca até chegarem ao rio Caico — cena retratada no altar e nas moedas de Pérgamo — significa simplesmente que o culto de Auge e Télefo havia sido levado até a Mísia por colonos tegeus, e que Auge, como deusa-Lua, supostamente ia em seu barco em forma de meia-lua às celebrações do Ano-novo. A subsequente transformação de Atena, de noiva orgiástica em casta donzela guerreira, confundiu a história: em algumas versões, Teutras se transforma no noivo de Auge, mas, noutras, ele a adota bondosamente. A versão de Higino se baseia em algum drama posterior e artificial.

3. O mito do javali de ouro se refere parcialmente às propriedades curativas da pedra *antipathes* do monte Teutras, e em parte, talvez, ao costume mísio de vingar a morte de Adônis, que havia sido morto por Apolo sob a forma de javali. Parece que a vida do representante de Adônis, um homem com presas douradas e vestido numa pele de javali, era poupada se ele conseguisse se refugiar de seus perseguidores no templo de Ártemis, irmã de Apolo. Aparentemente, os reis de Tégea, cidade natal de Auge, eram habitualmente mortos por javalis (vide 140. *1* e 157. *e*).

4. A aventura de Fíalo com o gárrulo é uma fantasia anedótica para explicar, supostamente, o nome do manancial, que, na sua origem, devia ser consagrado a um clã cujo totem era o gárrulo.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 9. 1; Pausânias: VIII. 4. 5-6 e 47. 2.

[2] Alcidamas: *Ulisses* 14-16; Diodoro Síciulo: IV. 33; Apolodoro: II. 7. 4; Pausânias: VIII. 4. 6 e 47. 3.

[3] Diodoro Síciulo: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 7. 8; Pausânias: VIII. 48. 5.

[4] Calímaco: *Hino a Delos* 70; Diodoro Síciulo: *loc. cit*.; Apolodoro: I. 7. 4 e III. 9. 1.

[5] Pausânias: VIII. 54. 5; Apolodoro: III. 9. 1; Diodoro Síciulo: IV. 33; Higino: *Fábula* 99.

[6] Pausânias: X. 28. 4; Alcidamas: *Ulisses* 14-16; Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Síciulo: *loc. cit.*

[7] Higino: *Fábula* 244; Aristóteles: *Poética* 24. 1.460a; Alexis, citado por Ateneu: X. 18. 421d; Amfis, citado por Ateneu: VI. 5. 224d.

[8] Pausânias: I. 4. 6; V. 13. 2 e VIII. 4. 6.

[9] Higino: *Fábula* 101; Dictys Cretensis: II. 5; Hesíodo: *Oxyrhynchus Papyrus* 1.359; *Fragmento* I; Hecateu, citado por Pausânias: VIII. 4. 6; Eurípides, citado por Estrabão: XIII. 1. 69.

[10] Plutarco: *Sobre os rios* 21.

[11] Pausânias: VIII. 12. 2.

142

DEJANIRA

Depois de passar quatro anos em Feneu, Hércules decidiu abandonar o Peloponeso. Liderando uma grande força árcade, ele cruzou o mar até o Calidão, na Etólia, onde fixou residência. Não tendo naquele momento esposa nem filhos legítimos, ele cortejou Dejanira, suposta filha de Eneu, mantendo assim a promessa que havia feito ao espírito do irmão dela, Meléagro. Dejanira, porém, era na verdade filha do deus Dionísio com Alteia, mulher de Eneu, como se tornou evidente quando Meléagro morreu e Ártemis transformou suas irmãs lamuriantes em galinhas-d'angola, ao passo que Dionísio convenceu Ártemis a permitir que Dejanira e sua irmã Gorge conservassem a forma humana.[1]

b. Muitos pretendentes afluíram ao palácio de Eneu em Plêuron para pedir a mão da encantadora Dejanira, que conduzia carros de combate e praticava a arte da guerra. Mas todos abandonavam suas pretensões quando se encontravam em rivalidade com Hércules e o deus fluvial Aqueloo. É publicamente conhecido que o imortal Aqueloo surge em três formas: como touro, como serpente malhada e como homem com cabeça de touro. Correntes de água fluem constantemente de sua barba espessa, e Dejanira preferiria morrer a se casar com ele.[2]

c. Quando Eneu chamou Hércules para defender sua petição, Hércules se vangloriou, dizendo que, se ele se casasse com Dejanira, ela não só teria Zeus como sogro, como também gozaria do reflexo da glória de seus Doze Trabalhos.

Aqueloo — então em forma de homem com cabeça de touro — ridicularizou-o, fazendo notar que também ele era um personagem célebre, pai de todas as águas gregas, e não um estrangeiro errante como Hércules, e que o oráculo de Dodona havia ordenado a todos os visitantes que lhe oferecessem sacrifícios. Depois ele insultou Hércules:

— Ou não é filho de Zeus, ou sua mãe é uma adúltera!

— Sou melhor na luta que no debate, e não vou tolerar que minha mãe seja insultada! — replicou Hércules, franzindo o cenho.

d. Aqueloo tirou sua roupa verde e pôs-se a lutar com Hércules até cair de costas, metamorfoseando-se em seguida numa serpente malhada e escapando sinuosamente.

— Eu já estrangulava serpentes quando estava no berço! — disse Hércules, com um sorriso, e se agachou para agarrá-lo pelo pescoço.

Nisso, Aqueloo se transformou num touro e arremeteu contra o herói. Hércules esquivou-se e, agarrando-o pelos chifres, derrubou-o com tanta força que lhe partiu a ponta direita. Aqueloo retirou-se de maneira ignominiosa e ocultou seu ferimento debaixo de uma coroa de ramos de salgueiro.[3] Dizem que Hércules devolveu o chifre quebrado a Aqueloo em troca do corno da cabra Amalteia, o qual ele ofereceu a Eneu como presente de casamento.[4] Ou ainda que, durante o Décimo Segundo Trabalho, ele levou o chifre para o Tártaro; que as Hespérides o haviam recheado com frutos de ouro, e que se trata agora do chifre da abundância chamado cornucópia, um presente para Pluto, o ajudante de Tique.[5]

e. Depois de se casar com Dejanira, Hércules marchou junto com os calidônios contra a cidade tesprócia de Éfira — conhecida mais tarde como Ciquiro —, onde venceu e matou o rei Filas. Entre os prisioneiros figurava a filha de Filas, Astioqueia, que teve com Hércules um filho, Tlepólemo, embora há quem diga que a mãe de Tlepólemo fosse Astidâmia, filha de Amintor, que Hércules raptou na Éfira eleia, cidade famosa por seus venenos.[6]

f. Aconselhado por um oráculo, Hércules enviou uma mensagem a seu amigo Téspio: “Segure sete de seus filhos em Téspias, envie três para Tebas e ordene aos outros quarenta que colonizem a ilha da Sardenha!” Téspio obedeceu. Os descendentes dos que foram para Tebas continuam recebendo lá homenagens, e os descendentes dos que ficaram em Téspias, chamados demucos, governaram a cidade até recentemente. As forças que Iolau conduziu até a Sardenha incluíam contingentes téspios e atenienses, e essa foi a primeira expedição colonial grega em que os reis pertenciam a uma linhagem diferente da origem da gente comum. Após vencer os habitantes da Sardenha na batalha, Iolau dividiu a ilha em províncias, plantou oliveiras e a tornou tão fértil que, desde então, os cartagineses têm-se disposto a encarar imensas dificuldades e perigos no intuito de apossar-se dela. Ele fundou a cidade de Olbia e animou os atenienses a fundarem a de Ogrila. Com o consentimento dos filhos de Téspio, que consideravam Iolau como seu segundo pai, ele impôs aos colonos o seu próprio nome e os chamou de iolarianos, e eles continuam realizando sacrifícios ao Pai

Iolau, tal como os persas ao Pai Ciro. Diz-se que Iolau, finalmente, voltou à Grécia via Sicília, onde alguns de seus seguidores se estabeleceram e o homenagearam com ritos de herói. Mas, segundo os tebanos, que devem conhecer melhor a história, nenhum dos colonos jamais voltou.[7]

g. Num banquete celebrado três anos mais tarde, Hércules se zangou com um jovem parente de Eneu chamado de diversas formas: Eunomo, Eurínomo, Enomo, Arquias ou Quérias. Era filho de Arquíteles, e foi chamado para verter água nas mãos de Hércules; desajeitado, ele molhou suas pernas. Hércules deu um tapa na orelha do garoto com mais força do que pretendia e o acabou matando. Embora Arquíteles o tenha perdoado pelo acidente, Hércules decidiu sofrer o devido castigo do desterro e foi embora com Dejanira e com o filho deles, Hilo, para Traquine, residência de Ceíce, sobrinho de Anfitrião.[8]

h. Um acidente análogo havia ocorrido em Flio, cidade situada a leste da Arcádia, quando Hércules retornava do Jardim das Hespérides. Como não gostou da bebida que lhe haviam servido, ele golpeou Cíato, o copeiro, e, embora o tenha feito com um só dedo, ele o matou. Em Flio foi construída uma capela em memória de Cíato, diante do templo de Apolo.[9]

i. Há quem diga que Hércules lutou com Aqueloo antes do assassinato de Ífito, e que essa foi a causa de sua mudança para Traquine; outros dizem que foi lá a primeira vez que o desterraram de Tirinto.[10] De qualquer modo, ele foi com Dejanira até o rio Eveno, que se encontrava na época da cheia. Lá, o centauro Nesso, alegando ser o barqueiro autorizado pelos deuses e que o haviam escolhido por sua retidão, ofereceu-se para ajudar Dejanira a cruzar o rio sem se molhar, em troca de uma pequena retribuição, enquanto Hércules o cruzaria a nado. Hércules concordou, pagou a Nesso a quantia desejada, atirou sua clava e seu arco para o outro lado do rio e mergulhou. Mas Nesso, em vez de cumprir o estabelecido, pôs-se a correr na direção contrária com Dejanira nos braços; em seguida, ele a atirou ao chão e tentou violá-la. Ela gritou pedindo ajuda, e Hércules, tomando rapidamente do arco, trespassou o peito de Nesso de uma distância de quase um quilômetro.

j. Ao arrancar a flecha, Nesso disse a Dejanira:

— Se misturar o sêmen que derramei na terra com o sangue da minha ferida, acrescentar azeite de oliva e, secretamente, untar com essa poção a camisa de Hércules, você nunca mais haverá de se queixar por causa da infidelidade do seu marido.

Dejanira tratou de recolher os ingredientes num jarro, que ela lacrou e guardou em absoluto sigilo.[11]

k. Uma outra versão da história reza que Nesso ofereceu a Dejanira lã encharcada em seu próprio sangue e disse-lhe que tecesse com ela uma camisa

para Hércules. Uma terceira versão reza que ele lhe deu a própria camisa manchada de sangue como um talismã amoroso e depois fugiu para a tribo vizinha dos lócrios, onde morreu em decorrência da ferida, mas seu corpo apodreceu, sem que o enterrassem, no sopé do monte Tafiasso, infestando a região com seu fedor malsão — motivo pelo qual os lócrios são chamados de ózolas. O manancial junto ao qual morreu ainda cheira mal e contém coágulos de sangue.[12]

l. Com Dejanira, Hércules já tinha tido os filhos Hilo, Ctesipo, Gleno e Hodites; e também Macária, sua única filha.[13]

1. A história das irmãs de Meléagro tem por objetivo explicar um culto da galinha-d'angola dedicado a Ártemis em Leros (vide 80. *3*).

2. O amor de Dejanira pela guerra a revela como representante de Atena, a deusa da batalha pré-olímpica, a cujos casamentos sagrados em diferentes localidades se refere em modo especial essa parte da lenda de Hércules (vide 141. *1*).

3. A luta de Hércules com Aqueloo, como a de Teseu com o Minotauro, deve ser interpretada como parte do ritual do casamento régio. O Touro e a Serpente representam o ano crescente e o minguante ("o touro que é pai da serpente e a serpente cujo filho é o touro"), dominados pelo rei sagrado. Um chifre de touro, considerado desde os tempos mais primitivos como sede da fertilidade, outorgava realeza ao candidato a rei, que o segurava quando lutava com um touro de verdade ou com um adversário com máscara de touro. O herói babilônico Enkidu, gêmeo mortal de Gilgamesh e devoto da Rainha do Céu, agarrou pelos chifres o Touro do Céu e o matou com sua espada. A conquista de uma cornucópia foi uma tarefa nupcial imposta ao herói galês Peredur no *Mabinogion* (vide 148. *5*). Em Creta, o culto do touro havia sucedido o da cabra montanhesa, cujo chifre era igualmente potente. Mas parece que o ícone que mostrava essa competição ritual foi interpretado pelos gregos como um retrato da luta de Hércules com o rio Aqueloo: a saber, o represamento e a drenagem do Paraqueloitis, uma extensão de terra formada pelo aluvião arrastado pelo Aqueloo, que vinha unindo lentamente as ilhas Equínades à terra firme, com a consequente recuperação de uma grande área de terra arável. A Hércules se atribuíam com frequência proezas de engenharia como essas (Estrabão: X. 2. 19; Diodoro Sículo: IV. 35). O sacrifício ordenado pelo oráculo de Dodona

dificilmente pode ter sido endereçado ao rio Aqueloo; o mais provável é que ele tenha sido prescrito para Aquelois, a deusa-Lua “que afugenta a dor”.

4. Eunomo e Cíato devem ter sido meninos-vítimas, substitutos do rei sagrado ao término do seu reinado.

5. A tentativa de violar Dejanira por parte de Nesso evoca as turbulentas cenas do casamento de Pirítoo, quando Teseu (o Hércules ateniense) interveio para salvar Hipodâmia do ataque do centauro Eurítion (vide 102. *d*). Como os centauros eram originalmente representados como homens-cabras, o ícone em que se baseia o episódio provavelmente mostrava a Rainha cavalgando sobre o lombo do rei-cabra, assim como fazia nas celebrações do Dia de Maio na Europa setentrional antes de seu casamento sagrado. Eurítion é o “penetra”, um personagem estereotipado que se tornou familiar com as comédias de Aristófanes e que ainda é presente nas festas nupciais do norte da Grécia. O exemplo mítico mais antigo de penetra é o próprio Enkidu: interrompeu o casamento sagrado de Gilgamesh com a deusa Erech e o desafiou à luta. Outro penetra é Agenor, que tentou arrebatar Andrômeda de Perseu em seu banquete de núpcias (vide 73. *l*).

6. Os primeiros colonos da Sardenha, líbios neolíticos, conseguiram sobreviver nas zonas montanhosas. Os imigrantes posteriores — cretenses, gregos, cartagineses, romanos e judeus — tentaram reter os distritos costeiros, mas a malária sempre acabou com eles. Somente durante os últimos anos conseguiu-se reduzir a mortalidade, borrifando os charcos onde procriam os mosquitos da malária.

7. “Ózolas” (“fedorentos”) — apelido dado aos lócrios instalados nas redondezas da Fócida, para os distinguir de seus parentes opuntianos e epizefírios — referia-se provavelmente ao costume que eles tinham de portar peles de cabra sem curtir, que exalavam um odor fétido quando o tempo estava úmido. Os próprios lócrios preferiam explicar essa palavra como uma derivação de *ozoi*, “brotos de vinha” (Pausânias: X. 38. 1), por causa da primeira cepa plantada em seu país (vide 38. *7*).

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 34; Apolodoro: I. 8. 1 e II. 7. 5; Baquílides: *Epinicia* V. 165 *et seq*.; Antoninus Liberalis: *Transformações* 2.

[2] Ovídio: *As metamorfoses* IX. 1-100; Apolodoro: I. 8. 1; Sófocles: *As traquínias* 1 *et seq*.

[3] Ovídio: *loc. cit*.; Éforo, citado por Macróbio: IV. 18; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 50.

[4] Apolodoro: *loc. cit*. e II. 7. 5; Ovídio: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 35; Estrabão: X. 2. 19.

[5] Higino: *Fábula* 31; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio IV. 106.

[6] Estrabão: VII. 7. 5 e 11; Apolodoro: II. 7. 6; Diodoro Sículo: IV. 36; Píndaro: *Odes olímpicas* VII. 23 *et seq*., com escoliasta; Homero: *Ilíada* II. 658-660 e *Odisseia* I. 259-261.

[7] Apolodoro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 29-30; Pausânias: VII. 2. 2; X. 17. 4 e IX. 23. 1.

[8] Diodoro Sículo: IV. 36; Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 50; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: p. 1.900; escoliasta sobre *As traquínias* de Sófocles: 39.

[9] Pausânias: II. 13. 8.

[10] Sófocles: *As traquínias* 1-40; Pausânias: I. 32. 5.

[11] Apolodoro: II. 7. 6; Sófocles: *As traquínias* 555-561; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 101 *et seq*.; Diodoro Sículo: IV. 46.

[12] Escoliasta sobre os *Epodos* de Horácio: III; Ovídio: *loc. cit*.; Pausânias: X. 38. 1; Estrabão: IX. 4. 8.

[13] Apolodoro: II. 7. 8; Diodoro Sículo: IV. 37; Pausânias: I. 32. 5.

143

HÉRCULES EM TRAQUINE

Ainda acompanhado por seus aliados árcades, Hércules chegou a Traquine, onde fixou residência, por algum tempo, sob a proteção de Ceíce. No caminho, ele passou pela região dos dríopes, situada à sombra do monte Parnaso, e encontrou o rei deles, Teodamante, filho de Driopeia, arando com uma junta de bois.[1] Como tinha fome e, além disso, desejava encontrar um pretexto para declarar guerra aos dríopes — que, como todos sabiam, não tinham direito sobre o país —, Hércules exigiu um de seus bois e, diante da recusa de Teodamante, ele o matou. Após sacrificar o boi e banquetear com sua carne, ele foi embora com Hilas, o filho pequeno de Teodamante tido com a ninfa Menódice, filha de Órion.[2] Mas há quem diga que o pai de Hilas fosse Ceíce, ou Eufemo, ou Teómenes; ademais, insiste-se no fato de que Teodamante era o lavrador ródio que amaldiçoava a distância enquanto Hércules sacrificava um de seus bois.[3]

b. Parece que Filas, o sucessor de Teodamante, violou o templo de Apolo em Delfos. Ultrajado em nome de Apolo, Hércules matou Filas e raptou sua filha Meda; ela teve com ele um filho, Antíoco, fundador do demo ateniense que porta o seu nome.[4] Ele então expulsou os dríopes de sua cidade no monte Parnaso e a entregou aos málios, que o haviam ajudado a conquistá-la. Levou a Delfos os membros mais importantes da sociedade dríope e os dedicou ao templo como escravos; mas, como Apolo não precisava deles, os dríopes foram enviados ao Peloponeso, onde buscaram o favor de Euristeu, o rei supremo. Sob suas ordens, e com a ajuda de outros compatriotas fugitivos, eles edificaram três cidades: Ásine, Hermione e Eion. Dos dríopes restantes, uns fugiram para a Eubeia, outros para Chipre e a ilha de Cintos. Mas só os homens de Ásine ainda se orgulham de serem dríopes; eles ergueram um templo ao seu ancestral Dríope

com uma imagem antiga, e celebram mistérios em sua homenagem a cada dois anos.[5]

c. Dríope era filho de Apolo com Dia, filha do rei Licaão; com medo dele, ela escondeu o menino num carvalho oco, daí o seu nome. Há quem diga que o próprio Dríope conduziu sua gente do rio tessálio Esperqueu até Ásine, e que ele era filho de Esperqueu com a ninfa Polidora.[6]

d. Naquele momento havia se produzido uma disputa de fronteira entre os dórios de Hestieotis, governada pelo rei Egímio, e os lápitas do monte Olimpo, antigos aliados dos dríopes, cujo rei era Corono, filho de Ceneu. Os dórios, muito inferiores em número em comparação aos lápitas, obtiveram o apoio de Hércules, oferecendo-lhe em troca um terço de seu reino. O herói e seus aliados árcades venceram os lápitas, mataram Corono e a maioria de seus súditos e os obrigaram a abandonar o território disputado. Alguns deles se estabeleceram em Corinto. Egímio recebeu o terço de Hércules para que fosse administrado por seus descendentes.[7]

e. Hércules foi então para Itono, uma cidade da Ftiótide onde se encontra o antigo templo de Atena. Lá ele se encontrou com Cicno, filho de Ares e Pelópia, que oferecia constantemente valiosos prêmios aos hóspedes que se atreviam a competir com ele numa corrida de carros. Cicno, que sempre vencia, cortava-lhes a cabeça e usava os crânios para decorar o templo de seu pai Ares. Esse, a propósito, não era o mesmo Cicno que Ares havia concebido com Pirene e transformado num cisne ao morrer.[8]

f. Apolo, cada vez mais irritado com Cicno, que atocaiava e roubava o gado que era enviado a Delfos para os sacrifícios, incitou Hércules a aceitar o desafio de Cicno. Ficou estabelecido que Hércules seria acompanhado por seu auriga Iolau e Cicno, por seu pai Ares. Embora esse não fosse o seu estilo habitual de luta, Hércules portou as grevas polidas de bronze que lhe havia feito Hefesto, o peitoral de ouro curiosamente forjado com o qual lhe havia presenteado Atena e um par de ombreiras de ferro. Armado de arco e flecha, lança, elmo e um sólido escudo que Zeus havia encomendado a Hefesto, ele subiu agilmente em seu carro de combate.

g. Ao descer do Olimpo, Atena avisou Hércules de que, embora Zeus o houvesse autorizado a matar e despojar Cicno, ele devia se limitar a se defender de Ares, e que, embora saísse vencedor, ele não deveria privá-lo de seus cavalos nem de sua magnífica armadura. Ela então montou junto com Hércules e Iolau, sacudindo sua égide, e a Mãe Terra grunhiu quando o carro disparou. Cicno partiu a toda velocidade na direção deles e o choque foi tão violento que ele foi lançado ao chão, ao lado de Hércules, restando lança contra escudo. Entretanto, eles se puseram rapidamente de pé e, após um breve combate, Hércules

atravessou o pescoço de Cicno. E então enfrentou Ares com valentia. O deus da guerra atirou na sua direção uma lança que, Atena, com o cenho franzido, desviou. Ares correu inutilmente para cima de Hércules empunhando a espada, ferindo-se na coxa por causa do esforço empreendido, e Hércules o teria golpeado novamente enquanto estava estendido no chão não houvesse Zeus apartado os combatentes com um raio. Hércules e Iolau despojaram então o cadáver de Cicno e continuaram sua jornada, enquanto Atena levava o desfalecido Ares de volta para o Olimpo. Cicno foi enterrado por Ceíce no vale do Anauro, mas, por ordens de Apolo, o rio subiu e levou a lápide embora.[9]

h. Há quem diga, contudo, que Cicno vivia em Anfane, e que Hércules o trespassara com uma flecha junto ao rio Peneu, ou em Pégaso.[10]

i. Após passar por Pelasgiotis, Hércules chegou a Ormênio, uma pequena cidade no sopé do monte Pélion, onde o rei Amintor se negou a lhe entregar sua filha Astidâmia.

— Você já está casado — disse ele —, e enganou tantas princesas que eu não ouso confiar-lhe minha filha.

Hércules atacou a cidade e, após matar Amintor, levou consigo Astidâmia, com quem teve um filho, Ctesipo, ou, segundo outros, Tlepólemo.[11]

1. O sacrifício de um boi doméstico realizado por Hércules, a maldição de Teodamante e a aparição do infante Hilas a partir de um sulco são todos partes do ritual da semeadura pré-helênico. O sangue do boi propicia a deusa Terra, as maldições desviam a ira divina das sementes que brotam, e a criança representa a próxima colheita, ou seja, Pluto, o filho que Deméter deu a Iasião após terem-se abraçado no campo arado três vezes (vide 24. *a*). Teodamante é o espírito do Ano-velho, agora destruído. O luto anual pelo espírito condenado da árvore Hilas (vide 150. *d-e*) foi aqui confundido com o espírito condenado do trigo.

2. A expulsão dos dríopes do Parnaso, empreendida por Hércules com a ajuda dos dórios, e a emigração dos dríopes para a Grécia meridional ocorreram provavelmente no século XII a.C., antes da invasão dória do Peloponeso (vide 146. *1*). Seu combate com Cicno evoca a corrida de Pélope com Enômao (vide 109. *d-j*), outro filho de Ares, e igualmente famoso caçador de cabeças. Em ambos os casos, um dos carros levava uma mulher: a saber, a filha de Enômao, Hipodâmia — objeto de sua disputa com Pélope —, e Atena, que é aparentemente o mesmo personagem, ou seja, a noiva destinada ao novo rei.

Cicno, assim como o espartano Pólux, é um rei do culto do cisne cuja alma voa para o remoto além-mundo setentrional (vide 161. *4*).

3. O nome de Egímio — caso signifique “desempenhando o papel de cabra” — indica que ele, no Dia de Maio, realizava um casamento caprino com a rainha da tribo, e que em sua guerra contra os lápitas do norte da Tessália os seus dórios lutaram lado a lado com os centauros, inimigos hereditários dos lápitas, e os quais, assim como os sátiros, são retratados nas obras de arte primitivas como homens-cabras (vide 142. *5*).

4. Cípselo, o tirano de Corinto, famoso por seu cofre talhado, afirmava ser descendente da casa real lápita de Ceneu (vide 78. *1*).

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 36; Probo sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 6; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 131.

[2] Apolodoro: II. 7. 7; Apolônio de Rodes: I. 212 *et seq*.; Higino: *Fábula* 14.

[3] Nicandro, citado por Antoninus Liberalis: 26; Helânico, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 131 e 1.207; Filóstrato: *Imaginações* II. 24.

[4] Diodoro Sículo: IV. 37; Pausânias: I. 5. 2.

[5] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Heródoto: VIII. 46; Pausânias: IV. 34. 6 e VIII. 34. 6.

[6] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 480; Aristóteles, citado por Estrabão: VIII. 6. 13; Antoninus Liberalis: *Transformações* 32.

[7] Apolodoro: II. 7. 7; Diodoro Sículo: IV. 37.

[8] Eurípides: *Hércules* 389-393; Pausânias: I. 27. 7; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: II. 82 e X. 15; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: p. 254.

[9] Hesíodo: *O escudo de Hércules* 57-138 e 318-480; Higino: *Fábula* 31; Apolodoro: II. 7. 7; Diodoro Sículo: IV. 37; Eurípides: *loc. cit*.

[10] Pausânias: I. 27. 7; Hesíodo: *O escudo de Hércules* 318-480.

[11] Diodoro Sículo: IV. 37; Estrabão: IX. 5. 18; Apolodoro: III. 13. 8 e II. 7. 7-8; Píndaro: *Odes olímpicas* VII. 23 *et seq*., com escoliasta.

144

ÍOLE

Em Traquine, Hércules reuniu um exército de árcades, melianos e lócrios epicnemídios e marchou contra a Ecália para se vingar do rei Êurito, que se havia negado a lhe entregar a princesa Íole, obtida num justo combate de arco e flecha. Mas ele não disse aos seus aliados nada além de que Êurito impunha aos eubeus excessivos tributos. Ele invadiu a cidade, crivou de flechas Êurito e seu filho e, após enterrar alguns de seus companheiros que haviam tombado na batalha, entre eles Hípaso, filho de Ceíce, e Argeio e Melas, filhos de Licímnio, saqueou a Ecália e levou Íole como prisioneira.[1] Antes de se entregar a Hércules, Íole o viu matar toda a sua família diante de seus próprios olhos e depois se atirou do alto da muralha da cidade; ela entretanto sobreviveu, pois o vento inflou suas saias, amortecendo-lhe a queda. Hércules a enviou, junto com outras mulheres ecálias, para Dejanira, em Traquine, enquanto ele visitava o promontório eubeu de Ceneu.[2] Cabe aqui notar que, ao se despedir de Dejanira, Hércules divulgara uma profecia: ao cabo de quinze meses, seu destino seria morrer ou passar o resto da vida na mais absoluta tranquilidade. A notícia havia sido transmitida a ele por intermédio das pombas gêmeas do antigo oráculo do carvalho de Dodona.[3]

b. Discute-se qual das várias cidades chamadas Ecália foi saqueada nessa ocasião: a messênia, a tessália, a eubeia, a traquínia ou a etólia.[4] O mais provável é que tenha sido a Ecália messênia, pois o pai de Êurito, Melaneu, rei dos dríopes — hábil arqueiro, motivo pelo qual era chamado de filho de Apolo —, foi à Messênia durante o reinado de Perieres, filho de Éolo, que lhe deu Ecália como residência. Ecália recebera este nome por causa da mulher de Melaneu. Lá, num bosque de ciprestes sagrado, sacrifícios de herói dedicados a Êurito, cujos restos mortais são conservados numa urna de bronze, iniciam os Mistérios

da Grande Deusa. Outros identificam a Ecália com Andânia, situada a um quilômetro e meio do bosque, onde tais mistérios eram anteriormente realizados. Êurito foi um dos heróis que os messênios convidaram a residir entre eles quando Epaminondas restabeleceu seu patrimônio no Peloponeso.[5]

1. Êurito havia se negado a entregar Íole, argumentando que Hércules era um escravo (vide 135. *a*). Embora o salto suicida de Íole seja uma história plausível — as saias micênicas tinham forma de sino, e o meu pai foi testemunha, certa vez, de como uma suicida vitoriana foi salva graças à sua vasta crinolina —, o mais provável é que tenha sido deduzido a partir de uma ilustração micênica em que se podia ver a deusa revoluteando sobre um exército enquanto este atacava a sua cidade. O nome de Ecália, “casa de farinha”, demonstra que a deusa em cuja honra se realizavam os mistérios era Deméter.

NOTAS

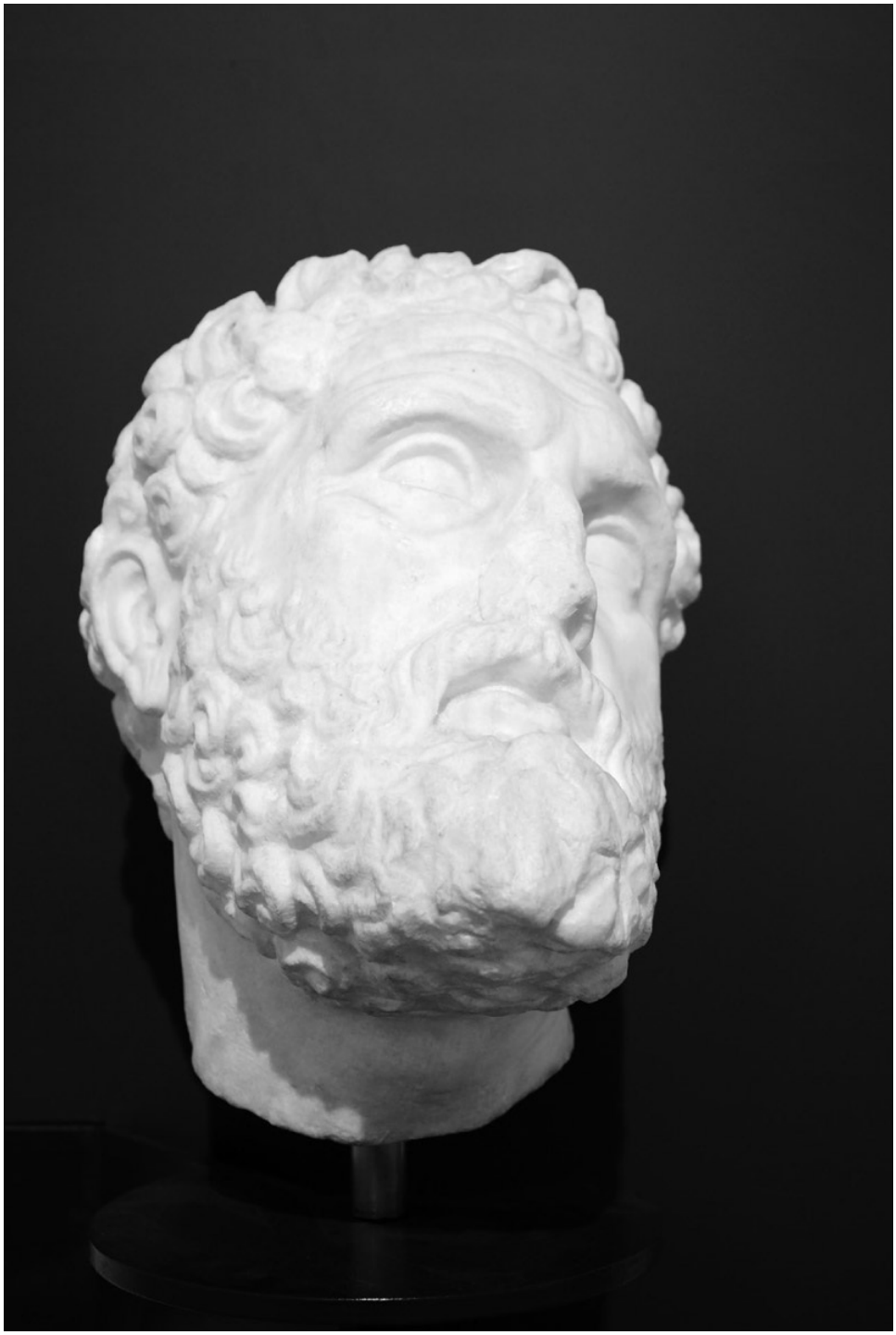
[1] Ateneu: XI. 461; Apolodoro: II. 7. 7.

[2] Nícias de Malos, citado por Plutarco: *Vidas paralelas* 13; Higino: *Fábula* 35; Sófocles: *As traquínias* 283 *et seq*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[3] Sófocles: *As traquínias* 44-45.

[4] Homero: *Ilíada* II. 596 e 730; *Odisseia* XXI. 13-14; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 291; Estrabão: IX. 5. 17 e X. 1. 10.

[5] Antoninus Liberalis: *Transformações* 4; Pausânias: IV. 2. 2; 3. 6; 33. 5-6 e 27. 4; Estrabão: X. 1. 18.



Cabeça de HÉRCULES
Tarento, Itália

145

A APOTEOSE DE HÉRCULES

Após ter consagrado altares de mármore e um bosque sagrado a seu pai Zeus no promontório de Ceneu, Hércules preparou um sacrifício de ação de graças pela tomada da Ecália. Ele já havia enviado Licas de volta para que pedisse a Dejanira uma bela camisa e um manto como os que costumava usar em tais ocasiões.[1]

b. Dejanira, comodamente instalada em Traquine, já se resignara ao hábito de Hércules de ter amantes e, quando reconheceu Íole como a última delas, sentiu mais compaixão do que ressentimento pela beleza fatal que havia causado a ruína da Ecália. Entretanto, não era intolerável que Hércules esperasse que ela e Íole vivessem debaixo do mesmo teto? Como já não era jovem, Dejanira decidiu utilizar o suposto talismã amoroso de Nesso como um meio de conservar o afeto de seu marido. Tendo-lhe tecido uma nova túnica sacrifical para celebrar o seu retorno em segurança, ela abriu o jarro às escondidas, molhou um pedaço de lã na mistura e o esfregou na túnica. Quando Licas chegou, ela colocou a camisa num cofre, fechou-o e o entregou a ele, dizendo: “Em hipótese alguma exponha a túnica à luz ou ao calor até que Hércules esteja prestes a vesti-la para o sacrifício.” Licas já havia partido a toda velocidade em seu carro quando Dejanira, olhando casualmente o pedaço de lã que havia atirado ao pátio iluminado pela luz do sol, ficou horrorizada ao ver que queimava como serragem enquanto uma espuma vermelha borbulhava das pedras do chão. Dando-se conta de que Nesso a havia enganado, ela enviou às pressas um mensageiro atrás de Licas para fazê-lo voltar e, maldizendo o seu desatino, jurou que, caso Hércules morresse, ela não sobreviveria a ele.[2]

c. O mensageiro chegou tarde demais ao promontório de Ceneu. Hércules havia vestido a camisa e sacrificado doze touros imaculados como primícias de

sua pilhagem; em conjunto, ele havia levado para o altar uma boiada mista de cem cabeças. Vertia vinho de uma vasilha sobre os altares e jogava olíbano nas chamas quando, de súbito, lançou um grito como se houvesse sido mordido por uma serpente. O calor havia derretido o veneno da Hidra no sangue de Nesso e se estendera por todos os membros de Hércules, corroendo-lhe a carne. Logo a dor se tornou insuportável e, gemendo de aflição, ele derrubou os dois altares. Tentou arrancar a camisa, mas ela havia grudado de tal modo que a carne saía junto com o tecido, deixando os ossos à mostra. Seu sangue borbulhava como a água do manancial quando nela se atira o metal incandescente. Atirou-se de cabeça no riacho mais próximo, mas o veneno lhe queimava ainda mais. Desde então, essas águas tornaram-se escaldantes e passaram a se chamar Termópilas, que quer dizer "passagem fervente".[3]

d. Vagueando pela montanha, arrancando as árvores pelo caminho, Hércules encontrou o aterrado Licas agachado no oco de uma rocha, com os braços em volta dos joelhos. Em vão Licas tentou se desculpar: Hércules o agarrou, o fez girar três vezes ao redor de sua cabeça e o atirou ao mar Eubeu. Lá ele se transformou numa rocha de aspecto humano que sobressai por cima da água e que os marinheiros continuam chamando de Licas, temendo pisá-la, pois acreditam que ela sente. Do exército, que observava de longe, ergueu-se um grande grito de lamento, mas ninguém se atreveu a se aproximar até que, contorcendo-se em agonia, Hércules chamou Hilo e pediu-lhe que o levasse dali para poder morrer na solidão. Hilo o levou até o sopé do monte Eta em Traquine (região famosa por seu heléboro-branco), pois o Oráculo de Delfos já havia indicado esse lugar a Licímnio e a Iolau como o cenário destinado à morte de seu amigo.[4]

e. Horrorizada ao ficar sabendo da notícia, Dejanira se enforcou ou, segundo certos relatos, matou-se com uma espada em seu leito matrimonial. O único pensamento de Hércules havia sido castigá-la antes de morrer, mas, quando Hilo lhe garantiu que Dejanira era inocente, assim como demonstrou o seu suicídio, ele suspirou indulgente e manifestou o desejo de que Alcmena e todos os seus filhos se reunissem para escutar suas últimas palavras. Mas Alcmena se encontrava em Tirinto com alguns de seus filhos e a maioria dos outros haviam se estabelecido em Tebas. Assim, ele só pôde revelar a profecia de Zeus, agora cumprida, a Hilo: "Nenhum homem vivo jamais poderá matar Hércules; um inimigo morto será a sua ruína." Então Hilo pediu-lhe instruções, e Hércules lhe disse:

— Jure pela cabeça de Zeus que você me levará ao cume dessa montanha, e ali me fará arder, sem lamentações, numa pira de ramos de carvalho e troncos de

oliveira macho. Jure também que se casará com Íole tão logo alcance a maioridade.

Embora escandalizado por tais pedidos, Hilo prometeu cumpri-los.[5]

f. Quando tudo estava preparado, Iolau e seus companheiros se afastaram um pouco enquanto Hércules subia para a pira e ordenava que a acendessem. Mas ninguém se atreveu a cumprir tão penosa missão, até que um pastor eólio chamado Peante, que por ali passava, mandou Filoctetes, seu filho com Demonassa, fazer o que Hércules pedia. Em agradecimento, Hércules legou a Filoctetes a sua aljava, arco e flechas, e, quando já ardiam as chamas, ele estendeu a pele de leão sobre a plataforma e se deitou, com a cabeça apoiada na clava e um ar tão ditoso como o de um hóspede engrinaldado em meio a taças de vinho. Do céu caíram raios que logo reduziram a cinzas a pira onde se consumira o herói.[6]

g. No Olimpo, Zeus se felicitou pelo fato de seu filho predileto ter-se comportado de maneira tão nobre. “A parte imortal de Hércules — anunciou ele — está a salvo da morte e logo lhe darei as boas-vindas a esta bendita região. Mas se alguém aqui se ofender com a sua merecida deificação, terá de aceitá-la de qualquer jeito, quer queira, quer não!”

Todos os olímpicos assentiram, e Hera decidiu engolir o insulto, que era claramente dirigido a ela, pois já havia mandado punir Filoctetes por sua bondosa ação fazendo com que uma víbora lêmnia o picasse.

h. Os raios haviam consumido a parte mortal de Hércules. Ele há tempos já não se parecia com Alcmena, mas, assim como a serpente que muda de pele, ele surgiu em toda a majestade de seu divino pai. Uma nuvem o ocultou da vista de seus companheiros, enquanto, em meio a trovões, Zeus o transportou ao céu, em sua carruagem puxada por quatro corcéis, onde Atena tomou sua mão e o apresentou solenemente aos outros deuses.[7]

i. Zeus queria que Hércules se tornasse um dos Doze Olímpicos, mas não pretendia expulsar algum dos outros deuses para que o filho lhe tomasse o lugar. Então, ele convenceu Hera a adotar Hércules mediante uma cerimônia de renascimento, que consistia em ir para a cama, simular o trabalho de parto e tirá-lo de sob as saias — que ainda é o ritual de adoção realizado em muitas tribos bárbaras. A partir de então, Hera considerou Hércules seu filho e foi o homem que ela mais amou depois de Zeus. Todos os imortais o acolheram de bom grado e Hera fez com que ele se casasse com sua bela filha Hebe, com quem teve Alexiares e Aniceto. Na verdade, Hércules havia ganhado a sincera gratidão de Hera por ocasião da rebelião dos gigantes, ao matar Pronomo enquanto ele tentava violá-la.[8]

j. Hércules se transformou no porteiro do céu e nunca se cansa de permanecer junto aos portões do Olimpo, até o anoitecer, esperando que Ártemis volte da caça. Ele a recebe alegremente, e ergue os montes de presas de seu carro franzindo o cenho e movendo um dedo em sinal de desaprovação quando encontra apenas cabras e lebres inofensivas. “Mate javalis”, diz-lhe, “que pisoteiam as plantações e destroçam as árvores dos pomares! Abata leões, touros e lobos, que matam os homens! Que mal nos terão feito as cabras e as lebres?” Depois, ele esfola as carcaças e come vorazmente as partes prediletas.[9] Mas, enquanto o Hércules imortal banqueteia-se nos festins divinos, seu fantasma mortal vagueia pelo Tártaro entre os mortos tremulentos, com o arco tensionado e a flecha ajustada na corda. A tiracolo ele porta uma correia de ouro aterradoramente adornada com leões, ossos, javalis e cenas de batalha e assassinatos.[10]

k. Quando Iolau e seus companheiros voltaram a Traquine, Menécio, filho de Áctor, sacrificou um carneiro, um touro e um javali a Hércules, e instituiu seu culto de herói na Opus lócria. Os tebanos não tardaram em imitá-lo, mas os atenienses, liderados pelos habitantes de Maratona, foram os primeiros a adorá-lo como deus, e a humanidade inteira segue agora o seu glorioso exemplo.[11] Festo, filho de Hércules, descobriu que os siciônios ofereciam a seu pai ritos de herói, mas ele mesmo insistiu em fazer-lhe sacrifícios como a um deus. E assim, até o dia de hoje, o povo de Sicião, após matar um cordeiro e queimar seu pernil no altar de Hércules como deus, dedica parte de sua carne ao Hércules herói. Em Eta, ele é adorado com o nome de Cornopião, por ter afugentado os gafanhotos que estavam prestes a se apossar da cidade; mas os jônios da Eritreia o adoram como Hércules Ipóctono, por ele ter destruído os *ipes*, vermes que roem as vinhas em quase todas as regiões.

l. Diz-se que uma imagem tíria de Hércules, que se encontra agora no templo de Eritreia, representa Hércules Dáctilo. Ela foi encontrada flutuando numa balsa no mar Jônio diante do cabo Mesate, exatamente a meio caminho entre o porto de Eritreia e a ilha de Quios. Os eritreus, por um lado, e os habitantes de Quios, por outro, envidaram todos os esforços possíveis para atrair a balsa para a sua costa, mas sem nenhum êxito. Finalmente, um pescador eritreu chamado Formião, que havia perdido a vista, sonhou que as mulheres de Eritreia deviam produzir uma corda com suas tranças cortadas e, com ela, os homens poderiam rebocar a balsa para a sua costa. As mulheres de um clã trácio que havia se estabelecido na Eritreia consentiram e a balsa foi rebocada para a costa: e agora só se permite a seus descendentes entrar no santuário onde se conserva a corda. Formião recobrou a vista e a conservou até a morte.[12]

1. Antes de sacrificar e, assim, imortalizar o rei sagrado — como Calipso prometeu imortalizar Odisseu (vide 170. *w*) —, a rainha tinha de despojá-lo de suas roupas e insígnias reais. Não se indicam aqui que tipo de flagelos e mutilações ele sofria até ser colocado na pira para se tornar imortal, mas os ícones a partir dos quais parece ter-se deduzido esse relato o mostravam provavelmente ensanguentado e agonizante enquanto lutava para vestir a camisa branca de linho que o consagrava à deusa Morte.

2. A tradição segundo a qual Hércules morreu no promontório de Ceneu coincide com outra segundo a qual ele morreu no monte Eta, onde inscrições e estatuetas primitivas mostram que o rei sagrado continuou sendo queimado em efígie durante vários séculos após ter sido queimado em pessoa. A madeira de carvalho é adequada para a fogueira do solstício de verão; a oliveira silvestre é a madeira do Ano-novo, quando o rei inicia o seu reinado expulsando os espíritos do Ano-velho. Peante, ou Filoctetes, que acendeu a pira, é o herdeiro e sucessor do rei; ele herda suas armas e o seu leito — assim deve ser interpretado o casamento de Íole com Hilo —, e morre em consequência de uma mordida de serpente no fim do ano.

3. Anteriormente, a alma de Hércules havia ido ao Paraíso Ocidental das Hespérides; ou ao castelo de prata, a Corona Borealis, atrás do Setentrião — lenda que Píndaro incompreensivelmente incluiu num breve relato do Terceiro Trabalho (vide 125. *k*). Sua admissão no Céu Olímpico — onde, entretanto, ele nunca garantiu um lugar entre os doze, à diferença de Dionísio (vide 27. *5*) — é uma concepção tardia. Ela talvez se baseie numa interpretação equivocada do mesmo ícone sagrado que explica o casamento de Peleu e Tétis (vide 81. *1-5*), o chamado rapto de Ganimedes (vide 29. *1*) e o armamento de Hércules (vide 123. *1*). Esse ícone deveria mostrar Atena, ou Hebe, a jovem rainha e prometida, apresentando o rei às doze testemunhas do casamento sagrado, cada uma das quais era representante de um clã de uma confederação religiosa ou de um mês do ano sagrado. Ele renasceu ritualmente a partir de uma égua ou (como neste caso) de uma mulher. Hércules figura como porteiro celestial porque morreu no solstício de verão — o ano se assemelha a uma porta de carvalho que girava com dobradiças, abria-se de par em par no solstício de verão e depois fechava-se pouco a pouco à medida que os dias se tornavam mais curtos (*A deusa branca*, pp. 175-177). O que o impediu de chegar a ser um olímpico completo parece ter sido a autoridade de Homero, pois, na *Odisseia*, ele havia mencionado a presença de sua sombra no Tártaro.

4. Se a estátua de Hércules na Eritreia era de origem tíria, a corda do templo deve ter sido tecida não com cabelo de mulheres, mas com o cabelo cortado do rei sagrado antes de sua morte no solstício de inverno — tal como Dalila cortou o de Sansão, um herói solar tírio. Um herói solar análogo havia sido sacrificado pelas mulheres trácias que adotaram o seu culto (vide 28. *2*). Provavelmente, a estátua foi rebocada numa balsa para evitar a consagração de um barco mercante e sua consequente retirada do comércio. "Ipóctono" pode ter sido uma variação local do título mais habitual de Hércules, "Ofióctono", ou "matador de serpentes". Sua renovação mediante a morte "como uma serpente que muda de pele" era uma metáfora retirada do *Livro dos Mortos* egípcio; acreditava-se que as serpentes postergavam a velhice mudando de pele, ainda mais que as palavras "pele" e "velhice" são ambas *geros* em grego (vide 160. *11*). Ele sobe aos céus, numa carruagem puxada por quatro corcéis, como herói solar e patrono dos jogos olímpicos; cada corcel representa um dos quatro anos que transcorrem entre os jogos, ou uma estação de um ano dividido em equinócios e solstícios. No recinto da Grande Deusa de Megalópolis erguia-se uma imagem quadrada do sol, adorada como Hércules Salvador (Pausânias: VIII. 31. 4); tratava-se provavelmente de um altar antigo, como os blocos quadrados encontrados no palácio de Cnossos e outro encontrado no Pátio Ocidental do palácio de Festo.

5. Hebe, a noiva de Hércules, talvez não seja a deusa em sua manifestação como Jovem, mas uma divindade mencionada nos *Hinos órficos* 48 e 49 como Hipta, a Mãe Terra, a quem Dionísio foi entregue em custódia. Proclo diz (*Contra Timeu* II. 124c) que ela o levou sobre a cabeça numa peneira. Hipta está associada ao Zeus Sabázio (vide 27. *3*) em duas inscrições primitivas de Meônia, então habitada por uma tribo lidofrígia; e o professor Kretschmer a identificou como a deusa mitânia Hepa, Hepit ou Hebe, mencionada nos textos de Boghaz-Keui e, ao que parece, levada da Trácia até Meônia. Se Hércules se casou com essa Hebe, então o mito se refere ao Hércules que realizou grandes façanhas na Frígia (vide 131. *h*), Mísia (vide 131. *e*) e Lídia (vide 136. *a-f*) e que pode ser identificado com o Zeus Sabázio. Hipta era muito conhecida em todo o Oriente Médio. Um entalhe feito numa rocha de Hattusas, em Licaônia (vide 13. *2*), retrata-a montada num leão, prestes a celebrar um casamento sagrado com o deus hitita da Tempestade. Ali ela se chama Hepatu, uma palavra alegadamente hurrita, e o professor B. Hrozný (*Civilization of the Hittites and Subareans*, capítulo XV) a equipara com Hawwa, "a Mãe de Todos os Viventes", que aparece no Gênese II como Eva. Hrozný menciona o príncipe cananeu de Jerusalém, Abdihepa; e Adão, que se casou com Eva, era um herói tutelar de Jerusalém (Jerônimo: *Comentário sobre os Efésios* V. 15).

NOTAS

[1] Sófocles: *As traquínias* 298 e 752-754; Apolodoro: II. 7. 7; Diodoro Síc ulo: IV. 38.

[2] Sófocles: *As traquínias* 460-751; Higino: *Fábula* 36.

[3] Sófocles: *As traquínias* 756 *et seq*.; *Mythographi Graeci: Appendix Narrationum* de Nonnus-Westermann XXVIII. 8; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 50-51.

[4] Ovídio: *As metamorfoses* IX. 155 *et seq*.; Higino: *Fábula* 36; Sófocles: *As traquínias* 783 *et seq*.; Apolodoro: II. 7. 7; Plínio: *História natural* XXV. 21; Diodoro Síc ulo: IV. 38.

[5] Apolodoro: *loc. cit*.; Sófocles: *As traquínias* 912 até o final.

[6] Diodoro Síc ulo: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 102; Ovídio: *As metamorfoses* IX. 299 *et seq*.

[7] Ovídio: *As metamorfoses* IX. 241-273; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; Pausânias: III. 18. 7.

[8] Diodoro Síc ulo: IV. 39; Hesíodo sobre Onomácrito: *Fragmento*, ed. Evelyn-White, pp. 615-616, Loeb; Píndaro: *Odes ístmicas* IV. 59 e *Odes nemeeias* X. 18; Apolodoro: *loc. cit*.; Sotas de Bizâncio, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.349-1.350.

[9] Calímaco: *Hino a Ártemis* 145 *et seq*.

[10] Homero: *Odisseia* XI. 601 *et seq*.

[11] Diodoro Síc ulo: IV. 39; Pausânias: I. 15. 4.

[12] Pausânias: II. 10. 1; IX. 27. 5 e VII. 5. 3; Estrabão: XIII. 1. 64.

HÉRCULES CANSADO
Antália, Turquia

146

OS FILHOS DE HÉRCULES

Alcmena, mãe de Hércules, tinha ido para Tirinto levando consigo alguns de seus filhos; os outros haviam permanecido em Tebas e Traquine. Euristeu decidiu então expusá-los da Grécia antes que chegassem à virilidade e pudessem destroná-lo. Assim, ele enviou uma mensagem a Ceíce, exigindo-lhe a extradição não só dos Heraclidas, como também de Iolau, de toda a casa de Licímnio e dos aliados árcades de Hércules. Demasiado débeis de caráter para se opor a Euristeu, eles saíram todos juntos de Traquine — alegando Ceíce que carecia de poder para ajudá-los — e visitaram a maioria das cidades gregas como suplicantes, mendigando hospitalidade. Os atenienses governados por Teseu foram os únicos que se atreveram a desafiar Euristeu; o senso de justiça inato deles prevaleceu ao verem os Heraclidas sentados no Altar da Misericórdia.[1]

b. Teseu instalou os Heraclidas e seus companheiros em Tricorito — uma cidade da tetrápolis ática — e não quis entregá-los a Euristeu, o que foi o motivo da primeira guerra entre Atenas e o Peloponeso, pois, quando todos os Heraclidas atingiram a virilidade, Euristeu reuniu um exército e marchou contra Atenas. Iolau, Teseu e Hilo foram designados para comandar as forças combinadas de atenienses e Heraclidas. Dizem, contudo, que Teseu já havia sido sucedido por seu filho Demofoonte. Posto que um oráculo anunciou que os atenienses seriam derrotados a não ser que um dos filhos de Hércules morresse pelo bem comum. Macária, a única filha do herói, suicidou-se em Maratona, dando assim o seu nome à fonte Macária.[2]

c. Os atenienses, que continuam se sentindo orgulhosos por terem protegido os Heraclidas, venceram então Euristeu numa batalha campal e mataram seus filhos Alexandre, Ifimedonte, Euríbio, Mentor e Perimedes, além de numerosos

aliados seus; Euristeu fugiu em seu carro, perseguido por Hilo, que o alcançou nas Rochas Cironianas e lá cortou-lhe a cabeça, cujos olhos Alcmena retirou com agulhas de tecedura; sua tumba pode ser vista nas redondezas.[3] Algumas versões afirmam que Iolau o capturou nas Rochas Cironianas e o levou para Alcmena, que ordenou sua execução. Os atenienses intercederam em seu favor, embora em vão, e, antes que se cumprisse a sentença, Euristeu derramou lágrimas de agradecimento e lhes disse que, mesmo morto, ele continuaria sendo seu fiel amigo; mas, dos Heraclidas, sempre inimigo jurado.

— Teseu — disse ele, chorando —, você não precisa verter libações nem sangue em minha tumba; mesmo sem essas oferendas eu me comprometo a expulsar todos os inimigos do território da Ática!

Em seguida, ele foi executado e enterrado diante do templo de Atena em Pelena, a meio caminho entre Atenas e Maratona. Uma versão muito diferente reza que os atenienses ajudaram Euristeu numa batalha travada contra os Heraclidas em Maratona, e que Iolau, após haver-lhe cortado a cabeça junto à fonte Macária, enterrou-a em Tricorito e enviou o corpo a Gargueto para ser enterrado.[4]

d. Enquanto isso, Hilo e os Heraclidas, que haviam se estabelecido junto ao Portão Electriano em Tebas, invadiram o Peloponeso, tomando todas as suas cidades num ataque súbito; mas quando, no ano seguinte, grassou uma peste e um oráculo anunciou: “Os Heraclidas voltaram antes do tempo”, Hilo se retirou para Maratona. Obedecendo ao último desejo de seu pai, ele havia se casado com Íole e havia sido adotado pelo dório Egímio. Então ele foi perguntar ao Oráculo de Delfos quando chegaria “o momento oportuno para regressar”, e foi aconselhado a esperar “a terceira colheita”. Interpretando que isso significava três anos, ele esperou que os tais anos transcorressem e depois atacou de novo. No istmo, veio ao seu encontro Atreu, que nesse ínterim havia ocupado o trono de Micenas e cavalgava à frente de um exército aqueu.[5]

e. Para evitar uma matança desnecessária, Hilo desafiou qualquer inimigo de alta posição para um combate pessoal.

— Se eu ganhar — disse ele —, o trono e o reino serão meus. Se eu perder, nós, os filhos de Hércules, não voltaremos a pisar nesta estrada nos próximos cinquenta anos.

Equemo, rei de Tégea, aceitou o desafio, e o duelo ocorreu na fronteira entre Corinto e Mégara. Hilo foi ferido mortalmente e enterrado na cidade de Mégara, após o que os Heraclidas lhe renderam honras por sua valiosa ação e se retiraram mais uma vez para Tricorito, e dali para a Dóride, onde reclamaram de Egímio a parte do reino que seu pai lhe havia confiado. No Peloponeso só permaneceram Licímnio e seus filhos, e Tlepólemo, filho de Hércules, que foi

convidado a ficar em Argos. O Apolo Délfico, cujo aparente mau conselho lhe valera muitas críticas, explicou que com “terceira colheita” ele se referia à terceira geração.[6]

f. Alcmena voltou para Tebas e, quando lá morreu em idade avançada, Zeus ordenou a Hermes que saqueasse o ataúde que os Heraclidas carregavam para a tumba. Assim fez ele, pondo uma pedra no lugar do cadáver, que ele levou à ilha dos Bem-Aventurados. Lá, revivida e rejuvenescida, Alcmena se transformou na esposa de Radamanto. Enquanto isso, notando que o ataúde era pesado demais para seus ombros, os Heraclidas o abriram e descobriram o engodo. Depositaram a pedra num bosque sagrado de Tebas, onde Alcmena passou a ser adorada como deusa. Segundo outra versão, ela teria se casado com Radamanto em Ocaleia antes de morrer; outras ainda dizem que ela teria morrido em Mégara, onde sua tumba pode ser vista, no transcurso de uma viagem de Argos a Tebas — acrescentando que, quando surgiu uma disputa entre os Heraclidas, pois uns queriam levar o cadáver de volta para Argos e outros preferiam seguir viagem, o Oráculo de Delfos os aconselhou a enterrá-la em Mégara. Outra tumba, também considerada como sendo a de Alcmena, pode ser vista em Haliarto.[7]

g. Os tebanos homenagearam Iolau com um santuário de herói, perto do de Anfitrião, onde os amantes se esposam em nome de Hércules, embora em geral acredite-se que Iolau tenha morrido na Sardenha.[8]

h. Em Argos, Tlepólemo matou acidentalmente seu amado tio-avô Licímnio. Ele estava punindo um servente com uma vara de oliveira quando Licímnio, já velho e cego, tropeçou entre os dois e levou um golpe na cabeça. Ameaçado de morte pelos outros Heraclidas, Tlepólemo armou uma frota, reuniu um grande número de acompanhantes e, aconselhado por Apolo, fugiu para Rodes, onde acabou se estabelecendo após muitas andanças e dificuldades.[9] Naqueles dias, Rodes era habitada por colonos gregos que se encontravam sob as ordens de Tríopas, filho de Forbante, com cujo consentimento Tlepólemo dividiu a ilha em três partes; diz-se ainda que ele fundou as cidades de Lindo, Ialiso e Camiro. Zeus favoreceu e deu riquezas à sua gente. Mais tarde, Tlepólemo zarpou para Troia com uma frota de nove embarcações ródias.[10]

i. Hércules concebeu um outro Hilo com a ninfa aquática Mélite, filha do deus fluvial Egeu, na terra dos feácios. Havia ido até lá após o assassinato de seus filhos, com a esperança de ser purificado pelo rei Nausítoo e por Mácris, a ama de Dionísio. Esse foi o Hilo que emigrou para o mar Crônio com um certo número de colonos feácios e que deu seu nome aos hileus.[11]

j. Diz-se que o último Heraclida que nasceu foi o atleta tásio Teágenes, cuja mãe foi visitada certa noite no templo de Hércules por alguém que ela tomou por

seu marido Timóstenes, sacerdote do templo, mas que revelou ser o próprio deus.[12]

k. Finalmente, os Heraclidas reconquistaram o Peloponeso na quarta geração, sob o comando de Têmeno, Cresfontes e os gêmeos Procles e Eurístenes, após matarem o rei supremo Tisâmeno de Micenas, filho de Orestes. Eles o teriam matado antes caso um de seus príncipes não houvesse matado Carno, poeta acarnaniano, quando se aproximou deles cantando versos proféticos, pois o confundiram com um mago enviado contra eles por Tisâmeno. Como punição por tal sacrilégio, a frota heraclida foi afundada e a fome dispersou seu exército. Então, o Oráculo de Delfos os aconselhou a "desterrar o assassino por dez anos e a levar Tríopas como guia em seu lugar". Eles estavam prestes a chamar Tríopas, filho de Forbante de Rodes, quando Têmeno observou que um chefe etólio chamado Oxilo, que acabara de expiar um assassinato com um ano de desterro na Élida, montava um cavalo de um olho só. Ora, Tríopas significa "de três olhos", e, por conseguinte, Têmeno julgou cumprido o oráculo e o contratou como guia; ao desembarcar na costa da Élida com seus parentes heraclidas, ele logo conquistou todo o Peloponeso e o repartiu mediante sorteios. O lote marcado com um sapo significava Argos e coube a Têmeno; o marcado com uma serpente significava Esparta, e correspondeu aos gêmeos Procles e Eurístenes; o marcado com uma raposa significava Messênia e foi parar nas mãos de Cresfontes.[13]

1. Segundo Pausânias (IV. 3. 3) e Tucídides (I. 12. 3), a desastrosa invasão do Peloponeso micênico por incultos montanheses patriarcais da Grécia central, que ocorreu em torno do ano 1100 a.C., chamou-se dória porque seus líderes provinham do pequeno Estado da Dórida. Três tribos compunham essa Liga Dória: os hileus, que adoravam Hércules; os dimanes ("incursores"), que adoravam Apolo; e os panfilos ("homens de todas as tribos"), que adoravam Deméter. Após invadirem a Tessália meridional, parece que os dórios se aliaram aos atenienses antes de se aventurarem a atacar o Peloponeso. A primeira tentativa fracassou, embora Micenas tenha sido incendiada em torno de 1100 a.C., mas, um século depois, eles conquistaram as regiões oriental e meridional, tendo já destruído toda a antiga cultura da Argólida. Essa invasão, que causou emigrações da Argólida para Rodes e da Ática para a costa jônica da Ásia

Menor, e também, ao que parece, de Tebas para a Sardenha, deu origem a uma era de trevas na Grécia.

2. O enterro estratégico da cabeça de um herói é comum nos mitos. Assim, segundo o *Mabinogion,* a cabeça de Bran foi enterrada na Colina da Torre para defender Londres de invasores que viessem pelo Tâmisa; e, segundo Ambrósio (*Epístola* VII. 2), a cabeça de Adão foi enterrada no Gólgota para proteger o flanco setentrional de Jerusalém. Ademais, Eurípides (*Rhesus* 413-415) faz Heitor declarar que as almas, inclusive as dos estrangeiros, podem servir como espíritos guardiães de Troia (vide 28. *6*). Tanto Tricorito quanto Gargueto encontram-se situadas em desfiladeiros estreitos que dominam os acessos à Ática. A perseguição de Iolau atrás de Euristeu até além das Rochas Cironianas parece ter sido retirada do mesmo ícone que sugeriu o mito de Hipólito (vide 101. *g*).

3. O país dos feácios (vide 170. *y*) era Corcira, ou Drépano, hoje Corfu, diante da qual se encontra a ilhota sagrada de Mácris (vide 154. *a*). O mar Crônio era o golfo da Finlândia, de onde, ao que parece, o âmbar era levado até Corcira. Essa ilha é também associada à expedição dos argonautas, que buscava âmbar na entrada do Adriático (vide 148. *9*).

4. Tríopas, o colonizador grego de Rodes, é uma masculinização da antiga deusa tripla Dânae, ou Dam-kina, de cujas três pessoas receberam seus nomes as cidades de Lindo, Ialiso e Camiro. Segundo outros relatos, essas cidades teriam sido fundadas pelos Telquinos (vide 54. *a*), ou por Dânao (vide 60. *d*).

5. Como Alcmena era simplesmente um dos títulos de Hera, não era nada extraordinário que lhe fosse dedicado um templo.

6. Polignoto, em sua famosa pintura de Delfos, retratou Menelau com a insígnia de uma serpente em seu escudo (Pausânias: X. 26. 3), provavelmente a serpente aquática de Esparta (vide 125. *3*). Uma raposa ajudou o herói messênio Aristômenes a escapar de um poço seco ao qual havia sido atirado pelos espartanos (Pausânias: IV. 18. 6); e a deusa representada como raposa era muito conhecida na Grécia (vide 49. *2* e 89. *8*). Parece que o sapo chegou a ser o emblema argivo não só por ter fama de ser perigoso ao ser atingido e por deixar mudo de temor aquele que o visse (Plínio: *História natural* XXXII. 18), como também porque Argos foi chamada primeiro de Forônico (vide 57. *a*). No silabário que precedeu o alfabeto em Argos, os radicais PHRN podiam ser expressos por meio de um sapo, *phryne*.

NOTAS

[1] Sófocles: *As traquínias* 1.151-1.155; Hecateu, citado por Longino: *Sobre a sublimidade* 27; Diodoro Sículo: IV. 57; Apolodoro: II. 8. 1 e III. 7. 1; Pausânias: I. 32. 5.

[2] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 8. 1; Pausânias: *loc. cit*.; Ferécides, citado por Antoninus Liberalis: *Transformações* 33; Zenóbio: *Provérbios* II. 61.

[3] Lísias: II. 11-16; Isócratas: *Panegírico* 15-16; Apolodoro: II. 8. 1; Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: I. 44. 14.

[4] Eurípides: *Os filhos de Hércules* 843 *et seq*., 928 *et seq*. e 1.026 *et seq*.; Estrabão: VIII. 6. 19.

[5] Ferécides, citado por Antoninus Liberalis: *Transformações* 33; Estrabão: IX. 40. 10.

[6] Pausânias: I. 44. 14 e 41. 3; Diodoro Sículo: IV. 58; Apolodoro: II. 81. 2.

[7] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Apolodoro: II. 4. 11 e III. 1. 2; Pausânias: I. 41. 1; Plutarco: *Lisandro* 28.

[8] Píndaro: *Odes píticas* IX. 79 *et seq*.; Plutarco: *Sobre o amor* 17; Pausânias: IX. 23. 1.

[9] Homero: *Ilíada* II. 653-670; Apolodoro: II. 8. 2; Píndaro: *Odes olímpicas* VII. 27 *et seq*.

[10] Diodoro Sículo: IV. 58; Homero: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* III. 13.

[11] Apolônio de Rodes: IV. 538 *et seq*.

[12] Pausânias: VI. 11. 12.

[13] Apolodoro: II. 8. 2-5; Pausânias: II. 18. 7, III. 13. 4, V. 3. 5-7 e VIII. 5. 6; Estrabão: VIII. 3. 33; Heródoto: VI. 52.

147

LINO

Deve-se fazer uma distinção entre o menino Lino de Argos e o Lino filho de Ismeno, que Hércules matou com uma lira. Segundo os argivos, Psâmate, filha de Crotopo, teve o menino Lino com Apolo e, temendo a ira de seu pai, abandonou-o numa montanha. Uns pastores o encontraram e o criaram, mas ele foi depois trucidado pelos mastins de Crotopo. Como Psâmate não era capaz de ocultar sua dor, Crotopo logo percebeu ser ela a mãe de Lino, e a condenou à morte. Apolo castigou a cidade de Argos por esse duplo crime enviando uma espécie de harpia chamada Poene, que arrancava as crianças pequenas de seus pais, até que um certo Corebo se encarregou de matá-la. Então, uma peste afligiu a cidade e, como não dava sinais de terminar, os argivos consultaram o Oráculo de Delfos, que os aconselhou a propiciar Psâmate e Lino. Assim, eles ofereceram sacrifícios a suas almas, e as mulheres e donzelas entoaram cantos fúnebres que ainda são chamados de *linoi*; e como Lino havia sido criado entre cordeiros, o festival foi chamado *arnis*, assim como foi chamado *arneios* o mês em que ele era celebrado. A peste continuou fazendo estragos até que, por fim, Corebo foi a Delfos e confessou que havia matado Poene. A pitonisa não permitiu a ele que voltasse a Argos e lhe disse:

— Leve daqui o meu trípode e erga um templo a Apolo no lugar onde ele cair de suas mãos.

Isso ocorreu no monte Gerânia, onde Corebo fundou primeiro o templo e depois a cidade de Tripodisco, fixando ali sua residência. Sua tumba ainda pode ser vista na praça do mercado de Mégara, coroada por um grupo de estátuas que representam a morte de Poene, constituindo as esculturas mais antigas desse gênero que se conservam na Grécia.[1] Esse segundo Lino é às vezes chamado Etolino, e os harpistas o pranteiam nos banquetes.[2]

b. Um terceiro Lino jaz também enterrado em Argos: era o poeta que alguns chamam de filho de Éagro com a musa Calíope, fazendo-o assim irmão de Orfeu. Outros dizem que ele era filho de Apolo com a musa Urânia, ou Aretusa, filha de Poseidon; e outros, que era filho de Anfímaro, filho de Poseidon, com Urânia; ou de Magnes com a musa Clio.[3] Lino foi o maior músico já existente na humanidade, de modo que Apolo, enciumado, o matou. Ele havia composto baladas em homenagem a Dionísio e outros heróis antigos, anotando-as depois por escrito no alfabeto pelasgo, além de uma epopeia sobre a Criação. Na verdade, Lino foi o inventor do ritmo e da melodia, era sábio em tudo e foi o professor de Tâmiris e Orfeu.[4]

c. As lamentações pela morte de Lino se propagaram por todo o mundo, e constituem o tema, por exemplo, da *Canção de Maneros* egípcia. No monte Hélicon, quando alguém se aproxima do bosque das musas, depara com o retrato de Lino esculpido na parede de uma pequena gruta em que se realizam sacrifícios anuais que precedem aos das musas. Diz-se que ele está enterrado em Tebas e que Filipe, pai de Alexandre, o Grande, após derrotar os gregos em Queroneia, obedecendo a mensagem de um sonho, trasladou seus restos mortais para a Macedônia, mas depois voltou a ter outro sonho e os devolveu ao seu antigo lugar.[5]

1. Pausânias relaciona este mito do menino Lino com o de Maneros, o espírito egípcio do cereal, a quem eram entoados cantos fúnebres na época da colheita. Mas Lino parece ter sido o espírito do linho (*linos*), que é semeado na primavera e colhido no verão. Tinha Psâmate por mãe porque, segundo Plínio (*História natural* XIX. 2), "semeavam o linho em terra *arenosa*". Seu avô e assassino era Crotopo porque — também segundo Plínio — os talos amarelados do linho, após serem arrancados pela raiz e deixados ao ar livre, eram esmagados pelos "pés trituradores" de malhos de estopa. E Apolo, padroeiro de toda a música grega, cujos sacerdotes envergavam túnicas de linho, o gerou. É claro que a morte de Lino infligida por cães se refere à maceração dos talos de linho com machadinhos de ferro, procedimento que Plínio descreve na mesma passagem. Frazer sugere, embora sem evidências que apoiem sua hipótese, que Lino é uma consequência do que os gregos equivocadamente entenderam ao ouvir as palavras fenícias *ai lanu*, "ai de nós". Etolino significa "Lino condenado".

2. O mito, entretanto, reduziu-se ao conhecido modelo da criança abandonada por medo de um avô ciumento e criado por pastores, o que sugere que a indústria do linho na Argólida desapareceu por causa da invasão dória ou por causa do preço inferior com que era oferecido pelos egípcios, ou por causa de ambos, tendo sido substituída pela indústria da lã. Os cantos fúnebres em homenagem ao menino Lino, porém, continuaram sendo entoados anualmente. É provável que a indústria do linho tenha sido iniciada pelos cretenses que civilizaram a Argólida; a palavra grega para corda de linho é *merinthos*, e todas as palavras terminadas em *-inthos* são de origem cretense.

3. Ao matar Poene ("castigo"), Corebo provavelmente proibiu os sacrifícios de crianças no festival de Lino e as substituiu por cordeiros, trocando o nome do mês pelo de "Mês do Cordeiro". Ele foi identificado como sendo um eleu com o mesmo nome, que ganhou a corrida na primeira Olimpíada (776 a.C.). Aparentemente, Tripodisco não tem nenhuma relação com os trípodes, mas parece derivar de *tripodizein*, "acorrentar três vezes".

4. Como a colheita do linho era a ocasião para os cantos fúnebres e a trituração rítmica da planta, e como no solstício de verão — a julgar pelos exemplos suíços e suábios citados no *Golden Bough* de Frazer — os jovens saltavam em torno de uma fogueira para fazer com que o linho crescesse alto, supunha-se a existência de outro Lino místico, que chegou à virilidade e foi um músico famoso, inventor do ritmo e da melodia. Esse Lino tinha por mãe uma musa e por pai o Hermes árcade, ou o Éagro trácio, ou Magnes, antepassado epônimo dos magnésios. Ele, na verdade, não era heleno, mas guardião da cultura pelasga pré-helênica que incluía o calendário arbóreo e todo o saber acerca da Criação. Diz-se que Apolo, que não admitia rivais quando se tratava de música — como já havia demonstrado no caso de Mársias (vide 21. *f*) —, matou-o, mas indiretamente. Essa é, entretanto, uma versão errônea, pois Apolo não matou Lino, mas o adotou. Sua morte foi depois atribuída, mais acertadamente, a Hércules, padroeiro dos incivilizados invasores dórios (vide 146. *1*).

5. Lino é chamado de irmão de Orfeu por causa da semelhança de seus destinos (vide 28. *2*). Nos Alpes austríacos (segundo me informa Margarita Schön-Wels) não se admitem homens na colheita do linho, nem no processo de secá-lo, golpeá-lo e macerá-lo, tampouco nas fiações. O espírito dominante é a *Harpatsch*: uma bruxa aterradora, de mãos e face cheias de fuligem. Se se encontra por acaso com algum homem, ela o abraça, obriga-o a dançar, assalta-o sexualmente e o cobre de fuligem. Ademais, as mulheres que golpeiam o linho, chamadas *Bechlerinnen*, perseguem e cercam qualquer estranho que por engano apareça entre elas. Obrigam-no a se deitar no chão, pisoteiam-no, amarram-lhe as mãos e os pés, envolvem-no em estopa, friccionam sua face e suas mãos com

resíduos espinhosos de linho, esfregam-no contra a casca áspera de uma árvore derrubada e finalmente o lançam ladeira abaixo. Nas redondezas de Feldkirch, elas só obrigam o transgressor a se deitar no chão e passam por cima dele, mas, em outras partes, elas abrem a sua braguilha e introduzem resíduos de linho, que é tão doloroso que o pobre homem tem de escapar correndo com as pernas desnudas. Perto de Salzburgo, são as próprias *Bechlerinnen* que lhe arrancam as calças e o ameaçam com a castração; após sua fuga, elas purificam o lugar queimando ramos e entrechocando foices.

6. Pouco se sabe do que sucede nas fiações, pois as mulheres guardam segredo; exceto que entoam um canto fúnebre chamado *Flachses Qual* (“Tormento do Linho”) ou *Leinen Klage* (“Lamento do Linho”). Assim, parece provável que as mulheres que colhiam o linho costumavam agarrar, atacar sexualmente e desmembrar um homem que representava o espírito do linho; mas, como este foi também o destino de Orfeu, que protestou contra os sacrifícios humanos e as orgias sexuais (vide 28. *d*), dizia-se que Lino era seu irmão. A *Harpatsch* revela-se familiar: é a bruxa da colheita do cereal, representante da deusa Terra. As foices só se entrechocam em homenagem à Lua; não eram utilizadas na colheita do linho. Atribui-se a Lino a invenção da música porque esses cantos são colocados na boca do próprio espírito do linho, e também porque algumas cordas da lira eram feitas com fibra de linho.

NOTAS

[1] Pausânias: I. 43. 7 e II. 19. 7; Conon: *Narrações* 19; Ateneu: III. 99.

[2] Safo, citada por Pausânias: IX. 29. 3; Homero: *Ilíada* XVIII. 569-570; Hesíodo, citado por Diógenes Laércio: VIII. 1. 25.

[3] Apolodoro: I. 3. 2; Higino: *Fábula* 161; *Disputa de Homero e Hesíodo* 314; Diógenes Laércio: *Proêmio* 3; Pausânias: IX. 29. 3; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 831.

[4] Diodoro Sículo: III. 67; Diógenes Laércio: *loc. cit*.; Hesíodo, citado por Clemente de Alexandria: *Stromateis* I, p. 121.

[5] Pausânias: *loc. cit*.

148

A ASSEMBLEIA DOS ARGONAUTAS

Após a morte do rei eólio Creteu, Pélias, filho de Poseidon, que já era um ancião, apoderou-se do trono de Iolco, que pertencia a seu meio-irmão Éson, o herdeiro legítimo. Pouco depois, um oráculo o advertiu que seria morto por um descendente de Éolo, motivo pelo qual Pélias matou todos os eólios proeminentes que ele se atreveu a agarrar, à exceção de Éson, cuja vida ele poupou por respeito à sua mãe Tiro, embora o tenha mantido prisioneiro no palácio, obrigando-o a renunciar à sua herança.

b. Éson casou-se, então, com Polimela, também conhecida como Anfínome, Perimede, Alcímede, Polimede, Polifema, Escarfa ou Arne, com quem teve um filho chamado Diomedes.[1] Pélias teria matado a criança sem piedade, mas Polimela chamou suas parentes para que chorassem por ele como se houvesse nascido morto, retirando-o depois às escondidas da cidade e levando-o ao monte Pélion, onde o centauro Quíron o criou, como havia feito antes, ou como o fez mais tarde, com Asclépio, Aquiles, Eneias e outros heróis famosos.[2]

c. Um segundo oráculo avisou Pélias de que tivesse cuidado com um homem de uma sandália só, e, um dia, quando se encontrava no litoral e um grupo de seus príncipes aliados se juntou a ele para realizarem um sacrifício solene a Poseidon, sua visão recaiu num jovem magnésio, alto, de cabelo comprido, vestido com uma túnica de couro muito justa e pele de leopardo. Ele ia armado com duas lanças de lâmina larga e portava uma só sandália.[3]

d. O outro pé da sandália ele havia perdido no lamacento rio Anauro — que alguns chamam erroneamente de Eveno ou Enipeu — por causa da argúcia de uma velha que, postada na outra margem do rio, suplicava aos transeuntes que a ajudassem a atravessar. Ninguém se compadecia dela, até que aquele jovem desconhecido gentilmente se ofereceu para carregá-la em suas costas largas.

Mas, enquanto cruzava o rio, ele começou a balançar por causa do peso, pois a velha não era ninguém menos que a deusa Hera disfarçada. Pélias havia ofendido Hera ao não fazer-lhe os sacrifícios de costume e ela estava decidida a castigá-lo por sua negligência.[4]

e. Assim, quando Pélias perguntou rudemente ao desconhecido: “Quem és tu e como se chama o teu pai?”, o outro respondeu que o centauro Quíron, seu pai adotivo, o chamava de Jasão, embora anteriormente ele tenha sido chamado de Diomedes, filho de Éson.

Pélias o fitou malignamente e tornou a dirigir-lhe a palavra:

— O que você faria se um oráculo anunciasse que um de seus concidadãos está destinado a dar cabo de ti?

— Eu o enviaria à Cólquida atrás do velocino de ouro — respondeu Jasão, sem saber que Hera havia colocado essas palavras em sua boca. — Peço-lhe que me diga com quem tenho a honra de falar.

f. Quando Pélias revelou sua identidade, Jasão permaneceu impassível. Audazmente reclamou o trono que Pélias lhe havia usurpado, embora sem os rebanhos e as boiadas que faziam parte dele. E, como ele se encontrava firmemente apoiado por seu tio Feres, rei de Feres, e Amitáon, rei de Pilos, que haviam ido participar do sacrifício, Pélias não se atreveu a lhe negar seus direitos natos.

— Mas antes — insistiu ele — exijo que livre nosso querido país de uma maldição.

g. Jasão ficou então sabendo que Pélias era acossado pela alma de Frixo, que havia fugido de Orcômeno uma geração antes, montado no lombo de um carneiro divino para evitar que o sacrificassem. Refugiou-se na Cólquida, onde, ao morrer, negou-se a ser enterrado adequadamente; e, segundo o Oráculo de Delfos, o território de Iolco, onde haviam se estabelecido muitos dos parentes mínios de Jasão, nunca prosperaria se a sua alma não fosse conduzida para a sua pátria num barco, junto com o velocino de ouro. O velo estava dependurado numa árvore do bosque de Ares Cólquido, vigiado dia e noite por um dragão que nunca dormia. Pélias declarou certa vez que, caso se realizasse tão piedosa proeza, ele renunciaria de bom grado ao reino, que começava a se transformar numa carga pesada demais para um homem da sua idade.[5]

h. Jasão não podia negar a Pélias esse favor, de maneira que enviou arautos a todas as cortes da Grécia, pedindo voluntários dispostos a embarcar com ele. Também conseguiu fazer com que o téspio Argos lhe construísse um navio de cinquenta remos, fabricado em Págasas, com madeira seca do monte Pélion. Depois, a própria Atena colocou um mastro oracular na proa do *Argo*, cortado do carvalho de seu pai Zeus em Dodona.[6]

i. Diversas listas de presença de argonautas — como são chamados os companheiros de Jasão — foram compiladas em diferentes épocas, mas os autores mais confiáveis dão os seguintes nomes:

Acasto, filho do rei Pélias
Áctor, filho do fócio Deion
Admeto, príncipe de Feres
Anceu, o Grande de Tégea, filho de Poseidon
Anceu, o Pequeno, lélege de Samos
Anfiarau, o vidente argivo
Argos, o Téspio, construtor do *Argo* Ascálafo, o Orcômeno, filho de Ares
Astério, filho de Comete, pelópio
Atalanta do Calidão, a virgem caçadora
Augias, filho do rei Forbante da Élida
Butes de Atenas, o apicultor
Ceneu, o Lápita, que havia sido mulher no passado
Cálais, o filho alado de Bóreas
Canto, o Eubeu
Castor, o lutador espartano, um dos Dióscuros
Cefeu, filho do árcade Áleo
Corono, o Lápita, de Girtão, na Tessália
Equíon, filho de Hermes, o arauto
Ergino de Mileto
Estáfilo, irmão de Fano
Eufemo de Tênaro, o nadador
Euríalo, filho de Mecisteu, um dos Epígonos
Euridamante, o Dólope, do lago Xínias
Falero, arqueiro ateniense
Fano, o filho cretense de Dionísio
Hércules de Tirinto, o homem mais forte que já houve, agora deus
Hilas, o Dríope, escudeiro de Hércules
Idas, filho de Afareu de Messênia
Idmão, o Argivo, filho de Apolo
Íficles, filho do etólio Téstio
Ífito, irmão do rei Euristeu de Micenas
Jasão, capitão da expedição
Laertes, filho de Acrísio, o argivo
Linceu, o vigia, irmão de Idas

Melampo de Pilos, filho de Poseidon
Meléagro do Calidão
Mopso, o Lápita
Náuplio, o Argivo, filho de Poseidon, célebre navegador
Oileu da Lócrida, pai de Ájax
Orfeu, poeta trácio
Palêmon, filho de Hefesto, etólio
Peante, filho do magnésio Táumaco
Peleu, o Mirmidão
Peneleu, filho de Hipálcimo, o beócio
Periclímeno de Pilos, o filho de Poseidon que mudava de forma
Polifemo, filho de Élato, o árcade
Pólux, pugilista espartano, um dos Dióscuros
Tífis, o piloto da beócia Sifas
Zetes, irmão de Cálais
Jamais, antes ou depois, reuniu-se uma tripulação tão valente.[7]

j. Os argonautas são frequentemente chamados de mínios, pois levaram de volta a alma de Frixo, neto de Mínias, e o velo de seu carneiro; e porque muitos deles, inclusive o próprio Jasão, provinham do sangue das filhas de Mínias. Esse Mínias, filho de Crises, havia emigrado da Tessália para Orcômeno, na Beócia, onde fundou um reino e foi o primeiro rei a construir uma tesouraria.[8]

1. Na época de Homero, já caíra "na boca do povo" (*Odisseia* XII. 40) um ciclo de baladas sobre a viagem do *Argo* ao país de Eetes ("poderoso"). Homero situa os Planctae — pelos quais o barco havia passado mesmo antes de Odisseu — perto das Ilhas das Sereias e não longe de Cila e Caribde. Todos esses perigos encontram-se retratados nos relatos mais completos do regresso do *Argo* da Cólquida.

2. Segundo Hesíodo, Jasão, filho de Éson, após realizar muitas tarefas penosas impostas por Pélias, casou-se com a filha de Eetes, que foi com ele para Iolco, onde "ela se submeteu" e teve com ele um filho, Medeu, que foi educado por Quíron. Mas parece que Hesíodo estava mal informado: nos tempos heroicos, nenhuma princesa era levada para a casa de seu marido; era ele quem

ia para a casa dela (vide 137. *4* e 160. *3*). Portanto, Jasão ou se casou com a filha de Eetes e se instalou em sua corte, ou se casou com a filha de Pélias e se instalou em Iolco. Eumelo (século VIII) relata que, quando Corinto morreu sem sucessores, Medeia reclamou exitosamente o trono vago de Corinto, pois era filha de Eetes, que, descontente com sua herança, havia emigrado dali para a Cólquida; e que Jasão, seu marido, tornou-se portanto rei.

3. Nem a Cólquida nem a sua capital, Ea, são mencionadas nesses primeiros relatos, que descrevem Eetes como filho de Hélio e irmão da Circe eana. Tampouco deve-se supor que a história conhecida por Homero tivesse muito em comum com aquela que é contada por Apolodoro e Apolônio de Rodes; inclusive a rota seguida pelo *Argo* em sua viagem de ida, para não falar do regresso, ainda não havia sido fixada nem mesmo na época de Heródoto, pois Píndaro, em sua *Quarta ode pítica* (462 a.C.), havia apresentado uma versão muito diferente da dele.

4. Parece que o mito de Pélias e Diomedes — o nome original de Jasão — se referia a um príncipe abandonado numa montanha, criado por guardadores de cavalos, a quem aparentemente o rei de uma cidade vizinha impunha tarefas impossíveis — embora esse rei não fosse necessariamente um usurpador —, por exemplo a atrelagem de touros com hálito de fogo e a conquista de um tesouro guardado por um monstro marinho — Jasão meio morto no papo do monstro marinho é o tema de obras de arte etruscas. Sua recompensa seria casar-se com a herdeira do trono. Mitos similares são comuns na mitologia celta — como atestam os trabalhos impostos a Kilhwych, o herói do *Mabinogion*, quando quis se casar com a feiticeira Olwen — e se referem, ao que parece, às provas rituais da coragem de um rei antes de sua coroação.

5. De fato, as deduções mais verossímeis sobre as tarefas de Diomedes podem ser retiradas do "Conto de Kilhwych e Olwen" e do seu análogo "Conto de Peredur, filho de Evrawc", pertencente também ao *Mabinogion*. Ao apaixonar-se por Olwen, Kilhwych recebeu ordens de seu pai no sentido de atrelar um touro amarelo e um touro malhado para limpar uma colina de espinhos e arbustos, semeá-la com trigo e depois recolher o cereal num só dia (vide 127. *1* e 152. *3*), além de obter um chifre da abundância e um caldeirão irlandês mágico. Peredur, ao se apaixonar por uma donzela desconhecida, teve de matar um monstro marinho chamado *Avanc* num lago próximo ao Túmulo da Aflição — Ea significa "aflição". Sob a condição de lhe jurar fidelidade, ela lhe deu uma pedra mágica que lhe permitiu vencer o Avanc e obter "todo o ouro que um homem pudesse desejar". A donzela revelou ser a Imperatriz de Cristinobil, uma feiticeira que vivia com grande pompa "na direção da Índia"; Peredur foi o seu amante durante catorze anos. Posto que o único outro herói galês que venceu

um Avanc ser Hu Gadarn o Poderoso, antepassado dos Cymry, que, atrelando dois touros ao monstro, arrancou-o do rio Conwy (*Tríades galesas* III. 97), parece provável que também Jasão houvesse tirado o monstro da água com a ajuda de sua junta de bois que exalavam fogo.

6. O caldeirão irlandês que Kilhwych encontrou era, ao que parece, o mesmo mencionado no "Conto de Peredur": um caldeirão da regeneração, como o que foi utilizado posteriormente por Medeia e que um gigante havia encontrado no fundo de um lago irlandês. É possível que Diomedes tenha sido instado a encontrar um caldeirão similar para Pélias. O cenário de seus trabalhos deve ter sido alguma região não geográfica situada "na direção do sol nascente". Na lenda dos argonautas não é mencionada cornucópia alguma, mas Medeia, por alguma razão ignorada, rejuvenesce a ninfa Mácris e suas irmãs, anteriormente amas de Dionísio, ao se encontrar com elas em Drépano, ou Corcira. Como Dionísio tinha muito em comum com o Zeus infante, cuja ama, a cabra Amalteia, lhe proporcionou a cornucópia original (vide 7. *b*), talvez Medeia tenha ajudado Diomedes a obter uma outra cornucópia das ninfas, prestando-lhes os seus serviços. Os Trabalhos de Hércules — assim como os de Teseu e Órion — são mais bem-compreendidos como tarefas nupciais, e incluíam "a ruptura dos cornos de ambos os touros" (o cretense e o aqueloano — vide 134. *6*).

7. Este mito das tarefas nupciais, uma versão da qual parece ter sido corrente em Iolco, com Pélias como vilão, e outra em Corinto, com Corinto como vilão, chegou a se vincular, evidentemente, à lenda semi-histórica de uma expedição marítima mínia enviada de Iolco pelos orcômenos. Orcômeno pertencia à antiga Anfictiônia, ou Liga de Caláuria (Estrabão: VIII. 6. 14), presidida pelo deus eólio Poseidon, e que incluía seis Estados costeiros de Argos e da Ática. Era a única cidade de interior dentre as sete e estava estrategicamente situada entre o golfo de Corinto e o golfo da Tessália. Sua população, assim como os beócios de Hesíodo, devia ser composta de agricultores no inverno e marinheiros no verão.

8. O suposto propósito da expedição era recuperar um velo sagrado que havia sido levado ao "país de Eetes" pelo rei Frixo, neto de Mínias, quando estava prestes a ser sacrificado no monte Lafístio (vide 70. *d*) e escoltar a alma de Frixo de volta para Orcômeno. Seu chefe deve ter sido um mínio — que não era Diomedes, filho de Éson —, talvez Citisoro (Heródoto: VII. 197), filho de Frixo, a quem Apolônio de Rodes confere um lugar proeminente na história (vide 151. *f* e 152. *b*), e que mereceu o epíteto de Jasão ("curador") em Orcômeno ao terminar com a seca e a peste causadas pela fuga de Frixo. Entretanto, Diomedes era mínio por parte de mãe, e é provável que a descendência fosse matrilinear tanto em Orcômeno como na Iolco pelasga.

9. Nesta lenda mínia, o país de Eetes não pode ter-se situado no outro extremo do mar Negro. Todas as evidências primitivas indicam a cabeceira do Adriático. Acredita-se que os argonautas tenham navegado pelo rio Pó, perto de cuja desembocadura, do outro lado do golfo, se encontra a ilha de Circe ou Ea, que passou a ser chamada Lussin; e que foram pegos pelos cólquidos de Eetes na foz do Ister — não o Danúbio, mas, como sugere Diodoro Sículo, o pequeno rio Istro, que dá seu nome à Ístria. Assim, Medeia matou seu irmão Absirto, que foi enterrado na localidade vizinha de Apsirtides e, quando ela e Jasão se refugiaram com Alcínoo, rei de Drépano (Corcira), a uma distância de alguns dias de navegação para o sul, os cólquidos, ou colcos, enganados por sua vingança, temeram incorrer na ira de Eetes se voltassem de mãos vazias e, por conseguinte, ergueram a cidade de Pola na terra firme da Ístria. Ademais, o país das sereias, as Rochas Chocantes, Cila e Caribde, são todos lugares que se encontram perto da Sicília, onde em sua passagem o *Argo* foi sacudido pelo violento vento nordeste.

"Cólquida" pode querer significar equivocadamente, de fato, "Colicária", no Baixo Pó, não longe de Mântua, uma estação, ao que parece, da Rota do Âmbar, pois as filhas de Hélio, que choravam lágrimas de âmbar, surgem na história tão logo o *Argo* entra no Pó (vide 42. *d*). O âmbar era consagrado ao Sol, e Electra ("âmbar"), a ilha em que se diz ter ancorado o *Argo*, dificilmente pode ter sido a Samotrácia, como acreditam os escoliastas, mas deve ter-se tratado da "terra de Eetes", um entreposto comercial no fim da Rota do Âmbar — talvez coríntio, pois Eetes havia trazido de Corinto o seu culto do Sol, ou talvez também pelasgo, pois, segundo a *Descrição da Terra* de Dionísio (I. 18), uma colônia pelasga, procedente de Dodona, manteve no passado uma poderosa frota numa das desembocaduras do Pó.

10. Ao mito não geográfico de Diomedes, agora combinado com a lenda de uma viagem mínia à terra de Eetes, acrescentou-se um terceiro elemento: a tradição de uma antiga incursão de piratas ao longo da costa meridional do mar Negro, levada a cabo por ordem de outro rei mínio. A sexta cidade de Troia, com seu domínio sobre o Helesponto, gozava do monopólio do comércio no mar Negro, o qual essa incursão deve ter planejado desafiar (vide 137. *1*). Então, o suposto objetivo dos mínios com sua viagem pelo Adriático, segundo Simônides (citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 77), era um velocino, não de ouro, mas de púrpura, o qual o Primeiro Mitógrafo do Vaticano descreve como aquele "em que Zeus costumava subir ao céu". Em outras palavras, tratava-se de um velo negro que se portava num rito régio para produzir chuva, como o que se realiza ainda em todo Dia de Maio no cume do monte Pélion, onde um ancião com máscara de pele de ovelha negra é morto e ressuscitado por seus

companheiros, vestidos com velos brancos (*Anais da Escola Britânica de Atenas* XVI. 244-249, 1909-1916). Segundo Dicearco (II. 8), este rito se realizava na época clássica sob os auspícios do Zeus Acteu, ou Acreu (“do cume”). Originalmente, o homem da máscara de pele de ovelha negra seria o rei, representante de Zeus, que era sacrificado ao término de seu reinado. O emprego da mesma cerimônia no monte Pélion e no monte Lafístio explicaria a combinação das duas tradições de Iolco, a saber, o mito de Diomedes e a lenda da incursão no mar Negro, com a tradição de uma viagem mínia para desfazer o dano causado por Frixo.

11. Mas a missão dos mínios dificilmente pode ter sido a de levar de volta o velo lafístio perdido, que podia ser substituído facilmente; é muito mais provável que tenham ido em busca de âmbar para propiciar a divindade ofendida, a deusa da montanha. Cabe lembrar que os mínios tinham uma “Pilo Arenosa” na costa ocidental do Peloponeso — arrebatada aos léleges por Neleu com a ajuda dos pelasgos de Iolco (vide 94. *c*) — e que, segundo Aristóteles (*Mirabilia* 82), os pilienses levavam âmbar da desembocadura do Pó. No lugar onde estava essa Pilo (que hoje é a aldeia de Kakovatos), descobriram-se enormes quantidades de âmbar.

12. Na viagem oriental, esse velocino fez-se “dourado” porque era necessário incluir a façanha de Diomedes de obtenção do tesouro do monstro marinho; e porque, como assinala Estrabão, os argonautas que irromperam no mar Negro iam em busca do ouro dos aluviões da Fasis cólquida (agora Rion), que os nativos recolhiam em velos estendidos no leito do rio. Não foi somente a confusão da Cólquida com Colicária, de Ea (“terra”) com Ea (“lamentação”), e do velo negro pelônio com o lafístio, o que uniu essas distintas tradições; o palácio da aurora de Hélio, pai de Eetes, encontrava-se na Cólquida (vide 42. *a*), o país mais oriental que Homero conhecia; e dizia-se que *Jasonica*, os templos de Hércules Curador, situavam-se no golfo oriental do mar Negro, onde os eólios haviam estabelecido entrepostos comerciais. Segundo algumas autoridades no assunto, Hércules foi quem liderou a expedição ao mar Negro. Ademais, posto que Homero havia mencionado Jasão apenas como pai de Euneu, que forneceu vinho aos gregos durante o sítio de Troia (vide 162. *i*), e posto que Lemnos se encontra a leste da Tessália, acreditava-se que o *Argo* também havia se dirigido para o leste. As Rochas Flutuantes, ou Chocantes, que Homero situou em águas sicilianas foram, pois, transferidas para o Bósforo.

13. Cada cidade necessitava de um representante argonauta para justificar seus direitos comerciais no mar Negro, e os menestréis viajantes não se importavam em adicionar um nome ou dois nesse ciclo misto de baladas. Por conseguinte, sobreviveram várias listas de argonautas, todas irreconciliáveis,

mas a maioria delas baseia-se na teoria de que foi utilizado um barco de cinquenta remos, o que de fato não era impossível na época micênica; só Tzetzes aporta uma centena de nomes. Entretanto, nem o cético mais recalcitrante parece ter duvidado de que a lenda é essencialmente histórica, ou de que a viagem ocorreu antes da Guerra de Troia, em algum momento do século XIII a.C.

14. O único pé de sandália de Jasão demonstra que ele era um combatente. Os guerreiros etólios eram célebres pelo seu costume de combater só com o pé esquerdo calçado (Macróbio: V. 18-21; escoliasta sobre as *Odes píticas* de Píndaro: IV. 133), recurso adotado também pelos plateus durante a Guerra do Peloponeso para se moverem melhor no barro (Tucídides: III. 22). A razão de se calçar o pé do lado do escudo, e não do lado da arma, talvez tenha sido porque aquele pé permanecia na frente durante a luta corpo a corpo, além de poder ser usado para chutar o adversário na virilha. Portanto, o esquerdo era o pé do ataque e com ele nunca se pisava o umbral da casa de um amigo. Essa tradição sobrevive na Europa moderna, onde os soldados sempre marcham para a guerra com o pé esquerdo primeiro.

15. A disputa entre Hera e Pélias por este não haver-lhe feito sacrifícios indica a tensão que existia entre a dinastia aqueia adoradora de Poseidon em Iolco e seus súditos eólio-magnésios, que rendiam culto à deusa.

NOTAS

[1] Escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XII. 70; Diodoro Sículo: IV. 50. 1; Apolônio de Rodes: I. 232; Apolodoro: I. 9. 16; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 45; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 872.

[2] Píndaro: *Odes píticas* IV. 198 *et seq*., e *Odes nemeeias* III. 94 *et seq*.; Homero: *Ilíada* XVI. 143.

[3] Apolônio de Rodes: I. 7; Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes píticas* IV. 128 *et seq*.

[4] Apolônio de Rodes: I. 8-17; Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 13; Valério Flaco: I. 84.

[5] Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: IV. 40; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XII. 70; Hesíodo: *Teogonia* 992 *et seq*.

[6] Píndaro: *loc. cit*.; Valério Flaco: I. 39; Apolodoro: *loc. cit*.

[7] Apolodoro: *loc. cit*.; Píndaro: *loc. cit*.; Higino: *Fábulas* 12 e 14-23; Apolônio de Rodes: I. 20; Diodoro Sículo: IV. 40-9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 1 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonautica* I. *passim*.

[8] Apolônio de Rodes: I. 229; Pausânias: IX. 36. 3.

149

AS MULHERES LÊMNIAS E O REI CIZICO

Após capturar o javali de Erimanto, Hércules apareceu de repente em Págasas e foi convidado unanimemente para ser o capitão do *Argo*. Ele só concordou, porém, em servir sob as ordens de Jasão, que, apesar de principiante, havia projetado e organizado a expedição. Assim, quando o barco foi lançado ao mar e os lugares nos bancos foram sorteados, dois remadores para cada banco, foi Jasão quem sacrificou uma junta de bois a Apolo das Embarcações. Enquanto a fumaça do sacrifício se elevava de maneira propiciatória ao firmamento, formando escuras colunas em torvelinho, os argonautas se sentaram para celebrar seu banquete de despedida, em que Orfeu apaziguou com sua lira certas disputas entre beberrões. Lançaram-se ao mar às primeiras luzes do amanhecer, rumo a Lemnos.[1]

b. Aproximadamente um ano antes, os lêmnios haviam brigado com suas esposas, queixando-se do mau cheiro que exalava do seu corpo, e haviam transformado em concubinas as jovens trácias capturadas em suas incursões. Para se vingarem, as mulheres lêmnias assassinaram-nos sem compaixão, tanto velhos quanto jovens, à exceção do rei Toante, cuja vida foi salva em segredo por sua filha Hipsípila, que o colocou à deriva numa embarcação sem remos. Então, quando o *Argo* surgiu à vista e as lêmnias o tomaram por um barco inimigo proveniente da Trácia, elas vestiram as armaduras de seus maridos mortos e correram audazmente até a costa para repelir a ameaça de ataque. Entretanto, o eloquente Equíon, ao desembarcar com o báculo na mão, na qualidade de arauto de Jasão, tratou logo de tranquilizá-las. Hipsípila convocou então um conselho em que propôs o envio de alimentos e vinho para os argonautas, mas que não lhes fosse permitido entrar na cidade de Mirina,

temendo serem acusadas pela matança. Polixo, a velha ama de Hipsípila, pôs-se de pé e declarou que, sem homens, a raça lêmnia não tardaria em extinguir-se.

— O mais sensato — disse ela — seria vocês se oferecerem amorosamente a esses aventureiros bem-nascidos e, assim, não só colocariam nossa ilha sob forte proteção, como também dariam à luz uma raça nova e forte.

c. Esse conselho desinteressado foi aclamado por um vozerio, e os argonautas foram bem recebidos em Mirina. Hipsípila, é claro, não contou toda a verdade a Jasão, mas, balbuciando e ruborizando-se, explicou-lhe que, após terem sofrido maus-tratos por parte de seus maridos, suas companheiras haviam se levantado em armas e os haviam obrigado a emigrar. Disse que o trono vago de Lemnos seria dele, caso o reivindicasse. Embora Jasão houvesse aceitado a oferta, ele agradeceu e declarou que, antes de fixar residência na fértil Lemnos, deveria terminar sua busca ao velocino de ouro. Mas Hipsípila não tardou em convencer os argonautas a adiarem sua partida, pois cada aventureiro viu-se cercado de mulheres jovens, todas as quais desejavam partilhar seu leito.[2] Hipsípila reclamou Jasão para si e o entreteve regiamente; nessa ocasião foram concebidos Euneu e seu irmão gêmeo Nebrófono, chamado por alguns de Deífilo, ou Toante o Jovem. Euneu tornou-se finalmente rei de Lemnos e supriu os gregos com vinho durante a Guerra de Troia.

d. Os outros argonautas também conceberam muitos filhos nessa ocasião e, não fosse Hércules, que vigiava o *Argo*, e que por fim dirigiu-se resolutamente para Mirina, batendo nas portas das casas com sua clava e pedindo aos seus companheiros que voltassem a cumprir o seu dever, é provável que o velocino de ouro nunca houvesse deixado a Cólquida. Ele logo os obrigou a voltar à costa e, naquela mesma noite, embarcaram para a Samotrácia, onde foram devidamente iniciados nos mistérios de Perséfone e dos servidores dela, os cabiros, que salvavam os marinheiros do naufrágio.[3]

e. Mais tarde, quando as lêmnias descobriram que Hipsípila, violando seu juramento, havia poupado Toante — que chegou à costa da ilha de Sicinos e depois reinou entre os tauros —, venderam-na como escrava ao rei Licurgo de Nemeia. Mas há quem diga que piratas trácios assaltaram Mirina e a capturaram. Ao chegar à idade adulta, Euneu purificou a ilha da matança, e os ritos que utilizou continuam se repetindo no festival anual dos Cabiros: durante nove dias, o fogo permanece apagado em todos os fornos lêmnios e realizam-se oferendas aos mortos, após o que fogo novo é trazido de barco do altar de Apolo em Delfos.[4]

f. Os argonautas continuaram navegando, deixando Imbros a estibordo, e, como era sabido que o rei Laomedonte de Troia guardava a entrada do Helesponto e não permitia que nenhum barco grego se aproximasse, eles

passaram despercebidos pelo estreito durante a noite, mantendo-se perto da costa trácia, chegando a salvo ao mar de Mármara. Ao aproximarem-se do território dos dolíones, eles desembarcaram no cabo de uma península escarpada chamada Arcton, coroada pelo monte Dindimo. Lá eles foram recebidos pelo rei Cizico, filho de Eneu e anterior aliado de Hércules, que acabara de se casar com Clite, da Percote frígia, e os convidou cordialmente a compartilhar de seu banquete de casamento. Enquanto ainda se celebravam os festejos, os guardiães do *Argo* foram atacados com pedras e paus por gigantes de seis mãos nascidos da Terra, vindos do interior da península, logrando porém rechaçá-los.

g. Depois, os argonautas dedicaram a pedra que lhes servia de âncora a Atena, em cujo templo pode ser vista e, levando a bordo outra mais pesada, zarparam remando, depois de uma cordial despedida, rumo ao Bósforo. Mas logo começou a soprar um vento nordeste que diminuiu em muito o seu avanço, de maneira que Tífis decidiu mudar a direção do barco e voltar para o sotavento da península. Ele acabou perdendo o rumo e os argonautas, abicando sua embarcação ao acaso em meio à mais densa escuridão, foram imediatamente atacados por guerreiros bem armados. Só após tê-los vencido numa cruenta batalha, matando alguns e pondo em fuga os demais, Jasão descobriu que tinha ido parar na costa oriental de Arcton e que o nobre rei Cizico, que havia tomado os argonautas por piratas, jazia morto aos seus pés. Clite, enlouquecida com a notícia, se enforcou; e as ninfas do bosque caíram num pranto lastimoso, formando com suas lágrimas a fonte que agora leva o nome de Clite.

h. Os argonautas celebraram jogos fúnebres em honra a Cizico, mas o mau tempo os reteve durante muitos dias mais. Por fim, uma alcíone revoluteou sobre a cabeça de Jasão e pousou gorjeando na proa do *Argo*; e Mopso, que compreendia a linguagem das aves, explicou que tudo iria bem caso aplacassem a deusa Reia. Ela havia exigido a morte de Cizico em represália pela de seu leão sagrado, morto por ele no monte Dindimo, e estava agora ofendida com os argonautas por terem causado aquela carnificina entre seus irmãos, os gigantes de seis braços nascidos da Terra. Por conseguinte, eles ergueram uma imagem à deusa, talhada por Argos a partir de uma cepa antiga, e dançaram fortemente armados no cimo da montanha. Reia agradeceu a devoção deles e fez com que brotasse um manancial — que passou a ser chamado Manancial de Jasão — numa das rochas próximas. Então, um vento favorável começou a soprar e eles puderam seguir viagem. Entretanto, os dolíones prolongaram seu luto por mais um mês, sem acender fogo nos lares e consumindo somente alimentos crus, costume que ainda se observa durante os jogos cizicos anuais.[5]

1. Segundo Homero, Jasão faz escala em Lemnos porque Euneu, que lá reinou durante a Guerra de Troia, era seu filho, e porque Eufemo, outro argonauta, concebeu Leucofanes (“aparição branca”) com uma mulher lêmnia (Tzetzes: *Sobre Licofrone* 886; escoliasta sobre as *Odes píticas* de Píndaro: IV. 455), transformando-se, assim, no ancestral de uma grande dinastia cireneia. O massacre dos homens lêmnios indica que os ilhéus conservavam uma forma de sociedade ginocrática, apoiada por sacerdotisas armadas e mantida entre certas tribos líbias na época de Heródoto (vide 8. *1*); os visitantes helenos só podiam compreender tal anomalia em termos de uma revolução feminina. Mirina era o nome de sua deusa (vide 131. *3*). Dizia-se que as lêmnias cheiravam mal quiçá porque trabalhavam com o pastel-dos-tintureiros — utilizado por suas vizinhas trácias para se tatuarem —, planta de um cheiro tão nauseabundo e duradouro que as famílias de Norfolk que trabalham com ela viram-se sempre obrigadas a se casarem exclusivamente entre si.

2. A Samotrácia era um centro da religião heládica, e aqueles que se iniciavam em seus Mistérios da deusa-Lua — cujo segredo foi bem guardado — tinham o direito de portar um amuleto purpúreo (Apolônio de Rodes: I. 197; Diodoro Sículo: V. 49), considerado altamente valioso como proteção contra toda a espécie de perigos, mas especialmente contra os naufrágios. Filipe da Macedônia e sua esposa Olímpia foram iniciados nesses Mistérios (Aristófanes: *A paz* 277, com escoliasta). César Germânico não pôde participar dos Mistérios só por causa de um agouro, e morreu pouco depois (Tácito: *Anais* II. 54). Diz-se que certas vasilhas antigas de bronze encontradas na Samotrácia haviam sido dedicadas pelos argonautas.

3. Os irmãos de Reia, os gigantes de seis braços nascidos da Terra da Ilha do Urso, talvez tenham sido deduzidos a partir de ilustrações que representavam homens peludos vestidos com peles de urso, com as garras estendidas. O relato da morte de Cizico, é suficientemente minucioso para indicar uma autêntica tradição de incursões no mar Negro, embora não se relacione com a extinção anual dos fogos em Cizico, assim como a suposta matança dos lêmnios se relaciona com uma cerimônia análoga em Mirina durante os nove dias do festival dos Cabiros. No fim do ano, quando o rei sagrado era sacrificado, normalmente se apagavam os fogos em muitos reinos, e eles eram reacendidos mais tarde como parte dos ritos da instauração do novo rei.

4. A morte do leão de Reia provavelmente se refere à supressão de seu culto em Cizico em favor do olimpianismo.

5. As alcíones eram mensageiras da deusa marinha Alcíone (“a rainha que repele [tempestades]” — vide 45. *1-2*).

NOTAS

[1] Apolônio de Rodes: I. 317 *et seq*.

[2] Apolônio de Rodes: I. 1-607; Heródoto: VI. 138; Apolodoro: I. 9. 17; *Argonáutica órfica* 473 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonáutica* II. 77; Higino: *Fábula* 15.

[3] Homero: *Ilíada* VII. 468, com escoliasta; Estácio: *Tebaida* VI. 34; Apolônio de Rodes: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Valério Flaco: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; *Fragmentos de Sófocles* II. 51 *et seq*., ed. Pearson.

[4] Apolodoro: III. 6. 4; Higino: *loc. cit*.; Filóstrato: *Heroica* XX. 24.

[5] Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 49; Apolônio de Rodes: I. 922 *et seq*. e 935-1.077; *Argonáutica órfica* 486 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonáutica* II. 634; Higino: *Fábula* 16.

150

HILAS, ÂMICO E FINEU

Desafiados por Hércules, os argonautas iniciaram uma competição para ver quem era capaz de aguentar mais tempo remando. Após horas de esforço, aliviadas unicamente pela lira de Orfeu, restaram apenas Jasão, os Dióscuros e Hércules, pois seus companheiros foram admitindo a derrota um após o outro. A força de Castor começou logo a diminuir, e Pólux, vendo que só havia um modo de fazê-lo desistir, abandonou seu remo. Jasão e Hércules, contudo, continuaram fazendo o *Argo* avançar, sentados em lados opostos do barco, até que, pouco depois, quando chegaram à desembocadura do rio Quio, na Mísia, Jasão desmaiou e, quase ao mesmo tempo, o remo de Hércules se partiu. Ele olhou em volta, contrariado e furioso, e seus companheiros extenuados voltaram a empunhar os remos, abicando o *Argo* à margem do rio.

b. Enquanto preparavam o jantar, Hércules saiu à procura de uma árvore a partir da qual pudesse fabricar um novo remo. Arrancou um abeto enorme pela raiz mas, enquanto o arrastava de volta para desbastá-lo junto à fogueira do acampamento, deu-se conta de que seu escudeiro Hilas havia saído uma ou duas horas antes para trazer água de uma fonte na localidade próxima de Pegas e ainda não havia regressado, e que Polifemo também havia saído atrás dele. Hilas havia sido o favorito de Hércules desde a morte de seu pai, Teodamante, rei dos dríopes, que Hércules havia matado por ter-se negado a lhe dar um boi de arado.

Gritando “Hilas! Hilas!”, Hércules penetrou freneticamente no bosque e não tardou a encontrar Polifemo, que lhe disse:

— Ouvi Hilas gritar por socorro e corri até o lugar de onde vinha a sua voz, mas quando cheguei não vi sinais de luta com animais selvagens nem com inimigos de nenhuma espécie. Encontrei somente o seu cântaro de água, que jazia junto à fonte.

Hércules e Polifemo continuaram a procurar durante toda a noite e obrigaram todos os mísios que encontravam a unirem-se a eles, mas tudo foi em vão. A realidade era que Driopeia e suas irmãs, as ninfas de Pegas, haviam se apaixonado por Hilas e o haviam seduzido, convencendo-o a ir viver com elas numa gruta subaquática.

c. Ao amanhecer, começou a soprar uma brisa favorável e, como Hércules e Polifemo não apareciam, apesar dos chamamentos incessantes de todos, Jasão ordenou que retomassem a viagem. Tal decisão provocou protestos veementes, e, enquanto o *Argo* se distanciava da costa, vários argonautas o acusaram de estar abandonando Hércules para se vingar de sua derrota na competição de remo. Eles até tentaram fazer com que Tífis conduzisse o barco de volta, mas Cálais e Zetes se interpuseram, e esse é o motivo pelo qual Hércules os matou, depois, na ilha de Tenos, onde pôs uma grande pedra *logan*[a] sobre a tumba deles.

d. Após ameaçar destruir a Mísia caso seus habitantes não continuassem a busca por Hilas, fosse ele encontrado vivo ou morto, e admoestá-los a liderar uma exitosa incursão a Troia, Hércules retomou seus Trabalhos. Mas Polifemo se estabeleceu perto de Pegas e construiu a cidade de Crio, onde reinou até ser morto em batalha pelos cálibes.[1] Em homenagem a Hércules, os mísios continuam oferecendo sacrifícios a Hilas uma vez por ano, em Prusa, perto de Pegas; seu sacerdote pronuncia três vezes o seu nome em voz alta e os devotos simulam que o procuram pelo bosque.[2]

e. Hilas, na verdade, sofreu o mesmo destino que Bormo, ou Borimus, filho de Úpio, jovem mariandino de extraordinária beleza que, certa vez, na época da colheita, foi até um poço em busca de água para os ceifeiros. Também a ele as ninfas arrastaram para dentro do poço e nunca mais voltou-se a vê-lo. Os camponeses da Bitínia celebram sua memória todos os anos na época da colheita, com canções melancólicas e acompanhamento de flautas.[3]

f. Por isso, há quem ridicularize a história de Hilas, dizendo que ele, na verdade, era Bormo e que Hércules havia sido abandonado na Afete magnésia, perto de Págasas, quando desembarcou em busca de água pouco após ter iniciado a viagem, quando o mastro oracular do *Argo* anunciou que ele pesava demais para ser levado a bordo. Outros asseguram o contrário: que ele não só chegou à Cólquida como também se manteve todo o tempo na liderança da expedição.[4]

g. Em seguida, o *Argo* fez uma escala na ilha de Bebricos, também no mar de Mármara, onde governava o arrogante rei Âmico, filho de Poseidon. Âmico, que se gabava de ser um grande lutador, costumava desafiar os estrangeiros a uma luta que invariavelmente terminava com a morte deles. Caso se negassem, ele os atirava ao mar, sem cerimônia, do alto de um rochedo. Nessa ocasião, ele

se aproximou dos argonautas e lhes negou água e alimentos, a não ser que um de seus paladinos se confrontasse com ele no ringue. Pólux, que havia vencido a competição de pugilato nos jogos olímpicos, deu voluntariamente um passo à frente e vestiu as luvas de couro cru que Âmico lhe ofereceu.

h. Âmico e Pólux se enfrentaram com grande violência num pequeno vale florido, não muito distante da praia. As luvas de Âmico eram guarnecidas com pregos de bronze e os músculos de seus braços peludos pareciam seixos rolados cobertos por alga marinha. Dentre os dois ele era de longe o mais pesado, e muitos anos mais jovem; mas Pólux, no início lutando cautelosamente e evitando suas investidas taurinas, não tardou em descobrir os pontos fracos de seu inimigo e, em pouco tempo, ele já o fazia cuspir sangue pela boca inchada. Após um combate prolongado, em que nenhum dos dois mostrou o menor sinal de fraquejo, Pólux rompeu a guarda de Âmico, esmagou seu nariz com um golpe direto do punho esquerdo e o castigou sem misericórdia dos dois lados, valendo-se de ganchos e golpes potentes. Impulsionado pela dor e pelo desespero, Âmico agarrou o punho esquerdo de Pólux e o puxou com a mão esquerda enquanto descarregou sobre ele um potente golpe com o braço direito. Mas Pólux jogou-se na direção do puxão, de maneira que o golpe atravessou o ar somente, ao que ele respondeu com um impactante gancho de direita na orelha de Âmico, seguido por um irresistível golpe vindo de cima que lhe rompeu os ossos da têmpora, matando-o instantaneamente.

i. Ao verem que seu rei jazia morto, os bebrícios recorreram às armas, mas os dispostos companheiros de Pólux os venceram facilmente e saquearam o palácio real. Para aplacar Poseidon, pai de Âmico, Jasão lhe ofereceu um holocausto de vinte touros vermelhos que figuravam entre a pilhagem.[5]

j. No dia seguinte, os argonautas se lançaram outra vez ao mar, e chegaram a Salmidesso, na Trácia oriental, onde reinava Fineu, filho de Agenor. Ele havia sido cegado pelos deuses por profetizar o futuro com demasiada exatidão e, além disso, era acossado por um par de harpias, criaturas femininas repugnantes e aladas que, durante cada refeição, entravam voando pelo palácio e arrebatavam o alimento de sua mesa, emporcalhando a comida restante e tornando-a intragável. Uma se chamava Aelo e a outra, Ocípete.[6] Quando Jasão pediu a Fineu que o aconselhasse quanto à forma de obter o velocino de ouro, Fineu lhe respondeu:

— Livre-me antes das harpias!

Os criados de Fineu serviram aos argonautas um banquete, sobre o qual desceram imediatamente as harpias, com suas brincadeiras usuais. Mas Cálais e Zetes, os filhos alados de Bóreas, levantaram-se empunhando espadas e as perseguiram pelo ar até o outro lado do mar. Há quem diga que eles alcançaram as harpias nas ilhas Estrófades, mas que lhes pouparam a vida quando elas se

voltaram e imploraram clemência, pois Íris, a mensageira de Hera, interveio prometendo que elas regressariam à sua caverna na Dicte cretense e que nunca mais voltariam a molestar Fineu. Outros dizem que Ocípete chegou a um acordo naquelas ilhas, mas que Aelo continuou voando e acabou morrendo afogada no rio Tigre do Peloponeso, agora chamado Harpis em sua homenagem.

k. Fineu então deu instruções a Jasão referentes à maneira de navegar pelo Bósforo, e fez-lhe um relato detalhado do tipo de clima, hospitalidade e sorte que podia esperar encontrar em sua viagem à Cólquida, país colonizado pela primeira vez pelos egípcios e que se encontra no extremo mais oriental do mar Negro, à sombra das montanhas do Cáucaso. E acrescentou: "Uma vez na Cólquida, confie em Afrodite!"[7]

l. Fineu havia se casado em primeiras núpcias com Cleópatra, irmã de Cálais e Zetes, e, depois, quando ela morreu, com Ideia, uma princesa cita. Ideia tinha ciúmes dos dois filhos de Cleópatra, de modo que subornou testemunhas falsas para que os acusassem de toda a espécie de maldades. Entretanto, Cálais e Zetes, descobrindo a conspiração, libertaram seus sobrinhos da prisão, onde eram açoitados diariamente por guardiães citas, e Fineu não só voltou a sentir afeto por eles, como também enviou Ideia de volta para a casa de seu pai.[8]

m. Segundo outra versão, Fineu foi cegado pelos deuses depois da visita dos argonautas, por ele ter-lhes dado um conselho profético.[9]

1. É possível que, na lenda da viagem dos iolcos para o leste do mar Negro — embora não na da viagem ocidental dos mínios para a Ístria —, Hércules estivesse na liderança da expedição. A história do desaparecimento de Hilas foi inventada para explicar os ritos mísios de lamentação por Adônis dos Bosques, que ainda na época romana continuavam sendo praticados em Prusa, perto de Pegas. O destino de Hilas nas mãos de Driopeia e suas ninfas deve ter sido o mesmo de Leucipo (vide 21. *6*), Actéon (vide 22. *1*), Orfeu (vide 28. *d*) ou de qualquer outro rei sagrado do culto do carvalho, ou seja, ser desmembrado e devorado por mulheres furiosas que, em seguida, se purificavam num manancial e anunciavam que ele havia desaparecido inexplicavelmente. "Driopeia" significa "pica-pau" (literalmente: "cara de carvalho"), pássaro cuja perfuração dos troncos sugeria a busca de Hilas, dríope de nascimento, e que, pelo visto, prognosticava o tempo úmido (vide 56. *1*), sendo o propósito fundamental desse sacrifício provocar as chuvas outonais. Hércules, como novo rei, tinha de

simular sua participação na busca de seu predecessor. Bormo, ou Borimus, é provavelmente uma variação de Brimo, filho de Brimo (vide 24. *6*).

2. A história de Âmico talvez derive de um ícone que mostrava os jogos fúnebres celebrados depois de o velho rei ter sido atirado de um precipício (vide 96. *3* e *6*). O pugilato, esporte cretense mencionado na *Ilíada* e na *Odisseia*, parece ter sido bastante limpo até a rivalidade cívica dos jogos olímpicos ter introduzido o profissionalismo. Os pugilistas do anfiteatro romano utilizavam luvas com pregos e soqueiras de metal, não as tradicionais correias de couro cru. Teócrito, em seu especial relato sobre o combate entre Pólux e Âmico, lamenta que os gloriosos tempos do ringue já se foram.

Originalmente, as harpias eram personificações da deusa da morte cretense sob forma de tufão (Homero: *Odisseia* I. 241 e XX. 66 e 77), mas, nesse contexto, parecem ter sido aves sagradas, milhafres ou águias marinhas, que os trácios costumavam alimentar regularmente. Quando Diodoro Sículo descreve a visita dos argonautas à corte de Fineu, ele evita cuidadosamente qualquer menção às harpias — talvez com medo de incorrer em sua ira —, mas logra insinuar que a segunda esposa do cego Fineu, que era cita, o enganava simulando que as harpias lhe roubavam a comida e sujavam o que deixavam, quando na verdade isso era feito por seus próprios criados, sob as ordens dela. Fineu estava morrendo lentamente de fome quando Cálais e Zetes — os irmãos de sua primeira esposa — descobriram a culpa de Ideia e tiraram seus sobrinhos da prisão em que Fineu os havia trancado a conselho dela.

3. As ilhas Estrófades (“giratórias”) assim se chamavam porque era de esperar que, à aproximação dos barcos, o vento mudasse de direção.

4. As oscilantes pedras *logan*, enormes seixos rolados tão cuidadosamente equilibrados que se balançavam de um lado para o outro ao menor impulso, são monumentos fúnebres erguidos, ao que parece, por emigrantes líbios construtores de avenidas até o final do terceiro milênio. Ainda se conservam algumas delas na Cornualha e em Devon, enquanto outras foram retiradas de seu lugar graças ao esforço concertado de soldados ociosos e turistas. A oferta de uma pedra *logan* teniana a Cálais e Zetes, os filhos alados de Bóreas, sugere que os espíritos dos heróis eram invocados sob a forma de ventos para que fizessem o seixo oscilar e, assim, esmagar a vítima viva que se encontrasse debaixo dele.

NOTAS

[a] Na Inglaterra e na Cornualha, denominam-se *logan stones* pedras enormes que oscilam a um mínimo impulso. Na Antiguidade, o movimento dessas pedras era consultado para determinar a culpa ou a inocência do réu acusado de crimes graves. (N.T.)

[1] Apolônio de Rodes: I. 1.207 *et seq*.; Teócrito: *Idílios* XIII; *Argonáutica órfica* 646 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonáutica* III. 521 *et seq*.; Higino: *Fábula* 14; Apolodoro: I. 9. 19.

[2] Teócrito: *Idílios* XIII. 73 *et seq*.; Estrabão: XII. 4. 3; Antoninus Liberalis: *Transformações* 26.

[3] Ateneu: XIV. 620; Ésquilo: *As Persas* 941; escoliasta sobre a *Descrição da Terra* de Dionísio: 791; Pólux: IV. 54.

[4] Heródoto: I. 193; Apolodoro: I. 9. 19; Teócrito: *Idílios* XIII. 73 *et seq*.

[5] Apolodoro: I. 9. 20; Apolônio de Rodes: II. 1 *et seq*.; Teócrito: *Idílios* XXII. 27 *et seq*.; *Argonáutica órfica* 661 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonáutica* IV. 99 *et seq*.; Higino: *Fábula* 17; Lactâncio sobre a *Tebaida* de Estácio: III. 353.

[6] Apolodoro: I. 9. 21; Hesíodo: *Teogonia* 265-269.

[7] Heródoto: II. 147; Apolodoro: *loc. cit*.; Apolônio de Rodes: II. 176 *et seq*.; Valério Flaco: *Argonáutica* IV. 22 *et seq*.; Higino: *Fábula* 19; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 27; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio; III. 209.

[8] Diodoro Sículo: IV. 44.

[9] Apolodoro: *loc. cit*.

151

DAS SIMPLÉGADES PARA A CÓLQUIDA

Fineu tinha avisado os argonautas de que encontrariam umas rochas aterradoras chamadas Simplégades, ou Planctae, ou Cianeias, que, envoltas perpetuamente na neblina marinha, guardavam a entrada do Bósforo. Sempre que um navio tentava passar entre elas, as rochas se uniam e o esmagavam. Eufemo, porém, aconselhado por Fineu, soltou uma pomba ou, segundo outra versão, uma garça, para que voasse diante do *Argo*. Tão logo as rochas arrancaram as penas da cauda da ave, fazendo-a retroceder, os argonautas passaram remando a toda velocidade, ajudados por Atena e pela lira de Orfeu, perdendo assim apenas o ornamento da popa. A partir de então, e conforme uma profecia, as rochas permaneceram fixas, uma de cada lado do estreito, e, embora a força da corrente tornasse o barco quase imanejável, os argonautas remaram tão forte que os remos ficaram curvados como arcos, ganhando o mar Negro sem sofrer nenhum acidente.[1]

b. Continuando ao longo da costa meridional, eles chegaram pouco depois à ilhota de Tínias, onde Apolo se dignou a surgir perante eles no esplendor da glória divina. Orfeu ergueu imediatamente um altar a Apolo da Aurora e sacrificou-lhe uma cabra montanhesa. Instados por ele, os argonautas juraram então nunca abandonar uns aos outros em momentos de perigo, juramento comemorado desde então no Templo de Harmonia, construído nessa ilha.

c. Eles zarparam, em seguida, para a cidade de Mariandina — famosa pela fenda próxima dali, por onde Hércules tirou o cão Cérbero do mundo subterrâneo —, onde foram recebidos cordialmente pelo rei Lico. A notícia de que seu inimigo, o rei Âmico, havia morrido, já havia sido trazida a Lico por um mensageiro e, em agradecimento, ele ofereceu aos argonautas seu filho Dáscilo para os guiar em sua viagem ao longo da costa. No dia seguinte, quando estavam

prestes a embarcar, o adivinho Idmão foi atacado por um feroz javali que o espreitava pelos juncais do rio Lico, causando-lhe com suas presas profundas feridas na coxa. Idas correu para ajudar Idmão e, quando o javali arremeteu de novo, ele cravou-lhe uma lança. Entretanto, apesar de todos os cuidados, Idmão morreu de hemorragia e os argonautas guardaram três dias de luto por ele. Depois, Tífis ficou doente e morreu, e seus companheiros, profundamente entristecidos, ergueram um túmulo sobre suas cinzas, junto àquele que eles já haviam erguido para Idmão. No início, o grande Anceu, e depois Ergínio, Náuplio e Eufemo se ofereceram para ocupar o lugar de Tífis como timoneiro, mas o escolhido foi Anceu, que lhes serviu muito bem.[2]

d. De Mariandina eles continuaram para o leste, à vela, durante muitos dias, até chegarem a Sínope, na Paflagônia, cidade que levava o nome da filha do rio Asopo, a quem Zeus, por ela apaixonado, prometeu o dom que desejasse. Sínope, astutamente, escolheu a virgindade, fixou ali sua residência e passou o resto da vida numa feliz solidão. Em Sínope, Jasão encontrou recrutas para ocupar três dos lugares vagos que haviam restado nos bancos do *Argo*: a saber, os irmãos Deileonte, Autólico e Flógio, de Trica, que haviam acompanhado Hércules em sua expedição ao país das amazonas, mas que, tendo-se separado dele por acidente, ficaram abandonados naquela região.

e. Depois, o *Argo* navegou para além do país das amazonas e dos cálibes forjadores de ferro, que não cultivam a terra nem criam rebanhos, mas vivem inteiramente dos ganhos de suas forjas; e para além do país dos tibarenos, onde é costume que os maridos gemam, como se estivessem em trabalho de parto, enquanto suas esposas dão à luz; e do país dos mosinos, que vivem em castelos de madeira, copulam promiscuamente e portam lanças muito longas e escudos brancos em forma de folhas de hera.[3]

f. Perto da ilhota de Ares, grandes revoadas de pássaros voaram por cima do *Argo*, deixando cair plumas de bronze, uma das quais feriu Oileu no ombro. Diante disso, os argonautas, recordando as instruções de Fineu, puseram seus elmos e gritaram a plenos pulmões; a metade deles remava enquanto os outros os protegiam com escudos, batendo neles suas espadas. Fineu os havia aconselhado também a desembarcarem na ilhota, o que fizeram, afugentando milhares de aves, até não restar nenhuma. Naquela noite, eles elogiavam a sua sabedoria quando ergueu-se uma grande tempestade e quatro eólios agarrados a uma viga de madeira foram atirados do mar à costa, perto do seu acampamento. Revelaram ser Citisoro, Argeu, Frôntis e Melanião, filhos de Frixo e Calcíope, esta última filha do rei Eetes da Cólquida, fazendo com que eles, portanto, fossem intimamente aparentados com muitos dos presentes. Eles haviam naufragado numa viagem rumo à Grécia, onde tencionavam reclamar o reino de

Orcômeno que havia pertencido ao seu avô Atamante. Jasão os recebeu cordialmente e todos juntos foram oferecer sacrifícios sóbrios numa pedra negra do templo de Ares, onde sua fundadora, a amazona Antíopa, havia outrora sacrificado cavalos. Quando Jasão explicou que sua missão consistia em levar de volta para a Grécia a alma de Frixo e também em recuperar o velo do carneiro de ouro sobre o qual ele havia montado, Citisoro e seus irmãos viram-se num dilema: embora devessem devoção à memória de seu pai, temiam ofender seu avô reclamando o velo. Entretanto, que outra opção teriam a não ser ajudar aqueles primos que lhes haviam salvado a vida?[4]

g. O *Argo* então costeou a ilha de Filira, onde Cronos havia seduzido Filira, filha de Oceano, tendo sido surpreendido por Reia. Ele então se transformou num garanhão e fugiu a galope, deixando que Filira criasse seu filho, meio homem, meio cavalo, que resultou ser Quíron, o centauro erudito. Como ela repugnava o monstro que tinha de amamentar, Filira pediu que os deuses a metamorfoseassem e acabou sendo transformada numa tília. Mas há quem diga que isso tenha ocorrido na Tessália, ou na Trácia, e não na ilha de Filira.[5]

h. Logo surgiu diante dos argonautas a cordilheira do Cáucaso, e eles entraram na desembocadura do Fasis, rio largo que irriga a Cólquida. Depois de fazer uma libação de vinho misturado com mel para honrar os deuses do país, Jasão escondeu o *Argo* num remanso encoberto, onde convocou um conselho de guerra.[6]

1. As Rochas Chocantes, Errantes ou Azuis, envoltas na névoa marinha, deviam ser massas de gelo flutuantes provenientes dos rios russos que deságuam no mar Negro. Os relatos sobre eles misturam-se a descrições confusas sobre o Bósforo, cuja corrente, que cresce com o degelo dos grandes rios russos, com frequência alcança uma velocidade de cinco nós. Parece que os mercadores do âmbar conheciam outras Ilhas Errantes no mar Báltico (vide 170. *4*).

2. Os cenotáfios erigidos por colonos gregos, mais tarde, em homenagem aos heróis Idmão e Tífis, talvez sirvam para explicar a história de sua morte durante a viagem. Diz-se que Idmão foi morto por um javali, como o Zeus cretense, Anceu e Adônis, todos reis sagrados primitivos (vide 18. *7*). O nome Idmão (“conhecedor”) indica que seu templo era oracular e, de fato, Apolônio de Rodes o descreve como adivinho.

3. Mariandina chama-se assim por causa de Ma-ri-enna (palavra suméria que significa “mãe fertilíssima do céu”), ou seja, Mirina, Ay-mari ou Mariamne, deusa muito conhecida no Mediterrâneo oriental. *Chalybs* era a palavra grega para “ferro”, e “cálibes” parece ter sido um outro nome dos tibarenos, os primeiros forjadores de ferro da Antiguidade. No *Gênese* X. 2, o país deles é chamado Tubal (*Tubal = Tibar*) e Tubal Caim representa os tibarenos que haviam descido da Armênia para Canaã com as hordas dos hicsos. Formas modificadas da *couvade* praticada pelos tibarenos sobrevivem em muitas partes da Europa. Os costumes dos mosinos descritos por Xenofonte — cuja *Anábase* Apolônio de Rodes havia estudado — são notavelmente semelhantes aos dos pictos escoceses e dos sidhes irlandeses, tribos que chegaram à Bretanha no início da Idade do Bronze, vindos da região do mar Negro.

4. O encontro de Jasão com os pássaros da ilhota de Ares, atualmente Puga, perto do rio Kessab, indica que o *Argo* chegou ali no início de maio; ele deve ter navegado pelo Bósforo antes que a corrente se tornasse demasiado forte para constituir um obstáculo, chegando a Puga no momento da grande migração primaveril das aves provenientes da península do Sinai. Parece que algumas aves cansadas, que haviam atravessado as montanhas da Ásia Menor em seu caminho na direção do Volga, encontraram seu refúgio habitual na ilhota de Puga populado demais e acabaram pousando no *Argo*, assustando, assim, até à loucura, seus supersticiosos tripulantes. Segundo a obra *Birds of Egypt*, de Nicoll, essas aves migratórias incluem “francelhos, cotovias, falcões do gênero Circus, patos e aves pernaltas”, mas, como a ilhota era dedicada a Ares, os mitógrafos lhes atribuem plumas de bronze e intenções hostis. É provável que a expulsão das aves de Estinfalo levada a cabo por Hércules numa ilha do mar Negro oriental tenha sido deduzida a partir da aventura dos argonautas e não ao contrário, como habitualmente se supõe.

5. A fama de Quíron como médico, erudito e profeta valeu-lhe o título de Filho de Filira (“tília”). Ele também é chamado de descendente de Íxion (vide 63. *d*). As flores da tília eram muito utilizadas na época clássica como um reconstituinte, e continuam sendo até hoje; ademais, da entrecasca, ou córtex interior da tília, podiam-se fabricar tábuas para escrever que, cortadas em tiras, podiam ser usadas na adivinhação (Heródoto: IV. 67; Eliano: *Varia Historia* XIV. 12). Mas o nome da ilha de Filira deve ter certamente derivado de um grupo de tílias que ali cresciam, antes de qualquer vínculo histórico com a Tessália ou a Trácia.

6. A Cólquida é conhecida agora como Geórgia, e o rio Fásis é o Rion.

NOTAS

[1] Apolônio de Rodes: II. 329; *Argonáutica órfica* 688; Homero: *Odisseia* XII. 61; Heródoto: IV. 85; Plínio: *História natural* VI. 32; Valério Flaco: IV. 561 *et seq*.; Apolodoro: I. 9. 22.

[2] Apolônio de Rodes: II. 851-898; *Argonáutica órfica* 729 *et seq*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 890; Valério Flaco: V. 13 *et seq*.; Higino: *Fábulas* 14 e 18; Apolodoro: I. 9. 23.

[3] Apolônio de Rodes: II. 946-1.028; Valério Flaco: V. 108; *Argonáutica órfica* 738-746; Xenofonte: *Anábase* V. 4. 1-32 e 5. 1-3.

[4] Apolônio de Rodes: II. 1.030-1.230.

[5] Apolônio de Rodes: II. 1.231-1.241; Higino: *Fábula* 138; Filargúrio sobre as *Geórgicas* de Virgílio: III. 93; Valério Flaco: V. 153; *Argonáutica órfica* 747.

[6] Apolônio de Rodes: II. 1.030-1.285; *Argonáutica órfica* 747-755; Valério Flaco: V. 153-183.

JASÃO E MEDEIA COM O VELOCINO DE OURO, de J.M. Félix Magdalena

152

A CAPTURA DO VELOCINO

No Olimpo, Hera e Atena discutiam acaloradamente sobre como Jasão, o favorito delas, seria capaz de obter o velocino de ouro. Por fim, elas decidiram apelar a Afrodite, que se encarregou de fazer com que seu travesso filhinho Eros despertasse em Medeia, a filha do rei Eetes, uma súbita paixão por ele. Afrodite encontrou Eros jogando dados com Ganimedes, mas trapaceando em cada jogada, e pediu que ele cravasse uma de suas flechas no coração de Medeia. Em troca, ela lhe ofereceu uma bola de ouro esmaltada com anéis azuis, com a qual Zeus havia brincado em criança; uma bola que, ao ser lançada ao ar, deixava um rastro como uma estrela cadente. Eros aceitou ansioso o suborno, e Afrodite prometeu às outras deusas que manteria acesa a paixão de Medeia por intermédio de um novo talismã: um torcicolo[a] vivo, estendido sobre uma roda de fogo.

b. Enquanto isso, no conselho de guerra reunido no remanso, Jasão propôs ir com os filhos de Frixo à cidade próxima de Ea, na Cólquida, onde governava Eetes, e pedir-lhe que lhes desse o velocino; somente se ele se negasse, eles recorreriam à fraude ou à força. Todos aprovaram sua sugestão, e Augias, o meio-irmão de Eetes, uniu-se ao grupo. Aproximaram-se de Ea pelo cemitério ribeirinho de Circe, onde cadáveres de homens envoltos em couro cru estavam expostos nas copas dos salgueiros para serem devorados pelas aves, pois os colcos só enterram os cadáveres das mulheres. Ea brilhava esplendidamente sobre eles do alto de uma colina consagrada a Hélio, pai de Eetes, que tinha ali um estábulo para seus cavalos brancos. Hefesto havia construído o palácio real em agradecimento por Hélio tê-lo salvo quando os gigantes invadiram o Olimpo.

c. A primeira esposa de Eetes, a ninfa caucasiana Asterodeia, mãe de Calcíope — viúva de Frixo — e de Medeia, sacerdotisa feiticeira de Hécate,

havia morrido alguns anos antes; sua segunda esposa, Idiia, havia tido com ele um filho, Absirto.

d. Ao se aproximarem do palácio, Jasão e seus companheiros depararam primeiro com Calcíope, que se surpreendeu ao ver que Citisoro e seus outros três filhos estavam tão cedo de volta e, ao ouvir seu relato, agradeceu Jasão por haver-lhes salvado a vida. Depois veio Eetes, acompanhado de Idiia e demonstrando grande aborrecimento, pois Laomedonte havia se comprometido a impedir a todos os gregos que entrassem no mar Negro, e pediu a Egeu, seu neto favorito, que explicasse a intrusão. Egeu respondeu que Jasão, a quem ele e seus irmãos deviam a vida, seguindo as instruções de um oráculo, tinha vindo em busca do velocino de ouro. Observando que o rosto de Eetes se retorcia de fúria, ele se apressou em acrescentar:

— Em troca desse favor, estes nobres gregos subjugarão de bom grado os saurômatas ao governo de Vossa Majestade.

Eetes deu uma risada desdenhosa e ordenou a Jasão e a Augias — que ele não se dignou a reconhecer como irmão — que regressassem ao lugar de onde tinham vindo antes que lhes fossem cortadas a língua e as mãos.

e. Nesse momento, saiu do palácio a princesa Medeia, e, quando Jasão respondeu de maneira amável e cortês, Eetes, meio envergonhado, comprometeu-se a entregar o velocino, impondo, porém, certas condições aparentemente impossíveis de cumprir. Jasão devia atrelar dois touros, criações de Hefesto, que exalavam fogo pela boca e que tinham patas de bronze; arar com eles uma enorme extensão do Campo de Ares e depois semeá-lo com os dentes da serpente que lhe dera Atena, os poucos que sobraram da semeadura de Cadmo em Tebas. Jasão ficou paralisado, estupefato, perguntando-se como poderia realizar essas façanhas extraordinárias, mas Eros disparou uma de suas flechas, cravando-a fundo no coração de Medeia.

f. Naquela noite, ao visitar o dormitório de Medeia para pedir-lhe ajuda em nome de Citisoro e seus irmãos, Calcíope a encontrou perdidamente apaixonada por Jasão. E quando Calcíope se ofereceu como mediadora, Medeia se comprometeu imediatamente a ajudar Jasão a atrelar os touros que exalavam fogo e a obter o velocino, com a única condição de que ela regressasse com ele no *Argo* na qualidade de esposa.

g. Jasão foi convocado e jurou por todos os deuses do Olimpo que seria eternamente fiel a Medeia. Ela lhe entregou um frasco que continha uma poção feita do suco vermelho como sangue do croco caucasiano de talo duplo cor de açafrão, loção que o protegeria do hálito ígneo dos touros. Essa planta poderosa nasceu pela primeira vez a partir do sangue do atormentado Prometeu. Jasão aceitou, agradecido, o frasco e, após uma libação de mel, destapou-o e ungiu seu

corpo, sua lança e o escudo com a loção. Ele foi assim capaz de submeter os touros e arreá-los a um arado com um jugo adamantino. Arou durante todo o dia e, ao anoitecer, semeou os dentes, dos quais imediatamente surgiram homens armados. Fez com que lutassem entre si, como havia feito Cadmo em ocasião semelhante, atirando um disco de pedra entre eles, e depois executou os sobreviventes feridos.

h. O rei Eetes, contudo, não tinha nenhuma intenção de se desfazer do velocino, de modo que se negou descaradamente a cumprir o acordo. Ameaçou incendiar o *Argo*, que estava atracado em frente a Ea, e massacrar toda a sua tripulação. Mas Medeia, em quem confiava imprudentemente, conduziu Jasão e um grupo de argonautas ao recinto de Ares, a uns nove quilômetros de distância. Lá estava o velocino, guardado por um dragão imortal e repugnante de mil espirais, maior do que o próprio *Argo*, nascido do sangue do monstro Tífon quando foi destruído por Zeus. Medeia apaziguou o dragão silvante com encantamentos e, depois, utilizando brotos recém-cortados de zimbro, borrifou-lhe as pálpebras com gotas soporíferas. Jasão desamarrou com cuidado o velocino do carvalho e todos juntos correram para a praia onde estava ancorado o *Argo*.

i. Os sacerdotes de Ares deram o alarme e, num vigoroso combate, os colcos feriram Ífito, Meléagro, Argos, Atalanta e Jasão. Mas todos conseguiram de alguma maneira subir a bordo do *Argo*, que os aguardava, e já dentro do qual se apressaram em se distanciar da costa, perseguidos pelas galeras de Eetes. Só Ífito sucumbiu às feridas; Medeia tratou logo de curar os demais com remédios por ela inventados.[1]

j. Os saurômatas, que Jasão havia se comprometido a conquistar, eram descendentes de três carregamentos de amazonas capturadas por Hércules durante seu Nono Trabalho; elas romperam seus grilhões e mataram os marinheiros que lhes haviam designado como guardiães, mas, como nada sabiam de navegação, elas chegaram à deriva até o Bósforo cimério, onde desembarcaram em Cremni, o país dos citas livres. Lá, elas se apoderaram de uma manada de cavalos selvagens, montaram-nos e se dedicaram a saquear o país. Pouco depois, os citas, descobrindo por meio de alguns cadáveres que caíram em suas mãos que os invasores eram mulheres, enviaram um grupo de jovens rapazes para que dessem às amazonas amor, em vez de guerra. Não foi difícil, mas as amazonas consentiram em se casar com eles somente depois de eles se mudarem para a margem oriental do rio Tanais, onde seus descendentes, os saurômatas, continuam vivendo, conservando certos costumes amazônicos, como aquele que obriga cada menina a ter matado no campo de luta pelo menos um homem antes de escolher seu marido.[2]

1. Esta parte da lenda encarna o mito primitivo das tarefas impostas a Diomedes pelo rei com cuja filha ele desejava se casar.

2. O talismã amoroso de Afrodite, detalhadamente descrito por Teócrito (*Idílios* II. 17), era utilizado em toda a Grécia, inclusive no círculo de Sócrates (Xenofonte: *Memorabilia* III. 11. 17). O torcicolo sempre foi consagrado à Lua por construir ninhos nos salgueiros, silvar como uma serpente e pôr ovos brancos; Io ("lua") o enviou como mensageiro seu ao amoroso Zeus (vide 56. *a*). Um de seus nomes populares na Europa é "companheiro do cuco", e o cuco surge na história de como Zeus cortejou a deusa-Lua Hera (vide 12. *a*). Acender o fogo por meio do sistema de fricção constituía uma magia simpática para suscitar o amor — assim como a palavra inglesa *punk* significa tanto "isca de fazer fogo" quanto "meretriz". O Eros com tocha e flechas é pós-homérico, mas, na época de Apolônio de Rodes, suas travessuras e o desespero de Afrodite haviam se transformado já numa brincadeira literária (vide 18. *a*) que Apuleio exagerou ainda mais em *Cupido e Psiquê*.

3. O costume cólquido de envolver os cadáveres em couro e abandoná-los nas copas dos salgueiros evoca o costume pársi de deixá-los sobre plataformas para serem devorados pelos abutres, com o objetivo de não profanar o princípio sagrado do fogo, o dom divino do Sol, mediante a cremação. Apolônio de Rodes o menciona, ao que parece, para destacar o interesse de Pélias pela alma de Frixo. Sendo grego, ele não poderia considerá-lo um rito fúnebre adequado. Os touros de Eetes que exalam fogo recordam também os touros de bronze em que os prisioneiros eram assados vivos por Faláris de Agrigento — uma colônia ródia — provavelmente em homenagem a seu deus Hélio, cujo símbolo era um touro de bronze (Píndaro: *Odes píticas* I. 185, com escoliasta). Mas os Homens Semeados com os quais Jasão lutou não são adequáveis na história. Embora fosse normal que Cadmo, um estrangeiro cananeu, lutasse com os pelasgos autóctones ao invadir a Beócia (vide 58. *g*), Jasão, como candidato nativo ao reino, deveria antes ter realizado as tarefas de Kilhwych de arar, semear e ceifar uma colheita num só dia (vide 148. *5*) — ato ritual facilmente simulado no solstício de verão — e depois lutar com um touro e travar a costumeira batalha fictícia com homens disfarçados de animais. A conquista do velocino de ouro tem seu paralelo na conquista dos pomos de ouro realizada por Hércules, que eram guardados por um outro dragão que nunca dormia (vide 133. *a*). Pelo menos quatro dos Trabalhos de Hércules parecem ter-lhe sido impostos no

contexto de sua candidatura à dignidade de rei (vide 123. *1*, 124. *2*, 127. *1* e 129. *1*).

4. Jasão e Hércules são, na verdade, o mesmo personagem no que se refere ao mito das tarefas matrimoniais. O Primeiro e o Sétimo Trabalho sobrevivem aqui como vestígios da morte do javali mariandino e da do leão cizico, que deveriam ter sido atribuídas a Jasão. “Jasão”, claro, era um dos títulos de Hércules.

5. O croco cólquido de Medeia é o venenoso *colchicum* utilizado pelos antigos como o melhor medicamento contra a gota, cujo efeito eficaz continua até hoje. Sua reputação de ser perigoso contribuiu à própria reputação de Medeia.

6. Os saurômatas eram os arqueiros montados citas das estepes (vide 132. *6*); não é de estranhar, portanto, que Eetes sorrisse ironicamente diante da ideia de que Jasão e sua infantaria, pesadamente armada, fossem capazes de vencê-los.

NOTAS

[a] Ave semelhante ao pica-pau. Seu nome em inglês (*wryneck*) se deve ao fato de ser capaz de girar a cabeça num ângulo de quase 180 graus. Há duas espécies: *Jynx torquilla* e *Jynx ruficollis*. (N.T.)

[1] Apolodoro: I. 9. 23; Apolônio de Rodes: II. 1.260, IV. 246; Diodoro Síciulo: IV. 48. 1-5; Valério Flaco: V. 177, VIII. 139; Higino: *Fábula* 22; Píndaro: *Odes píticas* IV. 221 *et seq*.; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 1. 138-139; Plutarco: *Sobre os rios* V. 4; *Argonáutica órfica* 755-1.012.

[2] Heródoto: IV. 110-117.

153

O ASSASSINATO DE ABSIRTO

Há diversas versões acerca do regresso do *Argo* à Tessália, embora a maioria delas afirme que, a conselho de Fineu, os argonautas teriam costeado o mar Negro na direção contrária à do sol. Dizem que, quando Eetes os alcançou, perto da desembocadura do Danúbio, Medeia matou seu jovem meio-irmão Absirto, que a acompanhava a bordo, esquartejou-o e atirou os pedaços à corrente impetuosa. Esse cruel estratagema atrasou a perseguição, pois obrigou Eetes a recolher cada um deles para enterrá-los depois em Tomis.[1] Diz-se que o verdadeiro nome do meio-irmão de Medeia era Egialeu, pois "Absirto", que significa "tragado", refere-se simplesmente à sorte que tiveram seus membros esquartejados depois de morrer.[2] Outros situam o crime na própria Ea, e dizem que Jasão também matou Eetes.[3]

b. Entretanto, a versão mais detalhada e coerente reza que Absirto, enviado por Eetes para ir atrás de Jasão, alcançou o *Argo* na desembocadura do Danúbio, onde os argonautas concordaram em desembarcar Medeia numa ilha próxima consagrada a Ártemis, deixando-a alguns dias sob a tutela de uma sacerdotisa; enquanto isso, um rei dos brígios julgaria o caso e decidiria se ela deveria voltar à sua pátria ou continuar a viagem com Jasão até a Grécia, e em poder de quem permaneceria o velocino de ouro. Mas Medeia enviou a Absirto uma mensagem particular, fingindo que havia sido raptada e pedindo-lhe que a salvasse. Naquela noite, quando ele foi à ilha, violando, assim, a trégua, Jasão o seguiu e o golpeou mortalmente por trás. Em seguida decepou-lhe as extremidades e lambeu três vezes o sangue derramado, cuspindo a cada vez para impedir que a alma do morto o perseguisse. Tão logo Medeia viu-se de novo a bordo do *Argo*, os tripulantes atacaram os cólquidos, os quais, tendo ficado sem líder, dispersaram sua flotilha e fugiram.[4]

c. Contam que, após a morte de Absirto, o *Argo* deu meia-volta e subiu o rio Fásis até o mar Cáspio e, de lá, ganhou o oceano Índico, voltando ao Mediterrâneo pelo lago Tritônis.[5] Dizem ainda que o *Argo* teria subido o Danúbio e o Save e depois descido o Pó, em sua confluência com o Save, até o Adriático,[6] mas que foi surpreendido por tempestades que o arrastaram por toda a costa da Itália, até chegar a uma ilha de Circe, Ea. Há ainda uma outra versão segundo a qual os argonautas teriam subido o Danúbio até alcançar a ilha de Circe pelo rio Pó e as lagunas com redemoinhos até onde ele se une com o imenso Ródano.[7]

d. Outros afirmam que os argonautas subiram o rio Don até alcançar suas fontes; e depois arrastaram o *Argo* até a nascente de outro rio que flui para o norte e desemboca no golfo da Finlândia. Ou que, a partir do Danúbio, eles o levaram até a nascente do rio Elba, por cujas águas chegaram à Jutlândia; e que de lá rumaram para o oeste na direção do oceano, passando pela Grã-Bretanha e a Irlanda até chegar à ilha de Circe, depois de passar pelas Colunas de Hércules e de navegar ao longo das costas da Espanha e da Gália.[8]

e. Essas rotas, entretanto, não são exequíveis. A verdade é que o *Argo* voltou pelo Bósforo, por onde passara na ida, e atravessou o Helesponto sem inconvenientes, uma vez que os troianos já não podiam impedi-lo, pois Hércules, ao seu regresso da Mísia, havia reunido uma frota de seis barcos [fornecidos pelos dórios e seus aliados percotes] que, subindo o rio Escamandro camuflados pela escuridão, surpreenderam e destruíram a frota troiana. Em seguida, ele invadiu Troia com sua clave e exigiu ao rei Laomedonte que lhe entregasse as éguas devoradoras de homens do rei Diomedes, que as havia deixado sob sua responsabilidade alguns anos antes. Ao mentir, dizendo que não sabia da existência dessas éguas, Laomedonte foi morto por Hércules, que matou também os seus filhos à exceção do pequeno Podarces, ou Príamo, que foi colocado por ele no trono, em substituição ao pai assassinado.[9]

f. Jasão e Medeia já não estavam a bordo do *Argo*. Seu mastro oracular havia falado mais uma vez, negando-se a levá-los caso não se purificassem do assassinato, motivo pelo qual, desde a desembocadura do Danúbio, eles tiveram de viajar por terra até Ea, ilha natal de Circe, tia de Medeia. Essa não era a Ea campaniana onde Circe foi viver mais tarde, mas sua residência anterior da Ístria. Medeia conduziu Jasão até lá pelo caminho por onde passam todos os anos, rumo a Delos, os presentes embrulhados em palha dos hiperbóreos. Circe, a quem eles se apresentaram como suplicantes, os purificou, a contragosto, com o sangue de uma leitoa.[10]

g. Seus perseguidores cólquidos haviam sido avisados de não voltarem sem Medeia e o velocino de ouro, e, suspeitando que ela teria ido pedir a Circe que a

purificasse, eles seguiram o *Argo* pelo mar Egeu, costeando o Peloponeso acima até a costa da Ilíria, concluindo acertadamente que Medeia e Jasão haviam combinado de serem pegos em Ea.[11]

h. Há quem diga, contudo, que Absirto continuava à frente da flotilha cólquida nesse momento, e que Medeia o teria capturado numa armadilha e o assassinado numa das ilhas ilírias que passaram a ser chamadas Absírtidas.[12]

1. A combinação da viagem ocidental com a oriental foi aceita até os conhecimentos geográficos dos gregos aumentarem, tornando-se impossível conciliar os elementos principais da história, a saber: a captura do velocino de ouro no Fásis e a purificação de Medeia e Jasão por Circe, que vivia na Ístria ou em frente à costa ocidental da Itália. Entretanto, como nenhum historiador podia se dar ao luxo de ofender o público ao tachar a expedição de mera fábula, no início se supunha que os argonautas haviam voltado do mar Negro pelo Danúbio, pelo Save e o Adriático. Depois, quando os exploradores descobriram que o Save não desemboca no Adriático, supôs-se a existência de uma confluência entre o Danúbio e o Pó, por onde poderia ter navegado o *Argo*; quando mais tarde ficou comprovado que o Danúbio era navegável somente até os Portões de Ferro e que não se unia ao Pó, passou-se a afirmar que o navio havia subido o Fásis até o mar Cáspio e que, de lá, havia chegado ao oceano Índico — onde se estendia uma outra Cólquida ao longo da costa de Malabar (Ptolomeu Hefestionos: VIII. 1. 10) —, de onde retornou pela "corrente do Oceano" e o lago Tritônis.

2. Posto que pouco depois negou-se também a exequibilidade dessa terceira rota, os mitógrafos passaram a sugerir que o *Argo* havia subido o rio Don, que presumivelmente tinha suas nascentes no golfo da Finlândia, de onde a embarcação pôde circum-navegar a Europa e voltar à Grécia pelo estreito de Gibraltar; ou que de algum modo havia chegado ao Elba via Danúbio, depois de um longo transporte por terra, para descer aquele rio até sua desembocadura, voltando então à Grécia costeando a Irlanda e a Espanha. Diodoro Sículo, que teve a sensatez de observar que o *Argo* só poderia ter voltado pelo Bósforo, por onde havia passado na ida, tratou esse problema de uma maneira mais realista, indicando brilhantemente que o Íster (o Danúbio de hoje) era frequentemente confundido com o Istro, um riacho de pouca importância que desembocava no Adriático, perto de Trieste. Na verdade, inclusive na época de Augusto, o

geógrafo Pompônio Mela informou (II. 3. 13 e 4. 4) que o braço ocidental do Danúbio “desemboca no Adriático com uma turbulência e uma violência similares às do Pó”. A captura do velocino, a perseguição dos cólquidos e a morte de Absirto devem ter originalmente ocorrido no Adriático setentrional. Ovídio preferia acreditar que Absirto foi assassinado na foz do Danúbio e enterrado em Tomis, por ser esse o lugar onde ele estaria destinado a morrer.

3. Diz-se que Ea (vide 170. *i-l* e *5*) havia pertencido a Crises, pai de Mínia e bisavô de Frixo; Crises significa “dourado”. É muito mais provável que tenha sido seu espírito, e não o de Frixo, que ordenou aos mínios que se apaziguassem quando foram atrás do velocino. Segundo Estrabão, Frixo gozava de um altar de herói em Mosquia, no mar Negro, “onde nunca se sacrifica um carneiro”. Entretanto essa deve ter sido uma explicação posterior promovida pela fama da viagem do *Argo*. Dessa forma, os romanos puderam também construir templos aos heróis e heroínas gregos introduzidos de maneira fictícia em sua história nacional.

4. O nome “Absirto”, que recorda o arrastar de seus restos correnteza abaixo, era talvez um título local de Orfeu após ter sido desmembrado pelas mênades (vide 28. *d*).

5. Tanto Valério Flaco quanto Diodoro Sículo afirmam que Hércules saqueou Troia na viagem de ida e não na de volta, embora isso pareça ser um equívoco.

NOTAS

[1] Apolodoro: I. 9. 24; Ferécides, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 223 e 228; Ovídio: *Tristia* III. 9; Estêvão de Bizâncio *sub* Tomeu.

[2] Cícero: *Sobre a natureza dos deuses* III. 19; Justino: XLII. 3; Diodoro Sículo: IV. 45.

[3] Sófocles, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 228; Eurípides: *Medeia* 1.334; Diodoro Sículo: IV. 48.

[4] Apolônio de Rodes: IV. 212-502.

[5] Píndaro: *Odes píticas* IV. 250 *et seq*.; Mimnermo, citado por Estrabão: I. 2. 40.

[6] Apolodoro: I. 9. 24; Diodoro Sículo: IV. 56. 7-8.

[7] Apolônio de Rodes: IV. 560-608.

[8] Timeu, citado por Diodoro Sículo: IV. 56. 3; *Argonáutica órfica* 1.030-1.204.

[9] Diodoro Sículo: IV. 48; Homero: *Odisseia* XII. 69 *et seq*. e *Ilíada* V. 638 *et seq*.

[10] Apolodoro: *loc. cit*.; Heródoto: IV. 33; Apolônio de Rodes: IV. 659-717.

[11] Higino: *Fábula* 23; Apolodoro: *loc. cit*.

[12] Estrabão: VII. 5. 5.

154

O *ARGO* RETORNA À GRÉCIA

Ao chegar a Corcira, que então se chamava Drépano, os cólquidos encontraram o *Argo* abicado diante da ilhota de Mácris, com seus tripulantes celebrando alegremente o êxito da expedição. O líder dos cólquidos foi então visitar o rei Alcínoo e a rainha Arete e, em nome de Eetes, exigiu a entrega de Medeia e o velocino. Arete, a quem Medeia havia pedido proteção, manteve Alcínoo acordado a noite inteira, queixando-se dos maus-tratos que os pais infligem com demasiada frequência a suas filhas errantes. Por exemplo, a crueldade de Nicteu com Antíopa, e de Acrísio com Dânae.

— Agora mesmo — disse Arete —, essa pobre princesa Métope definha num calabouço epirota por ordem de seu desumano pai, o rei Equeto! Ele perfurou-lhe os olhos com pregos de bronze e a obriga a moer grãos de cevada de ferro com um pesado moinho; "quando os converter em farinha, vou-lhe devolver a visão", brinca o pai com a pobre menina. Eetes é bem capaz de tratar essa encantadora Medeia com a mesma barbárie se deres a ele essa oportunidade.[1]

b. Finalmente, Arete conseguiu fazer com que Alcínoo lhe dissesse que sentença proferiria na manhã seguinte, a saber: "Se Medeia ainda for virgem, ela voltará à Cólquida; se não, poderá ficar com Jasão." Quando Alcínoo já dormia profundamente, Arete mandou seu arauto avisar Jasão da decisão de seu marido, de modo que ele se casou naquela mesma noite com Medeia na Caverna de Mácris — filha de Aristeu e, em algumas versões, nutriz de Dionísio. Os argonautas celebraram o casamento com um suntuoso banquete e estenderam o velocino de ouro sobre o leito nupcial. Na manhã seguinte, a sentença foi pronunciada nos devidos termos: Jasão anunciou Medeia como esposa e os cólquidos não puderam cumprir as ordens de Eetes nem voltar à sua pátria,

temendo-lhe a fúria. Assim, alguns deles acabaram se estabelecendo em Corcira e outros ocuparam as ilhas ilírias situadas não longe da Ea de Circe, e que agora se chamam Absírtidas. Depois, eles construíram a cidade de Pola na terra firme da Ístria.[2]

c. Quando Eetes, um ou dois anos depois, ficou sabendo do ocorrido, ficou muito enraivecido e mandou um arauto à Grécia, exigindo a devolução de Medeia e uma compensação pelos prejuízos causados, mas foi informado de que até aquele momento não havia sido dada nenhuma compensação pelo rapto de Io por homens da raça de Eetes — embora ela de fato tivesse fugido por ter sido perseguida por um moscardo — e que, portanto, nada deveria ser pago pela partida voluntária de Medeia.[3]

d. Jasão agora só precisava dobrar o cabo Maleia e voltar a Iolco com o velocino de ouro. Ele conseguiu passar sem problemas pelas Ilhas das Sereias, onde às arrebatadoras melodias dessas mulheres-pássaros se contrapuseram os ainda mais belos acordes da lira de Orfeu. Só Butes atirou-se ao mar com o propósito de nadar até a costa, mas Afrodite o salvou, levando-o ao monte Érix através de Lilibeum, onde o transformou em seu amante. Há quem diga que as sereias, que já haviam perdido as asas por causa de um malfadado concurso de canto com as musas, patrocinado por Hera, se suicidaram ao ver seus intentos baldados por causa da música de Orfeu. Mas elas ainda estavam em sua ilha quando Odisseu passou por lá uma geração mais tarde.[4]

e. Os argonautas navegaram, então, com bom tempo ao longo da costa oriental da Sicília, onde puderam ver nos pastos os inigualáveis rebanhos níveos de Hélio, abstendo-se, contudo, de roubá-los.[5] De repente, foram açoitados por um terrível Setentrião que em nove dias os arrastou à zona mais distante da Líbia e, lá, uma enorme onda engoliu o *Argo* e o lançou por cima das perigosas rochas alinhadas ao longo da costa até cerca de dois quilômetros terra adentro. Um deserto inanimado se estendia até onde a vista alcançava, e os argonautas já estavam preparados para morrer quando a deusa tripla Líbia, vestida em peles de cabra, apareceu a Jasão em sonho e infundiu-lhe confiança. Com isso, eles se animaram e [assentando o *Argo* sobre toras] o levaram dali, empurrando-o com a força de seus ombros até o lago salgado Tritônis, situado a muitos quilômetros de distância, uma tarefa que os manteve ocupados durante doze dias. Todos teriam morrido de sede não fosse um manancial que Hércules fizera brotar do solo quando estava em busca dos pomos de ouro das Hespérides.[6]

f. Canto foi então morto por Cafauro, pastor garamante que o surpreendeu tentando roubar o seu gado, mas seus companheiros o vingaram.[7] Os cadáveres mal haviam sido enterrados quando Mopso pisou numa serpente líbia, que o picou no calcanhar. Uma espessa neblina se formou diante dos seus olhos, seu

cabelo caiu e ele morreu em terrível agonia. Após enterrarem-no com honras de herói, os argonautas sentiram-se mais uma vez tomados pelo desespero, incapazes de encontrar uma passagem para o lago.[8]

g. Jasão, contudo, antes de embarcar nessa viagem, havia se consultado com a pitonisa de Delfos, que lhe deu dois trípodes de bronze maciços, e então Orfeu o aconselhou a propiciar os deuses locais com um deles. Ao fazê-lo, o deus Tritão apareceu e levou o trípode sem pronunciar sequer uma palavra de agradecimento, mas Eufemo barrou-lhe o caminho e lhe perguntou, cordialmente:

— O senhor teria a bondade de nos conduzir ao Mediterrâneo?

Tritão limitou-se a apontar na direção do rio Tacape, mas, como se houvesse pensado melhor, ele lhe entregou um torrão de terra que outorgava a seus descendentes a soberania sobre a Líbia até os dias de hoje. Eufemo agradeceu a dádiva mediante o sacrifício de uma ovelha, e Tritão concordou em puxar o *Argo* pela quilha, até fazê-lo voltar às águas do Mediterrâneo, profetizando, no meio do caminho, que, quando o descendente de um certo argonauta se apoderasse do trípode de bronze e o retirasse de seu templo, uma centena de cidades gregas se ergueriam ao redor do lago Tritônis. Os trogloditas líbios, ao tomar conhecimento de tal previsão, trataram de esconder o trípode na areia, de modo que a profecia jamais se cumpriu.[9]

h. Rumando para o norte, os argonautas chegaram a Creta, onde foram impedidos de desembarcar por Talo, sentinela de bronze criado por Hefesto, que arremessou enormes rochas contra o *Argo*, conforme seu costume. Medeia chamou amavelmente o monstro e prometeu-lhe a imortalidade caso bebesse uma poção mágica; mas tal poção era um soporífero e, enquanto Talo dormia, Medeia retirou o prego de bronze que tapava a única veia que ligava o seu pescoço aos tornozelos. Dela brotou o icor divino, um líquido incolor que lhe fazia as vezes de sangue, e em seguida ele morreu. Segundo outra versão, Talo, enfeitiçado pelos olhos de Medeia, teria tropeçado e caído sobre uma rocha, sangrando até a morte. Outros dizem que Peante o feriu no calcanhar com uma flecha.[10]

i. Na noite seguinte, uma tempestade proveniente do sul alcançou o *Argo*, mas Jasão invocou Apolo, o qual enviou um relâmpago que revelou, a estibordo, a ilha de Ánafe, uma das Espórades, onde Anceu conseguiu ancorar o barco. Em agradecimento, Jasão ergueu um altar a Apolo e as doze escravas feácias de Medeia, a ela presenteadas pela rainha Arete, riram alegremente quando, por falta de uma vítima, Jasão e seus companheiros realizaram libações de água sobre as brasas ardentes da pira sacrifical. Os argonautas responderam-lhes com

reprimendas e lutaram amorosamente com elas, costume que sobrevive no Festival Outonal de Ánafe.

j. Chegando a Egina, eles celebraram uma competição para ver quem seria o primeiro a encher um cântaro com água e o levar de volta ao barco. De Egina era uma viagem fácil até Iolco, trajeto percorrido anualmente por numerosos barcos, e eles a realizaram com bom tempo e sem nenhum tipo de perigo.[11]

k. Alguns menestréis dispõem esses acontecimentos numa ordem distinta: dizem que os argonautas repopularam Lemnos na viagem de volta e não quando navegavam rumo à Cólquida.[12] Outros dizem que sua visita à Líbia ocorreu antes que começassem a viagem a Ea, quando Jasão foi, a bordo do *Argo*, consultar-se com o Oráculo de Delfos e uma súbita tormenta desviou-lhe o rumo.[13] Outros ainda afirmam que eles navegaram costa abaixo ao longo do flanco ocidental da Itália e deram o nome de "Argous", em homenagem à sua nave *Argo*, a um porto da ilha de Elba, onde desembarcaram. Ali, o suor dos argonautas se transformava em seixos das mais variadas formas ao entrar em contato com a areia da praia. Depois, fundaram o templo de Hera Argiva em Leucânia e, tal como Odisseu, passaram navegando entre Cila e Caribde; Tétis e suas nereidas os guiaram através das chamejantes Planctae ou Rochas Flutuantes, que agora estão fixadas com firmeza no leito do mar.[14]

l. Há quem afirme que Jasão e seus companheiros exploraram a região que circunda Ea, na Cólquida, chegando até Media; que um deles, Armeno, um tessálio do lago de Boebe, se estabeleceu na Armênia e deu seu nome a todo o país. Eles justificam essa opinião assinalando que os monumentos heroicos em homenagem a Jasão, erguidos por Armeno junto aos Portões Caspianos, são muito venerados pelos bárbaros, e que os armênios ainda se vestem como os tessálios da Antiguidade.[15]

1. O mito de Métope, que nem Homero ou Apolônio de Rodes relatam integralmente, recorda os de Arne (vide 43. *2*) e Antíopa (vide 76. *b*). Ao que parece, ele foi deduzido a partir de um ícone que retratava a deusa do destino sentada numa tumba; seu moinho era o moinho do mundo, ao redor do qual, segundo o *Tratado de assuntos rústicos de Varrão*, o sistema celestial gira; o mesmo moinho também aparece no *Edda* escandinavo, que era manejado por duas mulheres gigantescas, Fenja e Menja, assim como em *Juízes*, manejado por

Sansão, o cego herói-Sol de Tiro. Deméter, a deusa dos moinhos de cereal, era uma divindade do mundo subterrâneo.

2. O relato de Heródoto acerca da delegação enviada por Eetes à Grécia faz pouco sentido, a menos que ele afirmasse que a princesa argiva Io não fugira para a Cólquida num acesso de loucura disfarçada de novilha, e que posteriormente foi divinizada pelos egípcios como Ísis (vide 56. *b*), mas que os cólquidos — que ele descreve como remanescentes do exército do faraó Sesóstris que invadiu a Ásia — a capturaram numa incursão e a venderam no Egito.

3. As três Sereias — Homero só menciona duas — eram as filhas cantoras da Terra, que atraíam os marinheiros aos prados de suas ilhas, onde se amontoavam os ossos de suas vítimas anteriores (*Odisseia* XII. 39 *et seq*. e 184 *et seq*.). Eram descritas como mulheres-pássaros e têm muito em comum com as Aves de Rhiannon do mito galês, que choravam por Bran e outros heróis. Rhiannon era uma Deméter com cabeça de égua. O País das Sereias é mais bem entendido como a ilha sepulcral que recebe a alma do rei morto, como a Avalon de Artur (vide 31. *2*). As sereias eram tanto as sacerdotisas que o choravam como as aves que frequentavam a ilha, servidoras da deusa Morte. Como tais, elas pertenciam a um culto pré-olímpico, motivo pelo qual se diz que levaram a pior num certame com as filhas de Zeus, as musas. Atribuem-se-lhes diferentes lugares de residência, como as ilhas Sirenusas em frente a Pesto, Capri, e "perto do cabo siciliano Peloro" (Estrabão: I. 2. 12). Na época de Eurípides, ainda se esculpiam, nas tumbas, pares de sereias (*Helena* 167); seu nome é considerado geralmente como sendo derivado de *seirazein*, "amarrar com corda". Mas — o que é mais provável — se provier do outro *seirazein*, que significa "secar", as duas sereias representariam então o duplo aspecto da deusa no solstício de verão, quando os pastos gregos secam: Antevorta e Postvorta — aquela que vê profeticamente o reinado do novo rei e a que chora o velho (vide 170. *7*). A sereia do tipo peixe é posterior à época clássica.

4. O rebanho de Hélio era composto por 350 cabeças e era um presente de sua mãe, a deusa-Lua (vide 42. *1* e 170. *10*). Várias colônias de Corinto e Rodes, em que se adorava o touro celeste, haviam se instalado na Sicília. Odisseu conheceu Hélio como "Hipérion" (vide 170. *u*).

5. O lago Tritônis, outrora um enorme mar interior que submergiu as terras dos atlantes neolíticos, foi diminuindo lentamente desde então e, embora continuasse tendo um tamanho respeitável na época clássica — o geógrafo Scylax o calculou como detentor de novecentas milhas quadradas —, passou a ficar reduzido a uma linha de pântanos salgados (vide 39. *6*). Neith, a deusa tripla da Líbia, vestida com peles, antecipou Atena com sua égide (vide 8. *1*).

6. Mopso, cuja morte pela mordida de uma serpente no calcanhar era comum (vide 106. *g*, 117. *c* e 168. *e*), aparece também no mito de Derceto (vide 89. *2*), a Dictina filistina. Um outro Mopso, neto de Tirésias, sobreviveu à Guerra de Troia (vide 169. *c*).

7. Cafauro é um nome estranho para um líbio — *caphaura* sendo a palavra árabe para "cânfora", planta que não cresce na Líbia —, mas os mitógrafos tinham pouco conhecimento de geografia.

8. Talo, o gigante de bronze, é um personagem composto: parte touro celeste, parte rei sagrado com um calcanhar vulnerável, e parte uma demonstração do método *cire-perdue* de fundir o bronze (vide 92. *8*).

9. O sacrifício com água em Ánafe evoca o sacrifício oferecido pelos judeus no Dia dos Salgueiros, ponto culminante do Festival dos Tabernáculos, quando a água do Tanque de Siloam era levada em procissão solene. A corrida da água egineta devia constituir parte de uma cerimônia análoga. Os Tabernáculos começaram como um festival outonal da fertilidade e, segundo o Talmude, os fariseus tinham dificuldade em refrear a tradicional "frivolidade" das mulheres.

10. "Seixos das mais variadas formas" e cristais de ferro podem ainda ser encontrados nas ribeiras do Elba.

11. Tétis conduziu o *Argo* através das Planctae à entrada do estreito de Messina, tal como Atena o guiou através das Planctae à entrada do Bósforo. Odisseu as evitou, escolhendo a passagem entre Cila e Caribde (vide 170. *t*). As Planctae ocidentais são as ilhas vulcânicas Lipari.

12. A Armênia, que significa Ar-Minni, "a terra alta de Minni" — Jeremias (LI. 27) invoca Minni para guerrear contra a Babilônia —, não tem nenhuma relação histórica com o Armeno do lago de Boebe. Mas Minni é, ao que parece, o Minyas que Josephus menciona (*Antiguidades* I. 16) ao descrever o Dilúvio de Noé. Ademais, o nome do Minyas tessálio, antepassado dos mínios, poderia oferecer um vínculo plausível entre a Armênia e a Tessália.

NOTAS

[1] Apolônio de Rodes: IV. 1.090-1.095; Homero: *Odisseia* XVIII. 83 e XXI. 307, com escoliasta.

[2] Estrabão: I. 2. 39 e VII. 5. 5; Apolônio de Rodes: IV. 511-521; Higino: *Fábula* 23; Apolodoro: I. 9. 25; Calímaco, citado por Estrabão: I. 2. 39.

[3] Heródoto: I. 1

[4] Pausânias: IX. 34. 2; Estrabão: VI. 1. 1; *Argonáutica órfica* 1.284; Homero: *Odisseia* XII. 1-200.

[5] Apolônio de Rodes: IV. 922-979; *Argonáutica órfica* 1.270-1.297; Higino: *Fábula* 14.

[6] Apolônio de Rodes: IV. 1.228-1.460.

[7] Higino: *loc. cit*.; Apolônio de Rodes: IV. 1.461-1.495; Valério Flaco: VI. 317 e VII. 422.

[8] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 881; Apolônio de Rodes: IV. 1.518-1.536.

[9] Píndaro: *Odes píticas* IV. 17-39 e 255-261; Apolônio de Rodes: IV. 1.537-1.628; Diodoro Síciulo: IV. 56. 6; *Argonáutica órfica* 1.335-1.336; Heródoto: IV. 179.

[10] Apolodoro: I. 9. 26; Apolônio de Rodes: IV. 1.639-1.693; *Argonáutica órfica* 1.337-1.340; Luciano: *Sobre a dança* 49; Sófocles, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 1.638.

[11] Apolônio de Rodes: IV. 1.765-1.772; Apolodoro: *loc. cit*.; *Argonáutica órfica* 1.344-1.348.

[12] Píndaro: *Odes píticas* IV. 252.

[13] Heródoto: III. 127.

[14] Estrabão: V. 2. 6 e VI. 1. 1; Apolodoro: I. 9. 24; Apolônio de Rodes: IV. 922 *et seq*.

[15] Estrabão: XI. 14. 12 e 13. 10.

155

A MORTE DE PÉLIAS

Numa noite de outono, os argonautas tornaram a alcançar a conhecida praia de Págasas, mas não encontraram ninguém que os recebesse. Na Tessália, correram rumores de que todos haviam morrido e, por conseguinte, Pélias se atrevera a matar os pais de Jasão, Éson e Polimela, e um filho ainda bebê, Prômaco, que nascera após a partida do *Argo*. Mas Éson pediu permissão para acabar ele mesmo com a própria vida e, tendo sido atendida sua súplica, ele bebeu sangue de touro e morreu, após o que Polimela se matou com uma adaga ou, segundo outra versão, enforcou-se tendo antes amaldiçoado Pélias, que tão cruelmente fez saltar os miolos de Prômaco ao golpear-lhe a cabeça contra o chão do palácio.[1]

b. Ao tomar conhecimento dessa dolorosa história por intermédio de um barqueiro solitário, Jasão o proibiu de propagar a notícia do retorno do *Argo* e convocou um conselho de guerra. Todos os seus companheiros concordavam em que Pélias merecia a morte, mas, quando Jasão exigiu um ataque imediato a Iolco, Acasto observou que não se poderia esperar que ele se opusesse ao seu pai, e os outros julgaram mais prudente dispersarem-se, cada um indo para seu próprio lar e, lá, caso necessário, reunir contingentes para organizar uma guerra em favor de Jasão. A verdade é que Iolco aparentemente contava com uma guarnição demasiado forte para poder ser atacada por um grupo tão pequeno.

c. Medeia, contudo, tomou a palavra e se comprometeu a subjugar a cidade sozinha. Ela pediu aos argonautas que escondessem o barco numa praia arborizada e retirada a partir da qual pudessem avistar Iolco. Quando vissem ondular uma tocha no teto do palácio, isso significaria que Pélias havia morrido, que os portões estavam abertos e que eles poderiam tomar a cidade.

d. Durante sua visita a Ánafe, Medeia havia encontrado uma imagem oca de Ártemis e a levara a bordo do *Argo*. Ela então vestiu suas doze escravas feácias

com estranhos disfarces e as conduziu, cada uma delas carregando a imagem por vez, até Iolco. Ao chegar aos portões da cidade, Medeia, que havia se disfarçado de uma velha enrugada, ordenou às sentinelas que a deixassem passar. Ela gritou com uma voz estridente que a deusa Ártemis havia chegado do brumoso país dos hiperbóreos numa charrete puxada por serpentes voadoras para trazer boa sorte a Iolco. As sentinelas, assombradas, não se atreveram a desobedecer, e Medeia e suas escravas, percorrendo as ruas da cidade como se fossem mênades furiosas, incitaram seus habitantes a um frenesi religioso.

e. Despertado de seu sono, Pélias perguntou, aterrado, o que desejava dele a deusa. Medeia respondeu que Ártemis estava prestes a agradecer sua piedade rejuvenescendo-o, permitindo-lhe assim conceber herdeiros dignos, ao contrário de seu desleal filho Acasto, que havia morrido há pouco tempo num naufrágio em frente ao litoral da Líbia. Pélias duvidou de suas palavras até que Medeia, fazendo desaparecer o disfarce de anciã, transformou-se outra vez numa jovem mulher diante de seus próprios olhos.

— Tamanho é o poder de Ártemis! — exclamou.

Pélias então a assistiu enquanto esquartejava um velho carneiro de olhos embaçados em treze pedaços e os colocava para ferver num caldeirão.

Proferindo palavras mágicas cólquidas, que ele tomou equivocadamente por feitiços hiperbóreos, e conjurando solenemente Ártemis para que a ajudasse, Medeia simulou que rejuvenescia o carneiro morto — pois em seguida revelou um cordeiro folgazão que estava escondido, junto com outros utensílios mágicos, dentro da imagem oca da deusa. Pélias, então já totalmente iludido, consentiu em deitar-se num leito, enquanto Medeia o fazia adormecer com seus feitiços. Ela então ordenou a suas filhas Alceste, Evadne e Anfínome que o despedaçassem tal como a haviam visto fazer com o carneiro e fervessem os pedaços no mesmo caldeirão.

f. Alceste piosamente se negou a derramar o sangue de seu pai por melhor que fosse a causa, mas Medeia, dando uma nova prova de seus poderes mágicos, convenceu Evadne e Anfínome a cravarem suas facas com convicção. Uma vez terminado o trabalho, ela as levou ao telhado, cada uma com uma tocha, e lhes explicou que deveriam invocar a Lua enquanto fervia o caldeirão. De seu esconderijo, os argonautas viram o distante brilho das tochas e, compreendendo o bom sinal, se apressaram a entrar em Iolco, onde não encontraram nenhuma oposição.

g. Entretanto, Jasão, temendo a vingança de Acasto, cedeu-lhe o reino e não discutiu a sentença de desterro que foi pronunciada contra ele pelo conselho de Iolco, pois tinha a esperança de ocupar um trono mais rico noutra parte.[2]

h. Há quem negue que Éson houvesse sido obrigado a se matar. Pelo contrário, Medeia, após extrair-lhe do corpo o sangue envelhecido, devolveu-lhe a juventude por meio de uma poção mágica, como havia feito com Mácris e suas irmãs ninfas em Corcira; e então ela o apresentou a Pélias, robusto e vigoroso, nos portões do palácio. Tendo convencido Pélias a se submeter ao mesmo tratamento, ela o enganou omitindo os encantamentos adequados, de modo que ele morreu miseravelmente.[3]

i. Nos jogos fúnebres de Pélias, celebrados no dia seguinte, Eufemo ganhou a corrida de carros puxados por dois cavalos; Pólux, o campeonato de pugilismo; Meléagro, o lançamento de dardo; Peleu, a luta corpo a corpo; Zetes, a corrida curta; e seu irmão Cálais (ou, segundo outros, Íficles), a corrida mais longa; e Hércules, que havia voltado de sua visita às Hespérides, ganhou a competição de luta livre. Mas, durante a corrida de carros puxados por quatro cavalos, vencida por Iolau, o auriga de Hércules, Glauco, filho de Sísifo, foi devorado por seus próprios cavalos, que Afrodite havia enlouquecido com hipomania.[4]

j. Quanto às filhas de Pélias, Alceste se casou com Admeto de Feres, com quem estava comprometida havia muito tempo; Evadne e Anfínome foram desterradas por Acasto em Mantineia, na Arcádia, onde, após purificarem-se, conseguiram se casar honrosamente.[5]

1. Os cretenses e os micênicos utilizavam sangue de touro muito diluído em água como poção mágica para fertilizar as plantações e as árvores; só a sacerdotisa da Mãe Terra era capaz de bebê-la pura sem se envenenar (vide 51. *4*).

2. Os mitógrafos clássicos têm dificuldades no momento de decidir até que ponto Medeia era uma ilusionista ou uma embusteira, e até que ponto sua magia era autêntica. Os caldeirões de regeneração são comuns no mito celta (vide 148. *5-6*); e o fato de Medeia alegar ser uma hiperbórea pode significar que seja uma deusa britânica. A teoria religiosa básica parece ter sido que, no solstício de verão, o rei sagrado, que portava uma máscara de carneiro negra, era esquartejado no alto de uma montanha e seus pedaços eram cozidos numa sopa que devia ser ingerida pelas sacerdotisas, para que o seu espírito passasse então para uma delas e reencarnasse como criança na temporada seguinte de nascimento dos cordeiros. O fato de que Frixo evitara esse destino teria sido o motivo original da expedição dos argonautas (vide 70. *2* e 148. *g*).

3. A carruagem de Medeia puxada por serpentes — as serpentes são animais do mundo subterrâneo — tinha asas porque ela era ao mesmo tempo deusa da Terra e da Lua. Aqui ela aparece em tríade como Perséfone-Deméter-Hécate, as três filhas de Pélias esquartejando o pai. A teoria de que o rei-Sol se casa com a rainha-Lua, que depois o convida graciosamente a montar em sua carruagem (vide 24. *m*), modificou-se com o fortalecimento do sistema patriarcal. Na época clássica, a carruagem puxada por serpentes era propriedade indiscutível de Hélio e, no mito posterior de Medeia e Teseu (vide 154. *d*), ele a emprestou à sua neta Medeia só porque ela se encontrava em perigo de morte (vide 156. *d*). A deusa Terra hindu do *Ramayana* também utiliza uma carruagem puxada por serpentes.

4. Calímaco parece atribuir à caçadora Cirene o triunfo na corrida realizada nos jogos fúnebres de Pélias (vide 82. *a*).

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 50. 1; Apolodoro: I. 9. 16 e 27; Valério Flaco: I. 777 *et seq*.

[2] Apolodoro: I. 9. 27; Diodoro Sículo: IV. 51. 1-53. 1; Pausânias: VIII. 11. 2; Plauto: *Pseudolus* III. 868 *et seq*.; Cícero: *Sobre a velhice* XXXIII. 83; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 297-349; Higino: *Fábula* 24.

[3] *Hipótese* da *Medeia* de Eurípides; escoliasta sobre os *Cavaleiros* de Eurípides 1.321; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 251-294.

[4] Pausânias: V. 17. 9; Higino: *Fábula* 278.

[5] Diodoro Sículo: IV. 53. 2; Higino: *Fábula* 24; Pausânias: VIII. 11. 2.

MEDEIA,
por Viktor Oskar Tilgner
Viena, Áustria

156

MEDEIA EM ÉFIRA

Jasão visitou primeiro Orcômeno, na Beócia, onde pendurou o tosão de ouro no templo de Zeus Lafístio; depois, ele atracou o *Argo* no istmo de Corinto e lá ele o dedicou a Poseidon.

b. Medeia era a única filha sobrevivente de Eetes, o legítimo rei de Corinto, que, ao emigrar para a Cólquida, deixara como regente Buno. Como o trono havia ficado vago com a morte sem sucessão do usurpador Corinto, filho de Maratona (que se autodenominava “Filho de Zeus”), Medeia o reclamou para si e os coríntios aceitaram Jasão como rei. Mas, após reinar por dez anos prósperos e felizes, ele levantou a suspeita de que Medeia havia obtido a sua sucessão por meio do envenenamento de Corinto, propondo então o divórcio em favor da tebana Glauce, filha do rei Creonte.

c. Embora não tenha negado seu crime, Medeia disse que ele devia manter o juramento que fizera em Ea em nome de todos os deuses, e, quando ele protestou que um juramento feito à força não tinha validade, Medeia o lembrou de que ele também devia a ela o trono de Corinto.

— É verdade — respondeu Jasão —, mas os coríntios hoje cultivam mais respeito por mim do que por você.

Visto que Jasão não cedia, Medeia, fingindo que se resignava, enviou a Glauce um presente de casamento que recebeu das mãos dos príncipes da casa real — pois ela dera a Jasão sete filhos e sete filhas —, a saber, uma coroa de ouro e uma longa túnica branca. Mal acabara Glauce de se vestir com a túnica e a coroa quando, de repente, delas brotaram chamas inextinguíveis que consumiram não só a ela — apesar de ter-se lançado de cabeça na fonte do palácio — como também o rei Creonte, uma multidão de distintos hóspedes

tebanos e a todos que haviam se reunido no palácio, exceto Jasão, que se salvou pulando por uma janela.

d. Nesse momento, Zeus, nutrindo grande admiração pelo espírito de Medeia, apaixonou-se por ela, mas Medeia rechaçou suas investidas. Hera, em sinal de gratidão, lhe disse:

— Tornarei imortais os seus filhos se você os deixar sobre o altar de sacrifícios do meu templo.

Assim fez Medeia e, depois, fugiu numa carruagem puxada por serpentes aladas emprestada por seu avô Hélio, após legar o reino a Sísifo.[1]

e. Apenas o nome de uma das filhas que Medeia teve com Jasão é lembrado: Eríope. Seu filho mais velho, Medeu ou Polixeno, que estava sendo educado por Quíron no monte Pélion, governou depois o país de Média; mas diz-se também que o pai de Medeu se chamava Egeu.[2] Os outros filhos eram Mérmero, Feres ou Tessalo, Alcimedes, Tisandro e Argos, todos os quais foram capturados pelos coríntios, enfurecidos pelo assassinato de Glauce e Creonte, apedrejando-os até a morte. Desde então, eles continuam expiando esse crime: sete meninas e sete meninos, vestidos de negro e com a cabeça raspada, passam um ano inteiro no templo de Hera na colina onde foi cometido o assassinato.[3] Por recomendação do Oráculo de Delfos, os meninos mortos foram enterrados no templo, embora suas almas, como havia prometido Hera, tivessem alcançado a imortalidade. Há quem acuse Jasão de haver tolerado esse assassinato, explicando, porém, que ele estava extremamente ofendido pela ambição de Medeia em nome de seus filhos.[4]

f. E outros, desorientados pelo dramaturgo Eurípides, que foi subornado pelos coríntios com quinze talentos de prata para os absolver da culpa, alegam que Medeia matou dois de seus próprios filhos,[5] e que os restantes pereceram no palácio que ela havia incendiado, à exceção de Tessalo, que conseguiu escapar e que, posteriormente, reinou em Iolco, dando o seu nome a toda a Tessália, e de Feres, cujo filho Mérmero herdou os dotes envenenadores de Medeia.[6]

1. O número de filhos de Medeia evoca o dos titãs e titânias (vide 1. *3* e 43. *4*), mas os catorze meninos e meninas que eram confinados anualmente no templo de Hera podem ter representado os dias ímpares e pares da primeira metade do mês sagrado.

2. A morte de Glauce talvez tenha sido deduzida a partir de um ícone que retratava o holocausto anual celebrado no templo de Hera, como aquele descrito por Luciano em Hierápolis (*Sobre a deusa síria* 49). Mas Glauce deve ter sido a sacerdotisa com diadema que liderava a conflagração, não sua vítima, e a fonte significaria o seu banho ritual. Luciano explica que a deusa síria era essencialmente Hera, embora possuísse também alguns atributos de Atena e outras deusas (*ibid*. 32). Aqui, Eríope ("a de olhos grandes") evoca a Hera de olhos de vaca, e Glauce ("coruja"), a Atena de olhos de coruja. Na época de Luciano, penduravam-se animais domésticos nos ramos das árvores amontoadas no pátio do templo de Hierápolis, os quais eram queimados vivos. Mas a morte dos catorze filhos de Medeia e a expiação feita por eles indicam que, originalmente, eram oferecidas vítimas humanas. Melicerta, o deus cretense que presidia os jogos ístmicos em Corinto (vide 70. *h* e 96. *6*), era Melkarth, "protetor da cidade", o Hércules fenício em cujo nome se queimavam realmente crianças vivas em Jerusalém (*Levítico* XVIII. 21 e XX. 2; I *Reis* XI. 7; II *Reis* XXIII. 10; *Jeremias* XXXII. 35). O fogo, por ser um elemento sacro, imortalizava as vítimas, assim como sucedeu com Hércules quando ele subiu para a sua pira no monte Eta, deitando-se sobre ela e deixando-se consumir pelas chamas (vide 145. *f*).

3. Se foi Medeia, Jasão ou se foram os coríntios que sacrificaram as crianças transformou-se numa questão importante só mais tarde, quando Medeia deixou de ser identificada com Ino, mãe de Melicerta, e quando o sacrifício humano se tornou um sinal de barbárie. Tendo em conta que qualquer drama que ganhasse um prêmio no festival ateniense em homenagem a Dionísio adquiria imediatamente autoridade religiosa, é muito provável que os coríntios tenham recompensado Eurípides muito bem pela generosa manipulação daquilo que era agora um mito descreditado.

4. O amor de Zeus por Medeia, assim como o de Hera por Jasão (Homero: *Odisseia* XII. 72; Apolônio de Rodes: III. 66), indica que "Zeus" e "Hera" eram os títulos do rei e da rainha coríntios (vide 43. *2* e 68. *1*). Embora fosse filho de Maratona, Corinto era também intitulado "filho de Zeus", e o pai de Maratona, Epopeu ("o que tudo vê"), tinha a mesma esposa que Zeus (Pausânias: II. 1. 1; Ásio: *Fragmento* 1).

NOTAS

[1] Eumelo: *Fragmentos* 2-4; Diodoro Sículo: IV. 54; Apolodoro: I. 9. 16; Ovídio: *As metamorfoses* VII. 391-401; Ptolomeu Hefestionos: II; Apuleio: *Asno de ouro* I. 10; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 175; Eurípides: *Medeia*.

[2] Hesíodo: *Teogonia* 981 *et seq*.; Pausânias: II. 3. 7 e III. 3. 7; Higino: *Fábulas* 24 e 27.

[3] Apolodoro: I. 9. 28; Pausânias: II. 3. 6; Eliano: *Varia Historia* V. 21; escoliasta sobre a *Medeia* de Eurípides: 9 e 264; Filóstrato: *Heroica* XX. 24.

[4] Diodoro Sículo: V. 55; escoliasta sobre a *Medeia* de Eurípides 1.387.

[5] Escoliasta sobre Eurípides: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 25; Eurípides: *Medeia* 1.271; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio: VIII. 47.

[6] Diodoro Sículo: IV. 54; Homero: *Odisseia* I. 260, com escoliasta.

157

MEDEIA NO EXÍLIO

Medeia fugiu primeiro para Tebas, atrás de Hércules, que lhe havia prometido ampará-la caso Jasão alguma vez se revelasse infiel; lá ela o curou da loucura que o fizera matar seus filhos. Não obstante, os tebanos não lhe permitiram fixar residência entre eles por haver matado Creonte, seu rei. Então ela partiu para Atenas, onde se casou com o rei Egeu. Depois, desterrada de Atenas por haver tentado envenenar Teseu, zarpou para a Itália e ensinou aos marrúbios a arte do encantamento das serpentes; eles ainda a veneram como a deusa Angitia.[1] Após uma breve visita à Tessália, onde venceu Tétis num concurso de beleza cujo juiz era o cretense Idomeneu, ela se casou com um rei asiático cujo nome caiu no esquecimento, mas que é considerado o verdadeiro pai de Medeu.

b. Finalmente, ao saber que o trono cólquido de Eetes havia sido usurpado por seu tio Perses, Medeia foi à Cólquida com Medeu, que matou Perses, reinstaurou Eetes no trono e ampliou o reino da Cólquida, nele incluindo o território da Média. Há quem alegue que, àquela altura, Medeia já havia se reconciliado com Jasão e que o teria levado consigo para a Cólquida. Mas, evidentemente, a história de Medeia foi embelezada e deturpada pelas extravagantes fantasias de muitos dramaturgos trágicos.[2] A verdade é que Jasão, tendo perdido o favor dos deuses, cujos nomes havia invocado em vão ao romper seu juramento de fidelidade com Medeia, errou de cidade em cidade, execrado por todos os homens. Em sua velhice, ele voltou mais uma vez a Corinto, e se sentou à sombra do *Argo* para recordar suas glórias passadas e lamentar os desastres que haviam tomado de assalto a sua vida. Ele estava prestes a se enforcar na proa quando, de súbito, o barco deslizou para a frente e o matou. Poseidon pôs então a imagem da popa do *Argo*, que era inocente de homicídio, entre as estrelas.[3]

c. Medeia não morreu, mas fez-se imortal e reinou nos Campos Elísios, onde, segundo afirmam, foi ela, e não Helena, quem se casou com Aquiles.[4]

d. Quanto a Atamante, que, por não ter sacrificado Frixo, originou a expedição dos argonautas, ele mesmo estava prestes a ser sacrificado em Orcômeno como vítima propiciatória exigida pelo oráculo de Zeus Lafístio, quando seu neto Citisoro voltou de Ea e o salvou. Isso perturbou Zeus, que decretou que, doravante, o filho mais velho dos atamântidas devia perpetuamente evitar a Sala do Conselho sob o risco da pena de morte, ordem que desde então tem sido respeitada.[5]

e. O regresso ao lar dos argonautas deu origem a muitas lendas, porém a mais instrutiva delas é a do Grande Anceu, o timoneiro. Após sobreviver a tantas dificuldades e perigos, ele voltou ao seu palácio em Tégea, onde um adivinho lhe dissera, em certa ocasião, que ele jamais provaria do vinho de uma videira que havia plantado alguns anos antes. Justo no dia de sua chegada, Anceu foi informado de que seu camareiro havia colhido as primeiras uvas e que o vinho estava à sua espera. Assim, ele encheu uma taça de vinho, levou-a aos lábios e, chamando o adivinho, repreendeu-o por haver feito uma profecia falsa. O adivinho respondeu-lhe:

— Senhor, do prato à boca perde-se a sopa!

Naquele momento, os servidores de Anceu entraram gritando:

— Senhor, um javali! Está fazendo estragos em sua videira!

Ele deixou a taça sem haver provado do vinho, tomou sua lança e saiu correndo às pressas, mas o javali, que havia se escondido atrás de um arbusto, investiu sobre ele e o matou.[6]

1. Um culto ático de Deméter como deusa Terra deu origem à história da estada de Medeia em Atenas (vide 97. *b*). Cultos parecidos explicam sua visita a Tebas, Tessália e Ásia Menor, mas é possível que os marrúbios tenham emigrado para a Itália a partir da Líbia, onde os psilos eram especialistas na arte do encantamento de serpentes (Plínio: *História natural* VII. 2). O reinado de Medeia nos Campos Elísios é compreensível: como deusa que manejava o caldeirão da regeneração, ela podia oferecer aos heróis a oportunidade de uma outra vida na terra (vide 31. *c*). Helena (“Lua”) devia ser um de seus títulos (vide 159. *1*).

2. Parece que, na idade heroica, ao término de seu reinado, o rei de Orcômeno era levado para ser sacrificado no cume do monte Lafístio. Esse rei era também um sacerdote de Zeus Lafístio, um ministério hereditário no clã matrilinear dos mínios. Na época das Guerras Persas, segundo Heródoto, ainda se esperava que o chefe do clã participasse do Conselho ao ser convocado para o sacrifício. Entretanto, ninguém o obrigava a obedecer a essa convocatória e, pelo que se pode depreender do relato de Heródoto, parece que ele era representado por um substituto, exceto quando se tratasse de um desastre nacional, como uma peste ou uma seca, ocasiões em que ele se sentia obrigado a participar pessoalmente.

As mortes de Jasão e de Anceu são fábulas que destacam os perigos do excesso de fama, prosperidade e orgulho. Mas Anceu morre regiamente em sua cidade, ferido pela presa de um javali (vide 18. *7*), ao passo que Jasão, assim como Belerofonte (vide 75. *f*) e Édipo (vide 105. *k*), vaga de cidade em cidade, detestado pelos homens e, no fim, morre num acidente. No istmo, onde Jasão havia reinado, era costume que o *pharmacos* régio fosse lançado do alto de um penhasco, mas era salvo no mar por uma embarcação que o esperava lá embaixo; em seguida, ele passava a levar uma existência errante, arrastando consigo sua má sorte (vide 89. *6* e 98. *7*).

3. Pelo que sei, *Sir* Isaac Newton foi o primeiro a indicar a relação entre o Zodíaco e a viagem do *Argo*; é bem provável, ademais, que a lenda tenha recebido em Alexandria a influência dos signos do Zodíaco: o Carneiro de Frixo, os Touros de Eetes, os Dióscuros como os Gêmeos Celestiais, o Leão de Reia, a Balança de Alcínoo, os Carregadores de Água de Egina, Hércules como Arqueiro, Medeia como Virgem, e a Cabra, símbolo da luxúria, para recordar os amores praticados em Lemnos. Ao se utilizarem os signos zodiacais egípcios, os elementos faltantes aparecem: a Serpente no lugar do Escorpião, e o Escaravelho, símbolo da regeneração, no lugar do Caranguejo.

NOTAS

[1] Diodoro Sículo: IV. 54; Apolodoro: I. 9. 28; Plutarco: *Teseu* 12; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VII. 750.

[2] Ptolomeu Hefestionos: V; Diodoro Sículo: IV. 55-66. 2; Higino: *Fábula* 26; Justino: XLII. 2; Tácito: *Anais* VI. 34.

[3] Diodoro Sículo: IV. 55; escoliasta sobre a *Hipótese* da *Medeia* de Eurípides; Higino: *Astronomia poética* XXXVI.

[4] Escoliasta sobre a *Medeia* de Eurípides: 10 e sobre Apolônio de Rodes: IV. 814.

[5] Heródoto: VII. 197.

[6] Escoliasta sobre Apolônio de Rodes: I. 185.

158

A FUNDAÇÃO DE TROIA

Uma das histórias que se contam sobre a fundação de Troia reza que, durante uma época de fome, um terço da população cretense, comandado pelo príncipe Escamandro, partiu para fundar uma colônia. Ao chegarem à Frígia, eles instalaram seu acampamento junto ao mar, não longe da cidade de Hamaxito,[1] no sopé de uma montanha que eles chamaram de Ida em homenagem à pátria cretense de Zeus. Apolo, porém, os havia aconselhado a se estabelecerem num lugar onde pudessem ser atacados, na escuridão da noite, por inimigos nascidos do solo; naquela mesma noite, uma horda de camundongos campestres famintos invadiu as tendas e roeu as cordas dos arcos, as correias de couro dos escudos e todas as demais partes comestíveis do armamento cretense. Diante disso, Escamandro suspendeu a marcha, dedicou um templo a Apolo Esminteu — em torno do qual logo surgiu a cidade de Esmíntio — e se casou com a ninfa Ideia, que lhe deu um filho, Teucro. Com a ajuda de Apolo, os cretenses derrotaram seus novos vizinhos, os bebrícios, mas, no transcorrer da luta, Escamandro pulou no rio Xanto, que mais tarde recebeu o seu nome. Sucedeu-o Teucro, em homenagem a quem os novos colonos foram chamados de teucros, mas há quem diga que foi o próprio Teucro quem conduziu os imigrantes cretenses, e que na Frígia ele foi recebido por Dárdano, que lhe deu sua filha em casamento e chamou de teucros os seus próprios súditos.[2]

b. Os atenienses dão uma versão totalmente diferente. Eles negam que os teucros tenham se originado de Creta, e dizem que um certo Teucro, pertencente ao demo de Troes, emigrou de Atenas para a Frígia; e que Dárdano, filho de Zeus com a plêiade Electra e natural da Feneu árcade, foi recebido na Frígia por esse Teucro, e não o contrário. Para apoiar essa tradição, eles garantem que Erictônio aparece tanto na genealogia da casa real ateniense como na da teucra.[3]

Os atenienses acrescentam, ainda, que Dárdano se casou com Crise, filha de Palas, com quem teve dois filhos, Ideu e Dimas. Ambos foram soberanos por certo tempo no reino árcade fundado por Atlas, mas foram separados pelas calamidades do Dilúvio de Deucalião. Dimas permaneceu na Arcádia, mas Ideu partiu com seu pai Dárdano e colonizaram juntos a ilha da Samotrácia, que desde então passou a se chamar Dardânia. Crise havia entregado como dote a Dárdano as imagens sagradas dos Grandes Deuses, dos quais ela era sacerdotisa, e ele introduziu o culto delas na Samotrácia, embora mantendo em segredo seus verdadeiros nomes. Dárdano fundou também um colégio de sacerdotes sálios para realizarem os ritos necessários, que eram os mesmos que os curetes cretenses realizavam.[4]

c. A aflição pela morte de seu irmão Iasião levou Dárdano a cruzar o mar rumo à Tróade. Chegou sozinho, remando uma balsa feita de uma pele inchada que ele havia lastrado com quatro pedras. Teucro o recebeu com grande hospitalidade e, sob a condição de que o ajudasse a subjugar certas tribos vizinhas, deu-lhe uma participação no reino e o casou com a princesa Bátea, a qual, conforme diferentes tradições, seria tia ou filha de Teucro.[5]

d. Dárdano propôs a fundação de uma cidade na pequena colina de Ate, que se erguia na planície onde agora se encontra Troia, ou Ílio. Mas, quando o oráculo de Apolo Frígio avisou-lhe que a desgraça pairaria sempre sobre os seus habitantes, ele escolheu um lugar nas encostas mais baixas do monte Ida e chamou sua cidade de Dardânia.[6] Após a morte de Teucro, Dárdano o sucedeu nas demais partes do reino, ao qual deu o próprio nome, e estendeu o seu governo sobre muitas nações asiáticas, fundando também colônias na Trácia e para além dela.[7]

e. Enquanto isso, o filho mais novo de Dárdano, Ideu, o havia seguido até a Tróade levando as imagens sagradas, o que permitiu a Dárdano ensinar a seus súditos os Mistérios samotrácios. Um oráculo lhe garantiu, então, que a cidade que estava prestes a ser fundada seria invencível apenas enquanto o dote de sua esposa continuasse sob a proteção de Atena.[8] A tumba dele pode ser vista naquela parte de Troia que se chamava Dardânia, antes de se fundir com as aldeias de Ílio e Tros para formar uma única cidade. Ideu se instalou nos montes Ideus, que, segundo alguns, chamam-se assim por causa dele; uma vez lá, ele instituiu o culto e os Mistérios da Mãe dos Deuses frígia.[9]

f. Segundo a tradição latina, o pai de Iasião era o príncipe tirreno Córito; e seu irmão gêmeo era Dárdano, filho de Zeus e de Electra, mulher de Córito. Ambos emigraram da Etrúria após dividir entre si as imagens sagradas. Iasião foi para a Samotrácia e Dárdano para a Tróade. Enquanto lutava com os bebrícios, que tentavam atirar os tirrenos novamente ao mar, Dárdano perdeu o elmo e,

embora suas tropas estivessem batendo em retirada, ele as fez voltar para o recuperar. Dessa vez ele foi vitorioso e fundou no campo de batalha uma cidade chamada Córito, em homenagem ao seu elmo (*corys*) e ao seu pai.[10]

g. Ideu tinha dois irmãos mais velhos, Erictônio e Ilo, ou Zacinto; e uma filha, Ideia, que se tornou a segunda esposa de Fineu. Ao suceder Dárdano no trono, Erictônio se casou com Astíoque, filha de Símois, que lhe deu um filho: Tros.[11] Erictônio, também descrito como rei de Creta, era o mais próspero dos homens, dono das três mil éguas pelas quais se apaixonou Bóreas. Tros sucedeu seu pai Erictônio, e não somente Troia, como também toda a Tróade, recebeu o seu nome. Com sua esposa Calírroe, filha de Escamandro, ele teve Cleópatra a Menor, Ilo o Menor, Assáraco e Ganimedes.[12]

h. Enquanto isso, Ilo, irmão de Erictônio, havia ido à Frígia, onde participara dos jogos que já estavam sendo celebrados; saiu vencedor da prova de luta e ganhou como prêmio cinquenta rapazes e cinquenta moças. O rei frígio — cujo nome caiu no esquecimento — deu-lhe também uma vaca malhada e o aconselhou a fundar uma cidade no primeiro lugar em que o animal se deitasse. Ilo seguiu a vaca, que se deitou ao chegar à colina de Ate; lá ele construiu a cidade de Ílio, embora, por causa da advertência feita pelo oráculo ao seu pai Dárdano, não a tenha fortificado. Entretanto, diz-se que foi uma de suas próprias vacas mísias que Ilo seguiu, e que suas instruções provinham de Apolo. Mas outros afirmam que Ílio foi fundada por imigrantes lócrios e que eles deram ao monte troiano de Cime o nome de sua montanha Friconis.[13]

i. Quando os limites da cidade foram demarcados, Ilo pediu um sinal a Zeus Onipotente, de modo que ele, na manhã seguinte, encontrou um objeto de madeira diante de sua tenda, meio enterrado na terra e coberto por ervas daninhas. Tratava-se do Paládio, imagem sem pernas feita por Atena para lembrar sua companheira líbia de brincadeiras Palas, já morta. Palas, cujo nome Atena agregou ao seu, segurava ao alto uma lança com a mão direita e uma roca e um fuso com a esquerda, ao passo que a égide envolvia-lhe o peito. Atena havia colocado a imagem primeiro no Olimpo, junto ao trono de Zeus, onde recebia grandes honras, mas quando a bisavó de Ilo, a plêiade Electra, foi violada por Zeus e profanou a imagem com o seu toque, Atena, zangada com ela, arremessou-a à Terra junto com a imagem.[14]

j. Apolo Esminteu deu então um conselho a Ilo: “Protege a deusa que caiu dos céus e, assim, protegerás tua cidade, pois, aonde quer que ela vá, para lá irá o império!” Seguindo o conselho, ele ergueu um templo na cidadela para ali abrigar a sua imagem.[15]

k. Alguns dizem que o templo já estava em construção quando a imagem desceu do céu como uma dádiva da deusa. Ela caiu através de uma parte do teto

que ainda não estava terminada e foi encontrada colocada exatamente no lugar adequado.[16] Outros dizem que Electra deu o Paládio a Dárdano, o filho que ela teve com Zeus, e que, por ocasião da morte dele, ele foi levado de Dardânia para Ílio.[17] Outros ainda afirmam que a imagem caiu do céu em Atenas e que o ateniense Teucro a levou à Tróade. E há mesmo quem acredite que houve dois Paládios, um ateniense e outro troiano, este último feito dos ossos de Pélope, tal como a imagem de Zeus em Olímpia era feita de marfim hindu; ou que houve muitos Paládios, todos eles igualmente caídos do céu, inclusive as imagens samotrácias que Ideu levou à Tróade.[18] O Colégio das Vestais em Roma conserva atualmente o que é considerado o Paládio autêntico. Nenhum ser humano pode contemplá-lo impunemente. Num certo tempo, quando ele ainda se encontrava em poder dos troianos, Ilo apressou-se em salvá-lo ao alarme de um incêndio, e por isso foi castigado com a cegueira; mais tarde, porém, ele conseguiu aplacar Atenas e recuperou a visão.[19]

l. Eurídice, filha de Adrasto, teve Laomedonte e Temiste com Ilo. Temiste se casou com o frígio Cápis e, segundo dizem alguns, foi a mãe de Anquises.[20] Com Estrimo, filha de Escamandro e Leucipa, ou Zeuxipe, ou Toosa, Laomedonte teve cinco filhos: Titono, Lampo, Clítio, Hicetáon e Podarces; bem como três filhas: Hesíone, Cila e Astíoque. Ele também concebeu gêmeos bastardos com a ninfa pastora Cálibe. Foi ele quem decidiu construir as famosas muralhas de Troia e teve a boa sorte de assegurar os serviços dos deuses Apolo e Poseidon, que, não gozando naquele momento dos favores de Zeus por terem se rebelado, foram obrigados, como castigo, a trabalhar como peões. Poseidon construiu as muralhas com a ajuda do lélege Éaco, enquanto Apolo tocava a lira e dava de comer aos rebanhos de Laomedonte. Mas ele não pagou os deuses como devia, motivo pelo qual foi vítima de seu amargo ressentimento. Essa foi a causa por que ele e todos os seus filhos, à exceção de Podarces, que havia trocado seu nome por Príamo, pereceram quando Hércules saqueou Troia. [21]

m. Príamo, a quem Hércules generosamente concedeu o trono de Troia, suspeitava que a calamidade que havia recaído sobre essa cidade se devia mais à sua desafortunada localização do que à ira dos deuses. Portanto, ele mandou um de seus sobrinhos perguntar à pitonisa de Delfos se ainda pairava alguma maldição sobre a colina de Ate. Mas o sacerdote de Apolo, Panto, filho de Otrias, era tão belo que o sobrinho de Príamo, esquecendo-se de sua missão, apaixonou-se por ele e voltou a Troia trazendo-o consigo. Embora zangado, Príamo não teve coragem de punir seu sobrinho. Para compensar o mal que havia feito, ele nomeou Panto como sacerdote de Apolo e, como o envergonhava voltar a consultar a pitonisa, ele reconstruiu Troia sobre as mesmas fundações. A primeira esposa de Príamo foi Arisbe, filha do adivinho Mérope. Após ter tido

um filho com ela, Ésaco, ele a casou com Hírtaco, com quem teve os hirtácidas Ásio e Niso.[22]

n. Ésaco, que aprendera a arte de interpretar os sonhos com seu avô Mérope, é famoso pelo grande amor que demonstrou por Astérope, filha do rio Cebren; quando ela morreu, Ésaco tentou se suicidar várias vezes saltando do alto de um rochedo, até que finalmente os deuses se compadeceram dele e o transformaram numa ave aquática, permitindo-lhe, assim, satisfazer sua obsessão com mais decência.[23]

o. Hécabe, a segunda esposa de Príamo — a que os latinos chamam Hécuba —, era filha de Dimas e da ninfa Eunoe; ou, segundo outra versão, de Cisseu e Teleclia; ou do rio Sangário e Métope; ou de Glaucipe, filha de Xanto.[24] Ela teve com Príamo dezenove de seus cinquenta filhos, sendo os restantes filhos de concubinas. Os cinquenta ocupavam dormitórios adjacentes de pedra polida. As doze filhas de Príamo dormiam com seus maridos na ala mais distante do mesmo pátio.[25] O filho mais velho de Hécabe era Heitor, que alguns consideram ser filho de Apolo; em seguida, ela deu à luz Páris; depois, Creúsa, Laódice e Polixena; depois, Deífobo, Heleno, Cassandra, Pámon, Polites, Antifo, Hipônoo e Polidoro. Mas, com certeza, foi com Apolo que ela concebeu Troilo.[26]

p. Dentre os filhos mais novos de Hécabe, achavam-se os gêmeos Cassandra e Heleno. Em sua festa de aniversário, celebrada no templo de Apolo Timbreu, eles se cansaram de brincar e adormeceram num canto, enquanto seus desatentos pais, embriagados pelo vinho, voltaram cambaleando para casa sem eles. Ao retornar ao templo, Hécabe encontrou as serpentes sagradas lambendo as orelhas das crianças, e deu um grito de pavor. As serpentes sumiram num monte de folhas de loureiro, mas, a partir daí, Cassandra e Heleno passaram a ter o dom da profecia.[27]

q. Outro relato do mesmo incidente reza que, um dia, Cassandra adormeceu no templo; então, Apolo surgiu e prometeu-lhe ensinar a arte da profecia caso partilhasse o leito com ele. Após aceitar o seu presente, Cassandra se arrependeu do trato; mas Apolo pediu que lhe desse um beijo e, ao fazê-lo, ele cuspiu na sua boca, garantindo assim que ninguém jamais acreditaria no que ela viesse a profetizar.[28]

r. Quando, após vários anos de um governo prudente, Príamo conseguiu fazer com que Troia recuperasse a riqueza e o poder de outrora, ele convocou um Conselho para tratar do caso de sua irmã Hesíone, que o eácida Télamon havia levado para a Grécia. Embora ele próprio fosse a favor do uso da força, o Conselho recomendou-lhe que tentasse primeiro a via da persuasão. Por conseguinte, seu cunhado Antenor e seu primo Anquises foram à Grécia e apresentaram as exigências troianas aos gregos reunidos na corte de Télamon, os

quais desprezaram completamente suas petições. Tal incidente foi uma das principais causas da Guerra de Troia,[29] cujas consequências funestas Cassandra já vinha predizendo. Para evitar o escândalo, Príamo a trancou num edifício piramidal da cidadela. A guardiã que cuidava dela tinha ordens de manter Príamo informado de todas as suas profecias.[30]

1. Embora a posição geográfica de Troia, numa planície bem irrigada na entrada do Helesponto, a tornasse o principal centro comercial da Idade do Bronze entre o Oriente e o Ocidente, ela era também motivo de frequentes ataques provenientes de todos os lados. As alegações gregas, cretenses e frígias de terem fundado a cidade não eram irreconciliáveis, posto que na época clássica ela já havia sido destruída e reconstruída inúmeras vezes. No total, houve dez Troias, das quais a sétima foi a homérica. A Troia a que se refere Homero parece ter sido habitada por uma federação de três tribos — troianos, ilianos e dardânios —, o que era habitual na Idade do Bronze.

2. "Apolo Esminteu" aponta para Creta, pois *Sminthos* é a palavra cretense para "camundongo", animal sagrado não só em Cnossos (vide 90. *3*), como também na Filístia[a] (*Samuel* I, VI. 4) e na Fócida (Pausânias: X. 12. 5); Erictônio, o Setentrião fertilizador, era adorado tanto pelos pelasgos de Atenas como pelos trácios (vide 48. *3*). Mas a pretensão ateniense de ter fundado Troia pode ser rechaçada levando-se em conta o seu caráter de propaganda política. Os camundongos brancos que eram guardados nos templos de Apolo eram profiláticos contra a peste e contra as invasões súbitas de camundongos como as que menciona Eliano (*História de animais* XII. 5 e 41) e Aristóteles (*História de animais* VI. 370). Dárdano pode ter sido um tirreno da Lídia (vide 136. *g*) ou da Samotrácia, mas Sérvio está equivocado ao dizer que provinha da Etrúria, onde os tirrenos vieram a se estabelecer muito tempo depois da Guerra de Troia. "Zacinto", palavra cretense que figura na genealogia régia de Troia, era o nome de uma ilha pertencente ao reino de Odisseu, o que sugere que ele reclamava direitos hereditários em Troia.

3. O Paládio que as Virgens Vestais guardavam em Roma como símbolo de boa sorte da cidade tinha imensa importância para os mitógrafos italianos, que alegavam ter sido ele resgatado de Troia por Eneias (Pausânias: II. 23. 5) e, depois, levado para a Itália. Talvez fosse feito de marfim de toninha (vide 108. *5*). "Paládio" significa uma pedra ou qualquer outro objeto de culto ao redor do

qual bailavam as moças de um determinado clã, como em Téspias (vide 120. *a*), ou ao redor do qual saltavam rapazes, pois a palavra *pallas* era utilizada indiscriminadamente para ambos os sexos. O Colégio romano de Salii era uma sociedade de sacerdotes saltadores. Quando esses objetos de culto começaram a ser identificados como prosperidade da tribo e a ser guardados cuidadosamente no intuito de impedir seu roubo ou mutilação, *palladia* passou a ser interpretado como *palta*, ou "coisas caídas do céu". Essas *palta* não podiam se ocultar no céu; por isso, a pedra sagrada do trovão de Término em Roma se encontrava debaixo de um buraco aberto no telhado do templo de Júpiter, o que explica a abertura análoga em Troia.

4. A veneração dos meteoritos se estendeu facilmente aos monólitos antigos, cuja origem fúnebre havia sido esquecida; do monólito passou-se à imagem de pedra e, desta, estava-se apenas a um passo da veneração às imagens de madeira ou de marfim. Mas a queda de um escudo do céu — o *ancile* de Marte (Ovídio: *Os fastos* III. 259-273) é o exemplo mais conhecido — necessita de maiores explicações. No início, acreditava-se que os meteoritos, como os únicos *palta* autênticos, originavam-se do raio que parte as árvores dos bosques. Depois, foram equivocadamente tomados por raios os machados de pedra neolíticos, como aqueles encontrados no templo de Asine em Micenas, e os enxós ou pilões primitivos da Idade do Bronze, como o pilão de Cibele em Éfeso (*Atos* XIX. 35). Mas o escudo também era um instrumento do trovão. Os fazedores de chuva pré-helênicos invocavam as tormentas fazendo girar aerófonos para imitar o som do vento e, para imitar o trovão, eles golpeavam grandes escudos de pele de boi bem esticada com varetas de tambor de duas cabeças, como os que os sacerdotes sálios seguram no relevo de Anagni. A única maneira de fazer com que um aerófono soe continuamente é girá-lo num circuito em forma de oito, assim como fazem as crianças com os moinhos de vento de brinquedo; e como, ao que parece, as tochas utilizadas para imitar o relâmpago giravam do mesmo modo, o escudo fazedor de chuva também tinha forma de oito e as varetas duplas golpeavam continuamente ambos os lados. Por isso, os ícones cretenses que sobreviveram até hoje retratam o espírito do trovão descendo como um escudo em forma de oito e, por esse motivo, finalmente, os escudos antigos eram adorados como *palta*. Uma tabuleta pintada de pedra calcária da acrópole de Micenas demonstra, pela cor da carne, que o espírito do Trovão era uma deusa e não um deus. Num anel de ouro, encontrado próximo dali, não se distingue o sexo do escudo que desce.

5. Cassandra e as serpentes evocam o mito de Melampo (vide 122. *c*), e o fato de Apolo ter cuspido em sua boca recorda o mito de Glauco (vide 90. *f*).

Sua prisão era provavelmente uma tumba em forma de colmeia, da qual ela fazia profecias em nome do herói que jazia ali enterrado (vide 43. *2* e 154. *1*).

6. Ésaco, o nome do filho profético de Príamo, significava o ramo de mirto que se passava de um comensal a outro nos banquetes gregos como um sinal de desafio para cantar ou compor. Por ser o mirto uma árvore da morte (vide 101. *1* e 109. *4*), esses poemas talvez tenham sido originalmente profecias feitas numa festa dedicada a um herói. A ave aquática era consagrada a Atena na Ática e se associava à morte por afogamento do *pharmacos* régio (vide 94. *1*). O salto de Escamandro no rio Xanto deve-se referir ao semelhante costume troiano de afogar o rei velho (vide 108. *3*). Supunha-se que sua alma engravidava as moças que iam ali banhar-se (vide 137. *3*). Tântalo, que parece ter sofrido o mesmo destino, casou-se com a filha de Xanto (vide 108. *b*).

7. Príamo teve cinquenta filhos, dezenove dos quais eram legítimos. Isso indica que, em Troia, a duração do reinado do rei era governada pelo ciclo metônico de dezenove anos e não pelo ciclo de cem lunações compartilhado entre o rei e seu herdeiro, como em Creta (vide 138. *5*) e na Arcádia (vide 38. *2*). Suas doze filhas talvez fossem as guardiãs dos meses.

8. Não se deve subestimar a importância da participação de Éaco na construção das muralhas de Troia: Apolo havia profetizado que os descendentes dele estariam presentes em sua captura tanto na primeira como na quarta geração (vide 66. *i*), e que só seria possível abrir uma brecha na parte construída por Éaco (Píndaro: *Odes píticas* VIII. 39-46). Andrômaca recordou Heitor de que essa era a parte do lado ocidental da muralha, “perto da figueira”, de onde podia-se atacar a cidade com mais facilidade (Homero: *Ilíada* VI. 431-439), e “onde os homens mais valentes que acompanham os dois Ájax já tentaram forçar a entrada três vezes — seja porque alguém que conhece os oráculos lhes contou, ou porque seu próprio arroubo os empurra naquela direção”. As escavações realizadas em Troia por Dörpfeld demonstraram que, inexplicavelmente, a muralha era mais fraca justo naquele ponto. Mas os companheiros de Ájax e de Éaco não precisaram de nenhum adivinho que os informassem disso caso, como sugere Políbio, “Éaco” provenha da cidade da Lócrida opuntiana, a cidade de Ájax o Pequeno. A Lócrida, que parece ter proporcionado o elemento iliano da Troia homérica, e que gozava do privilégio de nomear as sacerdotisas troianas (vide 168. *2*), era um distrito lélege pré-helênico com instituições matrilineares e inclusive matriarcais (vide 136. *4*). Outra tribo de léleges, talvez de ascendência lócria, vivia em Pedaso, na Tróade. Uma de suas princesas, Laótoe, foi a Troia e teve um filho com Príamo (Homero: *Ilíada* XXI. 86). Parece que foi a boa disposição das sacerdotisas lócrias em retirar às escondidas o paládio e colocá-lo a salvo na Lócrida que facilitou a tomada da cidade pelos gregos (vide 168. *4*).

9. Posto que um certo Teucro era filho de Escamandro e outro, neto de Éaco e filho de Hesíone, irmã de Príamo (vide 137. *2*), o elemento teucro em Troia pode ser identificado como lélege, eácida, ou iliano; os outros dois elementos eram o lídio, dardânio ou tirreno, e o troiano ou frígio.

NOTAS

[a] Nome grego da Palestina. (N.T.)

[1] Estrabão: XIII. 1. 48.

[2] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 108; Estrabão: *loc. cit*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.302.

[3] Apolodoro: III. 12. 1; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 167; Estrabão: *loc. cit*.

[4] Dionísio de Halicarnasso: *Antiguidades romanas* I. 61 e II. 70-71; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: p. 1.204; Conon: *Narrações* 21; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 285.

[5] Apolodoro: III. 12. 1; Licofrone: 72 *et seq*., com comentários de Tzetzes; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XX. 215; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 167; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 29.

[6] Tzetzes: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: V. 48; Estrabão: *Fragmento* 50; Homero: *Ilíada* XX. 215 *et seq*.

[7] Apolodoro: *loc. cit*.; Sérvio: *loc. cit*.; Diodoro Sículo: *loc. cit*.

[8] Estrabão: *loc. cit*.; Dionísio de Halicarnasso: I. 61; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: p. 1.204; Conon: *Narrações* 21; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 166.

[9] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 72; Dionísio de Halicarnasso: *loc. cit*.

[10] Sérvio: *loc. cit*.; VII. 207 e III. 15.

[11] Apolodoro: III. 12. 2 e III. 15. 3; Dionísio de Halicarnasso: I. 50. 3.

[12] Homero: *Ilíada* XX. 220 *et seq*.; Dionísio de Halicarnasso: I. 62; Apolodoro: III. 12. 2.

[13] Apolodoro: III. 12. 3; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 29; Lesses de Lampsaco, citado por Tzetzes: *loc. cit*.; Píndaro: *Odes olímpicas* VIII. 30 *et seq*.; com escoliasta; Estrabão: XIII. 1. 3 e 3. 3.

[14] Ovídio: *Os fastos* VI. 420 *et seq*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[15] Ovídio: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[16] Dictys Cretensis: V. 5.

[17] Escoliasta sobre *As fenícias* de Eurípides: 1.136; Dionísio de Halicarnasso: I. 61; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 166.

[18] Clemente de Alexandria: *Protrepticon* IV. 47; Sérvio: *loc. cit*.; Ferécides, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 355; *Etymologicum Magnum*: *sub* Palladium, pp. 649-650.

[19] Dercilo: *Fundações das cidades* I, citado por Plutarco: *Vidas paralelas* 17.

[20] Apolodoro: III. 12. 2 e 3.

[21] Apolodoro: II. 59; II. 6. 4 e III. 12. 3; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero III. 250; Homero: *Ilíada* VI. 23-26; XXI. 446 e VII. 542; Horácio: *Odes* III. 3. 21; Píndaro: *Odes olímpicas* VIII. 41, com escoliasta; Diodoro Sículo: IV. 32.

[22] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 319; Apolodoro: III. 12. 5; Homero: *Ilíada* II. 831 e 837; Virgílio: *Eneida* IX. 176-177.

[23] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: V. 128; Apolodoro: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* XI. 755-795.

[24] Ferécides, citado por escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVI. 718 e sobre a *Hécabe* de Eurípides: 32; Atenião, citado por escoliasta sobre Homero: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.

[25] Homero: *Ilíada* XXIV. 495-497 e VI. 242-250.

[26] Estesícoro, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 266; Apolodoro: *loc. cit*.

[27] Antíclides, citado por escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: VII. 44.

[28] Higino: *Fábula* 93; Apolodoro: III. 12. 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 247.

[29] Benoit: *Roman de Troie* 385 e 3.187 *et seq*.; *The Seege or Batayle of Troye* 349 *et seq*. e 385; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 340; Dares: 5; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 80.

[30] Ésquilo: *Agamênon* 1.210; Tzetzes: *Hipótese de Alexandra de Licofrone*; *Sobre Licofrone* 29 e 350.

O RAPTO DE HELENA,
de Georg Franz Ebenhech
Postdam, Alemanha

159

PÁRIS E HELENA

Quando Helena, a bela filha de Leda, chegou à idade núbil no palácio de seu pai adotivo Tíndaro, em Esparta, todos os príncipes da Grécia se apresentaram com valiosas prendas como pretendentes, ou fizeram-se representar por membros de família. Diomedes, recém-chegado de sua vitória em Tebas, estava lá com Ájax, Teucro, Filoctetes, Idomeneu, Pátroclo, Menesteu e muitos outros. Odisseu também foi, mas de mãos vazias, pois não tinha a menor possibilidade de êxito. Embora os Dióscuros, irmãos de Helena, desejassem que ela se casasse com Menesteu de Atenas, Odisseu sabia que ela seria oferecida ao príncipe Menelau, o mais rico dos aqueus, representado por Agamênon, o poderoso genro de Tíndaro.[1]

b. Tíndaro não mandou embora nenhum pretendente, nem aceitou, por outro lado, os presentes oferecidos, pois temia que qualquer demonstração de parcialidade pudesse provocar brigas. Odisseu perguntou-lhe certo dia:

— Se eu lhe disser como evitar um conflito, você me ajudaria a desposar Penélope, filha de Icário?

— Trato feito — respondeu Tíndaro.

— Então — continuou Odisseu —, meu conselho é o seguinte: insista que todos os pretendentes de Helena jurem defender aquele por ela escolhido contra quem quer que se ressinta de sua boa sorte.

Tíndaro concordou, julgando prudente tal decisão. Após sacrificar um cavalo e esquartejá-lo, ele fez com que cada um dos pretendentes se colocasse de pé sobre os pedaços ensanguentados e repetisse o juramento formulado por Odisseu; depois, eles enterraram os pedaços num lugar chamado “A Tumba do Cavalo”.

c. Não se sabe se foi o próprio Tíndaro quem escolheu o marido de Helena ou se foi ela mesma quem declarou sua preferência, coroando-o com uma grinalda.[2] De qualquer modo, ela se casou com Menelau, que passou a ser rei de Esparta após a morte de Tíndaro e a deificação dos Dióscuros. Seu casamento, porém, estava fadado ao fracasso: alguns anos antes, enquanto realizava sacrifícios aos deuses, Tíndaro havia se esquecido de Afrodite, que se vingou jurando que tornaria suas três filhas — Clitemnestra, Timandra e Helena — célebres por seus adultérios.[3]

d. Menelau teve uma filha com Helena, à qual pôs o nome de Hermíone; seus filhos homens eram Etiolas, Maráfio — de quem a família persa dos Marafiões alega descender — e Plístenes. Uma escrava etólia chamada Pieris teve mais tarde com Menelau gêmeos bastardos: Nicóstrato e Megapente.[4]

e. Tem-se perguntado por que Zeus e Têmis projetaram a Guerra de Troia. Foi para tornar Helena famosa por ter envolvido a Europa e a Ásia num conflito? Ou para exaltar a raça dos semideuses e, ao mesmo tempo, diminuir a massa das populosas tribos que oprimiam a superfície da Mãe Terra? Seus motivos continuam sendo obscuros, mas a decisão já havia sido tomada quando, no casamento de Peleu e Tétis, Éride lançou um pomo de ouro em que estavam inscritas as seguintes palavras: “Para a mais bela.” Zeus Onipotente não quis arbitrar a subsequente disputa entre Hera, Atena e Afrodite, deixando que Hermes levasse as deusas para o monte Ida, onde Páris, o filho perdido de Príamo, atuaria como juiz.[5]

f. Pouco antes do nascimento de Páris, Hécabe havia sonhado que dava à luz um feixe de lenha do qual saíam, retorcendo-se, inumeráveis serpentes de fogo. Despertou gritando que a cidade de Troia e os bosques do monte Ida estavam pegando fogo. Príamo consultou seu filho Ésaco, o adivinho, que anunciou: “A criança que está prestes a nascer será a ruína do nosso país! Peço-lhe que se desfaça dele.”[6]

g. Poucos dias depois, Ésaco fez outra profecia: “A troiana da casa real que hoje der à luz uma criança deve ser aniquilada, assim como toda a sua descendência!” Assim, Príamo matou sua irmã Cila e o filho dela, Munipo, nascido naquela mesma manhã como fruto de sua união secreta com Tímete, e os enterrou no recinto sagrado de Tros. Mas Hécabe deu à luz seu filho antes do anoitecer, e Príamo perdoou a vida de ambos, embora Herófila, a sacerdotisa de Apolo, junto com outros adivinhos, tenha instado Hécabe a matar pelo menos a criança. Ela não teve coragem de fazê-lo e, finalmente, Príamo foi persuadido a chamar Agelau, o chefe de seus pastores, e confiar-lhe a tarefa. Agelau, compassivo demais para utilizar a corda ou a espada, abandonou o recém-nascido no monte Ida, onde foi amamentado por uma ursa. Ao retornar lá cinco

dias depois, Agelau ficou impressionado com aquele prodígio e levou a criança abandonada para sua casa dentro de uma mochila — daí o nome “Páris” — para criá-la junto com o seu próprio filho recém-nascido,[7] levando para Príamo a língua de um filhote de cachorro como prova de que havia cumprido suas ordens. Mas segundo outra versão, Hécabe teria subornado Agelau para salvar a vida de Páris e ocultar de Príamo o segredo.[8]

h. O berço nobre de Páris logo foi descoberto pelo fato de ele possuir uma beleza, uma inteligência e uma força fora do comum. Quando era pouco mais que uma criança, ele deteve uma quadrilha de ladrões de gado e recuperou as vacas que haviam roubado, motivo pelo qual mereceu o apelido de Alexandre.[9] Embora naquela época ele não fosse mais que um escravo, Páris foi o amante preferido de Enone, filha do rio Eneu, uma ninfa das fontes. Reia lhe havia ensinado a arte da profecia, e Apolo, a da medicina, enquanto trabalhava como pastor de Laomedonte. Páris e Enone costumavam cuidar de seus rebanhos e caçar juntos; ele gravava seu nome no tronco das faias e dos álamos.[10] Sua principal diversão era fazer com que os touros de Agelau lutassem entre si; ele coroava o vencedor com flores e o perdedor, com palha. Quando um desses touros começou a vencer repetidamente, Páris o colocou para enfrentar os campeões dos rebanhos vizinhos, tendo ele vencido todos os embates. Por fim, ele se dispôs a pôr uma coroa de ouro nos chifres do touro que conseguisse derrotar o seu, e Ares, de brincadeira, se transformou em touro e ganhou o prêmio. Sem vacilar, Páris entregou a coroa a Ares, o que surpreendeu e agradou aos deuses que a tudo assistiam lá do Olimpo e, por esse motivo, Zeus o escolheu para arbitrar a questão das três deusas.[11]

i. Estava ele um dia cuidando de seu rebenho no monte Gárgaro, o cume mais alto do Ida, quando Hermes, acompanhado de Hera, Atena e Afrodite, lhe entregou o pomo de ouro e a mensagem de Zeus: “Páris, tendo em conta que és tão belo quanto sábio nos assuntos do coração, ordeno que julgues qual dessas deusas é a mais bela.”

Meio relutante, Páris aceitou o pomo de ouro.

— Como pode um simples pastor como eu tornar-se árbitro da beleza divina? — disse ele em voz alta. — Dividirei o pomo entre as três!

— Não! Você não pode desobedecer a Zeus Onipotente! — apressou-se em replicar Hermes. — Tampouco estou autorizado a aconselhá-lo. Use de sua inteligência inata!

— Que assim seja — suspirou Páris. — Mas antes peço que as perdedoras não se zanguem comigo. Sou um simples mortal, capaz de cometer os erros mais estúpidos.

As deusas concordaram em acatar sua decisão.

— Terei de julgá-las tal como estão — perguntou Páris a Hermes —, ou terão elas de se despir?

— Cabe a você decidir as regras do concurso — respondeu Hermes, com um sorriso discreto.

— Nesse caso — disse Paris, dirigindo-se às deusas —, tenham a bondade de se despir.

Hermes pediu às deusas que assim o fizessem e, cortesmente, deu-lhes as costas.

j. Afrodite logo já estava pronta, mas Atena insistiu no fato de que ela deveria remover o seu famoso cinturão mágico, que lhe dava uma vantagem injusta, pois fazia com que todos se apaixonassem por quem o portasse.

— Muito bem — disse Afrodite, rancorosa. — Vou removê-lo, mas você também terá de tirar o elmo; você fica horrorosa sem ele.

— Agora, se não se importam, eu gostaria de julgar uma por vez — anunciou Páris —, a fim de evitar discussões que me distraiam. Aproxime-se, divina Hera! Teriam as outras deusas a bondade de nos deixar a sós por um momento?

— Examine-me conscienciosamente — disse Hera enquanto dava uma volta lenta, exibindo suas magníficas formas —, e lembre-se de que, caso me declare a mais bela, eu o farei senhor de toda a Ásia e o homem mais rico do mundo.[12]

— Não me deixo subornar, senhora… Muito bem, obrigado. Já vi o suficiente. Aproxime-se, divina Atena!

k. — Cá estou — disse Atena, entrando a passos largos. — Escute aqui, Páris: se você tiver suficiente senso comum para me conceder o prêmio, eu o farei vitorioso em todas as batalhas e o tornarei o homem mais belo e mais sábio do mundo.

— Sou um humilde pastor, não um soldado — replicou Páris. — A senhora pode ver com seus próprios olhos que a paz reina em toda a Lídia e em toda a Frígia, e que ninguém discute a soberania do rei Príamo. Mas prometo considerar imparcialmente a sua aspiração ao pomo. Agora, pode voltar a vestir suas roupas e o elmo. Afrodite está pronta?

l. Afrodite aproximou-se dele silenciosamente e Páris ruborizou-se, porque ela chegou tão perto que eles quase se tocaram.

— Examine-me atentamente, por favor, sem omitir nenhum detalhe… A propósito, assim que o vi, pensei comigo mesma: “Pois não é o mais belo jovem da Frígia? Por que perde tempo neste deserto cuidando de um gado estúpido?” Bem, por quê, Páris? Por que não vai para uma cidade e leva uma vida civilizada? O que teria a perder casando-se com alguém como Helena de

Esparta, que é tão bela quanto eu e não menos apaixonada? Estou convencida de que, tão logo vocês se conheçam, ela abandonará o lar, a família, tudo para se tornar a sua amante. Certamente ouviu falar de Helena, não?

— Até agora não, senhora. Ficarei grato se a puder descrever.

m. — Helena tem uma pele formosa e delicada, pois nasceu de um ovo de cisne. Ela pode reclamar Zeus como pai, adora caçar e lutar, provocou uma guerra quando era ainda uma criança e, ao chegar à idade adulta, todos os príncipes da Grécia foram seus pretendentes. Agora ela está casada com Menelau, irmão do rei supremo Agamênon, mas isso não é um empecilho, pois você pode consegui-la se quiser.

— Como é possível, se já é casada? — retrucou Páris.

— Céus! Como você é inocente! Nunca ouviu dizer que é o meu dever divino acertar esse tipo de coisas? Sugiro que percorra a Grécia com meu filho Eros como guia. Quando chegarem a Esparta, ele e eu faremos com que Helena se apaixone loucamente por você.

— Promete? — perguntou Páris, ansioso.

Afrodite jurou solenemente, e Páris, sem pensar duas vezes, concedeu a ela o pomo da discórdia.

Mas, com essa sentença, ele incorreu no ódio encoberto de Hera e Atena, que foram embora de braços dados para tramar a destruição de Troia enquanto Afrodite, sorrindo perversamente, ficou pensando em como poderia cumprir da melhor maneira a sua promessa.[13]

n. Pouco depois, Príamo enviou seus servidores atrás de um touro do rebanho de Agelau. Ele seria o prêmio nos jogos fúnebres que se celebravam anualmente em homenagem ao seu filho morto. Quando os servidores escolheram o melhor touro, Páris sentiu imediatamente um desejo irresistível de participar dos jogos e correu atrás dos criados. Agelau tentou contê-lo:

— Você já tem as suas próprias corridas de touros. O que quer mais?

Páris, contudo, insistiu, e finalmente Agelau o acompanhou a Troia.

o. Em Troia, era costume que, ao término da sexta volta da corrida de carros, os que haviam se apresentado para participar do pugilato devessem começar a lutar diante do trono. Páris decidiu competir e, apesar das súplicas de Agelau, saltou na arena e ganhou a coroa, mais por bravura do que por destreza. Ele também ganhou a corrida a pé, o que de tal modo exasperou os filhos de Príamo, que eles o desafiaram a correr mais uma; assim, Páris conquistou a terceira coroa. Envergonhados dessa derrota pública, eles decidiram assassiná-lo e postaram guardas armados em todas as saídas do estádio, enquanto Heitor e Deífobo o atacavam com suas espadas. Páris pulou em busca de proteção no altar de Zeus e Agelau saiu correndo na direção de Príamo, gritando:

“Majestade, esse jovem é seu filho perdido há muito tempo!” Príamo chamou Hécabe imediatamente, a qual, reconhecendo um chocalho que havia sido encontrado nas mãos de Páris, confirmou sua identidade. Ele foi levado triunfalmente ao palácio, onde Príamo celebrou o seu regresso com um banquete e com sacrifícios aos deuses. Entretanto, tão logo os sacerdotes de Apolo se inteiraram da notícia, eles anunciaram que Páris deveria ser executado imediatamente, pois, senão, Troia cairia. Essa informação chegou aos ouvidos de Príamo, que respondeu: “Antes a derrota de Troia do que a morte de meu extraordinário filho!”[14]

p. Os irmãos casados de Páris o instaram a se casar com urgência, mas ele lhes disse que confiava na escolha de Afrodite, a quem honrava todos os dias. Quando outro conselho foi convocado para tratar do resgate de Hesíone, havendo as gestões pacíficas fracassado, Páris se ofereceu voluntariamente para liderar a expedição caso Príamo lhe proporcionasse uma frota numerosa e uma boa tripulação. Acrescentou astutamente que, se não conseguisse trazer de volta Hesíone, poderia talvez trazer uma princesa grega da mesma estirpe como refém em troca dela. Sua intenção oculta, é claro, era ir a Esparta e de lá trazer Helena.[15]

q. Nesse mesmo dia, Menelau chegou inesperadamente a Troia e perguntou pelas tumbas de Lico e Quimereu, os filhos de Prometeu com a atlântida Celeno; explicou que o remédio que lhe havia prescrito o Oráculo de Delfos para uma peste que grassava em Esparta era oferecer-lhes sacrifícios de heróis. Páris hospedou Menelau e suplicou-lhe que o purificasse em Esparta, pois havia matado acidentalmente Anteu, filho caçula de Antenor, com sua espada de brincadeira. Quando Menelau concordou, Páris, aconselhado por Afrodite, encarregou Féreclo, filho de Técton, da construção da frota que Príamo lhe havia prometido; e explicou-lhe que o acrostólio da nau capitânia devia representar Afrodite segurando um Eros em miniatura. O primo de Páris, Eneias, filho de Anquises, concordou em acompanhá-lo.[16] Cassandra, de cabelos soltos, previu a conflagração que a viagem causaria. Heleno disse o mesmo, mas Príamo não fez caso das profecias de seus filhos. Nem mesmo Enone logrou dissuadir Páris de empreender sua viagem fatal, embora ele tenha chorado ao dar-lhe um beijo de despedida.

— Volte para mim se você se ferir — disse ela —, porque só eu posso curá-lo.[17]

r. A frota zarpou, Afrodite enviou um vento favorável e Páris logo chegou a Esparta, onde Menelau o hospedou durante nove dias. No banquete, Páris entregou a Helena as prendas que ele havia trazido de Troia, e seus olhares despudorados, seus langorosos suspiros e atrevidos sinais causaram nela um

considerável embaraço. Pegando o cálice de Helena, ele punha os lábios na parte da borda de onde ela havia bebido; e, certa vez, ela encontrou as palavras “Te amo, Helena!” escritas com vinho em cima da mesa. Helena estava aterrada com a possibilidade de que Menelau pudesse suspeitar que ela encorajava a paixão de Páris, mas, sendo como era, um homem pouco observador, ele zarpou alegremente para Creta, com vistas a participar dos funerais de seu avô Catreu, deixando que Helena hospedasse os convidados e governasse o reino durante sua ausência.[18]

s. Helena fugiu com Páris naquela mesma noite e se entregou a ele amorosamente no primeiro porto de escala, a ilha de Cranae. Diante dela, em terra firme, encontrava-se o altar de Afrodite Unidora, erguido por Páris para celebrar essa ocasião.[19] Há versões controversas segundo as quais Helena teria rechaçado os avanços de Páris e ele a teria agarrado à força enquanto ela caçava, ou durante uma incursão súbita na cidade de Esparta, ou ainda assumindo o aspecto de Menelau com a ajuda de Afrodite. Helena abandonou sua filha Hermíone, então com nove anos de idade, mas levou consigo seu filho Plístenes, a maior parte dos tesouros do palácio e ouro, roubado do templo de Apolo, assim como cinco criadas, dentre elas duas ex-rainhas: Etra, mãe de Teseu, e Tisadie, irmã de Pirítoo.[20]

t. Navegando rumo a Troia, uma grande tempestade enviada por Hera obrigou Páris a fazer escala em Chipre. De lá ele seguiu para Sídon, onde foi hospedado pelo rei, o qual ele, já instruído nos métodos do mundo grego, assassinou e roubou traiçoeiramente em seu próprio salão de banquetes. Enquanto embarcava a valiosa pilhagem, foi atacado por um grupo de sidônios; Páris os rechaçou depois de um sangrento combate e a perda de dois navios, mas continuou a salvo sua viagem. Temendo que Menelau o perseguisse, deteve-se durante vários meses na Fenícia, em Chipre e no Egito, mas, finalmente, chegou a Troia e celebrou seu matrimônio com Helena.[21] Os troianos a acolheram bem, arrebatados por tão divina beleza, e, um dia, ao encontrar na cidadela troiana uma pedra que gotejava sangue ao ser raspada com outra, ela a reconheceu como um poderoso afrodisíaco e a utilizou para manter acesa a paixão de Páris. E mais: toda a Troia, e não só Páris, apaixonou-se por ela, e Príamo jurou que jamais a deixaria ir embora.[22]

u. Conforme um relato bem diverso sobre o assunto, Hermes raptou Helena por ordem de Zeus e a confiou ao rei Proteu do Egito; enquanto isso, uma Helena fantasma, que Hera — ou, segundo alguns, Proteu — havia criado a partir de nuvens, foi enviada a Troia junto com Páris, com o propósito único de provocar o conflito.[23]

v. Segundo registram os sacerdotes egípcios, não menos improvavelmente, a frota troiana foi desviada de sua rota pelo vento e Páris desembarcou nas Salinas, na desembocadura canópica do Nilo. Lá há um templo de Hércules, um santuário para escravos fugitivos que, ao chegarem, são dedicados ao deus e recebem certas marcas sagradas no corpo. Os servidores de Páris lá se refugiaram e, após garantirem a proteção dos sacerdotes, acusaram-no de ter raptado Helena. O guardião canópico tomou conhecimento do assunto e informou o rei Proteu de Mênfis, que mandou prender Páris e ordenou que o levassem diante dele, juntamente com Helena e o tesouro roubado. Após um severo interrogatório, Proteu desterrou Páris, mas reteve Helena e o tesouro no Egito até Menelau ir reavê-los. Em Mênfis há um templo de Afrodite Estrangeira que, conforme se diz, foi-lhe dedicado pessoalmente por Helena.

Helena teve três filhos com Páris: Bunomo, Ágano e Ideu, os quais morreram em Troia quando eram ainda lactentes, em consequência do desabamento de um telhado, além de uma filha também chamada Helena.[24] Páris havia tido com Enone um filho chamado Córito; com ciúmes de Helena, ela mandou que ele guiasse os vingadores gregos até Troia.[25]

1. A Estesícoro, poeta siciliano do século VI, é atribuída a versão de que Helena nunca foi a Troia e que a guerra foi travada por causa de “apenas um fantasma”. Após escrever um poema que a apresentava sob um prisma perfeitamente desfavorável, ele ficou cego e soube mais tarde que fora vítima do desagrado póstumo de Helena (vide 164. *m*). Por isso, assim começa sua palinódia: “Este relato é verdadeiro: tu não estiveste a bordo dos navios bem tripulados, nem chegaste às torres de Troia.” A declamação pública desse texto devolveu-lhe a visão (Platão: *Fedro* 44; Pausânias: III. 19. 11). E, de fato, não está claro em que sentido Páris, ou Teseu antes dele, havia raptado Helena. “Helena” era o nome da deusa-Lua espartana e, ao casar-se com ela depois do sacrifício de um cavalo (vide 81. *4*), Menelau se transformou em rei; mas Páris não usurpou o trono. É possível, claro, que os troianos tenham invadido Esparta, levando consigo a herdeira e os tesouros do palácio em represália por um saque grego de Troia, como denota a história de Hesíone. Mas, embora a Helena de Teseu fosse, talvez, de carne e osso (vide 103. *4*), é mais provável que a Helena troiana tenha sido “apenas um fantasma”, como dizia Estesícoro.

2. Isso para sugerir que os *mnēstērēs tês Helenēs*, “pretendentes de Helena”, eram na verdade *mnēstēres tou hellēspontou*, “os que tinham cuidado do Helesponto”, e que o juramento solene que esses reis prestaram sobre os restos ensanguentados do cavalo consagrado a Poseidon, o principal patrono da expedição, foi para apoiar os direitos de qualquer membro da confederação a navegar pelo Helesponto apesar dos troianos e seus aliados asiáticos (vide 148. *10*, 160. *1* e 162. *3*). No final das contas, o Helesponto levava o nome de sua própria deusa Hele. A história de Helena provém, de fato, da epopeia ugarítica Keret, na qual a esposa legítima de Keret, Huray, é raptada e levada para Udm.

3. O nascimento de Páris segue o modelo mítico de Éolo (vide 43. *c*), Pélias (vide 68. *d*), Édipo (vide 105. *a*), Jasão (vide 148. *b*) e os demais; trata-se do familiar Menino do Ano-novo, que tem como irmão gêmeo o filho de Agelau. Sua vitória sobre os cinquenta filhos de Príamo numa corrida a pé revelou ser não menos familiar (vide 53. *3* e 60. *m*). “Enone” parece ter sido o título da princesa que ele conquistara naquela ocasião (vide 53. *3*; 60. *4*; 98. *7* e 160. *d*).

Na verdade, ele não outorgou o pomo à mais bela das três deusas. Essa lenda foi deduzida equivocadamente a partir de um ícone que retratava Hércules recebendo um ramo de macieira das Hespérides (vide 133. *4*) — a deusa-ninfa desnuda em tríade —, Adano de Hebrom no momento de ser imortalizado pela Mãe cananeia de Todos os Viventes, ou o triunfador na corrida a pé de Olímpia recebendo seu prêmio (vide 53. *7*), como o demonstra a presença de Hermes, Condutor das Almas, o guia dele para os Campos Elísios.

4. Durante o século XIV a.C., o Egito e a Fenícia sofreram frequentes incursões dos keftiu, ou “povos do mar”, em que os troianos parecem ter desempenhado um papel importante. Dentre as tribos que se estabeleceram na Palestina, figuravam os girgaseus (*Gênese* X. 16), ou seja, os teucros de Gérgis, ou Gergithium, na Tróade (Homero: *Ilíada* VIII. 304; Heródoto: V. 122 e VII. 43; Lívio: XXXVIII). Príamo e Anquises figuram no Antigo Testamento como Pirã e Áquis (*Josué* X. 3 e *Samuel* I XXVII. 2); e parece que Perez, um ancestral da tribo racialmente mista de Judá, que lutou com seu irmão gêmeo dentro do ventre de sua mãe (*Gênese* XXXVIII. 29), era Páris. A “pedra sangrante” de Helena, encontrada na cidadela troiana, explica-se com a execução, ali mesmo, do sobrinho de Príamo, Munipo, ou seja, Páris continuou sendo o consorte da rainha à custa do sacrifício anual de um menino. Anteu (“florido”) é uma vítima análoga: seu nome, um título de Dionísio Primaveril (vide 85. *2*), foi dado a outros príncipes desafortunados que tiveram de morrer na flor da idade; entre eles, o filho de Poseidon, morto e esfolado por Cleomenes (Filostêvão: *Fragmento* 8), e Anteu de Halicarnasso, afogado num poço por Cléobis (Partênio: *Narrações* 14).

5. Cila, cujo nome significa “dados adivinhatórios feitos de ossos de asno” (Hesíquio *sub* Cillae), devia ser Atena, a deusa da cidadela troiana que inventou a arte do prognóstico (vide 17. *3*) e que presidiu a morte de Munipo.

NOTAS

[1] Apolodoro: III. 10. 8; Higino: *Fábula* 81; Ovídio: *Heroidas* XVII. 104; Hesíodo: *Catálogo das mulheres*, *Fragmento* 68, pp. 192 *et seq*., ed. Evelyn-White.

[2] Hesíodo: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 10. 9; Pausânias: III. 20. 9; Higino: *Fábula* 78.

[3] Estesícoro, citado por escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 249; Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: III. 11. 2.

[4] Homero: *Odisseia* IV. 12-14; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: III. 175; *Cypria*, citada por escoliasta sobre a *Andrômaca* de Eurípides: 898; Pausânias: II. 18. 5.

[5] *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I; Apolodoro: *Epítome* III. 1-2; *Cypria*, citada por escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 5.

[6] Apolodoro: III. 12. 5; Higino: *Fábula* 91; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 86; Píndaro: *Fragmento de Pean* 8, pp. 544-546, ed. Sandys.

[7] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 224 e 314; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 32; Pausânias: X. 12. 3; escoliasta sobre a *Andrômaca* de Eurípides: 294 e sobre *Ifigênia em Áulis*: 1.285; Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 91; Konrad von Würzburg: *Der trojanische Krieg* 442 *et seq*. e 546 *et seq*.

[8] Dictys Cretensis: III; Rawlinson: *Excidium Troiae*.

[9] Apolodoro: *loc. cit*.; Ovídio: *Heroidas* XVI. 51-52 e 359-360.

[10] Ovídio: *Heroidas* V. 12-30 e 139; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 57; Apolodoro: III. 12. 6.

[11] *Trojanska Prièa*, p. 159; Rawlinson: *Excidium Troiae*.

[12] Ovídio: *Heroidas* XVI. 71-73 e V. 35-36; Luciano: *Diálogos dos deuses* 20; Higino: *Fábula* 92.

[13] Higino: *loc. cit*.; Ovídio: *Heroidas* XVI. 149-152; Luciano: *loc. cit.*

[14] Rawlinson: *Excidium Troiae*; Higino: *Fábula* 91; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: V. 370; Ovídio: *Heroidas* XVI. 92 e 361-362.

[15] Dares: 4-8; Rawlinson: *loc. cit*.

[16] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 132; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I; Homero: *Ilíada* V. 59 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* III. 2; Ovídio: *Heroidas* XVI. 115-116.

[17] *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.; Ovídio: *Heroidas* XVI. 119 *et seq*. e 45 *et seq*.; Apolodoro: III. 12. 6.

[18] Ovídio: *Heroidas* XVI. 21-23; XVII. 74 *et seq*.; 83 e 115 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* III. 3; *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.

[19] Ovídio: *Heroidas* XVI. 259-262; *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.; Pausânias: III. 22. 2; Apolodoro: *loc. cit*.; Homero: *Ilíada* III. 445.

[20] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 655; Eustácio sobre Homero: p. 1.946; Apolodoro: *loc. cit*.; *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.; Dares: 10; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 132 *et seq*.; Higino: *Fábula* 92.

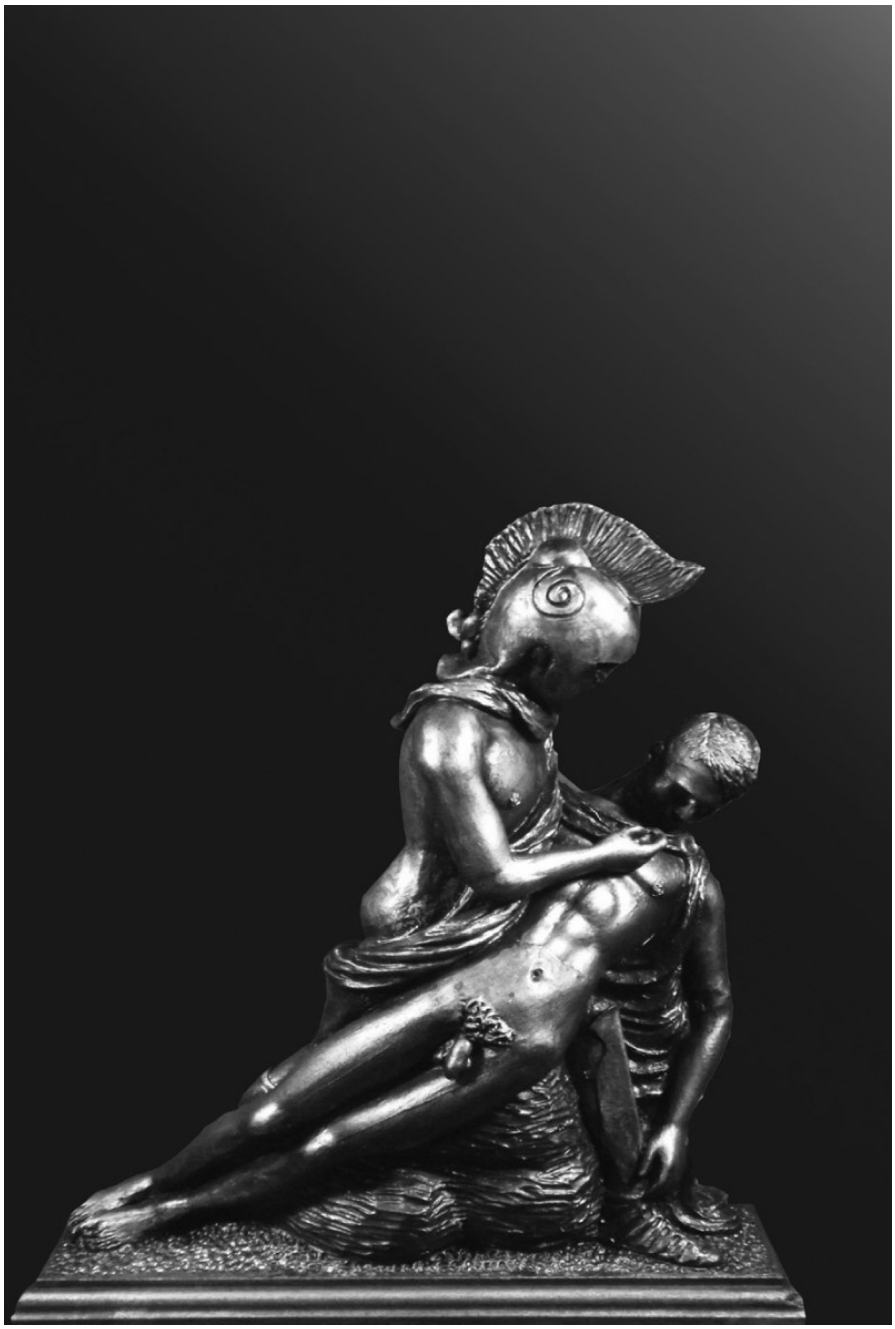
[21] Homero: *Odisseia* IV. 227-230; Proclo: *Crestomatia* I; Dictys Cretensis: I. 5; Apolodoro: *Epítome* III. 4; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 132 *et seq*.

[22] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 33.

[23] Apolodoro: *Epítome* III. 5; Eurípides: *Electra* 128 e *Helena* 31 *et seq*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 655 e II. 595; Estesícoro, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 113.

[24] Heródoto: II. 112-115; Dictys Cretensis: V. 5; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 851; Ptolomeu Hefestionos: IV.

[25] Conon: *Narrações* 22; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 57 *et seq*.



AQUILES E PÁTROCLO,
escultura de Malcolm Lidbury folheada a bronze, 2016
Cornualha, Reino Unido

160

A PRIMEIRA REUNIÃO EM ÁULIS

Quando Páris decidiu transformar Helena em sua esposa, ele não esperava ter de pagar pelo ultraje aplicado à hospitalidade de Menelau. Por acaso haviam-se ajustado as contas com os cretenses quando, em nome de Zeus, eles roubaram Europa dos fenícios? Foi exigido dos argonautas que pagassem pelo rapto de Medeia da Cólquida? Ou dos atenienses, pelo rapto da cretense Ariadne? Ou dos trácios, pelo da ateniense Orítia?[1] Entretanto, este caso demonstrou ser diferente. Hera mandou Íris voando até Creta com a notícia da fuga, e Menelau apressou-se em retornar a Micenas, onde pediu a seu irmão Agamênon que recrutasse imediatamente um exército e marchasse contra Troia.

b. Agamênon concordou em fazê-lo somente se os mensageiros que já mandara a Troia, para exigir a volta de Helena e uma compensação pela afronta a Menelau, voltassem de mãos vazias. Quando Príamo negou ter o menor conhecimento do assunto — pois Páris se encontrava ainda em águas meridionais — e perguntou que satisfação havia sido dada aos seus próprios mensageiros a propósito do rapto de Hesíone, Menelau enviou arautos a todos os príncipes que haviam jurado sobre o cavalo esquartejado, recordando-lhes que a ação de Páris era uma afronta a toda a Grécia. Se o delito não fosse punido de maneira exemplar, ninguém a partir de então poderia ter certeza de que sua esposa não corria perigo. Menelau chamou o velho Nestor de Pilos e os dois percorreram juntos o continente grego, reunindo os líderes da expedição.[2]

c. Em seguida, acompanhado por Menelau e Palamedes, filho de Náuplio, Agamênon visitou Ítaca, onde a muito custo conseguiu convencer Odisseu a integrar a expedição. Embora passasse por filho de Laertes, Odisseu havia sido concebido em segredo por Sísifo e Anticleia, filha do famoso ladrão Autólico.

Logo após seu nascimento, Autólico foi a Ítaca e, na primeira noite de sua estada, terminado o jantar, ele pegou a criança e a colocou sobre os joelhos.

— Dê a ele um nome, meu pai — disse Anticleia.

— Ao longo da minha vida — respondeu Autólico —, confrontei-me com muitos príncipes, portanto chamarei meu neto de Odisseu, que significa "O Zangado", porque ele será vítima de minhas inimizades. Mas, se algum dia ele for ao monte Parnaso para me censurar, dar-lhe-ei parte de minhas posses e apaziguarei a sua ira.

Tão logo atingiu a idade adulta, Odisseu foi visitar Autólico no monte Parnaso e, durante uma caçada, foi ferido por um javali, que lhe deixou uma marca indelével na coxa. Autólico, contudo, cuidou dele muito bem, e Odisseu voltou a Ítaca levando enorme quantidade dos presentes prometidos.[3]

d. Odisseu se casou com Penélope, filha de Icário e da náiade Peribeia. Algumas versões afirmam que se casou a pedido de Tíndaro, irmão de Icário, que lhe arranjou a vitória numa corrida com os pretendentes por uma rua de Esparta chamada "Afeta". Penélope, que anteriormente se chamava Arneia, ou Arnácia, havia sido atirada ao mar por Náuplio por ordens de seu pai, mas um bando de patos com listras purpúreas a manteve à tona, a alimentou e a levou para o litoral. Impressionados com tal prodígio, Icário e Peribeia se enterneceram e Arneia recebeu o nome de Penélope, que significa "pato".[4]

e. Após casar Penélope com Odisseu, Icário suplicou a ele que permanecesse em Esparta, e, diante da sua recusa, ele perseguiu a carruagem que conduzia os recém-casados, implorando a ela que ficasse. Odisseu, que até então se mostrara demasiado paciente, confrontou Penélope:

— Ou vem comigo para Ítaca por vontade própria, ou fica com seu pai!

A única resposta de Penélope foi descobrir o véu. Icário, compreendendo que Odisseu estava nos seus direitos, deixou-a partir e ergueu uma imagem à Modéstia, que pode ser vista a uns seis quilômetros da cidade de Esparta, no lugar onde ocorreu esse incidente.[5]

f. Odisseu fora avisado por um oráculo: "Se fores a Troia, não voltarás antes de vinte anos e, quando o fizeres, estarás sozinho e indigente." Por conseguinte, ele se fez passar por louco, e Agamênon, Menelau e Palamedes o encontraram portando um chapéu cônico de feltro, arando com um asno e um boi atrelados juntos e jogando sal por cima dos ombros enquanto avançava. Quando ele fingiu não reconhecer seus distintos hóspedes, Palamedes arrancou o bebê Telêmaco dos braços de Penélope e o pôs no chão, em frente à junta de animais que avançava. Odisseu se apressou em frear os animais para que não matassem seu filho único, provando assim a sua sanidade mental e vendo-se, portanto, obrigado a se unir à expedição.[6]

g. Menelau e Odisseu viajaram então com Taltíbio, o arauto de Agamênon, para Chipre, onde o rei Cíniras, outro dos anteriores pretendentes de Helena, entregou-lhes um peitoral como presente para Agamênon e jurou contribuir com cinquenta vasos de guerra. Cumpriu a promessa, mas enviou apenas um navio de verdade e 49 miniaturas de argila, movidas por bonecos, que o capitão lançou ao mar no momento em que se aproximava da costa da Grécia. Invocado por Agamênon para vingar tal afronta, Apolo matou Cíniras, segundo algumas versões. Ao saber da morte do rei de Chipre, suas cinquenta filhas se atiraram ao mar e se transformaram em alcíones. A verdade, contudo, é que Cíniras se suicidou ao descobrir que havia cometido incesto com sua filha Esmirna.[7]

h. Calcante, o sacerdote de Apolo, um renegado troiano, havia predito que Troia não poderia ser tomada sem a ajuda do jovem Aquiles, o sétimo filho de Peleu. Tétis, mãe de Aquiles, havia matado seus outros filhos queimando-lhes as partes mortais, e ele teria perecido da mesma maneira não o houvesse Peleu arrancado do fogo, substituindo o osso do tornozelo chamuscado por outro do esqueleto desenterrado do gigante Damiso. Mas há quem diga que Tétis o submergiu no rio Estige, segurando-o pelo calcanhar; por isso, essa parte de seu corpo não foi imortalizada.[8]

i. Quando Tétis abandonou Peleu, ela colocou o menino sob a tutela do centauro Quíron, que o criou no monte Pélion alimentando-o com entranhas de leões e javalis e com tutano de urso para fazê-lo valente; ou, segundo outra versão, com favos de mel e tutano de corço para que pudesse correr com rapidez. Quíron o instruiu nas artes da equitação, da caça, da flauta e da cura; a musa Calíope ensinou-lhe também a cantar nos banquetes. Quando tinha apenas seis anos de idade, ele matou seu primeiro javali e, desde então, começou a levar constantemente para a caverna de Quíron as carcaças arquejantes de javalis e de leões. Atena e Ártemis contemplavam, admiradas, aquela criança com cabelos dourados que corria tão veloz e que era capaz de alcançar e matar os cervos sem o auxílio dos sabujos.[9]

j. Tétis sabia que seu filho jamais voltaria de Troia caso se unisse à expedição, pois estava destinado a alcançar lá a glória e morrer prematuramente, ou a viver uma vida longa mas sem brilho em sua pátria. Assim, ela o disfarçou de menina e o confiou ao cuidado de Licômedes, rei de Ciros, em cujo palácio viveu sob o nome de Cercísera, Aissa ou Pirra, e teve um caso amoroso com Deidâmia, filha de Licômedes, com quem teve um filho, Pirro, chamado depois de Neoptólemo. Embora alguns relatos apontem Neoptólemo como filho de Aquiles e Ifigênia.[10]

k. Odisseu, Nestor e Ájax foram enviados atrás de Aquiles em Ciros, onde, segundo rumores, estaria escondido. Licômedes permitiu-lhes revistar o palácio,

e talvez nunca tivessem descoberto Aquiles não houvesse Odisseu deixado um monte de presentes — na sua maioria joias, cintos e vestidos bordados — no vestíbulo e pedido às damas da corte que pegassem o que quisessem. Depois, Odisseu ordenou um toque de trompeta e um bater de armas repentinos fora do palácio e, tal como esperava, uma das moças se despiu até a cintura e tomou o escudo e a lança que se encontravam entre os presentes. Era Aquiles, que, ato contínuo, prometeu liderar os mirmidões até Troia.[11]

l. Algumas autoridades o desdenham por considerá-lo um conto fantástico e dizem que Nestor e Odisseu, em sua viagem de recrutamento, chegaram a Ftia, onde foram hospedados por Peleu, que permitiu, encantado, que Aquiles, que então contava quinze anos de idade, partisse com eles sob a tutela de Fênix, filho de Amintor e Cleóbula; e que Tétis lhe deu um belo baú incrustado repleto de túnicas, capas para proteger-se do vento e mantas grossas para a viagem.[12] Fênix havia sido acusado por Ftia, a amante de seu pai, de tê-la violado. Amintor cegou Fênix e lançou-lhe a maldição de jamais ter filhos, o que se cumpriu de fato. Entretanto, ele fugiu para Ftia, onde Peleu não só convenceu Quíron a devolver-lhe a visão, como também o nomeou rei dos vizinhos dólopes. Fênix se ofereceu voluntariamente para ser o guardião de Aquiles, o qual, por sua vez, passou a nutrir por ele grande afeto. Por isso, há quem garanta que a cegueira de Fênix não era, de fato, uma perda da visão, mas uma metáfora de sua impotência, maldição que Peleu anulou ao fazer dele o segundo pai de Aquiles.[13]

m. Aquiles tinha um companheiro inseparável: seu primo Pátroclo, pouco mais velho que ele, mas não tão forte, nem tão rápido, nem tão bem-nascido. Algumas tradições dizem que o pai de Pátroclo era Menécio de Opus e, outras, que era Éaco; e à sua mãe atribuem-se diversos nomes: Estênele, filha de Acasto; Periópis, filha de Feres; Polimela, filha de Peleu; ou Filomela, filha de Áctor.[14] Ele havia fugido para a corte de Peleu após matar Clitônimo, ou Clesônimo, ou Eanes, filho de Anfidamante, numa briga durante uma partida de dados.[15]

n. Quando a frota grega já estava reunida em Áulis, uma praia protegida no estreito da Eubeia, os enviados cretenses chegaram para anunciar que seu rei Idomeneu, filho de Deucalião, levaria cem navios para Troia caso Agamênon concordasse em dividir com ele o comando supremo, condição que foi aceita. Idomeneu, antigo pretendente de Helena e célebre por sua beleza, levou como lugar-tenente Meríones, filho de Molo, reputadamente um dos bastardos de Minos. Ostentava no escudo a figura de um galo, por descender de Hélio, e cobria a cabeça com um elmo adornado com presas de javali.[16] Por meio desse acordo, a expedição se transformou num empreendimento heleno-cretense. As forças de terra helênicas estavam sob o comando de Agamênon, com Odisseu,

Palamedes e Diomedes como seus lugares-tenentes; e a frota helênica estava sob o comando de Aquiles, com o apoio de Ájax o Grande e de Fênix.[17]

o. Dentre todos os seus conselheiros, o que mais inspirava confiança a Agamênon era o rei Nestor de Pilos, cuja sabedoria não tinha rival e cuja eloquência era mais doce que o mel. Ele governou três gerações de homens, mas, apesar da idade avançada, continuava sendo um combatente audaz e o único líder capaz de superar o rei ateniense Menesteu nas táticas de cavalaria e infantaria. Odisseu costumava compartilhar de seu bom juízo, e eram uníssonos em seus conselhos para a boa condução da guerra.[18]

p. Ájax o Grande, filho de Télamon e Peribeia, provinha de Salamina. Só Aquiles o excedia em coragem, força e beleza, e sua cabeça e seus ombros erguiam-se mais alto que os de seu inimigo mais próximo. Portava um escudo impenetrável, feito de sete couros de touro; seu corpo era invulnerável, exceto na axila, ou no pescoço, segundo algumas versões, por causa do encantamento que lhe havia feito Hércules.[19] Ao subir a bordo de seu navio, Télamon deu-lhe o seguinte conselho de despedida:

— Concentre-se na conquista, mas sempre com a ajuda dos deuses.

Ájax gabou-se:

— Com a ajuda dos deuses, qualquer covarde ou néscio é capaz de alcançar a glória. Confio em fazê-lo mesmo sem eles!

Por causa dessa jactância, e outras semelhantes, ele incorreu na ira divina. Numa ocasião em que Atena apressou-se em animá-lo na batalha, ele respondeu-lhe aos brados:

— Afaste-se daqui, deusa, e trate de animar meus companheiros gregos, pois nenhum inimigo passará por mim![20]

Teucro, o meio-irmão de Ájax, filho bastardo de Télamon e Hesíone, o melhor arqueiro da Grécia, costumava lutar atrás do escudo de Ájax, refugiando-se nele como uma criança nos braços da mãe.[21]

q. O lócrio Ájax o Pequeno, filho de Oileu e Eríope, embora miúdo, superava todos os gregos no manejo da lança e era o mais rápido depois de Aquiles. Era o terceiro membro do grupo de combatentes de Ájax o Grande e podia ser facilmente reconhecido pelo seu corpete de linho e a serpente domesticada, mais comprida que um homem, que o seguia por toda a parte como um cãozinho de estimação.[22] Seu meio-irmão Médon, filho bastardo de Oileu e da ninfa Rene, provinha de Filace, de onde havia sido desterrado por ter assassinado o irmão de Eríope.[23]

r. Diomedes, filho de Tideu e Deípila, era natural de Argos e se fazia acompanhar por outros dois Epígonos: Estênelo, filho de Capaneu, e o argonauta

Eurílalo, filho de Mecisteu. Ele havia se apaixonado por Helena e tomou o rapto da amada, levado a cabo por Páris, como uma afronta pessoal.[24]

s. O argivo Tlepólemo, filho de Hércules, levou nove navios de Rodes.[25]

t. Antes de zarpar de Áulis, a frota grega recebeu provisões de cereal, vinho e outros suprimentos de Ânio, rei de Delos, que Apolo havia concebido em segredo com Reo, filha de Estáfilo e Crisotêmis. Reo foi trancada num baú e lançada ao mar pelo próprio pai quando este descobriu que estava grávida, mas as ondas a levaram para a costa da Eubeia, onde deu à luz um menino que ela chamou de Ânio por causa da adversidade pela qual passou por causa dele; e Apolo fez de Ânio seu rei-sacerdote profético em Delos. Algumas versões, contudo, dizem que o baú em que estava Reo foi parar diretamente em Delos.[26]

u. Com sua mulher, Doripo, Ânio teve três filhas: Elais, Espermo e Eno, chamadas de Viticultoras; e um filho, Andron, rei de Andros, a quem Apolo ensinou a arte do augúrio. Sendo ele próprio sacerdote de Apolo, Ânio dedicou as Viticultoras a Dionísio, pois desejava que sua família ficasse sob a proteção de mais um deus. Em compensação, Dionísio permitiu que tudo o que Elais tocasse após invocar a sua ajuda se transformasse em azeite; tudo o que tocasse Espermo, em cereal; e tudo o que tocasse Eno, em vinho.[27] Por isso, resultou-lhe muito fácil abastecer a frota grega. Mas Agamênon não estava satisfeito: mandou Menelau e Odisseu a Delos para perguntar a Ânio se podiam levar também as Viticultoras na expedição. Ânio recusou o pedido e disse a Menelau que era a vontade dos deuses que Troia fosse tomada apenas ao cabo de dez anos.

— Por que não ficam em Delos enquanto isso? — sugeriu ele, hospitaleiro. — Minhas filhas os manterão abastecidos de comida e bebida até o décimo ano e depois os acompanharão a Troia, se necessário.

Mas como Agamênon havia ordenado estritamente “Traga-as até mim, com ou sem o consentimento de Ânio!”, Odisseu amarrou as Viticultoras e as obrigou a embarcar em seu navio.[28] Quando zarparam, duas delas fugiram para a Eubeia e a outra para Andros; Agamênon enviou seus barcos atrás delas e ameaçou travar uma guerra caso não se rendessem. As três se entregaram, mas invocaram Dionísio, que as transformou em pombas, e desde então as pombas são muito protegidas em Delos.[29]

v. Em Áulis, enquanto Agamênon realizava sacrifícios a Zeus e Apolo, uma serpente azul com marcas cor de sangue no dorso saiu de sob o altar e foi direto a um belo plátano que crescia nas vizinhanças. No ramo mais alto havia um ninho de pardais que abrigava oito filhotes e sua mãe; a serpente os devorou a todos e depois, ainda enrolada no ramo, foi transformada por Zeus em pedra. Calcante explicou que tal prodígio vinha confirmar a profecia de Ânio: nove

anos deveriam transcorrer até que Troia pudesse ser tomada, mas, de qualquer maneira, a cidade cairia. Zeus, ademais, alentou toda a tripulação com um relâmpago lançado à sua direita no momento em que zarpava a frota.[30]

w. Alguns dizem que os gregos partiram de Áulis um mês depois que Agamênon convencera Odisseu a se unir a eles, e Calcante os conduziu a Troia com a ajuda de sua segunda visão. Outros dizem que Enone enviou seu filho Córito para os guiar.[31] Mas, segundo um terceiro relato, mais amplamente aceito, eles não dispunham de timoneiro e tomaram enganado o caminho da Mísia, onde desembarcaram e se puseram a saquear a região por confundirem-na com a Tróade. O rei Télefo os fez retroceder aos navios e matou o valente Tersandro, filho do tebano Polinice, o único que se manteve firme. Então correram na sua direção Aquiles e Pátroclo, à vista dos quais Télefo se retirou e fugiu pela margem do rio Caico. Os gregos haviam feito sacrifícios a Dionísio em Áulis, considerando que os mísios haviam se esquecido dele; como castigo, Télefo tropeçou numa vinha que surgiu inesperadamente da terra e Aquiles o feriu na coxa com a famosa lança que só ele podia manejar, presente de Quíron ao seu pai Peleu.[32]

x. Tersandro foi enterrado na Eleia mísia, onde foi erigido em sua homenagem um altar de herói. O comando dos seus beócios passou primeiro a Peneleu e, depois, quando este morreu nas mãos de Eurípilo, filho de Télefo, passou a Tisâmeno, filho de Tersandro, que ainda não era maior de idade por ocasião da morte do pai. Mas há quem diga que Tersandro sobreviveu e que foi um dos que se esconderam no Cavalo de Madeira.[33]

y. Após lavar suas feridas nas águas termais jônicas nas redondezas de Esmirna, chamadas “Os Banhos de Agamênon”, os gregos se lançaram uma vez mais ao mar, mas seus barcos foram dispersados por uma violenta tempestade desencadeada por Hera, cada capitão rumando para o seu próprio país. Foi nessa ocasião que Aquiles desembarcou em Ciros e se casou formalmente com Deidâmia.[34] Algumas tradições dizem que Troia caiu vinte anos depois do rapto de Helena; que os gregos fizeram essa falsa viagem no segundo ano e que se passaram oito anos antes que voltassem a embarcar. Mas é muito mais provável que o conselho de guerra que foi celebrado na Helênia espartana tenha ocorrido no mesmo ano de sua retirada da Mísia. Diz-se ainda que eles estavam muito apreensivos por não terem um timoneiro competente que os conduzisse até Troia.[35]

z. Enquanto isso, a ferida de Télefo continuava a supurar, e Apolo anunciou que só poderia curá-la com aquilo que a havia causado. De maneira que ele foi visitar Agamênon em Micenas, vestido em farrapos como um pedinte e, aconselhado por Clitemnestra, apanhou o bebê Orestes do berço.

— A menos que me cure — gritou —, matarei seu filho!

Mas Agamênon, que havia sido avisado por um oráculo que os gregos não tomariam Troia sem o conselho de Télefo, dispôs-se de bom grado a ajudá-lo caso guiasse sua frota até lá. Quando Télefo assentiu, Aquiles, a pedido de Agamênon, raspou um pouco da ferrugem de sua lança na ferida e a curou, valendo-se ainda da erva *achilleos*, um remédio que ele próprio havia descoberto.[36] Télefo se negou depois a se unir à expedição, alegando que sua mulher, Laódice, também chamada Híera e Astíoque, era filha de Príamo; mas indicou aos gregos o rumo a ser seguido; ademais, Calcante confirmou a exatidão de seu conselho por meio da adivinhação.[37]

1. Após a queda de Cnossos, em torno do ano 1400 a.C., desencadeou-se uma competição acerba pela hegemonia marítima entre os povos do Mediterrâneo oriental. Isso se reflete no relato de Heródoto, corroborado por João Malalas (vide 58. *4*), sobre as invasões que precederam o rapto de Helena, e no registro de Apolodoro de como Páris invadiu Sídon (vide 159. *t*) e dominou a gente de Agamênon na Mísia. Uma confederação troiana foi o principal obstáculo às ambições mercantis gregas até que o rei supremo de Micenas reuniu seus aliados, incluindo os senhores gregos de Creta, para desferir um ataque conjunto contra Troia. Talvez tenha sido a guerra naval, e não o assédio de Troia, o que durou nove ou dez anos.

2. Entre os aliados independentes de Agamênon figuravam os ilhéus de Ítaca, Samos, Dulíquio e Zacinto, encabeçados por Odisseu; os tessálios meridionais, sob o comando de Aquiles; e seus primos eácidas da Lócrida e Salamina, sob a liderança dos dois Ájax. Esses líderes eram difíceis de manipular, e Agamênon só conseguiu fazer com que não brigassem entre si por meio de artimanhas, com o apoio leal de seus sequazes peloponenses Menelau de Esparta, Diomedes de Argos e Nestor de Pilos. O fato de Ájax ter repudiado os deuses olímpicos e sua afronta para com Atena nascida de Zeus foram mal interpretados como provas de ateísmo, quando na verdade representam antes o seu conservadorismo religioso. Os eácidas eram de origem lélege e veneravam a deusa pré-helênica (vide 158. *8* e 168. *2*).

3. Os tebanos e atenienses aparentemente se mantiveram fora da guerra. Embora seja mencionada a presença de forças atenienses no *Catálogo dos navios*, elas não desempenharam um papel memorável em Troia. Destacou-se

porém a presença do rei Menesteu para justificar a posterior expansão ateniense ao longo da costa do mar Negro (vide 162. *3*). Odisseu é uma figura-chave na mitologia grega. Apesar de ter nascido de uma filha do deus-Sol coríntio e de ter obtido Penélope por meio de uma antiquada corrida a pé, ele viola a antiga regra matrilocal ao insistir que Penélope vá para o reino dele, e não ele para o dela (vide 137. *4*). Igualmente, como o seu pai Sísifo (vide 67. *2*) e o cretense Críniras (vide 18. *5*), ele se nega a morrer ao término do período que lhe cabe, o que constitui a alegoria central da *Odisseia* (vide 170. *1* e 171. *3*). Odisseu, ademais, é o primeiro personagem mítico a quem se atribui uma inoportuna peculiaridade física: suas pernas são curtas em relação ao tronco, de modo que "parece mais nobre sentado que de pé". Não obstante, a cicatriz de sua coxa deve ser interpretada como um sinal de haver eludido a morte obrigatória aos reis do culto do javali (vide 18. *3* e 151. *2*).

4. A loucura simulada de Odisseu, embora coerente com sua insólita recusa em atuar conforme cabia a um rei, parece ter sido mal constatada. O que ele fez, de fato, foi demonstrar profeticamente a inutilidade da guerra para a qual era chamado. Portando um chapéu cônico característico do mistagogo ou adivinho, ele arava um campo de um lado a outro. O boi e o asno representam Zeus e Cronos, ou o verão e o inverno; e cada sulco, semeado com sal, significa um ano estéril. Palamedes, que também tinha dons proféticos (vide 52. *6*), agarrou Telêmaco e deteve o arado, sem dúvida no décimo sulco, colocando-o diante da junta, indicando com isso que a *batalha decisiva*, que é o que significa "Telêmaco", ocorreria naquele ponto.

5. Aquiles, um personagem mais conservador, esconde-se entre as mulheres, assim como cabe a um herói solar (*A deusa branca*, p. 280), e toma as armas no quarto mês, quando o Sol já passou do equinócio e, portanto, da tutela de sua mãe, a Noite. Os meninos cretenses eram chamados de *scotioi*, "filhos da escuridão" (vide 27. *2*), enquanto se encontravam confinados nos aposentos das mulheres, a sacerdotisa-mãe ainda não tendo-lhes entregado as armas (vide 121. *5*). No *Mabinogion*, a artimanha de Odisseu para armar Aquiles é utilizada por Gwydion (o deus Odin, ou Woden) numa ocasião parecida: querendo libertar Llew Llaw Gyffes, outro herói solar, do poder de sua mãe Arianrhod, ele produz um barulho de batalha do lado de fora do castelo e a assusta, fazendo com que entregue a espada e o escudo a Llew Llaw. A versão galesa é provavelmente a mais antiga do mito, que os argivos dramatizavam no primeiro dia do quarto mês com uma luta entre meninos vestidos com roupas de meninas e mulheres vestidas com roupas de homens. O festival era chamado de Hybristica ("comportamento vergonhoso"). Sua desculpa histórica era que, no início do século V, a poetisa Telesila, junto com uma companhia de mulheres, havia

conseguido defender Argos contra o rei Cleomenes de Esparta após o exército argivo ter sofrido uma derrota total (Plutarco: *Sobre as virtudes das mulheres* 4). Como Pátroclo tem um nome inadequadamente patriarcal (“glória ao pai”), talvez ele tenha sido, noutra época, Fênix (“vermelho sangue”), o irmão gêmeo e substituto de Aquiles debaixo do sistema matrilinear.

6. Todos os líderes gregos antes da Guerra de Troia eram reis sagrados. A serpente domesticada de Ájax o Pequeno não pode tê-lo acompanhado na batalha, pois ele a obteve só depois de se transformar em herói oracular. O elmo com presas de javali de Idomeneu, testemunhado por descobertas feitas em Creta e na Grécia micênica, talvez fosse originalmente portado pelo substituto (vide 18. *7*); seu galo, consagrado ao sol e que representava Zeus Velcano, deve ter sido um acréscimo posterior a Homero, pois a galinha doméstica não chegara à Grécia antes do século VI a.C. O padrão original era provavelmente um perdigão (vide 92. *1*). Esses escudos pesados eram feitos de couros de touro costurados uns aos outros, com extremidades arredondadas e o centro recortado, formando a figura do oito para uso ritual. Eles cobriam o corpo inteiro, do queixo aos tornozelos. Aquiles (“sem lábios”) parece ter sido um título comum entre os heróis oraculares, pois há cultos de Aquiles em Ciros, Ftia e na Élida (Pausânias: VI. 23. 3).

7. Reo, filha de Estáfilo e Crisotêmis (“Romã, filha de Cacho de Uvas e Ordem Dourada”), chegou a Delos num baú, e é a conhecida deusa da fertilidade com seu barco em forma de Lua nova. Ela também aparece na tríade como suas netas Viticultoras, cujos nomes significam “azeite de oliva”, “trigo” e “vinho”. Sua mãe é Doripe, ou “égua presenteada”, o que sugere que Reo fosse a Deméter com cabeça de égua (vide 16. *5*). Vestígios de seu culto sobrevivem no *kernos* de três cálices, vasilha utilizada pelos sacerdotes ortodoxos gregos para guardar as oferendas de azeite, trigo e vinho. Um *kernos* do mesmo tipo foi encontrado numa tumba minoica primitiva em Koumasa. As Viticultoras, que eram bisnetas de Ariadne, devem ter chegado a Delos vindas de Creta (vide 27. *8*).

8. A dificuldade dos gregos em encontrar o caminho para Troia contradiz-se com a facilidade com que Menelau havia navegado até lá. Na lenda original, talvez, a Afrodite troiana enfeitiçou-os de maneira a apagar sua memória, tal como mais tarde dispersou as frotas na viagem de volta (vide 169. *2*).

9. O tratamento dado à ferida de lança de Aquiles, baseado no antigo princípio homeopático de que “o semelhante cura o semelhante”, evoca o emprego, feito por Melampo, da ferrugem de uma faca de castrar para curar Íficles (vide 72. *e*).

10. Nas pinturas de vasos, as mênades têm, às vezes, os membros tatuados com um desenho de urdidura e trama sob a forma de uma escada. Se seus rostos

eram também similarmente tatuados como camuflagem para a orgia do bosque, isso poderia explicar o nome de Penélope (“com uma teia sobre o rosto”) como um título da deusa orgiástica da montanha; como interpretação alternativa, ela talvez vestisse uma rede para suas orgias, assim como Dictina e a deusa britânica Goda (vide 89. *2* e *3*). A suposta origem de Pã, nascido da promíscua união de Penélope com todos os seus pretendentes durante a ausência de Odisseu (vide 161. *l*), indica a existência de uma tradição de orgias sexuais pré-helênicas. O pato penélope, tal como o cisne, era provavelmente uma ave totêmica de Esparta (vide 62. *3-4*).

11. Até agora, nenhum estudioso deu-se ao trabalho de explicar em detalhe por que o ninho de pássaros de Calcante teve de ser colocado num plátano e devorado por uma serpente, mas fato é que as serpentes mudam de pele a cada ano e se renovam, e o mesmo fazem os plátanos, o que transforma ambos em símbolos de regeneração. Calcante sabia, portanto, que os pássaros devorados representavam anos, e não meses. Embora mais tarde Apolo tenha se apropriado dele, o plátano era a árvore sagrada da deusa em Creta e em Esparta (vide 58. *3*), pois sua folha semelhava uma mão verde com os dedos estendidos, prontos para abençoar — gesto frequentemente encontrado em estatuetas arcaicas que a retratam. As manchas azuis da serpente demonstravam que ela havia sido enviada por Zeus, que portava um halo azul como deus do firmamento. Os navios de argila de Cíniras talvez reflitam um costume cipriota trazido do Egito: o de enterrar barcos de terracota junto com os príncipes mortos para que pudessem viajar para o Além.

12. As cinquenta filhas de Cíniras transformadas em alcíones seriam um colégio de sacerdotisas de Afrodite. Um de seus títulos era “Alcíone” (“a rainha que desvia [tempestades]”), e as alcíones, ou martins-pescadores, aves a ela consagradas, pressagiavam bonança (vide 45. *2*).

NOTAS

[1] Heródoto: I. 1-4; Ovídio: *Heroidas* XVI. 341-350.

[2] Heródoto: I. 3; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I; Apolodoro: *Epítome* III. 6.

[3] Higino: *Fábula* 95; Homero: *Odisseia* XXIV. 115-119 e XIX. 399-466; Apolodoro: *Epítome* III. 12; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 529.

[4] Apolodoro: III. 10. 6 e 9; Pausânias: III. 12. 2; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 792; Dídimo, citado por Eustácio sobre Homero: p. 1.422.

[5] Pausânias: III. 20. 2.

[6] Higino: *loc. cit.*; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 81; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 818; Apolodoro: *Epítome* III. 7.

[7] Apolodoro: *Epítome* III. 9; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: XI. 20; Nonnus: *Dionisíacas* XIII. 451; Higino: *Fábula* 242.

[8] Apolodoro: III. 13. 8; Ptolomeu Hefestionos: VI; Licofrone: *Alexandra* 178 *et seq.*, com escoliasta; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XVI. 37; escoliasta sobre *As nuvens* de Aristófanes: 1.068; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 816.

[9] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 57; Fulgêncio: *Mythologicon* III. 7; Apolodoro: III. 13. 6; Filóstrato: *Heroica* XX. 2 e XIX. 2; *Argonáutica Órfica* 392 *et seq.*; Estácio: *Aquileida* I. 269 *et seq.*; Homero: *Ilíada* XI. 831-832; Píndaro: *Odes nemeeias* III. 43 *et seq.*

[10] Apolodoro: III. 13. 8; Homero: *Ilíada* IX. 410 *et seq.*; Ptolomeu Hefestionos: I; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 183.

[11] Apolodoro: *loc. cit.*; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XIX. 332; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 162 *et seq.*; Higino: *Fábula* 96.

[12] Homero: *Ilíada* IX. 769 *et seq.*; 438 *et seq.* e XVI. 298.

[13] Apolodoro: *loc. cit.*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 421; Homero: *Ilíada* IX. 447 *et seq.* e 485.

[14] Homero: *Ilíada* XI. 786-787; Píndaro: *Odes olímpicas* IX. 69-70; Hesíodo, citado por Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: I. 337; Apolodoro: *loc. cit.*; Higino: *Fábula* 97; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 816.

[15] Apolodoro: *loc. cit.*; Estrabão: IX. 4. 2.

[16] Apolodoro: III. 3. 1; Filóstrato: *Heroica* 7; Diodoro Sículo: V. 79; Higino: *Fábula* 81; Pausânias: V. 23. 5; Homero: *Ilíada* X. 61 *et seq.*

[17] Dictys Cretensis: I. 16; Apolodoro: *Epítome* III. 6.

[18] Homero: *Ilíada* II. 21 e I. 247-252; IV. 310 *et seq.*; II. 553-555; *Odisseia* III. 244 e 126-129.

[19] Homero: *Ilíada* XVII. 279-280 e III. 226-227; Sófocles: *Ájax* 576 e 833, com escoliasta; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XXIII. 821; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 455 *et seq.*

[20] Sófocles: *Ájax* 762-777.

[21] Homero: *Ilíada* VIII. 266-272.

[22] Homero: *Ilíada* XIII. 697; II. 527-530; XIV. 520 e XIII. 701 *et seq*.; Higino: *Fábula* 97; Filóstrato: *Heroica* VIII. 1.

[23] Homero: *Ilíada* II. 728 e XIII. 694-697.

[24] Apolodoro: I. 8. 5; Higino: *loc. cit*.; Homero: *Ilíada* II. 564-566.

[25] Homero: *Ilíada* II. 653-654; Higino: *loc. cit*.

[26] Dictys Cretensis: I. 23; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 80; Diodoro Síciulo: V. 62; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 570.

[27] Tzetzes: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* III. 10; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 650 *et seq*.; Sérvio: *loc. cit*.

[28] Estesícoro, citado por escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: VI. 164; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 583; Sérvio: *loc. cit*.; Ferécides, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 570.

[29] Ovídio: *As metamorfoses* 643-674; Sérvio: *loc. cit*.

[30] Apolodoro: *Epítome* III. 15; Homero: *Ilíada* II. 303-353; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 13-23.

[31] Homero: *Odisseia* XXIV. 118-119 e *Ilíada* I. 71; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 57 *et seq*.

[32] Apolodoro: *Epítome* III. 17; Píndaro: *Odes olímpicas* IX. 70 *et seq*.; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 206 e 209; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 59; Homero: *Ilíada* XVI. 140-144.

[33] Pausânias: IX. 5. 7-8; Virgílio: *Eneida* II. 261.

[34] Filóstrato: *Heroica* III. 35; Apolodoro: *Epítome* III. 18; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I.

[35] Homero: *Ilíada* XXIV. 765; Apolodoro: *loc. cit*.; Pausânias: III. 12. 5.

[36] Apolodoro: *Epítome* III. 19-20; Higino: *Fábula* 101; Plínio: *História natural* XXV. 19.

[37] Higino: *loc. cit*.; Filóstrato: *Heroica* II. 18; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: I. 520; Apolodoro: *Epítome* III. 20.

161

A SEGUNDA REUNIÃO EM ÁULIS

Calcante, irmão de Leucipa e Teônoe, havia aprendido a arte da profecia com o pai, Testor. Um dia, Teônoe caminhava à beira da praia, perto de Troia, quando piratas cários a raptaram, transformando-a na amante do rei Ícaro. Testor logo saiu em seu encalço, mas naufragou na costa da Cária e foi capturado por Ícaro. Muitos anos depois, Leucipa, que era ainda criança quando se deram esses tristes acontecimentos, foi a Delfos em busca de notícias do pai e da irmã. Aconselhada pela pitonisa a se disfarçar de sacerdote de Apolo e ir à Cária procurá-los, Leucipa raspou obedientemente a cabeça e apresentou-se à corte do rei Ícaro. Mas Teônoe, que não descobriu o disfarce, apaixonou-se por ela e disse a um dos guardas:

— Traga esse jovem sacerdote ao meu dormitório!

Leucipa, que tampouco reconheceu Teônoe, temendo ser condenada à morte como impostora, recusou-a. Mas como Teônoe não podia pedir aos criados do palácio que cometessem o sacrilégio de matar um sacerdote, ela ordenou que um dos prisioneiros estrangeiros o fizesse e, para tanto, enviou uma espada.

b. O prisioneiro escolhido foi Testor, que se dirigiu ao dormitório em que estava trancada Leucipa, mostrou-lhe a espada e, desesperadamente, contou-lhe a sua história.

— Não o matarei, senhor — disse ele —, porque também venero Apolo e preferirei suicidar-me! Mas antes permita-me que me apresente: sou Testor, filho do argonauta Idmão, sacerdote troiano.

Ele estava prestes a cravar a espada em seu próprio peito quando Leucipa a arrebatou e pôs-se a exclamar:

— Pai, pai! Sou eu, Leucipa, sua filha! Não vire contra si essa arma; use-a para matar a abominável concubina do rei Ícaro. Venha, siga-me!

Os dois correram para a sala de bordados de Teônoe.

— Ah, que lasciva! — gritou Leucipa, irrompendo no aposento e arrastando Testor atrás de si. — Prepare-se para morrer nas mãos de meu pai, Testor, filho de Idmão!

Ao ouvir isso, foi então a vez de Teônoe gritar:

— Pai, meu pai!

E depois que pai e filhas derramaram lágrimas de alegria e deram graças a Apolo, o rei Ícaro os cumulou de presentes e os enviou generosamente à sua pátria.[1]

c. Após opor-se à exigência de Agamênon no sentido de devolver Helena, Príamo mandou Calcante, filho de Testor e sacerdote de Apolo, consultar-se com a pitonisa de Delfos. Tendo predito a queda de Troia e a ruína total da Casa de Príamo, ela ordenou a Calcante que se unisse aos gregos e os impedisse de levantar o cerco até que obtivessem a vitória. Calcante fez então um juramento de amizade com Aquiles, que o alojou em sua casa, e pouco depois o levou à presença de Agamênon.[2]

d. Quando a frota grega se reuniu pela segunda vez em Áulis, permanecendo lá retida por muitos dias por causa de ventos adversos, Calcante profetizou que não poderiam zarpar a menos que Agamênon sacrificasse a Ártemis a mais bela de suas filhas. O que teria provocado a fúria de Ártemis é controverso. Alguns dizem que, ao matar um cervo a uma grande distância, Agamênon havia se vangloriado: “A própria Ártemis não poderia ter feito melhor!”; ou que ele teria matado a cabra sagrada dela; ou que havia prometido oferecer-lhe a criatura mais bela nascida naquele ano em seu reino, que por acaso resultou ser Ifigênia; ou que seu pai, Atreu, havia sonegado um cordeiro dourado que ele devia à deusa.[3] De qualquer modo, Agamênon negou-se a fazer o que se esperava dele, alegando que Clitemnestra jamais deixaria Ifigênia partir. Mas quando os gregos juraram: “Transferiremos a nossa fidelidade a Palamedes caso ele teime”, e quando Odisseu, fingindo que se zangava, preparava-se para voltar para casa, Menelau interveio como reconciliador, sugerindo que Odisseu e Taltíbio levassem Ifigênia para Áulis sob o pretexto de casá-la com Aquiles, em sinal de recompensa por suas temerárias façanhas na Mísia. Agamênon aceitou o ardil e, embora tenha enviado imediatamente uma mensagem secreta avisando Clitemnestra de que não acreditasse em Odisseu, Menelau a interceptou, e ela, vítima do engano, permitiu que Ifigênia fosse levada para Áulis.[4]

e. Quando Aquiles descobriu que haviam usado seu nome num ardil, ele se encarregou de proteger Ifigênia de qualquer mal, mas ela aceitou nobremente morrer pela glória da Grécia e ofereceu o seu pescoço ao machado sacrifical sem proferir sequer um lamento. Há quem diga que, no último momento, Ártemis a

levou para o país dos tauros, substituindo-a no altar por uma cerva, uma ursa, ou uma anciã. Outros dizem que ouviu-se um trovão e que, por ordem de Ártemis e atendendo às súplicas de Clitemnestra, interveio Aquiles, que salvou Ifigênia e a enviou à Cítia; ou que se casou com ela e que foi ela, e não Deidâmia, quem lhe deu Neoptólemo como filho.[5]

f. Mas se Ifigênia morreu ou teve sua vida poupada, fato é que o forte vento nordeste se amainou e a frota pôde enfim zarpar. Eles primeiro fizeram uma escala em Lesbos, onde Odisseu combateu o rei Filomélides, o qual costumava obrigar os hóspedes a lutar com ele; e, entre os ruidosos aplausos de todos os gregos presentes, ele deixou-se vencer ignominiosamente. Em seguida, eles desembarcaram na ilha de Tênedos, que é visível de Troia e que, naquela época, era governada por Tenes, o qual, embora conhecido por todos como filho de Cicno e Procleia, filha de Laomedonte, podia alegar ser filho de Apolo.

g. Cicno, filho de Poseidon e Cálice, ou Harpale, governava Colonas. Ele havia nascido em segredo e foi abandonado às margens do mar, mas foi encontrado por pescadores que viram como um cisne descia voando para o consolar.[6] Após a morte de Procleia, ele se casou com Filonome, filha de Tragaso; ela se apaixonou por seu enteado Tenes, mas, como não conseguiu seduzi-lo, ela o acusou vingativamente de tê-la tentado violar. Filonome chamou o flautista Molpo como testemunha, e Cicno, que acreditou na mentira, encerrou Tenes e sua irmã Hemiteia numa arca e os deixou à deriva no mar. Eles acabaram chegando à ilha de Tênedos, até então chamada Lêucofris, que significa “testa branca”.[7] Mais tarde, quando Cicno soube da verdade, mandou lapidar Molpo e enterrar viva Filonome, e, ao saber que Tenes sobrevivera e se encontrava em Tênedos, apressou-se em ir até lá para reparar o seu erro. Mas Tenes, num ânimo implacável, cortou com um machado os cabos do navio de Cicno — daí a expressão proverbial para uma recusa irada: “Ele o cortou com um machado de Tênedos.” Entretanto, no final, Tenes abrandou-se e Cicno se estabeleceu perto dele, em Tênedos.[8]

*h.*Tétis havia avisado Aquiles de que, se um dia ele matasse algum filho de Apolo, ele próprio teria de morrer nas mãos do deus, de modo que um servidor chamado Mnêmon o acompanhava com o único propósito de recordá-lo disso. Mas Aquiles, ao ver que Tenes lançava uma pedra enorme do alto de um penhasco contra os navios gregos, nadou até a costa e, num ato impensado, atravessou-lhe o coração com a lança. Os gregos então desembarcaram e saquearam Tênedos; dando-se conta tarde demais do que havia cometido, Aquiles condenou Mnêmon à morte por não ter-lhe recordado as palavras de Tétis. Ele enterrou Tenes no lugar onde se acha agora o seu templo; nenhum flautista pode entrar nele, nem se permite mencionar o nome de Aquiles.[9] O

herói também matou Cicno com um golpe na cabeça, sua única parte vulnerável; e perseguiu Hemiteia, que fugiu dele metamorfoseada em cerva e, não houvesse a terra a engolido, ele teria conseguido alcançá-la e violá-la. Foi também em Tênedos que Aquiles discutiu pela primeira vez com Agamênon, a quem acusou de tê-lo convidado maliciosamente a se unir à expedição.[10]

i. Palamedes ofereceu uma hecatombe a Apolo Esminteu em agradecimento à vitória em Tênedos, mas, enquanto o fazia, uma cobra-d'água se aproximou do altar e picou Filoctetes, o famoso arqueiro, no pé. Nem unguentos nem fricções resolviam: a ferida se tornou tão fétida e Filoctetes gemia tão alto que o exército já não podia mais suportar a sua companhia. Assim, Agamênon ordenou a Odisseu que o levasse para terra firme e o deixasse num distrito abandonado de Lemnos, onde ele sobreviveu por vários anos matando pássaros. Médon assumiu o comando de suas tropas.[11]

j. Segundo outro relato, o acidente se produziu em Crise, uma ilhota situada em frente a Lemnos, que posteriormente desapareceu no fundo do mar. Foi lá que a ninfa Crise se apaixonou por Filoctetes e, quando este a rejeitou, ela fez com que uma víbora o picasse enquanto ele tirava a terra escavada de um altar subterrâneo de Atena Crise; ou teria sido lá que o picou uma serpente que guardava o templo de Atena, por ter ele se aproximado demais.[12]

k. Segundo um terceiro relato, Filoctetes foi picado na mesma ilha de Lemnos por uma serpente enviada por Hera como punição por ter-se atrevido a acender a pira funerária de Hércules. Naquele momento, ele contemplava extasiado o altar erguido para Atena por Jasão, planejando erguer outro para Hércules.[13]

l. Um quarto relato reza que Filoctetes foi picado enquanto admirava a tumba de Troilo no templo de Apolo Timbreu.[14] Segundo uma quinta versão, ele foi ferido por uma das flechas envenenadas de Hércules. Diz-se que Hércules o havia feito jurar que jamais revelaria o paradeiro de suas cinzas enterradas, mas, quando os gregos ficaram sabendo que Troia não poderia ser saqueada sem que se empregassem as flechas de Hércules, eles foram atrás de Filoctetes. Embora no início ele tenha negado saber qualquer coisa a respeito de Hércules, acabou dizendo-lhes exatamente tudo o que havia acontecido no monte Eta; então eles lhe perguntaram, ansiosos, onde poderiam encontrar sua tumba. A essa pergunta ele se negou a responder, mas eles tanto insistiram que Filoctetes os levou ao lugar exato e, lá, sem dizer uma só palavra, ele começou a pisotear a terra. Depois, ao passar junto à tumba a caminho da Guerra de Troia, uma das flechas de Hércules saltou da aljava e atravessou-lhe o pé: um aviso de que não se podem revelar os segredos divinos nem mesmo por meio de sinais ou insinuações.[15]

1. A peça perdida, da qual Higino retirou a história de Testor e suas filhas, revela os dramaturgos gregos em seu aspecto mais teatral, carecendo de qualquer valor mitológico.

2. Parece que uma versão do mito da "filha de Jeftá" (vide 169. *5*) foi confundida com o sacrifício ordenado por Agamênon de uma sacerdotisa em Áulis, acusada de erguer ventos desfavoráveis por meio de malefícios. *Sir* Francis Drake[a] enforcou, certa vez, um de seus marinheiros, um espião enviado por Cecil, baseando-se na mesma acusação. Ao que parece, a ação despótica de Agamênon ofendeu a opinião conservadora em sua pátria, pois, tradicionalmente, as mulheres eram isentas de sacrifício. Os tauros, para cujo país, conforme se diz, Ártemis enviou Ifigênia, viviam na Crimeia e veneravam Ártemis como matadora de homens; Orestes, filho de Agamênon, caiu em suas garras (vide 116. *e*).

3. A luta de Odisseu com o rei Filomélides, cujo nome significa "amado pelas ninfas das maçãs", foi provavelmente retirada de um ícone conhecido que representa a contenda ritual em que o velho rei é derrotado pelo novo e recebe um ramo de macieira (vide 53. *b*).

4. Aquiles matou um segundo Cicno (vide 162. *f*); Hércules matou um terceiro (vide 143. *g*) e foi impedido por Zeus de matar um quarto (vide 133. *d*). O nome implicava que os cisnes conduzissem essas almas régias ao Paraíso Setentrional. Quando Apolo aparece nas obras de arte antigas montado num cisne, ou numa carruagem puxada por cisnes (Overbeck: *Griechische Kunstmythologie*) visitando os hiperbóreos, trata-se de uma maneira amável de retratar a morte anual de seu representante no solstício de verão. Nessa época, os cisnes voam grasnando para o norte a fim de se dirigir aos seus viveiros no Círculo Polar Ártico e, enquanto voam, emitem duas notas como se fossem de uma trompeta. Por isso Pausânias diz (I. 30. 3) que os cisnes são versados na arte das musas. "Os cisnes cantam antes de morrer": a alma do rei sagrado parte ao som de música.

5. A ferida de Filoctetes foi associada a muitas localidades diferentes, pois o ícone a partir do qual essa história deriva era muito corrente. Trata-se do rei sagrado de Tênedos, Lemnos, Eubeia ou de qualquer outro Estado da Hélade, que recebe no pé a picada de uma flecha envenenada (vide 126. *3*, 154. *h*, 164. *j* e 166. *e*) junto ao altar da deusa.

6. Hércules não foi o único rei sagrado cuja tumba permaneceu em segredo; essa parece ter sido uma prática comum no istmo de Corinto (vide 67. *j*) e entre

os hebreus primitivos (*Deuteronômio* XXXIV. 6).

7. Tenes atirando pedras pode ser uma interpretação equivocada de um ícone conhecido que mostra um herói-sol empurrando a pedra-sol na direção do zênite (vide 67. *2*), levando-se em conta que Talo, um herói-sol cretense, também atirava pedras à aproximação dos barcos (vide 154. *h*). Os barcos que aparecem nesse ícone indicariam apenas que Creta, ou Tênedos, era uma potência naval.

NOTAS

[a] Herói naval elizabetano (1540-1596). (N.T.)

[1] Higino: *Fábula* 190.

[2] Benoit: *Le Roman de Troie*.

[3] Ptolomeu Hefestionos: VI, citado por Fócio, p. 483; Eurípides: *Ifigênia em Táurida*; Apolodoro: *Epítome* III. 21.

[4] Ptolomeu Hefestionos: *loc. cit*.; Eurípides: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* III. 22; Dictys Cretensis: I. 20.

[5] Eurípides: *Ifigênia em Áulis*; Sófocles: *Electra* 574; Apolodoro: *loc. cit*.; Dictys Cretensis: I. 19; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 183.

[6] Homero: *Odisseia* IV. 342-344; Apolodoro: *Epítome* III. 23-24; Pausânias: X. 14. 2; Higino: *Fábula* 157; escoliasta sobre as *Odes olímpicas* de Píndaro: II. 147; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 232-233.

[7] Apolodoro: *Epítome* III. 24; Pausânias: *loc. cit*.; Tzetzes: *loc. cit*.

[8] Apolodoro: *Epítome* III. 25; Pausânias: X. 14. 2; Tzetzes: *loc. cit*.

[9] Tzetzes: *loc. cit*.; Plutarco: *Questões gregas* 28.

[10] Tzetzes: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* III. 31; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I.

[11] Dictys Cretensis: II. 14; *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* III. 27; Homero: *Ilíada* II. 727.

[12] Pausânias: VIII. 33. 2; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911; Sófocles: *Filoctetes* 1.327; Filóstrato: *Imaginações* 17; Eustácio sobre Homero: p. 330.

[13] Higino: *Fábula* 102; escoliasta sobre *Filoctetes* de Sófocles, versos 2, 193 e 266.

[14] Filóstrato: *loc. cit*.

[15] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 402.

162

NOVE ANOS DE GUERRA

Constitui assunto controverso em que momento os gregos enviaram mensageiros à corte de Príamo, exigindo o regresso de Helena como propriedade de Menelau. Há quem diga que foi pouco depois de a expedição desembarcar na Tróade; outros dizem que foi antes de os navios se reunirem em Áulis. Mas em geral se acredita que a delegação, composta por Menelau, Odisseu e Palamedes, tenha partido de Tênedos.[1] Entretanto, os troianos, que estavam decididos a reter Helena, teriam-nos matado a todos não houvesse Antenor, em cuja casa estavam hospedados, impedido essa ação vergonhosa.[2]

b. Enraivecidos por tamanha obstinação, os gregos partiram de Tênedos e ancoraram seus navios à vista de Troia. Os troianos imediatamente afluíram ao mar e tentaram repelir os invasores com uma chuva de pedras. Então, enquanto todos os demais vacilavam — incluindo Aquiles, a quem Tétis havia avisado que o primeiro a desembarcar seria o primeiro a morrer —, Protesilau pôs o pé em terra firme, matou vários troianos e foi morto por Heitor; ou talvez por Euforbo, ou por Acates, amigo de Eneias.[3]

c. Protesilau, tio de Filoctetes e filho do Íficlo que foi curado por Melampo da impotência, havia se chamado anteriormente Iolau, mas seu nome foi mudado por causa das circunstâncias de sua morte.[4] Ele jaz enterrado no Quersoneso trácio, perto da cidade de Eleu, onde agora rendem-se-lhe honras divinas. Altos olmos plantados por ninfas se erguem em seus arredores e proporcionam sombra à sua tumba. Os ramos virados para Troia, do outro lado do mar, verdecem cedo, mas perdem suas folhas em pouco tempo, ao passo que as do outro lado conservam-se verdes até mesmo no inverno. Quando os olmos crescem ao ponto de um homem trepado em sua copa poder avistar as muralhas de Troia, eles murcham, mas das raízes voltam a brotar novos rebentos.[5]

d. Laodâmia, mulher de Protesilau e filha de Acasto (que alguns chamam de Polidora, filha de Meléagro), tinha tantas saudades do marido que, tão logo ele zarpou para Troia, ela fez uma estátua dele em bronze, ou em cera, e a colocou em sua cama. Mas tal iniciativa revelou-se um miserável conforto e, quando chegou a notícia de sua morte, ela suplicou aos deuses que se compadecessem dela e permitissem que Protesilau a visitasse ainda que por apenas três horas. Zeus Onipotente concordou com o seu pedido e Hermes levou a alma de Protesilau desde o Tártaro para animar a estátua. Falando por meio da boca da estátua, Protesilau suplicou à sua mulher que não tardasse em se juntar a ele e, tão logo passaram-se as três horas, ela se apunhalou mortalmente enquanto estava nos braços da estátua.[6] Outros dizem que Acasto, pai de Laodâmia, a obrigou a voltar a se casar, mas ela passava suas noites com a estátua de Protesilau, até que, um dia, um criado que estava levando maçãs para um sacrifício de madrugada espiou por uma fenda na porta do dormitório e a viu abraçada com aquilo que ele acreditava fosse um amante. Apressou-se em contar para Acasto, que irrompeu no aposento e descobriu a verdade. Para que sua filha não se torturasse com um desejo infecundo, Acasto ordenou a queima da estátua, mas Laodâmia se atirou às chamas e pereceu junto com ela.[7]

e. Segundo outra tradição, Protesilau sobreviveu à Guerra de Troia e zarpou rumo à sua pátria. Levava como prisioneira Etila, irmã de Príamo. No meio do caminho, ele desembarcou na península macedônica de Pelene, mas, enquanto estava em terra firme à procura de água, Etila persuadiu as outras prisioneiras a queimarem os barcos, e Protesilau, obrigado assim a permanecer em Pelene, fundou a cidade de Cione. Trata-se, entretanto, de um equívoco: Etila, juntamente com Astíoque e as outras prisioneiras, queimaram os barcos junto ao rio italiano Naveto, que significa “incêndio de barcos”, e Protesilau não figurava entre seus apreensores.[8]

f. Aquiles foi o segundo grego a desembarcar na costa troiana, seguido de perto por seus mirmidões, e matou Cicno, filho de Poseidon, com uma pedrada certeira. Imediatamente, os troianos bateram em retirada para sua cidade, enquanto o restante dos gregos desembarcava e promovia uma verdadeira carnificina em meio à debandada. Segundo outro relato, Aquiles, recordando o destino de Protesilau, foi o último a desembarcar, e o fez dando um salto tão prodigioso a partir do navio que um manancial brotou no lugar onde seus pés golpearam a terra. Diz-se que, na batalha que se seguiu, Cicno, que era invulnerável, matou centenas de gregos, mas Aquiles, após tentar inutilmente abatê-lo com a espada e a lança, golpeou-o furiosamente no rosto com a empunhadura da espada, obrigou-o a retroceder até tropeçar numa pedra e cair, e então ele se ajoelhou sobre o seu peito e o estrangulou com as correias de seu

próprio elmo; mas Poseidon transformou sua alma num cisne que alçou voo e partiu. Os gregos então sitiaram Troia e colocaram seus barcos atrás de uma paliçada.[9]

g. A cidade estava destinada a não cair caso Troilo conseguisse alcançar a idade de vinte anos. Contam que Aquiles se apaixonou por ele durante o combate.

— Eu o matarei se não se render às minhas carícias! — disse Aquiles.

Troilo fugiu e se refugiou no templo de Apolo Timbreu, mas o herói, desprezando a ira do deus e vendo que Troilo continuava a refrear-lhe as investidas, decapitou-o em pleno altar, no exato lugar em que ele pereceu mais tarde.[10] Dizem ainda que Aquiles atravessou Troilo com a lança enquanto adestrava seus cavalos nos arredores do templo; ou que o induziu a sair de lá oferecendo-lhe pombas de presente, e que Troilo morreu com as costelas quebradas e o rosto lívido depois que Aquiles fez amor com ele à maneira de um urso. Segundo outras versões, Troilo saiu de Troia para vingar-se depois da morte de Mnêmon e se encontrou com Aquiles, que o matou; ou foi feito prisioneiro e depois executado publicamente, a sangue-frio, por ordem de Aquiles; contam também que, por ser um homem já maduro, de pele morena e barba longa, dificilmente poderia ter despertado a paixão de Aquiles. Mas, qualquer que tenha sido a maneira como morreu, certo é que o causador de sua morte foi Aquiles, e os troianos lamentaram a sua perda tal como o fizeram por ocasião da morte de Heitor.[11]

h. Diz-se que Troilo amava Briseis, a bela filha de Calcante, que havia sido abandonada em Troia por seu pai e que, como não havia participado de sua deserção, continuava sendo tratada com cortesia. Calcante, sabendo que Troia haveria de cair, convenceu Agamênon a pedi-la a Príamo, em seu nome, para que não a fizessem prisioneira de guerra. Príamo generosamente consentiu e vários de seus filhos escoltaram Briseis até o acampamento grego. Ainda que houvesse jurado fidelidade eterna a Troilo, Briseis logo transferiu seu afeto ao argivo Diomedes, que se apaixonou perdidamente por ela e fazia todo o possível para matar Troilo cada vez que este surgia no campo de batalha.[12]

i. Numa expedição noturna, Aquiles capturou Licaão, surpreendendo-o no pomar de seu pai Príamo a cortar brotos de figueira para os utilizar como barra de charrete. Pátroclo levou Licaão para Lemnos e o vendeu ao filho de Jasão, o rei Euneu, que abastecia de vinho os contingentes gregos, o preço da transação tendo sido uma tigela fenícia de prata. Mas Eecião de Imbros o resgatou e ele retornou a Troia para morrer nas mãos de Aquiles doze dias mais tarde.[13]

j. Aquiles partiu então com um grupo de voluntários para saquear o campo troiano. No monte Ida ele isolou o dardânida Eneias de seu gado, perseguiu-o

pelas encostas repletas de árvores e, após matar os pastores e Mestor, filho de Príamo, ele se apoderou do gado e saqueou a cidade de Lirnesso, onde Eneias havia se refugiado. Mine e Epístrofo, filhos do rei Eveno, morreram na luta, mas Zeus ajudou Eneias a escapar. A mulher de Mines, outra Briseis, filha de Briseu, foi feita prisioneira e seu pai se enforcou.[14]

k. Embora tenha tolerado o rapto de Helena por Páris, Eneias permaneceu neutro durante os primeiros anos da guerra; sendo filho da deusa Afrodite e de Anquises, neto de Tros, ele se ressentia do desprezo com que lhe tratara o seu primo Príamo.[15] Mas a incursão provocadora de Aquiles obrigou os dardânidas a unirem suas forças às dos troianos. Eneias demonstrou ser um hábil combatente, que não era menosprezado nem mesmo por Aquiles, pois, se Heitor era o braço dos troianos, Eneias era a alma deles. Sua mãe divina o ajudava com frequência na batalha e, certa feita, quando Diomedes quebrou-lhe o quadril atirando-lhe uma pedra, ela o salvou da morte; e quando Diomedes feriu também a ela com um golpe de lança no pulso, Apolo tirou Eneias do campo de batalha para que Leto e Ártemis o curassem. Noutra ocasião, sua vida foi salva por Poseidon, o qual, apesar de sua hostilidade pelos troianos, respeitava os decretos do destino e sabia que a linhagem real de Eneias, no final das contas, governaria Troia.[16]

l. Aquiles tomou várias cidades aliadas de Troia: Lesbos, Foceia, Cólofon, Esmirna, Clazomene, Cima, Egialo, Tenos, Adramítio, Dide, Êndio, Lineu, Colona, Lirnesso, Antandros e outras mais, inclusive a Tebas Hipoplaciana, onde um outro Eecião, pai de Andrômaca, esposa de Heitor, e seu companheiro Podes, governavam os cilícios. Aquiles matou Eecião e sete de seus filhos, mas não despojou seu cadáver: queimou-o completamente armado e, em torno do túmulo que ergueu para ele, as ninfas da montanha plantaram um pequeno bosque de olmos.[17] Entre as prisioneiras estava Astínome, ou Criseide, filha de Crises, sacerdote de Apolo na ilha de Esmintos. Há quem diga que Astínome era esposa de Eecião; outros dizem que Crises a havia mandado para Lirnesso para ficar protegida, ou para participar de um festival de Ártemis. Quando a pilhagem foi distribuída, ela foi entregue a Agamênon, assim como Briseis a Aquiles. Da Tebas Hipoplaciana Aquiles também trouxe o veloz cavalo Pédaso, que ele atrelou à sua parelha imortal.[18]

m. Ájax o Grande zarpou rumo ao Quersoneso trácio, onde capturou Polidoro, irmão de Licaão — cuja mãe era Laótoe —, e, em Teutrânia, ele matou o rei Teutras e levou um grande espólio que incluía a princesa Tecmessa, a qual fez sua concubina.[19]

n. À aproximação do décimo ano de guerra, os gregos se abstiveram de atacar a costa da Ásia Menor e concentraram suas forças diante de Troia. Os troianos reuniram seus aliados contra eles: os dardânidas, encabeçados por

Eneias e os dois filhos de Antenor; os cícones trácios, peônios, paflagônios, mísios, frígios, meônios, cários, lícios etc. Sarpédon, o filho que Laodâmia, filha de Belerofonte, tivera com Zeus, comandava os lícios. Eis aqui a sua história: quando Hipólocos e Isandro, irmão de Laodâmia, disputavam o reino, ele sugeriu que ocupasse o trono aquele que conseguisse fazer passar uma flecha através de um anel de ouro pendurado no peito de uma criança. Cada um exigiu acaloradamente como vítima o filho do outro, mas Laodâmia impediu que eles se matassem um ao outro propondo que o anel fosse amarrado em torno do pescoço do seu próprio filho, Sarpédon. Assombrados diante de tamanha abnegação, ambos consentiram em renunciar a suas pretensões ao reino em favor de Sarpédon, junto com quem Glauco, filho de Hipólocos, agora governava como correi.[20]

o. Agamênon mandara Odisseu à Trácia numa expedição em busca de forragem e, quando este voltou de mãos vazias, Palamedes, filho de Náuplio, repreendeu-o por sua preguiça e covardia.

— Não foi minha culpa — disse Odisseu — se não encontramos trigo. Se Agamênon o houvesse mandado em meu lugar, não lograria melhor resultado.

Sentindo-se desafiado, Palamedes zarpou na mesma hora e reapareceu pouco depois com um navio abarrotado de cereais.[21]

p. Após vários dias de intensa maquinação, Odisseu finalmente concebeu um plano para se vingar de Palamedes, que lhe ferira a honra. Enviou a seguinte mensagem a Agamênon: “Os deuses me avisaram, em sonho, de que uma traição está sendo tramada. O acampamento deve ser deslocado para outro lugar por um dia e uma noite.” Quando Agamênon deu ordens imediatas nesse sentido, Odisseu enterrou, em segredo, uma bolsa cheia de ouro no lugar onde estivera a tenda de Palamedes. Em seguida, obrigou um prisioneiro frígio a escrever uma carta como se fosse de Príamo para Palamedes, com a seguinte mensagem: “O ouro que enviei é o preço que você pediu para trair o acampamento grego.” Depois de ordenar ao prisioneiro que entregasse em mãos essa carta a Palamedes, Odisseu fez com que ele fosse morto nas imediações do acampamento, antes que conseguisse entregá-la. No dia seguinte, quando o exército voltou à posição anterior, alguém encontrou o cadáver do prisioneiro e levou a carta para Agamênon. Palamedes foi submetido ao conselho de guerra e, ao negar veementemente ter recebido ouro de Príamo ou de quem quer que fosse, Odisseu propôs que sua tenda fosse revistada. O ouro foi descoberto e o exército inteiro matou Palamedes, lapidando-o por traição.[22]

q. Segundo algumas versões, Agamênon, Odisseu e Diomedes estariam envolvidos nessa trama e, juntos, teriam redigido a carta falsa para o frígio e depois subornado um servidor para que a ocultasse com o ouro debaixo da cama

de Palamedes. Ao ser conduzido ao lugar da lapidação, ele teria exclamado em voz alta: “A verdade é que eu choro por vocês, que morreram antes de mim!”[23]

r. Dizem ainda que Odisseu e Diomedes, fingindo ter descoberto um tesouro num poço profundo, deixaram que Palamedes entrasse nele dependurado numa corda e, depois, arremessaram grandes pedras sobre a sua cabeça; ou que o afogaram numa expedição de pesca. E ainda há quem diga que Páris o matou com uma flecha. É controverso até mesmo o fato de se ele morreu na Colona troiana, ou em Gerestos, ou em Tênedos, embora tenha um altar de herói perto da Metimna lésbia.[24]

s. Palamedes merecera o reconhecimento de seus companheiros graças à invenção dos dados, com os quais eles matavam o tempo, estacionados diante de Troia. O primeiro par ele dedicou no templo de Tique, em Argos. Todos invejavam a sua prodigiosa sabedoria, pois havia inventado também os faróis, a balança, as medidas, o disco, o alfabeto e a arte de posicionar sentinelas.[25]

t. Ao tomar conhecimento do assassinato, Náuplio embarcou para Troia e exigiu uma satisfação, mas Agamênon se recusou a dá-la, pois havia sido cúmplice de Odisseu e gozava da confiança de todos os líderes gregos. Assim, Náuplio voltou à Grécia com seu filho sobrevivente, Éax, levando falsas notícias às esposas dos assassinos de Palamedes, dizendo a cada uma delas: “Seu marido regressará trazendo consigo uma concubina troiana como sua nova rainha.” Algumas dessas infelizes mulheres se suicidaram imediatamente. Outras cometeram adultério, como Clitemnestra, esposa de Agamênon, com Egisto; Egialeia, esposa de Diomedes, com Cometo, filho de Estênelo; e Meda, esposa de Idomeneu, com Leuco.[26]

1. A *Ilíada* aborda em sequência apenas o décimo ano do assédio, e cada mitógrafo organizou os acontecimentos dos anos anteriores numa ordem diferente. Segundo Apolodoro (*Epítome* III. 32-33), Aquiles mata Troilo, captura Licaão, apodera-se do gado de Eneias e toma várias cidades. Segundo a Cypria (citada por Proclo: *Crestomatia* I), os gregos, não podendo tomar Troia de assalto, devastam a região e as cidades vizinhas; Afrodite e Tétis conseguem arranjar um encontro entre Aquiles e Helena; os gregos decidem voltar para casa mas são retidos por Aquiles, que depois se apodera do gado de Eneias, saqueia muitas cidades e mata Troilo; Pátroclo vende Licaão em Lemnos, divide a pilhagem e Palamedes morre lapidado.

2. Segundo Tzetzes (*Sobre Licofrone* 307), Troilo sobrevive a Mnêmon e Heitor. Da mesma maneira, segundo o frígio Dares, Troilo sucede Heitor no comando das forças troianas (Dares: 30), até um dos cavalos de seu carro ferir-se e Aquiles, passando por ali, o atravessar com a lança; Aquiles tenta se desvencilhar do cadáver mas é ferido por Mnêmon, a quem ele mata; os troianos se refugiam do lado de dentro das muralhas da cidade e Príamo organiza um magnífico funeral a Troilo e Mnêmon (Dares: 33).

3. A Guerra de Troia é histórica e, qualquer que tenha sido sua causa imediata, ela foi, na verdade, uma guerra comercial. Troia controlava o valioso comércio do mar Negro de ouro, prata, ferro, cinabre, madeira para construção de barcos, linho, cânhamo, pescado seco, azeite e jade chinês. Uma vez tomada Troia, os gregos puderam estabelecer colônias ao longo de toda a rota do comércio oriental, que chegou a ser tão rica como as da Ásia Menor e Sicília. Finalmente, Atenas, como principal potência marítima, foi a cidade que mais se beneficiou do comércio do mar Negro, especialmente com os baixos preços do trigo. E foi a perda de uma frota que guardava a entrada do Helesponto que a arruinou em Egospótamos em 405 a.C., pondo fim às longas guerras do Peloponeso. Assim, é possível que as constantes negociações entre Agamênon e Príamo não se relacionassem tanto à devolução de Helena quanto com a restauração do direito grego de entrar pelo Helesponto.

4. É provável que os gregos tenham preparado seu assalto final por meio de uma série de incursões nas costas da Trácia e Ásia Menor, com o propósito de destruir o poder naval da aliança troiana, e que tenham mantido um acampamento na desembocadura do Escamandro para impedir que o comércio do Mediterrâneo chegasse até Troia, ou para impedir que se realizasse na planície a feira anual de Oriente e Ocidente. Mas a Ilíada esclarece muitas coisas: Troia não foi sitiada no sentido de que suas linhas de comunicação com o interior foram interrompidas, embora os troianos, enquanto Aquiles estava por lá, não se aventurassem em sair durante o dia pelo Portão Dardânido, o único que conduzia terra adentro (*Ilíada* V. 789); as lavadeiras temiam lavar suas roupas no manancial situado a um tiro de arco de distância das muralhas (*Ilíada* XXII. 256), embora os abastecimentos e os reforços entrassem livremente e os troianos tivessem em seu poder Sestos e Abidos, que os mantinham em estreito contato com a Trácia. O fato de que os gregos tenham se gabado tanto da incursão que realizaram para roubar o gado no monte Ida e da outra no figueiral de Príamo indica que raras vezes eles avançavam muito terra adentro. Aparentemente, os brotos de figueira utilizados para a barra do carro de Licaão tinham a função de colocá-la sob a proteção de Afrodite. Nas tábuas do período anterior à Guerra de Troia, encontradas em Cnossos, mencionam-se vários

“carros cidônios pintados de vermelho com ensambladura completa”, mas só é especificado o tipo de madeira das barras: de novo figueira. Entretanto, a madeira de figueira não era muito adequada para esse propósito, como o eram muitas outras de que dispunham os cretenses e troianos.

5. Agamênon havia iniciado uma guerra de desgaste, cujo êxito Heitor confessa (*Ilíada* XVII. 225 e XVIII. 287-292) quando fala do esgotamento dos recursos troianos causado pela diminuição do comércio e a necessidade de subvencionar os aliados. Os paflagônios, trácios e mísios eram produtores, não comerciantes, e estavam dispostos a tratar diretamente com os gregos. Parece que só os comerciantes lícios, que importavam mercadoria do sudeste, preocuparam-se muito com o destino de Troia, que lhes assegurava as rotas comerciais do norte; de fato, quando Troia caiu, o comércio da Ásia Menor foi monopolizado pelos aliados ródios de Agamênon, e os lícios viram-se arruinados.

6. O tratamento a sangue-frio das mulheres, dos suplicantes e dos aliados serve para recordar que a *Ilíada* não é um mito da Idade do Bronze. Com a queda de Cnossos (vide 39. *7* e 89. *1*) e o consequente desaparecimento da *pax cretensis* imposta pela deusa do mar cretense a todos os países que se encontravam dentro de sua esfera de influência, surge a nova moral da Idade de Ferro: a do tirano conquistador, um Zeus mesquinho que não reconhece restrições divinas. O sacrifício de Ifigênia, a malévola vingança de Odisseu contra Palamedes, a venda de Licaão por uma taça de prata, a vergonhosa perseguição de Troilo por Aquiles e o concubinato forçado de Briseis e Criseide são atos próprios de uma saga bárbara. É natural que Palamedes tenha sido a vítima inocente de uma aliança ímpia entre Agamênon, Odisseu e Diomedes, pois ele representa a cultura cretense implantada na Argólida e os inventos que lhe são atribuídos são todos de origem cretense. Seu assassinato num poço pode ter sido sugerido pela frase: “A verdade é que eu choro por vocês, que morreram antes de mim!”, e pela conhecida relação que existia entre a verdade e os poços. Palamedes significa “sabedoria antiga” e, assim como Hefesto, seu equivalente lêmnio, ele era um herói oracular. Seus inventos o retratam como Toth ou Hermes (vide 17. *g*). Os dados têm a mesma história das cartas de baralho: eram instrumentos oraculares antes de serem utilizados nos jogos de azar (vide 17. *3*).

7. O olmo, que não constitui parte do calendário arbóreo (vide 53. *3*), é principalmente associado ao culto de Dionísio, pois os gregos esticavam as parreiras com brotos de olmo; mas as ninfas plantaram olmos em torno das tumbas de Protesilau e Eecião, provavelmente porque as folhas e a casca do tronco funcionavam como medicamentos (Plínio: *História natural* XXIV. 33) e

prometiam ser ainda mais eficazes se fossem retiradas das tumbas dos príncipes que haviam sucumbido por causa das muitas feridas recebidas.

8. O perverso apego de Laodâmia à estátua de Protesilau pode ter sido deduzido a partir de um ícone de um casamento sagrado: em alguns selos nupciais hititas, o rei prostrado está gravado com tanta rigidez que parece uma estátua. A maçã que um servidor segura e a repentina entrada de Acasto indicam que a cena representava a traição de um rei por uma rainha em favor de seu amante, o sucessor, que corta a maçã fatal que contém a sua alma, como na lenda irlandesa de Cuchulain, Dechtire e Curoi.

Briseis (no acusativo: *Briseida*) foi confundida com Crises, ou Criseis, filha de Crises, que dera um filho bastardo a Agamênon (vide 116. *h*); e a lenda latina medieval de Criseis (no acusativo: *Criseida*) desenvolveu-se com vigor até se tornar o *Testament of Cresseid* de Henrysoun e *Troilus and Cressida* de Shakespeare.

9. Teutrânia pode ter-se chamado assim por causa de *teuthis*, "polvo", criatura consagrada à deusa cretense (vide 81. *1*), cuja suma sacerdotisa era Tecmessa ("a que ordena").

Ainda que o mito de Sarpédon seja confuso, todos os seus elementos são familiares. Ao que parece, o reino da Lícia, fundado por um outro Sarpédon, tio de um outro Glauco — cretenses helenófonos de origem eólia ou pelasga, que foram arremessados ao ultramar pelos aqueus —, era duplo, com sucessão matrilinear, e o título da sacerdotisa da Lua era Laodâmia ("domadora do povo"). Seu rei sagrado parece que nascia ritualmente "de uma égua" (vide 81. *4* e 167. *2*) — daí o nome de Hipólocos — e Isandro ("homem imparcial") atuava como seu sucessor. O nome de Sarpédon ("regozijando-se numa arca de madeira") se refere, ao que parece, à chegada anual do Menino do Ano-novo num barco. Aqui, o Menino é o *interrex*, a quem Hipólocos entrega o seu reinado durante um só dia; ele deve ser depois afogado no mel, como o Glauco cretense (vide 71. *d*), morrer num acidente de carro premeditado, como o Glauco do Istmo (vide 90. *1*), ou ser traspassado por uma flecha atirada pelo Hipólocos ressuscitado, como Learco, filho de Atamante (vide 70. *5*).

10. Disparar contra uma maçã colocada na cabeça, ou contra uma moeda colocada no gorro do próprio filho, era uma prova de pontaria prescrita aos arqueiros medievais, cujo grêmio — como aparece em *Malleus Maleficarum* e em *Little Geste of Robin Hood* — pertencia ao culto pagão das bruxas, tanto na Inglaterra como na Alemanha celta. Parece que, na Inglaterra, essa prova tinha o intuito de escolher um *gudeman*[a] para a donzela Marian, e o vencedor, ao se casar com ela, transformava-se em Robin Hood, Senhor do Bosque Frondoso. Posto que o culto nórdico das bruxas tinha muito em comum com a religião

neolítica do Egeu, é possível que os lícios não pusessem o anel no peito de um menino, mas sobre a cabeça dele, e que ele representasse uma serpente dourada (vide 119. *4*); ou que fosse o anel de um machado que ele segurava na mão, como aqueles através dos quais Odisseu disparou quando recuperou Penélope dos pretendentes (vide 171. *h*). O mitógrafo talvez tenha confundido a prova de pontaria, que se exigia de um novo candidato à dignidade de rei, com o sacrifício de um *interrex*.

11. Etila significa “madeira para acender fogo”, e o incêndio anual de uma embarcação pode ter dado origem à lenda de Cione.

Protesilau (“primeiro do povo”) deve ter sido um título régio tão comum que várias cidades reclamavam a sua tumba.

NOTAS

[a] Termo do inglês arcaico para designar “marido”. (N. T.)

[1] *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I; Tzetzes: *Ante-homérica* 154 *et seq*.; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: III. 206.

[2] Dictys Cretensis: I. 4; Apolodoro: *Epítome* III. 28-29; Homero: *Ilíada* III. 207.

[3] Apolodoro: *Epítome* III. 29-30; Higino: *Fábula* 103; Eustácio sobre Homero: pp. 325 e 326.

[4] Higino: *loc. cit*.; Eustácio sobre Homero: p. 245.

[5] Pausânias: I. 34. 2; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 532-533; Filóstrato: *Heroica* III. 1; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* VII. 408 *et seq*.; Plínio: *História natural* XVI. 88.

[6] Higino: *Fábulas* 103 e 104; *Cypria*, citada por Pausânias: IV. 2. 5; Ovídio: *Heroidas* XIII. 152; Eustácio sobre Homero: p. 325; Apolodoro: *Epítome* III. 30; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 447.

[7] Eustácio sobre Homero: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 104.

[8] Conon: *Narrações* 13; Apolodoro: *Epítome*, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 941; Estrabão: VI. 1. 12.

[9] Apolodoro: *Epítome* III. 31; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 245; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 70-145.

[10] Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 210; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 307.

[11] Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: XXIV. 251, p. 1.348; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 478; Dictys Cretensis: IV. 9; Tzetzes: *loc. cit*.

[12] Benoit: *Le Roman de Troie*.

[13] Apolodoro: *Epítome* III. 32; Homero: *Ilíada* XXI. 34 *et seq*. e 85-86; XXIII. 740-747 e VII. 467-468.

[14] Apolodoro: *Epítome* III. 32; Homero: *Ilíada* II. 690-693; XX. 89 *et seq*. e 188 *et seq*.; Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: III. 58; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: I. 184; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I; Dictys Cretensis: II. 17.

[15] Higino: *Fábula* 115; Homero: *Ilíada* XIII. 460 *et seq*. e XX. 181 *et seq*.; Hesíodo: *Teogonia* 1.007.

[16] Homero: *Ilíada* V. 305 *et seq*.; XX. 178 *et seq*. e 585 *et seq*.; Filóstrato: *Heroica* 13.

[17] Homero: *Ilíada* IX. 328-329; VI. 395-397; XVII. 575-577 e VI. 413-428; Apolodoro: *Epítome* III. 33.

[18] Dictys Cretensis: II. 17; Homero: *Ilíada* I. 366 *et seq*. e XVI. 149-154; Eustácio sobre Homero: pp. 77, 118 e 119.

[19] Dictys Cretensis: II. 18; Sófocles: *Ájax* 210; Horácio: *Odes* II. 4. 5.

[20] Heráclides Pôntico: *Alegorias homéricas*, pp. 424-425; Homero: *Ilíada* VI. 196 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* III. 34-35; Eustácio sobre Homero: p. 894.

[21] *Cypria*, citada por Proclo: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 81.

[22] Apolodoro: *Epítome* III. 8; Higino: *Fábula* 105.

[23] Escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 432; Filóstrato: *Heroica* 10.

[24] Dictys Cretensis: II. 15; *Cypria*, citada por Pausânias: X. 31. 1; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 384 *et seq*. e 1.097; Dares: 28.

[25] Pausânias: X. 31. 1 e II. 20. 3; Filóstrato: *loc. cit*.; escoliasta sobre *Orestes* de Eurípides: 432; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 81; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 384.

[26] Apolodoro: *Epítome* VI. 8-9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 384 *et seq*.; Eustácio sobre Homero: p. 24; Dictys Cretensis: VI. 2.

GUERREIRO COM CRIANÇA,
antiga escultura romana, presumidamente do guerreiro Aquiles
Nápoles, Itália

163

A IRA DE AQUILES

O inverno se instalara e, como jamais foi uma boa estação para se travarem batalhas entre nações civilizadas, os gregos o passaram ampliando seu acampamento e praticando o arco e flecha. Às vezes eles se encontravam com celebridades troianas no templo de Apolo Timbreu, que era território neutro. Numa ocasião em que Hécabe lá se encontrava realizando sacrifícios, chegou Aquiles com o mesmo propósito e se apaixonou perdidamente por sua filha Polixena. Ele não se declarou naquele momento, mas, ao voltar atormentado à sua tenda, mandou o bondoso Automedonte perguntar a Heitor sob que condições ele poderia se casar com Polixena.

— Ela lhe será concedida no dia em que ele trair o acampamento grego para entregá-lo ao meu pai, Príamo.

Aquiles pareceu bastante disposto a aceitar as condições de Heitor, mas voltou atrás, de mau humor, ao ser informado de que, caso falhasse em trair o acampamento, ele deveria prometer que mataria seu primo Ájax o Grande e os filhos do ateniense Plístenes.[1]

b. A primavera chegou e recomeçaram os combates. Na primeira batalha da temporada, Aquiles procurou Heitor, mas o sempre atento Heleno atravessou-lhe a mão com uma flecha disparada com um arco de marfim, presente amoroso de Apolo, obrigando-o a retroceder. O próprio Zeus guiou a flecha, e, decidido que estava em aliviar os troianos, muito desalentados pelas incursões e pela consequente deserção de certos aliados asiáticos, ele aborreceu os gregos apartando Aquiles dos outros comandantes.[2] Assim, quando Crises foi resgatar Criseide, Zeus convenceu Agamênon a expulsá-lo com palavras de opróbrio; e Apolo, invocado por Crises, posicionou-se vingativamente perto dos navios, atirando flechas mortais contra os gregos dia após dia. Centenas deles morreram,

embora por sorte não tenham nada sofrido os reis e príncipes, e, no décimo dia, Calcante revelou a presença do deus. A seu pedido, Agamênon devolveu de má vontade Criseide a seu pai com presentes propiciatórios, mas se ressarciu dessa perda tomando Briseis de Aquiles, a quem havia sido atribuída. Diante disso, Aquiles, furioso, anunciou que não voltaria a participar da guerra; e sua mãe Tétis, indignada, foi ter com Zeus, que lhe prometeu um desagravo. Mas há relatos segundo os quais Aquiles teria se afastado da luta para não se indispor com Príamo, que era pai de Polixena.[3]

c. Quando os troianos se deram conta de que Aquiles e seus mirmidões haviam se retirado do campo de batalha, eles se encheram de coragem e realizaram uma impetuosa investida. Agamênon, alarmado, concedeu uma trégua, durante a qual Páris e Menelau deveriam travar um duelo pela posse de Helena e do tesouro roubado. Entretanto, o duelo resultou indecisivo, pois, ao ver que Páris estava sendo derrotado, Afrodite o envolveu numa névoa mágica e o levou de volta para Troia. Hera mandou então Atena romper a trégua, fazendo com que Pândaro, filho de Licaão, disparasse uma flecha contra Menelau, o que ela cumpriu; ao mesmo tempo, ela incitou Diomedes a matar Pândaro e a ferir Eneias e sua mãe, Afrodite. Glauco, filho de Hipólocos, opôs-se a Diomedes, mas ambos recordaram a íntima amizade que havia unido seus pais e realizaram uma troca cortês de armas.[4]

d. Heitor desafiou Aquiles a um combate corpo a corpo e, quando ele respondeu que havia se retirado da guerra, os gregos escolheram Ájax o Grande como seu substituto. Os dois paladinos lutaram incessantemente até o cair da noite, quando os arautos os separaram e cada um deles elogiou, ofegante, o valor e a habilidade do seu oponente. Ájax deu a Heitor o boldrié purpúreo brilhante, que mais tarde causou-lhe a morte; e Heitor presentou Ájax com a espada com tachas de prata, com a qual mais tarde ele viria a se suicidar.[5]

e. Um armistício foi combinado e os gregos ergueram um túmulo comprido sobre os seus mortos, coroando-o com uma parede atrás da qual eles cavaram uma trincheira profunda com uma paliçada. Eles, porém, haviam se esquecido de apaziguar os deuses que apoiaram os troianos e, ao retomarem a luta, foram rechaçados e obrigados a cruzar a trincheira e resguardar-se atrás da parede. Naquela noite, os troianos acamparam perto dos barcos gregos.[6]

f. Desesperado, Agamênon mandou Fênix, Ájax, Odisseu e dois arautos aplacarem Aquiles, oferecendo-lhe inúmeros presentes, inclusive a devolução de Briseis (eles tinham de jurar que ela era ainda virgem) se voltasse a lutar. Cabe esclarecer que, nesse ínterim, Crises havia trazido de volta a sua filha, que protestou, dizendo que Agamênon a havia tratado muito bem e que desejava permanecer com ele; ela estava grávida naquele momento e, mais tarde, deu à

luz a Crises Segundo, uma criança de paternidade duvidosa. Aquiles recebeu os representantes com um sorriso afável, mas rechaçou suas ofertas, anunciando que zarparia de volta para casa na manhã seguinte.[7]

g. Nessa mesma noite, por volta do terceiro plantão, quando a Lua estava alta, Odisseu e Diomedes, estimulados por um auspício favorável de Atena — a aparição de uma garça do seu lado direito —, decidiram fazer uma incursão nas linhas troianas. Calhou de eles toparem com Dolão, filho de Eumelo, que havia sido enviado para fazer a ronda perto do inimigo e, após extraírem dele informações, degolaram-no. Ato contínuo, Odisseu ocultou num arbusto de tamarga o gorro de pele de furão, a capa de pele de lobo, o arco e a lança de Dolão, e correu com Diomedes para o flanco direito da linha troiana, onde, como agora sabiam, estava acampado o trácio Reso. Ele é descrito de diversas formas: filho da musa Euterpe, ou Calíope, com Eioneu, ou Ares, ou Estrimão. Após assassinar furtivamente Reso e doze de seus companheiros enquanto dormiam, eles levaram seus magníficos cavalos níveos e mais velozes que o vento e, no caminho de volta, recolheram os despojos de Dolão que haviam ocultado na tamarga.[8] A captura dos cavalos de Reso era de suma importância, pois um oráculo havia predito que Troia se tornaria inexpugnável uma vez que eles comessem forragem troiana e bebessem no rio Escamandro, o que eles ainda não haviam feito. Quando os trácios sobreviventes despertaram e encontraram Reso morto e seus cavalos desaparecidos, eles fugiram desesperados e os gregos mataram-nos quase todos.[9]

h. No dia seguinte, contudo, após uma luta cruenta da qual saíram feridos Agamênon, Diomedes, Odisseu, Eurípilo e Macáon, o cirurgião, os gregos puseram-se a fugir e Heitor abriu uma brecha em sua muralha.[10] Animado por Apolo, ele avançou na direção dos navios e, apesar do apoio oferecido por Poseidon aos dois Ájax e a Idomeneu, ele cruzou a linha grega. Nesse momento, Hera, que detestava os troianos, conseguiu fazer com que Afrodite lhe emprestasse seu cinturão e seduziu Zeus, truque que permitiu a Poseidon inverter a tendência da batalha em favor dos gregos. Mas Zeus, que logo descobriu que havia sido ludibriado, reavivou Heitor — que havia quase sido morto por Ájax com uma enorme pedra —, ordenou a Poseidon que saísse do campo de batalha e deu novo ânimo aos troianos. Eles voltaram a avançar e Médon matou Perifetes, filho de Copreu, além de muitos outros paladinos.[11]

i. Até mesmo Ájax o Grande viu-se obrigado a ceder terreno; e Aquiles, ao ver que saíam labaredas da popa do navio de Protesilau, incendiado pelos troianos, de tal modo esqueceu-se de seu rancor que reuniu seus mirmidões e correu com eles em auxílio de Pátroclo. O jovem amigo de Aquiles havia arremessado uma lança contra a massa de troianos reunidos em torno do navio

de Protesilau e, com ela, trespassou Pirecme, rei dos peônios. Diante disso, os troianos, confundindo-o com Aquiles, bateram em retirada; Pátroclo apagou o fogo, salvando pelo menos a proa do navio, e matou Sarpédon. Ainda que Glauco tenha tentado reunir seus lícios para impedir que despojassem o corpo de Sarpédon, Zeus deixou que Pátroclo perseguisse todo o exército troiano até a cidade, tendo sido Heitor o primeiro a se retirar, gravemente ferido por Ájax.

j. Os gregos despojaram Sarpédon de sua armadura, mas, por ordem de Zeus, Apolo resgatou o cadáver, que preparou para o enterro, após o que o Sono e a Morte levaram-no para a Lícia. Enquanto isso, Pátroclo perseguia os vencidos, e teria tomado Troia sozinho caso Apolo não se houvesse apressado a subir na muralha e empurrá-lo três vezes com um escudo enquanto tentava escalá-la. A luta continuou até o anoitecer, quando Apolo, envolto numa densa névoa, aproximou-se por trás de Pátroclo e desferiu-lhe um golpe contundente entre as omoplatas. Os olhos de Pátroclo saltaram-lhe das órbitas, seu elmo soltou-se, sua lança se rompeu em pedaços, seu escudo caiu no chão e Apolo abriu seu corselete. Euforbo, filho de Panto, ao observar a situação em que se encontrava Pátroclo, feriu-o sem medo de represália e, quando Pátroclo se distanciava a cambaleios, Heitor, que acabava de voltar da batalha, executou-o com um só golpe.[12]

k. Menelau veio correndo, matou Euforbo — o qual, a propósito, diz-se, reencarnou séculos mais tarde no filósofo Pitágoras — e se retirou, pavoneando-se, para a sua tenda com os despojos, deixando que Heitor espoliasse Pátroclo de sua armadura emprestada. Menelau e Ájax o Grande reapareceram depois e, juntos, guardaram o cadáver de Pátroclo até o anoitecer, quando conseguiram levá-lo para os barcos. Mas Aquiles, ao ficar sabendo do ocorrido, revolveu-se na areia e entregou-se a um doloroso arrebatamento.[13]

l. Tétis entrou na tenda de seu filho levando uma nova armadura, que incluía um par de grevas de estanho, forjadas às pressas por Hefesto. Aquiles vestiu a armadura, fez paz com Agamênon (que lhe devolveu Briseis sem tê-la violado, jurando que a havia levado por ira e não por luxúria) e saiu para vingar Pátroclo.[14] Ninguém podia enfrentar sua ira. Os troianos se debandaram e fugiram para o Escamandro, onde ele os dividiu em dois grupos, empurrando um deles através da planície na direção da cidade e encurralando o outro numa curva do rio. O deus fluvial, furioso, lançou-se contra ele, mas Hefesto tomou partido de Aquiles e secou as águas com uma chama abrasadora. Os sobreviventes troianos voltaram à cidade como uma manada de cervos assustados.[15]

m. Quando Aquiles por fim se encontrou com Heitor e o obrigou a travar um combate corpo a corpo, os exércitos de ambas as partes retrocederam e ficaram observando, assombrados. Heitor voltou-se e começou a correr ao redor

das muralhas da cidade. Com essa manobra, ele esperava cansar Aquiles, que havia estado muito tempo inativo e, portanto, acreditava que logo ficaria sem fôlego. Mas estava enganado. Aquiles o perseguiu três vezes ao redor das muralhas e, toda vez que tentava refugiar-se num portão, contando com a ajuda de seus irmãos, sempre o ludibriava. Finalmente, Heitor se deteve e o confrontou, e então Aquiles atravessou-lhe o peito e ignorou sua súplica de moribundo: a de permitir que seu cadáver fosse resgatado para ser enterrado. Depois de se apoderar da armadura, Aquiles cortou os tendões dos calcanhares de Heitor. Ele então passou tiras de couro pelos cortes, amarrou-as ao seu carro e, fustigando os cavalos Bálios, Xanto e Pédaso, arrastou o corpo até os navios a meio-galope. A cabeça de Heitor, com seus cabelos negros caindo de ambos os lados, levantava uma nuvem de poeira à sua passagem. Segundo algumas versões, Aquiles teria arrastado o corpo três vezes ao redor das muralhas da cidade com o boldrié com que Ájax o havia presenteado.[16]

n. Então, Aquiles enterrou Pátroclo. Cinco príncipes gregos foram enviados ao monte Ida atrás de madeira para a pira funerária, na qual Aquiles sacrificou não só os cavalos e dois dos nove sabujos de Pátroclo, como também doze nobres prisioneiros troianos, dentre os quais vários filhos de Príamo, que degolou. Ele ameaçou inclusive arremessar o cadáver de Heitor aos outros sabujos, mas Afrodite o impediu. Nos jogos fúnebres de Pátroclo, Diomedes ganhou a corrida de carros e Epeu, apesar de sua covardia, o pugilato; Ájax e Odisseu empataram na luta corpo a corpo.[17]

o. Ainda consumido pela dor, Aquiles se levantava todos os dias, ao amanhecer, para arrastar três vezes o cadáver de Heitor ao redor da tumba de Pátroclo. Apolo, contudo, o protegia da corrupção e laceração até que, finalmente, por ordem de Zeus, Hermes conduziu Príamo ao acampamento grego na calada da noite e convenceu Aquiles a aceitar um resgate.[18] Nessa ocasião, Príamo mostrou grande magnanimidade para com Aquiles, pois o encontrou adormecido em sua tenda e podia tê-lo matado facilmente. O resgate estabelecido foi o peso de Heitor em ouro. Por conseguinte, os gregos colocaram uma balança do lado de fora das muralhas da cidade, puseram o cadáver num prato e convidaram os troianos a amontoar ouro no outro. Quando o tesouro de Príamo já havia se esvaziado de lingotes e joias, e o grande corpo de Heitor ainda pesava mais no seu prato, Polixena, que observava tudo da muralha, atirou seus braceletes para suplementar o peso que faltava. Dominado por admiração, Aquiles disse a Príamo:

— De bom grado trocarei Heitor por Polixena; guarde o seu ouro, case-me com ela e, se devolver Helena a Menelau, comprometo-me a selar a paz entre a sua gente e a nossa.

Por enquanto, Príamo tinha se contentado em resgatar Heitor pelo preço estabelecido em ouro, mas prometeu entregar Polixena a Aquiles, sem nenhuma reserva, caso ele convencesse os gregos a partirem sem Helena. Aquiles respondeu que faria o possível, e Príamo se foi com o cadáver de Heitor para enterrá-lo. Tão grande foi o alvoroço que se produziu nos funerais de Heitor — os troianos com seus lamentos e os gregos tentando encobrir seus cantos fúnebres com gritos e assobios — que os pássaros que voavam acima de suas cabeças caíam aturdidos pelo ruído.[19]

p. Por ordem de um oráculo, os ossos de Heitor foram trasladados finalmente a Tebas beócia, onde sua tumba pode ser vista junto à fonte de Édipo. Há quem cite da seguinte maneira as palavras do oráculo:

"Escutem, homens de Tebas que habitam a cidade de Cadmo,
Caso desejem que o seu país seja próspero, rico e imaculado,
Levem os restos mortais de Heitor, filho de Príamo, para a sua cidade.
A Ásia agora os tem; lá, Zeus participará do seu culto."

Outros dizem que, quando uma peste assolou a Grécia, Apolo ordenou que voltassem a enterrar os restos mortais de Heitor numa cidade grega famosa que não houvesse participado da Guerra de Troia.[20]

q. Uma tradição completamente diferente faz de Heitor filho de Apolo e afirma que ele foi morto pela amazona Pentessileia.[21]

1. Segundo Proclo (*Crestomatia* XCIX. 19-20), *Homerus* significa mais "cego" do que "refém", que é a tradução habitual. A arte do menestrel era uma vocação natural para o cego, pois a cegueira e a inspiração com frequência iam de mãos dadas (vide 105. *h*). A identidade do Homero original tem sido tema de debate durante cerca de 2.500 anos. Segundo a tradição mais antiga, considera-se como mais aceitável que ele fosse um jônio de Quios. Um clã de Homéridas, ou "Filhos do Cego", que recitavam os poemas homéricos tradicionais e chegaram por fim a constituir um grêmio (escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro II. 1), tinha sua sede em Delos, o centro do mundo jônico, onde se supunha que o próprio Homero havia recitado (*Hino homérico* III. 165-173). Partes da *Ilíada* datam do século X a.C.; o tema tratado é três séculos mais velho. Em torno do século VI, alguns recitais desabonados da *Ilíada* já começavam a corromper lentamente o texto. Pisístrato, tirano de Atenas, ordenou, portanto, uma revisão oficial, confiada a quatro destacados eruditos. Eles parecem ter cumprido bem

sua tarefa, mas, como Homero havia chegado a ser considerado a autoridade máxima em matéria de disputas entre cidades, os inimigos de Pisístrato o acusaram de haver interpolado versos com fins políticos (Estrabão: IX. 1. 10).

2. Os 24 livros da *Ilíada* têm sua origem num poema intitulado "A ira de Aquiles", que talvez pudesse ser recitado em uma só noite, e que abordava a disputa de Aquiles e Agamênon pela posse de uma princesa cativa. É improvável que o texto dos acontecimentos centrais tenha sido corrigido radicalmente desde a aparição da primeira *Ilíada*, em torno do ano 750 a.C. Entretanto, as discussões são pouco edificantes, e todos os líderes gregos se comportavam de uma maneira sanguinária, fraudulenta e vergonhosa, ao passo que os troianos, em contrapartida, comportavam-se tão bem que é evidente para qual lado se inclinava a simpatia do autor. Como legatário dos bardos da corte minoica, ele encontrou seu lar espiritual entre as glórias passadas de Cnossos e Micenas, e não junto às fogueiras dos acampamentos dos invasores bárbaros do norte.

Homero descreve fielmente a vida de seus novos senhores, que usurparam antigos títulos religiosos ao se casarem com as herdeiras das tribos, e, ainda que ele os caracterize como semelhantes aos deuses, sábios e nobres, no fundo eles lhe causam profunda repugnância. Vivem da espada e morrem pela espada, desdenhando o amor, a amizade, a fé e a arte da paz. Eles se importam tão pouco com os nomes divinos pelos quais juram que ele se atreve, na presença deles, a ridicularizar os cobiçosos, ardilosos, irascíveis, lascivos e covardes olímpicos que puseram o mundo de cabeça para baixo. Ele poderia ser descartado como um patife sem religião não fosse ele um claro adorador secreto da Grande Deusa da Ásia (que os gregos humilharam nessa guerra) e se não fosse possível vislumbrar sua índole afetuosa e honorável cada vez que descreve a vida familiar no palácio de Príamo. Homero inspirou-se na epopeia babilônica *Gilgamesh* para a sua história de Aquiles, substituindo Gilgamesh por Aquiles, Ninsun por Tétis e Enkidu por Pátroclo.

3. O comportamento histérico de Aquiles ao saber da morte de Pátroclo deve ter surpreendido Homero, embora ele tenha encoberto as barbaridades do funeral com uma linguagem épica burlesca, convencido de que seus senhores não perceberiam a agudeza da sátira — pode-se dizer que Homero, num certo sentido, antecipou-se a Goya, cujos retratos caricaturais da família real espanhola eram tão magnificamente pintados que podiam ser aceitos pelas vítimas como imagens honestas. Mas a agudeza da *Ilíada* como sátira foi um tanto abrandada pela necessidade que os Homéridas tinham de aplacar seus hóspedes divinos em Delos; Apolo e Ártemis deviam apoiar os troianos e demonstrar dignidade e discrição, ao menos em contraste com os depravados deuses do campo heleno. Um dos resultados da aceitação da *Ilíada* pelas

autoridades civis gregas como epopeia nacional foi que ninguém voltou a levar a sério a religião olímpica, e os costumes morais gregos nunca deixaram de ser bárbaros, exceto nos lugares onde sobreviveu o culto dos mistérios cretenses e os mistagogos exigiam de seus iniciados um certificado de bom comportamento. A Grande Deusa, apesar de agora estar oficialmente subordinada a Zeus, continuou exercendo forte influência espiritual em Elêusis, Corinto e Samotrácia, até seus mistérios serem suprimidos pelos primeiros imperadores bizantinos. Luciano, que admirava Homero e que o sucedeu como principal escritor satírico dos olímpicos, também venerava a deusa, a quem ele sacrificou seu primeiro corte de cabelo em Hierápolis.

4. Diz-se que os restos mortais de Heitor foram levados de Troia para Tebas, mas "Heitor" era o título do rei sagrado tebano antes da Guerra de Troia; ele sofria o mesmo destino ao término de seu reinado, ou seja, era arrastado num acidente de carro, como Glauco (vide 71. *a*), Hipólito (vide 101. *g*), Enômao (vide 109. *g*) e Abdero (vide 130. *b*). Posto que "Aquiles" era também mais um título do que um nome, é possível que o combate tenha sido retirado da saga tebana extraviada da "Ovelha de Édipo", em que os correis lutavam pelo trono (vide 106. *2*).

NOTAS

[1] Dictys Cretensis: III. 1-3.

[2] Ptolomeu Hefestionos: VI; Dictys Cretensis: III. 6; *Cypria*, citada por Proclo: *Crestomatia* I.

[3] Homero: *Ilíada* I; Dictys Cretensis: II. 30; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 211.

[4] Homero: *Ilíada* III; IV. 1-129; V. 1-417 e VI. 119-236.

[5] Ateneu: I. 8; Rawlinson: *Excidum Troiae*; Homero: *Ilíada* VII. 66-132; Higino: *Fábula* 122.

[6] Homero: *Ilíada* VII. 436-450 e VIII.

[7] Dictys Cretensis: II. 47; Higino: *Fábula* 121; Homero: *Ilíada* IX.

[8] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio I. 473; Apolodoro: I. 3. 4; Homero: *Ilíada* X.

[9] Sérvio: *loc. cit*.; Dictys Cretensis: II. 45-46.

[10] Homero: *Ilíada* XI e XII.

[11] Homero: *Ilíada* XII-XIV.

[12] Dictys Cretensis: II. 43; Homero: *Ilíada* XVI.

[13] Higino: *Fábula* 112; Filóstrato: *Vida de Apolônio de Tiana* I. 1 e *Heroica* 19. 4; Pausânias: II. 17. 3; Homero: *Ilíada* XVII.

[14] Dictys Cretensis: II. 48-52; Homero: *Ilíada* XVIII-XIX.

[15] Homero: *Ilíada* XXI.

[16] Homero: *Ilíada* XXII.

[17] Higino: *loc. cit*.; Virgílio: *Eneida* I. 487; Dictys Cretensis: III. 12-14; Homero: *Ilíada* XXIII.

[18] Homero: *Ilíada* XXIV.

[19] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 491; Rawlinson: *Excidium Troiae*; Dares: 27; Dictys Cretensis: III. 16 e 27.

[20] Pausânias: IX. 18. 4; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.194.

[21] Estesícoro, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 266; Ptolomeu Hefestionos: VI, citado por Fócio, p. 487.

AQUILES PRESTES A MORRER,
escultura de Christophe Veyrier, em mármore
Londres, Inglaterra

164

A MORTE DE AQUILES

Pentessileia, a rainha das amazonas, filha de Otrera e Ares, havia se refugiado em Troia para escapar das Erínias de sua irmã Hipólita (também chamada Glauce ou Melanipa), que ela havia matado acidentalmente com uma flecha, ou durante uma caça ou, segundo os atenienses, por ocasião da luta que se seguiu ao casamento de Teseu com Fedra. Purificada por Príamo, ela se destacou muito na Guerra de Troia e eliminou um grande contingente de gregos, entre os quais — diz-se — Macáon, embora a versão mais corrente diga que ele tenha sido morto por Eurípilo, filho de Télefo.[1] Ela tirou Aquiles do campo de batalha em várias ocasiões, e há até uma versão segundo a qual ele foi morto por ela, e Zeus, atendendo à súplica de Tétis, devolveu-lhe a vida, mas, no final, ele a trespassou com a lança, apaixonou-se por seu cadáver e cometeu com ele, ali mesmo, um ato de necrofilia.[2] Depois, quando Aquiles chamou voluntários para enterrar Pentessileia, Tersites, filho do etólio Ágrio, o grego mais horrendo de Troia, e que havia vazado os olhos de Pentessileia com sua lança quando ela jazia moribunda, acusou Aquiles zombeteiramente de luxúria imunda e inatural. Aquiles se voltou e aplicou em Tersites um golpe que lhe quebrou todos os dentes e enviou sua alma para o Tártaro.[3]

b. Isso causou grande indignação entre os gregos, e Diomedes, que era primo de Tersites e desejava mostrar seu desprezo por Aquiles, arrastou o corpo de Pentessileia pelos pés e o atirou às águas do Escamandro. Depois, ele foi, contudo, retirado dali e enterrado às margens do rio com grandes honras: uns dizem que elas foram prestadas por Aquiles e outros, pelos troianos. Aquiles zarpou então para Lesbos, onde realizou sacrifícios a Apolo, Ártemis e Leto; e Odisseu, inimigo jurado de Tersites, purificou-o do assassinato. Uma imagem de Pentessileia moribunda nos braços de Aquiles pode ser vista gravada no trono de

Zeus em Olímpia.[4] Sua nutriz, a amazona Clete, ao ficar sabendo de sua fuga para Troia após a morte de Hipólita, saiu atrás dela, mas ventos adversos a arrastaram para a Itália meridional, onde fixou residência e fundou a cidade de Clete.[5]

c. Príamo havia então persuadido seu meio-irmão, Titono da Assíria, a enviar para Troia o seu filho Mêmnon o Etíope, subornando-o com uma vinha de ouro.[6] Na Etiópia, o suposto palácio de Mêmnon pode ser visto, ainda que, quando Titono emigrou para a Assíria e fundou Susa, Mêmnon, que então era apenas uma criança, havia ido com ele. Susa é habitualmente conhecida como a Cidade de Mêmnon, e seus habitantes são chamados cissianos, por causa de Cissia, mãe de Mêmnon. Seu palácio da Acrópole ficou em pé até a época dos persas.[7]

d. Titono era governador da província da Pérsia sob as ordens do rei assírio Têutamo, senhor de Príamo, que pôs Mêmnon no comando de mil etíopes, mil susianos e duzentos carros de combate. Os frígios ainda exibem a estrada acidentada e direta, com lugares para acampar aproximadamente a cada vinte quilômetros, por onde Mêmnon, após subjugar todas as nações que se interpuseram, marchou até Troia. Ele era negro como o ébano, e o mais formoso homem que existia; tal como Aquiles, envergava uma armadura forjada por Hefesto.[8] Dizem que ele conduziu um numeroso exército de etíopes e hindus até Troia, passando pela Armênia, e que uma outra expedição partiu por mar da Fenícia, sob as suas ordens, comandada por um sidônio chamado Falas. Ao desembarcar em Rodes, cujos habitantes eram a favor da causa grega, Falas foi indagado pelo público: “Não sente vergonha, senhor, de ajudar o troiano Páris e outros inimigos declarados da sua cidade natal?” Os marinheiros fenícios, que então tomaram conhecimento, pela primeira vez, do destino para o qual rumavam, lapidaram Falas por traição e se estabeleceram em Iáliso e Camiro após repartirem o tesouro e as munições de guerra que Falas levava consigo.[9]

e. Nesse meio-tempo, em Troia, Mêmnon matou vários líderes gregos, entre eles Antíloco, filho de Nestor, quando ele veio salvar o seu pai, pois Páris havia matado um dos cavalos do carro de Nestor e o terror tornou incontrolável o seu companheiro de parelha.[10] Esse Antíloco havia sido abandonado, quando criança, no monte Ida pela sua mãe Anaxibia, ou Eurídice, e lá ele foi amamentado por uma cadela. Ainda que fosse demasiado jovem quando a expedição zarpou de Áulis no início da guerra, ele tomou parte dela alguns anos depois e pediu a Aquiles que aplacasse a ira de Nestor diante de sua inesperada chegada. Aquiles, encantado com o ânimo belicoso de Antíloco, comprometeu-se a mediar a relação de ambos e, a seu desejo, Nestor o apresentou a Agamênon.[11] Antíloco era um dos gregos mais jovens, belos, velozes e valentes

que lutavam em Troia, e Nestor, avisado por um oráculo que deveria protegê-lo de um etíope, nomeou como seu guardião Calionte — em vão, porém.[12] Os restos mortais de Antíloco foram enterrados junto aos de seus amigos, Aquiles e Pátroclo, cujas almas ele acompanhou até os Campos de Asfódelos.[13]

f. Naquele dia, com a ajuda dos etíopes de Mêmnon, os troianos quase conseguiram incendiar os navios gregos, mas a noite caiu e eles se retiraram. Após enterrarem seus mortos, os gregos elegeram Ájax o Grande para enfrentar-se com Mêmnon e, na manhã seguinte, o singular combate já havia começado quando Tétis foi atrás de Aquiles, que estava ausente do acampamento, e lhe deu a notícia da morte de Antíloco. Aquiles apressou-se em voltar para vingar-se e, enquanto Zeus, que havia pedido uma balança, pesava o seu destino contra o de Mêmnon,[14] pôs Ájax de lado e ocupou o lugar dele no combate. O prato que continha o destino de Mêmnon desceu nas mãos de Júpiter, Aquiles desferiu contra seu adversário um golpe mortal e, pouco depois, uma cabeça negra e uma armadura brilhante coroavam a pira ardente de Antíloco.[15]

g. Há quem diga, contudo, que Mêmnon foi vítima de uma emboscada dos tessálios e que os etíopes, após queimarem o seu corpo, levaram as cinzas a Titono, e que elas agora estão enterradas numa colina que domina a foz do rio Esepo, onde uma aldeia leva o seu nome.[16] Eos, considerada a mãe de Mêmnon, implorou a Zeus que lhe concedesse a imortalidade e mais algumas honras. Por conseguinte, várias aves fêmeas fantasmas, chamadas Memnônidas, formaram-se a partir das brasas e da fumaça de sua pira, alçaram-se ao ar e voaram três vezes ao seu redor. Na quarta volta, elas se dividiram em duas revoadas, lutaram entre si valendo-se de suas garras e bicos e caíram sobre as cinzas como num sacrifício funeral. As Memnônidas ainda lutam e caem sobre sua tumba sempre que o Sol haja percorrido todos os signos do Zodíaco.[17]

h. Segundo outra tradição, essas aves são as companheiras de Mêmnon, que lamentaram tão profundamente sua morte que os deuses, compadecidos, transformaram-nas em pássaros. Todo ano elas fazem uma visita à sua tumba, onde choram e se dilaceram até que algumas delas caem mortas. Os helespontinos dizem que, quando as Memnônidas visitam a tumba de Mêmnon junto ao Helesponto, servem-se de suas asas para salpicá-la com a água do rio Esepo; e que Eos continua derramando lágrimas de orvalho por ele todas as manhãs. Polígnoto caracterizou Mêmnon confrontando o seu rival Sarpédon, vestido com um manto bordado com essas aves. Diz-se que os deuses guardam luto no dia do aniversário da morte de ambos.[18]

i. Outros acreditam que os restos mortais de Mêmnon foram levados para Pafos, em Chipre, e, de lá, para Rodes, onde sua irmã Himera, ou Hemera, foi recolhê-los. Os fenícios que haviam se rebelado contra Falas permitiram que ela

o fizesse sob a condição de não exigir a devolução do tesouro roubado. Ela concordou e levou a urna para a Fenícia; lá, ela a enterrou em Palíoque e depois desapareceu.[19] Dizem ainda que a tumba de Mêmnon pode ser vista perto de Pálton, na Síria, junto ao rio Badas. Sua espada de bronze está pendurada na parede do templo de Asclépio em Nicomidia; e a Tebas egípcia é famosa por uma colossal estátua negra — uma figura de pedra sentada — que, todos os dias, ao nascer do sol, produz um som parecido com o do rompimento da corda de uma lira. Todos os povos helenófonos chamam-na de Mêmnon, embora os egípcios não a chamem assim.[20]

j. Em seguida, Aquiles desbaratou os troianos e os perseguiu até a cidade, mas seu destino também já estava decidido. Poseidon e Apolo se comprometeram a vingar a morte de Cicno e Troilo e a castigar certas jactâncias insolentes que Aquiles havia pronunciado sobre o cadáver de Heitor e, para isso, eles se reuniram em conselho. Encoberto por uma nuvem e postado junto ao Portão Ceano, Apolo procurou Páris em meio ao embate, apontou seu arco e lançou a flecha fatal, que se cravou na única parte vulnerável do corpo de Aquiles, o calcanhar direito, provocando-lhe uma morte dolorosa.[21] Mas há quem diga que Apolo, assumindo a aparência de Páris, matou Aquiles pessoalmente, e que esta foi a versão aceita por Neoptólemo, filho de Aquiles. Durante todo o dia travou-se sobre o cadáver uma batalha feroz. Ájax o Grande matou Glauco, despojou-o de sua armadura, enviou-a ao acampamento e, a despeito de uma chuva de flechas, carregou o cadáver de Aquiles através das linhas inimigas, enquanto Odisseu cobria-lhe a retaguarda. Uma tempestade enviada por Zeus pôs então fim à luta.[22]

k. Segundo outra tradição, Aquiles foi vítima de um conluio. Príamo havia-lhe oferecido Polixena em casamento, sob a condição de que o sítio de Troia fosse levantado. Mas Polixena, que não pudera perdoar Aquiles pelo assassinato de seu irmão Troilo, fê-lo revelar a vulnerabilidade do seu calcanhar, pois não há segredo que as mulheres não consigam arrancar aos homens como prova de seu amor. A pedido dela, ele se apresentou descalço e desarmado para ratificar o acordo, oferecendo sacrifícios a Apolo Timbreu; depois, enquanto Deífobo o abraçava, simulando amizade, Páris, escondido atrás da imagem do deus, trespassou-lhe o calcanhar com uma flecha envenenada ou, segundo alguns, com uma espada. Antes de morrer, porém, Aquiles pegou do altar uns tições e os lançou vigorosamente ao seu redor, matando muitos troianos e servidores do templo.[23] Enquanto isso, Odisseu, Ájax e Diomedes, suspeitando de uma possível traição a Aquiles, haviam-no seguido até o templo. Páris e Deífobo depararam com eles correndo pela porta; eles depois entraram, e Aquiles, expirando nos braços deles, pediu-lhes que, após a queda de Troia, Polixena

fosse sacrificada na sua tumba. Ájax carregou nos ombros o corpo do herói para fora do templo; os troianos tentaram apoderar-se dele, mas os gregos conseguiram levá-lo e conduzi-lo aos seus navios. Por outro lado, há quem diga que os troianos venceram a luta e não entregaram o cadáver de Aquiles até que lhes fosse devolvido o resgate que Príamo tinha pago por Heitor.[24]

l. Essa perda desalentou os gregos. Poseidon, contudo, prometeu a Tétis que concederia a Aquiles uma ilha no mar Negro, em que as tribos da costa lhe ofereceriam sacrifícios divinos por toda a eternidade. Um grupo de nereidas foi a Troia para chorar com ela e permaneceram velando o corpo enquanto as nove musas entoavam um canto fúnebre. O luto durou dezessete dias e dezessete noites, mas, embora Agamênon e os outros líderes gregos houvessem derramado muitas lágrimas, nenhum dos soldados rasos lamentou especialmente a morte de um traidor tão notável. No décimo oitavo dia, o corpo de Aquiles foi cremado numa pira, e suas cinzas, misturadas às de Pátroclo, foram guardadas numa urna de ouro feita por Hefesto, presente de casamento de Dionísio a Tétis. A urna foi enterrada no promontório de Sigeu, que domina o Helesponto, e, sobre ele, os gregos erigiram um alto túmulo para indicar seu lugar de repouso.[25] Numa aldeia vizinha chamada Aquileu, ergue-se um templo dedicado a Aquiles, e sua estátua porta um brinco de mulher.[26]

m. Enquanto os aqueus celebravam jogos fúnebres em sua homenagem, Eumelo ganhou a corrida de carros; Diomedes, a corrida a pé; Ájax, o lançamento de disco; e Teucro, a competição de tiro com arco — Tétis apanhou a alma de Aquiles da pira e a levou até Leuce, uma ilha com cerca de vinte oitavos de milha de circunferência, com bosques e repleta de animais selvagens e domésticos que se encontra diante da desembocadura do Danúbio e que lhe está consagrada.[a] Certa vez, quando um certo crotoniate chamado Leônimo, que havia sido gravemente ferido no peito enquanto lutava contra seus vizinhos, os lócrios epizefírios, fez uma visita a Delfos para perguntar como poderia se curar, a pitonisa lhe disse: “Vá a Leuce. Lá, Ájax o Pequeno, cuja alma foi invocada por seus inimigos para que lutasse em favor deles, surgirá e curará a sua ferida.” Alguns meses depois, ele voltou, são e salvo, informando que havia visto Aquiles, Pátroclo, Antíloco, Ájax o Grande e, finalmente, Ájax o Pequeno, que o havia curado. Helena, agora casada com Aquiles, lhe dissera: “Peço-lhe, Leônimo, que vá até Himera e diga ao difamador de Helena que a perda de sua visão se deve ao descontentamento que ele lhe causou.” Os marinheiros que navegam rumo ao norte a partir do Bósforo até Olbia ouvem com frequência Aquiles cantando os versos de Homero do outro lado da água, o som sendo acompanhado pelo ruído de cascos de cavalos, de choque de armas e por gritos de guerreiros.[27]

n. Aquiles amou Helena pela primeira vez não muito antes de sua morte, num sonho arranjado por sua mãe Tétis. Essa experiência lhe causou tal prazer que ele pediu a Helena que se mostrasse diante dele, na vida real, sobre a muralha de Troia. Ela assim fez, e Aquiles apaixonou-se perdidamente por ela. Levando-se em conta que ele foi o seu quinto marido, Aquiles é chamado em Creta de Pempto, que significa “quinto”; seus predecessores haviam sido Teseu, Menelau, Páris e, finalmente, Deífobo.[28]

o. Outros afirmam que Aquiles continua sob o poder de Hades, e que se queixa amargamente de sua sorte enquanto passeia pelos Campos de Asfódelos; há ainda outros relatos segundo os quais Aquiles se casou com Medeia e passou a viver regiamente nos Campos Elísios ou nas ilhas dos Bem-Aventurados.[29]

p. Por ordem de um oráculo, um cenotáfio foi erguido a Aquiles no antigo ginásio de Olímpia; lá, por ocasião da abertura do festival, enquanto o sol se põe, as eleias o honram com ritos funerários. Por ordem do oráculo de Dodona, os tessálios também realizam sacrifícios anuais a Aquiles e, na estrada que vai para o norte a partir de Esparta, há um templo que lhe foi construído por Prax, seu bisneto, e que está fechado ao grande público; mas os meninos que têm de lutar num bosque de plátanos perto dali entram nele e fazem sacrifícios antecipados a Aquiles.[30]

1. Pentessileia era uma das amazonas derrotadas por Teseu e Hércules, ou seja, uma das sacerdotisas combatentes de Atena que haviam sido vencidas pelos invasores eólios da Grécia (vide 100. *1* e 131. *2*). O episódio foi situado em Troia, pois diz-se que a confederação de Príamo abarcava todas as tribos da Ásia Menor. Pentessileia não figura na *Ilíada*, mas o ultraje cometido por Aquiles ao seu cadáver é caracteristicamente homérico e, como ela é mencionada em tantos outros textos clássicos, é bem possível que os editores de Pisístrato tenham suprimido a passagem a ela relacionada. Dictys Cretensis (IV. 2-3) moderniza a história: diz que Pentessileia cavalgava à frente de um grande exército e que, ao encontrar Heitor morto, teria voltado para o seu país se Páris não a houvesse seduzido com ouro e prata para ficar. Aquiles feriu Pentessileia com a lança em seu primeiro encontro e a fez cair da sela, puxando-lhe os cabelos. Enquanto jazia moribunda no chão, os soldados gregos gritaram: “Atirem essa mulher-macho aos cães como castigo por ter ultrapassado a natureza de mulher!”

Embora Aquiles tenha pedido que se fizesse um funeral honroso, Diomedes arrastou o cadáver pelos pés e o atirou às águas do Escamandro.

Na lenda grega, as velhas amas geralmente representam a deusa como Anciã (vide 24. *9*), e a ama de Pentessileia, Clete (“invocada”), não é uma exceção.

2. Cissia (“hera”) parece ser um título primitivo da deusa, chamada de diversas maneiras, que presidia as orgias da hera e das vinhas na Grécia, Trácia, Ásia Menor e Síria (vide 168. *3*). Entretanto, os “cissianos” de Mêmnon constituem uma variação de “susianos” (“homens-lírio”), assim chamados em homenagem à deusa Lírio, Susana ou Astarte. Príamo provavelmente pediu ajuda não aos assírios, mas aos hititas, que puderam muito bem ter-lhe enviado reforços por terra e também por mar a partir da Síria. “Mêmnon” (“resoluto”), título comum entre os reis gregos — intensificado em “Agamênon” (“muito resoluto”) —, foi aqui confundido com Mnêmon, um dos títulos de Artaxerxes o Assírio, e com Amenófis, o nome do faraó em cuja homenagem construiu-se, em Tebas, a famosa estátua negra cantadora. Os primeiros raios do sol esquentavam a pedra oca e faziam com que o ar do interior se expandisse e saísse pela estreita garganta.

3. Aquiles é aceitável, mitologicamente, em seu ciclo de nascimento, juventude e morte, como o antigo rei sagrado pelasgo, destinado a se transformar no herói oracular “sem lábios”. Seu adversário mítico tinha vários nomes, tais como Heitor, Páris e Apolo. Neste caso, trata-se de Mêmnon, filho de Cissia. O duelo de Aquiles com Mêmnon, cada um deles apoiado por sua mãe, estava gravado no Cofre de Cípselo (Pausânias: V. 19. 1) e no trono de Apolo em Amiclas (Pausânias: III. 18. 7), além de figurar num grande grupo realizado pelo pintor Lício, que os habitantes de Apolônia lhe dedicaram em Olímpia (Pausânias: V. 22. 2). Os dois representam o rei sagrado e seu sucessor: Aquiles, filho da deusa do mar, Espírito luminoso do Ano Crescente; e Mêmnon, filho da deusa Hera,[b] Espírito tenebroso do Ano Minguante, a quem está consagrada a videira dourada. Eles se matam um ao outro alternadamente, nos solstícios de inverno e de verão. O rei morre sempre em consequência de uma ferida no calcanhar, e seu sucessor é decapitado com uma espada. É nesse antigo sentido que Aquiles, incorrompido pelo comportamento escandaloso dos comandantes aqueus e dórios que usurparam o seu nome, era venerado como herói em muitos lugares; e a história não homérica da traição de que foi objeto Polixena, que lhe arrancou o segredo do calcanhar vulnerável, posta-o junto a Llew Llaw, Cuchulain, Sansão e outros heróis da Idade do Bronze, que gozavam da mais honesta reputação. Assim, é provável que sua luta com Pentessileia tenha sido do mesmo tipo daquela que travou seu pai Peleu com Tétis (vide 81. *k*). O receptor

da mensagem enviada de Leuce — que agora é uma ilha-penitenciária romena sem árvores — por Helena foi o poeta Estesícoro (vide 31. *9* e 159. *1*).

4. Devido ao fato de que Mêmnon chegou do Oriente para ajudar Príamo, ele foi chamado de "filho de Eos" ("alvorada") e, como necessitava de um pai, Titono, o amante de Eos, pareceu ser a escolha mais natural (vide 40. *c*). Uma luta no solstício de inverno entre meninas disfarçadas de aves, registrada por Ovídio, é a explicação mais provável das Memnônidas, e não que tenham sido encarnações fantásticas de faíscas que se levantavam de um cadáver colocado na pira funerária; originalmente, a luta deveria se dar pelo cargo de suma sacerdotisa, ao estilo líbio (vide 8. *1*).

5. Aquiles, compreendido como rei sagrado de Olímpia, era chorado após o solstício de verão, quando se celebravam, em sua homenagem, os jogos fúnebres olímpicos. Seu sucessor, localmente chamado de "Cronos", era pranteado depois do solstício de inverno (vide 138. *4*). Nas Ilhas Britânicas, essas festas caíam respectivamente no dia de Lammas[c] e no dia de Santo Estêvão; e, embora o cadáver da garriça de crista dourada, o pássaro de Cronos, ainda seja levado em procissão pelos distritos rurais no dia de Santo Estêvão, as Memnônidas britânicas "suspiram e soluçam" somente pelo tordo, e não por sua vítima, a garriça: ou seja, choram pelo sucessor e não pelo rei sagrado.

6. O templo de herói de Aquiles em Creta deve ter sido construído por imigrantes pelasgos, embora o plátano seja uma árvore cretense. Dado que a folha do plátano representava a mão verde de Reia, Aquiles talvez tenha sido chamado de Pempto ("quinto") para ser identificado como Acesidas, o quinto de seus Dáctilos, ou seja, o dedo mindinho oracular, assim como Hércules foi identificado como o primeiro, o viril polegar (vide 53. *1*).

7. A videira de ouro de Príamo, com a qual ele subornou Titono para enviar Mêmnon, parece ter sido aquela que Zeus deu a Tros em compensação pelo rapto de Ganimedes (vide 29. *b*).

NOTAS

[a] Trata-se da ilha hoje conhecida como Ilha das Serpentes, objeto de disputa entre a Romênia e a Ucrânia. (N.T.)

[b] Trata-se, aqui, da planta da família das araliáceas, do latim *hedera*. Cf. Hera, esposa de Zeus. (N.T.)

[c] Entre os anglo-saxões, o primeiro dia de agosto (*loaf-mass day*), em que se celebrava um festival de origem pré-cristã dedicado à primeira colheita do trigo naquele ano. Certamente relacionado à festa gaélica Lughnasadh. (N.T.)

[1] Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* I. 18 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* V. 1-2; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Pausânias: III. 26. 7.

[2] Eustácio sobre Homero: p. 1.696; Apolodoro: *loc. cit*.; Rawlinson: *Excidium Troiae*.

[3] Apolodoro: I. 8. 6; Homero: *Ilíada* II. 212 *et seq*., com escoliasta sobre 219; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 999.

[4] Tzetzes: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 495; Trifiodoro: 37; Arctino de Mileto: *Aethiopis*, citado por Proclo: *Crestomatia* 2; Pausânias: X. 31. 1 e V. 11. 2.

[5] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 995.

[6] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 493; Apolodoro: III. 12. 4 e *Epítome* V. 3.

[7] Diodoro Sículo: II. 22; Pausânias: I. 42. 2; Heródoto: V. 54; Estrabão: XV. 3. 2; Ésquilo, citado por Estrabão: *loc. cit*.

[8] Diodoro Sículo: *loc. cit*.; Pausânias: X. 31. 2; Ovídio: *Amores* I. 8. 3-4; Homero: *Odisseia* XI. 522; Arctino, citado por Proclo: *Crestomatia* 2.

[9] Dictys Cretensis: IV. 4.

[10] Apolodoro: *Epítome* V. 3; Píndaro: *Odes píticas* VI. 28 *et seq*.

[11] Apolodoro: I. 9. 9 e III. 10. 8; Homero: *Odisseia* III. 452; Higino: *Fábula* 252; Filóstrato: *Heroica* III. 2.

[12] Homero: *Odisseia* III. 112; XXIV. 17 e *Ilíada* XXXIII. 556; Eustácio sobre Homero: p. 1.697.

[13] Homero: *Odisseia* XXIV. 16 e 78; Pausânias: III. 19. 11.

[14] Dictys Cretensis: IV. 5; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* III. 224 *et seq*.; Filóstrato: *Imaginações* II. 7; Ésquilo: *Psicostasia*, citado por Plutarco: *Como um jovem deve escutar a poesia* 2.

[15] Dictys Cretensis: IV. 6; Filóstrato: *Heroica* III. 4.

[16] Diodoro Sículo: II. 22; Estrabão: XIII. 1. 11.

[17] Apolodoro: III. 12. 4; Arctino de Mileto: *Aethiopis*, citado por Proclo: *Crestomatia* 2; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 578 *et seq*.

[18] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio I. 755 e 493; Pausânias: X. 31. 2; escoliasta sobre *As nuvens* de Aristófanes: 622.

[19] Dictys Cretensis: VI. 10

[20] Simônides, citado por Estrabão: XV. 3. 2; Pausânias: III. 3. 6 e I. 42. 2.

[21] Arctino de Mileto: *Aethiopis*, citado por Proclo: *Crestomatia* 2; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 580 *et seq*.; Higino: *Fábula* 107; Apolodoro: *Epítome* V. 3.

[22] Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* V. 4; Homero: *Odisseia* XXIV. 42.

[23] Rawlinson: *Excidium Troiae*; Dares: 34; Dictys Cretensis: IV. 11; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VI. 57; Segundo Mitógrafo do Vaticano: 205.

[24] Dictys Cretensis: IV. 10-13; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 322; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 269.

[25] Quinto Esmírneo: III. 766-780; Apolodoro: *Epítome* V. 5; Dictys Cretensis: IV. 13-14; Tzetzes: *Pós-homérica* 431-467; Homero: *Odisseia* XXIV. 43-84.

[26] Estrabão: XI. 2. 6; Arctino de Mileto: *Aethiopis*, citado por Proclo: *Crestomatia* 2; Apolodoro: *loc. cit*.

[27] Pausânias: III. 19. 11; Filóstrato: *Heroica* XX. 32-40.

[28] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 143 e 174; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 34.

[29] Homero: *Odisseia* XI. 471-540; Ibico, citado por escoliasta sobre Apolônio de Rodes: IV. 815; Apolodoro: *loc. cit*.

[30] Filóstrato: *Heroica* XIX. 14; Pausânias: VI. 23. 2 e III. 20. 8.

ÁJAX DEFENDENDO O CORPO DE PÁTROCLO,
escultura em mármore de Mikhail Kozlovskiy
São Petersburgo, Rússia

165

A LOUCURA DE ÁJAX

Quando Tétis decidiu conceder as armas de Aquiles ao mais valente grego que permanecesse vivo diante de Troia, somente Ájax e Odisseu, que haviam defendido juntos o cadáver,[1] atreveram-se a reclamá-las. Dizem que Agamênon, que antipatizava com toda a Casa de Éaco, rejeitou as pretensões de Ájax e repartiu as armas entre Menelau e Odisseu, cuja boa vontade ele tinha em alta conta.[2] Outros dizem que ele evitou o aborrecimento de tomar uma decisão, submetendo o caso à assembleia dos líderes gregos, que resolveram o assunto numa votação secreta; ou que ele o encaminhou aos cretenses e outros aliados; ou que obrigou seus prisioneiros troianos a declararem qual dos candidatos lhes impingira mais prejuízo.[3] Mas a verdade é que, enquanto Ájax e Odisseu continuavam competindo em jactâncias a respeito de suas façanhas, Nestor aconselhou Agamênon a enviar espiões durante a noite para escutarem, ao pé das muralhas de Troia, a opinião imparcial dos inimigos sobre o assunto. Os espiões ouviram o que umas moças conversavam entre si: quando uma delas elogiou Ájax por ter retirado o cadáver de Aquiles do campo de batalha em meio a uma tempestade de armas, a outra, instigada por Atena, replicou: “Que bobagem! Até mesmo uma escrava teria feito o mesmo se alguém pusesse o cadáver sobre os seus ombros; mas ponha armas na mão dela, e verá como ela ficará demasiado assustada para as empregar. Odisseu, e não Ájax, suportou o ímpeto do nosso ataque.”[4]

b. Agamênon, assim, concedeu as armas a Odisseu. Ele e Menelau, é claro, nunca teriam se atrevido a insultar Ájax daquela maneira se Aquiles ainda estivesse vivo, pois Aquiles tinha o seu valente primo na mais alta estima. Foi o próprio Zeus quem provocou a briga.[5]

c. Emudecido de raiva, Ájax decidiu vingar-se de seus compatriotas gregos naquela mesma noite, mas Atena o enlouqueceu e fez com que se lançasse, empunhando a espada, contra as vacas e ovelhas capturadas das fazendas troianas como parte da pilhagem comum. Após uma grande carnificina, ele acorrentou os animais sobreviventes e os levou ao acampamento, onde continuou a matança. Escolheu dois carneiros de patas brancas, cortou a cabeça e a língua de um deles, confundindo-o com Agamênon ou Menelau, e amarrou o outro a uma coluna, onde o açoitou com um cabresto de cavalo, proferindo insultos e chamando-o de pérfido Odisseu.[6]

d. Finalmente, ele recobrou o juízo e, totalmente desesperado, chamou Eurísaco, o filho que tivera com Tecmessa, e entregou-lhe o enorme escudo sétuplo do qual ele havia recebido seu nome.

— O restante das minhas armas irá para o túmulo comigo — disse.

Teucro, o meio-irmão de Ájax e filho de Hesíone, irmã cativa de Príamo, encontrava-se por acaso na Mísia, mas Ájax lhe deixou uma mensagem designando-o como guardião de Eurísaco, a quem ele devia levar para a casa de seus avós Télamon e Euribeia em Salamina. Então, após dizer a Tecmessa que aplacaria a ira de Atena banhando-se na água do mar e encontrando um pedaço de terra inexplorada em que pudesse enterrar com segurança a espada, ele partiu, decidido a acabar com a própria vida.

e. Ele cravou a espada — a mesma espada que Heitor lhe dera em troca do boldrié purpúreo — na terra, com a ponta para cima, e, depois de pedir a Zeus que contasse a Teucro onde seu cadáver poderia ser encontrado; a Hermes que conduzisse sua alma aos Campos de Asfódelos; e às Erínias que o vingassem, ele se arremessou sobre ela. A espada, repugnando sua tarefa, dobrou-se como um arco e já havia amanhecido quando ele por fim logrou suicidar-se, guiando a ponta da espada para o seu ponto vulnerável: a axila.[7]

f. Enquanto isso, Teucro, de regresso da Mísia, escapou por um triz de ser morto pelos gregos, indignados que estavam com a matança de seu gado. Calcante, que não tinha o dom de profetizar suicídios, chamou Teucro num canto e o aconselhou a confinar Ájax em sua tenda, pois ele havia sido enlouquecido pela ira de Atena. Podalírio, filho de Asclépio, concordou; ele era um médico tão bom quanto o seu irmão, o cirurgião Macáon, e o primeiro a ter diagnosticado a loucura de Ájax pelo brilho de seus olhos.[8] Mas Teucro simplesmente meneou a cabeça, pois Zeus já o havia informado da morte de seu irmão, e saiu entristecido, na companhia de Tecmessa, para procurar o cadáver.

g. Ájax jazia estendido numa poça de sangue, e Teucro sentiu que estava prestes a desmaiar. Como ele poderia voltar a Salamina e encarar o seu pai Télamon? Enquanto estava lá, de pé, arrancando os cabelos, Menelau apareceu e

o proibiu de enterrar Ájax, que deveria ficar à mercê dos vorazes milhafres e dos piedosos abutres. Teucro lhe disse que não se metesse em seus assuntos e, deixando Eurísaco vestido de suplicante, estendendo mechas de seu cabelo, do de Teucro e do de Tecmessa, para assim preservar o cadáver de Ájax — que Tecmessa havia coberto com sua túnica —, apresentou-se enfurecido diante de Agamênon. Odisseu interveio na discussão que se seguiu e não só instou Agamênon a autorizar o rito funerário, como também se ofereceu para ajudar Teucro na sua realização. Teucro não aceitou, embora tenha agradecido a gentileza de Odisseu. Finalmente, Agamênon, aconselhado por Calcante, permitiu que Ájax fosse enterrado num ataúde de suicida no cabo Reteo, em vez de ser cremado numa pira como se houvesse tombado honrosamente durante a batalha.[9]

h. Há quem afirme que a causa da briga entre Ájax e Odisseu fora a posse do Paládio, e que ela irrompeu após a queda de Troia.[10] Outros negam que Ájax tenha se suicidado e dizem que, como era invulnerável ao aço, os troianos, aconselhados por um oráculo, mataram-no com torrões de argila. Mas talvez se tratasse de algum outro Ájax.[11]

i. Depois, quando Odisseu visitou os Campos de Asfódelos, Ájax foi a única alma que permaneceu distante dele, recusando suas desculpas, segundo as quais Zeus havia sido o responsável por esse desafortunado incidente. Nesse ínterim, Odisseu havia oferecido prudentemente as armas a Neoptólemo, filho de Aquiles, embora os eólios, que se estabeleceram mais tarde em Troia, digam que ele as perdera num naufrágio quando voltava para casa e que Tétis conseguira fazer com que as ondas as depositassem junto à tumba de Ájax, em Reteo. Durante o reinado do imperador Adriano, as marés altas abriram a tumba e descobriu-se que seus ossos eram descomunais, as rótulas tão grandes quanto os discos que os meninos utilizam no pentatlo. Por ordem do imperador, eles voltaram a ser imediatamente enterrados.[12]

j. Os habitantes de Salamina dizem que, quando Ájax morreu, surgiu uma flor nova em sua ilha: branca, com um matiz vermelho, menor que um lírio e, como o jacinto, com letras que diziam “Ai! Ai!”. Mas, em geral, acredita-se que a nova flor brotou do sangue de Ájax quando ele caiu, pois as letras também querem dizer Aias Aiacides — “Ájax o Eácida”. Na praça do mercado de Salamina, há um templo de Ájax com uma imagem de ébano e, não muito longe do porto, ainda pode ser visto um bloco arredondado sobre o qual se sentou Télamon para contemplar o navio que levou seus filhos para Áulis.[13]

k. Teucro finalmente voltou para Salamina, mas Télamon o acusou de fratricídio de segundo grau, pois não havia apoiado a demanda de Ájax sobre as armas em disputa. Ele foi proibido de desembarcar e teve que se defender de

dentro de seu barco enquanto os juízes o escutavam às margens do mar; o próprio Télamon vira-se obrigado a fazer o mesmo por seu pai, Éaco, quando foi acusado de ter assassinado seu irmão Foco. E, assim como Télamon havia sido declarado culpado e desterrado, também o foi Teucro, baseando-se na acusação de não ter trazido de volta nem os restos mortais de Ájax, nem Tecmessa, nem Eurísaco, o que demonstrava a sua negligência. Ele foi para Chipre, onde, com a ajuda de Apolo e a permissão do rei sidônio Belo, fundou a outra Salamina.[14]

l. Os atenienses honram Ájax como um de seus heróis epônimos e insistem que Fileu, filho de Eurísaco, tornou-se cidadão ateniense e cedeu a eles a soberania de Salamina.[15]

1. Aqui, o elemento mitológico é escasso. Ájax talvez tenha aparecido em algum ícone cipriota amarrando o carneiro a uma coluna, não por ter enlouquecido, mas porque essa era uma forma de sacrifício trazida de Creta e introduzida em Chipre (vide 39. *2*).

2. O jacinto de Homero é a espora azul — *hyacinthos grapta* — que tem na base de suas pétalas marcas parecidas com as letras gregas primitivas *AI*; essa flor era também consagrada ao Jacinto cretense (vide 21. *8*).

3. Os ossos de Ájax que Adriano ordenou que fossem enterrados de novo, como os de Teseu (vide 104. *i*), provavelmente pertenciam a algum herói muito mais antigo. Pisístrato utilizou a suposta relação de Ájax com a Ática para reivindicar a soberania da ilha de Salamina, anteriormente exercida por Mégara, e diz-se que reforçou sua reivindicação inserindo versos falsificados (vide 163. *1*) no cânone homérico (*Ilíada* II. 458-559; Aristóteles: *Retórica* I. 15; Plutarco: *Sólon* 10). *Aia* é uma forma antiga de *gaia* (“terra”), e *aias* (“Ájax”) teria significado “camponês”.

4. Matar um homem com torrões de argila, em vez de fazê-lo com espadas, era um método primitivo de evitar a culpa de sangue. Portanto, o assassinato desse outro Ájax deve ter sido obra de seus parentes, e não do inimigo troiano.

5. Que Odisseu e Ájax tenham disputado a posse do Paládio é importante do ponto de vista histórico, mas Sófocles confundiu, descuidadamente, Ájax o Grande com Ájax o Pequeno (vide 166. *2*).

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* XI. 543 *et seq*.; *Argumento* do *Ájax* de Sófocles.

[2] Higino: *Fábula* 107.

[3] Píndaro: *Odes nemeeias* VIII. 26 *et seq*.; Ovídio: *As metamorfoses* XII. 620 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* V. 6; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 547.

[4] Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por escoliasta sobre os *Cavaleiros* de Aristófanes: 1.056.

[5] Homero: *Odisseia* XI. 559-560.

[6] Sófocles: *Ájax*, com *Argumento*; Zenóbio: *Provérbios* I. 43.

[7] Sófocles: *Ájax*; Ésquilo, citado por escoliasta sobre *Ájax*: 833 e sobre a *Ilíada*: XXIII. 821; Arctino de Mileto: *Aethiopis*, citado por escoliasta sobre as *Odes ístmicas* de Píndaro: III. 53.

[8] Arctino: *Saque de Ilion*, citado por Eustácio sobre a *Ilíada* de Homero: XIII. 515.

[9] Apolodoro: *Epítome* V. 7; Filóstrato: *Heroica* XIII. 7.

[10] Dictys Cretensis: V. 14-15.

[11] *Argumento* do *Ájax* de Sófocles.

[12] Homero: *Odisseia* XI. 543 *et seq*.; Pausânias: I. 35. 3; Filóstrato: *Heroica* I. 2.

[13] Pausânias: I. 35. 2-3; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 382 *et seq*.

[14] Pausânias: I. 28. 12 e VIII. 15. 3; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio I. 619; Píndaro: *Odes nemeeias* IV. 60; Ésquilo: *Persas* I. 35. 2 e 5. 2.

[15] Heródoto: VI. 35; Pausânias: I. 35. 2; Plutarco: *Sólon* XI.

166

OS ORÁCULOS DE TROIA

Tão logo Aquiles morreu, os gregos começaram a entrar em desespero. Calcante então profetizou que Troia não poderia ser tomada a não ser com a ajuda do arco e das flechas de Hércules. Por conseguinte, Odisseu e Diomedes foram enviados a Lemnos para apanhá-los com Filoctetes, em poder de quem se achavam naquele momento.[1]

b. Reza a lenda que Fímaco, pastor do rei Áctor e filho de Dolofião, havia abrigado Filoctetes e cuidado de sua ferida fétida nos últimos dez anos. Outros afirmam que alguns dos soldados melibeus de Filoctetes haviam se estabelecido perto dele em Lemnos, e que os Asclepíades já o haviam curado com terra de Lemnos antes que chegasse a delegação; ou que Pílio, ou Pélio, filho de Hefesto, o havia feito. Diz-se que Filoctetes conquistou então certas ilhotas situadas diante da costa troiana para o rei Euneu, desalojando a população cária, favor retribuído por Euneu com a concessão do distrito de Acesa em Lemnos.[2] Assim, conforme se diz, Odisseu e Diomedes não precisavam seduzir Filoctetes com ofertas de tratamento médico; ele foi-se voluntariamente com eles, levando arco e flechas, com o propósito de ganhar a guerra para os gregos e angariar os louros da vitória. Segundo outra versão, a delegação o encontrou morto há tempos, em consequência da ferida, e convenceu seus herdeiros a lhes emprestar o arco.[3]

c. Mas a verdade é que Filoctetes havia permanecido em Lemnos, sofrendo de terríveis dores até que Odisseu, ludibriando-o, fez com que ele entregasse o arco e as flechas. Mas Diomedes (e não Neoptólemo, como alguns equivocadamente acreditam) negou-se a ver-se envolvido no roubo e aconselhou Filoctetes a exigir a devolução de suas armas. Então o deus Hércules interveio:

— Vá com eles a Troia, Filoctetes, e enviarei um Asclepíada para curá-lo, pois Troia deve cair pela segunda vez com as minhas flechas. Você será

escolhido entre os gregos como o mais temerário combatente. Você matará Páris, participará do saque de Troia e enviará os espólios para casa, reservando ao seu pai, Peante, o melhor quinhão. Mas lembre-se: você não deve tomar Troia sem Neoptólemo, filho de Aquiles, nem ele poderá fazê-lo sem ti![4]

d. Filoctetes obedeceu e, ao chegar ao acampamento grego, foi banhado com água fresca e instalado no templo de Apolo. Enquanto dormia, o cirurgião Macáon extirpou-lhe a carne pútrida da ferida, verteu vinho sobre ela, aplicou-lhe ervas curativas e a pedra serpentina. Segundo algumas versões, teria sido Podalírio, o médico irmão de Macáon, quem dispensou-lhe tais cuidados.[5]

e. Filoctetes mal havia se recuperado quando desafiou Páris a um combate de arco e flecha. A primeira flecha que ele disparou passou longe do alvo, a segunda atingiu Páris na mão que sustentava o arco, a terceira cegou-lhe o olho direito e a quarta atingiu-lhe o calcanhar, ferindo-o mortalmente. Apesar de Menelau ter tentado matar Páris, ele conseguiu sair arquejando do campo de batalha e refugiar-se em Troia. Naquela noite, os troianos levaram-no ao monte Ida, onde suplicou à sua amante anterior, a ninfa Enone, que o curasse. Ela, contudo, movida por um ódio inveterado por Helena, negou-se cruelmente com um gesto da cabeça e ele foi levado de volta para morrer. Logo depois, Enone se arrependeu e correu até Troia com um cesto cheio de drogas curativas, mas o encontrou já morto. Tomada de aflição, ela se lançou do alto da muralha, ou se enforcou, ou morreu queimada na pira junto com ele; ninguém sabe ao certo como se deu a morte de Enone. Há quem justifique sua atitude com o argumento de que teria curado Páris de imediato se o seu pai não a houvesse impedido; que se viu obrigada a esperar que ele saísse de casa antes de levar as drogas e, então, chegou demasiado tarde.[6]

f. Heleno e Deífobo brigaram então pela mão de Helena. Príamo apoiava Deífobo, baseando-se no fato de ter ele demonstrado maior valentia; mas, embora seu casamento com Páris houvesse sido arranjado pelos deuses, Helena não podia esquecer que continuava sendo rainha de Esparta e esposa de Menelau. Certa noite, uma sentinela a surpreendeu tentando descer por uma corda da muralha, com o propósito de escapar. Levaram-na para Deífobo, que se casou com ela à força, para o grande desprazer dos demais troianos. Heleno abandonou imediatamente a cidade e foi viver com Arisbe nas encostas do monte Ida.[7]

g. Ao tomar conhecimento, por intermédio de Calcante, de que somente Heleno conhecia os oráculos secretos que protegiam Troia, Agamênon mandou Odisseu interceptá-lo e trazê-lo ao acampamento grego. O destino fez com que Heleno se achasse como hóspede de Crises no templo de Apolo Timbreu quando Odisseu chegou atrás dele, e mostrou-se bastante disposto a revelar os oráculos,

sob a condição de que lhe fosse concedido um lar seguro em algum país distante. Ele explicou que havia abandonado Troia não por temer a morte, mas porque nem ele nem Eneias podiam perdoar o assassinato sacrílego de Aquiles cometido por Páris naquele próprio templo, pelo qual ainda não havia sido oferecida nenhuma compensação a Apolo.[8]

h. — Que assim seja. Não oculte nada, e garantirei sua vida e sua segurança — disse-lhe Odisseu.

— Os oráculos são claros e concisos — respondeu Heleno. — Troia cairá neste verão caso um certo osso de Pélope seja levado ao seu acampamento; e, ainda, caso Neoptólemo entre no campo de batalha; e caso o Paládio de Atena seja roubado da cidadela, pois, enquanto ali permanecer, não será possível abrir uma brecha nas muralhas.[9]

Agamênon enviou imediatamente mensageiros a Pisa em busca da omoplata de Pélope. Enquanto isso, Odisseu, Fênix e Diomedes zarparam para Ciros, onde convenceram Licômedes a deixar Neoptólemo — segundo algumas versões, ele tinha então apenas doze anos de idade — ir para Troia. A alma de Aquiles apareceu-lhe à sua chegada e ele, em seguida, distinguiu-se tanto nas reuniões do conselho como na guerra, de maneira que Odisseu entregou-lhe, com grande contentamento, as armas de Aquiles.[10]

i. Eurípilo, filho de Télefo, reforçou os troianos com um exército de mísios, e Príamo, que havia oferecido à sua mãe, Astíoque, uma vinha de ouro caso o deixasse partir, tornou-se noivo de Cassandra. Eurípilo demonstrou ser um combatente resoluto e matou o cirurgião Macáon. Esse é o motivo pelo qual, no templo de Asclépio, em Pérgamo, onde todos os serviços religiosos começam com um hino de louvor a Télefo, não pode ser pronunciado, de maneira alguma, o nome de seu filho Eurípilo. Nestor levou para Pilos os restos mortais de Macáon e os doentes são curados no templo de Gerânia; sua estátua de bronze engrinaldada domina o lugar sagrado chamado “A Rosa”. Eurípilo foi morto por Neoptólemo.[11]

j. Pouco antes da queda de Troia, as dissensões entre os filhos de Príamo se tornaram tão brutais que ele autorizou Antenor a negociar os termos da paz com Agamênon. À sua chegada ao acampamento grego, Antenor, pelo ódio que sentia por Deífobo, concordou em entregar traiçoeiramente o Paládio e a cidade a Odisseu; seu preço foi o título de rei e a metade do tesouro de Príamo. Ele disse a Agamênon que se podia contar também com a ajuda de Eneias.[12]

k. Juntos, eles conceberam um plano e, para realizá-lo, Odisseu pediu a Diomedes que o açoitasse impiedosamente; então, manchado de sangue, sujo e coberto de farrapos, ele obteve permissão para entrar em Troia como um escravo fugitivo. Só Helena o reconheceu, apesar do disfarce, mas, ao interrogá-lo em

particular, ele a enganou com respostas evasivas. Não obstante, ele foi incapaz de recusar um convite para ir à sua casa, onde ela o banhou, o ungiu e o vestiu com roupas finas. Depois que Odisseu teve sua identidade revelada, Helena jurou solenemente que não o denunciaria aos troianos — até então, ela havia confiado apenas em Hécabe — se ele lhe revelasse todos os detalhes de seu plano. Helena explicou que ela era mantida prisioneira em Troia e que desejava voltar à sua pátria. Naquele momento, entrou Hécabe. Odisseu atirou-se aos seus pés, chorando de terror, e suplicou-lhe que não o denunciasse. Surpreendentemente, ela concordou. Odisseu regressou em seguida, guiado por Hécabe, e chegou a salvo e levando muitas informações ao lugar onde se achavam seus amigos, alegando ter matado vários troianos que não quiseram abrir-lhe os portões.[13]

l. Há quem diga que, nessa ocasião, Odisseu roubou o Paládio sozinho. Outros dizem que ele e Diomedes, por serem os favoritos de Atenas, haviam sido escolhidos para fazê-lo, e que eles subiram à cidadela por um túnel estreito e lamacento, mataram os guardas que dormiam e, juntos, se apoderaram da imagem que a sacerdotisa Teano, esposa de Antenor, entregou-lhes voluntariamente.[14] Entretanto, a versão mais corrente reza que Diomedes escalou a muralha sobre os ombros de Odisseu, pois a escada era curta, e entrou sozinho em Troia. Quando reapareceu trazendo nos braços o Paládio, os dois regressaram juntos ao acampamento sob a pálida luz do plenilúnio. Mas Odisseu almejava toda a glória para si. Ele se pôs atrás de Diomedes, que levava a imagem amarrada aos ombros, e o teria matado se Diomedes não tivesse observado a sombra da sua espada, pois a lua ainda estava baixa no firmamento. Ele se virou, desembainhou a espada, desarmou Odisseu, atou-lhe as mãos e o levou para os navios aos pontapés e safanões. Daí a expressão “coação de Diomedes”, com frequência aplicada àqueles cujas ações são executadas à força.[15]

m. Os romanos alegam que Odisseu e Diomedes levaram apenas uma réplica do Paládio, que era exibida publicamente, e que Eneias, durante a queda de Troia, resgatou a imagem autêntica, camuflou-a no resto de sua bagagem sagrada e a levou em segurança para a Itália.[16]

1. Tudo isso é puro romance ou drama, à exceção do roubo do Paládio, da misteriosa negativa de Hécabe em denunciar Odisseu (vide 168. *5*) e da morte de Páris em consequência de uma ferida no tornozelo (vide 92. *10*; 126. *3* e 164. *j*).

A omoplata de Pélope era provavelmente feita de marfim de toninha (vide 109. *5*). A versão em que Filoctetes morre envenenado pelas flechas de Hércules mergulhadas no sangue da Hidra parece ser a mais antiga (vide 162. *l*).

2. Pausânias relata (V. 13. 3): “Quando os gregos retornaram de Troia, o navio que transportava a omoplata de Pélope afundou em frente à Eubeia, durante uma tempestade. Muitos anos depois, um pescador eritreu, chamado Damármeno (‘domador de velas’), recolheu com sua rede um osso tão descomunal que ele o escondeu na areia enquanto foi perguntar ao Oráculo de Delfos de quem era aquele colosso e o que deveria fazer com ele. Apolo organizou a chegada, naquele mesmo dia, de uma delegação eleia em busca do remédio para uma peste. A pitonisa respondeu aos eleus: ‘Recuperem a omoplata de Pélope.’ E a Damármeno ela disse: ‘Entregue o osso aos emissários.’ Os eleus o recompensaram a contento, fazendo da custódia do osso uma tradição em sua casa. O osso já não podia mais ser visto quando visitei a Élida; sem dúvida, o tempo e a ação da água do mar o haviam convertido em pó.”

NOTAS

[1] Apolodoro: *Epítome* V. 8; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911; Sófocles: *Filoctetes* I *et seq*.

[2] Higino: *Fábula* 102; Eustácio sobre Homero: p. 330; Ptolomeu Hefestionos: VI, citado por Fócio: p. 490; Filóstrato: *Heroica* 5.

[3] Ptolomeu Hefestionos: V, citado por Fócio: p. 486; Pausânias: I. 22. 6.

[4] Apolodoro: *loc. cit*.; Filóstrato: *loc. cit*. e *Filoctetes* 915 *et seq*. e 1.409 *et seq*.

[5] Orfeu e Dionísio, citados por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911; Apolodoro: *loc. cit*.

[6] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 61-62, 64 e 911; Lesques: *Pequena Ilíada*; Apolodoro: III. 12. 6.

[7] Apolodoro: *Epítome* V. 9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 143 e 168; Eurípides: *As troianas* 955-960; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 166.

[8] Apolodoro: *Epítome* V. 9-10; Sófocles: *Filoctetes* 606; Orfeu, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911; Dictys Cretensis: IV. 18.

[9] Sófocles: *Filoctetes* 1.337-1.342; Apolodoro: *loc. cit*.; Tzetzes: *loc. cit.*

[10] Apolodoro: *Epítome* V. 11; Pausânias: V. 13. 3; Homero: *Odisseia* XI. 506 *et seq*.; Filóstrato: *Imaginações* 2; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* VI. 57-113 e VII. 169-430; Rawlinson: *Excidium Troiae*; Lesques: *loc. cit*.

[11] Escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XI. 520; Dictys Cretensis: IV. 14; *Pequena Ilíada*, citada por Pausânias: III. 26. 7; Apolodoro: *Epítome* V. 12.

[12] Dictys Cretensis: VI. 22 e V. 8.

[13] Eurípides: *Hécabe* 239-250; Homero: *Odisseia* IV. 242 *et seq*.; Lesques: *loc. cit*.

[14] Apolodoro: *Epítome* V. 13; Sófocles: *Fragmento* 367; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 166; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: VI. 311; Suidas *sub* Paládio; Johannes Malalas: *Chronographica* V, p. 109, ed. Dindorf; Dictys Cretensis: V. 5 e 8.

[15] Conon: *Narrações* 34; Sérvio: *loc. cit.*

[16] Dionísio de Halicarnasso: I. 68 *et seq*.; Ovídio: *Os fastos* VI. 434.

167

O CAVALO DE MADEIRA

Atena inspirou Prílis, filho de Hermes, a sugerir que a melhor maneira de entrar em Troia seria com um cavalo de madeira; e Epeu, filho de Panopeu, um fócio do Parnaso, ofereceu-se voluntariamente para construir um sob a supervisão de Atena. É claro que, depois, todo o mérito desse estratagema foi atribuído a Odisseu.[1]

b. Epeu havia levado trinta navios desde as Cíclades até Troia. Ele desempenhava o ofício de carregador de água na casa de Atreu, assim como surge retratado no friso do templo de Apolo em Carteia e, apesar de bom pugilista e artesão consumado, ele nascera covarde, como castigo divino por haver seu pai faltado com a palavra, pois Panopeu havia jurado falsamente em nome de Atena que não desfalcaria nenhuma parte da pilhagem táfia obtida por Anfitrião. A covardia de Epeu tornou-se desde então proverbial.[2]

c. Ele construiu um enorme cavalo oco com pranchas de pinheiro, com um alçapão em um dos flancos e grandes letras gravadas no outro, que o consagravam a Atena: "Agradecendo de antemão o regresso seguro aos seus lares, os gregos dedicam esta oferenda à Deusa."[3] Odisseu convenceu os mais valentes dentre os gregos a subir no cavalo, completamente armados, por meio de uma escada de cordas, e a entrar pelo alçapão no ventre de madeira. O número de homens varia segundo as versões: vinte e três, mais de trinta, cinquenta e, por mais absurdo que pareça, até três mil. Dentre eles figuravam Menelau, Odisseu, Diomedes, Estênelo, Acamante, Toante e Neoptólemo. Adulado, ameaçado e subornado, Epeu uniu-se ao grupo. Subiu por último, recolheu a escada de cordas e, como era o único que sabia manejar o alçapão, sentou-se do lado da tranca.[4]

d. Ao anoitecer, os gregos restantes, que se encontravam sob o comando de Agamênon, seguiram as instruções de Odisseu, que consistiam em incendiar seu acampamento, lançar-se ao mar e esperar em frente a Tênedos e às ilhas Calídnias até a noite seguinte. Apenas Sínon, primo-irmão de Odisseu e neto de Autólico, ficou para trás para acender uma fogueira que indicasse o seu regresso.[5]

e. Ao amanhecer, os exploradores troianos informaram que o acampamento grego estava reduzido a cinzas e que seu exército havia ido embora deixando um cavalo gigantesco no litoral. Príamo e vários de seus filhos saíram para comprovar a notícia e, assombrados, estacaram, contemplando-o. Timetes foi o primeiro a romper o silêncio:

— Posto que se trata de um presente para Atena — disse ele —, proponho que o introduzamos em Troia e o façamos subir até a cidadela.

— Não, não! — exclamou Cápis. — Atena favoreceu os gregos por tempo demasiado; devemos queimá-lo imediatamente ou abri-lo para ver o conteúdo de seu ventre.

— Timetes tem razão — declarou Príamo. — Nós o arrastaremos sobre toras para que ninguém profane a propriedade de Atena.

O cavalo revelou ser largo demais para passar pelos portões. E, após ter atravessado a muralha por uma brecha, ele ficou atravancado quatro vezes. Com um esforço sobre-humano, os troianos conseguiram levá-lo para cima, até a cidadela, tendo ao menos a precaução de fechar a brecha na muralha. Seguiu-se outra discussão acalorada no momento em que Cassandra anunciou que o cavalo continha homens armados, tendo sido apoiada pelo adivinho Laocoonte, filho de Antenor, chamado por alguns erroneamente de irmão de Anquises, que os alertou, aos brados:

— Néscios! Jamais confiem num grego, ainda que lhes traga presentes.

Ao dizer isso, ele arremessou sua lança, que cravou, vibrando, no flanco do cavalo, fazendo com que, dentro dele, se entrechocassem as armas. Ergueram-se gritos e aclamações:

— Queimem-no! Atirem-no do alto das muralhas!

Mas os partidários de Príamo suplicaram:

— Deixem-no onde está.[6]

f. A discussão foi interrompida com a chegada de Sínon, que estava sendo conduzido, acorrentado, por um par de soldados troianos. Ao ser interrogado, ele declarou que Odisseu vinha há muito tempo tentando eliminá-lo por ele saber o segredo do assassinato de Palamedes. Acrescentou que os gregos estavam verdadeiramente fartos da guerra, e que já teriam voltado para casa meses antes se o contínuo mau tempo não os houvesse impedido. Apolo os havia

aconselhado a aplacar os ventos com sangue, como na ocasião em que tiveram de permanecer em Áulis. “De maneira que”, continuou Sínon, “Odisseu obrigou Calcante a dar um passo à frente e lhe pediu que nomeasse a vítima. Calcante não quis responder de imediato, e fez um retiro de dez dias, ao término dos quais, sem dúvida subornado por Odisseu, entrou na tenda onde se realizava o conselho e apontou para mim. Todos os presentes aceitaram de bom grado o veredicto, cada um deles aliviado por não ter sido escolhido como vítima propiciatória. Acorrentaram-me, mas um vento favorável começou a soprar e meus companheiros se apressaram a embarcar, e eu, aproveitando-me da confusão, fugi.”

g. Príamo, enganado, aceitou Sínon como suplicante e ordenou que fosse desacorrentado.

— Conte-nos agora sobre o cavalo — pediu ele, amavelmente.

Sínon explicou que os gregos haviam perdido o apoio de Atena, do qual dependiam, no momento em que Odisseu e Diomedes roubaram o Paládio de seu templo. Tão logo eles o levaram para o acampamento, as chamas envolveram três vezes a imagem e seus membros começaram a transpirar, como prova da ira da deusa. Diante disso, Calcante aconselhou Agamênon a zarpar de volta para casa e a reunir, na Grécia, uma nova expedição sob melhores auspícios, deixando o cavalo como oferenda para aplacar a deusa.

— Por que o fizeram tão grande? — perguntou Príamo.

Sínon, bem orientado por Odisseu, respondeu:

— Para impedir que o colocassem dentro da cidade. Calcante previra que, se vocês desprezassem essa imagem sagrada, Atena os destruiria; mas, uma vez dentro de Troia, vocês poderão reunir todas as forças da Ásia, invadir a Grécia e conquistar Micenas.[7]

h. — Mentiras — gritou Laocoonte —, e me parecem ter sido inventadas por Odisseu. Não acredite nele, Príamo! — E acrescentou: — Rogo-lhe, senhor, que me permita sacrificar um touro a Poseidon. Quando eu voltar, espero ver este cavalo de madeira reduzido a cinzas.

Cabe explicar que os troianos, nove anos antes, haviam matado, por lapidação, o seu sacerdote de Poseidon e decidiram não substituí-lo até que a guerra parecesse terminar. Eles então escolheram Laocoonte, por sorteio, para que propiciasse Poseidon. Ele já era o sacerdote de Apolo Timbreu, a quem ele havia irritado, casando-se e concebendo filhos, apesar do voto de celibato, e, o que era ainda pior, cometendo grave sacrilégio ao se unir à sua mulher, Antíope, diante da imagem do deus.[8]

i. Laocoonte se retirou para escolher uma vítima e preparar o altar, mas, como um aviso de que se aproximava a perdição de Troia, Apolo mandou duas

grandes serpentes marinhas chamadas Porces e Caribeia, ou Curíssia, ou Peribeia, precipitarem-se na direção de Troia a partir de Tênedos e das ilhas Calídnias.[9]

Elas chegaram à terra firme e, enroscando-se em Antifante e Timbreu (por alguns chamado de Melanto), os filhos gêmeos de Laocoonte, esmagaram-nos até a morte. Laocoonte correu para salvá-los, mas também morreu miseravelmente. As serpentes, então, saíram deslizando até a cidadela e, enquanto uma se enroscava nos pés de Atena, a outra se refugiou atrás de sua égide. Há quem diga, entretanto, que elas só mataram um dos filhos de Laocoonte, e que isso ocorreu dentro do templo de Apolo Timbreu, e não junto ao altar de Poseidon; outros dizem que Laocoonte escapou da morte.[10]

j. Esse terrível prodígio serviu para convencer os troianos de que Sínon havia dito a verdade. Príamo supôs equivocadamente que Laocoonte havia recebido o merecido castigo por haver disparado sua lança contra o cavalo, e não por haver insultado Apolo. Imediatamente, ele dedicou o cavalo a Atena e, embora os seguidores de Eneias tenham se retirado alarmados para as suas cabanas no monte Ida, quase todos os troianos de Príamo começaram a celebrar a vitória com banquetes e festins. As mulheres colheram flores nas margens do rio, adornaram com elas a crina do cavalo e estenderam um tapete floral ao redor de seus cascos.[11]

k. Enquanto isso, no ventre do cavalo, os gregos tremiam de medo e Epeu chorava em silêncio, num ataque de pânico. Só Neoptólemo não demonstrara emoção alguma, nem mesmo quando a ponta da lança de Laocoonte atravessou a madeira e quase atingiu-lhe a cabeça. De vez em quando, ele fazia sinais para Odisseu, que estava sob o comando deles, para que ordenasse o ataque, pegando ameaçadoramente na lança e na empunhadura de sua espada. Mas Odisseu não aprovava o ataque. Durante a tarde, Helena saiu do palácio e deu três voltas ao redor do cavalo, dando pancadinhas nos seus flancos e, como se para divertir Deífobo, que a acompanhava, atormentou os gregos escondidos, imitando, uma por vez, a voz de cada uma de suas esposas. Menelau e Diomedes, agachados perto de Odisseu, quase cederam ao impulso de sair quando ouviram seus nomes serem pronunciados, mas o herói os conteve e, ao ver que Antielo estava prestes a responder, ele tapou-lhe a boca com a mão e, segundo alguns, estrangulou-o.[12]

l. Naquela noite, exaustos dos banquetes e das orgias, os troianos dormiram profundamente, e nem sequer o latido de um cão rompia o silêncio. Mas Helena permanecia acordada, e uma luz brilhante, redonda, ardia no seu aposento, como um sinal para os gregos. À meia-noite, pouco antes de a Lua cheia se erguer — a sétima do ano —, Sínon saiu furtivamente da cidade para acender uma fogueira

sinalizadora na tumba de Aquiles, e Antenor respondeu-lhe, movendo uma tocha de um lado para o outro.[13]

Agamênon respondeu aos sinais, acendendo um facho com lascas de pinho no convés de seu navio, que estava arribado a poucos tiros de flecha da costa; e, então, toda a frota se aproximou do litoral. Antenor aproximou-se cautelosamente do cavalo e informou, em voz baixa, que tudo estava em ordem, e então Odisseu ordenou a Epeu que abrisse o alçapão.[14]

m. Équion, filho de Porteu, foi o primeiro a saltar, mas caiu e quebrou o pescoço; os demais desceram pela escada de Epeu. Uns correram para abrir os portões aos seus companheiros que haviam desembarcado, enquanto outros mataram as sentinelas sonolentas que guardavam a cidadela e o palácio, mas Menelau só pensava em Helena, e correu direto ao encontro dela.[15]

1. Os comentaristas clássicos de Homero não aceitavam bem a história do cavalo de madeira. De diversas formas, eles sugeriram que os gregos utilizaram uma máquina parecida com um cavalo para derrubar a muralha (Pausânias: I. 23. 10); que Antenor fez com que os gregos entrassem em Troia por meio de uma brecha lateral, sobre a qual estava pintado um cavalo; ou que o sinal de um cavalo era utilizado para distinguir os gregos de seus inimigos em meio à escuridão e à confusão; ou que, quando Troia foi traída, os oráculos proibiram o saque de qualquer casa marcada com o sinal de um cavalo e, assim, a casa de Antenor e de outros mais foram poupadas; ou que Troia caiu por causa de um ataque de cavalaria; ou que os gregos, após incendiarem seu acampamento, esconderam-se atrás do monte Hípio (“do cavalo”).

2. É bem provável que Troia tenha sido tomada por meio de uma torre de madeira com rodas, coberta com couro de cavalo úmido para protegê-la das flechas incendiárias, e que foi empurrada até a parte notoriamente fraca da defesa: o muro ocidental que Éaco havia construído (vide 158. *8*). Mas isso apenas explicaria a lenda de que os comandantes gregos estavam ocultos no “ventre” do cavalo. Talvez os homéridas tenham inventado isso para explicar um ícone já não inteligível, que mostrava uma cidade amuralhada, uma rainha, uma assembleia solene e o rei sagrado no ato do renascimento, surgindo com uma cabeça de égua, que era o animal sagrado tanto dos troianos (vide 48. *3*) como dos eácidas (vide 81. *4*). Pode ser que, naquela cerimônia, tenha sido utilizada uma égua de madeira de pinheiro, a árvore do nascimento (vide 51. *5*), tal como

uma vaca de madeira facilitou o casamento sagrado de Minos e Pasífae (vide 88. *e*). Terá sido a luta entre Odisseu e Antielo deduzida a partir de um ícone que retratava um dos gêmeos brigando no interior do ventre materno (vide 73. *2*)?

3. A história do filho, ou dos filhos, de Laocoonte evoca a das duas serpentes estranguladas por Hércules (vide 119. *2*). Segundo algumas versões, a morte de seus filhos ocorreu no templo de Apolo, e Laocoonte, da mesma maneira que Anfitrião, escapou ileso. Na verdade, as serpentes se limitavam a limpar os ouvidos dos garotos, no intuito de lhes conceder dons proféticos. "Antifante" significa, ao que parece, "profeta" — "aquele que fala no lugar" do deus.

4. No nível divino, essa guerra foi travada entre Afrodite, a deusa do mar troiana, e Poseidon, o deus grego do mar (vide 169. *1*), o que explica o fato de Príamo haver suprimido o sacerdócio de Poseidon.

5. Imagens que transpiram têm sido um fenômeno que se repete desde a queda de Troia; os deuses romanos adotaram posteriormente esse sinal de advertência, inclusive os santos católicos que os substituíram.

6. Na saga primitiva, a reputação da valentia de Epeu era tamanha que seu nome se aplicava ironicamente aos fanfarrões; e do fanfarrão ao covarde a distância é muito pequena (vide 88. *10*).

NOTAS

[1] Higino: *Fábula* 108; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 219 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* V. 14.

[2] Eurípides: *As troianas* 10; Dictys Cretensis: I. 17; Estesícoro, citado por Eustácio sobre Homero: p. 1.323; Ateneu: X, p. 457; Homero: *Ilíada* XXIII. 665; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 930; Hesíquio *sub* Epeu.

[3] Homero: *Odisseia* VIII. 493; Apolodoro: *Epítome* V. 14-15.

[4] Tzetzes: *loc. cit*. e *Pós-homérica* 641-650; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* XII. 314-315; Apolodoro: *Epítome* V. 14; *Pequena Ilíada*, citada por Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.

[5] Apolodoro: *Epítome* V. 14-15; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 344.

[6] Virgílio: *Eneida* II. 13-249; Lesques: *Pequena Ilíada*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 347; Apolodoro: *Epítome* V. 16-17; Higino: *Fábula* 135.

[7] Virgílio: *loc. cit*.

[8] Euforião, citado por Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 201; Higino: *loc. cit*.; Virgílio: *loc. cit*.

[9] Apolodoro: *Epítome* V. 18; Higino: *loc. cit*.; Tzetzes: *loc. cit*.; Lisímaco, citado por Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 211.

[10] Tessandro, citado por Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: *loc. cit*.; Higino: *loc. cit*.; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* XII. 444-497; Arctino de Mileto: *O saque de Ílion*; Tzetzes: *loc. cit*.; Virgílio: *loc. cit*.

[11] Homero: *Odisseia* VIII. 504 *et seq*.; Apolodoro: *Epítome* V. 16-17; Arctino de Mileto: *ibid*.; Lesques: *loc. cit*.; Trifiodoro: *O saque de Troia* 316 *et seq*. e 340-344.

[12] Homero: *Odisseia* XI. 523-532 e IV. 271-289; Trifiodoro: *O saque de Troia* 463-490.

[13] Trifiodoro: *O saque de Troia* 487-521; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 255; Lesques: *loc. cit*., citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 344; Apolodoro: *Epítome* V. 19.

[14] Virgílio: *Eneida* II. 256 *et seq*.; Higino: *Fábula* 108; Apolodoro: *Epítome* V. 20; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 340.

[15] Apolodoro: *loc. cit*.

168

O SAQUE DE TROIA

Odisseu, ao que parece, havia prometido a Hécabe e Helena que a vida de todos aqueles que não oferecessem resistência seria poupada. Mas os gregos afluíram silenciosamente pelas ruas iluminadas pelo luar, entraram nas casas desprotegidas e degolaram os troianos durante o sono. Hécabe refugiou-se com suas filhas debaixo de um antigo loureiro, no altar erguido ao Zeus do Pátio, e lá ela reteve Príamo, impedindo-o que corresse para o foco da batalha.

— Fique conosco, senhor — suplicou ela —, neste lugar seguro. Já está demasiado velho e fraco para lutar.

Resmungando, Príamo fez o que ela lhe disse, até passar correndo o seu filho Polites, perseguido pelos gregos, que tombou trespassado diante dos olhos deles.[1] Amaldiçoando Neoptólemo, que havia aplicado o golpe mortal, Príamo arremessou em vão sua lança sobre ele, e foi então retirado à força dos degraus do altar, já manchados do sangue de Polites, e assassinado cruelmente no umbral de seu próprio palácio. Neoptólemo, porém, recordando seus deveres filiais, arrastou o cadáver até a tumba de Aquiles, no promontório Sigeu, onde o deixou a céu aberto, decapitado e exposto.[2]

b. Enquanto isso, Odisseu e Menelau haviam se dirigido para a casa de Deífobo, onde travaram o mais sangrento de todos os seus combates, do qual saíram vitoriosos somente graças à ajuda de Atena. É motivo de controvérsia qual dos dois matou Deífobo. Há quem diga que foi a própria Helena que lhe cravou uma adaga nas costas, e que essa ação, adicionada à visão de seus seios desnudos, debilitou de tal modo a resolução de Menelau — que havia jurado matá-la — que ele atirou sua espada e a conduziu em segurança aos navios. O cadáver de Deífobo foi mutilado com atrocidade, mas Eneias ergueu-lhe mais tarde um monumento no cabo Reteo.[3]

Odisseu viu Glauco, um dos filhos de Antenor, fugindo por uma rua, perseguido energicamente por um grupo de gregos. Ele interveio e, ao mesmo tempo, salvou o irmão de Glauco, Helicáon, que estava gravemente ferido. Menelau pendurou então uma pele de leopardo na porta da casa de Antenor, em sinal de que essa casa devia ser poupada.[4] Antenor, sua esposa Teano e seus quatro filhos tiveram a permissão de ir embora levando todos os seus bens; alguns dias depois, eles zarparam no navio de Menelau e se dirigiram primeiro rumo a Cirene, depois para a Trácia e, finalmente, a Henética, no Adriático.[5] Henética assim se chamava porque Antenor tornou-se encarregado do comando de certos refugiados da Enete paflagônica, cujo rei Pilêmenes havia morrido em Troia, e os liderou numa guerra exitosa contra os eugâneos da planície do norte da Itália. O porto e o distrito onde desembarcaram foi chamado “Nova Troia” e seus habitantes agora são conhecidos com o nome de venezianos. Diz-se que Antenor fundou também a cidade de Pádua.[6]

c. Segundo os romanos, a única outra família troiana perdoada pelos gregos foi a de Eneias, o qual, assim como Antenor, havia sido partidário, nos últimos tempos, da ideia de entregar Helena e estabelecer uma paz justa. Agamênon, ao vê-lo colocar sobre os ombros o venerável Anquises e o levar até o Portão Dardânio sem um só olhar de soslaio, ordenou que um filho tão piedoso não fosse molestado. Mas, segundo algumas versões, Eneias não estava na Frígia quando a cidade caiu.[7] Outras dizem que ele defendeu Troia até o fim e que, depois, se retirou para a cidadela de Pérgamo e, após uma segunda e corajosa resistência, aproveitando-se da escuridão, mandou sua gente para o monte Ida e os seguiu, tão logo pôde, junto com sua família, seu tesouro e as imagens sagradas; e que, tendo obtido dos gregos condições honrosas, ele se transferiu para a Pelene trácia, vindo a morrer lá ou na cidade árcade de Orcômeno. Mas os romanos dizem que, em suas viagens, ele finalmente chegou ao Lácio, onde fundou a cidade de Lavínio e, morto em combate, foi levado para o Céu. Tudo isso são fábulas; a verdade é que Neoptólemo o aprisionou e o levou a bordo de seu navio como a pilhagem mais honrosa conquistada por um grego, e o reteve na esperança de cobrar um resgate que, no seu devido tempo, os dardânidas consentiram em pagar.[8]

d. Laódice, a esposa de Helicáon — por alguns considerada esposa de Télefo —, havia se unido ao ateniense Acamante quando este foi a Troia com a delegação de Diomedes dez anos antes, e deu à luz, em segredo, um filho chamado Munito, o qual uma escrava de Helena chamada Etra — mãe de Teseu e, portanto, bisavó da criança — havia criado. Quando Troia caiu, Laódice se encontrava no templo de Tros, junto às tumbas de Cila e Munipo, e então a terra se abriu e a tragou à vista de todos.[9]

e. Em meio à confusão, Etra fugiu com Munito para o acampamento grego, onde Acamante e Demofoonte a reconheceram como a avó há tanto tempo perdida e que eles haviam jurado salvar ou resgatar. Demofoonte abordou imediatamente Agamênon e solicitou a sua repatriação, juntamente com a sua companheira de cativeiro, a irmã de Pirítoo. Menesteu de Atenas apoiou sua súplica e, como Helena havia demonstrado com frequência sua antipatia por Etra, pisando em sua cabeça e puxando-lhe os cabelos, Agamênon consentiu, mas obrigou Demofoonte e Acamante a renunciarem a suas pretensões a qualquer outra pilhagem troiana. Infelizmente, quando Acamante desembarcou na Trácia, em sua viagem de volta para casa, Munito, que o acompanhava, morreu ao ser picado por uma serpente.[10]

f. Tão logo a matança começou em Troia, Cassandra fugiu para o templo de Atena e apanhou a imagem de madeira que havia substituído o Paládio roubado. Lá encontrou-a Ájax o Pequeno, que tentou raptá-la, mas ela se agarrou à imagem com tanta força que ele teve de levá-la junto com a imagem para fazer dela sua concubina, o que foi o destino comum a todas as mulheres troianas. Mas Agamênon reclamou Cassandra como recompensa particular pela sua própria bravura, e Odisseu, cumprindo obrigações, fez correr o boato de que Ájax havia violado Cassandra no templo, o que explicava por que a imagem tinha os olhos voltados para o Céu, como se estivesse horrorizada.[11] Foi assim que Cassandra se transformou no prêmio de Agamênon, ao passo que Ájax obteve o ódio de todo o exército, e, quando os gregos estavam prestes a zarpar, Calcante avisou o Conselho de que Atena deveria ser aplacada pela ofensa feita à sua sacerdotisa. A fim de contentar Agamênon, Odisseu propôs então que Ájax fosse lapidado, mas ele escapou, abrigando-se junto ao altar sagrado de Atena, onde jurou solenemente que Odisseu mentia como de costume. A própria Cassandra jamais confirmou a acusação de ter sido violada. Entretanto, a profecia de Calcante não podia ser desconsiderada; Ájax, portanto, manifestou seu pesar por ter tirado a imagem à força e se ofereceu para expiar seu delito. A morte o impediu de fazê-lo, pois o navio em que ele navegava de volta para a Grécia naufragou nas Rochas Gireias. Quando ele estava prestes a chegar, arrastado até a costa, Poseidon partiu as rochas com o seu tridente e o afogou, ou, conforme alguns, Atena tomou emprestado o raio de Zeus e o fulminou mortalmente. Mas Tétis enterrou o cadáver dele na ilha de Míconos, e seus compatriotas ficaram de luto durante um ano inteiro e, agora, todos os anos, eles lançam ao mar um barco com velas negras repleto de oferendas e o incendeiam em sua homenagem.[12]

g. A ira de Atena recaiu então sobre o território da Lócrida opúncia, e o Oráculo de Delfos avisou aos antigos súditos de Ájax que eles não se livrariam da fome e da peste se não enviassem duas meninas a Troia todos os anos durante

mil anos. Por conseguinte, as Cem Casas da Lócrida têm suportado desde então essa carga como prova de nobreza. Duas meninas são escolhidas por sorteio, desembarcando de madrugada no promontório Reteu, cada vez variando de estação; com elas vão parentes que conhecem a área e que as podem conduzir às furtadelas até o interior do santuário de Atena. Se os troianos surpreendem as meninas, eles as lapidam, queimam-nas por contaminar o território e jogam suas cinzas no mar; mas, uma vez dentro do templo, elas estão a salvo. Cortam-se-lhes então os cabelos, dão-lhes uma roupa simples de escrava e elas passam a vida realizando as tarefas domésticas do templo, até serem substituídas por outro par de meninas. Há muitos anos aconteceu que, quando os trarianos se apoderaram de Troia e mataram uma sacerdotisa lócria no próprio templo, os lócrios decidiram que sua longa penitência havia terminado e, por conseguinte, não enviaram mais meninas; mas, como a fome e a peste voltaram, eles se apressaram em retomar o antigo costume, cujo término só agora está próximo. Essas meninas chegam ao templo de Atena por meio de uma passagem subterrânea, cuja entrada secreta se encontra a uma certa distância das muralhas, e que conduz a uma galeria lamacenta que fora utilizada por Odisseu e Diomedes por ocasião do roubo do Paládio. Os troianos não têm ideia de como as meninas conseguem entrar, e nunca sabem em que noite devem chegar as substitutas, de modo que eles raramente as surpreendem e, quando o conseguem, é por mero acaso.[13]

h. Após a carnificina, a gente de Agamênon saqueou e incendiou Troia, repartiu a pilhagem, arrasou as muralhas e sacrificou holocaustos aos seus deuses. O Conselho havia debatido durante certo tempo o que deveria ser feito com a criança de Heitor, o menino Astíanax, chamado também de Escamândrio, e, quando Odisseu recomendou o extermínio sistemático dos descendentes de Príamo, Calcante estabeleceu o destino da criança, profetizando que, se sua vida fosse poupada, ele vingaria seus pais e sua cidade. Embora todos os demais príncipes tenham se negado a cometer o infanticídio, Odisseu arremessou decididamente Astíanax do alto das muralhas.[14] Mas há quem diga que Neoptólemo, a quem coubera a viúva de Heitor, Andrômaca, como prêmio na partilha da pilhagem, arrancou Astíanax dos seus braços, antecipando-se à ordem do Conselho, segurou-o pelo pé e o fez girar em torno de sua cabeça, lançando-o contra as rochas lá embaixo.[15] Outros dizem que Astíanax se suicidou, saltando do alto da muralha enquanto Odisseu recitava a profecia de Calcante e invocava os deuses para que aprovassem aquele rito cruel.[16]

i. O Conselho deliberou também sobre o destino de Polixena. Enquanto jazia moribundo, Aquiles havia pedido que ela fosse sacrificada sobre sua tumba e, recentemente, ele havia aparecido nos sonhos de Neoptólemo e de outros

comandantes, ameaçando-os com a retenção da frota em Troia mediante ventos adversos, até que se cumprisse sua exigência. Ouvia-se também, do interior da tumba, uma voz lamentosa: “É injusto que nenhuma parte da pilhagem tenha sido a mim concedida!” e no promontório Reteu costumava aparecer um fantasma, de armadura dourada, que gritava: “Para onde vocês vão, gregos? Vão abandonar a minha tumba sem render-lhe honras?”[17]

j. Calcante declarou, então, que Polixena não deveria ser negada a Aquiles, que a amava. Agamênon discordava, alegando que já se havia derramado sangue suficiente para saciar a vingança de Aquiles, tanto de velhos e crianças como de guerreiros, e que os mortos, por mais famosos que tenham sido, não tinham o direito de dispor da vida das mulheres vivas. Demofoonte e Acamante, porém, que não haviam recebido o seu justo quinhão da pilhagem, puseram-se a gritar que Agamênon expunha essa opinião só para agradar Cassandra, irmã de Polixena, e fazer com que ela se submetesse mais facilmente aos seus abraços.

— O que merece mais respeito: a espada de Aquiles ou o leito de Cassandra? — perguntaram eles.

Os ânimos se esquentaram de tal modo que Odisseu interveio e convenceu Agamênon a ceder.[18]

k. O Conselho ordenou então que Odisseu fosse buscar Polixena, e convidou Neoptólemo a oficiar como sacerdote. Ela foi sacrificada sobre a tumba de Aquiles, à vista de todo o exército, que se apressou em lhe organizar um enterro honroso; em seguida, ventos favoráveis começaram a soprar.[19] Há quem diga, porém, que a frota grega já havia chegado à Trácia quando o fantasma de Aquiles apareceu, ameaçando-os com ventos adversos, e que Polixena foi sacrificada lá.[20] Outros dizem que ela foi voluntariamente até a tumba de Aquiles antes da queda de Troia, e se atirou sobre a ponta de uma espada, expiando assim o mal que fizera ao herói.[21]

l. Embora Aquiles houvesse matado Polidoro, filho de Príamo com Laótoe, o mais jovem e mais querido de seus filhos, outro príncipe com o mesmo nome sobreviveu. Ele era filho de Príamo com Hécabe e havia sido enviado, como medida de segurança, para o Quersoneso trácio, onde foi criado por sua tia Ilíone, esposa do rei Polimestor. Ilíone cuidou de Polidoro como se fosse um verdadeiro irmão de Deípilo, o filho que ela havia tido com Polimestor. Agamênon, seguindo a política de extermínio de Odisseu, enviou então mensageiros à corte de Polimestor, prometendo-lhe Electra como esposa e um dote de ouro caso se desfizesse de Polidoro. Polimestor aceitou o suborno, mas não foi capaz de fazer mal a uma criança que havia prometido proteger e, em troca, ele matou o seu próprio filho, Deípilo, na presença dos mensageiros, que regressaram ludibriados. Polidoro, que desconhecia o segredo do seu

nascimento, embora soubesse que era a causa do distanciamento entre Ilíone e Polimestor, foi a Delfos e perguntou à pitonisa:

— O que se passa com meus pais?

— Parece-lhe pouco — respondeu ela — o fato de que sua cidade foi reduzida a cinzas, seu pai massacrado e sua mãe escravizada, para que me venha fazer uma pergunta dessas?

Ele voltou à Trácia aflitíssimo, mas viu que nada havia mudado desde a sua partida. "Terá Apolo se equivocado?", perguntava-se ele. Ilíone contou-lhe a verdade e, indignado por ter Polimestor assassinado seu único filho em troca de ouro e da promessa de uma outra rainha, ele primeiro o cegou e depois o apunhalou.[22]

m. Algumas versões dizem que Polimestor foi ameaçado pelos gregos com uma guerra implacável caso não entregasse Polidoro, e que, ao fazê-lo, eles levaram o garoto para o acampamento e ofereceram-no em troca de Helena. Visto que Príamo se negou a discutir tal proposta, Agamênon ordenou que Polidoro fosse lapidado ao pé das muralhas de Troia e, depois, mandou o seu cadáver para Helena junto com a seguinte mensagem: "Mostre-o a Príamo e pergunte-lhe se ele se arrepende da decisão." Tratou-se de um ato de despeito injustificado, pois Príamo havia prometido que jamais entregaria Helena enquanto ela permanecesse sob a proteção de Afrodite, e estava disposto a resgatar Polidoro com a rica cidade de Antandro.[23]

n. Odisseu obteve Hécabe como sua parte da pilhagem e a levou ao Quersoneso trácio, onde ela proferia injúrias tão horríveis contra ele e os outros gregos pela sua barbárie e prevaricação que não lhes restou outra alternativa senão matá-la. Sua alma tomou a forma de uma das espantosas cadelas negras que seguem Hécate, lançou-se ao mar e nadou até o Helesponto; por isso, o lugar de seu enterro foi chamado de "Tumba da Cadela".[24] Uma outra versão da história reza que, após o sacrifício de Polixena, Hécabe encontrou o cadáver de Polidoro, que a água havia arrastado até a costa, pois seu genro Polimestor o havia matado pelo ouro com que Príamo custeava os gastos de sua educação. Ela chamou Polimestor, prometendo-lhe comunicar o segredo de um tesouro oculto entre as ruínas de Troia e, quando ele se aproximou, juntamente com seus dois filhos, ela tirou do peito uma adaga, matou as crianças e arrancou os olhos de Polimestor, demonstração de irascibilidade que Agamênon lhe perdoou por causa de sua idade e de suas desgraças. Os nobres trácios teriam se vingado de Hécabe com flechas e pedras, mas ela se transformou numa cadela chamada Mera e pôs-se a correr de um lado para o outro, uivando tristemente, de modo que eles se retiraram, confusos.[25]

o. Há quem diga que Antenor fundou um novo reino de Troia sobre as ruínas do velho. Outros afirmam que Astíanax sobreviveu e se tornou rei de Troia após a partida dos gregos, e que, ao ser expulso por Antenor e seus aliados, Eneias voltou a colocá-lo no trono, tendo sido, contudo, sucedido mais tarde por Ascânio, filho de Eneias, tal como havia sido profetizado. Seja como for, certo é que Troia jamais voltou a ser mais do que uma sombra do que havia sido.[26]

1. A consideração que Odisseu teve com renegados como Antenor e Calcante contrasta aqui com a deslealdade demonstrada para com seus honrados companheiros Palamedes, Ájax o Grande, Ájax o Pequeno e Diomedes, e com o tratamento selvagem aplicado a Astíanax, Polidoro e Polixena. Mas, dado que Júlio César e Augusto alegavam descender de Eneias — outro traidor perdoado por Odisseu e considerado em Roma um modelo de piedade —, as implicações satíricas perderam-se para os leitores modernos. É uma lástima que não tenham sido conservados os termos exatos das injúrias de Hécabe contra Odisseu e seus desleais companheiros, as quais, sem dúvida, expressavam os verdadeiros sentimentos de Homero. Mas sua transformação na Hécate cretense, Mera, ou Cila, a cadela marinha (vide 16. *2*, 91. *2* e 170. *t*), indica que ele considerava válidas as maldições, pois os reinos fundados na barbárie e na má-fé jamais poderiam prosperar. Mera era o emblema de Cila no firmamento, o Cão Menor, e, quando aparecia, ofereciam-se sacrifícios humanos na Maratona ática, tendo sido a vítima mais famosa o rei Icário (vide 79. *1*), com cuja filha Odisseu havia se casado e de cuja sorte, portanto, ele deve ter comungado no mito original (vide 159. *b*).

2. O caso bem confirmado das meninas lócrias é um dos mais estranhos da história grega, pois mitógrafos respeitáveis negaram a suposta violação de Cassandra cometida por Ájax o Pequeno, considerando-a uma mentira de Odisseu, e é evidente que as meninas lócrias entravam em Troia por uma questão de orgulho cívico e não de penitência. Certamente, os troianos faziam todo o possível para impedir que elas entrassem, conforme o relato de Eneias Tático referente ao perigo de construir cidades com entradas secretas, e o fato de que sua entrada fosse considerada uma "profanação do território" caso surpreendidas, e de que eram tratadas como escravas caso conseguissem entrar, é compatível com tal opinião. Ájax o Pequeno era filho do lócrio Oileu, cujo nome, que era também o de um guerreiro troiano morto por Agamênon (*Ilíada*

XI. 9. 3), é uma forma primitiva de “Ilo”; a Ílio de Príamo, ao que parece, havia sido colonizada parcialmente pelos lócrios, uma tribo pré-helênica de léleges (Aristóteles: *Fragmento* 560; Dionísio de Halicarnasso: I. 17; Estrabão: XIII. 1. 3 e 3. 3). Eles deram o nome Fricones ao monte lócrio que até então se chamava Cime, e gozavam do direito hereditário de proporcionar a Atena uma quota de sacerdotisas (vide 158. *8*). Continuaram exercendo esse direito muito tempo depois da Guerra de Troia — quando a cidade havia perdido seu poder político e havia se transformado num lugar de peregrinação sentimental —, para desgosto dos troianos, que consideravam as meninas suas inimigas naturais.

3. A maldição, efetiva durante mil anos, só terminou em torno do ano 264 a.C., o que corresponderia com a datação délia — e portanto homérica — da Guerra de Troia, embora Eratóstenes a tenha datado cem anos mais tarde. O túnel secreto de Odisseu foi descoberto nas ruínas de Troia, e foi descrito por Walter Leafen em sua obra *Troy: A Study in Homeric Geography* (Londres, 1912, pp. 126-144). Mas por que Teano se transformou em traidora e entregou o Paládio? Provavelmente porque, sendo lócria — Teano era também o nome da célebre poetisa da Lócrida epizefíria —, ou discordava da política comercial antilócria de Príamo, ou sabia que Troia tinha de cair e, assim, desejava pôr a imagem num lugar seguro antes que Agamênon se apoderasse dela. Homero a retrata como filha do trácio Cisseu, e havia pelo menos uma colônia lócria na Trácia, a saber, Abdera (vide 130. *c*). Entretanto, lócria que era, Teano tinha de reconhecer a descendência matrilinear (Políbio: XII. 5. 6), e foi apelidada de Cisseis, “mulher hera”, provavelmente em homenagem a Atena, cujo principal festival era celebrado no mês da hera (vide 52. *3*).

4. Sófocles, no *Argumento* de sua obra *Ájax*, menciona uma disputa pelo Paládio entre Odisseu e Ájax, após a queda de Troia. Sem dúvida, porém, tratava-se de Ájax o Pequeno, pois Ájax o Grande já havia se suicidado. Podemos, portanto, supor que foi Ájax o Pequeno, e não Diomedes, quem conduziu Odisseu pelo túnel para se apoderar do Paládio, com a conivência de sua compatriota Teano; que Odisseu acusou Ájax o Pequeno de ter tratado com violência uma sacerdotisa não lócria que se agarrou à imagem que Teano estava ajudando a remover; e que, mais tarde, Ájax, embora tenha confessado seu erro, explicou que havia sido o mais moderado possível dadas as circunstâncias. Tal acontecimento justificaria o fato de os troianos dos séculos posteriores tentarem impedir que as moças lócrias exercessem seus direitos como sacerdotisas troianas; de considerarem sua contínua chegada como uma penitência pelo delito de Ájax, embora Atena já o houvesse castigado sumariamente com um raio; e de as tratarem como criadas. É possível que Odisseu tenha insistido em acompanhar Ájax o Pequeno à cidadela, baseando-se no fato de que Zacinto, o ancestral

epônimo de seus súditos zacíntios, figurava numa lista de reis troianos primitivos.

5. Isso explicaria, também, o fato de Hécabe não ter denunciado Odisseu aos troianos quando ele entrou na cidade como espião. Ela também é chamada de "filha de Cisseu". Seria ela por acaso uma outra lócria da Trácia que ajudou Ájax a levar embora o Paládio? Hécabe não tinha motivos para amar Odisseu, e sua única razão para facilitar sua escapatória só poderia ter sido impedir que ele a denunciasse aos troianos. Sem dúvida, Odisseu saiu silenciosamente pela galeria e não, como se gabava, pelo portão, "após matar vários troianos". Ele certamente pediu a velha Hécabe como o seu quinhão na pilhagem porque ela havia sido testemunha ocular do roubo do Paládio, e desejava calar-lhe a boca. Parece que ela, entretanto, antes de morrer, acabou revelando tudo.

6. Uma das causas principais da Guerra de Troia (vide 158. *r* e 160. *b*) foi o fato de Télamon ter raptado Hesíone, irmã de Príamo e mãe de Ájax o Grande, parente, portanto, de Ájax o Pequeno, o que indica a existência de um longo atrito entre Príamo e os lócrios da Grécia. Pátroclo, que tantas baixas infligiu aos troianos, era, não obstante, outro lócrio descrito como sendo irmão de Abdero.

O nome de Astíanax ("rei da cidade") e a solenidade do debate em torno de sua morte sugerem que o ícone em que se baseia a história representasse o sacrifício ritual de uma criança na consagração de uma nova cidade, antigo costume no Mediterrâneo oriental (I *Reis* XVI. 34).

7. Os aliados de Agamênon não gozaram durante muito tempo dos frutos de seu triunfo em Troia. Entre 1100 e 1050 a.C., a invasão dória aniquilou a cultura micênica no Peloponeso, ao que se seguiu a Idade das Trevas; um ou dois séculos tiveram de passar antes que os jônios, obrigados pelos dórios a emigrar para a Ásia Menor, iniciassem seu renascimento cultural, que foi solidamente baseado em Homero.

8. As perambulações de Eneias correspondem à mitologia romana, e não à grega, razão pela qual foram aqui omitidas.

NOTAS

[1] Apolodoro: *Epítome* V. 21; Eurípides: *Hécabe* 23; Virgílio: *Eneida* II. 506-557.

[2] Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Pausânias: X. 27. 1; Virgílio: *loc. cit*.; Apolodoro: *loc. cit*.; Eurípides: *As troianas* 16-17.

[3] Homero: *Odisseia* VIII. 517-520; Apolodoro: *Epítome* V. 22; Higino: *Fábula* 240; Pausânias: V. 18. 1; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por escoliasta sobre *Lisístrata* de Aristófanes: 155; Virgílio: *Eneida* VI. 494 *et seq*.; Dictys Cretensis: V. 12.

[4] Apolodoro: *Epítome* V. 21; Homero: *Ilíada* III. 123; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Pausânias: X. 26. 3; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio I. 246; Sófocles: *A captura de Troia*, citado por Estrabão: XIII. 1. 53.

[5] Pausânias: X. 27. 2; Píndaro: *Odes píticas* V. 82 *et seq*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 246; Estrabão: XIII. 1. 53.

[6] Lívio: I. 1; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: I. 246.

[7] Lívio: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* V. 21; Dionísio de Halicarnasso: I. 48.

[8] Dionísio de Halicarnasso: I. 48, 49 e 64; Eliano: *Varia Historia* III. 22; Higino: *Fábula* 254; Estrabão: XIII. 608; Pausânias: VIII. 12. 5; Virgílio: *Eneida, passim*; Plutarco: *Rômulo* 3; Lívio: I. 2; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.268.

[9] Higino: *Fábula* 101; Homero: *Ilíada* III. 123-124; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 495 *et seq*. e 314; Apolodoro: *Epítome* V. 23.

[10] Escoliasta sobre *As troianas* de Eurípides 31; Apolodoro: *Epítome* V. 22; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Pausânias: X. 25. 3; Higino: *Fábula* 243; Pausânias: V. 19. 1; Dio Crisóstomo: *Orações* XI. 1, p. 179, ed. Dindorff; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 495; Partênio: *Histórias de amor* 16.

[11] Arctino de Mileto: *O saque de Ílion*; Virgílio: *Eneida* II. 406; Apolodoro: *loc. cit*.; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XIII. 66.

[12] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 365; Apolodoro: *Epítome* V. 23; Pausânias: X. 31. 1; I. 15. 3 e X. 26. 1; Homero: *Odisseia* IV. 99.

[13] Higino: *Fábula* 116; escoliasta sobre a *Ilíada* de Homero: XIII. 66; Licofrone: 1.141-1.173, com escoliasta de Tzetzes; Políbio: XII. 5; Plutarco: *Sobre a lentidão da justiça divina* XII; Estrabão: XIII. 1. 40; Eliano: *Varia Historia*, *Fragmento* 47; Eneias Tático: XXXI. 24.

[14] Homero: *Ilíada* VI. 402; Apolodoro: *loc. cit*.; Eurípides: *As troianas* 719 *et seq*.; Higino: *Fábula* 109; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 457; Trifiodoro: *O saque de Troia* 644-646.

[15] Apolodoro: *loc. cit*.; Lesques: *Pequena Ilíada*, citado por Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.268; Pausânias: X. 25. 4.

[16] Sêneca: *Tróades* 524 *et seq*. e 1.063 *et seq*.

[17] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 322; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 323; Quinto Esmírneo: *Pós-homérica* XIV. 210-328; Eurípides: *Hécabe* 107 *et seq*.

[18] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: *loc. cit*.; Eurípides: *loc. cit*.

[19] Eurípides: *Hécabe* 218 *et seq*. e 521-582.

[20] Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 439 *et seq*.; Pausânias: X. 25. 4.

[21] Filóstrato: *Heroica* XIX. 11.

[22] Homero: *Ilíada* XXII. 48 e XX. 407 *et seq*.; Higino: *loc. cit*. e 240.

[23] Dictys Cretensis: II. 18, 22 e 27; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 6.

[24] Apolodoro: *loc. cit*.; Higino: *Fábula* 111; Dictys Cretensis: V. 16; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.176.

[25] Eurípides: *Hécabe*; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 536 *et seq*.

[26] Dictys Cretensis: V. 17; Abante, citado por Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: IX. 264; Lívio: I. 1.

169

OS REGRESSOS

— Zarpemos imediatamente — disse Menelau —, enquanto sopra o vento.

— Não, não — replicou Agamênon —, vamos primeiro fazer sacrifícios a Atena.

— Nós, gregos, não devemos nada a Atena! — retrucou Menelau. — Ela defendeu por muito tempo a cidadela troiana.

Os irmãos se separaram, desgostosos um com o outro, e nunca mais voltaram a se ver, pois, enquanto Agamênon, Diomedes e Nestor tiveram uma boa viagem de volta à pátria, Menelau foi pego por uma tempestade enviada por Atena e perdeu todos os seus navios à exceção de cinco, que foram arrastados para Creta, de onde cruzaram o mar até o Egito, passando oito anos em águas meridionais sem poder voltar. Ele visitou Chipre, a Fenícia, a Etiópia e a Líbia, cujos príncipes o receberam com grande hospitalidade e lhe ofereceram uma profusão de presentes valiosos. Por fim chegou a Faros, onde a ninfa Idótea o aconselhou a capturar seu pai profético, o deus marinho Proteu, o único que lhe podia dizer como quebrar o feitiço adverso e obter um vento sul.

Assim, Menelau e três companheiros se disfarçaram com peles malcheirosas de foca e esperaram, estendidos na praia, até que se reunissem em torno deles, ao meio-dia, as centenas de focas que pertenciam a Proteu. Depois, surgiu o próprio Proteu, e adormeceu entre elas; então, Menelau e seus companheiros se apoderaram dele e, embora se transformasse sucessivamente em leão, serpente, pantera, javali, água corrente e árvore frondosa, eles o sujeitaram à força e o obrigaram a profetizar. Ele anunciou que Agamênon havia sido assassinado, e que Menelau deveria fazer mais uma visita ao Egito para propiciar os deuses com hecatombes. Assim fez Menelau e, tão logo ergueu um cenotáfio a Agamênon junto ao rio do Egito, ventos favoráveis por fim

começaram a soprar. Ele chegou a Esparta acompanhado de Helena, no mesmo dia em que Orestes vingou o assassinato de Agamênon.[1]

b. Numerosos navios, embora não transportassem comandantes notáveis, naufragaram na costa da Eubeia porque Náuplio havia acendido uma fogueira sinalizadora no monte Cafareu para atrair seus inimigos à morte, simulando que os guiava na direção do refúgio do golfo Pagaseu; mas esse crime chegou aos ouvidos de Zeus e, também por causa de um farol falso como esse, o próprio Náuplio encontrou a morte muitos anos depois.[2]

c. Anfíloco, Calcante, Podalírio e outros poucos viajaram por terra até Cólofon, onde Calcante morreu, tal como havia sido profetizado, ao se encontrar com um adivinho mais sábio que ele: ninguém menos que Mopso, filho de Apolo com Manto, filha de Tirésias. Em Cólofon crescia uma figueira silvestre coberta de frutos, e Calcante, desejando envergonhar Mopso, desafiou-o da seguinte maneira:

— Pode me dizer, caro colega, quantos figos exatamente serão colhidos desta árvore?

Mopso, fechando os olhos como quem confia mais na visão interior do que no cálculo vulgar, respondeu:

— Claro! Primeiro, dez mil figos; depois, um alqueire egineta de figos, cuidadosamente pesado; sim, e ainda sobrará um figo.

Calcante pôs-se a rir desdenhosamente desse figo restante, mas, quando arrancaram os figos das árvores, ficou demonstrado que a intuição de Mopso era infalível.

— Para baixar a quantidades mais modestas, caro colega — dizia então Mopso, com um meio sorriso —, poderia me dizer quantos leitões repousam no ventre desta porca prenhe, e quantos de cada sexo ela vai parir, e quando?

— Oito leitões, todos machos, que serão paridos dentro de nove dias — respondeu Calcante ao acaso, na esperança de ir embora antes que sua profecia pudesse se comprovar.

— Eu tenho outra opinião — replicou Mopso, voltando a fechar os olhos. — Calculo três leitões e só um deles macho; e a hora do seu nascimento será amanhã ao meio-dia, nem um minuto a mais, nem a menos.

Mopso acertou mais uma vez, e Calcante morreu de desespero. Seus companheiros o enterraram em Nócio.[3]

d. O tímido Podalírio, em vez de perguntar aos amigos proféticos onde deveria se estabelecer, preferiu consultar a pitonisa de Delfos, que o aconselhou, irritada, a ir para onde não pudesse ser atingido por nenhum mal, mesmo se o firmamento desabasse. Depois de muito pensar, ele escolheu um lugar da Cária chamado Sirno, rodeado por montanhas, na esperança de que seus cumes

suportassem o firmamento azul, caso um dia Atlas o deixasse escorregar de seus ombros. Os italianos ergueram a Podalírio um altar de herói no monte Drio de Dáunia, em cujo cume a alma de Calcante mantém agora um oráculo baseado na interpretação dos sonhos.[4]

e. Uma disputa surgiu entre Mopso e Anfíloco. Eles haviam fundado juntos a cidade de Malo, na Cilícia, e, quando Anfíloco se retirou para a sua cidade, a Argos anfíloca, Mopso ficou como soberano único. Anfíloco, insatisfeito com a situação em Argos, voltou doze meses depois a Malo, na esperança de retomar seus poderes anteriores, mas Mopso lhe disse, rudemente, que fosse embora. Quando os perplexos habitantes de Malo sugeriram que a disputa fosse decidida mediante um combate entre eles, os dois rivais lutaram e se mataram um ao outro. As piras fúnebres foram dispostas de tal modo que Mopso e Anfíloco não pudessem trocar olhares inadequados durante sua cremação, mas suas almas de alguma maneira se uniram numa amizade tão afetuosa que estabeleceram um oráculo comum, o qual obteve uma reputação de veracidade ainda maior que o de Apolo em Delfos. Todas as perguntas são feitas por escrito em tabuletas de cera, e as respostas são dadas em sonhos, ao preço módico de duas moedas de cobre cada uma.[5]

f. Neoptólemo zarpou rumo à sua pátria tão logo ofereceu sacrifícios aos deuses e à alma de seu pai; e evitou a grande tempestade que alcançou Menelau e Idomeneu por ter seguido o conselho profético de seu amigo Heleno, e ter-se dirigido apressadamente para a Molóssia. Após matar o rei Fênix e casar a própria mãe com Heleno, que se tornou, assim, rei dos molossos e que fundou uma nova capital, Neoptólemo chegou enfim a Iolco.[6] Lá, ele herdou o reino de seu avô Peleu, que havia sido expulso pelos filhos de Acasto,[7] mas, seguindo o conselho de Heleno, ele nem sequer assumiu o trono. Incendiou seus navios e marchou terra adentro até o lago Pambrótis, no Epiro, perto do oráculo de Dodona, onde foi recebido por um grupo de parentes distantes. Eles estavam acampados debaixo de mantas sustentadas por lanças cravadas na terra. Neoptólemo recordou as palavras de Heleno: “Quando encontrar uma casa com fundações de ferro, paredes de madeira e tetos de lã, detenha-se, faça sacrifícios aos deuses e construa uma cidade.” Lá ele teve mais dois filhos com Andrômaca: Pielos e Pérgamo.

g. O seu fim foi inglório. A caminho de Delfos, ele exigiu satisfações pela morte de seu pai Aquiles, vitimado por Apolo, disfarçado de Páris, no seu próprio templo de Troia. Quando a pitonisa negou-lhe friamente o que pedia, ele saqueou e queimou o templo. Em seguida, foi para Esparta e alegou que Menelau havia-lhe prometido, diante de toda a Troia, Hermíone em casamento, mas que o avô dela, Tíndaro, havia-a concedido a Orestes, filho de Agamênon.

Visto que Orestes estava sendo perseguido pelas Erínias e que pesava sobre ele uma maldição divina, era justo, segundo ele, que Hermíone se tornasse sua esposa. Apesar dos protestos de Orestes, os espartanos aceitaram seu apelo, e o casamento foi realizado em Esparta. Entretanto, Hermíone revelou-se estéril, de maneira que Neoptólemo voltou a Delfos, entrou no templo, enegrecido pela fumaça, que Apolo havia decidido reconstruir, e perguntou a causa da esterilidade de sua mulher.

h. Ordenou-se-lhe que oferecesse sacrifícios para aplacar o deus e, enquanto o fazia, ele encontrou Orestes no altar. Orestes o teria matado ali mesmo se Apolo, prevendo que Neoptólemo devia ser morto por uma outra pessoa naquele mesmo dia, não o houvesse impedido. A carne dos sacrifícios oferecidos ao deus em Delfos foi sempre uma prerrogativa dos servidores do templo, mas Neoptólemo, que o ignorava, não pôde suportar o fato de que a carne dos bois que ele havia degolado fosse retirada debaixo do seu nariz e, portanto, tentou impedir isso valendo-se da força.

— Livremo-nos de uma vez desse incômodo filho de Aquiles! — disse abruptamente a pitonisa, e então um fócio chamado Maquereu matou Neoptólemo com a faca sacrifical.

— Enterre-o debaixo do umbral de nosso novo santuário — ordenou ela. — Neoptólemo foi um guerreiro famoso, e sua alma o guardará de quaisquer ataques. E, caso tenha se arrependido sinceramente de seu insulto a Apolo, deixe-o presidir as procissões e os sacrifícios em homenagem a heróis como ele. — Mas há quem diga que Orestes foi quem instigou o assassinato.[8]

i. O ateniense Demofoonte fez uma escala na Trácia no seu regresso a Atenas e, lá, Fílis, uma princesa bisalta, apaixonou-se por ele. Demofoonte se casou com ela e se tornou rei. Quando ele se cansou da Trácia e decidiu retomar suas viagens, não houve nada que Fílis pudesse fazer para retê-lo.

— Devo ir a Atenas encontrar minha mãe, que não vejo há onze anos — disse Demofoonte.

— Você deveria ter pensado nisso antes de aceitar o trono — retrucou Fílis, aos prantos. — Um soberano não deve, por lei, se afastar do reino por mais que alguns poucos meses.

Demofoonte jurou pelos deuses do Olimpo que voltaria antes que se completasse um ano, mas Fílis sabia que estava mentindo. Ela o acompanhou até o porto chamado Eneodo e, lá, deu-lhe um pequeno cofre.

— Ele contém um talismã — disse Fílis. — Abra-o somente quando já não tiver nenhuma esperança de voltar para mim.

j. Demofoonte não tinha intenção de ir para Atenas. Ele rumou para o sudeste, em direção a Chipre, onde fixou residência; quando o ano passou, Fílis

o amaldiçoou em nome da Mãe Reia, e suicidou-se ingerindo veneno. Naquela mesma hora, a curiosidade fez com que Demofoonte abrisse o cofre e, à vista de seu conteúdo — quem sabe o que poderia ser? —, ele enlouqueceu. Montou em seu cavalo e foi embora, tomado pelo pânico, a galope, golpeando a cabeça do animal com a parte achatada da espada até ele tropeçar e cair. A espada escapou de sua mão, cravou-se na terra com a ponta para cima e transpassou-lhe o peito ao ser atirado por cima da cabeça do cavalo.

Conta-se também a história de uma outra princesa trácia chamada Fílis, que se apaixonou por Acamante, irmão de Demofoonte; quando as tempestades atrasaram o seu regresso de Troia, ela morreu de tristeza e se transformou numa amendoeira. Essas duas princesas foram frequentemente confundidas.[9]

k. Diomedes, assim como Agamênon e outros, experimentou a amarga inimizade de Afrodite. Ele primeiro naufragou na costa da Lícia, onde o rei Lico o teria sacrificado a Ares não houvesse a princesa Calíorre o ajudado a escapar; quando chegou a Argos, ele descobriu que Náuplio havia convencido sua esposa Egialeia a viver em adultério com Cometo, ou, segundo dizem alguns, com Hipólito. Partindo em direção a Corinto, ele ficou sabendo que seu avô Eneu necessitava de ajuda contra certos rebeldes, de maneira que zarpou para a Etólia e o reinstaurou firmemente no trono. Mas dizem que Diomedes se vira obrigado a sair de Argos muito antes da Guerra de Troia, por ocasião de seu regresso da exitosa campanha tebana dos Epígonos; e que, depois, Agamênon o ajudou a reconquistar o seu reino.[10] Ele passou o resto da vida na Dáunia italiana, onde se casou com Evipe, filha do rei Dauno, e construiu muitas cidades famosas, entre as quais Brundísio, que pode ter sido a razão pela qual o invejoso Dauno o assassinou quando já era um ancião, e o enterrou numa das ilhas agora chamadas Diomedanas. Mas, segundo outro relato, ele desapareceu de repente por arte da magia divina, e seus companheiros foram transformados em aves dóceis e virtuosas, que ainda fazem ninhos nessas ilhas. A armadura dourada de Diomedes foi conservada pelos sacerdotes de Atena na Lucéria apúlia, e ele é venerado como deus em Veneza e em todo o sul da Itália.[11]

l. Náuplio havia induzido também Meda, a esposa de Idomeneu, ao adultério. Ela escolheu como amante Leuco, mas ele não tardou a expulsá-la do palácio junto com Clisitera, filha de Idomeneu, e as matou no templo em que haviam se refugiado. Leuco então induziu dez cidades a retirarem sua fidelidade ao rei legítimo e usurpou o trono. Surpreendido por uma tempestade enquanto se dirigia a Creta, Idomeneu jurou que dedicaria a Poseidon a primeira pessoa que encontrasse, e o acaso fez com que essa pessoa fosse o seu próprio filho, ou, segundo dizem alguns, uma de suas filhas. Ele estava prestes a cumprir a promessa, quando uma peste afetou a região e interrompeu o sacrifício. Leuco

tinha agora uma boa desculpa para desterrar Idomeneu, que emigrou para a região salentina da Calábria e lá viveu até a morte.[12]

m. Dos gregos restantes, poucos voltaram ao lar, e os que o fizeram encontraram apenas problemas à sua espera. Filoctetes foi expulso por rebeldes de sua cidade de Melibeia, na Tessália, e fugiu para a Itália meridional, onde fundou Petélia e Crimissa, perto de Crotona, e mandou alguns de seus seguidores ajudarem Egesto a fortificar Egesta, na Sicília. Ele dedicou seu famoso arco em Crimissa no templo de Apolo Demente e, ao morrer, foi enterrado junto ao rio Síbaris.[13]

n. Ventos adversos forçaram o rumo de Guneu até o rio Cínipe, na Líbia, e lá fixou ele residência. Fidipo com seus coanos foi primeiro para Andros e, de lá, para Chipre, onde também havia se estabelecido Agapenor. Menesteu não continuou seu reinado em Atenas, mas aceitou o reino vago de Melos. Entretanto, há quem diga que ele morreu em Troia. Os seguidores de Elpenor naufragaram na costa do Epiro e ocuparam Apolônia; os de Protesilau, perto de Pelene, no Quersoneso trácio; e os ródios de Tlepólemo, numa das ilhas ibéricas, de onde uma boa parte deles zarpou outra vez para o oeste, rumo à Itália, e receberam a ajuda de Filoctetes em sua guerra contra os bárbaros lucanos.[14] O conto das andanças de Odisseu é agora um espetáculo homérico de 24 noites.

o. Só Nestor, que havia sempre se mostrado justo, prudente, generoso, cortês e respeitoso para com os deuses, voltou são e salvo para Pilos, onde gozou de uma velhice feliz, despreocupado das guerras e rodeado por filhos intrépidos e inteligentes, pois assim decretou Zeus Onipotente.[15]

1. Os mitógrafos fazem Afrodite lutar contra os gregos porque, como deusa do amor, ela havia apoiado Páris no rapto de Helena. Mas ela era também a deusa do mar que os troianos invocaram para destruir a confederação comercial patrocinada por Poseidon; e as tormentas supostamente desencadeadas por Atena e Poseidon para que os vitoriosos não pudessem voltar sãos e salvos devem ter sido, num primeiro momento, atribuídas a ela. Esse princípio de vingança permitiu a muitas cidades da Itália, Líbia, Chipre e de outros lugares atribuírem sua fundação mais a heróis que naufragaram regressando de Troia do que a refugiados da invasão dória da Grécia.

2. Enterrar um jovem guerreiro sob o umbral de um templo era prática comum e, posto que Neoptólemo havia incendiado o velho templo de Delfos, a

pitonisa, naturalmente, escolheu-o como vítima quando sobre suas ruínas se ergueu um novo templo. Os guardiães anteriores do umbral haviam sido Agamedes e Trofônio (vide 84. *b*).

3. Reia, que santificou o misterioso objeto fechado no cofre de Demofoonte, era também chamada de Pandora e, portanto, é possível que esta seja uma versão anterior de como Pandora, mulher de Epimeteu, abriu a caixa que continha todos os males (vide 39. *j*), um aviso aos homens que se intrometem nos mistérios das mulheres, mais do que ao contrário. "Mopso" era um título de realeza na Cilícia do século VIII a.C.

4. As aves em que se transformaram os seguidores de Diomedes são descritas como "virtuosas" com a evidente intenção de diferenciá-las de suas cruéis aves vizinhas, as Sereias (vide 154. *d* e *3*; 170. *7*).

5. Meandro ("procurando um homem") fez um voto como o de Idomeneu ao jurar à Rainha do Céu que lhe dedicaria a primeira pessoa que o felicitasse pelo seu assalto a Pessinonte; e essa pessoa foi o seu filho Arquelau ("governante do povo"). Meandro o matou e, depois, arrependido, atirou-se ao rio (Plutarco: *Sobre os rios* IX. 1). Uma versão mais conhecida do mesmo mito se encontra em *Juízes* XI. 30 *et seq.*, onde Jefté promete a Jeová sacrificar-lhe sua filha caso triunfe na guerra. Essas versões indicam que Idomeneu prometeu o sacrifício de um varão a Afrodite, e não a Poseidon, assim como fez Meandro à Rainha do Céu e Jefté, sem dúvida, a Anata, que exigia que se queimassem vivas as vítimas em suas montanhas sagradas da Judeia. Na verdade, parece que o sacrifício de um príncipe real em agradecimento por uma campanha de êxito foi, num determinado momento, uma prática comum — Jônatas teria sido assassinado por seu pai, o rei Saul, depois da vitória nas redondezas de Michmash, não houvesse o povo protestado —, e que a interrupção do sacrifício de Idomeneu, como o de Abraão no monte Moriá, ou o de Atamante no monte Lafístio (vide 70. *d*), foi um aviso de que tal costume já não agradava à divindade. A substituição de uma princesa por um príncipe, como na história de Jefté, ou como no relato do Primeiro Mitógrafo do Vaticano sobre o juramento de Idomeneu, indica a reação antimatriarcal característica da saga heroica.

6. As perambulações de Menelau pelo Mediterrâneo meridional se referem à pirataria e às tentativas de colonização aqueias. Segundo Xanto, um dos primeiros historiadores lídios, a cidade fenícia de Áscalon foi fundada por Ascalo ("inculto"), irmão de Pélope e, portanto, antepassado colateral de Menelau. Da mesma maneira, quando Josué conquistou Canaã no século XIII a.C., os homens de Gibeão (*Agabão*, conforme um texto da Septuaginta,[a] com o significado de *Astu Achaivon*, "a cidades dos aqueus") chegaram como suplicantes, vestidos à moda grega, para ver Josué, e alegaram não serem

cananeus nativos, mas hivitas, ou seja, aqueus do ultramar. Josué reconheceu seus direitos como guardiães dos bosques sagrados e extratores da água sagrada (*Josué* IX). Deduz-se do versículo 9 que eles aparentemente lembraram Josué da antiga liga marítima de Keftiu, presidida por Minos de Cnossos, à qual haviam pertencido por um tempo tanto os aqueus como o povo de Abraão. Abraão, que chegara ao delta junto com os reis hicsos, havia casado sua irmã Sara com o "Faraó", ou seja, com o governante cnossiano de Faros — naquela época o principal entreposto comercial da confederação. Mas, na época de Menelau, Cnossos jazia em ruínas, os confederados haviam se transformado em piratas e haviam sido derrotados pelos egípcios na batalha de Piari (1229 a.C.) — "Eles caíram na minha armadilha como aves de caça, foram arrastados, cercados e mortos na praia, seus navios e suas mercadorias afundaram no mar" —, e Faros, que já não era o maior porto da Antiguidade, transformou-se num mero viveiro de focas. Um desastre submarino submergira sua infraestrutura portuária (vide 39. *2*) e, no início da época clássica, o comércio exterior passava por Naucrátis, o entreposto milésio (vide 25. *6*).

7. A luta de Menelau contra Proteu é uma versão degenerada de um mito conhecido: a deusa-foca Tétis foi masculinizada sob a forma de Proteu, e Menelau, em vez de esperar que a pele de foca fosse abandonada para depois abraçar-se amorosamente à deusa, como fez Peleu (vide 81. *1*-*3*), utiliza uma pele de foca como disfarce, chama três homens para que o ajudem e não exige do seu prisioneiro mais do que uma resposta oracular. Proteu se transforma rapidamente, assim como fez Tétis com Peleu, ou como Dionísio-Zagreu, que é associado a Faros (vide 27. *7*), quando ameaçado pelos titãs. A lista homérica de suas transformações é confusa, pois nela convergem duas ou três ordens de sucessão das estações. O leão e o javali são emblemas inteligíveis de um ano de duas estações (vide 69. *1*), da mesma maneira como o touro, o leão e a serpente d'água são emblemas de um ano de três estações (vide 27. *4* e 123. *1*); a pantera está consagrada a Dionísio (vide 27. *4*); e a "árvore frondosa", que guarda um paralelismo com a história de Periclímeno, talvez se refira às árvores sagradas dos meses (vide 53. *3* e 139. *1*). As transformações de Proteu constituem uma ficção divertida, mas revelam-se totalmente inadequadas no contexto oracular, a menos que a história verdadeira seja que, após um reinado de oito anos e a morte anual de um *interrex* ao estilo cretense, Menelau tenha se convertido no herói oracular de uma colônia estabelecida junto ao rio do Egito (vide 112. *3*).

NOTAS

[a] Tradução para o grego da Torá (Pentateuco), encomendada pelo rei Ptolomeu II do Egito no século III a.C. (N.T.)

[1] Apolodoro: *Epítome* VI. 1; Homero: *Odisseia* III. 130 *et seq*. e IV. 77-592; Hagias, citado por Proclo (*Fragmentos épicos gregos*, p. 53, ed. Kinkel).

[2] Apolodoro: II. 1. 5 e *Epítome* VI. 11; Eurípides: *Helena* 766 *et seq*. e 1.126 *et seq*.; Higino: *Fábula* 116; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: XI. 260.

[3] Apolodoro: *Epítome* VI. 2-4; Estrabão: XIV. 1. 27, citando Hesíodo, Sófocles e Ferécides; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 427 e 980.

[4] Apolodoro: *Epítome* VI. 18; Pausânias: III. 26. 7; Estêvão de Bizâncio *sub* Sirna; Estrabão: VI. 3. 9; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 1.047.

[5] Apolodoro: III. 7. 7 e *Epítome* VI. 19; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 440-442; Estrabão: XIV. 5. 16; Pausânias: I. 34. 3; Luciano: *Alexandre* 19; Plutarco: *Por que se calam os oráculos* 45; Cícero: *Sobre a adivinhação* I. 40. 88; Dio Cássio: LXXII. 7.

[6] Apolodoro: *Epítome* VI. 12 e 13; Hagias: *loc. cit*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 166; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero III. 188.

[7] Dictys Cretensis: VI. 7-9.

[8] Homero: *Odisseia* IV. 1-9; Apolodoro: *Epítome* VI. 13-14; Eurípides: *Andrômaca* 891-1.085 e *Orestes* 1.649, com escoliasta; Higino: *Fábula* 123; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: IV. 3; escoliasta sobre a *Andrômaca* de Eurípides: 32 e 51; Ovídio: *Heroidas* VIII. 31 *et seq*.; *Fragmentos de Sófocles* II. 441 *et seq*., ed. Pearson; Pausânias: X. 7. 1 e X. 24. 4-5; Píndaro: *Odes nemeeias* VII. 50-70, com escoliasta; Virgílio: *Eneida* III. 330; Estrabão: IX. 3. 9.

[9] Apolodoro: *Epítome* V. 16; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 495; Luciano: *Sobre a dança* 40; Higino: *Fábula* 59; Sérvio sobre as *Églogas* de Virgílio: V. 10.

[10] Plutarco: *Vidas paralelas* 23; Dictys Cretensis: VI. 2; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 609; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 9; Higino: *Fábula* 175; Apolodoro: I. 8. 6; Pausânias: III. 25. 2.

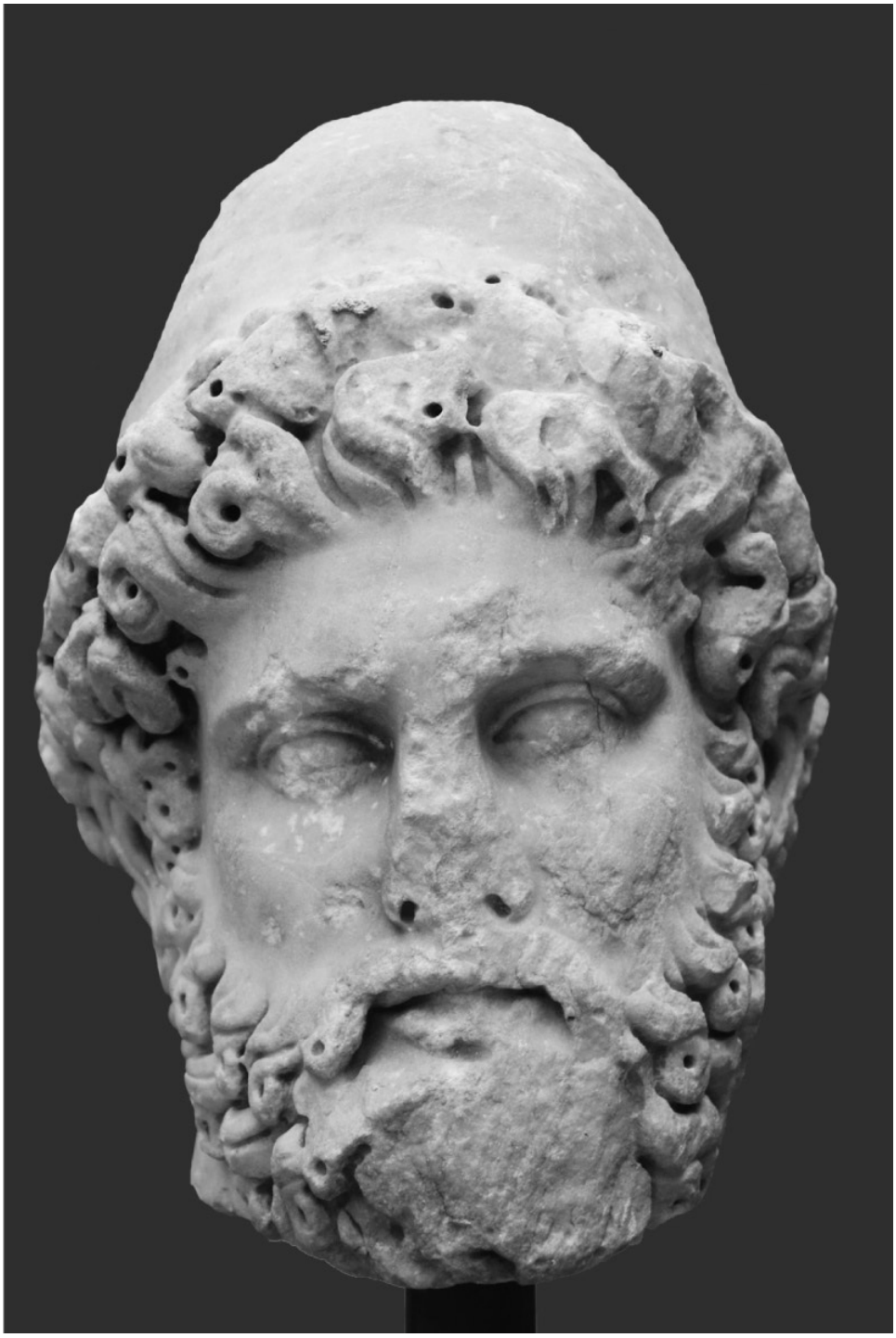
[11] Pausânias: I. 11; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: VIII. 9 e XI. 246; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 602 e 618; Estrabão: VI. 3. 8-9; escoliasta sobre as *Odes nemeeias* de Píndaro: X. 12; Scylax: p. 6.

[12] Apolodoro: *Epítome* VI. 10; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 384-386; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 121 e XI. 264; Primeiro Mitógrafo do Vaticano: 195; Segundo Mitógrafo do Vaticano: 210; Virgílio: *Eneida* 121 *et seq*. e 400 *et seq*.

[13] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911, citando o *Epítome* de Apolodoro; Homero: *Ilíada* II. 717 *et seq*.; Estrabão: VI. 1. 3; Aristóteles: *Mirabilia* 107.

[14] Tzetzes: *Sobre Licofrone* 911; Pausânias: I. 17. 6.

[15] Homero: *Odisseia* IV. 209; Pausânias: IV. 3. 4; Higino: *Fábula* 10.



ODISSEU
Copenhague, Dinamarca

170

AS VIAGENS DE ODISSEU

Odisseu, ao zarpar de Troia com a absoluta certeza de que deveria viajar por mais dez anos antes de poder voltar a Ítaca, fez escala, em primeiro lugar, na Ismaro cícone, e a tomou de assalto. No saque, ele poupou apenas a vida de Máron, sacerdote de Apolo, o qual, agradecido, ofereceu-lhe vários jarros de vinho doce. Mas os cícones do interior viram a coluna de fumaça que se estendia alta por cima da cidade incendiada, e atacaram os gregos enquanto estes bebiam na praia, obrigando-os a fugir em todas as direções. Quando Odisseu conseguiu reunir e reembarcar os seus homens, que haviam sofrido numerosas baixas, um forte vento nordeste o arrastou para o mar Egeu até Citera.[1] No quarto dia, durante uma calmaria tentadora, ele tentou dobrar o cabo Maleia e continuar pelo norte até Ítaca, mas o vento voltou a soprar com uma violência ainda maior do que antes. Após nove dias de perigo e penúria, surgiu diante deles o promontório líbio onde vivem os comedores de lótus. O lótus é um fruto sem caroço, da cor do açafrão e do tamanho de um feijão, que cresce em cachos doces e saudáveis, embora tenha a propriedade de fazer com que aquele que o coma perca completamente as lembranças de seu país. Entretanto, alguns viajantes o descrevem como uma espécie de maçã da qual se obtém uma sidra forte. Odisseu desembarcou para carregar água e enviou, para tanto, uma patrulha de três homens, que comeram do lótus oferecido pelos nativos, esquecendo-se, assim, de sua missão. Depois de algum tempo, Odisseu foi atrás deles, liderando um grupo de resgate, e, embora tenha sido acometido pela tentação de provar do lótus, ele se conteve, levando os desertores de volta à força, acorrentando-os e partindo sem mais delongas.[2]

b. Depois, ele chegou a uma ilha fértil e muito verdejante, habitada unicamente por inúmeras cabras silvestres, e matou algumas para se alimentar.

Lá, ele ancorou a frota inteira, à exceção de um só navio, no qual saiu para explorar a costa oposta, que revelou ser o país dos ferozes e bárbaros ciclopes, assim chamados por causa do enorme olho redondo no meio da testa. Eles haviam esquecido o ofício de ferreiro dominado por seus antepassados, que haviam trabalhado para Zeus, e se tornado então pastores sem lei, sem assembleia, sem navios, sem mercados e sem conhecimento agrícola, vivendo sombriamente separados uns dos outros, em cavernas escavadas nas colinas rochosas. Ao ver uma dessas cavernas com uma entrada alta, por cima da qual estava dependurado um ramo de loureiro, do outro lado de um curral cercado por pedras enormes, Odisseu e seus companheiros entraram, sem saber que se tratava da propriedade de um ciclope chamado Polifemo, filho gigante de Poseidon com a ninfa Toosa, o qual adorava comer carne humana. Os gregos se acomodaram e acenderam uma grande fogueira, e depois mataram e assaram vários cabritos que encontraram no fundo da caverna, servindo-se também do queijo que estava num dos cestos pendurados na parede, e se refestelaram. Ao anoitecer, chegou Polifemo. Ele conduziu o rebanho para dentro da caverna e fechou a entrada com uma laje de pedra tão grande que vinte juntas de bois mal seriam capazes de removê-la. Então, sem aperceber-se de que tinha hóspedes, ele se sentou para ordenhar suas cabras e ovelhas. Por fim, o ciclope levantou a cabeça do balde e vislumbrou Odisseu e seus companheiros reclinados, espalhados em seu lar. Perguntou-lhes, mal-humorado, o que faziam ali em sua caverna, e Odisseu lhe respondeu:

— Gentil monstro, somos gregos e estamos de regresso à nossa pátria após termos saqueado Troia. Peço-lhe que recorde o seu dever para com os deuses e que nos trate com hospitalidade.

Em resposta, Polifemo bufou, agarrou dois marinheiros pelos pés, fez seus miolos saltarem ao golpeá-los contra o chão e os devorou diante dos companheiros, grunhindo enquanto lambia os ossos como um leão montês.

c. Odisseu teria se vingado com sangue antes do amanhecer, mas não se atreveu, pois só Polifemo era forte o bastante para retirar a pedra da entrada. Ele passou a noite toda maquinando um plano de fuga, enquanto Polifemo roncava terrivelmente. Para o desjejum, o monstro matou mais dois marinheiros, quebrando-lhes a cabeça, e depois saiu silenciosamente com seu rebanho à frente, fechando a caverna com a mesma laje. Mas Odisseu pegou uma estaca de madeira de oliveira verde, afiou-a e endureceu uma das extremidades no fogo e, depois, a escondeu debaixo de um monte de esterco. À noite, o ciclope voltou e comeu mais dois dentre os doze marinheiros, após o que Odisseu lhe ofereceu, gentilmente, uma tigela feita de madeira de hera, contendo o vinho inebriante que Máron lhe dera na Ismaro cícone; por sorte, ele havia trazido consigo um

odre cheio de vinho. Polifemo bebeu avidamente, pediu uma segunda tigela, pois era a primeira vez na vida que provava uma bebida mais forte que o leitelho, e condescendeu em perguntar a Odisseu como ele se chamava.

— Meu nome é Udeis — disse Odisseu. — Ou ao menos é assim que todos me chamam, para abreviar.

Ora, Udeis significa “Ninguém”.

— Vou comê-lo por último, amigo Udeis — prometeu Polifemo.

d. Assim que o ciclope, bêbado, caiu num sono profundo, pois o vinho havia sido misturado com água, Odisseu e seus companheiros restantes esquentaram a estaca nas brasas do fogo e depois a cravaram no único olho de Polifemo, retorcendo-a para dentro enquanto Odisseu a forçava como se fizesse um buraco no casco do navio. O olho emitiu um silvo e Polifemo lançou um gemido horrível, que fez com que todos os seus vizinhos, dos mais próximos aos mais afastados, acorressem à caverna.

— Estou cego e sofro terrivelmente! A culpa é de Udeis!

— Pobre infeliz! — responderam eles. — Se ninguém é culpado, como diz, então você deve estar delirando por causa da febre. Reze ao nosso pai, Poseidon, que o livre desse tormento e pare de fazer tanto barulho!

Eles foram embora aos murmúrios, e Polifemo se dirigiu à entrada da caverna, removeu a lápide e, andando às apalpadelas, nutria a esperança de agarrar os gregos sobreviventes que deveriam estar tentando escapar. Mas Odisseu pegou uns ramos de vime e, com eles, amarrou cada um de seus companheiros debaixo do ventre de um carneiro, o do meio de um grupo de três, repartindo o peso equitativamente. Ele escolheu para si um carneiro enorme que liderava o rebanho e se pôs debaixo do seu ventre, agarrando-se com força ao velo com os dedos das mãos e dos pés.

e. Ao amanhecer, Polifemo deixou que seu rebanho saísse para pastar, apalpando suavemente seus lombos para se assegurar de que não houvesse nenhum prisioneiro montado neles. O ciclope se demorou um pouco conversando tristemente com o animal debaixo do qual se escondia Odisseu:

— Por que você, querido carneiro, não saiu primeiro como de costume? Acaso lamenta o meu infortúnio? — Dito isso, Polifemo finalmente o deixou passar.

f. Foi assim que Odisseu conseguiu libertar seus companheiros e levar um rebanho de carneiros gordos para o navio. Eles zarparam imediatamente e, enquanto os homens tomavam os remos e começaram a pôr a embarcação em movimento, Odisseu, incapaz de se conter, lançou um irônico adeus. Como resposta, Polifemo arremessou sobre eles uma imensa rocha que caiu a pouca

distância do navio, formando um redemoinho na água que quase os arrastou de volta à costa. Odisseu pôs-se a rir e gritou:

— Caso lhe perguntem quem o cegou, diga que não foi Udeis, mas Odisseu de Ítaca!

O ciclope, furioso, suplicou em voz alta a Poseidon:

— Conceda-me, pai, se o meu inimigo Odisseu alguma vez voltar para casa, que seja tarde, em más condições e num barco estrangeiro, após haver perdido todos os seus companheiros; e que encontre um monte de problemas à sua espera no umbral! — Nisso, ele lançou uma rocha ainda maior que a outra, a qual, dessa vez, caiu a pouca distância da popa do navio, erguendo uma onda que os levou rapidamente para a ilha onde eles eram ansiosamente esperados pelos outros companheiros de Odisseu. Mas Poseidon escutou Polifemo e lhe prometeu a vingança solicitada.[3]

g. Odisseu rumou então para o norte e, pouco depois, chegou à ilha de Éolo, Guardião dos Ventos, que os acolheu com grande hospitalidade por um mês inteiro. No último dia, ele entregou a Odisseu uma bolsa de ventos, explicando-lhe que, enquanto sua boca permanecesse amarrada com um fio de prata, tudo estaria bem. Disse-lhe que não havia colocado ali dentro o suave Vento Oeste, que levaria a frota ininterruptamente pelo mar Jônico até Ítaca, mas Odisseu poderia soltar os outros, um a um, se por algum motivo necessitasse alterar seu rumo. Quando Odisseu por fim adormeceu, vencido pelo cansaço, já se podia divisar a fumaça que se erguia das chaminés de seu palácio. Sua tripulação, que vinha aguardando esse momento, desamarrou a bolsa pensando que contivesse vinho. Foi então que os Ventos saíram todos juntos, rugindo em direção à sua ilha, levando o navio na frente, e Odisseu não tardou em se encontrar de novo na ilha de Éolo. Com profusas desculpas, ele solicitou novamente a sua ajuda, mas disseram-lhe que fosse embora, utilizando dessa vez os remos, pois não lhe dariam nem mesmo um sopro do Vento Oeste.

— Não posso ajudar um homem a quem os deuses se contrapõem! — gritou Éolo, fechando a porta na sua cara.[4]

h. Após sete dias de viagem, Odisseu chegou ao país dos lestrigões, governado pelo rei Lamo; há quem diga que esse país se localizasse no noroeste da Sicília. Outros o situam perto de Fórmias, na Itália, onde a nobre Casa de Lâmia afirma descender do rei Lamo; e isso é plausível, pois quem admitiria ser descendente de canibais, a menos que se tratasse de uma tradição comum?[5] No país dos lestrigões, a noite e a manhã estão tão próximas uma da outra que os pastores que conduzem seus rebanhos para casa quando o sol se põe cumprimentam os que conduzem os seus para o campo ao amanhecer. Os capitães de Odisseu entraram audazes no porto de Telépilo, o qual, à exceção de

uma entrada estreita, encontra-se rodeado por rochedos abruptos, e ancoraram seus navios perto de um caminho de charretes que subia por um vale. Odisseu, mais prudente, amarrou bem o seu barco a uma rocha fora do porto, após enviar três exploradores terra adentro para fazerem um reconhecimento. Os exploradores seguiram o caminho até encontrarem uma moça que tirava água de um manancial. Ela revelou ser filha de Antífates, um comandante lestrigão, a cuja casa ela os conduziu. Lá, porém, eles foram tratados impiedosamente por uma horda de selvagens, que se apoderou de um deles e o matou para cozinhá-lo; os outros dois saíram em disparada, mas os selvagens, em vez de persegui-los, subiram no alto dos rochedos e, de lá, arremessaram sobre os navios uma chuva de pedras antes de os tripulantes alcançarem o mar. Então, descendo até a praia, eles mataram e devoraram os marinheiros. Odisseu conseguiu escapar, cortando a espia de seus navios com uma espada e exortando seus companheiros a remarem vigorosamente se quisessem continuar vivos.[6]

i. Ele pilotou o único navio que lhe restou para o leste e, após uma longa viagem, chegou a Ea, a ilha da Aurora, governada pela deusa Circe, filha de Hélio e Perse e, portanto, irmã de Eetes, o terrível rei da Cólquida. Circe conhecia todos os tipos de encantamentos, mas nutria pouco amor pela espécie humana. Ao fazerem um sorteio para decidir quem permaneceria para vigiar o navio e quem saltaria para explorar a ilha, coube ao companheiro de Odisseu, Euríloco, desembarcar com outros 22 marinheiros para realizar as tarefas de reconhecimento. Ele descobriu que Ea era rica em carvalhos e outros tipos de árvores e, por fim, chegou ao palácio de Circe, construído numa grande clareira no meio da ilha. Lobos e leões rondavam pelas suas vizinhanças mas, em vez de atacarem Euríloco e sua patrulha, eles se ergueram nas patas traseiras e os acariciaram. Aqueles animais poderiam ser tomados por seres humanos e, de fato, eram, só que metamorfoseados graças aos feitiços de Circe.

j. Circe estava sentada no vestíbulo, cantando enquanto tecia, e, quando o grupo de Euríloco a cumprimentou em voz alta, ela saiu sorrindo e os convidou para comer à sua mesa. Todos entraram alegremente, à exceção de Euríloco, que, suspeitando de um ardil, preferiu observar tudo pela janela. A deusa serviu uma comida à base de queijo, cevada, mel e vinho para os marinheiros famintos; mas a comida estava enfeitiçada e, mal haviam eles começado a comer, ela tocou-lhes o ombro com sua varinha e os transformou em porcos. Depois, abriu a portinhola de uma pocilga, esparramou um punhado de bolotas e frutos de corniso no chão lamacento e os deixou ali, chafurdando.

k. Euríloco voltou aos prantos e informou Odisseu da desgraça ocorrida; ele tomou da espada e saiu decidido a salvá-los, embora sem nenhum plano em mente. Para sua surpresa, ele se encontrou com o deus Hermes, que o

cumprimentou amavelmente e lhe ofereceu um antídoto contra a magia de Circe: uma flor branca aromática de raiz negra, chamada *moly*, que só os deuses são capazes de reconhecer e colher. Odisseu, agradecido, aceitou o presente e continuou o caminho até o palácio de Circe, que o recebeu também. Tendo Odisseu comido sua refeição enfeitiçada, Circe tocou-lhe o ombro com a vara, ordenando: "Vá unir-se aos seus companheiros na pocilga." Mas Odisseu havia cheirado às escondidas a flor de *moly*, razão pela qual o encantamento não surtiu efeito. Ele se levantou de um salto, empunhando a espada. Circe caiu aos seus pés e suplicou:

— Poupe-me e compartilhe meu leito; então, reinará em Ea comigo!

Consciente de que as feiticeiras possuem o poder de enervar e destruir seus amantes, extraindo-lhes secretamente o sangue em pequenas vesículas, Odisseu fez Circe jurar solenemente que não tramaria de novo contra ele. Ela jurou pelos deuses benditos e, após proporcionar-lhe um delicioso banho quente, vinho em cálices de ouro e um saboroso jantar servido por uma sóbria governanta, preparou-se para passar a noite com ele num leito com colcha purpúrea. Mas Odisseu se negou a corresponder aos seus avanços amorosos até ela concordar em libertar não só os seus companheiros, como também todos os outros marinheiros que ela havia enfeitiçado. Isto feito, ele permaneceu de bom grado em Ea até ter com ela três filhos: Ágrio, Latino e Telégono.[7]

l. Odisseu ansiava por seguir viagem e Circe o deixou partir, mas, antes, recomendou-lhe que fosse ao Tártaro procurar o adivinho Tirésias, que lhe profetizaria a sorte que o aguardava em Ítaca, se é que algum dia ele conseguiria chegar lá, e o que ocorreria depois disso.

— Deixe-se levar pelo Setentrião — disse-lhe Circe —, até chegar ao Oceano e ao Bosque de Perséfone, notável por seus álamos-negros e seus velhos salgueiros. No ponto onde os rios Flegetonte e Cocito desembocam no Aqueronte, cave uma vala e sacrifique um carneiro jovem e uma ovelha negra, que eu mesma providenciarei, a Hades e Perséfone. Deixe que o sangue escorra na vala e, enquanto espera a chegada de Tirésias, afugente todos os outros fantasmas com a sua espada. Deixe que o adivinho beba o quanto quiser e, depois, escute atentamente o seu conselho.

m. Odisseu obrigou seus homens a embarcar, embora tenham se mostrado relutantes a abandonar a prazerosa Ea pelo país de Hades. Circe lhes proporcionou um vento favorável, que os levou rapidamente à corrente do Oceano e às fronteiras perdidas do mundo, onde os cimérios, cidadãos do Crepúsculo Perpétuo, sempre envoltos na neblina, estão proibidos de contemplar o Sol. Quando avistaram o Bosque de Perséfone, Odisseu desembarcou e fez exatamente o que lhe havia aconselhado Circe. O primeiro fantasma a surgir na

vala foi o de Elpenor, um de seus próprios marinheiros que, poucos dias antes, estando embriagado, havia adormecido no teto do palácio de Circe e, ao despertar, aturdido, caiu lá de cima e morreu. Odisseu havia abandonado Ea tão apressadamente que não observara a ausência de Elpenor senão tarde demais e, naquele momento, ele lhe prometia um enterro decente.

— E pensar que você chegou aqui mais rápido a pé do que eu de barco! — exclamou ele. Mas Odisseu não permitiu que Elpenor provasse um só gole do sangue, embora este tenha suplicado encarecidamente.

n. Uma multidão mista de fantasmas se reuniu ao redor da vala, homens e mulheres de todas as épocas e de todas as idades, dentre os quais se achava Anticleia, mãe de Odisseu. Mas ele não permitiu nem a ela que bebesse antes de Tirésias. O adivinho enfim apareceu, sorveu agradecido o sangue e aconselhou Odisseu a manter seus homens estritamente controlados quando avistassem a Sicília, sua próxima escala, para que não sentissem a tentação de roubar o gado do titã-sol Hipérion. Ademais, ele deveria contar com grandes dificuldades em Ítaca e, embora pudesse esperar vingar-se dos vilões que lá dilapidavam os seus bens, suas viagens não terminariam por aí. Ele deveria ainda tomar um remo e carregá-lo nos ombros até chegar a uma região do interior onde nenhum homem salgava sua carne, e onde confundiriam o remo com um bastão de joeira. Se, nesse momento, ele realizasse um sacrifício a Poseidon, poderia então voltar a Ítaca e desfrutar de uma velhice ditosa, mas, no final, a morte chegaria vinda do mar.

o. Após agradecer Tirésias e prometer-lhe o sangue de uma outra ovelha negra ao seu regresso a Ítaca, Odisseu permitiu finalmente à sua mãe que saciasse a sede. Ela lhe deu más notícias de casa, mas guardou um silêncio discreto quanto aos pretendentes de sua nora. Quando ela se despediu, os fantasmas de numerosas rainhas e princesas se atropelaram para sorver o sangue que restara. Odisseu ficou encantado ao poder conhecer personagens tão famosas como Antíopa, Jocasta, Clóris, Pero, Leda, Ifimedia, Fedra, Prócris, Ariadne, Mera, Clímene e Erifila.

p. Em seguida, ele conversou com um grupo de antigos companheiros: Agamênon, que o aconselhou a desembarcar em segredo em Ítaca; Aquiles, a quem alegrou, contando-lhe as grandiosas façanhas de Neoptólemo; e Ájax o Grande, que de jeito algum ainda não o havia perdoado e que se afastou, ressentido. Odisseu viu também Minos emitindo seus juízos, Órion caçando, Tântalo e Sísifo sofrendo, e Hércules — ou melhor, o seu espectro, pois Hércules mesmo participava placidamente dos banquetes dos deuses imortais —, que se compadeceu dele por seus longos trabalhos.[8]

q. Odisseu navegou sem problemas durante o regresso a Ea, onde enterrou o cadáver de Elpenor e fincou seu remo no túmulo como um monumento comemorativo. Circe o recebeu com grande alegria:

— Que coragem ter visitado o país de Hades! — disse ela. — Uma só morte é suficiente para a maioria dos homens, mas agora você terá duas!

Ela o avisou de que, em seguida, ele teria de passar pela Ilha das Sereias, cujo canto mavioso encantava todos os que navegavam por aquelas águas. Essas filhas de Aqueloo, ou, segundo alguns, de Fórcis com a musa Terpsícore, ou com Estérope, filha de Portaon, tinham rosto de menina, mas pés e plumas de ave, e contam-se diferentes histórias para explicar tal peculiaridade: por exemplo, a de que elas estavam brincando com Coré quando esta foi raptada por Hades, e que Deméter, zangada por elas não a terem socorrido, deu-lhes asas, dizendo: "Vão buscar minha filha por todo o mundo!", ou que Afrodite as transformou em aves porque, por orgulho, não queriam entregar sua virgindade nem aos deuses, nem aos homens. Entretanto, elas não tinham mais o poder de voar, pois as musas as haviam derrotado numa competição musical e lhes arrancaram as plumas para se coroarem com elas. Então elas permanecem sentadas, cantando num prado entre os montes de ossos dos marinheiros que elas vêm arrastando à morte.

— Tape os ouvidos da sua tripulação com cera de abelha — aconselhou Circe —, e, caso deseje escutar a música delas, peça a seus marinheiros que amarrem suas mãos e seus pés ao mastro, e faça-os jurar que não o soltarão, por mais cruéis que sejam suas ameaças.

Quando Odisseu foi se despedir, Circe o preveniu de outros perigos que o aguardavam. Depois, ele zarpou, levado mais uma vez por um vento favorável.

r. Quando o navio se aproximou da ilha das Sereias, Odisseu seguiu o conselho de Circe. As sereias cantaram tão docemente, prometendo-lhe antecipar o conhecimento de todos os eventos futuros que ocorreriam na Terra, que ele começou a gritar aos seus companheiros, ameaçando-lhes com a morte se não o soltassem. Mas eles, obedecendo a suas ordens anteriores, amarraram-no ainda mais forte ao mastro. Assim, o barco continuou navegando em segurança, e as Sereias, sentindo-se humilhadas pelo fracasso, suicidaram-se.[9]

s. Há quem acredite que existiam apenas duas Sereias; outros afirmam que eram três: Partênope, Leucósia e Lígia; ou Pisínoe, Agláope e Telxepia; ou Aglaofonos, Telxíope e Molpe. Segundo algumas tradições, seriam quatro: Teles, Raidne, Telxíope e Molpe.[10]

t. O seguinte perigo que Odisseu teria de confrontar consistia em passar entre dois recifes, num dos quais habitava Cila e, no outro, Caribde, sua monstruosa companheira. Caribde, filha da Mãe Terra e de Poseidon, era uma mulher voraz que havia sido arremessada ao mar pelo raio de Zeus e que, três

vezes ao dia, sugava um imenso volume de água e em seguida o cuspia. Cila, que fora outrora a formosa filha de Hécate Crateis e de Fórcis, ou Forbante — ou de Equidna e Tífon, Tritão ou Tirrênio —, havia sido transformada num monstro semelhante a um cão, com seis horrendas cabeças e doze patas. Isso havia sido obra de Circe, por ciúmes do amor que ela sentia pelo deus marinho Glauco; ou de Anfitrite, também por ciúmes do amor que lhe devotara Poseidon. Cila capturava os marinheiros, quebrava-lhes os ossos e depois os devorava aos poucos. Mas a característica mais estranha de Cila era o seu uivo, mais fraco que o choro de um cãozinho recém-nascido. Tentando escapar de Caribde, Odisseu acabou se aproximando perigosamente de Cila, a qual, inclinando-se sobre as aposturas, arrebatou do convés seis de seus mais capazes marinheiros, levando um em cada boca, e se retirou para as rochas, onde os devorou com calma. Eles gritaram e estenderam suas mãos na direção de Odisseu, mas ele nem se atreveu a tentar salvá-los, prosseguindo viagem.[11]

u. Odisseu manteve o rumo para evitar as Rochas Flutuantes, ou Chocantes, por entre as quais só o *Argo* havia conseguido passar; ele não sabia que, a partir de então, elas se encontravam fixadas no fundo do mar. Logo pôde divisar a Sicília, onde o titã-sol Hipérion, chamado por vezes de Hélio, estava apascentando sete manadas de magníficas vacas, cinquenta por rebanho, e grandes rebanhos de robustas ovelhas. Odisseu fez seus homens jurarem solenemente que se contentariam com as provisões oferecidas por Circe, e que não roubariam uma só vaca. Eles então desembarcaram e amarraram o navio, mas o Vento Sul soprou durante trinta dias, os víveres começaram a escassear e, embora os marinheiros saíssem para caçar ou pescar todos os dias, eles voltavam de mãos quase vazias. Finalmente, Euríloco, desesperado de fome, convenceu os companheiros em segredo a matar parte do gado, alegando que ergueriam um magnífico templo em homenagem a Hipérion tão logo regressassem a Ítaca. Eles esperaram Odisseu pegar no sono e apoderaram-se de várias vacas, mataram-nas, sacrificaram aos deuses os fêmures e a gordura e assaram carne suficiente para um banquete de seis dias.

v. Odisseu ficou horrorizado ao despertar e ver o que havia sucedido; da mesma maneira Hipérion, ao ser informado do ocorrido por Lampécia, sua filha e vaqueira-chefe. Hipérion foi-se queixar com Zeus, o qual, ao ver que o navio de Odisseu havia zarpado de novo, enviou uma súbita tempestade do oeste que derrubou-lhe o mastro, fazendo-o cair sobre a cabeça do timoneiro, depois descarregou um raio sobre o convés. O navio afundou, e todos os que estavam a bordo se afogaram, exceto Odisseu. Ele conseguiu amarrar o mastro e a quilha, que estavam flutuando, com uma corda de couro de boi, e ficou à deriva nessa embarcação improvisada. Mas o Vento Sul começou a soprar e o arrastou de

novo até o redemoinho de Caribde. Agarrando-se ao tronco de uma figueira silvestre que se erguia do alto do recife, ele ficou dependurado nela, esperando até que o mastro e a quilha fossem tragados e cuspidos em seguida; depois, ele montou neles de novo e foi embora remando com os braços. Após nove dias à deriva, ele desembarcou na ilha de Ogígia, onde vivia Calipso, filha de Tétis com Oceano, ou talvez de Nereu, ou de Atlas.[12]

w. Bosques de amieiros, álamos-negros e ciprestes, com corujas cornudas, falcões e gárrulos corvos-marinhos pousados em seus galhos ocultavam a grande caverna de Calipso. Uma parreira retorcida rodeava a entrada. Salsa e íris cresciam profusas numa pradaria próxima, irrigada por quatro riachos de água límpida. Lá, a bela Calipso deu as boas-vindas a Odisseu quando ele desembarcou, oferecendo-lhe comida em abundância, bebidas embriagantes e um lugar ao seu lado num leito macio.

— Se ficar comigo — disse ela —, você gozará da imortalidade e da juventude eterna.

Dizem que foi Calipso, e não Circe, quem teve com ele Latino, além dos gêmeos Nausítoo e Nausínoo.

x. Calipso reteve Odisseu em Ogígia durante sete anos — ou talvez apenas cinco — e tentou fazê-lo esquecer-se de Ítaca, mas ele logo se cansou de seus abraços e costumava sentar-se abatido na praia, mirando fixamente o mar. Por fim, aproveitando-se da ausência de Poseidon, Zeus mandou Hermes ordenar a Calipso que deixasse Odisseu em liberdade. Não lhe restava outra alternativa senão obedecer, e, por conseguinte, ela lhe disse que construísse uma balsa, que ela supriria suficientemente com um saco de trigo, odres de vinho e água, e carne-seca. Embora Odisseu suspeitasse que fosse uma armadilha, Calipso jurou pelo Estige que não o enganaria, e lhe emprestou um machado, um enxó, alguns trados e todas as ferramentas necessárias. Sem pressa, Odisseu improvisou uma balsa com uma vintena de troncos de árvore enlaçados, rolou-a até a água, deu um beijo de adeus em Calipso e partiu, levado por uma brisa suave.

y. Poseidon tinha ido visitar seus irrepreensíveis amigos etíopes e, ao voltar para casa pelo mar em sua charrete alada, logo avistou a balsa. No mesmo instante, uma enorme onda arremessou Odisseu para fora dela e as grossas roupas que envergava o puxaram às profundidades marinhas, até que sentiu os pulmões prestes a explodir. Mas, bom nadador que era, ele conseguiu se livrar das roupas, voltar à superfície e subir de novo na balsa. A compassiva deusa Leucótea, anteriormente Ino, esposa de Atamante, pousou do lado dele, adotando a forma de uma gaivota. No bico ela segurava um véu, e disse a Odisseu que o enrolasse em torno da cintura antes de voltar a mergulhar no mar, prometendo-lhe que esse véu o salvaria. Ele hesitou em obedecer, mas, quando uma outra

onda despedaçou a balsa, ele enrolou o véu em torno de si e saiu nadando. Como Poseidon já se encontrava de volta em seu palácio submarino nas redondezas de Eubeia, Atena se atreveu a mandar um vento que acalmasse as ondas do caminho de Odisseu, que, dois dias mais tarde, foi arremessado à costa, extenuado, na ilha de Drépano, ocupada então pelos feácios. Lá, ele se deitou no abrigo de um matagal junto a um riacho, cobriu-se com folhas secas e, em seguida, adormeceu.[13]

z. Na manhã seguinte, a bela Nausícaa, filha do rei Alcínoo com a rainha Arete, o casal real que outrora havia demonstrado tanta amabilidade para com Jasão e Medeia, foi lavar suas roupas no riacho. Ao terminar a tarefa, pôs-se a jogar bola com suas criadas. A bola caiu na água, as mulheres gritaram e Odisseu despertou, alarmado. Estava desnudo, mas utilizou um ramo frondoso de oliveira para ocultar sua nudez e, movendo-se lentamente, dirigiu palavras tão doces a Nausícaa que ela o tomou discretamente sob a sua proteção, e o conduziu ao palácio. Lá, Alcínoo cumulou Odisseu de presentes e, após escutar o relato de suas aventuras, mandou-o para Ítaca num belo navio. Seus acompanhantes conheciam bem a ilha. Ancoraram no porto de Fórcis, mas decidiram não perturbar seu sono profundo, de maneira que o levaram à praia e o depositaram suavemente na areia, colocando os presentes de Alcínoo debaixo de uma árvore próxima. Entretanto, Poseidon estava tão zangado com a bondade dos feácios para com Odisseu, que ele golpeou o navio com a palma da mão enquanto ele retornava a Drépano, transformando-o em pedra, junto com seus tripulantes. Alcínoo apressou-se em sacrificar doze touros seletos a Poseidon, que então ameaçava privar a cidade de seus dois portos com o arremesso de uma grande montanha entre eles, e dizem que cumpriu a ameaça.

— Isso nos ensinará a não sermos hospitaleiros no futuro! — disse Alcínoo a Arete, com amargura.[14]

1. Apolodoro registra (*Epítome* VII. 29) que “algumas pessoas julgaram a Odisseia como sendo o relato de uma viagem em torno da Sicília”. Samuel Butler chegou de forma independente à mesma conclusão, considerando Nausícaa um autorretrato da autora — uma jovem e talentosa nobre siciliana do distrito de Érix. Em sua obra *A autora da “Odisseia”*, ele menciona o íntimo conhecimento aqui demonstrado sobre a vida doméstica na corte, em contraste com o conhecimento incompleto de navegação e da economia pastoril,

enfatizando a “preponderância do interesse feminino”. Ele indica que apenas uma mulher poderia ter feito com que Odisseu se encontrasse com as célebres mulheres do passado antes de deparar com os vultos masculinos, e manifestasse, em seu discurso de despedida aos feácios, a esperança de que “continuassem agradando suas esposas e filhos”, e não o contrário (*Odisseia* XIII. 44-45); ou ter feito com que Helena desse pancadinhas no cavalo de madeira para provocar os homens que estavam dentro dele (vide 167. *k*). É difícil não concordar com Butler. O estilo ligeiro, humorístico, ingênuo e vivo da *Odisseia* é quase indubitavelmente feminino. Mas Nausícaa combinou e localizou em sua Sicília natal duas lendas diferentes, nenhuma delas por ela inventada: o regresso semi-histórico de Odisseu de Troia, e as aventuras alegóricas de um outro herói — chamemo-lo Odisseu — o qual, como Sísifo, avô de Odisseu (vide 67. *2*), não queria morrer ao término do período de soberania. A lenda de Odisseu provavelmente incluía a incursão a Ismaro, a tempestade que o levou para o extremo sudoeste, o regresso através da Sicília e da Itália, o naufrágio em Drépano (Corfu) e sua vingança final dos pretendentes. Todos, ou quase todos os outros episódios, pertencem à história de Odisseu. O país do lótus, a caverna do ciclope, o porto de Telépilo, Ea, o bosque de Perséfone, a terra das Sereias, Ogígia, Cila e Caribde, as Profundezas do Mar, até mesmo o golfo de Fórcis — tudo isso são diferentes metáforas da morte que ele eludia. A essas fugas pode-se acrescentar a execução que ele realizou da velha Hécabe, conhecida também como Mera, o Cão Menor, a quem o sucessor de Icário deveria ter sido sacrificado (vide 168. *1*).

2. Tanto Scylax (*Périplo* 10) como Heródoto (IV. 77) sabiam que os comedores de lótus eram uma nação que vivia na parte ocidental da Líbia, perto da Gindanes matriarcal. Seu principal artigo de produção era o saboroso e nutritivo *Cordia myxa*,[a] um fruto doce e pegajoso que crescia em raminhos parecidos com os da uva e que, uma vez prensado e misturado com trigo (Plínio: *História natural* XIII. 32; Teofrasto: *História das plantas* IV. 3. 1), serviu uma vez para alimentar um exército inteiro que marchava na direção de Cartago. O *Cordia myxa* foi confundido com o *Rhamnus zizyphus*,[b] uma espécie de maçã silvestre que dá uma sidra áspera e que tem um só caroço em vez de pequenas sementes. O esquecimento induzido pela ingestão do lótus explica-se às vezes como consequência do poder dessa bebida, mas comer lótus não é o mesmo que bebê-lo. Portanto, posto que o fato de o rei sagrado provar de uma maçã dada a ele pela Belle Dame Sans Merci[c] era o equivalente a aceitar a morte de suas mãos (vide 33. *7* e 133. *4*), o prudente Odisseu, que sabia que os reis e guerreiros pálidos definhavam no mundo subterrâneo por causa de uma maçã, negou-se a provar do *Rhamnus*. Numa balada escocesa do culto das bruxas, Tomás o

Rimador[d] é advertido no sentido de não tocar nas maçãs do Paraíso que a Rainha de Elfame havia lhe mostrado.

3. A caverna do ciclope é claramente um lugar conectado à morte, e o grupo de Odisseu era composto por treze homens: o número dos meses em que o rei primitivo reinava. O Polifemo de um só olho, que às vezes tinha uma mãe bruxa, aparece nos contos populares de toda a Europa, e sua origem pode remontar ao Cáucaso; mas os doze companheiros só figuram na *Odisseia*. Qualquer que seja o significado do conto caucasiano, A. B. Cook, em sua obra *Zeus* (pp. 302-323), demonstra que o olho do ciclope era um emblema solar grego. Entretanto, quando Odisseu cega Polifemo, para evitar que fosse devorado como os seus companheiros, o Sol continuou brilhando. Só o olho do deus Baal havia sido retirado, ou Moloch, ou Tesup, ou Polifemo ("famoso"), que exigia sacrifícios humanos, após o que o rei levou triunfalmente os carneiros roubados. Tendo em conta que o cenário pastoril do conto caucasiano foi conservado na *Odisseia*, e que o ogro tinha um só olho, é possível que ele tenha sido confundido com um dos ciclopes pré-helênicos, famosos forjadores de metal, cuja cultura havia se estendido até a Sicília e que talvez tivessem um olho tatuado no meio da testa como marca do clã (vide 3. *2*).

4. Telépilo, que significa "o portão distante [do Inferno]", encontra-se no extremo norte da Europa, no País do Sol da Meia-Noite, onde o pastor que volta para casa cumprimenta o que saiu de casa. A essa região fria, situada "atrás do Setentrião", correspondem as Rochas Flutuantes, ou Chocantes, ou seja, espécies de icebergs (vide 151. *1*), assim como os cimérios, cuja escuridão do meio-dia era complementada com o sol da meia-noite no mês de junho. Talvez tenha sido em Telépilo que Hércules lutou com Hades (vide 139. *1*); se assim for, a batalha deve ter ocorrido durante a visita que fez aos hiperbóreos (vide 125. *1*). Os lestrigões ("de uma raça muito dura") eram talvez habitantes dos fiordes noruegueses, de cuja barbárie eram advertidos os mercadores de âmbar quando iam a Bornholm e à costa meridional do Báltico.

5. Ea ("lamento") é uma típica ilha sepulcral, onde a conhecida deusa da morte canta enquanto tece. A lenda dos argonautas a situa na entrada do golfo Adriático; é muito possível que seja Lussin, perto de Pola (vide 148. *9*). Circe significa "falcão", e tinha um cemitério na Cólquida, cheio de salgueiros consagrados a Hécate. Os homens transformados em animais sugerem a doutrina da metempsicose, mas o porco é especialmente sagrado à deusa Morte, que os alimenta com os frutos de corniso de Cronos, alimento vermelho da morte, de modo que eles talvez sejam simples fantasmas (vide 24. *11* e 33. *7*). Os gramáticos não foram capazes de definir o que exatamente era o *moly* de Hermes. Tzetzes (*Sobre Licofrone* 679) diz que os farmacêuticos o chamam de

“arruda-silvestre”; mas a descrição da *Odisseia* indica o ciclâmen silvestre, que é difícil de encontrar, além de ter pétalas brancas, bulbos escuros e um aroma muito doce. Escritores clássicos posteriores atribuíram o nome de *moly* a uma espécie de alho com flor amarela, que, conforme se acreditava, brotava (como a cebola, a albarrã e o próprio alho) quando a Lua minguava e não quando crescia, motivo pelo qual servia como antídoto contra a magia lunar de Hécate. Marduk, o herói babilônico, cheirou uma erva divina como antídoto ao aroma nocivo da deusa marinha Tiamat, mas não se especificou na epopeia de que espécie vegetal se tratava (vide 35. *5*).

6. O bosque de álamos-negros de Perséfone se encontrava no longínquo Tártaro ocidental, e Odisseu não “desceu” até lá — como Hércules (vide 134. *c*), Eneias e Dante — embora Circe entendesse que ele assim o fizera (vide 31. *a*). Flegetonte, Cocito e Aqueronte pertencem propriamente ao Inferno subterrâneo. Entretanto, a autora da *Odisseia* possuía parcos conhecimentos geográficos, apelando aos ventos oeste, sul e norte ao azar. Odisseu deveria ter sido levado pelo vento leste para Ogígia e o Bosque de Perséfone, e pelo vento sul para Telépilo e Ea; ela, contudo, tinha motivos para fazer com que Odisseu navegasse rumo a leste para Ea e o País da Aurora, onde os heróis Órion e Titono haviam encontrado a morte. As entradas das tumbas micênicas em forma de colmeias estão viradas para o leste; e Circe, por ser filha de Hélio, tinha Eos (“aurora”) como tia.

7. As Sereias (vide 154. *3*) eram gravadas nos monumentos funerários como anjos da morte que cantavam hinos fúnebres ao som da lira, mas atribuíam-se-lhes também intenções eróticas com os heróis que elas pranteavam; visto que se acreditava que a alma ia embora do corpo voando em forma de ave, elas eram representadas, assim como as harpias, em forma de ave de rapina, à espera de uma alma para agarrar e proteger. Embora fossem filhas de Fórcis, ou Inferno, e, portanto, primas-irmãs das harpias, elas não viviam debaixo da terra ou em cavernas, mas numa ilha sepulcral verde parecida com Ea ou Ogígia; e eram especialmente perigosas quando o vento não soprava ao meio-dia, a hora das insolações e dos pesadelos da sesta. Como elas eram também chamadas de filhas de Aqueloo, sua ilha pode ter sido originalmente uma das Equínades, na desembocadura do rio Aqueloo (vide 142. *3*). Os sicilianos as localizavam perto do cabo Peloro (atualmente Faro), na Sicília; os latinos, nas ilhas Sirenusas, perto de Nápoles, ou mesmo em Capri (Estrabão: I. 12 — vide 154. *d* e *3*).

8. “Ogígia”, nome de uma outra ilha sepulcral, parece ser a mesma palavra que “Oceano”, sendo Ogen uma forma intermediária. Calipso (“oculta” ou “ocultadora”) é mais uma deusa da morte, como o demonstra sua caverna rodeada por amieiros — consagrados ao deus da morte, Cronos, ou Bran — em

cujos ramos pousam os corvos-marinhos do deus, ou gralhas (vide 98. *3*), e suas próprias corujas-orelhudas e falcões. A salsa era um emblema de luto (vide 106. *3*) e o lírio, uma flor da morte (vide 85. *1*). Calipso prometeu a Odisseu a juventude eterna, mas ele desejava a vida, e não a imortalidade de um herói.

9. Cila ("a que despedaça"), filha de Fórcis, ou Hécate, e Caribde ("a que afunda chupando") são títulos da destrutiva deusa do mar. Esses nomes foram atribuídos às rochas e às correntes de ambos os lados do estreito de Messina, mas devem ser entendidos num sentido mais amplo (vide 16. *2* e 91. *2*). Leucótea (vide 70. *4*) caracterizada como gaivota era a deusa do mar chorando por um naufrágio (vide 45. *2*). Dado que a deusa do mar cretense era também representada como polvo (vide 81. *1*) e que Cila puxou os tripulantes do navio de Odisseu, é possível que os cretenses que comerciavam com a Índia conheciam variedades tropicais de tamanho maior, desconhecidas no Mediterrâneo, às quais se atribuem tais hábitos perigosos. A descrição do uivo de Cila tem maior importância mitológica do que parece à primeira vista: ele o identifica com os sabujos brancos da morte, de orelhas vermelhas, a Matilha Espectral, os Sabujos de Gabriel do folclore britânico, que perseguem as almas dos condenados. Eram os antigos cães de caça egípcios, consagrados a Anúbis, e que ainda são criados na ilha de Ibiza, os quais, quando perseguem sua presa, fazem um ruído "indagador" parecido com o choro dos filhotes ou com a música dos barnacles migratórios (vide *A deusa branca*, p. 411).

10. Só dois episódios que ocorrem entre a escaramuça de Odisseu com os cícones e sua chegada à Feácia parecem não se relacionar com a recusa da morte repetida nove vezes: a saber, sua visita à ilha de Éolo e o roubo do gado de Hipérion. Mas os ventos a cargo de Éolo eram espíritos dos mortos (vide 43. *5*); e o gado de Hipérion é aquele que Hércules roubou em seu Décimo Trabalho — que consistia essencialmente em perturbar o Inferno (vide 132. *1*). O fato de Odisseu ter alegado que não havia intervindo no roubo não significa grande coisa; tampouco seu avô materno, Autólico (vide 160. *c*), confessou ter roubado o gado solar (vide 67. *c*).

11. Odisseu, cujo nome, que significa "zangado", representa o rei sagrado de pele avermelhada (vide 27. *12*), recebe em latim o nome de "Ulisses" ou "Ulixes" — palavra provavelmente formada a partir de *oulos*, "ferida", e *ischea*, "coxa" — referindo-se à ferida causada pela presa de um javali, que sua velha ama reconheceu quando ele voltou para Ítaca (vide 160. *c* e 171. *g*). Era uma forma comum de morte para um rei que o javali o ferisse na coxa; Odisseu, entretanto, de algum modo havia sobrevivido à ferida (vide 18. *7* e 151. *2*).

NOTAS

[a] Grão-de-galo. (N.T.)

[b] Planta da mesma família do juazeiro e da cáscara-sagrada. (N.T.)

[c] Menção à balada de mesmo nome, escrita em 1819 pelo poeta romântico inglês John Keats (1795-1821), que se utilizou do título de um poema do poeta francês Alain Chartier (1392-1430). (N.T.)

[d] Thomas Learmonth de Erceldoune (atual Earlston, na Escócia), mais conhecido como Thomas *the Rhymer*, foi um adivinhador escocês do século XIII. (N.T.)

[1] Homero: *Odisseia* IX. 39-66.

[2] Apolodoro: *Epítome* VII. 2-3; Homero: *Odisseia* IX. 82-104; Heródoto: IV. 177; Plínio: *História natural* XIII. 32; Higino: *Fábula* 125.

[3] Homero: *Odisseia* IX. 105-542; Higino: *loc. cit*.; Eurípides: *Os Ciclopes*; Apolodoro: *Epítome* VII. 4-9.

[4] Homero: *Odisseia* X. 1-76; Higino: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 223-232.

[5] Tucídides: I. 2; Plínio: *História natural* III. 5. 9 e 8. 14; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 662 e 956; Sílio Itálico: VII. 410 e XIV. 126; Cícero: *Contra Ático* II. 13; Horácio: *Odes* III. 17.

[6] Homero: *Odisseia* X. 30-132; Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* VII. 12; Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 233-244.

[7] Homero: *Odisseia* X. 133-574 e XII. 1-2; Higino: *loc. cit*.; Ovídio: *As metamorfoses* XIV. 246-404; Hesíodo: *Teogonia* 1.011-1.014; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XVI. 118.

[8] Homero: *Odisseia* XI; Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* VII. 17.

[9] Homero: *Odisseia* XII; Apolodoro: *Epítome* VII. 19; Apolônio de Rodes: IV. 898; Eliano: *Sobre a natureza dos animais* XVII. 23; Ovídio: *As metamorfoses* V. 552-562; Pausânias: IX. 34. 3; Higino: *Fábulas* 125 e 141; Sófocles: *Ulisses*, *Fragmento* 861, ed. Pearson.

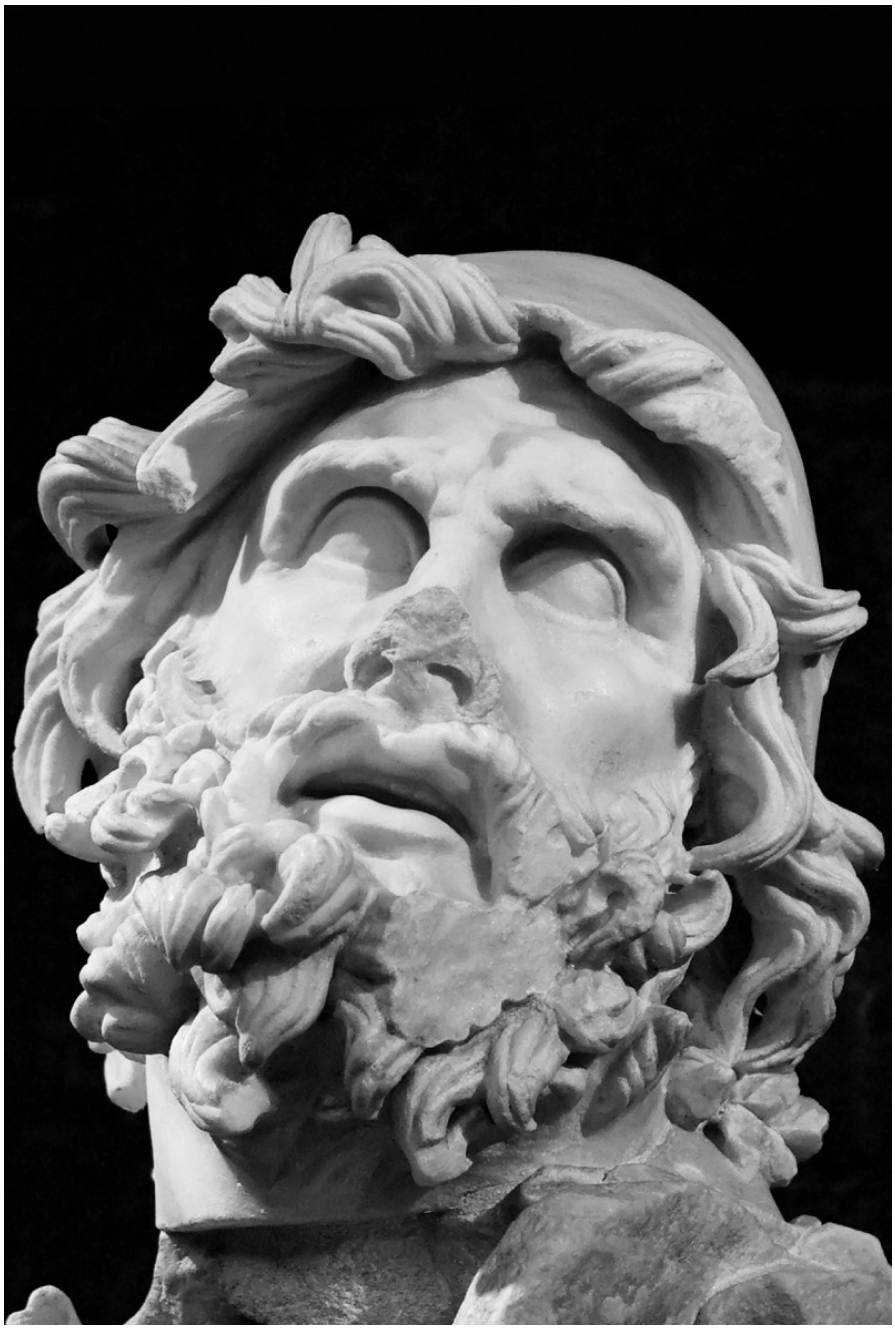
[10] Plutarco: *Questões festivas* IX. 14. 6; escoliasta sobre a *Odisseia* de Homero: XII. 39; Higino: *Fábulas loc. cit*. e *Prefácio*; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 712; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero XII. 167.

[11] Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: III. 420; Apolodoro: *Epítome* VII. 21; Homero: *Odisseia* XII. 73-126 e 222-259; Higino: *Fábulas* 125, 199 e *Prefácio*; Apolônio de Rodes: IV. 828, com escoliasta; Eustácio sobre Homero: p. 1.714; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 45 e 650; Ovídio: *As metamorfoses* XIII. 732 *et seq*. e 906 *et seq*.

[12] Homero: *Odisseia* XII. 127-453; Apolodoro: I. 2. 7 e *Epítome* VII. 22-23; Hesíodo: *Teogonia* 359.

[13] Homero: *Odisseia* V. 13-493 e VII. 243-266; Higino: *Fábula* 125; Hesíodo: *Teogonia* 1.111 *et seq*.; escoliasta sobre Apolônio de Rodes: III. 200; Eustácio sobre a *Odisseia* de Homero: XVI. 118; Apolodoro: *Epítome* VII. 24.

[14] Homero: *Odisseia* XIII. 1-187; Apolodoro: *Epítome* VII. 25; Higino: *loc. cit*.



Cabeça de ODISSEU,
em um grupo de esculturas que narra o episódio com o ciclope Polifemo
Sperlonga, Itália

171

A VOLTA AO LAR DE ODISSEU

Ao despertar, Odisseu não reconheceu de imediato sua ilha natal, distorcida por um falso encanto criado por Atena. Pouco depois, ela mesma surgiu por ali, disfarçada de jovem pastor, e escutou sua longa e mentirosa narração, dizendo ser um cretense que, após matar o filho de Idomeneu, havia fugido para o norte num navio sidônio, sendo depois abandonado involuntariamente em terra firme.

— Que ilha é esta? — perguntou.

Atena riu e acariciou a face de Odisseu:

— Você é, de fato, um mentiroso extraordinário! — disse ela. — Se eu não soubesse a verdade, teria facilmente me enganado. O que me surpreende, contudo, é que você não tenha descoberto o meu disfarce. Sou Atena; os feácios o desembarcaram aqui em obediência às minhas ordens. Lamento ter demorado tantos anos para trazê-lo de volta ao lar, mas não me atrevi a enfurecer meu tio Poseidon, apoiando-o assim, tão descaradamente.

Ela o ajudou a guardar numa caverna seus caldeirões, trípodes, mantos de púrpura e taças de ouro feácios e, em seguida, transformou-o de tal maneira que não poderia ser reconhecido: secou sua pele, diminuiu e branqueou seus cachos ruivos, vestiu-o com farrapos sujos e o levou à cabana de Eumeu, o velho e fiel porqueiro do palácio. Atena acabara de voltar de Esparta, aonde Telêmaco havia ido para perguntar a Menelau, recém-chegado do Egito, se ele poderia lhe dar alguma notícia de Odisseu.

Aqui cabe explicar que, presumindo que Odisseu houvesse morrido, nada menos que 112 príncipes jovens e insolentes das ilhas que formavam o reino — Dulíquio, Samos, Zacinto e Ítaca — estavam cortejando sua esposa Penélope, cada um com a esperança de se casar com ela e ocupar o trono; e haviam planejado entre si assassinar Telêmaco, assim que este voltasse de Esparta.[1]

b. Quando os pretendentes pediram pela primeira vez a Penélope que escolhesse um deles, ela declarou, jurando, que Odisseu ainda estava vivo, pois sua futura volta ao lar havia sido predita por um oráculo digno de confiança; e, mais tarde, como estava sendo muito pressionada, ela prometeu tomar uma decisão tão logo terminasse a mortalha que devia tecer para a ocasião da morte de Laertes, seu sogro. Mas ela levou três anos nessa tarefa, pois o que tecia de dia ela desmanchava à noite, até que, finalmente, os pretendentes descobriram o logro. Eles passaram todo esse tempo se divertindo no palácio de Odisseu, bebendo de seu vinho, matando seus porcos, ovelhas e vacas e seduzindo suas criadas.[2]

c. Para Eumeu, que recebeu Odisseu gentilmente, ele contou uma outra versão falsa de sua própria história, embora declarasse, sob juramento, que Odisseu estava vivo e a caminho do lar. Telêmaco então desembarcou inesperadamente, escapando das conspirações dos pretendentes que tencionavam assassiná-lo, e foi direto à cabana de Eumeu, pois Atena o havia feito voltar às pressas de Esparta. Odisseu, contudo, não revelou sua identidade até Atena permitir, devolvendo-lhe magicamente seu aspecto verdadeiro. Seguiu-se uma comovente cena de reconhecimento entre pai e filho. Mas Eumeu não participava do segredo, e Telêmaco não tinha a permissão de revelá-lo a Penélope.

d. Disfarçado outra vez de mendigo, Odisseu foi dar uma olhada nos pretendentes. No meio do caminho, ele se encontrou com o guardador de cabras Melântio, que lançou-lhe palavras grosseiras e lhe deu um pontapé no quadril; mas Odisseu se absteve de se vingar naquele momento. Ao chegar ao pátio do palácio, ele encontrou o velho Argos, outrora famoso cão de caça, estendido num monte de esterco, sarnento, decrépito e atormentado pelas pulgas. Ao reconhecê-lo, Argos abanou o rabo descarnado, deixando pender suas orelhas espedaçadas, e Odisseu enxugou discretamente uma lágrima quando Argos expirou.[3]

e. Eumeu conduziu Odisseu ao salão dos banquetes, onde Telêmaco, fingindo não saber quem ele era, recebeu-o hospitaleiramente. Atena então apareceu, embora inaudível e invisível a todos, exceto para Odisseu, e lhe sugeriu que percorresse a sala mendigando migalhas aos pretendentes, pois, assim, descobriria que tipo de homens almejavam seu lugar. Assim fez o herói, e viu que eram tão mesquinhos quanto cobiçosos. O mais ignóbil de todos, Antínoo de Ítaca (a quem ele deu uma versão completamente diferente de suas aventuras), lançou-lhe furiosamente um tamborete. Odisseu, passando a mão por cima do ombro machucado, apelou aos outros pretendentes, que concordaram que Antínoo deveria ter-se mostrado mais gentil. Penélope ficou escandalizada ao saber do incidente; mandou chamar o suposto mendigo, na esperança de que

ele lhe desse notícias de seu esposo perdido. Odisseu prometeu ir naquela noite ao salão do palácio e contar a ela tudo o que desejava saber.[4]

f. Enquanto isso, um robusto mendigo de Ítaca, apelidado “Iro”, pois, como a deusa Íris, ele estava à disposição de todos, tentou impedir que Odisseu passasse do pórtico. Negando-se a sair dali, Iro o desafiou a um combate, e Antínoo, morrendo de rir, ofereceu ao vencedor as entranhas de uma cabra e um lugar à mesa dos pretendentes. Odisseu levantou seus trapos, prendeu-os debaixo do cinturão esfiapado que portava e enfrentou Iro. O rufião retrocedeu ao ver seus fortes músculos, mas os escárnios dos pretendentes impediram que ele batesse em retirada. Odisseu então o derrubou com um só golpe, tomando cuidado para não lhe aplicar um golpe mortal e, com isso, chamar demasiada atenção. Os pretendentes aplaudiram, deram risadas zombeteiras, brigaram entre si, tomaram seus lugares no banquete vespertino e brindaram a Penélope, que se apresentou para receber deles todos os presentes de casamento — embora sem nenhuma intenção de tomar uma decisão definitiva — e, ao cair da noite, dispersaram-se para os seus respectivos aposentos.[5]

g. Odisseu ordenou a Telêmaco que removesse as lanças que estavam dependuradas nas paredes do salão de banquetes e as guardasse na armaria enquanto ele ia visitar Penélope.

Ela não o reconheceu, e ele lhe relatou uma longa e detalhada história, descrevendo um recente encontro com Odisseu, o qual, dizia ele, havia ido se consultar com o oráculo de Zeus em Dodona, mas que logo estaria de volta a Ítaca. Penélope o escutou atentamente e mandou Euricleia, a velha ama de Odisseu, lavar os seus pés. Euricleia reconheceu imediatamente a cicatriz que ele tinha na coxa e soltou um grito de alegria e surpresa, mas Odisseu a agarrou pelo pescoço ressequido e a obrigou a ficar em silêncio. Penélope não se deu conta do incidente, pois Atena havia distraído sua atenção.[6]

h. No dia seguinte, num outro banquete, Agelau de Samos, um dos pretendentes, perguntou a Telêmaco se não poderia convencer sua mãe a tomar uma decisão. Penélope anunciou imediatamente que estava disposta a aceitar qualquer pretendente que emulasse a façanha de Odisseu, fazendo passar uma flecha através de doze anéis de machado, estando os machados dispostos em linha reta, com os cabos cravados numa vala; e mostrou a eles o arco que deveriam empregar: era aquele que Ífito tinha dado a Odisseu há 25 anos, quando fora a Messênia protestar pelo roubo, cometido em Ítaca, de trezentas ovelhas e seus respectivos pastores. Ele outrora pertencera a Êurito, pai de Ífito, que havia sido iniciado pelo próprio Apolo na arte do arco e flecha, mas que foi morto por uma flecha disparada por Hércules. Alguns dos pretendentes tentaram tensionar a corda da potente arma, mas não conseguiram, nem mesmo após

amaciar a madeira com sebo; assim, decidiu-se adiar a competição para o dia seguinte. Telêmaco, que foi quem esteve mais perto de realizar a façanha, abandonou o arco de novo ao sinal de advertência de Odisseu. O herói, então, apesar dos protestos e dos insultos lançados contra ele — diante do que Telêmaco viu-se obrigado a ordenar a Penélope que voltasse aos seus aposentos —, tomou do arco, tensionou-o com enorme facilidade e fez vibrar a corda melodiosamente para que todos pudessem ouvir. Apontou com cuidado e disparou uma flecha que passou através dos doze anéis. Enquanto isso Telêmaco, que havia saído às pressas, voltou armado de uma espada e uma lança, e Odisseu revelou por fim a sua identidade, cravando uma flecha na garganta de Antínoo.

i. Os pretendentes se levantaram de um salto e correram para as paredes, mas viram que as lanças não estavam mais no lugar de costume. Eurímaco implorou misericórdia e Odisseu, negando-lhe o pedido, desembainhou a espada e arrojou-se para cima dele, lançando uma flecha que lhe atravessou o fígado e o fez cair, agonizante. Seguiu-se uma luta feroz entre os desesperados pretendentes, armados de espadas, e Odisseu, armado unicamente com o arco, mas postado diante da entrada principal da sala. Telêmaco correu na direção da armaria e voltou com escudos, lanças e elmos para armar seu pai, Eumeu e Filésio, os dois fiéis servidores que estavam do lado dele, pois, embora Odisseu houvesse matado vários pretendentes, suas flechas já haviam se esgotado. Melântio, que havia passado despercebido por uma porta lateral para pegar armas para os pretendentes, foi surpreendido e morto durante sua segunda visita à armaria, antes de conseguir armar não mais do que um pequeno grupo. A matança continuou, e Atena, em forma de andorinha, revoluteou, cantando pela sala até todos os pretendentes e seus partidários jazerem mortos, à exceção do arauto Medonte e do bardo Fêmio, cuja vida Odisseu poupou por não lhe terem feito mal ativamente e por suas funções serem sacrossantas. Ele então foi perguntar a Euricleia, que havia fechado as mulheres do palácio em seus aposentos, quantas delas haviam permanecido fiéis à sua causa.

— Apenas doze perderam sua honra, senhor — respondeu Euricleia.

As criadas culpadas foram chamadas e obrigadas a limparem o sangue vertido na sala com esponjas e água e, ao terminarem essa tarefa, Odisseu as enforcou uma a uma. Elas esperneavam um pouco, mas logo tudo estava terminado. Depois, Eumeu e Filésio deceparam as extremidades de Melântio — nariz, orelhas, mãos, pés e os genitais — e as atiraram aos cães.[7]

j. Odisseu reuniu-se finalmente com Penélope e com seu pai Laertes e relatou-lhes suas diversas aventuras, atendo-se, dessa vez, à verdade. Aproximou-se então uma força de rebeldes ítacos, parentes de Antínoo e dos outros pretendentes mortos e, ao ver que superavam em número Odisseu e seus

amigos, o velho Laertes interveio vigorosamente na luta, que ia muito bem para eles, até Atena fazer uma mediação e impor uma trégua.[8] Os rebeldes então iniciaram uma ação legal conjunta contra Odisseu e nomearam como juiz Neoptólemo, rei das ilhas do Epiro. Odisseu concordou em aceitar seu veredicto, e Neoptólemo decretou que ele deveria abandonar o reino e voltar só depois de passados dez anos, durante os quais os herdeiros dos pretendentes deveriam compensá-lo por suas depredações por meio de pagamentos a serem feitos a Telêmaco, agora rei.[9]

k. Mas Poseidon ainda tinha de ser aplacado; Odisseu partiu a pé, conforme o conselho de Tirésias, através das montanhas do Epiro, carregando nos ombros um remo. Quando chegou à Tesprócia, os camponeses lhe perguntaram: "Estrangeiro, por que um bastão de joeira em plena primavera?" Assim, ele sacrificou um carneiro, um touro e um javali a Poseidon e foi perdoado.[10] Como ainda não podia voltar para Ítaca, ele se casou com Calídice, rainha dos tesprócios, e comandou o seu exército numa guerra contra os brígios, liderados por Ares; mas Apolo exigiu uma trégua. Nove anos mais tarde, Polipoetes, filho de Odisseu com Calídice, subiu ao trono da Tesprócia e Odisseu voltou para Ítaca, que era então governada por Penélope em nome de seu jovem filho Poliporte. Telêmaco havia sido desterrado para a Cefalênia, pois um oráculo havia anunciado: "Odisseu, o seu próprio filho o matará!" Em Ítaca, a morte sobreveio a Odisseu a partir do mar, tal como havia predito Tirésias. O filho que ele tivera com Circe, Telégono, que navegava à sua procura, fez uma incursão a Ítaca, que ele confundiu com Corcira, e Odisseu saiu com ímpeto para repelir o ataque. Telégono o matou na costa, e a arma fatal foi uma lança reforçada com o ferrão de uma arraia. Após passar o devido ano no exílio, Telégono se casou com Penélope, e Telêmaco, com Circe, de modo que os dois ramos da família tornaram-se estreitamente unidos.[11]

l. Há quem negue que Penélope tenha permanecido fiel a Odisseu. Ela é acusada de ter tido relações amorosas com Anfínomo de Dulíquio, ou com todos os pretendentes, um a um, e dizem que o fruto dessa união foi o monstruoso deus Pã — à vista do qual Odisseu fugiu, envergonhado, para a Etólia, após mandar Penélope embora, em desgraça, para a casa do pai dela, Icário, em Mantineia, onde sua tumba ainda pode ser vista. Outros dizem que ela teve Pã com Hermes, e que Odisseu se casou com uma princesa etólia, filha do rei Toante, e que teve com ela seu mais jovem filho, Leontófono, tendo morrido próspero, em idade avançada.[12]

1. O assassinato dos pretendentes, levado a cabo por Odisseu, pertence à sua própria alegoria: trata-se de um exemplo a mais da resistência do rei sagrado em morrer ao término do seu reinado; ou seja, ele intervém na competição de arco e flecha celebrada para eleger o seu sucessor (vide 135. *1*) e mata todos os candidatos. Ao que parece, uma prova primitiva de arco e flecha que o candidato ao reino deveria realizar consistia em fazer passar uma flecha por um anel colocado em cima da cabeça de um menino (vide 162. *10*).

2. A *Odisseia* não sugere diretamente, em nenhuma passagem, que Penélope tenha sido infiel ao marido durante sua longa ausência, embora no Livro XVIII. 281-283 ela fascine os pretendentes com seu coquetismo, não lhes recuse os presentes e demonstre uma decidida preferência por Anfínomo de Dulíquio (*Odisseia* XVI. 394-398). Mas Odisseu não confia nela o bastante para revelar sua identidade até ter matado seus rivais; e sua mãe Anticleia demonstra que tem algo a esconder ao não dizer a ele nenhuma palavra sobre os pretendentes (*Odisseia* XI. 180 *et seq*.). O relato arcaico que a mãe de Pã faz de Penélope, com Hermes como pai, ou, alternativamente, com todos os pretendentes, refere-se, ao que parece, à deusa Penélope e suas primitivas orgias primaveris (vide 26. *2*). Trair Odisseu com outros homens e depois voltar a Mantineia, outra história arcaica, são uma lembrança da insolência por parte dele ao obrigá-la a acompanhá-lo a Ítaca, contrariando o antigo costume matrilocal (vide 160. *e*). Mas Nausícaa, a autora, relata o assunto à sua maneira, favorecendo Penélope. Ela aceita o sistema patriarcal em que nasceu e prefere a ironia suave à sátira aguda da *Ilíada*. A deusa é agora substituída pelo Zeus Onipotente, já não se sacrificam reis em sua honra e a era do mito terminou — pois bem! Isso não perturba muito Nausícaa enquanto puder continuar brincando e jogando bola com suas afáveis criadas, puxar o cabelo de quem lhe for desagradável, escutar os contos da velha Euricleia e manipular o pai Alcínoo.

3. Assim, a *Odisseia* se interrompe com Laertes, Odisseu e Telêmaco — uma tríade patriarcal masculina de heróis, apoiados pela Atena nascida de Zeus — triunfando sobre seus inimigos, enquanto as criadas são enforcadas uma a uma por sua falta de discrição, para demonstrar que Nausícaa desaprova a promiscuidade pré-marital, pelo fato de desvalorizar o mercado matrimonial.

O final foi conservado por outros mitógrafos. Odisseu é desterrado para a Tesprócia, e Telêmaco, para a Cefalênia, ao passo que Penélope fica tranquilamente no palácio, governando em nome de seu filho Poliporte. A profecia de Tirésias, é claro, tem de ser cumprida: Odisseu não morrerá

tranquilamente de velhice, como o respeitado e loquaz Nestor. A morte tinha que lhe chegar justamente da maneira tradicional que ele pretendia abolir: o Menino do Ano-novo, montado no lombo de um golfinho, o trespassará com uma lança com ferrão de arraia. O mesmo destino sofreu Catreu de Rodes: seu filho Altemene o matou acidentalmente na praia com uma lança (vide 93. *2*). As lanças com ferrão de arraia, utilizadas também pelos polinésios, causam feridas que os gregos e latinos consideravam incuráveis devido à inflamação (Eliano: *A natureza dos animais* I. 56); a arraia (*Trygon pastinaca*) é comum no Mediterrâneo. Diz-se que Hércules foi ferido por uma (vide 123. *2*).

4. À primeira vista, o casamento de Telêmaco com Circe e o de Telégono com Penélope surpreendem. *Sir* James Frazer (*Apolodoro* II, p. 303, Loeb) relaciona essas uniões, aparentemente incestuosas, com a regra conforme a qual, nas sociedades poligâmicas, um rei herdava todas as concubinas de seu pai, à exceção de sua própria mãe (*Samuel* II, XVI. 21 *et seq*.). A poligamia, porém, jamais chegou a ser instituída na Grécia, e nem Telêmaco, nem Telégono, nem Édipo — um Menino do Ano-novo "nascido da onda túrgida", que matou seu pai e se casou com a viúva Jocasta (vide 105. *e*) —, nem Hilo, filho de Hércules, que se casou com sua madrasta Íole (vide 145. *e*), eram polígamos. Cada um deles se limitou a matar e a suceder o rei do Ano-velho no antigo estilo mítico, depois do que foi então considerado filho dele. Isso explica por que Telêmaco se dispõe a disparar o arco — o que teria feito com que Penélope se tornasse sua esposa —, desistindo, porém, diante do olhar de censura de Odisseu; trata-se de um detalhe da história de Odisseu que sobrevive e que se conservou sem exame crítico na *Odisseia*.

5. Quem sabe se o cabelo ruivo de Odisseu tem algum significado mítico (vide 133. *8*) ou se é uma peculiaridade pessoal insignificante, como suas pernas curtas, pertencente a algum aventureiro na Sicília que Nausícaa tenha retratado como Odisseu? Autólico, claro, chamou-o de "o zangado" assim que nasceu (vide 160. *c*), e o cabelo ruivo é, tradicionalmente, associado ao mau humor. Mas, embora disfarçada de epopeia, a *Odisseia* constitui, de fato, o primeiro romance grego e, portanto, não tem nenhuma responsabilidade no que toca aos mitos. Indiquei as possíveis circunstâncias de sua composição num outro romance: *A filha de Homero*.[13]

NOTAS

[1] Homero: *Odisseia* XIII. 187 *et seq*. e XVI. 245-253; Apolodoro: *Epítome* VII. 26-30.

[2] Homero: *Odisseia* XIX. 136-158 e XIV. 80-109; Higino: *Fábula* 126; Apolodoro: *Epítome* VII. 31.

[3] Homero: *Odisseia* XIV-XVI; Apolodoro: *Epítome* VII. 32.

[4] Homero: *Odisseia* XVII; Apolodoro: *loc. cit.*

[5] Homero: *Odisseia* XVIII.

[6] Homero: *Odisseia* XIX.

[7] Homero: *Odisseia* XX-XXII; Higino: *loc. cit*.; Apolodoro: *Epítome* VII. 33.

[8] Homero: *Odisseia* XXII-XXIV.

[9] Plutarco: *Questões gregas* 14.

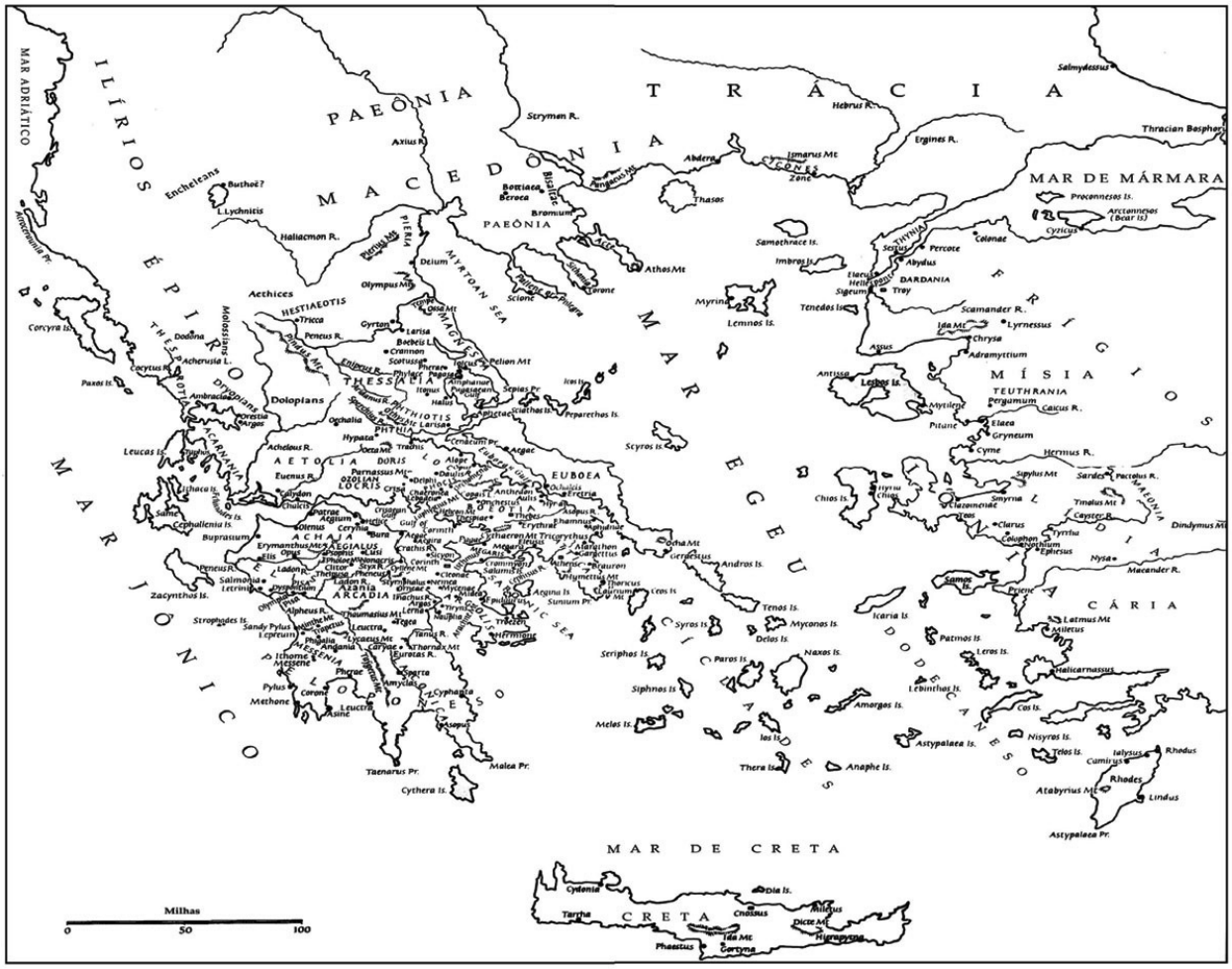
[10] Homero: *Odisseia* XI. 119-131; Apolodoro: *Epítome* VII. 34.

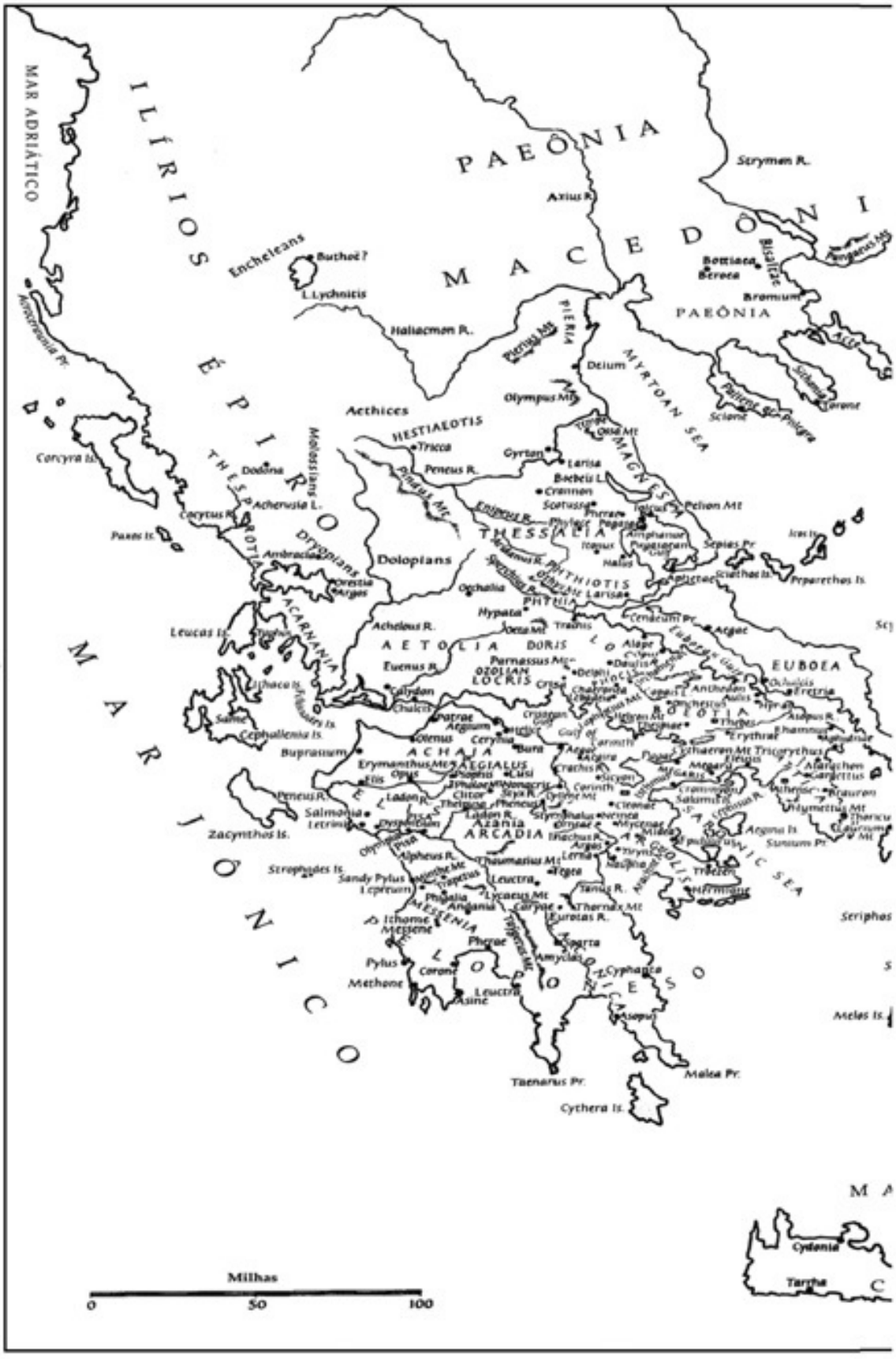
[11] Apolodoro: *loc. cit*.; Eugámão de Cirene, citado por Proclo: *Epicorum Graecorum Fragmenta* 57 *et seq*., ed. Kinkel; Higino: *Fábula* 127; Pausânias: VIII. 12. 6; escoliasta sobre a *Odisseia*: XI. 134; Eustácio sobre a *Odisseia*: XI. 133; Partênio: *Histórias de amor* 3; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 794; Dictys Cretensis: VI. 4 *et seq*.; Sérvio sobre a *Eneida* de Virgílio: II. 44; *Fragmentos de Sófocles* II. 105 *et seq*., ed. Pearson.

[12] Sérvio: *loc. cit*.; Pausânias: VIII. 12. 5 *et seq*.; Cícero: *Sobre a natureza dos deuses* III. 22. 56; Tzetzes: *Sobre Licofrone* 772, citando Duris o Sâmio.

[13] Londres e Nova York, 1955.

MAPA DO MUNDO GREGO


MAR ADRIÁTICO
ILÍRIOS
ÉPIRO
PAEÔNIA
MACEDÔNIA
TRÁCIA
MAR DE MÁRMARA
MAR EGEU
MAR JÔNICO
MAR DE CRETA
TESSÁLIA
BEÓCIA
ÁTICA
EUBOEA
ACHAJA
ARCÁDIA
MESSÊNIA
LACONIA
ELIDA
AETOLIA
DÓRIS
LOCRIS
MÍSIA
TEUTHRANIA
DARDANIA
FRÍGIA
LÍDIA
CÁRIA
ILHAS JÔNICAS
ILHAS DODECANESOS
ILHAS CÍCLADES
CRETA
Milhas
0
50
100


MAR ADRIÁTICO
ILÍRIOS
EPIRO
PAEONIA
MACEDONI
PAEÔNIA
MAR JÔNICO
Strymon R.
Axius R.
Encheleans
Buthoë?
L. Lychnitis
Haliacmon R.
Bottiaea
Berœa
Bisaltae
Bromium
Acroceraunia Pr.
Pieria Mts
Pieria
Dium
Olympus Mt
Sithonia
Pallene Pr.
Potidæa
Sciathus
Aethices
HESTIAEOTIS
Tricca
Peneus R.
Gyrton
Larisa
Bœbeis L.
Crannon
Scotussa
Pharsalus
Pelion Mt
Ossa Mt
MAGNESIA
MYRTOAN SEA
Corcyra Is.
Dodona
Molossians
THESPROTIA
Acherusia L.
Cocytus R.
Paxos Is.
Dryopians
Dolopians
THESSALIA
Ambracia
Orestis
Argos
Ochalia
Hypata
Oeta Mt
Trachis
PHTHIOTIS
Larisa
PHTHIA
Cenæum Pr.
Aegae
Sciathus Is.
Peparethus Is.
Leucas Is.
ACARNANIA
Achelous R.
AETOLIA
DORIS
LOCRIS
Parnassus Mt
Delphi
Alope
EUBOEA
Eurypus Strait
Chalcis
Aulis
Eretria
Ithaca Is.
Melisseis
Calydon
Crisæan Gulf
Thebes
BOEOTIA
Cephallenia Is.
Patræ
Aegium
Rhium
Corinth
Gulf of Corinth
Erythræ
Buprasium
Olenus
Cerynia
Bura
ACHAIA
Helice
Aegira
Ithaeron Mt
Cithaeron
Tricorythus
Erymanthus Mt
AEGIALUS
Sicyon
Crathis R.
Megara
Alalcheni
Caryæ
Ellis
Olympia
Cleonæ
Salamis
Peneus R.
Ladon R.
Clitor
Styx R.
Nemea
Cleonæ
Isthmus of Corinth
Isthmus
Acrocorinth
Mt Hymettus
Salmonia
Letrini
Zacynthos Is.
Azania
ARCADIA
Thyreatis
Argos
Lerna
Nauplia
Aegina Is.
Sunium Pr.
Alpheus R.
Strophades Is.
Sandy Pylus
Lepreum
Thaumasius Mt
Tegea
Tanus R.
Thornax Mt
Taygetus Mt
Laconian Gulf
Seriphos
Phigalia
Lycæus Mt
Carnion
Eurotas R.
Ithome
Messene
MESSENIA
Pharæ
Sparta
Amyclæ
Cythera
Pylus
Cerone
Methone
Asine
Leuctra
Cape Malea
Melos Is.
Taenarus Pr.
Cythera Is.
Milhas
0
50
100
Cydonia
Tarrha

T R Á C I A
Salmydessus
Hebrus R.
Thracian Bosphorus
Ergines R.
Abdera
Ismarus Mt
CICONES
Zone
MAR DE MÁRMARA
Thasos
Proconnesus Is.
Arctonnesus (Bear Is)
Cyzicus
Samothrace Is.
THYNIA
Scaptius
Percote
Colonae
Imbros Is.
Abydus
Athos Mt
Elaeus
Hellespont
DARDANIA
Sigeum
Troy
Myrina
Tenedos Is.
Scamander R.
Lemnos Is.
Ida Mt
Lyrnessus
Chryse
Assus
Adramyttium
Antissa
Lesbos Is.
MÍSIA
TEUTHRANIA
Pergamum
Mycale
Caicus R.
Pitane
Elaea
Gryneum
Scyros Is.
Cyme
Hermus R.
Sipylus Mt
Sardes
Pactolus R.
Chios Is.
Hippi
Chios
Smyrna
Timolus Mt
Caystrus R.
Clarus
Tmolus
Colophon
Ephesus
Dindymus Mt
Nysa
Macander R.
Samos Is.
Priene
CÁRIA
Icaria Is.
Latmus Mt
Miletus
Patmos Is.
Leros Is.
Seriphos Is.
Paros Is.
Naxos Is.
Helicarnassus
Siphnos Is.
Lebinthus Is.
Amorgos Is.
Cos Is.
Melos Is.
Ios Is.
Astypalaea Is.
Nisyros Is.
Telos Is.
Ialysus
Rhodus
Cumirus
Thera Is.
Anaphe Is.
Rhodes
Atabyrius Mt
Astypalaea Pr.
MAR DE CRETA
Dia Is.
CRETA
Cnossus
Dicte Mt
Ida Mt
Phaestus
Gortyna

MAPA DOS LOCAIS MENCIONADOS NO TEXTO

IERNE
BRETANHA
MAR BÁLTICO
Elbe R.
ALEMANHA
Seine R.
Rhine R.
GÁLIA
Danube R.
Alesia
HELVETICA
Rhône R.
Po R.
ISTRIA
Save R.
Pyrenaei Mt
Stony Plain
LIGURIA
Massilia
ESPANHA
LUSITANIA
Corsica
Baleares
Tartessus
Onoba
Gades
Calpe Mt
Pillars of Hercules
Sacred Pr.
Tingis
Abyle Mt
Sardinia
TYRRHENIAN SEA
ETRURIA
LATIUM
CAMPANIA
APULIA
LUCANIA
Sicily
IONIAN SEA
Syracusae
SICILIAN SEA
Melita Is
Lampedusa Is
MAURETÂNIA
NUMÍDIA
Hecatompylus
Tapacae
SYRTIS MINOR
Menlnx Is
Gabes R.
Oea
L. Tritonis
MAR DO LÍBANO
SYRTIS MAIOR
Psylli
Nasamones
Garama
Garamantes
Milhas
0
500
Escala dos mapas em milhas
0
200
Faleri
Tibur
Roma
Aricia
Marsi
Cumae
Vesuvius Mt
Neapolis
Pithecusae
Hyria
Tarentum
Messapii
Petelia
Croton
Lipari Is.
Eryx Mt
Locri
Segesta
Agyrium
Rhegium
Enna
Aetna Mt
Agrigentum or Camicus
Syracusae
Pantellaria Is.
MAR NEGRO
Salmydessus
Thynias Is.
Bathynias
Vistula R.
MAR DE MÁRMARA
Calpe
Mariandyni
Enete
Sinope
Amisus
Thermiscyra
Iasonium Pr.
Isle of Ares
Chalybes
Tibareni
Trapezus
Cotiaea
Mosynoeci
Cyzicus
Dascylium
Bebryces
Prusa
Gordium
Halys R.
Tanais R.
Sarmatae
MAR CÁSPIO
Borysthenes R.
CRIMEA
Taurians
Royal Scythians
Apsilaeans
Aea
Phasis
Phasis R.
COLCHIS
Gogarene
Araxes R.
Ararat Mt
Moschi
Thermodon R.
PAPHLAGONIA
Lepte Pr.
Scylax R.
BITÍNIA
ARMÊNIA
MEDIA
Halys R.
Olympus Mt
Troy
Dardanus
FRÍGIOS
Thymbrium
Comana
CAPPADOCIA
Tigris R.
ASSÍRIA
Euphrates R.
Babylon
Lycus R.
Celaenae
Meander R.
Lydus R.
Amanus Mt
Casius Mt
Cydnus R.
Mallus
Salamis
Cyprus
Paphos
Amathus
Orontes R.
Byblus
Libanus Mt
Damascus
Sidon
Tyre
Atabyrium Mt
Joppa
Jerusalem
Ascalon
Gaza
Pharos Is.
Canopus
Alexandria
Naucratis
Pelusium
River of Egypt
Heliopolis
Memphis
Nile R.
Chemmis
Thebes
GOLFO DA ARÁBIA
ARÁBIA
LÍBIA
EGITO
Zeus Ammon
Cyrene
MAR DE CIRENE
Crete
Rhodes
Lycia
Caria
Phrygia
Mysia
Lydia
Troad
Lesbos I.
Euboea
Sicyon
Achaea
Sparta
Peloponnesus
Icarian Sea
GRECIA
MAR NEGRO
TRÁCIA
Haemus Mt
Ister R.
Bosporus
Chalcedon
Acherusian Pr.
Beroë
Scythians
Leuce Is.
Istria
Tomi

IERNE
MAR BÁLTICO
BRETANHA
Elbe R.
ALEMANHA
Seine R.
Rhine R.
GÁLIA
Danube R.
Alesia
HELVETICA
Rhône R.
Po R.
ISTRIA
Save R.
Pyrenael Mt
Stony Plain
LIGURIA
Massilia
ITÁLIA
ETRURIA
MAR ADRIÁTICO
Phlegraei Mts
LUSITANIA
ESPANHA
Corsica
Baleares
Tartessus
Onoba
Gades
Sacred Pr
Tingis
Calpe Mt
Pillars of Hercules
Abyle Mt
Sardinia
TYRRHENIAN SEA
LUCANIA
Sicily
IONIAN SEA
Syracusae
SICILIAN SEA
MAURETÂNIA
NUMÍDIA
Melita Is
Lampedusa Is
Hecatompylus
Tapacae
SYRTIS MINOR
Meninx Is
MAR DO LÍBANO
Gabes R.
Oea
L. Tritonis
SYRTIS MAIOR
Psylli
Nasamones
Garama
Garamantes
Faleriī
Tibur
Roma
Aricia
Marsi
Cumae
Vesuvius Mt
Neapolis
Pithecusae
Hyria
Tarentum
MESSAPIA
Petelia
Croton
Lipari Is
Eryx Mt
Locri
Segesta
Agyrium
Rhegium
Agrigentum or Camicus
Enna
Aetna Mt
Syracusae
Pantellaria Is.
Milhas
0
500
Escala dos mapas em milhas
0
200

MAR NEGRO
Salmydessus
Thynias Is.
Bathynias
Vistula R.
MAR DE MÁRMARA
Calpe
Mariandyni
Enete
Bebryces
Prusa
Cyzicus
Dascylium
Gordium
Halys R.
Sinope
Amisus
Themiscyra
Oenoe
Jasonium Pr.
Isle of Ares
Chalybes
Tibareni
Trapezus
Cotiana
Mosynoeci
Borysthenes R.
Tanais R.
Sarmatae
MAR CÁSPIO
CRIMEA
Taurians
Royal Scythians
Bervĕ
Leuce Is.
Istria
Scythians
Tomi
Ister R.
Apsilaeans
Aea
Phasis
Phasis R.
COLCHIS
Haemus Mt
TRÁCIA
CHALCEDON
Acherusian Pt.
Lepte Pr.
Moschi
Gogarene
Araxes R.
Bosphorus
PAPHLAGONIA
Thermodon R.
Ararat Mt
BITÍNIA
Scylax R.
Halys R.
ARMÊNIA
MEDIA
Olympus Mt
Troy
MYSIA
FRÍGIOS
Thymbrium
Comana
Lesbos Is.
Euboea
LYDIA
Lycus R.
CAPPADOCIA
Tigris R.
Meander R.
Celaenae
Cydnus R.
Amanus Mt
Sparta
CARIA
LYCIA
PAMPHYLIA
CILICIA
Mallus
Casius Mt
ASSÍRIA
Telmissus
Rhodes
Cyprus
Salamis
Euphrates R.
Paphos
Amathus
Orontes R.
Babylon
Crete
MAR DE CIRENE
Byblus
Libanus Mt
Cyrene
Sidon
Damascus
Tyre
Atabyrium Mt
Alexandria
Pharos Is.
Canopus
Joppa
Jerusalem
Ascalon
Gaza
Naucratis
Pelusium
River of Egypt
LÍBIA
Heliopolis
Memphis
Zeus Ammon
ARÁBIA
EGITO
Nile R.
GOLFO DA ARÁBIA
Chemmis
Thebes

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
André Marinho

REVISÃO
Beatriz D'Oliveira
Rita Godoy
Luíza Côrtes
Rachel Rimas
Luisa Suassuna
Raquel Correa

CAPA
Sérgio Campante

PROJETO GRÁFICO
Larissa Fernandez Carvalho

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio

ROBERT GRAVES

OS MITOS GREGOS

VOLUME II

2ª EDIÇÃO

Tradução
FERNANDO KLABIN

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA